JUNG CHANG ★ JON HALLIDAY
AUTORA DE *CISNES SELVAGENS*



MAO

A HISTÓRIA DESCONHECIDA

COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

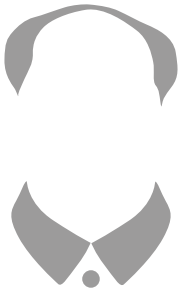
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

JUNG CHANG ★ JON HALLIDAY



MAO

A HISTÓRIA DESCONHECIDA

Tradução
PEDRO MAIA SOARES

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Lista de abreviações
Nota sobre a grafia dos nomes próprios

PARTE I — UM CRENTE SEM ENTUSIASMO

1. Entre o antigo e o moderno (1893-1911; 1-17 anos)
2. Tornando-se comunista (1911-20; 17-26 anos)
3. Crente sem entusiasmo (1920-25; 26-31 anos)
4. Ascensão e queda no Partido Nacionalista (1925-27; 31-33 anos)

PARTE II — A LONGA MARCHA PARA A SUPREMACIA DENTRO DO PARTIDO

5. O sequestro de uma força comunista e a tomada da terra dos bandidos (1927-28; 33-34 anos)
6. Subjugando o Supremo do Exército Vermelho (1928-30; 34-36 anos)
7. Tomada de poder leva à morte da segunda mulher (1927-30; 33-36 anos)
8. Expurgo sangrento abre caminho para o "presidente Mao" (1929-31; 35-37 anos)
9. Mao e o primeiro Estado comunista (1931-34; 37-40 anos)
10. De criador de caso a chefe nominal (1931-34; 37-40 anos)
11. Como Mao entrou na Longa Marcha (1933-34; 39-40 anos)
12. A Longa Marcha I: Chiang deixa os comunistas escaparem (1934; 40 anos)
13. A Longa Marcha II: o poder por trás do trono (1934-35; 40-41 anos)

14. A Longa Marcha III: o monopólio
da conexão com Moscou (1935; 41 anos)

PARTE III — A MONTAGEM DE SUA BASE DE PODER

15. A conveniente morte do anfitrião de Mao (1935-36; 41-42 anos)
16. O sequestro de Chiang Kai-shek (1935-36; 41-42 anos)
17. Um ator nacional (1936; 42-43 anos)
18. Nova imagem, vida nova e esposa nova (1937-38; 43-44 anos)
19. Infiltrado comunista deflagra
a guerra entre China e Japão (1937-38; 43-44 anos)
20. Combater os rivais e Chiang — não o Japão (1937-40; 43-46 anos)
21. O cenário mais desejado: Stálin divide
a China com o Japão (1939-40; 45-46 anos)
22. Armadilha mortal para seus próprios homens (1940-41; 46-47 anos)
23. A montagem de uma base de
poder mediante terror (1941-45; 47-51 anos)
24. O envenenamento de Wang Ming (1941-45; 47-51 anos)
25. Por fim, supremo líder do partido (1942-45; 48-51 anos)

PARTE IV — A CONQUISTA DA CHINA

26. "A Guerra do Ópio Revolucionária" (1937-45; 43-51 anos)
27. Os russos estão chegando! (1945-46; 51-52 anos)
28. Salvo por Washington (1944-47; 50-53 anos)
29. Comunistas infiltrados, traições e
má liderança condenam Chiang (1945-49; 51-55 anos)
30. A China conquistada (1946-49; 52-55 anos)
31. Estado totalitário, estilo de vida extravagante (1949-53; 55-59 anos)

PARTE V — NO ENCALÇO DO SONHO DE SUPERPOTÊNCIA

32. A rivalidade com Stálin (1947-49; 53-55 anos)
33. O corpo a corpo de dois tiranos (1949-50; 55-56 anos)
34. Por que Mao e Stálin começaram
a Guerra da Coreia (1949-50; 55-56 anos)
35. Mao explora a Guerra da Coreia (1950-53; 56-59 anos)
36. O início do programa secreto de superpotência (1953-54; 59-60 anos)
37. Guerra aos camponeses (1953-56; 59-62 anos)
38. Debilitando Khruchióv (1956-59; 62-65 anos)
39. A morte das "Cem Flores" (1957-58; 63-64 anos)
40. O Grande Salto: "Metade da China
talvez tenha de morrer" (1958-61; 64-67 anos)
41. A batalha solitária do ministro da Defesa Peng (1958-59; 64-65 anos)
42. Os rebeldes tibetanos (1950-61; 56-67 anos)
43. O maoísmo torna-se global (1959-64; 65-70 anos)
44. Uma cilada para Mao (1961-62; 67-68 anos)
45. A bomba (1962-64; 68-70 anos)
46. Um período de incertezas e reveses (1962-65; 68-71 anos)

PARTE VI — VINGANÇA AMARGA

47. Um toma lá dá cá garante a Revolução Cultural (1965-66; 71-72 anos)
48. O Grande Expurgo (1966-67; 72-73 anos)
49. Vingança amarga (1966-74; 72-80 anos)
50. O novo aparelhamento do presidente (1967-70; 73-76 anos)
51. Medo da guerra (1969-71; 75-77 anos)
52. A desavença com Lin Biao (1970-71; 76-77 anos)
53. O maoísmo cai estatelado no palco mundial (1966-70; 72-76 anos)
54. Nixon: o caçador de comunistas caçado (1970-73; 76-79 anos)
55. O chefe nega tratamento de câncer a Chou (1972-74; 78-80 anos)
56. Madame Mao na Revolução Cultural (1966-75; 72-81 anos)
57. Enfraquecido, Mao garante-se contra riscos (1973-76; 79-82 anos)
58. Os últimos dias (1974-76; 80-82 anos)

Epílogo

Caderno de imagens
Notas
Agradecimentos
Lista de entrevistados
Arquivos consultados
Bibliografia de fontes em chinês
Bibliografia de fontes em outras línguas
Lista de imagens
Sobre os autores
Créditos

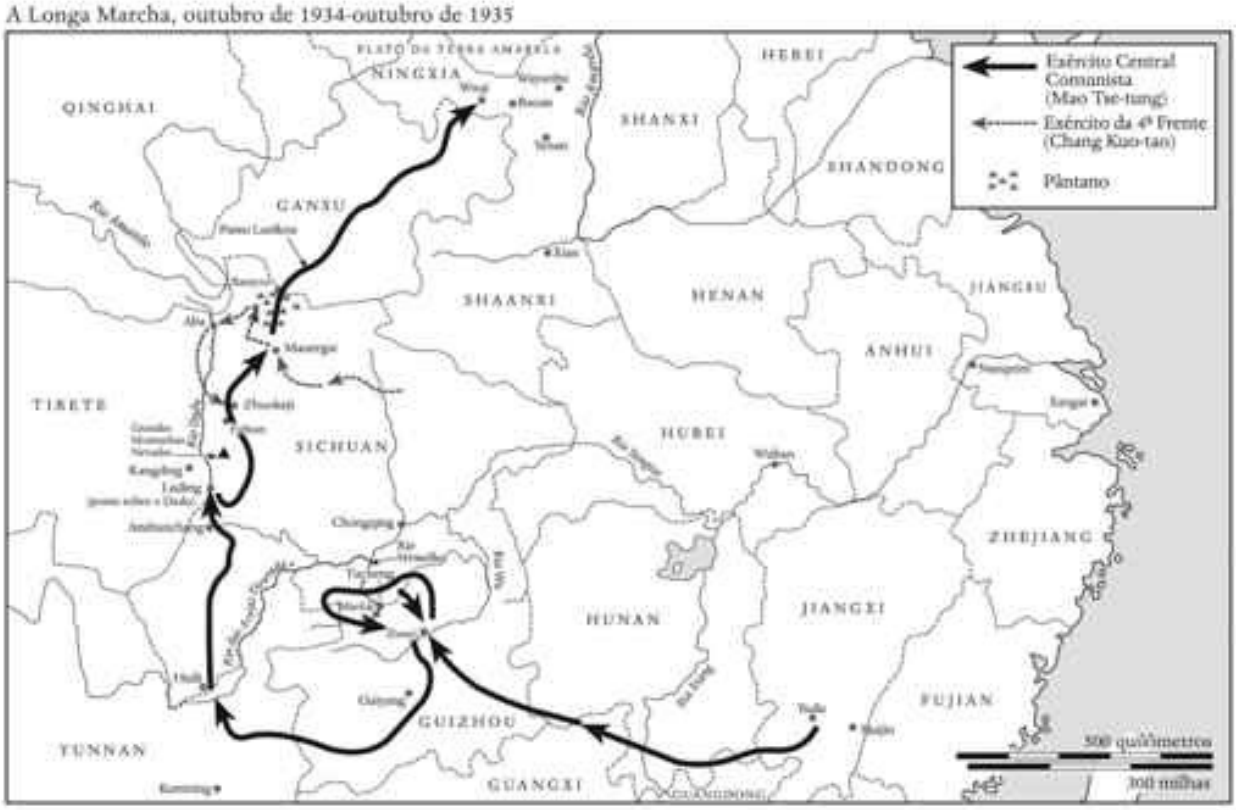
China


Grande Muralha da China
Limites internacionais
Limites entre províncias
Ferrovias
UNIÃO SOVIÉTICA
UNIÃO SOVIÉTICA
MONGÓLIA
MANCHÚRIA
XINJIANG
QINGHAI
PAQUISTÃO
JAPÃO
Mar do Japão
Mar da China Oriental
Mar da China Meridional
China Pacífico
TAIWAN
FILIPINAS
VIETNÃ
LAOS
BIRMÂNIA (Mianmá)
ÍNDIA
MONGÓLIA
PROVÍNCIAS DA CHINA PRÉ-1949

A área das atividades de Mao, 1927-34



A Longa Marcha, outubro de 1934-outubro de 1935



Lista de abreviações

PCC	Partido Comunista Chinês
Cominform	Birô de Informação Comunista
Comintern	Internacional Comunista
PC	Partido Comunista
8EM	8o Exército de Marcha
GRU	Glavnoye Razvedyivatelnoye Upravleniye (Departamento Geral do Serviço Secreto)
N4E	Novo 4º Exército
ZZZ	Zhang Zhi-zhong

Nota sobre a grafia dos nomes próprios

Nos nomes de pessoas chinesas, o sobrenome vem em primeiro lugar. Nos casos em que as pessoas têm um sobrenome muito comum, referimo-nos a elas pelos prenomes, depois da primeira menção. Grafamos os nomes de modo a torná-los distintos e facilmente reconhecíveis na medida do possível. Para aqueles que não estão em pinyin (o sistema oficial de transliteração da China), a versão em pinyin é dada no índice.

Para os nomes de lugares, usamos o pinyin, exceto para Pequim (Beijing), Yenan (Yan'an), Cantão (Guangzhou), Nanquim (Nanjing) e as ilhas de Quemoy (Jinmen) e Matsu (Mazu).

NOTA DA TRADUÇÃO BRASILEIRA

Para os nomes chineses, manteve-se o mesmo critério de grafia do original, em que foi adotado o sistema de transliteração para o inglês criado no século XIX por professores britânicos. Quanto aos nomes russos, fez-se a transliteração para o português somente dos nomes que aparecem no texto principal; para outros nomes que aparecem na lista de entrevistados, nas notas e na bibliografia, manteve-se a transliteração para o inglês do original.

PARTE I
Um crente sem entusiasmo

1. Entre o antigo e o moderno (1893-1911; 1-17 anos)

Mao Tse-tung, que durante décadas deteve poder absoluto sobre a vida de um quarto da população mundial, foi responsável por bem mais de 70 milhões de mortes em tempos de paz, mais do que qualquer outro líder do século XX. Ele nasceu numa família de camponeses, em um vale chamado Shaoshan, na província de Hunan, no coração da China, em 26 de dezembro de 1893. Seus ancestrais haviam vivido no vale por quinhentos anos.

Era um mundo de beleza antiga, uma região temperada, úmida, cujas colinas ondulantes e enevoadas eram habitadas desde o Neolítico. Templos budistas que datavam da dinastia Tang (618-906), quando o budismo ali chegou, ainda estavam em uso. Florestas onde quase trezentas espécies de árvores cresciam, entre elas bordo, cânfora, metassequoia e o raro ginkgo, cobriam a área e abrigavam tigres, leopardos e javalis, que ainda vagavam pelas montanhas (o último tigre foi morto em 1957). Esses morros, sem estradas nem rios navegáveis, separavam a aldeia do resto do mundo. Ainda no começo do século XX, a notícia de um acontecimento tão momentoso como a morte do imperador, em 1908, não chegou lá e Mao só ficou sabendo disso dois anos depois, quando deixou Shaoshan.

O vale de Shaoshan mede em torno de cinco por três quilômetros e meio. As cerca de seiscentas famílias que viviam ali plantavam arroz, chá e bambu e usavam búfalos para lavrar os arrozais. A vida cotidiana girava em torno dessas atividades antiquíssimas. Yi-chang, o pai de Mao, nasceu em 1870. Aos dez anos de idade, ficou noivo de uma menina de treze, de uma aldeia distante cerca de dez quilômetros, do outro lado de uma passagem chamada Passo do Tigre em Repouso, onde os tigres costumavam tomar banho de sol. Naquele tempo, essa curta distância era o suficiente para que as duas aldeias falassem dialetos quase ininteligíveis mutuamente. Sendo uma mera menina, a mãe de Mao não recebeu um nome; e, como era a sétima filha do clã Wen,

era conhecida apenas como a Sétima Irmã Wen. De acordo com séculos de costume, seus pés haviam sido comprimidos e amarrados para produzir os assim chamados "lírios dourados de três polegadas", que eram o modelo de beleza da época.

O noivado com o pai de Mao seguiu costumes ancestrais. Foi arranjado pelos pais e se baseava numa consideração prática: o túmulo de um dos avôs dela estava em Shaoshan e precisava ser cuidado periodicamente com rituais elaborados; assim, ter um parente lá seria útil. A Sétima Irmã Wen mudou-se para a casa da família de Mao depois do noivado e casou-se aos dezoito anos, em 1885, quando Yi-chang estava com quinze.

Pouco depois do casamento, Yi-chang partiu para se tornar soldado, a fim de ganhar dinheiro para pagar as dívidas da família, o que conseguiu depois de muitos anos. Os camponeses chineses não eram servos, mas agricultores livres, e entrar para o Exército por razões puramente financeiras era uma prática estabelecida. Felizmente, não se envolveu em nenhuma guerra; em vez disso, conheceu um pouco do mundo e captou algumas ideias para negócios. Ao contrário da maioria dos aldeões, Yi-chang sabia ler e escrever, o suficiente para lidar com contabilidade. Ao retornar, criou porcos e processou grãos para obter um arroz de alta qualidade, a fim de vender no mercado de uma cidade próxima. Comprou de volta as terras que o pai havia penhorado, depois comprou mais terras e se tornou um dos homens mais ricos da aldeia.

Embora relativamente próspero, Yi-chang continuou a ser um homem extremamente trabalhador e econômico por toda a vida. A casa da família consistia em meia dúzia de dependências que ocupavam uma ala de uma grande propriedade coberta de sapê. Mais tarde, Yi-chang substituiu o sapê por telhas, uma grande melhoria, mas conservou o chão batido e as paredes de barro. As janelas não tinham vidros — um luxo ainda raro — e eram apenas aberturas quadradas com barras de madeira, fechadas à noite com pranchas de madeira (a temperatura dificilmente caía abaixo de zero). A mobília era simples: camas de madeira, mesas e bancos de madeira nua. Foi num desses quartos espartanos, sob uma colcha de algodão azul tecida em casa, dentro de um mosquiteiro azul, que Mao nasceu.

Mao foi o terceiro filho, mas o primeiro a sobreviver à infância. Sua mãe,

budista, tornou-se ainda mais devota para que Buda o protegesse. Mao ganhou o nome duplo Tse-tung. *Tse*, que significa "brilhar sobre", foi o nome dado a toda a sua geração, tal como predeterminado quando a crônica do clã foi escrita pela primeira vez, no século XVIII; *tung* significa "o Leste". Assim, seu nome completo significava "brilhar sobre o Leste". Quando dois outros meninos nasceram, em 1896 e 1905, ganharam os nomes de Tse-min (*min* significa "o povo") e Tse-tan (*tan* se referia possivelmente à região local, Xiang*tan*).

Esses nomes refletiam a inveterada aspiração dos camponeses chineses de que seus filhos fossem bem-sucedidos — e a expectativa de que poderiam ser. Altos cargos estavam abertos a todos por meio da educação, que durante séculos significou estudar os clássicos confucianos. A excelência possibilitaria que homens jovens de qualquer extração passassem nos exames imperiais e se tornassem mandarins — a caminho de se tornarem primeiros-ministros. Um cargo na burocracia era sinônimo de sucesso e os nomes dados a Mao e seus irmãos expressavam as esperanças neles depositadas.

Mas um grande nome também tinha um peso e desafiava potencialmente o destino; então, a maioria dos filhos ganhava um nome de estimação que era mais despretensioso ou forte, ou ambos. O de Mao era "Menino de Pedra" — *Shi san ya-zi*. Para esse segundo "batismo", sua mãe o levou até uma rocha de cerca de dois metros e meio de altura, que tinha fama de ser encantada, pois havia uma fonte sob ela. Depois que Mao fez mesuras e reverências, foi considerado adotado pela pedra. Ele gostava muito desse nome e continuou a usá-lo na idade adulta. Em 1959, quando voltou a Shaoshan e se encontrou com os aldeões pela primeira — e única — vez na qualidade de líder supremo da China, começou o jantar para eles com um gracejo: "Então, estão todos aqui, exceto minha Mãe Pedra. Devemos esperar por ela?".

Mao adorava sua mãe real, com uma intensidade que não demonstrava com mais ninguém. Ela era uma pessoa gentil e tolerante, que, como ele lembrava, jamais ergueu a voz para o filho. Dela herdou o rosto redondo, os lábios sensuais e um autocontrole calmo nos olhos. Mao falaria com emoção sobre a mãe pelo resto da vida. Foi seguindo seu exemplo que se tornou budista quando criança. Anos mais tarde, disse ao seu staff: "Eu idolatrava minha mãe [...] Aonde quer que ela fosse, eu a seguia [...] indo a feiras de templos, queimando incenso e dinheiro de papel, fazendo reverências a Buda

[...] Porque minha mãe acreditava em Buda, eu também acreditava". Mas ele abandonou o budismo na adolescência.

Mao teve uma infância despreocupada. Até os oito anos, morou com a família da mãe, os Wen, na aldeia deles, pois ela preferia morar com sua própria família. Lá, sua avó materna o adorava. Os dois tios e esposas o tratavam como filho e um deles se tornou seu pai adotivo, o equivalente chinês de padrinho. Mao fazia um pouco de trabalho agrícola leve, juntando forragem para os porcos e levando os búfalos para passear nos bosques de camélias, junto a um lago sombreado por folhas de bananeiras. Na velhice, ele se lembraria com ternura dessa época idílica. Começou a aprender a ler, enquanto as tias teciam e costuravam à luz de uma lamparina a óleo.

Mao só voltou a morar em Shaoshan na primavera de 1902, aos oito anos de idade, para receber instrução, que assumiu a forma de estudo na casa de um tutor. Os clássicos confucianos, que compunham a maior parte do currículo, estavam acima da compreensão das crianças e tinham de ser aprendidos de cor. Mao foi abençoado com uma memória excepcional e se saiu bem. Seus companheiros de estudo se lembravam de um menino diligente que conseguia não somente recitar mas também escrever mecanicamente aqueles textos difíceis. Ele também adquiriu conhecimentos básicos de língua e história chinesas e começou a aprender a escrever boa prosa, caligrafia e poesia — escrever poemas era uma parte essencial da educação confuciana. A leitura tornou-se uma paixão. Em geral, os camponeses se deitavam ao pôr do sol, para economizar óleo, mas Mao ficava lendo noite adentro, com uma lamparina acesa sobre um banco, ao lado de seu mosquiteiro. Anos depois, quando era governante supremo da China, metade de sua enorme cama vivia empilhada de clássicos chineses e ele enchia seus discursos e escritos com referências históricas. Mas seus poemas perderam qualidade.

Mao entrava frequentemente em choque com seus tutores. Fugiu de sua primeira escola aos dez anos, dizendo que o professor era um tirano. Foi expulso de pelo menos três escolas — ou "pediram que as deixasse" — por ser teimoso e desobediente. A mãe o protegia, mas o pai não estava contente e o salto de Mao de tutor em tutor era apenas uma das fontes de tensão entre eles. Yi-chang pagava pela educação do filho e esperava que ele pudesse ao

menos ajudar nas contas da família, mas Mao não gostava da tarefa. Durante toda a vida, foi confuso com números e uma nulidade em economia. Nem gostava muito do trabalho braçal pesado. Passou a evitá-lo assim que acabaram seus dias de camponês.

Yi-chang não suportava ver Mao ocioso. Tendo gasto cada minuto de seus dias trabalhando, esperava que o filho fizesse a mesma coisa e batia nele quando não obedecia. Mao odiava o pai. Em 1968, quando estava se vingando dos adversários políticos em vasta escala, disse aos torturadores deles que gostaria que seu pai tivesse sido tratado com a mesma brutalidade: "Meu pai era mau. Se estivesse vivo hoje, deveriam 'pô-lo no jato'". Tratava-se de uma posição de tortura em que os braços da pessoa eram presos às costas e a cabeça, forçada para baixo.

Mao não era uma mera vítima do pai. Ele reagia e muitas vezes saía vitorioso. Dizia-lhe que, por ser mais velho, deveria fazer mais trabalho manual do que ele, o mais jovem — o que era um argumento incrivelmente insolente pelos padrões chineses. Um dia, de acordo com Mao, pai e filho tiveram uma briga diante de convidados. "Meu pai me repreendeu diante deles. Isso me enfureceu. Disse-lhe uns palavrões e saí da casa [...] Meu pai [...] me perseguiu, me maldizendo e ordenando que eu voltasse. Cheguei na beira de um lago e ameacei saltar se ele se aproximasse mais [...] Meu pai recuou." Certa vez, ao recontar essa história, Mao riu e acrescentou uma observação: "Velhos como ele não queriam perder os filhos. Era essa a fraqueza deles. Eu ataquei o ponto fraco deles, e venci!".

Dinheiro era a única arma que o pai de Mao possuía. Depois que o filho foi expulso pelo quarto tutor, em 1907, ele deixou de pagar os estudos e o menino de treze anos teve de se tornar camponês em tempo integral. Mas logo encontrou uma maneira de evitar o trabalho na lavoura e voltar ao mundo dos livros. Yi-chang estava ansioso para que o filho se casasse e assim, amarrado, passasse a se comportar com responsabilidade. Sua sobrinha estava com a idade certa para se tornar esposa, sendo quatro anos mais velha do que Mao, o qual concordou com o plano do pai e retornou à escola depois do casamento.

O matrimônio realizou-se em 1908, quando Mao tinha catorze anos, e a noiva, dezoito. O nome da família da garota era Luo, mas ela mesma não tinha nome próprio e era chamada apenas de Mulher Luo. A única vez que Mao a mencionou foi numa conversa com o jornalista americano Edgar

Snow, em 1936, quando manifestou um notável desprezo e exagerou a diferença de idade entre eles: "Quando eu tinha catorze anos, meus pais me casaram com uma garota de vinte. Mas eu nunca vivi com ela [...] Não a considero minha esposa [...] e pensei muito pouco nela". Não deu nenhuma pista de que não estava mais viva; na verdade, Mulher Luo morreu em 1910, pouco mais de um ano após o casamento.

O casamento precoce de Mao fez dele um feroz oponente dos casamentos arranjados. Nove anos depois, escreveu um artigo violento contra a prática: "Nas famílias ocidentais, os pais reconhecem a livre vontade dos filhos. Mas, na China, as ordens dos pais não são de modo algum compatíveis com a vontade dos filhos [...] Trata-se de um tipo de 'estupro indireto'. Os pais chineses estão todo o tempo estuprando indiretamente seus filhos".

Assim que sua mulher morreu, o viúvo de dezesseis anos exigiu partir de Shaoshan. O pai queria que ele fosse aprendiz num armazém de arroz na cidade próxima, mas Mao estava de olho numa escola moderna, distante cerca de 25 quilômetros. Ele soubera que o exame imperial fora abolido. Agora havia escolas modernas que ensinavam matérias como ciência, história e geografia mundiais e línguas estrangeiras. Foram essas escolas que abriram as portas de saída da vida camponesa para muitos chineses como ele.

No final do século XIX, a China havia embarcado numa transformação social dramática. A dinastia manchu, no poder desde 1644, vivia uma transição do antigo para o moderno. A mudança foi precipitada por uma série de derrotas acachapantes nas mãos das potências europeias e do Japão, a começar pela Guerra do Ópio, de 1839-42, quando as potências ocidentais vieram bater nas portas fechadas da China. Da corte manchu aos intelectuais, quase todos concordavam que o país precisava mudar se quisesse sobreviver. Fizeram-se muitas reformas fundamentais, entre as quais a instalação de um sistema educacional completamente novo. Iniciou-se a construção de ferrovias. Indústrias e comércio modernos ganharam alta prioridade. Permitiu-se a existência de organizações políticas. Publicaram-se jornais pela primeira vez. Mandaram-se jovens ao exterior para estudar ciências e mandarins para aprender sobre democracia e sistemas parlamentares. Em 1908, a corte anunciou um programa para se transformar numa monarquia

constitucional dentro de um período de nove anos.

Hunan, a província de Mao, que tinha algo em torno de 30 milhões de habitantes, tornou-se um dos lugares mais liberais e excitantes da China. Embora longe do litoral, era ligada por rios navegáveis à costa e, em 1904, sua capital, Changsha, se tornou um porto de comércio "aberto". Um grande número de comerciantes e missionários estrangeiros chegou, trazendo modos e instituições ocidentais. Quando Mao ficou sabendo das escolas modernas, havia mais de cem delas, mais do que em qualquer outro lugar da China, inclusive muitas para mulheres.

Uma delas se localizava perto da aldeia de Mao e se chamava Monte Oriental, no condado dos Wen, a família de sua mãe. As taxas e despesas de acomodação eram bem caras, mas Mao conseguiu que os Wen e outros parentes convencessem seu pai, que arcou com o custo durante cinco meses. A esposa de um de seus primos Wen substituiu o velho mosquiteiro feito à mão por um de musselina feito à máquina, apropriado à modernidade da escola.

Essa escola abriu os olhos de Mao. Havia aulas de educação física, música e inglês e entre o material de leitura havia biografias resumidas de Napoleão, Wellington, Pedro, o Grande, Rousseau e Lincoln. Mao ouviu falar da América e da Europa pela primeira vez e ficou de olho em um homem que estivera no exterior — um professor que estudara no Japão e que os alunos apelidaram de "falso diabo estrangeiro". Décadas mais tarde, Mao ainda se lembrava de uma canção japonesa que esse professor ensinara e que celebrava a formidável vitória militar do Japão sobre a Rússia em 1905.

Mao esteve na escola Monte Oriental apenas por alguns meses, mas foi o suficiente para que encontrasse uma nova abertura. Em Changsha havia uma escola criada especialmente para jovens do condado dos Wen e Mao persuadiu um professor a matriculá-lo, ainda que, em termos estritos, ele não pertencesse àquele condado. Na primavera de 1911, chegou a Changsha sentindo-se, em suas próprias palavras, "extremamente excitado". Aos dezessete anos, dizia adeus para sempre à vida de camponês.

Mao afirmou mais tarde que quando era menino, em Shaoshan, se preocupara com os camponeses pobres. Não há provas disso. Ele disse que fora influenciado, ainda em Shaoshan, por um certo P'ang, o Fazedor de Mós, que tinha sido preso e decapitado após liderar uma revolta local de camponeses, mas uma busca exaustiva dos historiadores do Partido

Comunista por esse herói não encontrou nenhum traço dele.

Não há sinais de que Mao tenha derivado de suas raízes camponesas alguma preocupação social, muito menos que fosse motivado por um sentimento de injustiça. Em 5 de abril de 1915, o professor Yang Chang-chi escreveu em seu diário: "Meu aluno Mao Tse-tung disse que [...] seu clã [...] é composto principalmente de camponeses, e *é fácil para eles enriquecer*" (grifo nosso). Mao não demonstrava nenhuma simpatia em particular pelos camponeses.

Até o final de 1925, quando estava com trinta e poucos anos, e cinco anos depois de se tornar comunista, Mao fez poucas referências a camponeses em todos os seus escritos e conversas conhecidos. Eles aparecem, de fato, numa carta de agosto de 1917, mas, longe de expressar simpatia, Mao diz que estava "surpreso" com o modo como um comandante chamado Tseng Kuo-fan havia "liquidado" com a maior revolta camponesa da história chinesa, a Rebelião Taiping, de 1850-64. Dois anos depois, em julho de 1919, Mao escreveu um ensaio sobre pessoas de diferentes ocupações na vida — os camponeses foram inevitavelmente mencionados —, mas sua lista de questões era muito geral, e seu tom, neutro. Havia uma notável ausência de emoção quando mencionava os camponeses, em comparação com a paixão que transpirava ao falar dos estudantes, cuja vida descrevia como "um mar de amargura". Em uma lista abrangente de pesquisas que traçou em setembro daquele ano, que continha não menos que 71 itens, somente um título (o décimo) era sobre trabalho; o único de seus subtítulos que mencionava camponeses só o fazia como "a questão dos lavradores que intervêm na política". A partir do final de 1920, quando entrou para a órbita comunista, Mao começou a usar expressões como "operários e camponeses" e "proletariado". Mas eram meras frases, parte de um vocabulário obrigatório.

Décadas depois, Mao falou sobre como, na época em que era um jovem de Shaoshan, ele se preocupava com o povo faminto. Os documentos não mostram tal preocupação. Em 1921, Mao esteve em Changsha durante uma epidemia de fome. Um amigo dele escreveu no diário: "Há muitos mendigos — devem ser mais de cem por dia [...] A maioria [...] se parece com esqueletos embrulhados em pele amarela, como se pudessem ser levados por uma rajada de vento". "Ouvi que tanta gente que veio para cá [...] a fim de fugir da fome em suas regiões, havia morrido — que aqueles que vinham dando tábuas de madeira [para fazer caixões] [...] não têm mais condições de

fazer isso." Não há menção desse evento nos escritos de Mao da época, e nenhum sinal de que tenha dado alguma atenção a esse assunto.

O passado camponês de Mao não o imbuiu de idealismo que pudesse melhorar o fardo dos camponeses chineses.

2. Tornando-se comunista (1911-20; 17-26 anos)

Mao chegou em Changsha na primavera de 1911, às vésperas da revolução republicana que acabaria com mais de 2 mil anos de regime imperial. Embora parecesse "exatamente uma cidade medieval" para o filósofo britânico Bertrand Russell, que a visitou uma década depois, com "ruas estreitas [...] sem tráfego possível senão de cadeirinhas e jinriquixás", Changsha não estava apenas em contato com novas ideias e tendências, também fervilhava de atividade republicana.

A corte havia prometido uma monarquia constitucional, mas os republicanos queriam se ver totalmente livres dos manchus. Para eles, o regime vigente era dominação "estrangeira", pois os manchus não eram chineses han, o grupo étnico que compunha a maioria da população — cerca de 94%. Os republicanos acendiam centelhas em jornais e revistas que haviam surgido em toda a China na década anterior, e por meio da prática inteiramente nova dos debates públicos, naquilo que até então havia sido uma sociedade quase totalmente privada. Eles fundaram organizações e fizeram vários levantes armados — e fracassados.

Mao logo se inteirou das questões pelos jornais, que lia pela primeira vez aos dezessete anos — o começo de um vício de toda a vida. Ele escreveu seu primeiro e um tanto confuso ensaio político em que expressava opiniões republicanas e o colou em uma parede da escola, de acordo com a última moda. Tal como muitos outros estudantes, cortou o rabo de cavalo, um costume manchu que era o símbolo mais óbvio do regime imperial. Com um amigo, fez uma emboscada a uma dezena de outros estudantes e também cortou à força seus rabichos.

Naquele verão, extremamente quente e úmido como era comum em Changsha, os estudantes debateram com intensidade sobre como derrubar o imperador. Um dia, no meio de uma discussão apaixonada, um jovem rasgou

de repente sua longa bata escolar, jogou-a no chão e gritou: "Façamos alguns exercícios marciais e nos preparemos para a guerra [contra o imperador]!".

Em outubro, uma insurreição armada na província vizinha de Hubei anunciou a revolução republicana. A dinastia manchu, que governara a China por mais de 260 anos, desmoronou e proclamou-se a república no dia 1º de janeiro de 1912. O imperador criança Pu Yi abdicou no mês seguinte.

Yuan Shih-kai, chefe militar do país, tornou-se presidente, sucedendo ao presidente interino Sun Yat-sen. As províncias foram controladas por homens fortes do Exército, fiéis a Yuan. Quando ele morreu, em 1916, o governo central de Pequim se enfraqueceu e o poder se fragmentou entre os chefes provinciais, que se tornaram comandantes militares semi-independentes. Durante a década seguinte, eles travaram guerras esporádicas que interferiam na vida civil das zonas de combate. Mas, afora isso, esses comandantes pouco afetavam a maior parte da população. Com efeito, o governo frouxo da jovem república abriu todo tipo de oportunidade de carreira. O jovem Mao tinha diante de si uma grande variedade de escolhas — indústria, comércio, direito, administração, educação, jornalismo, cultura, Forças Armadas. Primeiro, alistou-se em um dos exércitos republicanos, abandonando-o depois de alguns meses, pois não gostava dos exercícios militares nem de tarefas como carregar água para a cozinha, para a qual contratara um vendedor de água que fazia o serviço por ele. Decidiu voltar para a escola e analisou os vários anúncios publicados nos jornais (a propaganda colorida e bastante sofisticada também era uma novidade na China). Seis instituições chamaram sua atenção, inclusive uma escola de polícia, uma escola de direito — e uma escola especializada na fabricação de sabão. Ele escolheu uma escola qualquer e lá ficou durante seis meses, antes que o tédio o levasse a estudar por conta própria na biblioteca provincial.

Por fim, Mao encontrou algo que adorava fazer. Passava os dias ali, devorando livros novos, inclusive traduções de escritos ocidentais. Mais tarde, descreveu-se como um búfalo atacando uma horta e engolindo tudo o que crescia lá. Essas leituras o ajudaram a libertar sua mente dos constrangimentos tradicionais.

Mas seu pai ameaçou deserdá-lo se ele não entrasse numa escola adequada. Mao foi então cursar magistério numa escola que não cobrava matrícula e oferecia pensão barata — como outras escolas desse tipo naquela época, dentro do esforço do país de promover a educação.

Era a primavera de 1913 e Mao estava com dezenove anos. A escola encarnava a abertura mental da época. Até o prédio era em estilo europeu, com arcos românicos e um amplo pórtico com colunas, e era chamado apropriadamente de *yang-lou* — Edifício Estrangeiro. As salas de aula tinham assoalho de madeira e janelas de vidro. Os alunos eram expostos a todos os tipos de ideias novas e estimulados a pensar com liberdade e organizar grupos de estudo. Eles produziam publicações sobre anarquismo, nacionalismo e marxismo, e durante algum tempo um retrato de Marx esteve pendurado na parede do auditório. Mao já havia cruzado com a palavra *socialismo* em um jornal. Agora encontrava *comunismo* pela primeira vez. Foi um verdadeiro período de "deixar florescer cem flores" — expressão que Mao invocaria em certo momento de seu governo, mas sem permitir uma fração mínima da liberdade que ele mesmo gozara quando jovem.

Mao não era um solitário e, como os estudantes de todo o mundo, ele e seus amigos conversavam muito. A escola ficava perto do rio Xiang, o maior de Hunan. A natação no rio inspirou Mao a escrever um poema um tanto floreado em 1917. À noite, os jovens faziam longas caminhadas pelas margens, deleitando-se com a visão dos juncos que deslizavam junto à ilha das Laranjas, que era coberta de laranjais. Nas noites de verão, subiam o morro que ficava atrás da escola, sentavam-se na grama e discutiam noite adentro, ouvindo grilos e vendo vaga-lumes, ignorando o chamado da corneta para dormir.

Mao e seus amigos também viajavam. Havia total liberdade para ir e vir e nenhuma necessidade de documentos de identificação. Durante as férias de verão de 1917, ele e um amigo perambularam pelo campo por um mês, ganhando comida e abrigo dos camponeses e, em troca, fazendo caligrafias para decorar suas portas da frente. Em outra ocasião, Mao e dois colegas de escola caminharam ao longo de uma ferrovia recém-construída e, quando a noite caiu, bateram à porta de um mosteiro que ficava no alto de um morro, com vista para o rio Xiang. Os monges permitiram que pernoitassem ali. Depois do jantar, os três desceram até o rio por um caminho de pedras, nadaram e em seguida sentaram-se na areia e expuseram suas opiniões, ao som das águas. O quarto de hóspedes tinha uma varanda e os jovens continuaram conversando no silêncio da noite. Um deles ficou emocionado com a beleza da noite tranquila e disse que queria se tornar monge.

Nessa e em outras conversas, Mao despejava desprezo sobre seus

compatriotas. “A natureza do povo do país é a inércia”, dizia. “Eles cultivam a hipocrisia, estão contentes em ser escravos e são tacanhos.” Tratava-se de um sentimento comum entre as pessoas instruídas da época, quando se procuravam explicações para a fácil derrota da China para as potências estrangeiras e para o fato de o país se arrastar com dificuldade na direção do mundo moderno. Mas o que Mao disse em seguida significava um extremismo incomum. “O sr. Mao também propôs queimar todas as coleções de prosa e poesia posteriores às dinastias Tang e Sung de uma vez só”, escreveu um amigo em seu diário.

Essa foi a primeira vez em que Mao mencionou um tema que seria típico de seu regime — a destruição da cultura chinesa. Quando disse isso ali, no mosteiro iluminado pela lua, não soou totalmente despropositado. Naquele tempo de liberdade pessoal e intelectual sem precedentes, o momento mais livre da história chinesa, tudo que fora tido como certo era questionado, e o que fora considerado errado era proclamado certo. Deveriam existir países? Famílias? Casamento? Propriedade privada? Nada era chocante demais, exorbitante demais, ou indizível.

Foi nesse ambiente que as opiniões de Mao sobre moral se moldaram. No inverno de 1917-18, ainda estudante ao completar 24 anos, ele escreveu comentários extensos sobre um livro intitulado *Um sistema de ética*, de Friedrich Paulsen, um filósofo alemão menor do final do século XIX. Nessas notas, Mao expressava os elementos centrais de seu próprio caráter, que permaneceram consistentes pelo resto das seis décadas de sua vida e definiram seu modo de governar.

A atitude de Mao em relação à moralidade tinha um centro, o eu acima de tudo: “Não concordo com a ideia de que, para ser moral, o motivo de nossa ação deve ser beneficiar os outros. A moralidade não tem de ser definida em relação aos outros [...] As pessoas como eu querem [...] satisfazer plenamente o próprio coração, e, ao fazer isso, temos automaticamente o mais valioso dos códigos morais. Claro que existem pessoas e objetos no mundo, mas eles estão todos lá somente para mim”.

Mao evitava todas as restrições que provinham da responsabilidade e do dever. “Pessoas como eu têm um dever somente para consigo mesmas; não

temos dever para com outras pessoas." "Sou responsável somente pela realidade que conheço e absolutamente não responsável por qualquer outra coisa. Não sei do passado, não sei do futuro. Eles não têm nada a ver com a realidade de meu próprio eu." Ele rejeitava explicitamente qualquer responsabilidade em relação a gerações futuras. "Alguns dizem que temos responsabilidade perante a História. Não creio nisso. Estou preocupado apenas com meu desenvolvimento [...] Tenho meu desejo e ajo de acordo com ele. Não sou responsável perante ninguém."

Mao não acreditava em nada, exceto no que pudesse beneficiá-lo. Um bom nome após a morte, disse ele, "não pode me trazer nenhuma alegria, pois ele pertence ao futuro e não à minha própria realidade". "Pessoas como eu não estão construindo a fim de deixar para as gerações futuras." Mao não se preocupava com o que deixaria para o futuro.

Ele argumentava que a consciência poderia ir para o inferno se houvesse um conflito com seus impulsos:

> Essas duas coisas devem ser uma e a mesma. Todas as nossas ações [...] são dirigidas por impulso e a consciência que é sábia vai junto com isso em todas as instâncias. Às vezes [...] a consciência restringe impulsos como comer demais ou entregar-se demais ao sexo. Mas a consciência só está ali para constranger, não para se opor. E o constrangimento é para melhor completar o impulso.

Como a consciência sempre implica alguma preocupação com as outras pessoas e não é um corolário do hedonismo, Mao estava rejeitando o conceito. Sua ideia era: "Não penso que esses [mandamentos como 'não matarás', 'não roubarás' e 'não caluniarás'] têm a ver com consciência. Penso que eles são produto apenas do interesse próprio e da autopreservação". Todas as considerações devem "ser puro cálculo para si mesmo e de forma alguma para obedecer a códigos éticos externos, ou para os assim chamados sentimentos de responsabilidade".

Egoísmo absoluto e irresponsabilidade estavam no cerne da visão de Mao.

Ele sustentava que esses atributos estavam reservados para os "grandes heróis" — grupo no qual se incluía. Para essa elite, dizia:

> Tudo que está fora da sua natureza, tais como restrições e constrangimentos, deve ser varrido pela grande força da natureza deles [...] Quando dão rédeas aos seus impulsos, os Grandes Heróis são magnificamente poderosos, tempestuosos e invencíveis. Seu poder é como um furacão levantando-se de uma garganta profunda, e como um maníaco por sexo no cio e na caça de uma amante [...] não há como detê-los.

O outro elemento central de seu caráter que Mao revelou então foi o prazer que sentia com a sublevação e a destruição: "Guerras gigantescas durarão tanto quanto o céu e a terra e jamais se extinguirão [...] O ideal de um mundo de Grande Igualdade e Harmonia [*da tong*, sociedade ideal confucionista] está errado". Não se tratava apenas da previsão que poderia ser feita por um pessimista: era o *desideratum* de Mao, que ele asseverava que a população em geral desejava. "A paz duradoura", sustentava,

> é insuportável para os seres humanos, e ondas enormes de perturbação precisam ser criadas nesse estado de paz [...] Quando olhamos para a história, adoramos os tempos de [guerra] quando dramas aconteceram um depois do outro [...] que tornam a leitura sobre eles uma grande diversão. Quando chegamos aos períodos de paz e prosperidade, ficamos entediados [...] A natureza humana ama mudanças rápidas e súbitas.

Mao simplesmente esquecia a diferença entre ler sobre eventos eletrizantes e viver um cataclismo real. Ignorava o fato de que, para a avassaladora maioria, a guerra significava miséria.

Ele até articulou uma atitude de cavaleiro perante a morte:

> Os seres humanos são dotados do sentimento de curiosidade. Por que deveríamos tratar a morte de modo diferente? Não queremos experimentar coisas estranhas? A morte é a coisa mais estranha, que você jamais experimentará se continuar vivendo [...] Alguns têm medo dela porque a mudança é demasiado drástica. Mas penso que essa é a coisa mais maravilhosa: em que outro lugar deste mundo podemos achar uma mudança tão fantástica e drástica?

Usando o plural majestático, Mao continuava: "Nós amamos velejar num mar de sublevações. Ir da vida para a morte é experimentar a maior sublevação. Não é magnífico?!". À primeira vista, essa declaração pode parecer surreal, mas depois que dezenas de milhões de chineses morreram de fome durante seu regime, Mao disse ao círculo dos mais íntimos que não importava se as pessoas morressem — e até aquelas mortes deviam ser comemoradas. Como fazia frequentemente, só aplicava o que dizia aos outros, não a si mesmo. Ao longo de toda a vida, carregou a obsessão de encontrar modos de driblar a morte, fazendo de tudo para aperfeiçoar sua segurança e melhorar seus cuidados médicos.

Quando chegou à questão de como mudar a China, Mao pôs grande ênfase na destruição: "o país precisa ser [...] destruído e depois reformado". Essa

ideia não se aplicava apenas à China, mas também ao resto do mundo — e até ao universo: "Isso se aplica ao país, à nação e à humanidade [...] A destruição do universo é a mesma coisa [...] Pessoas como eu anseiam por essa destruição, porque, quando o velho universo for destruído, um novo universo se formará. Não é melhor assim?!".

Essas opiniões, ditas com tanta clareza aos 24 anos de idade, permaneceram no cerne do pensamento de Mao durante toda a sua vida. Em 1918, tinha poucas perspectivas de pô-las em prática e elas não tiveram nenhum impacto, embora ele pareça ter sido alguém que impressionava. Seu professor Yang Chang-chi escreveu em seu diário, em 5 de abril de 1915: "Meu aluno Mao Tse-tung disse que [...] seu [...] pai era camponês e agora está se tornando comerciante [...] Contudo, ele [Mao] é muito fino e destacado. Realmente difícil de encontrar [...] Como a origem camponesa produz frequentemente talentos extraordinários, eu o estimulei". Mas Mao não parecia ter qualidades de liderança. Outro professor disse mais tarde que ele não mostrava "nenhum talento especial para a liderança" na escola. Quando tentou criar uma espécie de clube e divulgou a notícia, somente umas poucas pessoas apareceram e a coisa não deu em nada. Quando uma dezena de amigos criou a Nova Sociedade Popular de Estudos, em abril de 1918, Mao não foi eleito líder.

Ele chegou mesmo a ter dificuldade para encontrar emprego depois que se formou na escola normal, em junho de 1918. Na época, era comum que os jovens formados tivessem a aspiração de viajar ao exterior para estudar. Para as famílias que não tinham meios de sustentá-los, como a de Mao, havia um esquema de ir para a França num programa de estudos e trabalho. A França precisava de mão de obra depois de perder tantos jovens na Primeira Guerra Mundial (um dos trabalhos para os quais importaram trabalhadores chineses foi o de remover cadáveres dos campos de batalha).

Alguns dos amigos de Mao foram para a França, ele não. A perspectiva da labuta física o desanimava. E outro fator parece ter desempenhado um papel nisso — a exigência de aprender francês. Mao não era bom em línguas e durante toda a vida usou apenas seu dialeto local, não falava nem mesmo o *putonghua* ("fala comum"), que seu próprio regime transformou em língua oficial. Em 1920, quando ir à Rússia estava em voga, Mao pensou na

possibilidade de viajar para lá (disse a uma namorada que "minha mente está cheia de felicidade e esperança" com essa ideia), mas acabou desistindo por ter de aprender russo. Fez uma tentativa, tomando lições com o emigrado (e agente) russo Serguei Polevoi, mas, segundo Polevoi, os outros alunos caçoaram dele por não conseguir dominar nem o alfabeto, e ele foi embora ofendido. Ao contrário de muitos de seus contemporâneos radicais, inclusive a maioria dos futuros líderes comunistas chineses, Mao não foi à França nem à Rússia.

Em vez disso, depois de deixar a escola, tomou emprestado algum dinheiro e partiu para a capital a fim de tentar a sorte. Em 1918, Pequim era uma das cidades mais lindas do mundo, onde camelos passavam pelas ruas, diante de palácios magníficos. Os jardins imperiais, perto de onde Mao se instalou, acabavam de ser abertos ao público. Quando chegou o inverno, ele e os amigos — sulistas que raramente haviam visto neve ou gelo — maravilharam-se diante dos lagos congelados, cercados por salgueiros carregados de sincelos e ameixas de inverno abertas.

Mas a vida na capital era dura. A grande liberdade e as oportunidades que a modernização havia introduzido na China trouxeram poucas vantagens materiais e boa parte do país ainda era extremamente pobre. Mao ficou com outros sete amigos em três quartos minúsculos. Quatro deles se amontoavam sobre uma *kang*, uma cama de tijolos aquecida, sob um único acolchoado, tão apertados que quando um deles precisava se virar tinha de avisar os outros. Os oito tinham apenas dois sobretudos e precisavam sair de casa em turnos. Como havia aquecimento na biblioteca, Mao ia até lá ler nos finais de tarde.

Em Pequim, Mao não chegou a lugar nenhum. Durante algum tempo, trabalhou como bibliotecário iniciante, ganhando oito yuans por mês — um salário mínimo. Uma de suas tarefas era registrar os nomes das pessoas que iam à biblioteca ler jornais, muitas das quais ele reconhecia como intelectuais importantes, mas Mao não causava grande impressão e eles não lhe davam atenção. Mao sentia-se desconsiderado e guardou muito rancor. Mais tarde, afirmou que "a maioria deles não me tratava como um ser humano". Menos de seis meses depois de chegar, foi embora, tão quebrado que precisou pedir dinheiro emprestado para voltar para casa. Retornou a Changsha em abril de 1919, via Xangai, onde se despediu dos amigos, que iam para a França. Depois de ser um espectador da vida política e intelectual das grandes cidades cosmopolitas, agora tinha de se conformar com um emprego de

professor de história numa escola primária de sua província natal.

Mao não se apresentava como um professor modelar. Era desleixado e aparentemente nunca trocava de roupa. Seus alunos lembravam dele desgrenhado, com meias furadas e sapatos de algodão feitos em casa, prestes a se desmilinguir. Mas pelo menos observava as regras básicas de decoro. Dois anos depois, quando lecionou em outro estabelecimento, as pessoas reclamaram porque ele não usava nada da cintura para cima. Quando lhe pediram para se vestir de modo mais decente, Mao replicou: "Não seria nada escandaloso ficar totalmente pelado. Considerem-se com sorte por eu não estar completamente nu".

Mao retornara a Changsha num momento histórico fundamental. Na época, havia na China vários enclaves arrendados por potências do exterior que funcionavam fora da jurisdição do país, com belonaves estrangeiras nas proximidades para proteger seus cidadãos. A opinião pública da China despertou para esse problema e passou a exigir que essas colônias virtuais fossem devolvidas. Mesmo assim, a conferência de paz de Paris de 1919, que estabeleceu o acordo do pós-guerra, e da qual participou uma delegação chinesa, permitiu que o Japão permanecesse no território de Shandong, que os japoneses haviam tomado aos alemães durante a Primeira Guerra Mundial. Essa decisão enfureceu o sentimento nacionalista. Em 4 de maio de 1919, pela primeira vez na história, ocorreu uma grande manifestação de rua em Pequim, denunciando o governo por "traição" e protestando contra a presença japonesa em território chinês. O movimento se espalhou pelo país. Produtos japoneses foram queimados em cidades e vilas e as lojas que os vendiam foram atacadas. Muitos chineses estavam desapontados com o governo republicano, que não conseguira das potências estrangeiras um acordo melhor do que seu predecessor manchu. Cresceu o sentimento de que era preciso alguma coisa mais radical.

Em Changsha — onde agora havia tantos interesses estrangeiros que Japão, Estados Unidos e Grã-Bretanha haviam aberto consulados na cidade —, formou-se uma união de estudantes militantes, que incluía professores. Mao envolveu-se ativamente no papel de editor da revista que eles criaram, a *Revista do Rio Xiang*. No primeiro número, expôs suas ideias radicais: "Devemos agora duvidar do que não ousávamos duvidar, empregar métodos

que não ousávamos empregar". Era uma operação pobre: Mao escrevia a maioria dos artigos no calor sufocante, enquanto percevejos percorriam as pilhas de clássicos chineses que lhe serviam de travesseiro, e além disso tinha de vender a revista nas esquinas. Publicaram apenas cinco números.

Mao continuou a escrever ocasionalmente em outras publicações. Da sua produção fazem parte dez artigos que tratam da mulher e da família. Era um defensor da independência feminina, da livre escolha no casamento e da igualdade com os homens — opiniões não incomuns entre os radicais. Essa produção parece ter sido inspirada pela morte, em 5 de outubro de 1919, de sua mãe, que ele tanto amava. Ele mandava a ela receitas médicas para seus males, a difteria e um nódulo linfático, e tomara providências para que ela fosse a Changsha ser tratada. Na primavera daquele ano, em Changsha, tiraram a primeira e única fotografia dela, aos 52 anos, com os três filhos, numa imagem de paz interior. Mao mostra uma expressão de determinação tranquila e alheamento. Seus dois irmãos estão com roupas de camponês e parecem acanhados, mas ele revela um ar elegante em sua longa bata, o traje tradicional dos intelectuais e pequenos fidalgos.

Na relação com a mãe, enquanto ela parece ter demonstrado amor e tolerância incondicionais, Mao a tratava com uma mistura de afetividade e egoísmo. No final da vida, ele contou a um de seus colaboradores mais íntimos uma história reveladora: "Quando minha mãe estava morrendo, eu lhe disse que não conseguia suportar vê-la em agonia. Eu queria guardar uma imagem linda dela, então lhe pedi para me afastar por um tempo. Minha mãe era uma pessoa muito compreensiva e concordou. Portanto a imagem que guardo dela em minha mente sempre foi e ainda é a de uma pessoa linda e saudável". No leito de morte da mãe, Mao deu prioridade a si próprio e não a ela, e ele nem hesitou em dizer isso.

Menos surpreendente é o fato de Mao ter tratado com frieza o pai agonizante. Yi-chang morreu de tifo em 23 de janeiro de 1920, e antes de sua morte quis muito ver o filho mais velho, mas Mao se manteve longe, e não parece ter ficado triste.

Em um artigo escrito em 21 de novembro de 1919, pouco depois da morte da mãe, e intitulado "Sobre a independência das mulheres", Mao sustentava que as "mulheres podem fazer tanto trabalho físico quanto os homens. Só não podem fazer isso durante o parto". Assim, sua resposta à "independência das mulheres" era que elas "deveriam se preparar suficientemente [...] antes

de casar, de tal modo que possam se sustentar sozinhas" e até que "as mulheres deveriam estocar o que precisam para o período do parto". Evidentemente, como homem, Mao não queria ter de cuidar das mulheres. Não queria nenhuma responsabilidade em relação a elas. Ademais, sua insistência de que as mulheres podiam fazer o mesmo tipo de trabalho braçal dos homens, que ia contra a realidade óbvia, mostrava que ele sentia pouca ternura por elas. Quando chegou ao poder, o centro de seu pensamento sobre as mulheres era pô-las para trabalhar pesado. Em 1951, escreveu sua primeira mensagem para o Dia das Mulheres, que dizia: "Uni-vos para tomar parte na produção".

No final de 1919, os estudantes e professores radicais de Hunan começaram um movimento para derrubar o governante provincial, Chang Ching-yao. Mao acompanhou uma delegação ao governo central, em Pequim, escrevendo petições e panfletos em cima do altar do templo tibetano onde estava hospedado. Embora a delegação não tenha alcançado seu objetivo, Mao conseguiu, como importante radical de Hunan, se encontrar com personalidades famosas, entre elas Hu Shih, uma brilhante figura liberal, e Li Ta-chao, um proeminente marxista.

Mas foi na volta, via Xangai, que ele teve o encontro que mudaria sua vida. Em junho de 1920, visitou o professor Chen Tu-hsiu, na época o maior intelectual marxista da China, envolvido no processo de formação do Partido Comunista Chinês (PCC). Mao escrevera um longo artigo chamando-o de "uma estrela brilhante no mundo do pensamento". Aos quarenta anos, Chen era o líder inconteste dos marxistas chineses, um verdadeiro crente, carismático, com um temperamento volátil.

A ideia de fundar um partido comunista não provinha do professor, nem de qualquer outro chinês. Ela se originara em Moscou. Em 1919, o novo governo soviético criara a Internacional Comunista, o Comintern, para fomentar a revolução e influenciar politicamente o mundo todo a favor dos interesses de Moscou. Em agosto, os soviéticos lançaram um grande programa secreto de ação e subversão para a China, dando início a um compromisso de dinheiro, homens e armas que duraria três décadas e que culminaria com a tomada do poder pelos comunistas comandados por Mao

em 1949 — o mais duradouro triunfo da política externa da União Soviética.

Em janeiro de 1920, os bolcheviques tomaram a Sibéria Central e estabeleceram uma ligação por terra com a China. Em abril, o Comintern mandou à China o representante Grigori Voitinski. Em maio, estabeleceu um centro em Xangai com o objetivo, como outro agente relatou a Moscou, de "construir um partido chinês". Voitinski propôs então ao professor Chen que fosse fundado um partido comunista. Em junho, Voitinski já relatara que Chen deveria ser o secretário do partido (isto é, o chefe) e estava contatando "revolucionários em várias cidades".

Foi exatamente nessa época que Mao bateu à porta de Chen, e se deparou por acaso com o surgimento do PCC. Mao não foi convidado a ser um dos fundadores. Ao que parece, também não lhe falaram sobre a iminente fundação. Os oito membros fundadores eram todos eminentes marxistas e Mao ainda nem dissera que acreditava no marxismo. O partido foi fundado em agosto, depois que Mao partiu de Xangai.*

Mas, embora não tenha sido um dos fundadores, Mao estava no círculo imediatamente seguinte. O professor Chen atribuiu-lhe a missão de abrir uma livraria em Changsha para vender a literatura do partido. O professor estava a caminho de transformar seu influente mensário, *Nova Juventude*, na voz do partido. A edição de julho trazia artigos elogiosos sobre Lênin e o governo soviético. A partir daquele outono, a revista foi subsidiada pelo Comintern.

A tarefa de Mao era distribuir *Nova Juventude* e demais publicações comunistas (bem como vender outros livros e revistas). Embora não fosse um comunista comprometido, era um radical. E também amava os livros e gostou do trabalho. Logo depois de ter voltado a Changsha, um anúncio sobre a livraria continha uma declaração bizarra escrita por ele mesmo: "Não há cultura nova em todo o mundo. Somente uma pequena flor de nova cultura foi descoberta na Rússia, nas praias do oceano Ártico". A livraria encomendou imediatamente 165 exemplares da edição de julho de *Nova Juventude*, de longe sua maior encomenda. Outro pedido grande foi o de 130 exemplares de *Mundo do Trabalho*, uma nova publicação do partido dirigida a trabalhadores. A maioria das outras revistas que a livraria encomendou era radical e pró-União Soviética.

Mao não punha em risco o pescoço ao empreender atividades pró-

comunistas, porque não eram crime. Na verdade, a Rússia comunista estava na moda. Em Changsha fundou-se uma Sociedade de Estudos da Rússia, liderada por ninguém menos que o chefe do condado. A popularidade da Rússia se devia, em grande parte, a uma fraude perpetrada pelo novo governo bolchevique — a afirmação de que iria renunciar aos velhos privilégios e território czaristas na China, quando, na verdade, os manteve. O território controlado pela Rússia cobria mais de 100 mil hectares e constituía a maior concessão estrangeira no país.

Mao estava encarregado da livraria, mas arranjou um amigo para dirigi-la. Um traço importante emergiu nessa época: ele tinha um dom para delegar tarefas e descobrir pessoas certas para realizá-las. Mao deu a si mesmo o título de "homem especial de ligação", solicitando doações dos ricos e tratando com editores, bibliotecas, universidades e intelectuais importantes de todo o país. O professor Chen e vários luminares foram listados como fiadores da livraria, o que deu grande impulso ao status de Mao e o ajudou a conquistar o posto de diretor da escola primária ligada à sua antiga escola normal.

Não há provas de que tenha entrado formalmente para o partido nesse momento, embora em novembro, graças à livraria, fosse computado como "um dos nossos". Quando Moscou decidiu montar uma organização em Hunan chamada Liga da Juventude Socialista, para criar um fundo de membros potenciais do partido, Mao foi contatado para fazer o serviço. No mês seguinte, numa carta a amigos que estavam na França, ele declarou que "concordava profundamente" com a ideia de "usar o modelo russo para reformar a China e o mundo". Essa foi sua primeira manifestação de crença comunista.

Prestes a completar 27 anos, Mao se tornara comunista — não depois de uma jornada idealista ou levado por uma crença apaixonada, mas por estar no lugar certo, na hora certa, e por ter recebido uma tarefa que lhe era muitíssimo conveniente. Ele fora efetivamente incorporado a uma organização em expansão.

Seu melhor amigo na época, Siao-yu, acreditava que o custo do caminho russo era alto demais e, da França, escreveu a Mao dizendo o que ele e outros pensavam:

> Não achamos que alguns seres humanos devem ser sacrificados pelo bem-estar da maioria. Somos a favor de uma revolução moderada, por meio da educação, e que busque o bem-estar de todos [...] Consideramos que revoluções do estilo russo — marxistas — são eticamente erradas.

Mao resumiu o pensamento dos amigos como sendo o de "usar meios pacíficos para buscar a felicidade de todos". E argumentou contra, não por motivos idealistas, mas invocando o puro realismo: "tenho dois comentários [...]: está tudo muito bem em teoria; mas não pode ser feito na prática". "Os ideais são importantes", disse Mao, "mas a realidade é ainda mais importante."

Mao não era um crente fervoroso. Essa ausência de compromisso sincero resultaria numa relação incomum e muito pouco convencional dele com o partido durante toda a vida, mesmo quando se tornou o chefe.

* Esta é uma questão delicada para Mao e seus sucessores, e por isso a história oficial data a fundação do PCC de 1921, quando foi possível confirmar a participação de Mao, pela primeira vez, em um conclave do partido, o I Congresso. Isso é devidamente comemorado por um museu em Xangai que cultiva o mito de que Mao foi membro fundador do PCC. Entretanto, o fato de o partido ter sido fundado em 1920, e não em 1921, é confirmado tanto pela revista oficial do Comintern como por um dos emissários de Moscou que organizaram o I Congresso.

3. Crente sem entusiasmo (1920-25; 26-31 anos)

Na mesma época em que se envolveu com o Partido Comunista, Mao manteve uma relação com a filha de seu ex-professor Yang Chang-chi. Oito anos mais moça que ele, Yang Kai-hui se tornaria sua segunda esposa.

Ela nasceu em 1901 num lugar idílico, nas cercanias de Changsha. Criança delicada e sensível, foi criada pela mãe, que vinha de uma família de intelectuais, enquanto o pai passava onze anos no exterior, no Japão, na Inglaterra e na Alemanha, estudando ética, lógica e filosofia. Quando ele voltou a Changsha, na primavera de 1913, trazia consigo modos europeus e estimulou a filha a participar de refeições com ele e seus pupilos, o que era inaudito naquela época. Bela, elegante, pensativa e articulada, ela desconcertava todos os rapazes.

Seu pai ficou impressionado com a inteligência de Mao e o recomendou bastante a pessoas influentes. "Digo-lhe seriamente", escreveu a uma delas, "essas duas pessoas [Mao e outro estudante chamado Cai He-sen] são talentos raros na China e terão um grande futuro [...] você deve dar atenção séria a eles." Quando se tornou professor de ética na Universidade de Pequim, em 1918, ficou contente de receber Mao em casa na sua primeira — e infrutífera — aventura na capital. Kai-hui tinha então dezessete anos e Mao se interessou muito por ela, mas ela não correspondeu. Anos depois, ela escreveu:

> Quando eu tinha dezessete ou dezoito anos, comecei a ter minhas próprias opiniões sobre casamento. Era contra qualquer casamento que envolvesse rituais. Também achava que buscar o amor deliberadamente significaria fácil e inevitavelmente perder o verdadeiro, o sagrado, o incrível, o mais alto, o mais lindo e insuperável amor! [...] Há uma frase que expressava melhor meus pensamentos: "Não ter se não for perfeito".

Em janeiro de 1920, o pai dela morreu. Mao estava em Pequim, em sua segunda viagem, e passou muito tempo com a família. Foi então que ela se

apaixonou por ele. E escreveu:

> Papai morreu! Meu amado pai morreu! É claro que fiquei muito triste. Mas senti que a morte foi também um alívio para ele e, assim, não fiquei triste demais.
>
> Mas eu não esperava ter tanta sorte. Eu tinha um homem a quem amava. Eu realmente o amava muito. Eu me apaixonara por ele depois de ter ouvido muito a seu respeito e ter lido muitos de seus artigos e diários [...] Embora o amasse, não demonstrava isso. Estava convencida de que o amor estava nas mãos da natureza e não deveria presunçosamente exigi-lo ou persegui-lo.

Assim, ela ainda se conteve. Então eles se separaram quando Kai-hui acompanhou o caixão de seu pai a Changsha, onde ela entrou para uma escola de missionários. A distância só reforçou seus sentimentos. Mais tarde, ela relembrou:

> Ele me escreveu muitas cartas, expressando seu amor. Eu ainda não ousava acreditar em tanta sorte. Se não fosse por um amigo que conhecia seus sentimentos [de Mao] e me falou deles — dizendo que ele estava muito infeliz por minha causa —, creio que teria permanecido solteira toda a minha vida. Desde aquele dia, quando fiquei sabendo tudo sobre seus verdadeiros sentimentos em relação a mim, tive uma nova sensação. Eu sentia que, além de viver para minha mãe, eu também estava vivendo para ele [...] Eu imaginava que, se um dia ele morresse e minha mãe também não estivesse mais comigo, eu definitivamente o seguiria e morreria com ele!

No final daquele ano, quando Mao voltou para Changsha, eles se tornaram amantes. Mao morava na escola onde era diretor e Kai-hui o visitava. Mas não passava a noite. Eles não eram casados e o ano era 1920, quando morar junto sem casamento era impensável para uma dama. E Mao também não queria se comprometer. Em uma carta a um amigo, de 26 de novembro, ele invectivava: "Penso que todos os homens e mulheres no sistema de matrimônio estão em nada mais do que uma 'liga do estupro' [...] Recuso-me a entrar para essa liga". Ele mencionava a ideia de criar uma "Aliança de Resistência ao Casamento", dizendo: "Mesmo que ninguém mais concorde comigo, eu sou minha própria 'aliança de um homem só'".

Uma noite, depois que ela partiu, ele não conseguiu dormir e escreveu um poema que começava com estes versos:

> *Mágoa, empilhada sobre meu travesseiro, qual é tua forma?*
> *Como ondas em rios e mares, te revolves sem parar.*
> *Quão longa a noite, quão negro o céu, quando a luz se fará?*
> *Inquieto, sento-me, camisola jogada sobre os ombros, no frio.*
> *Quando a manhã chegou afinal, restavam apenas cinzas de meus mil pensamentos...*

Ajudado por esse poema, Mao conseguiu persuadir Kai-hui a passar a noite com ele. As paredes eram de tábuas finas e alguns dos residentes reclamaram quando o casal fez amor apaixonadamente. Um vizinho citou uma regra segundo a qual as esposas dos professores estavam proibidas de dormir na escola, mas Mao era o diretor: ele mudou a regra e deu início ao precedente de que as esposas podiam ficar.

Para Kai-hui, passar a noite com ele significava entregar-se totalmente. "Minha força de vontade cedera havia muito tempo", ela escreveria, "e eu me permiti viver em romance. Eu chegara à conclusão: 'Que os céus caiam e a terra afunde! Que este seja o fim!'. Que significado teria minha vida se eu não vivesse para minha mãe e para ele? Então vivi em uma vida de amor."

Os sentimentos de Mao não estavam à altura dos de Kai-hui e ele continuou a ver outras namoradas, em particular uma professora viúva chamada Si-yung, três anos mais moça que ele. Ela o ajudava muito a levantar fundos para a livraria, pois algumas de suas alunas vinham de famílias ricas. Ela e Mao viajavam como se fossem um casal.

Quando Kai-hui descobriu, ficou arrasada: "Um dia, de repente, a bomba caiu em minha cabeça. Minha débil vida foi devastadoramente atingida e quase foi destruída por esse golpe!". Mas ela perdoou Mao. "Porém, isso foi o que senti somente quando fiquei sabendo pela primeira vez. Afinal, ele não era um homem comum. Ela [Si-yung] o amava de modo tão apaixonado que daria tudo por ele. Ele também a amava, mas não me trairia, e não me traiu no fim." Mao aparentemente explicou seu caso dizendo que se sentia inseguro do amor de Kai-hui. Ela preferiu acreditar nele:

> Então as tampas do seu coração e do meu abriram-se ambas. Eu vi o coração dele e ele viu o meu completamente. (Nós dois temos temperamentos orgulhosos, eu bem mais naquela época. Eu fazia de tudo para evitar que ele visse meu coração — meu coração de amor por ele —, de tal modo que ele passou a duvidar de mim e achou que eu não o amava. E, devido ao seu orgulho, ele não deixava que seus sentimentos aparecessem. Somente agora compreendemos verdadeiramente um ao outro.) Em consequência, ficamos mais próximos do que nunca.

Kai-hui foi morar com Mao e eles se casaram no final de 1920. Na época, os radicais evitavam os velhos rituais familiares que cimentavam o casamento e ainda não havia um novo sistema de registro; assim, não houve uma certidão formal.

Por causa do casamento, Kai-hui foi expulsa da escola missionária. Os casos amorosos de Mao continuaram e, com efeito, ele começou duas novas relações logo depois do casamento. Um amigo íntimo dele naquela época nos contou isso, escrevendo na mesa com o dedo os caracteres *bu-zhen*, "infiel". Uma dessas ligações foi com uma prima de Kai-hui. Quando ela soube, ficou tão perturbada que bateu na prima, mas raramente fazia cenas e permaneceu fiel a Mao. Mais tarde, escreveria com resignação:

> Aprendi muito mais coisas e, aos poucos, vim a compreendê-lo. Não apenas ele, mas a natureza humana em todas as pessoas. Aqueles que não têm defeitos físicos devem ter dois atributos. Um é o impulso sexual e o outro é a necessidade emocional de amor. Minha atitude foi deixá-lo em paz, e esquecer.

Kai-hui não era de modo algum uma esposa chinesa convencional, obrigada pela tradição a suportar a má conduta do marido. Na verdade, era uma feminista e mais tarde escreveu um ensaio sobre os direitos das mulheres: "As mulheres são seres humanos, tal como os homens [...] Irmãs! Devemos lutar pela igualdade de homens e mulheres e não devemos de forma alguma permitir que nos tratem como um acessório".

Na época do segundo casamento de Mao, Moscou intensificava seus esforços para fomentar a subversão na China. Começou a treinar secretamente um exército chinês na Sibéria e explorou a intervenção armada na China, tal como acabara de tentar, sem sucesso, na Polônia. Ao mesmo tempo, montava uma de suas maiores redes de espionagem e informação, com uma base da KGB já instalada em Xangai e numerosos agentes, tanto civis como militares (GRU) em outras cidades importantes, entre elas Cantão e, é claro, Pequim.

Em 3 de junho de 1921, chegaram novos representantes de alto escalão de Moscou, ambos com pseudônimos: um homem da inteligência militar russa chamado Nikolski e um holandês chamado Maring, que fora um agitador nas Índias Orientais Holandesas. Esses dois agentes determinaram aos membros do PCC em Xangai que convocassem um congresso a fim de formalizar o partido. Foram enviadas cartas para sete regiões com as quais haviam estabelecido contato, pedindo a cada uma que mandasse dois delegados; com as cartas, seguiam duzentos yuans para cobrir as despesas da viagem a

Xangai. Um lote de convites e dinheiro chegou a Mao, em Changsha. Duzentos yuans eram o equivalente a quase dois anos do seu salário de professor e muito mais do que seria necessário para a viagem. Foi seu primeiro pagamento em dinheiro de Moscou de que se tem notícia.

Para acompanhá-lo ele escolheu um amigo de 45 anos chamado Ho Shu-heng. Partiram em segredo na noite de 29 de junho, em um pequeno barco a vapor, sob céu borrascoso, dispensando os amigos que queriam se despedir. Embora não houvesse leis contra as atividades comunistas, tinham razão para agir às escondidas, pois estavam engajados no que era considerado uma conspiração — conluio para estabelecer uma organização montada com fundos estrangeiros, com o objetivo de tomar o poder por meios ilegais.

O I Congresso do PCC foi aberto em Xangai em 23 de julho de 1921, com o comparecimento de treze pessoas — jornalistas, estudantes ou professores —, que representavam um total de 57 comunistas, a maioria de ocupações semelhantes. Nenhum deles era operário. Os dois membros mais prestigiosos do partido, os professores Li Tao-chao e Chen Tu-hsiu, não estavam presentes, embora este último tenha sido designado chefe do partido. Os dois emissários de Moscou dirigiram o espetáculo.

Maring, alto e de bigode, fez o discurso de abertura em inglês, traduzido por um dos delegados. Mais tarde, os participantes pareciam lembrar mais de sua duração — várias horas — do que de seu conteúdo. Os discursos longos eram raros na China daquela época. Nikolski foi lembrado como aquele que fez o discurso mais curto.

A presença dos estrangeiros e o controle que exerciam logo se tornaram um problema. A presidência foi atribuída a um certo Chang Kuo-tao (depois o grande desafiante de Mao), porque estivera na Rússia e tinha ligações com os estrangeiros. Um delegado lembrou que, a certa altura, Kuo-tao propôs o cancelamento da resolução da noite anterior. "Eu o interpelei: como é que uma resolução aprovada pela reunião podia ser cancelada assim? Ele disse que era a opinião dos representantes russos. Fiquei extremamente bravo [...] 'Então não precisamos de reuniões, basta recebermos ordens deles.'." O protesto foi em vão. Outro delegado sugeriu que, antes de prosseguirem com os planos russos, deveriam investigar se o bolchevismo realmente funcionava, e propôs enviar uma missão à Rússia e uma à Alemanha — uma proposta que alarmou os homens de Moscou e foi devidamente rejeitada.

Mao falou pouco e causou pouco impacto. Em comparação com os delegados das cidades maiores, era um provinciano, vestido com a tradicional bata de algodão e sapatos de algodão preto, em vez do terno europeu, traje de muitos jovens progressistas. Ele não procurou impressionar e se contentou principalmente em escutar.

A reunião começara numa casa do enclave francês e a polícia desses locais, conhecidos como "Concessões", mantinha vigilância sobre as atividades comunistas. Na noite de 30 de julho, um estranho entrou sem pedir licença e Maring, farejando um espião da polícia, ordenou que os delegados partissem. Os participantes chineses deslocaram-se para uma pequena cidade nas proximidades de Xangai chamada Jiaxing, junto a um lago cheio de castanhas-d'água. Os homens de Moscou ficaram longe dessa última sessão, por medo de atrair atenção.

A esposa de um delegado de Xangai provinha da cidade junto ao lago e alugou um barco de passeio, onde o grupo sentou-se a uma mesa em que havia comida, bebida e pedras de mah-jong (espécie de dominó). Um espesso biombo esculpido de madeira separava esse compartimento da frente aberta, mas coberta, do barco, onde a esposa do delegado sentou-se, de costas para o biombo. A mulher nos contou que, quando passavam por outros barcos, ela batia com o leque no biombo e lá dentro as peças de mah-jong faziam barulho, como se estivessem sendo misturadas. Logo começou a chover forte e o barco foi envolvido pela água. Nesse cenário dramático, foi proclamado o Partido Comunista Chinês — de modo um tanto inconclusivo, pois sem a presença dos homens de Moscou nenhum programa pôde ser finalizado. O congresso não lançou nem mesmo um manifesto ou uma carta.

Os delegados ganharam mais cinquenta yuans para pagar a viagem de volta. Isso permitiu que Mao saísse para fazer um pouco de turismo confortavelmente em Hangzhou e Nanquim, onde viu sua namorada Si-yung de novo.[a]

A dependência da Rússia e do dinheiro de Moscou continuou a ser uma questão difícil para muitos membros do PCC. O professor Chen, que chegou em Xangai no final de agosto para assumir o posto de secretário do partido, informou seus camaradas: "Se aceitarmos o dinheiro deles, teremos

de aceitar as ordens". Ele propôs, em vão, que nenhum deles deveria ser revolucionário em tempo integral, mas ter empregos independentes e usá-los para disseminar as ideias da revolução.

Chen discutiu muito com Maring sobre a insistência do holandês em que o PCC fosse automaticamente um ramo do Comintern e, em particular, sobre a ideia de que Nikolski tinha de supervisionar todas as reuniões. "Precisamos ser controlados assim?", teria gritado. "Simplesmente não vale a pena!" Com frequência, ele se recusava durante semanas a encontrar com Maring. Gritava, batia com a mão na mesa e até jogava xícaras para todo lado. Maring o apelidou de "vulcão". Nas frequentes ocasiões em que Chen explodia, Maring saía da sala para fumar enquanto o outro se acalmava.

Mas sem os fundos de Moscou o PCC não poderia realizar quaisquer atividades, tais como publicar literatura comunista e organizar um movimento operário. Durante um período de nove meses (outubro de 1921-junho de 1922), de seus gastos de 17 655 yuans, menos de 6% foram levantados dentro da China, enquanto 94% tinham vindo dos russos, como o próprio Chen relatou a Moscou. Com efeito, naquela época havia muitos outros grupos comunistas na China — pelo menos sete entre 1920 e 1922, e um deles afirmava ter 11 mil membros. Mas sem os fundos russos todos eles entraram em colapso.

Ao contrário de Chen, Mao não demonstrou escrúpulos em pegar o dinheiro de Moscou. Era um realista. O financiamento russo também transformou sua vida. Depois do congresso, passou a receber entre sessenta e setenta yuans por mês do partido para a célula de Hunan, logo aumentados para cem e depois para 160-170. Essa renda substancial e regular fez uma tremenda diferença. Mao sempre vivera com pouco dinheiro. Tinha dois empregos, como diretor de escola e jornalista sem importância, e temia ter de depender dessas duas ocupações para ganhar a vida. Em duas cartas escritas a um amigo no final de novembro de 1920, queixou-se amargamente, dizendo que "uma vida usando a boca e o cérebro é miséria ao extremo [...] Com frequência fico sem descanso por três ou quatro horas [*sic*], trabalhando mesmo noite adentro [...] Minha vida é realmente muito dura". E dissera a alguns amigos: "No futuro, terei provavelmente de viver com os salários desses dois empregos. Sinto que empregos que usam apenas o cérebro são muito duros, então estou pensando em aprender alguma coisa que envolva

trabalho manual, como cerzir meias ou assar pão". Como Mao não tinha nenhuma inclinação para o trabalho manual, mencionar tal ideia mostrava que ele chegara a um beco sem saída.

Mas agora tinha uma situação confortável de revolucionário profissional subsidiado. Largou o jornalismo e até renunciou ao emprego de diretor de escola, podendo enfim gozar o tipo de vida que até então só povoara seus sonhos. Ao que tudo indica, foi nessa época que adquiriu o hábito de dormir até tarde e ler à noite, que manteve pelo resto de sua vida. Em carta ao velho amigo Siao-yu, escrita dois meses depois do I Congresso, ele se mostra quase extasiado:

> Agora passo a maior parte de meu tempo cuidando da saúde e estou muito mais em forma. Agora me sinto extremamente feliz porque, além de ficar mais saudável, não tenho nenhum fardo de trabalho ou responsabilidade. Estou ocupado tendo boa comida todos os dias, saciando meu estômago e melhorando minha saúde. Também posso ler os livros que quiser. É realmente "Uau, que divertido".

Poder comer o bastante e ler até se fartar era a ideia que ele tinha de uma vida boa.

Em outubro de 1921, Mao conseguiu montar uma casa com Kai-hui, em um lugar chamado Lagoa da Água Clara, e teve dinheiro suficiente para pagar criadas. Era um lugar adorável, onde a água corria para uma grande lagoa e mudava de lamacenta para clara, dando o nome ao lugar. A casa era uma construção tradicional, com vigas de madeira escura e paredes de tijolos variados, com frente para campos de verduras e fundos para colinas baixas.

Em teoria, a casa era a sede da seção de Hunan do partido. Como líder provincial, uma das principais missões de Mao era recrutar membros, mas ele não se dedicou com muito zelo a essa tarefa. Quando lhe pediram pela primeira vez para recrutar gente para a Liga da Juventude, em novembro de 1920, ele havia delegado o trabalho para outra pessoa e saíra de férias com sua garota Si-yung, dizendo que partia "para pesquisar educação".

Diferentemente da maioria dos ditadores fundadores — Lênin, Mussolini, Hitler —, Mao não inspirava seguidores apaixonados através de sua oratória ou apelo ideológico. Ele simplesmente buscava recrutas disponíveis em seu círculo imediato, gente que aceitaria suas ordens. Seu primeiro recruta, o amigo e gerente de livraria Yi Li-rong, descreveu como, logo depois que voltou do I Congresso, Mao o convidou a deixar a livraria. Encostado numa

cerca de bambu do quintal, disse a Yi que ele deveria entrar para o partido. Yi balbuciou que ouvira dizer que milhões haviam morrido na Revolução Russa, mas, como ele mesmo disse, Mao "me pediu para entrar e então entrei". Foi assim que Mao montou o partido em Changsha, que consistia em apenas três homens: ele, Yi e o amigo que levara ao I Congresso.

Os membros recrutados a seguir eram da família de Mao — a mulher e os irmãos, a quem mandara buscar na aldeia. Tse-min, que dirigia o negócio da família e era esperto com dinheiro, se encarregou das finanças. Mao chamou mais parentes da aldeia para Changsha e distribuiu várias funções. Alguns entraram para o partido. Fora do círculo de amigos e familiares, seu recrutamento foi esparso. Ele pescou principalmente perto de casa.

Na verdade, naquela época, muitos jovens de Hunan foram atraídos pelo comunismo, inclusive aquele que se tornaria o segundo homem de Mao e presidente da China, Liu Shao-chi, e vários outros futuros líderes do partido. Eles não foram apresentados ao partido por Mao, mas por um marxista de cinquenta e tantos anos chamado Ho Min-fan, que havia sido chefe do condado de Changsha. Min-fan foi o responsável pela entrada de Liu e outros na Liga da Juventude Socialista, no final de 1920, e fez as apresentações para a ida deles à Rússia. Ele não participara do I Congresso porque o convite fora enviado a Mao, que tinha muito ciúme de Min-fan, sobretudo de seu sucesso no recrutamento. Quando Liu Shao-chi retornou de Moscou em 1922, Mao o interrogou sobre como Min-fan conseguira aquilo.

Depois que se tornou o chefe oficial do PCC em Hunan, Mao planejou expulsar seu rival involuntário. Min-fan dirigia um centro de convenções público que ocupava uma bela propriedade, um grande templo de clã chamado Montanha do Barco. Alegando que precisava do local para uso do partido, Mao mudou-se para lá com seu grupo e tornou a vida tão impossível para Min-fan que ele acabou deixando tanto o lugar como o meio partidário. Um ano depois, Mao contou a Liu Shao-chi que Min-fan, o mentor de Liu, fora "desobediente. Então o expulsamos da Montanha do Barco". Ao usar a palavra "desobediente", em especial a respeito de alguém muito mais velho, Mao revelava seu lado bandido. Ele ainda não havia se comportado dessa forma. Quando encontrara pela primeira vez seu amigo, o liberal Siao-yu, Mao havia se inclinado para mostrar respeito. Ele fora cortês tanto com seus

pares como com seus superiores. O gosto do poder alterara esse comportamento.[b] A partir de então, as amizades de Mao se restringiram apenas às pessoas que não o desafiavam, as quais eram, em larga medida, apolíticas. Ele não era amigo de nenhum de seus companheiros de política e raramente tinha reuniões sociais com eles.

A remoção de Min-fan foi a primeira luta de Mao pelo poder. E ele ganhou. Sob seu comando, não havia comitê partidário. As reuniões eram raras. Havia apenas Mao dando ordens, embora ele tomasse o cuidado de mandar relatórios periodicamente para Xangai, tal como exigido.

Mao não estava fazendo nada em relação a outra tarefa importante: organizar sindicatos. Não nutria mais simpatia pelos operários do que pelos camponeses. Em novembro de 1920, ao escrever uma carta para um amigo em que se queixava de seus males de intelectual, observou: "Acho que os trabalhadores da China não sofrem realmente de más condições físicas. Somente os intelectuais sofrem".

Em dezembro de 1921, trabalhadores de Anyuan, um importante centro de mineração na fronteira entre Hunan e Jiangxi, escreveram pedindo ajuda aos comunistas e Mao foi até a mina — o primeiro registro de um contato com operários. Ficou alguns dias e foi embora, delegando o trabalho prático a outra pessoa. Depois desse breve mergulho no mundo encardido dos mineiros de carvão, relatou a Xangai que estava "completamente desnorteado" sobre como "organizar trabalhadores".

Mas ao redor havia organizadores eficazes, em especial dois não comunistas que fundaram o Sindicato dos Trabalhadores de Hunan e recrutaram mais de 3 mil dos aproximadamente 7 mil operários de Changsha. Os dois foram presos em janeiro de 1922 quando lideravam uma grande greve. Nas primeiras horas da madrugada, foram executados — retalhados até a morte, à maneira tradicional —, evento que provocou uma onda de protestos em todo o país. Quando perguntaram ao governador que os matou por que não visara a Mao, ele respondeu que não considerava Mao uma ameaça.

Por sua ineficácia na organização de operários e no recrutamento, Mao

não foi convidado para o II Congresso do PCC, em julho de 1922 — ocasião muito importante, pois aprovaram um estatuto e endossaram a entrada no Comintern, aceitando assim o controle direto de Moscou. Mais tarde, ele tentou explicar sua ausência dizendo que "pretendia comparecer", mas "esqueceu o nome do lugar onde seria realizado, não conseguiu encontrar nenhum camarada e perdeu o congresso". Na verdade, Mao conhecia muita gente do partido em Xangai, inclusive alguns dos delegados, e não teria faltado inadvertidamente ao que era um compromisso muito formal. A ausência no congresso significava que poderia perder sua posição de chefe do partido em Hunan. Os fundos russos não chegariam mais por seu intermédio e ele teria de receber ordens de outra pessoa. Essa perspectiva fez com que tomasse providências. Primeiro visitou, em abril de 1922, uma mina de chumbo e zinco e, em maio, voltou a Anyuan, o centro de mineração de carvão. Também liderou várias manifestações e greves. Em 24 de outubro, quando Kai-hui deu à luz o primeiro filho deles, Mao estava longe, negociando em nome do sindicato dos operários de construção. Ele deu ao filho o nome de An-ying: *An* era o nome de uma geração; *ying* significava "uma pessoa notável".

No final de maio, Mao montou finalmente um comitê do partido de Hunan, um ano depois de ter se tornado chefe. Tinha trinta membros, a maioria recrutada por ele mesmo.[c] O futuro presidente Liu Shao-chi descreveu em seu leito de morte como o comitê funcionava sob o comando de Mao: "Tive muitas reuniões na casa do presidente Mao e, afora fazer perguntas, não tive nenhuma chance de falar. No final, sempre valia o que o presidente Mao dizia [...] o partido em Hunan já tinha seu próprio líder e seu próprio estilo característico — diferente do partido em Xangai". Liu deixava registrado do modo mais explícito possível que Mao já começara a se comportar ditatorialmente nos primeiros dias do partido.

Enquanto trabalhava para remendar sua relação com o centro do poder, Mao teve um lance de sorte. Em janeiro de 1923, a maioria dos quadros do PCC de Xangai viu-se em desacordo com uma ordem de Moscou para fazer algo aparentemente bizarro e arbitrário: entrar para outro partido político, o dos nacionalistas (também conhecido como o Kuomintang, ou KMT). Moscou precisava de comunistas das províncias que apoiassem sua posição — e encontrou Mao.

O Partido Nacionalista fora fundado em 1912 com a fusão de vários grupos republicanos. Seu líder era Sun Yat-sen, que havia sido por pouco tempo o primeiro presidente provisório da República, antes de perder o poder para o chefe do Exército Yuan Shih-kai. Desde então, Sun vinha tentando formar seu próprio exército e derrubar o governo de Pequim.

Esse objetivo levou Sun a se aliar a Moscou, que compartilhava seu objetivo de subverter o governo de Pequim, o qual se recusava a aceitar a ocupação russa da Mongólia Exterior, então território chinês. O PCC era pequeno demais para derrubar o governo, de modo que os enviados de Moscou voltaram o olhar para os vários potentados provinciais e descobriram que o único disposto a aceitar a presença soviética era Sun.

Sun tinha sua base em Cantão, a capital de Guangdong, província costeira meridional. Ele pediu aos russos ajuda para montar uma tropa suficientemente forte para conquistar a China. Em setembro de 1922, disse ao enviado russo que queria criar "um exército com armas e material militar da Rússia". Em troca, além de endossar a ocupação soviética da Mongólia Exterior, Sun propôs que a Rússia ocupasse a imensa Xinjiang, província no noroeste rica em minérios. O principal enviado russo, Adolf Joffe, relatou em novembro que Sun "pede que uma de nossas divisões incorpore Xinjiang [...] onde há apenas 4 mil soldados chineses e não há possibilidade de haver resistência". Ele sugeriu que os russos invadissem, em seu nome, de Xinjiang até Chengdu, o coração da China, em Sichuan.

Sun não tinha apenas grandes ambições e poucos escrúpulos, mas um partido significativo, com milhares de membros registrados e uma base territorial com um grande porto marítimo, em Cantão. Assim, no início de janeiro de 1923, o Politburo soviético decidiu: "Dar total apoio aos nacionalistas", com "dinheiro [dos] fundos de reserva do Comintern". A decisão foi assinada pelo promissor Stálin, que começara a se interessar muito pela China. Sun tornara-se assim, como Joffe contou a Lênin, "*nosso* homem" (grifo do original). Seu preço era "2 milhões de dólares mexicanos no máximo", cerca de 2 milhões de rublos ouro. "Tudo isso não vale 2 milhões de rublos?", perguntava Joffe.

Moscou sabia que Sun tinha sua própria agenda e estava tentando usar a

Rússia, assim como a Rússia estava tentando usá-lo. Ela queria que seu cliente local, o PCC, estivesse presente para assegurar que Sun seguiria a linha de Moscou e serviria a seus interesses. Desse modo, ordenou que os comunistas chineses entrassem para o Partido Nacionalista. Numa reunião secreta, Stálin deixou claro: "Não podemos dar diretivas daqui de Moscou abertamente. Fazemos isso por intermédio do Partido Comunista Chinês e de outros camaradas, em segredo, confidencialmente".

Moscou queria usar o PCC como um cavalo de Troia, a fim de manipular o muito maior Partido Nacionalista; mas todos os líderes do PCC, a começar pelo professor Chen, se opuseram à ideia de entrar para o partido de Sun, porque ele rejeitava o comunismo e porque Sun era apenas mais um político "mentiroso" e "inescrupuloso" fora do poder. Eles disseram a Moscou que patrocinar Sun era "desperdiçar o sangue e o suor da Rússia, e talvez o sangue e o suor do proletariado mundial".

Maring, o enviado do Comintern, encarou uma revolta. É quase certo que esse foi o motivo por que Mao foi trazido para o quartel-general do PCC. O pragmático Mao aceitou a estratégia de Moscou e logo se filiou ao Partido Nacionalista. Cai He-sen, um comunista mais fervoroso e velho amigo de Mao, contou ao Comintern que, quando Maring apresentou o slogan "Todo trabalho para os nacionalistas", "o [único] que apoiou foi Mao".

Mao não acreditava nas perspectivas de seu minúsculo partido, ou que os comunistas exercessem qualquer atração mais ampla. Ele deixou isso bem claro no III Congresso do PCC, em junho de 1923. A única esperança de criar uma China comunista, disse, era por meio de uma invasão russa. Mao "era tão pessimista", relatou Maring (que presidiu o congresso), "que via na intervenção da Rússia a única salvação da China", e disse ao congresso "que a revolução tinha de ser trazida para a China do norte, pelo Exército russo". Foi o que aconteceu duas décadas depois.

O entusiasmo pela linha de Moscou catapultou Mao para o centro do partido, sob o patrocínio de Maring. Ali ele se esforçou como nunca, agora que podia ver esperança no que fazia. Vilde, o principal distribuidor do dinheiro de Moscou na China, que fazia dublê de vice-cônsul em Xangai, em relatório a Moscou apontou Mao e outra pessoa como "definitivamente bons quadros". Mao foi designado assistente do chefe do partido, o professor Chen, com responsabilidade sobre a correspondência, documentos e

confecção das atas das reuniões. Todas as cartas do partido tinham de ser assinadas por ele e Chen. Numa imitação de Chen, Mao assinava com um nome inglês: T. T. Mao. Uma das primeiras coisas que Chen e ele fizeram foi escrever a Moscou pedindo mais dinheiro — "agora que nossa frente de trabalho está se expandindo".

Depois de conduzir seu rebanho de comunistas locais para o Partido Nacionalista, Moscou enviou um operador de alto nível para controlar o PCC e os nacionalistas e coordenar as ações deles. Mikhail Borodin, um agitador carismático, foi nomeado assessor político de Sun Yat-sen por recomendação de Stálin, em agosto de 1923. Veterano de atividades revolucionárias nos Estados Unidos, no México e na Inglaterra, era um bom orador, com uma voz poderosa, um organizador dinâmico e astuto estrategista (foi a primeira pessoa a recomendar que os comunistas chineses fossem para o noroeste da China, a fim de ficar perto da fronteira russa, o que fizeram uma década depois). Ele inspirou descrições como "majestático" e irradiava energia mesmo quando doente.

Borodin reorganizou os nacionalistas conforme o modelo russo, batizando suas instituições com nomes comunistas, tais como Departamento de Propaganda. No I Congresso do Partido Nacionalista, realizado em Cantão, em janeiro de 1924, Mao e muitos outros comunistas chineses participaram e o minúsculo PCC garantiu um número desproporcional de postos. Moscou começou a financiar para valer os nacionalistas. E, o que era mais importante, financiou e treinou um exército e criou uma academia militar. Estabelecida numa ilha pitoresca do rio Pérola, a cerca de dez quilômetros de Cantão, a Academia Militar de Whampoa tomou por modelo instituições soviéticas, com agentes russos e muitos professores e estudantes comunistas. Aviões e peças de artilharia foram trazidos da Rússia e foi graças às tropas treinadas pelos russos, apoiadas em campo por coortes de consultores soviéticos, que os nacionalistas conseguiram expandir substancialmente sua base.

Mao foi muito ativo no Partido Nacionalista e se tornou um dos dezesseis membros suplentes de seu mais alto órgão, o Comitê Executivo Central. Pelo resto do ano, fez a maior parte de seu trabalho no escritório nacionalista

de Xangai. Foi ele que ajudou a fundar a seção nacionalista de Hunan, que se tornou uma das maiores.

Mao chegou ao ponto de comparecer raramente às reuniões de seu próprio partido. Seu entusiasmo em relação ao trabalho com os nacionalistas atraiu críticas dos companheiros comunistas. Seu velho amigo Cai, mais aferrado à ideologia, queixou-se depois ao Comintern de que em Hunan "nossa organização perdeu quase toda a significação política. Todas as questões políticas eram decididas no comitê provincial nacionalista, não no comitê provincial do Partido Comunista". Outro organizador operário dedicado concordava: "Mao, naquela época, era contra um movimento sindicalista independente para os trabalhadores".

Além disso, Mao viu-se tratado com frieza por alguns dos enviados de Moscou, depois que seu padrinho Maring foi embora da China, em outubro do ano anterior. Embora se desse bem com Borodin, teve de lutar para se defender dos puristas ideológicos. Moscou ordenara que os comunistas chineses mantivessem sua identidade separada e sua independência, ao mesmo tempo que se infiltravam no Partido Nacionalista, mas Mao, ideologicamente confuso, não conseguia separar os dois partidos. Em 30 de março de 1924, um desses enviados ideólogos, Serguei Dalin, escreveu a Voitinski:

> O que você escutaria do secretário Mao do CC [Comitê Central] (sem dúvida, uma indicação de Maring) deixaria seus cabelos em pé — por exemplo, que o [Partido Nacionalista] era e é um partido proletário e deve ser reconhecido pela Internacional Comunista como uma de suas seções [...] Esse indivíduo representou o partido na Liga da Juventude Socialista [...] Escrevi ao CC do partido e pedi que designassem outro representante.

Mao foi devidamente retirado de seu posto. Criticado como "oportunista" e "direitista", viu-se expulso do Comitê Central e nem foi convidado a comparecer ao congresso seguinte do PCC, marcado para janeiro de 1925.[d] Sua saúde sofreu então um declínio e ele ficou magro e doente. Um companheiro seu que na época compartilhava uma casa com ele nos contou que Mao tinha "problemas na cabeça [...] estava preocupado com seus negócios". Sua condição nervosa refletia-se nos intestinos, que às vezes funcionavam apenas uma vez por semana. Ele sofreria de constipação — e ficaria obcecado pela defecação — durante toda a vida.

Mao teve de sair de Xangai no final de 1924. Retornou a Hunan mas não

para algum cargo do partido, e o único lugar que tinha para ir era sua aldeia natal de Shaoshan, onde chegou em 6 de fevereiro de 1925, com mais de cinquenta quilos de livros, dizendo que estava "convalescendo". Estivera com o Partido Comunista por mais de quatro anos — anos cheios de altos e baixos. Aos 31 anos, sua falta de clareza ideológica e fervor o havia levado de volta para a propriedade da família. Seus reveses desses anos iniciais do PCC ainda são mantidos bem encobertos. Mao não queria que soubessem que fora ineficaz no trabalho partidário, ou que ficara extremamente entusiasmado com o Partido Nacionalista (que se tornaria o principal inimigo dos comunistas no futuro) — ou que ele era ideologicamente vago.

a Si-yung faleceria de morte natural em 1931.

b Siao-yu separou-se de Mao por essa época e depois se tornou um alto funcionário do governo nacionalista. Morreu no Uruguai em 1976.

c No final de junho de 1922, o número total de membros do PCC era 195.

d Àquela altura, o PCC tinha 994 membros.

4. Ascensão e queda no Partido Nacionalista (1925-27; 31-33 anos)

Durante oito meses Mao viveu na casa da família, em Shaoshan. Ele e os dois irmãos haviam herdado dos pais a casa e uma boa quantidade de terras, e a propriedade era mantida por parentes. Os irmãos estavam trabalhando para o partido em Changsha, depois de recrutados por Mao. Agora, ambos voltavam para casa com ele. Em Changsha, distante apenas cinquenta quilômetros, os comunistas de Hunan estavam organizando greves, manifestações e comícios, mas Mao não se envolveu. Permaneceu em casa, jogando cartas boa parte do tempo.

Mas estava de olho numa chance para voltar à política — em alto nível. Em março de 1925, o líder nacionalista Sun Yat-sen morreu. Seu sucessor foi Wang Ching-wei, um homem que Mao conhecia e que simpatizava com ele. Wang trabalhara com Mao em Xangai no ano anterior e os dois tinham se dado muito bem.

Nascido em 1883, Wang era dez anos mais velho que Mao. Carismático e orador eloquente, tinha também a aparência de um astro de cinema. Desempenhara um papel ativo nos movimentos republicanos contra os manchus e quando a revolução irrompeu, em outubro de 1911, estava preso, condenado à prisão perpétua pelas várias tentativas de assassinar altos funcionários da corte, inclusive o regente. Solto quando a dinastia caiu, tornou-se um dos líderes do Partido Nacionalista. Estava com Sun Yat-sen em seus últimos dias e fora testemunha de seu testamento, o que era uma forte credencial para sucedê-lo. E, o que era muito importante, tinha a bênção de Borodin, o principal agente russo. Com cerca de mil agentes na base nacionalista, Moscou controlava Cantão, que assumira ares de cidade soviética, adornada de bandeiras e slogans vermelhos. Viam-se rostos russos

nos carros que passavam, com guarda-costas chineses nos estribos. Cargueiros soviéticos pontilhavam o rio Pérola. Atrás de portas fechadas, comissários sentavam-se em torno de mesas cobertas de pano vermelho, sob o olhar de Lênin, interrogavam "desordeiros" e realizavam julgamentos.

No momento em que Sun morreu, Mao despachou seu irmão Tse-min para Cantão a fim de fazer um reconhecimento de suas chances. Tse-tan, o outro irmão, seguiu depois. Em junho, já estava claro que Wang era o novo chefe nacionalista e Mao começou a arrumar suas credenciais, criando seções de base partidária em sua área. A maioria era para os nacionalistas, não para os comunistas. Tendo sido escorraçado da liderança do PCC, ele agora tentava sua sorte com o Partido Nacionalista.

No topo do programa dos nacionalistas estava o "anti-imperialismo". O partido considerava sua principal tarefa a defesa dos interesses da China contra as potências estrangeiras e esse se tornou o tema da atividade de Mao, ainda que fosse muito distante da vida dos camponeses. Não surpreende que a reação tenha sido a indiferença. Um de seus colaboradores registrou em seu diário, em 29 de julho: "Somente um camarada apareceu, os outros não vieram. Assim, a reunião não aconteceu". Alguns dias depois: "A reunião não ocorreu porque poucos camaradas vieram". Uma noite, ele e Mao tiveram de ir de lugar em lugar para reunir as pessoas, de modo que a reunião começou muito tarde e só terminou à uma e quinze da manhã. Mao disse que ia para casa, "pois estava sofrendo de neurastenia e havia falado muito hoje. Disse que não conseguiria dormir aqui [...] Caminhamos por cerca de dois ou três *li* [1-1,5 quilômetro] e simplesmente não conseguimos caminhar mais. Estávamos absolutamente exaustos e então passamos a noite em Riacho Tang".

Mao não organizou nenhuma ação camponesa no estilo de pobres contra ricos. Em parte, porque achava que não fazia sentido. Anteriormente, em 18 de janeiro de 1924, ele dissera a Borodin e outros comunistas:

> Se levarmos nossas lutas contra os grandes senhores de terras, estamos condenados ao fracasso. [Em algumas áreas, alguns comunistas] organizaram primeiro os camponeses analfabetos, depois os levaram a lutar contra os relativamente ricos e grandes donos de terra. Qual foi o resultado? Nossas organizações foram imediatamente quebradas, banidas, e esses camponeses não somente acham que nós não lutamos por seus interesses como nos odeiam, dizendo que, se não os tivéssemos organizado, não teria havido desastres ou infortúnio.
>
> Portanto, até que tenhamos confiança de que nossas bases no campo são fortes [...] não podemos adotar a política de tomar medidas drásticas contra donos de terra relativamente ricos.

Mao estava sendo pragmático. Um comunista de sua área chamado Wang Hsien-tsung organizara camponeses para melhorar a sorte deles na época em que estava em Shaoshan. Acusado de ser bandido, foi preso, torturado e decapitado pela polícia local.

Prudentemente, Mao decidiu ficar longe de tais atividades perigosas e inúteis, mas as autoridades de Hunan ainda o viam com suspeição, pois ele tinha a reputação de ser um grande radical. Naquele verão houve uma seca e, como acontecera várias vezes no passado, os camponeses pobres usaram a força para impedir que os ricos mandassem grãos para vender nas cidades. Mao foi suspeito de agitação. Na capital da província aconteceram também grandes manifestações "anti-imperialistas", após o incidente de 30 de maio em Xangai, quando a polícia britânica matou dez manifestantes no enclave inglês. Embora não desempenhasse nenhum papel nas manifestações de Changsha e estivesse vivendo tranquilamente em sua casa, a quilômetros de distância, acreditou-se que Mao fosse um dos instigadores e essa ideia aparece nos registros do governo americano. O consulado dos Estados Unidos em Changsha enviou um relatório a Washington, escrito pelo presidente da Yale-na-China, sobre "distúrbios bolcheviques" em Changsha em 15 de junho, dizendo que o governador de Hunan havia "recebido uma lista de vinte líderes da agitação, entre eles Mao Tse-tung, conhecido por ser o principal propagandista comunista aqui". Mao era um nome, mesmo para um americano (mais bem informado que de costume).

Um mandado de prisão foi expedido no final de agosto. Mao, que de qualquer modo estava de partida para Cantão, decidiu que era hora de levantar acampamento. Fez isso numa pequena liteira, indo primeiro para Changsha e recomendando aos seus carregadores que, se alguém perguntasse quem era o passageiro, dissessem que levavam um médico. Dias depois, alguns milicianos apareceram em Shaoshan à procura de Mao. Ao verem que ele não estava lá, levaram dinheiro e foram embora, sem causar outros problemas para a família de Mao.

Na véspera de sua partida para Changsha, Mao fez uma caminhada às margens do rio Xiang e escreveu um poema em que olhava para o futuro:

Águias se elevam na longa abóbada,
Peixes descem pelo leito raso do rio,

Sob um céu de gelo, dez mil criaturas competem para impor sua vontade.
Tocado por esta vastidão,
Pergunto à terra ilimitada:
Quem, afinal, será teu senhor?

O faro de Mao não o enganou. Nas duas semanas depois de chegar a Cantão, em setembro de 1925, ganhou um punhado de tarefas importantes do chefe nacionalista. Mao seria o dublê de Wang Ching-wei, como diretor do Departamento de Propaganda e editor do novo periódico do Partido Nacionalista, *Política Semanal*. E, para sublinhar sua importância, também participou do comitê de cinco membros que selecionaria os delegados do segundo congresso do partido, no mês de janeiro seguinte, no qual apresentou um de seus principais relatórios. O papel de Wang na ascensão de Mao é algo que foi diligentemente obscurecido por Pequim, ainda mais porque ele se tornou chefe do governo títere japonês na década de 1940.

A capacidade de Mao de trabalhar a pleno vapor em Cantão se deveu, em considerável medida, à sua descoberta dos comprimidos para dormir. Ele sofria de insônia aguda, o que o deixava num estado de exaustão permanente. Agora, estava livre. Mais tarde, colocaria o inventor do remédio ao lado de Marx.

Em novembro de 1925, enquanto trabalhava para os nacionalistas, Mao expressou pela primeira vez interesse pela questão do campesinato chinês. Em um formulário que preencheu, disse que estava "atualmente dando atenção especial" a essas muitas dezenas de milhões. Em 1º de dezembro, publicou um longo artigo sobre camponeses em um periódico nacionalista e, um mês depois, escreveu outro para o primeiro número da revista nacionalista *Camponeses Chineses*. O novo interesse de Mao não derivava de nenhuma inspiração ou inclinação pessoal, mas vinha nos calcanhares de uma ordem urgente de Moscou, recebida em outubro, instruindo nacionalistas e comunistas a dar prioridade à questão. Os nacionalistas tomaram medidas imediatas.

Foram os russos que primeiro ordenaram ao PCC que desse atenção ao campesinato. Já em maio de 1923, Moscou se referira à "questão dos camponeses" como "centro de todas as nossas políticas", e mandara os revolucionários chineses "levarem adiante a revolução agrária camponesa contra os remanescentes do feudalismo". Isso significava dividir os

camponeses chineses em classes diferentes conforme a riqueza e agitar os pobres contra os ricos. Na época, Mao recebera essa ordem com frieza e, quando suas reservas foram relatadas a Moscou, ele foi destituído de um de seus cargos. A posição de Mao, como Dalin escreveu a Voitinski em março de 1924, era: "Sobre a questão camponesa, a linha de classe deve ser abandonada, não há nada a fazer entre os camponeses pobres e é necessário estabelecer laços com os senhores de terras e *shenshih* [pequena nobreza rural]".

Mas agora Mao mudava conforme o vento dominante, ainda que tivesse problemas com os russos em relação à fraseologia ideológica. Em seus artigos, ele tentara aplicar a "análise de classe" comunista ao campesinato, classificando aqueles que possuíam um pequeno lote de terra de "pequena burguesia" e os lavradores de "proletariado". Uma crítica violenta foi publicada na revista dos agentes soviéticos *Kanton*, que atingia leitores de alto coturno na Rússia — o primeiro dos cerca de quarenta nomes da lista de distribuição era o de Stálin. O crítico Volin, especialista russo em campesinato, acusava Mao de argumentar como se os camponeses vivessem numa sociedade *capitalista*, quando a China estava ainda no estágio *feudal*: "Um erro muito importante salta aos olhos: [...] que a sociedade chinesa, de acordo com Mao, tem uma estrutura capitalista desenvolvida". O artigo de Mao foi considerado "não científico", "indiscriminado" e "excepcionalmente esquemático". Até mesmo seus números básicos estavam errados, de acordo com Volin: ele mencionava uma população de 400 milhões, quando o censo de 1922 mostrava que, na verdade, era de 463 milhões.

Felizmente para Mao, o Partido Nacionalista não exigia padrões tão altos de correção teórica. Em fevereiro de 1926, seu protetor Wang Ching-wei o designou membro fundador do Comitê do Movimento Camponês dos nacionalistas, bem como chefe do Instituto de Treinamento do Movimento Camponês, criado dois anos antes com fundos russos.

Foi só então, quando estava com 32 anos, que Mao — que muitos até hoje julgam ter sido o grande defensor dos camponeses pobres — se interessou por eles. Sob sua direção, o Instituto Camponês produziu agitadores que iam para as aldeias, incitavam os pobres contra os ricos e os organizavam em "associações camponesas". Em Hunan, foram particularmente bem-sucedidos depois de julho, quando o Exército nacionalista ocupou a província. Eles acabavam de começar uma marcha em direção ao norte a

partir de Cantão (conhecida como "Expedição ao Norte") para derrubar o governo de Pequim. Hunan foi o primeiro lugar na rota de 2 mil quilômetros.

O Exército nacionalista era acompanhado por agentes russos. A Rússia também acabara de abrir um consulado em Changsha e sua base da KGB tinha o segundo maior orçamento das catorze bases na China, depois de Xangai. Um missionário americano escreveu em carta enviada de Changsha no final daquele ano: "Temos um cônsul russo [agora]. Não há interesses russos aqui para representar [...] está clara [...] qual é sua finalidade [...] A China pode pagar caro por sua presença cordial". Supervisionadas de perto pelos russos, as novas autoridades nacionalistas de Hunan deram às associações camponesas sua bênção — e fundos — e, no final do ano, elas já se haviam espalhado por boa parte do campo dessa província de 30 milhões de habitantes. A ordem social foi virada de cabeça para baixo.

Naquela época, senhores guerreiros vinham travando guerras esporádicas havia dez anos, e tinham ocorrido mais de quarenta mudanças no governo central desde que o país se tornara uma república, em 1912. Mas eles tratavam de preservar a estrutura social, e a vida continuava como sempre para os civis, desde que não fossem surpreendidos pelo fogo cruzado. Agora, pelo fato de os nacionalistas seguirem instruções russas destinadas a provocar uma revolução de estilo soviético, a ordem social se rompia pela primeira vez.

A violência irrompeu quando os camponeses pobres se apossaram da comida e do dinheiro dos relativamente ricos, e se vingaram. Bandidos e sádicos também se aproveitaram da situação. Em dezembro, o campo de Hunan estava tomado pela violência. Na qualidade de líder do movimento camponês, Mao foi convidado a voltar a sua província natal para dar orientação.

Quando Mao retornou, Changsha era uma cidade mudada. Pelas ruas, vítimas eram obrigadas a desfilar com "orelhas de burro" (uma invenção europeia), em sinal de humilhação, e crianças corriam cantando "abaixo as potências [imperialistas] e eliminem os senhores guerreiros", hino da revolução nacionalista, cantado com a melodia de "Frère Jacques".

Em 20 de dezembro de 1926, cerca de trezentas pessoas lotaram o teatro de lanterna mágica para escutar Mao, que dividiu o palco com um agitador russo chamado Boris Freyer. (Como quase todos os agentes russos na China daquela época, ele depois desapareceu durante os expurgos de Stálin.) Mao não era orador; seu discurso teve duas horas de duração e foi enfadonho. Mas foi moderado. "Ainda não é o momento de derrubar proprietários de terras", disse. "Devemos fazer algumas concessões a eles." No estágio atual, "devemos apenas reduzir aluguéis e taxas de juros, e aumentar os salários dos lavradores". Citando Mao, que teria dito "não estamos preparados para tomar a terra imediatamente", Freyer contou ao órgão controlador russo, o Birô do Extremo Oriente, que o discurso dele estava basicamente "correto", mas inclinado a ser moderado demais.

Embora Mao não tenha tratado da questão da violência, sua abordagem geral não era militante. Pouco depois, ele partiu numa viagem de inspeção do campo de Hunan. No final da excursão, que durou 32 dias, havia sofrido uma mudança dramática. O próprio Mao diria que, antes dessa viagem, seguia uma linha moderada, mas que "depois que permaneci em Hunan por mais de trinta dias, mudei completamente minha atitude". O que realmente aconteceu é que Mao descobriu dentro de si uma paixão pelo banditismo sanguinolento. Esse prazer visceral, que beirava o sadismo, misturou-se à — mas precedeu — sua afinidade com a violência leninista. Mao não chegou à violência pelo caminho da teoria. A propensão veio de seu caráter e teria um impacto profundo em seus futuros métodos de governo.

Como escreveu em seu relatório sobre a viagem, Mao viu que os chefes das associações camponesas de base eram, em sua maioria, "rufiões", ativistas os mais pobres e os mais rudes, e que haviam sido os mais desprezados. Agora, tinham poder. Eles "se tornaram chefes e senhores, e suas mãos transformaram as associações camponesas em algo bastante aterrorizante", escreveu ele. Eles escolhiam suas vítimas arbitrariamente. "Cunharam a frase: 'Quem quer que tenha terra é um tirano, e toda a pequena nobreza é ruim'." Eles

> derrubam os proprietários de terra no chão e pisam neles [...] eles pisoteiam e espezinham as camas de marfim das senhoritas e senhoras. Pegam as pessoas sempre que têm vontade, vestem-nas com umas orelhas de burro compridas e desfilam com elas pelas ruas. Resumindo, eles se entregam a todos os caprichos [...] e realmente criaram terror no campo.

Mao viu que os bandidos adoravam brincar com as vítimas e destruir sua dignidade, como descreveu, com aprovação:

> Um chapéu alto de papel é posto [na vítima] e sobre o chapéu escrevem proprietário tirano fulano de tal ou mau nobre fulano de tal. Depois a pessoa é puxada por uma corda [como se puxa um animal], seguida por uma grande multidão [...] Essa punição faz [as vítimas] tremerem mais. Depois de tal tratamento, essas pessoas estão para sempre destruídas.

A ameaça de incerteza, de angústia, o atraía em particular:

> A associação camponesa é muito inteligente. Eles pegaram um mau senhor e declararam que iriam [fazer o que foi escrito acima] com ele [...] mas decidiram que não fariam naquele dia [...] Aquele mau senhor não sabia quando iria receber esse tratamento, então vivia angustiado todos os dias e jamais conhecia um momento de paz.

Mao ficou muito impressionado com uma arma, a *suo-biao*, uma faca afiada de dois gumes, com um punho longo como de lança: "ela [...] faz todos os tiranos donos de terras e maus nobres tremerem ao vê-la. As autoridades revolucionárias de Hunan deveriam [...] assegurar que cada homem jovem e de meia-idade tenha uma dessas. Não se deve impor limites [ao seu uso]".

Mao viu e ouviu muito sobre brutalidade, e gostou daquilo. No relatório que escreveu depois, em março de 1927, disse sentir "uma espécie de êxtase jamais experimentado antes". Suas descrições da brutalidade exsudavam excitação e fluíam com um aumento súbito de adrenalina. "É maravilhoso! É maravilhoso!", exultava.

Contaram a ele que pessoas haviam sido espancadas até a morte. Quando lhe perguntaram o que fazer — e pela primeira vez a vida e a morte de pessoas dependeram de uma palavra sua —, ele disse: "Um ou dois espancados até a morte, não tem importância". Imediatamente após sua visita, realizou-se um comício na aldeia em que outro homem, acusado de se opor à associação camponesa, foi morto selvagemente.

Antes da chegada de Mao, os líderes do movimento camponês em Hunan haviam tentado diminuir a violência, detendo alguns dos que haviam perpetrado atrocidades. Então, ele mandou soltá-los. Uma revolução não era um jantar festivo, admoestou os chefes locais; ela precisava de violência. "É necessário provocar um [...] reino de terror em cada condado." Os líderes camponeses de Hunan obedeceram.

Em nenhum momento Mao tratou da questão que mais preocupava os

camponeses: a redistribuição da terra. Existia de fato uma necessidade urgente de liderança, pois algumas associações camponesas já haviam começado a fazer suas próprias redistribuições, mudando marcos de limites e queimando documentos de arrendamento de terras. As pessoas apresentaram várias propostas específicas. Mao não. Tudo o que disse sobre terra na reunião do comitê nacionalista que discutia essa questão, em 12 de abril, foi: "O confisco de terras se resume a não pagar aluguel. Não há necessidade de mais do que isso".

O que fascinava Mao era a violência que destruía a ordem social. E foi essa propensão que chamou a atenção de Moscou, pois se adequava ao modelo soviético de revolução social. Mao foi então publicado pela primeira vez no periódico do Comintern, que divulgou seu relatório de Hunan (embora sem assinatura). Ele mostrara que, ainda que vacilasse ideologicamente, seus instintos eram os de um leninista. Alguns outros comunistas — em especial o líder professor Chen, que ficou furioso ao saber das atrocidades da turba e insistiu em que ela deveria ser controlada — não eram, em última análise, comunistas do tipo soviético. Então, mais de dois anos depois de expulsá-lo, o PCC readmitiu Mao no círculo do poder. Em abril de 1927, ele voltou ao Comitê Central, embora apenas na segunda fileira, sem direito a voto (chamado de membro suplente).

Nessa época, Mao tinha como base a cidade de Wuhan, junto ao Yangtze, cerca de trezentos quilômetros a noroeste de Changsha, para onde se mudara com o quartel-general nacionalista, enquanto seu exército avançava para o norte. Destacando-se cada vez mais entre os nacionalistas como supervisor do movimento camponês, ele acelerou o treinamento de agitadores rurais para que disseminassem sua linha violenta pelas novas áreas tomadas pelo Exército. Um texto que Mao selecionou para orientá-los descrevia militantes de uma associação camponesa discutindo maneiras de tratar as vítimas: se fossem "teimosos", "cortaremos seus tendões de Aquiles e arrancaremos suas orelhas". O autor do texto saudava punições como essa, particularmente horrível, com entusiasmo: "Eu estava ouvindo muito absorto, como num estupor alcoólico ou transe. De repente, fui despertado pelos gritos de 'maravilhoso' e eu também não pude deixar de berrar 'maravilhoso!'". Esse relato é extraordinariamente semelhante ao relatório do próprio Mao, tanto em estilo como em linguagem, e há grandes chances de que tenha sido

escrito por ele.

Enquanto a violência aumentava sob a tutela de Mao, o Exército nacionalista voltava-se contra o modelo soviético que seu partido seguia. Uma grande parte desse contingente era de Hunan e os oficiais, que vinham de famílias relativamente prósperas, descobriram que seus pais e parentes estavam sendo presos e maltratados. Mas não eram apenas os ricos que sofriam: os soldados também foram atingidos. O professor Chen relatou ao Comintern em junho: "até o pouco dinheiro enviado para casa pelos soldados comuns foi confiscado", e as tropas ficaram "desagradadas com os excessos", percebendo que sua luta levava o desastre para suas próprias famílias.

Muitos militantes do Partido Nacionalista estavam descontentes com a adoção da linha de Moscou por seus líderes desde o início, quando Sun Yat-sen se aliou aos russos no começo dos anos 1920. A raiva deles chegou ao ponto máximo depois do segundo congresso nacionalista, em janeiro de 1926, quando o muito menor PCC (com bem menos de 10 mil filiados) como que sequestrou os nacionalistas, que tinham várias centenas de milhares de membros. Sob a liderança de Wang Ching-wei, um terço dos 256 delegados era comunista. Outro terço era "de esquerda", entre os quais havia um grande contingente de comunistas enrustidos. Moscou não apenas havia plantado seu cavalo de Troia — o próprio PCC — dentro do Partido Nacionalista, como havia infiltrado um grande número de espiões. Mais de um ano depois, a violência tolerada pelo partido levou muitos nacionalistas proeminentes a pedir um rompimento com o controle de Moscou e com os comunistas chineses.

A crise chegou rapidamente ao auge. Em 6 de abril de 1927, mil quilômetros ao norte, as autoridades de Pequim invadiram instalações russas e apreenderam uma grande quantidade de documentos que revelavam o engajamento de Moscou na ampla subversão destinada a derrubar o governo chinês e substituí-lo por um regime títere. Os documentos mostravam também as conexões secretas dos soviéticos com os comunistas chineses. Um importante líder do PCC chamado Li Ta-chao e cerca de sessenta comunistas chineses foram presos no recinto russo, onde estavam morando.

Li foi logo executado por estrangulamento.

Essa invasão recebeu ampla divulgação, assim como os documentos. A prova da subversão soviética em escala maciça deixou a opinião pública chinesa ultrajada e alarmou as potências ocidentais. Se não tomassem medidas decisivas para se dissociar dos russos e do PCC, os nacionalistas corriam o risco de ser considerados participantes da conspiração para transformar a China em um satélite soviético. Muitos nacionalistas deixariam o partido, o público em geral se afastaria e as potências ocidentais recuariam da decisão de dar apoio total ao regime de Pequim. Foi então que o comandante em chefe do Exército nacionalista, Chiang Kai-shek, entrou em ação. Em 12 de abril, ele deu ordens para "limpar" o Partido Nacionalista da influência comunista e divulgou uma lista de 197 comunistas procurados, encabeçada por Borodin e incluindo Mao Tse-tung.

Chiang Kai-shek, descendente de uma família de comerciantes de sal da província costeira de Zhejiang, nasceu em 1887, seis anos antes de Mao. Conhecido mais tarde no exterior como "Generalíssimo", era militar profissional e tinha uma aparência impassível, distante e fechada. Fizera treinamento no Japão e, em 1923, como chefe do estado-maior nacionalista, chefiara uma missão que fora à União Soviética. Na época, os russos o viam como da "esquerda dos nacionalistas" e "muito próximo de nós", mas sua visita de três meses o tornou profundamente antissoviético, em particular na questão da luta de classes: era profundamente avesso à insistência de Moscou em dividir a sociedade chinesa em classes e fazê-las lutar uma contra a outra.

Mas Chiang não disse uma palavra em público sobre sua verdadeira opinião quando voltou à China. Ao contrário, deu a Borodin a impressão de ser "extremamente amistoso conosco e cheio de entusiasmo". Ele escondeu sua verdadeira posição por um motivo muito simples: os nacionalistas dependiam da assistência militar soviética para conquistar a China. Contudo, ao mesmo tempo que se tornava o segundo homem do Partido Nacionalista, Chiang silenciosamente preparava o terreno para um rompimento e já retirara alguns comunistas de posições-chave em março de 1926. Isso fez com que os russos passassem a conspirar para se verem livres dele. De acordo com um de seus agentes em Cantão, a ideia era "jogar durante algum tempo

e preparar a liquidação desse general [Chiang]". Um ano depois, no início de 1927, Borodin emitiu uma ordem secreta para prender Chiang, mas o plano não se concretizou.

No momento em que o governo de Pequim divulgou os documentos sobre a subversão russa, Chiang entrou em ação. Em 12 de abril, emitiu uma nota que dizia, em resumo: prendam os comunistas. Agiu primeiro em Xangai, que fora o quartel-general do PCC, e onde ele mesmo estava. Os comunistas tinham piquetes armados nessa cidade e Chiang tomou medidas para desarmá-los. Para tanto, recrutou gângsteres para provocar uma briga com os comunistas e assim criar um pretexto para confiscar suas armas. Os baluartes comunistas foram atacados, muitos líderes sindicais foram presos e alguns, fuzilados. As tropas de Chiang abriram fogo com metralhadoras contra uma marcha de protesto. No espaço de poucos dias, houve provavelmente mais de trezentos mortos do lado dos comunistas. Chiang conseguiu destruir a capacidade de atuação pública deles na cidade, mas a liderança do PCC permaneceu, em larga medida, intacta — e, o que é espantoso, Xangai continuou a ser o lugar em que o centro do partido residia e atuava clandestinamente, mesmo em meio ao expurgo. Nos cinco ou seis anos seguintes, *Xangai* tornou-se sinônimo de liderança do PCC (e usamos a palavra nesse sentido).

Depois que Chiang Kai-shek começou a matar comunistas em Xangai, o chefe nacionalista Wang Ching-wei, que estava em Wuhan, distante seiscentos quilômetros para o interior, rompeu com o PCC e se submeteu a ele. A partir de então, Chiang Kai-shek tornou-se o chefe do Partido Nacionalista e iniciou a montagem de um regime que durou 22 anos no continente, até que Mao o expulsou para Taiwan, em 1949.

No caminho do rompimento de Wang, Mao viu-se diante de um dilema. Ele era muito mais apreciado por Wang do que por seus compatriotas comunistas e pela maioria dos russos, e tivera uma ascensão muito maior entre os nacionalistas do que no PCC. Deveria então ficar com Wang? Mais tarde, ele diria dessa época: "Senti-me desolado e, durante algum tempo, não soube o que fazer". Foi nesse estado mental dividido que um dia ele subiu no belo pavilhão da Cegonha Amarela, às margens do rio Yangtze, em Wuhan.

Construído no ano de 223, esse pavilhão era um marco. Dizia a lenda que ali um homem havia outrora acenado para uma cegonha amarela que voava sobre o rio, viajara em suas asas até o Palácio Celestial e jamais retornara. A Cegonha Amarela passou a significar algo que fora embora para sempre. Agora parecia uma metáfora apropriada para tudo o que Mao havia construído para si mesmo no Partido Nacionalista. Foi um dia escurecido por chuva forte. Enquanto estava junto à balaustrada esculpida do pavilhão, olhando através da vastidão do Yangtze, "cercado", como disse em um poema, entre o monte Serpente e o monte Tartaruga, mas estendido até o infinito pelo dilúvio do céu, Mao ponderou suas alternativas. Numa libação tradicional, derramou sua bebida na torrente que corria lá embaixo e terminou seu poema com o verso: "*A maré de meu coração sobe com as ondas poderosas!*".

Mao tentou manter Wang do lado dos comunistas ao repudiar os bandidos das associações camponesas que anteriormente saudara como maravilhosos e fazer deles bodes expiatórios. Em 13 de junho, Wang Ching-wei disse a outros líderes de Wuhan: "Somente depois do relatório do camarada Mao Tse-tung foi que percebemos que as associações camponesas são controladas por gângsteres. Eles não sabem nada sobre os nacionalistas ou os comunistas, só conhecem o negócio de matar e incendiar". A tentativa de Mao de passar a responsabilidade adiante foi inútil. Seu mentor nacionalista já planejava romper com os comunistas e culpá-los por todas as atrocidades no campo. Como defensor mais ativo dessa violência, Mao teve de dizer adeus a Wang e os nacionalistas. Ele já estava na lista dos mais procurados. Mas, além disso, ficar com Wang significaria ter de se transformar em moderado e respeitar a ordem social. Mao não estava preparado para fazer isso, não depois que descobrira seu gosto pela brutalidade na zona rural de Hunan. Quase uma década antes, aos 24 anos, ele expressara seu desejo de uma mudança social violenta e drástica: "o país precisa ser [...] destruído e depois reformado [...] Pessoas como eu anseiam por essa destruição". O modelo soviético adequava-se ao seu impulso.

Pela primeira vez, Mao teve de arriscar o pescoço. Diante da ameaça de prisão de dois anos antes, tivera tempo de chamar uma cadeirinha e partir de forma elegante para Changsha. Mas agora a fuga não seria tão simples. Não havia refúgio seguro e a matança de comunistas já começara. O filho mais velho do professor Chen foi preso e decapitado em 4 de julho. Até o final do

ano, depois que eles mesmos fizeram revoltas violentas e acabaram com muitas vidas, dezenas de milhares de comunistas e suspeitos foram massacrados. Qualquer um podia ser preso e morto simplesmente sob a acusação de ser comunista. Muitos morreram proclamando sua fé, alguns gritando slogans, outros cantando "A Internacional". Os jornais saudavam as execuções com manchetes impiedosas.

Primeiro, Mao teve de garantir sua segurança pessoal. Depois, decidiu usar o PCC e os russos para seus próprios fins. Essa decisão, tomada no verão de 1927, quando estava com 33 anos, marcou sua maturidade política.

PARTE II
A longa marcha para a supremacia dentro do partido

5. O sequestro de uma força comunista e a tomada da terra dos bandidos (1927-28; 33-34 anos)

Em abril de 1927, quando Chiang Kai-shek rompeu com os comunistas, Stálin já se tornara o líder do Kremlin e ditava pessoalmente a política para a China. Sua reação ao rompimento foi mandar o PCC formar sem demora seu próprio exército e ocupar território, com a meta de longo prazo de conquistar a China pela força das armas.

A opção militarista — o uso da força para levar os comunistas chineses ao poder — era o método preferido de Moscou desde a criação do Comintern, em 1919. Enquanto os nacionalistas estavam no jogo, a estratégia de Moscou fora infiltrar os membros do PCC nas Forças Armadas nacionalistas e subvertê-las. Com o rompimento, Stálin ordenou que os comunistas pegassem aquelas unidades que podiam controlar e "formassem alguns corpos novos".

Stálin enviou à China Beso Lominadze, seu compatriota georgiano de confiança. Jan Berzin, chefe do GRU, o departamento geral de espionagem, escreveu ao comissário da Guerra, Kliment Vorochílov, que presidia a Comissão da China em Moscou, que agora a maior prioridade na China era criar um exército vermelho. Montou-se na Rússia um enorme sistema secreto de apoio e assessoria militar para os comunistas chineses. O GRU tinha homens em todas as principais cidades chinesas, fornecendo armas, fundos e remédios, além de informações muitas vezes essenciais para a sobrevivência do PCC. Moscou mandou também agentes de alto nível ao país para orientar as operações militares do partido, ao mesmo tempo que expandia em larga escala o treinamento militar para os quadros do PCC na Rússia.

O plano imediato, projetado em Moscou, era que as unidades comunistas saíssem do Exército nacionalista, avançassem para a costa sul a fim de coletar

as armas enviadas da Rússia por navio e montassem uma base. Ao mesmo tempo, foram ordenadas revoltas camponesas em Hunan e três províncias vizinhas onde houvera organizações camponesas militantes, com o objetivo de tomar o poder nessas regiões.

Mao concordava com a abordagem militar. Em 7 de agosto de 1927, numa reunião de emergência do partido presidida por Lominadze, disse: "O poder vem do cano da arma" (frase que depois ganhou fama internacional). Mas, dentro desse plano amplo, Mao tinha sua própria agenda — comandar tanto a arma como o partido. Seu plano era montar o próprio exército, cavar seu próprio território e negociar com Moscou e Xangai a partir de uma posição de força. A posse de um feudo próprio lhe asseguraria a sobrevivência física. Mas, claro, continuaria no partido, pois a associação com a Rússia era sua única chance de conseguir ser mais do que um mero bandido.

A essa altura, o professor Chen acabara de ser demitido da chefia do partido por Lominadze e transformado no bode expiatório do rompimento dos nacionalistas. Seu substituto foi um jovem chamado Chu Chiu-pai, cuja principal qualificação era sua proximidade com os russos. Mao foi então promovido do Comitê Central para o Politburo, embora ainda fosse um membro de segundo escalão.

Foi então que ele tomou uma série de medidas que o levariam ao topo da escada comunista, nos próximos quatro anos. No verão de 1927, não tinha a seu serviço homens armados nem detinha comando militar, de modo que decidiu obter uma força militar apossando-se de tropas organizadas por outros comunistas.

Na época, a principal força que os comunistas conseguiram tirar do Exército nacionalista consistia em 20 mil soldados estacionados em Nanchang e ao redor da cidade, capital da província de Jiangxi, cerca de 250 quilômetros a sudeste de Wuhan e trezentos quilômetros a leste de Changsha. Essas tropas não tinham nada a ver com Mao. Em 1º de agosto, elas se amotinaram, seguindo instruções de Moscou. O principal organizador do motim foi Chou En-lai, o homem do partido designado para dirigir os militares, com supervisão imediata do assessor russo Kumánin.[a] Depois, eles se dirigiram diretamente para Swatow (Shantou), na costa, seiscentos quilômetros ao sul, onde os russos deveriam entregar as armas.

Mao decidiu se apropriar de alguns desses homens. No caminho para a costa, eles deveriam passar perto do sul de Hunan. Nos primeiros dias de agosto, ele propôs à liderança do PCC fazer uma revolta de camponeses nessa região, para criar o que ele chamou de uma grande base vermelha, cobrindo "pelo menos cinco condados". Na verdade, Mao não tinha intenção de tentar começar tal revolta. Ele jamais organizara algo parecido, nem achava que pudesse ser feito (a violência camponesa anterior em Hunan fora levada a cabo sob a proteção do então governo radical). O único objetivo da proposta era preparar o terreno para seu pedido seguinte: que um grande contingente dos amotinados viesse em sua ajuda no caminho para a costa. Sem perceber que essa iniciativa era apenas um estratagema para pescar soldados, Xangai aprovou o plano de Mao.

Os líderes da "revolta" de Hunan deveriam encontrar-se em 15 de agosto no consulado russo de Changsha para dar início à ação. Mas Mao não apareceu, embora estivesse nos arredores da cidade. Como era o encarregado da missão, a reunião teve de ser adiada para o dia seguinte, e de novo ele não apareceu. Mao só deu as caras no dia 18, quando se instalou no consulado, por razões de segurança. Para seus camaradas irritados e frustrados, deu a desculpa de que andara fazendo "investigações sobre o campesinato".

Mao escondeu o verdadeiro motivo de sua ausência de quatro dias: ganhar tempo para ver o desempenho dos amotinados, e se ainda passariam no sul de Hunan e estariam à sua disposição. Se assim não fosse, ele não tinha intenção de ir para o sul da província.

Os amotinados haviam tido um mau começo. Três dias depois de partir de Nanchang, um terço deles já desertara; muitos outros morreram ao beber água suja de arrozais, nas temperaturas úmidas de mais de trinta graus. Os sobreviventes já tinham perdido quase a metade da munição. As fileiras minguantes estavam lutando apenas para sobreviver e chegar à costa, e as chances de alguém fazer um desvio para ajudar a insurreição camponesa eram nulas.

Assim, quando chegou finalmente ao consulado russo, Mao pediu aos camaradas que cancelassem os planos para o levante no sul de Hunan, embora se tratasse de uma proposta sua. Insistiu então em que atacassem apenas Changsha, a capital da província, argumentando que deveriam "restringir o plano da revolta".

O objetivo desse novo plano era exatamente o mesmo do anterior — apropriar-se de alguns dos homens armados. Àquela altura, as únicas forças comunistas próximas estavam nos arredores de Changsha e consistiam em três grupos: militantes camponeses com armas tomadas da polícia, mineiros desempregados e guardas da mina de Anyuan, que fora fechada, e uma unidade de exército que ficara em dificuldades a caminho de unir-se aos amotinados de Nanchang. Juntos, totalizavam alguns milhares. O motivo de Mao defender um ataque a Changsha era que essas forças estariam dispostas para a ação e ele poderia manobrar para se tornar seu chefe.

O estratagema deu certo. A proposta de Mao foi aprovada e ele foi posto no controle ao ser designado chefe de um "comitê do front". Isso fez dele o representante do partido no local da ação e, assim, o homem com a palavra final, na ausência de uma autoridade maior. Mao não tinha treinamento militar, mas se esforçou para obter o posto encenando um show de entusiasmo pelas ordens de Moscou diante dos dois russos que comandavam a reunião. "A última ordem do Comintern" sobre revoltas foi tão brilhante, disse Mao, "que me fez pular de alegria trezentas vezes".

A medida seguinte de Mao era *evitar* que as tropas fossem de fato para Changsha e reuni-las em um lugar onde pudesse sequestrá-las. Esse lugar tinha de ser suficientemente distante de Changsha para que nenhum outro representante do partido ou russo pudesse chegar lá com facilidade. Essas forças não possuíam comunicação por rádio ou telefone.

Em 31 de agosto, Mao saiu do consulado russo dizendo que ia se reunir às tropas, mas, em vez disso, foi para uma vila chamada Wenjiashi, cem quilômetros a leste de Changsha, e ali ficou. Em 11 de setembro, dia marcado para o início da ação, ele não estava com as tropas, mas em Wenjiashi. No dia 14, antes que os soldados chegassem a algum lugar perto de Changsha ou sofressem derrotas sérias, ordenou que abandonassem a marcha e convergissem para onde ele estava. Em consequência, a organização do partido em Changsha teve de abortar todo o plano no dia seguinte. Maier, o secretário do consulado soviético, referiu-se ao recuo como "a mais desprezível traição e covardia". Moscou chamou o caso de "uma brincadeira de revolta". Ao que parece, eles não perceberam que Mao havia montado tudo somente para desviar as unidades armadas.

A operação aparece nos livros de história com o nome de "Levante da Colheita de Outono", retratada como uma revolta camponesa liderada por

Mao. É o momento fundador do mito internacional de Mao como líder camponês e uma das grandes fraudes da sua carreira (para encobri-la, ele iria tecer uma elaborada mentira para seu porta-voz americano Edgar Snow). O "levante" não só não foi um empreendimento camponês autêntico, como Mao não esteve envolvido em nenhuma ação[b] — e, na verdade, sabotou-as.

Mas ele conseguiu o que queria — o controle sobre uma força armada de cerca de 1500 homens. A aproximadamente 170 quilômetros ao sul de Wenjiashi encontrava-se a cordilheira de Jinggang, região tradicional de bandoleiros. Mao decidira fazer dela sua base de operações. A falta de estradas adequadas significava que muitas das áreas montanhosas da China estavam, em larga medida, fora do alcance das autoridades. Esse lugar em particular tinha mais uma vantagem: ficava na fronteira entre duas províncias e, assim, estava longe do controle de ambas.

Mao tinha uma ligação com um proscrito bem-sucedido na área, Yuan Wencai. Yuan e seu sócio Wang Zuo tinham um exército de quinhentos homens e controlavam boa parte do condado de Ninggang, que tinha uma população de 130 mil habitantes. Eles viviam de coletar aluguéis e impostos da população local.

Mao previu os problemas que poderia ter ao fazer os comandantes da força que sequestrara seguirem para a região dos bandidos sem ordens explícitas do partido. Por isso, em Wenjiashi, procurou alguns homens que já conhecia e obteve o apoio deles, antes de convocar uma reunião dos comandantes, em 19 de setembro. Fez arranjos para que seus partidários servissem chá e cigarros, de tal modo que pudessem entrar na sala e ficar de olho. A discussão foi feroz — o principal comandante exigia que prosseguissem com o plano de ir para Changsha. Mas Mao era o único líder do partido presente (os outros e os russos estavam a cem quilômetros, em Changsha) e ele venceu. A força partiu para a montanha Jinggang. De início, Mao era tão estranho aos soldados que alguns acharam que ele fosse um morador local e tentaram obrigá-lo a carregar armas.

Mao estava vestido como um professor rural, com uma longa bata azul e um rústico lenço de algodão ao redor do pescoço. Ao longo do caminho, conversou com os soldados, avaliando a condição deles e suas forças — "como se avaliasse o tesouro de uma família", relembrou um soldado.

Quando Mao contou pela primeira vez às tropas que estavam prestes a se tornar "senhores das montanhas" — bandoleiros —, os soldados ficaram

pasmos. Aquele não era o motivo da adesão deles a uma revolução comunista. Mas, falando em nome do partido, ele lhes assegurou que seriam bandidos especiais — parte de uma revolução internacional. O banditismo era também a melhor chance deles, argumentou: "Os senhores da montanha jamais foram aniquilados, muito menos nós".

Ainda assim, muitos ficaram deprimidos. Estavam exaustos, e casos de malária, pernas supuradas e disenteria eram frequentes. Sempre que paravam, eram engolfados pelo próprio fedor, tão forte que podia ser sentido a dois quilômetros de distância. Os doentes e feridos deitavam na relva e, muitas vezes, não voltavam a levantar. Muitos desertaram. Sabendo que não podia forçar seus homens a ficar, Mao permitiu aos que quisessem que fossem embora, sem as armas. Dois dos altos comandantes optaram por partir e foram para Xangai. Ambos passaram depois para o lado dos nacionalistas. Quando chegou ao território dos bandidos, Mao contava com apenas seiscentos homens, tendo perdido mais da metade de suas forças em duas semanas. Entre os que ficaram, a maioria o fez porque não tinha alternativa. Eles se tornaram o núcleo a partir do qual a força de Mao cresceu — o que mais tarde ele chamaria de "única fagulha que começou um incêndio na pradaria".

Ao chegar ao território dos bandoleiros, no início de outubro, o primeiro passo de Mao foi visitar Yuan, acompanhado apenas por poucos soldados, para tranquilizar o chefe dos bandidos. Yuan tinha alguns homens armados escondidos nas proximidades, para o caso de Mao trazer tropas. Achando que Mao não representava uma ameaça, Yuan mandou matar um porco para um banquete e eles se sentaram a beber chá e petiscar amendoins e sementes de melão.

Mao conseguiu convencê-lo de que estava apenas fazendo uma pausa no caminho para a costa, onde se reuniria aos amotinados de Nanchang. Fez-se um trato. Mao poderia ficar temporariamente e alimentaria suas tropas fazendo expedições de saque. Mas, de início, ficariam aos cuidados dos bandoleiros.

Em fevereiro de 1928, quatro meses depois, Mao já se tornara senhor de seus anfitriões. A cena final dessa tomada do poder aconteceu depois que seus homens capturaram a capital do condado de Ninggang das mãos do

governo, no dia 18 de fevereiro, naquilo que foi, pelos padrões dos bandidos, uma considerável vitória militar. Foi também a primeira batalha em que Mao esteve envolvido no comando — observando com binóculos de um morro do lado oposto.

Três dias depois, ele realizou uma assembleia pública de uma multidão organizada de milhares de pessoas para celebrar a vitória. O clímax foi o assassinato do chefe do condado, que acabara de ser capturado. Uma testemunha ocular descreveu a cena (em termos cautelosos, pois estava contando a história sob o regime comunista): "Uma moldura de madeira em forma de garfo foi enfiada no chão [...] na qual Chang Kai-yang [o chefe do condado] estava amarrado. O lugar todo estava cercado por cordas que iam de um poste de madeira a outro, para pendurar cartazes. As pessoas enfiaram suas lanças (*suo-biao)* nele e o mataram desse jeito [...] O comissário Mao falou no comício". Mao já manifestara um carinho especial por essa arma, a *suo-biao*. Agora, diante de seus olhos, ela tirava a vida do chefe do condado.

As execuções públicas tornaram-se um traço da vida local desde a chegada de Mao e ele demonstrou uma inclinação por mortes lentas. Em um desses comícios, montado para celebrar uma expedição de saque na época do ano-novo chinês de 1928, ele escreveu versos em folhas de papel vermelho, que foram coladas nas colunas de madeira de ambos os lados do palco. Diziam eles:

Vejam-nos matar os maus proprietários hoje.
Não estão com medo?
É faca cortando faca.

Mao falou no comício e depois um proprietário local chamado Kuo Wei-chien foi morto de acordo com as prescrições da poesia.

Ele não inventou a execução pública, mas acrescentou a essa horrível tradição uma dimensão moderna, comícios organizados, e desse modo tornou compulsória a presença de grande parte da população. Ser coagidos a entrar na multidão, incapazes de ir embora, forçados a ver gente ser morta desse modo sangrento e torturante, escutar seus gritos, tudo isso inculcava um medo profundo nos presentes.

Os bandidos tradicionais não estavam à altura de Mao e seu terror orquestrado, que até a eles assustava. Yuan e Zuo se submeteram à sua

autoridade; logo depois disso, permitiram que seus homens e eles mesmos formassem regimentos sob seu comando. O banditismo de Mao havia superado o dos próprios bandidos.

Assim que chegara ao território dos bandoleiros, Mao tinha enviado um mensageiro ao quartel-general do partido, em Changsha. Estabeleceu-se o contato dentro de poucos dias, em outubro de 1927, quando Xangai já havia recebido relatórios sobre os eventos em torno do Levante da Colheita de Outono. O que não podia ser escondido era que Mao havia abortado a aventura e depois partira com as tropas sem autorização. Xangai convocou Mao (e outros) para discutir o fiasco. Mao ignorou os chamados e, em 14 de novembro, foi expulso de seus cargos no PCC.

O partido fez um esforço decidido para se livrar dele. Em 31 de dezembro, Xangai disse a Hunan que "o centro" considerou que "o [...] exército liderado pelo camarada Mao Tse-tung [...] cometeu erros políticos extremamente graves. O centro ordena [que vocês] mandem um camarada experiente até lá, com as resoluções [expulsando Mao] [...] para convocar um congresso dos camaradas do exército [...] para reformar a organização do partido lá". Prevendo claramente problemas com Mao, a mensagem acrescentava: "Designem um camarada trabalhador esperto e corajoso para ser o representante do partido".

A bandeira do PCC era fundamental para Mao, pois ele possuía pouco magnetismo pessoal. Sua solução para a ordem do partido foi simples: evitar que a notícia de sua expulsão chegasse aos seus homens.

Uma semana depois da emissão da ordem de Xangai, todo o comitê de Hunan foi convenientemente — pode-se dizer suspeitosamente — preso pelos nacionalistas. Os soldados de Mao não ficaram sabendo que o partido o desautorizara. Foi somente em março de 1928 que o primeiro enviado do partido conseguiu aparecer na base de Mao, trazendo a mensagem que o expulsava. Mas Mao foi mais esperto, fazendo com que o enviado entregasse a mensagem apenas para alguns lacaios escolhidos a dedo e depois fingindo se submeter, ao renunciar a seu posto no partido, que passou para um coadjuvante. Ele concedeu a si mesmo um título novo, de comandante de divisão, e continuou a controlar o Exército.

A região dos bandoleiros constituía uma base ideal, bem suprida de alimentos. As montanhas, embora não ultrapassassem 995 metros de altitude, davam excelente segurança, pois eram escarpadas, cercadas por precipícios, com florestas densas de abetos e bambus permanentemente envoltas em névoa e cheias de macacos, porcos selvagens, tigres e todo tipo de serpentes venenosas. Era fácil de defender e de sair numa emergência, pois havia caminhos escondidos que levavam a duas províncias — trilhas estreitas de barro, sob vegetação densa, impossíveis de serem vistas por estranhos. Para os fora da lei, era um refúgio seguro.

Mao e suas tropas viviam da pilhagem de condados vizinhos e, às vezes, mais distantes. Essas incursões eram chamadas, de forma empolada, de *da tu-hao* (literalmente "esmagar os tiranos donos de terras"). Na verdade, eram ataques clássicos e indiscriminados de bandoleiros. Mao disse aos soldados: "Se as massas não compreendem o que 'tiranos donos de terras' significa, vocês podem dizer que significa 'endinheirados' ou 'ricos'". O termo "rico" era muito relativo e podia significar uma família com duas dezenas de litros de óleo de cozinha, ou algumas galinhas. "Esmagar" cobria uma gama de atividades que ia do simples roubo e resgate ao assassinato.

Essas incursões ganhavam com frequência manchetes na imprensa e aumentaram muito a fama de Mao. Foi então que ele ganhou notoriedade como um importante chefe de bandoleiros.

Mas suas atividades desse gênero granjearam-lhe pouco apoio dos moradores locais. Um soldado vermelho relembrou como era difícil persuadir a população a ajudá-los a identificar os ricos, ou participar de um ataque, ou mesmo compartilhar o butim. Outro descreveu a experiência de uma noite:

> Nós geralmente cercávamos a casa do tirano dono de terras, pegando-o primeiro e depois confiscando coisas. Mas daquela vez, assim que invadimos, soaram gongos de repente [...] e várias centenas de inimigos [aldeões] surgiram [...] eles tomaram cerca de quarenta de nossos homens, os trancaram no templo do clã [...] os espancaram e amarraram, e as mulheres os pisotearam. Os barris de grãos foram colocados em cima deles, com grandes pedras em cima. Eles foram tão torturados.

Embora Mao sustentasse que havia uma razão ideológica — lutar contra as classes exploradoras —, o fato de suas incursões serem praticamente

indistintas do comportamento tradicional dos bandidos constituía uma fonte permanente de descontentamento em suas próprias fileiras, em particular entre os comandantes militares. Em dezembro de 1927, o principal comandante, Chen Hao, tentou afastar as tropas durante uma expedição de pilhagem. Mao correu até a cena com um grupo de partidários, prendeu Chen e depois o executou diante de toda a força. Mao quase perdeu seu exército. No espaço de poucos meses, todos os principais oficiais o abandonaram.

Para agradar as tropas, ele montou "comitês de soldados" a fim de satisfazer o desejo deles de opinar sobre o produto dos saques. Ao mesmo tempo, formaram-se células secretas do partido, que respondiam apenas a Mao. Até mesmo superiores militares não sabiam quem era membro do partido, o que o equiparava a uma organização secreta. Desse modo, Mao usou o mecanismo de controle do comunismo, bem como seu nome, para manter o controle do Exército.

Mas seu controle estava longe de ser blindado e ele mesmo não era certamente popular. Mao jamais podia relaxar a vigilância quanto à sua segurança pessoal e foi a partir de então que começou a aperfeiçoar as medidas de segurança que se transformaram mais tarde num sistema realmente impressionante, ainda que, em larga medida, invisível. Para começar, tinha cerca de cem guardas, e esse número cresceu. Escolheu várias casas na região dos bandidos e as mantinha totalmente aparelhadas para a segurança. As casas tinham sempre rotas de fuga, como um buraco na parede, geralmente nos fundos, na direção das montanhas. Mais tarde, durante a Longa Marcha, mesmo quando ele estava em movimento, a maioria de suas casas tinha uma característica notável: uma saída especial que dava para uma rota de fuga de emergência.

Mao vivia com estilo. Uma residência, chamada de Pavilhão Octogonal, era de grande distinção arquitetônica. A espaçosa parte principal, que se abria para um grande pátio ao lado de um rio, tinha um teto composto de três camadas de painéis de madeira octogonais formando uma espiral até um pequeno teto de vidro, como um pagode coberto de vidro. Pertencera a um médico local, que foi removido para um canto do pátio, mas continuou a praticar a medicina — o que era muito conveniente para Mao, pois ele nunca estava completamente livre de uma doença ou outra.

Outra casa magnífica que ocupou, na grande cidade de Longshi, também

era de um médico. Tinha uma beleza estranha, que revelava a antiga prosperidade da cidade. A enorme residência era metade uma vila europeia de alvenaria, com uma elegante *loggia* acima de uma fileira de arcos românicos, e metade uma mansão chinesa de tijolos e madeira, com camadas de beirais revirados e delicadas janelas de treliça. As duas partes eram unidas por uma entrada octogonal.

O quartel-general de Mao em Longshi era uma esplêndida mansão de dois andares, em um terreno de 2 mil metros quadrados, outrora a melhor escola para meninos de três condados — até Mao chegar. Todo o andar de cima era aberto em três lados e dava para uma vista de rios e nuvens. Fora projetado para que os alunos gozassem da brisa nos dias quentes de verão. A ocupação desse prédio por Mao estabeleceria um padrão. Aonde quer que ele fosse, escolas, templos de clãs e igrejas católicas (com frequência, as construções mais sólidas na remota China rural) eram confiscados. Eram os únicos prédios suficientemente grandes para reuniões, além de serem os melhores. As aulas, naturalmente, eram suspensas.

Durante toda a sua estada na terra sem lei, que durou quinze meses, Mao se aventurou nas montanhas apenas três vezes, por um período total de menos de um mês. E, quando o fez, não viajou exatamente com dificuldade. Durante a visita a um chefe bandoleiro chamado Zuo, ficou numa magnífica mansão branca, conhecida como a Casa Branca, que fora de um comerciante de madeiras de Cantão. Foi recebido com prodigalidade, com porcos e ovelhas mortos em sua honra.

Os contornos do estilo de vida futuro de Mao no poder já se anunciavam. Contava com um considerável staff pessoal, que incluía um superintendente, um cozinheiro, um ajudante de cozinha com a missão especial de levar-lhe água, um cavalariço que cuidava de um cavalo pequeno para seu senhor, e secretários. Uma "tarefa especial" do menino de recados era mantê-lo abastecido com a marca certa de cigarros de Longshi. Outro ajudante pegava jornais e livros sempre que eles tomavam uma cidade ou saqueavam uma casa rica.

Mao conseguiu também uma esposa — a terceira —, praticamente logo depois que se estabeleceu na terra dos bandidos. Bonita, de olhos grandes, maçãs do rosto pronunciadas, rosto amendoado e corpo esguio, Gui-yuan acabara de fazer dezoito anos quando conheceu Mao. Vinha do rico condado de Yongxin, no sopé da montanha, e seus pais, que possuíam uma casa de

chá, tinham lhe dado esse nome (*Gui*: flor-do-imperador, e *yuan*: redonda) porque ela nasceu numa noite de outono, quando a Lua cheia brilhava acima de um pé de flor-do-imperador florido. Ela havia frequentado uma escola missionária dirigida por duas senhoras finlandesas, mas não ficara contente de receber uma formação de dama. Seu temperamento inquieto e impetuoso rejeitava a vida claustrofóbica tradicional prescrita para as mulheres e ansiava por um mundo mais amplo, divertimento e alguma ação. Assim, na atmosfera agitada da entrada do exército da Expedição ao Norte em sua cidade, no verão de 1926, ela entrou para o Partido Comunista. Logo estava fazendo discursos em público, saudando os soldados. Com apenas dezesseis anos, foi designada para chefiar o Departamento Feminino do novo governo de todo o condado, e estreou no novo cargo cortando seus longos cabelos, um ato que ainda era revolucionário e surpreendente.

Um ano mais tarde, após o rompimento de Chiang Kai-shek, comunistas e ativistas estavam em fuga, inclusive os pais dela e uma irmã mais moça, que também entrara para o partido. Seu irmão mais velho, também comunista, foi jogado na prisão com muitos outros, mas o proscrito Yuan era seu amigo e ajudou-o a fugir da cadeia. Gui-yuan e o irmão escaparam com os fora da lei e ela ficou muito amiga da mulher de Yuan. Zuo, o outro bandoleiro, que tinha três mulheres, deu-lhe uma pistola Mauser.

Quando Mao chegou, Yuan designou-a para ser sua intérprete, pois Mao não falava o dialeto local, e nunca o aprendeu. Tal como em suas peregrinações posteriores, ele tinha de se comunicar com os habitantes locais por intermédio de um intérprete.

Mao logo começou a cortejá-la e, no início de 1928, eles se "casaram" — sem nenhuma cerimônia oficial, mas com um banquete suntuoso preparado pela sra. Yuan. Isso aconteceu pouco mais de quatro meses após Mao ter deixado Kai-hui, a mãe de seus três filhos, em agosto. Ele escrevera para ela apenas uma vez, mencionando que estava com um problema no pé. A partir de seu novo casamento, abandonou a família.

Ao contrário de Kai-hui, que estava loucamente apaixonada por ele, Gui-yuan casou-se com relutância. Sendo uma linda mulher no meio de uma multidão de homens, tinha muitos pretendentes e o considerava, aos 34 anos, "velho demais" e "indigno" dela, como disse a uma amiga íntima. O irmão mais moço de Mao, Tse-tan, bonito e jovial, também estava de olho nela. "Meu irmão tem uma esposa", disse ele. "Estaria melhor comigo." Ela

escolheu o Mao mais velho porque sentiu a "necessidade de proteção política naquele ambiente", como confessou mais tarde.

Em um mundo de poucas mulheres e muitos homens sexualmente frustrados, a relação dos dois provocou fofocas. Mao foi cauteloso: ele e Gui-yuan evitavam aparecer juntos em público. Quando o casal passava pelo prédio que abrigava soldados feridos, ele pedia que Gui-yuan andasse afastada dele.

No final de um ano de casamento, Gui-yuan resolveu deixar Mao. Ela confidenciou a uma amiga que não tivera sorte ao casar com ele e achava que havia "feito um grande sacrifício" ao fazê-lo. Quando Mao decidiu partir da região dos bandoleiros, em janeiro de 1929, ela tentou desesperadamente ficar para trás. Gui-yuan talvez estivesse pensando em mais do que deixar Mao. Fora engolfada por um redemoinho ainda adolescente e agora seu desejo de ir embora era tão forte que estava disposta a correr o risco de ser capturada pelos nacionalistas. Porém, Mao mandou que a trouxessem "a qualquer custo". Ela chorou durante todo o caminho, ficando para trás várias vezes, mas sempre foi apanhada pelos guardas de Mao.

A situação de Mao em relação ao partido começou a mudar em abril de 1928, quando milhares de homens, os amotinados sobreviventes de Nanchang, as tropas que ele tentara conquistar desde o início, buscaram refúgio em sua base. Era uma força derrotada cujas fileiras muito depauperadas haviam sido esmagadas na costa sul no mês de outubro anterior, quando os russos deixaram de entregar as armas prometidas. Os remanescentes haviam sido reunidos por Zhu De, um oficial de 41 anos que fora soldado profissional, com a patente de brigadeiro, e que figurava como veterano entre os comunistas, cuja maioria tinha entre vinte e trinta anos. Ele estivera na Alemanha e entrara para o partido antes de ir para a Rússia, onde teve treinamento militar especial. Era um homem alegre e se dava bem com os soldados, misturava-se facilmente com seus comandados, comia e marchava ao lado deles, carregava mochila e armas como todos, usava sandálias de palha e levava um chapéu de bambu nas costas. Era visto constantemente na frente de luta.

Mao sempre cobiçara os amotinados de Nanchang e, ao chegar a Jinggang, mandara uma mensagem a Zhu instando-o a se unir a ele, mas o oficial não

aceitara. Xangai tinha dado ordens para iniciar levantes no sudeste de Hunan por volta do ano-novo de 1928 e Zhu, como membro obediente do partido, seguira as instruções. As revoltas fracassaram totalmente, graças à completa absurdidade e brutalidade das táticas de Moscou. De acordo com um relatório da época, a orientação era "matar todos os inimigos de classe e queimar e destruir suas casas". O slogan era "Queimar, queimar, queimar! Matar, matar, matar!". Quem não estivesse disposto a matar e incendiar era chamado de "lacaio da aristocracia [que] merece ser morto".

Seguindo essa política, os homens de Zhu arrasaram duas cidades inteiras, Chenzhou e Leiyang.[c] O resultado foi o fomento de uma revolta verdadeira — contra os comunistas. Um dia, em um comício realizado para forçar os camponeses a queimar e matar mais, estes se revoltaram e mataram os comunistas presentes. Em aldeia após aldeia e cidade após cidade em que os homens de Zhu estiveram presentes, surgiram rebeliões contra os vermelhos. Os camponeses massacraram membros da base do partido, rasgaram os lenços vermelhos que lhes haviam mandado usar e passaram a usar lenços brancos, para demonstrar sua adesão aos nacionalistas.

Quando as tropas nacionalistas começaram a pressionar, Zhu teve de fugir e milhares de civis o seguiram: as famílias dos ativistas que haviam queimado e matado, que não tinham para onde ir. Era essa a intenção de Moscou: os camponeses deviam ser coagidos a fazer coisas que não deixavam aberto o caminho de volta para a vida normal. O partido decretara que a fim de "forçá-los a entrar para a revolução, só há uma maneira: usar o terror vermelho para incitá-los a fazer coisas que os deixem sem chance de realizar acordos depois com a aristocracia e a burguesia". Um homem de Leiyang relembrou: "Eu havia suprimido [isto é, matado] contrarrevolucionários, então não podia viver em paz agora. Tive de ir até o fim [...] Então queimei minha própria casa com minhas próprias mãos [...] e parti [com Zhu]".

Depois que essas pessoas partiram, o ciclo de vingança e represália provocou mais baixas — entre elas, uma jovem mulher que fora adotada pela mãe de Mao, chamada Irmã Crisântemo. Ela seguira o exemplo de Mao, entrara para o partido, se casara com um comunista e tinha um filho pequeno. Embora seja provável que ela e o marido não apoiassem a matança realizada pelos comunistas, ele foi executado depois que o exército de Zhu partiu de Leiyang e sua cabeça foi exibida em uma gaiola de madeira nos muros da cidade. Irmã Crisântemo foi aprisionada. Ela queria abjurar, mas

seus captores não lhe deram permissão para isso. Ela escreveu a um parente contando que lhe fizeram "sofrer todas as dores que jamais imaginara que existissem" e ansiava pela morte: "Desejo morrer e não ser mais torturada [...] Seria um grande alívio deixar este mundo. Mas meu pobre [bebê], é tão doloroso pensar nele. Eu tinha tantos planos para sua criação. Nunca sonhei que tudo isso iria acontecer [...] Meu bebê não deve me culpar". Mais tarde, Irmã Crisântemo foi executada.

Zhu chegou como um homem derrotado, enquanto Mao podia se apresentar como a pessoa que havia, na verdade, salvado o que era o maior destacamento de tropas comunistas ainda em funcionamento num momento em que outras bases vermelhas estavam ruindo. Todas as revoltas que os russos haviam ordenado nos últimos meses tinham fracassado. A base vermelha mais famosa, Hailufeng, na costa meridional, caiu no final de fevereiro de 1928. Durante os dois meses de sua existência, a área, chamada de "Pequena Moscou" — havia até uma "Praça Vermelha", com um portão copiado do Kremlin — se tornou um território de carnificina, sob a liderança de Peng Pai, um homem com sede de sangue.[d] Mais de 10 mil pessoas foram massacradas: "Aldeias reacionárias foram totalmente arrasadas".

Essas áreas fracassadas levaram a cabo matanças e incêndios numa escala muito maior do que os de Mao. Ele não era um fanático e impedia seus homens de queimar igrejas católicas (que costumavam ser as melhores construções da zona rural) e casas boas, dizendo-lhes para conservá-las para uso próprio. Matar servia a seus propósitos, mas isso não deveria pôr em risco seus interesses políticos mais amplos.

Quando Zhu De fugiu na direção de Mao, Moscou já começara a deter "pogroms e matanças sem sentido e desordenadas", que chamou, com a inclinação dos comunistas para o jargão, de "ativismo cego" e "matança-e-queimadismo".[e] Xangai ordenou que a matança fosse mais seletiva. Era exatamente o que Mao vinha fazendo. Ele apareceu como sagaz e prudente, e isso o levou de volta ao jogo — e às boas graças do partido. E de Stálin também. Até a desobediência de Mao ao partido apresentava agora um outro lado, na medida em que Stálin precisava muito de um vencedor: ele era agora alguém com iniciativa, não um mero subordinado cego. A capacidade de Moscou de atuar na China, já debilitada pela mudança política de Chiang Kai-shek na primavera de 1927, ficara ainda mais prejudicada depois que diplomatas russos foram apanhados em flagrante numa tentativa de golpe em

Cantão (conhecida como "a Comuna de Cantão"), em dezembro de 1927. Algumas legações, inclusive a de Changsha, foram fechadas e Moscou perdeu a cobertura diplomática para muitos de seus agentes.

Assim que Zhu De chegou, Mao tratou de recuperar seu mandato do partido e escreveu para Xangai em 2 de maio, pedindo a criação de um comitê especial, chefiado por ele mesmo. Sem esperar pela resposta, anunciou, em um comício para celebrar a união Mao-Zhu, que ele *era* o comissário do partido — e Zhu, o comandante — do que viria a ficar conhecido como o "Exército Vermelho Zhu-Mao". Realizou então um "congresso do partido" com delegados nomeados por ele mesmo e montou o comitê especial, com ele na chefia.

Havia um outro motivo para que Mao requeresse um mandato urgente do partido. O contingente que Zhu comandava tinha 4 mil homens e era muito maior que o seu, que contava com pouco mais de mil; além disso, metade dos homens de Zhu eram soldados de fato, com experiência de batalha. Assim, Mao precisava de um mandato do partido para garantir sua autoridade. Para estabelecer algo como uma credencial marcial na presença do exército de Zhu, ele usou uma pistola quando os encontrou, uma das poucas vezes em que foi visto armado. Ele logo devolveu a arma para um guarda-costas. Mao acreditava nas armas, mas não era um homem de campo de batalha.

Enquanto esperava pelo endosso de Xangai, começou a se comportar como um bom filiado, aceitando as ordens e os inspetores do partido e preenchendo longos relatórios. Até então, não se preocupara em descobrir quantos filiados o partido tinha em seu território e dera respostas vagas — e exageradas — a um inspetor: esse condado tem "mais de cem", aquele, "mais de mil". Agora, começavam a funcionar comitês do PCC.

Ele também começou a fazer redistribuição de terras, ponto central do programa comunista. Não se preocupara com isso antes, por ser irrelevante para sua forma de governar, que era simplesmente por pilhagem.

Nesse meio-tempo, a carta em que Mao pedia um cargo no partido, levada, como toda correspondência, por um mensageiro especial, foi enviada de Xangai para Moscou. Ela foi recebida por Stálin no dia 26 de junho de 1928, bem no meio do VI Congresso do PCC, reunido em segredo nas cercanias

de Moscou. Que essa tenha sido a única vez em que um partido estrangeiro realizou um congresso na Rússia revela a importância excepcional que Stálin atribuía à China, bem como o fato de que os russos fizeram os arranjos e pagaram para que mais de cem delegados viessem clandestinamente da China.

A linha de Stálin foi apresentada pelo chefe do Comintern Nikolai Bukhárin, em um discurso de adormecer traseiros que durou nove horas. Mao não estava entre os presentes. Ele já adotara a regra de ouro dos tiranos, à qual seria fiel pelo resto de sua vida: jamais sair de sua toca, exceto quando absolutamente necessário.

Moscou tinha reservas em relação a Mao. Chou En-lai, a figura-chave do congresso, disse em seu relatório militar que as tropas de Mao tinham "um caráter em parte bandido", significando que ele nem sempre mantinha a linha. Não obstante, ele estava nas graças de Moscou e foi citado no congresso como um líder fundamental da luta. O fato é que ele era o homem mais eficaz na aplicação da política do Kremlin, que, conforme Stálin reiterara em pessoa aos líderes do PCC em 9 de junho, era a de criar um exército vermelho. Enquanto estiveram na Rússia, todos os delegados ao congresso receberam treinamento armado e fizeram-se planos militares detalhados. Stálin, o velho ladrão de bancos, envolveu-se pessoalmente no financiamento via uma enorme operação de falsificação.

Mao era adequado ao projeto de Stálin. Tinha um exército — e uma base — e era um membro antigo do partido. Ademais, tratava-se agora do mais conhecido, ainda que pela má reputação, entre todos os comunistas chineses. Ele era, como Stálin diria mais tarde dos iugoslavos, insubordinado, mas um vencedor. E, por mais desobediente que pudesse ser, Mao precisava claramente do partido e de Moscou, e isso o deixava essencialmente sujeito a controle.

Os pedidos de Mao foram plenamente atendidos. Em novembro, disseram-lhe que estava encarregado do Exército Vermelho Zhu-Mao e do território ao redor da terra sem lei. Foi um momento fundamental de sua ascensão. Ele havia encarado e vencido o partido — e até mesmo Moscou.

a Reza o mito que o motim foi uma operação puramente chinesa, sob o nome enganador de "Levante de Nanchang", e 1º de agosto foi depois designado o dia da fundação do exército comunista chinês. Mas, como disse claramente Stálin, a operação foi "de iniciativa do Comintern, e somente de

sua iniciativa". Essas palavras foram apagadas da versão publicada do discurso de Stálin. O homem encarregado de entregar armas aos amotinados foi Anastas Mikoian.

b Um dos subordinados mais próximos de Mao confirmou que quando este apareceu "o Levante da Colheita de Outono já havia fracassado".

c Um dos russos que estavam em Xangai contou a Moscou que "tudo foi entregue ao fogo e à espada e pessoas foram fuziladas a torto e a direito".

d Ele elogiava Lênin, não despropositadamente, com estas palavras: "Sua lei não tem detalhes. Ela simplesmente mata toda a oposição. Seus operários e camponeses podem simplesmente acabar com todos os tiranos donos de terras, com os maus aristocratas, proprietários, capitalistas, sem necessidade de responder a ninguém". O regime exortava as pessoas a "estripar e decapitar [...] matar no mesmo instante, sem hesitação. Não ter absolutamente nenhum fiapo de sentimento", "matar, matar livremente. Matar é o trabalho mais importante em uma revolta". As crianças eram elogiadas por "matar automaticamente os reacionários".

e No original, *blind-action-ism* e *killing-and-burning-ism*. (N. T.)

6. Subjugando o Supremo do Exército Vermelho (1928-30; 34-36 anos)

Mao recebeu o endosso como chefe do Exército Zhu-Mao em novembro de 1928 e começou de imediato a planejar a saída da terra dos bandidos para tomar novos domínios e novas forças armadas. Partia também porque a região estava em vias de ser atacada. Em junho daquele ano, Chiang Kai-shek derrotara o governo de Pequim e assumira o controle de grande parte da China, estabelecendo sua capital em Nanquim. As tropas de Chiang estavam a caminho do território de Mao e ele partiu em 14 de janeiro de 1929. O grosso do Exército Zhu-Mao, agora com cerca de 3 mil homens, partiu com ele, assim como Zhu De, a quem Xangai nomeara comandante supremo.

Quinze meses após sua chegada, Mao deixou para trás uma terra exaurida. Em sua primeira experiência de direção de uma base, ele mostrara que não tinha estratégia econômica a não ser a pilhagem, equivalente ao "derrubar e queimar". Um inspetor do partido escreveu a Xangai:

> Antes da chegada do Exército Vermelho [...] havia uma atmosfera de existência pacífica e feliz [...] os camponeses [...] tinham o bastante para viver [...] Desde a chegada do Exército Vermelho, as coisas mudaram totalmente. Porque a única renda do Exército Vermelho advinha do roubo dos ricos [...] porque até os pequenos-burgueses, camponeses ricos e pequenos vendedores ambulantes foram todos tratados como inimigos e, devido à grande destruição, nenhuma atenção foi dada à construção ou à crise econômica, o campo está totalmente falido e entrou em colapso.

Os homens de Mao haviam exaurido o lugar e eram odiados pelos moradores locais. Quando ele partiu, deixou para trás seus feridos e os comunistas civis. Os que foram capturados pelo exército regular do governo tiveram sorte: foram apenas passados pelo fogo da metralhadora. Aqueles que caíram nas mãos das forças locais foram estripados, queimados vivos ou esfolados lentamente até a morte. Centenas de pessoas foram mortas.

Um relatório enviado a Xangai pelo comitê local do partido revelou que o ódio provocado pelo regime de Mao era tão intenso que até a atitude dos nacionalistas de "queimar casas e matar cabecilhas não gerou ódio das massas aos reacionários". As pessoas desertavam quando podiam: os que estavam "sob nosso poder vermelho naturalmente não ousam agir reacionariamente", declarava o relatório. "Mas as massas fora [de nosso controle] estão passando para o lado dos nacionalistas em massa." O relatório culpava os habitantes locais, dizendo que eles "nunca foram bons".

Os bandoleiros originais, que eram em grande parte da região e ficaram, deram-se muito melhor. A maioria sobreviveu, inclusive os dois chefes, Yuan e Zuo. Porém, os dois encontraram a morte um ano depois, em março de 1930 — nas mãos dos comunistas, que retornaram para a área. Moscou ordenara que o PCC traísse aqueles que chamava de "bandoleiros" — na verdade, que os usasse e depois os liquidasse. "A aliança com bandidos e outros grupos similares só é aplicável antes de uma revolta", declarava uma resolução. "Depois, devem desarmá-los e suprimi-los severamente [...] Seus líderes devem ser considerados líderes contrarrevolucionários, mesmo que ajudem nos levantes. E esses líderes devem ser todos completamente eliminados."

Os seguidores de Yuan e Zuo fugiram para as profundezas das montanhas e se tornaram anticomunistas ferozes. Uma unidade de busca vermelha relatou que "a população local não gosta de nós e fez tudo para protegê-los". Tendo vivido sob o domínio dos bandidos e dos comunistas, os habitantes locais sabiam a quem preferir.

Na jornada de saída do território dos bandidos, Mao andou depressa, fazendo piadas para seu séquito. Tinha motivos para estar alegre. A aceitação de suas exigências por Xangai e Moscou mostrava que ele podia fazer o que quisesse. Com efeito, naquele exato momento, janeiro de 1929, em Moscou, o chefe do GRU, Jan Berzin, e o *apparatchik* de Stálin para a China, Pavel Mif, reuniam-se para discutir como o Exército soviético poderia dar "ajuda prática a Zhu-Mao", cujos movimentos Moscou seguia de perto. Essa é a primeira ocasião conhecida em que os russos arranjaram ajuda militar específica para o Exército Zhu-Mao, agora publicamente descrito como "o

mais formidável entre os comunistas".

As forças do governo estavam em seus calcanhares e Mao teve de travar batalhas campais, em uma das quais a esposa de Zhu De foi capturada. Mais tarde, ela foi executada e sua cabeça enfiada em um poste, em Changsha. Foi durante esse mau momento na fortuna de Zhu que Mao montou um golpe para tomar-lhe o poder. Duas semanas depois da partida, ele aboliu o posto de comandante supremo de Zhu, concedido por Xangai, e concentrou todo o poder em suas mãos. Como estavam sob ataque dos nacionalistas, Zhu não retaliou. Ele não era páreo para Mao na exploração de crises.

Mao não informou Xangai sobre sua tomada do poder. Ao contrário, escreveu para dizer como estava contente de se submeter às ordens do partido. "Como deve avançar o Exército Vermelho?", perguntou. "Estamos particularmente sedentos de instruções. Por favor, podem mandá-las voando para mim?" "As resoluções do VI Congresso são extremamente corretas. Aceitamo-las pulando de alegria." "No futuro, esperamos que o centro nos mande uma carta todos os meses." Mao bajulava Xangai na esperança de que, quando soubessem de seu golpe contra Zhu De, estariam com uma disposição melhor para com ele.

Ainda assim, Zhu De não o denunciou. Ele não tinha sede de poder, nem qualquer dom para a intriga. E, uma vez que mandar relatórios era função do chefe, se tomasse a iniciativa de escrever, isso equivaleria a uma declaração de guerra a Mao.

Em março, Mao teve a sorte de outra pausa, dessa vez envolvendo os nacionalistas. Havia um ano que estava em funcionamento um governo central, mas Chiang Kai-shek enfrentava oponentes poderosos, alguns dos quais começaram uma guerra contra ele. As tropas que estavam no encalço de Mao foram desviadas para a luta contra os rebeldes. Feliz, ele informou a Xangai que o inimigo, que estava a meio quilômetro de sua retaguarda, havia "subitamente dado as costas" e o deixara seguir.

A essa altura, Mao entrara em Fujian, uma província costeira do sudeste, onde conseguiu capturar Tingzhou — uma cidade considerável, mas com defesa fraca. Localizada junto a um rio navegável que fervilhava de barcos de carga, era um lugar rico, com fortes ligações com o exterior. Havia ali grandiosas edificações europeias ao lado de bazares enfeitados que vendiam artigos de todo o Sudeste Asiático. Mao encheu seus cofres roubando os

ricos. “Nosso suprimento não é problema”, contou a Xangai, “e o moral é extremamente alto.”

O exército ganhou um uniforme pela primeira vez, de uma fábrica que os vinha confeccionando para os nacionalistas. Até então, os soldados vermelhos usavam roupas de todos os tipos e cores, às vezes até roupas femininas e vestes de padres católicos. (Um padre italiano ficou particularmente preocupado quando pegaram sua camisa fascista.) O novo uniforme dos comunistas, cinzento, era parecido com o dos nacionalistas, mas tinha uma estrela vermelha no boné e uma insígnia vermelha.

O defensor da cidade, brigadeiro Kuo, fora capturado com vida por ordem específica de Mao, e depois morto. Realizou-se um comício, em que seu cadáver foi pendurado de cabeça para baixo em um castanheiro, ao lado do estrado em que Mao fez um discurso, e depois exibido pelas ruas da cidade. Para mostrar que a velha ordem havia sido derrotada, Mao também mandou arrasar a sede do governo municipal.

Ele montou seu quartel-general numa magnífica vila de estilo antigo, com vista para o rio. Mas em maio, seu novo refúgio foi perturbado quando chegou um homem chamado Liu An-gong, enviado por Xangai para assumir o terceiro posto hierárquico de comando do Exército Zhu-Mao. An-gong acabara de chegar da Rússia, onde recebera treinamento militar, e ficou estarrecido com o que Mao fizera com Zhu De e com o modo como estava comandando o Exército. Acusou-o de “apossar-se do poder”, de “ditatorial”, e de que estava “criando seu próprio sistema e desobedecendo à liderança”.

Mao não pôde mais esconder seu golpe. Em 1º de junho de 1929, quase quatro meses depois que rebaixara Zhu, escreveu a Xangai dizendo que “o Exército” havia “decidido temporariamente suspender” Zhu do posto porque “se viu numa situação especial”. Ele fez o melhor que pôde para minimizar o impacto, ao enfiar essa informação no décimo lugar de seu longo relatório de catorze itens. O resto do relatório estava escrito num tom muito obediente e até insinuante, recheado de declarações de ansiedade por receber instruções do partido: “Por favor [...] montem uma agência especial de comunicações”, escreveu ele, para que fosse possível se comunicar diretamente com Xangai, acrescentando: “Aqui mando ópio que vale 10 mil yuans como fundo inicial para a agência”. Mao tentava de tudo, até dinheiro da droga, para persuadir Xangai a endossar sua tomada do poder.

Com An-gong ao seu lado — e com o Exército Vermelho livre da

perseguição dos nacionalistas —, Zhu De fez frente a Mao. E contava com o apoio da maior parte das tropas. Mao era extremamente impopular, como um oficial relatou depois a Xangai: "A massa como um todo estava descontente com Mao". "Muitos camaradas realmente não gostavam dele" e o "consideravam ditatorial". "Ele tem um temperamento abominável e gosta de abusar das pessoas." Em nome do equilíbrio, Zhu também era criticado, mas por coisas triviais como "bravatas" e falta de decoro — "quando estava falando sem parar, ele inconscientemente levantava a calça até as coxas, parecendo um vadio, sem dignidade".

Ainda havia um grau de procedimento democrático entre os comunistas e as questões eram frequentemente debatidas e votadas. Os representantes do partido no Exército reuniram-se em 22 de junho, votaram pela demissão de Mao da chefia partidária do Exército e recolocaram Zhu no posto de comandante supremo. Mais tarde, Mao descreveu-se como tendo ficado "muito isolado". Antes da votação, ele ameaçara: "Tenho um esquadrão e vou brigar!". Mas não havia nada que pudesse fazer, pois seus seguidores foram desarmados antes da reunião.

Ao perder o controle de sua própria força, Mao começou a manobrar para recuperar o poder. Seu plano era assumir o controle da região em que estava, um território recém-ocupado em Fujian, perto da costa meridional, com sua própria força vermelha. Era também a área mais rica que os comunistas haviam até então controlado, com uma população de cerca de 1,25 milhão de habitantes. Mao disse à nova liderança do Exército que, agora que fora retirado do comando, queria ir embora para "fazer trabalho junto aos civis locais". Aparentemente, ninguém se deu conta de que seu pedido era um disfarce para que pudesse se aproximar dos comunistas locais e apoderar-se de sua organização partidária.

Mao deixou o quartel-general numa liteira, com a esposa e alguns seguidores fiéis. Um deles lembrou mais tarde: "Quando partimos [...] nossos cavalos foram confiscados e nossa comitiva parecia realmente desanimada". Esse grupo enlameado seguiu para Jiaoyang, onde Mao conseguira que um companheiro local convocasse um congresso. O Exército Zhu-Mao ajudara a criar a base, de modo que Mao tinha influência, ainda que Xangai não a tivesse atribuído a ele, mas ao comitê de Fujian. O plano de Mao era manipular o congresso e inserir seus seguidores nos cargos principais.

Em 10 de julho, cerca de cinquenta delegados locais já estavam em

Jiaoyang, depois de notificados de que o congresso começaria no dia seguinte. Mas Mao os manteve longe durante toda uma semana, para realizar "todos os tipos de investigações", nas palavras de um relatório escrito imediatamente depois. Quando o conclave finalmente se abriu, Mao fingiu estar doente e atrasou ainda mais a reunião. Na verdade, não estava doente, como seu secretário revelou mais tarde. O relatório reclamava que o congresso "durara tempo demais" e funcionara em estilo "mole", tendo se prolongado por "até vinte dias" — quando então as forças do governo se aproximavam. A essa altura, continuava o relatório, "chegaram notícias de que as tropas [nacionalistas] estavam vindo [...] então o comitê do front [...] mudou o plano [...] e o congresso [...] foi encerrado".

Os delegados foram embora sem escolher quem ocuparia os cargos principais. Assim que deram as costas, Mao designou seus companheiros para esses postos, como se seu ato fosse uma decisão do congresso. Um dos homens tornou-se chefe *de facto* da força regional do Exército Vermelho. Os seguidores de Mao eram todos de Hunan e nem falavam o dialeto local.

Quando os comunistas locais descobriram que Mao os privara do controle de sua própria região, sentiram-se ultrajados. No ano seguinte, eles se rebelariam contra Mao, o que o levou a desencadear um expurgo sangrento.

Enquanto o congresso estava ainda em andamento, os delegados já haviam mostrado não só que temiam como não gostavam de Mao. O relatório dizia que, quando ele estava presente, "os delegados raramente falavam", enquanto na sua ausência "eles começaram a debater apaixonadamente e as coisas melhoraram muito". Mao não tinha mandato sobre essa seção civil do partido, cuja autoridade pertencia ao Comitê Provincial de Fujian. Os delegados queriam que esse órgão estivesse representado no congresso, para protegê-los de Mao. Porém, o relatório posterior observou que "nosso mensageiro foi preso e nosso relatório se perdeu, então não houve ninguém do Comitê Provincial para [...] orientar o congresso". Esse comunicado não dizia se alguém suspeitava de uma jogada suja, mas já havia um padrão de comunicações que se rompiam subitamente em momentos críticos para Mao.

Depois de assumir o controle desse novo território, Mao partiu para solapar Zhu De. Um aliado nesse plano foi um integrante do staff de Zhu chamado Lin Biao, homem solitário e independente de vinte e poucos anos, cuja amizade Mao vinha cultivando desde que ele chegara ao território dos bandidos, no ano anterior.

Lin Biao possuía três qualidades que chamaram a atenção de Mao. Uma era seu talento militar. Ele queria ser soldado desde a infância e adorara a vida na academia militar dos nacionalistas, em Whampoa. Era bem versado em estratégia militar e mostrara seu valor no campo de batalha. Sua segunda qualidade era não ser convencional. Ao contrário de outros militares mais velhos do PCC, não fora treinado na União Soviética e não estava embebido de disciplina comunista. Entre as fileiras de Zhu, era amplamente sabido que ele reservava coisas pilhadas para si mesmo, inclusive correntes de ouro, e contraíra gonorreia. A terceira qualidade — e a mais apreciada por Mao — era seu ressentimento contra Zhu, seu superior, por este tê-lo repreendido; isso era uma coisa que o orgulho extremado de Lin não podia suportar.

Assim que Lin apareceu, Mao o procurou e fez amizade com ele, conquistando sua simpatia ao convidá-lo para dar palestras para suas tropas, honra que não concedia a ninguém mais. A partir de então, construiu uma relação especial com Lin. Décadas depois, faria dele seu ministro da Defesa e segundo na linha de comando. Nessa duradoura amizade e camaradagem, Mao preocupou-se muito em massagear a vaidade de Lin e deixá-lo agir acima das regras e, em troca disso, conseguiu contar sempre com sua cumplicidade.

A primeira colaboração deles ocorreu no final de julho de 1929, quando os nacionalistas atacaram. Na qualidade de comandante supremo, Zhu traçou o plano de batalha, que convocava todas as unidades para um encontro em 2 de agosto. Mas, nesse dia, a unidade comandada por Lin não apareceu. Ele ficara para trás, junto com Mao e a unidade de Fujian que este acabara de reunir. Juntos, os dois controlavam cerca da metade das forças vermelhas, que totalizavam então mais de 6 mil homens, e Zhu teve de lutar com apenas a metade dos soldados que esperava. Não obstante, sua força saiu-se bem.

Mas, se metade de seu exército se recusava a obedecer a suas ordens, Zhu não poderia comandá-lo efetivamente. Diante do impasse, os membros fiéis do partido e do Exército Vermelho recorreram a Xangai em busca de uma solução.

Nessa época, o esteio da liderança do PCC em Xangai era Chou En-lai. Hsiang Chung-fa, o marinheiro estivador que ocupava o cargo principal de

secretário-geral, era um testa de ferro, designado apenas por causa de seu passado proletário. Mas aqueles que realmente tomavam as decisões eram agentes enviados por Moscou, que naqueles dias eram sobretudo não russos, em geral comunistas europeus. Os chefes imediatos eram um alemão chamado Gerhart Eisler (depois chefe do serviço secreto de Moscou nos Estados Unidos) e um polonês conhecido como Rylsky. Esses agentes controlavam o orçamento do partido até os mínimos detalhes, bem como as comunicações com Moscou. Eles tomavam todas as decisões políticas e monitoravam seus resultados. Os assessores de Moscou supervisionavam as atividades militares. Seus colegas chineses referiam-se a eles como *mao-zi*, "os peludos", pois tinham mais pelos no corpo do que os chineses. "Peludo Alemão", "Peludo Polonês", "Peludo Americano" e outras expressões apareciam com frequência nas conversas entre chineses. Um agente, provavelmente curvado, era chamado de "Peludo Corcunda". Os "peludos" davam ordens por intermédio de Chou En-lai, que depois conquistou fama internacional como primeiro-ministro, cargo que ocupou durante um quarto de século. O verdadeiro Chou, porém, não era o diplomata suave que os estrangeiros conheciam, mas um implacável *apparatchik* escravizado por sua fé comunista. Durante toda a sua vida, serviu ao partido com uma intrépida falta de integridade pessoal.

Chou encontrou o comunismo pela primeira vez no Japão, onde chegou para estudar em 1917, com dezenove anos, no momento em que irrompia a revolução bolchevique. Ele fez sua escolha quando estudou na Europa ocidental, entrando para a seção do PCC na França, em 1921. Lá se tornou um crente fervoroso e sua dedicação refletiu-se em seu ascetismo. De boa aparência e atraente para as mulheres, também estava longe de ser indiferente à beleza. Quando chegou à França, expressava constantemente sua admiração por elas. "Que lindas garotas! [...] As mulheres aqui [em Paris] são tão atraentes", escreveu para um amigo na China. Logo arrumou uma namorada sexy, por quem estava bastante apaixonado, mas, depois que se converteu à fé vermelha, fez o que muitos missionários haviam feito: escolheu uma esposa não por amor, mas porque ela poderia ser uma parceira na missão.

Muitos anos depois, em um raro momento de franqueza, Chou revelou a uma sobrinha como escolhera sua esposa. Mencionou a mulher pela qual

estivera apaixonado e disse: “Quando decidi dedicar-me inteiramente à revolução, senti que ela não era adequada para ser uma parceira para toda a vida”. Chou precisava de uma esposa que fosse tão devotada quanto ele. “E assim escolhi sua tia, e comecei a escrever para ela. Estabelecemos nossa relação por correspondência.” Ele embarcou num casamento sem amor aos 27 anos, com uma fanática de 21 chamada Deng Ying-chao, que era notoriamente sem graça e deselegante.

Tenaz e infatigável, e até impermeável ao frio, Chou era um bom administrador e um brilhante organizador. Moscou o descobriu e deu-lhe a tarefa crucial de criar o exército comunista chinês. Em 1924, ele foi mandado de volta à China, onde logo se tornou diretor do Departamento Político da Academia Militar de Whampoa, a base de treinamento de oficiais nacionalistas fundada pelos russos. A responsabilidade secreta de Chou era infiltrar agentes comunistas nos altos escalões, com o objetivo de tomar parte do Exército nacionalista quando chegasse a hora — o que fez organizando o motim de Nanchang, em agosto de 1927, depois que Chiang rompeu com o PCC. Quando os amotinados foram derrotados na costa meridional, Chou estava atacado pela malária e gritava em delírio “Atacar! Atacar!”. Ele foi levado para um pequeno barco por colegas e escapou para Hong Kong por mares tão violentos que eles tiveram de se amarrar ao mastro para não serem varridos pelas ondas.

Depois disso, foi para Xangai, onde dirigiu os assuntos diários do PCC a partir do início de 1928. Revelou-se um gênio nas operações em condições clandestinas, como testemunham pessoas que trabalharam com ele. Naquele verão, foi à Rússia e se encontrou com Stálin antes do VI Congresso do PCC. Foi a figura dominante no congresso, apresentando não menos que três relatórios fundamentais, além de ser o secretário do encontro. Seu domínio era vasto: montou a KGB chinesa,[a] sob a orientação de Moscou, e dirigiu seu esquadrão de assassinatos. Mas organizar o Exército Vermelho chinês era sua principal missão.

Entre as qualidades que tornaram Chou um *apparatchik* ideal estavam sua disciplina e sua obediência inabalável à linha de Moscou, bem como seu servilismo. Era capaz de absorver qualquer quantidade de vergastadas de seus senhores. Em anos futuros, como primeiro-ministro de Mao, se mostraria várias vezes disposto a se rebaixar, usando uma linguagem tão subserviente

que suas plateias se encolheriam de constrangimento. Ele já começara a produzir autocríticas humilhantes décadas antes. “Eu [...] gostaria que todo o partido visse e condenasse meus erros”, disse em 1930, e prometeu criticar seus próprios “erros sistemáticos graves” na imprensa do partido. Certa vez, em uma reunião a que compareceu, um dos enviados alemães de Moscou, talvez percebendo um traço de masoquismo em Chou, disse: “Quanto ao camarada En-lai, nós certamente deveríamos bater em seu traseiro. Mas não queremos expulsá-lo. Devemos reformá-lo [...] e ver se ele corrige seus erros”. Chou ficou calado e aceitou o comentário.

Não há indícios de que ele aspirasse a ser o chefe: não era um criador de programas e aparentemente precisava de ordens superiores. Podia também ser prolixo. Um de seus subordinados nos anos 1920 lembrou: “Depois que começava a falar, não conseguia parar. O que dizia era claro, mas sem vigor [...] falava como se estivesse ensinando crianças da escola primária”. Era capaz de falar por sete ou oito horas ininterruptas, entediando seus ouvintes tão completamente que eles cochilavam.

A lealdade de Chou combinada com sua indiscutível capacidade foram as principais razões para que Moscou o escolhesse para líder do partido a partir de 1928; assim, coube a ele resolver a disputa no Exército Zhu-Mao. Sob instruções de Moscou, escreveu ao Exército em 21 de agosto de 1929, dando pleno apoio a Mao e rejeitando todas as críticas. Mao, dizia ele, era “absolutamente não patriarcal”. A extinção do posto de Zhu por Mao era considerada correta. An-gong, o enviado do partido que se manifestara contra Mao, foi chamado de volta. Logo depois, seria morto em combate.

Ainda que Mao tivesse quebrado todas as regras, Xangai o apoiou. Ele era um insubordinado, mas um vencedor. Sua ambição demonstrava o tipo de ânsia pelo poder essencial para conquistar a China, em especial quando as forças comunistas eram de poucos milhares, contra os milhões do lado nacionalista.

Naquele momento, houve dois outros fatores que jogaram a favor de Mao. A 2 mil quilômetros ao norte de sua localização, os russos controlavam a Ferrovia Oriental da China, na Manchúria, que cortava por 1500 quilômetros o nordeste da China, da Sibéria a Vladivostok. Junto com isso, Moscou herdara dos czares a maior concessão estrangeira dentro do território chinês, que ocupava bem mais de mil quilômetros quadrados. De início, a Rússia comunista prometera desistir de seus privilégios

extraterritoriais, mas nunca cumpriu essa promessa,[b] e os chineses tomaram a ferrovia no verão de 1929.

Moscou criou o Exército Especial do Extremo Oriente, chefiado pelo ex-assessor militar mais importante de Chiang Kai-shek, marechal Bliukher, e se preparou para invadir a Manchúria. Stálin também discutiu a organização de um levante na Manchúria para ocupar Harbin, a principal cidade no norte dessa região, "e estabelecer um governo revolucionário". Com brutalidade característica, listou um objetivo, quase casualmente, entre parênteses: "(massacrar os donos de terras)". Em novembro, as tropas russas invadiram, avançando 125 quilômetros Manchúria adentro.

Moscou queria que os comunistas chineses criassem alguma pressão militar diversionária e deu ordens ao PCC para "mobilizar todo o partido e a população para estarem prontos a defender a União Soviética com armas". Foi nesse contexto de proteger os interesses da Rússia que o impulso de Mao assumiu importância urgente. A carta de Chou que reintegrava Mao dizia: "Sua primeira e principal tarefa é desenvolver sua área de guerrilha [...] e expandir o Exército Vermelho". Em 9 de outubro, o Politburo soviético, com Stálin presente, indicou "as regiões de Mao Tse-tung" (sem mencionar Zhu) como área-chave para expandir a guerra de guerrilhas em conexão com a crise da ferrovia da Manchúria.

Moscou tinha outra razão urgente para escolher Mao, e ela tinha a ver com Trótski, a *bête noire* de Stálin, a quem este acabara de exilar. Trótski tinha um pequeno mas dedicado número de seguidores na China, e o professor Chen Tu-hsiu, o ex-chefe do PCC e bode expiatório de Moscou dois anos antes, dava sinais de que se inclinava para o trotskismo. Chen também se manifestou contra o apoio do PCC à Rússia na questão da ferrovia — uma postura que, segundo ele, "só faz as pessoas suporem que dançamos ao som de rublos".

Stálin preocupava-se com a possibilidade de Chen jogar seu considerável prestígio a favor do trotskismo. Os agentes de Moscou em Xangai preocupavam-se com a possibilidade de Mao, de quem Chen fora outrora mentor, ficar ao lado dele.

Por todos esses motivos, os russos apoiaram Mao e o promoveram com fervor em sua imprensa. Durante os meses críticos da crise da Manchúria, publicaram não menos que quatro artigos sobre ele no *Pravda*, órgão central

do partido soviético, que passou a descrevê-lo como o "líder" (*vojd*, a mesma palavra usada para Stálin). Nenhum outro comunista chinês foi tão aclamado, nem mesmo os superiores nominais de Mao, como o secretário-geral do PCC.

Quando as instruções de Chou chegaram, Zhu De e seus colegas curvaram-se ao édito de Xangai e encaminharam a carta a Mao. Naquela ocasião, ele se encontrava numa aldeia pitoresca, um pouco distante, numa elegante mansão de dois andares, com palmeiras no jardim. Estava descansando, consumindo muito leite (uma raridade para os chineses), bem como um quilo de carne cozida na sopa todos os dias, com um frango inteiro por cima. Ele descreveria como estava em forma aplicando sua medida característica: "Posso comer um monte e cagar um monte".

A carta deixou-o exultante. Longe de lhe valer uma repreensão, sua violação das regras do partido e sua sabotagem dos colegas haviam lhe trazido apenas recompensas. Em triunfo, ele permaneceu na aldeia por mais de um mês, esperando pela pressão de Xangai para fazer Zhu De se submeter a ele.

Na época, Mao estava acompanhado da esposa Gui-yuan, bem como de um casal de acólitos. Não falava de política com as mulheres, preferindo passar horas de descontração com elas. Depois do jantar, os dois casais caminhavam até uma pequena ponte para apreciar o crepúsculo sobre um córrego coberto de vegetação. Quando a noite caía, os camponeses acendiam tochas à beira da água. Cardumes de peixes convergiam na direção da luz das tochas e eles os pegavam com redes, ou mesmo com as mãos. Cabeça de peixe era o petisco preferido de Mao, e dizia-se que desenvolvia o cérebro. Durante o dia, ele ficava sentado junto à janela e lia em inglês em voz alta, com seu forte sotaque de Hunan, para a diversão dos amigos. Essa performance aos tropeços, sem realmente buscar um aperfeiçoamento, era um tipo de descontração para Mao.

Zhu De e seus colegas "escreveram várias vezes instando o camarada Mao a retornar", como relataram à direção obviamente ansiosa em Xangai. Mas ele não se mexeu até o final de novembro, quando Zhu mandou soldados para escoltá-lo de volta formalmente, como uma demonstração de submissão.

No dia 28 de novembro, Mao escreveu uma carta a Xangai que deixou

Chou En-lai deliciado com seu espírito "muito positivo" e a declaração de que aceitava "completamente as instruções do centro". Mas o principal ato de deferência de Mao estava reservado a Moscou. Ele condenou seu antigo mentor, o professor Chen, por ser "antirrevolução" e propôs uma "campanha de propaganda" contra ele. Fez questão de denunciar Trótski pelo nome. As tropas ouviam todos os dias discursos sobre "apoio armado à União Soviética".

Depois de subjugar Zhu, Mao o manteve como chefe nominal e deixou que o Exército continuasse a se chamar Zhu-Mao. Desse modo, satisfazia tanto Moscou como Xangai, que mandava especificamente manter a "unidade", e explorava o alto prestígio de Zhu entre os soldados. Zhu continuou a ser uma fachada para Mao durante quase meio século, até a morte de ambos, com poucas semanas de diferença, em 1976.

Porém, às vezes Zhu dava vazão à sua raiva e frustração. Em fevereiro de 1931, ele resmungou para líderes militares que era "apenas um joguete nas mãos de Mao, não tinha poder, Mao simplesmente jogava com ele". Isso foi relatado a Moscou, mas os russos não levantaram um dedo para controlar Mao.

O retorno de Mao ao comando foi anunciado num grande encontro de delegados do Exército realizado na cidade de Gutian, em dezembro de 1929. Para impedir a dissensão, ele utilizou um estratagema. Sabia que aquilo que os soldados mais detestavam era a prática de executar os desertores. De acordo com um relatório da época enviado a Xangai, "antes de cada partida, alguns desertores eram executados e deixados ao longo da estrada como advertência aos outros". Isso demonstra como era difícil manter as pessoas no Exército Vermelho, ao contrário do que foi dito muitas vezes. O fato é que até as execuções nem sempre funcionavam, como dizia o relatório em seguida: "Mas ainda não conseguimos deter os desertores".

Em Gutian, Mao apresentou uma resolução para abolir essa prática. Essa medida foi muito bem recebida pelos soldados. Mas alguns meses depois, quando as resoluções de Gutian circularam, esse item não estava entre elas. Depois que Mao se estabeleceu, ela desapareceu, e os desertores continuaram a ser executados.

Depois de engambelar os delegados em Gutian para que o vissem de modo

mais favorável, mostrando uma tolerância especiosa quanto à questão da deserção, Mao conseguiu o que realmente queria: resoluções para condenar o que quer que se colocasse entre ele e o poder absoluto, em especial a autoridade dos militares profissionais. Mao não era um soldado profissional. Zhu era. Então, Mao inventou um chavão pejorativo, ao estilo soviético — "ponto de vista puramente militar" —, para definir que era errado valorizar demais o profissionalismo militar. Ele detestava cada vez mais a convenção de votar, pois fora o voto livre que o havia tirado do cargo. Então chamou a votação de "ultrademocracia" e aboliu a prática.

Mao era viciado em conforto, enquanto Zhu levava a vida de um soldado comum. A aversão ao privilégio era particularmente forte no Exército porque muitos haviam sido atraídos para suas fileiras pela sedução da igualdade, que era o principal atrativo do partido. Para sufocar qualquer protesto em relação a privilégios, Mao cunhou a expressão "igualitarismo absoluto" para designar uma ofensa, acrescentando a palavra "absoluto" para tornar mais difícil a discordância de oponentes. Foi a partir de então que os privilégios foram formalmente endossados como parte inalienável do comunismo chinês.

Ao final de 1930, Mao, que acabara de fazer 36 anos, podia ver o ano decorrido com considerável satisfação. O partido lhe entregara o maior exército vermelho fora do bloco soviético depois que ele infringira todas as regras. Moscou e Xangai o estavam visivelmente subornando, o que significava que precisavam dele. Agora, ele poderia explorar mais a alavancagem que isso lhe dava.

"Para onde vou agora?", perguntou-se Mao, ao partir a cavalo cantarolando um poema ao longo de trilhas musgosas da floresta. Ele sabia exatamente para onde ia: realizar mais tomadas de poder.

a Tal como seu similar soviético, esse órgão teve seu nome mudado várias vezes, e o chamaremos simplesmente de KGB chinesa.

b O chefe do Comintern Bukhárin chamou a zona da ferrovia de "nosso dedo revolucionário apontado para dentro da China", e ela servia como uma importante base para o financiamento e patrocínio russo dos comunistas chineses.

7. Tomada de poder leva à morte da segunda mulher (1927-30; 33-36 anos)

Depois que estabeleceu um governo nacionalista com sede em Nanquim, em 1928, com autoridade nominal sobre toda a China, Chiang Kai-shek iniciou uma campanha para fundir os diferentes exércitos controlados por potentados provinciais em um exército nacional unificado sob seu controle. Essa tentativa encontrou uma resistência feroz de uma aliança de senhores provinciais e, no início de 1930, os dois lados tinham em campo centenas de milhares de soldados. Essa luta mutuamente destrutiva deu ao PCC uma chance de expandir seu Exército e suas bases.

Moscou começou a pensar em criar um Estado comunista na China. Chou En-lai foi para a União Soviética em março de 1930, levando consigo um relatório detalhado sobre o Exército Vermelho chinês, segundo o qual este contava com 62 700 homens e era composto por treze grupos armados (chamados "exércitos"), espalhados por oito províncias. O Exército Zhu-Mao era o mais conhecido deles e respondia por quase um quarto do total, tendo se expandido para 15 mil homens, graças ao seu controle de uma grande base. As bases eram a chave para expandir o Exército, pois sua posse possibilitava a obtenção de recrutas.

Enquanto Chou En-lai estava fora, o homem encarregado do poder em Xangai era Li Li-san. Filho de Hunan e ex-subordinado de Mao, ele fizera fama como organizador dos trabalhadores e era um ativista impulsivo e defensor apaixonado de uma maior expansão do PCC. Sob seu comando, criou-se um plano muitíssimo ambicioso para tomar um grande pedaço do interior, inclusive grandes cidades como Nanchang e Changsha, e criar um governo comunista no coração da China, em Wuhan, às margens do Yangtze. Mao recebeu a incumbência de tomar Nanchang, a capital de Jiangxi.

Mao era um realista. Ele sabia que, mesmo com a luta interna dos nacionalistas, o Exército Vermelho não teria chance de tomar e manter grandes cidades. De início, manifestou relutância em levar o plano adiante, mas pouco depois de expressar dúvidas explodiu de entusiasmo. Continuava sem fé no projeto, mas percebeu que poderia explorar a fantasia de Xangai para seu próprio objetivo: tomar o segundo maior ramo do Exército Vermelho, comandado por Peng De-huai.

* * *

Peng, cinco anos mais moço do que Mao, nasceu numa aldeia do mesmo distrito deste, em Hunan. Ele chegaria a ser o primeiro ministro da Defesa da China comunista, e também o mais feroz e corajoso crítico de Mao de dentro do regime — o que lhe custaria a expulsão do governo e a morte no ostracismo.

Peng tinha boca e olhos muito expressivos, que pareciam mostrar uma tristeza permanente. Preocupava-se com os pobres e oprimidos. Ao contrário da maioria dos líderes comunistas, tivera uma infância miserável, que o marcou profundamente. Na época da morte de sua mãe, o irmão mais moço, então com seis meses de vida, tinha morrido de fome. Décadas depois, Peng escreveu sobre sua infância:

> No rigor do inverno, enquanto as outras pessoas usavam roupas e sapatos forrados, meus irmãos e eu andávamos de pés nus em sandálias de palha e usávamos roupas feitas de folhas de palmeira, como homens primitivos. [...] Quando eu estava com dez anos, não tínhamos do que sobreviver. Na noite de ano-novo, quando as pessoas ricas soltavam fogos, minha família não tinha um grão de arroz. Então levei meu segundo irmão para mendigar, pela primeira vez.

Peng descreveu como desmaiou de fome depois que eles chegaram em casa. Por orgulho, recusou-se a mendigar no dia seguinte, de modo que sua avó, que tinha mais de setenta anos, saiu mancando com os pés amarrados, levando consigo seus irmãos mais moços, um dos quais tinha apenas três anos. Peng disse depois que, ao observá-los desaparecer na neve, sentiu facas afiadas cortando seu coração; foi então até as montanhas e cortou um pouco de lenha, que vendeu por um pequeno punhado de sal. Naquela noite, não comeu o arroz que a avó mendigara e toda a família chorou.

Quando estava com quinze anos, sua aldeia foi atingida por uma seca que causou a morte de muita gente por inanição. Peng envolveu-se numa

tentativa de forçar um rico senhor de terras a doar um pouco de arroz: subiu ao teto do celeiro dele, tirou algumas telhas e exibiu os grãos que o homem negava que tivesse armazenado. Peng foi posto numa lista de pessoas procuradas e teve de fugir. Em 1916, entrou para o Exército de Hunan e se tornou oficial. Às vezes, era convidado por dignitários locais a banquetes em que meninas nos primórdios da adolescência estavam à disposição para o prazer deles. Uma garota de treze anos disse a Peng que fora espancada por um cafetão porque não queria dormir com oficiais. Peng comprou a liberdade dela e a partir de então recusou todos os convites para banquetes. Em suas palavras, sentiu-se atraído pelo comunismo "para descobrir uma saída para os pobres".

Peng entrou secretamente para o PCC logo depois do ano-novo de 1928. No mês de julho anterior, amotinara-se contra os nacionalistas e levara oitocentos homens consigo. O partido disse-lhe para fazer contato com Mao, que estava na terra sem lei das proximidades. Peng chegou em dezembro, no momento em que Mao se preparava para abandonar a base e precisava de alguém para ficar e manter o forte, pois a posse de uma base era seu principal trunfo.

Então Mao agarrou Peng e lhe disse para ficar e defender o território — uma tarefa condenada ao fracasso. Depois da partida de Mao, as tropas do governo vieram com toda a força. Os homens de Peng tiveram de fugir pela neve espessa, escalando precipícios e andando por trilhas minúsculas, usadas somente por animais selvagens.

A partir de então, Mao tratou Peng como seu subordinado, e este não fez nenhuma objeção. Mas Xangai não endossava formalmente esse arranjo e o mandato de Mao não se estendia, oficialmente, para além do Exército Zhu-Mao. No início de 1930, quando Moscou e Xangai reorganizaram todas as forças do Exército Vermelho, preparando-se para criar um Estado comunista, o exército de Peng, que crescera a um ritmo extraordinário para 15 mil homens — o mesmo número das tropas de Mao —, foi declarado independente de Mao. Seus homens eram excelentes soldados, com um forte espírito de corporação. Um inspetor do partido disse a Xangai que o exército de Peng tinha "o mais alto moral. As tropas obedecem às ordens, têm forte disciplina e grande espírito de camaradagem, e são bravos soldados [...] Eles são muito leais a Peng De-huai pessoalmente. Os feridos nos hospitais da

retaguarda, depois de recuperados, insistem categoricamente em retornar ao Exército [de Peng] [...] Há muito poucos desertores".

Mao estava decidido a controlar Peng e sua excelente força. Foi por isso que manifestou uma súbita ânsia de atacar Nanchang. Se estivesse lá, em vez de na fronteira Jiangxi-Fujian, isso o levaria para centenas de quilômetros mais perto de Peng. O plano secreto de Mao era unir fisicamente suas forças com as de seu conterrâneo, pois era a única maneira de poder exercer controle sobre ele e seu exército.

Mao partiu para o norte, dizendo que ia para Nanchang, como ordenara o partido. Mas quando chegou nos arredores da cidade, no final de julho, disparou apenas alguns tiros e depois conduziu seu exército na direção de Changsha, que Peng acabara de capturar, em 25 de julho.

Changsha foi a única capital de província que os comunistas tomaram e Peng a manteve durante onze dias, proclamando um governo comunista, com seu quartel-general instalado no Instituto Bíblico Americano. Seu sucesso disparou o alarme nas capitais ocidentais, especialmente em Washington, que pela primeira vez considerou os comunistas uma força séria. Um dos motivos foi a morte em combate do marinheiro de primeira classe Samuel Elkin, o primeiro soldado dos Estados Unidos a morrer lutando contra os comunistas chineses, atingido no barco americano *Guam*, no rio Xiang, por bombas das forças de Peng a caminho de Changsha — no dia 4 de julho. Canhoneiras de quatro potências estrangeiras, em particular a americana *Palos*, desempenharam um papel fundamental na expulsão de Peng da cidade, em 6 de agosto.

Em meados de agosto, Peng recebeu uma mensagem inesperada dizendo que Mao vinha em sua "ajuda". Ao mesmo tempo, este escreveu a Xangai, em 19 de agosto, para informar que havia abandonado sua missão de atacar Nanchang para ir em auxílio de Peng, afirmando que o conterrâneo estava em grande dificuldade — "sofrendo mortes e perdas consideráveis". Peng disse categoricamente a ele que não estava em dificuldade e não precisava de ajuda, mas isso não foi suficiente para abalar Mao, que espertamente contra-argumentou pedindo a Peng que viesse ajudá-lo, pois estava prestes a atacar uma cidade chamada Yonghe, localizada entre eles, cerca de cem quilômetros a leste de Changsha.

Quando Peng o encontrou, em 23 de agosto, Mao anunciou que as forças do conterrâneo se fundiriam com as suas, sob seu comando, deixando-o

apenas com o posto de subcomandante militar, sob as ordens de Zhu De. Mao tentou despistar Xangai (e Moscou) ao afirmar que o objetivo da fusão era atacar Changsha pela segunda vez — ideia que teve a oposição de Peng e Zhu De, que não viam perspectiva de sucesso, uma vez que não havia mais o elemento-surpresa, que fora essencial para a captura da cidade por Peng.

Mas ele insistiu, garantindo a Xangai que os dois corpos de exército poderiam facilmente "ocupar Changsha [...] depois atacar Wuhan [...] para desencadear um levante geral em toda a China". Mao alimentou as ilusões de Xangai ao sugerir que a ocupação de Wuhan era iminente e, com ela, o estabelecimento de um governo comunista: "O centro poderia, por favor, instruir sobre a tomada de Wuhan", escreveu ele em seu estilo mais bajulador, "e começar os preparativos para organizar um governo". Na verdade, Mao não tinha nenhuma intenção de chegar perto de Wuhan.

Tampouco achava que poderia realmente tomar Changsha. Mesmo assim, para cimentar a absorção de Peng, ordenou o ataque à cidade. O resultado foram "enormes perdas humanas", conforme relatório enviado a Moscou. Perdas muito maiores para as unidades de Peng do que para as de Mao, pois ele evitou um verdadeiro ataque a Changsha, enquanto Peng seguiu fielmente as ordens e atacou a cidade diretamente. Gailis, o chefe do GRU na China, contou a Moscou que "Mao só ficou observando".

Ao final de três semanas, Mao suspendeu o cerco, insistindo em que o exército de Peng deveria seguir com ele. Os oficiais de Peng resistiram à ordem e alguns tentaram até fugir (naquela época, o Exército Vermelho chinês, tal como todas as forças chinesas em geral, não era como um exército moderno, em que as ordens são obedecidas incondicionalmente, sem questionamento). Mao logo iniciou um expurgo sangrento deles.

Mao também usou o cerco de Changsha, que fez manchetes, para se promover e aumentar sua fama. Quando começou o cerco, em 23 de agosto, proclamou um Comitê Revolucionário de Toda a China, colocou-o no comando de todos os exércitos vermelhos, governos e seções do partido, com ele mesmo na presidência, e mandou uma notícia sobre isso para a imprensa.

Dois meses antes, em 25 de junho, ele já havia enviado duas notícias à imprensa assumindo esse título. Ao que tudo indica nenhum jornal as publicou, mas Mao as afixou como tendo sido publicadas. A reação de Xangai fora anunciar, em 1º de agosto, que o posto de presidente pertencia ao

secretário-geral (nominal) do partido, Hsiang Chung-fa. Agora, Mao reiterava sua autodesignação por cima de Hsiang, em desafio a Xangai.

Mas não recebeu nenhuma punição. O novo Estado vermelho que Moscou decidira instalar na China precisava de líderes sedentos de poder e Mao era o mais sedento de todos. Em 20 de setembro, seu status de membro de segundo nível do Politburo foi restaurado, abrindo caminho para altos cargos no futuro Estado comunista. Moscou havia rejeitado a localização em Wuhan e determinara que ele deveria ser criado na "região mais segura do Exército Vermelho" — que era Jiangxi Vermelho.[a]

A derrota e as perdas pesadas causadas pelo cerco de Changsha foram imputadas ao impulsivo Li Li-san. Ele dissera aos russos que era "dever internacionalista" deles mandar tropas para ajudar os comunistas chineses em sua luta. Durante a invasão russa da Manchúria, no ano anterior, conclamara os comunistas chineses a "defender a União Soviética com armas". Agora propunha que Moscou deveria retribuir, e isso exasperou Stálin, que suspeitava que Li-san quisesse arrastá-lo para uma guerra contra o Japão. Li-san também incorrera na ira do líder soviético ao dizer que a Mongólia, que a Rússia anexara, deveria se tornar parte da China vermelha. Em 25 de agosto, o Comintern condenou Li-san por ser "hostil ao bolchevismo e ao Comintern" e, em outubro, chegou uma carta ordenando que fosse a Moscou. Lá, Stálin o transformou numa espécie de bode expiatório total e ele foi chamado várias vezes a se levantar e denunciar a si mesmo.[b] Li-san entrou nos livros de história como o homem responsável por todas as perdas comunistas nos primeiros anos da década de 1930. No topo da lista de perdas estavam aqueles que sofreram durante o cerco de Changsha, que eram, na verdade, de inteira responsabilidade de Mao, na sua busca pelo poder pessoal.

A sede de poder de Mao também provocou uma tragédia em sua família. Em 1930, sua ex-mulher Kai-hui e seus três filhos pequenos — o menor tinha três anos — ainda viviam na casa da família dela, nos arredores de Changsha, quando Mao assediou a cidade.

Ele a abandonara havia exatos três anos, ao partir aparentemente para participar do "Levante da Colheita de Outono", mas, na verdade, para se apropriar de sua primeira força armada. Mal se haviam passado quatro meses de sua partida, ele se casara com outra.

Embora Changsha fosse governada por um general ferozmente

anticomunista chamado Ho Chien, Kai-hui não fora importunada, pois não estava engajada em atividades comunistas. Mesmo depois que Peng De-huai tomou a cidade e quase o matou, não houve represálias de Ho Chien contra ela. Mas, depois que Mao apareceu e submeteu a cidade a um segundo ataque demorado, o general nacionalista decidiu se vingar. Kai-hui foi presa junto com o filho mais velho, An-ying, no dia em que o menino completava oito anos, 24 de outubro. Ofereceram-lhe um acordo: ganharia a liberdade se denunciasse Mao em público e se divorciasse dele. Ela não aceitou e foi executada na manhã cinzenta de 14 de novembro de 1930. No dia seguinte, o *Diário Republicano* de Hunan noticiou sua morte com a manchete "Esposa de Mao Tse-tung executada ontem — todos batem palmas e gritam de satisfação". Sem dúvida, a notícia refletia mais ódio por Mao do que por Kai-hui.

Quando foi levada para o "tribunal" no QG do Exército, usando uma longa bata azul-escuro, ela não mostrou sinal de medo. Ali, sobre uma mesa, havia um pincel, tinta vermelha e uma etiqueta com seu nome. Depois de fazer algumas perguntas, o juiz marcou a etiqueta com tinta vermelha e jogou-a no chão. Era o equivalente tradicional da assinatura de uma sentença de morte. Diante disso, dois executores arrancaram-lhe a bata, considerada um despojo. Um terceiro encontrou um bônus: 2,5 yuans enrolados num lenço que estava em um dos bolsos.

E assim ela caminhou para a morte, num dia de inverno, vestida com uma blusa fina, aos 29 anos. Quando foi levada pelas ruas, amarrada com cordas — tratamento normal para quem estava para ser executado —, um oficial chamou um jinriquixá para ela, enquanto soldados corriam de ambos os lados. O local de execução ficava logo depois de um dos portões da cidade, entre túmulos de pessoas executadas que não tinham ninguém para levar seus corpos para casa. Depois que a fuzilaram, alguém do pelotão de fuzilamento tirou-lhe os sapatos e os jogou bem longe: dizia a lenda que, se não fizessem isso, o fantasma do morto os seguiria e os assombraria.

Mais tarde, durante o almoço na caserna, os executores ficaram sabendo que Kai-hui não estava morta, de modo que sete deles voltaram e acabaram com ela. Na agonia, ela enterrara os dedos na terra.

Seu corpo foi levado de volta para sua aldeia por parentes e enterrado no terreno da família. O filho foi solto e, no início de 1931, Tse-min fez com

que os três meninos fossem para Xangai, onde entraram para um jardim de infância secreto do PCC.

Quando soube da morte de Kai-hui, Mao escreveu, com dor que parece genuína: "A morte de Kai-hui não pode ser redimida por cem mortes minhas!". Ele falava dela com frequência, especialmente na velhice, como sendo o amor de sua vida. O que ele nunca soube é que, embora Kai-hui o amasse, ela também rejeitava sua ideologia e suas matanças.

Nos anos decorridos entre o abandono de Mao e sua morte, Kai-hui escreveu reflexões sobre o comunismo e sobre seu amor pelo marido — oito textos intensos, magnânimos e ocasionalmente recriminadores, que escondeu em sua casa. Sete foram descobertos em rachaduras das paredes, em 1982, durante reformas. O oitavo veio à luz sob uma viga, ao lado de seu quarto, durante consertos feitos em 1990. Ela os enrolara em papel encerado para protegê-los da umidade. Mao jamais os viu e a maioria ainda é mantida em segredo — tão em segredo que até os membros sobreviventes da família de Mao não puderam ver os trechos mais devastadores.

Os escritos mostram a dor que Kai-hui sofreu ao ser abandonada por Mao, seu desapontamento e amargura diante da insensibilidade dele para com ela e seus filhos — e, o que talvez seja mais danoso, sua perda de fé no comunismo.

O escrito mais antigo é o poema "Pensamentos", datado de outubro de 1928. Mao estava longe havia um ano e lhe escrevera apenas uma vez. Ele mencionara problemas com os pés. Em junho, quando um inspetor do PCC que ela chama de "Primeiro Primo" foi para a área de Mao, Kai-hui mandou-lhe um pote de pimentões com feijões fermentados, o prato predileto do marido. Mas não recebeu resposta. Em um dia frio, ela sentiu saudades de Mao:

Dia deprimente, um vento norte começa,
Uma friagem espessa atravessa carne e ossos.
Penso neste Homem Distante,
De repente, ondas crescem da calmaria.
O pé estará curado?
A roupa de inverno está pronta?
Quem cuida de você quando dorme sozinho?

Está solitário e triste como eu?
Cartas não chegam,
Pergunto, mas ninguém responde.
Como eu quisera ter asas,
Voar para ver este homem.
Sem poder vê-lo,
O sofrimento não tem fim...

O texto seguinte, escrito para o Primeiro Primo em março de 1929 e marcado "não enviado", fala de sua solidão e seu desejo de apoio:

> Encolho-me num canto do mundo. Estou com medo e sozinha. Nessa situação, busco a cada minuto algo em que me apoiar. Então, você ocupa um lugar em meu coração, assim como Ren-xiu, que está aqui — vocês dois estão lado a lado em meu coração! Rezo com frequência: "Por favor, não deixe essas poucas pessoas se dispersarem!". Parece que vi o Deus da Morte — ah, é um rosto severo e cruel! Falando de morte, não a temo realmente e posso dizer que a acolho. Mas minha mãe, e meus filhos! Sinto pena deles! Esse sentimento me assombra tanto — anteontem deixou-me acordada a noite inteira.

Preocupada com os filhos e percebendo claramente que não podia contar com Mao, Kai-hui escreveu para o Primeiro Primo:

> Decidi confiá-los — meus filhos — a você. Financeiramente, enquanto o tio deles [provavelmente Tse-min] viver, ele não os abandonará; e o tio deles os ama realmente muito. Mas, se eles perderem a mãe e o pai, então o amor de um tio não será suficiente. Eles precisam do amor de você e de muitos outros para crescerem naturalmente, como numa primavera quente, e não serem destruídos por tempestades violentas. Esta carta é como um testamento agora, e você deve pensar que estou louca. Mas não sei por que, não consigo me livrar da sensação de ter uma corda sobre minha cabeça, como uma serpente venenosa, que parece ter vindo da Morte e que me aperta. Então, só resta me preparar!

Kai-hui teve essa premonição porque no dia 7 daquele mês o *Diário Republicano* de Hunan noticiara que a esposa de Zhu De fora morta, e sua cabeça, exposta numa rua de Changsha. O jornal trazia dois artigos em que os autores contavam como se haviam deleitado ao ver a cabeça cortada. Em abril, Kai-hui escreveu um artigo que quis mandar a um jornal, mas não o fez, intitulado "Sentimentos de tristeza após ler sobre o deleite de uma cabeça humana":

> Penso que a esposa de Zhu De era provavelmente comunista. [palavras que faltam no original] Ou mesmo uma figura importante. Se assim era, sua execução talvez não deva ser criticada. [palavras riscadas] Mas seu assassínio não se deveu ao seu próprio crime. Aqueles que se deleitaram com sua

cabeça e acharam que era uma visão agradável também não o fizeram por causa de seu próprio crime. Então lembro as histórias de matar parentes até o nono clã pelo crime de um homem no começo do período manchu. Minha ideia de que assassinos são forçados a matar não faz sentido aqui. Há tanta gente que se deleita e exulta com isso que podemos ver artigos jubilosos que os representam em jornais e revistas. Então minha ideia de que somente um pequeno número de pessoas cruéis mata se revela falsa aqui. Então, encontrei o espírito de nossa época [...]

Contudo, sou fraca, tenho medo de ser morta, e medo de matar. Não estou em sintonia com a época. Não posso olhar para aquela cabeça e meu peito está cheio de aflição. [...] Eu achava que a humanidade de hoje, e parte da humanidade, os chineses, eram suficientemente civilizados para ter quase abolido a pena de morte! Não esperava ver com meus próprios olhos a matança de parentes até o nono clã pelo crime de um homem [...] (Matar a esposa de Zhu De, embora não seja exatamente o nono clã, é basicamente a mesma coisa.) [...] e a cabeça humana está se tornando uma obra de arte necessária para muitos!

A abolição da pena de morte e da tortura fora uma bandeira muito popular no início do século e a carta do Partido Comunista Chinês de 1923 a incluíra entre seus objetivos.

Kai-hui naturalmente havia lido sobre as matanças de Mao nos jornais. Ele e suas tropas eram sempre chamados de "bandidos", que "incendiavam e matavam e sequestravam[c] e saqueavam". Os jornais também haviam noticiado que Mao fora expulso da terra dos bandidos e que, "cercado por três lados, Zhu-Mao não terá nenhuma chance de sobreviver".

Kai-hui ainda amava Mao e, sobretudo, queria que ele largasse o que estava fazendo e voltasse. Em 16 de maio de 1929, em um poema marcado "Para Primeiro Primo — não enviado", ela escreveu oito versos angustiados em que implorava a volta de Mao:

Você é agora o amado querido!
Por favor, *diga a ele*: *volta*, *volta*.
Posso ver que o coração dos velhos [provável referência à mãe] *está sendo queimado*
[*pelo fogo*,
Por favor, *volta! Volta!*
Triste separação, *sua cristalização*, *aflição gelada e solidão pairam ainda maiores*,
Como desejo que você traga para casa notícias!
Este coração, [confuso no original], *como se compara com queimar pelo fogo?*
Por favor, *volta! Volta!*

Pouco depois disso, chegou uma carta do Primeiro Primo dizendo que Mao ia a Xangai (em 7 de fevereiro de 1929, o partido o convocara). Isso significava que ela poderia vê-lo e Kai-hui ficou extasiada. Ela começou sua carta seguinte "ao Primeiro Primo" com: "Recebi sua carta. Como estou feliz

e aliviada!". Ela sonhava:

> Se a situação financeira permitir, devo sair daqui para alguns anos de estudo [...] Quero sair e achar um emprego [...] Estou realmente com pressa de fazer alguns estudos [...] Senão, posso sentir somente as dores do vazio, e sinto que não tenho nada em que me apoiar.
>
> Aquela carta parecida com um testamento, não enviei. Se você puder vir para casa de uma vez, isso é tudo que eu ousaria esperar.

Os pensamentos dela voltaram-se então para Mao, para a possibilidade de que ele não fosse a Xangai, e sua segurança, caso fosse: "Provavelmente, ele não conseguirá ir a Xangai? Eu preferiria que não fosse. Estou preocupada por ele de novo. Oh, céus! Vou parar por aqui".

Ela começou a escrever para Mao, mas mudou de ideia. Havia um cabeçalho — "Ao meu amado — não enviada" —, e o resto estava rasgado. Em vez disso, escreveu a história de sua vida, terminando em 20 de junho de 1929. Está claro que essa foi a maneira de falar a Mao sobre si mesma, seus pensamentos e sentimentos. As memórias contavam duas coisas: como ela o amava apaixonadamente e como era totalmente incapaz de tolerar a violência e a crueldade. Este último tema parece ter assumido um lugar ainda maior em sua mente, pois ela começava e terminava sua narrativa com ele.

Ela lembrava que, aos seis anos de idade, começara a ver o mundo como um lugar triste:

> Nasci extremamente fraca e desmaiava quando começava a chorar [...] Na época, simpatizava com animais [...] Todas as noites, ao ir para a cama, sombras horríveis, como a matança de galinhas, de porcos, gente morrendo, agitavam minha cabeça. Era tão doloroso! Ainda posso lembrar aquele gosto vividamente. Meu irmão, não somente meu irmão, mas muitas outras crianças, eu simplesmente não conseguia entendê-los. Como é que conseguiam pegar camundongos, ou libélulas, e brincar com eles, tratando-os como criaturas totalmente estranhas à dor?
>
> Se não fosse para poupar minha mãe da dor — a dor de me ver morrer —, se não fosse por essa poderosa influência, eu simplesmente não teria continuado a viver.
>
> Eu realmente queria ter uma fé! [...]
>
> Eu simpatizava com as pessoas das condições mais baixas de vida. Odiava aqueles que usavam roupas luxuosas, com o único pensamento de seu próprio prazer. No verão, eu parecia com as pessoas de classes mais baixas, usando uma roupa larga de algodão cru. Isso era eu aos dezessete ou dezoito anos [...]

Ela escreveu sobre como se apaixonou por Mao, como o amava totalmente, como soube de suas infidelidades e como o perdoou (essas páginas estão no capítulo 3 deste livro). Mas, no final, mostrava que estava pensando em

romper com ele e com a ideologia à qual ele lhe apresentara:

> Agora, minha inclinação mudou para uma nova fase. Quero obter um pouco de nutrição buscando conhecimento, regar e dar sustento à minha vida seca [...] Talvez um dia eu venha a gritar: minhas ideias do passado estavam erradas!

Ela acabava suas memórias com:

> Ah! Matar! Matar! Matar! Tudo o que ouço é este som em meus ouvidos! Por que os seres humanos são tão maus? Por que tão cruéis? Por quê? Não consigo continuar a pensar! [palavras apagadas por ela] Preciso ter uma fé! Preciso ter uma fé! Deixem-me ter uma fé!

Kai-hui fora atraída para o comunismo porque sentia simpatia pelos miseráveis. Seu clamor por "uma fé" deixa claro que ela estava perdendo a crença no comunismo. Ela não condenava Mao, a quem ainda amava profundamente. Mas deixava-o saber seus sentimentos em relação às matanças, algo que odiava desde a infância.

Ela escreveu esse texto primeiramente para Mao, pensando que talvez o visse em Xangai. Mas, com o passar do tempo, ficou claro que isso não aconteceria e, na verdade, ele estava conscientemente evitando a cidade. Kai-hui escondeu as doze páginas que escrevera até então entre os tijolos de uma parede.

Foi num clima de desespero que escreveu o último fragmento, em 28 de janeiro de 1930, dois dias antes do ano-novo chinês, época tradicional de reunião familiar. Em quatro páginas, descreveu o que passara nos últimos dois anos e meio, desde que Mao partira. Começava relembrando seus sentimentos nos dias anteriores à partida dele:[d]

> Durante dias, não consegui dormir.
>
> Simplesmente não consigo dormir. Estou ficando louca.
>
> Tantos dias agora que ele não escreveu. Espero dia após dia.
>
> Lágrimas [...]
>
> Não devo me afligir tanto. As crianças estão aflitas comigo e Mamãe está aflita comigo.
>
> Acho que posso estar grávida de novo.
>
> Realmente tão infeliz, tão sozinha, tanta angústia.
>
> Quero fugir. Mas tenho estes filhos, como posso?
>
> Na manhã do quinquagésimo dia, recebi a inestimável carta.
>
> Mesmo que ele morra, minhas lágrimas vão amortalhar seu corpo.
>
> Um mês, outro mês, meio ano, um ano, e três anos. Ele me abandonou. O passado invade minha mente, cena por cena. O futuro que imagino também invade minha mente, cena por cena. Ele deve ter me abandonado.

Ele tem muita sorte de ter meu amor. Eu realmente o amo tanto!

Ele não pode ter me abandonado, ele deve ter seus motivos para não me escrever [...]

O amor paterno é realmente um enigma. Será que ele não sente saudade dos filhos? Não consigo entendê-lo.

Isso é uma coisa triste, mas também uma coisa boa, porque agora posso ser uma pessoa independente.

Quero beijá-lo cem vezes, seus olhos, sua boca, suas bochechas, seu pescoço, sua cabeça. Ele é meu homem. Ele me pertence.

Só se pode confiar no Amor Materno. Estou pensando em minha mãe [...]

Ontem, mencionei-o para meu irmão. Tentei parecer normal, mas as lágrimas rolaram, não sei como.

Se ao menos eu pudesse esquecê-lo. Mas sua linda imagem, sua linda imagem.

Indistintamente o vejo diante de mim, olhando para mim com melancolia.

Escrevi para Primeiro Primo, dizendo isto: "Quem levar minha carta para ele e trouxer sua carta para mim é meu Salvador".

Céus, não consigo deixar de me preocupar com ele.

Enquanto ele estiver bem, se pertence ou não a mim é secundário. Que os céus o protejam.

Hoje é o aniversário dele. Não consigo esquecê-lo. Então mandei comprar comida e fiz tigelas de macarrão [prato especial de aniversário, pois os longos fios de massa simbolizam vida longa]. Mamãe lembra desta data também. À noite, na cama, tenho pensamentos tristes.

Ouvi dizer que ele esteve doente, por excesso de trabalho [...] Sem mim ao seu lado, ele não tomará cuidado. Simplesmente vai se cansar até morrer.

Com a saúde que tem, ele não pode trabalhar. Ele gasta demais seus miolos. Que os céus me protejam. Preciso trabalhar duro, duro, duro. Se conseguir ganhar sessenta yuans por semana, posso chamá-lo de volta e pedir para que não trabalhe mais. Nesse caso, com sua capacidade, sua inteligência, ele pode até alcançar sucesso imortal.

Outra noite insone.

Não posso suportar isso agora. Vou me encontrar com ele.

Meus filhos, meus pobres filhos me seguram.

Uma pesada carga pesa em meu coração, um lado é dele, outro é de meus filhos. Não posso deixar nenhum deles.

Quero chorar. Eu realmente quero chorar.

Por mais que eu tente, não consigo deixar de amá-lo. Simplesmente não consigo...

Os sentimentos de uma pessoa são realmente estranhos. San Chun-ho me ama tanto e, no entanto, eu nem olho para ele.

Como eu o amo [Mao]! Céus, deem-me uma resposta perfeita!

Pouco depois dessas palavras de partir o coração, o Primeiro Primo foi preso e executado. Foi enterrado atrás da casa dela.

Meses depois, ela também morreu. Durante seu ataque a Changsha, Mao não fez nenhum esforço para livrar Kai-hui e seus filhos, ou mesmo advertilos. E ele poderia facilmente tê-la salvado: a casa dela ficava na sua rota para a cidade e ele esteve lá durante três semanas. Não obstante, não levantou um

dedo para isso.

a O que chamamos de Jiangxi Vermelho não inclui a base no nordeste de Jiangxi, sob o comando de Fang Zhi-min.

b Um dia, um chinês assistiu a uma palestra em Moscou em que um homem denunciava Li Li-san ferozmente. Depois da fala, ele perguntou ao palestrante quem ele era e ficou espantado ao ouvir a resposta: “Eu sou Li Li-san”. Em fevereiro de 1938, Li-san foi preso e passou quase dois anos na prisão.

c Uma das pessoas sequestradas pela força de Mao foi o padre católico americano Edward Young. Young escapou, mas seus companheiros chineses de cativeiro foram mortos.

d As palavras seguintes foram, em grande parte, lembradas de memória, depois da leitura deste documento em um arquivo, e algumas podem, portanto, não ser exatas. As elipses representam partes que não puderam ser lembradas; a pontuação foi acrescentada por motivos de clareza.

8. Expurgo sangrento abre caminho para o "presidente Mao" (1929-31; 35-37 anos)

No ano e meio decorrido desde que deixou o território dos bandidos, no início de 1929, Mao assumiu o controle total sobre dois grandes exércitos vermelhos, o Zhu-Mao e o de Peng De-huai, bem como de uma significativa base comunista, em Fujian. Durante todo esse tempo, não perdeu de vista outro exército vermelho de bom tamanho, o de Jiangxi, a província situada entre Fujian e Hunan.

Sob o comando de um líder carismático e relativamente moderado chamado Lee Wen-lin, os comunistas de Jiangxi haviam conquistado alguns bolsões bastante seguros. Haviam recebido calorosamente Mao quando viera pela primeira vez do território dos bandidos, em fevereiro de 1929. Aquela estada fora breve, com as tropas nacionalistas nos calcanhares de Mao, mas mesmo assim ele se declarara prontamente chefe deles e, quando partiu, deixou seu irmão mais moço, Tse-tan, como chefe do distrito de Donggu, o centro dos comunistas de Jiangxi. Nenhuma dessas medidas foi autorizada por Xangai e os militantes locais não ficaram contentes. Mas não resistiram a Mao, pois ele estava indo embora.

Mao esperava que seu irmão assumisse o controle por ele, mas Tse-tan não tinha sua agressividade e sede de poder. Um inspetor do partido disse que ele "trabalhava como alguém que sofre de malária, subitamente quente e subitamente frio [...] um tanto infantil e temeroso de tomar decisões". Então, três meses depois, Mao enviou o companheiro de Hunan Lieu Shi-qi, com autoridade sobre seu irmão.

Lieu tirou de Tse-tan não apenas sua posição, mas também a namorada, com quem se casou. A mulher em questão, Ho Yi, era irmã da esposa de Mao, Gui-yuan, e assim Lieu tornou-se cunhado dele. Tal como Mao, era "mal-humorado e de boca suja", de acordo com seus camaradas, com tantos

cotovelos e poucos escrúpulos quanto ele. Quando Mao retornou ao Jiangxi Vermelho para tentar consolidar seu domínio, em fevereiro de 1930, Lieu já contava com vários postos de liderança.

Mao voltou porque agora tinha força militar suficiente para tentar tomar o poder em Jiangxi, mas uma vez mais o fez lançando mão de tramoias. Uma pretensiosamente denominada "conferência conjunta", que, supõe-se, compreenderia representantes de todos os comunistas de Jiangxi, foi convocada para um lugar chamado Pitou. Então, no último minuto, Mao alterou o cronograma. Depois de anunciar que a conferência se abriria no dia 10 de fevereiro, ele a antecipou de repente para o dia 6. Assim, quando delegados importantes chegaram, inclusive muitos que vinham resistindo a Lieu, a conferência já havia acabado.

Na verdade, a "conferência conjunta" de Pitou foi pouco mais que um assunto de família entre os dois cunhados e deu o devido endosso para que Mao se tornasse o suserano do Jiangxi Vermelho, com Lieu no papel de seu representante no local. Lee Wen-lin, o líder dos comunistas de Jiangxi, foi rebaixado para uma função burocrática.

A maioria dos comunistas de Jiangxi se opôs a essas decisões e Mao teve de apelar ao terror para silenciá-los. Em Pitou, ordenou a execução pública de quatro populares comunistas locais, que foram acusados de "contrarrevolucionários". Foram os primeiros comunistas assassinados por ele cujos nomes são conhecidos.

Mao e o cunhado Lieu utilizaram as execuções para calar possíveis dissidentes. Um inspetor do partido relatou na época que Lieu constantemente "explodia em agressões selvagens [...] dizendo coisas do tipo 'vou mandar executá-lo!'". Uma acusação em particular, usada para mandar matar, era a mesma empregada na Rússia stalinista: que a pessoa era um "camponês rico", ou "kulak". Mao afirmava que, em Jiangxi, "as organizações do partido em todos os níveis estão cheias de proprietários e kulaks", baseado apenas no fato de que a maioria dos líderes do Jiangxi Vermelho vinha de famílias afluentes. Na verdade, ele próprio pertencia a uma família de kulaks. Os comunistas chineses já haviam matado uns aos outros, mas, até então, a maioria dos assassinatos se devia a conflitos entre pessoas ou clãs, travestidos de rótulos ideológicos.[a] As matanças de Mao eram motivadas por ambições mais grandiosas.

Enquanto urdia suas tramoias em Jiangxi, Mao fazia o máximo para não alertar Xangai, que não lhe concedera nenhum mandato para tomar o Jiangxi Vermelho. Ao contrário, haviam dado ao Exército Vermelho de Jiangxi o estatuto de exército separado, no mesmo nível do Exército Zhu-Mao, e designaram um homem chamado Cai Shen-xi para comandá-lo.

Quando Cai chegou a Jiangxi, Mao negou-se a deixá-lo assumir o posto e simplesmente designou seu cunhado Lieu para comandar o Exército. Conseguiu esconder isso de Xangai porque na época não havia telefone, rádio ou telégrafo. As conexões eram feitas por mensageiros, que levavam várias semanas para ir de Xangai às bases e vice-versa. Temos razões para acreditar que ele e seu cunhado mataram um inspetor não cooperativo do partido chamado Jiang Han-bo e depois falsificaram um relatório para Xangai em nome de Jiang, repetindo a linha de Mao.

O plano de Mao era criar um *fait accompli*. Até então, vinha escrevendo cartas servis a Xangai. Deixou então de escrevê-las e ignorou várias convocações para ir até lá. Para se livrar da pressão, parece ter chegado ao ponto de espalhar o rumor de que morrera de uma doença. Por ser um "chefe de bandidos" famoso, a notícia recebeu ampla cobertura da imprensa nacionalista, o que era uma maneira conveniente de espalhar uma história de cuja responsabilidade ele poderia se eximir de forma plausível.

A manobra foi um sucesso, no curto prazo. Em 20 de março, apareceu um obituário em Moscou, na revista do Comintern *Correspondência da Imprensa Internacional*: "Da China chegou a notícia de que o camarada Mau Tze Dung [...] o fundador do Exército Vermelho, morreu no front em Fukien, em consequência de uma longa doença dos pulmões".

Mas, dentro de quinze dias, Moscou e Xangai descobriram que Mao estava vivo e ativo e que, além disso, assumira o controle do Exército. Em 3 de abril, Xangai emitiu uma circular a todos os exércitos vermelhos, especificando que deveriam obedecer somente a suas ordens. A circular fazia questão de criticar Mao (sem nomeá-lo) por ter tomado o Exército Vermelho de Jiangxi sem autorização.

Quando o documento de Xangai chegou a Jiangxi, em maio, os comunistas locais levantaram-se contra Mao. Em algumas áreas, os quadros estimularam revoltas dos camponeses contra o regime de Mao-Lieu. Antes da chegada de Mao, os comunistas haviam dado atenção a questões como bem-estar e

produção, construindo uma fábrica para fazer implementos agrícolas e utensílios para o lar. Mao e Lieu acusaram esses programas de "construcionismo". Lieu escreveu que "para as necessidades da luta, reduzir a produção é inevitável". Privados da chance de aumentar a produção e espremidos pelos impostos (que, segundo Lieu sustentava, eles "pulavam de alegria para pagar"), os camponeses se rebelaram em distrito após distrito, levantando slogans como "Deem-nos uma vida tranquila e trabalho tranquilo!". Lieu esmagou as revoltas impiedosamente: "Assim que alguém for visto hesitando ou se comportando mal, deve ser preso", ordenou. "Não deve haver sentimentos por parentes ou amigos. Quem quer que venha a sua casa ou a qualquer lugar e não se comporte corretamente [...] vocês devem denunciar [...] às autoridades para que possam ser detidos e punidos."

Lieu sustentava que as revoltas eram lideradas por "elementos AB [que] se tornaram secretários de seções do partido". "AB", que significava "antibolchevique", era o nome de um grupo nacionalista extinto, que Lieu falsamente ressuscitou para condenar os dissidentes locais. No prazo de um mês, milhares de camponeses e comunistas foram mortos.

Naquele momento, abriu-se uma oportunidade para os comunistas de Jiangxi. No começo de agosto de 1930, Mao e seu exército estavam a centenas de quilômetros de distância, perto de Changsha, tentando tomar o exército de Peng De-huai. Liderados por seu antigo chefe Lee Wen-lin, eles aproveitaram a chance, convocaram uma reunião e demitiram Lieu. Uma plateia turbulenta o vaiou e criticou — e, através dele, Mao — por "pensar somente em poder", como Lieu admitiu mais tarde a Xangai, "tornando-se senhores da guerra" e "pondo o partido em grande perigo". Lieu foi denunciado por executar "demasiados" de seus camaradas e por criar "um imenso terror vermelho".

Os comunistas locais apelaram a Xangai para expulsá-lo do partido. Mas, carentes de instinto assassino, deixaram-no ir para Xangai, que lhe deu um posto em outra base comunista. Lá ele encontrou alguém a sua altura. O chefe dessa base era Chang Kuo-tao, indivíduo tão maligno quanto Mao, que perpetrou sua própria matança, durante a qual Lieu foi morto. Depois da partida de Lieu, sua esposa voltou para Tse-tan, tornando-se duplamente cunhada de Mao.

Com a saída de Lieu, Mao perdeu seu homem em Jiangxi. Depois que

terminou o cerco a Changsha, voltou para retomar o controle — e se vingar. A caminho, em 14 de outubro, denunciou os comunistas de Jiangxi a Xangai: "O partido inteiro [de lá] está sob a liderança de kulaks [...] cheio de ABs [...] Sem um expurgo completo dos líderes kulaks e dos ABs [...] não há como o partido possa ser salvo".

Foi justamente nesse momento que Mao soube que Moscou lhe dera a promoção máxima, fazendo dele o chefe do Estado futuro. Sua perseguição agressiva do poder lhe granjeara apreciação. Agora que tinha a bênção de Moscou, decidiu começar um expurgo de larga escala, livrar-se de todos os que haviam se oposto a ele e, no processo, gerar um tal terror que ninguém mais ousaria desobedecê-lo a partir de então. Xangai não estava em condições de controlá-lo, pois em meados de novembro irrompeu uma luta feroz entre sua liderança, provocada por um membro relativamente desconhecido chamado Wang Ming, que em anos vindouros se tornaria um importante desafiador de Mao.

No final de novembro, Mao começou o massacre. Ordenou que todas as tropas se reunissem no centro do território vermelho, de onde seria difícil escapar. Ali, afirmou que fora descoberta uma aliança AB na seção sob o comando de Peng De-huai — que, de fato, continha indivíduos que haviam resistido ao controle de Mao. Começaram as prisões e execuções. Um interrogador descreveu, em suas memórias não publicadas, como um oficial que havia liderado uma tentativa de sair do redil de Mao foi torturado: "As feridas em suas costas pareciam escamas de peixe".

Mao também tinha contas a ajustar com o Exército Zhu-Mao, pois o haviam demitido do comando no ano anterior. Muitos oficiais comunistas tinham reservas em relação a ele, manifestadas na carta que um deles, chamado Liou Di, escreveu para Xangai em 11 de janeiro de 1931: "Nunca confiei em Mao". Após uma batalha, "me encontrei com muitos oficiais de diferentes unidades do Exército [...] Eles estavam todos apreensivos e pareciam desanimados. Disseram que não sabiam que para trabalhar no Partido Comunista era preciso ser delator e que desse modo não valia a pena. Achei a mesma coisa e considerei que o espírito bolchevique do partido estava sendo solapado dia após dia". Mao foi acusado do "crime de

incriminar falsamente e perseguir camaradas" e de "ser um intrigante perverso", como ele admitiu a Xangai em 20 de dezembro de 1930.

Para comandar o expurgo, Mao usou um aliado chamado Lie Shau-joe, considerado "maldoso e sujo" por seus companheiros. Um inspetor do partido escrevera que "a maioria da tropa não gosta de Lie porque ele é todo bravatas antes da batalha, mas covarde na luta". As pessoas que trabalhavam sob seu comando vinham implorando ao partido para "demiti-lo e puni-lo".

Lie começou com a prisão de poucos indivíduos e utilizou a tortura para fazê-los dar o nome de outros; vieram então mais prisões, mais tortura e mais adversários de Mao denunciados. De acordo com um oficial graduado, Lie e seus homens "simplesmente anunciavam: 'Há ABs entre vocês', e nomeavam pessoas [...] nenhuma outra prova era apresentada; essas pessoas [...] eram torturadas e forçadas a admitir [que eram ABs] e também a dar os nomes de dezenas de outras pessoas. Assim, essas pessoas eram presas e torturadas e davam muitos outros nomes".

Em 20 de dezembro, Mao escreveu pessoalmente a Xangai para dizer que no espaço de um mês "mais de 4400 ABs tinham sido descobertos pelo Exército Vermelho". A maioria foi morta — e todos foram torturados, Mao reconheceu. Argumentou que, se as vítimas não conseguiam suportar a tortura e faziam confissões falsas, isso provava que eram culpadas. "Como é possível que revolucionários leais façam confissões falsas para incriminar outros camaradas?", perguntava ele.

Depois de apertar o controle sobre o Exército, voltou sua atenção para os comunistas de Jiangxi. Em 3 de dezembro, enviou Lie com uma lista de seus adversários à cidade de Futian, onde moravam os líderes da província. Mao denunciou a reunião de agosto, que havia expulsado seu aliado Lieu, como uma "reunião de ABs" que se "opunha a Mao Tse-tung". "Derrube todos eles", ordenou, e depois "massacre em massa em todos os condados e todos os distritos." "Qualquer lugar que não prenda e massacre, os membros do partido e do governo daquela área devem ser ABs, e você pode simplesmente prender e dar um trato neles [*xun-ban*, implicando tortura e/ou extermínio]."

Lie chegou a Futian em 7 de dezembro, prendeu os homens que estavam na lista de Mao e os torturou durante a noite. Um método chamava-se "acertar minas terrestres", pelo qual o polegar era quebrado lentamente, com dor excruciante. Outra técnica, também lenta, para maximizar a dor era

queimar as vítimas com pavios acesos. Lie foi particularmente perverso com as esposas dos líderes de Jiangxi. Elas foram despidas e, de acordo com um protesto escrito logo depois do acontecido, "seus corpos, em particular suas vaginas, foram queimados com pavios acesos e seus seios cortados com pequenas facas".

Essas atrocidades provocaram uma revolta, a primeira a desafiar Mao abertamente. Seu líder foi o já mencionado oficial Liou Di, que era de Hunan e o conhecia havia alguns anos. Devido à sua origem, Mao quisera anteriormente alistá-lo ao seu lado para ajudar a controlar parte do Exército de Jiangxi. Em 9 de dezembro, Lie convocou Liou Di, primeiro dizendo que ele fora identificado como AB e depois prometendo deixá-lo livre se ele colaborasse.

Em uma carta enviada a Xangai depois da revolta, Liou Di descreveu o que aconteceu. Ele viu os torturadores empanturrando-se num banquete de "bebidas, carnes e presuntos", enquanto suas vítimas jaziam a seus pés, e escutou Lie vangloriar-se sobre torturar "alegremente, de bom humor", sob elogios dos outros. Empolgado, Lie deixou escapar que a coisa toda não era "uma questão de ABs, mas tudo política". "Cheguei à firme conclusão de que tudo aquilo não tinha nada a ver com o AB", escreveu Liou. "Deve ser Mao Tse-tung fazendo jogadas e mandando seu assecla Lie Shau-joe aqui para massacrar os camaradas de Jiangxi."

Liou Di decidiu tentar deter Mao, mas teve de empregar um subterfúgio: "Se eu agisse como um comunista e tratasse com eles com honestidade, só a morte me aguardaria. Então deixei de lado minha integridade [...] e, adotando um sotaque de Changsha [para mostrar que não era de Jiangxi], disse a Lie: 'Sou um subordinado antigo de Vossa Senhoria [...] Darei o melhor de mim para obedecer a suas instruções políticas'". Ele também prometeu fidelidade a Mao. "Depois que eu disse isso, a atitude deles mudou de imediato [...] Eles me disseram para esperar numa pequena sala ao lado." Naquela noite, deitado ali numa cama, escutando através da parede os gritos de um camarada torturado, Liou Di planejou o que iria fazer.

Na manhã seguinte, bajulou Lie ainda mais e conseguiu obter a liberdade. Lie mandou-o voltar e "eliminar logo todos os ABs de seu regimento". Ao retornar, Liou Di contou aos seus companheiros oficiais o que vira e escutara e obteve o apoio deles. Na manhã do dia 12, reuniu suas tropas, atacou a

prisão de Futian e soltou as vítimas. Por não ser um assassino, não perseguiu os asseclas de Mao que escaparam. Não obstante, Lie foi morto depois por um vingador.

Naquela noite, surgiram cartazes em Futian que diziam "Abaixo Mao Tse-tung!" e, na manhã seguinte, realizou-se um comício anti-Mao. À tarde, os homens de Jiangxi deixaram a cidade e atravessaram o rio Gan para ficar longe do alcance de Mao. Expediram uma circular com esta descrição de Mao:

> Ele é extremamente trapaceiro e dissimulado, egoísta e cheio de megalomania. Com seus camaradas, é mandão, aterroriza-os com acusações de crimes e os sacrifica. Raramente realiza discussões sobre assuntos do partido [...] Sempre que expressa uma opinião, todos devem concordar, senão usa a organização do partido para dar um aperto em você, ou inventa algumas teorias fabricadas para tornar-lhe a vida absolutamente terrível. [...] Mao sempre usa acusações políticas para atingir camaradas. Seu método costumeiro em relação aos quadros é [...] usá-los como instrumentos pessoais. Em resumo, [...] ele nem é um líder revolucionário, nem é [...] bolchevique.

O objetivo de Mao, diziam eles, era se "tornar imperador do partido".

Porém, um enviado de Xangai estava presente e disse-lhes que parassem de denunciar Mao em público, porque ele tinha "uma reputação internacional". Eles obedeceram de imediato e confiaram seu destino a Xangai: "Devemos relatar os objetivos malévolos de Mao Tse-tung e seu massacre do partido de Jiangxi ao centro, para que o centro resolva", disseram aos seus soldados.

Os delegados que enviaram a Xangai eram pessoas que haviam sido torturadas pelos homens de Mao. Lá, elas apresentaram à liderança do partido provas difíceis de impugnar: suas cicatrizes da tortura. Além disso, disseram que Mao "não obedeceu às instruções [da liderança]. Ele [...] ignorou camaradas enviados pelo centro e criou deliberadamente problemas para eles [...] O centro escreveu várias vezes para tentar transferir Mao Tse-tung, mas ele simplesmente ignorou as cartas".

Mas os enviados de Moscou e a liderança de Xangai, encabeçada por Chou En-lai, apoiaram Mao, ainda que soubessem que as acusações contra ele eram verdadeiras e houvessem visto as marcas de tortura com os próprios olhos. Chou disse ao agente de Moscou, o polonês Rylsky, que "as prisões e torturas de membros de nosso partido [...] realmente ocorreram". Mas, no mundo stalinista, um expurgador era sempre o vitorioso,[b] pois Moscou estava em busca dos indivíduos mais duros. Os comunistas de Jiangxi,

embora leais ao partido, foram rotulados de "contrarrevolucionários" e receberam ordens de se submeter a Mao ou enfrentar uma "luta armada implacável", ou seja, a aniquilação. Mao estava "fundamentalmente correto", disse Moscou, acrescentando que "essa linha de luta implacável contra os inimigos da revolução deve [continuar]". Esse foi outro marco na carreira de Mao: ele obteve o apoio de Moscou para matar seus camaradas, que não haviam feito absolutamente nada de errado em relação ao partido. Não haviam matado ou ferido um único membro do partido, enquanto Mao havia pisoteado todas as regras partidárias.

Xangai chegou mesmo a mandar a denúncia contra Mao para o próprio — uma sinalização de que ele estava livre para puni-los da forma que desejasse. Sobre esses relatórios de partir o coração, alguém anotou com linhas finas e compridas: "Depois de traduzir [para o russo], devolver para Mao". Ou simplesmente: "Para Mao". Essas palavras foram escritas pelo chefe do Departamento de Organização, Kang Sheng. Homem esbelto, de bigodes e óculos de aros de ouro, conhecedor da arte erótica chinesa, com um olho igualmente perspicaz para o grau de dor produzido pela tortura e o tormento, Kang ficaria tristemente famoso mais tarde como perseguidor nomeado de Mao. Naquela ocasião, com essas palavras indiferentes, e contudo sinistras, ele entregou as vítimas a Mao — e à morte certa.

Com o encorajamento de Xangai, Mao mandou "processar" e executar Liou Di e seus companheiros de revolta. Antes da execução, eles foram exibidos pela área dos comunistas como advertência. Representantes de todas as regiões da base foram trazidos para assistir às execuções.

O Jiangxi Vermelho foi devastado, como revelou um relatório secreto posterior: "Todo trabalho foi interrompido a fim de massacrar ABs". "Todos viviam com medo [...] No pior dos casos, duas pessoas conversando eram suspeitas de ser ABs [...] Todos os que não eram diabólicos para atacar ABs eram tratados como ABs." A tortura horrorosa era lugar-comum: "Há tantos tipos [...] com nomes estranhos como [...] 'sentar numa cadeira do prazer', 'beber sapos', 'macacos segurando uma corda'. Em alguns, enfiaram o cano incandescente da arma no ânus [...] Só no condado da Vitória, houve 120 tipos de tortura". Em uma delas, chamada com inventividade doentia de "anjo tangendo cítara", um arame enfiado no pênis e preso à orelha da vítima era dedilhado pelo torturador. Havia também formas horríveis de matar.

"Em todos os condados", dizia o relatório, "houve casos em que abriram a barriga e arrancaram o coração."

No total, dezenas de milhares morreram em Jiangxi. Somente no Exército, foram em torno de 10 mil mortes — cerca de um quarto de todo o Exército Vermelho sob o comando de Mao na época —, como revelou o relatório secreto feito imediatamente depois. Foi o primeiro expurgo em larga escala no partido, e ocorreu antes do Grande Expurgo de Stálin. Esse episódio crítico — de certa forma, o momento formador do maoísmo — é encoberto ainda hoje. A responsabilidade e os motivos pessoais de Mao, assim como sua extrema brutalidade, continuam a ser tabu.

Em Fujian, os comunistas locais também se rebelaram contra Mao, expulsando pelo voto seus seguidores em julho de 1930, enquanto ele e seu exército estavam ausentes. Muitos milhares foram então executados; o número, levando em conta apenas aqueles cujos nomes são conhecidos e que foram depois oficialmente inocentados, é de 6352. Em um condado, as vítimas a caminho da execução foram puxadas pelas ruas com arames enferrujados atravessados nos testículos. Apavorado e totalmente desiludido, o líder do Fujian Vermelho fugiu na primeira oportunidade, quando foi enviado a Hong Kong para comprar remédios. Foi apenas um dos muitos comunistas veteranos que desertaram. Outro foi o filho adotivo *de facto* de Peng De-huai.

Logo após o motim contra Mao, os comunistas de Jiangxi haviam apelado para o apoio de Zhu De e Peng: "Camaradas, nosso partido será para sempre tão perverso e sombrio?". Esses dois não gostavam de Mao. Uma noite, depois de muito vinho de arroz, Zhu disse a um velho amigo: "Muitos camaradas antigos [...] foram mortos no expurgo. Você sabe quem é o homem responsável pela morte deles". O amigo sabia que ele se referia a Mao e disse isso em suas memórias. Segundo ele, Zhou teria dito: "O incidente de Futian foi inteiramente causado pelo massacre de ABs pelo velho Mao. Tantos camaradas foram mortos...". Zhu "parecia imensamente triste". Porém, ele e Peng se mantiveram ao lado de Mao. Xangai e Moscou estavam por trás dele, e ficar com os comunistas de Jiangxi significaria afastar-se do partido. Mao assentara as bases para enquadrar Zhu e Peng.

Havia expurgado o staff de Zhu De e executado dois ajudantes de ordens de Peng. Também não seria difícil para ele coagir alguma vítima de tortura a fazer acusações contra Zhu e Peng. Uma mensagem que chegou ao chefe da espionagem russa na China sugeria que "Peng pode estar envolvido" com o AB.

Mao não apenas chantageava os comandantes militares, como tratava de fazer com que sujassem as mãos com o sangue de camaradas. Ordenou que Zhu participasse do júri que sentenciou Liou Di à morte.

Zhu e Peng não enfrentaram Mao por um outro motivo. Naquele momento, em dezembro de 1930, Chiang Kai-shek acabava de vencer a guerra contra seus rivais nacionalistas e estava lançando uma "expedição de aniquilação" contra os comunistas. Zhu e Peng preocupavam-se com o Exército Vermelho e temiam que uma divisão pudesse selar seu destino. A atitude deles era diferente da de Mao. Durante esse ataque de Chiang e os subsequentes, em 1931, ele jamais sustou o expurgo e, quando o Generalíssimo fez uma pausa, redobrou sua matança interna — ainda que as pessoas que estava matando tivessem acabado de retornar da luta contra Chiang.

A impiedade de Mao produziu uma política eficaz contra Chiang. Tratava-se de "atrair o inimigo bem para dentro da zona vermelha e atacar quando ele estivesse exausto". Mao argumentava que, como os nacionalistas não estavam familiarizados com o terreno, as condições deveriam favorecer os comunistas. Uma vez que havia pouquíssimas estradas, as tropas nacionalistas teriam de confiar em suprimentos locais, e, como os comunistas controlavam a população, estes poderiam privar o inimigo de comida e água. O plano de Mao era forçar toda a população a enterrar seus alimentos e artigos domésticos, bloquear todos os poços com pedras enormes e retirar-se para as montanhas, de tal modo que o exército de Chiang não pudesse encontrar água ou comida, nem trabalhadores e guias. A estratégia transformava a base vermelha em um campo de batalha, impondo privações colossais a toda a população, a quem Mao jogou na insegurança.

Poucos líderes comunistas concordavam com Mao, mas sua estratégia funcionou. Um comandante nacionalista lamentou depois que, em todos os

lugares, “não vimos gente, as casas estavam esvaziadas como por uma enchente, não havia comida, potes, panelas [...] Não conseguíamos nenhuma informação militar”. Chiang refletiu em seu diário: “A dificuldade de aniquilar os bandidos [comunistas] é maior do que uma grande guerra, porque eles lutam em seu território e podem obrigar a população a fazer o que eles querem”.

Contudo, não foi a estratégia brutal de Mao que decidiu a vitória dos vermelhos. O que realmente fez pender a balança foi a ajuda russa — embora isso continue virtualmente desconhecido. Moscou montou um grupo de assessoria militar de alto nível na União Soviética para planejar estratégias e um comitê militar em Xangai, com assessores russos e de outras nacionalidades (especialmente alemães). A ajuda fundamental veio do serviço secreto militar soviético, o GRU, que tinha uma rede de mais de cem agentes na China, em geral chineses dentro de repartições nacionalistas próximas do Exército Vermelho, cuja principal função era fornecer informações para os comunistas chineses. No início de 1930, Moscou havia enviado para dirigir sua operação em Xangai um oficial brilhante, o meio alemão, meio russo Richard Sorge.[c] O principal golpe de Sorge foi se infiltrar no grupo de assessores militares alemães do QG de Chiang, graças ao descontentamento da esposa de um deles, Stölzner, que roubou os códigos nacionalistas, inclusive aqueles usados para comunicações entre o comando geral e as unidades em campo. Essa informação dos espiões russos deu a Mao uma vantagem incalculável. O PCC também tinha seus próprios agentes trabalhando no coração do setor de informações nacionalista. Um deles, Qian Zhuang-fei, se tornou secretário confidencial do chefe da espionagem nacionalista U. T. Hsu e desempenhou um grande papel no sucesso de Mao.

Essas redes de inteligência forneceram a Mao informações precisas sobre os movimentos do exército de Chiang. Em 30 de dezembro de 1930, duas semanas depois do início da expedição, Mao usou 40 mil soldados e civis para montar uma emboscada contra 9 mil soldados nacionalistas. No dia anterior, ele soubera exatamente quais unidades estavam vindo e quando. Mao esperou a partir do amanhecer em um pico distante, enquanto a neblina envolvia as montanhas, e depois observou a ação em meio a folhas de bordo, algumas ainda vermelhas nas árvores e outras caídas no chão coberto de geada. Ao sol da tarde, gritos entusiasmados vindos de baixo anunciaram-lhe

a vitória. A maior parte das tropas nacionalistas havia simplesmente erguido as mãos em rendição e o comandante nacionalista fora capturado. O general foi exibido numa assembleia de massa, na qual Mao falou e, sob sua orientação, a multidão gritou: "Cortem a cabeça dele! Comam sua carne!". A cabeça do general foi então cortada e despachada rio abaixo presa numa porta, com uma pequena bandeira branca dizendo que era "um presente" para seus superiores.

Essa emboscada acabou com a primeira expedição de Chiang, que rendeu ao Exército Vermelho armas e prisioneiros, além de rádios e operadores de rádio. O prestígio de Mao aumentou. Poucos tinham ideia do papel essencial desempenhado pela inteligência russa, bem como pelo dinheiro, os remédios e as armas enviados pela Rússia. Mao solicitara até gás venenoso.

Em abril de 1931, tropas nacionalistas voltaram para uma segunda "expedição de aniquilação". De novo, foram frustradas pela tática de "atrair o inimigo para bem dentro da área vermelha", e de novo Moscou forneceu ajuda e informações fundamentais, dessa vez incluindo um poderoso rádio transmissor-receptor obtido em Hong Kong e técnicos russos em rádio. Para essa campanha, Mao conseguiu interceptar as comunicações do inimigo.

No começo de julho, porém, Chiang Kai-shek em pessoa comandou uma enorme terceira expedição de 300 mil soldados e modificou sua tática, de tal forma que foi muito mais difícil para Mao usar sua vantagem nas informações para montar emboscadas. Além disso, dessa vez as forças do Generalíssimo eram dez vezes maiores do que as de Mao e conseguiram ficar e ocupar as áreas para as quais foram "atraídas". O Exército Vermelho viu-se impossibilitado de retornar. Dentro de dois meses, a base vermelha foi reduzida para poucas dezenas de quilômetros quadrados e os homens de Mao estavam à beira do colapso.

Mas Chiang não continuou a pressionar. Mao foi salvo pelo ator mais improvável: o Japão fascista.

Em 1931, o Japão aumentou seu enclave na Manchúria, no nordeste da China. Diante de ameaças nos dois extremos de seu vasto país, Chiang se decidiu por uma política de "Estabilidade Interna Primeiro" — resolver o problema dos comunistas antes de enfrentar o Japão. Mas Tóquio torpedeou seu cronograma. Em 18 de setembro, Chiang embarcou em um navio em

Nanquim rumo a Jiangxi, para dar um empurrão em seu ataque à base encolhida de Mao. Naquela mesma noite, às dez horas, o Japão invadiu a Manchúria, iniciando de fato a guerra do Pacífico — e a Segunda Guerra Mundial. Chang Hsueh-liang, comandante nacionalista na Manchúria, conhecido como Jovem Marechal, não ofereceu resistência. Mais de sessenta anos depois, ele nos contou o porquê: a resistência teria sido inútil. "Não havia como vencer. Só poderíamos travar uma guerra de guerrilhas, ou fazer uma tentativa caótica [...] A qualidade do Exército chinês não se comparava com a do japonês [...] O Exército japonês era realmente brilhante [...] 'Não resistência' [...] era a única política factível."

Quando Chiang Kai-shek chegou a Jiangxi, no dia seguinte, o Japão já havia ocupado a capital Shenyang (também conhecida como Mukden) e outras cidades importantes da Manchúria, e ele teve de voltar correndo para Nanquim no dia 20 para enfrentar a crise. Não declarou guerra ao Japão porque, tal como o Jovem Marechal, considerava que a resistência armada seria inútil, tendo em vista a avassaladora superioridade militar japonesa. A tática de Chiang foi usar a imensidão de território e efetivos e o terreno difícil da China para ganhar tempo, sabendo que era praticamente impossível para o Japão ocupar e guarnecer todo o país. Nesse ínterim, buscou a intervenção da Liga das Nações. Seu plano de longo prazo era modernizar o Exército, fortalecer a economia e lutar contra os japoneses quando houvesse alguma chance de vitória.

"Essa infelicidade talvez até venha a ser uma bênção disfarçada", escreveu Chiang em seu diário, "se conseguir unir o país." Nanquim decidiu imediatamente "suspender o plano de [...] aniquilar os comunistas", e propôs uma frente unida contra o Japão. O PCC rejeitou a ideia, dizendo que qualquer sugestão de que estivesse disposto a entrar numa frente unida era "ridícula ao extremo". Conforme a posição dos comunistas, o principal inimigo eram os nacionalistas, e não os japoneses, e seus slogans deixavam isso muito claro: enquanto bradavam "*Abaixo* os nacionalistas", diziam apenas "*Contra* os imperialistas japoneses". A "tarefa central" do partido era descrita como "defender a União Soviética com armas" (seguindo a linha de Moscou de que a invasão japonesa da Manchúria era um prelúdio para o ataque à União Soviética).

Desde então, a História foi completamente reescrita e o mundo passou a

acreditar que o PCC era mais patriótico e disposto a lutar contra o Japão do que os nacionalistas — e que foram os comunistas que propuseram a frente unida. Tudo isso é falso.

Quando apresentou sua ideia de uma frente unida contra o Japão, Chiang retirou suas tropas da zona de guerra de Jiangxi. Os vermelhos aproveitaram a oportunidade para recuperar o território perdido, expandir-se e criar seu próprio Estado.

Em 7 de novembro de 1931, no 14º aniversário da Revolução Russa, esse Estado foi proclamado. Embora não tenha sido reconhecido por nenhum outro país, nem mesmo por seu patrocinador, a União Soviética, era o único regime comunista do mundo fora do bloco comunista, que se constituía então de Rússia e Mongólia.

Esse Estado era composto por várias regiões comunistas pontilhadas em torno do centro do país, nas províncias de Jiangxi, Fujian, Hunan, Hubei, Henan, Anhui e Zhejiang. No máximo, seu território total cobria cerca de 150 a 160 mil quilômetros quadrados, com uma população de mais de 10 milhões de habitantes.[d] Na época de sua fundação, o maior enclave era a "Área da Base Central", a região em que Mao atuava, que consistia no Jiangxi Vermelho e no Fujian Vermelho, abrangendo cerca de 50 mil quilômetros quadrados, com uma população de 3,5 milhões. Moscou a escolhera para sede do governo comunista mais de um ano antes, tendo por capital a cidade de Ruijin.

Moscou também designou Mao chefe de Estado, com o título muito pouco chinês de presidente do Comitê Executivo Central. Ele era também "primeiro-ministro", sendo presidente do órgão chamado Comitê Popular. Na noite em que os postos foram anunciados, um companheiro foi visitar Mao. Esse homem havia torturado pessoalmente Lee Wen-lin, o líder do Jiangxi Vermelho que Mao mais odiava, e depois lhe relatara os detalhes. Vinha agora se congratular com ele. "Mao *zhu-xi* — Presidente Mao!", exclamou. "Você aprende realmente depressa", respondeu Mao. "Você é o primeiro." Esse torturador foi a primeira pessoa a usar o título que se tornaria parte do vocabulário mundial: "presidente Mao".

a No território dos bandidos, o primeiro chefe do condado comunista de Ninggang foi morto, em setembro de 1928, por seus companheiros comunistas, sete meses depois de ter sido escolhido num comício em que seu antecessor nacionalista fora morto com golpes de lança. O homem que Mao

deixou encarregado da área também foi morto numa vingança sangrenta, nove meses depois de sua partida. Ele mandara torturar e executar a bela e jovem esposa de um funcionário do partido, sob a acusação de ser uma agente do inimigo. Foi depois morto sob a mesma acusação.

b Mesmo quando o expurgo tinha efeitos contraproducentes. Um relatório de 1932 da Federação do Trabalho (comunista) dizia que os trabalhadores estavam "simplesmente apavorados" de entrar para sindicatos comunistas: "Eles viram que a maioria [*sic*] dos trabalhadores [que eram] membros do sindicato foi executada [isto é, por seus próprios camaradas], sob a acusação de pertencer ao AB".

c Depois famoso como o espião que, em 1941, deu a Stálin a informação vital de que o Japão não iria atacar o extremo leste soviético quando Hitler invadiu a Rússia europeia. Uma das auxiliares de Sorge era Zhang Wen-qiu, cujas duas filhas depois se casaram com os dois filhos sobreviventes de Mao. Ela chamara a atenção de Sorge graças a Agnes Smedley, uma agente americana do Comintern.

d Graças ao controle dos territórios vermelhos, o número de membros do partido subiu para 120 mil em 1931, dos 18 mil que tinha no final de 1926.

9. Mao e o primeiro Estado comunista (1931-34; 37-40 anos)

Ruijin, a capital do novo Estado comunista, situava-se no sudeste de Jiangxi, no meio de uma bacia de terra vermelha, cercada por morros em três lados. Ficava a trezentos quilômetros sem estradas de Nanchang, a capital provincial controlada pelos nacionalistas, mas a apenas quarenta quilômetros da grande cidade controlada pelos comunistas de Tingzhou, do outro lado da fronteira com Fujian, ligada ao mundo exterior por um rio. Essa área semitropical era abençoada com ricos produtos agrícolas e dotada de árvores gigantescas incomuns, como cânfora e figueira-de-bengala, cujas raízes velhas saíam do solo, enquanto novas raízes desciam da copa.

A sede do governo comunista ficava fora da cidade, no lugar de um grande templo de clã de quinhentos anos de idade, com um salão suficientemente espaçoso para reunir centenas de pessoas para as inevitáveis reuniões. Onde outrora ficava o altar, foi construído um palco à maneira soviética. Nele estavam penduradas xilogravuras de Marx e Lênin e, entre elas, uma bandeira vermelha com uma estrela dourada e a foice e o martelo. Um pano vermelho acima dos retratos trazia bordado em letras douradas o slogan "Proletários de todo o mundo, uni-vos!". Ao lado, em letras prateadas, outro slogan: "Luta de classes". De ambos os lados do salão, divisórias improvisadas demarcavam quinze escritórios da nova administração estatal. Tinham nomes que eram traduções diretas do russo e difíceis de pronunciar em chinês, como "Comissariado do Povo para Assuntos Internos".

Atrás do templo do clã, uma grande área foi limpa de árvores e roças a fim de abrir espaço para a atividade básica dos comunistas: comícios de massa. Mais tarde, vários monumentos foram construídos nessa praça. Em uma das extremidades, ficava uma plataforma de madeira e tijolos para realizar revistas militares ao estilo soviético. Na outra, havia uma torre para comemorar os mortos do Exército Vermelho (chamados de "mártires"), no

formato de uma bala gigante, da qual se projetavam numerosas pedras semelhantes a balas. Ao lado da torre havia dois memoriais — um pavilhão e uma fortaleza —, batizados com os nomes de dois comandantes vermelhos mortos. O conjunto todo antecipava a praça Tiananmen (da Paz Celestial) na Pequim comunista, embora os monumentos fossem muito mais imaginativos e coloridos do que a arquitetura pesada que desfiguraria Tiananmen.

Nas proximidades, no fundo de um bosque, os comunistas construíram um auditório camuflado com capacidade para 2 mil pessoas, cuja excelente acústica foi projetada para suprir a ausência de microfones. Era octogonal, no formato do boné que o Exército Vermelho usava na época. A fachada lembrava uma catedral europeia, mas com janelas com persianas, através das quais era possível olhar para fora, mas não para dentro. Acima do portão central havia uma enorme estrela vermelha em cujo centro sobressaía um globo, preso por uma foice e um martelo. Ao lado do auditório havia um abrigo antiaéreo com capacidade para mais de mil pessoas, com duas portas de acesso localizadas logo atrás do palco, para que os líderes pudessem chegar primeiro.

Os líderes moravam numa mansão que pertencera à pessoa mais rica da cidade, situada ao lado do templo do clã transformado em sede do governo. Mao escolheu para si a melhor acomodação, uma suíte de canto, nos fundos, com uma janela que dava para o templo. Essa janela foi feita especialmente para ele, pois o dono anterior, por deferência ao templo, não teria janelas de onde fosse possível avistá-lo. Mao também mandou pôr um piso de tijolos sobre o assoalho de madeira, para evitar a entrada de ratos.

As terras adjacentes à residência dos líderes foram ocupadas para abrigar guardas e ordenanças, bem como instalações de alta segurança, como o depósito de ouro, a mesa telefônica e a estação de rádio. Afora alguns moradores locais mantidos para servir de criados, os restantes foram expulsos em massa e toda a área foi cercada por barricadas. Nenhum dos chefes do partido sabia falar o dialeto local e a maioria não fez esforço algum para aprendê-lo; assim, precisavam de intérpretes para se comunicar com os moradores locais, com quem, de qualquer forma, tinham pouco contato. Os quadros comunistas da região funcionavam como seus elos. Era o estilo e o padrão de um exército de ocupação.

Em 7 de novembro de 1931, Ruijin realizou uma grande comemoração para marcar a fundação do Estado comunista. Naquela noite, dezenas de milhares de moradores locais foram organizados para montar uma parada, segurando tochas de bambu e lanternas com o formato de estrelas ou foices e martelos. As correntes de luz contra o pano de fundo da escuridão da noite compuseram um belo espetáculo. Houve tambores, fogos de artifício e cenas satíricas; uma delas mostrava um "imperialista britânico" empurrando prisioneiros acorrentados que personificavam a Índia e a Irlanda. Um gerador localizado no abrigo antiaéreo produzia eletricidade, que brilhava em numerosas lâmpadas pequenas penduradas de fios estendidos entre colunas. Elas iluminavam os incontáveis estandartes e slogans de diferentes cores que também pendiam dos fios — bem como gigantescos cartazes em vermelho, branco e preto afixados nas paredes. Mao e os outros líderes, na plataforma, batiam palmas e gritavam slogans enquanto a parada passava por eles. Para Mao, foi o primeiro gostinho de glórias futuras, quando até 1 milhão de pessoas o saudariam em Tiananmen.

Mas havia uma diferença vital: em Ruijin, Mao não era o líder supremo. Embora Moscou o tivesse feito "presidente" e "primeiro-ministro", isso não fazia dele um ditador. Os russos o cercaram de outros indivíduos em quem podiam confiar que obedeceriam às suas ordens. Na cabeça do Exército estava Zhu De, designado chefe do Conselho Militar. Zhu fora treinado na Rússia e os russos o conheciam — e sabiam que ele era leal. Moscou pensara em Mao para o posto, mas mudara de ideia. Ele ficou sendo apenas um dos quinze membros do conselho.

O mais importante ainda é que Mao tinha um chefe chinês direto e in loco: Chou En-lai, que chegaria de Xangai em dezembro de 1931, um mês depois do estabelecimento do regime, e assumiria o posto de secretário-geral do partido. No sistema comunista, o secretário-geral era a autoridade maior, acima do chefe de Estado. Com a chegada de Chou, o centro do próprio partido mudou para Ruijin e Xangai se tornou pouco mais do que um escritório de ligação com os russos. Estabeleceu-se uma comunicação por rádio confiável entre Ruijin e Moscou, via Xangai, onde um jovem chamado Po Ku[a] ficou no comando. A pessoa que controlava as comunicações com Moscou não era Mao, mas Chou En-lai. Foi ele que transformou Ruijin em um Estado stalinista. Mao não foi o responsável principal pela fundação e operação do Ruijin Vermelho.

Chou era um mestre da organização e, sob sua liderança, toda a sociedade foi coagida a se tornar uma máquina entrosada que abrangia tudo. Ele foi útil na montagem de uma enorme burocracia cuja função não era apenas governar a base, mas também obrigar a população a executar as ordens do partido. Em todas as aldeias, o Estado estabeleceu dezenas de comitês — "de recrutamento", "da terra", "de confiscação", "de registro", "de toque de recolher", para citar apenas alguns. As pessoas se viam enredadas numa organização desde os seis anos de idade, quando tinham de entrar para o Corpo Infantil. Aos quinze, eram automaticamente inscritas na Brigada da Juventude. Todos os adultos, exceto os muito velhos e aleijados, eram postos do Exército de Defesa Vermelho. Desse modo, toda a população era arregimentada e formava-se uma rede de controle.

Essa máquina abriu os olhos de Mao. Antes da chegada de Chou, ele mandara no território comunista ao estilo dos bandoleiros, com menos arregimentação da população como um todo, mas não demorou a perceber as vantagens e o potencial da nova estrutura. Quando tomou o poder nacional, herdou essa máquina totalitária e a tornou ainda mais inconsútil e intrusiva do que Ruijin — ou a Rússia de Stálin. E manteve os serviços de Chou até o último suspiro dele.

Em 1928, Chou criara também a KGB chinesa, chamada então de Birô de Segurança Política, sob a supervisão de Moscou. Ele e seus assistentes levaram o sistema para Ruijin e mantiveram o Estado vivo mediante o terror. Enquanto Mao vinha usando o terror para obter poder pessoal, Chou o utilizava para aumentar o domínio comunista. Os asseclas que Mao usava em seus expurgos eram cínicos e corruptos, interessados no ganho pessoal. Chou utilizava profissionais treinados pelos soviéticos.

Quando chegou em Ruijin, no final de 1931, Chou considerava os métodos de expurgo de Mao incorretos. Mao havia "confiado inteiramente em confissões e tortura" e "causado terror nas massas". Chou reabilitou algumas vítimas. Um homem relembrou o processo. Um funcionário

> pegou uma caderneta e começou a ler nomes. Aqueles cujos nomes foram lidos receberam ordens para sair ao pátio e ficar sob a vigilância de homens armados. Eram muitos nomes [...] o meu foi chamado também. Eu estava tão apavorado que fiquei empapado de suor. Então fomos interrogados um a um e liberados um a um. Em pouco tempo, todos os detidos foram soltos. E todas as confissões incriminadoras foram queimadas na mesma hora.

Mas, dentro de poucos meses, Chou acabou com essa folga. Até mesmo um período tão curto de reabilitação e afrouxamento desencadeara um maremoto de dissidência. "O relaxamento em relação aos expurgos fez com que os contrarrevolucionários [...] erguessem a cabeça de novo", observaram, horrorizados, os homens da segurança de Chou. E quando as pessoas passaram a achar que não haveria mais "matanças", "não mais prisões", elas começaram a se reunir e desafiar as ordens comunistas. Logo ficou claro que o regime não poderia sobreviver sem mortes constantes, e a matança recomeçou.

O Estado vermelho considerava sua população uma fonte de quatro recursos principais: dinheiro, alimentos, trabalho e soldados, primeiro para sua guerra, e em última análise para conquistar a China.

Havia um grande negócio na região: o maior depósito mundial de tungstênio, um mineral estratégico extremamente valioso que antes fora explorado por um consórcio de capital estrangeiro. O regime comunista retomou a mineração no início de 1932. Usando soldados e trabalhadores escravos como mineiros, o tungstênio era exportado pela fronteira meridional para senhores da guerra cantoneses que, embora não fossem vermelhos, eram contra Chiang e ávidos por ganhar dinheiro. A região comunista estava, em teoria, sob bloqueio, mas o comércio com os cantoneses florescia, ainda que de vez em quando houvesse escaramuças entre eles e o Exército Vermelho. Sal, algodão, medicamentos e até armas eram abertamente trocados por tungstênio. A operação era dirigida por Tse-min, o irmão de Mao que era chefe do banco estatal.

Apesar dos enormes lucros obtidos com o tungstênio e outras exportações, o regime nunca relaxou sua disposição de extrair o máximo da população local. Embora os camponeses tivessem agora suas próprias terras e o aluguel de terrenos fosse abolido, eles estavam, em geral, em situação pior do que antes. Até então, a maioria das pessoas tinha algumas posses além do necessário para a pura sobrevivência; agora, esses extras haviam sido tirados, sob vários estratagemas. Um deles era coagi-los a comprar "bônus da guerra revolucionária". Para pagá-los, as mulheres tiveram de cortar os cabelos para entregar seus grampos de cabelo de prata, bem como as últimas joias — que eram tradicionalmente suas poupanças. O fato de que as pessoas tivessem tais

joias nos dias anteriores ao comunismo é um forte indício de que seu padrão de vida havia sido melhor antes. Depois que as pessoas compravam os bônus de guerra, havia "campanhas de devolução dos bônus", para intimidar os compradores a devolver os bônus por nada. O resultado final, como lamentavam alguns habitantes mais ousados, era que "os bônus dos comunistas são piores do que os impostos dos nacionalistas".

O método era o mesmo com a comida. Após pagar imposto sobre grãos, os camponeses eram pressionados a *emprestar* mais grãos ao Estado, em campanhas com slogans do tipo "Massas revolucionárias, emprestem grãos ao Exército Vermelho!". Mas os alimentos "emprestados" jamais eram devolvidos. Na verdade, era comida da qual dependia a sobrevivência dos camponeses. Mao simplesmente mandou que cortassem seu já magro consumo.

A maioria dos homens em idade de trabalhar foi convocada para o Exército ou como mão de obra recrutada. Após três anos de regime comunista, dificilmente se encontravam homens nas aldeias entre a adolescência e os cinquenta anos.

As mulheres se tornaram a principal força de trabalho. Tradicionalmente, elas faziam somente trabalhos leves no campo, pois, devido aos pés amarrados e aleijados, o trabalho manual pesado causava muita dor. Agora, elas tinham de fazer quase todo o trabalho agrícola, bem como outras tarefas para o Exército Vermelho, tais como transportar cargas, cuidar dos feridos, lavar e remendar roupas e fazer sapatos — com material pago por elas mesmas, o que não era pouca despesa. Mao, que desde a juventude achara que as mulheres eram capazes de suportar tanto trabalho duro quanto os homens, era o maior defensor dessa política, tendo decretado: "Confiem totalmente nas mulheres para fazer o trabalho agrícola".

O bem-estar dos habitantes locais simplesmente não estava na agenda (ao contrário do mito passado por Mao para seu porta-voz americano Edgar Snow). Em algumas aldeias, os camponeses não tinham permissão para tirar nenhum dia de folga. Em vez disso, tinham reuniões, o grande mecanismo de controle dos comunistas. "A pessoa média tem o equivalente de cinco dias inteiros de reuniões por mês", observou Mao, "que são um tempo de descanso muito bom para elas."

Os padrões de saúde também não melhoraram. Havia um antigo hospital missionário inglês em Tingzhou que atendia pessoas comuns. Depois que

Mao ficou lá e gostou, mandou desmontá-lo e levá-lo para Ruijin, reservando-o para a elite comunista. Mao tomava muito cuidado com a saúde e viajava com sua própria caneca, que usava sempre que lhe ofereciam chá. A certa altura, ficou numa aldeia chamada Ilhota de Areia, onde a única água de beber vinha de um lago estagnado. Para ter certeza de que não pegaria alguma doença, mandou perfurar um poço. Em consequência, os aldeões tiveram água limpa pela primeira vez na vida. Depois disso, os comunistas começaram a perfurar poços onde ficavam alojados, mas não houve nenhum esforço para fornecer água potável aos habitantes locais.

Por meio de Snow, Mao afirmou que, em alguns condados, a educação resultara em taxas de alfabetização mais altas "do que se conseguira em qualquer lugar da China rural durante séculos". Na verdade, a educação, sob o regime comunista, reduziu-se às escolas primárias, chamadas "escolas Lênin", onde as crianças eram ensinadas a ler e escrever até um nível em que pudessem aprender a propaganda básica. As escolas secundárias foram, em sua maioria, fechadas e transformadas em alojamentos para os líderes e locais de reuniões. As crianças eram usadas como sentinelas e reunidas em esquadrões de intimidação, chamados "equipes de humilhação", para obrigar pessoas a entrar para o Exército e pressionar os desertores a retornar. Os adolescentes eram, às vezes, estimulados a participar das execuções de "inimigos de classe".

Uma das principais contribuições de Mao para a direção do Estado comunista foi começar uma campanha em fevereiro de 1933 para oprimir mais a população. Ele ordenou que os quadros de base descobrissem "proprietários e kulaks escondidos". Como os comunistas visavam a esses "inimigos de classe" havia anos, era inconcebível que alguém dessa espécie não tivesse sido detectado.

Mao não era um fanático, em busca de mais inimigos por fervor ideológico. Tratava-se de uma operação prática cujo objetivo era designar alvos a serem extorquidos e criar inimigos que poderiam ser, de acordo com a doutrina comunista, "legitimamente" esbulhados e obrigados a trabalhar até a morte — o que o próprio Mao chamava de "trabalho forçado ilimitado". O outro objetivo era fazer com que, por medo, o resto da população cedesse tudo o que o regime exigisse.

As ordens de Mao aos quadros eram de "confiscar até a última coisa" dos escolhidos para vítimas. Com frequência, famílias inteiras eram tiradas de seus lares e obrigadas a ir viver em currais de búfalos, *niu-peng*. Foi durante essa época que as moradias miseráveis em que os banidos eram subitamente jogados passaram a ter esse nome. Mais de trinta anos depois, na Revolução Cultural, o termo foi muito usado para detenção, embora na ocasião as pessoas não fossem usualmente detidas em anexos rurais, mas em lugares como toaletes, salas de aula e cinemas.

A campanha de Mao produziu muitas dezenas de milhares de trabalhadores escravos, mas levou pouco para os cofres estatais, pois os camponeses não tinham mais nada que lhes pudesse ser arrancado. As autoridades relataram que somente dois dos doze condados de Jiangxi foram capazes de obter "multas" e "doações" e a quantia total era uma fração do objetivo estabelecido por Mao.

Os apuros das vítimas foram retratados vividamente por um oficial do Exército Vermelho chamado Gong Chu, que descreveu sua passagem por um lugar chamado Moinho Gong, perto de Ruijin, habitado por pessoas com o mesmo nome de sua família, o que significava que talvez tivessem os mesmos ancestrais.

> Entrei num grande bangalô de telhas pretas [...] Fiquei chocado com a tremenda atmosfera de tristeza e desolação. Não havia nenhum móvel, apenas uma mesa quebrada e um banco. Lá estavam duas mulheres de meia-idade e uma velha, mais três crianças pequenas, todos esfarrapados e com aparência de famintos. Quando me viram chegar com quatro guarda-costas usando pistolas, entraram num tremendo pânico [...]

Então elas ouviram o nome de Gong Chu e "caíram de joelhos na minha frente e me imploraram para salvar suas vidas".

> Entre soluços, a velha disse: "Meu velho havia lido alguns livros [o que significa que a família vivera relativamente bem], e também meus dois filhos. Tínhamos mais de dez *mu* de terra e meus dois filhos a cultivavam [...] meu marido e meus dois filhos foram todos presos [...] e foram espancados e pendurados, e exigiram 250 yuans de nós. Fizemos tudo o que pudemos para completar 120 yuans e também lhes demos todas as joias das mulheres [...] mas [...] meu velho foi deixado lá pendurado até morrer, e meus dois filhos também foram mortos. Agora, eles estão nos forçando a pagar mais quinhentos yuans, senão nós seis iremos para a prisão. Comandante! Não temos quase nada para comer, onde vamos achar quinhentos yuans? Por favor, pense em nossos ancestrais comuns e diga algo em favor de nós".

A mulher contou a Gong Chu que seu marido quisera ir embora e cuidar de si. Mas as autoridades

> "nos proibiram de pôr um pé fora da aldeia. Hoje, os céus realmente abriram os olhos e nos mandaram o senhor. Por favor, comandante, nos salve!" Depois dessas palavras, ela bateu com a cabeça no chão sem parar. Suas duas noras e as crianças faziam reverências e choravam.

Gong Chu prometeu ajudar, mas acabou não fazendo nada, pois sabia que sua intervenção poderia facilmente piorar as coisas. Alguns meses antes, quando tentara ajudar um médico em situação semelhante, vingativos quadros de base haviam esperado por sua partida e depois "matado o médico e confiscado seu consultório. Sua viúva e seus filhos se tornaram mendigos". Foram acontecimentos como esses que levaram Gong Chu a rejeitar o comunismo e fugir na primeira oportunidade.[b]

Mao também era engenhoso para fazer os indivíduos se apresentarem como "voluntários" ao Exército Vermelho. Quando uma militante de base teve dificuldades para fazer as pessoas se alistarem, Mao lhe ordenou que "achasse contrarrevolucionários dentro de três dias". Ela fez isso e aqueles que tinham medo de entrar em choque com o regime se alistaram. Em um distrito, Cai Dun-song, o homem encarregado do alistamento, não conseguiu recrutas suficientes. Mao mandou buscá-lo e inquiri-lo, muito provavelmente com torturas, pois Cai "confessou" ter formado uma "brigada anticomunista". Em um comício de massa, Mao anunciou a confissão e Cai foi executado ali mesmo, junto com vários outros. Um quadro que trabalhara com Cai disse que, depois disso, "em menos de meio mês, alistei mais de 150 pessoas".

O primeiro Estado comunista da China foi dirigido pelo terror e guardado como uma prisão. Era necessário um passe para sair da própria aldeia e sentinelas estavam sempre presentes dia e noite. Uma pessoa que teve a chance de ir embora foi o gerente de um prédio-monumento estatal que tinha acesso a dinheiro. Ele tomou 246,7 yuans, o suficiente para comprar um passe e pagar contatos. Mas, antes que pudesse fugir, foi preso. Conseguiu então escapar da prisão, com a conivência de dois quadros mais antigos, um dos quais vira seu irmão ser morto, acusado de ser AB. O gerente foi capturado e levado a um tribunal irregular, com uma plateia de

centenas de pessoas, e depois executado. Gente que viveu aquela época lembra que não somente quem "tentava fugir para a área nacionalista" era morto, como, às vezes, "se um prisioneiro escapava, o carcereiro era executado".

Nesse universo semelhante a uma prisão, o suicídio era comum — uma onda precoce do que depois se tornaria uma inundação durante o reinado de Mao. O número de suicídios era tão assombroso, mesmo entre as autoridades, que o regime teve de enfrentar a questão publicamente, com um slogan: "Os suicidas são os elementos mais vergonhosos das fileiras revolucionárias".

Até mesmo um oficial de alto escalão chamado Yang Yue-bin, um favorito de Mao, ficou suficientemente desesperado para fugir e desertar para os nacionalistas. Ele informou a localização das casas dos líderes do partido. Os nacionalistas bombardearam o lugar e os líderes tiveram todos de se mudar.

As pessoas comuns tinham mais chance de escapar se morassem nas bordas da região vermelha, e alguns quadros de base que odiavam o regime organizaram fugas em massa. Qualquer quadro sob a menor suspeita de não ser confiável era transferido para longe dos distritos distantes imediatamente. Muitos esperavam pelo ataque dos nacionalistas e então tentavam passar para o outro lado. Nos últimos dias do Estado comunista, quando os nacionalistas estavam fechando o cerco, aldeias inteiras se rebelaram e começaram a atacar o Exército Vermelho em seu recuo, empunhando as únicas armas de que dispunham, facas e lanças, pois todas as armas de fogo haviam sido confiscadas pelo regime.

A reação do Estado foi impiedosa, a fim de evitar o menor risco. Em seu nadir, até mesmo as relações sociais cotidianas e a hospitalidade podiam causar a morte. "Nenhuma família tinha permissão para deixar as visitas passarem a noite", lembram os veteranos. "Qualquer família que o fizesse e fosse descoberta era morta junto com o visitante."

A base de Ruijin, sede do primeiro Estado comunista, consistia em grandes pedaços das províncias de Jiangxi e Fujian. Ambas sofreram o maior decréscimo populacional de toda a China entre 1931, ano em que o Estado comunista foi fundado, e 1935, um ano depois que os vermelhos foram embora. A população do Jiangxi Vermelho caiu em mais de meio milhão — uma queda de 20%. A queda no Fujian Vermelho foi comparável. Tendo em vista que as fugas foram poucas, isso significa que, no total, cerca de 700 mil

pessoas morreram na base de Ruijin. Grande parte delas foi morta por ser "inimiga de classe", ou foi obrigada a trabalhar até morrer, ou cometeu suicídio, ou teve outras mortes prematuras atribuíveis ao regime.[c] A cifra de 700 mil não inclui as muitas mortes nas grandes áreas que os comunistas ocuparam por períodos intermitentes, ou o enorme número de mortes nas cinco bases vermelhas em outras partes da China que ficaram sob o comando de Ruijin.

Anos depois, os habitantes locais mostravam aos viajantes covas coletivas e aldeias abandonadas. As pessoas que viveram sob o primeiro regime comunista da China o rejeitaram. Quando o primeiro oficial do serviço secreto russo visitou a área, imediatamente depois que os comunistas a tomaram, no final de 1949, o recém-chegado chefe do partido lhe disse que em todo o Jiangxi "não há um único membro do PCC".

a O líder nominal do partido, Hsiang Chung-fa, fora executado pelos nacionalistas em junho de 1931, depois de uma informação que o chefe da inteligência nacionalista U. T. Hsu sugeriu fortemente ter vindo dos próprios comunistas. De início, Hsiang recusou-se a admitir sua identidade. "E vendo aquele sujeito com aparência de estúpido", escreveu Hsu, "achamos que podíamos até estar errados. Mas um colega disse que [...] quando Hsiang era marinheiro, sofria do vício do jogo e, certa ocasião em que perdera todos os tostões, jurara largar o vício e cortara a ponta do dedo mínimo da mão esquerda [...] De fato, faltava um pedaço do dedo mínimo da mão esquerda do sujeito." Depois de identificado, Hsiang caiu de joelhos para implorar por sua vida "e de imediato nos deu quatro endereços importantes". Mais tarde, Chou En-lai observou que a fidelidade de Hsiang ao comunismo não podia ser comparada nem com a castidade de uma prostituta.

b As devastadoras memórias de Gong foram publicadas em Hong Kong em 1954. Yang Shang-kun, presidente da China depois de Mao e testemunha ocular da época de Ruijin, reconheceu para um pequeno círculo que as memórias eram verdadeiras, embora estivessem proibidas na China. Gong teve permissão para voltar e viver no país em 1991, aos noventa anos.

c Em 1983, depois da morte de Mao, 238 844 pessoas de Jiangxi foram computadas como "mártires revolucionários", isto é, pessoas que foram mortas em guerras *e* expurgos no interior do PCC.

10. De criador de caso a chefe nominal (1931-34; 37-40 anos)

Quando foi empossado na presidência do Estado comunista, Mao havia, na verdade, perdido o controle absoluto sobre a área e, em especial, sobre o Exército Vermelho. Moscou designara Zhu De para chefiar as Forças Armadas. Além disso, como secretário do partido, Chou En-lai era seu líder. Mao recusava-se a se enquadrar numa liderança coletiva e tentou a intimidação. Seus colegas reagiram e o acusaram de vários pecados, até mesmo de adotar uma "linha kulak", acusação que o próprio Mao utilizara para mandar para a cova muitos comunistas de Jiangxi. Agora, ele estava contra a parede. Em uma reunião realizada depois da chegada de Chou, tomou a cadeira principal e começou a se comportar como se ainda fosse o chefe. Os outros intervieram e colocaram Chou na direção. Logo Mao pediu "licença para tratamento de saúde", que lhe foi concedida com prazer, e ele, amuado, deixou Ruijin no final de janeiro de 1932.

Foi para um templo budista confiscado chamado Morro Donghua, numa das muitas rochas gigantescas que se erguiam na planície ao redor de Ruijin. Coberto com metassequoias, ciprestes e pinheiros e pontilhado de pedras negras lisas, o morro abrigava um templo antigo em seu ambiente luxuriante. Ali Mao passava os dias com sua esposa Gui-yuan e um destacamento de guardas. Era um lugar grande e cheio de ecos. O musgo crescia no piso de terra úmida. Fora do quarto de Mao, as folhas caíam ao vento invernal e a chuva penetrava nas rachaduras do pátio de pedra, aumentando o frio. Era uma cena melancólica.

Mao trouxera com ele duas caixas blindadas cheias de documentos, recortes de jornal, anotações e poemas que escrevera ao longo dos anos. Quando fazia sol, os guarda-costas colocavam as caixas no pátio, uma em cima da outra, e Mao sentava-se num banco improvisado para ler e reler os textos e pensar numa maneira de recuperar seu poder perdido.

Ele ainda recebia documentos de alto nível todos os dias, junto com seus adorados jornais, tanto comunistas como nacionalistas. Foi nesses jornais que percebeu uma oportunidade de ouro — que talvez tenha sido criada por ele mesmo. Entre 16 e 21 de fevereiro, os principais jornais nacionalistas publicaram uma "nota de retratação", assinada com o pseudônimo de então de Chou En-lai, em que ele renunciava ao comunismo e condenava o Partido Comunista, em especial por sua subserviência a Moscou. A seção do PCC em Xangai teve um trabalho considerável para contrabalançar o impacto e esclarecer que a notícia era falsa, fazendo circular panfletos e tentando colocar declarações nos jornais.

Embora não haja dúvidas de que a notícia foi plantada, o nome e a autoridade de Chou foram minados. Mao pôde então explorar essa vulnerabilidade. Sua estratégia não era derrubar Chou, o que não seria realista, mas fazer com que ele o apoiasse na tentativa de afastar Zhu De e retomar o controle do Exército.

No começo de março, Mao foi convidado para uma reunião que discutiria a crise nas cercanias da cidade de Ganzhou, a 125 quilômetros de Ruijin, a qual o Exército Vermelho tentava capturar em vão. No instante em que o convite chegou, Mao partiu de imediato, embora chovesse muito. Gui-yuan tentou fazê-lo esperar até que a chuva parasse, mas ele insistiu em partir logo e ficou encharcado na hora. Cavalgou a noite toda e, ao chegar à reunião, tratou logo de criticar o comando militar. A maioria dos outros líderes não estava com humor para escutar sua arenga e ninguém sugeriu que ele deveria ser reconduzido à chefia do Exército.

Mas, agora que estava de volta, Mao permaneceu por ali e começou a pôr seu plano em ação. Os comunistas logo tiveram de suspender o assédio a Ganzhou e a maioria concordou que deveriam abrir caminho para o oeste, para fazer conexão com outro bolsão vermelho, situado na fronteira entre Jiangxi e Hunan. Mao, no entanto, insistiu em que deveriam seguir na direção oposta. Ele fez pé firme e coube a Chou En-lai, na qualidade de chefe do partido, tomar a decisão. Chou optou por adotar os dois planos, mas mandar apenas um terço do Exército na direção preferida pela maioria e despachar a maior parte das forças na direção que Mao queria, sob seu comando. Desse modo, Chou permitiu que Mao recuperasse o controle de dois terços do Exército, contra a vontade da maioria dos líderes.

A explicação mais provável para essa decisão extraordinária é que Chou achou que era melhor, provavelmente vital, aplacar Mao. Ele sabia que este havia ameaçado acusar Peng De-huai e Zhu De (além de Xiang Ying, o outro líder do PCC que se opusera a ele) de serem ABs. Mao nem piscara para massacrar dezenas de milhares de comunistas leais que se haviam atravessado em seu caminho. Na verdade, era bem capaz de ser o responsável pela falsa notícia de retratação. Demonstrara uma queda para a manipulação da imprensa ao criar, por exemplo, o rumor sobre a própria morte. E por que a falsa retratação viera justamente no momento em que Chou acabara de superar Mao e se tornara o líder do Estado comunista? Chou não podia se dar ao luxo de tê-lo como inimigo.

O medo que Chou sentia dele data dessa época e jamais o abandonaria. Mao iria repetidamente ameaçar Chou com a retratação plantada, até a morte deste, mais de quatro décadas depois.

Mao dissera a Chou e à liderança militar que queria ir para o nordeste. Depois que partiu, mudou subitamente de rota e conduziu suas forças para a costa *sudeste*, só informando Chou depois que havia avançado muito, o que impossibilitava uma ordem em contrário. Mais tarde os colegas de Mao condenaram a excursão como uma interrupção que havia "atrasado nossos planos".

Ao fazer esse desvio, Mao contou com a colaboração de seu velho cúmplice Lin Biao, o homem que se unira a ele anteriormente para sabotar Zhu De. Lin era o comandante central da força designada para Mao. Em 20 de abril, essa força tomou a próspera cidade de Zhangzhou, muito perto da costa, que tinha uma defesa débil e foi alvo de Mao por razões pessoais.

Uma delas era ganhar prestígio no mundo mais amplo, pois Zhangzhou tinha muitas conexões internacionais. Tendo muito em mente a cobertura jornalística, Mao entrou na cidade montado em um cavalo branco, vestido com uma elegância que não lhe era característica, com terno e capacete à Sun Yat-sen. O exército marchava em quatro colunas, ao som de clarins. Mao enviou aos colegas recortes de jornal que colecionava sobre si mesmo, relatando sua façanhas em termos como: "Exército Vermelho em Zhangzhou; toda a costa treme; mais de 100 mil fogem"; "28 canhoneiras estrangeiras se reúnem em Amoy". Mao sabia que quanto mais alto seu prestígio, mais penhorada ficava Moscou. Com efeito, perto do final daquele

anos, quando seus exasperados colegas tentaram tirá-lo do poder, Moscou os deteve, citando exatamente esse motivo. Arthur Ewert, o alemão que representava os russos em Xangai, tranquilizou-os dizendo que havia enfatizado imediatamente a Ruijin que "Mao Tse-tung já é um líder de alto prestígio [...] E assim [...] protestamos contra a remoção de Mao".

Mas o principal motivo de Mao para ir a Zhangzhou era acumular uma fortuna privada. Um grande número de caixotes marcados com a frase "Entregar a Mao Tse-tung pessoalmente" em caracteres enormes foi enviado para Jiangxi. Eles encheram um caminhão inteiro e, quando acabou a estrada, foram levados por carregadores. Dizia-se que continham livros que Mao havia comprado ou pilhado, e alguns realmente correspondiam a essa descrição. Mas muitos continham ouro, prata e joias. Eles foram levados secretamente para o alto de uma montanha por carregadores e guardados dentro de uma caverna por guardas de confiança, supervisionados por Tse-min, o irmão de Mao. A entrada foi selada e somente esses poucos homens sabiam dos despojos. A liderança do PCC foi mantida na ignorância. Mao adquirira para si mesmo um seguro, para o caso de cair em desgraça com o partido e com Moscou.

Em maio de 1932, enquanto Mao estava em Zhangzhou, Chiang Kai-shek preparava outra "expedição de aniquilação", a quarta, pondo em campo meio milhão de soldados. O estabelecimento do Estado vermelho o convencera de que os comunistas não se uniriam a ele contra o Japão. Em 28 de janeiro daquele ano, o Japão atacara Xangai, a principal cidade comercial e industrial da China, distante mil quilômetros da Manchúria. Dessa vez as tropas chinesas resistiram, com tremendas baixas. Como os objetivos militares do Japão na área de Xangai eram então limitados, a Liga das Nações conseguiu intermediar um cessar-fogo. Durante toda a crise, que durou até o final de abril, os comunistas trabalharam intensamente para expandir seu território.[a] Depois que a crise amainou, Chiang ressuscitou sua política de "Estabilidade Interna Primeiro" e se preparou para atacar de novo as bases vermelhas.

Quando recebeu essa informação, a liderança do PCC telegrafou a Mao para que trouxesse o exército de volta à base sem demora. Mao respondeu que não acreditava que Chiang iria "lançar uma ofensiva como a da terceira

expedição, do ano passado", e disse ao partido que sua "avaliação e estratégia militar estão totalmente erradas". Recusou-se a deixar Zhangzhou durante quase um mês, até que as intenções de Chiang se tornaram públicas — e ficou provado que Mao estava errado.

Em 29 de maio, ele teve de retornar para o Jiangxi Vermelho. Graças a Mao, que os conduzira para um beco sem saída isolado, as dezenas de milhares de soldados tiveram de marchar trezentos quilômetros de volta, sob calor escaldante, e um grande número ficou doente e morreu. No caminho, tiveram de enfrentar um outro inimigo — os cantoneses, que haviam anteriormente evitado combater os comunistas. Os cantoneses haviam adotado uma posição de independência em relação a Chiang; na verdade, estavam armando um golpe contra ele. Mas a investida de Mao em Zhangzhou os alarmara, pois a cidade estava a apenas oitenta quilômetros da província deles e a proximidade do perigo os incitou à ação. Perto de uma cidade chamada Embocadura da Água, o Exército Vermelho teve de travar uma de suas batalhas realmente duras, sofrendo um número incomum de baixas. Os soldados comunistas que mais chamaram a atenção foram alguns rebelados recentes do Exército nacionalista, que entraram na luta nus da cintura para cima, empunhando facas gigantescas.[b]

Apesar de causar todas essas perdas e dificuldades desnecessárias ao Exército Vermelho, Mao não somente não foi repreendido, como continuou na ofensiva, exigindo que lhe dessem o mais alto posto no Exército, o de comissário político chefe. Isso só pode ter sido estimulado pela atitude incrivelmente indulgente de Moscou em relação a ele. Enquanto perdia tempo em Zhangzhou, a liderança do partido, inclusive Chou, havia mandado um telegrama coletivo a Moscou chamando os atos de Mao de "cem por cento de oportunismo de direita" e "absolutamente contrários às instruções da I. C. [Comintern]". Mas a resposta de Moscou foi de que eles deveriam manter Mao a todo custo na direção, bem como seu prestígio e status. Estava claro que Moscou o considerava indispensável e o Kremlin demonstrava consistentemente uma consideração por ele que não dedicava a nenhum outro líder. Se houvesse um confronto irreversível, o mais provável era que Moscou ficasse do lado de Mao.

Em 25 de julho, Chou recomendou atender às exigências de Mao, "a fim de facilitar o comando de batalha no front". Seus colegas queriam dar o posto a Chou, mas ele declarou: "Se vocês insistirem em que Chou deve ser

o comissário político chefe, isso [...] deixará o presidente do governo [Mao] sem nada para fazer [...] Isso é extremamente constrangedor". Em 8 de agosto, Mao foi designado comissário político chefe do Exército.

Mao havia recuperado o controle do Exército, mas as diferenças com seus colegas só se aprofundaram. No verão de 1932, Chiang concentrou seus ataques em dois territórios vermelhos ao norte de Jiangxi; por instrução de Moscou, o partido ordenou que todos os seus exércitos coordenassem seus movimentos para ajudar essas áreas. A missão de Mao seria conduzir suas forças para mais perto das duas bases sob ataque e atrair as forças do inimigo atacando cidades. Ele fez isso durante algum tempo, mas depois, quando a situação ficou mais difícil, simplesmente se recusou a continuar lutando. Apesar dos telegramas urgentes pedindo ajuda, ele basicamente ficou parado durante um mês, enquanto Chiang expulsava os comunistas dessas duas bases.

O alvo seguinte de Chiang era Jiangxi. Moscou decidira que a melhor estratégia nessa província era enfrentar o ataque dos nacionalistas, mas uma vez mais Mao discordou, insistindo em que seria muito melhor dispersar as tropas comunistas e esperar para ver. Ele não acreditava que o Exército Vermelho, muito menor, pudesse derrotar Chiang e provavelmente punha suas esperanças numa salvação dos comunistas chineses pelos russos. Na época, Moscou e Nanquim estavam negociando a restauração das relações diplomáticas, que Stálin havia rompido em 1929, depois da tentativa chinesa de assumir o controle da Ferrovia Oriental da China na Manchúria. Mao parece ter calculado que Chiang teria de permitir a sobrevivência dos comunistas chineses num gesto de reconciliação com Moscou.

Os colegas de Mao consideraram sua tática passiva de adiamento "extremamente perigosa". Ele não arredou pé. "Às vezes, as discussões se tornam intermináveis, intermináveis", como disse Chou, "é impossível saber o que fazer."

Foi preciso fazer uma reunião de emergência no início de outubro, que se transformou num confronto direto com Mao. Os oito altos dirigentes da base vermelha se encontraram na cidade de Ningdu, sob o comando de Chou. A raiva deflagrada contra Mao pode ser percebida pelo jargão que os participantes usaram para descrever a cena na qual, como disseram eles,

“travaram uma luta de duas linhas [“duas linhas” significando como se contra um inimigo] sem precedentes e romperam com o padrão anterior de ceder e aplacar” Mao, o que era uma referência ao tratamento com luvas de pelica que lhe dispensava Chou.

Mao foi denunciado por “desrespeito pela liderança do partido e por não ter o conceito da organização” — em outras palavras, insubordinação. O tom teria sido mais duro, não fosse a atuação de Chou, que, como relataram alguns de seus colegas, “não criticou abertamente os erros de Mao, mas tentou, em certos aspectos, atenuar e explicar” seus atos. Os altos quadros que ainda estavam em Xangai, como Po Ku, ficaram tão furiosos com Mao que telefonaram para seus colegas em Ningdu sem consultar os representantes de Moscou (o que era muito incomum e significativo do quanto estavam irados), chamando suas ações de “intoleráveis” e dizendo que ele deveria ser removido do Exército. Houve mesmo uma sugestão de que ele deveria ser expulso do partido.

Sem dar tempo para que Moscou interviesse, os líderes em Ningdu demitiram Mao de seu posto militar, mas, em deferência às ordens de Moscou para não prejudicar a imagem pública dele, disseram às tropas que ele estava “retornando temporariamente ao governo central para dirigir tudo”. A Moscou, disseram que Mao voltara para a retaguarda “devido a doença”.

Durante a conferência, Mao telegrafou duas vezes a Xangai, o que era claramente uma tentativa de apelar para a ajuda de Moscou. Mas Ewert, o homem de Moscou em Xangai, que também havia perdido a paciência com Mao, optou por enviar um relatório para Moscou por mensageiro, não por telegrama, de tal modo que a notícia da demissão de Mao só chegou na capital soviética depois que a reunião acabara. Ewert teve de explicar a Moscou seu fracasso em salvar Mao. A “decisão [...] de remover e criticar” Mao fora tomada “sem acordo prévio conosco”. Ewert dizia que discordava dela: “Uma decisão como essa [não deveria] ser tomada sem exaurir todas as outras possibilidades”. Embora não houvesse “nenhuma dúvida de que [...] Mao Tse-tung está errado [...] a persuasão amistosa deveria ser usada com ele”.

Moscou mandou ordens ao PCC: “Com relação a suas diferenças com o camarada Mao Tse-tung, repetimos: tentem ganhá-lo para a linha da luta

ativa de uma maneira camarada. Somos contra retirar Mao Tse-tung do Exército no momento atual se ele se submeter à disciplina". Em 2 de novembro, pediram a opinião de Stálin "com urgência". Os colegas de Mao tiveram então de explicar por que o haviam tirado do Exército. Moscou censurou os críticos de Mao e elogiou a atitude tolerante de Chou.

O apoio russo chegou tarde para Mao, que havia partido de Ningdu em 12 de outubro, enquanto Chou assumia seu posto de comissário do Exército. Mao jamais perdoou seus oponentes em Ningdu e eles tiveram de pagar depois, alguns muito caro. O principal alvo de seu ressentimento foi Chou, ainda que ele tivesse tentado salvá-lo, porque ficara com seu posto. Mais tarde, Chou fez mais de cem autocríticas e a pior autoflagelação era reservada a Ningdu. Quarenta anos depois, na primavera de 1972, quando era primeiro-ministro, logo depois de receber o diagnóstico de câncer na bexiga e em meio a negociações extremamente exaustivas com os Estados Unidos, Japão e muitos outros países (nas quais causou grande impressão em seus interlocutores estrangeiros), Chou foi obrigado a pedir seguidas desculpas servis a grupos de altas autoridades. Um tópico recorrente era Ningdu.

Confiante de que era importante para Moscou, Mao recusou-se terminantemente a voltar para suas funções em Ruijin e foi "convalescer" em Tingzhou, onde o antigo hospital missionário do Evangelho oferecia o melhor tratamento médico na área vermelha (antes de Mao mudá-lo para Ruijin). Ali ficou numa vila suntuosa de dois andares que pertencera a um cristão rico e fora confiscada pela elite comunista. Situada no meio da vegetação de uma colina e cercada em ambos os níveis por espaçosas varandas esculpidas em madeira escura, a mansão proporcionava sombra e ar fresco contra o calor meridional, bem como o perfume e a beleza de laranjeiras e bananeiras do jardim subtropical.

Dessa residência elegante, Mao dirigiu um QG concorrente. Convocou vários seguidores e lhes disse para não manter posição e lutar quando fossem atacados pelos nacionalistas, mas evacuar as linhas de frente. A atitude que estimulou seu círculo a adotar em relação às ordens do partido foi: "Executem-nas se lhes convierem, caso contrário as ignorem".

Em janeiro de 1933, Po Ku, o jovem que vinha dirigindo o escritório do partido em Xangai (e que acabara de instar seus colegas a demitir Mao), chegou à base de Ruijin.[c] Po Ku era catorze anos mais moço do que Mao e estava no PCC havia somente sete anos. Era extremamente brilhante e impressionou muito Edgar Snow com seu raciocínio "muito rápido e tão sutil quanto o de Chou En-lai, e talvez mais flexível". Falava bem russo e inglês e conhecia as manhas de Moscou, onde estudara durante três anos e meio (1926-30). Sobretudo, tinha alta capacidade de decisão, uma qualidade muito apreciada por seus camaradas, cuja maioria se exasperava com Chou, considerado condescendente demais com Mao. Embora Po Ku fosse muito mais jovem e menos experiente, a maioria do partido votou nele para tomar o lugar de Chou, que ficou com o comando das forças militares. Chou deixou que isso acontecesse porque não tinha sede de poder pessoal, nem ansiava por ser o líder. Na verdade, provavelmente viu com bons olhos o fato de ter alguém acima dele.

Po estava enfurecido com o comportamento de Mao e decidiu agir de imediato, pois Ruijin estava diante de uma iminente investida violenta de Chiang. Além disso, Po vinha recebendo muitas outras queixas em relação a Mao. Peng De-huai o chamara de "um mau-caráter" que "havia insultado" Zhu De. Ele "gosta de provocar altercações", disse Peng. "Os métodos de Mao são muito brutais. Se você não se submete, ele não deixará de encontrar maneiras de submetê-lo. Ele não sabe como unir os quadros."

Porém, Po estava com as mãos atadas. Quando deixara Xangai, o agente de Moscou Ewert lhe dissera com todas as letras que tinha de trabalhar com Mao. Mas essa imposição não abrangia os seguidores de Mao e foi aí que Po agiu. A partir de fevereiro de 1933, uma série de acólitos de Mao — todos de baixo escalão, inclusive seu irmão Tse-tan — foram criticados na imprensa, embora só os poucos do topo soubessem que Mao era o verdadeiro alvo, e sua reputação junto à base foi cuidadosamente preservada. Além disso, Po não usava os métodos assassinos dele. Embora a linguagem fosse estridente ("deixar em cacos", "lutar cruelmente"), os seguidores de Mao eram tratados como camaradas que haviam errado, não como "inimigos", e alguns puderam manter postos importantes.

Po Ku conseguiu desmantelar a cadeia de comando separada de Mao e unir o partido para lutar contra Chiang, com grande sucesso. Pela primeira vez, o

Exército Vermelho derrotou as tropas do Generalíssimo em batalhas que envolveram dezenas de milhares de soldados. A última expedição de aniquilamento de Chiang fracassou em março de 1933.

Durante essa quarta campanha, Chiang teve de lutar contra os comunistas tendo por pano de fundo o aprofundamento de uma crise nacional. Em fevereiro de 1933, os japoneses vindos da Manchúria haviam atravessado a Grande Muralha e penetrado no norte da própria China, ameaçando Pequim. Naquele mesmo mês, eles estabeleceram no nordeste um Estado títere chamado Manchukuo.[d]

Ruijin também venceu essa quarta campanha graças à grande ajuda da União Soviética, que acabara de reatar relações diplomáticas com Chiang, em dezembro de 1932. A volta dos laços formais possibilitou que a Rússia introduzisse mais oficiais de informações na China, sob o disfarce de diplomatas ou jornalistas, para ajudar os comunistas chineses. O adido militar russo, general de divisão do GRU Eduard Lepin, desempenhou um papel central, pois se encontrava regularmente com Chiang e altos oficiais nacionalistas e podia passar informações atualizadas de alto nível ao Exército Vermelho chinês, atuando também como ligação entre este e o grupo de assessoria militar do PCC em Moscou. Os assessores militares secretos de Moscou na China também ajudaram muito na guerra. Mais tarde, quando Mao se encontrou com um deles, o comunista alemão Otto Braun (o único que entrou em Ruijin), ele o elogiou. Depois de saudá-lo com "formalidade rígida", registrou Braun, "Mao reconhece[u] a bem-sucedida contraofensiva [...] no inverno de 1932-33. Ele disse que o ímpeto para ela veio de mim".

A principal figura militar do lado dos comunistas chineses durante a quarta campanha foi Chou En-lai, e o fato de os vermelhos obterem vitórias sem precedentes sob sua liderança aumentou muito o status e a confiança de Chou. Mao sabia que Moscou reconhecia os vencedores, e o triunfo militar de Chou podia fazer pender para seu lado o favor dos russos — sobretudo porque Mao se opusera à estratégia de guerra de Moscou. Então, em fevereiro de 1933, Mao voltou de sua "convalescença" para Ruijin e passou a ser cooperativo. Moscou continuou a lhe dedicar cuidado e atenção únicos, advertindo várias vezes seus colegas de que deveriam "incorporar Mao ao

trabalho a todo custo [...] Com relação a Mao Tse-tung, vocês devem tentar ao máximo adotar uma atitude de tolerância e conciliação".

Mao continuou a participar de altas reuniões e presidir aquelas que cabiam ao seu posto. Tinha todas as informações e manteve seus privilégios de elite. Mas sabia que Moscou tinha reservas em relação a ele — quando mais não fosse, pela maneira como seus acólitos eram denunciados nos jornais comunistas. Podia ver também a força do vento que soprava contra ele no grau alarmante de seu isolamento. Dificilmente alguém o visitava. Seus seguidores o evitavam. Às vezes, relembrou sua esposa, ele não trocava uma palavra com alguém de fora da família durante dias. Décadas depois, ele diria que era como se tivesse sido "mergulhado num barril de urina e empurrado para cima e para baixo várias vezes, então eu realmente fedia".

Uma outra indicação de que ele caíra no conceito de Moscou aconteceu no começo de 1934, quando perdeu seu posto de "premiê" — ao mesmo tempo que mantinha o mais grandioso de "presidente". A principal missão do premiê era dirigir a administração, algo difícil de fazer Mao cumprir, e o partido queria alguém no cargo que desempenhasse realmente a tarefa. Um quadro ambicioso de 34 anos chamado Lo Fu, que fora treinado na Rússia, tomou seu lugar. Mao foi compensado com a designação para membro pleno do Politburo pela primeira vez, desde 1923, mas não entrou para o âmago do PCC, seu secretariado. Seu nome não estava na lista aprovada por Moscou. Mao boicotou a plenária do partido que implementou essas decisões, pretextando estar doente. Outra "doença diplomática", observou Po Ku, mas ele não o importunou.

Mao ainda mantinha o prestígio e máxima exposição nas publicações do PCC e de Moscou. Para a população da área vermelha — e para o mundo exterior, inclusive para os nacionalistas —, Mao ainda era "o presidente". Mas, reservadamente, Po Ku o comparava ao presidente nominal da Rússia. "O velho Mao vai ser apenas um Kalínin agora", disse a um amigo. "Ha, ha!"

a Em 15 de abril, os comunistas emitiram uma "declaração de guerra ao Japão". Era pura propaganda, e demorou mais de cinco anos para que o Exército Vermelho desse um tiro contra os japoneses (exceto na Manchúria, onde a organização partidária estava sob o controle de Moscou, não de Ruijin), o que faz com que essa seja uma das mais longas "guerras falsas" da História. Na verdade, a proclamação do PCC era mais uma declaração de guerra a Chiang Kai-shek do que ao Japão, pois afirmava que "para combater os imperialistas japoneses, é, antes de tudo, necessário derrubar o regime dos nacionalistas". Em comunicações secretas internas do PCC não havia uma única referência ao

Japão como o inimigo.

b Os amotinados pertenciam a uma unidade de 17 mil homens cujo comandante os trouxera de Ningdu para o lado comunista em dezembro de 1931. Essa foi a única rebelião a favor dos comunistas desde a de Nanchang, em 1927 — e durante muitos anos no futuro. Esses rebeldes aumentaram em um terço as fileiras do Exército Vermelho no teatro de Fujian-Jiangxi, que ficou com mais de 50 mil homens. Seu comandante, Ji Zhen-tong, logo percebeu no que ele e seus soldados haviam se metido e pediu "para ir para a União Soviética a fim de estudar" — o único pretexto que poderia dar para escapar. Foi logo preso e, mais tarde, executado.

c O partido não tinha mais condições de atuar clandestino em nenhuma cidade das áreas nacionalistas, graças ao policiamento eficaz e às defecções em massa. Nos livros de história, esse fracasso é atribuído, injustamente, a Li Li-san, o bode expiatório para tudo.

d Além do Japão, os únicos Estados que o reconheceram foram El Salvador, o Vaticano e a União Soviética, onde a bandeira de Manchukuo tremulou nos consulados de Chita e Vladivostok. Isso fazia parte da tentativa de Stálin de aplacar Tóquio, para evitar que os japoneses atacassem a União Soviética.

11. Como Mao entrou na Longa Marcha (1933-34; 39-40 anos)

Em setembro de 1933, Chiang Kai-shek mobilizou meio milhão de soldados para mais uma "expedição de aniquilação" — a quinta — contra a base de Ruijin. Em maio, ele fizera uma trégua com os japoneses, cedendo-lhes partes do norte da China, além da Manchúria, e isso o deixou livre para concentrar suas forças contra os comunistas.

Ao longo dos meses anteriores, Chiang construíra estradas sólidas que permitiram a reunião de suas tropas na região e a vinda de suprimentos. Com essa preparação logística, estava em condições de atacar os comunistas. Seus exércitos avançaram então dentro da área da base vermelha lentamente, fazendo frequentes pausas para construir pequenos fortes, tão próximos uns dos outros que podiam virtualmente ser conectados pelo fogo de metralhadoras. Os comunistas foram cercados por esses fortins. Como descreveu Peng De-huai, Chiang estava forçando a área vermelha a "encolher gradualmente: a tática de secar o lago e depois pegar os peixes".

O Exército Vermelho tinha apenas um décimo da força de Chiang e estava muito menos bem armado. Além disso, os soldados nacionalistas estavam agora muito mais bem treinados, graças ao trabalho de um grande grupo de assessores militares alemães. Em especial, o Generalíssimo obtivera os serviços do homem que desempenhara o papel fundamental na reconstituição secreta do Exército alemão depois da Primeira Guerra Mundial, o general Hans von Seeckt. Então Moscou montou uma rede "alemã" própria para ajudar os comunistas chineses a contrabalançar os assessores de Chiang, enviando o especialista militar Manfred Stern (que ficou famoso mais tarde como o general Kléber da Guerra Civil Espanhola) para ser o principal consultor militar, com base em Xangai. E o alemão Otto

Braun foi mandado para Ruijin em setembro, como comandante do Exército *de facto* em campo.

Em Ruijin, Braun instalou-se na área barricada reservada para os dirigentes do partido, numa casa de sapé no meio de campos de arroz. Conforme relatou, pediram-lhe para "ficar dentro de minha casa o máximo possível para minha segurança como 'demônio estrangeiro' e tendo em vista o clamor constante [dos nacionalistas] sobre a presença de 'agentes russos'". Deram-lhe um nome chinês, Li De — "Li, o Alemão" — e providenciaram-lhe uma "esposa" cuja qualificação essencial era que "devia ser grande" e "de físico muito forte", pois supunham que os estrangeiros precisavam de mulheres fortes para dar conta de suas demandas sexuais.

De acordo com a sra. Zhu De (sucessora da esposa que foi executada pelos nacionalistas), cuja informação reflete a fofoca da época, "nenhuma camarada queria se casar com um estrangeiro incapaz de falar chinês. Então, durante algum tempo, eles [o partido] não conseguiram encontrar uma parceira apropriada". Por fim, toparam com uma jovem e bonita camponesa que fugira do casamento arranjado quando ainda era criança para se incorporar à revolução. Porém, apesar da pressão oficial, ela não aceitou. "Alguns dias depois, recebeu uma ordem: 'Li De é um camarada importante, enviado para ajudar a revolução chinesa. Ser esposa dele é a necessidade da revolução. A organização decidiu que você vai casar com ele'. Ela obedeceu, com grande relutância [...] eles não se deram bem."

Nesse seu segundo casamento arranjado, a mulher teve um filho de Braun. O menino tinha pele escura, mais próxima da cor de um chinês do que de uma pessoa branca, o que levou Mao a fazer uma piada: "Então, isso acaba com a teoria da superioridade da raça germânica".

O homem mais próximo de Braun era Po Ku, o primeiro em importância do partido, que trabalhara com ele em Xangai e podia conversar com o alemão em russo. Eles jogavam cartas com os intérpretes e cavalgavam juntos. Chou En-lai, o segundo em comando e militar mais graduado, também convivia muito com Braun. Mas o alemão tinha pouco a ver com Mao, com quem só se encontrava em funções oficiais. Nessas ocasiões, escreveu Braun, Mao "mantinha uma reserva solene". Mao não falava russo e mantinha a guarda levantada contra Braun, considerando-o uma ameaça.

Quando chegou a primavera de 1934, a expedição nacionalista já pressionava a base comunista havia cerca de seis meses. Os agentes de Moscou e os líderes do PCC não tinham uma solução para se contrapor à guerra de fortins de Chiang e sua avassaladora superioridade militar. Os líderes comunistas de Ruijin sabiam que os dias da base estavam contados e começaram a planejar a retirada. Em 25 de março, Moscou mandou um telegrama a Ruijin, que foi interceptado pelo setor de informações britânico, dizendo que as perspectivas para a base eram muito ruins — muito piores do que o próprio PCC imaginava. Assim que recebeu essa mensagem, Po Ku começou a tentar tirar Mao de seu caminho. Em 27 de março, Xangai telegrafou a Moscou para dizer que Ruijin "comunica que Mao está doente há muito tempo e pede para ser enviado a Moscou". Mas ele certamente não estava doente. Po Ku e seus colegas não o queriam por perto, para evitar novos problemas.

O pedido de Ruijin para que buscassem Mao foi rejeitado. Em 9 de abril, Moscou respondeu ser "contra a visita de Mao" porque a jornada, que envolveria a travessia de áreas nacionalistas, seria arriscada demais. "Ele deve ser tratado na região do soviete [ou seja, na área comunista da China], mesmo que isso necessite de grandes custos. Somente em caso de total impossibilidade de tratá-lo no local e de perigo de resultado fatal da doença é que podemos concordar com sua vinda a Moscou."

Mao não tinha vontade nenhuma de ser mandado embora. "Minha saúde está boa. Não vou a nenhum lugar", retorquiu a Po Ku, que controlava as comunicações com Moscou. Mas Po logo arranjou outra solução: deixar Mao na retaguarda para defender o forte. Manter o chefe de Estado *in situ* seria uma maneira perfeita de proclamar que o Estado vermelho estava vivo.

Ninguém queria ficar para trás. Muitos dos que ficaram perderam a vida, em batalha ou capturados e executados. Tse-tan, o irmão mais moço de Mao, foi um deles. Outro foi Ho Shu-heng, o amigo que Mao levara ao I Congresso do PCC. Outro ainda foi Chu Chiu-pai, ex-líder do partido. O segundo da hierarquia que ficou para trás, Chen Yi, sofreu um grave ferimento de granada no quadril. Fez-se conduzir numa maca até Zhu De e implorou, em vão, para ser levado embora. Duas décadas depois, ele relembrou com raiva como a decisão lhe foi comunicada (dando ao mesmo tempo um raro vislumbre de como os líderes do PCC viam os sofismas de

seus colegas): "Me passaram a conversa: 'Você é um funcionário graduado, então devemos levá-lo numa maca. Mas, como vem trabalhando em Jiangxi há mais de dez anos [*sic*], você tem influência e prestígio [...] Agora que o centro vai embora, não podemos encarar as massas se não o deixarmos para trás'.". O homem que aplicou essa conversa fiada foi Chou En-lai.

Mao sabia que, se ficasse para trás, estaria muito longe do centro do partido e do Exército, mesmo se conseguisse sobreviver. Não pretendia que se livrassem dele com tanta facilidade. Àquela altura, privado do comando militar, não estava com nenhum exército. Mas, como presidente do governo, era dono de seu nariz e podia escolher o que queria fazer e onde queria estar. Ao longo dos seis meses seguintes, devotou-se a garantir que Po Ku e companhia não o abandonassem ao partir.

Assim, instalou-se numa posição na rota de fuga. O primeiro lugar em que acampou foi na fronteira meridional, que na época era o ponto de saída previsto. Ali, os comunistas estavam diante de um senhor da guerra cantonês que vinha mantendo um lucrativo comércio de tungstênio com eles e que odiava Chiang. Ao contrário de outras frentes, onde os nacionalistas estavam avançando cada vez mais, ali não havia muita luta. No final de abril, o senhor da guerra cantonês começou a conversar com os comunistas sobre estabelecer um corredor pelo qual eles pudessem sair e prosseguir adiante. Assim que Mao soube disso, desceu para o QG da frente meridional, em Huichang, na principal estrada de saída da área vermelha.

Estava claro para os líderes locais que Mao não tinha explicação oficial para sua presença e, além disso, que tinha tempo de sobra. Escalava morros por diversão e visitava os comandantes, sentando-se confortavelmente em suas camas e tagarelando sem parar. Fez até coisas como corrigir os programas de treinamento para as unidades locais, levando, às vezes, horas para refazer um documento.

Em julho, foi embora de forma tão abrupta como havia chegado. Ficara sabendo que o ponto de fuga mudara para o oeste. Naquele mês, uma unidade de 8 mil soldados foi despachada para reconhecer a rota. Mao retornou para Ruijin. Um mês depois, assim que o novo ponto de fuga foi confirmado — Yudu, uma cidade a sessenta quilômetros a oeste de Ruijin —, ele apareceu no QG local do partido com um séquito de umas 25 pessoas, entre elas um secretário, um médico, um cozinheiro, um cavalariço e um

esquadrão de guardas. O QG ficava próximo de uma travessia de rio, aonde se chegava atravessando o portão em arco da dinastia Sung que se abria nos muros da cidade, e aquela seria a rota de fuga. Mao se instalou ali para se assegurar de que o levariam com a força principal, quando a liderança partisse.

Antes de deixar Ruijin, decidiu entregar ao partido seu tesouro — o ouro, a prata e as joias que mantivera escondidos numa caverna durante os dois últimos anos. Disse a seu irmão Tse-min, diretor do banco, que desse o tesouro a Po Ku. Ao esconder esses despojos até a hora H, demonstrara uma grande falta de compromisso com o partido e com Moscou, e esse nível de deslealdade poderia ser usado contra ele pelo Kremlin. Mao infringira muitas regras, inclusive os três princípios cardeais que ele mesmo havia codificado: sempre obedecer às ordens, não tirar uma agulha ou fio das massas (isto é, não fazer pilhagens não autorizadas) e, em particular, entregar todos os bens capturados. Mas "privatizar" o saque era totalmente inaceitável, pois mostrava que ele pensara na hipótese de romper com Moscou.

Como os nacionalistas se aproximavam, não fazia sentido deixar os despojos enterrados numa caverna. Era o momento de trocá-los por uma passagem na evacuação. O partido estava desesperado por fundos para financiar a jornada e vinha implorando por mais dinheiro a Moscou.[a] Mao entregou seu tesouro e também prometeu a Po Ku que se comportaria. Po concordou em levá-lo consigo. Talvez não tivesse muita escolha, pois Mao se colocara fisicamente no meio do ponto de partida.

No último minuto, Xiang Ying, o relativamente moderado "vice-presidente" do Estado comunista, foi designado para comandar os que ficariam para trás. Xiang era a única pessoa da liderança de passado operário e aceitou a missão sem hesitar, demonstrando um espírito de sacrifício raro entre seus pares. Porém, manifestou séria preocupação com o fato de Mao seguir com a liderança. Ele tivera ampla experiência com o caráter do presidente na base vermelha, aonde chegara em 1931, no auge do massacre dos comunistas de Jiangxi ordenado por Mao, e estava convencido de que ele não se deteria diante de nada na busca de poder pessoal. Xiang tentara, sem sucesso, proteger os comunistas de Jiangxi. Mao o detestava e forçara vítimas da tortura a denunciá-lo. Chou En-lai contou ao Comintern que "pessoas presas testemunharam que [Xiang Ying] [...] pertencia ao AB". Aleksandr

Pániushkin, mais tarde embaixador russo na China, disse sem rodeios que Mao tentara se livrar de Xiang Ying ao rotulá-lo de "AB": "Somente a intervenção do Politburo impediu Mao de liquidar Xiang Ying". Em Ningdu, em 1932, Xiang fora um dos que mais insistiram em tirar Mao do comando do Exército. O intenso ódio de Mao levaria à morte de Xiang dez anos depois.

Xiang argumentou fortemente contra levar Mao. Otto Braun relembrou que ele "fez claras alusões à linha terrorista de Mao Tse-tung e sua perseguição de quadros fiéis do partido por volta de 1930. Sua [de Mao] contenção temporária devia-se somente a considerações táticas. Ele [...] aproveitaria a primeira oportunidade para tomar o controle exclusivo do Exército e do partido". Mas Po Ku, segundo Braun, parecia otimista: "Ele disse [...] que conversara sobre isso com Mao e estava certo de que ele não pensaria em provocar uma crise de liderança".

Com efeito, Mao começara a se comportar bem. Até julho, quando estava acampado na frente meridional, fizera críticas às instruções da liderança, dizendo a oficiais que desobedecessem às ordens e dando contraordens. Quando um de seus acólitos lhe contou que fora designado ministro da terra de um certo lugar, Mao mandou que fosse para outro lugar e ocupasse outro cargo: "Você não vai ser ministro da terra. Vá para o condado de Huichang para ser presidente do governo de lá".

Em setembro, porém, tudo mudou. Quando Lin Biao, que estava acostumado a ver Mao falar mal da liderança, lhe fez uma visita, o acompanhante de Lin observou que, "longe de estar envolvido em atividades faccionárias às escondidas", Mao estava "muito disciplinado".

Em Yudu, quando recebeu a notícia de que iria com certeza ser levado na retirada, Mao mandou buscar a esposa. Nenhuma criança poderia ir junto, então o filho deles, Pequeno Mao, de dois anos de idade, teve de ser deixado para trás. Mao nunca mais o viu.

Pequeno Mao tinha nascido em novembro de 1932 e era o segundo filho dele com Gui-yuan. O primeiro, uma menina, fora perdido. Nascera em junho de 1929 na cidade de Longyan, em Fujian, numa casa especialmente adorável. Quando lhe mostraram o bebê, Mao fizera uma de suas piadas

características: “Olhem só, esta menina sabe como arranjar um bom partido: só saiu depois que achou um belo lugar!”. Menos de um mês depois, Gui-yuan teve de deixar a cidade com Mao e a criança foi deixada aos cuidados de uma ama de leite local. O caminho de Mao afastou-os da cidade por quase três anos. Quando Gui-yuan finalmente voltou, disseram-lhe que a menina havia morrido, mas ela não conseguiu acreditar e, depois que os comunistas tomaram o poder, duas décadas mais tarde, começou a procurar por ela. A busca continuou obsessivamente durante décadas, até perto do fim de sua vida, em 1984.

Como não poderia levar Pequeno Mao consigo na evacuação, Gui-yuan confiou o menino à irmã, que era casada com Tse-tan. O casal, bem como o irmão e os pais dela, foram deixados para trás. Gui-yuan chorou amargamente a separação do filho. (Um terceiro filho morrera alguns meses antes, pouco depois de nascer.) Pequeno Mao ficou com sua ama de leite por um certo tempo. Depois que os nacionalistas tomaram o território comunista, Tse-tan mudou-o de lugar secretamente. Mas foi morto em batalha em abril de 1935, antes de contar a sua esposa onde estava o menino.

Quando Mao subiu ao poder, Gui-yuan, que já deixara de ser esposa dele havia tempo, tentou desesperadamente encontrar Pequeno Mao, com resultados trágicos. Sua irmã, que se sentia culpada pelo desaparecimento do menino, morreu em um acidente de carro, em novembro de 1949, quando saíra uma noite para ir atrás de uma pista, poucos dias depois que os comunistas tomaram a área. Em 1952, foi encontrado um adolescente que poderia ser Pequeno Mao. O irmão de Gui-yuan lembra que ela “correu para identificá-lo. Ela verificou principalmente duas coisas, se o menino tinha orelhas oleosas e se exalava odor das axilas [incomum entre os chineses]. Estava convencida de que seu filho herdara essas características de Mao Tse-tung. Depois de examiná-lo, convenceu-se de que era seu Pequeno Mao”.

Mas muitas outras mulheres comunistas que haviam sido obrigadas a deixar os filhos também estavam empreendendo o mesmo tipo de busca e uma viúva de soldado do Exército Vermelho já identificara o menino como seu filho. O partido decidiu que o menino pertencia a essa outra mulher. O irmão de Gui-yuan foi ver Mao, que até então não se envolvera, e lhe mostrou uma fotografia do adolescente, dando a entender que Gui-yuan gostaria que Mao interviesse. Mas o presidente se negou, dizendo: “É embaraçoso para mim intervir”. E lhe disse para fazer o que o partido

decretava. Gui-yuan não desistiu e travou uma batalha dolorosa e trágica durante anos. Ela e o irmão mantiveram-se em contato com o rapaz até a morte dele, de câncer no fígado, na década de 1970, tendo cuidado até dos preparativos de seu casamento.[b]

* * *

Mao não demonstrou nenhuma tristeza em particular por abandonar Pequeno Mao, nem disse adeus ao filho. Sua dor estava reservada para si mesmo. Gong Chu, o comandante do Exército Vermelho em Yudu, deixou um relato revelador das últimas semanas antes da partida de Mao, quando ele estava escorado em seu QG. No início de setembro, Gong estava estudando um mapa quando

> de repente, meu guarda-costas entrou e anunciou: "O presidente Mao está aqui!". Corri até o portão da frente e vi Mao Tse-tung desmontando com dois guarda-costas [...] Ele tinha aparência melancólica e esgotada. Perguntei-lhe: "O presidente não está bem?". Ele respondeu: "Tem razão. Estive recentemente sofrendo de má saúde, mas, mais do que dor, me sinto extremamente abatido".
>
> Depois que lavou o rosto, acendeu um cigarro e disse: "Ficarei aqui por um bom tempo".

Mao disse a Gong que, como eram velhos amigos do território dos bandidos, "'espero que você possa vir e bater um papo sempre que tiver tempo à noite'. [...] Mao Tse-tung gostava de conversar". Gong aceitou o convite e, depois que Gui-yuan chegou, ela "preparava jantares deliciosos. E nós três conversávamos, bebíamos e fumávamos, com frequência [...] até a meia-noite [...] Pelo que pude observar, ele não recebia outras visitas, exceto eu [...] Parecia realmente que ele estava isolado e infeliz".

Um dia Gong comprou uma galinha e alguns pés de porco para o jantar. Mao estava "alegre e bebeu muito". Queixou-se da liderança, mas mais como um comentário franco entre velhos amigos do que como sabotagem. Quando Gong mencionou que ele fora repreendido por algo, Mao "disse que não concordara com a repreensão. Era tudo porque Chou En-lai era duro demais [...] Disse também que [seus adversários no partido] queriam todo o poder nas mãos deles [...] Parecia profundamente indignado com eles".

Com a bebida, Mao ficou melancólico e relembrou as várias punições que havia sofrido. A certa altura, ao lamentar que não era mais o chefão, "lágrimas escorreram por sua face. Ele tossia de quando em quando e seu rosto estava pálido, ressecado e descorado. Sob a luz bruxuleante de uma

pequena lamparina, era o retrato do abatimento".

Nem o colapso do Estado comunista nem a separação de seu filho podiam ferir Mao tanto como a perda de poder pessoal.

Então, quando tudo parecia resolvido, seus planos quase foram por água abaixo. Dias antes da planejada partida, sua temperatura subiu para 41 graus e ele entrou em delírio malárico. Era a estação da malária e os mosquitos em Yudu eram tantos que entravam pelas narinas das pessoas. Nem o quinino funcionava. Era vital para ele que se recuperasse — e depressa, para que pudesse partir com os outros. O melhor médico da área comunista, Nelson Fu, que cuidara de Mao no hospital missionário no inverno de 1932-33, veio correndo de Ruijin e o colocou em forma para viajar. Paciente e médico sabiam que Fu havia salvado a vida de Mao — e sua sorte política.

O dr. Fu tornou-se o supervisor dos médicos de Mao, cargo que exerceu por décadas. Em 1966, no Grande Expurgo, escreveu a Mao e lembrou-lhe esse episódio em Yudu: "Salvei sua vida, espero que possa salvar a minha agora". Aos 72 anos, ele fora espancado selvagemente, tivera costelas quebradas e uma fratura no crânio. Mao de fato levantou um dedo, mas não com muita força, escrevendo na carta de Fu: "Este homem [...] não cometeu grandes crimes, talvez deva ser poupado". Mas depois ouviu falar que Fu havia supostamente falado com outros líderes do partido sobre sua (de Mao) saúde, o que era um grande tabu para Mao. Deixou então que Fu fosse jogado na prisão. O médico septuagenário não durou duas semanas e morreu no chão de sua cela.

O Exército Vermelho mantinha-se lutando enquanto recuava, pressionado pelo avanço do exército de Chiang, e preparava-se em segredo para a evacuação. O movimento era forçado, mas permitia que os comunistas levassem avante uma mudança estratégica na direção do noroeste, com o objetivo último de chegar a fronteiras controladas pelos russos, a fim de receber armas — operação depois conhecida como "fazer a conexão com a União Soviética". Havia anos que fora planejada. Já em 1929, Berzin, o chefe do GRU, havia dito a Sorge que sua missão era tentar levar o Exército Vermelho chinês até a fronteira soviética.

Em julho, uma unidade de 6 mil homens foi enviada na direção oposta

como engodo. Ela levava 1,6 milhão de panfletos, que enchiam trezentas mochilas, e adotou o nome grandioso de "Vanguarda do Exército Vermelho na Direção Norte para Lutar Contra os Japoneses".[c] Seus movimentos ganharam máxima divulgação e a unidade veio a perceber que era uma isca, algo de que nem seus líderes haviam sido comunicados. Os homens ficaram amargurados, e duplamente, pois a missão designada não fazia sentido: uma unidade pequena como a deles não seria capaz de enganar o inimigo ou atraí-lo para longe de Ruijin. Em vez disso, viram-se sob perseguição implacável de outras forças nacionalistas. Em poucos meses, quase toda a força foi destroçada.

Uma parte da preparação para a evacuação consistia em selecionar os que seriam removidos, processo dirigido por Chou En-lai. Aqueles classificados como não confiáveis foram executados. Totalizaram milhares. Entre os mortos estava a maioria dos professores das escolas do Exército, que não raro eram ex-oficiais nacionalistas capturados. As execuções foram realizadas em um vale fechado das montanhas, onde se escavou um grande fosso. As vítimas foram mortas a facadas, e seus corpos, chutados para dentro da cova. Quando o buraco ficou cheio, as vítimas restantes foram obrigadas a cavar seus próprios buracos, e depois esfaqueadas até a morte, ou enterradas vivas.

O massacre foi levado a cabo pelo sistema de segurança do Estado, embora muitos de seus homens tivessem perdido a fé no regime e também estivessem sendo mortos. Um deles foi o chefe da equipe que guardava o Conselho Militar. Na confusão da partida, ele escapuliu e se escondeu nas montanhas. Mas as autoridades encontraram seu esconderijo depois de prender sua namorada, uma camponesa local. Após um tiroteio, esse atirador de elite se matou.

Em outubro de 1934, o domínio desse regime brutal chegou ao fim. Em Yudu, montaram pontes flutuantes sobre o rio. Na proa e na popa de cada barca colocaram uma lanterna, e mais lanternas e tochas brilhavam e refletiam nas águas em ambas as margens. As famílias dos soldados e os camponeses organizados lotaram as margens para dizer adeus. Os mais feridos haviam sido entregues a famílias locais. Enquanto as tropas marchavam sobre a trilha de pedras arredondadas que passava pelo portão da cidade e descia até o ponto da travessia, em uma casa de esquina, perto do

muro, um menino de doze anos estava com os olhos grudados numa fenda da porta, segurando a respiração. Seu pai, um pequeno lojista, fora morto quatro anos antes, no auge do massacre de ABs de Mao, quando as pessoas eram executadas até por serem "atendentes de loja ativos". Tal como muitos outros, ele estava contente de ver os comunistas pelas costas, o que deixou bastante claro quando o encontramos, sessenta anos depois.

Por volta das seis da tarde de 18 de outubro, com aparência macilenta mas composto, com os longos cabelos penteados para trás, Mao deixou o QG local do partido cercado de guarda-costas, atravessou a rua, passou pelo arco da dinastia Sung e subiu na ponte flutuante.

Essa frágil ponte não levou Mao apenas para o outro lado do rio, ela o transportou para a lenda. Seu passado assassino e o do regime do PCC estavam prestes a ser deixados para trás. E o próprio Mao estava em vias de criar o mito mais duradouro da história moderna da China e um dos maiores mitos do século XX: a "Longa Marcha".

a O subsídio mensal de Moscou ao PCC em 1934 de 7418 "dólares ouro". Os russos tentaram mandar armas diretamente, mas o Exército Vermelho chinês não conseguiu cumprir a recomendação de Moscou de estabelecer uma cabeça de ponte num porto, onde "munições e medicamentos contrabandeados pudessem ser transportados".

b Esse tipo de tragédia não foi de forma alguma excepcional. A revolução causou muita dor no coração de seus adeptos. Antes da tomada do poder, esperava-se que os comunistas não apenas fizessem sacrifícios em relação a seus filhos como *os sacrificassem*, e a venda deles para levantar fundos para o partido não era incomum. A célula do PCC da amiga de Gui-yuan, Zeng Zhi, em Amoy, vendeu o bebê dela por cem yuans; o comprador pagou adiantado e o partido gastou o dinheiro antes de apresentar a ela um fato consumado. Mais de meio século depois, ela contou: "Claro que foi extremamente doloroso. Antes que meu filho fosse entregue na casa [do comprador], meu marido e eu o levamos ao parque Sun Yat-sen para brincar. Era uma graça de bebê, com mais de quarenta dias, sorria todo o tempo. Demos-lhe o nome de *Tie-niu* (Boi de Ferro). Ele jamais chorava sem um bom motivo e raramente evacuava ou urinava nele mesmo. Então o levamos para brincar. Ele estava realmente feliz. Então, foi-se. E foi simplesmente insuportável. Eu consegui superar a dor. Mas meu bebê morreu 26 dias depois [...] Nosso secretário do partido não ousou me contar, embora eu tivesse ouvido falar. Ele ficou em silêncio e eu não disse nada. Às vezes, à noite, doía tanto que eu chorava, mas em silêncio, porque era embaraçoso que os outros soubessem [que ela chorava por seu filho]. Então, um dia, ele percebeu que eu estivera chorando e adivinhou que eu sabia, e me pediu desculpas".

c Os líderes comunistas reconheceram depois que o nome era apenas para propaganda. "Ninguém sonhava com uma marcha para o norte para combater os japoneses", observou Braun.

12. A Longa Marcha I: Chiang deixa os comunistas escaparem (1934; 40 anos)

Cerca de 80 mil pessoas partiram na Longa Marcha, em outubro de 1934. A procissão saiu durante um período de dez dias em três colunas, com as duas unidades mais antigas e centrais, sob o comando de Lin Biao e Peng De-huai respectivamente, de cada lado das forças do quartel-general. O QG consistia em 5 mil pessoas, que incluíam um punhado de líderes e suas equipes, criados e guardas. Mao estava com o QG.

Eles avançaram lentamente na direção oeste, embaraçados com cargas pesadas. Máquinas do arsenal, impressoras e o tesouro de Mao foram levados sobre os ombros por milhares de carregadores, a maioria deles recrutados à força pouco antes, vigiados por homens da segurança. O chefe dos administradores revelou que as cargas mais pesadas eram levadas por pessoas "que tinham acabado de ser libertadas das equipes de trabalho forçado e estavam muito fracas fisicamente [...] algumas simplesmente tombavam e morriam enquanto estavam caminhando". Numerosos participantes da marcha ficaram doentes. Um deles relembrou:

> A chuva de outono não parava, transformando nossas trilhas em pura lama [...] e não havia para onde fugir da chuva, e nenhuma chance de um bom sono [...] alguns doentes e fracos caíam no sono e nunca mais acordavam. Muitos sofriam de pés infectados, que tinham de ser enrolados em panos podres e causavam dor intolerável quando se pisava no chão [...] À medida que deixávamos a área da base cada vez mais para trás, alguns trabalhadores desertavam. Os mais obedientes imploravam em lágrimas para que os deixassem partir [...]

Os mais ousados simplesmente largavam suas cargas e fugiam quando os vigilantes estavam distraídos. Os soldados também desertaram em bandos, quando a vigilância de seus chefes cada vez mais exaustos titubeava.

Os marchadores tinham diante deles a perspectiva desanimadora de quatro linhas de fortins — os mesmos que haviam condenado sua base vermelha.

No entanto, eles acabaram não sendo obstáculos, de uma forma aparentemente inexplicável.

A primeira linha era guarnecida por tropas cantonesas, cujo chefe vinha fazendo negócios lucrativos com os comunistas e prometera deixá-los passar. O que fez de fato. Mas essa fuga sem combate não se deveu apenas aos cantoneses contrários a Chiang. O Generalíssimo sabia muito bem que os comunistas pretendiam se retirar através da frente cantonesa e, mais ainda, sabia que teriam permissão para passar. Em 3 de outubro, pouco antes do início da marcha, dissera ao seu primeiro-ministro que os cantoneses iriam "abrir um lado da rede" para os comunistas. Porém, Chiang rejeitou explicitamente a ideia de mandar forças fiéis a ele para o setor do rompimento da linha. Um auxiliar próximo argumentou que, para fazer Cantão "cumprir nossas ordens, precisamos ter nossos homens na região". Chiang lhe disse que não se preocupasse.

Os marchadores atingiram a segunda linha de fortins no início de novembro. Embora as colunas fossem um alvo fácil, estendendo-se por dezenas de quilômetros, não foram atacadas. Os cantoneses deixaram novamente de causar problemas. E o mesmo fez a outra força que defendia parte dessa segunda linha, que estava sob o comando do general Ho Chien, o feroz anticomunista que executara Kai-hui, a ex-mulher de Mao.

O mesmo aconteceu na terceira linha fortificada. Chiang, no entanto, não somente não repreendeu Ho Chien por sua óbvia negligência como o promoveu, em 12 de novembro, a comandante em chefe das operações contra a marcha. Assim, foi esse feroz anticomunista que guarneceu a quarta linha de fortificações, situada num lugar ideal para destruir os comunistas, na margem ocidental do Xiang, o maior rio de Hunan (que inspirara a poesia de Mao em sua juventude). Não havia pontes e os vermelhos, que não tinham armamento antiaéreo, tiveram de vadear o largo rio, constituindo alvo fácil a partir da terra e do ar. Mas de novo não foram absolutamente molestados enquanto levavam quatro dias para fazer a difícil travessia, espalhada ao longo de trinta quilômetros. Os pontos que comandavam o rio não estavam guarnecidos e as tropas de Ho Chien simplesmente ficaram observando. Os aviões de Chiang faziam voos em círculos sobre a coluna, mas apenas de reconhecimento, e não houve bombardeio aéreo ou mesmo metralha. Mao e o QG atravessaram o rio sem serem perturbados no dia 30 de novembro e,

no dia seguinte, chegou a principal força comunista, de 40 mil homens.

Só então Chiang, que vinha monitorando a travessia "com concentração total", como observaram seus auxiliares, fechou o rio e ordenou bombardeio pesado. Parte da retaguarda vermelha ficou presa na margem oriental. Apenas metade dos marchadores conseguiu atravessar o rio,[a] mas entre eles estavam as principais tropas de combate e o QG. Chiang sabia disso. O comandante Ho Chien escreveu no dia seguinte: "Toda a principal força dos bandidos [atravessou o rio] e está fugindo para oeste".

Não há dúvidas de que Chiang deixou a liderança do PCC e a principal força do Exército Vermelho escaparem.

Por que Chiang teria feito isso? Uma parte das razões logo ficou clara quando, depois da travessia do Xiang, o Exército nacionalista empurrou os marchadores mais para oeste, na direção da província de Guizhou e, em seguida, Sichuan. O plano de Chiang era utilizar a força comunista para seus próprios objetivos. Aquelas duas províncias, junto com a vizinha Yunnan, formavam uma vasta região sudoeste que cobria mais de 1 milhão de quilômetros quadrados, com uma população de cerca de 100 milhões de habitantes; elas eram virtualmente independentes do governo central, pois mantinham seus próprios exércitos e pagavam poucos impostos a Nanquim. Sichuan era particularmente importante, por ser a maior, mais rica e mais populosa, com cerca de 50 milhões de habitantes. Estava protegida em todos os lados por montanhas quase inatingíveis, o que tornava o acesso "mais difícil do que subir ao céu azul", nas palavras do poeta Li Po. Chiang a considerava "a base para o renascimento nacional", isto é, uma retaguarda segura numa eventual guerra contra o Japão.

Chiang poderia exercer o controle apenas se tivesse seu próprio exército presente nas províncias, mas elas haviam rejeitado seus soldados e, se ele quisesse forçar a entrada, haveria guerra. Chiang não queria declarar guerra aberta aos senhores da guerra. Seu projeto de construção da nação era mais maquiavélico — e mais profícuo. Ele queria empurrar o Exército Vermelho para essas províncias, de modo que os senhores da guerra ficassem tão assustados com o estabelecimento dos comunistas em seus territórios que permitiriam que o Exército nacionalista entrasse para expulsar os vermelhos.

Assim, Chiang imaginava, seu exército poderia entrar e ele poderia impor o controle do governo central. Queria preservar o corpo principal do Exército Vermelho para que este ainda significasse uma ameaça aos senhores da guerra.

Chiang explicou o plano para seu secretário mais próximo: "Quando o exército comunista entrar em Guizhou, poderemos segui-lo. É melhor do que começar uma guerra para conquistar Guizhou. Sichuan e Yunnan terão que nos receber bem, para se salvarem [...] A partir de agora, se jogarmos nossas cartas direito [...] poderemos criar um país unificado". Em 27 de novembro, no mesmo dia em que os comunistas começaram a atravessar o rio Xiang e marcharam para Guizhou, Chiang lançou seu projeto de construção da nação, uma "declaração sobre a divisão dos poderes entre o governo central e as províncias".

Esse projeto permaneceu secreto durante toda a vida de Chiang e ainda é escondido pela história oficial, tanto dos nacionalistas como dos comunistas. Ambas atribuem a fuga dos comunistas aos senhores da guerra regionais, com Chiang pondo a culpa neles e os comunistas os elogiando. Ambos compartilham a mesma preocupação: não revelar que foi o próprio Generalíssimo que deixou os comunistas escaparem. Para os nacionalistas, os métodos de Chiang para estabelecer seu domínio sobre as províncias recalcitrantes eram tortuosos demais, e seu erro de cálculo sobre o uso dos comunistas — que acabou levando ao triunfo deles —, demasiado humilhante. Para os comunistas, é embaraçoso reconhecer que a famosa Longa Marcha foi, em larga medida, dirigida por Chiang Kai-shek.

Deixar que os comunistas fossem embora foi também um gesto de boa vontade de Chiang para com a Rússia. Ele precisava de uma relação harmoniosa com o Kremlin porque estava sob ameaça do Japão. E o PCC era cria de Moscou.

Mas havia um outro motivo mais secreto e totalmente privado. Ching-kuo, filho de Chiang, era refém de Moscou havia nove anos. Ele era o único descendente natural de Chiang Kai-shek; não era filho da famosa madame Chiang, mas de sua primeira esposa. Depois que Ching-kuo nasceu, Chiang aparentemente ficou estéril por ter contraído doenças venéreas várias vezes e adotou outro filho, Weigo. Mas Ching-kuo, por ser o único herdeiro de sangue, estava mais perto de seu coração. Chiang foi criado na tradição

chinesa em que a preocupação central é ter um herdeiro. Não conseguir dar seguimento à linhagem familiar era considerada *a* desgraça, a maior dor que alguém poderia infligir aos pais e ancestrais, cujas almas mortas, então, jamais poderiam descansar em paz. Uma das piores maldições na China era: "Que você não tenha herdeiro!". E o respeito pelos pais e ancestrais, a piedade filial, era a principal injunção moral ditada pela tradição.

Em 1925, Chiang mandara Ching-kuo, então com quinze anos, para uma escola em Pequim. Era uma época em que a estrela dele estava em ascensão num Partido Nacionalista patrocinado por Moscou. Não demorou para que os russos convidassem Ching-kuo para estudar na Rússia. O rapazinho ficou muito interessado. Alguns meses depois de chegar em Pequim, Ching-kuo foi levado para Moscou por uma figura pouco conhecida, mas fundamental, chamada Shao Li-tzu, um espião comunista importante dentro do Partido Nacionalista.

Infiltrar espiões foi um dos presentes valiosos que Moscou deu ao PCC. A maioria deles uniu-se aos nacionalistas na primeira metade da década de 1920, quando Sun Yat-sen, que estava cortejando os russos, abriu seu partido aos comunistas. A infiltração funcionava em vários níveis. Assim como havia comunistas conhecidos trabalhando dentro do movimento nacionalista, como Mao, havia também comunistas secretos e um terceiro grupo, os que haviam encenado uma falsa deserção do PCC. Em 1927, quando Chiang rompeu com os comunistas, muitos desses agentes secretos permaneceram como "dormentes", a serem ativados no momento oportuno. Nos vinte e tantos anos seguintes, eles não somente deram aos comunistas informações cruciais, como estiveram muitas vezes em posição de exercer influência substancial nas diretrizes, pois muitos haviam subido na hierarquia do sistema nacionalista. Em última análise, os agentes infiltrados desempenharam um papel gigantesco na conquista da China por Mao — talvez um papel maior na alta política do que em qualquer outro país do mundo. Muitos continuam secretos até hoje.

Shao Li-tzu era um deles. Na verdade, tratava-se de um membro fundador do PCC, mas, por ordens de Moscou, ficou longe das atividades partidárias e sua identidade foi mantida em segredo até para a maioria dos líderes do partido. Quando Chiang voltou-se contra os comunistas em Xangai, em abril de 1927, Shao escreveu um telegrama aos russos que foi imediatamente

enviado a Stálin, pedindo instruções: "Xangai me perturba muito. Não posso ser a arma da contrarrevolução. Peço conselhos sobre como lutar".

Nos 22 anos seguintes, Shao permaneceu com os nacionalistas, ocupando muitos postos importantes, até a vitória comunista em 1949, quando passou para o lado de Mao. Morreu em Pequim, em 1967. Mesmo sob o regime comunista, sua verdadeira face nunca foi revelada e ele ainda hoje é apresentado como um honesto simpatizante, não um dormente de longo tempo.

Foi, sem dúvida, por instruções de Moscou que Shao levou o filho de Chiang para a Rússia em novembro de 1925. Dois anos depois, ao completar seus estudos, ele não teve permissão para ir embora e foi forçado a denunciar o pai publicamente. Stálin o mantinha como refém, enquanto dizia ao mundo que ele ficara por vontade própria. Stálin gostava de manter reféns. Peggy Dennis, esposa do líder comunista americano Eugene Dennis, descreveu uma visita da eminência parda do Comintern Dmitri Manuilski, quando ela e o marido estavam para partir da Rússia e retornar à América, em 1935. "A bomba foi jogada tranquilamente [...] Quase por acaso, Manuilski nos informou que não poderíamos levar Tim [seu filho] de volta [...] 'Mandaremos Tim em outro momento, em outras circunstâncias.'." Os russos nunca o fizeram.

O fato de Ching-kuo ser um refém foi revelado a seu pai no final de 1931, por ninguém menos que sua cunhada, madame Sun Yat-sen (*née* Soong Ching-ling), que também era agente soviética.[b] Falando por Moscou, ela propôs a troca de Ching-kuo por dois altos agentes russos que haviam sido presos recentemente em Xangai. Chiang recusou a proposta. A prisão dos dois agentes era assunto público e eles haviam sido julgados e encarcerados abertamente. Mas a oferta de Moscou desencadeou uma torrente de angústia em Chiang, que pensou que o filho poderia agora ser "cruelmente morto pelos russos soviéticos". Em 3 de dezembro de 1931, o Generalíssimo escreveu em seu diário: "Nos últimos dias, andei suspirando por meu filho ainda mais. Como poderei encarar meus pais quando morrer [se Ching-kuo for morto]?". No dia 14: "Cometi um grande crime ao não ser um bom filho [arriscando a morte de seu herdeiro]".

Chiang continuou a se consumir na ansiedade quanto ao que poderia acontecer com o filho, e sua angústia e amargura explicam, quase com certeza, um evento que aconteceu a milhares de quilômetros de distância.

Nesse exato momento, dezembro de 1931, o filho de Shao Li-tzu foi encontrado morto a tiros em Roma. Esse filho fora levado por Shao para a Rússia em 1925 como companheiro de viagem de Ching-kuo. Shao júnior teve depois permissão para voltar à China. A imprensa italiana cobriu sua morte como uma tragédia de amantes; um jornal publicou a matéria com a manchete: "A morte trágica de um chinês que havia ferido sua amante" — uma mulher que seria tcheca. Mas Shao e família estavam convencidos de que o assassinato de seu filho, que foi encoberto tanto por nacionalistas como por comunistas, era obra de agentes nacionalistas e que isso só poderia ter sido feito com autorização de Chiang. Uma vingança pessoal: um filho por um filho.

Quando a Longa Marcha começou, Chiang havia planejado uma troca cuidadosamente arquitetada: a sobrevivência do PCC por Ching-kuo. Não era uma oferta que pudesse ser feita às claras. Ele executou seu plano de forma sutil. Seu projeto era manter os comunistas temporariamente confinados e depois usar os japoneses para abrandá-los. Chiang considerava inevitável a guerra contra o Japão e estava bem consciente de que a Rússia queria essa guerra. O cenário mais temido por Stálin era que o Japão conquistasse a China e depois, com os recursos chineses e uma fronteira porosa de 7 mil quilômetros, atacasse a União Soviética. Chiang supunha que, uma vez iniciada a guerra sino-japonesa, Moscou se veria obrigada a mandar seus clientes chineses lutar contra o Japão. Até esse dia, ele permitiria que os comunistas sobrevivessem, o que, esperava, seria uma compensação grande o suficiente para ter seu filho de volta.

Chiang não queria que os comunistas se instalassem no interior rico da China. Seu objetivo era conduzi-los para um canto mais árido e pouco habitado, onde poderia confiná-los. A prisão que tinha em mente era o platô da Terra Amarela, no noroeste do país, principalmente a parte setentrional da província de Shaanxi. Para ter absoluta certeza de que eles se encaminhariam para sua armadilha, Chiang permitiu que uma base comunista florescesse na região, enquanto esmagava as outras no resto do país.

A principal pessoa que Chiang usou para implementar esse plano foi ninguém menos que Shao Li-tzu, o homem que havia levado seu filho para a Rússia. Shao foi nomeado governador de Shaanxi em abril de 1933. Embora

Chiang certamente soubesse de que lado estava Shao, jamais o denunciou e continuou a usá-lo como se fosse um fiel nacionalista. A relação do Generalíssimo com Shao, tal como com muitos outros infiltrados importantes, era uma teia quase incrivelmente complexa de intriga, engano, blefe e duplo blefe que acabaria saindo de seu controle e contribuiria para sua queda.

O cálculo de Chiang era que só um espião poderia fomentar um bolsão vermelho, pois qualquer nacionalista autêntico o destruiria. E, com efeito, foi só depois da nomeação de Shao para a região que aquilo que até então fora uma minúscula guerrilha comunista começou a crescer em Shaanxi (e na fronteira de Gansu, imediatamente para oeste).[c] No exato momento em que a Longa Marcha começava, em meados de outubro de 1934, Chiang fez uma visita à província de Shaanxi. Ao mesmo tempo que clamou publicamente para que os "bandidos" vermelhos fossem "esmagados", permitiu que a base comunista se expandisse de forma sem precedentes; dentro de poucos meses, ela cresceu e cobriu 30 mil quilômetros quadrados, com uma população de 900 mil habitantes.

O que Chiang havia criado era um curral para onde conduziria todos os diferentes destacamentos do Exército Vermelho, tal como os expulsou dos diversos bolsões no coração da China. Seu plano era enfraquecê-los bastante ao longo do caminho, mas não eliminá-los inteiramente. Chiang contou mais tarde a um emissário americano: "Eu conduzi os comunistas de Jiangxi para [...] o norte de Shaanxi, onde seu número foi reduzido a poucos milhares e eles não foram perseguidos".

Chiang os conduziu mediante a comunicação de seus deslocamentos por rádio, que, ele sabia, seria interceptada. Os comunistas julgaram que "os telegramas do inimigo eram constantemente interceptados e decodificados por nós e nosso exército conhecia as intenções e os movimentos do inimigo como a palma da nossa mão". Mas Chiang não quis mudar seus códigos. E os comunistas se deslocaram para onde não havia tropas inimigas, ou muito poucas.

Para assegurar-se de que os vermelhos seguiriam a rota que ele escolhera e evitar qualquer mudança em suas instruções, Chiang decidiu que a véspera da partida deles era o momento para revelar um grande golpe da inteligência. Em junho, os nacionalistas haviam atacado em segredo a estação

de rádio do PCC em Xangai, que era a ligação entre Ruijin e Moscou. Durante vários meses, mantiveram a rádio em operação sob seu controle e então, em outubro, fecharam-na totalmente. O PCC tentou restabelecer a conexão mandando um alto operador de rádio para Xangai, mas ele desertou assim que chegou. Assassinos foram mandados em seu encalço. Erraram da primeira vez, mas conseguiram matá-lo em um leito do hospital alemão na segunda tentativa. A partir de então, Xangai tornou-se, em larga medida, irrelevante para o PCC, embora permanecesse uma base importante para o serviço secreto de Moscou.

A Longa Marcha foi usada por Chiang para iniciar a troca de comunistas por seu filho. Imediatamente antes da saída da base de Ruijin, mandou uma mensagem através de canais diplomáticos, pedindo a volta do filho. Em 2 de setembro de 1934, registrou em seu diário que "uma representação formal foi feita sobre trazer Ching-kuo para casa". Durante o período crucial da fuga, em outubro e novembro, Chiang encontrou uma forma de dizer enfaticamente aos russos que estava fechando os olhos e deixando os comunistas partirem, não apenas com sua ausência da linha de frente, mas indo mil quilômetros na direção oposta, para uma longa excursão pública pelo norte da China.

Moscou entendeu a mensagem. Durante o exato período entre o pedido de liberdade para seu filho feito por Chiang e o dia em que Mao e companhia atravessaram o rio Xiang e se livraram dos fortins nacionalistas, os russos aumentaram tremendamente a vigilância sobre seu refém. Ching-kuo, que trabalhara antes numa aldeia e numa mina de ouro da Sibéria, estava agora numa fábrica de máquinas dos Urais. Então, como ele relembrou depois, "de agosto a novembro de 1934, fui subitamente [...] posto sob rigorosa vigilância do NKVD [KGB]. Todos os dias, eu era seguido por dois homens".

No início de dezembro, logo depois que os comunistas chineses passaram pelos últimos fortins, Chiang pediu por seu filho de novo (como a KGB informou a Ching-kuo). Mas os russos disseram a Chiang que seu filho não queria voltar. "Não acaba nunca a revoltante tapeação dos russos", escreveu Chiang em seu diário, embora dissesse que poderia "enfrentar isso com

calma". "Acho que fiz realmente progressos, pois posso até deixar de me preocupar com essa calamidade familiar." Chiang sabia que seu filho estaria em segurança — se fizesse mais pelos comunistas.

a Da outra metade (cerca de 40 mil) que não atravessou o rio, pouco "mais de 3 mil" foram mortos no Xiang. O restante ou se espalhou pelo Xiang, ou pereceu nas seis semanas anteriores da caminhada de doença ou exaustão, ou eram baixas causadas por pequenas escaramuças, ou desertara.

b Ela era irmã de madame Chiang Kai-shek. O fato de ser uma agente russa permaneceu em segredo durante toda a sua longa vida e ainda é pouco conhecido. Mas uma carta secreta que ela escreveu em 26 de janeiro de 1937 para Wang Ming, o chefe da delegação do PCC em Moscou e superintendente dela, mostra seu papel sem sombra de dúvida. A carta começa assim: "Ao camarada Wang Ming. Prezado camarada: É necessário para mim informá-lo dos seguintes fatos, uma vez que eles podem pôr em perigo minhas atividades [...] na China no futuro próximo. Levo-os à sua consideração na esperança de que possa me aconselhar sobre qual rumo tomar". Uma das questões abordadas na carta eram queixas quanto à agente americana do Comintern Agnes Smedley, que, dizia madame Sun, levara "simpatizantes estrangeiros para casa, com o resultado de que essa casa especial, que foi usada para propósitos importantes, agora foi arruinada [...] Encaminhei suas instruções para isolá-la" ao PCC.

c O comandante do Exército nacionalista em Shaanxi era o companheiro de viagem general Yang Hu-cheng, que havia sido anteriormente convidado a entrar no Partido Comunista e cuja relação com os vermelhos era conhecida de Chiang. Ele colaborou bastante com Shao.

13. A Longa Marcha II: o poder por trás do trono (1934-35; 40-41 anos)

Em meados de dezembro, Chiang já havia conduzido a Longa Marcha para Guizhou, a primeira província que desejava colocar sob controle. Como previra, a chegada de um exército vermelho de 40 mil homens levou pânico ao senhor da guerra local, que mais tarde relembraria: "Havia tempo que [Chiang] queria tomar Guizhou. Então, o Exército do Governo Central veio nos calcanhares do Exército Vermelho e eu não tive chance de recusá-lo [...] Eu estava realmente confuso. Naquelas circunstâncias, decidi me colocar sob o comando de Chiang". Em 19 de dezembro, oito divisões do Exército do Governo Central entraram na capital da província e começaram de imediato a construir um aeroporto e estradas. Pouco depois, assumiram posições-chave e, como disse o senhor da guerra, "se transformaram de hóspedes em senhores".

Chiang bloqueou então várias rotas e deixou aberta para o Exército Vermelho apenas a passagem para o norte, na direção de seu alvo seguinte, Sichuan. Seu plano era repetir a tomada de Guizhou e depois empurrar os comunistas ainda mais para o norte, até Shaanxi. Mas, nesse ponto, as coisas começaram a se desviar do cenário planejado, pois Mao passou a se comportar de um modo que Chiang não poderia ter previsto. Ele estava decidido a não seguir para Sichuan. Seu motivo, no entanto, não tinha nada a ver com Chiang, mas com sua luta pelo poder dentro de seu próprio partido.

Mao começou a tomar medidas concretas para assumir a liderança assim que os marchadores entraram em Guizhou. Para tanto, precisava dividir seus adversários internos. Em particular, ele vinha cultivando a amizade de dois homens fundamentais com os quais até então não tivera boas relações: Wang Jia-xiang, apelidado de "Professor Vermelho", e Lo Fu, aquele que havia tomado seu cargo de "primeiro-ministro". Mao digladiara-se com eles no

passado, mas agora os adulava, pois ambos tinham rusgas com o líder do partido, Po Ku.

Os dois haviam estudado em Moscou junto com Po, que era o mais moço, mas os havia deixado para trás e se tornara chefe deles, além de, às vezes, excluí-los do processo de decisão. Po "me chutou para escanteio", disse Lo Fu anos depois, e isso o jogara nos braços de Mao. "Senti que fui colocado numa posição totalmente sem poder, que me deixou muito indignado", rememorou Lo. "Lembro que, um dia antes da partida, o camarada Tse-tung teve uma conversa comigo e eu lhe manifestei sem reservas todo o meu ressentimento. A partir de então, fiquei próximo do camarada Tse-tung. Ele me pediu para ficar junto com ele e o camarada Wang Jia-xiang — desse modo, formou-se um trio, encabeçado pelo camarada Mao."

O trio viajava junto, geralmente reclinado em liteiras de bambu, autorizadas para alguns líderes, cada um dos quais tinha direito também a um cavalo e carregadores para levar seus pertences. Durante boa parte da Longa Marcha, inclusive em seu trecho mais estafante, a maioria deles foi carregada. Mao chegou mesmo a desenhar seu próprio transporte. A esposa de Lo Fu lembra que ele fez preparativos com o Professor Vermelho e exibia sua engenhosidade: "Ele disse: 'Vejam, criamos nossas próprias liteiras [...] seremos carregados'. Ele e Jia-xiang pareciam muito satisfeitos consigo mesmos ao me mostrar suas 'obras de arte': as liteiras deles tinham varas de bambu muito longas e seriam mais fáceis e mais leves de carregar na subida das montanhas. Tinham um toldo de lona [...] e assim [o passageiro] estaria protegido do sol e da chuva".

O próprio Mao contou ao seu staff, décadas depois: "Na marcha, eu ia deitado numa liteira. Então, o que fiz? Li. Li muito". Não era tão fácil para os carregadores. Os marchadores relembram: "Quando subiam montanhas, os carregadores de liteiras às vezes só conseguiam avançar de joelhos, que ficavam em carne viva antes que eles chegassem ao topo. Cada escalada de montanha deixava uma trilha de suor e sangue".

Enquanto era transportado nos ombros dos outros, Mao tramava um golpe com os dois colegas invejosos de Po Ku. Quando a estrada era suficientemente larga, conversavam lado a lado; nas trilhas estreitas, quando seguiam em fila indiana, arranjavam a posição das liteiras para que ficassem cabeça com cabeça. Uma reunião realizou-se num laranjal, cheio de frutas maduras que pendiam entre as folhas verdes. Os carregadores haviam feito

uma pausa e colocado as liteiras umas ao lado das outras. O trio decidiu trabalhar junto para "jogar fora" Po, junto com Braun, o assessor alemão, e dar a Mao o controle do Exército. Como ainda era muito impopular e nem era membro do secretariado, Mao não reivindicou o posto máximo do partido nesse estágio. Essa posição foi reservada para Lo Fu, o único deles que fazia parte do secretariado. A recompensa do Professor Vermelho seria uma vaga de titular no Politburo. O trio começou a defender a realização de uma reunião para discutir como os comunistas haviam perdido seu Estado.

Po Ku concordou com um exame *post-mortem*. Na verdade, se sentia tão mal em relação ao fracasso dos comunistas que seus colegas acharam que ele poderia se suicidar, depois de vê-lo várias vezes apontar a pistola para si mesmo.

Assim, vinte homens — o Politburo e alguns comandantes militares selecionados — se reuniram de 15 a 17 de janeiro de 1935 na cidade de Zunyi, no norte de Guizhou. Boa parte do encontro foi dedicada à questão da responsabilidade pelo colapso do Estado vermelho. O trio de Mao pôs a culpa de tudo nos líderes anteriores à Longa Marcha, em especial Po e Braun.

Costuma-se dizer que Mao se tornou líder do partido e do Exército na reunião de Zunyi — e por mandato da maioria. Na verdade, ele não foi feito chefe do partido nem do Exército nessa ocasião. Po Ku continuou a ser o líder do partido, endossado pela maioria; o consenso foi de que a perda de Ruijin não podia ser atribuída a ele. Braun, como único estrangeiro, serviu como um bode expiatório conveniente e foi removido do comando militar. Mas, embora os dois conspiradores de Mao tenham proposto que ele assumisse o comando, aparentemente ninguém mais apoiou a ideia e Chou En-lai foi reconfirmado como chefe militar, com "responsabilidade pelas decisões finais em assuntos militares".[a]

Porém, Mao conseguiu dar um passo adiante fundamental em Zunyi: tornou-se membro do secretariado, o órgão que tomava as decisões. A composição anterior desse grupo fora determinada por Moscou em janeiro de 1934. Eram sete membros, dos quais quatro estavam na marcha: Po Ku, Chou En-lai, Lo Fu e um homem chamado Chen Yun. Os outros três eram Xiang Ying, Wang Ming, representante do PCC em Moscou, e Chang Kuo-tao, líder do que era então a segunda maior base comunista. Em Zunyi, o

Professor Vermelho propôs que Mao fosse admitido no secretariado. Na verdade, o Professor Vermelho não tinha direito a fazer essa indicação, por não ser membro pleno do Politburo. Mas Po Ku sentia-se culpado e desmoralizado demais para se opor à promoção de Mao, e ela passou. Moscou não foi consultada, pois as comunicações por rádio haviam sido cortadas.

Uma vez dentro do secretariado, Mao estava em posição de manipulá-lo. Dos quatro outros membros que participavam da marcha, Lo Fu já era seu aliado e Chen Yun não se interessava pelo poder e estava amiúde ausente fisicamente, tratando de logística. Restavam Chou e Po. A estratégia de Mao em relação a Chou era separá-lo de Po com uma combinação de prêmios e punições, das quais a principal era a chantagem, com a ameaça de torná-lo corresponsável pelos fracassos passados. Em Zunyi, foi decidido que deveriam produzir uma resolução sobre como o Estado comunista havia sido perdido, e Lo Fu, o comparsa de Mao, conseguiu tomar para si a tarefa de redigir o documento, o que normalmente seria feito pelo líder do partido.

Esse documento seria o veredicto a ser enviado ao partido e a Moscou. Lo Fu fez um esboço inicial com o subtítulo "Análise dos erros de política militar dos camaradas Po Ku, Chou En-lai e Otto Braun", em que Chou era também réu na perda do Estado vermelho. Depois que Chou concordou em cooperar, seu nome foi retirado, e a culpa, omitida.

Como disse Braun friamente, Chou "distanciou-se sutilmente de Po Ku e de mim, proporcionando assim a Mao o pretexto desejado para concentrar seu ataque em nós, ao mesmo tempo que o poupava". Isso tornava Po o único problema, mas Mao sempre poderia deixá-lo em minoria. Com efeito, assim que terminou a reunião de Zunyi e a maioria dos participantes voltou para suas unidades, Mao obteve desse novo grupo central o título nunca ouvido e decididamente esquisito de "ajudante do camarada En-lai na condução dos assuntos militares". Desse modo, Mao enfiava um pé porta adentro da liderança militar.

Esse novo centro promoveu então o Professor Vermelho a membro pleno do Politburo e não demorou a lhe atribuir um alto posto militar, embora ele nada soubesse de questões militares. E, o que é mais importante, três semanas depois de Zunyi, em 5 de fevereiro, numa aldeia em que as três províncias se encontravam, chamada "Um Galo Cocorica Sobre Três Províncias", Lo Fu foi catapultado para o primeiro posto do partido, no

lugar de Po Ku. Primeiro, Mao e Lo Fu fizeram Chou capitular e depois confrontaram Po Ku com uma "maioria" do centro. Po concordou em entregar seu posto "somente depois de muitas discussões e pressões", como ele descreveu.

A ascensão de Lo Fu ao primeiro posto no partido foi um golpe por baixo do pano e durante semanas manteve-se em segredo, tanto dos membros do partido como do Exército. A mudança no topo só foi revelada quando uma vitória militar colocou os conspiradores numa posição mais forte. Po foi então excluído da tomada de decisões e, como Lo Fu era um caráter um tanto fraco, Mao passou a dar as cartas.

A reunião de Zunyi decidiu pela ida para Sichuan. Sichuan fica logo ao norte de Zunyi e era o destino óbvio da marcha por ser uma província grande, rica e populosa — e recomendada havia muito tempo pelos russos. Era muito mais próxima da Mongólia, controlada pelos soviéticos, e de Xinjiang (então, praticamente uma colônia soviética, guarnecida por tropas russas), dois lugares para os quais Moscou vinha se preparando para enviar armas ao PCC. Stern, o ex-assessor-chefe soviético na China, investigara formas de ligar Sichuan a locais onde os russos poderiam fornecer até "aviões e artilharia [...] e armas suficientes para 50 mil pessoas".[b]

Mas Mao não queria ir para Sichuan. Fazê-lo significaria unir forças com Chang Kuo-tao, um veterano que encabeçava uma força muito superior, de mais de 80 mil homens. Se fizessem a conexão com esse poderoso exército, não haveria esperança de Lo Fu se tornar líder do partido — ou de Mao se tornar o poder por trás do trono. Chang Kuo-tao presidira o I Congresso do partido, em 1921, quando Mao fora um participante marginal e Lo Fu nem era do PCC (ele entrou em 1925). Era um membro *bona fide* do secretariado — ao contrário de Mao, que acabara de entrar, contra as regras. Além disso, Kuo-tao era membro pleno do Comitê Executivo do Comintern, o que lhe dava considerável prestígio, e tinha influência na Rússia, onde vivera durante anos e conhecera Stálin. Depois que voltou de Moscou, em janeiro de 1931, foi enviado por Xangai para chefiar o enclave comunista chamado Eyuwan, nas fronteiras das províncias de Hubei, Henan e Anhui, no centro-leste do país. Ali ele montou uma base comparável a Ruijin, que no verão de 1932

tinha uma área de mais de 40 mil quilômetros quadrados e uma população de 3 milhões e meio de habitantes, com um exército de 45 mil soldados. Naquele outono, depois que foi expulso por Chiang Kai-shek, mudou-se para o norte de Sichuan, onde montou uma base maior em um ano e expandiu seu exército para mais de 80 mil homens.[c] Kuo-tao era, sem dúvida, o mais bem-sucedido de todos os comunistas. Depois que se juntasse ao resto da liderança, parecia inevitável que fosse eleito o novo chefe.

Mao também não podia esperar transformá-lo em um títere. Kuo-tao não sentia remorsos de matar pelo poder. Em suas bases, realizara expurgos sangrentos dos comandantes locais originais que se haviam oposto a ele. Tal como Mao, presidia pessoalmente os interrogatórios que envolviam tortura. Suas vítimas eram em geral passadas pela baioneta ou estranguladas; algumas foram enterradas vivas. Como disse seu comandante militar Xu, ele prontamente "se livrava de gente que se atravessasse em seu caminho a fim de estabelecer seu domínio pessoal".

Com essa figura atemorizante para enfrentar, as perspectivas de vitória de Mao seriam mínimas. Ademais, se ele travasse uma luta pelo poder com Kuo-tao, poderia pôr em risco a própria vida. Até então, vinha tratando com líderes cuja devoção ao partido significava que matariam em nome do PCC, mas não por poder pessoal. Ele estava perfeitamente seguro com Po Ku e Chou En-lai, mesmo que criasse problemas para eles. Mas não podia contar com uma indulgência similar de Kuo-tao, de modo que seu objetivo principal era atrasar a entrada em Sichuan, até que tivesse um domínio inquebrantável da liderança do partido.

Mas Mao não podia declarar abertamente esse objetivo. Tinha de obedecer ao plano de ir para Sichuan. Em 19 de janeiro de 1935, a força que estava com ele partiu de Zunyi e, no dia 22, telegrafaram a Chang Kuo-tao, que estava no norte de Sichuan, para anunciar a chegada iminente e lhe dizer para ir ao sul a fim de fazer a conexão. Mas Mao tinha um ás na manga. Quatro dias depois, insistiu que o Exército Vermelho deveria emboscar uma tropa inimiga que o seguia. Era uma força de Sichuan e tinha a reputação de dura. O cálculo inconfesso de Mao era que o Exército Vermelho poderia sofrer uma derrota e, nesse caso, ele poderia argumentar que o inimigo de Sichuan era forte demais e que seria melhor ficar em Guizhou.[d]

A ideia da emboscada era absurda, pois a unidade inimiga que Mao

escolheu para atacar não estava barrando o caminho para Sichuan, mas encontrava-se *atrás* dos comunistas, e sem sequer importuná-los. Na verdade, o plano original que designara Sichuan como destino deles continha uma ordem específica: "manter-se bem distante" de perseguidores, e "não se meter" com eles. Porém Mao conseguiu obter o consentimento de Chou En-lai, que tinha a palavra final em decisões militares, muito provavelmente porque ameaçou Chou de que, se não o apoiasse, seria denunciado como corresponsável pela perda do Estado comunista na "resolução" que Lo Fu estava escrevendo. Parece que Chou tinha um medo mortal de cair em desgraça — uma fraqueza que Mao exploraria várias vezes nas décadas seguintes.

Em 28 de janeiro, Mao montou sua emboscada a leste de um lugar chamado Tucheng, com um resultado devastador para os comunistas. O inimigo fez valer sua temível reputação e logo tomou a dianteira, esmagando a força que Mao estacionara com as costas para o turbulento rio Vermelho, onde ele corre entre penhascos íngremes. Mao ficou num pico à distância, de onde viu suas tropas serem dizimadas, e permitiu a retirada somente ao final de todo um dia de batalha sangrenta. Chovia forte e as tropas em recuo entraram em pânico e se acotovelaram nas escorregadias trilhas da montanha. As mulheres e os feridos foram empurrados para trás. O inimigo estava tão próximo da retaguarda que um deles agarrou a mochila da esposa de Zhu De com uma mão, enquanto lhe apontava um revólver com a outra. Ela largou a mochila e correu. Foi a única batalha da marcha em que pessoas do QG estiveram tão perto do inimigo.

Foram mortos ou feridos 4 mil homens do Exército Vermelho — 10% do total. Tucheng foi a maior derrota na Longa Marcha e assim era lembrada em privado, ao mesmo tempo que era totalmente ocultada em público, por ser Mao o responsável, tendo escolhido o lugar e a hora. Em um único dia, ele causou muito mais baixas do que na maior perda anterior, no rio Xiang (pouco mais de 3 mil). O mito diz que Mao salvou o Exército Vermelho depois de Zunyi. A verdade é o exato oposto.

Os comunistas atravessaram o rio Vermelho para oeste desordenadamente, sobre pontes flutuantes construídas às pressas, abandonando artilharia pesada

e equipamento, como a máquina de raios X. Zhu De cobriu pessoalmente o recuo, com a Mauser na mão. Normalmente calmo, nesse dia ele perdeu a paciência e gritou de frustração com seus oficiais. Os homens, exaustos, tiveram de carregar ou puxar seus camaradas feridos ao longo de trilhas sinuosas sobre penhascos vertiginosos. Uma neve pesada cobria as densas florestas e os vales. O frio intenso, a fome, a exaustão e os gritos de dor dos feridos assombraram muitos sobreviventes durante décadas.

Essa cena trágica era exatamente o que Mao queria para argumentar que o Exército de Sichuan era feroz demais para ser enfrentado e que, portanto, não deviam seguir para aquela província, como mandava o plano original. Mas eles já estavam no extremo sudeste de Sichuan e muitos achavam que deviam continuar para o norte.

Os principais comandantes militares, inclusive Lin Biao, o velho companheiro de Mao, apoiavam a penetração em Sichuan. Ademais, todos estavam muito infelizes por terem permitido que Mao impusesse a emboscada de Tucheng. Quando ele foi falar com Lin Biao para se justificar (e pôr a culpa nos outros), Braun observou que Lin parecia "decididamente acre". Mas Mao triunfou, com o suporte de Lo Fu. Lo compartilhava com ele o interesse em evitar — ou postergar — a reunião de forças com Chang Kuo-tao, pois sua nova posição de chefe do partido ficaria seriamente ameaçada. Em 7 de fevereiro de 1935, a nova liderança de Lo Fu anunciou que o plano original — entrar em Sichuan — fora substituído pela proposta de Mao de ficar em Guizhou.

Os comunistas deram a volta e cruzaram de novo o rio Vermelho. Os milhares de feridos foram largados no caminho invernal, com pouca comida e remédios. Dentro de poucos meses, a maioria estava morta.[e]

As forças de Mao reocuparam Zunyi em 27 de fevereiro. Chiang queria empurrar os comunistas para Sichuan e mandou um general teimoso e mal-humorado com duas divisões para retomar a cidade, que também bombardeou. Os comunistas conseguiram rechaçar essas tropas. Mao ficou extremamente feliz, especialmente porque se tratava de tropas de elite e isso significava que poderia ficar — pelo menos por tempo suficiente para que ele e seu títere Lo Fu consolidassem seu poder. Rabiscou um poema para expressar sua satisfação:

Pretensão vã de que o forte passo é uma muralha de ferro,
Hoje eu galgo o pico numa pernada.
Galgo o pico,
As montanhas ondulantes azul-marinho,
O sol poente vermelho-sangue.

Foi só então que Mao e Lo Fu informaram o Exército, inclusive Chang Kuo-tao, de que Lo Fu era o novo líder e que Mao entrara para o secretariado. Não havia nada que Kuo-tao pudesse fazer. Mao e Lo Fu haviam deliberadamente esperado até que tivessem uma "vitória" nas mãos para revelar as mudanças. Depois que foram anunciadas e que não houve nenhum protesto, Lo Fu nomeou Mao "comandante-geral do front", um posto novo criado especialmente para ele e seu primeiro cargo militar formal em dois anos e meio.

A "vitória" foi, na verdade, de Pirro. Peng De-huai registrou "grandes perdas" em suas unidades. "Somente um regimento pode manter [...] cinquenta a sessenta homens por companhia [...] Agora todos os quartéis-generais de regimentos e os das unidades estavam vazios, como se tivessem sido varridos por enchentes." Outro oficial graduado "profundamente preocupado" aconselhou: "Não temos muitas tropas sobrando; deveríamos evitar batalhas duras [...] o Exército Vermelho não pode mais suportar tal custo".

Mao, porém, estava inclinado a enfrentar mais forças nacionalistas. Elas agora controlavam Guizhou e ele precisava atacá-las se quisesse ter uma chance de estabelecer uma base na província — essencial para seu plano de ficar fora de Sichuan. Em 5 de março, baixou uma ordem para "eliminar duas divisões do governo central". Isso desencadeou uma chuva de protestos dos comandantes de campanha, que estavam enfurecidos com a maneira como Mao vinha malbaratando suas tropas. Lin Biao telegrafou "com a máxima urgência" no dia 10, manifestando-se contrário ao enfrentamento daqueles inimigos duros.

No amanhecer daquele dia, Lo Fu convocou cerca de vinte pessoas para um conselho de guerra, com a presença dos comandantes de campanha. Mao viu-se totalmente isolado na questão do ataque às forças de Chiang. Até seu aliado Lo Fu discordou. Quando Mao errou a mão e ameaçou renunciar ao posto de comandante do front, a maioria aceitou imediatamente a oferta.

Peng De-huai foi designado para seu lugar e o conselho decidiu ficar longe das forças de Chiang.

Dessa vez, parecia que Mao estava realmente fora. Mas ele não perdeu tempo e tratou de conspirar para inverter as decisões. Naquela noite, com uma lamparina de querosene na mão, foi ver Chou En-lai, que teoricamente ainda tinha a palavra final em assuntos militares, e o convenceu a realizar uma nova reunião de manhã — sem os comandantes de campanha, que haviam retornado para suas unidades.

Mao ofereceu a Chou um estímulo. Com a criação do posto de comandante-geral do front, Chou se tornara um pouco redundante. Mao sugeriu então a eliminação do posto de comandante do front e a criação de um novo organismo a ser chamado de triunvirato, que seria constituído por Chou, ele mesmo e o Professor Vermelho.

Na ausência dos comandantes de campanha, Mao conseguiu manipular a segunda reunião. As decisões de nomear Peng para o lugar de Mao e de evitar as forças de Chiang foram anuladas. Desse modo, uma decisão clara de uma maioria foi revogada por um grupelho, com a cumplicidade crucial de Chou. Além disso, em consequência dessas mudanças clandestinas, a partir de 11 de março de 1935 o alto-comando do Exército ficou sem um único oficial genuíno.

O novo triunvirato ordenou imediatamente um ataque às forças nacionalistas próximo a Maotai, local de origem da mais famosa bebida alcoólica chinesa, onde o inimigo estava bem entrincheirado. "Rompam o contato rapidamente", implorou Peng. "As fortificações do inimigo são sólidas e a geografia é ruim para nós. Não há possibilidade de romper [essa unidade de Chiang]." Mas o triunvirato insistiu: "Joguem todas as nossas forças amanhã [...] sem nenhuma hesitação".

Quando os comunistas lançaram uma ofensiva frontal, o Exército nacionalista estava à espera com metralhadoras pesadas e dizimou os atacantes, que sofreram mais de mil baixas. Os derrotados comunistas atravessaram o rio Vermelho mais uma vez e foram forçados a entrar em Sichuan.

Tendo levado os vermelhos para onde queria, Chiang bloqueou a volta deles para Guizhou. Mas ainda assim Mao rejeitou a melhor opção — ir para o norte — e ordenou que o Exército Vermelho desse a volta, cruzasse o rio de novo e forçasse o retorno para Guizhou. Isso era tão absurdo e impopular

que foi emitida uma ordem incomum, apenas para os altos comandantes, em que se especificava: "Esta travessia para o leste não deve ser anunciada e precisa ser mantida em segredo".

Durante dois meses, o Exército Vermelho andou "em círculos numa área cada vez menor, de tal modo que passou por alguns distritos duas ou três vezes", numa "perambulação exaustiva e infrutífera", como observou o perplexo Braun, considerando a coisa toda "errática". Travaram-se batalhas aparentemente gratuitas, a um custo horroroso. Além disso, Mao não causou desastres apenas para seu exército, mas estava pondo as forças de Chang Kuo-tao em risco, ao obrigá-las a ficar por perto e esperar por ele. Mais tarde, Mao chamou descaradamente esse fiasco de seu "tour de force". O fato de que essas pesadas perdas se deveram a suas manobras para obter poder pessoal permanece ignorado até hoje.

Chiang Kai-shek também estava perplexo por ver o inimigo "andando em círculos nesse lugar totalmente inútil". Sem conhecer os planos pessoais de Mao, ele esperava que os comunistas fossem para Sichuan. Supondo que seu exército os seguiria, em 2 de março ele foi de avião a Chongqing, a maior cidade da província, para fazer valer o domínio do governo central. Chiang tentou acabar com os feudos quase independentes, mas os senhores da guerra resistiram com obstinação, embora sem usar a força. Ele se viu impotente para subjugá-los, pois seu exército não estava à mão.

Chiang redobrou então seus esforços para empurrar os comunistas Sichuan adentro e os submeteu a pesados bombardeios aéreos que tornavam impossível para Mao estabelecer uma cabeça de ponte em Guizhou. Ao mesmo tempo, anunciou publicamente que estava retirando unidades do Exército da fronteira de Sichuan, como forma de dizer: Não há tropas naquela fronteira. Vão para Sichuan! Mas Mao conduziu o exausto Exército Vermelho na direção oposta, para o sul.[f]

Sob ataque aéreo constante, "marchas forçadas de quarenta a cinquenta quilômetros eram a regra", escreveu Braun.

> As tropas mostravam sintomas crescentes de fadiga [...] Quando os aviões zumbiam sobre nós, simplesmente nos jogávamos na lateral da estrada, sem procurar abrigo como antes. Se as bombas começavam a cair numa aldeia ou fazenda onde estávamos dormindo, eu nem acordava mais. Se um deles pousasse perto de mim, eu simplesmente me viraria para o lado [...]

O número de mortos, mais de doença e exaustão do que de ferimentos de batalha, aumentava diariamente. Embora vários milhares de voluntários tivessem se alistado desde o começo do ano,g as fileiras haviam minguado visivelmente.

Durante essa corrida precipitada, os comunistas tiveram de abandonar grande parte de seu equipamento médico e desmontar seu corpo médico. A partir de então, os feridos praticamente não recebiam tratamento. Além de ferimentos de granadas e balas, muitos sofriam de infecções dolorosas nos pés.

A loucura das manobras de Mao fica nítida na experiência de uma unidade, o 9º Corpo, que ficou isolada no rio Wu, deixando seus 2 mil homens presos ao norte do rio. Em consequência, foram forçados a entrar em Sichuan. E — surpresa! —, exceto por uma ou duas escaramuças, não foram molestados. Ao contrário do contingente de Mao, que teve de enfrentar semanas de marchas forçadas e bombardeios, esses homens caminharam em plena luz do dia por estradas principais e puderam até tirar dias de descanso.

Uma das vítimas das maquinações de Mao foi sua mulher. Ela viajava com os feridos e doentes privilegiados numa unidade especial chamada Companhia dos Quadros Convalescentes, que incluía trinta mulheres, principalmente esposas dos líderes. Depois da batalha de Tucheng, o Exército Vermelho andou todo o dia, cerca de trinta quilômetros, sob chuva torrencial. Em um lugar chamado Areia Branca, Gui-yuan deixou a liteira que lhe fora alocada dois meses antes, quando sua gravidez estava avançada demais para ela andar a cavalo, e deitou-se numa cabana de sapé. Várias horas depois, deu à luz uma menina, seu quarto filho com Mao, em 15 de fevereiro de 1935. O bebê foi-lhe mostrado enrolado numa jaqueta por sua cunhada, a esposa de Tse-min. O exército ficou apenas um dia em Areia Branca. Como já fizera duas vezes antes, Gui-yuan teve de deixar a bebê para trás. Ela chorou quando a liteira a levou embora e a esposa de Tse-min ficou com a bebê, com um punhado de dólares de prata e um pouco de ópio, que era usado como moeda, para encontrar uma família que cuidasse dela. A sra. Tse-min pedira que Gui-yuan desse um nome à menina; ela sacudiu a cabeça e disse que não acreditava que veria a filha de novo. Seu instinto estava correto. A velha que ficou com a criança não tinha leite. Três meses depois, a

bebê teve um ataque de furúnculos e morreu.

No fim de sua vida, quando passou bastante tempo procurando os bebês que havia sido forçada a abandonar, Gui-yuan nunca tentou procurar seriamente por essa filha. Ela dizia a pessoas próximas: "A menina que nasceu na Longa Marcha, nem cheguei a ver bem. Eu não tinha certeza de onde ela nascera nem para quem havia sido dada". Mas a criança ficou em sua mente. Em 1984, ano de sua morte, seu ex-chefe na marcha a visitou no hospital. Ele nos contou que, quando estavam falando de outra coisa, ela perguntou-lhe de repente, inesperadamente: "Onde, onde foi mesmo que eu tive aquele bebê, você lembra?".

Mao não foi ver Gui-yuan, embora estivessem na mesma cidade. Só mais tarde, quando seus caminhos se cruzaram, ela lhe contou que havia deixado a menina. Mao disse com brandura: "Você estava certa. Tínhamos de fazer isso".

No fundo, Gui-yuan sentia-se ferida pela indiferença de Mao. Ela falou a amigos que a observação dele que mais lhe doía era quando dizia a outras mulheres com um sorriso forçado: "Por que vocês mulheres têm tanto medo de parir? Vejam [Gui-yuan], parir para ela é tão fácil como pôr ovos para uma galinha".[h] Dois meses depois de dar à luz, enquanto Mao liderava o Exército Vermelho na marcha infernal para o sul, Gui-yuan foi atingida por uma bomba e quase morreu. Em um entardecer de meados de abril, três aviões apareceram entre os campos de arroz das encostas da montanha, voando tão baixo que as pessoas no solo podiam ver o rosto dos pilotos. Eles metralharam e lançaram bombas sobre o caminho onde Gui-yuan e suas camaradas retomavam o fôlego. Membros voaram entre as árvores e sangue e miolos turvaram o chão de vermelho.

Mais de doze estilhaços de granada entraram no crânio e nas costas de Gui-yuan e um deles abriu todo o lado direito de suas costas. Ela ficou ensopada de sangue. Um médico tirou os estilhaços com pinças e aplicou o unguento para feridas *baiyao* para deter o sangramento. Gui-yuan estava inconsciente, vertendo sangue pelo nariz e pela boca. O médico que lhe deu uma injeção de cardiotônico achou que ela talvez tivesse duas horas de vida. Os líderes de sua companhia decidiram deixá-la com uma família local. Mao, que estava na aldeia seguinte, foi informado sobre a condição dela. Ele não foi vê-la — estava "cansado". Disse apenas que não queria deixá-la para trás e mandou um médico e dois de seus carregadores de liteira. Mao só foi vê-la

três dias depois. Então, ela havia recuperado a consciência, mas não conseguia falar, nem mesmo chorar. Continuar a jornada foi uma agonia; ela desmaiava e era acordada por pontadas de dor excruciante. Chegou a implorar aos camaradas que a matassem.

Após dois meses de correria cada vez mais para o sul, sem fim em vista, todos se perguntavam: "Para onde vamos?". No alto escalão, que conhecia o plano para fazer a ligação com a parte do Exército Vermelho que estava em Sichuan e a estratégia de longo prazo de se aproximar da Rússia, cresceu um profundo ressentimento em relação a Mao. Lin Biao exclamou: "Desse jeito, as tropas serão arrastadas para a ruína! Não podemos absolutamente tê-lo no comando desse modo!". Lin escreveu ao triunvirato em abril, pedindo que Mao entregasse o comando a Peng De-huai e que toda a força fosse direto para Sichuan. Todos estavam furiosos com Mao, até Lo Fu, que inicialmente concordara com o plano. Os sacrifícios eram demasiado terríveis. Braun relembrou: "Um dia, Lo Fu, com quem eu normalmente tinha pouco contato, [...] começou a falar do que ele chamou de situação militar catastrófica engendrada pela estratégia e tática irresponsável de Mao desde Tsunyi [Zunyi]". Lo argumentava que, se quisessem evitar a aniquilação, o triunvirato "tinha de ser substituído por líderes militares competentes".

Mao ficou lívido diante da mudança de Lo Fu. Braun notou que, certa vez, ao conversar com ele, "o nome de Lo Fu provocou um tom mais brusco em sua voz. Lo Fu, disse ele, havia entrado em pânico e fazia intrigas contra ele". Mas Lo não era uma ameaça real, pois estava sujeito a ser chantageado por Mao desde o momento em que concordara em postergar o encontro com Chang Kuo-tao para preservar sua posição no partido. Mao também apelou para os sentimentos pessoais de Lo: ao saber que ele estava apaixonado por uma jovem, fez arranjos para que ela fosse transferida e pudesse ficar perto dele.

Em meados de abril de 1935, os comunistas, ainda sendo perseguidos, entraram na província de Yunnan, no extremo sudoeste da China. Mao deu ordens para ficarem no lugar e até "expandirem para o sul" — isto é, mais longe ainda da direção de Sichuan. Mas ao sul ficava o Vietnã, então ocupado pelos franceses, que eram extremamente hostis aos comunistas. Além disso, esse canto da China era habitado sobretudo por um grupo étnico

chamado miao, que havia criado muitas dificuldades para os vermelhos no começo da marcha e era tremendamente belicoso. Todos podiam ver que aquilo era um beco sem saída.

Os comandantes de campanha ficaram enfurecidos com a ordem de Mao. Na noite em que a receberam, 25 de abril, Lin telegrafou para exigir que eles fossem "imediatamente [...] para [...] Sichuan e estivessem prontos para unir forças" com Chang Kuo-tao. Peng concordou.

Mao não podia mais tergiversar. Em 28 de abril, consentiu finalmente em avançar para Sichuan. Uma vez iniciada a marcha para o norte, o Exército Vermelho encontrou o caminho livre. Até facilitado. Naquele dia, eles acharam um caminhão com vinte mapas muito detalhados (escala de 1:100.000), bem como uma carga de guloseimas locais — chá, presunto e o famoso *baiyao* —, estacionado no acostamento, à espera de ser capturado. Chiang ou as autoridades de Yunnan haviam claramente organizado esse butim para apressar a passagem dos comunistas de Yunnan para Sichuan. Quando eles chegaram perto da fronteira provincial, demarcada pelo rio Areia Dourada (nome da parte superior do Yangtze), três cidades onde havia travessia abriram seus portões sem resistência e até ofereceram dinheiro e alimentos.

Os comunistas demoraram sete dias e sete noites para atravessar o rio, no começo de maio. As tropas de Chiang estavam por perto, mas não interferiram. Nenhum dos pontos de balsa foi defendido. Aviões de reconhecimento sobrevoaram o lugar, mas não lançaram bombas. Os participantes da marcha lembravam mais do incômodo de um "número assustador" de moscas.

Mas, depois de atravessar o rio, Mao tentou evitar o avanço para o norte. Ordenou o assédio a uma cidade logo depois da fronteira chamada Huili, para que pudesse ser o centro de uma nova base. Cercada por um fosso e com muralhas grossas e com ameias que datavam do século XV, Huili era dominada por um senhor da guerra que estava disposto a qualquer coisa para defendê-la. Ele queimou todas as casas que ficavam do lado de fora das muralhas, para que os sitiadores não tivessem abrigo, e matou muitos de seus próprios soldados, suspeitos de nutrir simpatia pelos comunistas. Os aviões de Chiang voltaram a bombardear, para obrigar os vermelhos a seguir em frente. As baixas foram muito elevadas e o Exército Vermelho, sem

medicamentos, não podia cuidar dos feridos. Mao demonstrou indiferença e não os visitou nenhuma vez.

Para Peng De-huai, o número de baixas e o não tratamento dos feridos foram a gota d'água. Ele decidiu desafiar Mao pela liderança militar. Tinha amplo apoio dos outros comandantes de campanha, a começar por Lin Biao, que apontou que Mao havia arrastado o Exército Vermelho para um longo desvio e que eles poderiam ter ido direto para Sichuan mais de três meses antes. Lo Fu convocou uma reunião em 12 de maio, num abrigo improvisado.

Posto contra a parede, Mao lutou com vontade temível e enorme raiva, condenando Peng com rótulos políticos do tipo "direitista" e o acusando de insuflar Lin Biao. Quando Lin tentou discutir, Mao simplesmente gritou: "Você é um bebê! Você não sabe nada!". Lin não podia competir com Mao numa disputa de gritos e foi calado com ameaças. Peng estava condenado por sua própria decência e decoro. Ao contrário de Mao, não era capaz de lutar pelo poder para si mesmo, mesmo que sua causa fosse boa. Nem era páreo para Mao em jogar lama e difamação "política".

Mao obteve o apoio do totalmente comprometido Lo Fu, que estigmatizou Peng e seus seguidores com o epíteto de "oportunistas de direita". Ao fazer isso, agiu contra seus próprios sentimentos, sob a sombra da chantagem de Mao. Os outros ficaram em silêncio. Enfrentar Mao não era fácil. Além da atmosfera aterradora que ele criava na hora e do sentimento de urgência e desmoralização gerado por estar em fuga havia oito meses, sustentar uma luta poderia levar a uma divisão do partido e do Exército. Assim, Mao manteve seu posto. Seu ódio de Peng por causa de Huili durou pelo resto da vida e ele começou a se vingar imediatamente. Depois da reunião, um amigo íntimo de Peng, que também havia falado das tremendas baixas nas batalhas iniciadas por Mao e se opusera a marcar passo em Guizhou, viu-se denunciado. Ele compreendeu que Peng era o alvo implícito: "Era inconveniente denunciar o próprio Peng De-huai, então fui denunciado em seu lugar".

Mao era astuto o suficiente para concordar com uma troca. Ele retirou a ordem para tomar Huili e concordou por fim e explicitamente em "ir para o norte de imediato para se unir a" Chang Kuo-tao. Vinha adiando isso havia quatro meses e, ao fazê-lo, perdera cerca de 30 mil homens, mais da metade da sua força. Por causa dele, os soldados sob seu comando caminharam pelo

menos 2 mil quilômetros a mais, frequentemente com pés lacerados.

Mas Mao fizera um tremendo avanço no sentido de alcançar seu objetivo. Não somente tinha agora um alto cargo militar, como seu títere Lo Fu se estabelecera como o líder de fato do partido. Aqueles quatro meses de procrastinação impiedosa haviam feito uma diferença fundamental. Ele não evitara totalmente uma luta pelo poder com Chang Kuo-tao, mas aumentara imensamente suas chances.

De imediato, Mao começou a fazer preparativos e sua medida mais importante foi mandar um enviado confiável a Moscou para confirmar sua posição. (Alguém precisava ir em pessoa, pois não havia comunicação por rádio.) O homem que ele escolheu não tinha ambição política pessoal, era fiel e com experiência suficiente para enfrentar qualquer problema que surgisse em Moscou. Tratava-se de Chen Yun, um membro do secretariado. Mao escolheu bem seu porta-voz. Em Moscou, Chen entregou uma mensagem cuidadosamente arquitetada, que dava a impressão de que a maioria do alto-comando havia escolhido Mao para a liderança numa reunião apropriada: "Uma reunião ampliada do Politburo [...] removeu a [velha] liderança e pôs o camarada Mao Tse-tung no comando".

O grupo de Mao havia chegado ao centro-oeste de Sichuan, perto do Tibete, marchando direto para o norte, na direção de Chang Kuo-tao. Esse trecho seguinte forneceu o pano de fundo para o mito principal da Longa Marcha: a travessia da ponte sobre o rio Dadu. Esse rio constituía uma barreira natural formidável. No fim de maio, engrossado pelas neves do Himalaia, era uma torrente furiosa, presa entre altos penhascos. Seu leito cheio de pedras escondia redemoinhos traiçoeiros que tornavam impossível vadeá-lo ou atravessá-lo a nado.

Era impossível contorná-lo e havia somente uma ponte, construída no começo do século XVIII como parte da estrada imperial que ligava Chengdu, a capital de Sichuan, a Lhassa, a capital do Tibete. Era uma ponte suspensa magnífica, de 101 metros de comprimento e mais de três metros de largura, sustentada por treze grossas correntes de ferro, nove na base, com distâncias de cerca de trinta centímetros entre cada corrente. Tábuas de madeira cobriam a superfície e as fendas.

Essa ponte é o centro do mito da Longa Marcha,[i] passado para o jornalista Edgar Snow em 1936. Sua travessia, escreveu Snow, "foi o incidente mais crítico da Longa Marcha". Nas palavras dele:

> a metade desse piso de madeira fora removida [pelos nacionalistas] e diante deles [os marchadores] balançavam apenas as correntes de ferro até um ponto a meio caminho do leito do rio. Na cabeça da ponte do lado norte, um ninho de metralhadoras do inimigo os esperava e, atrás dele, havia posições mantidas por um regimento de tropas brancas [...] Quem imaginaria que os vermelhos tentariam insanamente atravessar apenas sobre as correntes? Mas foi isso o que eles fizeram.

Ele descreve homens sendo alvejados e caindo no rio.

> Jogaram parafina nas tábuas [remanescentes] e elas começaram a queimar. A essa altura, cerca de vinte vermelhos avançavam de gatinhas, jogando granada após granada no ninho de metralhadoras do inimigo.

Isso é pura invenção. Não houve batalha na ponte do Dadu. O mais provável é que a lenda tenha sido construída por causa do próprio lugar: a ponte pênsil sobre o rio furioso parecia um bom lugar para feitos heroicos. Não havia tropas nacionalistas nela quando os vermelhos chegaram, em 29 de maio. Os comunistas sustentam que a ponte estava defendida por um regimento nacionalista comandado por um certo Li Quan-shan, mas telegramas enviados e recebidos por esse regimento o situam muito longe dali, num lugar chamado Hualinping. *Houvera* uma diferente unidade nacionalista centrada em Luding, a cidade que ficava numa das extremidades da ponte, mas essa unidade havia sido removida para fora da cidade pouco antes da chegada dos vermelhos.[j] As numerosas comunicações nacionalistas não fazem nenhuma menção a qualquer luta na ponte ou na cidade, ao mesmo tempo que mencionam escaramuças na rota para a ponte e depois que os comunistas a cruzaram. Chiang havia deixado a passagem aberta para os comunistas.

Quando a unidade de frente do Exército Vermelho chegou à área, montou seu QG numa igreja católica próxima da ponte e bombardeou e atirou contra Luding, no outro lado do rio. Uma moradora local, animada senhora de 93 anos quando a encontramos em 1997, descreveu-nos o que aconteceu. Em 1935, sua família — todos católicos, como a maioria dos habitantes do lugar naquela época — tinha uma loja de tofu ao lado da ponte, do lado dos comunistas, e soldados vermelhos foram alojados em sua casa. Ela lembra

que comunistas disparavam "somente Yin uma granada e Yang um tiro" — uma expressão chinesa que significa esporádico. Ela não lembrava de seu lado do rio ter sido alvejado.

Algumas tábuas da ponte podem ter sido removidas ou danificadas. A senhora de 93 anos lembrou que os comunistas tomaram emprestado suas portas e as dos vizinhos para pôr na ponte, e, depois que as tropas haviam atravessado, eles foram buscar suas portas. Mas a ponte não foi reduzida às suas correntes. A única vez que isso aconteceu foi quando o regime de Mao fez um filme de propaganda.

A ponte tampouco foi incendiada. Essa alegação foi explicitamente negada pelo curador do museu junto à ponte, em 1983. A ponte não queimou.

A prova mais forte de que não houve batalha é que o Exército Vermelho atravessou a ponte sem ter uma única baixa. A vanguarda consistia em 22 homens, que, segundo o mito, fizeram um ataque suicida à ponte. Mas numa comemoração imediatamente posterior, em 2 de junho, todos os 22 não só estavam vivos e inteiros, como receberam um terno Lênin, uma caneta-tinteiro, uma tigela e um par de pauzinhos para comer. Nenhum deles estava sequer ferido.

Ninguém mais morreu sob fogo. O guarda-costas de Chou En-lai descreveu como seu chefe, contrariado ao saber que *um cavalo* havia caído no rio, foi verificar as perdas humanas. "Nenhum homem perdido?", perguntou ao comandante da unidade que havia tomado a ponte, Yang Cheng-wu, e ele respondeu: "Nenhum".[k]

Em 1982, ninguém menos que a autoridade máxima da China, Deng Xiao-ping, ele mesmo um participante da travessia da ponte do rio Dadu, confirmou que a versão oficial havia sido fabricada. Quando o antigo conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos, Zbigniew Brzezinski, descreveu a travessia como um "grande feito de armas", Deng sorriu e disse, "Bem, isto é o que foi apresentado em nossa propaganda… Na verdade, era uma operação militar bastante simples. Não havia nada de complicado. Do outro lado, apenas algumas tropas de um senhor de guerra, armadas com mosquetões antigos. Não foi um grande feito nem nada, mas achamos que era melhor torná-lo mais dramático."

Mao atravessou a pé a ponte do Dadu em 31 de maio de 1935. Estava agora a cerca de trezentos quilômetros do temido encontro com Chang Kuo-tao. Entre ele e a unidade avançada de Kuo-tao que vinha para

encontrá-lo havia uma montanha chamada Grande Neve, numa área pertencente, em larga medida, ao Tibete. Apesar do nome — e do mito —, não havia neve quando eles a escalaram, conforme nos disseram os moradores do local. Mas estava frio, com ventos cortantes, e o pior é que muitos homens haviam abandonado suas roupas de inverno nas terras baixas semitropicais, num esforço de se livrar de algum peso. Tudo o que tinham para se esquentar era água de pimentão fervente, que beberam antes de partir. Embora a travessia tenha demorado apenas um dia, a montanha causou muitas mortes, em parte devido à altitude (a passagem ficava a 3 mil metros de altura), mas principalmente porque os marchadores se achavam debilitados pelas privações.

Eles estavam caminhando praticamente sem parar havia quase oito meses, metade do tempo sem nenhuma razão do ponto de vista militar ou da sobrevivência, mas não do ponto de vista da ascensão ao poder de Mao. Além de serem atacados pelos inimigos, haviam sido assaltados por inumeráveis males. "Todos nós estávamos incrivelmente infestados de piolhos", relembrou Braun. "Grassava a disenteria sangrenta; apareceram os primeiros casos de tifo [...] Cada vez mais, nossa rota ficava marcada pelos corpos dos mortos, congelados ou simplesmente exaustos." Era mais duro para aqueles que tinham de carregar os líderes em suas liteiras e cargas pesadas. Alguns carregadores não levantaram nunca mais depois que sentaram para descansar.

Mao escalou a montanha a pé, usando uma bengala. Ele se deu muito melhor do que seus jovens guarda-costas, pois estava mais bem nutrido e descansado.

Os homens de Kuo-tao esperavam por eles do outro lado, numa cidade tibetana de cerca de cem famílias, com uma cornucópia de suprimentos — não somente comida, mas roupas, sapatos, meias de lã, cobertores, luvas e guloseimas como ervilhas amarelas em conserva, chá e sal. Esse exército estava bem alimentado e vestido e até tinha suprimentos de sobra. Mao e os outros líderes ganharam comida, cavalos ou burros e ternos de lã. Um cavalo dócil foi escolhido para Mao, que também ganhou um médico para servir-lhe de enfermeiro.

Uma semana depois, em 25 de junho, Kuo-tao, depois de cavalgar durante três dias através de florestas virgens e gargantas rochosas, chegou para se encontrar com Mao e seus companheiros numa aldeia chamada Fubian. Os

dois maiores exércitos vermelhos estavam agora formalmente ligados.

Dias depois, em 4 de julho, o cunhado de Chiang Kai-shek, H. H. Kung (vice-premiê e ministro das Finanças), telefonou ao embaixador soviético Dmitri Bogomólov, aparentemente para discutir os movimentos do Japão no norte da China. No finalzinho da conversa, Kung observou que o Generalíssimo queria muito ver seu filho. Era a maneira de Chiang dizer a Stálin: permiti que dois grandes exércitos vermelhos sobrevivessem e juntassem forças, por favor, posso ter meu filho de volta? "Não estamos colocando nenhum obstáculo para ele sair", respondeu Bogomólov, mentindo com fluência, "mas, tanto quanto eu saiba, ele não quer ir a nenhum lugar."

Embora não tenha obtido seu filho de volta nessa ocasião, Chiang atingira seu objetivo de colocar as três províncias do sudoeste sob controle do governo central. O senhor da guerra de Guizhou fora forçado a renunciar e deixou a província depois de ser muito bem comprado. O governador de Yunnan permaneceu e manteve uma boa relação com Chiang (por algum tempo). Com seu próprio exército em Sichuan, nos calcanhares de Mao, Chiang voltou em maio para assumir o controle dessa província estrategicamente importante e a mais populosa. Ali, passou meses de intensa atividade para fazer de Sichuan sua base para a guerra contra o Japão.

Mao também conseguira seu objetivo. O desvio de 2 mil quilômetros que obrigara o Exército Vermelho a fazer lhe dera tempo para estabelecer seu títere Lo Fu na direção de fato do partido, enquanto ele se transformava no homem por trás do trono. As chances de Chang Kuo-tao haviam sido muito diminuídas. As maquinações de Mao tinham reduzido drasticamente as fileiras sob seu comando para cerca de 10 mil homens famintos, exaustos e em frangalhos. Mas ele não dava importância a isso. O Exército poderia ser reconstruído.

Como sempre, Mao considerava o Kremlin como sua única esperança, se ele quisesse conquistar a China. Agora que estava mais perto do que nunca do território controlado pelos russos, começou a conversar sobre requisitar "assistência material e técnica" da Ásia central soviética. Seu objetivo principal agora era obter acesso a armas soviéticas — ou aos ouvidos do Kremlin — antes de Chang Kuo-tao, que tinha um poder de fogo oito vezes

maior do que o dele.

a A falta de apoio da maioria a Mao fica clara também pelo fato de que, mais tarde, quando ele se referia àqueles que o haviam apoiado em Zunyi, jamais mencionou mais de dois nomes — os de seus comparsas de conspiração.

b O adido militar soviético Lepin informou secretamente sobre as melhores rotas de suprimentos. O ex-líder do PCC Li Li-san foi enviado de Moscou para uma base secreta do GRU na fronteira chinesa, para tentar estabelecer contato por rádio. O vice-cônsul americano em Yunnan, Arthur Ringwalt, detectou o perigo e avisou Washington no começo de janeiro de 1935: "A situação parece estar ficando cada vez mais séria para a China. A não ser que ocorra um milagre, os comunistas forçarão a entrada em Szechwan [Sichuan] por uma rota ou outra. [Então] será apenas uma questão de tempo para que o plano bem conhecido [...] de estabelecer comunicações com a Rússia soviética seja levado a cabo. Então será inútil falar mais sobre repressão aos comunistas".

Outra pessoa que levantou a questão foi, surpreendentemente, um espião britânico muito importante para a Rússia, Kim Philby. Em um artigo sobre o Tibete publicado na Alemanha nazista em 1936, ele enfatizou o significado estratégico da ligação dos comunistas chineses com os russos no noroeste.

c Chang Kuo-tao obteve tal sucesso sobretudo porque a parte de Sichuan em que entrou estava nas mãos de alguns senhores da guerra excepcionalmente impiedosos. Eles espremiam tanto a população que havia nas cidades muita gente que não conseguia comprar roupas e andava nua. Houvera várias revoltas camponesas pouco antes da chegada do exército de Kuo-tao, e suas forças conseguiram alistar recrutas em massa. Ele também contava com um chefe militar, Xu Xiang-qian, que talvez fosse o mais talentoso dos comandantes comunistas chineses.

d Mais tarde, Mao disse aos russos que a situação em torno da reunião de Zunyi havia sido "bastante desfavorável". A (falsa) razão oferecida por Mao era que Chang Kuo-tao, com seu exército de 60 mil homens, "estava na ofensiva contra nós". "Mas", disse Mao, "não perdemos a cabeça e aniquilamos mais de 30 mil de suas tropas."

Esta declaração de Mao revela por que ele manobrou tanto para evitar uma entrada em Sichuan depois da reunião de Zunyi. Mostra, além disso, que ele estava disposto a matar um grande número de tropas comunistas em benefício próprio.

e O procedimento normal na marcha era deixar os feridos com as famílias locais, com algum dinheiro. O destino deles era uma questão de sorte. O exército de Chang Kuo-tao deixou para trás algumas mulheres de soldados que estavam muito doentes ou fracas demais para prosseguir. Quando foram procurá-las, meio século depois, os historiadores do partido descobriram que elas haviam passado por experiências atrozes. Os habitantes locais, cujas famílias haviam sofrido nas mãos dos comunistas, vingaram-se nelas e as torturaram até a morte, enfiando estacas de madeira em suas vaginas e cortando seus seios fora. Para sobreviver, algumas mulheres se casaram com camponeses mais ricos. Mas quando seu próprio partido chegou ao poder, foram apontadas como "proprietárias" e denunciadas, humilhadas e discriminadas pelo resto da vida. Em 1985, no frio terrível de novembro, as poucas que foram vistas pelos historiadores do partido estavam então com sessenta ou setenta anos e eram tão pobres que não usaram sapatos para ir ao encontro, pois estes eram considerados acessórios valiosos demais para gastar numa ocasião tão sem importância.

f Chiang e seus oficiais ficaram tão aturdidos que acharam que Mao queria atacar a capital de Guizhou, onde estavam, para tentar pegar o próprio Chiang. Mas os comunistas passaram sem parar.

g Em Guizhou, onde a população era miserável, os comunistas haviam recrutado muitos milhares de jovens.

h Parir durante a marcha era um pesadelo. Uma mulher que entrou em trabalho de parto teve de andar até o destino da noite com a cabeça do bebê pendurada para fora. No dia seguinte, antes do amanhecer, chorando por ter de deixar o bebê num punhado de palha na cabana vazia, teve de caminhar e desmaiou ao vadear um rio gelado. Suas camaradas acharam uma mesa para carregá-la. A mulher de Teng Fa, então chefe da KGB chinesa, teve um parto extremamente doloroso. Contorcendo-se de dor, ela maldisse o marido por engravidá-la. Teng Fa foi trazido e ficou constrangido, com a cabeça baixa. A mulher de Po Ku disse, meio de brincadeira: "Na marcha, prefiro um burro ou um cavalo a um marido!".

i Uma imagem dela está na capa do livro de 1985 *The Long March*, de Harrison Salisbury, que oferece a versão oficial pós-Mao.

j Os planos nacionalistas para o dia 28 descreviam a tarefa da unidade, sob o comando de Yu Song-lin, como sendo "defender Kangding", uma cidade distante cerca de cinquenta quilômetros em linha reta. O fato de que as tropas de Yu não estavam nem perto da ponte é demonstrado em um relatório de 3 de junho do governador da região.

k Em 1946, quando um escritor britânico perguntou a Peng De-huai, o mais honesto de todos os líderes comunistas, sobre a travessia do Dadu, ele com delicadeza, mas de forma muito clara, recusou-se a endossar o mito. "Faz muito tempo e não consigo lembrar de tudo. Havia tantos rios — o Areia Dourada, o Hsiang, o Wu e o Yangtze [...] Não consigo lembrar muita coisa, mas lembro das pessoas caindo na água [...]." Ele não disse uma palavra sobre luta, ou ponte incendiada. Parece que duas ou três pessoas de fato morreram na ponte, mas porque caíram quando a estavam consertando e uma tábua velha quebrou de repente, como lembravam a sra. Zhu De e a moradora de 93 anos que entrevistamos. Para completar, os comunistas construíram um mito suplementar sobre mais heroísmo em torno de outra travessia do rio Dadu, em Anshunchang, cerca de 75 quilômetros ao sul. Embora essa travessia de balsa fosse extremamente exposta e as tropas tenham levado uma semana inteira para fazê-la, com aviões de observação sobrevoando em círculos, também não houve uma única baixa de batalha nesse lugar.

14. A Longa Marcha III: o monopólio da conexão com Moscou (1935; 41 anos)

Quando os dois exércitos comunistas se uniram, em junho de 1935, a força de Mao — conhecida como Exército Vermelho Central, pois estava sob o comando direto do partido — estava em ruínas. Havia começado a Longa Marcha com 80 mil homens. Agora, restavam cerca de 10 mil, um oitavo da força original. Os remanescentes estavam à beira do colapso. A força havia perdido todo o armamento pesado, e seus rifles tinham apenas uma média de quase cinco balas cada um. Como Zhu De lamentou para Chang Kuo-tao, que era seu velho amigo, aquele exército "foi um gigante antes, mas agora é só um esqueleto. Não pode mais lutar".

Em contraste, o exército de Kuo-tao, que era de 20 mil no início de sua marcha, havia quadruplicado para 80 mil homens. Estavam bem alimentados, bem equipados com metralhadoras e morteiros e ampla munição, além de soberbamente treinados.

Foi, então, de uma posição de considerável força que Kuo-tao se encontrou com seus colegas. Nas palavras de Otto Braun, ele era um "homem alto, imponente, de cerca de quarenta anos, que nos recebeu como um anfitrião receberia seus convidados. Comportava-se com grande autoconfiança, perfeitamente consciente de sua superioridade militar e poder administrativo [...] Seus quadros [...] controlavam a maior parte dos magros recursos da região, que eram essenciais para cuidar das dezenas de milhares de soldados do Exército Vermelho [...] Ele era em tudo tão ambicioso quanto Mao".

Chegara o momento em que Kuo-tao deveria receber um cargo e ele tinha fortes argumentos para ser designado chefe do partido ou do Exército. Mao não queria que ele obtivesse nenhum dos dois postos. Era a hora de pôr as cartas na mesa. Mao parecia estar em desvantagem total, mas emergiu do

confronto como vencedor, graças às três figuras políticas que estavam com ele e compunham o cerne da liderança partidária, o secretariado: Lo Fu, Chou En-lai e Po Ku.

No que dizia respeito a Lo Fu, ele não tinha esperança de manter sua posição de líder sem Mao. Ademais, quando este decidira arrastar o Exército para um desvio, Lo dera seu consentimento, em vez de pôr em risco seu posto recém-conquistado. Chou En-lai conspirara com Mao todo o tempo. Quem, à primeira vista, parecia ter menos a perder por mudar de lado era Po Ku, que havia sido apeado do poder por Mao e Lo Fu. Mas ele também estava muito comprometido na destruição do Exército, pois não o defendera como deveria e era agora um homem devastado.

Assim, embora houvesse uma chance de se mancomunar com Kuo-tao e livrar-se de Mao, os homens do poder decidiram não o fazer por interesses pessoais. Se culpassem Mao por tudo que acontecera de errado, surgiria a pergunta: onde estavam vocês? Isso implicaria a existência de uma alternativa melhor que eles não haviam percebido e os tornaria incapazes para a liderança. Por autoproteção, sustentaram uma explicação simples: que o Exército Central fora desbaratado por forças nacionalistas mais poderosas. Para promover a imagem de sua própria resistência, tentaram denegrir o exército de Kuo-tao, que fora muito bem-sucedido, apesar das lutas pesadas que encarara. Como não podiam criticar seu desempenho militar, apelaram para a tática da difamação política, dizendo que ele sofria de "atraso político", queria ser "senhor da guerra" e tinha "um estilo bandido".

Essas acusações enfureceram o exército de Kuo-tao. Os dois lados entraram numa disputa de jogar lama sobre o adversário, a qual os homens de Kuo-tao ganharam de barbada. O estado lastimável do Exército Vermelho Central estava à vista de todos e o escárnio de que era alvo atingia toda a liderança.

"Como podem um centro como esse e Mao Tse-tung nos comandar?", era o sentimento amplamente expresso. Esse ressentimento dirigia-se contra todo o centro, não apenas a ele, e foi um fator decisivo para unir os três líderes — Lo Fu, Chou En-lai e Po Ku — com Mao, o que lhes deu maioria no secretariado de quatro para um contra Kuo-tao.

O trio achava que era caso de "nadar ou afundar" junto com Mao, pois seus próprios oficiais e soldados começaram também a manifestar descontentamento. Houve uma enchente de reclamações de "incompetência"

militar e indiferença para com o bem-estar dos soldados rasos. “Eles não sabiam para onde corriam [...] tão sem objetivo”, os oficiais contaram a Kuo-tao, e “deveriam ter deixado o exército descansar e se recuperar.” Os soldados, por sua vez, manifestavam sentimentos amargos em relação ao modo como os líderes haviam abandonado os feridos e transformado soldados comuns em “carregadores de cadeirinha” para os VIPs e suas esposas.

Essa acusação — que Mao e os outros líderes haviam ficado “sentados em cadeirinhas” durante toda a marcha — foi a mais grave de todas. Um participante da Longa Marcha nos contou como os soldados comuns ficaram com raiva: os líderes “falavam de igualdade, mas andavam de liteiras, como os donos da terra. A gente falava aos cochichos”. Aos soldados, disseram que “os líderes têm uma vida muito dura. Embora não caminhem, nem levem cargas, seus cérebros e tudo sofrem muito mais do que nós, que só caminhamos e comemos, e não temos as preocupações deles”. Não surpreende que esse sofisma de baixo nível não convencesse os soldados.

Não ter de caminhar fazia a diferença entre a vida e a morte. Nenhum dos feridos ou enfraquecidos de hierarquia suficiente para se qualificar para a Companhia dos Quadros Convalescentes morreu durante a marcha. O mesmo se pode dizer dos líderes que eram carregados, mesmo daqueles que foram gravemente feridos. Enquanto toda a elite sobreviveu, a pura exaustão matou muitos de seus mais jovens carregadores, enfermeiros e guarda-costas, muitas vezes adolescentes e alguns com doze ou treze anos. Uma estatística revela a hierarquia e o privilégio sob o domínio de Mao: o Exército Vermelho Central tinha agora quase mais oficiais do que soldados.

Com a conivência de seus três aliados, Mao ofereceu a Kuo-tao o posto decorativo de vice-presidente do Conselho Militar, que era agora um órgão vazio, sem nenhuma função. Kuo-tao e seus subordinados exigiram o comando do Exército. Mao respondeu com um silêncio de pedra. Durante o impasse, as tropas começaram a ficar sem comida. Os dois exércitos, que totalizavam cerca de 90 mil homens, estavam numa região do planalto tibetano que mal conseguia sustentar seus próprios habitantes, mas cuja economia estava completamente fora de ordem com a chegada daquela

imensa força. “Fomos reduzidos a lutar por comida com a população local”, lembrou um oficial do Exército Vermelho. Os marchadores cortaram campos de cevada, privando os moradores de seu sustento para o ano seguinte. Mao, como era do seu feitio, tratou esse saque — que provavelmente fez a diferença entre vida e morte para milhares de pessoas — como uma piada: “Esta é nossa única dívida externa”, disse ao porta-voz americano Edgar Snow, de uma maneira que este descreveu como “jocosa”.

Não espanta que os tibetanos odiassem os comunistas. Excelentes atiradores, começaram uma guerra de guerrilha a partir das florestas. Diários da Longa Marcha registraram: “Havia muitos cadáveres ao longo do caminho, a maioria de extraviados mortos pelos bárbaros”, “Encontramos três extraviados (mortos pela cavalaria bárbara)”.

Por fim, Mao teve de ceder a Kuo-tao o posto mais alto do Exército. Em 18 de julho, Kuo-tao foi designado comissário-chefe do Exército Vermelho “com comando direto de todos os exércitos”. Mas Mao manteve o controle da liderança do partido.

No início de agosto de 1935, estabeleceu-se um acordo sobre um plano detalhado de ida para o norte — a fim de, como disse Mao, estar “perto da União Soviética, onde poderemos receber ajuda [...] aviões e artilharia”. O plano previa ir primeiro a Gansu e depois mandar uma unidade para Xinjiang, que era um satélite soviético, “e construir aeroportos e arsenais”. Foi durante essa operação que Mao maquinou liquidar com as chances de Kuo-tao fazer contato com os russos antes que ele próprio o fizesse.

O plano acordado implicava dividir o Exército: a força principal, sob o comando de Kuo-tao e Zhu De, tomaria a cidade de Aba e depois seguiria para o norte, enquanto uma força menor, conhecida como Coluna da Direita, tomaria uma rota diferente mais para o leste, via Banyou. Por escolha de Mao, ele e o centro seguiram na Coluna da Direita, que continha o grosso de suas antigas tropas, sob o comando de Lin Biao e Peng De-huai, embora agora esses dois respondessem a dois dos comandantes de Kuo-tao. Em 15 de agosto, nove dias depois que Kuo-tao e sua força haviam partido, Mao telegrafou a ele em nome do Politburo determinando uma mudança total de rota: “a força principal deve ir via Banyou”, isto é, seguir a mesma rota da Coluna da Direita. Desse modo, Mao rasgava o plano acordado e

exigia que Kuo-tao e seus muitos milhares de soldados invertessem o caminho e voltassem para ele.

Kuo-tao respondeu em 19 de agosto que estava muito perto de Aba, onde havia muita comida, e que ele planejava tomar a cidade dentro de dois dias. Defendeu com veemência a manutenção da rota de Aba, argumentando que havia "três ou quatro estradas paralelas para o norte, com muita gente e alimentos", enquanto "a estrada para Banyou é totalmente desconhecida".

Mao usou seu controle da liderança política para pressionar Kuo-tao. No dia seguinte, mandou a ele uma resolução em nome do Politburo dizendo que suas forças tinham se distanciado demais para oeste. A rota que Kuo-tao havia tomado por decisão unânime foi subitamente descrita como "extremamente desvantajosa" e o próprio Kuo-tao foi acusado de ser "oportunista", por "escolher a estrada com menos obstáculos". O uso de um rótulo como "oportunista" era uma maneira de ameaçá-lo com uma condenação por motivos políticos.

Em tudo isso, o objetivo de Mao era manter-se sempre à frente de Kuo-tao. Isso significaria também que este e seu exército seriam arrastados a condições calamitosas. Àquela altura, Mao descobrira que, enquanto a rota de Kuo-tao era tranquila, a sua, via Banyou (que ele mesmo escolhera), era, na verdade, medonha. Passava por um terreno mortífero, um enorme pântano que exigiria pelo menos uma semana para ser atravessado, e envolvia perigos como: ausência de habitantes e, portanto, de alimentos e abrigo; um clima atroz, com fortes neblinas, tempestades e granizo; poucas árvores, o que significava dificuldade para acender fogo; e uma lama traiçoeira, parecida com areia movediça e muitas vezes venenosa, que podia engolir uma pessoa que desse um passo em falso. Tudo isso numa altitude de mais de 3 mil metros e temperaturas noturnas abaixo de zero, mesmo no verão de agosto.

Em vez de tentar conservar a força do Exército Vermelho, Mao insistiu em que Kuo-tao encarasse as mesmas condições maléficas — depois dele. Após disparar seu ultimato ameaçador, entrou no pântano carregado em sua liteira; antes de partir, havia sacrificado uma enorme pilha de livros, inclusive o seu preferido, a coleção completa de *Vinte e quatro histórias*. No final do primeiro dia, os registros da Longa Marcha mostram que as tropas haviam caminhado penosamente "sem uma única pessoa à vista, atravessado cinco rios, três dos quais não tinham pontes", e estavam "ensopadas até os ossos [...] sentaram-se amontoadas sob a chuva para passar a noite". Braun deixou

uma descrição vívida do que a maioria suportou:

> Uma enganadora cobertura verde escondia um pântano maligno que sugava quem rompesse a fina crosta ou se afastasse da estreita trilha [...] Colocamos à nossa frente gado ou cavalos nativos que encontravam instintivamente o caminho menos perigoso. Nuvens cinzentas pairavam quase sempre sobre o terreno. Uma chuva fria caía várias vezes por dia e à noite se transformava em neve úmida ou gelo. Não havia uma moradia, árvore ou arbusto até onde se podia ver. Dormíamos agachados nas pequenas colinas que se elevavam do pântano. Cobertores finos, grandes chapéus de palha, sombrinhas de papel oleado ou, em alguns casos, capas roubadas eram nossa única proteção. Alguns não acordavam de manhã, vítimas do frio e da exaustão. E isso era em meados de agosto! [...] Surtos de disenteria sangrenta e tifo [...] venciam novamente.

Outro participante da Longa Marcha lembrou: "Certa vez, vi vários homens sob um cobertor e achei que estavam extraviados. Então tentei despertá-los". Eles estavam mortos. Havia pouco para comer: "Quando um cavalo morreu, nós o comemos: os soldados da frente comeram a carne, os de trás roeram os ossos. Quando tudo acabou, comemos as raízes da relva e mascamos cintos de couro".

A esposa de Lo Fu viu

> os cadáveres de amigos o tempo todo [...] No sexto dia, peguei disenteria. Não podia me preocupar com o embaraço e simplesmente me agachava e cagava o tempo todo. Depois amarrava minha calça e corria para acompanhar a marcha. Passei dois dias assim e cerrei os dentes para aguentar. Durante sete dias e sete noites, foi um mundo sem seres humanos. No oitavo dia, quando saí do pântano e vi aldeias, gente, gado e fumaça saindo das chaminés, quando vi nabos nos campos, minha felicidade foi além das palavras [...] Aqueles sete dias e sete noites foram os piores da Longa Marcha. Quando cheguei a Banyou, senti que havia retornado do mundo dos mortos ao mundo dos seres humanos.

Uma noite em Banyou, numa cabana de vime recoberto com esterco de iaque, podendo secar as roupas junto a uma fogueira também acesa com esterco, foi o luxo para aqueles que sobreviveram. Só na unidade de Lin Biao, quatrocentos haviam morrido — cerca de 15% de sua força.

Era por essa provação que Mao estava exigindo que passassem as dezenas de milhares de soldados de Kuo-tao, em vez de marchar por estradas adequadas da rota inicialmente decidida. Invocando o nome do Politburo, Mao continuou pressionando para que Kuo-tao se movimentasse "rapidamente para Banyou". Em um telegrama escrito depois que saiu do pântano e sabendo muito bem do que falava, ele mentiu deslavadamente: "De Maoergai [de onde partira] a Banyou é uma distância curta e cheia de abrigo". E aconselhou: "Sugiro [...] que traga todos os feridos e doentes que

possam caminhar, mais o material e equipamento". À primeira vista, parecia dizer a Kuo-tao: não abandone seus feridos. Mas sua verdadeira intenção era causar o máximo de sofrimento.

Se Kuo-tao se recusasse a obedecer, Mao poderia obter sua condenação formal e perda do comando. Com relutância, Kuo-tao concordou em ir na direção dele. Dois dias de experiência no terreno pantanoso o deixaram ainda menos entusiasmado com o que tinha pela frente. Em 2 de setembro, sua força chegou a um rio em cheia. Ele telegrafou a Mao: "Fizemos o reconhecimento de trinta *li* [quinze quilômetros] acima e abaixo do rio e não encontramos nenhum lugar em que possamos vadeá-lo. Difícil encontrar material para construir ponte. Temos comida só para quatro dias".

Um dia depois, ele decidiu não avançar mais. "Reconhecemos setenta *li* [35 quilômetros] rio acima e ainda não podemos vadear ou construir ponte", relatou a Mao. "Há comida apenas para três dias para todas as unidades [...] O pântano parece sem fim. Impossível avançar e parece estar esperando por nossa morte. Não conseguimos encontrar guia. Absoluto mistério. Decidi começar retorno a Aba amanhã de manhã." Ele mal escondia sua fúria contra Mao: "Toda a estratégia está afetada. Última vez [...] as tropas ficaram sem comida e sofreram grande dano. Desta vez, você nos força a ir para Banyou e nos mete nisto". Kuo-tao voltou.

A essa altura, Kuo-tao e o principal corpo do Exército haviam sido atrasados por um mês, graças a Mao. Além disso, naquela região montanhosa começava a baixar um tempo gélido e mortífero. Kuo-tao tomou a decisão que Mao estava justamente querendo: suspender a jornada para o norte e estacionar até a primavera do ano seguinte. "A oportunidade de ir para o norte foi perdida", ele disse a Mao. Dois terços de suas tropas haviam contraído infecção nos pés e mal podiam caminhar. Se iniciassem a longa marcha para o norte, quase todos os feridos e doentes teriam de ser abandonados.

É claro que Mao sabia de tudo isso; com efeito, toda a sua manobra tinha por meta reduzir o exército de Kuo-tao àquele estado. Agora, ele alcançara seu objetivo final: ter certeza de que chegaria aos russos primeiro, pois Kuo-tao estava fora da corrida, preso no sul até o ano seguinte.

Depois que Kuo-tao deu a ordem de não ir para o norte, Mao viu-se diante

de um problema sério. Kuo-tao dera a ordem na qualidade de comandante militar supremo. Mao podia emitir ordens em nome do partido, mas não tinha certeza alguma de que poderia levar com ele alguma parte do Exército, até mesmo suas tropas, se tivessem a chance de optar. O momento da crise chegou em 8 de setembro, quando Kuo-tao ordenou que seus dois comandantes que estavam com Mao levassem a Coluna da Direita para o sul, onde ele estava.

Consciente de que não tinha prestígio entre os soldados, Mao evitou o confronto direto. Não ousou desafiar abertamente a ordem de Kuo-tao, mesmo em nome do partido. Em vez disso, sequestrou suas próprias tropas, sob falso pretexto. Na noite de 9 para 10 de setembro, ele e Lo Fu contaram a uns poucos selecionados uma rematada mentira: que Kuo-tao mandara seus homens ferirem os líderes do partido; então, disse Mao, eles deveriam reunir secretamente seus subordinados e levantar acampamento naquela noite.[a] A mulher de Lo Fu lembrou que foi acordada no meio da noite e lhe disseram: "'Levantem! Levantem! Vamos partir logo!' Nós perguntamos: 'O que aconteceu? Para onde vamos?' [e nos disseram]: 'Sem perguntas, mexam-se e vamos! [...] Sem barulho, sem tochas [...] sigam-me!'. Corremos por cerca de dez *li* [cinco quilômetros] e não fizemos nenhuma pausa para recuperar o fôlego até atravessarmos uma passagem da montanha".

Enquanto sequestrava suas próprias tropas, Mao fez um de seus homens tirar do QG o 2º Birô, que cuidava das comunicações de rádios, e roubar os mapas detalhados.

Nessa ocasião, Mao teve a ajuda de um novo aliado fundamental: Peng Dehuai. Havia apenas três meses, Peng o desafiara pela liderança militar e fora amistoso com Kuo-tao, que tentara adulá-lo. Mas agora Peng estava do seu lado. O motivo não era apenas que Mao controlava a liderança do partido, mas também o fato de que ele estava à frente na disputa pela conexão russa.

Ao acordar na manhã de 10 de setembro, os comandantes de Kuo-tao que estavam com a Coluna da Direita descobriram que Mao e companhia haviam ido embora, assim como os mapas. Além disso, disseram-lhes que a retaguarda do grupo de Mao estava com as armas engatilhadas e abriria fogo sobre quem os perseguisse. Os oficiais estacionados ao longo da rota tomada pelos fugitivos telefonaram para saber se deveriam usar de força para deter Mao e seu bando, pois era óbvio que estavam partindo sub-repticiamente. Os

comandantes de Kuo-tao decidiram que "Exército Vermelho não deve atirar em Exército Vermelho", e assim Mao pôde ir em frente.

Enquanto ele e seus homens seguiam seu caminho, uma equipe de propaganda do exército de Kuo-tao apareceu e começou a acenar e gritar: "Não sigam Nariz Grande! Por favor, voltem!". "Nariz Grande" significava estrangeiro — no caso, Otto Braun. Ao alemão também haviam contado a mentira de que Kuo-tao dera uma ordem para "quebrar a resistência do Comitê Central, pela força, se necessário". A gritaria revelou pela primeira vez aos soldados rasos que havia uma divisão no exército e causou grande confusão e ansiedade. Imediatamente o departamento político de Mao enviou pessoal para instar os soldados a prosseguir, caso algum aproveitasse a oportunidade para ficar com Kuo-tao.

Naquele momento, Mao tinha menos de 8 mil soldados, homens desesperadamente desnorteados, que não haviam escolhido ficar do lado dele. Então, num gesto muito incomum para ele, Mao apareceu diante de suas tropas. Não se dirigiu a elas, mas ficou em silêncio ao lado da estrada, observou-os passar, contando suas forças e tentando avaliar seu espírito. Fez questão de que Peng ficasse ao seu lado, para emprestar-lhe autoridade. Para a maioria, até mesmo para oficiais mais antigos, essa foi a única vez que estiveram tão perto de Mao, que preferia exercer o poder nas sombras.

O passo seguinte foi assegurar-se de que Chiang Kai-shek não criasse problemas para seu contingente. Àquela altura, não poderia haver dúvidas de que Chiang estava abrindo passagem, mas que só permitiria que um exército enfraquecido chegasse ao seu destino. Durante a Longa Marcha, enquanto a força de Mao encontrara pouca resistência, Kuo-tao tivera de lutar durante todo o trajeto — e o motivo era que sua força era muito grande e poderosa.

Desse modo, significava uma vantagem para Mao que Chiang soubesse que só uma pequena seção encaminhava-se agora para o norte e que a liderança do PCC estava com ela. Com certeza, dentro de poucas horas após a separação de Mao, os nacionalistas souberam de ambos os fatos e exatamente quais tropas haviam seguido com Mao e quão debilitadas estavam. Em 11 de setembro, um dia depois da fuga, Chiang contou ao governador da área que havia "recebido informação de que Mao, Peng, Lin e seus bandidos estão fugindo para o norte, e estão totalmente famintos e esgotados".

Kuo-tao ao que tudo indica não tinha dúvidas de que a informação fora

deliberadamente vazada por Mao, pois o telegrama que lhe mandou na manhã seguinte dizia: "Na manhã seguinte à partida de vocês [o inimigo] sabia logo que a unidade de Peng De-huai havia fugido para o norte. Por favor, cuidado com os reacionários [...] que vazam segredos. Por mais diferenças que tenhamos, não devemos revelar movimentos militares ao nosso inimigo".

Esse vazamento garantiu a Mao uma fuga tranquila até seu destino — o platô da Terra Amarela. Lá, no norte de Shaanxi, aguardava-lhe a única base segura em toda a China, cortesia de Chiang Kai-shek. Mao e os principais líderes sabiam dessa base antes da Longa Marcha e Moscou lhes ordenara expandi-la já em 3 de maio de 1934, muito antes do início da marcha.

Mao aproveitou a mãozinha de Chiang e nos mil quilômetros seguintes quase não encontrou obstáculos militares. "Exceto por franco-atiradores nativos", registrou Braun, "nesse trecho não havia inimigos."[b] As forças de Chiang acompanharam seus movimentos à distância, mas apenas para evitar que Mao voltasse para o centro da China.

Esse trecho final foi um passeio em comparação com o que haviam enfrentado antes. Em vez de neve e granizo e tiros de tibetanos escondidos no bosque, no sul de Gansu os comunistas viram espigas amarelas sob um sol glorioso, ovelhas nos pastos e agricultores cuidando dos campos. Os habitantes locais eram amistosos e Mao fez um esforço para mantê-los assim. Não queria outra recepção como a que tivera dos tibetanos e impôs "disciplina rigorosa" — 60% da população local eram muçulmanos e o Exército Vermelho foi proibido de matar e comer porcos, além de receber ordens para não roubar nenhum muçulmano, mesmo os ricos.

Os moradores locais abriram suas casas para o Exército Vermelho, onde os homens tomaram um banho quente pela primeira vez em meses, fizeram a barba e cortaram o cabelo, além de comer fartas refeições muçulmanas, com panquecas e macarrão, carneiro e frango, alho e pimenta. Braun registrou que a hospitalidade "espantou-me muito".

Mas essa atmosfera amistosa se tornou a causa de uma grande dor de cabeça para Mao, pois as deserções dispararam. Um relatório nacionalista mostrava que em um único condado, o de Minxian, mais de mil soldados do Exército Vermelho se entregaram. Em 2 de outubro, Mao mandou as forças

de segurança "recolher" aqueles que ficavam para trás. "Recolher" significava amiúde executar. Um oficial graduado (depois chefe do estado-maior na China comunista) relembrou: "Durante a marcha para o norte de Shaanxi, houve muitos retardatários. A organização de segurança política do Exército [...] adotou meios cruéis de punição novamente". Ele estava assustado: "Segui as tropas com cuidado, preocupado todo o tempo que poderia ficar para trás e ser tratado como um extraviado". "Tratar de" era semelhante ao "cuidar de" da máfia, um eufemismo para matar. Um dia, "à beira do colapso", ele pensou que não conseguiria: "Meu coração só descansou quando cheguei ao quartel às onze da noite".

Quando Mao chegou finalmente à zona vermelha do norte de Shaanxi que seria sua base, seu exército estava com bem menos de 4 mil homens. No último — e mais fácil — mês da jornada, ele perdeu mais da metade dos soldados remanescentes, entre desertores, retardatários e mortos por doença ou pelas mãos dos homens de sua segurança. Sua força estava praticamente do mesmo tamanho de quando partira da terra dos bandidos, em janeiro de 1929, sete anos antes. E as tropas estavam na pior forma possível. Um oficial relembrou:

> Estávamos famintos e exaustos. Nossas roupas, em particular, estavam em frangalhos. Não tínhamos sapatos nem meias e muita gente enrolava os pés com tiras de cobertor [...] Wuqi [onde chegaram] já era um lugar muito pobre, mas mesmo os [...] camaradas locais me perguntavam: como vocês ficaram neste estado lamentável? Vocês realmente parecem apenas um bando de mendigos.

Mas Mao não se sentia de forma alguma derrotado quando pôs os pés em território vermelho, em 18 de outubro de 1935. "O momento mais negro" de sua vida — como ele descreveu a ameaça de Kuo-tao — havia acabado e ele era o vencedor. O Exército Vermelho podia estar nas últimas depois de uma caminhada de uns 10 mil quilômetros que durara um ano inteiro, do qual quatro meses foram extras, graças a ele, mas o partido estava agora, para todas as intenções e propósitos, em suas mãos.

Seu enviado Chen Yun chegara a Moscou e entregara sua mensagem ao Comintern em 15 de outubro. Uma vez que era o claro vencedor no campo, Moscou aceitou pela primeira vez que ele fosse o cacique do PCC. Em novembro, os russos publicaram uma versão cuidadosamente editada do

relatório de Chen Yun em que proclamavam Mao como o líder "político experimentado e testado" do partido chinês. Duas semanas depois, o *Pravda* publicou um artigo de fundo intitulado "O líder do povo chinês, Mao Tse-tung", que o retratava em linguagem floreada e lacrimosa como um quase inválido tchekhoviano lutando heroicamente contra a doença e a privação.

Em meados de novembro, chegou um mensageiro de Moscou ao norte de Shaanxi, a primeira ligação direta em bem mais de um ano. Ele atravessara o deserto de Gobi disfarçado de negociante, usando um casaco de couro de ovelha. Em sua cabeça levava códigos para retomar o contato por rádio com Moscou e carregava consigo um operador de rádio. Em questão de meses, o contato estava restabelecido e a pessoa que o controlava do lado chinês era Mao.

O mensageiro trazia a palavra de Stálin de que os comunistas chineses deveriam "se aproximar da União Soviética" seguindo para a fronteira da Mongólia Exterior, um satélite soviético. O movimento "para associar-se à União Soviética" podia começar agora.

Chiang Kai-shek teve menos sucesso em sua agenda particular. Em 18 de outubro, dia em que a Longa Marcha terminou para Mao, Chiang se encontrou com o embaixador soviético Bogomólov pela primeira vez desde que a marcha começara. Chiang propôs um "tratado militar secreto" com a Rússia. Isso só poderia ter por alvo o Japão, que intensificara seus esforços para separar cinco províncias do norte da China oferecendo-lhes uma fictícia "independência". A reação russa foi que Chiang deveria primeiro "regularizar relações com o PCC". Chen Li-fu, íntimo do Generalíssimo e fundador do FBI chinês, começou de imediato conversações secretas com Bogomólov e o adido militar soviético Lepin sobre os detalhes de um acordo com o PCC, referindo-se mesmo à "cooperação" com os comunistas.

Durante essas conversações, Chen Li-fu pediu a Bogomólov a libertação de Ching-kuo, o filho de Chiang. Chen nos contou: "Eu disse a ele: nossos dois países estão assinando um tratado agora e estamos em muito bons termos. Por que vocês ainda retêm o filho de nosso líder? Por que não podem soltá-lo?". (Numa expressão de sua lealdade, Chen acrescentou que estava agindo sem contar a Chiang — "Ele não ia querer que eu fizesse esse

pedido". Essa observação indica que as poucas pessoas que sabiam da troca comunistas-por-filho fizeram um acordo para que a negociação jamais fosse atribuída a Chiang ou viesse a vazar.)

Mas Stálin ainda se recusou a libertar seu refém. Ching-kuo estava separado de seus pais havia exatamente dez anos. Em março daquele ano, em sua fábrica de máquinas pesadas nos Urais, o amor suavizara a triste vida do jovem quando ele se casara com uma técnica russa chamada Faina Vakhreva. Em dezembro, eles teriam o primeiro filho, nascido no mesmo cativeiro que o próprio Ching-kuo suportaria por muito mais luas, enquanto a fortuna sorria cada vez mais para Mao.

a Na época, a mentira foi contada em termos muito vagos para pouquíssimas pessoas. Mais tarde, Mao a transformou numa história animada sobre como Kuo-tao mandara um telegrama para seus homens ordenando que "liquidassem" a ele e o centro. E isso se tornou a versão oficial. Mas Mao só fez essa acusação dezoito meses depois, em 30 de março de 1937, quando estava tentando expurgar Kuo-tao. Até então, embora houvesse uma resolução do partido que denunciava Kuo-tao por "dividir o Exército Vermelho", ela não incluía essa acusação. Nem ela foi mencionada em quaisquer dos muitos telegramas subsequentes enviados por Mao e seus exércitos a Kuo-tao. Até o telegrama de Mao para Moscou que denunciava Kuo-tao, logo depois que as conexões por rádio foram restabelecidas, em junho de 1936, não continha uma palavra sobre isso; nem o relatório que o PCC mandou a Moscou sobre expulsar Kuo-tao do partido, em abril de 1938. Tudo isso prova que não houve ordem de Kuo-tao para atacar Mao.

b Houve uma pequena escaramuça num passo chamado Lazikou, em 17 de setembro. Embora tenha envolvido apenas um punhado de homens, foi depois inflada e transformada numa grande batalha — e numa grande vitória. O motivo dessa invencionice era que Mao, para validar sua separação de Kuo-tao, tinha de mostrar pelo menos um feito de armas naquele período. Na verdade, simplesmente deixaram Mao passar por Lazikou.

PARTE III
A montagem de sua base de poder

15. A conveniente morte do anfitrião de Mao (1935-36; 41-42 anos)

Na década seguinte, o lar de Mao foi o platô da Terra Amarela, no noroeste da China, perto do rio Amarelo, o segundo maior do país e berço da civilização chinesa. A base tinha uma população de quase 1 milhão de habitantes, que ocupava bem mais de 30 mil quilômetros quadrados, principalmente no norte de Shaanxi, mas que atravessava a fronteira de Gansu, a oeste. Longe do centro do país, naquele momento era o único território vermelho seguro em toda a China.

A paisagem era dominada por vastas extensões de loess, terra amarela com aparência de árida e deserta, interrompidas apenas por longas gargantas, muitas vezes com centenas de metros de profundidade, que cortavam dramaticamente o substrato mole formado pela passagem do tempo por partículas minúsculas de pó trazidas pelo vento do deserto de Gobi. A maior parte das moradias era escavada nas encostas amarelas. Era possível olhar à distância e não ver uma única alma. Wuqi, a primeira vila que Mao viu ao chegar, tinha apenas uns trinta moradores. Essa área era excepcional em termos de ser relativamente despovoada e contava com algo desconhecido em outros lugares da China: terra arável de sobra. Chiang Kai-shek escolhera um lugar para manter o Exército Vermelho vivo, mas pequeno.

O fundador da base era um comunista local chamado Liu Chih-tan, que tinha um exército de 5 mil homens — mais do que Mao. Para os simpatizantes vermelhos da região, Chih-tan era um herói. Para o bispo católico espanhol da área, cuja catedral nova em folha e outras propriedades lhe foram tomadas em julho de 1935, Chih-tan era "atrevido e um conspirador em tudo que era subversivo".

Quando se aproximava da base, Mao observou oportunamente que a liderança de Chih-tan "não parece ser correta", querendo dizer que ele era

politicamente frouxo. E parece que Mao deu ordens secretas ao birô do partido cuja jurisdição cobria a área de Chih-tan (o Birô do Norte) para realizar um expurgo lá. Em meados de setembro, enviados do PCC caíram sobre a base, aonde, no dia 15, chegou uma unidade do Exército Vermelho de 3400 homens que viera de outro lugar da China. Juntos, eles iniciaram um expurgo selvagem. Embora as forças de Chih-tan fossem mais poderosas, ele não ofereceu resistência à tomada do poder e ao expurgo. Quando foi chamado do front e descobriu no caminho que seria preso, entregou-se.

Os enviados do partido condenaram Chih-tan por ser "consistentemente direitista" (jargão para moderado) e o acusaram de ser um agente de Chiang que havia "criado uma base do Exército Vermelho com o objetivo de destruir o Exército Vermelho". Sua disposição de se submeter à autoridade do partido, longe de ser apreciada como um ato de lealdade, foi usada contra ele, e acusaram-no de ser "astuto, a fim de enganar o partido e fazê-lo confiar nele". Aplicaram-se torturas hediondas. Um colega de Chih-tan teve a mão direita perfurada até o osso por um arame em brasa. Muitos foram enterrados vivos. Um sobrevivente escreveu em 1992: "Fomos presos com correntes de ferro nas pernas [...] Soubemos que a cova para nos enterrar vivos já estava sendo cavada". Estima-se que entre duzentas e trezentas pessoas foram mortas.

Foi nesse momento que Mao chegou, a tempo de desempenhar o papel de árbitro benigno. Mandou suspender as prisões e execuções e libertou Chih-tan e seus camaradas no final de novembro. O expurgo contra eles foi considerado um "grave erro". Dois bodes expiatórios foram repreendidos.

Desse modo, Mao conseguiu ao mesmo tempo sabotar a liderança comunista local e se apresentar como o homem que os salvou. Isso o colocou numa posição favorável para tomar-lhes a base. Graças ao expurgo, Chih-tan e seus camaradas já estavam suficientemente intimidados quando Mao apareceu (Chih-tan mal conseguia caminhar depois dos grilhões pesados) e ele pôde excluí-los das posições de comando civil e militar sem encontrar maior resistência. Chih-tan, o fundador da base, ganhou um posto menor de comandante de um destacamento intitulado "28º Exército", que, na verdade, não passava de um bando de recrutas novos, aos quais Mao impingiu um homem de confiança como comissário e, portanto, como chefe de Chih-tan. Este não contestou; endossou a autoridade de Mao publicamente e pediu a

seus camaradas que haviam sido perseguidos que pusessem os interesses da revolução acima de seus sofrimentos pessoais.

Mao não queria ser visto como aquele que expurgara Chih-tan, pois pretendia explorar o nome dele para emprestar legitimidade e prestígio ao seu próprio domínio. Mas também não pretendia conservá-lo — porque ele era um líder local. Mao iria se envolver na extorsão da população no que se referia a alimentos, dinheiro, soldados e trabalhadores, como o PCC fizera em outras bases antes, e, como acontecera em praticamente todas as outras bases vermelhas, ele sabia que essa política encontraria resistência dos líderes locais, que poderiam comandar um levante popular contra o partido. Para cuidar de Chih-tan, Mao utilizou um método diferente daquele usado contra outras ameaças potenciais.

Assim que se estabeleceu, levou adiante seu projeto de abrir uma passagem até uma fronteira controlada pelos russos, onde pudesse pegar novos suprimentos e, em especial, armas. Seu plano compreendia atravessar o rio Amarelo na direção leste e entrar na província muito mais rica de Shanxi, para obter novos braços e provisões e até, quem sabe, montar uma base, antes de se dirigir para o norte, rumo à Mongólia Exterior, controlada pelos russos.

A expedição começou em fevereiro de 1936.[a] Ela acumulou alguns recrutas e despojos, mas foi rapidamente empurrada de volta para o lado ocidental do rio Amarelo pelas tropas de Chiang, sem se aproximar da fronteira da Mongólia. Durante essa breve operação de guerra, Chih-tan foi morto, aos 33 anos. De acordo com os livros de história, ele morreu em combate, mas os indícios esmagadores apontam para assassinato.

Chih-tan foi alvejado em 14 de abril de 1936, em um lugar chamado Sanjiao, local de balsas junto ao rio Amarelo. O relato oficial afirmou que ele foi atingido no coração por tiros de uma metralhadora que pertencera a uma unidade avançada do Exército Vermelho. Chih-tan não estava na unidade de assalto, nem foi apanhado em fogo cruzado. Ele estava a cerca de duzentos metros de distância, numa pequena colina de onde observava por telescópio. A metralhadora que supostamente o matou estava atirando numa direção muito diferente e, se formos acreditar na história oficial, ela girou de repente

e soltou uma única rajada que assombrosamente acertou Chih-tan no coração — a duzentos metros de distância. Parece que essa metralhadora tinha a precisão de um atirador munido com fuzil de mira telescópica.

Havia apenas duas pessoas com Chih-tan quando ele foi atingido. Uma delas era o homem da segurança política de sua unidade, que se chamava Pei, um astro da KGB chinesa. Na Longa Marcha, ele recebera a missão crucial de vigiar os carregadores dos fundos do banco do regime. O outro homem presente era um guarda-costas. Depois que Chih-tan foi alvejado, Pei mandou o guarda-costas "buscar um médico", de acordo com seu próprio relato, e foi a única testemunha que viu quando Chih-tan "parou completamente de respirar". Parece haver poucas dúvidas de que ele foi morto por Pei.

A sequência de eventos em torno da sua morte sugere fortemente que ela foi coreografada por Mao. Uma semana antes, Mao telegrafou a Chih-tan informando que a unidade do 28º Exército "a partir de agora está sob o comando direto deste QG". Não havia nenhuma razão aparente para tal ordem — exceto, é óbvio, que desse modo qualquer coisa que acontecesse a Chih-tan não seria mais relatada através da cadeia normal de comando, mas iria direto para Mao. Dois dias depois disso, Mao designou Chih-tan para o Conselho Militar, do qual fora anteriormente excluído. Isso equivalia a elevá-lo a uma posição militar importante. Se morresse nesse momento, teria o status de um herói e seus homens seriam mantidos satisfeitos. Por fim, no dia 13, o próprio Mao ordenou a Chih-tan que se dirigisse para Sanjiao, onde foi morto no dia seguinte.

Quando Chih-tan foi enterrado, sua viúva foi mantida longe. "Você não está bem", disse Chou En-lai, "e vê-lo vai deixá-la ainda mais triste." Tratava-se de uma ordem. Sete anos se passariam até que ela tivesse permissão para exumá-lo, quando então o corpo já estava decomposto. O caixão foi aberto, a pedido dela, e Chih-tan ganhou um sepultamento público, em um santuário especial. Mao escreveu uma dedicatória, dizendo que a morte de Chih-tan fora "uma surpresa". Isso ocorreu numa época em que Mao precisava particularmente garantir que não houvesse problemas na base e ele usou o falecido Chih-tan para ganhar autoridade.

Chih-tan foi o único alto líder da base comunista a morrer no front. Além disso, seus dois principais comandantes caíram mortos algumas semanas

depois — Yang Qi em março e Yang Sen no começo de maio. Poucos meses depois da chegada de Mao, os três maiores comandantes de Shaanxi tinham sido mortos — um destino que não se abateu sobre nenhum dos comandantes de qualquer outra unidade do Exército Vermelho.

Com as mortes de Chih-tan e de seus dois colegas, eliminou-se qualquer perigo potencial de rebelião contra o comando de Mao na base. A partir de então, embora ocorressem revoltas de pequena escala entre os habitantes locais, não houve levante suficientemente grande para ameaçar o regime de Mao.

a Tal como acontecera na Longa Marcha, os comunistas fingiram que o objetivo era lutar contra os japoneses e chamaram a expedição de "Vanguarda Antijaponesa", com slogans do tipo "Ir para o leste combater o Japão". Mas isso era pura propaganda. A força de Mao nem tentou chegar perto dos japoneses.

16. O sequestro de Chiang Kai-shek (1935-36; 41-42 anos)

Em outubro de 1935, quando Mao chegou ao noroeste, no final da Longa Marcha, seu objetivo, além da simples sobrevivência, era estabelecer uma comunicação com a fronteira do território controlado pelos russos, a fim de poder receber armas e outros suprimentos que possibilitariam sua expansão. Chiang Kai-shek queria que os comunistas ficassem contidos em seu curral. O homem que designou para cumprir essa tarefa foi o antigo senhor da guerra da Manchúria, Chang Hsueh-liang, o "Jovem Marechal", que tinha seu QG na cidade de Xian, capital da província de Shaanxi. Mao estava na mesma província, a cerca de trezentos quilômetros para o norte.

Havia dois territórios controlados pelos russos através dos quais seria possível obter armas: Xinjiang, a mais de mil quilômetros para o oeste-noroeste, e a Mongólia Exterior, distante mais de quinhentos quilômetros para o norte. O vasto exército de cerca de 300 mil homens do Jovem Marechal estava estacionado nas províncias que davam acesso a esses dois territórios.

Royal Leonard, o piloto americano do Jovem Marechal, deixou uma descrição dele: "Minha primeira impressão [...] foi que ali estava o presidente de um Rotary Club: rotundo, próspero, com modos naturais e afáveis [...] Ficamos amigos em cinco minutos". Depois de herdar a Manchúria, quando seu pai e senhor da guerra (o "Velho Marechal") foi assassinado, em junho de 1928,[a] o Jovem Marechal colocou seus domínios sob as ordens do governo central de Chiang e permaneceu seu chefe até a invasão do Japão, em 1931. Ele então recuou para dentro da China com 200 mil soldados e ganhou depois vários postos importantes de Chiang. Mantinha uma relação muito próxima com Chiang e sua esposa. Treze anos mais moço do que o Generalíssimo, gostava de dizer que ele era "como um pai para mim".

Mas, pelas costas do Generalíssimo, o Jovem Marechal tramava para

derrubá-lo. Tendo governado um território maior do que França e Inglaterra juntas, incomodava-o ser subordinado de Chiang. Ele aspirava ao governo de toda a China. Com essa finalidade, já fizera contato com os russos e tentara visitar a União Soviética quando estava na Europa, em 1933, mas os russos tinham sido muito cautelosos e não o aceitaram. Havia apenas quatro anos que Stálin invadira a Manchúria, em 1929, e travara uma curta guerra contra o Jovem Marechal, depois que este tomara uma ferrovia controlada pelos russos. Além disso, o Jovem Marechal expressara admiração pelo fascismo e era amigo de Mussolini e sua família. Em agosto de 1935, uma declaração lançada de Moscou em nome do PCC o chamou de "escória" e "traidor".

Mas no final daquele ano, depois que ele foi designado para vigiar Mao, Moscou deu meia-volta. O Jovem Marechal se tornara digno de corte. Ele poderia tornar mais fácil a vida do PCC e, o que era mais importante, ajudá-lo a estabelecer a conexão com os suprimentos russos. Algumas semanas depois da chegada de Mao no noroeste, diplomatas russos estavam mergulhados em conversações com o Jovem Marechal.

Ele foi a Xangai e Nanquim, a capital, para se encontrar com os russos em segredo. Para disfarçar, arranjou uma camuflagem de frivolidade. Tinha reputação de playboy e aproveitou-se dessa imagem. Um dia, segundo seu piloto americano, "me fez voar o aeroplano inclinado, com uma asa na rua, e passar pelas janelas do Park Hotel, onde viviam suas amigas. Passamos a três metros da fachada e o barulho do motor fez as vidraças chocalharem como castanholas". Esse espetáculo foi montado diante do quarto em que uma das garotas do Jovem Marechal estava hospedada. "Talvez isso faça vocês sorrirem", disse-nos com uma risadinha de satisfação o Jovem Marechal em 1993, quando estava com 91 anos. "Naquela época, Tai Li [o chefe do serviço secreto de Chiang] tentou de tudo para descobrir meu paradeiro e achou que eu estava me regalando com minhas garotas. Mas, na verdade, eu estava fazendo tratos."

O Jovem Marechal deixou claro para os russos que estava pronto para fazer uma aliança com os comunistas chineses *e* travar "uma luta decisiva contra os japoneses" — isto é, declarar guerra ao Japão, o que Chiang não fizera. Em troca, queria o apoio de Moscou para tomar o lugar de Chiang na chefia do país.

Esse pacote continha elementos extremamente atraentes para Stálin, inclusive aquilo que o chefão do Kremlin mais queria: que a China entrasse em guerra total com o Japão. Desde 1931 os japoneses invadiam a China e lhe arrancavam pequenos pedaços. Depois de anexar a Manchúria, Tóquio montou outro regime títere em parte do norte da China, em novembro de 1935, mas Chiang evitava a guerra aberta. Stálin temia que os japoneses se voltassem para o norte e atacassem a União Soviética.

O objetivo de Stálin era usar a China para afastar Tóquio do território soviético, arrastar os japoneses para o vasto interior chinês e atolá-los por lá. Moscou trabalhou muito para atiçar os chineses contra os japoneses, mas mantendo em segredo seus verdadeiros propósitos. Para tanto, insuflou manifestações estudantis e seus muitos agentes, em particular madame Sun Yat-sen, cunhada de Chiang Kai-shek, formaram grupos de pressão para instar o governo de Nanquim a agir.

Chiang não queria se render ao Japão, mas também não queria declarar guerra. Pensava que a China não tinha chance real de vencer e que atacar Tóquio levaria seu país à destruição. Optou por um estranho limbo — nem se render, nem travar uma guerra total. Conseguiu fazer isso graças ao tamanho da China e ao fato de que os japoneses estavam penetrando em seu território aos poucos. Chiang talvez até nutrisse esperanças de que os japoneses se voltassem contra a Rússia e deixassem o resto do seu país em paz.

A proposta do Jovem Marechal convinha a Stálin, mas o líder soviético não confiava nele. Nem acreditava que o ex-senhor da guerra manchu fosse capaz de manter a China unida para travar tal guerra. Se a China caísse numa luta intestina, isso facilitaria a conquista japonesa e, *a fortiori*, redobraria a ameaça à União Soviética.

Os russos eram astutos demais para rejeitar de imediato a oferta do Jovem Marechal e trataram de engodá-lo, dizendo que estavam considerando a oferta, para que ele ajudasse os comunistas chineses. Diplomatas russos lhe disseram para estabelecer contato direto com o PCC em segredo. A primeira conversa entre um negociador do partido e o Jovem Marechal ocorreu em 20 de janeiro de 1936.

Enquanto os russos estavam apenas logrando o Jovem Marechal, Mao estava feliz em apoiá-lo contra Chiang e queria uma verdadeira aliança. Tratava-se de um cenário ideal para ele. Como o Jovem Marechal seria dependente da União Soviética, o PCC teria um papel central e Mao poderia até se tornar o poder por trás do trono de toda a China. Ele instruiu seu negociador Li Ke-nong a propor uma aliança anti-Chiang ao Jovem Marechal e prometer apoio a ele como chefe de um novo governo nacional. O negociador recebeu instruções para "dar a entender" que a oferta tinha a autorização de Moscou, sugerindo que fundos e armas não seriam problema.

O Jovem Marechal, naturalmente, queria que as promessas de Mao fossem confirmadas pelos próprios russos. E parecia que isso estava no programa quando, pouco depois, lhe apresentaram um esquema para que enviasse um homem de confiança a Moscou. Em janeiro, um certo "pastor Dong" chegou ao QG do Jovem Marechal vindo de Xangai. Dong, que na década de 1920 fora pastor na igreja de são Pedro, em Xangai, era um agente da espionagem comunista. O apóstata disse ao Jovem Marechal que os filhos de Mao estavam secretamente sob seus cuidados e que havia um plano para mandá-los a uma escola especial em Moscou para filhos de líderes comunistas estrangeiros, dirigida pelo Comintern. Ele propôs que o Jovem Marechal designasse um enviado para acompanhá-los.

Mao tivera três filhos com sua segunda esposa Kai-hui, executada pelos nacionalistas em 1930. Após a morte da mãe, os meninos foram levados para Xangai, ficando aos cuidados dos comunistas na clandestinidade. Eles passaram tempos difíceis. O mais novo, An-long, morreu aos quatro anos, logo depois da chegada em Xangai. Os outros dois, An-ying e An-ching, tiveram de levar uma vida clandestina, sem poder frequentar escola ou fazer amigos fora da família de Dong, onde a tensão era constante. Dong os deixara com a ex-mulher, cuja vida foi posta em perigo e convulsão com a chegada deles, e que não lhes tinha nenhuma afeição. Às vezes, eles fugiam e viviam como meninos de rua. Anos mais tarde, ao ver um filme sobre um órfão em Xangai, An-ying ficou muito emocionado e contou à esposa que ele e seu irmão haviam levado uma vida parecida, dormindo no chão e catando comida e baganas de cigarro no lixo. Durante todos esses anos, Mao jamais lhes mandou uma palavra.

Moscou decidiu levar os filhos de Mao para a Rússia, onde poderiam ser

cuidados e frequentar a escola. E, como no caso do filho de Chiang Kai-shek, o objetivo era também mantê-los como reféns. Stálin envolveu-se pessoalmente nessa decisão. Mao não apresentou objeções.

A oferta de Moscou ao Jovem Marechal para que mandasse um enviado como acompanhante dos meninos matava assim dois coelhos com uma só cajadada. Desse modo, o Jovem Marechal garantiria a segurança dos meninos durante a viagem e cuidaria de toda a logística, bem como arcaria com a considerável conta do séquito, que incluía uma babá. E, o mais importante: ele veria o convite como um sinal de que Moscou estava seriamente interessada em um acordo, que não poderia ser feito sob a vigilância de Chiang na China.

O Jovem Marechal ficou encantado e logo providenciou todos os arranjos. Seu representante e os meninos partiram de navio da China para Marselha no dia 26 de junho. Moscou informara que poderiam pegar vistos para a Rússia em Paris.

Naquele mês de junho, duas províncias do sul da China, Guangdong e Guangxi, fizeram uma aliança e se rebelaram contra o governo de Chiang Kai-shek. Mao tentou persuadir o Jovem Marechal a aproveitar a oportunidade e fazer o mesmo, em aliança com os comunistas. Ele disse ao Politburo que seu objetivo seria criar uma entidade "como a Mongólia Exterior" — isto é, um satélite da Rússia.

Mas o Jovem Marechal não se interessou. Ele queria o domínio de toda a China, não de uma parte apenas. E Moscou foi completamente hostil ao plano. Na ocasião, final de junho, depois de vinte meses, restabeleceram-se as comunicações por rádio do PCC com Moscou. No primeiro radiograma ao Comintern, Mao pediu endosso a um Estado separado no noroeste. O plano foi enviado a Stálin, que não ficou satisfeito. Ele queria uma China unida que levasse o Japão a uma guerra total, não uma China desmembrada.

Poucos dias depois do telegrama de Mao, a rebelião de Guangdong e Guangxi ruiu, e um dos principais motivos de sua queda foi que a opinião pública era veementemente contra qualquer movimento separatista. Stálin teve confirmada sua opinião de que Chiang era a única pessoa capaz de manter a China unida. Em 15 de agosto, Moscou mandou ao PCC uma

ordem marcante para que parassem de tratar Chiang como inimigo e o considerassem um aliado. "É incorreto tratar Chiang Kai-shek do mesmo modo que os japoneses [...] Vocês devem trabalhar pela cessação das hostilidades entre o Exército Vermelho e o Exército de Chiang Kai-shek, e a favor de um acordo [...] para lutar juntos contra os japoneses"; "tudo deve estar subordinado à causa antijaponesa". Stálin queria agora que o PCC apoiasse Chiang como chefe de uma China unida, ao menos naquele momento.

Moscou ordenou bruscamente que o PCC entrasse em negociações sérias com Chiang para fazer uma aliança. Mao teve de ceder e as conversas sobre uma "frente unida" começaram em setembro entre o PCC e os representantes de Chiang. O Generalíssimo iniciara a aproximação. Na época do final da Longa Marcha, ele fizera acenos a Moscou, mas os russos disseram que ele teria de falar "diretamente com [o Partido Comunista] Chinês", como uma forma de promover esse partido.

Tanto Moscou como Mao mantiveram o Jovem Marechal na ignorância dessa mudança de política e continuaram a enganá-lo na questão que mais lhe interessava: tomar o lugar de Chiang. No final de julho, quando ele disse ao embaixador soviético Bogomólov que "esperava" que seu "bloco com o [PCC], dirigido contra Chiang Kai-shek e os japoneses, fosse apoiado pela União Soviética", o embaixador não falou nada que sugerisse que Moscou era totalmente contra essa ideia. De sua parte, Mao estimulou o Jovem Marechal a continuar pensando que Moscou poderia apoiá-lo.

Embora houvesse decidido apoiar Chiang na chefia da China, Stálin não desistiu de forma alguma de seus esforços clandestinos para fortalecer o Exército Vermelho chinês. No início de setembro de 1936, endossou um plano para enviar um grande carregamento de armas ao PCC via Mongólia Exterior. A lista dos desejos de Mao incluía "ajuda mensal de 3 milhões de dólares", além de "aviões, artilharia pesada, granadas, rifles de infantaria, metralhadoras antiaéreas, barcaças", junto com pessoal soviético para dirigir os aviões e operar a artilharia. Em 18 de outubro, ele ouviu do Comintern que "o material não é tanto quanto você pediu em seu telegrama do dia 2 [de outubro] [...] e não há aviões nem artilharia pesada". Ainda assim, a

“companhia estrangeira” que cuidava do carregamento, testa de ferro do GRU, iria “fornecer 150 veículos e providenciar motoristas e gasolina; eles podem fazer duas viagens de volta [...] com cerca de 550 a 600 toneladas” em cada viagem. O número de rifles era quase o mesmo que os russos mandaram para a Espanha, onde a guerra civil acabara de estourar.

Em outubro, o Exército Vermelho chinês começou sua operação para abrir caminho até um ponto de entrega no deserto próximo da fronteira da Mongólia Exterior. A essa altura, Mao tinha 20 mil soldados na base e as outras divisões do Exército Vermelho estavam em vias de convergir para lá em resposta a sua convocação. Entre elas estavam as tropas lideradas pelo rival agora desqualificado Chang Kuo-tao, que passara o inverno na fronteira do Tibete, à mercê dos bombardeios nacionalistas. Milhares morreram congelados e muitos outros sofreram nifablepsia, cegueira temporária causada pelo reflexo do sol na neve. No ano anterior, Kuo-tao perdera metade de seus 80 mil soldados que comandava quando encontrara Mao, em junho de 1935.

Embora ainda tivesse o dobro de soldados, Kuo-tao era agora um parceiro menor. Percebendo que estava acabado, ficou “muito emocionado”, segundo seus colegas. “Ele até derramou lágrimas. Ele disse: ‘Estou acabado. Quando chegarmos ao norte de Shaanxi, irei para a prisão’.” Embora não tenha sido exatamente preso, Mao viria a destruir ainda mais seu exército — e depois o expurgaria. Mas, naquele momento, Mao precisava da grande e eficiente força de Kuo-tao para lutar até a fronteira da Mongólia Exterior.

O outro braço do Exército Vermelho que atendeu à convocação de Mao era comandado por Ho Lung, um ex-bandido durão. Ele fora empurrado de sua base na fronteira entre Hunan e Hubei[b] para o norte de Shaanxi por Chiang Kai-shek. Os três braços do Exército Vermelho se uniram em 9 de outubro de 1936, fazendo de Mao o chefe de quase 80 mil homens, vinte vezes mais do que dispunha um ano antes.

Tratava-se de uma força formidável, mas, para chegar às armas russas, os comunistas tinham de passar por um poderoso exército nacionalista, e Chiang estava decidido a impedi-los. Em 22 de outubro, ele voou até Xian para assumir pessoalmente o comando, e isso pôs o Jovem Marechal numa enrascada. Ele alertara os comunistas sobre os planos de Chiang, bem como lhes dera dinheiro e roupas de inverno, mas esse era seu limite: não podia

desafiar abertamente as ordens de Chiang. Assim, seus homens acabaram combatendo os comunistas. Em uma semana, o avanço de Mao para buscar as armas russas foi frustrado. Um contingente de 21 800 soldados que cruzara o rio Amarelo ficou preso no outro lado. O corpo principal do Exército Vermelho recuou para seu curral no norte de Shaanxi e ficou confinado de novo.

Mao pediu dinheiro com urgência a Moscou. "Sejam rápidos", telegrafou. O Comintern mandou imediatamente 550 mil dólares,[c] mas não podia resolver os problemas de longo prazo. Como alimento, havia apenas feijão-preto de qualidade inferior. A moradia na região era constituída principalmente de *yao-dong*, alojamentos cavados nos morros, como grandes cavernas, e muitos dos soldados não tinham nem isso. Começou a nevar e as tropas estavam com roupas surradas e sandálias de palha. No front, Peng De-huai, o comandante em chefe, estava morando num abrigo de pastor, um buraco no chão com um metro de profundidade e dois de largura, na beira do deserto, açoitado por furiosas tempestades de areia. Até Mao estava sofrendo desconforto, pois o centro do partido fora forçado a ir para a pequena vila de Baoan, onde ele e a esposa, nos últimos meses da gravidez, ficaram numa caverna úmida, em que pingava água do teto. Certa vez, quando um guarda-costas tentou abrir a porta, foi picado por um escorpião. Abundavam ratos transmissores de peste, com a metade do tamanho de um gato e tão ousados que sentavam no peito das pessoas enquanto elas dormiam e, ao sacudir suas caudas sobre o rosto delas, acordavam-nas com um susto.

No final de outubro de 1936, os comunistas estavam desesperados. O Jovem Marechal vislumbrou uma oportunidade para resgatá-los e contar pontos com Moscou. Seu plano era simples, e extremo: sequestrar Chiang, que estava para entrar em seu território. Embora não tivesse recebido de Moscou a missão explícita que esperava (seu enviado estava sendo engambelado quanto ao visto russo), ele calculou que salvar o Exército Vermelho chinês e ter Chiang em sua custódia mudaria toda a equação para Stálin. Era uma aposta, mas o Jovem Marechal era um jogador: "Minha filosofia é apostar", disse certa vez para seu círculo mais íntimo. "Posso perder uma ou duas vezes, mas, enquanto o jogo durar, chegará o momento em que recuperarei todas as minhas fichas." Ter Chiang em seu território era uma chance única.

O Jovem Marechal discutiu seu plano com o contato secreto de Mao, Yeh Jian-ying, e lhe disse que pretendia realizar um "*coup d'état*", usando esse termo (que em chinês é transliterado como *ku-die-da*). Em 29 de outubro, Yeh telegrafou a Mao em linguagem velada, dizendo que "há uma proposta de fazer ficar Chiang". Em 5 de novembro, Yeh partiu para onde Mao estava, levando o plano de golpe.

A ideia de sequestrar Chiang foi do Jovem Marechal, mas certamente estimulada por Mao por meio de seu enviado Yeh. O agente da inteligência soviética Aleksandr Titov registra que "a questão de prender Chiang Kai-shek foi discutida por [...] Yeh Jian-ying e Chang Hsueh-liang em novembro de 1936". E Mao escondeu deliberadamente o plano de Moscou, sabendo que Stálin seria totalmente contra. Mao estava agora agindo diretamente contra os interesses de Stálin. Chiang era mais importante do que nunca para os russos. Em 25 de novembro, a Alemanha e o Japão haviam assinado um tratado conhecido como o Pacto Anti-Comintern, pondo a União Soviética diante de seu pior pesadelo: inimigos beligerantes nos dois flancos em aliança, com forças apoiadas pelos japoneses avançando para oeste ao longo do flanco meridional da Mongólia, na direção da Ásia Central soviética. No mesmo dia em que o pacto foi anunciado, Stálin ordenou com urgência que o chefe do Comintern Gueorgi Dimítrov convencesse com mais força o PCC de que tinha de abandonar sua posição anti-Chiang e apoiar um governo unido: "Precisamos [...] de um governo de defesa nacional" na China, disse Stálin a Dimítrov. "Elabore um plano [...]."

Mao corria um risco considerável de enfurecer Stálin ao pôr Chiang em perigo. Ele tentou tomar as devidas precauções, mantendo distância do sequestro. Antes de se arriscar, o Jovem Marechal telegrafou a Yeh pedindo que voltasse: "Coisa vital a discutir. Por favor, venha imediatamente". Mao segurou Yeh, ao mesmo tempo que mentia ao Jovem Marechal, informando que Yeh estava a caminho. Depois incitou-o com uma mensagem em que dizia não haver perspectiva de os comunistas chegarem a um compromisso com Chiang e que estavam decididos a continuar sua guerra contra o Generalíssimo. Mao deu ao Jovem Marechal a impressão de que ele era seu único parceiro possível, deixando implícito que Moscou aceitaria isso.

Quando chegou a Xian, em 4 de dezembro, Chiang não tomou nenhuma medida excepcional para sua segurança pessoal. Seus aposentos estavam guardados por várias dezenas de guardas de seu próprio staff, mas o portão e o perímetro externo da residência eram patrulhados pelos homens do Jovem Marechal. Este chegou a conseguir que os sequestradores fizessem o reconhecimento da residência de Chiang, numa fonte quente nas cercanias da cidade, e de seu quarto.

No alvorecer de 12 de dezembro, Chiang foi sequestrado. Ele acabara seus exercícios físicos matinais, parte de sua rígida rotina, e estava se vestindo quando ouviu tiros. O alojamento foi atacado por cerca de quatrocentos homens do Jovem Marechal. Os guardas de Chiang resistiram e muitos foram mortos, inclusive o chefe da segurança. Chiang conseguiu fugir para os morros dos fundos, onde foi encontrado horas depois escondido numa fenda, de camisola, descalço e coberto de pó, e com um ferimento nas costas.

Pouco antes, o Jovem Marechal informara Mao de que estava prestes a agir. Quando Mao recebeu o telegrama de seu secretário, abriu um sorriso: "Volte para a cama. Haverá boas notícias pela manhã!".

a Esse assassinato costuma ser atribuído aos japoneses, mas fontes da inteligência russa afirmaram recentemente que ele foi organizado, por ordem de Stálin, pelo homem que depois seria responsável pela morte de Trótski, Naum Eitingon, e montado para parecer obra dos japoneses.

b Essa base também passou por expurgos sangrentos, comandados pelos comunistas entre 1932 e 1934. O próprio Ho Lung disse mais tarde: "Só nesse expurgo, mais de 10 mil foram mortos. Agora [1961] existem apenas algumas camaradas mulheres vivas e isso porque os homens foram mortos primeiro [...] e então o inimigo chegou antes que [os expurgadores] pegassem as mulheres [...] Ainda hoje, naquela área, [...] eles desenterram ossos de uma grande cova após outra". Os sobreviventes relembraram que muitos haviam sido "postos em sacos de juta e jogados no lago Hong com grandes pedras amarradas neles. Os pescadores não ousavam pescar no lago porque apareciam muitos cadáveres e a cor do lago mudou".

c Esses fundos, bem como outras transferências posteriores, foram mandados por meio de madame Sun Yat-sen, dos Estados Unidos.

17. Um ator nacional (1936; 42-43 anos)

Quando a notícia do sequestro de Chiang Kai-shek chegou ao QG do partido, os líderes jubilantes encheram a caverna de Mao, que "ria como louco", como relembrou um colega. Agora que Chiang estava preso, Mao tinha um objetivo supremo: vê-lo morto. Se Chiang fosse assassinado, haveria um vácuo de poder e, portanto, uma boa oportunidade para a Rússia intervir e ajudar a pôr o PCC — e ele — no poder.

Em seus primeiros telegramas para Moscou depois do evento, Mao implorou aos russos que se envolvessem para valer. Escolhendo as palavras com cuidado, solicitou o consentimento deles para matar Chiang, dizendo que o PCC queria "exigir que Nanquim sacasse Chiang do poder e o entregasse ao povo para ser julgado". Era obviamente um eufemismo para a sentença de morte. Sabedor de que seus objetivos eram diferentes dos de Stálin, Mao fingiu não ter notícias do sequestro até sua execução e prometeu que o PCC "não emitiria declarações públicas por alguns dias".

Enquanto isso, ele manobrava ativamente pelas costas de Moscou para liquidar com Chiang. Em seu primeiro telegrama ao Jovem Marechal após o sequestro, em 12 de dezembro, instava: "A melhor opção é matar [Chiang]". Ele tentou mandar seu melhor diplomata, Chou En-lai, de imediato para Xian. Chou havia negociado no começo daquele ano com o Jovem Marechal e aparentemente eles haviam se dado bem. Mao queria que Chou persuadisse o Jovem Marechal a "levar a cabo a medida final" (nas palavras de Chou), ou seja, matar Chiang.

Sem revelar o verdadeiro objetivo da missão de Chou, Mao solicitou um convite do Jovem Marechal para seu diplomata. Na época, o QG ficava em Baoan, quase trezentos quilômetros ao norte de Xian, a vários dias de viagem a cavalo. Então Mao pediu que ele mandasse um avião para apanhar Chou na cidade próxima de Yenan (então sob controle do Jovem Marechal), onde

havia uma pista de pouso construída pela Standard Oil, quando fizera prospecções na região, no começo do século. Para encorajá-lo a agir com rapidez, Mao fez-lhe uma promessa espúria no dia 13: "Fizemos arranjos com o Comintern, cujos detalhes lhe contaremos depois". A óbvia implicação era que Chou levaria notícias de um plano coordenado com Moscou.

O que o Jovem Marechal precisava não eram promessas *off-the-record*, retransmitidas pelo PCC, mas o endosso público da Rússia. Contudo, no dia 14, artigos de primeira página nos dois principais jornais soviéticos, o *Pravda* e o *Izvestia*, condenaram com veemência seu ato como sendo uma ajuda aos japoneses e apoiaram claramente Chiang. Dois dias depois do sequestro, o Jovem Marechal podia ver que o jogo havia acabado.

Ele fez ouvidos moucos à sugestão de Mao de enviar Chou. Mas Mao o despachou de qualquer modo, dizendo ao Jovem Marechal, no dia 15, que seu enviado estava a caminho e pedindo um avião para pegá-lo em Yenan. Quando Chou lá chegou, não havia avião e o portão da cidade estava fechado para ele; Chou teve de esperar toda a noite do lado de fora, em temperaturas abaixo de zero. "Os guardas recusaram-se a abrir o portão e se recusaram a ouvir a razão", telegrafou Mao ao Jovem Marechal, exortando-o a fazer alguma coisa. O Jovem Marechal estava literalmente dando um gelo em Chou, uma indicação da raiva que sentia dos comunistas por ser enganado por eles em relação à atitude de Moscou.

No dia 17, ele cedeu. Estava em busca de uma maneira de pôr fim ao fiasco, então mandou seu Boeing buscar Chou. Royal Leonard, seu piloto americano, ficou chocado ao descobrir que estava transportando comunistas (que haviam recentemente metralhado seu avião). No caminho de volta, naquela tarde nevada, ele pregou uma peça nos seus passageiros, conforme escreveu em suas memórias: "Peguei deliberadamente uma turbulência. De vez em quando, olhava para a cabine e me divertia vendo os comunistas [...] que com uma das mãos seguravam suas barbas negras e com a outra, uma lata para despejar o vômito".

O Jovem Marechal aceitou contrafeito a visita de Chou, embora apresentasse uma fachada amistosa e cooperasse com seu hóspede.[a] Quando Chou o instou a matar o Generalíssimo, ele fingiu que faria isso "quando a guerra civil for inevitável e Xian estiver cercada" por forças do governo.

Na verdade, Mao vinha tentando provocar uma guerra entre Nanquim e Xian. Esperava deflagrá-la com o avanço de tropas vermelhas na direção da capital. No dia 15, deu ordens secretas a seus altos comandantes para "atacar a cabeça do inimigo: o governo de Nanquim". Mas teve de esquecer o plano, pois seria suicida para o Exército Vermelho e não havia garantia de que de fato deflagraria a guerra. Para seu deleite, no dia 16, Nanquim declarou guerra ao Jovem Marechal, moveu tropas na direção de Xian e bombardeou as tropas dele fora da cidade. Mao instou o Jovem Marechal a não se limitar à defesa, mas ampliar a luta e atacar Nanquim. No dia seguinte, Mao telegrafou-lhe dizendo: "As jugulares do inimigo são Nanquim e [duas linhas férreas fundamentais]. Se 20 ou 30 mil [...] soldados puderem ser despachados para atacar essas ferrovias [...] a situação geral mudará de imediato. Por favor, leve isso em consideração". A esperança de Mao era que, ao tomar essas medidas, o Jovem Marechal rompesse suas ligações com Nanquim e, com maior probabilidade, matasse Chiang.

Enquanto Mao manobrava para matar Chiang, Stálin teimava em salvar o Generalíssimo. Em 13 de dezembro, um dia depois do sequestro, o encarregado de negócios soviético em Nanquim foi chamado pelo primeiro-ministro interino, H. H. Kung (o cunhado de Chiang), para ser informado de que "corria a notícia" de que o PCC estava envolvido no golpe e que "se a segurança do sr. Chiang está em perigo, o ódio da nação se estenderá do PCC à União Soviética e poderá pressionar [o governo chinês] a se unir ao Japão contra a União Soviética". Stálin compreendeu que o sequestro poderia significar uma ameaça urgente aos seus interesses estratégicos.

À meia-noite do dia 14, o telefone tocou no escritório de Dimítrov, o chefe do Comintern. Stálin estava na linha. "Foi com sua permissão que os eventos da China aconteceram?", perguntou ele. Dimítrov respondeu apressadamente: "Não! Isso seria o maior serviço que alguém poderia prestar ao Japão. Nossa posição sobre esses eventos é a mesma". Usando uma linguagem ameaçadora, Stálin questionou o papel do delegado do PCC no Comintern, que apresentara a ele o rascunho de um telegrama a ser enviado ao PCC em favor da execução de Chiang. "Quem é esse tal de Wang Ming? É um provocador? Ouvi dizer que ele quer mandar um telegrama para

mandar matar Chiang." Na época, lembrou o assistente chinês de Dimítrov, "não era possível achar ninguém" no QG do Comintern que não concordasse que era preciso "liquidar com Chiang". Até o homem de Stálin no Comintern, o normalmente frio Manuilski, "esfregou as mãos, me abraçou e exclamou: 'Nosso querido amigo foi pego!'".

Wang Ming disse que o rascunho de telegrama fora sugerido pelo subchefe do GRU, Artur Artúzov, que foi logo preso e acusado de ser espião. Antes de ser fuzilado, ele protestou inocência em uma carta escrita com seu próprio sangue, o qual, observou friamente seu carcereiro, saíra "de seu nariz". Stálin poupou Wang Ming. E Dimítrov pelejou para se inocentar e pôr a culpa em Mao. Ele escreveu a Stálin: "Apesar de nossas advertências, o [...] partido chinês, de fato, entrou em relações muito amistosas e próximas com [o Jovem Marechal]". Para piorar, Dimítrov disse a Stálin: "É difícil imaginar que [o Jovem Marechal] empreendesse essa ação aventureira sem coordenação com eles [Mao e seus colegas], ou até sem a participação deles". Era uma clara sugestão de que Mao estava mentindo sobre não ter conhecimento prévio do evento e que ele zombara das ordens de Moscou.

Stálin suspeitava de que Mao poderia estar em conluio com os japoneses. Ele já começara a ter todos os "velhos parceiros chineses" dos soviéticos denunciados e interrogados sob tortura. Quatro dias depois do sequestro de Chiang, um importante detido "confessou" estar envolvido num complô trotskista para provocar um ataque do Japão (e da Alemanha) à Rússia. O nome do próprio Mao apareceu nas confissões e um grosso dossiê sobre ele foi compilado, com acusações de que era agente dos japoneses, bem como trotskista.

Dimítrov mandou uma dura mensagem a Mao no dia 16. Ela condenava o sequestro, dizendo que aquilo "objetivamente só pode prejudicar a frente unida contra o Japão e ajudar a agressão dos japoneses à China". Seu ponto fundamental era que "o PCC deve assumir uma posição decisiva em favor de uma solução pacífica". Era uma ordem para obter a libertação do Generalíssimo e sua volta ao governo.

Quando o telegrama chegou, consta que Mao "ficou enfurecido [...] blasfemou e bateu os pés". Sua medida seguinte foi fingir que jamais

recebera a mensagem. Escondeu-a do seu Politburo, do Jovem Marechal e também de Chou En-lai, que estava a caminho de Xian para persuadir o Jovem Marechal a matar Chiang.[b] Mao continuou a manobrar para que Chiang fosse assassinado.

Tratava-se de uma tática de alto risco em relação a Moscou. Mao não estava simplesmente escondendo do Kremlin que ele havia estimulado o golpe do sequestro, mas estava suprimindo — e desafiando — uma ordem direta de Stálin. Mas, para Mao, as vantagens abertas com a eliminação de Chiang superavam os riscos.

O Generalíssimo, porém, não estava perto de desaparecer do mapa. Depois que soube que não tinha o apoio de Moscou, o que aconteceu logo após o sequestro, o Jovem Marechal decidiu manter Chiang em segurança. Mao revelara-se um inútil. Apesar de toda a sua postura nas comunicações privadas, o PCC manteve silêncio público durante três longos dias após o sequestro, sem expressar apoio ao Jovem Marechal. Sua primeira declaração oficial só surgiu no dia 15. Não fazia menção a apoiá-lo na sua pretensão de governar a China, como Mao oferecera especificamente antes. Em vez disso, reconhecia a autoridade de Nanquim.

A única opção do Jovem Marechal era ficar ao lado de Chiang, o que significava que deveria libertá-lo. Além disso, ele percebeu que sua única maneira de sobreviver era deixar Xian com Chiang e colocar-se nas mãos dele. Havia muita gente em Nanquim que o queria morto e certamente mandariam assassinos atrás dele. Só poderia ficar seguro sob custódia de Chiang. E, ao escoltar Chiang para fora do cativeiro, ele poderia também ter esperança de conquistar a boa vontade do Generalíssimo. Sua aposta de que Chiang não o mataria revelou-se correta. Depois de sofrer prisão domiciliar sob o governo de Chiang e de seus sucessores durante meio século, quando esteve ao mesmo tempo detido e protegido, ele foi libertado e morreu em seu leito, no Havaí, aos cem anos, em 2001, tendo sobrevivido a Chiang e Mao por mais de um quarto de século.

Em 14 de dezembro, dia em que Moscou condenou publicamente o golpe, o Jovem Marechal foi ver Chiang e ficou diante dele em silêncio, chorando. Chiang registrou que seu captor mostrou "considerável remorso". Mais tarde, no mesmo dia, o Jovem Marechal disse a Chiang que percebia que o sequestro era "uma ação tola e mal pensada" e queria libertá-lo, em segredo.

Chiang cooperou ativamente, assegurando que Nanquim não atrapalharia. Quando Nanquim declarou guerra ao Jovem Marechal, no dia 16, Chiang mandou uma mensagem ordenando que segurassem o fogo. Nanquim suspendeu as operações militares e mandou o cunhado de Chiang, T. V. Soong (conhecido como T. V.), como "cidadão particular" para negociar um acordo, pois o próprio Chiang não poderia negociar com seus captores. T. V. chegou em Xian no dia 20, seguido dois dias depois por madame Chiang.

No dia 20, Moscou transmitiu o telegrama ao PCC que Mao escondera, ordenando uma "solução pacífica". Dessa vez, Mao teve de encaminhar o telegrama a Chou En-lai, com instruções para ajudar a "restaurar a liberdade de Chiang Kai-shek".

Desse modo, Mao alinhou seus objetivos de novo com os de Stálin. O PCC reivindicou que Chiang prometesse "parar com a política de exterminar comunistas". Insistiu também que ele se encontrasse com Chou, que estava em Xian. Uma conversa de ambos conferiria ao PCC o status de ator importante na política nacional, uma atitude cujo equivalente moderno seria um dos líderes de um notório grupo terrorista ser recebido pelo presidente dos Estados Unidos.

Numa conversa do dia 23 entre T. V. Soong, o Jovem Marechal e Chou, T. V. disse que concordava pessoalmente com o que Chou estava pedindo e transmitiria o pedido do PCC ao Generalíssimo. Mas Chiang recusou-se a falar com Chou diretamente, mesmo quando lhe disseram que só seria solto se o fizesse. As conversações entraram num impasse.

Moscou sabia o que levaria o Generalíssimo a conversar com Chou. O mais recente sinal de Chiang para Moscou acontecera logo antes do sequestro, em novembro, quando o Exército Vermelho chinês estava sem alternativas depois de não conseguir os suprimentos de armas russas. Naquela ocasião, o embaixador de Chiang em Moscou pedira o retorno do filho de Chiang e Moscou negara. Agora, os russos estavam prontos para responder. Em 24 de dezembro, o ex-líder do partido Po Ku chegou a Xian com uma notícia especial. Essa notícia pôs Chou no quarto de Chiang no dia de Natal. Chou disse a Chiang que seu filho Ching-kuo "retornaria". Foi somente depois de receber essa promessa de Stálin que Chiang concordou

com as demandas dos comunistas e convidou Chou "a ir a Nanquim para negociações diretas". A partir desse momento, o PCC deixou de ser oficialmente considerado um grupo de bandidos e foi tratado como um partido político.

O encontro entre Chiang e Chou em Xian foi curto, mas selou o acordo comunistas-pelo-filho que Chiang procurava havia anos. Isso marcou o fim da guerra civil entre o PCC e os nacionalistas.

Naquela tarde, os Chiang partiram de Xian. O mesmo fez o Jovem Marechal, que seguiu voluntariamente para a prisão domiciliar.[c] Chiang estava no auge de sua popularidade. Quando seu carro entrou em Nanquim, multidões espontâneas alinharam-se nas ruas para saudá-lo. Fogos de artifício explodiram durante toda a noite. As pessoas que viveram aqueles dias dizem que o prestígio de Chiang brilhava como o sol do meio-dia. Mas seu triunfo durou pouco e o acordo que recuperou seu filho voltou-se contra ele. Ele se enganava ao achar que poderia conter Mao e ser mais esperto que Stálin. Mao era incontrolável e o pequeno PCC acabara de ser promovido a importante "partido de oposição".

a A raiva do Jovem Marechal contra Moscou e o PCC faiscou rapidamente durante nossa entrevista com ele, 56 anos depois. Quando lhe perguntamos se os comunistas chineses lhe haviam falado sobre a verdadeira atitude dos soviéticos em relação a ele antes do golpe, ele retrucou com súbita hostilidade: "Claro que não. Vocês fazem uma pergunta muito estranha".

b Mais tarde, Mao tentou alegar que o radiograma do Comintern de 16 de dezembro "estava truncado e não pôde ser decodificado", e que o PCC pediu a Moscou, no dia 18, que o retransmitisse. Isso é um engodo. Operadores de rádio que estavam no centro das operações do PCC nos contaram que o procedimento-padrão era que, se um radiograma estivesse ilegível, eles pediam imediatamente que Moscou o transmitisse de novo e decerto não esperariam dois dias — muito menos num momento de crise. Mao disse ao seu Politburo no dia 19: "As instruções do Comintern não chegaram".

c Desde então, ele se tornou uma das maiores lendas da história chinesa, tema de incontáveis livros e artigos e tanto admirado como denunciado. Mas mesmo seus adversários dificilmente mencionam suas maquinações com os russos, ou que elas foram resultado de ambição pessoal. Até o fim de sua longa vida ele sustentou que o sequestro foi inspirado por "motivos puros". Para nós, em 1993, ele contou: "Madame Chiang compreendeu-me bem [...] ela disse que eu não queria dinheiro, não queria território, queria apenas sacrifício [*sic*]".

18. Nova imagem, vida nova e esposa nova (1937-38; 43-44 anos)

Em janeiro de 1937, assim que a poeira do sequestro assentou, Moscou informou a Mao como via exatamente o estágio seguinte. O PCC deveria abandonar sua política de tentar derrubar o governo pela violência e parar de confiscar terras e roubar os ricos; em vez disso, deveria reconhecer Nanquim como o governo legítimo e colocar o território comunista e o Exército Vermelho sob a direção de Chiang. Mao aceitou a mudança como uma medida puramente tática e o PCC assumiu um compromisso público com Nanquim que encarnava as mudanças desejadas por Moscou. Isso abriu uma nova fase para o partido.

Em troca, Chiang designaria um território para o Exército Vermelho e financiaria a administração e o Exército comunistas. É claro que Mao fez o possível para obter a maior fatia possível de território e a maior quantidade de fundos. No fim, os vermelhos ganharam 129 600 quilômetros quadrados de terreno, com uma população de cerca de 2 milhões de habitantes, tendo Yenan como capital. Esse acordo trouxe um substancial financiamento do governo. Chiang também armou e pagou mais de 46 mil soldados regulares do Exército Vermelho (o número que ele reconheceu oficialmente).

A fim de ajudar Mao a obter esses ganhos, Stálin reteve o filho de Chiang. Só depois de ficar satisfeito com as concessões de Chiang foi que libertou Ching-kuo. Em 3 de março, o Politburo soviético decretou, em seu linguajar enviesado peculiar, "não se opor ao retorno à China do filho de Chiang Kai-shek". Ching-kuo voltou ao seu país em 19 de abril, reunindo-se com o pai depois de mais de onze anos como refém.[a]

Durante a viagem de trem de uma semana através da Sibéria, Ching-kuo esteve sob custódia do futuro chefe da inteligência do PCC, Kang Sheng.

Havia poucas semanas que ele levara os filhos de Mao de Paris para Moscou. An-ying e An-ching, de catorze e doze anos respectivamente, haviam esperado o visto russo em Paris durante meses. Os soviéticos não queriam admitir o enviado do Jovem Marechal, que os acompanhava, mas também não desejavam dar uma negativa direta, de modo que seguraram os vistos de todo o grupo. Depois de terminado o sequestro de Xian, disseram ao enviado que ele não obteria o visto. Os filhos de Mao chegaram em Moscou no início de 1937 e foram internados numa escola especial para filhos de líderes comunistas estrangeiros. Eles escreviam ao pai, mandando fotos. Ele raramente respondia.

Enquanto a atitude de Mao para com os filhos era de indiferença, a de Chiang Kai-shek chegava à obsessão. Em fevereiro de 1937, quando Stálin ainda detinha Ching-kuo e ele esperava com impaciência seu retorno, o Generalíssimo fez outro favor ao PCC que teve amplas repercussões: designou o espião Shao Li-tzu (que levara seu filho para a Rússia em 1925) para a chefia do Departamento de Propaganda nacionalista, encarregado dos meios de comunicação. A missão de Shao era provocar uma mudança de atitude na imprensa e na opinião pública, ambas ferozmente anticomunistas. Foi um enorme gesto de boa vontade para com Moscou.

A partir de então, a Rússia soviética recebeu ampla e entusiástica cobertura. Começou a emergir uma imagem benigna e positiva dos comunistas chineses. No verão, Shao e Mao já haviam planejado publicar uma autobiografia deste, retratando-o como um homem bom e gentil, acompanhada de um apêndice com seus pronunciamentos sobre a guerra com o Japão que mostrava seu compromisso com a luta contra os japoneses. Mao escreveu uma dedicatória no tom de um ardente patriota: "Lutar firmemente contra os imperialistas japoneses até o fim". O livro saiu em 1º de novembro e foi um sucesso. Foi nesse período que nasceu o mito, vital para o êxito de Mao, de que o PCC era a mais dedicada força antijaponesa. Graças a esse mito, milhares de pessoas entraram para o partido, inclusive muitos daqueles que teriam postos importantes no regime de Mao.

A *Autobiografia de Mao Tse-tung* consistia, em larga medida, de entrevistas que ele dera ao jornalista americano Edgar Snow no verão de 1936 — o

único relato extenso que Mao fez de sua vida. Snow também produziu o livro *Estrela vermelha sobre a China*, baseado quase totalmente em entrevistas com Mao e outros comunistas, e lançou os alicerces para a reabilitação dos comunistas, apagando seu passado embebido em sangue.

O encontro com Snow não aconteceu por acaso. Naquela primavera, Mao pedira a Xangai que encontrasse um jornalista estrangeiro que pudesse divulgar sua história, mais um médico. Depois de cuidadoso exame, Mao convidou Snow, que combinava todas as qualidades necessárias: era americano, escrevia para os influentes *Saturday Evening Post* e *New York Herald-Tribune* e era simpático aos comunistas. Snow chegou na área vermelha em julho, com um médico libanês-americano, George Hatem, que trouxe documentos altamente secretos do Comintern em sua maleta de médico. Snow ficou três meses, enquanto Hatem permaneceu pelo resto da vida, tornando-se um dos médicos de Mao ao mesmo tempo que trabalhava para o aparato de informação estrangeira do PCC.

Mao não deu chance ao acaso e ditou instruções detalhadas sobre a visita de Snow: "Segurança, segredo, cordialidade e tapete vermelho". O Politburo coordenou cuidadosamente as respostas a um questionário que o jornalista mandara previamente. Mao ofereceu-lhe uma mistura de informações valiosas e falsificações, que Snow engoliu *in toto*, qualificando Mao e a liderança do PCC como "diretos, francos, simples e firmes". Mao escondeu anos de torturas e assassinatos, como os expurgos AB, e inventou batalhas e heroísmos, como a travessia da ponte de Dadu na jornada através da China, astutamente chamada agora de "Longa Marcha". Ele levou Snow a acreditar que, exceto quando estava doente, havia "caminhado a maior parte das 6 mil milhas da Longa Marcha, como os soldados rasos". Mao também omitiu completamente suas ligações com Moscou e sustentou querer amizade com os Estados Unidos — afirmação que enganou muita gente.

Mao tomou a precaução extra de conferir tudo o que Snow escreveu depois, e emendou e reescreveu certas partes. Em 26 de julho de 1937 (antes da publicação de *Estrela vermelha*), Snow escreveu a sua esposa Helen, que se encontrava então em Yenan: "Não me mande mais notas sobre pessoas que renegam as histórias que me contaram [...] Como está, com tantas coisas cortadas, isso começa a parecer o *Childe Harold*". Snow deixou de mencionar isso no livro e, ao contrário, alegou que Mao "jamais me impôs qualquer

censura". A edição chinesa chegou a "enfeitar" Snow, fazendo-o dizer que achava as palavras de Mao "honestas e verdadeiras".

Estrela vermelha foi publicado em inglês no inverno de 1937-38 e desempenhou um grande papel em fazer a opinião ocidental pender a favor de Mao. O PCC organizou sua publicação em chinês, sob o título *Histórias de uma jornada ao oeste*, para dar-lhe uma aparência de imparcialidade. Além desse livro e da *Autobiografia de Mao Tse-tung*, um terceiro livro foi produzido a partir do material de Snow, com outro título neutro: *Impressões de Mao Tse-tung*.

Estrela vermelha e os dois livros de trechos editados influenciaram profundamente a juventude radical da China. Muitos, como um dos primeiros comunistas tibetanos, entraram para o partido depois de ler Snow. Foi o começo do renascimento do PCC. Mao diria mais tarde que sua publicação "teve um mérito não menor do que o Grande Yu de controlar enchentes". O Grande Yu era o imperador mítico que controlara as enchentes, iniciando assim a civilização chinesa.

Na chefia das comunicações de Chiang Kai-shek, Shao desempenhou um papel indispensável no auxílio a Snow e na promoção de Mao e dos comunistas. Quando Chiang o tirou do posto, depois de quase um ano, Mao e os comunistas haviam saneado sua imagem.

Na década seguinte, Mao viveu em Yenan, capital dos territórios atribuídos por Chiang aos comunistas. Ele mudou-se para a cidade no dia de ano-novo de 1937, atravessando um imenso portão que se abriu majestosa e silenciosamente para as colunas de soldados do Exército Vermelho, que marchavam ao longo da estrada de terra larga que se estendia de ocre-amarelo até o infinito. Essa cidade antiga (cujo nome significa "prolongar a paz") era cercada por muralhas altas e grossas que subiam pela cadeia de morros de loess bem acima dela, com ameias que exsudavam a imponência de guerreiros. Sob o céu azul e o ar seco, um pagode de nove andares construído mil anos antes dominava a paisagem. Abaixo do pagode havia um conjunto de templos e muitos pareciam se agarrar aos penhascos. Mais abaixo, o rio Yan, bastante assoreado, recebia as águas do rio Tu Fu, nome de um grande poeta do século VIII que, segundo consta, costumava visitar a

região para admirar suas famosas peônias.

Yenan não era apenas um centro cultural, mas também um eixo de atividades comerciais. Descobrira-se petróleo na região. Os alojamentos construídos pela Standard Oil foram tomados pelos comunistas, que também se apropriaram de construções substanciais de propriedade dos franciscanos espanhóis, inclusive uma catedral recém-construída, onde se realizariam muitas reuniões importantes do partido. O problema de moradia foi facilitado pelo fato de que muitos moradores haviam fugido, em particular os relativamente ricos, deixando vazias centenas de casas, algumas grandes e belas. Mao ocupou uma dessas mansões, em um lugar chamado Aldeia Fênix. O pátio era grandioso pelos padrões locais, com uma parede decorada logo na entrada, de frente para o portão, para afastar os maus espíritos — e proteger a privacidade. Pela primeira vez em mais de dois anos, ele se estabeleceu com algum conforto.

Um luxo considerável para a época e o lugar era a calefação, que Mao mandou instalar. O modo usual de aquecer uma casa no norte da China era esquentar por baixo a cama de tijolos, a *kang*, mas Mao preferia sua cama de madeira e, para aquecê-la, escolheu a forma mais luxuosa. Outro capricho era possuir várias residências. Quando se mudou depois para uma área chamada Morro Yang, manteve a casa na Aldeia Fênix e conservou ambas quando se estabeleceu no recinto da KGB chinesa, a pitoresca área conhecida como Jardim das Tâmaras. Além dessas residências publicamente conhecidas, Mao tinha abrigos secretos construídos em vales afastados, um deles atrás do Morro Yang e outro atrás do Jardim das Tâmaras. Na época, poucos sabiam da existência deles, e ainda hoje a maioria os ignora.

A residência mais pública era a do Morro Yang, também a menos grandiosa e mais próxima dos camponeses locais. Dez famílias viviam diante de uma ravina, na encosta de um morro densamente arborizado na época por olmeiros, ciprestes e choupos vermelhos. As casas eram *yao-dong*, peculiares dessa região do país, que pareciam cavernas cavadas nas encostas de loess. Mao tinha uma fileira de *yao-dong* em um pátio com um portão pequeno coberto por telhas. Uma família vizinha de camponeses lavava suas roupas. O cozinheiro fora trazido por Mao, por motivos de segurança — e também culinários. Ele também recusou a oferta de compartilhar a moenda dos camponeses para moer seus grãos: "O presidente Mao considerava as coisas

do ponto de vista da segurança", disseram-nos os moradores do local. Ele estava cercado por uma segurança muito rigorosa, uma parte visível, outra não.

Para Mao, Yenan propiciou o primeiro período relativamente estável e não violento em quase uma década. Com paz e uma vida boa — e a súbita disponibilidade de mulheres jovens, instruídas e atraentes que começavam a aparecer em Yenan graças à nova imagem benigna dos comunistas —, ele começou a praticar o adultério mais ou menos abertamente. Ele confidenciou a um colega de paqueras que não podia passar sem sexo "mais do que quarenta dias, no máximo".

Uma das primeiras mulheres a entrar em cena foi uma linda (e casada) atriz de 26 anos, Lily Wu, que chegou no início de 1937 e se tornou a estrela de Yenan. Suas roupas e maneiras elegantes viraram cabeças naquela região atrasada e seus cabelos compridos e esvoaçantes, em particular, eram o símbolo de sua desejabilidade. A maioria das mulheres comunistas usava uniformes grandalhões e havia raspado os cabelos para se livrar dos piolhos. Mao iniciou uma relação amorosa com ela.

Lily fez amizade com a escritora americana visitante Agnes Smedley, uma feminista radical sem papas na língua. Smedley trabalhara para o Comintern, mas era uma espécie de livre atiradora e Moscou dera ordens para "isolá-la". Mesmo assim, e embora achasse que Mao tinha uma "qualidade sinistra", ao mesmo tempo "feminina" e "fisicamente repulsiva", ele cultivou sua amizade e lhe deu uma longa entrevista, porque ela era americana. Mao mandou uma cópia da entrevista para Snow, pedindo que lhe desse "ampla publicidade".

Enquanto a aparência de Lily Lu provocava a luxúria de Mao, a muito menos bonita Smedley causava um vendaval ao organizar quadrilhas, acompanhadas por discos fonográficos. Os bailes foram um sucesso. De início, observou Smedley, "o orgulho impediu [Mao] de tentar dançar. Ele não tinha ritmo em seu ser". Apenas "caminhava no salão", observaram as mulheres que dançaram com ele. Mas Mao logo percebeu a vantagem das danças como forma de exercício — e como uma maneira de pegar mulheres. Organizaram-se bailes semanais, alguns ao ar livre, outros numa antiga igreja. Yenan ficou louca pelos bailes.

Ao lado de outras mulheres da Longa Marcha, Gui-yuan, a esposa de Mao,

recusou-se de início a participar. De acordo com Snow, "o abraço apertado dos corpos envolvidos parecia decididamente indecente para a velha guarda". O ciúme parece ter desempenhado um grande — ainda que inconfessado — papel. Também reprimido era o gosto secreto por esse prazer: mais tarde, Gui-yuan passou a adorar dançar e era boa nisso.

Ela não suportou as infidelidades de Mao. Uma noite de junho, Smedley escutou os gritos de Gui-yuan: "Porco, filho da puta, putanheiro! Como ousa entrar sorrateiramente aqui para dormir com a puta pequeno-burguesa?". Smedley foi à casa vizinha e encontrou Gui-yuan batendo em Mao com uma lanterna, enquanto o guarda-costas dele observava. Os protestos de Mao, de que estava apenas conversando com Lily, de nada adiantaram. Gui-yuan atacou Lily, arranhou o rosto dela e puxou seus cabelos, enquanto Mao ficava de lado.

Depois Gui-yuan voltou-se contra Smedley. "Vaca imperialista!", gritou. "Você é a causa disso tudo, cai fora!" Ela bateu em Smedley, que revidou. Gui-yuan caiu de joelhos e apelou a Mao: "Que tipo de homem é você, que tipo de marido e comunista? Você deixa uma puta imperialista me bater diante de seus olhos?". Quando Mao mandou o guarda-costas erguê-la, Gui-yuan deu uma rasteira nele e o derrubou; foram necessários três guarda-costas para levá-la embora, seguida pelo marido em silêncio.

Smedley logo foi mandada embora. Lily não apenas foi banida de Yenan como das fontes comunistas chinesas, e desapareceu do mapa para sempre.

Mao teve outros flertes, inclusive com a escritora Ding Ling. Embora masculinizada e corpulenta e não exatamente um modelo de beleza, tinha talento e caráter. Mao mandou-lhe um poema muito elogioso que continha estes versos: "*A que comparo sua pena elegante? Três mil Mausers e melhores homens*". Ela relembrou anos mais tarde como visitava Mao com frequência. Um dia, meio de brincadeira, ele comparou Yenan a uma pequena corte imperial e começou a escrever os nomes de seus colegas sob vários títulos imperiais, que ela gritava para ele. "Depois que terminamos, ele me disse de repente: 'Ding Ling, já escolhemos os Cem Cortesãos Civis e Militares. Agora que somos uma corte real, por menor que seja, precisamos ter concubinas imperiais em Três Palácios e Seis Pátios! Vamos, dê-me alguns nomes e eu concederei títulos a elas'."

Para Gui-yuan, as traições flagrantes de Mao foram a gota d'água. Ao longo de seu casamento de quase dez anos, ela tivera de suportar a

insensibilidade do marido. Ressentia-se especialmente com a indiferença dele para com suas gravidezes e partos dolorosos, inclusive uma durante a Longa Marcha, e com sua piada de que ela dava à luz filhos com a mesma facilidade "com que uma galinha põe ovos". E estava amargurada porque, embora ele fosse indiferente aos filhos e não se importasse com o fato de quatro deles terem morrido ou sido abandonados, continuava a engravidá-la. O quinto filho deles, uma menina chamada Chiao-chiao, nasceu em 1936 em Baoan, onde as condições eram horríveis, com escorpiões e ratos por toda parte. Um ano depois, Gui-yuan estava grávida de novo, o que a mergulhou na depressão. Partos repetidos em circunstâncias difíceis haviam abalado seriamente sua saúde, sem as compensações da vida em família. Agora, para completar, seu marido não escondia que andava dormindo com outras mulheres.

Depois que os comunistas se instalaram em Yenan, alguns mais antigos que haviam sido feridos conseguiram ir para a Rússia em busca de tratamento. Sob o pretexto de tirar os dolorosos estilhaços de granada que ainda estavam alojados em seu corpo, Gui-yuan foi para lá em outubro de 1937. Sua filha de um ano de idade ficou em Yenan.

Ela chegou a Moscou no auge do inverno e logo foi advertida por companheiros chineses de que não deveria entrar em contato com ninguém que houvesse conhecido antes. A União Soviética estava sendo varrida por um grande expurgo e muitos chineses estavam sendo presos. Foi nesse mundo congelado de isolamento e medo que ela deu à luz um menino, ao qual deu o nome russo de Lyova. Ele morreu de pneumonia seis meses depois e Gui-yuan mergulhou numa dor inconsolável. Durante dias, sentou-se em um banco do quintal, diante do pequeno monte onde ele estava enterrado, e murmurava seu nome, chorando.

Não houve nenhum consolo de seu marido. Quando o bebê nasceu, ela escreveu a Mao para dizer que o menino era parecido com ele. Mao não respondeu. Também não escreveu uma linha quando o filho morreu. Então, no verão de 1939, quase dois anos depois que se haviam separado, Gui-yuan ficou sabendo por acaso que ele casara novamente. Ela e um grupo de chineses que não falavam russo se encontravam regularmente para que artigos da imprensa russa fossem lidos em chinês para eles. Nessa ocasião, o tradutor estava lendo um artigo do famoso diretor de cinema russo Roman Karmen sobre um encontro com Mao. Karmen mencionava que, ao sair da

caverna deles, Mao e "sua esposa" o haviam acompanhado até a rua, sob a luz do luar. A expressão "esposa de Mao", mencionada de forma tão casual, revolveu-lhe o estômago. Nos dias seguintes, as pessoas que compartilhavam um quarto com Gui-yuan disseram que ela passava a noite inteira agitada. Já estava sofrendo de grave insônia e ficou à beira de um colapso nervoso. Sua situação piorou ainda mais quando recebeu uma carta curta e seca de Mao: espero que estude bastante e faça progressos politicamente. Em uma frase lapidar, ele anunciava a dissolução do casamento deles: a partir de agora, somos apenas camaradas.

Porque se casara de novo, Mao não queria Gui-yuan de volta à China. Em 1939, quando os amigos com quem viajara para a Rússia voltaram, um telegrama de Yenan ordenou especificamente que ela ficasse. Em consequência, a filha que ela deixara para trás passou seus primeiros anos praticamente como órfã. Chiao-chiao teve de ficar internada na creche da elite. Quando as outras crianças eram levadas para casa por seus pais no final do dia, ninguém vinha buscá-la. Mais tarde, ela relembraria que havia um menino que também ficava para trás e gritava: "Quero papai! Quero mamãe! Quero ir para casa!". Chiao-chiao não tinha ideia do que essas palavras significavam. Já adulta, ela disse a uma amiga, com calma, mas não sem certa amargura: "Naquela época eu era uma 'órfã' que não era exatamente uma órfã!".

Quando estava com quatro anos, Chiao-chiao foi levada para a Rússia a fim de se encontrar com a mãe. Gui-yuan abraçou apertado a filha quando se reuniram, numa cascata de lágrimas, o que deixou a menina extremamente feliz. Ela também ficou fascinada com os cabelos com permanente, as saias e os sapatos de couro com salto da mãe, tudo muito diferente das mulheres de Yenan, que usavam calças largas e sapatos de algodão, trajes que mesmo aquelas que vinham das cidades nacionalistas tinham de adotar. Mas Gui-yuan já estava esmagada pela saúde fraca, resultado das gravidezes frequentes, dos ferimentos da Longa Marcha e das lembranças dolorosas de seus filhos mortos e abandonados, bem como de anos de solidão opressiva. Talvez os horrores que sofrera na revolução também assombrassem sua mente. Ela teve um colapso e a filha teve de suportar as consequências; outras crianças ouviam com frequência Chiao-chiao gritar enquanto apanhava da mãe. Gui-yuan foi levada a uma instituição para doentes mentais, uivando ao ser arrastada de seu quarto para um carro. Sua

aterrorizada filha de sete anos fugiu e se escondeu num bosque, e se tornou uma menina introvertida e silenciosa.

No verão de 1937, antes da partida de Gui-yuan para a Rússia, Mao foi atraído por uma jovem atriz chamada Jiang Qing, que viria a ser sua quarta esposa. Jiang Qing era uma figura com estilo mesmo em uniforme comunista, com um cinto apertado ao redor da cintura esbelta e um boné do Exército licenciosamente inclinado que expunha ondas de cabelos negros e sedosos. Ela transpirava feminilidade e sexualidade. Tinha uma postura suave e dócil e uma voz muito doce — e, para alguns, afetada.

Nascida em 1914, Jiang Qing era filha de uma concubina com um dono de estalagem alcoólatra. Sua mãe deixou-a crescer voluntariosa e até permitiu que ela desamarrasse os pés, depois que os ossos haviam sido quebrados, quando estava com seis anos. Jiang Qing era valente e, nas frequentes brigas entre seus pais, ela ajudava a mãe se agarrando nas pernas do pai e mordendo-lhe os braços. Em uma dessas brigas, perdeu parte de um dente da frente. Seus amigos de bancos escolares lembravam que era valentona e que fora expulsa da escola aos doze anos por ter cuspido numa professora. Ela fugiu de casa aos catorze anos com uma trupe nômade de ópera e acabou em Xangai, onde fez nome como atriz. Mas era uma carreira precária e, no verão de 1937, sem trabalho e incapaz de suportar o filho de sete anos de seu amante, foi para Yenan, que também atraía seu lado radical chique.

Ela sabia como se fazer notar, sentando-se na primeira fileira das palestras de Mao e fazendo perguntas ingênuas. Um dia, Mao foi a uma ópera de Pequim — gênero que adorava — da qual ela era estrela. Depois, foi ao camarim e pôs seu casaco sobre os ombros dela. No dia seguinte, ela foi à casa de Mao para devolver o casaco e passou a noite com ele.

O casal começou a aparecer junto em público. Isso provocou um escândalo, por causa do passado de Jiang Qing. Já fora casada ou vivera com quatro homens e deixara um rastro nas colunas de fofocas de Xangai. Sua relação turbulenta com um dos maridos fornecera assunto aos tabloides, especialmente depois que ele tentou se suicidar tomando uma garrafa de álcool cirúrgico com cabeças de fósforos esmagadas dentro do líquido.

Se a cosmopolita Xangai achava difícil engoli-la, a puritana Yenan certamente sentiu náuseas. Além disso, havia uma tremenda simpatia pela

mulher cujo lugar ela estava tomando. Um dos ex-companheiros de Longa Marcha de Gui-yuan relembrou: "Os alunos de minha faculdade ficaram todos contrariados. Alguns escreveram a Mao abertamente, outros em segredo [...] Eu escrevi três cartas. Elas diziam mais ou menos o seguinte: Presidente Mao, esperamos que não se case com Jiang Qing. [Gui-yuan] está muito doente e vocês têm cinco ou seis filhos juntos [...] A reputação de Jiang Qing é bem ruim".

Para o partido, havia uma preocupação mais séria. Jiang Qing fora detida certa vez pelos nacionalistas por suspeita de ser comunista e saíra da prisão assinando uma retratação — ato que o partido considerava uma "traição". Além disso, havia alegações de que ela divertira seus carcereiros fazendo-lhes companhia à mesa — e na cama. Organizações clandestinas de Xangai e de outras regiões telegrafaram a Yenan com acusações formais de que ela era "imprópria para se casar com o presidente Mao". O chefe nominal do partido Lo Fu escreveu a Mao para apresentar suas objeções pessoais e as de muitos outros membros do PCC. Quando recebeu a carta, Mao rasgou-a na mesma hora e anunciou ao mensageiro: "Vou me casar amanhã. Que todo mundo vá cuidar de sua própria vida!". No dia seguinte, ofereceu um banquete de "casamento" a duas dúzias de membros da elite de Yenan, para o qual Lo Fu não foi convidado.

Mao conseguiu que o chefe da segurança Kang Sheng testemunhasse em favor de Jiang Qing. Enquanto trabalhava na Rússia, Kang escoltara os filhos de Mao até Moscou e o filho de Chiang Kai-shek em sua saída da União Soviética. Ele foi para Yenan em novembro de 1937 e ligou-se rapidamente a Mao, que o fez chefe de sua KGB. Naquele mundo ocre-amarelo, Kang se destacava porque com frequência se vestia todo de preto, da cabeça (boné preto) aos pés (botas pretas de cavalgar, incomuns na região). Seu cavalo era preto e ele era visto amiúde brincando com um cão preto, praticamente o único animal de estimação das redondezas. Embora Kang tivesse provas de que a conduta de Jiang Qing na prisão fora dúbia, deu a Mao um veredicto oficial que limpava a imagem dela ao dizer que "seu passado não é politicamente um problema". Na verdade, Mao sabia que as acusações eram verdadeiras, como reconheceu perto de sua morte. Mas não se importou. Ele a queria.

A sra. Mao número quatro se tornaria a famigerada madame Mao.

a Antes de deixar a Rússia, Ching-kuo foi “trabalhado” por Stálin em pessoa, bem como submetido a uma bateria de agrados e ameaças por Dimítrov. Ching-kuo dançou conforme a música e no meio da viagem telegrafou a Dimítrov para dizer que “todas as suas instruções serão seguidas”. Ao chegar a Vladivostok, foi levado ao escritório da KGB, onde desempenhou seu último ato formal de obediência a Moscou, prometendo: “Seguirei estritamente a disciplina do partido”.

19. Infiltrado comunista deflagra a guerra entre China e Japão (1937-38; 43-44 anos)

Em 7 de julho de 1937, uma luta entre tropas chinesas e japonesas irrompeu em um lugar próximo de Pequim chamado ponte Marco Polo. No final do mês, os japoneses já haviam ocupado as duas principais cidades do norte da China: Pequim e Tianjin. Chiang não queria declarar guerra. Não queria uma guerra total — não ainda. E tampouco os japoneses.

Àquela altura, o Japão não pretendia estender a luta para além do norte da China. Contudo, em questão de semanas, a guerra total irrompeu a mil quilômetros ao sul, em Xangai, lugar onde nem Chiang nem os japoneses desejavam ou planejavam travar uma guerra. O Japão tinha apenas 3 mil fuzileiros navais estacionados perto dessa cidade costeira, conforme o acordo de 1932. O plano de Tóquio até a metade de agosto era: "Exército somente para o norte da China". E acrescentava especificamente: "Não há necessidade de mandar o Exército para Xangai".

O bem informado correspondente do *The New York Times* H. Abend escreveu depois:

> Foi lugar-comum [...] declarar que os japoneses atacaram Xangai. Nada estava mais longe das intenções deles ou da verdade. Os japoneses não queriam e não esperavam hostilidades no vale do Yangtze. Eles [...] tinham uma força tão pequena lá, ainda no dia 13 de agosto [...] que foram quase empurrados para dentro do rio nos dias 18 e 19.

Abend percebeu que havia "planos inteligentes para perturbar o projeto japonês de confinar as hostilidades totalmente ao norte da China". Ele estava correto ao falar de "planos inteligentes", mas errou somente numa coisa: os planos não eram de Chiang (como pensou), mas quase com certeza de Stálin.

A rápida ocupação do norte da China pelo Japão em julho representava um perigo muito direto para Stálin. Os enormes exércitos de Tóquio estavam

agora em condição de voltar-se para o norte e atacar a Rússia em qualquer lugar de uma fronteira de milhares de quilômetros. No ano anterior, Stálin identificara publicamente o Japão como a principal ameaça. Em meados de 1937, acreditamos, ele ativou um velho agente comunista que estava no coração do Exército nacionalista e detonou uma guerra total em Xangai que atraiu os japoneses para o vasto interior da China — e para longe da Rússia.

O infiltrado "dormente" agora despertado era um general chamado Zhang Zhi-zong (doravante chamado de ZZZ), comandante da guarnição Xangai-Nanquim. Em 1925, ele fora professor em Whampoa, a academia militar fundada e dirigida pelos russos em Cantão. Desde o dia de sua fundação, Moscou fez um esforço decidido para plantar agentes de alto nível nas Forças Armadas nacionalistas. Em suas memórias, ZZZ reconheceu que: "No verão de 1925, eu simpatizava completamente com o Partido Comunista e [...] era chamado de 'professor vermelho', 'comandante de regimento vermelho' [...] eu queria entrar para o PCC e disse isso ao sr. Chou En-lai". Chou ordenou-lhe que ficasse com os nacionalistas e colaborasse "escondido" com o PCC. Em meados dos anos 1930, ZZZ manteve contato próximo com a embaixada soviética.

Na época do choque na ponte Marco Polo, ZZZ ocupava o posto central de chefe da guarnição de Xangai-Nanquim. Ele tentou convencer Chiang a lançar um "primeiro ataque" contra o Japão — não no norte da China, onde estava a luta, mas em Xangai, onde a pequena guarnição japonesa não se envolvera em nenhuma ação militar até então. Chiang não respondeu a essa proposta, embora ZZZ a tenha repetido muitas vezes. Xangai era o coração industrial e financeiro da China, uma metrópole internacional, e Chiang não queria transformá-la em campo de batalha. Além disso, estava muito próxima de sua capital, Nanquim. Ele até transferira tropas e artilharia para longe da área de Xangai, para não dar pretexto bélico ao Japão naquela área.

No final de julho, logo depois que os japoneses ocuparam Pequim e Tianjin, ZZZ telegrafou a Chiang de novo, argumentando com veemência a favor de "tomar a iniciativa" de começar uma guerra. Depois que ZZZ disse que só faria isso se os japoneses mostrassem sinais indiscutíveis de atacar Xangai, Chiang deu seu consentimento condicional, enfatizando: "Você deve esperar ordens quando isso acontecer".

Mas em 9 de agosto, no aeroporto de Xangai, uma unidade do Exército

chinês escolhida a dedo por ZZZ matou um tenente e um praça da Marinha japonesa. Um prisioneiro chinês condenado à morte foi então vestido com um uniforme militar e morto no portão do aeroporto, para parecer que os japoneses haviam atirado primeiro. O Japão deu todos os sinais de querer esfriar o incidente, mas mesmo assim ZZZ bombardeou Chiang com pedidos de lançar uma ofensiva, que o Generalíssimo vetou. Na manhã do dia 13, ele disse a ZZZ para não iniciar uma guerra "sob impulso", mas "estudar e discutir" todos os ângulos novamente e depois apresentar seu plano. ZZZ pressionou no dia seguinte: "Este exército está decidido a começar uma ofensiva contra o inimigo às cinco da tarde de hoje. Eis o plano [...]". No dia 14, aviões chineses bombardearam a nau capitânea japonesa *Izumo*, bem como tropas e aviões dos fuzileiros navais em terra, e ZZZ ordenou uma ofensiva geral. Mas Chiang o deteve: "Você não deve atacar nesta tarde. Espere por ordens".

Como nenhuma ordem chegou, ZZZ contornou Chiang ao mandar no dia seguinte uma nota à imprensa que dizia, falsamente, que belonaves japonesas haviam lançado bombas contra Xangai e que tropas japonesas haviam começado a atacar os chineses. O sentimento antijaponês andava exacerbado e Chiang foi posto contra a parede. No dia seguinte, 16 de agosto, ele deu finalmente a ordem: "Ataque geral para o amanhecer de amanhã".

Mas, depois de um dia de luta, Chiang ordenou uma parada, no dia 18. ZZZ simplesmente ignorou a ordem e expandiu suas ofensivas. A guerra total se tornou inevitável quando grandes reforços japoneses começaram a chegar em 22 de agosto.

Os japoneses infligiram baixas tremendas. Em Xangai, 73 das 180 divisões da China e mais de 400 mil homens entraram no conflito e foram praticamente destroçados. A luta consumiu quase toda a nascente Força Aérea da China (tão valorizada por Chiang que ele não mandara um único avião para a frente norte) e os principais navios de guerra. Ela enfraqueceu significativamente a força militar que Chiang se esforçara em montar desde o começo dos anos 1930. Os japoneses sofreram muito menos baixas, embora também pesadas: cerca de 40 mil homens.

Depois que Chiang foi forçado a entrar na guerra total, Stálin moveu-se com entusiasmo para apoiar sua capacidade de sustentar uma guerra. Assinou um tratado de não agressão com Nanquim em 21 de agosto e começou a

fornecer armas aos chineses. A China não tinha condições de fabricar armas, exceto rifles. Stálin emprestou 250 milhões de dólares a Chiang para a compra de armas da Rússia — cerca de mil aviões, tanques e artilharia — e enviou um considerável contingente da Força Aérea soviética.[a] Moscou mandou centenas de assessores militares, chefiados durante um tempo pelo general Vassíli Tchuikov, que falava chinês e depois ficaria famoso em Stalingrado. Nos quatro anos seguintes, a Rússia foi não apenas o maior fornecedor de armas para a China como virtualmente sua única fonte de armas pesadas, artilharia e aviões.

Moscou ficou feliz com o curso dos eventos, como o ministro do Exterior soviético Maksim Litvínov admitiu para o vice-premiê francês Léon Blum. De acordo com este, Litvínov lhe disse que "ele e a União Soviética estavam perfeitamente encantados com o fato de o Japão ter atacado a China [acrescentando] que a União Soviética esperava que a guerra entre os dois países continuasse por mais tempo possível". Ambos os russos que tratavam com ZZZ, o adido militar Lepin e o embaixador Bogomólov, foram imediatamente chamados de volta e executados.

ZZZ foi logo forçado a se demitir do posto, em setembro, por um irado, frustrado e, sem dúvida, suspeitoso Chiang. Mas o Generalíssimo o manteve no cargo. Quando os nacionalistas fugiram para Taiwan em 1949, ZZZ permaneceu com os comunistas, assim como o agente duplo Shao Li-tzu.

A irrupção da guerra total entre Japão e China trouxe benefícios imediatos a Mao. Chiang Kai-shek finalmente cedeu à principal reivindicação dos comunistas, que até então se recusara a examinar: que o Exército Vermelho pudesse manter sua autonomia. Desse modo, Mao manteve o controle de suas forças, ainda que supostamente fizessem parte das Forças Armadas do governo central. Embora Chiang fosse o comandante supremo do Exército chinês, não podia dar ordens ao Exército Vermelho e teve de expressar seus comandos em forma de "pedidos". Além disso, o PCC estava agora de fato legitimado. Prisioneiros comunistas foram libertados e o PCC pôde abrir escritórios em cidades importantes e publicar seus jornais nas áreas nacionalistas.

Não obstante, isso era apenas o começo dos ganhos que Mao teve com a guerra sino-japonesa, que durou oito anos e custou cerca de 20 milhões de vidas chinesas. Ela enfraqueceu muito o Estado de Chiang e permitiu que

Mao emergisse na posse de um exército gigantesco de 1,3 milhão de soldados. No começo da guerra, a proporção entre o exército de Chiang e o de Mao era de sessenta para um; no final, era de três para um.

Com a detonação da guerra total entre China e Japão, Stálin ordenou que o Exército Vermelho chinês se envolvesse ativamente, dizendo em termos claros que o PCC deveria cooperar com os nacionalistas e não fazer nada que desse o menor pretexto a Chiang para não combater o Japão.

Nessa época, o Exército Vermelho chinês tinha cerca de 60 mil soldados regulares. Desses, 46 mil estavam na região noroeste, com capital em Yenan. Eles receberam novo nome, "o 8º Exército de Marcha" (8EM), comandado por Zhu De, com Peng De-huai como subcomandante. Dez mil estavam no vale oriental do Yangtze, no coração da China. Eram guerrilheiros que haviam ficado para trás na Longa Marcha e que agora se tornavam o Novo 4º Exército (N4E). Xiang Ying, o chefe desse grupo (e velho inimigo de Mao, que argumentara vigorosamente contra a presença deste na Longa Marcha), tornou-se o comandante do N4E.

No final de agosto, as três divisões que compunham o 8EM começaram a cruzar o rio Amarelo na direção da frente de batalha, que ficava a várias centenas de quilômetros para leste, na província de Shanxi. Os comandantes do Exército Vermelho e seus soldados estavam muito entusiasmados para lutar contra os japoneses. A maioria dos líderes do PCC também.

Mas não Mao. Ele não considerava a guerra sino-japonesa um conflito em que todos os chineses lutariam juntos contra o Japão. Não se via de forma alguma no mesmo lado de Chiang. Anos mais tarde, diria ao seu círculo íntimo que considerara a guerra uma questão de três lados. "Chiang, o Japão e nós — Três Reinos", disse ele, evocando o período da história chinesa conhecido como o dos Três Reinos Combatentes. Para ele, a guerra era uma oportunidade de ver Chiang destruído pelos japoneses. Em anos posteriores, mais de uma vez agradeceu a eles por "darem uma grande ajuda". Depois da guerra, quando alguns visitantes japoneses lhe pediram desculpas por seu país ter invadido a China, ele respondeu: "Eu antes agradeceria aos senhores da guerra japoneses". Se eles não tivessem ocupado boa parte da China, "nós ainda estaríamos nas montanhas hoje". Falava a sério.

Mao não tinha estratégia para expulsar os japoneses da China sem Chiang. Nem podia sonhar que o PCC pudesse enfrentar o exército de ocupação japonês depois que Chiang fosse derrotado. Todas as suas esperanças dependiam de Stálin. Mao deixara seus cálculos claros numa entrevista a Edgar Snow em 1936, ao dizer que a Rússia soviética

> não pode ignorar os eventos no Extremo Oriente. Ela não pode permanecer passiva. Irá ela observar complacentemente o Japão conquistar toda a China e fazer dela uma base estratégica para atacar a União Soviética? Ou ajudará o povo chinês [...]? Achamos que a Rússia escolherá a segunda alternativa.

Portanto, o plano básico de Mao para a guerra sino-japonesa era preservar suas forças e expandir a esfera dos comunistas chineses, enquanto esperava pela ação de Stálin. Assim, quando os japoneses penetraram mais fundo no interior do norte da China, bem como na área de Xangai, Mao conseguiu a aprovação de Chiang para que o Exército Vermelho não entrasse em qualquer batalha e ficasse apenas como força auxiliar das tropas do governo. Ele não queria de forma alguma que o Exército Vermelho combatesse os invasores. Ordenou aos comandantes comunistas que esperassem que as tropas japonesas derrotassem os nacionalistas e depois, enquanto os japoneses avançavam, tomassem os territórios atrás das linhas deles. Os japoneses não poderiam guarnecer as vastas áreas da China que conquistassem — que acabaram sendo muito maiores do que o próprio Japão. Podiam apenas controlar as ferrovias e as grandes cidades, deixando as menores e o campo para quem quisesse ocupar. Mao ordenou também que seus homens capturassem os soldados nacionalistas derrotados, a fim de expandir as fileiras dos comunistas. Seu plano era seguir nas águas dos japoneses para expandir o território vermelho.

Ele bombardeou seus comandantes militares com telegramas do tipo: "Concentrem-se em criar áreas de base [...] Não em travar batalhas". E quando os japoneses estavam varrendo a província de Shanxi, ele ordenou: "Montem nosso território em toda a província de Shanxi". Anos mais tarde, disse que sua atitude fora: "Quanto mais terras o Japão tomar, melhor".

A posição de Mao encontrou resistência em seus próprios comandantes, que estavam ansiosos para lutar contra os japoneses. Em 25 de setembro, o Exército Vermelho teve seu primeiro embate com o inimigo, quando uma unidade comandada por Lin Biao emboscou a retaguarda de um comboio de

transporte japonês na passagem de Pingxingguan, no nordeste de Shanxi, perto da Grande Muralha. Embora tenha sido um choque menor — e contra uma unidade que não era de combate e que, segundo Lin, estava, em sua maioria, dormindo —, foi a primeira vez que os comunistas mataram japoneses (fora da Manchúria). Se as coisas tivessem corrido como Mao queria, essa luta não teria acontecido. De acordo com um relatório que Lin Biao escreveu em 1941 na Rússia (onde estava em tratamento para ferimentos a bala), Mao recusara-se várias vezes a autorizar a ação: "Quando começaram as batalhas entre o Exército japonês e o Exército nacionalista, eu pedi mais de uma vez ao CC [Comitê Central, ou seja, Mao] uma decisão para organizar um ataque poderoso contra os japoneses. Jamais recebi uma resposta e acabei travando uma batalha perto de Pingxingguan por minha própria iniciativa".

Mao ficou furioso com isso. Esse confronto, disse ele, estava "ajudando Chiang Kai-shek" e não fizera nada em prol de sua meta — que era estabelecer território vermelho. Mas, por motivos propagandísticos, Mao inflou para além de qualquer proporção o acontecido em Pingxingguan, num esforço para demonstrar que o PCC estava mais dedicado a combater os japoneses do que os nacionalistas. Uma razão para os comunistas continuarem citando esse evento era que, literalmente, se tratava da *única* batalha que haviam tido contra os japoneses em vários anos,[b] um confronto que matara uns duzentos japoneses, no máximo.

O Exército Vermelho teve outros pequenos sucessos, como ator menor em colaboração com tropas nacionalistas. Mas, durante todo o tempo, Mao o instava a parar de combater os japoneses e se concentrar em tomar territórios. Em meados de novembro, formou-se a primeira base comunista nova na retaguarda japonesa, perto de Pequim, chamada Jinchaji, com uma população de cerca de 12 milhões de habitantes, muitas vezes maior do que a da base de Yenan. Esse e outros imensos territórios comunistas "criaram as condições para nossa vitória" na conquista da China, disse Mao a um visitante japonês, anos mais tarde.

Stálin, porém, queria que os comunistas chineses lutassem contra o Japão e, para ter garantia disso, mandou seu mais fiel acólito chinês a Yenan, num

avião especial, em novembro de 1937. Tratava-se de Wang Ming, que havia anos era representante do PCC no Comintern. Pouco antes de sua partida, Stálin o chamou e definiu a linha de conduta: "A principal coisa *agora* é a guerra [isto é, combater o Japão] [...] quando isso acabar, encararemos a questão de como lutar uns contra os outros [isto é, os comunistas contra Chiang]".

A maioria dos líderes do PCC concordava com a linha de Stálin. Quando o Politburo se reuniu em dezembro, Wang Ming se tornou o principal defensor da política de "combater os japoneses primeiro". O Politburo decidiu que o Exército Vermelho deveria receber ordens do QG militar nacional, do qual Chiang era chefe e o PCC, membro. Mao era contra, mas, diante de uma ordem clara de Stálin, teve de aceitar.

Os colegas de Mao mostraram sua discordância tomando uma decisão que o tiraria de sua posição de líder. Moscou dissera ao PCC para fazer um congresso, que estava atrasado havia muito tempo (o último acontecera em 1928). A pessoa que o Politburo escolheu para fazer o relatório político no congresso, que pelo rígido protocolo comunista cabia ao líder do partido, não foi Mao, mas Wang Ming. Era a liderança do PCC dizendo que queria Wang Ming como futuro chefe.

Embora Mao fosse o líder *de facto* do partido e reconhecido como tal por Moscou, sua posição não estava formalizada, algo muito estranho para o mundo obcecado por rituais dos comunistas. O chefe do partido ainda era nominalmente Lo Fu. E Mao também não provocava o tipo de admiração inquestionável de que Stálin era alvo.

Mao também perdera o controle do grupo de comando central, o secretariado. Pela primeira vez desde o rompimento com os nacionalistas em 1927, todos os seus nove membros se reuniram em um lugar, e cinco deles não apoiavam Mao. O líder da maioria oposicionista era Wang Ming. Xiang Yiang, comandante do N4E, havia muito tempo criticava abertamente Mao. Chang Kuo-tao, o homem que Mao tanto sabotara na Longa Marcha, odiava-o. Chou En-lai e Po Ku apoiavam Wang Ming; Chou era a favor de lutar ativamente contra o Japão. Mao ficou em minoria.[c]

Wang Ming tinha a autoridade de Moscou e as credenciais de ter sido o representante do partido lá, de ter se encontrado com Stálin e de ser íntimo dos líderes comunistas internacionais. Fluente em russo e conhecedor dos

meandros do Kremlin, era também ambicioso e implacável. Durante o grande expurgo na Rússia, mandara muitos comunistas chineses para a prisão ou a morte. Embora tivesse cara de bebê, fosse baixo e gorducho, esse homem de 33 anos superconfiante representava uma forte ameaça a Mao.

Mais tarde, Mao se referiria amiúde com grande rancor àquele dezembro de 1937 em que Wang Ming triunfou. Isso contrasta totalmente com o fato de ele jamais ter mencionado em sua longa vida outro evento que aconteceu exatamente na mesma época — um enorme massacre em Nanquim, no qual estima-se que 300 mil civis e prisioneiros de guerra chineses foram mortos pelos japoneses. Mao nunca comentou, então ou depois, esse massacre, a maior tragédia humana da guerra sino-japonesa para seus compatriotas.

Depois que Nanquim caiu, em 13 de dezembro, Chiang Kai-shek estabeleceu sua capital temporária mais para o interior, em Wuhan, junto ao Yangtze. Em 18 de dezembro, Wang Ming foi até lá, acompanhado por Chou e Po Ku. Eles estabeleceram uma boa relação de trabalho com Chiang. Os comandantes do Exército Vermelho iriam até lá também, para firmar conexões com os nacionalistas. Mao ficou marginalizado em Yenan. Ele se referiu com ressentimento a sua posição periférica como "cuidar da casa", embora essa queixa mascarasse uma realidade crítica: ele usou esse tempo e o fato de que os outros estavam profundamente envolvidos na guerra para transformar Yenan em seu feudo.

A partir de Yenan, Mao travou uma luta incansável para evitar que o Exército Vermelho implementasse os planos feitos pelo QG nacional chefiado por Chiang. Quando Zhu De telegrafou, em 19 de fevereiro de 1938, para dizer que o QG do 8EM estava se mudando para leste, de acordo com o plano geral, Mao tentou fazer o Exército voltar, dizendo que os japoneses estavam prestes a atacar Yenan. Na verdade, o Japão jamais tentou atacar Yenan, afora alguns bombardeios ocasionais.

Zhu não concordou em voltar, dizendo ser provável que Mao estivesse caindo em um ardil cujo propósito era justamente afastar o 8EM do front. Mao persistiu, inundando Zhu com telegramas em que ordenava que ele e Peng voltassem a Yenan: "Em particular, vocês dois devem retornar". Zhu e Peng responderam com um "não" definitivo em 7 de março e continuaram para o leste com suas tropas.

Para impedir Mao de emitir ordens que contradissessem a estratégia

acordada, o Politburo reuniu-se de novo no final de fevereiro. Wang Ming pedira a reunião com esse objetivo — e para resolver outro assunto urgente. Em janeiro, sob a égide de Mao e sem o consentimento de Chiang Kai-shek, o novo território vermelho de Jinchaji fora proclamado publicamente uma base comunista. Isso desencadeou uma onda de anticomunismo no país, com muitos se perguntando: "Para que estamos combatendo os japoneses? Depois que o Japão for derrotado, tudo o que teremos será uma tomada do poder pelos comunistas!". Wang Ming e seu grupo em Wuhan estavam muito descontentes com esse ato de Mao.

Uma vez mais, a maioria do Politburo ficou ao lado de Wang Ming (e confirmou que ele faria o relatório político no congresso seguinte do partido). O resumo da reunião, escrito por Wang Ming, dizia que o Exército Vermelho devia se submeter ao "comandante supremo", isto é, Chiang Kai-shek, com "comando completamente unificado [...] disciplina unificada, planos de guerra unificados e operações unificadas". Qualquer nova base comunista "deve obter o consentimento e a autorização prévia do governo nacionalista". Wang Ming disse também, de forma ameaçadora para Mao, que "hoje, somente os fascistas japoneses [...] e seus lacaios [...] e os trotskistas estão tentando derrubar os nacionalistas".

Eram as palavras de ordem de Moscou e a acusação era potencialmente mortal. Então, Mao fingiu que aceitava a política do "lutar contra o Japão primeiro". Disse aos comandantes comunistas que podiam aceitar ordens do QG nacional e prometeu não "interferir" no futuro.

Mao estava tão nervoso que tomara medidas para evitar que Moscou soubesse de sua verdadeira posição. Na reunião do Politburo do fim de dezembro de 1937, mandou confiscar as anotações de todos os participantes sob o pretexto de "preservação", para que ninguém pudesse citá-lo, caso decidissem denunciá-lo. Quando um novo enviado foi mandado a Moscou, maquinou para que um aliado seu, Ren Bi-shi, fosse o indicado. Ren disse aos russos que a política de Mao não era diferente da de Moscou.

Nos últimos dias de janeiro de 1938, um emissário do estado-maior soviético, V. V. Andriánov, visitou secretamente Yenan; foi o russo de mais alto posto a visitar a China. Ele trouxe a enorme quantia de 3 milhões de dólares (equivalentes a cerca de 50 milhões hoje) com o objetivo específico de aumentar o Exército Vermelho para combater os japoneses. Stálin dissera

que queria que o Exército Vermelho chinês tivesse "não três, mas trinta divisões". Moscou estava disposta a financiar essa imensa expansão, a fim de combater o Japão.[d]

Andriánov perguntou a Mao quais eram seus planos para a guerra. Mao fez-lhe um relato detalhado, mas falso; disse que pretendia concentrar grandes contingentes para atacar os japoneses por meio da "guerra móvel" e sustentou que os nacionalistas estavam tratando com desdém seus esforços para cooperar com eles. Chegou mesmo a tentar demonstrar seu entusiasmo sugerindo que os japoneses — que retratou como ineficazes e sofrendo de moral baixo — eram um inimigo mais fácil de combater do que os nacionalistas.

Aquele era um momento muitíssimo precário para Mao. Ele não poderia ter deixado de registrar que Moscou havia claramente diminuído o elogio público a ele no ano anterior e criticado o PCC num texto fundamental sobre o aniversário da revolução bolchevique. Sua cumplicidade no sequestro de Chiang faria com que Stálin desconfiasse dele. Com efeito, o líder soviético vinha alimentando suspeitas de que Mao poderia ser um "agente japonês". Funcionários do Comintern que tiveram relações com Mao foram presos e interrogados sob tortura. Ossip Piatnitski, chefe da inteligência do Comintern, foi um deles,[e] e, em abril de 1938, ele denunciou Mao como um conspirador num suposto "grupo de Bukhárin", o ex-dirigente do Comintern acusado de espionar para o Japão.

O dossiê sobre Mao incluía uma denúncia de ser "o líder do trotskismo nas profundezas mais íntimas do PCC" — uma acusação duplamente ameaçadora, pois os trotskistas chineses eram tidos como espiões japoneses. Boris Miélnikov, importante ex-agente de Moscou na China, foi acusado de ter recrutado Mao e depois ter passado para o lado dos japoneses, junto com outros altos líderes do PCC. Stálin mandou chamar Miélnikov ao Kremlin para um interrogatório cara a cara e sua execução foi retardada durante oito meses, enquanto ele era torturado para dar informações sobre o PCC. Foi durante esse período que muitos ex-agentes soviéticos na China foram executados sob a acusação de serem espiões japoneses. O destino de Mao estava na balança.

a De dezembro de 1937 ao final de 1939, mais de 2 mil pilotos russos fizeram missões de combate, destruindo cerca de mil aviões japoneses e até bombardeando Taiwan, que estava ocupada pelo Japão.

b Confirmado pelo próprio Lin Biao em seu relatório aos russos de fevereiro de 1941. O PCC "até hoje explora essa batalha por motivos de agitação [propaganda]. Em todos os nossos documentos, essa é a única batalha importante citada".

c Os outros três membros do secretariado eram Lo Fu, Chen Yun e Kang Sheng.

d Quando ainda estava em Moscou, Wang Ming informou ao Comintern que Mao "me telegrafou várias vezes dizendo que eles precisam muito de dinheiro [e] pediu que continuem a mandar dinheiro todos os meses".

e Piatnitski foi preso em 7 de julho de 1937, dia em que ocorreu o incidente da ponte Marco Polo, levando o Japão a atacar o norte da China e ameaçar a Rússia. Seu primeiro interrogatório registrado data de 11 de novembro de 1937, mesmo dia em que Stálin se encontrou com Wang Ming, antes que este partisse para Yenan a fim de pressionar o PCC e Mao a lutar contra o Japão. Eram indicações claras de que a prisão de Piatnitski tinha a ver com a guerra contra o Japão, o PCC — e Mao.

20. Combater os rivais e Chiang — não o Japão (1937-40; 43-46 anos)

Uma pessoa que procurou explorar a vulnerabilidade de Mao foi Chang Kuo-tao. Ele se encontrara com Mao em junho de 1935, durante a Longa Marcha, com um exército de 80 mil homens, em contraste com os 10 mil devastados de Mao. Naquela ocasião, também tinha sólidas credenciais para ser líder do PCC. Porém, nos meses seguintes, Mao sabotara metodicamente seu exército e monopolizara a rota para o norte para fazer a conexão com os russos, deixando-o definhar na fronteira tibetana. Quando Kuo-tao chegou ao QG do partido no norte de Shaanxi, em outubro de 1936, seu exército se reduzira à metade e ele se tornara um parceiro menor. Mesmo assim, Mao estava inclinado a enfraquecê-lo mais, porque seu exército ainda tinha o dobro do tamanho do de Mao e ele continuava sendo um rival em potencial.

Naquele mês de outubro de 1936, quando mandou o Exército Vermelho tentar abrir o caminho até o suprimento de armas russas, perto da fronteira da Mongólia Exterior, Mao designou as unidades endurecidas pelo combate de Kuo-tao para romper as linhas nacionalistas que bloqueavam o caminho. Quando essa operação fracassou, 21 800 soldados de Kuo-tao — metade de sua força remanescente — ficaram isolados do outro lado do rio Amarelo. Moscou então lançou a ideia de que o PCC poderia recolher armas em Xinjiang, outra região controlada pelos soviéticos. A missão era irrealizável, uma vez que compreendia a travessia de mais de 1500 quilômetros através de um deserto desabitado e territórios sob controle de um exército muçulmano ferozmente anticomunista. Mas Mao aceitou sofregamente a ideia e designou a força encalhada de Kuo-tao para essa missão condenada, sob o nome de Contingente Ocidental.

Mao conseguiu tornar a jornada ainda mais inútil ao emitir um rosário de ordens contraditórias que levaram o contingente de um local infernal para

outro, lançando-o em batalhas frontais contínuas. Seu comandante registrou amargamente que as tarefas atribuídas a ele por Yenan eram "evasivas e cambiáveis". No início de fevereiro de 1937, quando o contingente telegrafou do meio do deserto para dizer que não poderia manter a posição por muito mais tempo nem avançar, e pediu permissão para ir para Yenan, Mao ordenou que ficassem onde estavam e lutassem "até a última pessoa e a última gota de sangue".

Em meados de março, o contingente, outrora a espinha dorsal do exército de Kuo-tao, estava praticamente liquidado. Os que foram capturados tiveram morte horrível. Depois de uma batalha culminante no oeste de Gansu, mais de mil foram enterrados vivos. Fotografias de partir o coração foram tiradas de um grande grupo de prisioneiros confiantes antes de serem massacrados. As 2 mil mulheres foram estupradas, algumas torturadas e mortas, outras vendidas em mercados de escravos. Dos 21 800 homens e mulheres da força original, somente cerca de quatrocentos conseguiram chegar a Xinjiang no final de abril, mais mortos do que vivos.

A exterminação dessa força permitiu que Mao fechasse a tampa do caixão de Kuo-tao, transformado por ele no bode expiatório do desastre; segundo Mao, o contingente vinha seguindo "a linha de Chang Kuo-tao". Mas Moscou se recusou a apoiar a tentativa de Mao de expulsar Kuo-tao do Politburo. Ainda assim, ele foi denunciado diante de seus oficiais.

Mao não acabou apenas com as perspectivas políticas de Kuo-tao, mas também com a vida dos poucos remanescentes do Contingente Ocidental que conseguiram chegar a Yenan. Um funcionário local descreveu o que aconteceu:

> Quando eles foram perseguidos até nossa [área], primeiro lhes oferecemos uma festa de recepção e tomamos suas armas. Depois dissemos a eles: "Camaradas, vocês passaram por muita coisa e estão sendo transferidos para a retaguarda a fim de descansar". Então nós os levamos em grupos para os vales e enterramos todos aqueles netos de tartarugas [isto é, filhos da puta] vivos.
>
> Foi muito divertido enterrá-los. De início, dissemos com sorrisos: "Camaradas, cavem bem, queremos enterrar soldados nacionalistas vivos". Eles realmente trabalharam duro, uma pá depois da outra. Limpando o suor do rosto. [...] Depois que terminaram, os empurramos e chutamos para dentro. No começo, acharam que estávamos brincando. Mas, quando começamos a jogar terra no buraco, começaram a gritar: "Camaradas, não somos soldados nacionalistas". Nós praguejamos: "Filhos da puta. Não nos importa se são soldados nacionalistas ou não. Queremos que morram e vocês vão morrer".

A essa altura, o fanfarrão foi contestado: "Recuso-me totalmente a acreditar que isso é ordem do partido".

Mas o sujeito continuou: "O quê? Foi nosso comandante de regimento que nos mandou fazer isso. E ele disse que foi ordem do camarada Gao Gang [o líder comunista local] que, é claro, estava cumprindo ordens do presidente Mao. Nós só reconhecemos a autoridade do presidente Mao. O que ele nos pedir para fazer, nós faremos".

O próprio Kuo-tao foi submetido a múltiplos "tormentos [...] arquitetados por Mao", escreveu ele mais tarde. Foi despejado de sua casa pelo secretário de Mao para que o presidente pudesse tomá-la, e seu ordenança foi preso. Mao atormentou até o jovem filho de Kuo-tao, que ganhou o papel do trotskista Chang Mu-tao numa encenação escolar. Kuo-tao contou que chegou à escola e viu "um grupo de pessoas ridicularizando meu filho. Mao Tse-tung também estava lá, se divertindo. Ele gargalhou com malícia: 'É perfeitamente adequado que o filho de Chang Kuo-tao faça o papel de Chang Mu-tao'. [...] Rasguei a máscara que meu filho estava usando e o tirei de cena. Gritei com raiva enquanto saíamos: 'Bárbaros! [...] Piores do que bestas!'".

Na primavera de 1938, Kuo-tao já estava no limite de sua paciência, justamente no momento em que a posição de Mao estava fraca, pois este não concordava com as ordens de Moscou de lutar contra o Japão. Kuo-tao vislumbrou uma chance de se unir a Wang Ming, que representava o ponto de vista de Moscou. Na ocasião, Wang Ming estava em Wuhan, capital temporária de Chiang Kai-shek, com Chou En-lai e Po Ku. Em 4 de abril, na qualidade de presidente da região comunista, Kuo-tao saiu de Yenan para uma cerimônia conjunta de nacionalistas e comunistas no túmulo do mítico Imperador Amarelo, fora da área da base. Depois da cerimônia, ele foi a Xian e dali para Wuhan a fim de se encontrar com Wang Ming e seus colegas.

Essa foi uma das raríssimas oportunidades de encontro da maioria da liderança do PCC, todos em desacordo com Mao, fora de Yenan e das garras dele (Xiang Ying, seu mais acerbo crítico e comandante do N4E, estava perto de Wuhan). O conteúdo das confabulações de Kuo-tao em Wuhan é um dos segredos mais guardados do PCC. É quase certo que Kuo-tao tenha

defendido a expulsão de Mao. Mais tarde, Yenan contou a Moscou que Kuo-tao havia "tentado romper a unidade do partido" quando se encontrava em Wuhan. Mas ele foi embora de mãos vazias, provavelmente porque o trio de Wuhan não acreditava que Moscou apoiaria a medida. Enquanto Kuo-tao estava desesperado, Wang Ming mostrava-se no auge de sua confiança, e talvez tenha sido difícil para ele perceber que a aparente aceitação de Mao das decisões da maioria mascarava uma determinação feroz de voltar de qualquer maneira ao controle.

As conversas duraram cerca de uma semana. Quando percebeu que não ia conseguir nada, Kuo-tao decidiu trocar o PCC pelos nacionalistas, o que fez em 17 de abril. O trio de Wuhan deixou-o partir. Ele então escreveu para a esposa, que, grávida, ficara em Yenan, pedindo-lhe que viesse ao seu encontro, com o filho de doze anos. Mao adiou a decisão por dois meses, a fim de ter certeza de que Kuo-tao não causara algum dano drástico, e então pemitiu que partissem. Quando a esposa de Kuo-tao chegou a Wuhan, Chou aconselhou-a a dizer ao marido para "não queimar suas pontes com o partido". Kuo-tao levou em conta o conselho. Ele fora outrora chefe do Departamento Militar do PCC, encarregado de colocar agentes nas Forças Armadas de Chiang, mas jamais revelou um único nome aos nacionalistas. Na verdade, fez pouco por eles, que ficaram decepcionados. Sua autobiografia de mais de mil páginas não revelou segredos. Um sinal de que ele manteve a boca fechada foi que, depois de sua fuga do continente, após a conquista da China por Mao, um de seus filhos teve permissão para voltar e frequentar a universidade em Cantão, em meados da década de 1950. Ele sobreviveu a Mao e morreu num asilo para idosos em Toronto, Canadá, em 1979, aos 82 anos, depois de converter-se ao cristianismo no ano anterior.

A deserção de Kuo-tao permitiu que Mao o desacreditasse aos olhos de seu exército; ele foi imediatamente expulso do partido. Alguns de seus antigos seguidores em Yenan ficaram "extremamente insatisfeitos", relatou o chefe do serviço secreto nacionalista Tai Li a Chiang Kai-shek. Eles se encontravam em segredo e, em consequência, as forças de Mao "liquidaram todos. Cerca de duzentos foram enterrados vivos".

Moscou esperou dois meses para endossar a expulsão. Durante esse período, aconteceu algo crucial para Mao: Stálin acabou com o expurgo no Comintern. Piatnitski e Miélnikov, que haviam implicado Mao como espião

japonês, foram executados (no mesmo dia) com vários outros ligados à China. O dossiê de Mao ficou no arquivo, pronto para ser ressuscitado quando Stálin precisasse dele, o que aconteceu uma década depois. Mas, por enquanto, Mao estava fora de perigo.

Assim que soube que o Kremlin havia aprovado a expulsão de Kuo-tao e que ele próprio estava limpo, Mao tratou de derrubar Wang Ming.

Àquela altura, ele tinha um importante aliado em Moscou, seu velho companheiro de tramas na Longa Marcha Wang Jia-xiang, o Professor Vermelho. Desde o restabelecimento das comunicações por rádio, em junho de 1936, Mao insistiu e bombardeou Moscou com pedidos para que o Professor Vermelho fosse para a Rússia, supostamente para tratamento médico. Ele chegou em Moscou em julho de 1937 e se tornou o representante do PCC depois que Wang Ming voltou para a China. Em junho de 1938, Mao pediu por telegrama que o Professor Vermelho voltasse. Ele estava em condição de realizar um serviço extraordinário para Mao. Antes de partir, viu o líder do Comintern Dimítrov e, numa conversa sobre unidade do partido, ouviu dele que o PCC precisava resolver seus problemas "sob a liderança chefiada por Mao Tse-tung". Mao usaria essa única frase para reverter sua sorte pessoal — e a política do partido.

O Professor Vermelho retornou a Yenan no final de agosto. Mao fez com que ele convocasse imediatamente Wang Ming e os outros para uma plenária do Comitê Central "a fim de ouvir as instruções do Comintern". Era a primeira vez que o Comitê Central se reunia desde antes da Longa Marcha, havia mais de quatro anos. Wuhan, a capital temporária, estava sob ataque feroz dos japoneses. No entanto, Mao chamou os comandantes de campo e os altos dirigentes a Yenan, que era um remanso. Wang Ming protestou, dizendo que aquele não era o momento para que toda a liderança do partido se ausentasse da capital da nação e sugeriu realizar a reunião em Wuhan. "Não vou a lugar nenhum!", declarou Mao. O Professor Vermelho telegrafou ameaçadoramente a Wang Ming: "Obedeça ao centro, senão".

Wang Ming concordou com relutância, chegando lá em 15 de setembro. O Professor Vermelho dirigiu-se primeiro ao Politburo e citou a frase de Dimítrov. Então Mao disse que *ele* faria o relatório político na plenária,

restabelecendo desse modo sua posição de líder. Wang Ming não ofereceu resistência. Quando a reunião se abriu, no dia 29, na catedral franciscana de Yenan, o Professor Vermelho, sentado sob o retrato de Lênin no altar, repetiu as palavras de Dimítrov para o público maior. Assim, plantou-se nas mentes do alto-comando do PCC a ideia de que Moscou havia endossado explicitamente a liderança de Mao.

Como recompensa para o Professor Vermelho, Mao deu-lhe uma porção de postos-chave, inclusive o de vice-presidente do Conselho Militar. Mao também achou para o solteiro de 32 anos uma bela e coquete noiva, uma estudante de medicina de 23 anos cujo pai era um velho amigo de Mao. Assim, depois de fazer feliz o chefe nominal do partido, Lo Fu, com uma esposa *mignone* e vivaz, Mao enrolou o "fio vermelho" ao redor de outro coração útil, amarrando dois aliados vitais ao seu cinturão. Mao gostava de bancar o casamenteiro e era esperto em relação aos meandros do coração, em particular de homens sexualmente inibidos.

Mao partiu então para desacreditar Wang Ming. Porém, destruir a unidade do partido era algo que Moscou havia especificamente vetado — e era de esperar que Wang Ming reagisse se atacado de frente. Então Mao apelou para seu velho golpe de arrastar a reunião até que Wang Ming e outros oponentes importantes tivessem partido, para depois atacá-los.

Mao esticou a plenária por quase dois meses, fazendo dela a mais longa de todas, embora se realizasse em meio a uma crise nacional, durante a qual não somente Wuhan, mas também Cantão, o último porto importante dos nacionalistas, caíram para os japoneses. As bases comunistas atrás das linhas japonesas também foram ameaçadas. Apelos urgentes chegavam — "Situação de emergência aqui. Por favor, pedimos a volta de Peng De-huai o mais breve [...]" — mas Mao recusou-se a liberar os comandantes militares até alcançar seus objetivos.

Chiang Kai-shek mudou sua capital para Chongqing, mais para o interior, onde marcou uma nova assembleia nacional para 28 de outubro, à qual Wang Ming deveria comparecer. Mao fez com que sua plenária ainda estivesse em sessão quando Wang Ming teve de partir para Chongqing — o mesmo golpe que havia utilizado em 1929 para pôr as mãos no Fujian Vermelho.

A fim de prolongar as coisas, Mao insistiu em que cada membro do

Politburo fizesse dois discursos praticamente iguais — um ao Politburo, outro à plenária. Por sua vez, atrasou seu relatório político por duas semanas, durante as quais os participantes ficaram sem ter o que fazer. Quando afinal falou, foi extremamente prolixo e, com seu hábito de dormir pela manhã, demorou não menos de três dias.

No final de outubro, todos os oponentes mais fortes de Mao — Chou, Xiang Ying, Po Ku e Wang Ming — já haviam partido. Então Mao lançou seu ataque furioso, especialmente contra Wang Ming, por "seguir as ordens de Chiang Kai-shek" e até pelos expurgos sangrentos nas áreas comunistas antes da Longa Marcha, quando Wang Ming nem estava lá.

Diante da ausência de seus adversários, Mao impôs sua política à plenária: expandir agressivamente as bases comunistas e combater as tropas nacionalistas, se necessário. Foi a primeira vez que deixou claras suas verdadeiras intenções. Havia muitas tropas nacionalistas atrás das linhas japonesas, competindo por território com os comunistas. Até então, a política fora de evitar a luta com elas e priorizar a unidade com Chiang. Mao expressara acordo total enquanto Wang Ming estava presente, chamara Chiang Kai-shek de "grande líder", comprometera-se a colocar as novas bases vermelhas sob o comando do governo central e prometera "apontar todas as armas contras os japoneses". Chegou mesmo a proclamar: "A nação chinesa ergueu-se! O estado de ser intimidado, insultado, invadido e oprimido por cem anos [...] acabou". Essas palavras são quase idênticas às que usou ao fundar a China comunista, em 1949, quando disse: "Os chineses se ergueram". A frase de 1949 é muito citada como sendo a primeira. Na verdade, não foi. Além disso, quando Mao a usou originalmente, a China, em suas palavras, estava "sob a liderança do senhor Chiang"!

Sem a presença de Wang Ming, Mao disse aos seus colegas que o Generalíssimo era o inimigo máximo e que deveriam começar *naquele momento* a se preparar para tomar-lhe o poder. O Exército Vermelho deveria atacar as forças nacionalistas que impedissem sua expansão. Tratava-se de uma ordem marcante para o alto escalão: Chiang continua sendo o inimigo número um. Podem abrir fogo contra o exército dele.

Um partidário fundamental dessa posição era o futuro presidente Liu Shao-chi, que dirigia a rede clandestina no norte da China. Liu passara dois

longos períodos na Rússia, conhecera Lênin em 1921 e tivera um caso com Larissa Reysner, uma das amigas mais íntimas do líder bolchevique. Homem de considerável visão, Liu concordava com a estratégia inflexível de Mao para tomar o poder. Imediatamente após a plenária, Mao fez dele chefe de uma grande área no centro da China oriental, onde o N4E estava atuando — e, assim, chefe de Xiang Ying e do N4E.

Mao contava também com o apoio de Peng De-huai, o subcomandante do 8EM, para quem a guerra civil era inevitável se os comunistas quisessem se expandir — ou mesmo ficar em alguns lugares. Zhu De, comandante do 8EM, concordava com isso. Mao garantia assim o apoio para sua política dos chefes de todas as forças comunistas.

Como sua estratégia ia diretamente de encontro às instruções de Stálin, Mao temia que a notícia pudesse vazar para Wang Ming e, por meio dele, para Moscou. Então ordenou que seus discursos fossem mantidos em segredo absoluto. Para selar a boca de sua plateia, apresentou duas "Resoluções sobre disciplina" admoestatórias, que proibiam "revelar segredos" a "qualquer pessoa dentro ou fora do partido". Isso significava que os participantes não poderiam contar a seus colegas — mesmo àqueles que haviam participado da primeira parte da plenária — que Mao ordenara a guerra civil contra os nacionalistas. E ninguém ousou contar a Wang Ming toda a história dos ataques de Mao a ele.

Para lançar um manto de medo, Mao confiava no depois infame chefe da segurança Kang Sheng. Na Rússia, Kang supervisionara os expurgos de centenas de chineses, muitos dos quais foram torturados, executados ou condenados a trabalhar até a morte no gulag. Ele fora o vice de Wang Ming na delegação do PCC ao Comintern e o seguira de perto. Quando os dois chegaram a Yenan, Kang liderara o grito de "Viva nosso líder genial do partido, camarada Wang Ming!" nas sessões de treinamento do aparelho de segurança. Mas Kang logo percebeu que Mao seria o vencedor e trocou de lado. Foi então que testemunhou a favor de Jiang Qing, possibilitando seu casamento com Mao e estabelecendo um laço forte com ele. Mao fez dele o chefe da KGB do PCC, confiando-lhe inclusive a seleção de seus guardas pessoais.

Foi para essa Yenan sob forte controle que Wang Ming recebeu ordens de voltar depois da sessão da Assembleia Nacional em Chongqing. Ele foi

nomeado chefe do Departamento da Frente Nacional, um posto aparentemente importante, mas logo se viu reduzido a um chefe nominal. Uma testemunha ocular lembrou de vê-lo na rua, "com a cabeça baixa, os passos pesados [...] mergulhado em seus próprios pensamentos". Mas Wang Ming não foi denunciado abertamente, pois suas ligações com Moscou eram fortes. Assim, para o membro comum do partido, ele ainda era um dos líderes — e popular. Muitos o relembraram como "um bom orador, cujos discursos eram muito animados e estimulantes. Os jovens gostavam dele". Mao não era orador. Wang Ming permaneceu como um assunto não acabado.

A partir de 1939, depois que Mao mandou o partido adotar uma postura agressiva em relação aos nacionalistas, houve combates de grande escala por território atrás das linhas japonesas entre forças nacionalistas e comunistas, nos quais estes, em geral, se saíram melhor. Em janeiro de 1940, o 8EM, sob o comando de Zhu De e Peng, já havia crescido para 240 mil homens (de 46 mil, no início da guerra). E o N4E, atuando sob o comando de Liu Shao-chi perto de Xangai e Nanquim, triplicara para 30 mil soldados. Várias bases de bom tamanho surgiram na retaguarda japonesa. A base de Jinchaji, por exemplo, distante apenas cerca de oitenta quilômetros de Pequim, se expandiu para controlar uma população de 25 milhões de habitantes. Nesse ponto, com mais de dois anos de guerra, quando o realismo substituiu o ardor patriótico inicial, muitos líderes comunistas passaram a admirar o brilho da visão fria de Mao. Peng De-huai o descreveu, em um discurso de fevereiro de 1940, como "um líder sábio com visão política, que pode prever desdobramentos e é bom no enfrentamento deles". E foi nesse período que Chou En-lai converteu-se totalmente a Mao.

Mao fizera bem ao PCC. Mas tinha de manter Stálin no mesmo barco. Durante muitos meses, ele escondeu de Moscou seus choques com os nacionalistas. Só abriu o jogo quando a luta ficou óbvia e grave, em junho de 1939, e então sustentou que ela era puramente defensiva, dizendo que os nacionalistas pretendiam varrer os comunistas da face da Terra.

Mao sabia como representar para a plateia de Moscou. Na primavera de 1939, Stálin mandou Roman Karmen, seu principal documentarista, a Yenan

para filmar Mao. Este deixou um livro de Stálin aberto em seu estúdio quando Karmen chegou e depois posou para uma longa tomada segurando um texto de Stálin, com um retrato do autor em destaque na capa. Fez um brinde a ele, dizendo que o único lugar no exterior que queria conhecer era Moscou, para vê-lo. Quando deu adeus a Karmen da porta de sua caverna, no escuro, fez questão de perguntar em que direção ficava Moscou, soltou um suspiro profundo e depois mergulhou num longo silêncio. "Com que entusiasmo Mao fala do camarada Stálin!", escreveu Karmen.[a]

Mas, o que era mais importante, Mao tinha seus homens em Moscou para defender sua posição — e denegrir seus adversários. Ele se certificou de que os enviados do PCC a Moscou fossem seus aliados: primeiro, o Professor Vermelho, depois Ren Bi-shi. Ao entrar num curso de ação quanto a Chiang que desafiava as ordens de Stálin, mandou uma série de emissários adicionais, a começar por Lin Biao, que foi à Rússia no final de 1938 para tratar ferimentos a bala. Lin fora ferido por tropas nacionalistas que o tomaram por um japonês porque ele estava usando o sobretudo de um japonês capturado.

Lin levou com ele apenas documentos que Mao queria que Moscou visse, de tal modo que Stálin ficou no escuro a respeito das suas maquinações e políticas reais. Lin disse que Mao era "o sólido, decisivo e principal líder do PCC" e difamou Chou ("um trapaceiro") e Zhu De ("o ex-gendarme") que, segundo ele, "não são dos nossos".

Depois de Lin, em junho de 1939 foi a vez de Tse-min, o irmão de Mao, ir para a Rússia por motivos de "saúde", embora, como observaram os russos, ele não tenha passado um único dia no hospital. A principal missão de Tse-min era minar a posição de Wang Ming, a quem chamou de "canalha", denunciando-o, entre outras coisas, por exagerar a força do Exército Vermelho chinês na presença de Stálin — uma acusação potencialmente mortal. Outro objetivo de Mao era rebaixar o papel de Wang Ming no congresso seguinte do partido. Ele deveria apresentar o segundo relatório, sobre organização. Mas Tse-min disse a Moscou que Wang Ming não era a pessoa certa, fazendo a alegação falsa de que ele "jamais dirigira trabalho prático de organização". Tse-min também jogou lama em outros adversários do irmão, como Po Ku e Li Wei-han, um velho líder comunista de Hunan, ao acusá-los de "grandes crimes" e sugerir que eles deveriam ficar de fora de todos os órgãos de liderança. Ele comparou Po Ku a "oportunistas,

trotskistas e bandidos".

O terceiro emissário "extra" de Mao foi Chou En-lai, que chegou justamente quando começava a guerra na Europa. Ele deu baixa no hospital do Kremlin em 14 de setembro para operar o braço direito, que fora mal engessado quando da queda de um cavalo. Chou acabara de se converter a Mao — uma conversão incondicional que fez dele um servidor muito fiel desde então. Ele trabalhou assiduamente para defender Mao e disse aos russos que a liderança do PCC "considerava que ele [Mao] deveria ser eleito secretário-geral". Chou garantiu a Moscou que a política do PCC continuava sustentando que "a guerra antijaponesa está acima de todo o resto" e que o partido estava comprometido com "a frente unida" ao lado de Chiang. Detalhou a expansão das forças comunistas e seus territórios, recheando seu relato com várias afirmações exageradas, tais como a de que o 8EM travara não menos que 2689 batalhas contra os japoneses. O número de membros do PCC havia "aumentado sete vezes [para] 498 mil" desde o início da guerra.

Ao mesmo tempo que usava Chou, Mao tratava de mantê-lo em seu devido lugar. Depois de visitá-lo no hospital, Tse-min disse aos russos que Chou tinha opiniões "doentias" sobre as relações com os nacionalistas e afirmou que ele se opusera ao fuzilamento do proeminente trotskista Chang Mu-tao.

Mao também estava preocupado com Otto Braun, o assessor de Moscou que estava na China desde muito antes da Longa Marcha e que foi à Rússia com Chou: ele poderia dizer coisas aos russos que Mao não queria que escutassem. Tse-min fez questão de chamar as táticas de Braun de "contrarrevolucionárias", uma acusação que poderia ter levado o assessor ao fuzilamento. Braun, que sobreviveu, afirma que essa era a intenção. Chou também ajudou nisso, ao chamar seu ex-amigo e colega íntimo de "inimigo da revolução chinesa" (Braun descreveu Chou como seu "principal acusador").

Mais tarde, Mao acusou seus rivais de "falarem mal de outros a estrangeiros". Mas nenhum deles se entregou a alguma coisa remotamente parecida com o assassinato de personalidades que Mao praticava.

a Parece que a primeira exibição de uma imagem de Mao em celuloide em Moscou foi em 1935, quando um cinejornal dos líderes do PCC foi apresentado ao VII Congresso do Comintern. O número três do Comintern, Piatnitski, depois executado por Stálin, disse que achava que Mao tinha a

aparência de um “arruaceiro”.

21. O cenário mais desejado: Stálin divide a China com o Japão (1939-40; 45-46 anos)

Em 23 de agosto de 1939, a União Soviética assinou um pacto de não agressão com a Alemanha nazista e, no mês seguinte, os dois países invadiram a Polônia e a dividiram entre eles. Muitos chineses ficaram escandalizados com o acordo de Stálin com Hitler. Esse sentimento talvez tenha sido mais bem articulado pelo fundador do PCC Chen Tu-hsiu, o homem que pusera Mao na trilha do comunismo, mas fora expulso do partido por ser independente demais. Após passar anos na prisão dos nacionalistas, ele foi libertado com outros prisioneiros políticos quando se formou a "frente unida" nacionalista-comunista, em 1937. Diante do pacto, ele escreveu um poema que expressava "dor e ódio" e comparava Stálin a um "demônio feroz", que

> *invade imperiosamente seu país vizinho*
> [...] *E cozinha vivos heróis e velhos amigos em única investida* [...]
> *Certo e Errado mudam como dia e noite*,
> *Preto e Branco alteram-se somente por suas ordens* [...]

O pacto Stálin-Hitler abriu a perspectiva de que os russos fizessem um acordo semelhante com os japoneses e a China se tornasse uma segunda Polônia. Com efeito, naquele exato momento, o Kremlin assinou um cessar-fogo com o Japão e suspenderam-se as hostilidades que vinham acontecendo entre o Exército Vermelho soviético e os japoneses na fronteira da Mongólia Exterior com Manchukuo. O cenário polonês causou grande preocupação em Chiang Kai-shek, que ele expôs a Moscou. A reação de Mao, no entanto, foi de prazer. Toda a sua estratégia para a guerra com o Japão estava voltada para a intervenção da Rússia. Agora, aparecia uma verdadeira chance de que Stálin viesse a ocupar uma parte da China e pusesse Mao no comando.

No final de setembro daquele ano, quando Edgar Snow perguntou a Mao o que ele achava do pacto entre soviéticos e japoneses, sua resposta foi entusiástica. Ele disse que a Rússia poderia assinar tal pacto "desde que isso não prejudicasse seu apoio aos [...] interesses do movimento de libertação do mundo [isto é, Mao e o PCC]". Perguntado se "a ajuda soviética ao movimento de libertação da China poderia tomar uma forma um pouco similar" à da ocupação russa da Polônia, Mao deu uma resposta muito positiva: "Está bem dentro das possibilidades do leninismo". A Polônia era então o modelo de Mao para a China.[a]

Do mesmo modo, Mao saudou a tomada do leste da Finlândia pela Rússia no início de 1940, embora não para consumo público. Numa diretiva secreta de 25 de junho, afirmou que o acordo de paz soviético-finlandês, pelo qual Moscou anexava grandes fatias do território da Finlândia, "garante a vitória do mundo *e da revolução chinesa*" (grifo nosso). Depois que a França foi dividida entre uma metade ocupada pela Alemanha e um regime títere com sede em Vichy, Mao traçou de novo uma comparação. Escreveu em linguagem codificada, numa circular enviada aos altos comandantes, em 1º de novembro de 1940: "Há ainda a possibilidade de a União Soviética interferir para ajustar as relações China-Japão". Referindo-se a uma divisão do tipo imposto à França, acrescentava que os comunistas poderiam "obter um acordo melhor [confiando] em que a União Soviética interferisse para fazer o ajuste e nós continuássemos a tentar". De novo, Mao esperava que a Rússia dividisse a China com o Japão.

Ele tinha até uma linha de demarcação ideal, o Yangtze, que atravessa o meio da China. Para seu círculo mais íntimo, Mao sonhava com "traçar uma fronteira [...] no Yangtze, e nós mandaríamos numa metade".

Reproduzir o cenário polonês estava, de fato, na cabeça de Stálin e a Rússia iniciou conversações com o Japão em setembro de 1939, logo depois da assinatura do pacto nazi-soviético, com o futuro da China no centro das negociações. Stálin, portanto, tinha um interesse muito direto na expansão do Exército Vermelho chinês e do território comunista, pois isso fortaleceria sua posição para negociar com o Japão e promoveria seus objetivos de longo prazo para o pós-guerra.

Durante o inverno de 1939-40 houve uma alteração marcante no que Mao contava a Moscou sobre os choques armados entre os comunistas chineses e

as forças de Chiang. Ele se tornou muito mais franco sobre o nível da luta. Antes do pacto de Stálin com Hitler, Mao apresentava os choques como consequência de tentativas nacionalistas de aniquilar as forças comunistas e dizia estar agindo em autodefesa. Depois do pacto, começou a buscar a aprovação de Stálin para a expansão agressiva às custas de Chiang. Em 22 de fevereiro de 1940, mandou um relatório muito beligerante a Moscou no qual informava que, na luta contra as forças de Chiang, "a vitória é geralmente nossa". "Exterminamos 6 mil [nacionalistas] em Hebei, 10 mil [...] em Shanxi", relatou.

Stálin não disse "Pare!". Ao contrário, três dias depois autorizou a enorme quantia de 300 mil dólares americanos por mês para o PCC. Quando Chou En-lai deixou Moscou pouco depois, levou com ele um novo sistema de rádio para comunicar-se com Moscou, que entregou a Mao.[b] O auxiliar para língua russa de Mao observou: "Somente o presidente Mao tinha o direito de usá-lo. Ele cuidava de todas as comunicações pessoalmente e decidia a quem mostraria as informações".

Após o pacto nazi-soviético e a perspectiva de que Stálin fizesse um acordo semelhante com o Japão, Mao iniciou em setembro de 1939 uma longa, íntima e pouco conhecida colaboração com o serviço secreto japonês, na esperança de sabotar ainda mais Chiang e preservar suas próprias forças. A operação do PCC foi chefiada por um homem chamado Pan Han-nian, que trabalhava com o vice-cônsul do Japão em Xangai, Eiichi Iwai, um oficial graduado do setor de informações. Pan ganhou uma identidade japonesa especial que dizia: "A todo o pessoal da polícia, das Forças Armadas e da gendarmeria: qualquer inquirição relativa ao portador, favor entrar em contato com o cônsul-geral japonês". Um operador de rádio de Yenan foi instalado na casa de Iwai, para contato direto com Yenan, embora, no final, esse canal não tenha sido usado, pois foi considerado "arriscado demais".

Pan forneceu informações a Iwai sobre a capacidade de resistir de Chiang, seus conflitos com o PCC e suas relações com potências estrangeiras, bem como sobre agentes americanos e ingleses em Hong Kong e Chongqing. Essas informações foram consideradas valiosas pelos japoneses: consta que uma delas deixou o embaixador japonês na China "vibrante de alegria".

Antes que o Japão invadisse Hong Kong, em dezembro de 1941, Iwai ajudou a arranjar a evacuação de agentes do PCC. Como Pan garantiu a Iwai, alguns agentes continuariam a coletar informações para os japoneses, enquanto outros iriam para Xangai a fim de "ajudar nosso 'movimento pela paz'". Esse "movimento" era o principal esforço não militar do Japão para forçar a rendição da China. Uma organização importante desse esquema era a "Reviver a Ásia e Construir o Movimento do País", que Pan ajudou a iniciar, financiado por Tóquio e manejado, em larga medida, por comunistas secretos.

Os vermelhos usaram os japoneses para apunhalar os nacionalistas pelas costas. "Na época", contou um agente de informações do PCC,

> a tática de nosso partido com os japoneses e colaboradores era: "Use a mão do inimigo para atacar o outro inimigo". O camarada Kang Sheng nos disse isso muitas vezes [...] As organizações de colaboradores estavam cheias de camaradas nossos, que usavam as facas dos japoneses para matar os nacionalistas [...] Das coisas que eu sabia pessoalmente, a aniquilação pelos japoneses do [exército clandestino nacionalista] ao sul do Yangtze [foi uma das] obras-primas da cooperação entre os japoneses e nosso partido.[c]

Além de sabotar Chiang, outra tarefa de Pan foi conseguir que os japoneses deixassem os comunistas agir sem serem molestados, chegando ao ponto de sondar o general de divisão Sadaaki Kagesa, o maior oficial da inteligência japonesa na China, sobre a ideia de um cessar-fogo secreto no norte da China.

No centro da China oriental, foi feito um acordo pelo qual o Novo 4º Exército deixou de atacar as ferrovias em troca de os japoneses não o incomodarem no campo. Durante anos, os trens japoneses não tiveram problemas e o N4E expandiu-se com tranquilidade. O raciocínio japonês que estava por trás disso nos foi explicado pelo príncipe Mikasa, irmão do imperador Hirohito, que era oficial na China naquela época. Eles achavam que os comunistas poderiam ser um incômodo, mas que não tinham importância estratégica. Para os japoneses, Chiang Kai-shek era o principal inimigo.

Na primavera de 1940, imensos territórios do interior do norte da China já estavam nas mãos dos comunistas. Numa série de batalhas em março, logo

após o sinal verde tácito de Stálin, os comunistas concentraram entre 30 mil e 40 mil soldados e destroçaram mais de 6 mil nacionalistas. Depois de estabelecer uma forte posição no norte, os comandantes do 8EM Zhu De e Peng De-huai sentiram que deveriam fazer alguma coisa contra os japoneses e, em 1º de abril, ordenaram preparativos para operações de sabotagem de larga escala contra suas linhas de transporte. Mao negou permissão para o ataque. Em vez disso, mandou que todas as tropas disponíveis fossem levadas para o centro-leste da China, para tomar mais territórios nessa área. Zhu e Peng foram forçados a abandonar o plano.

A essa altura, Chiang convidou Zhu, que se preocupava com o conflito interno contínuo, para ir a Chongqing a fim de discutir uma solução. A caminho, Zhu parou em Yenan, pois Mao lhe dissera que um congresso do partido estava para acontecer. Zhu não encontrou o congresso — nem sinal dele. Não obstante, foi impedido de ir a Chongqing e, na verdade, ficou detido em Yenan pelo resto da guerra. Embora fosse o comandante em chefe do 8EM, não desempenhou nenhum papel no conflito e Mao o usou basicamente como um carimbo para suas ações.

Mao enviou outra pessoa a Chongqing — Chou En-lai, que passou a ser o único canal de comunicação com Chiang. Assim, ele completava seu domínio das comunicações com os dois lugares que importavam: Moscou e Chongqing.

Nessa ocasião — maio de 1940 —, a guerra sino-japonesa entrou numa fase crítica. Os japoneses intensificaram os bombardeios de Chongqing, que logo se tornou a cidade mais bombardeada do mundo até então; nos seis meses seguintes, a tonelagem de bombas lançadas sobre ela equivaleu a um terço do que os Aliados jogaram sobre o Japão durante toda a guerra no Pacífico; cerca de 10 mil civis morreram em um único ataque. Enquanto isso, o Exército japonês avançava Yangtze acima, na direção de Chongqing. Tóquio exigiu que a França fechasse a ferrovia que ligava a China ao Vietnã e que a Inglaterra fechasse a estrada da Birmânia, únicas rotas para a China, além daquelas que vinham da Rússia. Os dois países ocidentais aquiesceram, em 20 de junho e 18 de julho respectivamente (embora o fechamento da Inglaterra tenha sido apenas por três meses). Em Chongqing, crescia o sentimento a favor de um acordo com o Japão. Chiang — e a China — enfrentava uma crise muito grave.

Para Mao, a crise era uma dádiva — quanto pior, melhor. Ele disse depois que havia "esperado que eles [os japoneses] chegassem a [...] Chongqing". Desse modo, calculava, a Rússia teria de intervir.

Mas Peng De-huai, agora comandante *de facto* do 8EM, graças à quase detenção de Zhu em Yenan, quis tirar um pouco da pressão sobre Chongqing e ressuscitou seus planos de uma grande operação de sabotagem das linhas de transporte japonesas no norte da China, com o nome pomposo de "Operação Cem Regimentos". Em 22 de julho, ordenou que o 8EM estivesse pronto para o ataque em 10 de agosto e transmitiu o plano por rádio para Mao duas vezes. Não houve resposta. Como não recebeu resposta ao terceiro radiograma, deu sinal verde para o dia 20.

Peng sabia que Mao não ia gostar da operação. Ela não somente ajudaria Chiang como atingiria os comunistas, pois Tóquio certamente retaliaria contra os territórios vermelhos. Peng estava pondo o país à frente do partido.

A operação, que durou cerca de um mês, compreendeu sobretudo ataques a instalações, não a tropas japonesas. Ela pegou os japoneses "totalmente de surpresa", nas próprias palavras deles. Os danos a ferrovias e estradas em algumas partes foram considerados "extremamente graves" e "em escala indescritivelmente grande" (o trabalho de sabotagem foi realizado, em parte, por trabalho de corveia). As minas de carvão de Jingxing, que alimentavam as importantes fundições e metalúrgicas de Anshan, na Manchúria, foram muito atingidas e a principal delas foi posta fora de combate "por pelo menos meio ano". Os japoneses tiveram de tirar uma divisão do front contra Chiang e atrasar por algum tempo os planos de captura de duas ferrovias no sul da China.

O principal efeito ocorreu sobre o moral chinês, em especial nas áreas nacionalistas muito bombardeadas. A imprensa nacionalista elogiou o 8EM por tomar a ofensiva e por "dar um golpe mortal nos rumores inimigos de que estamos divididos e mergulhados em luta intestina". De Chongqing, Chou mandou uma mensagem a Mao dizendo que a operação tivera "um impacto extremamente grande". "Estamos divulgando-a e propagando-a por toda parte [...] agora é o momento para difundir a influência de nosso partido". Mao aproveitou-se o quanto pôde da situação.

Mas em privado estava furioso, em parte porque a operação levou a pesadas baixas comunistas — 90 mil, de acordo com Zhu De. Os japoneses

lançaram represálias extremamente duras contra territórios controlados pelos vermelhos, que em breve se reduziram à metade; a população sob domínio comunista caiu de 44 milhões para cerca de 25 milhões. Mas Peng logo colocou o 8EM e as bases novamente de pé. Em pouco mais de dois anos, o 8EM mais do que recuperou sua força pré-1940, reunindo 400 mil soldados, e Peng reconstruiu as áreas de suas bases.

Mas o que mais enfureceu Mao foi que a iniciativa diminuiu as chances de derrota de Chiang — e, portanto, de intervenção da Rússia. Em anos futuros, Mao faria Peng pagar caro por essa que foi a única operação de larga escala realizada pelas forças comunistas durante todos os oito anos da ocupação japonesa.

Entrementes, apesar dos bombardeios, Chongqing resistiu e Chiang não sucumbiu. Mao tinha de encontrar outra maneira de fazer com que os russos entrassem na China. Chiang apresentou então um plano para acabar com a luta entre nacionalistas e comunistas: separar fisicamente as duas forças. A essa altura, o 8EM controlava a maioria dos territórios que poderia esperar dominar no norte da China, de modo que a luta nessa região acabara. O principal teatro da guerra civil se deslocara para o vale do Yangtze, perto de Xangai e Nanquim. O plano de Chiang previa que o N4E comunista saísse da região do Yangtze e se unisse ao 8EM no norte, em troca de deixar os comunistas manterem praticamente todos os territórios tomados no norte do país. Em 16 de julho de 1940, Chiang ofereceu essa troca, expressa na forma de uma "ordem", e deu ao N4E o prazo de um mês.

Mao não tinha intenção alguma de desistir do rico e estratégico centro do país e recusou categoricamente a ordem-oferta de Chiang. Na realidade, ele esperava que Chiang usasse a força para remover o N4E e que ocorresse uma guerra civil total. Conforme escreveu o embaixador russo Pániushkin, o cálculo de Mao era que "se houvesse uma guerra civil, os russos apoiariam o PCC", e ele queria "avançar nesse sentido".

Em seus muitos telegramas a Moscou daquele verão, Mao instou os russos a ajudá-lo a infligir "sérios golpes" nos nacionalistas. Em vez de ir para o norte, o N4E lançou seu maior ataque até então aos nacionalistas no início de outubro, em um lugar chamado Ponte Amarela, quando aniquilou 11 mil

soldados e matou dois generais. Chiang não ordenou nenhuma retaliação e manteve silêncio sobre a derrota, como fizera muitas outras vezes. Ao contrário de Mao, ele temia deflagrar uma guerra civil total, que acabaria com as chances da China contra o Japão. Apenas reiterou, em 19 de outubro, que o N4E deveria deslocar-se para as "áreas apontadas" dentro de um mês.

Mao respondeu ao segundo prazo com silêncio. Ele queria instigar o Generalíssimo a recorrer à força, para que a guerra civil total começasse e, como disse a Chou, "a União Soviética entrasse no conflito". De novo, Chiang não tomou nenhuma medida. Mao conhecia os pontos fracos do Generalíssimo. Em 3 de novembro, escreveu a Chou: "O que Chiang mais teme é a guerra civil e a União Soviética. Então, podemos intimidá-lo com isso".

Em 7 de novembro de 1940, aniversário da revolução bolchevique, Mao apelou a Moscou com sua proposta mais abertamente belicosa até então. Assinado por ele mesmo, o telegrama era endereçado a Dimítrov *e Manuilski*, seu principal apoio no Comintern. Cópias foram enviadas a Stálin e ao ministro da Defesa, Semion Timochenko. Seu plano era despachar 150 mil soldados "para dar um golpe" na retaguarda de Chiang. Ele chamou isso de "contraofensiva preventiva", isto é, ele dispararia o primeiro tiro.

Mao pedia a Moscou para endossar o início de uma guerra civil total, em meio à guerra sino-japonesa. O motivo de sentir-se capaz de se aventurar a tanto foi sua percepção de que os últimos acontecimentos poderiam fazer com que Stálin ficasse a favor de um ataque a Chiang. O Kremlin vinha considerando sua entrada no Pacto Tripartite do qual o Japão era membro, junto com a Alemanha nazista e a Itália fascista. Se Mao atacasse agora, formando uma pinça com o Japão, Chiang poderia desmoronar. Se Mao contribuísse para a derrota de Chiang, isso fortaleceria a posição de Stálin nas negociações com o Japão.

A súplica de Mao a Moscou para que o deixassem entrar nessa aliança ímpia com Tóquio chegou quando o ministro do Exterior, Mólotov, estava prestes a viajar a Berlim, onde um de seus objetivos era conseguir a ajuda de Hitler para que Moscou pudesse interferir na guerra sino-japonesa. Da agenda de Mólotov constava: "Discutir a necessidade de obter uma paz honrosa (*sic*) para a China (Chiang Kai-shek) em que a União Soviética possa, com a participação de A[lemanha] e I[tália], estar pronta para mediar

[...] (Manchukuo fica para J[apão]". Mólotov disse então ao Führer: "Precisamos encontrar uma saída conciliatória da situação prevalecente entre China e Japão [...] nesse sentido, a União Soviética e a Alemanha poderiam desempenhar um papel importante". Mas Hitler não estava interessado.

Os termos que o Japão ofereceu sobre a China não estavam à altura das expectativas de Stálin. Tóquio concordava somente com "uma esfera de influência russa na Mongólia Exterior e em Xinjiang", o que não atraía Stálin, pois ambas já estavam em seu bolso. O Japão também considerava "reconhecer e aceitar que as três províncias do noroeste (Shaanxi, Gansu e Ningxia) continuassem a ser bases comunistas chinesas" — sob a condição de que a Rússia concordasse em "coibir as atividades antijaponesas dos comunistas chineses". Mas essa ideia também não era suficiente para Stálin, pois o PCC já ocupava um território muito maior do que essas três províncias.

O fracasso do acordo com Tóquio significou que a prioridade de Stálin continuava a ser a protelação da possibilidade de um ataque do Japão à Rússia, e isso significava que Mao ainda não poderia ter sua guerra total contra Chiang. Stálin queria uma China unida que pudesse continuar a segurar os japoneses. Quando ele mandou o general Tchuikov como seu novo conselheiro militar, dessa vez para Chongqing, o general perguntou por que estava sendo enviado "a Chiang Kai-shek e não para o Exército Vermelho chinês". Stálin respondeu: "Sua missão é amarrar firmemente as mãos do agressor japonês na China".[d]

Assim, a ordem do Kremlin a Mao em 25 de novembro foi: "Por enquanto, ganhe tempo, manobre e negocie com Chiang Kai-shek de todos os modos possíveis a remoção de suas forças do centro da China [...] É essencial que você não inicie uma ação militar [isto é, contra Chiang]". Mas Moscou autorizou Mao a revidar, se fosse atacado: "Porém, se Chiang Kai-shek [...] atacar, você deve golpear com todas as suas forças [...] Nesse caso, a responsabilidade pela cisão e a guerra civil recairá totalmente sobre Chiang".

Isso deixou Mao com uma esperança: que Chiang disparasse o primeiro tiro. Mas, quando os prazos para que o N4E fosse para o norte venceram e foram renovados, Mao chegou à conclusão de que "não há possibilidade de Chiang lançar um grande ataque".

Como não conseguiu provocar Chiang a dar o primeiro tiro, Mao armou

uma situação em que o dedo de Chiang seria forçado a puxar o gatilho.

a As observações de Mao sobre o modelo polonês e o pacto soviético-japonês não caíram bem em Moscou. Eram sinceras demais, e seguiu-se uma dura censura. "A essência provocativa dessa declaração deve ser desmascarada", telegrafou o chefe do Comintern Dimítrov a Mao. "Solicitamos urgentemente que Mao Tse-tung e outros camaradas chineses evitem dar entrevistas a correspondentes estrangeiros como a concedida a Edgar Snow, pois isso é usado para fins provocativos." Mao manteve a boca fechada em público e Snow foi barrado da China dominada pelos comunistas até a cisão sino-soviética, em 1960.

b O novo sistema era altamente eficaz. Os japoneses não conseguiam nem localizar as rádios, muito menos decifrar os códigos.

c O acordo de Mao não parece ter se estendido à cooperação militar no campo de batalha, embora o chefe do GRU soviético em Yenan tenha relatado certa ocasião em que as tropas comunistas atacaram forças nacionalistas em Shandong, no verão de 1943, "em coordenação com tropas japonesas".

d A outra missão de Tchuikov, que ele não mencionou em suas memórias, era fazer uma avaliação experiente da capacidade dos comunistas chineses de tomar o poder depois que o Japão fosse derrotado.

22. Armadilha mortal para seus próprios homens (1940-41; 46-47 anos)

O comissário político do Novo 4º Exército, estacionado no centro-leste da China, era Xiang Ying, um velho adversário de Mao. Uma década antes, Mao tentara eliminá-lo quando ele se opusera às torturas e mortes do expurgo AB. E Xiang Ying desaconselhara a participação de Mao na Longa Marcha, prevendo que ele tramaria a tomada do poder. E continuara a criticá-lo, às vezes até zombando dele.

O QG de Xiang Ying, com cerca de mil funcionários e 8 mil soldados de escolta, situava-se num lugar pitoresco chamado Pico da Névoa, perto da que talvez seja a montanha mais linda da China, Huangshan, a Montanha Amarela, onde, diante de nossos olhos atônitos, as nuvens correm, dançam, se enfurecem e se desfazem numa velocidade espantosa em torno de rochas de aparência gótica. Em dezembro de 1940, o grupo de Xiang Ying era a única parte do N4E ao sul do Yangtze, pois Mao mandara 90% dos soldados desse exército para o norte do rio e os colocara em um quartel separado, dirigido por seu aliado Liu Shao-chi.

Naquele mês, Mao criou uma situação para que o grupo de Xiang Ying fosse morto pelo Exército nacionalista, na esperança de que o massacre persuadiria Stálin a deixá-lo desencadear a guerra contra Chiang. Meses antes, em julho, o Generalíssimo havia instruído o N4E a seguir para o norte, uma ordem que Mao desafiara. Porém, em dezembro, Mao mandou Xiang levantar acampamento e atravessar para o norte do Yangtze.

Havia duas rotas que Xiang poderia tomar. A mais curta ia direto para o norte (a Rota do Norte). A segunda o levaria para sudeste, para depois atravessar o Yangtze bem mais abaixo (a Rota do Leste). Em 10 de dezembro, o Generalíssimo designou a Rota do Norte, e Mao confirmou essa diretriz para Xiang no dia 29.

Então, no dia seguinte, Mao disse subitamente a Xiang para seguir pela Rota do Leste, a que fora vetada pelo Generalíssimo, mas não contou a este. Assim, Chiang pensou que os comunistas seguiriam pela rota combinada. Em 3 de janeiro de 1941, chegou no QG de Xiang um telegrama do próprio Generalíssimo, especificando o itinerário e acrescentando: "Ordenei que todos os exércitos ao longo do caminho garantam sua segurança".

Xiang respondeu de imediato, dizendo que não iria pela rota que Chiang designara e pedindo a liberação da Rota do Leste. Mas essa mensagem crucial jamais chegou ao Generalíssimo — graças a Mao. Ele proibira os comandantes comunistas de se comunicarem diretamente com Chiang: todos os contatos deviam ser canalizados através dele. Xiang mandou a mensagem via Mao e este não a encaminhou. Assim, na noite de 4 de janeiro de 1941, Xiang partiu sob chuva e frio invernal pela rota escolhida por Mao, sem saber que Chiang jamais vira seu telegrama.[a]

Xiang e seus soldados marcharam na direção de uma força nacionalista muito maior, que, por não saber da aproximação de sua unidade e muito menos que ela estava apenas de passagem, julgou tratar-se de um ataque. A luta estourou no dia 6. Nesse dia, o comandante nacionalista local, general Ku, deu ordens para "exterminar" os comunistas.

Xiang enviou telegramas frenéticos a Yenan, implorando que Mao instruísse os nacionalistas a suspender o fogo. Mas Mao não fez nada. Quando Liu Shao-chi, que estava com a principal força do N4E ao norte do Yangtze, telegrafou sobre a situação a Yenan no dia 9, Mao fingiu ignorância e disse que a última notícia que tivera de Xiang era do dia 5 — "depois disso, não sabemos de nada".

No período mais crítico da luta sangrenta, entre 6 e 9 de janeiro, Mao afirmou não ter recebido nenhum comunicado. Durante esses dias, os operadores de rádio de Xiang mandaram várias mensagens desesperadas de SOS e Liu Shao-chi não teve problemas em recebê-las. É muito difícil acreditar que as comunicações de Mao se tivessem convenientemente "interrompido" justo nos quatro dias em que o QG do N4E estava sendo massacrado. E, mesmo que houvesse alguma interrupção, isso não explica por que Mao não moveu uma palha, durante vários dias, para retomar o contato. Mao tinha um histórico de usar "problemas com o rádio" como desculpa para eliminar informações (após o sequestro de Chiang Kai-shek

em 1936, dissera que não conseguira receber uma mensagem vital de Moscou). Para ele, quanto maior o banho de sangue, maior seu pretexto para voltar-se contra Chiang; além disso, estava sacrificando uma pessoa — Xiang Ying — de quem ficaria contente de se livrar.

Depois que Liu levantou a questão do aperto do N4E no dia 9, o rádio de Mao voltou miraculosamente a funcionar. A partir desse dia, apelos urgentes do QG do N4E começaram a ser registrados. No dia 10, o QG suplicou a Mao: "à beira da destruição [...] Por favor, faça rapidamente representações a Chiang e Ku para suspender o cerco. De outro modo, toda a força será aniquilada". Mao não fez nada.

No mesmo dia, Xiang Ying tentou de novo telegrafar a Chiang, novamente via Mao — um apelo que também foi escondido do Generalíssimo, como Mao revelou a Chou (no dia 13): "Não o mandei para você [...] Este radiograma não deve ser encaminhado de forma alguma".

Na noite do dia 11, Chou participava de uma recepção em Chongqing para comemorar o terceiro aniversário do *Diário Nova China*, do PCC, quando chegou uma mensagem de Mao. Chou anunciou ao grupo reunido que o QG do N4E havia sido cercado e atacado. Mas, mesmo então, o telegrama que Mao enviou não era uma ordem para agir, mas apenas "para sua informação".

Foi somente no dia seguinte que Mao enfim instruiu Chou a "fazer sérias representações a fim de levantar o cerco". Mas o grau da crise foi cuidadosamente abrandado ("eles dizem que podem segurar por sete dias" era uma distorção dos relatórios muito mais desesperadores recebidos nos dias anteriores). Chou não fez nenhum protesto sério até o dia 13, depois que Chiang suspendera a matança por conta própria, no dia anterior.

Em 13 de janeiro, depois que o massacre acabou, Mao voltou subitamente à vida e instruiu Chou a iniciar uma campanha de relações públicas a favor de uma guerra total contra Chiang. "Uma vez tomada a decisão", disse ele, "avançaremos direto para Sichuan [a base de Chiang]. Agora é uma questão de cisão total [...] de como derrubar Chiang."

Como seu exército não estava à altura do dos nacionalistas, Mao não poderia alcançar seus objetivos sem a intervenção de Stálin. Chou visitou o

embaixador soviético em 15 de janeiro para convencê-lo de que os comunistas precisavam de socorro, mas foi recebido com frieza. Em suas memórias secretas, Pániushkin registrou a suspeita de que Mao montara uma armadilha para Xiang Ying e que Chou havia mentido.[b]

Enquanto isso, Mao apelava diretamente a Moscou em favor de uma guerra total contra Chiang, com o que o serviço secreto russo chamou de "um telegrama histérico após o outro", argumentando que o plano dos nacionalistas era destruir primeiro o N4E, depois o 8EM, e então "esmagar o PCC". "Há o perigo de nosso exército ser completamente aniquilado", informou Mao a Moscou.

"Perigo de guerra civil", anotou em seu diário o chefe do Comintern Dimítrov, em 16 de janeiro, dia em que esse telegrama chegou, chamando o N4E de "nossas tropas". Moscou não acreditou na afirmação de Mao de que Chiang estava prestes a "aniquilar" o PCC e lhe disse isso. Ele respondeu com outro telegrama alarmista, pedindo especificamente que fosse entregue "ao cda. [camarada] Stálin para que ele possa avaliar a situação na China e ver se pode nos dar ajuda militar concreta logo". "Ajuda" significava intervenção direta, não apenas armas e auxílio. Essa insistência inoportuna parece ter aborrecido Stálin. Na cerimônia do aniversário da morte de Lênin, em 21 de janeiro, ele se referiu com desprezo ao comandante nominal do N4E, Ye Ting, que em outra ocasião os russos haviam pensado em despachar para o gulag, classificando-o de "partidário indisciplinado". "É preciso verificar se ele não provocou este incidente. Nós também tivemos um bom número de bons partidários que fomos obrigados a fuzilar devido à falta de disciplina deles." Dimítrov repetiu a Stálin, com mais firmeza do que antes: "Não tome a iniciativa de romper".

Escrevendo a Stálin, Dimítrov responsabilizou Mao pessoalmente: "Os camaradas chineses [...] estão insensatamente procurando a cisão; nós decidimos [...] chamar a atenção do c[amarada] Mao Tse-tung para essa posição incorreta". Em 13 de fevereiro, Stálin endossou a ordem de Dimítrov ao PCC, enviada para Mao pessoalmente. Era peremptória: "Consideramos que uma cisão não é inevitável. Você não deve procurar uma cisão. Ao contrário, você deve [...] fazer todo o possível [...] para evitar a irrupção da guerra civil. Por favor, reconsidere sua posição atual sobre essa questão". Um telegrama de Mao no mesmo dia cedeu à linha de Moscou,

mas vibrava com determinação de pegar Chiang: "A cisão é inevitável no futuro", insistiu ele.

Mao previra a decisão de Moscou dias antes. Ela o deprimiu muito e levou-o a escrever uma carta muito incomum aos seus filhos que estavam na Rússia (aos quais raramente escrevia) em 31 de janeiro:

> Meus filhos An-ying e An-ching:
>
> [...] Vendo o progresso que vocês fizeram, estou muito feliz. An-ying escreve bem, os caracteres chineses não estão nada ruins e vocês têm aspiração para realizações: tudo isso é muito bom. Tenho apenas uma coisa a sugerir aos dois: enquanto são jovens, estudem mais ciências naturais e falem menos de política. É preciso falar sobre política, mas, no momento, vocês devem se concentrar no estudo das ciências naturais [...] Somente a ciência é conhecimento real e terá uso ilimitado no futuro [...]

Em comparação com suas cartas anteriores, mais secas e parecidas com bilhetes, esta era longa e íntima, até pensativa. Exalava fadiga. O que é mais extraordinário e absolutamente singular é que ele dizia aos filhos para evitar a política!

Mao pode ter fracassado em sua tentativa de provocar uma guerra total contra Chiang, mas obteve várias vitórias longe de serem negligenciáveis. Uma das mais gratificantes foi a morte de seu crítico mais franco. Xiang Ying escapou depois que o Generalíssimo instruiu o Exército nacionalista a parar com a luta, mas nas primeiras horas da madrugada de 14 de março, quando dormia numa caverna na montanha, foi morto a tiros por seu ajudante de ordens, que se voltara contra os comunistas havia pouco tempo. O ajudante pegou o ouro e as coisas de valor que Xiang Ying trazia nos bolsos e se entregou aos nacionalistas.

Dois meses antes da morte de Xiang, quando ele acabara de escapar da armadilha mortal, Mao escreveu uma feroz condenação dele às autoridades do partido, insinuando que ele era "um agente do inimigo" (ainda hoje, Xiang Ying é considerado amiúde culpado, junto com Chiang Kai-shek, pelas mortes dos homens e das mulheres do N4E).

Livrar-se de Xiang Ying foi apenas um dos ganhos de Mao. Outro foi a permissão para o N4E permanecer onde estava. Chiang estava desesperado para evitar uma guerra civil total em meio à guerra contra o Japão. Os russos

exerceram então grande pressão sobre o Generalíssimo para que ele não impedisse — e muito menos fizesse voltar atrás — a expansão dos comunistas. O general Tchuikov fez uma conexão explícita entre a concordância de Chiang em entrar na linha e a continuação da ajuda russa aos nacionalistas. O embaixador russo observou como o Generalíssimo estava fora de si de raiva. Ele "recebeu minha declaração muito nervoso", escreveu Pániushkin. "Andava para lá e para cá no gabinete [...] e tive de repetir minha pergunta três vezes."

Chiang estava também muito vulnerável às pressões vindas dos Estados Unidos, que eram sua única esperança de se livrar da dependência das armas russas. O presidente americano Franklin D. Roosevelt, cuja maior preocupação era (tal como a de Stálin) manter a China em luta com o Japão pelo maior tempo possível, não tinha nenhuma influência sobre os comunistas, de modo que pressionou Chiang o mais que pôde, condicionando a ajuda ao seu governo ao final do conflito civil — independentemente de quem fosse seu causador. Na esteira do incidente do N4E, os meios de comunicação dos Estados Unidos anunciaram que Washington estava discutindo a retenção de um empréstimo de 50 milhões de dólares por causa da luta civil. Essa notícia chegou justamente quando a ajuda americana poderia ter desempenhado um papel importante, pois a rota aérea sobre o Himalaia, conhecida como "a Corcova", abriu-se em 25 de janeiro.

Roosevelt se apoiava muito, para informações sobre a China, numa rede privada que incluía Edgar Snow, contornando em larga medida o Departamento de Estado, no qual não confiava. Seu principal informante era um oficial da Marinha chamado Evans Carlson, que elogiava os comunistas em seus relatórios deslumbrados enviados à Casa Branca; Roosevelt repassava esses relatórios de forma pouco crítica aos membros de seu círculo íntimo, um dos quais lhe disse que a versão dos eventos de Carlson era corroborada pelo livro de Snow. Carlson estava em Chongqing na época do incidente com o N4E e logo depois retornou a Washington a fim de transmitir a versão dos comunistas para Roosevelt em pessoa.

No que dizia respeito à ajuda, a Grã-Bretanha não contava, mas Chiang aspirava a ficar próximo do bloco anglo-americano e, portanto, era suscetível à pressão inglesa. O primeiro-ministro Winston Churchill não gostava de

Chiang e o considerava militarmente inútil e uma ameaça em potencial aos interesses britânicos na China. O embaixador Clark Kerr informou a Chiang que, na eventualidade de uma guerra civil, a Grã-Bretanha não o apoiaria, independentemente de quem começasse a luta. No período que cobre o incidente do N4E, seus conselhos a Londres favoreciam muito os comunistas. Ele disse abertamente que Chou En-lai valia sozinho todos os nacionalistas juntos.

Na esteira do incidente com o N4E, Moscou organizou uma imensa campanha de publicidade contra Chiang no Ocidente. A propaganda comunista dizia que cerca de 10 mil haviam sido massacrados. Na verdade, o total de baixas ficou em torno de 2 mil. Três mil conseguiram escapar, dando meia-volta e seguindo para o lado comunista pela Rota do Norte, aquela designada por Chiang. Não foram molestados na travessia.

Chiang não montara uma armadilha, mas defendeu-se mal. Seu governo anunciou o desmantelamento do N4E, dando a impressão de que os nacionalistas o haviam aniquilado intencionalmente. Chiang também foi prejudicado pelo fato de não ter protestado em público sobre os muitos e maiores choques anteriores em que suas tropas haviam sido as vítimas; ele chegou mesmo a suprimir as notícias sobre esses eventos, argumentando que o conflito civil era ruim para o moral nacional — e para a ajuda internacional (que estava condicionada por todas as potências estrangeiras à ausência de conflito civil). Esse silêncio do Generalíssimo foi de grande serventia para os comunistas. Como disse o comandante em chefe Zhu De: "Eles [os nacionalistas] ficaram em silêncio, e nós ficamos em silêncio também. Eles são derrotados e ficam quietos; nós vencemos, então por que deveríamos divulgar isso?". Em consequência de todos esses fatores, muitos ocidentais só ficaram sabendo do incidente do N4E e o consideraram um ataque traiçoeiro em larga escala dos nacionalistas aos inocentes comunistas.

A máquina de propaganda comunista era eficaz. Em Chongqing, a sinfonia de desinformação de Mao era conduzida por Chou En-lai, o único que sabia do papel assassino de Mao na morte de seus próprios homens e mulheres do N4E. Esse cúmplice de Mao tinha enorme sucesso na disseminação da mentira, graças ao seu charme. A jornalista americana Martha Gellhorn, que o conheceu nessa época, nos disse que, a um aceno dele, teria seguido Chou até o fim do mundo, mas a observação de seu marido, Ernest Hemingway,

capta o principal atributo de Chou: "Ele faz um belo serviço ao vender o ponto de vista comunista sobre qualquer coisa que venha à baila".

Nos Estados Unidos, em 22 de janeiro, o *New York Herald-Tribune* publicou uma reportagem altamente favorável à versão dos eventos dada pelos comunistas, escrita por Edgar Snow, que começava com estas palavras: "O primeiro relato confiável dos recentes choques". No entanto, o texto de Snow estava inteiramente baseado em um homem do setor de informações do PCC em Hong Kong.

Enquanto a versão comunista viajava pelo mundo, outras observações eram desviadas por amigos que Moscou e o PCC tinham nos Estados Unidos. Hemingway, que esteve na China logo após o incidente do N4E, fez algumas observações agudas sobre os comunistas: "como bons comunistas, eles tentarão expandir sua esfera de influência [...] independentemente dos limites territoriais que possam aceitar no papel". Graças à "excelente publicidade" dos comunistas, escreveu ele, "a América tem uma ideia exagerada do papel que eles têm desempenhado na guerra contra o Japão. Seu papel foi muito considerável, mas o das tropas do governo central foi centenas de vezes maior". E observava: "Diz minha experiência na Espanha que os comunistas sempre tentam dar a impressão de que são os únicos que realmente lutam".

Tendo em vista a fama de Hemingway, sua avaliação poderia ter causado um impacto considerável na opinião pública, mas ela não viu a luz do dia até 1965. Ele foi dissuadido de publicar suas opiniões em 1941 por um auxiliar de Roosevelt chamado Lauchlin Currie, que lhe disse: "Nossa política é desestimular a guerra civil".

Lauchlin Currie, principal assessor econômico da Casa Branca, visitou a China logo depois do incidente do N4E. A interceptação americana de mensagens do sistema de inteligência soviético (Venona) revela que ele ajudava os russos, e alguns consideram que era um agente soviético. Um judicioso estudo recente sobre Roosevelt e o serviço secreto descreve Currie como um "simpatizante manipulável" e conclui que ele não era um espião, mas um "amigo" dos russos na Casa Branca. Em sua viagem à China, ele certamente prestou um belo serviço aos comunistas. Em Chongqing, disse a Chiang que trouxera uma mensagem verbal de Roosevelt (além de uma escrita). Currie começou o relato da mensagem verbal com esta frase: "Parece, a 10 mil milhas de distância, que os comunistas chineses são o que

em nosso país chamaríamos de socialistas. Gostamos da atitude deles em relação aos camponeses, às mulheres e ao Japão".

Em seu relatório a Roosevelt, Currie sobretudo falou mal de Chiang e pintou um quadro extremamente róseo dos vermelhos. Sustentou que "os comunistas têm sido o único partido capaz de atrair apoio em massa" e sugeriu que esse era o motivo da expansão deles. Currie deu a Roosevelt a versão comunista da crise do N4E.[c]

A pressão internacional sobre Chiang era tão forte que, em 29 de janeiro, ele instruiu seu embaixador em Moscou a pedir que o Kremlin interviesse para resolver a crise com os comunistas chineses; efetivamente, os russos ditariam os termos. Três dias depois, um Mao exultante disse aos seus comandantes do Exército: "Por mais que Chiang Kai-shek tente se rebelar, ele pode tentar isso ou aquilo, mas, no final, só vai conseguir ser derrubado". Mao usava a palavra "rebelar" como se Chiang fosse o fora da lei e ele já estivesse no trono. Chiang cedeu às exigências soviéticas de deixar os homens de Mao permanecerem em seus territórios conquistados e ficarem no coração da China, perto de Nanquim e Xangai.

Mao percebeu logo que jornalistas ocidentais como Snow poderiam ajudar sua causa, mas demorou para apreciar quão úteis os governos britânico e americano poderiam ser para amarrar as mãos de Chiang. Sua hostilidade aos dois países era extremada. Em 25 de outubro de 1940, dissera a suas altas patentes militares que esperava que a Grã-Bretanha pudesse ser ocupada pelos nazistas e que os japoneses continuassem a ocupar a China: "O cenário mais difícil, mais perigoso e escuro", segundo ele, seria Chiang "entrar para o bloco anglo-americano":

> Devemos imaginar isto: que os japoneses não conseguem tomar Cingapura [...] que será tomada pela Marinha americana; Londres não cai [...] o Japão se rende aos Estados Unidos; o Exército japonês deixa a China; a América financia e arma os chineses pró-anglo-americanos [...] Não pode acontecer nada pior do que isso.

Para Mao, esse cenário era pior do que a ocupação japonesa. Mas, de repente, houve uma mudança espetacular em sua atitude. Em 6 de novembro, escreveu a Chou En-lai: "Acabei de ler nesta manhã as importantes informações de seu telegrama do dia 3. Então, Chiang entrar para o bloco anglo-americano só significa vantagem para nós [...] Não vamos nos opor mais a isso [...] Precisamos forjar mais laços com a Grã-Bretanha e

a América".

Chou En-lai havia obviamente esclarecido Mao sobre quão útil o Ocidente poderia ser para ele. A partir de então, Chou devotou mais energia ao cultivo de boas relações com os ocidentais, em particular os americanos. E sua ofensiva de charme intensificou-se depois que os japoneses atacaram Pearl Harbor, em dezembro de 1941, e a presença dos Estados Unidos na China aumentou enormemente.

Em 13 de abril de 1941, a Rússia assinou um pacto de neutralidade com o Japão, o que liberou um grande número de tropas japonesas para atacar o Sudeste Asiático e Pearl Harbor. Mas o pacto não incluía uma divisão da China entre Rússia e Japão. Mao não conseguiu seu modelo polonês.

a Sabemos que Mao suprimiu esse telegrama porque ele contou a Chou En-lai, seu contato com Chiang, no dia 13 de janeiro, nove dias e muitas mortes depois: "Mandei-lhe o telegrama do dia 4 de [...] Xiang para Chiang. Seus termos são inconvenientes e, se você ainda não o passou adiante, por favor não o faça". O fato de achar que ainda tinha tempo para segurar o telegrama indica que Mao o enviara recentemente a Chou.

b Chou disse aos russos que as conexões por rádio entre o QG do N4E e Yenan se haviam rompido a partir da tarde do *dia 13* — diferentemente das datas fornecidas por Mao, de 6 a 9. É óbvio que essas datas estavam destinadas a provocar suspeita nos russos.

c Outro ato de Currie muito vantajoso para Mao foi frustrar a tentativa de Chiang de estabelecer um canal simpático a ele com Roosevelt. O Generalíssimo solicitou que Currie pedisse a Roosevelt para enviar um conselheiro político que tivesse acesso ao presidente. Chiang apontou sua escolha, William Bullitt, o primeiro embaixador dos Estados Unidos na União Soviética, que ele conhecia pessoalmente e sabia que era anticomunista. Currie rejeitou de imediato o pedido, por conta própria, e não há sinal de que tenha mencionado a Roosevelt que o Generalíssimo queria Bullitt. Ao voltar para os Estados Unidos, Currie recomendou o professor universitário Owen Lattimore, que jamais se encontrara com o presidente e não tinha em relação a ele o tipo de acesso que Chiang especificara. O resultado foi que Currie manteve o controle das comunicações entre Chiang e Roosevelt.

23. A montagem de uma base de poder mediante terror (1941-45; 47-51 anos)

Em 22 de junho de 1941, a Alemanha invadiu a União Soviética. Esse evento alterou radicalmente os cálculos de Mao. A Rússia soviética era sua patrocinadora e sua esperança; era improvável que, se ficasse seriamente enfraquecida — ou desviada para outra frente —, lhe oferecesse muita ajuda. Mao não dormiu por vários dias.[a]

Para começar, não havia agora nenhuma chance de a Rússia intervir e salvá-lo, caso a luta contra as tropas de Chiang se tornasse perigosa. Mao suspendeu imediatamente os ataques. "Parem todos os ataques a todas as unidades nacionalistas", ordenou aos seus exércitos.

A autopreservação dominou sua relação com uma Rússia debilitada. Em consequência da invasão alemã, Moscou queria que o PCC se comprometesse a enfrentar militarmente as tropas japonesas, caso o Japão atacasse a União Soviética. O pesadelo de Stálin era um gigantesco ataque em pinça do Japão no Oriente, coordenado com um ataque de Hitler no Ocidente. Moscou perguntou a Mao: quantos soldados japoneses o PCC poderia "desviar" se isso acontecesse? Para estimular Mao a agir, Dimítrov telegrafou em 7 de julho, dizendo que estava mandando 1 milhão de dólares em prestações. Dois dias depois, o Comintern ordenou que o PCC traçasse "medidas concretas".

A maior parte dos colegas de Mao achava que eles deveriam fazer alguma coisa se o Japão invadisse a União Soviética. O normalmente circunspecto Liu Shao-chi escreveu a Mao que, se o Japão atacasse a Rússia, o PCC deveria lançar ofensivas para segurar as forças japonesas. Mao, porém, estava decidido a não arriscar tropas em nenhuma circunstância. Em 18 de julho, disse a Liu que, se o Japão atacasse a Rússia (o que, ele afirmara em 2 de julho, era "extremamente provável"), "não é boa ideia [...] empreender ações

de grande escala [...] nossos exércitos são fracos. A ação causará inevitavelmente danos irreparáveis". Sua posição era deixar que os russos se encarregassem da luta: "Tudo depende da vitória da União Soviética".

Mao expôs isso a Peng De-huai, o comandante do 8º Exército de Marcha. Qualquer coordenação com os russos deveria ser puramente "estratégica [isto é, apenas nominal] e de longo prazo — não em batalhas". Aos soldados, ele advertiu várias vezes: "Não perturbem excessivamente o inimigo [japonês]".

Para Moscou, Mao objetou que suas forças eram demasiado fracas para serem levadas em conta: "Nossos recursos humanos e materiais [estão diminuindo], as regiões de operação [estão se contraindo], a munição está acabando — e a situação está se tornando mais difícil dia a dia". Se seu exército agisse, argumentava ele, "há uma possibilidade de que sejamos derrotados e não possamos defender nossas bases partidárias por muito tempo [...] Tal ação não será boa para nenhum de nós". Ele disse a Moscou que não esperasse muito: "Se o Japão atacar a União Soviética, nossas capacidades em termos de operações militares coordenadas não serão grandes".

Mao praticamente admitiu que seu exército não vinha lutando contra os japoneses e que não começaria a fazê-lo agora. Pouco tempo antes, ele informara a Moscou que tinha um exército enorme, com 329 899 homens apenas no 8EM; agora, dizia que suas tropas mal podiam disparar um tiro.

Stálin em pessoa lhe telegrafou várias vezes para pedir que mantivesse os japoneses ocupados, quando os alemães estavam nas portas de Moscou, no final de 1941, e imediatamente antes da batalha de Stalingrado, em julho de 1942 — em vão. A recusa de Mao enfureceu Moscou e ele irritou ainda mais seus patrocinadores ao aconselhá-los a recuar para os Urais e travar uma guerra de guerrilhas. Alguns russos afirmam que seu comportamento foi também motivado por falta de confiança na União Soviética e até (segundo o general Tchuikov) pelo desejo de explorar o ataque de Hitler para suplantar a Rússia. Circulou o rumor que Mao teria dito: "Stálin não consegue vencer Hitler" e "O socialismo de 24 anos não pode competir com o fascismo de oito anos".

Anos mais tarde, perguntaram a Mólotov: "Nós sabíamos [o que Mao estava fazendo a nós] e ainda assim o ajudamos?". Mólotov respondeu num

resmungo: “Certo. Sim, sim. Eu sei que é difícil entender. Mas você não deve olhar as coisas de um jeito tão rígido. Nós passamos a impressão de ser bobos, mas, na minha opinião, não fomos bobos”.

Com efeito, embora estivessem às turras, Stálin e Mao compreendiam um ao outro muito bem. Sua relação baseava-se no autointeresse brutal e no uso mútuo, além de compartilharem os mesmos objetivos de longo prazo. Por mais que os atos de Mao desagradassem ao Kremlin, Stálin, em nenhum momento, deixou de tratar com ele.

Sem luta contra os japoneses ou os nacionalistas e com a Rússia em dificuldades e sem condições de intervir, Mao aproveitou a oportunidade para fazer um trabalho interno no partido e transformá-lo numa máquina inquestionável, em preparação para a futura guerra total contra Chiang Kai-shek.

No final de 1941, o número de filiados ao partido já estava em torno de 700 mil. Mais de 90% eram pessoas que haviam entrado a partir do começo da guerra contra o Japão e muitos eram jovens entusiastas que tinham passado de áreas nacionalistas para as bases comunistas. Esses jovens voluntários eram vitais para Mao por serem relativamente bem instruídos, e ele precisava de administradores competentes para seu futuro regime. A maioria dos participantes da Longa Marcha e dos recrutas da zona rural de dentro das bases comunistas era de camponeses analfabetos. Os voluntários jovens eram o alvo de Mao.

Quase todos esses voluntários haviam entrado para o PCC no final dos anos 1930, quando o sentimento da classe média mais jovem se inclinou significativamente para a esquerda. Foi uma época em que a União Soviética era a principal — e praticamente única — aliada e fornecedora de armas contra o Japão. A boa vontade em relação à Rússia estendeu-se ao PCC. Muitos achavam que os comunistas chineses estavam realmente dedicados a combater os japoneses.

Havia também um desencanto disseminado com os nacionalistas, considerados incapazes de erradicar a pobreza e a injustiça dominantes no país. As atrocidades do PCC anteriores à Longa Marcha eram desconhecidas, ou haviam sido esquecidas, ou ainda desconsideradas como

propaganda nacionalista. Alguns também acreditavam no partido quando ele proclamava que havia mudado e abandonado suas velhas políticas. E, durante algum tempo, o comportamento dos comunistas pareceu realmente confirmar essa mudança. Muitos estrangeiros e até alguns missionários aceitaram as alegações vermelhas. O infiltrado Shao Li-tzu, supervisor da mídia nacionalista durante o período crucial de 1937-38, fez muito para apagar o passado sangrento do PCC e projetar uma imagem benigna dos comunistas. O mesmo fez Edgar Snow com *Estrela vermelha sobre a China*. Mao repetia assiduamente que os comunistas haviam sido caluniados. O PCC "sempre foi bonito", disse a um grupo de novos voluntários que chegou a Yenan; "o problema é que foi mal pintado".

Um grande número dos jovens voluntários congregou-se em Yenan, a capital de Mao. Quando ele começou o esforço de condicioná-los, eram cerca de 40 mil. A maioria era composta por pessoas entre a adolescência e os vinte e poucos anos, que haviam entrado para o partido nas áreas nacionalistas e depois tinham sido enviadas para Yenan.

Estavam tremendamente excitados quando puseram os pés pela primeira vez no que havia sido retratado como uma meca revolucionária. Um jovem voluntário descreveu seus sentimentos ao chegar: "Finalmente, vimos as alturas da cidade de Yenan. Estávamos tão excitados que choramos. Saudamos de nosso caminhão [...] Começamos a cantar 'A Internacional' e a 'Marcha da Pátria da Rússia'".

Os recém-chegados, escreveu ele, "realmente invejavam os uniformes acolchoados, fedorentos, sujos e rotos [dos veteranos]. Eles achavam tudo diferente, excitante e misterioso".

Em grande parte, foram matriculados em várias "escolas" e "institutos" para serem treinados — e doutrinados. Mas a maioria logo se desiludiu. A maior decepção dizia respeito à igualdade, cerne do idealismo deles, que não só estava totalmente ausente como era manifestamente rejeitada pelo regime. Desigualdade e privilégio eram ubíquos. Cada organização tinha três níveis diferentes de cozinha. A mais baixa recebia cerca de metade da quantidade de carne e óleo alocada às fileiras intermediárias, enquanto a elite ganhava muito mais. Os altos líderes recebiam alimentos nutritivos especiais.

O mesmo acontecia com as roupas. O algodão produzido localmente era grosseiro e desconfortável, então importavam algodão mais macio para os

quadros mais antigos. Por fora, Mao se vestia como os outros, mas sua roupa de baixo era feita de material fino, como nos contou uma empregada que lavava e remendava suas roupas. Essa criada não estava qualificada para receber qualquer roupa de baixo ou meias e, em consequência, vivia resfriada. Artigos como tabaco, velas e papel para escrever eram igualmente distribuídos conforme a hierarquia.

Os filhos dos altos líderes eram mandados para a Rússia ou tinham babás. As esposas dos quadros mais graduados podiam esperar dar à luz em um hospital e depois ter uma enfermeira pessoal durante algum tempo. Os funcionários dos escalões seguintes podiam mandar os filhos para uma creche de elite. O número relativamente pequeno de comunistas comuns que eram casados tendia a não ter filhos, ou precisava enfrentar dificuldades caso os tivesse.

As condições espartanas e a má alimentação provocavam muitas doenças, mas somente os altos funcionários tinham acesso aos escassos remédios, importados especialmente das áreas nacionalistas. Mao tinha um médico pessoal vindo dos Estados Unidos, George Hatem, bem como doutores russos. Quando precisava de algo — ou alguém (como um fisioterapeuta) —, pedia a Moscou, ou a Chou En-lai, em Chongqing. Os quadros mais graduados recebiam tratamento hospitalar especial e ninguém podia entrar no hospital sem autorização de sua unidade de trabalho. A comida era hierarquizada também nos hospitais.

No início da guerra sino-japonesa, havia uma equipe da Cruz Vermelha em Yenan, enviada pelos nacionalistas. Ela tratava dos moradores locais, além dos comunistas. Mas o regime resolveu mandá-la embora. Espalhou-se o rumor de que seus medicamentos eram venenosos e que fora "enviada pelos nacionalistas para assassinar nossos camaradas! E para envenenar nossa água potável, para espalhar germes!". A maior parte da equipe partiu logo. O resto foi forçado a ficar, principalmente para cuidar da elite comunista.

O símbolo máximo do privilégio em Yenan era muito visível: o único carro — na verdade, uma ambulância —, que fora um presente dos trabalhadores de lavanderias chinesas de Nova York para transportar feridos de guerra. Mas ela jamais transportou um soldado ferido. Mao a "privatizou". Ela transportava também seus convidados, como Edgar Snow em 1939. Snow foi blasé em relação a isso: "Então essa foi a extravagância de Mao que havia chocado meu amigo missionário", escreveu, afirmando que se tratava de um

de “vários desses presentes de lavanderias [que] se acumularam em Yenan, onde às vezes eram usados para transportar vítimas civis de ataques aéreos para hospitais das proximidades”. Na verdade, era o único carro e jamais carregou algum civil ferido — e era conhecido, apropriadamente, como o “carro do presidente Mao”. Até as pessoas próximas do topo achavam que madame Sun Yat-sen tinha dado o carro a ele “para seu uso pessoal”.

Muitos voluntários ficaram extremamente desiludidos. Um jovem viu Mao no carro na primavera de 1939, dirigindo com sua esposa, que vestia “uma roupa primaveril vermelho-escura. Ela e Mao Tse-tung passaram rapidamente, chamando muita atenção, e os transeuntes olharam de esguelha para o casal”.

Mao tinha plena consciência de que seus privilégios eram uma questão sensível. Um dia, uma partidária antiga foi jantar com ele. Depois, Mao a convidou para voltar sempre, e ela falou sem pensar: “Então virei todos os domingos para ganhar uma boa refeição!”. Ela notou que “o sorriso do presidente congelou e ele pareceu um pouco constrangido. Percebi que havia dito a coisa errada”.

O partido tentou defender o privilégio: “Não são os camaradas líderes que pedem privilégios”, explicou um importante ideólogo. “É a ordem do partido. Vejam o camarada Mao, por exemplo: o partido pode mandá-lo comer um frango por dia.”

Esse sofisma não acabou com o descontentamento difuso. Uma piada da época dizia: “Em Yenan, somente três coisas são iguais para todos: o sol, o ar e os banheiros”. O sistema de privilégios estendeu-se até para o grupo de comunistas e prisioneiros de guerra japoneses. O único que tinha permissão oficial para ter sexo era o líder deles, Sanzo Nosaka. “Mao queria mantê-lo de bom humor”, explicou-nos um ex-prisioneiro de guerra japonês em Yenan, “então deu-lhe uma camarada mulher para fazer-lhe companhia [...] não nos queixamos — não abertamente —, as pessoas tinham queixas, mas as guardavam para si mesmas.”

Por mais desiludidos que ficassem, os jovens voluntários se davam conta de que não podiam deixar Yenan: a tentativa de ir embora era tratada como deserção, com probabilidade de execução. A região de Yenan era dirigida como um presídio. O resto da China, inclusive as outras bases comunistas,

era chamado de "o Exterior". Um voluntário descreveu uma cena que testemunhou em um hospital. "Não estamos doentes, por que nos mandam para cá?", gritavam dois homens. Seus sotaques indicavam que eram participantes da Longa Marcha oriundos de Jiangxi. Eles resistiam e foram derrubados por homens armados.

"Pedimos para sair a fim de ir para casa ver nossas famílias, mas simplesmente não conseguimos permissão. Eles insistiram em que somos loucos e nos mandaram para cá."

Os homens usavam a medalha dos veteranos da Longa Marcha. Um quadro disse: "Camaradas, por favor, lembrem-se de sua gloriosa história revolucionária!".

"Estamos cansados de usar esta coisa. Fomos mortos e feridos muitas vezes. Tudo o que ganhamos foi ver os outros se tornarem oficiais e ter coisas boas para comer e vestir. O que sobrou para nós? É melhor ir para casa e trabalhar na terra."

"Ah, parece que vocês não estão loucos. Estão apenas vacilando em sua postura revolucionária."

A testemunha notou que "entre os quadros em Yenan, velhos e novos, a saudade de casa era comum". Quadros de origem camponesa "frequentemente pediam sem rodeios para ir para casa e eram detidos por seus superiores. Alguns tentavam fugir e, se fossem capturados, eram executados de imediato. Os instruídos eram muito mais espertos. Eles não diziam que queriam ir para casa, mas inventavam alguma história e pediam para o partido transferi-los para fora".

A fuga era mais fácil para os soldados que estavam na fronteira da região, e a taxa de deserção era colossal. O objetivo de uma única brigada, em 29 de setembro de 1943, foi capturar *mil* de seus próprios desertores. Mas, no centro da área comunista, a fuga era praticamente impossível e a maioria dos jovens voluntários simplesmente se obrigava a ficar.

Essas eram as pessoas das quais Mao dependia para sua futura base de poder. E, para esse fim, elas eram claramente um material ruim. Haviam vindo para Yenan atrás de um sonho. Para fazê-las lutar pelo PCC real, Mao teria de mudá-las profundamente, remodelá-las. Ele iniciou esse enorme

projeto de engenharia humana a partir do início de 1942.[b] O primeiro passo foi atacar o defensor dos jovens voluntários, um escritor de 35 anos chamado Wang Shi-wei, um comunista dedicado que traduzira Engels e Trótski. Um ensaio dele chamado "Lírios silvestres", publicado no *Diário da Libertação*, principal jornal de Yenan, chamou a atenção de Mao. Em sua primeira parte, datada de 13 de março, Shi-wei escreveu:

> Os jovens de Yenan parecem ter perdido energia em sua vida ultimamente e parecem ter descontentamento em seus estômagos. Por quê? O que falta em nossas vidas? Alguns podem responder: falta-nos nutrição, faltam-nos vitaminas [...] Outros dizem: a proporção homem-mulher em Yenan é de 18 para 1 e muitos jovens não conseguem encontrar esposas [...] Outros ainda dirão: a vida em Yenan é monótona demais, chata demais [...]
>
> Essas respostas não são desarrazoadas. Mas [...] os jovens [...] vieram para cá para estar numa revolução, e estão dedicados ao autossacrifício. Eles não vieram buscar as satisfações de comida, sexo ou os prazeres da vida.

O que havia destruído seus sonhos, dizia ele, era o privilégio institucionalizado, acompanhado de arbitrariedade e arrogância. Ele citava uma conversa que escutara entre duas jovens mulheres sobre seus chefes:

> "Ele sempre acusa você de igualitarismo pequeno-burguês. Mas ele mesmo [...] só procura seus próprios privilégios [...] e é completamente indiferente aos camaradas sob sua responsabilidade [...]!"
>
> "Todas belas palavras — amizade e simpatia de classe. E tudo se resume a — peidar! Eles não têm nem mesmo uma sensibilidade humana elementar! [...] Existem muito poucos quadros que realmente se preocupam conosco."

Na segunda parte do artigo, publicada dez dias depois, Shi-wei aguçou suas críticas:

> Alguns dizem que não há sistema de hierarquia e privilégio em Yenan. Isso não é verdade. Ele existe. Outros dizem: sim, existe, mas é justificado. Isso exige que pensemos com nossa própria cabeça.

Shi-wei estava pedindo que as pessoas pensassem por elas mesmas. Além disso, seus argumentos eram razoáveis e eloquentes:

> Não sou um igualitário. Mas não acho necessário ou justificado ter múltiplos graus em comida ou vestuário [...] Se, enquanto os doentes não podem ter nenhum gole de sopa de macarrão [...] alguns figurões bem saudáveis se entregam a mordomias extremamente desnecessárias e injustificadas, os baixos escalões serão alienados [...]

Quando leu isso, Mao bateu com o jornal na mesa e perguntou, irado: "Quem manda aqui? Wang Shi-wei ou o marxismo?". Pegou o telefone e ordenou uma mudança drástica no *Diário da Libertação*.

Shi-wei expôs algumas ideias ainda mais afiadas num cartaz de muro. Mao vinha tolerando essas manifestações como uma válvula de escape para os jovens intelectuais. Os cartazes tinham a vantagem (para ele) de ter uma plateia restrita — e eram facilmente rasgados ou apagados. O cartaz de Shi-wei proclamava: "Deve-se estabelecer justiça no partido. A injustiça deve ser suprimida [...] Perguntem-se, camaradas [...] Estão com medo de dizer aos 'figurões' o que pensam [...]? Ou vocês são do tipo que é bom na perseguição do 'pequeno homem' com crimes fabricados?". Shi-wei ia muito além da questão do privilégio, ia ao coração das trevas do partido.

O cartaz com as palavras de Shi-wei foi colocado do lado de fora do Portão Sul, o lugar mais movimentado da cidade. As pessoas acorriam aos magotes para ler essas poucas frases, que articulavam o que muitos queriam dizer, mas não ousavam. Shi-wei tornou-se um herói.

Uma noite, Mao atravessou o rio para ler o cartaz à luz de um lampião. Viu a multidão ansiosa e registrou a enorme popularidade de Shi-wei. E disse de imediato: "Agora tenho um alvo". Mais tarde, queixou-se: "Muita gente veio de muito longe para ler esse artigo. Mas ninguém quer ler o meu!". "Wang Shi-wei era o rei e senhor [...] ele estava no comando em Yenan [...] e nós estávamos derrotados."

Mao decidiu condenar Shi-wei como forma de amedrontar seus simpatizantes, os jovens voluntários. Como não podia atacar de frente os argumentos de Shi-wei, denunciou-o como trotskista. Algumas observações que Shi-wei fizera em privado sobre Trótski e Stálin foram tornadas públicas. Ele dissera que Trótski era "um gênio", enquanto Stálin era "uma pessoa detestável" que havia "criado males incontáveis e incontados" nos expurgos. Descreveu os Processos de Moscou como "duvidosos". Shi-wei foi mandado para a prisão e passou os últimos anos de sua curta vida numa solitária, onde foi submetido à pressão esmagadora. Em 1944, quando alguns jornalistas das áreas nacionalistas tiveram permissão para entrar em Yenan, ele foi levado de cadeira de rodas para encontrá-los e fazer uma confissão robótica. "Ele repetiu várias vezes: 'Sou um trotskista. Ataquei Mao. Mereço ser executado [...] Mas Mao é tão magnânimo [...] Sou extremamente grato por sua misericórdia'." Um repórter observou: "Quando ele mencionou seu

‘erros’ passados, sua expressão era severa a ponto de assustar [...] Pelo que pude observar, sua mente havia sido muito perturbada”.

Seu interrogador revelou depois o pano de fundo: “Ele falou o que lhe disseram para falar. É claro que não tinha opção. Depois, deitou-se na cama com grande angústia. Fechou os punhos e mostrou extrema amargura”. Quando os comunistas evacuaram Yenan, em 1947, ele foi levado junto — e executado no caminho. Uma noite, foi retalhado até a morte e jogado num poço seco. Tinha 41 anos.

Depois que Mao designou Shi-wei como seu alvo principal, realizaram-se reuniões durante o resto de 1942, nas quais os jovens voluntários receberam ordens para denunciá-lo. Mao notou que havia muita resistência. Eles não estavam suficientemente amedrontados. Era preciso encontrar uma outra maneira de aterrorizá-los.

Então Mao e seu chefe da KGB Kang Sheng inventaram uma acusação genérica: que a vasta maioria das organizações comunistas nas áreas nacionalistas eram redes de espionagem que trabalhavam para Chiang Kai-shek. Essa alegação transformou praticamente todos os jovens voluntários em suspeitos, porque ou haviam pertencido a uma dessas organizações, ou tinham ido para Yenan sob seu patrocínio. Para sustentar essa acusação, houve uma única “prova” — a confissão de um voluntário de dezenove anos que fora privado de dormir e “trabalhado” pelas forças de segurança durante sete dias e sete noites, ao final dos quais falou o que lhe disseram para falar.

Ao exibir essa acusação, Mao encontrou uma maneira de colocar todos os jovens voluntários em Yenan em uma forma ou outra de confinamento para “peneirá-los”, a partir de abril de 1943. Milhares foram detidos e jogados em cavernas-prisões recentemente escavadas nas encostas de loess. Somente em uma delas, na ravina que ficava atrás do Jardim das Tâmaras — sítio da KGB chinesa e onde também vivia Mao —, cavaram-se celas para mais de 3 mil prisioneiros. A maior parte dos remanescentes ficou detida em suas próprias instituições, que se tornaram prisões virtuais, trancadas e patrulhadas por guardas. Segundo ordens de Mao, cada organização deveria “pôr sentinelas e impor toque de recolher. Proibir visitas e a liberdade de movimento de saída e entrada”. A função de carcereiros e interrogadores foi entregue àqueles

que, em cada instituição, não fossem suspeitos. Eram principalmente pessoas que não vinham das áreas nacionalistas, que constituíam amiúde uma minoria do pessoal, às vezes não chegando a 10% ou 20% da instituição.

A transformação das organizações comuns em prisões virtuais foi uma inovação significativa de Mao, que ele aplicaria durante todo o seu regime. Nisso, ele foi mais longe do que qualquer coisa que Hitler ou Stálin tenham criado: converteu os colegas das pessoas em seus carcereiros, ambos vivendo no mesmo lugar (na China comunista, o local de trabalho e o local de moradia eram muitas vezes o mesmo). Desse modo, Mao não somente enfiou uma imensa cunha entre pessoas que trabalhavam e viviam lado a lado, como aumentou muito o número de envolvidos diretamente na repressão, inclusive tortura, tornando a órbita bem mais ampla do que Stálin ou Hitler, que usavam, em geral, elites secretas (KGB, Gestapo) para manter suas vítimas em locais separados e fora da visão.

No encarceramento, os jovens voluntários sofreram pressões tremendas para confessar que eram espiões e denunciar os outros, não com o objetivo de encontrar realmente espiões, mas para provocar o terror. A verdadeira caça aos espiões era feita em segredo durante todo o tempo pelas forças de segurança, com a utilização de métodos convencionais. Dos verdadeiros suspeitos, "cuidava-se sem fazer alarde", nos contou Shi Zhe, assistente de segurança de Mao, o que significava muitas vezes uma execução rápida, secreta e silenciosa.[c]

A falsa caça aos espiões criou a desculpa para a tortura. A privação do sono era a técnica básica, que às vezes durava até duas semanas. Havia também torturas antiquadas como o açoitamento, pendura pelos pulsos e o "banco de tigre", em que a pessoa fica muito tempo amarrada a um banco de metal e tem os pés elevados, bem como tormentos psicológicos — da ameaça de pôr serpentes venenosas na caverna à simulação de execução. À noite, no silêncio dos morros, de dentro das fileiras de cavernas se espalhavam gritos de dor dilacerante que chegavam aos ouvidos de quase todos que viviam em Yenan.

Mao deu pessoalmente instruções sobre tortura (que o regime chamava pelo eufemismo de *bi-gong-xin*, que significa usar "força" para produzir uma "confissão" que proporciona então "prova confiável"): "Não é bom corrigi-la cedo demais ou tarde demais", decretou ele em 15 de agosto de 1943. "Cedo demais [...] a campanha não pode se desenvolver adequadamente; e tarde

demais [...] o dano [às vítimas da tortura] será demasiado profundo. Então, o princípio deve ser observar meticulosamente e corrigir no momento apropriado". Mao queria que suas vítimas estivessem em suficiente boa forma para servirem aos seus propósitos.

Durante meses, a vida em Yenan centrou-se em interrogatórios e aterrorizantes comícios de massa, nos quais alguns jovens voluntários eram forçados a confessar que eram espiões e a denunciar os outros diante de grandes multidões frenéticas. As pessoas denunciadas eram então arrastadas para a plataforma e pressionadas a admitir sua culpa. Os que insistiam na inocência eram amarrados e levados para a prisão; alguns sofriam uma falsa execução, em meio à histeria de slogans gritados. O medo gerado por essas assembleias era insuportável. Um colega íntimo de Mao observou que, na época, os comícios eram "uma guerra de nervos extremamente grave. Para algumas pessoas, eles são mais devastadores do que qualquer tipo de tortura".

Fora dos interrogatórios e comícios, as pessoas eram espancadas em reuniões de doutrinação.[d] Todas as formas de relaxamento, como cantar e dançar, estavam suspensas. Os únicos momentos passados a sós também não propiciavam paz, pois eram consumidos na escrita de "exames de consciência", prática conhecida até então somente no Japão fascista. "Façam todos escreverem seus exames de consciência", ordenou Mao, "e escreverem três vezes, cinco vezes, de novo e de novo [...] Digam a todos para botar para fora cada pensamento que alguma vez nutriram que não é tão bom para o partido." Além disso, todos deveriam pôr no papel informações passadas não oficialmente por outras pessoas — chamadas de "pequenas transmissões" pelo regime. "Você tinha de escrever o que X ou Y disse", contou-nos um veterano de Yenan, "assim como o que você mesmo havia dito que supostamente não era tão bom. Era preciso remexer na memória sem parar e escrever sem parar. Era muito repulsivo." Os critérios do que seria "não tão bom" eram mantidos vagos deliberadamente, para que as pessoas, por medo, errassem pelo excesso.

Muitos tentaram resistir. Mas qualquer sinal de resistência era considerado "prova" de que o indivíduo era um espião, sob o pretexto especioso de que "se você é inocente, não deve haver nada que não possa ser relatado ao partido". O conceito de privacidade não podia ser evocado, porque o bom comunista tinha de rejeitar o privado. Um homem da faculdade de administração, lugar onde a aversão era mais patente, tomou a pequena mas

corajosa medida de protestar com um gracejo que provocou risadinhas: "Temos de escrever o que conversamos à noite na cama com nossas mulheres?". Naturalmente, "descobriu-se" que ele e muitos outros à sua volta eram espiões. "Afora uma pessoa, todos os professores e funcionários são espiões" nessa faculdade, anunciou Mao em 8 de agosto de 1943, e "muitos dos estudantes também são espiões, provavelmente mais da metade". Sob esse tipo de pressão, um homem escreveu não menos de oitocentos temas de conversa numa tentativa frenética de se livrar.

Ao forçar as pessoas a relatar "pequenas transmissões", Mao conseguiu, em grande medida, fazer com que elas dessem informações umas sobre as outras. Assim, rompeu a confiança entre elas e impediu-as, pelo medo, de trocar opiniões, não somente na época de Yenan, mas também no futuro. Ao suprimir as "pequenas transmissões", ele também fechou o que era praticamente a única fonte não oficial de informações, em um contexto no qual ele controlava de fato todos os outros canais. A imprensa de fora não estava disponível e ninguém tinha acesso ao rádio. Também não era possível manter correspondência com o mundo exterior, inclusive familiares: qualquer comunicação de uma área nacionalista era prova de espionagem. A míngua de informação provocava aos poucos a morte cerebral — ajudada pela ausência de qualquer escoadouro para o pensamento, uma vez que ninguém podia se comunicar com ninguém, ou colocar suas ideias no papel, mesmo em particular. Durante a campanha, as pessoas foram pressionadas a entregar seus diários. Em muitas mentes, espreitava o medo de pensar, que parecia não apenas inútil, mas perigoso. O pensamento independente feneceu.

Dois anos desse tipo de doutrinação e terror transformaram os jovens voluntários de defensores apaixonados da justiça e da igualdade em robôs. Em junho de 1944, quando jornalistas de fora tiveram licença, pela primeira vez em muitos anos, para entrar em Yenan, um correspondente de Chongqing observou uma uniformidade estranha e sinistra: "Se você faz a mesma pergunta a vinte ou trinta pessoas, de intelectuais a operários, [sobre qualquer tema], suas respostas são sempre mais ou menos as mesmas [...] Até em questões de amor, parece haver um ponto de vista que foi decidido em reuniões". E, é claro, "eles negam unânime e firmemente que o partido tenha qualquer controle direto sobre suas ideias".

O jornalista sentiu-se "sufocado" pelo "ar de intensidade nervosa". "A

maioria das pessoas", observou ele, "tem rosto muito sério e expressão grave. Entre os grandes chefes, afora o sr. Mao Tse-tung, que mostra com frequência senso de humor, e o sr. Chou En-lai, que é muito bom de conversa, os outros raramente fazem uma piada." Helen Snow, esposa de Edgar Snow, nos contou que em 1937, quando estava em Yenan, as pessoas ainda podiam dizer coisas como "lá vai Deus" pelas costas de Mao. Mas, sete anos depois, ninguém ousava dizer algo remotamente irreverente como essa expressão. Mao não havia apenas proibido a ironia e a sátira (oficialmente, desde a primavera de 1942), como transformara em crime o próprio humor. O regime inventou uma nova transgressão genérica — "falar palavras esquisitas" —, pela qual qualquer coisa, do ceticismo à reclamação e ao simples gracejo, podia provocar o rótulo de espião.

Mao decidira que não queria a cooperação ativa e voluntária (a boa vontade, afinal, podia acabar). Ele não queria voluntários. Precisava de uma máquina na qual, quando apertasse um botão, todas as engrenagens funcionassem em uníssono. E conseguiu.

No início de 1944, a Rússia já estava na ofensiva contra a Alemanha e Mao podia confiar que os soviéticos entrariam na guerra contra o Japão. Depois que esse invasor fosse derrotado, ele precisaria de quadros para combater Chiang Kai-shek, e então começou a abrandar o terror.

As vítimas continuaram trancadas, vivendo ainda na incerteza e no tormento, enquanto as forças de segurança começavam a examinar seus casos, para ver se havia alguns verdadeiros suspeitos de espionagem no meio da montanha de confissões sob coação — um processo que foi previsivelmente longo e lento. Mas de uma coisa o aparato de segurança tinha certeza desde o começo: que os verdadeiros espiões eram muito menos de 1% dos jovens voluntários.

Na época, Mao ordenou que outras bases comunistas começassem a caça aos espiões, reproduzindo o modelo de Yenan. Ele as advertiu especificamente para que não procedessem ao exame de casos individuais só porque Yenan estava agindo dessa maneira. Todos deviam passar pelo ciclo completo da aterrorização. Para estimulá-las a deflagrar o mesmo tipo de frenesi ocorrido em Yenan, Mao inflou a estimativa de sua KGB da

proporção de suspeitos de espionagem de 1% para 10%, afirmando, falsamente, que Yenan descobrira uma pletora de espiões por meio desse método.

Foi somente depois de mais um ano decorrido, na primavera de 1945, que Mao ordenou uma reabilitação em massa das vítimas. Então, já sabia que a Rússia entraria na guerra contra o Japão; logo ele estaria lutando pelo controle de toda a China e precisava rapidamente de quadros.

Os jovens voluntários, que somavam muitas dezenas de milhares apenas em Yenan, haviam atravessado um inferno de confusão mental e angústia. Houve muitos colapsos, alguns para o resto da vida. As pessoas que sobreviveram a Yenan lembram de ter visto cavernas cheias de pessoas, "muitas das quais haviam enlouquecido. Algumas riam loucamente, algumas choravam", dando "gritos e uivos como lobos todas as noites".

O número dos que pereceram pode ter chegado aos milhares. Para muitos, o suicídio era a única maneira de acabar com seu calvário. Alguns saltavam de penhascos, outros em poços. Os que tinham esposa e filhos muitas vezes os matavam primeiro. Tentativas repetidas de suicídio eram comuns: um professor de física fracassou quando engoliu cabeças de fósforos (que eram venenosas), depois se enforcou, com sucesso. Os sobreviventes dessas tentativas eram perseguidos sem misericórdia. Um deles, que engolira vidro quebrado, foi salvo e recebeu ordem imediata de "escrever uma autocrítica".

Às vezes, o suicídio era usado como forma de protesto. Em um caso, foi um protesto duplo: quando um detido se jogou de um penhasco, seus colegas de classe o enterraram na frente da casa de seus interrogadores, um dos quais registrou o alcance do gesto: o fantasma voltará para assombrá-lo!

Em março de 1945, um funcionário escreveu uma carta aos líderes, em que dizia que os jovens voluntários haviam recebido "um pesado golpe em seu entusiasmo revolucionário [...] os ferimentos abertos em suas mentes e corações são realmente profundos". Mesmo assim, Mao confiava que poderia contar com esses indivíduos. Por mais infelizes que estivessem, estavam amarrados à organização comunista e era extremamente difícil para eles ir embora, tanto psicológica como fisicamente. Na ausência de opções, muitos apegaram-se à sua fé, o que tornava mais fácil racionalizar o sacrifício. Mao explorou devidamente esse idealismo, convencendo-os a aceitar os maus-tratos como parte de "Servir ao Povo" (uma expressão vistosa que cunhou então e que depois ganhou fama) e como uma experiência nobre, uma

limpeza da alma para levar a cabo a missão de salvar a China.

Para desfazer a amargura que havia em muitos corações, Mao encenou algumas "desculpas" públicas na primavera de 1945, antes de mandar suas vítimas para a frente de batalha contra Chiang Kai-shek. O que ele fez foi tirar o boné e se inclinar para saudar sua plateia. Mas tomou o cuidado de apresentar suas desculpas como se assumindo generosamente a responsabilidade pelos outros ("Em nome do centro, peço desculpas...") e espalhar a culpa — até mesmo para as próprias vítimas. "Toda Yenan cometeu erros", asseverou. "A intenção era dar-lhes um belo banho, mas foi posto demasiado permanganato de potássio [usado para matar piolhos] e a pele delicada de vocês foi ferida." Esta última observação dizia implicitamente que as vítimas haviam sido mimadas demais e se feriam com facilidade. Os sofismas saíam com facilidade dos lábios de Mao: "Estávamos lutando contra o inimigo no escuro e assim ferimos nossa própria gente". Ou mesmo: "Foi como um pai batendo nos filhos. Então, por favor, não guardem rancor". "Por favor, levantem-se, sacudam a lama de suas roupas e lutem."

Em tais momentos, as plateias costumavam verter lágrimas, lágrimas que eram uma mistura de resignação e alívio. A maioria continuou lutando por um sistema que os havia cruelmente enganado. Depois que ajudassem Mao a tomar o poder, eles funcionariam como parte da máquina que moeu toda a população da China. Mao não montou essa máquina com inspiração ou magnetismo, mas fundamentalmente com terror.

Durante o que pode ser chamado de Terror de Yenan, todo o partido foi tratado com violência, até aqueles membros que não se tornaram vítimas totais. Eles eram invariavelmente coagidos a denunciar os outros — colegas, amigos, até cônjuges —, o que provocava traumas duradouros, tanto nas vítimas como neles próprios. Todos os que compareciam a comícios testemunhavam eventos assustadores que envolviam pessoas que conheciam, e eles viviam com medo de que pudessem ser as próximas vítimas. A implacável invasão da privacidade, com a obrigação de escrever infindáveis "exames de consciência", causava ainda mais tensão. Mao diria uma década depois que não deixara sua marca em apenas 80% do partido — "na verdade, foi em 100%, e pela força também".

Mao tinha agora em suas mãos uma ferramenta formidável para usar contra Chiang Kai-shek. Uma realização suprema da campanha de terror foi arrancar cada gota de informação sobre qualquer ligação porventura existente com os nacionalistas. Mao introduziu um modelo especial de "relação social": "Digam a todos para pôr no papel *todas as relações sociais* de qualquer tipo" (grifo nosso). No final da campanha, o regime compilou um dossiê sobre cada membro do partido. O resultado foi que Mao conhecia todos os canais que os nacionalistas poderiam usar para se infiltrar no futuro confronto. Com efeito, durante a guerra civil, enquanto os nacionalistas foram penetrados como peneira, eles tiveram um sucesso quase nulo na infiltração entre os comunistas. Mao forjara uma máquina que era praticamente impermeável.

Ele preparou também uma força antinacionalista "sem perguntas", fomentando o ódio a Chiang. Quando a maioria dos jovens voluntários se alistou, o PCC não estava em guerra com os nacionalistas e muitos não odiavam Chiang do modo como Mao desejava. Como ele disse, "algumas pessoas acham que o Partido Nacionalista é muito bom, muito bonito". Um funcionário graduado observou na época que "os novos quadros nutrem ilusões muito grandes sobre Chiang, enquanto os velhos quadros enfraqueceram seu ódio de classe" pelo Generalíssimo. Chiang era o líder indiscutível da guerra da China contra o Japão. Foi ele que fez os Estados Unidos e a Grã-Bretanha devolverem suas concessões territoriais (com exceção de Hong Kong) em 1943 — um evento histórico que até Mao se sentiu obrigado a comemorar. E foi sob o governo de Chiang que a China foi aceita como um dos "Quatro Grandes", junto com Estados Unidos, Rússia e Grã-Bretanha. O assento permanente da China e o poder de veto no Conselho de Segurança da ONU, que Mao acabou herdando, foram obtidos graças a Chiang.

Na época, o Generalíssimo era considerado, em geral, o construtor da China moderna que acabara com os senhores da guerra e unificara o país — e comandava a guerra contra o Japão. Mao precisava destruir essa imagem. Na campanha de terror, ele ordenou que o partido fosse "reeducado" sobre a questão: "Quem é o construtor da nação chinesa: os nacionalistas ou o PCC?". O corolário do movimento para destruir a imagem de Chiang era criar o mito de que Mao era o fundador da China moderna.

Mao manufaturou o ódio contra Chiang por meio de sua campanha de "caça aos espiões", na qual a espionagem para os nacionalistas, não para os japoneses, se tornou a questão central, às vezes identificando os nacionalistas com os japoneses por vaga assimilação. Foi através da campanha de terror que Mao tornou Chiang *o* inimigo do comunista comum.

Para insuflar o fervor anti-Chiang no PCC, Mao concebeu outro "massacre" pelos nacionalistas, como o que envolvera o QG do Novo 4º Exército dois anos antes. Dessa vez, entre as vítimas sacrificiais estava seu único irmão vivo, Tse-min.

Tse-min vinha trabalhando em Xinjiang, no extremo noroeste, que fora um satélite russo durante muitos anos. Em 1942, o senhor da guerra local voltou-se contra os comunistas. Percebendo que suas vidas estavam em perigo, Tse-min e os outros líderes regionais do PCC telegrafaram várias vezes a Mao, pedindo para serem evacuados. Mas receberam ordens para ficar onde estavam. No início de 1943, Tse-min e mais de 140 comunistas e suas famílias, inclusive sua esposa e seu filho, e uma garota que Mao chamara de "filha", Si-qi (futura nora dele), foram aprisionados.

Quando o senhor da guerra foi a Chongqing, a coisa óbvia que Chou En-lai, o contato do PCC, deveria fazer era pedir a libertação do grupo pelo governo nacionalista, exatamente o que os russos instaram Chou a fazer. A liderança do PCC, coletivamente (em nome do secretariado), também pediu isso a ele, em 10 de fevereiro. Dois dias depois, Mao mandou a Chou um telegrama separado, assinado somente por ele, com a agenda das conversações com os nacionalistas, e a libertação do grupo de Xinjiang não fazia parte dela. Chou, agora sob ordens apenas de Mao, não levantou essa questão em suas muitas reuniões com os nacionalistas.

Lin Biao estava em Chongqing na ocasião e, em 16 de junho, chegou a uma reunião com o embaixador russo Pániushkin antes de Chou e contou-lhe que este não fizera nada, e que "ordens" haviam chegado de "Yenan". Quando apareceu, Chou começou dizendo que escrevera a Chiang cerca de três meses antes, mas não obtivera resposta. A essa altura, como Pániushkin relatou a Moscou, Lin Biao "ficou sentado com a cabeça abaixada". Chou estava obviamente mentindo. Na verdade, ele e Lin haviam encontrado

Chiang alguns dias antes, em 7 de junho, quando o Generalíssimo fora amistoso e Chou não falara nada sobre seus camaradas presos em Xinjiang.

O resultado foi que o irmão de Mao e duas outras figuras importantes do PCC foram executados em 27 de setembro, sob a acusação de tramar um golpe. Mas com tão poucas mortes — apenas três —, Mao não pôde gritar "massacre". Ele também não fez nenhum pronunciamento condenando as execuções, pois isso poderia levantar questões sobre se os comunistas eram realmente culpados da acusação.[e] A morte de Tse-min permaneceu um não evento público.

a Mao soube que a invasão alemã estava vindo, e quando, numa questão de horas, e alertara o Kremlin. Dimítrov registrou em seu diário a dica do PCC que dizia: "A Alemanha vai atacar a União Soviética [...] a *data – 21 de junho de 1941*!" (realce do original de Dimítrov). Trata-se do único aviso desse tipo destacado. A informação fora obtida por informantes do PCC. Quando os alemães invadiram efetivamente no dia 22, o Kremlin reconheceu com atraso a ajuda do PCC, embora pareça não ter dado atenção ao aviso.

b Esse projeto é conhecido como *zheng-feng*, geralmente traduzido como "Campanha de Retificação".

c Às vezes, as execuções tinham outras funções. Shi Zhe relembrou uma visita que fez a um hospital, onde lhe mostraram uma grande bacia: "Dentro havia um cadáver de homem, de cerca de trinta anos, embebido em formol". A equipe do hospital contou que precisara de corpos para dissecação e "Kang Sheng nos autorizou" a matar três "contrarrevolucionários" para propósitos médicos.

d O uso exaustivo de reuniões para corrigir — ou dobrar — as pessoas se tornaria parte integrante do regime maoísta.

e Os outros detidos, inclusive a esposa de Tse-min e seu filho Yuan-xin, foram libertados mais tarde, com autorização do Generalíssimo.

24. O envenenamento de Wang Ming (1941-45; 47-51 anos)

Além de usar o terror para transformar os membros comuns do partido em engrenagens de sua máquina, Mao também atuava sobre seus colegas do alto escalão. Seu objetivo era dobrá-los e torná-los submissos, a fim de se estabelecer como líder indiscutível e não precisar mais depender da bênção de Moscou. Para isso, escolheu o momento em que Stálin estava preocupado com a guerra contra a Alemanha.

No outono de 1941, convocou uma série de reuniões do Politburo nas quais todos aqueles que se haviam oposto de alguma maneira a ele no passado tiveram de fazer autocríticas humilhantes e prometer-lhe lealdade. A maioria se submeteu docilmente, inclusive o chefe nominal do partido Lo Fu e o ex-chefe Po Ku, o homem que reduzira Mao a uma figura decorativa antes da Longa Marcha.[a] (Chou En-lai estava em Chongqing.) Mas uma figura de proa de Yenan se recusou a se ajoelhar: Wang Ming, aquele que fora a principal ameaça a Mao desde seu retorno de Moscou, no final de 1937.

Depois da invasão alemã da Rússia, Wang Ming imaginou que Stálin ficaria descontente com a recusa de Mao de agir contra o Japão para ajudar a União Soviética. Em outubro de 1941, ele viu um telegrama do chefe do Comintern Dimítrov para Mao em que ele fazia quinze perguntas extremamente duras, entre elas a seguinte: que medidas o PCC estava adotando para atacar o Exército japonês, a fim de que o Japão não pudesse abrir uma segunda frente de luta contra a União Soviética? Armado com tal prova da irritação de Moscou com Mao, Wang Ming agarrou-se nessa chance de reverter sua sorte política e pessoal. Recusou-se a fazer autoflagelação e criticou a política de Mao em relação a Chiang e aos japoneses. Também exigiu que Mao debatesse com ele num grande fórum do partido, declarando que estava preparado para levar a questão até o

Comintern.

O plano original de Mao era obter a submissão absoluta e incondicional de seus colegas e então convocar o tão protelado congresso do partido e subir ao trono do PCC. Ele era o chefe de fato havia quase sete anos, mas sem um cargo ou título à altura. Porém, o desafio de Wang Ming destruiu seu plano. Se o teimoso oponente conseguisse abrir um debate sobre sua política de guerra, o congresso poderia muito bem ficar do lado dele. Mao teve de engavetar o congresso.

Ele ficou furioso com essa inesperada reviravolta dos eventos e sua ira esguichou de sua pena. Nesse período, escreveu e reescreveu nove artigos bombásticos, amaldiçoando Wang Ming e seus aliados do passado, inclusive Chou En-lai, embora este houvesse trocado de lado. Esses artigos ainda hoje são um segredo bem guardado. De acordo com o secretário de Mao, eles eram "enormes descargas de emoções, com muita linguagem excessivamente estridente". Um trecho se referia a seus colegas como "vermezinhos desprezíveis"; "dentro dessa gente, não há nem metade de um Marx verdadeiro, um Marx vivo, um Marx fragrante [...] não há senão Marx falso, Marx morto, Marx fedorento".

Mao retrabalhou esses artigos várias vezes e depois os pôs de lado. Mas continuou obsessivamente ligado a eles até o fim da vida, três décadas e meia depois. Em junho de 1974, depois que Wang Ming morrera no exílio em Moscou e quando Chou En-lai estava com câncer terminal na bexiga, Mao mandou tirar os artigos dos arquivos e pediu que os lessem (estava então quase cego). E apenas um mês antes de sua morte, em 1976, pediu que os lessem de novo para ele.

Entrementes, logo depois de ter desafiado Mao em outubro de 1941, Wang Ming ficou subitamente doente e foi hospitalizado. Ele afirmou que havia sido envenenado por Mao — o que pode ou não ter sido verdade. O que se sabe com certeza é que Mao tentou envenená-lo no mês de março seguinte, quando Wang Ming estava prestes a receber alta do hospital. Wang Ming continuou desafiador: "Não baixarei minha cabeça, mesmo que todos os outros o estejam bajulando", jurou. Em segredo, escrevera um poema em que chamava Mao de "anti-União Soviética e anti-Partido Comunista

Chinês". Além disso, disse ele, Mao estava "montando sua ditadura pessoal"; "Tudo o que faz é para ele mesmo e não se preocupa com nada mais". Mao podia esperar que o altamente articulado Wang Ming o criticasse em público.

O agente da operação de envenenamento arquitetada por Mao foi um médico chamado Jin Mao-yue, que viera para Yenan numa equipe médica nacionalista, no auge da cooperação entre Chiang e o PCC. Era também um ginecologista e obstetra qualificado e os comunistas o mantiveram em Yenan. Quando Wang Ming foi internado no hospital, Jin foi designado seu médico-chefe. Que ele envenenou Wang Ming ficou estabelecido por um inquérito oficial que envolveu os principais médicos de Yenan em meados de 1943. Suas conclusões, obtidas por nós, continuam sendo um segredo bem guardado.

No início de março de 1942, Wang Ming foi descrito como "pronto para receber alta". O dr. Jin vinha tentando mantê-lo no hospital sob o pretexto de fazer toda uma série de operações — "tirar-lhe os dentes, operar hemorroidas e remover as amígdalas". Essas cirurgias foram deixadas de lado depois que outro médico fez objeções. O inquérito descobriu que as operações das amígdalas e de hemorroidas (que eram "grandes") "teriam sido perigosas".

Mas justamente quando Wang Ming estava para sair do hospital, no dia 13, o dr. Jin deu-lhe alguns comprimidos, após os quais Wang Ming desfaleceu. O inquérito registrou que: "Em 13 de março, depois de tomar um comprimido [Wang Ming] sentiu dor de cabeça. Em 14 de março, ele tomou dois e começou a vomitar, sentia fortes dores no fígado, seu baço estava inchado e estava com dor na área ao redor do coração". Após mais comprimidos do dr. Jin, o que Wang Ming tinha "foi diagnosticado como colecistite aguda [inflamação da vesícula biliar] e [...] hepatomegalia [aumento do volume do fígado]".

O inquérito nunca descobriu que comprimidos eram aqueles, pois não havia receita. Sob interrogatório, o dr. Jin deu "respostas muito vagas" sobre o tipo de medicamento e a quantidade. Mas o inquérito estabeleceu que, depois de tomar os comprimidos, Wang Ming mostrou "sintomas de envenenamento".

O dr. Jin receitou então outros comprimidos: grandes doses de calomelano

e soda — dois medicamentos que, tomados em combinação, produzem veneno na forma de corrosivo cloreto de mercúrio. O inquérito concluiu que essas prescrições eram "suficientes para matar várias pessoas". O relatório detalhava muitos "sintomas de envenenamento por mercúrio" e concluía: "É fato que ele foi envenenado".

Wang Ming teria morrido se tivesse tomado todos os comprimidos prescritos pelo dr. Jin. Mas ele ficou desconfiado e parou de tomá-los. Em junho, o dr. Jin suspendeu seu tratamento assassino. O motivo foi que um novo e muito graduado contato de Moscou, Piotr Vladímirov, acabara de chegar em Yenan. Vladímirov, que era general, trabalhara no noroeste da China, falava chinês com fluência e conhecia pessoalmente alguns dos líderes do PCC. Seus relatórios iam para Stálin. Ele ainda trouxe com ele um cirurgião do GRU, Andrei Orlov, também general, além de mais um operador de rádio.

Em 16 de julho, pouco depois da chegada de Vladímirov e Orlov, Moscou foi informada pela primeira vez que Wang Ming, "após nove meses de tratamento, está às portas da morte". Nesse estágio, Wang Ming aparentemente não contou aos russos sobre suas suspeitas de estar sendo envenenado. Ele não apenas estava nas mãos de Mao, como não tinha provas. Tentou primeiro separar Stálin de Mao, dizendo a Vladímirov que este não tinha intenções de ajudar a Rússia militarmente. Em 18 de julho, Vladímirov registrou que Wang Ming "diz que se o Japão atacar [a Rússia] [...] a União Soviética não deve contar com a ajuda [do PCC]".

O representante soviético tornou-se logo muito crítico em relação a Mao. "Espiões vigiam todos os nossos passos", anotou ele. "Nestes últimos dias, [Kang Sheng] tem me impingido uma professora de russo que eu deveria aceitar como pupila. Nunca vi uma moça chinesa de beleza tão admirável. A moça não nos dá um dia de paz." Em poucas semanas, Vladímirov despediu o cozinheiro, convencido de que era "um informante de Kang Sheng".

No início de 1943, o estado de saúde de Wang Ming piorou muito. Os médicos, que tinham agora entre eles o cirurgião Orlov, recomendaram tratamento na área nacionalista ou na Rússia. Mao recusou-se a deixá-lo partir.

Para salvar sua vida e ir para Moscou, Wang Ming sabia que tinha de fazer Stálin perceber que ele era politicamente útil. Em 8 de janeiro, ditou um

longo telegrama a Vladímirov, dirigido a Stálin. De acordo com seu próprio relato, detalhava os "muitos crimes" de Mao, que ele chamava de "antissoviético e antipartido". No final, "perguntava se seria possível mandar-me um avião e tratar-me em Moscou, onde eu também daria à liderança do Comintern detalhes sobre os crimes de Mao".

A mensagem de Wang Ming, bem diluída por Vladímirov, chegou a Dimítrov em 1º de fevereiro. É óbvio que Mao soube da mensagem perigosa que Wang Ming mandara para a Rússia, pois telegrafou imediatamente a Dimítrov com contra-acusações a Wang Ming. Ainda assim, o chefe do Comintern prometeu a Wang Ming: "Levaremos você de avião para Moscou".

A essa altura, o dr. Jin fez outra tentativa contra a vida de Wang Ming. Em 12 de fevereiro, logo depois da mensagem de Dimítrov, ele receitou de novo uma combinação mortal de calomelano e soda. Uma semana depois, receitou ácido tânico em um enema, numa dose que teria sido fatal. Dessa vez, Wang Ming, além de não seguir as receitas, guardou-as cuidadosamente.

Mao percebeu que precisava agir com urgência e tomou uma medida surpreendente. Em 20 de março, em segredo total, reuniu o Politburo — menos Wang Ming — e fez-se eleger supremo líder do partido, tornando-se presidente tanto do Politburo como do secretariado. Essa resolução deu-lhe poder absoluto e deixou claro: "Em todas as questões [...] o presidente tem o poder de tomar as decisões finais". Wang Ming foi retirado do secretariado.

Era a primeira vez que Mao se tornava o chefe do partido no papel, tanto quanto de fato. E, contudo, foi uma jogada sub-reptícia, mantida em segredo absoluto do próprio PCC e de Moscou — e permaneceria secreta durante toda a vida de Mao, conhecida provavelmente apenas por um punhado de pessoas.

Wang Ming talvez tenha tido notícia da manobra de Mao, pois pela primeira vez denunciou a tentativa de envenenamento aos russos. Em 22 de março, mostrou a Orlov uma das receitas do dr. Jin, que Vladímirov encaminhou a Moscou. Os russos responderam imediatamente para informar que a receita "causa envenenamento lento" e "em casos graves, a morte". Wang Ming mostrou então a receita para o médico-chefe de Yenan, dr. Nelson Fu, e isso levou a um inquérito, que concluiu, sem dúvida alguma, que Wang Ming fora envenenado.

Mas Mao, o rei da tramoia, tirou vantagem do inquérito. Como a investigação estabeleceu que haviam tentado matar Wang Ming, Mao usou o fato de que ela ainda estava em andamento como pretexto para impedir a viagem de Wang Ming.

E para Mao sempre havia bodes expiatórios à mão — nesse caso, o dr. Jin. Em 28 de março, madame Mao "veio me visitar de forma bem inesperada", registrou Vladímirov. "Ela falou longamente sobre 'a falta de confiança no dr. Jin que [disse ela] é provavelmente um agente [nacionalista]'."

* * *

Cinquenta e seis anos depois, em um sombrio prédio de concreto da poeirenta Pequim, o único sobrevivente do painel de quinze médicos que traçou as conclusões oficiais em Yenan, o dr. Y, fisicamente vigoroso e mentalmente alerta aos 87 anos, nos concedeu uma entrevista gravada.

Quando foi tomada a decisão de realizar um inquérito médico, o dr. Y foi designado para verificar se Wang Ming havia sido de fato envenenado. Ele ficou "com Wang Ming durante um mês, dormindo em seu estúdio"; aquecia a urina dele todos os dias, depois mergulhava um fio de ouro nela e o examinava ao microscópio. O exame revelou que continha mercúrio: "Ele estava sendo envenenado lentamente". O dr. Y relatou o fato ao seu superior médico. Mas nada foi feito durante semanas. O inquérito médico foi aberto finalmente em 30 de junho, mais de três meses depois da denúncia do envenenamento. As conclusões, redigidas em 20 de julho, declaravam que Wang Ming tinha sido definitivamente envenenado pelo dr. Jin e foram assinadas pelo próprio Jin. Depois da assinatura, ele escreveu entre parênteses: "Farei declaração em separado sobre vários dos pontos". Mas jamais o fez. Na metade de uma reunião, diante de seus colegas, ele se jogou chorando aos pés da esposa de Wang Ming. O dr. Y estava presente. Ele nos contou que o dr. Jin "caiu de joelhos e implorou perdão, dizendo que estava errado". "Ele admitiu erros. É claro que não admitiria que eram deliberados." Na verdade, o dr. Jin carregava um manual médico de bolso que informava especificamente que era proibido usar calomelano em combinação com soda, e ele sublinhara essas palavras. O dr. Y o confrontou com isso: "Veja, está escrito aqui: receita proibida, grande perigo. Você até sublinhou!". Jin ficou em silêncio.

Longe de enfrentar problemas, no entanto, Jin foi protegido ao ser levado para o covil do aparato de segurança, o Jardim das Tâmaras, onde viveu com a elite da segurança. Continuou a ser um dos médicos de Mao e outros líderes, o que seria inconcebível se Mao tivesse a mais mínima dúvida sobre sua competência ou fidelidade.[b]

O inquérito não mencionou Mao, é claro, mas os russos não tinham dúvidas: "Wang Ming estava sendo envenenado e [...] Mao Tse-tung e Kang Sheng estavam envolvidos".

O principal cúmplice de Mao na operação para evitar a ida de Wang Ming para Moscou foi, novamente, Chou En-lai, seu contato em Chongqing. Para que aviões russos fossem a Yenan, era preciso permissão de Chiang Kai-shek, de modo que Mao pediu hipocritamente que Chou obtivesse permissão para que um avião russo viesse buscar Wang Ming, ao mesmo tempo que deixava claro a Chou que não queria que seu desafeto partisse. Chou disse então aos russos que "os nacionalistas não permitem que o comandante Wang Ming saia de Yenan". Na verdade, Lin Biao, que estava em Chongqing na época, informou ao embaixador soviético Pániushkin que Chou jamais levantou a questão com os nacionalistas, devido a "instruções de Yenan".

Exatamente na mesma ocasião, Chou obteve permissão de Chiang para que um avião russo trouxesse An-ying de volta. O filho de Mao, que estava na Rússia desde 1937, agora tinha 21 anos e era um entusiasta de *gung-ho* na academia militar, onde entrara para o Partido Comunista soviético. Ele escrevera três cartas a Stálin pedindo para ser designado para o front alemão.

Como não foi mandado para a frente de batalha, An-ying pediu permissão para voltar à China depois de se formar, em 1º de maio de 1943. Ele não era apenas o filho mais velho de Mao, mas também o único herdeiro provável, pois seu irmão An-ching era deficiente mental. An-ying telegrafou ao pai (via Dimítrov) e Mao respondeu que Chiang havia liberado a viagem de avião. An-ying preparou-se para voltar para casa e pediu ao chefe da Escola Comunista Internacional que cuidasse de seu irmão. "Não o perca de vista [...] Ele é uma pessoa honesta, mas tem problemas de audição e seus nervos estão em frangalhos."

Em 19 de agosto, um avião russo foi para Yenan buscar Wang Ming e An-ying deveria estar nele. Mas nesse dia ele foi chamado por Dimítrov. Quando

o avião chegou a Yenan, An-ying não estava a bordo. Era a maneira de Moscou dizer a Mao que queria Wang Ming antes de liberar seu filho.

Mas Mao não soltou Wang Ming. Vladímirov registrou: "Mandaram os médicos [...] dizer que Wang Ming [...] não poderia suportar o esforço do voo [...] A tripulação atrasou o voo o quanto pôde, mas [Mao] conseguiu o que queria".

Outro avião soviético chegou em 20 de outubro e lá permaneceu por quatro dias, antes de partir com alguns agentes do serviço secreto russo — mas, de novo, sem Wang Ming. "Ao ver [o dr. Orlov]", observou Vladímirov, "Wang Ming prorrompeu em lágrimas [...] ele ainda [...] não consegue andar [...] [seus] amigos o abandonaram [...] Ele está sozinho no pleno sentido da palavra." Havia dois anos que sua crise de saúde começara e dezenove meses desde o início do envenenamento. Naqueles longos e agonizantes dias, sua esposa cuidou dele com devoção, sempre com o rosto forte e calmo na sua presença. Mas às vezes fechava a porta e tentava aliviar a angústia. Seu filho nos contou que, quando pequeno, certa vez a vira rolando e chutando no chão de terra, abafando os soluços e gritos com uma toalha. O filho era jovem demais para compreender, mas a cena traumática ficou gravada em sua memória.

Em Yenan, contou o dr. Y, "muita gente sabia que Wang Ming fora envenenado por mercúrio e que alguém estava tentando matá-lo [...] Correu o boato". E não somente entre os funcionários graduados, mas também entre os membros comuns do PCC que tinham ligações com os médicos. Tanta gente suspeitava da verdade que Mao tinha de acabar com a onda de suspeição. Isso significava obter do casal Wang Ming uma negação pública.

Em 1º de novembro, uma semana depois que o segundo avião russo havia partido, Mao convocou uma grande reunião das altas autoridades, presidida por ele. Wang Ming ficou de fora. A testemunha principal era um veterano comandante, que foi trazido da prisão para dizer que, mais de um ano antes, a sra. Wang Ming lhe contara que seu marido estava sendo envenenado — e dera a entender que Mao era o responsável. A sra. Wang Ming fez então um veemente desmentido público. Em 15 de novembro, escreveu uma carta a Mao e ao Politburo na qual jurava que ela e o marido jamais haviam nutrido tal pensamento e que não sentiam outra coisa senão gratidão por Mao. O caso do envenenamento foi formalmente arquivado.

Mao desafiara Stálin de forma espantosa, pois Moscou não enviaria um avião até Yenan para nada. Ademais, coisas estranhas aconteceram aos russos na capital comunista. Sua estação de rádio foi destruída, num aparente ato de sabotagem. Seus cães, que eles haviam trazido para proporcionar segurança e um sistema de alarme — bem como proteção contra os lobos —, foram mortos a tiros. Mao ousou fazer tudo isso porque sabia que era o vitorioso e que Stálin precisava dele e estava comprometido com ele. Foi durante esse mesmo período, em 30 de outubro de 1943, que Stálin informou aos americanos que entraria finalmente na guerra contra o Japão. Os fornecimentos de armas russas a Mao aumentaram muito.

Em 17 de novembro, Dimítrov telegrafou mais uma vez a Mao sobre a ida de Wang Ming para a Rússia, mas não recebeu resposta. E quando Dimítrov escreveu a Wang Ming, em 13 de dezembro, o fez num tom claramente triste. Depois de dizer que a filha de Wang Ming, que os Dimítrov haviam adotado, estava bem, ele prosseguiu, resignado: "Quanto às suas questões no partido, tentem resolvê-las vocês mesmos. Não é conveniente intervir daqui por ora".

Mas Stálin decidiu que Mao deveria receber uma advertência. Pouco depois, em 22 de dezembro, ele autorizou Dimítrov a mandar um telegrama muito incomum, no qual dizia a Mao:

> Não é preciso dizer, depois da desmontagem do Comintern,[c] seus líderes [...] não podem mais intervir nos assuntos internos do PCC. Mas [...] não posso deixar de dizer algumas palavras sobre minhas preocupações causadas pela situação no PCC. [...] Penso que a política de reduzir a luta contra os ocupantes estrangeiros está politicamente errada, e a atual ação de se afastar da frente unida nacional também está errada [...].

Manifestando suas "suspeitas" a respeito de Kang Sheng, o chefe da inteligência de Mao, que descrevia como "ajudando o inimigo", Dimítrov disse a Mao que "a campanha realizada para incriminar" Wang Ming (e Chou En-lai) estava "errada".

Ele começava o telegrama com uma menção muito contundente a An-ying:

> Quanto ao seu filho. Consegui que ele fosse matriculado na Academia Político-Militar [...] Ele é um jovem talentoso e não tenho dúvida de que você encontrará nele um auxiliar bom e confiável. Ele

manda lembranças.

Dimítrov não dizia uma palavra sobre o tão esperado retorno de An-ying à China. E o fato de mencioná-lo junto com Wang Ming era a maneira mais clara possível de informar a Mao que seu próprio filho era um refém, tal como o de Chiang Kai-shek o fora.

Quando Vladímirov traduziu o telegrama para ele, em 2 de janeiro de 1944, a reação imediata de Mao foi de desafio. Ele escreveu uma resposta na mesma hora. Era uma rude réplica, ponto por ponto:

Ao camarada Dimítrov,

1. Não reduzimos a luta contra os japoneses. Ao contrário [...]
2. Nossa linha em relação à colaboração com os [nacionalistas] permanece sem mudanças [...]
3. Nossas relações com Chou En-lai são boas. Não vamos cortá-lo do partido de forma alguma. Chou En-lai fez grandes progressos.
4. Wang Ming envolveu-se em várias atividades antipartido [...]
5. Asseguro-lhe e posso garantir que o Partido Comunista Chinês ama e respeita muito o camarada Stálin e a União Soviética [...]
6. [...] Wang Ming não é confiável. Uma vez, ele foi preso em Xangai. Várias pessoas disseram que quando ele estava na prisão admitiu ser membro do Partido Comunista. Ele foi solto depois disso.[d] Falou-se também sobre suas conexões suspeitas com Mif [expurgado na Rússia] [...]

Kang Sheng é um homem confiável [...]
Mao Tse-tung

Mao era um homem impulsivo, mas costumava conter seus arroubos. Certa vez, disse a um auxiliar que comentou sua "calma imperturbável" e "autocontrole impecável": "Não é que eu não esteja com raiva. Às vezes, fico tão irado que sinto meus pulmões estourando. Mas sei que devo me controlar e não demonstrar nada".

A reação intempestiva de Mao nessa ocasião foi incaracterística. Sua explosão não se deu porque se preocupasse muito com o filho, mas porque era a primeira vez que Moscou tentava chantageá-lo. Mas ele se arrependeu imediatamente da erupção. Não podia se dar ao luxo de ofender Moscou, em especial nesse momento em que a maré se voltava contra a Alemanha e era provável que a Rússia atacasse o Japão em breve — e o levasse ao poder.

No dia seguinte, Mao disse a Vladímirov que "havia pensado muito" no telegrama de Dimítrov e perguntou se sua resposta fora enviada. Se não, "ele

certamente mudaria seu conteúdo".

Mas o telegrama já seguira e, nos dias seguintes, Mao, visivelmente ansioso, tratou de cortejar Vladímirov. Em 4 de janeiro, convidou-o para um espetáculo de ópera e "imediatamente começou a falar de seu respeito pela União Soviética [...] e I. V. Stálin [...] Mao disse que respeitava sinceramente os camaradas chineses que haviam recebido educação ou trabalhado na União Soviética". No dia seguinte, visitou Vladímirov de novo, que observou: "Ele obviamente compreende que o telegrama que mandou para Dimítrov em 2 de janeiro foi rude e inconveniente". No dia 6, Mao ofereceu um jantar aos russos: "Tudo foi cerimonioso, amistoso e [...] servil". No dia seguinte, Mao foi sozinho à casa de Vladímirov às nove da manhã — o que para ele era o meio da noite. "De repente", Mao "começou a falar de Wang Ming — num tom totalmente diferente, quase amistoso!" No final, sentou-se e redigiu outro telegrama para Dimítrov e pediu que Vladímirov o expedisse logo. "Mao parecia perturbado, seus gestos traíam tensão e nervosismo [...] Parecia extremamente cansado, como se não tivesse tido um minuto de sono."

O tom do segundo telegrama era servil:

> Agradeço-lhe sinceramente pelas instruções que me deu. Vou estudá-las com cuidado [...] e tomar medidas de acordo com elas [...] Quanto às questões intrapartidárias, nossa política tem por objetivo a unidade. A mesma política será aplicada em relação a Wang Ming [...] Peço-lhe que fique tranquilo. Todos os seus pensamentos, todos os seus sentimentos estão perto do meu coração [...].

Mao fez então duas longas visitas a Wang Ming.

Dimítrov escreveu-lhe em 25 de fevereiro, para dizer que estava particularmente contente com seu segundo (servil) telegrama. Essa e as missivas subsequentes tiveram um tom de "podemos trabalhar juntos".

Em 28 de março, Mao pediu que Vladímirov mandasse um telegrama para seu filho An-ying. Nele, dizia que não pensasse em retornar à China. Mao estava "muito feliz com seus sucessos nos estudos". E pedia ao filho para "não se preocupar com sua [de Mao] saúde. Ele se sente bem". Pedia a An-ying para transmitir "saudações calorosas" a Manuilski e Dimítrov, que "têm ajudado [...] a revolução chinesa. É a eles que os camaradas chineses e seus filhos devem sua educação na [Rússia], sua criação e sustento".

Essa era a maneira de Mao dizer a Moscou: aceito que fiquem com meu filho como refém. Com esse entendimento, An-ying permaneceu na Rússia.

Entrementes, Dimítrov instruiu Wang Ming a entrar num acordo. Embora protestasse que não era culpado do racha, Wang Ming prometeu trabalhar com Mao, mas pediu a Moscou que tentassem contê-lo.

O resultado foi um empate, mas que favoreceu muito Mao. Ele teve permissão para manter Wang Ming em Yenan e fazer o que quisesse com ele, inclusive caluniá-lo, desde que não o matasse. Com efeito, a difamação de Wang Ming foi uma atividade importante na campanha de terror em Yenan, a partir de 1942. Infindáveis sessões de doutrinação foram realizadas para denegrir seu nome entre os membros do partido. Em um comício que o denunciava *in absentia* (Mao tratou de mantê-lo longe dos quadros partidários), a esposa de Wang Ming conseguiu subir ao palco e dizer que as acusações eram falsas. Pediu que trouxessem Wang Ming para esclarecer os fatos. Como ninguém se moveu, ela jogou-se aos pés de Mao soluçando alto, agarrou-se às suas pernas e lhe pediu que fosse justo. Mao ficou sentado, imóvel como uma pedra.

No final da campanha, ficou implantado na mente das pessoas que Wang Ming era o inimigo número um do partido e a partir de então ele não teve condições de desafiar a supremacia de Mao — embora este ainda o considerasse uma ameaça, porque ele continuava indomado. Cinco anos depois, aconteceria outro atentado contra sua vida.[e]

Em 1943, enquanto empregava veneno para combater Wang Ming, ele voltou-se contra Chou En-lai — apesar de Chou ter colaborado bastante no trabalho sujo de Mao, como deixar Tse-min ser morto e evitar que seu velho amigo Wang Ming fosse se tratar em Moscou.

Porém, Mao queria mais do que deferência servil. Ele queria Chou totalmente amedrontado e dobrado. A campanha de terror de 1942-43 ameaçou condená-lo como o grande espião-chefe. Na verdade, foi em parte para incriminá-lo que Mao inventou a acusação de que a maioria das organizações comunistas das áreas nacionalistas espionava para Chiang, pois Chou era o responsável por essas organizações. Com o objetivo de ter Chou por perto e submetê-lo ao terror, Mao mandou telegramas ameaçadores em que ordenava que ele voltasse de Chongqing para Yenan. Um deles, de 15 de junho de 1943, dizia: "Não se demore [...] para evitar que as pessoas falem". E em julho, quando Chou voltou, a primeira coisa que Mao lhe disse na cara

foi uma advertência: "Não deixe seu coração no campo do inimigo!". Chou entrou em pânico e reagiu com bajulação total, fazendo grandes elogios a Mao em sua festa de "boas-vindas". Depois, em novembro, penitenciou-se durante cinco dias diante do Politburo, afirmando que havia "cometido crimes extremamente grandes", sido "cúmplice" de Wang Ming, e que tinha "o caráter de um escravo" — do senhor errado, é claro. Disse a plateias maiores do partido que ele e outros líderes haviam agido de forma desastrosa e que fora Mao quem salvara o partido da inépcia deles. Totalmente domesticado, Chou tornou-se um escravo que se humilhou diante de Mao por mais de três décadas, até quase seu último suspiro.

O último homem de quem Mao decidiu cortar as garras foi Peng De-huai, o comandante interino do 8º Exército de Marcha. Peng se opusera a ele nos anos 1930. Em 1940, o havia desafiado e lançado a única operação em larga escala dos comunistas contra os japoneses durante toda a guerra sino-japonesa. E fizera algo igualmente enfurecedor para Mao — havia tentado implementar alguns dos ideais que, no léxico de Mao, eram para ser usados apenas como propaganda. "Democracia, liberdade, igualdade e fraternidade", disse Mao, eram conceitos a serem usados somente "para nossas necessidades políticas." Ele censurou Peng por "falar sobre eles como se fossem ideais genuínos".

Mao havia tolerado Peng porque ele desempenhara um papel extremamente útil na expansão do Exército e na direção das áreas de base. (As bases sob o comando de Peng mantinham uma relação muito melhor com os habitantes locais e uma atmosfera muito menos opressiva do que a de Yenan.) No outono de 1943, Mao trouxe-o de volta para Yenan, embora não o tenha colocado de imediato na sua lista de ataques porque não queria enfrentar muitos inimigos ao mesmo tempo. Peng não mediu suas palavras ao falar das muitas coisas que o irritavam em Yenan, inclusive o esforço de Mao de construir um culto de si mesmo, que ele rotulou simplesmente de "errado". Um dia, ao conversar com um membro do partido que acabava de ser solto da prisão de Mao, disse com ar pensativo: "É difícil suportar sozinho de forma honrada".

A partir do início de 1945, Mao decidiu manchar a credibilidade e a reputação de Peng — e enervá-lo. Numa série de longas reuniões de

intimidação, seus asseclas o bombardearam com insultos e acusações — experiência que ele descreveu como "ser fodido durante quarenta dias". As sessões de ataque a Peng continuaram intermitentemente até a véspera da rendição dos japoneses, quando pararam porque Mao precisava de comandantes do calibre de Peng para lutar contra Chiang Kai-shek. A essa altura, Mao havia sistematicamente subjugado todos os seus oponentes.

a Po Ku morreu num desastre aéreo em 1946.

b O dr. Jin continuou particularmente próximo de madame Mao, em quem fizera um aborto e ligação das trompas no verão de 1942. Quando os comunistas tomaram o poder, tornou-se chefe do Hospital de Pequim, que atendia os líderes do partido e suas famílias. Na noite de 30 de setembro de 1950, a nora de Mao foi levada a esse hospital com apendicite. Era preciso a assinatura de um parente para autorizar a operação. Como An-ying, o marido dela, não estava presente, foi o dr. Jin quem assinou a autorização.

c Em 20 de maio de 1943. Em larga medida, tratou-se de uma formalidade, para apaziguar os aliados ocidentais de Stálin, e provocou poucas mudanças na relação entre Moscou e Yenan.

d Isso significava que a explicação de Wang Ming para sua soltura era insatisfatória e, portanto, suspeita.

e Em 1948, quando planejava ir à Rússia, Mao ficou preocupado com o que Wang Ming poderia fazer em sua ausência. Então, deram-lhe lisol, supostamente para sua constipação crônica. Tratava-se de um poderoso desinfetante usado para limpar mictórios e que destruiria os intestinos. Wang Ming sobreviveu porque sua esposa parou imediatamente de administrar a substância depois que ele gritou de dor. Nenhum outro alto líder do PCC teve tantos "acidentes médicos" — ou qualquer acidente sério de qualquer tipo. A possibilidade de se tratar de um acidente pode ser descartada pelo fato de que o médico que receitou o lisol continuou a ser o principal médico de Mao.

Uma circular oficial restrita, datada de 7 de julho de 1948, e outros documentos médicos reconheceram esse "acidente médico", mas fizeram da farmacêutica o bode expiatório. Em setembro de 1998, uma amiga da farmacêutica telefonou para ela em nosso nome. Depois dos cumprimentos, a colega disse: "Tenho uma escritora aqui e ela gostaria de conversar com você sobre o enema". Diante dessa pergunta súbita, a farmacêutica respondeu sem um segundo de hesitação ou desconcerto: "Não sei, não sei".

"Que medicamento você deu?"

"Não sei que medicamento eu dei. Esqueci."

Parece que, pelos últimos cinquenta anos, a questão permaneceu viva na mente da farmacêutica.

25. Por fim, supremo líder do partido (1942-45; 48-51 anos)

A campanha de terror de Mao granjeou-lhe tantos inimigos, de novos recrutas a líderes veteranos do partido, que ele passou a se sentir mais inseguro do que nunca e redobrou sua segurança pessoal. No outono de 1942, foi criada uma guarda pretoriana especial. Ele desistiu de sua residência pública no morro Yang e passou a viver todo o tempo no Jardim das Tâmaras, o covil isolado de sua KGB, a vários quilômetros de distância de Yenan. Cercada por muros altos e fortemente guardada, a propriedade era lugar para se ficar distante. Quem quer que se aproximasse podia facilmente despertar a suspeita de ser espião. Ali, Mao mandou construir uma residência especial, projetada para suportar o bombardeio aéreo mais pesado.

Mas mesmo o Jardim das Tâmaras não era suficientemente seguro. Atrás dele, protegida por salgueiros, choupos vermelhos e pereiras, uma trilha conduzia através de crisântemos silvestres às profundezas dos morros — e a uma toca ainda mais secreta. Ali, num lugar chamado Ravina Posterior, um grupo de abrigos foi preparado para Mao, num reduto situado na encosta. A trilha foi alargada para que seu carro pudesse chegar praticamente à sua porta. Apenas um pequeno grupo de pessoas sabia que ele morava naquele lugar.

O quarto principal, como na maioria de suas residências, tinha uma segunda porta que dava para uma saída de emergência cavada até o outro lado do morro. A passagem secreta também dava para o palco de um grande auditório, de tal modo que Mao podia chegar lá sem sair para a rua. O auditório e as cavernas de Mao eram tão bem camuflados que não se suspeitava de sua existência até chegar à porta. Mas, de lá, era fácil fiscalizar a trilha. O auditório, tal como a maioria dos prédios públicos de Yenan, foi projetado por um arquiteto que estudara na Itália e parecia uma igreja católica. Mas jamais foi usado, exceto para umas poucas reuniões da força de

segurança. Mao queria mantê-lo em segredo, exclusivamente seu. Hoje, as cavernas de Mao repousam em total isolamento e o grande salão está em ruínas, como se fosse uma catedral dilapidada, espectral, em uma paisagem de ravinas de loess que se estendem até onde a vista alcança.

Shi Zhe, o assistente de segurança de Mao, nos contou: "Eu controlava a entrada da trilha. Não era permitida a entrada de ninguém só porque quisesse entrar". Poucos líderes apareciam. Aqueles que o faziam só podiam entrar com um único guarda-costas, mas "não perto de onde Mao Tse-tung morava". Os seguranças do próprio Mao escoltavam o líder, sozinho, até onde ele estava.

A campanha de Mao aterrorizou até os aterrorizadores, como seu principal capanga, Kang Sheng. Shi Zhe observou que Kang vivia num estado de temor profundo de Mao nesse período. Embora tivesse ajudado a inventar a acusação de uma vasta rede de espionagem no PCC, isso poderia voltar-se contra ele, pois Kang tinha um passado nebuloso. Onde e quando ele entrara para o partido era um mistério: não havia testemunhas disso e os patrocinadores que ele indicava negavam qualquer participação em sua filiação. Muitas cartas chegaram a Mao lançando suspeitas sobre Kang, algumas dizendo que ele havia se curvado quando preso pelos nacionalistas. Para piorar, Dimítrov (isto é, Stálin) denunciou Kang a Mao em dezembro de 1943, afirmando que ele era "dúbio" e que estava "ajudando o inimigo". Com efeito, já em 1940 os russos haviam exigido que Kang ficasse de fora da liderança do PCC.

Longe de repeli-lo por seu passado obscuro, Mao o apreciava por isso. Tal como Stálin, que utilizava ex-mencheviques como Vichinski, Mao aproveitava a vulnerabilidade das pessoas como forma de dominá-las. Ele manteve Kang na chefia de sua KGB, encarregado de escrutinar e condenar os outros. Kang continuou a temer Mao até morrer, em 1975; um de seus últimos atos foi defender-se junto ao chefe e alegar que estava "limpo".

Mao fez pleno uso do pendor de Kang para a perseguição e a personalidade deformada. Ele estivera em Moscou durante os processos de Stálin e participara de expurgos de estilo stalinista. Gostava de ver as pessoas ficarem aterrorizadas nos comícios de massa e de brincar com a angústia das

vítimas. Tal como Stálin, que às vezes convidava vítimas ao seu gabinete para uma última conversa, Kang saboreava o prazer de observar o condenado cair no abismo no exato momento em que julgava estar seguro. Era um sádico. Uma história que gostava particularmente de contar referia-se a um fazendeiro de seu distrito natal que açoitava seus trabalhadores com um chicote feito de pênis de burro. Kang também era um voyeur. Depois que uma menina de quinze anos inventou uma história sobre como ela usara seu corpo para espionar, ele a fez repeti-la em toda a região, sem se cansar de escutá-la. Um dos laços mais íntimos de Kang com Mao vinha do fato de fornecer-lhe materiais eróticos e trocar histórias obscenas.

Mais tarde, Kang tornou-se o bode expiatório do terror de Yenan, mas tudo o que fez foi por ordem de Mao. Na verdade, durante a campanha, Mao limitou seu poder, fazendo dos chefes do partido em cada unidade — em vez da KGB de Kang — responsáveis por designar e acusar a maioria das vítimas de suas instituições. Na futura China comunista, não haveria um equivalente exato da KGB soviética.

* * *

Outro associado que sofreu um tremendo amedrontamento na campanha foi Liu Shao-chi. Não apenas algumas das organizações chamadas de ninhos de espiões estavam sob seu controle, como ele também fora preso pelos nacionalistas — com efeito, várias vezes, o que o qualificava como grande suspeito de ser vira-casaca. Se desse algum motivo de insatisfação, Mao poderia facilmente condená-lo como chefe de espionagem. Na verdade, ele fora contra a campanha de terror logo que chegara a Yenan, no final de 1942; mas, depois dessa breve manifestação de desgosto, o contato russo Vladímirov disse que ele "mudou de opinião rapidamente" e se acomodou com Kang Sheng. A partir de então, Liu obedeceu à linha de Mao e desempenhou um papel ignóbil na campanha.[a] Como era extremamente capaz, Mao o escolheu para seu vice-comandante, posição que manteve até sua queda, na Revolução Cultural, em 1966.

Duas mulheres que se tornariam muito poderosas no futuro entraram então no reino da perseguição: a mulher de Mao e a esposa do homem que

seria seu braço direito na Revolução Cultural, Lin Biao. Ambas haviam chegado a Yenan através de organizações do partido que estavam sendo condenadas como centros de espionagem. Certo dia de 1943, enquanto Lin Biao estava em Chongqing, sua esposa Ye Qun foi amarrada a um cavalo e arrastada para a detenção. Felizmente para ela, Lin Biao era alguém que gozava de uma relação de camaradagem incomum com Mao. Em julho, quando ele voltou a Yenan, foi até o órgão do partido que estava tratando do caso de sua esposa. "Fodam-se", gritou, jogando seu chicote sobre a escrivaninha. "Nós travamos guerras na frente e vocês comem minha mulher por trás!" Sua mulher foi solta e liberada de todas as acusações. Essa breve experiência de medo intenso foi o começo do endurecimento do coração de Ye Qun. Quando ganhou importância com seu marido na Revolução Cultural, tornou-se uma carrasca.

Jiang Qing, a depois famigerada madame Mao, também aprendeu sobre terror durante a campanha de Yenan. Ela havia sido presa pelos nacionalistas anos antes e saíra da prisão por ter se retratado e divertido seus carcereiros — e, segundo Kang Sheng (mais tarde), dormido com eles. Seu passado fora um grande problema em 1938, quando Mao quis casar com ela. Agora, embora ninguém ousasse denunciá-la, por ser a mulher dele, vivia com medo de que alguém o fizesse, em especial porque também teve de fazer "autocrítica" e suportar as críticas de outros. Ela tentou se esconder alegando doença, mas, ao contrário de Lin Biao, que simplesmente disse a sua mulher para ficar em casa, Mao ordenou que Jiang Qing voltasse à sua unidade e passasse pelo ciclo da atemorização. Embora o que ela sofreu não tenha sido nada em comparação com o sofrimento da grande maioria, foi o suficiente para fazê-la viver com medo de seu passado pelo resto da vida. Mais de duas décadas depois, quando adquiriu um poder enorme, esse temor obsessivo contribuiu para o aprisionamento e a morte de muita gente que conhecia sua vida. Sobretudo, Jing Qing tinha medo do marido. Ao contrário de sua predecessora Gui-yuan, ela jamais ousou fazer uma cena sobre os casos amorosos de Mao e muito menos pensar em deixá-lo. Por mais sórdida que fosse a missão que ele lhe atribuísse, ela a cumpria.

A campanha de terror de Yenan também marcou sua estreia na perseguição de outras pessoas, atividade pela qual ela desenvolveu gosto. Sua primeira vítima foi a babá de dezenove anos de sua filha, que ela mandou para a prisão, como revelou a criada 55 anos depois.

Mao e Jiang Qing tiveram uma filha, Li Na, nascida em 3 de agosto de 1940. Com um ano e meio, a menina já estava na terceira babá, que vinha de uma família camponesa pobre de Shanxi. O pai da criada morrera atravessando o gelado Yangtze com carga nas costas para os comunistas. Ela mesma começara a confeccionar sapatos para o Exército Vermelho com tenra idade, e fora promovida na burocracia comunista de seu distrito. Ela e outras mulheres "confiáveis" foram então selecionadas para serem babás dos filhos dos líderes.

Depois de um exame de saúde e algum treinamento, tornou-se babá e criada da família de Mao. Uma de suas tarefas era lavar os cabelos de madame Mao. Ela descreveu como Jiang Qing ficava furiosa se a lavagem não fosse exatamente como queria. Em certo dia de 1943, a babá foi subitamente convocada a comparecer diante de madame Mao e dois membros da equipe de governo. "Você veio aqui com veneno! Confesse!", gritou Jiang Qing. Naquela noite, a moça foi levada para a prisão da Ravina Posterior, atrás do Jardim das Tâmaras.

Ela foi acusada de envenenar o leite da família de Mao, que vinha de uma vaca especialmente guardada no recinto do aparato de segurança. O que aconteceu foi que madame Mao teve diarreia. Depois de atormentar com perguntas o chefe da cozinha e o ordenança, pediu a Kang Sheng que prendesse a babá e a interrogasse.

Na prisão, ela compartilhou uma caverna com um grande número de mulheres. Durante o dia, a principal atividade era fiar, com uma cota muito alta, que tinha de dar duro para cumprir. O regime descobrira que a fiação era uma ocupação ideal para as prisioneiras, pois eram forçadas a ficar no mesmo lugar, o que facilitava a guarda, ao mesmo tempo que era economicamente produtivo. À noite, aconteciam os interrogatórios, durante os quais a babá foi ofendida ao extremo com observações do tipo: "Por que você simplesmente não confessa, sua máquina de fazer merda?". Durante a noite, os guardas enfiavam a cabeça na caverna para evitar suicídios e fugas. Após nove meses, a moça foi libertada. Mas o medo visceral que experimentou permaneceu com ela para sempre.

* * *

Foi por meio do terror de Yenan que Mao alcançou outro objetivo

importante: montar o culto à sua personalidade. Todas as pessoas que viveram esse período se lembram dele como o momento decisivo em que "estabeleceram firmemente em nossas mentes que o presidente Mao é nosso único líder sábio". Até então, fora possível admirar Mao, apesar das reservas em relação a ele, e fofocar sobre seu casamento com Jiang Qing sem deixar de apoiar sua liderança. Quando lhes disseram pela primeira vez para "estudar" um discurso de Mao, muitos haviam reagido com um grunhido audível: "a mesma coisa de sempre", "não vou me aborrecer lendo isso de novo", "simplista demais". Muitos relutavam em cantar "Viva o presidente Mao". Um lembra de ter pensado: "Isso era um slogan dos imperadores? Por que estamos fazendo isso? Me senti enojado e me recusei a saudar". Esse tipo de fala — e pensamento — independente foi liquidado pela campanha e estabeleceu-se a deificação de Mao. O culto não tinha nada a ver com popularidade espontânea: provinha do terror.

Cada passo da construção de seu culto foi coreografado pelo próprio Mao. Ele controlava minuciosamente seu principal veículo, o *Diário da Libertação*, usando manchetes gigantescas como "Camarada Mao Tse-tung é o salvador do povo chinês!". E foi ele quem iniciou o fenômeno dos emblemas com sua cabeça, que emitiu pela primeira vez para a elite durante a campanha. Em 1943, mandou esculpir uma enorme cabeça sua em relevo de ouro na fachada de um grande auditório. Nesse ano, seus retratos foram pela primeira vez impressos em massa e vendidos para os lares dos chineses, e o hino de Mao, "O Oriente é vermelho", se tornou uma canção familiar.

Foi também em 1943 que uma expressão depois usada amplamente — "O Pensamento de Mao Tse-tung" — viu a luz pela primeira vez, em um artigo escrito pelo Professor Vermelho, Wang Jia-xiang. Mao orquestrou pessoalmente esse panegírico. A esposa do Professor Vermelho contou que Mao apareceu num dia ensolarado, quando as tâmaras estavam verdes nas árvores. Depois de algumas caçoadas sobre mah-jong, Mao pediu que o marido dela escrevesse um artigo sobre o 22º aniversário do partido, a ser comemorado naquele mês de julho, e deu longas dicas sobre o que deveria dizer. Mao verificou o texto final e tornou sua leitura obrigatória para todos.

Diariamente, nas intermináveis reuniões, a fórmula simplista de Mao era martelada na cabeça de todos: para cada erro no partido, culpe os outros; para cada sucesso, faça elogios a ele. Com essa finalidade, a História foi reescrita e, na verdade, invertida com frequência. A batalha de Tucheng, o

maior desastre da Longa Marcha, travada sob o comando de Mao, era agora citada como um exemplo do que acontecia quando o Exército "violava os princípios de Mao Tse-tung". A primeira ação contra o Japão, Pingxingguan, foi creditada a Mao, embora tenha ocorrido contra sua vontade. "Deixem bem claro para os membros e quadros do partido que a liderança encabeçada pelo camarada Mao Tse-tung está completamente correta", instruiu Mao.[b]

No início de 1945, Mao estava pronto para convocar o tão esperado congresso do partido e ser promovido a supremo líder do PCC. O VII Congresso foi aberto em Yenan em 23 de abril, dezessete anos depois do VI, realizado em 1928. Mao o adiara durante muitos anos, para assegurar-se de que teria seu controle absoluto.

Ele não somente passara um pente fino na lista de delegados, como mantivera a maioria deles em prisão virtual por cinco anos, *e* os havia passado no moedor de sua campanha de terror. Dos quinhentos e poucos delegados originais, metade foi vítima da acusação de espionagem e sofreu terrivelmente; alguns se suicidaram, outros tiveram um colapso mental. Muitos foram então desligados. Designaram-se centenas de novos delegados, todos fiéis a Mao.

O salão do congresso estava dominado por um enorme slogan pendurado sobre a plataforma: "Marchar para a frente sob a bandeira de Mao Tse-tung". Mao foi eleito presidente dos três órgãos principais: o Comitê Central, o Politburo e o secretariado. Pela primeira vez desde a fundação do partido, tornou-se formal e publicamente seu chefe. Demorara 24 anos para conseguir esse objetivo. Foi um momento emocionante para Mao e, como sempre acontecia quando suas emoções entravam em jogo, a autopiedade nunca estava longe. Enquanto relembrava sua história de infortúnios, ficou à beira das lágrimas.

Mao Tse-tung havia se tornado o Stálin do PCC.

a Mais tarde, Liu encorajou alguns quadros a se manifestarem contra o terror, mas só depois de seu término, em 1945. Em 1950, disse ao embaixador soviético Nikolai Róshchin que os métodos do terror eram "perversões que custaram um grande número de vítimas".

b Em 1943, foi publicado um livreto em Yenan intitulado *Uma breve história do movimento operário na China*, escrito por Deng Zhong-xia, líder operário executado pelos nacionalistas. O texto original havia sido publicado em 1930, na Rússia, e não continha nenhuma menção ao papel de Mao. Na nova

edição, foi enxertado um trecho: “Em 1922, graças à liderança do camarada Mao Tse-tung, o movimento dos trabalhadores em Hunan desenvolveu-se arrebatadamente”.

PARTE IV
A conquista da China

26. “A Guerra do Ópio Revolucionária” (1937-45; 43-51 anos)

Yenan, QG de Mao durante a guerra sino-japonesa, foi governada de forma um pouco diferente das bases comunistas anteriores, como Ruijin. Com as mudanças políticas que o PCC adotou para a “frente unida”, a prática de designar “inimigos de classe” para trabalho escravo e expropriação diminuiu drasticamente. Mas a extração máxima continuou, mediante a tributação.

Isso aconteceu apesar de Yenan gozar de dois enormes subsídios externos: financiamento substancial dos nacionalistas (nos primeiros anos) e enorme patrocínio clandestino de Moscou, que Stálin estabeleceu pessoalmente em 300 mil dólares por mês em fevereiro de 1940 (equivalentes talvez a cerca de 60 milhões de dólares por ano nos dias de hoje).

A principal fonte de receita interna era o imposto sobre grãos, que aumentou consideravelmente durante os anos da ocupação comunista. Os números oficiais sobre imposto sobre grãos para os primeiros cinco anos do governo comunista, cujos registros estão disponíveis, foram (em *shi*, equivalente a cerca de 150 quilos na época):

1937: 13 859
1938: 15 972
1939: 52 250
1940: 97 354
1941: 200 000

Os grandes aumentos a partir de 1939 destinavam-se a financiar a expansão agressiva de Mao tanto de território como de força armada. A coerção e a violência eram frequentes; o secretário comunista da região, Xie Jue-zai, anotou em seu diário, em 21 de junho de 1939, que os camponeses estavam sendo “empurrados para a morte” pelos coletores de impostos. (Xie foi um dos poucos a manter um diário, graças a sua alta posição e sua longa amizade

com Mao, que datava da juventude.) Em 1940, o imposto sobre grãos dobrou, apesar do severo mau tempo e da epidemia de fome. E dobrou de novo em 1941, embora a colheita tenha sido de 20% a 30% menor do que a do ano anterior.

Os habitantes do lugar não gostavam de Mao, coisa que ele sabia, mas que não afetava sua política. Mais tarde, ele contou a quadros importantes uma história das queixas de um camponês sobre impostos pesados. Depois que um chefe de condado foi morto por um raio, o camponês disse: "O céu não tem olhos! Por que não matou Mao?". Ele contou essa história para dizer que era sensível ao descontentamento e afirmou que, em consequência, havia reduzido o imposto sobre grãos. Na verdade, o raio e a praga do camponês aconteceram em 3 de junho de 1941, bem antes do anúncio do alto tributo daquele ano, em 15 de outubro. Mao dobrou o imposto *depois* de ficar sabendo da raiva do camponês. E, em novembro daquele ano, acrescentou um imposto novo, sobre forragem para cavalos.

Em outra ocasião, Mao revelou que alguém que, segundo ele, "estava fingindo loucura" investiu contra ele e tentou agredi-lo — devido aos impostos pesados. Mao não citou outras histórias que corriam, inclusive uma sobre um camponês que cortou fora os olhos de um retrato de Mao. Quando interrogado, disse: "O presidente Mao não tem olhos", querendo dizer com isso que "não há justiça sob seu comando". A reação de Mao foi simplesmente maquiar os números. Em 1942 e 1943, os anúncios do governo atenuaram os impostos em pelo menos 20%.

Os comunistas sustentavam que a tributação em Yenan era muito mais baixa do que nas áreas de controle nacionalista. Mas o secretário-chefe Xie anotou em seu diário que o imposto sobre grãos per capita em 1943 foi "alto pelos padrões da Grande Retaguarda [área nacionalista]". Às vezes, registrou ele, o imposto sobre grãos "é quase igual à colheita de todo o ano"; o Estado tomava a quantidade astronômica de 92%, no caso de uma família que ele citava. Para muitos, "não sobra comida depois de pagar o imposto". Um grande número de camponeses tentava fugir. De acordo com os registros dos próprios comunistas, em 1943, mais de mil famílias fugiram apenas do condado de Yenan, o que não foi pouca proeza, pois o lugar inteiro era vigiado dia e noite e o condado não estava na fronteira da área comunista, que era mais ou menos do tamanho da França.

Os comunistas criaram o mito de que Yenan estava sob rígido bloqueio econômico de Chiang Kai-shek. Na verdade, havia muito comércio com as áreas nacionalistas e a pessoa que Chiang selecionou para colocar na fronteira setentrional de Yenan, o general Teng Pao-shan, era um homem que tinha laços antigos com os comunistas. Sua filha era filiada ao partido e morava em Yenan, que ele, às vezes, visitava; o general também tinha um secretário comunista. Ele deixou os vermelhos tomarem dois pontos cruciais de travessia do rio Amarelo na fronteira, o que lhes proporcionava comunicação ininterrupta com suas outras bases. Além disso, seus homens compravam armas e munição para os comunistas. Chiang tolerava essa situação porque não queria uma guerra civil total, que Mao prometia caso as coisas não fossem do seu jeito.

A região de Yenan possuía recursos consideráveis. O mais importante do ponto de vista do mercado era o sal. Havia sete lagos salgados onde tudo o que precisava ser feito, como um relatório de 1941 observou, era "apenas coletá-lo". Nos primeiros quatro anos de sua ocupação, os comunistas não produziram sal novo e simplesmente gastaram a reserva feita antes de sua chegada. "O estoque de sal de décadas foi todo vendido", dizia o relatório de 1941, e o território "está numa fome de sal". O regime não foi apenas extremamente lento para maximizar esse recurso, ele não tinha planos. Isso refletia o fato de que Mao tratava Yenan, tal como as outras áreas que ocupou, como uma escala de viagem, e infligia uma abordagem econômica semelhante à do corte e queima, sem dar atenção a uma produção de longo prazo.

Em meados de 1941, o regime reconheceu com atraso que o sal era "a segunda maior fonte de receita [interna]", depois do imposto sobre grãos, e um importante gerador de divisas que logo passou a responder por mais de 90% da receita de exportação. O sal ficava no nordeste da região, mas o mercado para exportação era do outro lado da fronteira meridional. Como não havia ferrovia ou rio navegável, muito menos veículos motorizados, era preciso carregá-lo por setecentos quilômetros de trilhas sinuosas e íngremes. "Transportar sal é a forma mais dura de tributação", escrevera um governador de Yenan ao imperador, durante a dinastia manchu; "aqueles que são pobres e não têm condições de comprar animais precisam carregá-lo nas costas e ombros, e sua fadiga é indizível". "Hoje", anotou o secretário-chefe

Xie, "não é muito diferente de antigamente."

O regime impunha o trabalho de corveia (sem pagamento) a inumeráveis famílias camponesas. Xie e outros moderados escreveram a Mao muitas vezes para criticar esse método escabroso, mas ele lhes respondeu em tom categórico que essa política "não só não merece crítica alguma, como está completamente correta". Segundo ele, os camponeses deviam ser "forçados" a fazer esse trabalho e, recomendava especificamente, "na *estação morta*". O grifo é de Mao, para destacar que não deveriam negligenciar o trabalho agrícola.

Os camponeses locais tinham de sustentar uma administração que era enorme e ineficiente. Michael Lindsay, um especialista britânico em rádio que estava em Yenan em 1944-45, ficou tão frustrado com a ineficácia que escreveu um documento chamado "O que há de errado com Yenan?". O sistema sufocava a iniciativa e deixava as pessoas com medo de propor melhorias, pois qualquer sugestão poderia se tornar uma acusação política letal. "O pessoal técnico todo foge no primeiro momento oportuno." Uma cópia foi dada a Chou En-lai. Lindsay não soube de mais nada.

Outros já haviam levantado a voz contra a burocracia inflada. Em novembro de 1941, um membro não comunista do simulacro de parlamento da região havia proposto cortes no Exército e na administração, citando um provérbio tradicional segundo o qual um bom governo deveria ter "menos e melhores tropas, administração menor e mais simples". Com objetivos propagandísticos, Mao fez uma exibição pública de adoção do provérbio. Mas não estava interessado em reduzir o número de quadros ou soldados. Queria mais deles, e não menos, a fim de conquistar a China.

Faz parte do mito fundador da China comunista que, em Yenan, tanto o Exército como a administração foram reduzidos e que isso aliviou o peso sobre a população. Na verdade, o que o regime fez foi eliminar os politicamente não confiáveis (chamados de "retrógrados") e os velhos e doentes, e redirecioná-los para o trabalho manual. As regras para realocá-los diziam que eles "devem ser colocados em torno do centro da região para evitar que os nacionalistas os atraiam". Em outras palavras, para evitar que fugissem. Mas, mesmo com essas reduções, um documento secreto de março de 1943 dizia que havia, na verdade, "um aumento geral" no número de

funcionários da administração da região, sobretudo nos escalões mais baixos, com o objetivo de intensificar o controle nas bases. Enquanto isso, Mao usava a pressão para fundir departamentos e efetuar um rearranjo no topo a fim de apertar seu controle.

A invasão alemã da Rússia em junho de 1941 fez Mao olhar em volta na busca de uma fonte alternativa de recursos, caso Moscou não conseguisse manter o subsídio. A resposta foi o ópio. Em poucas semanas, Yenan comprou grandes quantidades de sementes de papoula. Em 1942, começou um amplo negócio de plantação e venda de ópio.

Para um pequeno círculo, Mao apelidou sua operação de "Guerra do Ópio Revolucionária". Em Yenan, o ópio era conhecido pelo eufemismo de "*te-huo*", "produto especial". Quando perguntamos a Shi Zhe sobre o cultivo de ópio, ele respondeu "aconteceu de fato", e acrescentou: "Se essa coisa se tornar conhecida, vai ser muito ruim para os comunistas". Ele também nos contou que produtos convencionais, principalmente sorgo, foram plantados ao redor das papoulas para escondê-las. Em agosto de 1942, enquanto jogavam mah-jong, um contato russo perguntou a Mao como comunistas podiam "se envolver abertamente na produção de ópio". Ele ficou em silêncio. Um de seus asseclas, Teng Fa, deu a resposta: o ópio "traz de volta uma caravana carregada de dinheiro [...] e com ele vamos derrotar os [nacionalistas]!". Naquele ano, um estudo cuidadosamente pesquisado estimou a área do cultivo de ópio em cerca de 12 mil hectares das melhores terras da região.

Os principais condados produtores de ópio estavam ao norte, perto da fronteira com o território do general nacionalista e amigo Teng Pao-shan, que era conhecido como o Rei do Ópio. Mao recebeu uma colaboração valiosa do general e retribuiu facilitando o tráfico de ópio do próprio Teng. Quando Chiang Kai-shek pensou em transferi-lo, Mao entrou em ação para evitar isso: "Peça a Chiang para parar de imediato", ordenou a Chou em Chongqing, dizendo que estava "decidido a destruir" a unidade que deveria substituir Teng. Chiang cancelou a transferência. Em 1945, Mao mostrou o quanto apreciava Teng ao mencioná-lo duas vezes em seu discurso no VII Congresso, inclusive junto com Marx. Vladímirov chegou a perguntar: "Que

tipo de homem é este Teng Pao-shan que Mao citou [...] ao lado de Marx?". Não obstante, Mao jamais confiou em seu benfeitor. Depois da tomada do poder pelos comunistas em 1949, Teng permaneceu no continente e foi recompensado com altos postos nominais. Mas, quando ele quis viajar ao exterior, seu pedido foi negado.

Em um ano, o ópio resolveu os problemas de Mao. Em 9 de fevereiro de 1943, ele contou a Chou que Yenan "tinha superado suas dificuldades financeiras e havia acumulado uma reserva [...] no valor de 250 milhões de *fabi*". *Fabi* era a moeda usada nas áreas nacionalistas, que Mao vinha acumulando, junto com ouro e prata, "para quando entrarmos nas áreas nacionalistas", isto é, depois que começasse a guerra total contra Chiang. Essa quantia era seis vezes o valor do orçamento oficial da região de Yenan para 1942 e representava poupança pura. Em 1943, os russos estimaram as vendas de ópio de Mao em 44 760 quilos, que valiam astronômicos 2,4 bilhões de *fabi* (cerca de 60 milhões de dólares ao câmbio da época, ou aproximadamente 800 milhões de dólares atuais).

No início de 1944, os comunistas estavam "muito ricos", segundo o secretário-chefe Xie. A enorme reserva em *fabi* "se deve, sem dúvida, ao produto especial", escreveu Xie em seu diário. A vida dos membros do partido em Yenan também melhorou muito, em especial para os funcionários mais graduados. Os quadros que chegavam de outras bases admiravam-se com a qualidade da comida. Um deles descreveu uma refeição "com várias dezenas de pratos" e disse que "todas as mesas deixaram sobras em muitos pratos".

Mao engordou. Quando, depois de algum tempo sem vê-lo, o Rei do Ópio o reencontrou em 1943, suas primeiras palavras foram: "O presidente Mao ficou mais gordo!". Disse isso como forma de cumprimento.

Para os camponeses, o principal benefício que o ópio trouxe foi diminuir as imposições sobre eles. Até então, estavam sujeitos a confiscos sobre suas magras posses familiares e ferramentas agrícolas vitais. Depois que enriqueceu com o ópio, Mao ordenou medidas para melhorar as relações com os habitantes locais. O Exército começou a devolver artigos que havia tomado e até a ajudar os camponeses a trabalhar a terra. O próprio Mao admitiu mais tarde que, até a primavera de 1944, a atitude dos moradores da

região em relação ao partido fora a de "manter uma distância admirada e temerosa, como se ele fosse divindade e demônio", isto é, de ficar bem longe dos comunistas. E isso sete anos depois que haviam ocupado Yenan. Durante todo esse tempo, os comunistas tiveram pouco contato com as pessoas do lugar, exceto quando o trabalho deles exigia isso, ou em visitas simbólicas de ano-novo às aldeias para cumprimentos rituais. Os casamentos entre os dois grupos e os relacionamentos sociais eram raros.

No entanto, a riqueza do ópio não melhorou o padrão de vida local, que continuou bem abaixo daquele das forças de ocupação comunistas. A ração de carne anual do comunista de mais baixo escalão era quase cinco vezes (doze quilos) a média local (dois quilos e meio). O regime conservava seus cofres cheios, e não perdia oportunidade para explorar a população. Em junho de 1943, sob o pretexto de que Chiang estava prestes a atacar Yenan (o que ele não fez), os civis tiveram de "doar voluntariamente" lenha, verduras, porcos e ovelhas, e o pouco ouro que porventura tivessem, que correspondia muitas vezes às economias de toda uma vida.

Uma menção das enormes reservas do PCC na página do diário de Xie de 12 de outubro de 1944 está entre duas descrições horrendas da vida dos camponeses: a taxa de mortalidade não só estava aumentando, como superava em muito a taxa de natalidade; em um distrito, era de quase cinco para um. Os motivos disso, observou Xie, eram "roupas, comida e acomodações inadequadas", água contaminada e "falta de médicos". O regime introduzira uma importante causa de mortalidade ao banir as armas de fogo. Os lobos perambulavam pelos jardins das casas e leopardos vagavam livremente nos morros.[a] Por isso, as pessoas tinham de levar seus preciosos animais domésticos para dentro de suas moradias, ou se arriscar a perdê-los. A resultante falta de higiene provocava muitas doenças. O acesso à carne de caça também foi prejudicado pela proibição das armas de fogo.

A mortalidade era maior entre os imigrantes, que compunham uma parte considerável da população. Eles iam para a área de Yenan porque lá havia terra fértil de sobra. Mao estimulava sua vinda, mas fazia pouco por eles quando chegavam. Levados para terrenos montanhosos e deixados por sua própria conta, morriam como moscas; em uma área, morreram 31% em dois anos. Mao sabia que a taxa de mortalidade infantil era de 60% (e quase todos que sobreviviam cresciam analfabetos). Não obstante, como relembrou um

alto membro da administração, "o enorme número de pessoas e animais domésticos mortos jamais ganhou a devida atenção". Em abril de 1944, ao ser pressionado a fazer alguma coisa, Mao disse: vamos discutir isso no inverno. A saúde pública tornou-se de fato o foco da discussão em novembro daquele ano, *pela primeira vez* desde que os comunistas haviam chegado na área, havia quase uma década; mas não houve menção de gastar dinheiro com ela.

Para as pessoas do lugar, o ópio trouxe também uma inflação astronômica, muito pior do que nas áreas nacionalistas. "Causamos grande inflação", escreveu Xie em seu diário, no dia 6 de março de 1944, "não porque somos pobres, mas porque estamos ricos".

Mao desempenhou um papel fundamental nisso. Em junho de 1941, havia pessoalmente ordenado a impressão irrestrita da moeda comunista local, o *bianbi*. O plano original tinha um teto. Depois que viu o orçamento, Mao escreveu: "Não se fixem na ideia de que o *bianbi* deve ser mantido dentro de 10 milhões de yuans [...] não amarrem nossas mãos". Ele instou a gastar "generosamente" na administração e no Exército, mostrando descaso total pela economia local: "Se no futuro [o sistema] entrar em colapso, que assim seja". Em 1944, o preço do sal era 2131 vezes o de 1937, o do óleo de cozinha, 2250 vezes, o do algodão, 6750 vezes, o do tecido, 11 250 vezes, e os fósforos custavam 25 mil vezes mais, de acordo com o secretário-chefe Xie.

Essa hiperinflação não prejudicava os que mamavam no Estado. O embaixador russo Pániushkin, que tinha provavelmente um retrato da situação melhor do que a maioria, disse que ela atingia os "labutadores", isto é, os camponeses, que precisavam de dinheiro para comprar artigos básicos como tecido, sal, fósforos, utensílios e ferramentas agrícolas — e serviços médicos, que nunca foram gratuitos para os que não eram funcionários do Estado, se os conseguissem. Um funcionário de um hospital de uma área comunista revelou: "Somente quando queremos trigo aceitamos o *lao-pai-shing* [homem da rua]".

Uma prática em que o dinheiro se fazia necessário, e pela qual é possível calcular o impacto da inflação, era a compra de esposa. Em 1939, uma noiva custava 64 yuans. Em 1942, os preços eram: menina de sete anos, setecentos;

adolescente, 1300; viúva, 3 mil. Em 1944, o preço de uma viúva já chegava a 1,5 milhão.

A agiotagem floresceu, com as taxas médias de juros chegando de 30% a 50% *mensais*, de acordo com Xie, que também registrou a taxa astronômica de 15% a 20% de um dia de mercado para o seguinte — que era cinco dias. Essas taxas eram tão ruins quanto as piores praticadas antes dos comunistas. Para levantar dinheiro, muitos camponeses vendiam a safra antecipadamente, o que, às vezes, significava aceitar apenas 5% do preço na época da colheita.

"Reduzir os juros dos empréstimos" era uma das duas principais promessas econômicas dos comunistas na época; a outra era baixar o arrendamento da terra. Mas, enquanto havia regulamentações específicas sobre este último (o que, na verdade, significava pouco, pois os camponeses tinham de entregar a colheita para o Estado, em vez de para os senhores da terra), o regime não estabeleceu teto sobre os juros. Tudo o que disse foi: "Isso deve ser deixado para que as próprias pessoas decidam [...] e o governo não deve fixar uma taxa de juros demasiado baixa, caso os empréstimos sequem". Como o regime praticamente não cedia empréstimos, precisava encontrar outra maneira de flutuar o crédito. Algumas áreas comunistas estabeleceram tetos baixos para as taxas de juros, mas na região de Yenan o regime soltou as forças mais rapaces do setor privado sobre seus súditos mais indefesos.

Em março de 1944, o regime deteve a impressão de dinheiro e começou a recolher *bianbi*. Em parte, isso foi provocado pela chegada iminente dos primeiros estrangeiros não russos em cinco anos — uma missão americana e alguns jornalistas. A hiperinflação não parecia boa. Mas a deflação também não foi uma bonança para os devedores, como observou Xie em 22 de abril: "Independentemente de a moeda subir ou descer, aqueles que sofrem são sempre os pobres [...] a dívida que tinham quando os preços eram altos agora tem de ser paga vendendo mais de suas posses. Ouvi dizer que muitos estão vendendo seus animais de tração".

O cultivo do ópio parou nessa ocasião. Além de Mao não querer que os americanos o vissem, havia superprodução. Na verdade, o excedente se tornara uma dor de cabeça. Alguns linhas-duras defenderam descarregá-lo na população de Yenan, o que Mao vetou. Um campesinato viciado em drogas não teria serventia para ele. Mas alguns camponeses se haviam inevitavelmente viciado ao cultivar a droga. O regime ordenou que a população local largasse o hábito, com prazos duros, prometendo "ajudar os

viciados com remédios" e dizendo que "os pobres" não precisavam pagar pelo tratamento, deixando claro que quem tivesse alguma condição deveria fazê-lo.

Diante de seus colegas inquietos com o cultivo de ópio, Mao reconheceu que se tratava de um dos "dois erros" do partido, mas justificou ambos no mesmo instante. Um erro, disse ele em 15 de janeiro de 1945, "foi que durante a Longa Marcha tomamos as coisas das pessoas", mas acrescentou imediatamente: "não teríamos sobrevivido se não tivéssemos feito isso"; o outro erro, disse ele, "foi cultivar uma certa coisa [*mou-wu*, isto é, ópio], mas sem esse cultivo não teríamos vencido nossa crise".

Yenan permaneceu extremamente pobre mesmo anos depois de Mao assumir o controle da China. Um visitante da Hungria comunista, país que não era de forma alguma rico, comentou sobre "aldeias indescritivelmente esquálidas e miseráveis" perto de Yenan, em 1954. Na verdade, todas as bases comunistas continuaram entre as áreas mais pobres da China, e o motivo era precisamente que haviam sido bases comunistas. Em 1962, travou-se esta conversa entre Mao e um entusiasta sueco:

J. Myrdal: Acabei de voltar de uma viagem à área de Yenan.

Mao: Essa é uma parte muito pobre, atrasada, subdesenvolvida [...] do país.

Myrdal: Vivi numa aldeia [...] queria estudar a mudança no campo [...]

Mao: Então acho que foi uma ideia muito ruim ir para Yenan [...] Yenan é só pobre e atrasada. Não foi uma boa ideia ir para uma aldeia de lá.

Myrdal: Mas ela tem uma grande tradição — a revolução e a guerra —, quer dizer, afinal Yenan é o começo...

Mao [interrompendo]: Tradições... [rindo]. Tradições... [rindo].

a O controle das armas era inequívoco. Um médico austríaco sequestrado pelos comunistas no final dos anos 1940 observou que, se alguém escutasse lobos, sabia que estava na área comunista. Ninguém que entrevistamos lembrava de ouvir um tiro em Yenan durante toda a guerra. Uma noite, quando um operador de rádio russo que morava nos arredores de Yenan atirou num lobo que havia matado um de seus cães de guarda, os guardas de Mao apareceram imediatamente para reclamar que o som dos tiros havia "perturbado muito" seu chefe. Em outra ocasião, o contato russo Vladímirov atirou num cão raivoso (a raiva era comum) que estava atacando seu cachorro. Um grupo de guardas apareceu instantaneamente e disse que Mao "estava muito agitado" e que os tiros "haviam interrompido seu trabalho".

27. Os russos estão chegando! (1945-46; 51-52 anos)

Em fevereiro de 1945, em Ialta, na Crimeia, Stálin confirmou a Roosevelt e Churchill que a Rússia entraria na guerra do Pacífico dois ou três meses depois da derrota da Alemanha. Isso significava que o Exército soviético entraria na China e, assim, daria a Mao sua tão esperada chance de tomar o país. Mao fizera uma avaliação sagaz já em 1923: o comunismo, dissera então, "precisa ser trazido para a China do norte pelo Exército russo". Agora, 22 anos depois, isso estava em vias de se tornar realidade.

Stálin não teve de persuadir Roosevelt e Churchill a deixá-lo entrar no fim da guerra contra o Japão. Eles queriam que ele se envolvesse. Na época, a bomba atômica americana ainda não havia sido testada e o sentimento era que a entrada soviética apressaria a derrota do Japão e salvaria vidas dos países aliados. Os dois líderes ocidentais aceitaram as exigências de "compensações" feitas por Stálin e aparentemente não se deram conta de que ele não precisava de estímulo algum para entrar na guerra do Pacífico. Além de aceitarem o status quo na Mongólia Exterior (permitindo que Stálin ficasse com ela), concordaram em voltar o relógio décadas atrás e restaurar os privilégios czaristas na China, inclusive o controle extraterritorial sobre a Ferrovia Oriental chinesa e dois portos importantes da Manchúria.[a]

Stálin usou a desculpa de lutar contra o Japão no último minuto para invadir a China e criar as condições para a tomada do poder por Mao. Um sinal disso surgiu logo depois de Ialta, em 18 de fevereiro, quando o jornal *Izvestia*, porta-voz do governo soviético, falou do "desejo [de Moscou] de resolver o problema do Extremo Oriente levando em conta os interesses dos comunistas chineses".

Mao estava enlevado e sua boa vontade para com os russos estendeu-se à vida sexual deles. Dentro de poucos dias, estava tentando arranjar-lhes mulheres. "Você não gostou de nenhuma mulher bonita aqui?", perguntou a

Vladímirov em 26 de fevereiro. “Não seja tímido...” E retornou ao tema uma semana depois: “Bem, existem garotas atraentes, não é mesmo? E extremamente saudáveis. Não acha? Talvez Orlov gostasse de procurar por uma? E talvez você também, tem alguma em vista?”.

Vladímirov escreveu:

> [...] ao cair da tarde, uma garota apareceu [...] Ela me cumprimentou timidamente, dizendo que viera para limpar a casa [...]
>
> Peguei um banco e o coloquei sob nossa única árvore, perto do muro. Ela sentou-se tensa, mas sorridente. Então respondeu às minhas perguntas com amabilidade, e estava durante todo o tempo esperando cautelosamente, com as pernas cruzadas, pequenas pernas esguias em chinelos tecidos [...]
>
> Com efeito, era uma garota esplêndida!
>
> [...] ela me disse que era estudante universitária, acabara de se matricular. Como era jovem [...]

Em 5 de abril, Moscou anunciou a Tóquio que estava rompendo seu pacto de neutralidade. Um mês depois, a Alemanha rendeu-se. Isso aconteceu bem no meio do congresso do PCC que ratificou a supremacia de Mao. Ele animou os delegados com o sentimento de que a vitória era iminente também para o partido. O Exército soviético certamente viria para ajudá-los, disse ele, e então, com um grande sorriso, pôs o lado da mão no pescoço como um machado e anunciou: “Se isso não acontecer, podem cortar minha cabeça!”. Mao fez os comentários mais efusivos de sua vida sobre Stálin. “Stálin é o líder da revolução mundial? Claro que é.” “Quem é o nosso líder? É Stálin. Há uma segunda pessoa? Não.” “Todos os membros do nosso Partido Comunista Chinês são pupilos de Stálin”, recitou Mao. “Stálin é o mestre de todos nós.”

No dia 9 de agosto de 1945, dez minutos depois da meia-noite, três dias depois que os americanos lançaram a primeira bomba atômica sobre Hiroxima, mais de 1,5 milhão de soldados soviéticos e mongóis invadiram a China ao longo de uma ampla frente que se estendia por mais de 4600 quilômetros, das praias do Pacífico à província de Chahar — muito mais ampla do que a frente europeia do Báltico ao Adriático. Em abril, Mao ordenara que seus soldados estacionados perto dos pontos de entrada dos russos estivessem prontos “para lutar em coordenação com a União Soviética”. Assim que o Exército russo-mongol entrou no país, Mao passou a

trabalhar 24 horas por dia, despachando soldados para que fizessem a conexão e tomassem o território por onde ele passasse. Mudou seu gabinete para um auditório do Jardim das Tâmaras, onde recebia os comandantes militares, redigia telegramas sobre a mesa de pingue-pongue que usava como escrivaninha e fazia pausas apenas para engolir rapidamente as refeições.

Pelos acordos de Ialta, antes de entrar na China a Rússia deveria assinar um tratado com Chiang Kai-shek, mas isso não foi feito. Uma semana depois da invasão, quando seu exército já havia avançado centenas de quilômetros país adentro, o ministro do Exterior de Chiang apôs com relutância sua assinatura num Tratado de Amizade e Aliança sino-soviético que separava formalmente a Mongólia Exterior da China. Em troca, Chiang conseguiu que os russos se comprometessem a reconhecê-lo como único governante legítimo da China e prometessem devolver a ele, e somente ele, todos os territórios que ocupassem.

Apesar dessa promessa, Stálin encontrou uma miríade de maneiras de ajudar Mao. Sua primeira manobra foi se recusar a estabelecer um cronograma para a retirada. Fez várias promessas verbais de retirar as tropas dentro de três meses, mas recusou-se a incorporar ao acordo esse limite, que foi incluído apenas numa "minuta" não obrigatória. De fato, os russos ficariam muito mais do que três meses e usariam o período de ocupação para frustrar Chiang e transferir secretamente territórios e recursos para Mao.[b]

O Japão rendeu-se em 15 de agosto. A ocasião foi festejada na China com fogos de artifício e festas nas ruas, lágrimas e brindes, tambores e gongos. A maior parte do país estivera em guerra durante oito anos, e algumas regiões, por catorze anos. Durante esse tempo, pelo menos um terço da população sofrera a ocupação japonesa. Dezenas de milhões de chineses morreram, incontáveis milhões ficaram aleijados e mais de 95 milhões de pessoas — o maior número da história — se tornaram refugiados. O povo ansiava pela paz.

Em vez disso, o que tiveram foi uma guerra civil em todo o país, que irrompeu de imediato para valer. Nisso, Stálin estava por trás de Mao; na verdade, quando o Japão se rendeu, os russos não pararam seu avanço para o sul durante várias semanas. A área do norte da China em que as tropas russas entraram era maior do que todo o território que elas ocuparam na Europa oriental. Paraquedistas russos desceram até Baotou, o fim da linha férrea ao norte da base de Mao, cerca de 750 quilômetros a oeste da fronteira da

Manchúria. No final de agosto, com a ajuda russa, o PCC já havia ocupado boa parte das províncias de Chahar e Jehol, inclusive suas capitais, Zhangjiakou e Chengde, ambas a cerca de 150 quilômetros de Pequim, a noroeste e nordeste, respectivamente. Durante um tempo, Mao planejou mudar sua capital para Kalgan e comboios de camelos que levavam documentos e bagagens partiram de Yenan para lá.

O prêmio principal era a Manchúria, que continha os melhores depósitos da China de carvão, ferro e ouro, florestas gigantescas — e 70% de sua indústria pesada. A Manchúria estava cercada em três lados por territórios controlados pelos soviéticos: Sibéria, Mongólia e Coreia do Norte. Só a fronteira com a Sibéria tinha mais de 2 mil quilômetros de extensão. "Se tivermos a Manchúria, nossa vitória estará garantida", dissera Mao ao seu partido.

Nem comunistas, nem nacionalistas tinham exércitos na região, que fora ocupada pelos japoneses de forma eficaz e implacável durante catorze anos. Mas os guerrilheiros comunistas estavam muito mais perto do que as tropas de Chiang. Os russos abriram imediatamente os depósitos de armas japoneses para esses comunistas, inclusive o maior arsenal, em Shenyang, que continha cerca de "100 mil armas de fogo, milhares de peças de artilharia e grande quantidade de munição, tecidos e alimentos", de acordo com uma circular secreta do PCC. Poucos meses antes, o 8º Exército de Marcha comunista tinha apenas 154 peças de artilharia pesada.

A mina não era apenas de armas, mas também de soldados. As tropas do regime títere de Manchukuo se renderam em massa ao Exército soviético e seus quase 200 mil homens foram postos à disposição pelos russos para serem "realistados" pelo PCC. O mesmo aconteceu com as centenas de milhares de homens que ficaram desempregados devido às depredações e destruições provocadas pelos russos. As forças de ocupação soviética removeram fábricas inteiras e maquinário como "butim de guerra", e até demoliram instalações industriais. Estimou-se que os equipamentos removidos pelos russos valiam 858 milhões de dólares (o equivalente a 11 bilhões de dólares em moeda atual). Muitas pessoas do lugar foram privadas de seu sustento. O PCC, que enviara originalmente 60 mil soldados para a Manchúria, viu suas forças crescerem para mais de 300 mil.

Esse aumento do poder do PCC foi levado a cabo pelos russos no máximo segredo, pois violava totalmente o tratado que Moscou acabara de assinar com Chiang. As melhores tropas do Generalíssimo, treinadas e equipadas pelos americanos, estavam presas no sul da China e na Birmânia, longe das áreas tomadas pelos russos. Para chegar rápido à Manchúria, ele precisava desesperadamente de navios americanos. Os Estados Unidos queriam que ele conversasse com Mao sobre paz; assim, sob pressão americana, Chiang convidou Mao a ir a Chongqing para conversações. A política dos Estados Unidos para a China fora definida pelo falecido presidente Roosevelt (que morrera em 12 de abril de 1945 e fora sucedido pelo vice-presidente Harry Truman) como "juntar cabeças" e o embaixador americano na China sugerira anteriormente a ideia de levar o Generalíssimo e Mao juntos à Casa Branca, se os dois líderes chineses chegassem a um acordo.

Mao não queria ir a Chongqing e recusou duas vezes o convite de Chiang, principalmente porque não confiava no líder nacionalista e achava que ele poderia tentar matá-lo. Essa seria a primeira saída de sua toca desde que começara a comandar sua própria força militar, em 1927. Ele disse a Chiang que mandaria Chou En-lai. Mas o Generalíssimo insistiu em que a reunião de cúpula deveria contar com a presença de Mao e, no final, ele teve de aceitar. Stálin lhe telegrafara não menos de três vezes, instando-o a ir. Enquanto ajudava secretamente os comunistas a tomar territórios, queria que Mao participasse do jogo das negociações. Se este se recusasse a aparecer, passaria uma impressão de que rejeitava a paz e os Estados Unidos dariam com maior probabilidade toda a sua ajuda a Chiang.

Mao ficou indignado com essa pressão de Stálin. Ela viria a ser sua maior queixa do líder soviético, e que ele repetiria pelo resto de sua vida.

Stálin disse a Mao que sua segurança seria garantida pela União Soviética e pelos Estados Unidos. Chen Li-fu, o fundador do FBI de Chiang, nos contou que os nacionalistas não tinham planos contra Mao "porque os americanos garantiam sua segurança". Mao sabia que teria também a proteção secreta de seus infiltrados estrategicamente posicionados, em especial do chefe da guarnição de Chongqing, Chang Chen. Mesmo assim, insistiu para que o embaixador americano Patrick Hurley fosse até Yenan e o escoltasse a Chongqing, como garantia contra ser derrubado no ar.

Com todas essas precauções tomadas, Mao finalmente foi para Chongqing em um avião americano no dia 28 de agosto, deixando Liu Shao-chi no comando de Yenan. Quando o avião aterrissou, Mao ficou grudado em Hurley e entrou no carro dele, evitando o veículo enviado por Chiang.

Mao também tomou as providências de segurança que conhecia melhor, ordenando uma ofensiva contra forças nacionalistas enquanto estava em Chongqing, o que demonstrava que os comunistas intensificariam a guerra civil se alguma coisa acontecesse a ele. Disse aos seus altos generais, que estavam prestes a ser levados (por aviões americanos) ao QG do 8EM: lutem sem restrição alguma. Quanto melhor lutarem, mais seguro estarei. Quando suas tropas ganharam a batalha em um lugar chamado Shangdang, Mao comemorou: "Ótimo! Quanto maior a batalha, maior a vitória, mais esperança de eu poder retornar".

Mao sentiu um momento de pânico em Chongqing, quando Hurley partiu, em 22 de setembro, seguido por Chiang, no dia 26, e temeu que estivessem montando um ataque a ele. Chou foi enviado à embaixada soviética para perguntar se os russos deixariam Mao ficar lá, mas o embaixador Apollon Petrov não quis se comprometer e não obteve resposta quando telegrafou a Moscou para pedir instruções. Mao ficou furioso.

Mao ganhou muito ao ir a Chongqing. Conversou com Chiang de igual para igual, "como se os presidiários estivessem negociando com os carcereiros", nas palavras de um observador. As embaixadas estrangeiras o convidaram não como um rebelde, mas como um estadista, e ele desempenhou seu papel, comportando-se diplomaticamente; a certa altura, descartou com uma risada o comentário desafiador do general Carton de Wiart, o enviado de Churchill, que lhe disse que "não considerava que [os comunistas] haviam contribuído muito para a derrota dos japas", e que suas tropas tinham apenas "um valor de aborrecimento, não mais que isso". Mesmo quando colocado contra a parede pelo comandante americano na China, o general Albert Wedemeyer, sobre o assassinato e a mutilação de um oficial americano chamado John Birch pelos comunistas, Mao demonstrou autodomínio. E manteve a frieza quando Wedemeyer lhe disse, em tom quase de ameaça, que os Estados Unidos planejavam levar bombas atômicas para a China, bem como até meio milhão de soldados. Ao parecer conciliador, Mao conseguiu uma vitória de propaganda.

As conversações de paz duraram 45 dias, mas todo o episódio foi puro teatro. Mao circulou exclamando "Viva o Generalíssimo Chiang!" e dizendo que o apoiava como líder da China, mas isso não significava nada. Ele queria a China para si mesmo e sabia que só a obteria por meio da guerra civil.

Chiang também sabia que a guerra era inevitável, mas precisava de um acordo de paz para satisfazer os americanos. Embora não tivesse intenção de observá-lo, endossou um acordo que foi assinado em 10 de outubro. E esse comportamento trouxe benefícios, pelo menos no curto prazo. Enquanto Mao estava em Chongqing, as forças americanas ocuparam as duas principais cidades do norte, Pequim e Tianjin, e as seguraram para Chiang, e começaram a transportar suas tropas para a Manchúria.

Após a assinatura do tratado, Chiang convidou Mao a passar a noite em sua casa; no dia seguinte, tomaram o desjejum juntos, e depois Mao partiu para Yenan. No momento em que o viu pelas costas, o Generalíssimo deu vazão aos seus verdadeiros sentimentos em seu diário: "O Partido Comunista é pérfido, baixo e pior do que bestas".

Assim que retornou a Yenan, em 11 de outubro, Mao iniciou as operações militares para manter o Exército de Chiang fora da Manchúria. Lin Biao foi designado para comandar as forças comunistas naquela região. Dezenas de milhares de quadros já tinham sido despachados e colocados sob a direção de um novo birô manchu, cujos líderes os russos haviam levado de avião em segredo de Yenan para Shenyang, em meados de setembro.

Mao dispôs tropas em torno de Shanhaiguan, na extremidade leste da Grande Muralha. Suas forças ocuparam essa passagem estratégica da China propriamente dita para a Manchúria em cooperação com o Exército soviético, em 29 de agosto. Ele pediu aos russos que tomassem conta dos portos marítimos e aeroportos. Com estímulo dos soviéticos, unidades do PCC passando-se por bandidos atiraram nos navios americanos que tentavam desembarcar tropas de Chiang; em um dos casos, bombardearam o lanchão do comandante americano, almirante Daniel Barbey, e o forçaram a voltar para o mar.

A 7ª Frota dos Estados Unidos teve de atracar em Qinhuangdao, um porto ao sul da Manchúria, e um dos melhores exércitos de Chiang desembarcou.

Na noite de 15 para 16 de novembro, eles atacaram o passo de Shanhaiguan. Mao pedira uma "batalha decisiva" e instruiu seus soldados a segurar a passagem, mas as divisões de Chiang simplesmente os destroçaram. As forças de Mao se desintegraram tanto que um comandante nacionalista lamentou com orgulho que "nem temos gente suficiente para aceitar todas as armas que estão sendo rendidas".

As forças comunistas não tinham experiência de guerra de trincheiras, ou de qualquer tipo de guerra moderna. Como guerrilheiros, seu primeiro princípio, estabelecido pelo próprio Mao, era "recuar quando o inimigo avança". E foi o que fizeram então. Por outro lado, os exércitos de Chiang haviam travado grandes batalhas com os japoneses; na Birmânia, tinham posto mais japoneses fora de combate em uma única campanha do que todo o Exército comunista em oito anos, na China inteira. O general Tu Yu-ming, comandante supremo nacionalista na Manchúria, estivera no comando de importantes batalhas contra os japoneses, enquanto o comandante de Mao, Lin Biao, participara de uma única emboscada, em setembro de 1937, oito anos antes, e desde então mal sentira o cheiro da pólvora. Ao evitar cuidadosamente o combate com os japoneses, Mao tinha nas mãos um exército incapaz de travar uma guerra moderna.

Os comunistas estiveram em alguns confrontos diretos durante a guerra sino-japonesa, mas sobretudo contra unidades nacionalistas fracas. Não haviam enfrentado a nata das forças de Chiang, que, como um alto comandante comunista escreveu a Mao, estavam revigoradas, bem treinadas, prontas para a batalha e tinham "um estilo americano".

As tropas do PCC, além de mal treinadas, estavam com pouca motivação. Após a guerra japonesa, muitos queriam somente paz. Os vermelhos vinham usando uma canção de propaganda chamada "Derrotar o Japão para que possamos ir para casa". Após a rendição dos japoneses, a canção foi banida, mas o sentimento — vamos para casa — não podia ser apagado com tanta facilidade como uma canção.

Quando as tropas comunistas foram mandadas para a Manchúria, principalmente de Shandong, as conversas destinadas a levantar o moral não tratavam de altos ideais, mas de estímulos materiais. O comissário Chen Yi disse aos oficiais: "Quando parti de Yenan, o presidente Mao pediu-me para contar que vocês vão para um lugar bom, um lugar muito divertido. Há luz

elétrica e edifícios, e muito ouro e prata". Outros disseram a seus subordinados: "Na Manchúria, comeremos arroz e farinha branca [alimentos desejáveis] o tempo todo", e "todos ganharão promoção". Mesmo assim, alguns oficiais acharam impossível motivar os soldados e mantiveram o destino em segredo até que as tropas estivessem a caminho, a bordo de um navio.

Os oficiais comunistas que seguiram por terra para a Manchúria relembraram o moral baixíssimo:

> A coisa que nos dava mais dores de cabeça eram as deserções [...] Em termos gerais, todos nós, membros do partido, comandantes de esquadrões, líderes de equipes de combate, tínhamos nossos "vacilantes" para vigiar. Fazíamos tudo junto com eles: turnos de sentinela, tarefas cotidianas, pequenas missões [...] Quando os vacilantes queriam mijar, nós dizíamos "quero mijar também" [...] Sinais de depressão, saudades de casa, queixas — tudo tinha de ser tratado imediatamente [...] Após as batalhas, em especial as derrotas, mantínhamos os olhos bem abertos.
>
> A maioria dos fugitivos escapava depois que o acampamento estava armado, então [...] além das sentinelas normais, colocávamos sentinelas secretas [...] Alguns de nós se amarravam subrepticiamente aos vacilantes à noite [...] Outros estavam tão desesperados que adotaram o método que os japoneses usavam com seus trabalhadores — recolhiam as calças dos homens e as guardavam no QG da companhia à noite.

Não obstante, mesmo alguns desses quadros de confiança desertaram.

Em 15 de novembro, o comandante de uma divisão que fora de Shandong para a Manchúria relatou a Mao que entre "desertores, desgarrados e doentes" perdera 3 mil homens de um total de 32 500 que haviam partido junto com ele. Antes disso, o comandante de outra unidade relatou: "Só na noite passada [...] mais de oitenta escaparam". Uma unidade sofreu uma taxa de deserção de mais de 50%, acabando com menos de 2 mil dos 4 mil homens que tinha inicialmente. Os recrutas manchus locais também desertaram aos magotes quando perceberam que teriam de lutar contra o governo nacional. No final de dezembro de 1945 e início de 1946, durante um período de dez dias, mais de 40 mil passaram para o lado dos nacionalistas, de acordo com as estatísticas dos próprios comunistas. Embora as tropas do PCC na Manchúria fossem numericamente muito superiores às dos nacionalistas e estivessem equipadas com armas japonesas, ainda assim não conseguiram manter suas posições.

Liu Shao-chi, o segundo em comando do PCC, previra que os comunistas não conseguiriam manter Chiang fora da Manchúria. Ele tinha uma estratégia diferente da de Mao. Enquanto este estava em Chongqing, instruíra o partido na Manchúria a se concentrar na montagem de uma base sólida na fronteira com a Rússia e seus satélites, onde as tropas poderiam receber treinamento adequado em guerra moderna. Em 2 de outubro de 1945, havia mandado uma ordem: "Não posicionar as principais forças na porta para a Manchúria para impedir Chiang de entrar, mas nas fronteiras com a União Soviética, Mongólia e Coreia, e fincar pé ali". Além disso, Liu dissera aos comunistas para estarem prontos a abandonar as grandes cidades e montar bases no campo ao redor das cidades.

Mas, quando retornou de Chongqing, Mao revogou as ordens de Liu. Concentrem as forças principais na passagem para a Manchúria e nos entroncamentos das grandes ferrovias, ordenou em 19 de outubro. Ele não podia esperar para "possuir a Manchúria inteira", como dizia outra ordem. Mas seu exército não estava à altura da tarefa.

A relação dele com seu exército era, em geral, distante. Jamais tentou animar pessoalmente suas tropas, jamais visitou o front, nem se encontrou com seus soldados na retaguarda. Não se importava com eles. Muitos dos homens mandados para a Manchúria estavam com malária. Para arrastar esses homens febris por muitas centenas de quilômetros, cada soldado doente ficava entre dois sãos e era puxado por uma corda amarrada na cintura. O método preferido de Mao para tratar dos soldados feridos era deixá-los com os camponeses locais, que, em geral, estavam entre a subsistência e a fome e não tinham acesso a medicamentos.[c]

O desempenho de seu exército mostrou que Mao não tinha perspectiva de vitória breve e Stálin ajustou-se rapidamente. Em 17 de novembro de 1945, depois que o Exército nacionalista invadiu o sul da Manchúria com facilidade, Chiang notou uma "súbita mudança de atitude" nos russos. Eles disseram ao PCC que teriam de sair das cidades, pondo um fim nas esperanças de Mao de se tornar o senhor imediato de toda a Manchúria e de uma rápida vitória em todo o país.

Stálin sabia que essa decisão seria devastadora para Mao, então fez um gesto para tranquilizá-lo. No dia 18, partiu um telegrama de Moscou: "MAO AN YIN[G] pede sua permissão para ir para '41' [nome em código de

Yenan]". Stálin estava finalmente devolvendo seu filho. Era uma boa notícia para Mao, mas não ajudava a tomar a Manchúria. Seguiram-se súplicas desesperadas aos russos e ordens inúteis para que suas tropas mantivessem posições. Quando ambas falharam, Mao teve um colapso nervoso. No dia 22, saiu do Jardim das Tâmaras para uma clínica especial de elite (depois que todos os pacientes foram postos para fora). Durante dias a fio não conseguiu sair da cama, ou dar uma cochilada. Deitado na cama, seu corpo todo tremia, ele tinha convulsões nas mãos e nos pés e suava frio.

Sem saber o que fazer, seu assistente Shi Zhe sugeriu que pedissem ajuda a Stálin. Mao concordou e Shi telegrafou a ele, que respondeu de imediato, dispondo-se a enviar médicos. Mao aceitou a oferta, mas duas horas depois parece não ter gostado da ideia de se mostrar tão frágil para Stálin e pediu que Shi segurasse o telegrama. Mas já era tarde: a mensagem já fora enviada.

Havia poucos dias, Stálin chamara de volta o dr. Orlov, junto com toda a missão do GRU em Yenan. Orlov estivera na China por três anos e meio, sem folga, mas, no momento em que pôs os pés em Moscou, Stálin ordenou que voltasse para Mao. O desafortunado médico chegou de volta a Yenan em 7 de janeiro de 1946, acompanhado de um colega chamado Miélnikov, da KGB. Não descobriram nenhum problema sério em Mao, exceto exaustão mental e estresse nervoso. Ele foi aconselhado a delegar mais no trabalho, descontrair-se, dar caminhadas e respirar muito ar puro. Orlov, no entanto, logo alegou estar sofrendo também de tensão nervosa e implorou que Moscou o chamasse de volta. Em vão.

No avião que trouxe os médicos veio também An-ying, a quem Stálin presenteara pessoalmente com uma pistola com seu nome gravado. Havia mais de dezoito anos que Mao vira pela última vez seu filho, então com quatro anos de idade, em 1927, quando ele abandonara Kai-hui e três filhos para começar sua carreira de fora da lei. Agora An-ying era um belo jovem de 23 anos. No campo de pouso, Mao o abraçou e exclamou: "Como você ficou alto!". Naquela noite, escreveu uma carta de agradecimento a Stálin.

Mao já saíra da clínica e se instalara no QG das Forças Armadas, um lindo lugar conhecido como Pavilhão das Peônias, cercado por um grande jardim dessas flores, entre elas algumas das variedades mais deslumbrantes da China. A esse rico esplendor, o comandante em chefe nominal e amante das plantas Zhu De acrescentara um delicado pomar de pêssegos, um lago de

peixes e uma quadra de basquete. Mao passava muito tempo com An-ying, muitas vezes sentados a uma mesa quadrada de pedra, conversando fora da casa de barro, que ficava ao lado de seu profundo — e privado — abrigo antiaéreo. Um parceiro frequente de mah-jong e cartas da época observou que Mao era muito afetuoso com o filho. A saúde dele melhorou gradualmente, e ao chegar a primavera ele estava bem recuperado.

A coisa mais confortante para Mao era a maior parte da Manchúria ainda estar em mãos comunistas. Stálin manteve o controle geral da região, tendo ficado muito além dos três meses que prometera, e só permitira a entrada do esqueleto de uma equipe nacionalista nas cidades. Embora tenha precisado remover suas organizações da maioria das cidades, o PCC estava fortemente fincado no vasto campo.

O Exército russo só saiu finalmente da Manchúria em 3 de maio de 1946, quase dez meses depois que entrara. Para maximizar as chances do PCC, eles esconderam dos nacionalistas até o último minuto a data da retirada, ao mesmo tempo que coordenavam a partida com o PCC, para que pudessem tomar os recursos da região, inclusive cidades importantes, nas quais os comunistas reentraram então. Mao mandou de novo que seu exército mantivesse as cidades fundamentais junto à linha ferroviária, que, ele insistia, deveriam ser defendidas "sem medir sacrifícios", "como Madri", evocando a imagem heroica da defesa da capital até a morte pelos republicanos na Guerra Civil Espanhola.

Liu Shao-chi advertiu novamente que os comunistas não estavam em condições de deter o Exército de Chiang e que a maioria das cidades teria de ser abandonada. Lin Biao, que era o comandante na Manchúria, também alertou Mao para o fato de que "não há grande probabilidade de segurar [as cidades]", e sugeriu que a estratégia deles deveria ser "eliminar forças inimigas, não defender cidades". Ele concordava com Liu Shao-chi que a prioridade era montar bases rurais. Mao insistiu em que as cidades deveriam ser defendidas "até a morte".[d]

Mas a rodada seguinte de batalhas mostrou que seu exército ainda não estava à altura do de Chiang. Poucas semanas depois da retirada dos russos, os nacionalistas já haviam tomado todas as principais cidades da Manchúria,

exceto Harbin, a mais próxima da Rússia, e as forças comunistas haviam sido reduzidas a um estado crítico. Elas recuaram caoticamente para o norte, sob bombardeios aéreos, perseguidas por tanques e tropas motorizadas nacionalistas. O comissário político de Lin Biao admitiu depois que "todo o Exército se havia desintegrado" e caído no que ele chamou de "anarquia total". Um oficial relembrou ter sido perseguido sem parar durante 42 dias: "Parecia realmente que estávamos acabados".

Os comunistas não estavam apenas entrando em colapso militar, como estavam em enorme desvantagem junto à população civil, que ansiava pela unidade nacional depois de catorze anos de brutal domínio japonês e considerava que os nacionalistas representavam o governo. Lin Biao relatou a Mao: "As pessoas estão dizendo que o 8º Exército de Marcha não deveria lutar contra o Exército do governo [...] Eles consideram os nacionalistas o governo central".

O PCC tinha outra desvantagem, a de estar ligado, na mente das pessoas, aos russos, que eram odiados. As tropas russas saquearam não apenas equipamentos industriais, mas também as casas das pessoas, e o estupro por soldados russos era frequente. Em fevereiro de 1946, quando a publicação atrasada do acordo de Ialta revelou os enormes privilégios extraterritoriais que Stálin obtivera na Manchúria, irromperam manifestações antissoviéticas em muitas cidades da região, bem como em outros lugares da China. Havia um sentimento disseminado de que o PCC entrara na Manchúria nas costas dos russos e não estava defendendo os interesses chineses. Quando os manifestantes gritavam slogans como "O PCC deveria amar nosso país", os espectadores aplaudiam. Circularam rumores de que o partido estava oferecendo mulheres em troca de armas.

As pessoas do lugar davam aos comunistas chineses um tratamento muito diferente daquele dispensado aos nacionalistas. Um oficial vermelho relembrou: "Estávamos com fome e sede quando chegamos a Jilin [...] Não havia uma única alma nas ruas [...] Mas quando o inimigo entrou na cidade, de alguma forma todas as pessoas apareceram, acenando pequenas bandeiras e dando vivas [...] Imaginem nossa raiva!".

As tropas comunistas estavam desanimadas e desabafavam sua fúria até mesmo em cima de seus oficiais. Certa vez, Lin Biao ficou preso com seu jipe no meio de tropas que recuavam. Quando seu guarda pediu aos soldados

para abrir caminho para "o chefe", foi recebido com gritos como: "Pergunte ao tal chefe se estamos recuando para a terra dos Grandes Peludos". Era assim que os moradores locais chamavam pejorativamente os russos.

Àquela altura, parecia que os comunistas chineses seriam empurrados para o outro lado da fronteira com a Rússia, ou se espalhariam em pequenas unidades guerrilheiras pelas montanhas, o que Lin Biao previu. Em 1º de junho, ele pediu a Mao permissão para abandonar Harbin, a última grande cidade mantida por eles, a cerca de quinhentos quilômetros da fronteira russa. O birô do PCC da Manchúria enviou a Mao a mesma mensagem fatalista no dia seguinte: "Dissemos ao Irmão Chen [codinome dos russos] que estamos prontos para deixar [Harbin]". Mao implorou duas vezes a Stálin para que interviesse diretamente, na forma de um "guarda-chuva militar", ou de "operações conjuntas". Stálin não o atendeu, pois uma intervenção teria implicações internacionais, mas permitiu que unidades do PCC entrassem na Rússia. Em 3 de junho, Mao teve de endossar o plano de abandonar Harbin e entrar na guerra de guerrilhas "de longo prazo".

Mao estava nas cordas. Então foi salvo — pelos americanos.

a Na Declaração de Ialta, essas concessões são apresentadas como reparações devidas à Rússia pelo Japão, mas na realidade elas foram arrancadas da China. Churchill gostou disso, dizendo que "qualquer reivindicação de indenização às custas da China seria favorável a nossa decisão sobre Hong Kong". Embora os acordos envolvessem territórios chineses, o governo chinês não foi nem comunicado, muito menos consultado. Além disso, os Estados Unidos se colocaram à mercê de Stálin ao se comprometerem a esperar por sua permissão para informar a Chiang Kai-shek — e se puseram na posição totalmente constrangida de serem responsáveis por obter a concordância do Generalíssimo. Em consequência, este só recebeu um relato completo dos Estados Unidos em 15 de junho, mais de quatro meses depois. Foi um tratamento vergonhoso de um aliado e serviu para acumular problemas.

b Stálin também tinha sua própria agenda agressiva: um esquema tentativo de separar parte da região mongol da China, adjacente à Mongólia Exterior, e fundi-la com o satélite soviético. As forças de ocupação russo-mongóis formaram, de fato, um governo provisório da Mongólia Interior, pronto para a fusão, mas o projeto foi abandonado.

c Dois anos depois, quando insistiu em mandar forças para o interior das áreas nacionalistas, os comandantes perguntaram o que aconteceria aos feridos sem uma base para onde pudessem voltar. A resposta etérea de Mao foi: "É fácil [...] deixem os feridos e doentes para as massas".

d Desde então, cultivou-se o mito de que Mao era o responsável pelas estratégias de "cercar as cidades a partir do campo" e de "procurar principalmente eliminar as forças inimigas, não defender ou capturar cidades". Na verdade, a primeira ideia foi de Liu Shao-chi e encontrou vigorosa oposição de Mao, antes que considerações práticas o obrigassem a adotá-la; a segunda foi de Lin Biao.

28. Salvo por Washington (1944-47; 50-53 anos)

Não era segredo que muitas autoridades americanas não tinham o menor entusiasmo por Chiang e, assim, Mao procurou explorar essa ambivalência, na esperança de que os Estados Unidos retirassem o apoio ao Generalíssimo e, talvez, adotassem uma linha mais amistosa em relação aos comunistas. Ele criou cuidadosamente o engodo de que o PCC, em vez de ser um partido realmente comunista, reunia reformistas agrários moderados que queriam cooperar com os Estados Unidos.

Em meados de 1944, Roosevelt enviou uma missão a Yenan. Logo depois que os primeiros americanos chegaram, Mao lançou no ar a ideia de mudar o nome do partido: "Andei pensando em rebatizar nosso partido", disse a Vladímirov em 12 de agosto, "em não chamá-lo 'comunista', mas outra coisa. Então a situação [...] será mais favorável, especialmente com os americanos". Os russos concordaram imediatamente. No final daquele mês, Mólotov seguiu a mesma linha ao dizer para o então enviado especial de Roosevelt à China, general Patrick Hurley, que na China "alguns [...] se diziam 'comunistas', mas não têm nenhuma relação com o comunismo. Eles estavam apenas expressando insatisfação com sua condição econômica ao se chamarem comunistas. Porém, depois que suas condições econômicas melhorassem, eles esqueceriam essa inclinação política. O governo soviético [...] [não estava] associado aos 'elementos comunistas'".[a]

O engodo comunista se tornou especialmente importante quando o sucessor de Roosevelt, Harry Truman, enviou George Marshall, o principal general americano, à China em dezembro de 1945 para tentar deter a guerra civil. Marshall, que servira na China na década de 1920, já estava de má vontade com Chiang, graças principalmente à corrupção dos parentes do Generalíssimo, e era susceptível às alegações do PCC de ter muito em comum com os Estados Unidos. Na primeira reunião entre eles, Chou En-

lai adulou Marshall ao lhe dizer o quanto o PCC "desejava uma democracia baseada [...] no estilo americano". Um mês depois, Chou sugeriu que Mao preferia os Estados Unidos à Rússia, contando ao general "uma pequena anedota que poderia ser de seu interesse. Correu recentemente o rumor de que Mao vai visitar Moscou. Ao saber disso, o presidente Mao riu e observou, meio de brincadeira, que se alguma vez tirasse uma licença para ir ao exterior [...] preferiria ir aos Estados Unidos". Marshall repassou essas observações a Truman. Anos depois, ele ainda sustentaria diante de Truman que os comunistas haviam sido mais cooperativos do que os nacionalistas.

Marshall não entendeu Mao, ou a relação de Mao com Stálin. Em 26 de dezembro de 1945, ele disse a Chiang que "era muito importante determinar se o governo russo estava ou não em contato com o Partido Comunista Chinês e se o estava assessorando" — como se isso ainda precisasse de verificação. Mais tarde (em fevereiro de 1948), ele expôs ao Congresso americano que "na China, não temos provas concretas de que [o Exército comunista] é apoiado por comunistas do exterior". Essa ignorância é particularmente notável porque os americanos, tal como os britânicos, vinham interceptando telegramas da Rússia, alguns deles endereçados a Yenan, que mostravam claramente a relação. Marshall também recebeu enérgicas advertências de outros funcionários americanos, inclusive do chefe da missão em Yenan, que iniciou seu relatório final com um alarme de três palavras: "Comunismo é Internacional!".[b]

Marshall visitou Yenan de 4 a 5 de março de 1946. Para a ocasião, Mao fez questão de se assegurar de que tudo estava bem arrumado e perfeito. Uma de suas medidas foi mandar o filho An-ying para uma aldeia, explicando que isso o ajudaria a aprender o trabalho agrícola e os modos chineses. Mas o verdadeiro motivo era que Mao estava aborrecido com a atenção que os americanos davam ao seu filho que falava inglês. Logo depois que An-ying chegara da Rússia, Mao o apresentara ao correspondente da Associated Press John Roderick, que o entrevistou ao lado de uma pista de dança, numa festa de sábado à noite. Depois disso, Mao explodiu. Ele "nem leu toda a entrevista", relembrou An-ying, "amassou o jornal numa bola e me disse asperamente: '[...] Como você ousa dar uma entrevista a um repórter estrangeiro desse jeito, da sua cabeça, sem instruções?'". An-ying frequentara a escola do mundo duro da Rússia stalinista, mas nem isso o deixara

preparado para a disciplina férrea do acampamento de seu pai. Enquanto An-ying era banido para o interior, madame Mao, que não falava inglês, estava a postos para sua estreia como primeira-dama.

O relatório de Marshall a Truman sobre Yenan exsudava ilusões: "Tive uma longa conversa com Mao Tse-tung e fui extremamente franco. Ele não mostrou ressentimento e me deu todas as garantias de cooperação". O general informava ao presidente que as forças comunistas na Manchúria eram "pouco mais que bandos frouxamente organizados"; e, o mais espantoso, que "tem sido impossível para o quartel-general de Yenan entrar em contato com os líderes" na Manchúria. Isso depois de os russos terem levado, de DC-3, líderes do PCC de Yenan à Manchúria e quando Yenan estava em contato diário com forças comunistas no campo que somavam centenas de milhares.

Marshall ainda estava em Yenan quando Mao chamou o dr. Orlov, contato do GRU, e lhe informou sobre as conversações.

Marshall prestaria um serviço monumental a Mao. Quando este estava contra a parede, no que poderia ser chamado seu Dunquerque, no final da primavera de 1946, o general americano fez uma pressão decisiva sobre Chiang para que parasse de perseguir os comunistas no norte da Manchúria, ao dizer que os Estados Unidos não o ajudariam se ele fosse adiante e ameaçar com o fim do transporte naval das tropas nacionalistas para a Manchúria. Em 31 de maio, Marshall escreveu ao Generalíssimo, invocando sua honra pessoal:

> Diante da circunstância do avanço contínuo das tropas governamentais na Manchúria, devo [...] repetir que [...] está se chegando num ponto em que a integridade de minha posição está sujeita a sério questionamento. Portanto, solicito-lhe novamente que emita ordem imediata para acabar com os avanços, ataques ou perseguições pelas tropas do governo [...]

Chiang cedeu e concordou com um cessar-fogo de quinze dias. Isso aconteceu no exato momento em que Mao se resignara a abandonar Harbin, a última grande cidade comunista na Manchúria, e a dispersar seu exército em unidades de guerrilha. Com efeito, ele emitira a ordem em 3 de junho, mas no dia 5, ao saber do cessar-fogo, despachou nova ordem: "Aguentem [...] especialmente mantenham Harbin". A maré havia mudado.

A imposição de Marshall foi provavelmente a decisão mais importante a afetar o resultado da guerra civil. Os comunistas que viveram aquele período, de Lin Biao aos veteranos do Exército, concordaram confidencialmente que essa trégua foi um erro fatal de Chiang. Se ele tivesse pressionado, no mínimo teria evitado que os comunistas estabelecessem uma base grande e segura junto à fronteira soviética, com ligações ferroviárias com a Rússia, pelas quais enorme quantidade de artilharia pesada foi trazida para a China. Além disso, tendo concordado com uma trégua de duas semanas, Chiang viu-se diante da proposta de Marshall de estendê-la por quase quatro meses e cobrir toda a Manchúria — e que os comunistas tivessem permissão para manter o norte da região. Para Chiang, avançar significaria uma colisão de frente com Marshall, que, observou o Generalíssimo, "estava com uma fúria excepcionalmente violenta" nesse período.

Chiang sentiu a pressão não apenas do general americano, mas também do próprio presidente Truman. Em meados de julho, dois proeminentes intelectuais antinacionalistas foram mortos na área nacionalista. Naquele mês, uma pesquisa de opinião pública nos Estados Unidos mostrou que somente 13% eram a favor de ajudar Chiang, enquanto 50% queriam "ficar de fora". Em 10 de agosto, Truman escreveu a ele em linguagem muito dura, citando os dois assassinatos e dizendo que o povo americano via "com violenta repugnância" os eventos na China. Truman fez a ameaça de que talvez tivesse de "redefinir" a posição americana se não houvesse progresso "no sentido de um acordo pacífico".

Nessas circunstâncias, Chiang segurou seu fogo na Manchúria (embora tenha perseguido as forças de Mao em outros lugares, com algum sucesso). Chen Li-fu, um dos colegas mais próximos do Generalíssimo, discordou dessa posição. "Seja como Franco da Espanha", disse a Chiang, "se você quer combater o comunismo, combata-o até o fim." Segundo ele, uma abordagem do tipo "*stop-go*" não funcionaria: "Não é bom alternar fogo e cessar-fogo, cessar-fogo e fogo". Mas Chiang precisava da ajuda americana, que chegou a cerca de 3 bilhões de dólares para toda a guerra civil (quase 1,6 bilhão em subvenções em dinheiro e cerca de 850 milhões em doações de armas), e cedeu às pressões.

Mao ganhou assim uma base segura no norte da Manchúria com uma área de cerca de mil quilômetros por quinhentos quilômetros, muito maior que a Alemanha, com longas fronteiras terrestres e ligações ferroviárias com a

Rússia e seus satélites. Para seus altos comandantes, Mao comparou essa base com uma poltrona confortável, tendo a Rússia como encosto sólido e a Coreia do Norte e a Mongólia Exterior como braços para descansar.

Com quatro meses de pausa, os comunistas tiveram tempo para integrar o Exército títere de Manchukuo, de quase 200 mil homens, e outros recrutas novos, além de recondicionar as tropas antigas. Qualquer soldado que os comunistas não conseguissem controlar era "limpado" (*qing-xi*), o que significava amiúde ser morto. Números secretos revelam que o total de "limpos", somado aos "evadidos", chegou a espantosos 150 mil em três anos, quase tanto quanto o total dos mortos em ação, supostamente capturados e inválidos (172 400).

Motivar os soldados a lutar contra Chiang era um aspecto fundamental do recondicionamento das tropas. Isso foi feito principalmente por meio de comícios em que os soldados eram estimulados a "expressar amargura". A maioria era composta por camponeses pobres, com histórias de fome e injustiça. Remexia-se nas memórias amargas, trazendo à tona traumas pessoais. A multidão ficava febril. Um relatório enviado a Mao contava que um soldado explodira numa tal tempestade de dor e ódio que "ele desmaiou. E, quando voltou a si, jamais recuperou a sanidade mental e é agora um idiota". Quando a assembleia de massa atingia seu clímax emocional, o partido dizia à multidão inflamada que estava agora lutando para "vingar-se de Chiang Kai-shek", cujo regime era a fonte de todos os males. Os soldados encontravam assim uma motivação pessoal para lutar. Pessoas que passaram pelo processo dão testemunho de sua eficácia, embora achem difícil acreditar nisso quando refletem com mais calma sobre os eventos.

Porém, muitos evitavam essa espécie de lavagem cerebral e alguns faziam observações céticas. Logo se viam condenados como membros das "classes exploradoras" e entravam para as fileiras daqueles destinados à "limpeza".

O treinamento militar era tão intenso quanto a doutrinação política. Nesse aspecto, os russos eram indispensáveis. Quando a primeira unidade comunista chinesa chegou à Manchúria, os russos tomaram algumas delas por grupos de bandidos. Não pareciam tropas regulares e eram incapazes de manejar armas modernas. Durante a trégua, os russos abriram pelo menos dezesseis instituições militares importantes, entre elas escolas de aeronáutica,

artilharia e engenharia. Muitos oficiais chineses foram fazer treinamento na Rússia e outros seguiram para os enclaves soviéticos de Port Arthur e Dalian. Esses dois portos, que Stálin obtivera em Ialta, serviam agora também de refúgio para as unidades e quadros de Mao despedaçados no sul da Manchúria; ali obtiveram abrigo, treinamento e armas novas.

Moscou acelerou o aparelhamento de Mao. Os russos transferiram para suas forças cerca de novecentos aviões japoneses, setecentos tanques, mais de 3700 peças de artilharia, morteiros e lança-granadas, quase 12 mil metralhadoras, além da flotilha do rio Sungari, de numerosos blindados e canhões antiaéreos e centenas de milhares de rifles. Mais de 2 mil vagões carregados de armas e material de guerra vieram da Coreia do Norte, que abrigara importantes arsenais de guerra do Japão, e mais armas capturadas aos japoneses chegaram da Mongólia Exterior. Também vieram armas de fabricação russa, além das de origem alemãs com as marcas apagadas, que os comunistas simularam serem armas americanas capturadas.

Além disso, os russos transferiram secretamente ao PCC dezenas de milhares de prisioneiros de guerra japoneses. Esses soldados desempenharam um papel importante na transformação do indigente Exército comunista numa máquina de combate formidável e foram essenciais para treinar as forças vermelhas no uso de armas japonesas das quais elas dependiam, bem como para manter e consertar essas armas. Foram os japoneses também que fundaram a Força Aérea do PCC, e seus pilotos serviram de instrutores de voo. Milhares de profissionais japoneses da área médica proporcionaram aos comunistas feridos um novo nível de tratamento. E alguns soldados japoneses chegaram mesmo a participar de operações de combate.

Outro fator vital foi a Coreia do Norte, ocupada pelos soviéticos. Dali, os russos forneceram não somente armas, mas também um contingente de 200 mil soldados coreanos treinados pelos japoneses — e pelos soviéticos. Além disso, com sua fronteira de oitocentos quilômetros com a Manchúria, ela se tornou o que o PCC chamava de "nossa retaguarda clandestina" e refúgio. Em junho de 1946, quando estavam em fuga, os comunistas chineses levaram tropas, homens feridos e materiais para lá. Quando os nacionalistas tomaram boa parte do centro da Manchúria, dividindo ao meio as forças vermelhas, os comunistas puderam usar a Coreia do Norte como uma ligação entre suas forças no norte e no sul manchu e entre a Manchúria e a costa leste da

China, em particular com a província vital de Shandong. Para supervisionar esse vasto complexo de transportes, o PCC montou escritórios em Pyongyang e em quatro portos coreanos.

Uma contribuição não menos importante dos russos foi pôr em funcionamento o sistema ferroviário. No final de 1946, uma vez consolidada a base no norte manchu, uma equipe de especialistas russos restaurou a extensa rede ferroviária no território de Mao, e na primavera de 1947 ela já estava ligada à Rússia. Em junho de 1948, quando o Exército de Mao se preparava para sua investida final para tomar toda a Manchúria, Stálin enviou seu ex-ministro das ferrovias Ivan Kovaliov para supervisionar o trabalho. No total, os russos supervisionaram os reparos de mais de 10 mil quilômetros de trilhos e 120 pontes importantes. Esse sistema ferroviário foi essencial no transporte das tropas comunistas e de artilharia pesada para o ataque às principais cidades manchus naquele outono.

A gigantesca assistência da Rússia, da Coreia do Norte e da Mongólia foi executada sob o maior sigilo — e ainda é pouco conhecida. Os comunistas esforçaram-se muito para ocultá-la. Mao instruiu Lin Biao a apagar a menção ao fato de que a base deles "foi apoiada pela Coreia, a União Soviética, a Mongólia Exterior" até de um documento secreto do partido.[c] Moscou desempenhou seu papel costumeiro, classificando as notícias sobre ajuda soviética de "invencionices do início ao fim". A verdadeira invencionice foi a alegação de Mao de que o PCC estava lutando "somente com painço e rifles".

Porém, essa ajuda russa teve um preço atroz para aqueles que viviam sob o comando de Mao. Ele não queria dever favores a Stálin e precisava sentir-se livre para pedir mais. Por duas vezes, em agosto e outubro de 1946, se ofereceu para pagar em alimentos uma ajuda que o representante do comércio exterior da Rússia em Harbin inicialmente declinara. Então, em novembro, Mao mandou Liu Ya-lou, um de seus acólitos mais confiáveis, a Moscou para insistir. Chegou-se a um acordo secreto pelo qual o PCC mandaria para a Rússia 1 milhão de toneladas de alimentos por ano.

Isso resultou em fome e morte por inanição em algumas áreas da China ocupadas pelos comunistas. Na região de Yenan, de acordo com o gerente de logística de Mao, mais de 10 mil camponeses morreram de fome em 1947. Mao conhecia muito bem a situação, pois viajou pela região naquele ano e

viu crianças caçando ervilhas perdidas nos estábulos de seu séquito e mulheres recolhendo a água em que seu arroz fora lavado, em busca de gotículas de nutrientes. Depois de visitar a família na base comunista vizinha de Shanxi, o chefe de sua guarda lhe contou que as pessoas estavam definhando e que sua família tinha sorte de estar viva — isso logo depois da época da colheita. Na própria Manchúria, as mortes de civis por inanição chegaram à casa das centenas de milhares em 1948 e até os soldados comunistas ficavam frequentemente meio mortos de fome.

Poucos sabiam que a epidemia de fome daquela época nas regiões comunistas se devia, em larga medida, ao fato de que Mao estava exportando alimentos; a escassez foi atribuída à "guerra". Tratava-se de um antegosto da futura Grande Fome, que também foi uma criação de Mao: mais uma vez, resultado de sua decisão de exportar alimentos para a Rússia.

Em junho de 1946, quando ocorreu o cessar-fogo ordenado por Marshall, Chiang ainda era militarmente muito superior a Mao. O Exército nacionalista contava com 4,3 milhões de soldados, muito acima do 1,27 milhão de Mao. Durante algum tempo, pareceu que o Generalíssimo triunfaria. Apesar de deixar os comunistas em paz na Manchúria, ele os expulsava da maioria de seus redutos na China, inclusive da única cidade importante que ainda detinham, Zhangjiakou, em outubro. Mais ao sul, os comunistas foram praticamente varridos da região do Yangtze. Em todos os teatros da luta, Mao repetiu sua abordagem fracassada na Manchúria e instou seus generais a tomar grandes cidades a qualquer custo. Seu plano para a China oriental de 22 de junho, por exemplo, pedia um fechamento sobre Nanquim, onde Chiang acabara de reinstalar sua capital. Embora Mao dissesse que o ataque não apresentava riscos, ele teve de ser abortado, tal como outros planos.

Apesar dessas perdas substanciais, Mao continuava totalmente confiante, porque tinha a base do norte da Manchúria. Quando Chiang começou a atacá-la, em outubro de 1946, depois que o cessar-fogo dera aos comunistas mais de quatro meses para se consolidar, não conseguiu romper suas defesas. No inverno de 1946-47, o mais frio na memória de muita gente, os nacionalistas se viram travando duras batalhas de vaivém com as forças comunistas transformadas, sob o comando de Lin Biao, cujo talento militar

firmou-se nesses meses. Mao resumiu elogiosamente o estilo de Lin como sendo "impiedoso e tortuoso". Um de seus métodos era fazer uso do tempo frio. Em temperaturas de até quarenta graus negativos, quando urinar podia causar ulcerações no pênis, suas tropas ficavam emboscadas no gelo e na neve durante dias seguidos. Veteranos comunistas estimaram em até 100 mil os companheiros mortos ou mutilados pelo congelamento. Os nacionalistas sofreram muito menos porque tinham roupas melhores — e comandantes menos implacáveis.

Na primavera de 1947, a base comunista no norte da Manchúria já se tornara inabalável. Marshall deixara a China em janeiro, marcando o fim das tentativas de mediação dos americanos. Os Estados Unidos deram depois uma considerável ajuda a Chiang, mas isso não fez diferença. O objetivo que os comunistas vinham buscando secretamente havia mais de duas décadas — "estabelecer ligação com a União Soviética" — fora alcançado, com a ajuda de Washington, embora involuntária. A vitória de Mao em todo o país era apenas uma questão de tempo.

a O jogo duplo de Moscou e Mao enganou muita gente, sugerindo durante décadas que este poderia ser atraído pelos Estados Unidos e que os americanos haviam perdido a chance de afastá-lo do campo soviético. Na verdade, em segredo, Mao sempre disse ao seu partido que a amizade com os americanos "é somente uma tática de conveniência em nossa luta contra Chiang".

b Averell Harriman, o experiente embaixador de Washington em Moscou, preocupara-se com a designação de Marshall exatamente por achar que o general não se dava conta o suficiente do "perigo russo".

c Ele também ordenou a Lin: "Diga que lutamos por democracia política, econômica e militar [...] Não utilize o slogan da luta de classes".

29. Comunistas infiltrados, traições e má liderança condenam Chiang (1945-49; 51-55 anos)

No início de 1947, quando do fracasso dos nacionalistas em invadir a enorme base de Mao junto à fronteira da Rússia, Chiang se deu conta de que estava em dificuldade. E não foi o único a perceber isso. Ele precisava desesperadamente de uma vitória para levantar o moral e lhe veio a ideia de tomar Yenan, a capital dos comunistas. Sua captura teria "a maior significação", escreveu ele em seu diário, em 1º de março. Nesse dia, confiou essa tarefa vital a um homem que gozava de sua confiança incondicional, o general Hu Tsung-nan, que era o guardião de seu filho mais jovem (adotado), Weigo, em cujo casamento representara o Generalíssimo.

Nossas investigações nos convenceram de que o general Hu era um "dormente" comunista. Ele começou sua carreira em 1924, na academia militar nacionalista em Whampoa, que Moscou fundou, bancou e para a qual forneceu a equipe, numa época em que Sun Yat-sen tentava usar o patrocínio russo para conquistar a China. Chiang Kai-shek era o comandante da academia, e Chou En-lai, diretor do Departamento Político. Muitos agentes secretos comunistas foram plantados ali e se tornaram oficiais das Forças Armadas nacionalistas.

Em Whampoa, havia fortes suspeitas de que Hu Tsung-nan era um comunista enrustido,[a] mas ele tinha amigos bem situados que testemunharam a seu favor. Fez então amizade com o chefe de informações de Chiang, Tai Li, que arranjou seu casamento. Os dois se tornaram tão íntimos que Tai instruiu seus subordinados nas unidades comandadas por Hu a enviar cópias de todos os seus relatórios para o amigo; o resultado disso foi que nenhum deles ousou levantar qualquer suspeita a respeito de Hu.

Em 1947, Chiang designou Hu para tomar Yenan. No dia em que ele recebeu a missão, a mensagem apareceu na mesa de Mao, que ordenou que a

cidade fosse evacuada, e milícias armadas levaram a população local para as montanhas. O grosso da administração comunista foi para a base vermelha, a leste do rio Amarelo.

Em 18 e 19 de março, Hu tomou Yenan, fato que os nacionalistas alardearam como uma grande vitória. Mas o que conquistaram foi só uma cidade fantasma. Por ordem de Mao, a população local havia enterrado não somente seus alimentos, mas todos os seus bens, inclusive utensílios de cozinha.

O próprio Mao saíra poucas horas antes, de uma maneira ostensivamente calma e até indiferente, fazendo uma pausa para olhar o pagode que era o símbolo de Yenan, enquanto seu motorista acelerava o motor do jipe (doado pela missão americana que partira), num lembrete de que os nacionalistas estavam por perto. Mao representou essa cena para instilar confiança nas pessoas que estavam a sua volta. Pouco tempo antes, as altas patentes militares de Mao haviam se espantado quando ele mandara embora a maior parte das tropas de Yenan, mantendo apenas 20 mil homens com ele para toda a região — menos de um décimo da força que Hu tinha a sua disposição, que chegava perto de 250 mil soldados.

Mao partiu para o norte ao lado de Chou En-lai, agora seu chefe do estado-maior, e madame Mao. No caminho, ele e Chou conversavam e riam, como se, nas palavras de um guarda-costas, "aquilo fosse um passeio".

Cerca de trinta quilômetros a nordeste de Yenan, em um lugar chamado Qinghuabian, Mao pediu ao motorista que diminuísse a velocidade em um vale profundo onde as encostas de loess haviam sido transformadas pela chuva em cânions profundos. Seus guarda-costas ficaram intrigados ao vê-lo apontar e acenar com a cabeça ao lado de Chou. Uma semana depois, no dia 25 de março, eles atinariam com a explicação, quando a 31ª Brigada de Hu e 2900 soldados caíram numa emboscada naquele exato lugar.

A brigada recebera ordens de Hu para seguir por aquela estrada somente no dia anterior. Mas os comunistas haviam começado a assumir posições muitos dias antes, e Mao colocara toda a sua força de 20 mil homens nessa operação. Antes que os primeiros tiros fossem disparados, a brigada percebeu os inimigos e passou a informação por rádio para Hu, que mandou suas forças continuarem em frente, ameaçando-as com a corte marcial se desobedecessem. Os 2900 homens foram destroçados. Enquanto isso, Hu despachava o grosso de seu exército numa outra direção, para o oeste,

impossibilitando que ele fosse em socorro da brigada presa na emboscada.

Três semanas depois, em 14 de abril, Mao conseguiu outra vitória, exatamente da mesma maneira, em um lugar chamado Yangmahe, quando uma das unidades de Hu marchou direto para uma armadilha. Cinco mil homens foram mortos, feridos ou capturados. Tal como na vez anterior, Hu afastara sua força principal para longe e a unidade condenada ficou isolada do resto do seu exército por ravinas intransponíveis.

Em 4 de maio, aconteceu uma terceira barbada, quando os comunistas tomaram o principal depósito avançado de Hu, em Panlong. Uma vez mais, Hu mandara sua força principal numa busca inútil, deixando o depósito com pouca defesa. Tanto seus defensores como a força principal informaram que unidades comunistas "estavam escondidas" perto do depósito, mas Hu disse que elas eram alarme falso. Quando a força principal chegou ao seu alvo, descobriu uma cidade vazia.

O depósito de Panlong rendeu aos comunistas uma grande quantidade de alimentos, roupas, munição e suprimentos médicos, enquanto os nacionalistas ficavam à míngua. Alguns se viram reduzidos a tirar sapatos de cadáveres comunistas em putrefação. "Por mais que a gente os lavasse, não conseguia eliminar o fedor horrível", relembrou um deles. Muitos ficaram doentes, mas estavam sem medicamentos.

Depois dessas três vitórias em dois meses da tomada de Yenan pelos nacionalistas, os comunistas divulgaram a notícia de que Mao havia permanecido na região. A implicação disso era clara: embora não estivesse na capital, o comandante supremo do PCC conseguira sobreviver e operar na área e tinha os eventos sob seu controle.

Mao permaneceu dentro de um raio de 150 quilômetros do QG de Hu em Yenan durante um ano inteiro, viajando com um grupo de oitocentas pessoas, número que por fim chegou a 1400, inclusive uma companhia de cavalaria. Um considerável corpo de comunicações operava 24 horas por dia, mantendo contato com exércitos comunistas e bases em toda a China e com a Rússia.

Mao andou de lugar em lugar pela primeira vez desde que passara a governar aquela região, havia uma década. Uma liteira estava a sua disposição, mas ele preferia caminhar e cavalgar, ao contrário do que fizera na Longa Marcha, ficando em excelente forma. Seu cozinheiro levava seus

alimentos preferidos, como pimentões e linguiças. Ele quase nunca comia com as pessoas do lugar ou em restaurantes, por medo da má higiene, ou de veneno. Dormia tão bem que até dispensou os comprimidos para dormir, e estava de muito bom humor. Fez bastante turismo e posou para uma equipe de cinejornal que veio da Manchúria para filmá-lo. Madame Mao obteve uma câmera e tirou muitas fotografias, dando início a um hobby no qual se tornou bastante competente depois. Os médicos russos vinham com frequência da base comunista ao leste do rio Amarelo para fazer checkups em Mao e informar Stálin sobre seu estado de saúde.

Durante esse ano, a maior parte da região de Yenan permaneceu sob controle dos comunistas; o vasto Exército de Hu foi enviado para uma grande emboscada atrás da outra, sempre seguindo o mesmo padrão: unidades isoladas cercadas e dominadas por forças comunistas concentradas, enquanto as forças principais corriam atrás do próprio rabo em outro lugar. O batalhão de artilharia, soberbamente treinado, caiu inteiro nas mãos dos comunistas e veio a compor uma parte significativa da artilharia de Mao. Outra emboscada espetacular enterrou uma das unidades de primeira ordem de Hu, quando ele ordenou que ela voltasse a Yenan, dizendo que a cidade estava ameaçada. Ela foi cercada num vale estreito das montanhas e estraçalhada pelo bombardeio. Enquanto o Exército de Hu era assim destruído em escala maciça, Mao aparecia como um gênio militar, capaz de tirar vitórias espetaculares da cartola.

* * *

Em um momento, Mao escapou por um triz. Aconteceu em junho de 1947, quando estava havia quase dois meses numa aldeia chamada Wangjiawan, morando com uma família camponesa, na primeira vez que conviveu intimamente com as pessoas do lugar. Ali, dava caminhadas e cavalgava por prazer. Quando o tempo esquentou, decidiu que queria um lugar à sombra para ler ao ar livre, então seus guarda-costas derrubaram algumas árvores para fazer colunas, trançaram os galhos e folhas e fizeram um caramanchão, onde ele lia todos os dias, estudando inglês para relaxar.

Em 8 de junho, um dos comandantes de Hu, chamado Liou Kan, apareceu de repente nas proximidades com uma grande força. Ele recebera a dica sobre a presença de Mao de um morador do lugar que fugira da área

comunista. Mao ficou furioso, gritou com Chou En-lai e seguiu-se uma discussão acalorada sobre a melhor rota de fuga. O lugar seguro mais próximo era uma base vermelha a leste do rio Amarelo, onde barcos e carros estavam sempre a postos para a travessia. Mas era longe demais e Mao decidiu seguir para oeste, na direção do deserto de Gobi — depois de tomar a precaução de arrebanhar um grande número de moradores da aldeia, que foram evacuados à força na direção oposta, como chamariz.

Mao partiu em meio a uma tempestade de trovoadas e raios, carregado por guarda-costas nas trilhas da montanha escorregadias demais para os cavalos. Foi imposto silêncio aos rádios para minimizar as chances de detecção — com exceção de um aparelho, que trabalhou sem parar, quase certamente para contatar Hu e pedir que ele chamasse de volta suas tropas.[b]

Foi exatamente o que aconteceu. Em 11 de junho, Liou Kan estava tão perto dos calcanhares de Mao que os comunistas podiam escutar suas tropas e ver suas tochas. Os guardas de Mao disseram sentir que seus cabelos pareciam "estar arrepiados". Quando se preparavam para defendê-lo até a morte, Mao emergiu de uma caverna todo sorrisos, prevendo que o inimigo passaria ao lado deles. Naquele instante, diante dos olhos atônitos dos guardas, as tropas nacionalistas passaram correndo, sem molestá-los de forma alguma. Hu mandara Liou Kan largar tudo e correr para seu destino original, Baoan, antiga capital de Mao.

Esse incidente pode ter deflagrado um pedido urgente a Stálin para tirar Mao da China e levá-lo para a Rússia. Um telegrama de Stálin do dia 15 de junho é uma clara resposta a tal solicitação. O dirigente soviético ofereceu um avião para buscá-lo.

Mas, àquela altura, Mao estava em segurança. No dia anterior ao telegrama de Stálin, ele mandara uma mensagem alegre aos colegas da base comunista situada a leste do rio Amarelo: "De 9 a 11 deste mês, as quatro brigadas de Liou Kan realizaram um desfile onde estávamos [...] Afora uma pequena perda para a população, nenhuma baixa. Agora, o Exército de Liou [Kan] está andando para lá e para cá entre Yenan e Baoan". Mao não aceitou a oferta de Stálin dessa vez. Mesmo assim, mandou construir uma pista de pouso na margem oriental do rio Amarelo, para alguma emergência.

Dentro de pouco tempo, Liou Kan encontrou a morte. Em fevereiro de 1948, recebeu ordens para reforçar a cidade de Yichuan, entre Yenan e o rio Amarelo. Havia três rotas possíveis e a escolhida para ele pelo general Hu

passava por um vale estreito e coberto de árvores. Seus batedores encontraram uma forte concentração de tropas comunistas e uma indicação clara de emboscada. Liou passou um radiograma a Hu pedindo permissão para atacar os emboscados e depois mudar de rumo. Hu negou terminantemente a permissão.

Wang Ying-tsun, um dos comandantes de divisão de Liou Kan, escreveu depois: "Após essa ordem, que ignorava completamente a situação real e nossos interesses, oficiais e soldados perderam o ânimo [...] todos marcharam em silêncio, de cabeça baixa [...]". Eles caminharam direto para o cerco e foram praticamente aniquilados. Seis generais foram mortos e Liou Kan suicidou-se. O comandante de divisão conseguiu escapar e mais tarde se encontrou com Hu. Segundo ele, o general "expressou hipocritamente seu pesar e perguntou por que havíamos avançado se não tínhamos tropas suficientes. Pensei: foi ordem sua e meus homens foram encurralados e mortos". O comandante de divisão testemunhou: "Depois que o 29º Exército de Liou Kan foi destroçado, não é preciso dizer que as tropas de Hu Tsung-nan perderam o moral. Ademais, o estado mental de toda a área de Chiang foi tremendamente abalado". Essa derrota selou o destino dos nacionalistas no teatro de operações de Yenan e frustrou todo o objetivo de Chiang de capturar a cidade, que seria o de reforçar o moral e a confiança no país em geral.

Chiang sabia que Hu estragava tudo em que tocava. Em 2 de março de 1948, o Generalíssimo escreveu em seu diário: "Essa catástrofe custou mais de um terço da principal força [comandada por Hu]", e que Hu estava "seguindo o mesmo caminho fatal sem parar". No entanto, quando ele dissimuladamente apresentou sua demissão, Chiang a recusou, com um único lamento: "A perda de nossas tropas em Yichuan não é apenas o maior revés da campanha do Exército nacionalista contra os bandidos, mas também um sacrifício sem sentido. Bons generais mortos, todo um exército massacrado. A dor e a angústia estão me consumindo". Uma investigação pouco rigorosa pôs a culpa do desastre em Liou Kan, que estava morto. O sistema nacionalista seguiu sua tradição de fechar fileiras, em especial depois que os outros viram que Hu estava tão seguro nas graças de Chiang.

O fato de o Generalíssimo ter permitido que Hu escapasse impune de todo um ano de derrotas incríveis, todas conforme o mesmo padrão, diz muito sobre sua liderança e sua capacidade de julgamento. Ele confiava em pessoas

de quem gostava e as apoiava independentemente do que acontecesse, muitas vezes de forma sentimental. Era também teimoso e permanecia fiel aos próprios erros. Chegou a permitir que Hu tirasse tropas de outros teatros vitais. O principal assessor militar americano, general de divisão David Barr, observou que Hu "persuadiu" Chiang "a reforçar sua guarnição de Xian a tal ponto que isso se mostrou depois desastroso para os nacionalistas no centro-leste da China"; as perdas fundamentais que ali ocorreram foram "resultado direto dessa mudança de tropas para o oeste", onde, observou Barr, elas foram inúteis ou destruídas.

Em 23 de março de 1948, Mao deixou finalmente a região de Yenan e, atravessando o rio Amarelo, seguiu para leste, na direção da base comunista, de forma aberta, com uma multidão organizada de camponeses se despedindo na margem do rio. E ele apertou a mão de quadros locais antes de subir no barco. Essa abertura incomum tinha por objetivo mostrar que não estava saindo furtivamente. E o fato de que os comunistas estavam se dando bem foi reforçado um mês depois, quando Hu abandonou totalmente Yenan. Nos últimos doze meses, havia perdido 100 mil soldados. A recuperação de Yenan poderia ser explorada pela propaganda comunista, mas Mao adotou uma posição extremamente discreta. Shi Zhe esperava que ele explorasse ao máximo a situação: "Então esperei ao seu lado [...] Mas nada aconteceu". Mao não queria atrair mais atenção para Hu, para evitar que ele fosse demitido.

Hu continuou a causar catástrofes ainda mais espetaculares para Chiang, perdendo muitas centenas de milhares de soldados e um terço de todas as armas americanas que os nacionalistas possuíam. Quando Chiang fugiu para Taiwan, ele seguiu junto. Lá, foi imediatamente afastado, sob a acusação de ter "causado o maior dano a nosso Exército e nosso país". Mas seu afastamento não vingou, graças à proteção do Generalíssimo. Chiang chegou a colocá-lo na chefia de operações de infiltração na China continental: todas malograram. Hu morreu em Taiwan, em 1962. Chiang pode ter tido dúvidas em seus últimos anos de vida. Hau Po-tsun, chefe de sua guarda (e depois primeiro-ministro de Taiwan), contou-nos que Chiang demonstrava aversão à menção da academia de Whampoa, que geralmente se supõe ter sido sua base. Muitos comunistas infiltrados haviam saído de lá.

Agentes comunistas continuaram a desempenhar um papel fundamental nas derrotas que Chiang sofreu nas três campanhas militares de 1948-49 que decidiram a guerra civil. A primeira aconteceu na Manchúria, onde o Generalíssimo escolheu para seu comandante supremo um general chamado Wei Li-huang. Nesse caso, não só haviam dito a ele que Wei era um agente comunista, como ele realmente suspeitava disso. Mesmo assim, o colocou no comando dos 550 mil melhores soldados nesse teatro de operações crítico, em janeiro de 1948.

Wei pedira para entrar no PCC em 1938. Mao passou a notícia a Moscou em 1940, dizendo aos russos que o PCC instruíra Wei a ficar secretamente com os nacionalistas. É provável que Wei tenha se decidido pela traição por ressentir-se de que Chiang não o promovia ao alto posto de que se julgava merecedor. Wei dissera então a companheiros: "Vou passar para os comunistas [...] Yenan é legal comigo [...] Vamos trabalhar com os comunistas para derrubá-lo [Chiang]".

Na época, um desertor comunista contara a Chiang sobre as ligações secretas de Wei e, por isso, ele deixara-o novamente para trás nas promoções do Exército depois de 1945, ainda que Wei tivesse lutado bem na Birmânia contra os japoneses e conquistado o título de "Wei Cem Vitórias". O general tinha ficado ainda mais ressentido e seguira para um exílio autoimposto no exterior.

O motivo de Chiang trazê-lo de volta em 1948 e lhe dar uma missão tão crucial foi que o Generalíssimo estava tentando freneticamente agradar aos americanos, que tinham em alta conta o desempenho de Wei na Birmânia e o consideravam um importante "liberal". William Stokes, então vice-cônsul dos Estados Unidos em Shenyang, nos contou que Chiang designou Wei "numa tentativa inútil de ganhar mais equipamentos e financiamentos americanos, porque Wei era reconhecido pelos americanos como um líder militar comprovado".

No momento em que recebeu o chamado de Chiang, Wei avisou a embaixada russa em Paris e, a partir de então, combinou todos os seus movimentos com o PCC. Em primeiro lugar, retirou suas tropas para algumas cidades grandes, permitindo assim que os comunistas assumissem o controle de 90% da Manchúria sem um combate e que depois cercassem essas cidades.

Mao queria que as tropas nacionalistas sob o comando de Wei ficassem na Manchúria, para que pudesse destruí-las. Assim, este ignorou repetidas ordens de Chiang para remover as tropas para Jinzhou, o entroncamento ferroviário mais meridional da Manchúria, numa preparação para se retirar completamente da região (medida que o general americano Barr também recomendara). Em vez de tirar Wei do comando, Chiang discutiu durante meses com ele — até que os comunistas tomaram Jinzhou, em 15 de outubro, prendendo a maior parte das centenas de milhares de soldados nacionalistas na Manchúria. As tropas de Mao isolaram rapidamente as forças de Wei nas cidades ainda mantidas pelos nacionalistas e as atacaram uma de cada vez. Com a queda de Shenyang em 2 de novembro, a Manchúria inteira ficou nas mãos de Mao.

Por seu desempenho na região, Chiang colocou Wei em prisão domiciliar e houve pedidos para que fosse submetido à corte marcial. Mas o Generalíssimo, que raramente executava, ou mesmo mantinha preso, qualquer de seus altos comandantes ou oponentes, deixou Wei ir embora e ele foi para Hong Kong, sem ser molestado. Um ano depois, dois dias após a proclamação da República Popular da China, Wei telegrafou a Mao, sacudindo a cauda: "Sábia orientação [...] magnífico triunfo [...] grande líder [...] júbilo, alegria e apoio entusiástico [...] Estou saltando 3 mil metros, como um pássaro". Mas ele se recusou cinicamente a ir viver sob o regime de Mao e tentou fazer contato com a CIA em 1951, para apoiá-lo a liderar uma terceira força. Finalmente, mudou-se para a China continental em 1955.

Mao falou sobre Wei a seu sobrinho, em termos devastadores: "Wei Li-huang só voltou depois que seus negócios faliram em Hong Kong. Um homem como Wei Li-huang é desprezível". E ele fez questão de deixar seu desprezo manifesto. Os velhos contatos comunistas de Wei receberam ordens para recusar seus convites para jantar e a desconsideração continuou até sua morte em 1960, em Pequim. Sua ajuda fundamental a Mao ainda hoje é abafada, pois o gênio militar deste pareceria muito menos brilhante se se soubesse que o mais alto comandante inimigo entregou grande parte de sua força — e muitos dos melhores soldados de Chiang — numa bandeja.

Durante toda a campanha da Manchúria, Mao nunca esteve lá.

Encontrava-se em seu novo QG, em Xibaipo, 240 quilômetros a sudoeste de Pequim. Em novembro de 1948, depois que a Manchúria caiu em suas mãos, ordenou que o exército que estava lá, sob o comando de Lin Biao, fosse para o sul. Essa força tinha agora 1,3 milhão de soldados e sua nova missão era enfrentar o Exército nacionalista no norte da China, com 600 mil homens e comandado por Fu Tso-yi, um general famoso que travara a primeira batalha vitoriosa da China contra títeres do Japão, em 1936. O encontro entre Lin e Fu, conhecido como a campanha Pequim-Tianjin, foi a segunda das três campanhas fundamentais que decidiram a guerra civil.

Ao contrário de Wei, Fu não era um comunista disfarçado. Mas estava cercado por pessoas que o eram, a começar por sua filha, que recebeu do partido a missão de ficar ao lado do pai nesse período e informar todos os seus movimentos. Chiang tinha alguma ideia dessa situação, mas não tomou nenhuma medida para remediá-la.

Em novembro, mesmo antes de Lin partir da Manchúria para o sul, Fu já decidira render-se, sem contar a Chiang. Ele perdera a fé no regime do Generalíssimo e decidira tentar salvar a área que estava sob seu comando de uma devastação inútil — a começar por Pequim, a capital cultural da nação, onde estava seu QG. Ele não o fez por nutrir alguma ilusão quanto ao regime comunista, o qual, conforme disse em público na época, traria "crueldade [...] terror e tirania", e a decisão de render-se causou-lhe grande angústia. Ele passou a se descontrolar, foi visto estapeando a própria face e pensou em suicídio.

Chiang sabia o que estava acontecendo com Fu. Em 12 de dezembro, escreveu em seu diário que ele estava "profundamente deprimido [...] e parece estar ficando louco". Mas mesmo assim recusou-se a tirá-lo do comando, e quando Fu ofereceu sua renúncia, Chiang a rejeitou com um piegas "10 mil nãos".

Mao mantinha-se informado sobre a condição mental de Fu graças à filha dele e decidiu que poderia extrair mais da situação do que uma simples rendição. Poderia estabelecer sua imagem pública de gênio militar que havia derrotado Fu, o famoso herói de guerra. Assim, quando o general nacionalista procurou negociar a rendição, Mao segurou seus enviados durante dois meses, sem aceitar a rendição, mas também sem negá-la, enquanto mantinha ataques ao exército de Fu. Àquela altura, este estava

bastante incapacitado para o comando. Um oficial relembrou como durante uma batalha fundamental, quando lhe pediram instruções, "Fu estremeceu, vacilou e depois disse com apatia: 'Toquem de ouvido'. Naquele momento, pensei que estávamos liquidados". Como era de se prever, o exército de Mao tomou cidade após cidade, inclusive Tianjin, a terceira maior da China, que caiu em 15 de janeiro de 1949. Somente depois de criar para si mesmo uma imagem militar de matador de gigantes foi que Mao aceitou a oferta de Fu da rendição de Pequim. Mao pôde assim dizer que Fu optara pela paz só depois de ser totalmente derrotado no campo de batalha — pelo próprio Mao. A verdade é que toda a campanha, que custou dezenas de milhares de vidas, não precisava ser travada. Abatido, Fu colaborou com Mao até sua morte na China continental, em 1974.

Mais ou menos na mesma época da falsa campanha Pequim-Tianjin, uma terceira, enorme e mais genuína, era travada no coração da China, ao norte de Nanquim, a capital de Chiang. Conhecida como a campanha de Huai-Hai, ela envolveu muito mais que 1 milhão de homens e durou de novembro de 1948 a janeiro de 1949. O principal comandante nacionalista não era um agente comunista nem estava mentalmente destroçado. Mas logo abaixo dele havia "dormentes" vermelhos situados de modo estratégico, inclusive dois generais que eram membros secretos do partido havia dez e vinte anos respectivamente, que abriram a porta para esse campo de batalha dentro de 48 horas depois do início da campanha.

Os principais sabotadores eram dois outros indivíduos situados dentro do QG do próprio Chiang, chamados Liu Fei e Kuo Ju-kui, envolvidos intimamente no traçado dos planos de batalha para a campanha. Eles colocavam os nacionalistas sempre na defensiva ao fazer deliberadamente deslocamentos de tropa equivocados e recomendações errôneas, ao mesmo tempo que passavam os planos para os comunistas.

Chiang dependia bastante de Kuo, com quem falava ao telefone quase todos os dias e a cujos conselhos ruinosos dava atenção. Na verdade, os comandantes de campo suspeitaram dele naquela época e ele chegou a ser denunciado como espião por ninguém menos que Weigo, o filho adotivo de Chiang. Mas o Generalíssimo não fez nada até que fosse tarde demais e,

mesmo então, apenas transferiu Kuo para Sichuan — por recomendação do outro agente infiltrado, Liu Fei. Em Sichuan, Kuo se renderia depois e entregaria um exército inteiro.

Em meados de janeiro de 1949, Mao já triunfara nas três campanhas. O país ao norte do Yangtze, onde 80% das tropas de Chiang haviam estado estacionadas, era dos comunistas. Ele agora queria infiltrar agentes nas áreas ao sul do rio, que esperariam por seu exército e então se renderiam no momento oportuno. Mandachuvas nacionalistas desertaram aos magotes. Em 7 de janeiro, Mao informou a Stálin que "muitos homens proeminentes" de Chiang, inclusive o ministro da Defesa Pai, estavam buscando acordos: "Pai Chung-hsi disse ao nosso pessoal: qualquer ordem que vier do PCC, eu a cumprirei imediatamente". (Pai na verdade não acompanhou Mao.) Mao disse aos suplicantes que ficassem com Chiang e, em alguns casos, que até apresentassem resistência e esperassem pelo momento certo. Embora o Yangtze constituísse uma barreira extraordinária e Chiang tivesse uma Marinha considerável, esses velhos e novos traidores asseguraram a abertura do caminho para a capital Nanquim, para o centro financeiro, Xangai — e para o resto do país. Em 9-10 de janeiro, Mao informou a Stálin que seu governo poderia "ser criado no verão", ou "antes".

A vitória de Mao na guerra civil contou com uma enorme ajuda do mau julgamento de Chiang a respeito das pessoas — embora também não fosse fácil detectar e eliminar os comunistas infiltrados. Por sua vez, a política de Mao era não correr o menor risco. As campanhas de terror em Yenan e nas outras áreas comunistas haviam revelado e cortado praticamente todas as conexões que os indivíduos comunistas tinham com os nacionalistas, e essa destruição total da privacidade significava que não havia maneira de eles contatarem os nacionalistas, mesmo que quisessem.

E Mao nunca afrouxava. Cada vez que conquistava mais território e gente, tomava medidas inflexíveis para impor o controle, exigindo que cada novo membro do partido declarasse por escrito todas as suas relações familiares e sociais — e isso era apenas o início. Ele jamais deixava de procurar e tampar qualquer furo possível. Pouquíssimos agentes, nacionalistas ou estrangeiros, sobreviveram à sua observação e certamente nenhum chegou a alguma posição de importância.

Os fortes sentimentos de Chiang para com sua esposa contribuíram muito para que ele perdesse a China. Seu primeiro-ministro após a guerra sino-japonesa foi T. V. Soong, que era irmão de madame Chiang. Os Soong e os Kung, família do marido da irmã mais velha de madame Chiang, locupletaram-se com as políticas de T. V. Após a rendição japonesa, ele estabeleceu uma taxa de câmbio absurda de um para duzentos para a moeda do governo títere fora da Manchúria. Isso fez com que a riqueza da família engordasse, mas empobreceu toda a população das áreas do país que haviam sido ocupadas pelos japoneses, o que incluía cidades como Xangai e Nanquim, com o grosso da classe média chinesa. Em seu governo, os funcionários da retomada se entregaram à extorsão disseminada, abalando os ricos ao chamá-los de "colaboradores". O próprio Chiang reconheceu que seus funcionários "se abandonavam à extravagância extrema, entregando-se à devassidão e jogando sem freios [...] Eles fanfarreiam, pavoneiam-se e extorquem e não se detêm diante de nada". "A calamidade da vitória" — foi como o influente diário *Ta Kung Pao* descreveu a retomada.

Na época da rendição japonesa, Chiang parecia ser um vencedor coberto de glória, mas em pouco tempo mergulhou no declínio. Hiperinflação, crises de abastecimento, entesouramento e pânico das compras se tornaram endêmicos nas cidades. Sob o comando de T. V. Soong, o governo conseguiu dissipar não somente as próprias reservas, como também as reservas em ouro e moeda estrangeira que herdou do governo títere.

Os Soong e os Kung tinham acesso às reservas em moeda estrangeira a taxas preferenciais, o que lhes permitia vender mercadorias americanas na China com enorme lucro, provocando o maior déficit comercial da história do país em 1946. Esse dumping causou a falência de fatias da indústria e do comércio e T. V. foi forçado a renunciar do cargo de primeiro-ministro em 1º de março de 1947, depois de ser ferozmente atacado na Assembleia Nacional e na imprensa. Chiang ordenou uma investigação, que concluiu que empresas de Soong e Kung haviam convertido ilegalmente mais de 380 milhões de dólares.

Mas tudo o que o Generalíssimo fez foi demitir T. V., o que chocou e afastou muitos seguidores devotados e incorruptos. A desmoralização acelerou-se no meio da população, enquanto muitos denunciavam o regime como "um bando de ladrões" e "sanguessugas". A omissão de Chiang, em

especial o fato de não enfrentar o mau procedimento da família de sua esposa, fez com que ele também perdesse apoio nos Estados Unidos.

O relatório da investigação sobre os parentes de Chiang foi mantido em segredo. Então, o *Diário Central*, jornal dos próprios nacionalistas, conseguiu uma cópia e a publicou em 29 de julho, causando sensação. Dois dias depois, após telefonemas irados de madame Chiang para o marido, o jornal foi obrigado a publicar uma nota alegando que errara a colocação do ponto decimal e baixando a quantia tomada pelas famílias, de mais de 300 milhões, para 3 milhões de dólares.

Chiang deixava que seus sentimentos pessoais ditassem suas ações políticas e militares. Ele perdeu a China para um homem que não tinha nenhum de seus pontos fracos.

a Em parte, isso se devia a sua amizade íntima com um homem chamado Hu Kung-mien, tido comumente na época como agente secreto comunista, fato que Pequim já reconheceu. Durante a guerra contra o Japão, quando estava estacionado ao sul de Yenan, Hu Tsung-nan fez desse homem seu representante junto a Mao.

b Os rádios de Mao mantinham comunicação regular com agentes comunistas no exército de Hu, "então a ação deles estava totalmente sob controle", contou-nos um dos seus operadores de rádio, acrescentando que "a identidade de alguns dos agentes infiltrados não foi revelada até hoje" (1999).

30. A China conquistada (1946-49; 52-55 anos)

A arma mais terrível de Mao era a impiedade. Em 1948, quando avançou sobre Changchun, na Manchúria, e um ataque direto não conseguiu tomá-la, foi dada uma ordem para obrigá-la a render-se pela fome. As palavras exatas usadas pelo comandante de Mao no local, Lin Biao, foram: "Façam de Changchun uma cidade de morte".

O general Cheng Tung-kuo, que comandava a defesa da cidade, era um herói da guerra contra o Japão e se recusou a capitular. Como só havia alimentos suficientes para os 500 mil civis até o fim de julho, ele tentou evacuá-los.

A resposta de Lin Biao, endossada por Mao foi: "Proibir rigorosamente que os civis deixem a cidade". Os comunistas deixaram ir embora quem tinha armas ou munição, a fim de estimular os soldados nacionalistas a desertar, mas bloquearam especificamente os civis. O cálculo de Mao era que o general Cheng era "um sujeito legal", como o descreveu a Lin Biao, e poderia ser pressionado a render-se diante da morte em massa de civis. Embora fosse totalmente desprovido de compaixão, Mao sabia como manipulá-la nos outros. Mas Cheng, embora dilacerado, decidiu resistir até o fim.

Três meses depois do cerco total da cidade, Lin Biao informou a Mao:

> O bloqueio [...] produziu resultados notáveis e causou grande fome na cidade [...] Os habitantes civis estão vivendo principalmente de folhas de árvores e capim, e muitos morreram de inanição [...] Nossa principal política tem sido proibir a saída [...] Na linha de frente, colocamos uma sentinela a cada cinquenta metros, mais arames e fossos, e bloqueamos todas as brechas [...] Aqueles que saíram, persuadimos [*sic*] a voltar [...] Quando a fome ficou cada vez pior, gente faminta [...] saiu em bandos; depois que os forçamos a voltar, eles foram empurrados para a terra de ninguém [...] Muitos morreram de fome ali. Somente [em um lugar], houve cerca de 2 mil mortes [...]

Essa política era tão brutal que os soldados se recusaram a executá-la. Lin

Biao contou a Mao:

> As pessoas famintas ajoelhavam em massa diante de nossos soldados, implorando permissão para ir embora. Alguns punham seus bebês no chão, diante das tropas, e voltavam, outros se enforcaram nos postos de sentinela. As sentinelas não conseguiam suportar a visão da miséria. Alguns se ajoelharam com os famintos e choraram com eles [...] outros liberaram refugiados secretamente. Depois que corrigimos isso, descobrimos outra tendência. Soldados batiam, abusavam dos refugiados e os amarravam [para empurrá-los de volta] e chegaram ao ponto de abrir fogo sobre eles, causando mortes.

Até o empedernido Lin recomendou a Mao a liberação dos refugiados. Não recebeu resposta. Familiarizado com a tática de Mao de vetar pelo silêncio, ele assumiu a responsabilidade de emitir uma ordem em 11 de setembro: "Libertar os refugiados de Changchun [...] de imediato". Mas a ordem não foi executada, o que só pode significar que Mao a revogou. As únicas pessoas com permissão para sair eram aquelas que possuíam alguma coisa útil para os comunistas, o que, em geral, significava que eram relativamente ricas. Uma sobrevivente relembrou que os soldados comunistas "andavam para cima e para baixo anunciando: 'Quem tiver uma arma de fogo, munição, uma câmera — entreguem e preencheremos uma autorização para irem embora'". Os desertores nacionalistas e suas famílias ganhavam tratamento preferencial. A família dessa sobrevivente conseguiu sair em 16 de setembro graças ao fato de seu marido ser médico e, portanto, útil para os comunistas.

Depois de meados de setembro, o prefeito de Changchun registrou um aumento enorme nas mortes, quando as folhas das árvores, último alimento, começaram a cair. Ao final de cinco meses de cerco, a população civil caiu de meio milhão para 170 mil habitantes. O número de mortos foi maior do que a mais alta estimativa do massacre perpetrado pelos japoneses em Nanquim, em 1937.[a]

Um veterano comunista do Exército sitiante descreveu como ele e seus camaradas se sentiram:

> Quando soubemos, do lado de fora da cidade, que tanta gente havia morrido de fome, não ficamos muito chocados. Já estávamos acostumados com pilhas de cadáveres e nossos corações estavam endurecidos. Éramos indiferentes. Mas, quando entramos na cidade e vimos como era a coisa, ficamos devastados. Muitos de nós choraram. Muitos disseram: deveríamos estar lutando pelos pobres, mas, de todos esses mortos aqui, quantos são os ricos? Quem são os nacionalistas? Não são todos gente pobre?

A notícia dessa atrocidade medonha foi suprimida. Os poucos habitantes que puderam sair tinham quatro "regras de refugiados" estampadas em seus passes, uma das quais era "não espalhar rumores" — ou seja, não falar. O modelo de Changchun, baseado na morte de fome de civis para forçar as tropas defensoras a se render, foi usado em "um bom número de cidades", de acordo com o general comunista Su Yu, que, compreensivelmente, não foi mais específico.

Os civis que viviam nos territórios dominados pelos comunistas também eram explorados de forma implacável. A maioria dos homens em idade de trabalhar era convocada para seu exército em expansão ou para o trabalho duro e, com frequência, perigoso no front. Este último envolvia um grande número de homens. Na Manchúria, os comunistas recrutaram 1,6 milhão de trabalhadores, cerca de dois para cada soldado. Na campanha de Pequim-Tianjin, esse número chegou a 1,5 milhão, e na campanha de Huai-Hai, a 5,43 milhões. Essa gigantesca corveia executava numerosas tarefas na linha de frente para as quais os nacionalistas usavam tropas regulares, tais como desmontar fortificações e transportar munições e feridos.

Às mulheres cabia a maior parte do trabalho agrícola, ao lado das crianças e dos homens incapacitados para a frente de batalha. Elas também tinham de cuidar dos feridos, remendar uniformes, confeccionar incontáveis sapatos para as Forças Armadas e cozinhar para o gigantesco exército de soldados e trabalhadores. Cada família tinha de entregar uma quantidade designada de alimentos — que chegou a assombrosos 225 milhões de quilos de grãos só na campanha de Huai-Hai. Além de alimentar os soldados comunistas, a comida era usada também na guerra psicológica para instigar as tropas nacionalistas a desertar.

Os nacionalistas enfrentavam escassez de alimentos constantemente, pois dependiam demais de suprimentos trazidos por trem e esporádicos socorros aéreos. Um veterano nacionalista relembrou como centenas de milhares de homens ficaram em um bolsão, morrendo de fome e congelando numa temperatura de dez graus negativos. Alguns soldados brigavam — e às vezes matavam uns aos outros — para conseguir a comida jogada de aviões. Mais adiante, casca de árvore passou a ser "uma boa refeição" e os soldados

começaram a comer cintos e solas de sapatos. O veterano lembrou de ter desenterrado um rato morto: "Delícia! Era carne". No final, disse ele, nem era necessário que os comunistas jogassem bombas: "Numa área não maior que seu traseiro, tudo que era preciso fazer era simplesmente jogar pedras nos 300 mil fantasmas famintos e eles estavam acabados". Alguns se passaram para o lado dos comunistas depois de ser bombardeados por alto-falantes que anunciavam: "Ei, Chiang Kai-shek, temos panquecas aqui, venham para cá comer". "Nenhuma política era mais eficaz do que a comida", observou o veterano. "Todos sabiam que porco ensopado era melhor que sola de sapato."

Além de sofrerem as requisições dos comunistas e serem convocados, muitos camponeses também perdiam suas casas, derrubadas para virar lenha de cozinha e material para construir pontes. Todo o território comunista foi transformado numa gigantesca máquina de guerra que abrangia todos os aspectos da vida pessoal de cada um. A população inteira foi obrigada a viver e trabalhar dando o máximo, noite e dia, para a guerra e, amiúde, no auge dela. Mao chamava isso de "Guerra do Povo".

Mas "o povo" não oferecia espontaneamente esse tipo de apoio exaustivo, muito menos com o fervor que a mitologia comunista proclama. Somente o terror intenso coagia as pessoas a fornecer os serviços para a guerra "por um longo tempo sem ficar cansado", nas palavras de Mao. O processo ocorreu sob o título enganador de "reforma agrária".

Durante a guerra contra o Japão, os comunistas haviam suspendido a política de confisco e redistribuição de terras, substituída pela redução do valor dos arrendamentos. Quando a guerra contra Chiang começou para valer, eles voltaram à política radical anterior. Mas a redistribuição da terra não era o aspecto principal da reforma agrária de Mao. A parte que realmente importava era uma prática chamada *dou di-zhu*, "luta contra os proprietários", o que significava, na realidade, violência contra os relativamente mais ricos. (Na China, ao contrário da Rússia pré-comunista, havia muito poucos latifundiários.) Quando as pessoas lembram da reforma agrária, é essa prática que predomina em suas memórias.

A violência costumava acontecer em comícios, aos quais todos os moradores da aldeia tinham de comparecer. Aqueles designados como alvos

eram obrigados a ficar diante da multidão e as pessoas eram induzidas psicologicamente e organizadas para ir à frente e despejar suas queixas sobre eles. As multidões eram levadas a gritar slogans enquanto erguiam os punhos e brandiam ferramentas agrícolas. Os militantes e capangas da aldeia infligiam então castigos físicos, que variavam de obrigar as vítimas a se ajoelhar sobre telhas quebradas a pendurá-las pelos pulsos ou pés, ou espancá-las, às vezes até a morte, muitas vezes com implementos agrícolas. E, com frequência, ocorriam torturas ainda mais horríveis.

O partido orientava seus quadros a não tentar deter os atos de violência, pois os considerava manifestações legítimas de vingança dos oprimidos. Os quadros deveriam "deixar o povo fazer o que quiser" com aqueles que o haviam oprimido e explorado. Na verdade, o partido queria estimular a violência, e, onde ela não ocorria, os quadros locais eram acusados de obstruir o movimento de reforma agrária e imediatamente substituídos.

Entre março e junho de 1947, Kang Sheng, o especialista em terror de Mao, criou um modelo. Os quadros do partido em todas as outras áreas vermelhas foram instruídos a copiar seus métodos. O fato de a reforma agrária ter sido confiada a um homem que não sabia nada de assuntos agrários, mas sabia tudo sobre terror, deixa clara a natureza do programa. Kang foi a uma aldeia do noroeste de Shanxi chamada Haojiapo. Depois do primeiro comício, ele censurou os quadros e ativistas locais por serem "polidos demais". "Deve haver maus-tratos", disse ele. "Eduquem os camponeses a [...] não ter misericórdia [...] Haverá mortes. Mas não tenhamos medo de mortes."

Kang ordenou aos funcionários e militantes que tratassem famílias inteiras como alvos, inclusive as crianças. Ele assistia sorrindo quando crianças da aldeia espancavam "pequenos proprietários", como eram chamados os filhos das famílias condenáveis. Estes podiam ser praticamente qualquer um, pois Kang ampliou o critério a fim de incriminar pessoas para muito além do original "proprietários" e "kulaks" — assim podia criar vítimas onde não havia donos de terras ricos (isso aconteceu sobretudo nas áreas que estavam ocupadas pelos comunistas fazia anos, onde os relativamente ricos tinham empobrecido). Kang inventou uma nova — e muito vaga — medida: "quanto as massas gostam deles". Isso significava que qualquer um podia se tornar alvo, e aqueles que haviam provocado sentimentos de indignação ou ciúme em seus conterrâneos por comportamentos do tipo "casos ilícitos" se

tornaram as vítimas preferenciais.

Maus-tratos físicos estarrecedores varreram as áreas comunistas. Uma funcionária descreveu-nos um comício em que "quatro pessoas estavam penduradas em fila, com os pulsos amarrados em cordas", observadas por "todos os homens, mulheres, velhos, jovens e crianças" da aldeia. Havia uma "proprietária" pendurada em uma das cordas. "É muito doloroso pensar sobre isso", disse-nos a testemunha ocular.

> Na verdade, ela não tinha muitas terras; apenas ficara sem mão de obra e contratara um lavrador [...] Eles lhe perguntaram onde escondera os grãos [...] eu sabia que ela não tinha grãos. Mas eles insistiram que tinha e bateram nela [...] Sua blusa foi arrancada. Ela acabara de ter um filho e seu leite pingava. O bebê chorava e engatinhava no chão, tentando lamber o leite. As pessoas baixaram a cabeça e não conseguiam olhar [...] Muitos detestavam tudo aquilo, mas eram forçados a prestar atenção. Se fizessem objeções, o desastre se abateria sobre eles também. Alguns quadros da aldeia eram verdadeiros bandidos. Os camponeses honestos não ousavam ofendê-los.

Exibições públicas como essa causaram calafrios durante décadas naqueles que as testemunharam. Em muitos lugares, as pessoas foram obrigadas a observar coisas ainda mais terríveis. Em certa localidade, atravessaram um arame no nariz de um membro idoso da pequena nobreza cujo sobrenome era Niu, que significa "boi", e seu filho foi forçado a puxá-lo pelo arame através da aldeia, enquanto o sangue lhe escorria pelo rosto. Em outros locais, "famílias inteiras, do mais jovem ao mais velho, foram mortas. Bebês ainda de peito foram arrebatados e desmembrados ou simplesmente jogados num poço". Algumas cenas medonhas ocorreram nas barbas de Mao, no condado de Jianxian, na região de Yenan, onde ele esteve entre 16 de agosto e 21 de novembro de 1947, fazendo turismo. Os relatórios enviados a Mao sobre esse condado incluíam descrições de como uma pessoa foi afogada em um tanque de água salgada e outra foi morta com óleo fervente jogado sobre sua cabeça. Um determinado lugar tinha mesmo uma *regra* segundo a qual "quem não for ativo na denúncia de proprietários será apedrejado até a morte".

Mao viu cenas violentas com os próprios olhos. Seus guarda-costas contaram que ele, disfarçado, foi observar um comício em Yangjiagou, a aldeia em que estava no final de 1947, onde coisas terríveis aconteceram. Depois, conversou com os guardas sobre as várias formas de tortura e sobre o fato de que crianças haviam sido severamente espancadas.

Conforme deixaram claro os relatórios, “todos estão aterrorizados”.[b] Mao alcançara seu objetivo.

No início de 1948, os comunistas já controlavam cerca de 160 milhões de pessoas. Os camponeses constituíam a maioria esmagadora e estavam todos aterrorizados de forma traumática. O partido determinara que 10% da população se enquadrava na classificação de famílias de “proprietários” e “kulaks”. Isso significava que, somente nessas categorias (e outras foram criadas pelos novos critérios de Kang Sheng), pelo menos 16 milhões de pessoas estavam sujeitas a algum grau de maus-tratos físicos e humilhação. Centenas de milhares, possivelmente até 1 milhão, foram mortos ou levados ao suicídio.

Em Yenan, no período 1942-43, Mao montara um instrumento eficiente aterrorizando sua base de poder — os membros do Partido Comunista. Agora ele aterrorizava sua base econômica e bucha de canhão — o campesinato —, a fim de obter uma submissão total e sem discussão. O resultado foi que os camponeses resistiram pouco às requisições de soldados, trabalhadores, alimentos e todo o resto que Mao queria para atingir suas metas.

Ele considerava esse processo de aterrorização indispensável para ganhar a guerra. Assim, quando estava preparando a última e decisiva campanha de Huai-Hai, mandou Kang Sheng à província de Shandong, que ficaria com a maior responsabilidade logística, para realizar uma *segunda* reforma agrária, no final de 1947, pois decidira que a primeira não fora suficientemente temível. Kang decretou torturas e execuções públicas hediondas numa escala tão grande que a organização do partido na província se revoltou. Houve um expurgo em massa. Uma medida da escala da violência pode ser deduzida do fato de que em uma pequena cidade, onde as relações haviam sido boas até então, 120 pessoas foram espancadas até a morte, algumas simplesmente apontadas como “simpatizantes” dos proprietários. Entre elas estavam dois meninos de sete anos de idade, que foram mortos por crianças do Corpo Infantil. Foi esse terror generalizado em Shandong que criou os alicerces para a vitória de Huai-Hai.

* * *

Na reforma agrária, as pessoas que implementaram a política de Mao eram quadros do partido, que também estavam sendo aterrorizados e brutalizados no processo. Isso fazia parte do projeto de Mao. A maioria dos membros novos do PCC era mandada às aldeias para ser "educada" nos métodos da reforma agrária. Uma pessoa que Mao fez questão de endurecer foi seu filho An-ying, que estava com 25 anos e que ele colocou sob a tutela de Kang Sheng em 1947-48, disfarçado de sobrinho dele. Menos de dez dias depois de chegar ao QG de Kang, An-ying já estava atormentado. Foi bombardeado com críticas e fizeram com que ele sentisse que suas ideias "cheiravam a direita". Não conseguia dormir à noite e estava em constante estado de autocrítica por seus "sentimentos pequeno-burgueses". "Não me proletarizei", escreveu em seu diário, que permanece secreto até hoje. "Meu caráter é tão podre." Ele se sentia "extremamente cheio de dor, tão cheio de dor que chorei".

An-ying ficou chocado com a brutalidade pública em massa, algo que não havia experimentado na Rússia de Stálin. Era exatamente a isso que seu pai queria que ele se acostumasse e aprendesse a incitar. Após dois meses em companhia de Kang, escreveu ao pai (usando o jargão comunista) que "minha posição proletária está mais firme agora". Mas manteve um sentimento de aversão que aflora fortemente das notas que escreveu sobre comícios de massa que outras pessoas haviam descrito para ele. Em um caso, 10 mil camponeses tinham sido levados para comícios que duraram quase uma semana. "Estava muito frio naquele dia", escreveu An-ying. "Todos diziam: 'Como está frio! Um bom número deve ter morrido congelado hoje. Que fizemos para merecer isso?'." Ele demonstrou um desgosto palpável em relação aos comícios: "Depois de ensaios cuidadosos, no quinto dia as denúncias começaram [...] mandaram toda a massa erguer suas armas quando a palavra fosse dada e gritar várias vezes: 'Matem, matem, matem' [...] o lugar do comício estava um caos e acabou com oito pessoas sendo espancadas até a morte". An-ying registrou também que o partido confiava com frequência nas piores pessoas para a reforma agrária: "Alguns dos militantes promovidos eram bandidos e escória, [antigos] soldados títeres e lacaios dos japoneses". Essa gente compunha uma proporção considerável dos novos recrutas do partido nas áreas rurais.

Tal como An-ying, muitos membros que haviam entrado no partido durante a guerra sino-japonesa e que tendiam a ser idealistas ficaram chocados com as atrocidades; alguns questionaram o partido sobre isso. Uns poucos líderes também temiam que esse grau de violência poderia custar ao PCC sua chance de capturar o poder. Mao não estava preocupado. Ele sabia que seu poder não dependia da popularidade. Como havia feito em Yenan, deixou que o terror penetrasse fundo no coração de todos antes de suspendê-lo. Isso aconteceu no início de 1948, quando mandou circular relatórios com críticas às atrocidades, que fingiu estar ouvindo pela primeira vez.

Depois do terror de Yenan, Mao apresentara algumas desculpas impenitentes para acalmar quadros do partido. Agora, ele apontava um bode expiatório para a violência e a atrocidade. Em 6 de março, escreveu ao seu segundo em comando, Liu Shao-chi, informando-o que ele seria o escolhido: "Acho que muitos erros cometidos em todas as áreas são sobretudo [...] resultado de o órgão de liderança [...] não demarcar claramente o que era e o que não era permissível [...] Por favor, façam uma revisão crítica do comportamento de vocês". De início, Liu resistiu, mas depois cedeu: "A maioria [dos erros] é culpa minha", disse aos quadros superiores. "Somente depois que o presidente Mao fez a crítica sistemática [...] eles foram corrigidos." A partir de então, foi Liu, e não Mao, que os funcionários do partido tenderam a culpar pela violência da reforma agrária. Para subir na carreira sob o comando de Mao, era preciso assumir a culpa no lugar dele.

Esse reconhecimento de "erros" foi mantido rigorosamente dentro do partido. O povo não sabia de nada, pois o partido continuava a ser uma organização secreta. Não houve desculpas públicas. O cálculo de Mao era que não precisava aplacar a gente comum porque ela não contava. Isso valia tanto para as áreas dominadas pelos comunistas como para as que estavam em mãos nacionalistas.

Embora as pessoas das áreas nacionalistas soubessem um bocado sobre a brutalidade da reforma agrária, quando mais não fosse por meio das centenas de milhares que escaparam, elas a atribuíam amiúde a excessos passageiros dos oprimidos. De qualquer modo, não tinham nada a fazer para deter o avanço de Mao e, sem nutrir grande afeição pelo regime existente, muitas vezes ofereciam a Mao o benefício da dúvida.

O capitão nacionalista Hsu Chen foi testemunha de algumas manifestações terroristas que o tornaram fortemente anticomunista. No início de 1948, quando chegou em casa, em Ningbo, perto de Xangai, descobriu que as pessoas não queriam escutar o que ele tinha a dizer e o consideraram um chato:

> Muitos parentes e amigos vieram me ver [...] Conversei com todos os visitantes até minha língua secar e meus lábios se partirem [...] Contei-lhes sobre a impiedade e os feitos bestiais dos bandidos comunistas [...] mas não consegui despertá-los de seus sonhos e, ao contrário, provoquei-lhes aversão [...] Percebi que a maioria deles pensava assim:
>
> "Essas palavras são propaganda nacionalista. Como você pode acreditar nelas?"
>
> "Numa guerra violenta como essa, esses são apenas meios transitórios."
>
> "Enfrentamos a ocupação japonesa, e sobrevivemos. Você não pode dizer que os comunistas são piores que os japoneses."
>
> Pode-se dizer que essas opiniões representavam o modo de pensar nos escalões médios e baixos da sociedade [...] As pessoas precisam sempre aprender por experiência própria [...]

As pessoas não queriam acreditar nas críticas e estavam indefesas contra a devoção cega a Mao. Esse fatalismo era reforçado pela desilusão com os nacionalistas, que também cometiam atrocidades, muitas vezes contra grupos mais visíveis aos habitantes urbanos, e em um meio social muito mais aberto do que nas regiões dominadas pelos comunistas — com opinião pública, uma imprensa muito mais livre e onde as pessoas podiam conversar, fofocar e reclamar. Os nacionalistas prenderam um grande número de estudantes e intelectuais, muitos dos quais foram torturados, e alguns, mortos. Um estudante nacionalista escreveu em abril de 1948 a Hu Shih, famoso líder intelectual pró-Chiang: "O governo não deve ser tão estúpido e tratar todos os estudantes como comunistas". Quatro meses depois, escreveu de novo: "Agora eles estão sendo massacrados em grande número". Embora os assassinatos nacionalistas fossem uma gota no oceano, em comparação com os de Mao, eles provocaram sentimentos fortes e algumas pessoas chegaram a pensar que os comunistas eram o menor de dois males.

Mas, por mais aversão que tivessem aos nacionalistas, somente um pequeno número de radicais abraçou o comunismo. Ainda em janeiro de 1949, quando os comunistas estavam à beira da vitória total, Mao dizia ao enviado de Stálin Anastas Mikoian que mesmo entre os trabalhadores de Xangai, que deveriam compor o núcleo da clientela comunista, os nacionalistas eram muito mais fortes. E mesmo até o fim, em Cantão, um

foco de radicais nos anos 1920, o cônsul russo observou que não havia "praticamente nenhuma rede clandestina comunista [...] Portanto, as pessoas não saíram para saudar a chegada" do Exército comunista. No centro da China, Lin Biao disse aos russos em janeiro de 1950: "A população não está demonstrando grande alegria pela mudança no poder". Não houve um único levante, urbano ou rural, a favor do PCC em toda a China, ao contrário do que aconteceu na Rússia, no Vietnã ou em Cuba durante suas revoluções. Houve defecções de tropas nacionalistas (em vez de rendição no campo de batalha), porém não foram motins de soldados rasos, mas iniciativas de altos comandantes, na sua maioria comunistas infiltrados que levaram suas tropas consigo.

Em 20 de abril de 1949, um exército comunista de 1,2 milhão de homens começou a atravessar o Yangtze. No dia 23, tomou Nanquim, a capital de Chiang, acabando, na prática, com 22 anos de regime nacionalista na China continental. Naquele dia, Chiang foi de avião para Xikou, sua terra ancestral. Sabendo que seria provavelmente sua última visita, passou boa parte do tempo ajoelhado junto ao túmulo da mãe, rezando em lágrimas. (Pouco depois, o vitorioso Mao emitiu uma ordem para proteger o túmulo, a casa da família de Chiang e o templo do clã.) Então, um barco o levou para Xangai e dali ele cruzou o estreito para a ilha de Taiwan.

Alguns meses depois, Mao pediu a Stálin aviões e submarinos pilotados por soviéticos para ajudar a tomar Taiwan em 1950, ou "até antes", dizendo ao líder russo que o PCC tinha um grande número de agentes infiltrados que haviam "fugido" junto com Chiang. Mas Stálin não estava preparado para se arriscar num confronto direto com os Estados Unidos numa área de tanta visibilidade e tensão e Mao teve de engavetar seu plano, permitindo que Chiang transformasse Taiwan numa fortaleza insular.[c]

Por mais que detestasse os comunistas, o Generalíssimo não executou uma política de terra arrasada quando fugiu. Ele levou a maior parte da aviação civil do país — e muitos tesouros artísticos —, mas só tentou transferir para Taiwan um pequeno número de indústrias, sobretudo fábricas da área eletrônica. Essa tentativa foi bloqueada por um alto funcionário nacionalista e praticamente todas as instalações industriais significativas foram

preservadas e tomadas pelos comunistas, inclusive 68 fábricas de material bélico. Em termos industriais, Chiang causou danos muito menores em toda a China do que os russos apenas na Manchúria. Mao não herdou um deserto em 1949; na verdade, recebeu o legado de uma estrutura industrial relativamente intacta, ainda que pequena, não menos que mil fábricas e minas, bem como um Estado em funcionamento. Chiang não chegava nem perto da impiedade de Mao. Como um crítico de ambos os regimes observou, "o velho sr. Chiang não era como o velho sr. Mao. Talvez por isso Chiang tenha sido derrotado por Mao".

Naquela primavera, Mao chegou aos arredores de Pequim em meio a pereiras floridas, vindo de Xibaipo, onde permanecera nos últimos doze meses. A partir do século XII, Pequim fora a capital da China durante muitas dinastias e ele havia decidido fazer dela sua capital. No coração da cidade, um enorme recinto imperial chamado Zhongnanhai, Lago Centro-Sul, com quedas-d'água, mansões e pavilhões, tornou-se a principal residência oficial e local de trabalho para ele e o restante de seus líderes, o equivalente do Kremlin, como os russos às vezes o chamavam.

Enquanto Zhongnanhai estava sendo preparado, Mao ficou vários meses em um lugar lindo dos arredores do lado oeste da cidade chamado Colinas Fragrantes. Os habitantes foram retirados e toda a montanha isolada para os líderes, a guarda pretoriana e cerca de 6 mil funcionários. Para preservar segredo, foi colocada na entrada uma placa com as palavras "Universidade do Trabalho", mas isso atraiu tantos jovens desejosos de se matricular que foi necessário colocar outra, com uma explicação: a Universidade do Trabalho ainda não está pronta; consultem os jornais para as datas de matrícula.

Mao mudou-se para Zhongnanhai em setembro. Ali, e onde quer que pusesse os pés, o chão era varrido por detectores de minas russos — e soldados chineses que caminhavam ombro a ombro, como se fossem varredores de minas humanos. Foi instalado um sistema de segurança extraordinário, mas discreto, para o qual a senha era *wai-song nei-jin* — "Relaxado externamente, firme internamente".[d] O sistema era tão matreiro que até o ex-intérprete de Stálin, com ampla experiência em segurança, não conseguiu detectá-lo.

Não obstante, com toda essa segurança perfeita, na véspera de sua posse como líder supremo da China, um medo profundo espreitava nos recessos da mente de Mao. Uma amiga do passado, a esposa de Lo Fu, descreveu uma visita que fez a ele e madame Mao nessa época. Mao estava "bem-humorado [...] Quando perguntei sobre sua saúde, Jiang Qing disse que ele estava bem, exceto que tremia quando via estranhos. De início, não entendi [...] e disse: Mas ele parece bem hoje! O presidente Mao aparteou com um sorriso: Você é uma velha amiga, não um estranho". Parece que Mao sabia que sua aterrorização havia produzido não somente conformismo em massa, mas também um bom número de candidatos a assassinos.

Em 1º de outubro de 1949, Mao apareceu de pé no alto do Portão de Tiananmen, a pouca distância de Zhongnanhai, em frente à Cidade Proibida, e fundou a República Popular da China (RPC). Foi sua primeira aparição pública diante de uma grande massa de centenas de milhares de pessoas. A multidão estava bem organizada e muito distante do portão. A partir de então, Mao subiria até lá em ocasiões especiais, prática que copiou da subida dos líderes soviéticos ao mausoléu de Lênin, que era muito mais baixo e menos grandioso. Naquela ocasião, pronunciou o único discurso que fez do portão em todo o seu reinado de 27 anos (nas outras ocasiões, apenas declamaria um ou dois slogans). Pigarreou a cada duas frases, mais como um locutor nervoso do que como um orador vibrante. Além disso, o conteúdo foi muito tedioso, consistindo principalmente numa lista de nomeações. Sua característica mais saliente foi o que ele *não* disse. Mao não apresentou nenhum programa para beneficiar "o povo" em cujo nome o regime fora instalado.

A multidão de mais de 100 mil pessoas gritou: "Viva o presidente Mao!". Ele parecia excitado, acenou enquanto andava de uma ponta a outra do magnificente portão e gritou ocasionalmente ao microfone: "Viva o povo!". Naquele dia, assumia o papel de governante absoluto de cerca de 550 milhões de pessoas.

a Até mesmo o cálculo oficial e atenuado do PCC para as mortes civis de fome em Changchun atingiu 120 mil.

b O terror e o extraordinário alto grau de matança foram registrados no momento exato em que aconteceram na província de Hebei por Jack Belden, um repórter americano extremamente simpático aos comunistas, que contou ao diplomata dos Estados Unidos John Melby sobre "o uso crescente do terror contra qualquer forma de oposição, e o extermínio de grandes seções [*sic*] da população".

Segundo Belden, os comunistas “criaram nos camponeses um terror e uma dissimulação que ele nunca vira em áreas comunistas”.

c Mas Stálin respondeu avidamente ao pedido de Mao para submeter os vastos e remotos desertos do noroeste e aniquilar um feroz exército muçulmano anticomunista que havia lá. Sem problemas, disse ele. Os cavaleiros muçulmanos “podem ser destruídos por artilharia com muita facilidade. Se quiser, podemos lhe dar quarenta aviões de caça que podem desbaratar [...] essa cavalaria bem depressa”. Um velho diplomata russo nos contou, com gestos e sons que imitavam uma metralhadora, que foi isso que a Força Aérea de Stálin fez, longe de olhares curiosos, no deserto de Gobi.

d Esse sistema levava os estrangeiros a pensar que a segurança era leve e disso muitos concluíam erradamente que o regime era popular e, portanto, não precisava de muita proteção. Uma reação não atípica foi a do jornalista francês que viu Chou En-lai dirigir pela praça Tiananmen com o premiê Nehru da Índia, em outubro de 1954: “Assassinar Chou En-lai [...] teria sido brincadeira de criança”, escreveu ele.

31. Estado totalitário, estilo de vida extravagante (1949-53; 55-59 anos)

A transição do regime nacionalista para o comunista foi administrada sem grandes rupturas. Em seu avanço, o Exército comunista tomava todas as instituições civis e recrutava homens e mulheres jovens e instruídos das cidades para ocuparem suas funções, além de se valer de quadros experimentados do partido. Essa máquina assumiu imediatamente o controle do país.

Muitos administradores antigos permaneceram em seus cargos, sob a nova direção do PCC, e durante um tempo a economia marchou da mesma forma que antes. Foi dito aos empresários que suas propriedades não seriam tocadas por muito tempo e que eles deveriam manter suas fábricas em funcionamento e suas lojas abertas. Por alguns anos, indústria e comércio não foram estatizados e a coletivização da agricultura só ocorreria em meados da década de 1950.

Nesses poucos anos, com grande parte da economia ainda em mãos privadas, o campo rapidamente se recuperou de mais de uma década de guerra. A agricultura teve um crescimento considerável, já que o novo governo concedeu empréstimos e investiu em sistemas hidráulicos. Nas cidades, foram distribuídos subsídios para mitigar a fome. As taxas de mortalidade caíram.

Alguns setores sofreram mudanças drásticas instantâneas. Na Justiça, os tribunais foram substituídos por comitês do partido. Sobre os meios de comunicação, impôs-se de imediato uma severa censura; a opinião pública foi eliminada. Mao engoliria o resto da sociedade aos poucos.

Ele tinha uma equipe capaz, liderada por Liu Shao-chi, tendo logo abaixo Chou En-lai, o terceiro em comando, como primeiro-ministro. Em junho de 1949, Mao enviou Liu à Rússia para aprender sobre o modelo soviético em

detalhes. Liu lá permaneceu durante quase dois meses e encontrou-se com Stálin seis vezes, algo sem precedentes. Teve reuniões com vários ministros e altos administradores soviéticos e visitou uma ampla variedade de instituições. Centenas de assessores soviéticos foram designados para a China e alguns deles seguiram no mesmo trem com Liu. Um Estado stalinista estava em construção mesmo antes de Mao assumir formalmente o poder.

O novo regime encontrou resistência armada no campo e enfrentou-a sem misericórdia. Depois que o Estado estava seguro, Mao começou a aterrorização da população, para obter conformismo e obediência de longa duração. Seus métodos eram singularmente maoístas.

Mao ostentava uma hostilidade visceral à lei e seus súditos estavam totalmente desprovidos de proteção legal. Em 1970, disse a Edgar Snow que era "um homem sem lei ou limite" (que foi mal traduzido como se ele tivesse dito que era "um monge solitário"). Em vez de leis, o regime lançava éditos, resoluções e editoriais de imprensa, acompanhados por "campanhas" dirigidas pelo sistema partidário. Havia uma fachada de justiça, que possibilitava formalmente o "direito de apelação", mas exercê-lo era tratado como uma ofensa, uma "demanda por mais punição", nas palavras de um ex-prisioneiro, que poderia resultar na duplicação da sentença, por ousar duvidar da sabedoria do "povo".

Em outubro de 1950, Mao lançou uma "campanha para esmagar os contrarrevolucionários" em todo o país e devotou muita energia a isso, sua primeira investida violenta desde que assumira o poder, ordenando ao chefe de polícia que mandasse "relatórios diretamente para mim". O alvo eram os remanescentes do regime nacionalista, rotulados de "inimigos de classe" e divididos em categorias como "bandidos", que se referia aos envolvidos em resistência armada: somente esses somavam muitos milhões. Outro grupo era composto pelos "espiões", que não designava pessoas dedicadas de fato à espionagem, mas qualquer um que tivesse trabalhado para o setor de informações dos nacionalistas. Chefes de base nacionalistas também caíram em bloco, embora os nacionalistas mais graduados tenham sido protegidos, como isca para atrair outros de volta do exterior. "Não matamos nenhum desses Chiang Kai-sheks grandes", disse Mao. "O que matamos são Chiang Kai-sheks pequenos."

Mao emitiu ordem após ordem para censurar os quadros provinciais por serem brandos demais e exigiu mais "prisões em massa, mortes em massa".

Em 23 de janeiro de 1951, por exemplo, criticou uma província por "ser demasiado leniente e não matar [o suficiente]"; quando ela aumentou a taxa de execuções, ele disse que essa "melhoria" o deixava "muito satisfeito".

Essa campanha nacional foi acompanhada pela reforma agrária nas novas regiões ocupadas pelos comunistas, onde viviam cerca de dois terços da população do país. Em torno de 3 milhões de pessoas pereceram vítimas de execuções, violência da multidão ou suicídio.[a] Mao queria que as matanças fossem feitas com o máximo impacto e isso significava execuções públicas. Em 30 de março de 1951, instruiu: "Muitos lugares [...] não ousam matar contrarrevolucionários em escala grandiosa com grande publicidade. Essa situação deve ser mudada". Somente em Pequim, realizaram-se cerca de 30 mil comícios de sentença e execução, aos quais compareceram quase 3,4 milhões de pessoas. Uma jovem meio chinesa da Inglaterra testemunhou uma assembleia dessas no centro de Pequim, quando em torno de duzentas pessoas foram exibidas e depois fuziladas na cabeça, de tal forma que seus miolos espirrassem sobre os espectadores. Até aqueles que conseguiam escapar dos comícios nem sempre conseguiam evitar ver coisas horríveis, como caminhões carregados de cadáveres pingando sangue pelas ruas.

Mao queria que a maioria da população — adultos e crianças — testemunhasse a violência e as mortes. Seu objetivo era atemorizar e brutalizar toda a população, em um grau que ia muito mais longe do que Stálin ou Hitler, que mantiveram a maior parte de seus crimes fora da vista.

Mais gente teria sido morta se não fosse pelo valor de seu trabalho escravo. Mao disse isso em uma ordem: algumas pessoas haviam "cometido crimes que merecem ser punidos com a morte", mas não deviam ser mortas, em parte porque "perderíamos uma grande força de trabalho". Assim, milhões foram poupados para serem enviados aos campos de trabalhos forçados. Com a assessoria de especialistas russos em deportação e administração de campos, Mao semeou um vasto arquipélago de campos, cujo termo oficial era *lao-gai*: "reforma pelo trabalho". Ser enviado para *lao-gai* significava ser condenado ao trabalho opressivo nos terrenos mais hostis e nas minas mais contaminadoras, e ser hostilizado e ameaçado incessantemente. Escondidos nesses campos, os mais fracos fisicamente e os espiritualmente mais fortes eram obrigados a trabalhar até a morte. Muitos internos eram executados, enquanto outros se suicidavam de qualquer jeito, como mergulhar numa ceifadeira. No total, durante o regime de Mao, o número dos que foram

executados e tiveram morte prematura em prisões e campos de trabalho forçado pode ter chegado a 27 milhões.[b]

Além da execução e do encarceramento em prisões e campos, havia uma terceira forma de punição, tipicamente maoísta, que foi imposta a muitas dezenas de milhões de pessoas durante o reinado de Mao. Era chamada de ser posto "sob vigilância", enquanto a vítima permanecia na sociedade. Isso significava "cumprir sentença do lado de fora", ser mantido numa espécie de liberdade condicional permanente, ser considerado um dos suspeitos usuais a ser detido e atormentado novamente em qualquer novo ataque da repressão. Significava que toda a família da pessoa viveria como pária. A alta visibilidade do estigma servia de advertência para que o público em geral jamais contestasse o regime.[c]

O terror funcionou. Um relatório enviado a Mao em 9 de fevereiro de 1951, apenas alguns meses depois do início da campanha, dizia que depois da primeira rodada de matança "a disseminação de rumores acabou e a ordem social foi estabilizada". O que o Estado chamava de "rumores" era, com frequência, a única maneira que o povo tinha de expressar seus verdadeiros sentimentos. Em um determinado caso, um alerta aparentemente bizarro disseminou-se, não de aldeia para aldeia, mas de província para província: "O presidente Mao manda gente às aldeias para cortar as bolas [dos homens] a fim de dá-las à União Soviética para fabricar bombas atômicas" (em chinês, "bolas" e "bombas" têm a mesma pronúncia: *dan*). Em alguns lugares, quando chegava o que parecia ser um coletor de impostos, espalhava-se a notícia: "Os cortadores de bolas estão aqui!", e a aldeia inteira procurava se esconder. Essa história reflete o fato de que Mao já estava impondo tributos extorsivos em alimentos aos camponeses, alguns dos quais presumiam claramente que os alimentos estavam sendo enviados para a Rússia.

Essa campanha reprimiu duramente qualquer expressão de discordância, mas ainda havia algumas rachaduras no sistema naqueles primeiros anos. Às vezes, as vítimas conseguiam se esconder. Um pequeno proprietário de terras da província de Anhui conseguiu manter-se em fuga junto com seu filho durante 636 dias, sem jamais ser denunciado, até mesmo por pessoas enviadas para pegá-lo. Quando os fugitivos voltaram finalmente para sua aldeia, "a esmagadora maioria das pessoas, particularmente as mulheres [...] derramaram lágrimas de pena", relembrou o filho. Como a campanha já havia acabado, eles sobreviveram.

Mas o controle tornou-se cada vez mais difuso, e com ele, a perda de liberdade em todas as frentes: de expressão, de movimento, de trabalho, de informação. Um sistema nacional de zeladorias, chamado Comitês de Manutenção da Ordem, foi criado em cada fábrica, aldeia e rua, composto por membros do público, com frequência os intrometidos mais abelhudos e hiperativos, que se tornavam cúmplices da repressão do regime. Esses comitês ficavam de olho em todo mundo, não apenas nos suspeitos políticos e pequenos criminosos. Sobretudo, o regime prendeu cada chinês em um emprego e um endereço fixo e, em geral, imutável, por meio de um sistema de registro (*hu-kou*) iniciado em julho de 1951, que logo se tornou férreo.

O governo usava também a campanha de "repressão aos contrarrevolucionários" para atacar todo tipo de crime não político, como banditismo comum, gangsterismo, homicídio, roubo, jogo, tráfico de drogas e prostituição (as prostitutas "liberadas" foram organizadas para fazer trabalho manual). Graças à organização fenomenal e à impiedade, essas ações foram muitíssimo bem-sucedidas. No final de 1952, o tráfico de drogas praticamente desaparecera, assim como os bordéis.

Mao disse várias vezes que suas matanças "eram extremamente necessárias". "Somente depois que essa coisa é feita de forma correta, nosso poder pode estar seguro", declarou.

Enquanto numerosos chineses eram executados, apenas dois estrangeiros, que se saiba, sofreram esse destino: o italiano Antonio Riva e o japonês Ryuichi Yamaguchi. A acusação não foi pequena: planejar matar Mao com um morteiro quando ele estivesse na praça Tiananmen, em 1º de outubro de 1950, Dia Nacional. Os dois homens foram presos dias antes, junto com vários outros estrangeiros. Dez meses depois, em 17 de agosto de 1951, foram conduzidos em jipes abertos pelo centro de Pequim e fuzilados em público perto da ponte do Céu. A notícia ganhou manchete no *Diário do Povo* do dia seguinte: "O caso dos espiões dos Estados Unidos que tramavam uma rebelião armada". A matéria alegava que o assassinato fora ordenado pelo coronel David Barrett, ex-adido militar assistente americano.

Para qualquer um, ainda mais um estrangeiro, uma ordem para assassinar Mao numa ocasião de segurança máxima como o Dia Nacional, em meio a centenas de milhares de chineses organizados e extremamente vigilantes,

para não mencionar cerca de 10 mil policiais e outros tantos soldados, era absurda. Na verdade, Barrett, o suposto cabeça do complô, havia deixado a China meses antes. Duas décadas depois, Chou En-lai pediu-lhe vagamente desculpas por terem-no implicado e o convidou a voltar à China. Era um reconhecimento indireto da falsidade da acusação.

Ligar o complô a Barrett ajudou a açular o sentimento antiamericano, que não era tão ardoroso quanto o regime desejava. A falsa acusação foi também usada para atingir outro alvo importante de Mao — a Igreja católica romana, cujo principal representante estrangeiro, um monsenhor italiano, foi um dos presos. Na época, a China tinha cerca de 3,3 milhões de católicos. Mao estava muito interessado no Vaticano, especialmente em sua capacidade de obter fidelidade para além de fronteiras nacionais, e seus visitantes italianos viam-se amiúde metralhados com perguntas sobre a autoridade do papa. A tenacidade e a eficácia dos católicos perturbavam o regime, que utilizou o falso caso de assassinato para acelerar a ocupação das instituições católicas, inclusive escolas, hospitais e orfanatos. Uma campanha estridente acusou padres e freiras católicos de atos hediondos que iam de puro homicídio a canibalismo e experiências médicas com bebês. Centenas de chineses católicos foram executados e muitos padres estrangeiros sofreram agressões físicas.

Em geral, as organizações religiosas e semirreligiosas foram acusadas de reacionárias e fechadas, ou colocadas sob controle rígido. Quase todo o clero estrangeiro foi expulso do país, junto com a maioria dos homens de negócios de fora, e por volta de 1953 praticamente não havia mais estrangeiros não comunistas na China. Não é preciso dizer que a imprensa e o rádio estrangeiros não comunistas foram banidos.

A "campanha para reprimir os contrarrevolucionários" durou mais de um ano, embora a repressão de rotina tenha continuado depois disso. Mao voltou então sua atenção para o controle rígido dos cofres estatais, para que os fundos que o Estado extraía do povo não caíssem em mãos privadas. No final de 1951, começou uma campanha conhecida como "os Três Antis", tendo por alvo a malversação, o desperdício e o "burocratismo" (o que significava indolência e não a burocracia em si mesma). O principal objetivo era atemorizar aqueles que tinham acesso ao dinheiro do governo, para que

não o embolsassem. Os supostos autores de desfalques eram chamados "tigres". "Tigres grandes", que envolviam casos acima de 10 mil yuans, estavam sujeitos à pena de morte.

Como a corrupção fora epidêmica no regime nacionalista, a campanha tinha um apelo genuíno. Muitos acharam que os comunistas estavam tentando acabar com a corrupção. O que as pessoas não percebiam era que, embora fosse verdade que, depois dessa campanha, poucos dos que tinham acesso aos cofres públicos ousariam meter a mão neles, os fundos assim acumulados pelo Estado não seriam usados no interesse do povo.

Mao era cioso em relação ao que agora se tornara, de fato, *seu* dinheiro. Ele bombardeava ministros do governo e líderes das províncias e do Exército com telegramas em que os instava a capturar "tigres grandes" e estabelecia cotas: "Devemos provavelmente executar de 10 mil a várias dezenas de milhares de malversadores em todo o país para poder resolver nosso problema". Estimulou uma competição entre as províncias, instigando-as a estabelecer metas maiores, e ameaçava: "Quem desobedecer, ou é burocratista ou é ele mesmo malversador".

O método para descobrir os supostos infratores era, como Mao recomendava, "confissão e informação". Com essas técnicas, cerca de 3,83 milhões de funcionários civis foram interrogados e investigados (e mais no Exército). Embora não tenha sido estimulada nessa época, a tortura como espetáculo público foi usada em alguns lugares e Mao mantinha-se informado a respeito. Os russos que trabalhavam na ferrovia da Manchúria disseram ter ouvido gritos ("como se fossem de calabouços japoneses") de escritórios próximos. Na verdade, eram de colegas chineses que passavam por uma "verificação", isto é, tinham seus testículos esmagados com alicates de bambu.

No fim, descobriu-se que relativamente poucos funcionários haviam desviado quantias grandes o suficiente para serem classificados de "tigres grandes". Mas Mao conseguira seu objetivo, que era instilar medo. A partir de então, poucos ousaram surrupiar dinheiro público.

Quanto ao segundo alvo, o desperdício, a campanha causou mais perdas do que as evitou. Ao deter administradores e técnicos hábeis em reuniões infrutíferas durante meses a fio, ela privou a economia de recursos humanos extremamente necessários. Em 14 de fevereiro de 1952, Tianjin relatou que o comércio no atacado se reduzira à metade, os bancos haviam parado de

fazer empréstimos e as empresas privadas não ousavam comprar mercadorias. A produção industrial estava em queda, a receita tributária, em colapso, e a economia caminhava para a recessão. Na Manchúria, a produção caiu pela metade. Na verdade, o sistema de repressão era em si mesmo uma fonte importante de desperdício. Um padre belga calculou que foi interrogado, sem resultado algum, por mais de 3 mil horas ao longo de três anos, o que envolvia pelo menos três ou quatro pessoas em tempo integral (pelo menos 10 mil horas-homem), bem como uma enorme quantidade de papel, que era escasso.

Em janeiro de 1952, pouco depois do início da campanha dos Três Antis, Mao ordenou que fosse feita outra campanha ligada a ela, chamada de "os Cinco Antis". Os crimes eram: suborno, evasão de impostos, roubo de propriedade estatal, trapaça e roubo de informação econômica. Seu alvo eram os homens de negócios cujas propriedades não haviam sido confiscadas, para forçá-los a cuspir dinheiro, bem como afastá-los pelo medo de atos como suborno e evasão tributária. Uma pessoa do alto escalão calcula o número de suicídios causados por essas duas campanhas entre 200 mil e 300 mil, pelo menos. Em Xangai, houve tanta gente saltando dos arranha-céus que ganharam o apelido de "paraquedas". Uma testemunha ocular perguntou-se por que as pessoas saltavam na rua, em vez de no rio. O motivo, ele descobriu, era que elas queriam salvaguardar suas famílias: "Se você saltasse no rio Huangpu e fosse levado pelas águas, os comunistas não teriam um cadáver e o acusariam de ter escapado para Hong Kong e sua família sofreria. Então, a melhor maneira era saltar na rua".

Em maio de 1953, quando terminou a campanha, Mao já alcançara seu objetivo de fazer com que as pessoas tivessem medo de tocar no dinheiro público. O funcionalismo comunista tornou-se de fato relativamente incorrupto no sentido convencional, tal como não aceitar suborno, mas ganhou um padrão privilegiado de vida, que obedecia a uma minuciosa hierarquia.

Pessoalmente, Mao não se apropriava dos cofres públicos da maneira convencional, como ditadores menores que mantinham contas em bancos suíços. Mas agia assim apenas porque não precisava se precaver contra a perda do poder. Ele assegurara-se plenamente de que tal dia jamais viria. Em

vez de desviar fundos estatais, tratava-os como se fossem seus e os usava como bem entendia, sem levar em conta as necessidades da população e perseguindo quem defendesse prioridades diferentes das suas para os gastos públicos. No que tange ao estilo de vida pessoal, o de Mao era digno de rei, levado a cabo com tremendo custo para o país. Esse comportamento corrupto veio à tona assim que ele conquistou a China.

Mao vivia atrás de uma muralha impenetrável de sigilo, de tal modo que muito poucas pessoas sabiam alguma coisa de sua vida e seu mundo, inclusive onde morava, ou onde estava (ele fazia muito poucas aparições públicas). Mesmo de muito perto, não dava uma impressão óbvia de vida luxuosa. Não tinha gosto pela opulência e evitava o tipo de objeto usualmente associado ao luxo, como torneiras de ouro, antiguidades, pinturas, guarda-roupas imensos, mobília elegante. Mas essas privações não significavam restrição alguma aos seus desejos. Na verdade, ele se entregava a todos os caprichos em sua vida diária.

Mao gostava de vilas, ou casas de campo. Durante os 27 anos em que esteve no poder, mais de cinquenta propriedades foram criadas para ele, não menos do que cinco em Pequim. Em muitas delas, jamais pôs os pés. Essas mansões situavam-se em terrenos enormes, a maioria em locais lindos. Assim, em muitos lugares de grande beleza, uma montanha inteira (como as colinas da Fonte de Jade, nos arredores de Pequim) ou longos trechos de lagos (como no famoso lago Ocidental, em Hangzhou) foram isolados para seu uso exclusivo. Com frequência, havia velhas casas de campo nesses lugares, muitas de arquitetura esplendorosa. Elas foram derrubadas para dar lugar a edificações novas, projetadas e construídas sob a supervisão de suas forças de segurança, tendo por prioridade a segurança e o conforto à la Mao. Essas edificações eram à prova de balas e bombas; algumas tinham profundos abrigos nucleares. A maioria tinha o mesmo estilo: um clone de armazém, com alas idênticas, uma para Mao e outra para sua esposa, com uma enorme sala de estar no meio. Eram todas térreas, pois Mao temia ficar preso no andar de cima.

O pavimento único tinha um pé-direito muito alto, às vezes tão alto quanto um prédio de três andares, para atender ao seu gosto pelo grandioso. Uma dessas casas, construída em meados da década de 1960 nos arredores de Nanchang, tinha cerca de quinze metros de altura, com um único andar, como se fosse um monstruoso hangar cinzento. Depois da morte de Mao,

muitas delas foram transformadas em pensões: seus corredores eram tão imensos que, mesmo depois de criar uma fileira de quartos de bom tamanho dentro deles, ainda sobrou espaço para um corredor de largura normal.

A construção de suas primeiras casas de campo havia começado em 1949, no momento em que entrou em Pequim. A essas seguiram-se outras, durante a campanha dos Três Antis. Uma delas, terminada em 1954, ficava em Beidaihe, na costa leste. Tratava-se de um antigo balneário da virada do século com mais de seiscentas casas, muitas delas grandes e elegantes, mas nenhuma obedecia às especificações de segurança de Mao. Assim, uma enorme edificação ao estilo dele foi enfiada num enclave com uma vista espetacular para a praia, protegida por morros de vegetação luxuriante, onde foram cavados bunkers e túneis. O acesso a toda a praia foi proibido, exceto para umas poucas pessoas autorizadas.

Em 1952, o chefe da segurança de Mao mandou avisar Hunan que deviam construir uma vila em Changsha, capital da província, para um possível regresso dele ao lar. Os líderes de Hunan não tinham certeza de que se tratava realmente de um desejo de Mao. Como isso aconteceu no auge da campanha dos Três Antis, parecia espalhafatoso demais para ser verdade. Então desocuparam as próprias casas e as reformaram para Mao. Mas ele não apareceu. Então se deram conta de que ele queria mesmo uma nova propriedade e os trabalhos de construção começaram. Só depois que a casa estava pronta foi que Mao dignou-se a aparecer para uma visita. Mais tarde, construiu-se uma segunda mansão nas proximidades. Outras casas foram edificadas em sua aldeia natal de Shaoshan. A outras províncias, que desejavam naturalmente a visita de Mao, foi dito: "Mas vocês não têm um lugar para o presidente ficar"; então elas construíram as necessárias mansões.

As casas eram constantemente reformadas para melhorar a segurança e o conforto. Na sua velhice, acrescentaram um corredor externo fechado para que ele pudesse dar caminhadas sem correr o risco de pegar um resfriado. Para minimizar o risco de assassinato, as janelas externas desses corredores eram alternadas com as dos aposentos de Mao, de tal forma que de ambas as direções via-se apenas uma parede. Outros refinamentos de segurança nas mansões mais tardias eram portões de aço nas duas extremidades do pórtico, que foi incorporado à casa, para que o carro de Mao pudesse efetivamente entrar na sala de estar.

Às vezes, até o trem de Mao entrava na casa, ou mais exatamente no jardim

da frente, por um ramal especial criado para ele. Em muitos lugares, um túnel subterrâneo exclusivo ia da mansão até o aeroporto militar local. Mao dormia amiúde em seu trem estacionado em aeroportos militares, pronto para uma rápida retirada por trem ou avião, em caso de emergência. Durante todo o seu reinado, viveu em seu próprio país como se estivesse numa zona de guerra.

Ele viajava principalmente em três tipos de transporte: trem, avião e navio (quando era o caso). Mesmo quando usava apenas um deles, os outros dois seguiam juntos sempre que possível, por precaução. Quando viajava de avião, todos os outros aviões da China ficavam pousados. E quando seu trem especial avançava, sempre partindo sem aviso prévio, o sistema ferroviário do país virava um caos, pois os outros trens não podiam ficar perto do dele. Essas interrupções não eram infrequentes, pois Mao estava em constante movimento por trem. As tripulações ficavam de permanente sobreaviso e, às vezes, não tinham permissão para ir para casa durante semanas, ou até meses.

Uma extravagância especial eram as piscinas, pois Mao adorava nadar. Naquela época, elas eram raras em um país tão pobre como a China. (Em Chengdu, capital da província de Sichuan, quando construíram uma piscina para Mao, os servidores não sabiam quanto cloro deveriam pôr na água. Em consequência, os poucos que tiveram o privilégio de nadar nela ficaram com os olhos vermelhos. Mao suspeitou de envenenamento.) A primeira piscina construída para ele foi nas colinas da Fonte de Jade, bem no meio da campanha dos Três Antis. Pelas contas do próprio Mao, ela custou 50 mil yuans, quantia cinco vezes maior do que aquela que poderia condenar um "tigre grande" à morte. Em Zhongnanhai, sua residência oficial em Pequim, bem escondida atrás de um grande cartaz que dizia "Servir o Povo", construiu-se pouco depois da campanha uma piscina interna para ele, embora já houvesse uma piscina externa exclusiva, que até a sua chegada ao poder estivera aberta ao público.

Manter essas piscinas aquecidas durante meses a fio, para o caso de Mao inventar de dar um mergulho, custava uma fortuna. A água era aquecida por vapor quente que corria por um tubo e queimava grande quantidade de combustível escasso.

Mao não economizava nos aspectos da vida de que gostava. Era um

gourmet e mandava buscar suas comidas favoritas em todo o país (ele e os altos líderes raramente iam a restaurantes, cujo número encolheu com o regime comunista). Um peixe especial de Wuhan que ele apreciava tinha de ser transportado vivo por mil quilômetros dentro de um saco de plástico cheio de água e mantido oxigenado. Quanto ao arroz, ele exigia que a membrana entre a palha e o grão fosse mantida, o que significava descascá-lo manualmente e com grande cuidado. Uma vez, reclamou que não estava sentindo o gosto da membrana e disse a sua governanta que havia adquirido beribéri em consequência disso. A governanta correu até a fazenda especial na Fonte de Jade e mandou descascar um pouco de arroz exatamente como Mao queria.

Essa fazenda foi montada especialmente para plantar arroz para ele, pois supunha-se que a água de lá era a melhor. Nos velhos tempos, a fonte havia fornecido água às cortes imperiais. Agora, alimentava a plantação de arroz de Mao. As verduras de que ele gostava, assim como os frangos e o leite, eram produzidos em outra fazenda especial chamada Jushan. Seu chá tinha a fama de ser o melhor da China — Poço do Dragão — e as melhores folhas eram escolhidas para ele, no momento ideal. Toda a comida de Mao passava por um meticuloso exame médico e a cozinha era supervisionada por sua governanta, que também provava a comida. Frituras tinham de ser servidas de imediato; mas, como a cozinha ficava longe, para que os cheiros não impregnassem o caminho de Mao os criados levavam os pratos correndo até sua mesa.

Mao não gostava de entrar em banheiras ou chuveiros e não tomou banho durante um quarto de século. Em vez disso, seus criados o esfregavam todos os dias com uma toalha quente. Ele gostava de massagens diárias. Jamais foi a um hospital. As instalações hospitalares, junto com os melhores especialistas, iam até ele. Se não estava com vontade de vê-los, tinham de ficar por perto, às vezes durante semanas.

Mao jamais gostou de roupas elegantes. O que amava era o conforto. Usou os mesmos sapatos durante anos porque, como dizia, sapatos velhos eram mais confortáveis; e fazia com que os guarda-costas "gastassem" os sapatos novos para ele. Seu roupão de banho, sua toalha de rosto e suas colchas eram muito remendados, mas não com remendos comuns: eram levados especialmente a Xangai e consertados pelos melhores artesãos, custando muitíssimo mais do que artigos novos. Longe de serem indicações de

ascetismo, eram singularidades do hedonista superpoderoso.

Talvez não fosse exorbitante para um líder gozar de mansões e outros luxos, mas Mao se gratificava enquanto executava outros por se apropriarem de uma fração do que ele estava torrando. E fazia isso enquanto pregava e impunha abstinência e era retratado como um "servidor do povo". Seu duplo padrão moral tinha um cinismo abrangente que o coloca numa categoria particular.

Em nenhuma outra área da vida esse duplo padrão causou mais desgraça do que na esfera da sexualidade. Mao exigia que o povo chinês suportasse restrições ultrapuritanas. Os casais postados em diferentes partes do país ganhavam apenas doze dias por ano para estarem juntos: dezenas de milhões de pessoas eram assim condenadas a uma abstinência sexual quase o ano todo. As tentativas privadas de aliviar a frustração sexual podiam levar à humilhação pública. Um chinês patriota que retornou à "terra natal" foi obrigado a colocar um cartaz acima da sua cama no dormitório, em que fazia a autocrítica de sua masturbação.

Enquanto isso, Mao se entregava a todos os caprichos sexuais, em segredo muito bem guardado. Em 9 de julho de 1953, o Exército recebeu ordens de selecionar mulheres jovens de seus grupos de entretenimento para formar uma trupe especial na guarda pretoriana. Todos os envolvidos no episódio sabiam que sua principal função seria fornecer parceiras de cama para Mao. O chefe do Exército Peng De-huai chamou isso de "selecionar concubinas imperiais" — uma queixa que lhe custaria caro no futuro. Mas sua objeção não causou nenhum efeito em Mao e outros grupos de entretenimento do Exército foram transformados em agências de proxenetismo. Além de cantoras e dançarinas, enfermeiras e criadas eram escolhidas a dedo para as mansões de Mao, a fim de propiciar um fundo comum de mulheres dentre as quais ele pudesse escolher a que quisesse para fazer sexo.

Algumas dessas mulheres recebiam subsídios de Mao, assim como algumas pessoas de seu staff e parentes. As quantias envolvidas eram pequenas, mas ele fazia questão de autorizar pessoalmente cada transação. Mao tinha muita consciência do valor do dinheiro e durante anos conferiu as contas de sua casa minuciosamente.

O dinheiro distribuído por Mao vinha de uma conta pessoal secreta, a Conta Especial. Era onde guardava os royalties de seus escritos, pois, além de todos os outros privilégios, ele monopolizava o mercado de livros,

forçando toda a população a comprar suas obras, além de evitar que a imensa maioria dos escritores fosse publicada. No auge, essa conta abrigava bem mais de 2 milhões de yuans, quantia astronômica. Para ter uma ideia do que isso significava, o staff de Mao ganhava, em média, cerca de quatrocentos yuans por ano. A renda em dinheiro de um camponês, em um ano dos melhores, podia ser de uns poucos yuans. Até os chineses mais privilegiados raramente tinham economias de mais de algumas centenas de yuans.

Mao foi o único milionário criado na China de Mao.

a Mao afirmou que o total de execuções foi de 700 mil, mas esse número não incluía aqueles que foram espancados ou torturados até a morte na reforma agrária pós-1949, que somariam pelo menos outro tanto. Depois, houve os suicídios, que, com base em várias inquirições locais, foram em quantidade semelhante à dos mortos.

b O número de pessoas presas em qualquer ano do governo de Mao foi calculado em cerca de 10 milhões. É razoável estimar que uma média de 10% delas foram executadas ou morreram de outras causas.

c Um diplomata soviético que esteve durante dez anos na China, primeiro nacionalista e depois comunista, e testemunhou de perto as campanhas de Mao, observou mais tarde, numa fonte confidencial, que por mais cruel que os nacionalistas pudessem ser, não eram nada perto do que acontecia sob o regime comunista. Ele estimou que mais chineses morreram nessas primeiras campanhas do que na guerra civil.

PARTE V
No encalço do sonho de superpotência

32. A rivalidade com Stálin (1947-49; 53-55 anos)

Antes mesmo de conquistar a China, Mao já estava de olho no mundo mais amplo. E começou a tomar providências assim que a vitória surgiu no horizonte da guerra civil.

Ele esperava repetir o enorme sucesso de relações públicas que tivera com Edgar Snow e *Estrela vermelha sobre a China*, que havia sido um êxito excepcional para o mundo comunista. Mas, nesse meio-tempo, Snow fora banido por Moscou e Mao teve de se contentar com uma jornalista americana de segunda classe chamada Anna Louise Strong, que não tinha nada da influência global de Snow e era conhecida como lacaia.

Em 1947, Mao enviou Strong em excursão mundial para promovê-lo. Deu-lhe documentos com o pedido de que ela os repassasse "para os partidos comunistas do mundo". Em particular, queria que "os mostrasse aos líderes partidários nos Estados Unidos e na Europa ocidental", mas esclarecia que não "achava necessário que ela os levasse a Moscou".[a]

Strong cumpriu a proposta e produziu um artigo intitulado "O pensamento de Mao Tse-tung" e um livro chamado *Dawn out of China* [A aurora nasce na China]. Eles continham encômios como a alegação de que a grande obra de Mao "foi mudar o marxismo de uma forma europeia para asiática [...] em relação a todos os tipos de problemas [...] de um modo que nem Marx nem Lênin poderiam sonhar"; que "toda a Ásia aprenderá com [a China] mais do que aprenderá com a União Soviética"; e que as obras de Mao "influenciaram provavelmente muito as últimas formas de governo em partes da Europa do pós-guerra". Essas afirmações pisavam firme nos calos de Stálin. Não surpreende que a publicação do livro tenha sido obstruída na Rússia e que o PC americano tenha exigido que metade dele fosse expurgada. A versão integral foi publicada na Índia e, o que é mais significativo, em vários países da Europa oriental, inclusive a Iugoslávia.

Promover Mao em nível internacional sem o endosso de Stálin, sugerir que ele aperfeiçoara Stálin e podia oferecer mais do que o líder soviético era fazer pouco do Kremlin. Mas para Mao já estava claro que ia precisar dar umas cotoveladas para consolidar sua influência. E ele agora era bastante influente.

Havia também sinais de que Stálin estava preparado para ceder algum território. Em setembro de 1947, ele montou uma nova organização chamada Birô de Informação Comunista (Cominform), que incluía somente partidos europeus. Isso deixou aberta a possibilidade de um agrupamento asiático separado. Em novembro, semanas depois da criação do Cominform, e enquanto ainda vagueava perto de Yenan, Mao mudou o nome de seu séquito para "Unidade Ásia".

Stálin continuava totalmente comprometido com o apoio a Mao, mas tomou medidas para contê-lo e lembrá-lo de quem era o chefe.

Em 30 de novembro de 1947, quando passou a confiar que venceria a guerra civil em breve, Mao propôs a Stálin uma visita sua à Rússia. Este concluiu que a visita seria o veículo ideal para fazê-lo suar. Seu gabinete respondeu com um telegrama positivo em 16 de dezembro. O dr. Orlov, que recebeu o telegrama, tinha obviamente ordens de Stálin para relatar em detalhes as reações de Mao. No dia seguinte, informou que ele estava "extremamente satisfeito", "bastante animado" na verdade, e "disse de pronto: 'Muito bom, posso ir [em] três meses'".

Três meses se passaram, sem sinal de um convite de Stálin. Mao levantou a questão de novo em 22 de abril de 1948, um dia depois que o PCC retomou Yenan; ele comunicou a Orlov que pretendia partir entre 4 e 5 de maio. Dessa vez, Stálin disse "sim". Mao pediu para levar consigo os dois médicos russos, supostamente por motivos de saúde, mas, na verdade, para evitar que alguns de seus colegas se comunicassem com os russos durante sua ausência. Stálin concordou. Mao também queria visitar a Europa oriental, uma proposta que Stálin claramente não apoiou.

Em 10 de maio, dias depois da data que Mao sugerira, Stálin adiou subitamente a visita. E, enquanto a primavera se transformava em verão, não chegavam sinais de renovação do convite. Mao estava ansioso para partir. Na

época, estava com seus colegas no QG do partido, em Xibaipo, e todos sabiam que ia a Moscou para ver Stálin. A impressão era que partiria a qualquer minuto. Um sinal disso era que nada fora feito com os sapos que perturbavam seu sono. Via de regra, qualquer animal barulhento, como galinhas e cães, era posto "sob controle" sempre que Mao permanecia em um lugar. Seus guarda-costas propuseram usar dinamite para silenciar os sapos, que coaxavam alegremente em um lago cheio de juncos. O plano não foi executado porque se supunha que Mao ficaria pouco tempo em Xibaipo. Ele sentiu necessidade de afastar qualquer impacto negativo do atraso e tomou providências para que sua *bête noire* Wang Ming sofresse outro "acidente" médico. Em 25 de junho, aplicaram em Wang Ming uma lavagem com o desinfetante lisol, o que arruinou seus intestinos.

Em 4 de julho, Mao telegrafou a Stálin: "Decidi visitá-lo num futuro próximo". Marcou a data da partida para dez dias depois — "Partiremos de qualquer modo por volta do dia 15 deste mês" — e disse a Stálin que era "necessário mandar dois aviões de transporte (de passageiros)".

No dia 14, véspera da data marcada por Mao, em vez de um avião, Stálin mandou um telegrama ao dr. Orlov, adiando a visita para o inverno:

> Diga a Mao Tse-tung o seguinte: tendo em vista o começo da colheita de grãos, altas autoridades do partido estão partindo para as províncias em agosto e lá permanecerão até novembro. Portanto, o Comitê Central solicita ao camarada Mao Tse-tung que adie sua visita a Moscou para o final de novembro, a fim de ter a oportunidade de se encontrar com todos os camaradas da direção do partido.

Esse pretexto era claramente ridículo. Orlov informou que Mao "escutou com um leve sorriso", dizendo "ótimo, ótimo". Mas perguntou: "'É possível [...] que na União Soviética atribuam tanta importância à colheita de grãos que os principais líderes do partido [...] partam para acompanhá-la?'. Conheço Mao há mais de seis anos e, se o entendi bem, seu sorriso e as palavras *hao*, *hao* (ótimo, ótimo) [...] de forma alguma indicam que ficou contente [...] Miélnikov [o outro médico russo] me contou que em 15 de julho Mao Tse-tung lhe fez pergunta semelhante sobre a colheita. [...] Ele [Mao] estava confiante de que partiria exatamente agora. [...] Evidentemente, a visita tornou-se necessária para ele [...] [Suas] malas já estão prontas, além dos sapatos de couro que foram comprados [...] e um sobretudo de lã que foi feito".

Ficou claro para Mao que Stálin estava aborrecido com ele e o estava enrolando em relação à viagem. Ele tratou de corrigir a situação, começando pelo culto da própria personalidade. Em 15 de agosto, vetou o novo programa da Universidade do Norte da China "para estudar principalmente o Mao Tse-tung-ismo", dizendo: "Não há benefício, só dano". Também mudou a expressão "Pensamento de Mao Tse-tung" para "marxismo-leninismo" em documentos. A promoção de suas formulações a "pensamento" não caíra bem com Stálin: a imprensa soviética jamais mencionou o "pensamento" de Mao e riscou a expressão quando publicou documentos do PCC que a continham.

Por fim, com o outono chegando, em 28 de setembro Mao mandou um telegrama de tom surpreendente, no qual se dirigia a Stálin chamando-o de "Chefe" e implorava: "É essencial apresentar-se pessoalmente ao [...] Chefe [...] Espero sinceramente que eles [o partido soviético e Stálin] deem instruções a nós".

Stálin havia mostrado quem era o chefe. Mao se humilhara. Tendo demonstrado o que queria, o líder russo respondeu em 17 de outubro, num tom distante mas tranquilizador, confirmando a viagem para "o final de novembro". Mao estava agora suficientemente confiante para responder pedindo um breve adiamento. A primeira rodada da punição de Mao por Stálin, por acalentar ambições fora da China, estava terminada.

Mao havia piscado primeiro. Mas ele também mantinha-se firme diante de Stálin quando seus interesses fundamentais estavam envolvidos. No último estágio da guerra civil, antes de Chiang Kai-shek fugir para Taiwan, Nanquim pediu um cessar-fogo e paz em 9 de janeiro de 1949. Stálin instruiu Mao a responder e dizer que o PCC "apoia negociações". Mao ficou furioso ("falou de maneira mais ríspida", relatou Orlov a Stálin). O líder russo, numa atitude pouco característica, mandou outro telegrama no dia seguinte, em que tentava se reposicionar e alegava que sua proposta fora puramente tática, para dar a impressão de que os nacionalistas eram os responsáveis pela continuação da guerra: "Nosso plano para sua resposta [...] está projetado para solapar as negociações de paz".

Na opinião de Mao, os nacionalistas não deveriam ter um dia de paz,

mesmo em nome das aparências. Ele comunicou a Stálin que queria "a rendição incondicional do governo de Nanquim [...] não precisamos mais tomar qualquer desvio político". Pela primeira vez, Mao indicou a Stálin o que ele deveria dizer: "Pensamos que você deveria dar a seguinte resposta" aos nacionalistas, que haviam pedido a mediação dos russos. Mao havia ganhado uma vantagem definitiva em relação ao russo, que foi notada no Kremlin: um dos principais assessores de Stálin para a China nos confirmou que a equipe dele achara que o chefe fora "duramente censurado" por Mao em termos inequívocos.

Stálin contra-atacou no dia seguinte, 14 de janeiro, com uma longa peroração, dizendo a Mao que recusar conversações era ruim do ponto de vista de relações públicas e acenando com o espectro da intervenção estrangeira. Mao não acreditava que isso fosse provável, mas encontrou uma maneira de manter sua posição e ao mesmo tempo satisfazer Stálin: divulgou uma lista de condições para conversações de paz que equivaliam a uma rendição incondicional. Depois, com astúcia, citou Stálin de volta: "Quanto à linha básica (solapar as conversações de paz com os nacionalistas, para continuar a guerra revolucionária até o fim), estamos em perfeito acordo". Stálin dobrou-se no dia seguinte: "Chegamos a um acordo completo [...] Portanto, a questão está encerrada".

Stálin parece ter ficado impressionado. Foi logo depois disso que comentou com líderes iugoslavos e búlgaros que Mao era insubordinado, mas bem-sucedido. O líder chinês havia defendido sua posição com firmeza — e eficácia. Assim, em 14 de janeiro, quando Stálin "insistiu" para que Mao adiasse sua viagem a Moscou uma vez mais, aparentemente estava sendo sincero ao dizer "porque sua presença na China é essencial". Em lugar da viagem, ele se ofereceu para mandar um membro "com autoridade" do Politburo para vê-lo "imediatamente".

A primeira reação de Mao a mais esse adiamento foi de irritação. Seu secretário lembrou de tê-lo visto jogar o telegrama na mesa dizendo: "Que assim seja!". Mas, pensando bem, percebeu que Stálin estava, na verdade, conferindo-lhe uma honra, pois nunca enviara um membro de seu Politburo a uma zona de guerra para visitar um partido comunista envolvido numa guerra civil, que, ademais, era contra um governo com o qual Moscou mantinha relações diplomáticas. Em 17 de janeiro, Mao respondeu "dando muito boas-vindas" à visita de um enviado de Stálin.

O enviado era Anastas Mikoian, velho confidente de Stálin. Ele chegou ao QG de Xibaipo em 30 de janeiro, trazendo dois especialistas em neutralizar bombas de efeito retardado e equipamentos de escuta clandestina. Mao "ficou extremamente satisfeito", relatou Mikoian, "e agradeceu ao camarada Stálin por seus bons cuidados". Com Mikoian chegou o ex-ministro das ferrovias Ivan Kovaliov, que consertara as vias férreas da Manchúria e que seria agora o contato pessoal de Stálin com o líder chinês.

Mao demonstrou sua autoconfiança de imediato. No dia seguinte à chegada de Mikoian, o governo nacionalista se mudou de Nanquim para Cantão. O único embaixador que acompanhou os nacionalistas foi o soviético, Róshchin. Em 1º e 2 de fevereiro, Mao ausentou-se da reunião com Mikoian, numa exibição de ressentimento, e Chou En-lai foi orientado a pedir uma explicação. Mikoian descreveu a atitude do embaixador como "bastante natural" e disse que ela "não causaria de forma alguma prejuízo à nossa causa comum, mas, ao contrário, a facilitaria".[b] Mao não foi aplacado e Stálin sabia disso. Pouco depois, este tentou explicar a Liu Shao-chi, o segundo em comando de Mao, que a medida fora tomada para reunir informações. Mas Mao continuou insatisfeito e descarregou seu descontentamento sobre Róshchin quando Stálin o enviou de volta à China para ser o primeiro embaixador soviético junto ao governo comunista. Quando o russo ofereceu seu primeiro jantar ao Politburo chinês, Mao ficou sem dar uma palavra durante toda a noite, exibindo o que um diplomata russo descreveu como "uma atitude de zombaria e indiferença".

Durante a visita de Mikoian, Mao controlou seu aborrecimento. Para espanto do enviado russo, ele não se queixou do tratado de 1945 da Rússia com Chiang Kai-shek, pelo qual o Kremlin voltou a ter concessões extraterritoriais; chegou mesmo a chamá-lo de "patriótico". Mao queria muito de Stálin. Sua lista de compras começava com o pedido de um empréstimo de 300 milhões de dólares — exclusivamente para propósitos militares — e continuava com uma ampla variedade de armas, inclusive tanques pesados e artilharia antiaérea, mais consultores para a reorganização do Exército. Ainda mais importante era a ajuda de longo prazo para montar fábricas que produzissem seus próprios aviões, tanques e outras armas pesadas. Mao queria que Stálin ajudasse a transformar a China em uma grande potência militar.

Stálin acabara de expulsar o líder iugoslavo Tito do campo comunista. Tito demonstrara independência demais e uma inclinação a montar uma esfera de influência própria. Em mensagem anterior a Stálin, Mao se referira à experiência do iugoslavo, colocando-a aparentemente ao lado da Rússia como um modelo possível, e recebera uma reprimenda em troca. Agora, Mao dizia a coisa certa sobre Tito e até louvava uma velha crítica que Stálin fizera do nacionalismo iugoslavo, em 1925. Era seu esforço para tranquilizar Stálin de que ele não seria outro Tito.

Mao também fez questão de deixar claro para Mikoian o quanto se considerava um subordinado de Stálin. Ao brindar à saúde do líder russo, "enfatizou que [...] Stálin era [...] o mestre do povo chinês e dos povos de todo o mundo", relatou Mikoian ao seu chefe. Mao "enfatizou várias vezes que era um discípulo do camarada Stálin" e "estava esperando instruções [...] e deliberadamente rebaixou seu papel [...] como líder e teórico [...] [dizendo] que ele [...] não dera contribuição nova ao marxismo etc.". Mas o astuto Mikoian não se deixou lograr e disse a Stálin: "Isso não corresponde ao que Mao Tse-tung é na realidade, nem ao que ele pensa de si mesmo".

Com efeito, quando Mikoian levantou a questão da "coordenação" entre os partidos comunistas da Ásia, Mao já tinha um plano pronto, que era criar um Cominform asiático, que ele se propunha a organizar assim que terminasse a conquista da China. Queria que o grupo fosse composto de "vários" outros partidos asiáticos, listando os coreanos, indochineses e filipinos, para começar.

Mikoian apresentou então a oferta de Stálin, que restringia Mao ao quintal imediato da China, dizendo que ele deveria "chefiar" um birô de partidos *do Leste asiático*, que teria a princípio apenas três membros: China, Japão e Coreia. "Mais tarde", disse ele, outros "poderiam também ser envolvidos gradualmente."

Stálin estava concedendo algum terreno. Ao mesmo tempo, dava um sinal para que Mao não avançasse demais. No dia seguinte à conversa sobre território, Stálin enviou a Mikoian um telegrama muito enfático, em que o instruía a mandar Mao prender um americano que trabalhava com o PCC chamado Sidney Rittenberg — "como espião". Stálin ligou Rittenberg a Anna Louise Strong, a americana que Mao mandara ao exterior para promovê-lo; de acordo com Stálin, Strong também era uma espiã americana.

(Mikoian disse que Stálin lhe dera ordens especiais para checar "espiões" americanos e ingleses nos círculos próximos à liderança do PCC.) Rittenberg foi devidamente preso.

Strong estava naquele momento detida em Moscou, sem obter um visto para a China. Em 13 de fevereiro, um dia depois que Mikoian voltou a Moscou e se encontrou com Stálin, ela foi jogada na prisão de Lubianka. Fato incomum, sua prisão, sob a acusação de "espionagem", foi noticiada no *Pravda* do dia seguinte, o que tornava a advertência mais enfática para Mao e para os regimes comunistas satélites. Pouco tempo depois, após ter sido deportada, Strong escreveu a um intermediário do PCC: "Por favor, diga ao presidente Mao [...] que, tanto quanto eu consegui saber, foi minha pesquisa demasiado persistente no caminho da China [*sic*] que os russos finalmente atacaram como sendo 'espionagem'".

Um dos contatos de Strong em Moscou era Mikhail Borodin, principal agente de Stálin na China na década de 1920, que vinha tentando ajudá-la a publicar na Rússia o livro que promovia Mao. Duas semanas depois da detenção de Strong, Borodin também foi preso e torturado para dar informações sobre o líder chinês.

Embora essas prisões fossem tiros de advertência para Mao, ele ficou tranquilo. Stálin estava dizendo: não se meta com a América, ou a Europa. Mas Mikoian já lhe prometera o Leste asiático. Mao estava agora demarcando território com Stálin. Assim, foi com bom humor que pensou em voz alta sobre esse tema numa plenária pré-vitória do Comitê Central, em 13 de março de 1949.

Nessa reunião, seu antigo contestador Wang Ming, que então já aceitara a derrota, tratou de bajulá-lo dizendo que o pensamento de Mao era "o [...] desenvolvimento do marxismo-leninismo em países coloniais e semicoloniais". Não na Ásia oriental, ou simplesmente na Ásia, mas em todos os "países coloniais e semicoloniais".

Wang Ming expressava o que Mao tinha em mente e ele ficou tão satisfeito que se deixou levar pelo entusiasmo: "A frase do camarada Wang Ming desprende um cheiro de dividir um 'mercado'. Os países coloniais e semicoloniais ocupam uma parte muito grande do mundo. Depois que eles caírem sob nosso controle, isso não significa que Stálin se encarregaria apenas das regiões industriais desenvolvidas, e [o resto do mundo] fica sob

nossa responsabilidade [...]?". Persistindo no plural majestático, continuou: "dizemos que os países coloniais e semicoloniais nos pertencem. Mas e se um deles não comprar nossa mercadoria e for direto a Moscou? [...] Evidentemente, não tenhamos pressa em pensar tão grande; cuidemos da China primeiro".

Mao começava a sonhar em dividir o mundo com Stálin.

Stálin evidentemente concluiu que, se permitisse a Mao o controle sobre até mesmo uma limitada fatia de seu território, seu poder ficaria ameaçado. Assim, quando Liu Shao-chi visitou a Rússia naquele verão e delicadamente mencionou o tema, perguntando-lhe se a China poderia entrar para o Cominform, obteve uma amostra da sua melhor dissimulação. "Penso que isso não é realmente necessário", retrucou Stálin. Em vez disso, a China deveria "organizar uma união dos partidos comunistas do Leste asiático". Mas essa aparente confirmação de sua oferta anterior foi seguida por um adendo: "Uma vez que a União Soviética é um país situado tanto na Europa como na Ásia, ela participará dessa união". O Chefe de forma alguma estava recuando.

Como antes, Stálin fez advertências agudas a Mao, prendendo toda uma série de agentes que haviam trabalhado na China. Enquanto Liu se encontrava em Moscou, muitos dos principais agentes russos que haviam estado com Mao tiveram o mesmo destino de Borodin nas celas de tortura: o dr. Orlov foi chamado de volta e selvagemente torturado pelo chefe da KGB Victor Abakúmov em pessoa. Orlov foi acusado de conexões com "o espião americano e japonês Mao". A prisão de Orlov foi informada a Mao, pois os russos fizeram contato com Shi Zhe, intérprete de Liu e assistente do líder chinês, e lhe pediram para dar a notícia sobre Orlov. Eram sinais de que Stálin estava preparando o terreno para denunciar Mao como espião ou titoísta, se viesse a ser oportuno fazê-lo.[c]

Stálin mostrava as garras. Mas Mao não estava com medo e mostrou seus músculos numa questão de grande importância para ele: a primeira reunião internacional comunista marcada para se realizar em Pequim, sua nova capital. Tratava-se de uma imensa conferência sindical que seria o trampolim para pôr Mao no mapa mundial, pois, além de cobrir toda a Ásia, abrangia a

Oceania, um continente capitalista avançado. Era também uma reunião altamente política, mais parecida com uma conferência internacional de partidos comunistas do que com uma convenção de sindicatos. Stálin namorou a ideia de bloqueá-la, ou de mudá-la de lugar, mas Mao fez Liu insistir que ela "deveria se realizar na China na época prevista". Liu prometeu que "não se efetuaria nenhum trabalho de organização", ou seja, que Mao não tentaria explorar a reunião para montar sua própria rede internacional.

Em 16 de novembro de 1949, quando se iniciou a conferência, Mao acabara de fundar seu regime, em 1º de outubro. No discurso de abertura, Liu proclamou "o caminho de Mao Tse-tung" e não mencionou Stálin nem o modelo russo uma única vez. O tema da conferência era a tomada do poder via "o caminho de Mao Tse-tung" em toda a Ásia — e além: "O caminho que o povo chinês trilhou é o caminho que os povos de muitas regiões coloniais e semicoloniais deveriam atravessar". Liu foi categórico: "É impossível para os revolucionários [...] dessas regiões evitar tomar [essa] estrada [...] [e] estarão errados se assim o fizerem". "As lutas armadas", disse ele, "devem ser a principal forma de luta."

Isso era coisa séria e o que se seguiu mostrou o quanto Mao havia avançado. Quando o delegado russo reclamou que o discurso de Liu era de "ultraesquerda", Stálin denunciou seu próprio representante como "vira-casaca". O infeliz delegado, Leonid Soloviov, foi obrigado a admitir o erro numa reunião presidida por Mao. Era a primeira vez que isso acontecia: um russo importante pedia-lhe desculpas diante de seus colegas. Mao então pediu, com magnanimidade, que Stálin "perdoasse" Soloviov.

Com mais ousadia ainda, Mao descumpriu o compromisso de que não haveria atividade de organização na conferência. Em 23 de novembro, Liu Shao-chi anunciou que seria criado um birô de contato, em Pequim, por meio do qual os países participantes "podem estabelecer seus laços". Mao preparava-se para dar ordens a comunistas estrangeiros. Stálin deixou passar.

Mao sabia que o Chefe não ia engolir tudo isso quieto. Alguma punição certamente haveria. Mas ele agora possuía a China e, com ela, um quarto da população mundial. Havia aumentado significativamente o alcance e o peso do campo comunista como um todo. Stálin não podia se dar ao luxo de repudiá-lo. Mao pretendia forçar Stálin a ajudá-lo a levar adiante suas ambições globais.

a Nos Estados Unidos, o PCC tinha sua própria gente operando dentro do Partido Comunista americano e uma poderosa rede de espionagem com acesso a informações que não estavam disponíveis para os russos. Quando Moscou denunciou Earl Browder, líder do PC americano e velho auxiliar da China, cujo "Birô da China" secreto tinha ligações próximas com Mao, este continuou a chamá-lo de "camarada".

b Mao aprendeu com a duplicidade de Stálin a manter uma relação aberta e até aparentemente amistosa com um governo, enquanto tentava secretamente derrubá-lo. Ao assumir o poder, ele copiaria o líder russo em suas relações com outros países.

c Muitos dos agentes de Stálin junto a Mao logo sofreriam mortes incomuns. Orlov morreu pouco depois na queda de um avião. O dr. Miélnikov desapareceu sem deixar rastro depois de acompanhar Mao em sua visita a Moscou, no inverno de 1949-50. Borodin morreu em consequência de torturas em 1951. Vladímirov morreu aos 47 anos, em 1953, assassinado por Lavrenti Béria com um veneno de efeito lento, de acordo com seu filho, o candidato presidencial pós-comunista (e campeão olímpico de levantamento de peso) Iúri Vlássov.

33. O corpo a corpo de dois tiranos (1949-50; 55-56 anos)

A principal exigência de Mao a Stálin era de ajuda para montar uma máquina de guerra de classe mundial e transformar a China em uma potência global. A chave para isso não era a quantidade de armas que Stálin ofereceria, mas a tecnologia e a infraestrutura para fabricar armamentos no país. Na época, as fábricas chinesas do ramo só conseguiam produzir armas pequenas. Para avançar na velocidade que desejava — mais rápido do que o Japão fizera no século XIX, quando montara uma indústria avançada de armamentos a partir do nada —, Mao precisava da ajuda externa. E Stálin não era apenas sua melhor aposta — era a única. A Guerra Fria havia começado recentemente. Não havia possibilidade de o Ocidente ajudá-lo sem que mudasse a natureza de seu regime, o que estava fora de questão.

Mas Mao tinha um problema: precisava persuadir Stálin de que suas ambições eram controláveis pelo líder soviético. Assim, deu demonstrações aparatosas de lealdade, despejando elogios a Stálin diante de Mikoian e fazendo uma cena para o contato Kovaliov. Este relatou ao líder russo que Mao, em certa ocasião, "levantou-se, ergueu os braços e gritou três vezes: 'Que Stálin viva 10 mil anos'". Junto com o palavrório, ele ofereceu algo muito substancial: cortar os laços da China com o Ocidente. "Ficaríamos contentes se todas as embaixadas dos países capitalistas saíssem da China para sempre", disse a Kovaliov.

Essa atitude era também motivada por preocupações internas. "O reconhecimento facilitaria as atividades subversivas [de] Estados Unidos e Grã-Bretanha", disse Mao a Mikoian, em 31 de janeiro de 1949. Ele temia que qualquer presença ocidental pudesse estimular os liberais e dar aos seus oponentes uma abertura, por menor que fosse. Então, fechou as escotilhas, impondo uma política que chamou de "limpeza da casa antes de admitir convidados". "Limpar a casa" era um eufemismo para expurgos drásticos e

sangrentos e para a instalação de um sistema rígido de controle nacional, que incluía o fechamento de todo o país, a proibição de saída dos chineses e a expulsão de praticamente todos os ocidentais. Essa expulsão era também um modo de garantir que não haveria observadores externos dos expurgos. Somente depois que tivesse "limpado" — ou antes, purificado — a casa, ele abriria uma fresta na porta para admitir uns poucos estrangeiros controlados, que sempre foram conhecidos como "convidados", em vez de visitantes.

Levando em conta o tipo de regime que tinha em mente, não faltavam a Mao motivos para sentir-se preocupado. A influência ocidental era forte na China. "Muitos representantes da *intelligentsia* chinesa receberam sua educação nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, na Alemanha e no Japão", contou ele a Mikoian. Praticamente todas as instituições educacionais modernas haviam sido fundadas por ocidentais (com frequência, missionários), ou muito influenciadas pelo Ocidente. "Além de jornais, revistas e agências de notícias", escreveu Liu a Stálin no verão de 1949, só Estados Unidos e Grã-Bretanha tinham 31 universidades e escolas superiores especializadas, 32 instituições educacionais religiosas e 29 bibliotecas no país, bem como 2688 escolas, 3822 missões e organizações religiosas e 147 hospitais.

A China tinha escassez de pessoas instruídas, principalmente de pessoal especializado, e Mao precisava dessa gente para pôr o país em funcionamento, em particular as cidades. Ao contrário da suposição habitual, era das cidades que ele cuidava mais. Se não pudermos dirigir as cidades, disse a altos funcionários em março de 1949, "não duraremos". Seu objetivo era afastar a classe instruída de suas atitudes liberais ocidentais através do medo. Isso seria muito mais fácil se os dissidentes em potencial soubessem que não havia representantes do Ocidente no país a quem pudessem apelar, ou imprensa estrangeira para contar suas histórias.

Mao também estava preocupado com a atração que o Ocidente exercia dentro do próprio partido. Seu exército adorava armas americanas: seus guarda-costas faziam comparações pouco favoráveis de submetralhadoras soviéticas com carabinas de fabricação americana. "As carabinas [americanas] são tão leves e precisas. Por que não podemos ter mais carabinas?", pediram eles ao chefe. Os carros americanos provocavam admiração. Uma autoridade do PCC no porto de Dalian, ocupado pelos russos, tinha um reluzente Ford

1946 preto: “Era ótimo se exibir com ele”, relembrou, “e provocar o interesse do mais alto comandante do Exército soviético”, que pediu o carro emprestado por um dia, o que lhe deu uma vantagem sobre os russos. O objetivo de Mao era cortar pela raiz qualquer chance de o Ocidente exercer alguma influência sobre seu partido, em qualquer campo, de ideias a bens de consumo. Nisso, ele era ainda mais radical do que Stálin.

O controle foi um motivo fundamental para Mao decidir evitar o reconhecimento do Ocidente. Mas seu objetivo primordial era mostrar a Stálin que a nova China estava totalmente comprometida com o bloco comunista. Essa foi a principal razão de Pequim não estabelecer relações diplomáticas com os Estados Unidos e a maioria dos países ocidentais quando o regime foi fundado. Costuma-se pensar que foram os Estados Unidos que se recusaram a reconhecer a China de Mao. Na verdade, Mao se esforçou muito para tornar o reconhecimento impossível, cometendo atos de hostilidade aberta. Em novembro de 1948, quando os comunistas capturaram Shenyang, havia três consulados ocidentais na cidade (americano, britânico e francês) e, de início, o PCC local foi amistoso com eles. Mas logo chegaram ordens de Mao para “forçá-los a sair”. Chou foi explícito com Mikoian: “Criamos condições intoleráveis para eles a fim de fazê-los partir”.[a] Em 18 de novembro, o cônsul-geral americano Ward e seus funcionários foram postos em prisão domiciliar. Ward foi depois acusado de espionagem e expulso. No mesmo espírito agressivo, tropas comunistas invadiram a residência do embaixador americano J. Leighton Stuart em Nanquim, em abril de 1949, quando tomaram a capital nacionalista.

Mao era igualmente hostil aos britânicos. No final de abril, quando os comunistas estavam cruzando o Yangtze para o sul, havia dois barcos da Marinha inglesa naquele trecho do rio, o *Amethyst* e o *Consort*. Mao ordenou que “todos os navios de guerra que estão no caminho de nossa travessia podem ser bombardeados. Tratem-nos como barcos nacionalistas”. Foram mortos 42 marinheiros britânicos, mais do que todas as outras mortes de militares ocidentais durante a guerra civil inteira. O *Consort* conseguiu escapar, mas o *Amethyst* ficou encalhado. De volta à Inglaterra, marujos encolerizados espancaram o líder do PC inglês Harry Pollitt, que acabou hospitalizado. Winston Churchill, então líder da oposição, perguntou no Parlamento por que a Grã-Bretanha não tinha “em águas chinesas um porta-

aviões, se não dois, capazes de [...] poder efetivo de retaliação".

O incidente alarmou muito Stálin, que colocou as forças soviéticas de todo o Extremo Oriente em alerta total — a única vez que isso ocorreu durante a Guerra Civil Chinesa. O líder russo estava preocupado com a possibilidade de o Ocidente intervir militarmente e envolver a Rússia e telegrafou a Mao com urgência para não dar destaque à relação entre os dois: "Não achamos que seja o momento certo para divulgar a amizade entre a União Soviética e a China Democrática". Mao teve de baixar o tom de sua agressividade e emitiu novas ordens para "evitar choques com navios estrangeiros. Não atirar [neles] sem ordem do centro. Extremamente, extremamente importante". Ele instruiu seus comandantes para "proteger [...] especialmente diplomatas dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha", "ou pode acontecer um grande desastre". Em 27 de abril, suspendeu o avanço sobre Xangai, mais importante centro econômico e financeiro do país, e foco dos interesses ocidentais — portanto, o lugar mais provável em que o Ocidente, que tinha consideráveis forças militares na cidade, poderia opor resistência.

Para diminuir o risco da intervenção ocidental, em 10 de maio Mao tomou medidas diversionistas, autorizando conversações com o embaixador americano Stuart, que ficara em Nanquim depois da partida do governo nacionalista. Stuart era um "velho parceiro da China" que achava, ingenuamente, que poderia unir Washington e Mao. Décadas depois, Huang Hua, então negociador de Mao e futuro ministro do Exterior, revelou as intenções de seu chefe: "Mao e Chou [...] não estavam em busca de relações amistosas. Eles só tinham uma preocupação: impedir uma intervenção americana que pudesse resgatar os nacionalistas no último momento".

Para se precaver ainda mais contra uma reação das potências ocidentais, Mao teceu uma teia de desinformações. Em 30 de maio, Chou En-lai deu uma mensagem verbal para ser transmitida a Truman, feita sob medida para as esperanças americanas de então. Ela dizia que havia uma divisão no PCC entre "liberais" pró-Ocidente, liderados pelo próprio Chou, e "radicais" pró-soviéticos, chefiados por Liu Shao-chi, e que, se os Estados Unidos apoiassem Chou, ele talvez pudesse influenciar a política externa do partido. Tratava-se de um embuste, mas contribuiu para a ilusão de que o PCC poderia se jogar nos braços do Ocidente.[b]

Essa lufada de pseudodiplomacia, tal como a temporária calmaria no

campo de batalha, não implicava de forma alguma o recuo da decisão de Mao de afastar o Ocidente. Em meados de maio, ele dera sinal verde para uma ofensiva geral contra Xangai, que caiu no final do mês. Quando os navios de guerra estrangeiros se retiraram da cidade diante da aproximação dos comunistas, e as forças americanas deixaram rapidamente suas bases terrestres em Qingdao, Mao ficou mais convencido do que nunca de que as potências ocidentais não invadiriam a China, onde só poderiam ficar atoladas, como a experiência japonesa havia mostrado.

Mao demonstrou então hostilidade aberta ao Ocidente. Em um artigo assinado no *Diário do Povo* de 30 de junho, declarou que sua política externa seria de "ficar ao lado exclusivamente de um campo": *yi-bian-dao*. Isso não significava apenas ficar firme no campo comunista. Significava congelar as relações com o Ocidente. Alguns dias depois, William Olive, vice-cônsul americano em Xangai, foi detido na rua, jogado na prisão e tão espancado que morreu em seguida. Os Estados Unidos chamaram imediatamente de volta o embaixador Stuart. No final de julho, quando o *Amethyst* tentou partir, Mao deu ordens para "atacá-lo duramente". O navio britânico conseguiu zarpar, mas um barco de passageiros chinês, atrás do qual se escondera, foi afundado.

Naquele mesmo mês de julho, Mao revelou a Stálin que sua política preferida era "esperar e não ter pressa para obter o reconhecimento desses Estados [ocidentais]". Stálin ficou feliz. "Sim! Melhor não se apressar", escreveu na margem, sublinhando as palavras de Mao.

Cortar os laços com o Ocidente foi o presente de Mao a Stálin antes de que se encontrassem. O líder chinês estava ansioso para visitá-lo, assim que seu regime foi proclamado, em outubro de 1949. Stálin era o chefão do campo comunista e Mao precisava ter uma audiência com ele. E sabia também que o tipo de trato que queria fazer tinha de ser negociado face a face.

A visita estava pendente havia dois anos, mas Stálin vinha manipulando seu desejo ardente por um encontro para puni-lo pelas ambições além-fronteiras. Mesmo depois que Mao tomou posse como supremo líder da China, não houve convite. No final de outubro, Chou teve de ir ao embaixador russo e informar que Mao queria ir a Moscou para cumprimentar Stálin em seu

aniversário de setenta anos, em 21 de dezembro de 1949. Stálin concordou, mas não ofereceu a Mao o tipo de visita de Estado que alguém que acabara de colocar um quarto da população mundial no campo comunista poderia se sentir no direito de esperar. Mao seria apenas mais um dos líderes comunistas de todo o mundo que convergiriam para Moscou a fim de homenagear Stálin em seu aniversário.

Mao partiu de trem em 6 de dezembro, naquela que era sua primeira viagem ao exterior. Não levou consigo nenhum dos colegas mais graduados. A pessoa de mais alta posição hierárquica era um secretário. Kovaliov presumiu, com razão, que desse modo, quando Stálin humilhasse Mao, o que era inevitável, "não haveria testemunhas chinesas". Do primeiro encontro com o líder soviético, Mao chegou mesmo a excluir seu embaixador em Moscou. Prestígio era poder. Uma censura do Chefe poderia enfraquecer seu domínio sobre os colegas.

Mao conseguiu ver Stálin no dia em que chegou, e reiterou que a China estava comprometida exclusivamente com a Rússia. "Vários países", contou a Stálin, "especialmente a Grã-Bretanha, estão fazendo uma campanha ativa para reconhecer a República Popular da China. Porém, acreditamos que não devemos ter pressa para sermos reconhecidos." Ele apresentou seus pedidos fundamentais: ajuda para construir um sistema industrial-militar abrangente, com ênfase na indústria aeronáutica, e forças militares modernas, em especial, a Marinha.

Em troca, Mao estava pronto a fazer concessões significativas. Viera a Moscou para conseguir que um novo tratado sino-soviético substituísse o velho tratado da União Soviética com Chiang Kai-shek, mas depois de saber que Stálin havia "decidido não modificar nenhum dos pontos desse tratado por enquanto", alegando que descartar o tratado antigo teria complicações que envolviam o acordo de Ialta, Mao cedeu logo. "Devemos agir de uma maneira que seja melhor para a causa comum [...] o tratado não deve ser modificado no momento." O tratado com Chiang dera à Rússia concessões territoriais. Mao ofereceu com entusiasmo que ficassem em mãos russas. O statu quo, disse ele, "corresponde bem aos interesses chineses".

A presteza em fazer concessões importantes para alcançar seu objetivo — favorecer suas aspirações globais — era transparente. O que Stálin tinha de avaliar era até que ponto essas aspirações afetariam sua posição. Uma China militarmente poderosa seria uma espada de dois gumes: um tremendo

recurso para o campo comunista — e para ele —, mas também uma ameaça em potencial. Stálin precisava de tempo para meditar. Deveria oferecer alguma coisa a Mao? Se oferecesse, o que seria e quanto?

Mao foi mandado para uma das datchas de Stálin, devidamente grampeada, a 27 quilômetros de Moscou. Durante dias, não houve reunião de continuação. Mao foi deixado a ver pela janela o jardim coberto de neve e descarregou sua raiva no staff. Stálin mandou vários subalternos para visitá-lo, mas eles não tinham poder para discutir negócios. Na verdade, sua função era, como disse Stálin a Mólotov, "descobrir que espécie de sujeito" era Mao, e controlá-lo. Quando Kovaliov relatou que o líder chinês estava "contrariado e ansioso", Stálin respondeu: "Temos muitos visitantes estrangeiros aqui neste momento. O camarada Mao não deve ser objeto" de um tratamento excepcional.

Mas, na verdade, Mao *foi* objeto de um tratamento especial — um *mau* tratamento — exatamente em relação a esses "visitantes". Ele estava ansioso para se encontrar com líderes comunistas de outros países, e eles estavam igualmente interessados em conhecê-lo — o homem que acabara de triunfar naquilo que poderia ser chamado de uma segunda Revolução de Outubro. Mas Stálin o impediu de se encontrar com qualquer um deles, exceto com o apagado húngaro Mátyás Rákosi. Mao pediu para ver o comunista italiano Palmiro Togliatti, "mas", contou ele a uma delegação de comunistas italianos (depois da morte de Stálin), "Stálin conseguiu, com mil estratagemas, negar-me isso".[c]

Para a cerimônia de comemoração do aniversário, em 21 de dezembro, Mao vestiu a máscara obrigatória e cinejornais registraram-no aplaudindo Stálin com expansividade. Este, por sua vez, pareceu solícito com o visitante, a quem sentou à sua direita na plataforma, e o *Pravda* noticiou que Mao foi o único orador estrangeiro para quem a plateia ficou de pé no final do discurso. No espetáculo que se seguiu, Mao foi saudado com uma ovação "como o Bolchoi indiscutivelmente nunca havia visto", observou Rákosi, com a plateia gritando "Stálin, Mao Tse-tung!". Mao respondeu no mesmo tom: "Viva Stálin! A glória pertence a Stálin!".

Terminada a cerimônia, no dia seguinte Mao exigiu uma reunião com o líder russo. "Não estou aqui apenas para o aniversário", explodiu com Kovaliov. "Estou aqui para tratar de negócios!" E usou uma linguagem expressiva: "Estou aqui só para comer, cagar e dormir?".

Desse trio de funções corporais, nenhuma delas estava livre de problemas. No front da comida, Mao manifestou seu descontentamento com o fato de que seus anfitriões estavam oferecendo peixe congelado, que ele detestava. "Só comerei peixe fresco", disse ao seu staff. "Joguem isso de volta para eles!" Defecar era um grande problema, pois Mao, além de sofrer de constipação, não conseguia se adaptar ao vaso sanitário com pedestal, preferindo se agachar. E também não gostou do colchão macio russo, nem dos travesseiros: "Como se pode dormir nisso?", reclamou, socando os travesseiros de penas. "A cabeça desaparece!" Mandou trocá-los por seus próprios travesseiros, preenchidos com cascas de trigo-sarraceno, e fez com que substituíssem o colchão por pranchas de madeira.

Mao encontrou-se com Stálin dois dias depois, em 24 de dezembro, mas o Chefe não quis discutir seus pedidos relativos ao poder militar da China e só falou sobre a questão em que não haviam tocado na primeira reunião: o papel de Mao em relação a outros partidos comunistas, como os do Vietnã, do Japão e da Índia. Depois de testar o apetite de Mao por território, Stálin silenciou novamente por dias, período em que aconteceu o aniversário de 56 anos do próprio Mao, em 26 de dezembro, que passou em brancas nuvens. Este ficou todo o tempo confinado na datcha, tratando de assuntos internos por telegrama. Disse depois que fez "uma tentativa de telefonar-lhe em seu apartamento, mas me disseram que Stálin não estava em casa e recomendaram que eu me encontrasse com Mikoian. Tudo isso me ofendeu". Stálin ligou para Mao algumas vezes, mas os telefonemas foram curtos e irrelevantes. Mao recusou convites para visitar pontos turísticos, dizendo que não estava interessado e que viera a Moscou para trabalhar. Se não havia trabalho a fazer, então preferia ficar na datcha e dormir. Estava frustrado e furioso; em certos momentos, para seus assistentes mais próximos, tinha a aparência de "desolado".

Parece que ele decidiu então jogar "a carta Ocidente" para incitar Stálin a agir. Deixou vazar, inclusive falando alto em sua residência grampeada, que estava "preparado para negociar com [...] Inglaterra, Japão e Estados Unidos". E, ao contrário do que dissera a Stálin ao chegar em Moscou (que não ia "correr para ser reconhecido" pela Grã-Bretanha), entabularam-se conversações com os britânicos, que levaram Londres a reconhecer o regime de Mao em 6 de janeiro de 1950. Entrementes, a imprensa britânica noticiou que Stálin colocara o líder chinês em prisão domiciliar; esse "vazamento"

pode ter sido plantado pelos homens de Mao. É "possível", disse ele mais tarde, que essa mudança de posição na política em relação ao Ocidente tenha ajudado "na mudança de posição de Stálin", observando que as verdadeiras negociações "começaram logo depois disso".

No ano-novo de 1950, Stálin já havia tomado sua decisão. Em 2 de janeiro, o *Pravda* publicou uma "entrevista" com Mao, que, disse ele sarcasticamente anos depois, Stálin havia "redigido para mim, como se fosse meu secretário". O texto preparado pelo Chefe deixava clara sua disposição para assinar um novo tratado; para Mao, isso significava que ele estava pronto para tratar da questão central de transformar a China numa grande potência militar. Mao chamou então Chou En-lai de Pequim, junto com seus principais dirigentes da indústria e do comércio, para cuidar dos detalhes das negociações, especificando que Chou não deveria viajar de avião, mas de trem, por razões de segurança. Chou teria de usar um avião russo e Mao indicava que estava tomando precauções.

Mas ele não estava disposto a engolir o tratamento que lhe fora dispensado sem dar um troco a Stálin. A oportunidade logo se apresentou quando, em 12 de janeiro, o secretário de Estado americano Dean Acheson fez um discurso no National Press Club, em Washington, acusando a Rússia de "separar as províncias setentrionais da China [...] e [...] anexá-las à União Soviética", com o processo "completo" na Mongólia Exterior, "quase completo" na Manchúria e em andamento na Mongólia Interior e em Xinjiang. Stálin mandou seu homem de confiança Mólotov dizer a Mao que ele deveria refutar o discurso em nome do Ministério do Exterior chinês e que a Mongólia e a União Soviética fariam o mesmo. Mao concordou, mas, em vez de uma refutação do Ministério do Exterior, escreveu um texto em nome de seu chefe de imprensa, uma figura relativamente menor. O artigo se referia ao satélite soviético da Mongólia Exterior, que era formalmente independente, junto com regiões chinesas, o que parecia estar dizendo que a China não aceitava a anexação *de facto* do território pela Rússia.

Na noite de 21 de janeiro, dia em que esse artigo apareceu no *Diário do Povo*, principal jornal chinês, Stálin arrastou Mao até o Kremlin para passar-lhe uma descompostura, que incluía a acusação de que estava surgindo "o Tito" da China. A reprimenda foi feita principalmente por seu fiel lacaio

Mólotov, na presença de Béria. Stálin fez questão de que a cena se passasse diante de Chou En-lai, que chegara no dia anterior. Mao ficou lívido, embora, para ele, Chou fosse uma espécie de eunuco e, entre seus colegas, aquele que ele menos se importava que testemunhasse a repreensão.

Depois de castigá-lo, Stálin convidou Mao e Chou para jantar em sua datcha. O líder russo sabia que seu colega chinês não estava em condição de reclamar a Mongólia Exterior, pois Pequim a reconhecera diplomaticamente em outubro de 1949. O comportamento insubordinado de Mao era antes uma expressão de ressentimento do que uma declaração política (embora Stálin tenha exigido ainda uma troca oficial de notas quanto à situação da Mongólia). A caminho do jantar, Stálin e Shi Zhe, o intérprete de Mao, sentaram-se nos bancos dobráveis do carro, deixando o assento principal para Mao e Chou. Shi Zhe relembrou que ficaram todos em silêncio e que o ar estava pesado como chumbo:

> Para aliviar a tensão, conversei um pouco com Stálin e depois lhe perguntei: "Você não prometeu visitar nossa delegação?".
>
> Ele respondeu de imediato: "Prometi, e não abandonei a ideia".
>
> Antes que ele terminasse de falar, o presidente Mao me perguntou: "O que você está conversando com ele? Não o convide a nos visitar".
>
> Admiti logo que estava justamente falando disso com ele.
>
> O presidente Mao disse: "Recue. Nada de convites".
>
> [...] Silêncio de novo. O ar estava pesado, como se tivessem posto mais chumbo nele. Ficamos assim por trinta minutos.
>
> [...] A atmosfera no jantar também foi fria e tediosa [...] O presidente ficou em silêncio, sem dizer uma palavra [...]
>
> Para quebrar o gelo, Stálin levantou-se para ligar o gramofone [...] Embora três ou quatro homens tenham se revezado para tentar fazer o presidente Mao dançar, eles não conseguiram [...] A coisa toda acabou com mau cheiro [...]

Os dois lados assinaram finalmente um novo tratado em 14 de fevereiro de 1950. O texto publicado era uma formalidade. A essência do tratado estava em anexos secretos. O empréstimo de 300 milhões de dólares que a China pedira foi confirmado, embora fosse distribuído ao longo de cinco anos, e, da parcela do primeiro ano, a China recebeu de fato apenas um terço (20 milhões), sob a alegação de que o resto era devido por "compras" passadas. O empréstimo inteiro foi alocado para compras militares da Rússia (no círculo íntimo de Mao era chamado de "empréstimo militar"). Metade do total emprestado estava reservada para a Marinha. Stálin deu sinal verde para

cinquenta projetos industriais de larga escala, muito menos do que Mao queria.

Em troca, Mao concordou que a Manchúria e Xinjiang fossem designadas como esferas de influência soviética e a Rússia tivesse acesso exclusivo a suas "atividades industriais, financeiras e comerciais". Como essas duas regiões imensas eram as principais áreas com conhecidos recursos minerais ricos e exploráveis, Mao estava efetivamente entregando a maior parte dos recursos comerciáveis do país. Para seu círculo íntimo, ele mesmo chamava as duas províncias de "colônias". Para os americanos, décadas depois, disse que os russos "se apoderaram de metade de Xinjiang. Chamava-se esfera de influência. E Manchukuo [*sic*] também foi chamado de esfera de influência deles". Mao deu à Rússia o monopólio de todo o "excedente" de tungstênio, estanho e antimônio por catorze anos, privando assim seu país da chance de vender cerca de 90% de suas matérias-primas comercializáveis no mercado mundial, até meados da década de 1960.

Em 1989, o líder pós-Mao Deng Xiao-ping disse ao líder soviético Mikhail Gorbatchov: "De todas as potências estrangeiras que invadiram, oprimiram e escravizaram a China desde a Guerra do Ópio (em 1842), o Japão causou o maior dano; mas, no fim das contas, o país que mais benefícios tirou da China foi a Rússia czarista, inclusive [*sic*] a União Soviética durante um certo período". Deng referia-se certamente a esse tratado.

Mao esforçou-se muito para esconder o quanto o tratado era entreguista. Quando revisou o texto do seu anúncio, apagou cuidadosamente frases como "acordos suplementares" e "apêndice", que poderiam fazer o povo suspeitar da existência desses documentos secretos, marcando os trechos apagados com um "extremamente crucial, extremamente crucial!".[d]

Por insistência de Stálin, a China não somente pagou salários enormes aos técnicos soviéticos em atividade no país, além de amplos benefícios para eles e suas famílias, como teve de pagar compensações a empresas russas pela perda dos serviços dos técnicos que foram para lá. Mas a concessão que Mao estava mais ansioso para esconder era a que eximia os russos da jurisdição chinesa. Essa era *a* questão que o PCC sempre apresentara como a encarnação da "humilhação imperialista". Agora, o próprio Mao a introduzia secretamente.

Mao queria concluir bem sua viagem, então convidou Stálin, que não

comparecia a festas fora do Kremlin, para uma celebração que ele estava oferecendo no Metropol Hotel, na noite da assinatura do tratado: "Esperamos que possa comparecer por um minuto. Você pode sair a qualquer momento". Stálin decidiu conceder a Mao esse momento de glória. Quando ele apareceu, às nove da noite, trazendo a própria garrafa, os estupefatos convidados ficaram frenéticos.

Mas Stálin não compareceu apenas para demonstrar boa vontade. Ele tinha uma mensagem a transmitir. Em seu brinde, mencionou o líder iugoslavo Tito, que havia recentemente sido expulso do campo comunista. Qualquer país comunista que seguisse seu caminho próprio, observou ele, acabaria mal e só retornaria ao aprisco com um líder diferente. A advertência era clara — e teria sido ainda mais ameaçadora se fossem conhecidos os planos de Stálin para matar Tito.

Nada disso amorteceu as ambições de Mao. Um pouco antes, naquele mesmo dia, na cerimônia de assinatura do tratado, quando estavam tirando fotografias, Stálin, que era baixo, dera um passo à frente. Para seu staff, o líder chinês comentou depois, com um sorriso: "Assim ele vai parecer tão alto quanto eu!" (Mao tinha um metro e oitenta de altura).

Mao estava resolvido a perseguir seu sonho de fazer da China, sua base, uma superpotência. Stálin estava igualmente determinado a frustrar essa ambição, como Mao pôde deduzir diante do relativamente pouco que conseguiu do líder russo em troca das imensas concessões que havia feito. O que Stálin deixou que ele levasse estava muito aquém do esqueleto de uma máquina militar de classe mundial. Mao teria de encontrar outras maneiras de arrancar mais de Stálin.

a Chou usou a expressão "cortina de ferro" para descrever o que o PCC queria: "Trabalhar para ter a Manchúria coberta pela cortina de ferro contra as potências estrangeiras", "exceto a União Soviética e as democracias populares".

b Foi também uma fonte da ideia equivocada e duradoura de que Liu Shao-chi era mais linha-dura do que Chou.

c Nas anotações do líder comunista britânico John Gollan do que Mao lhe disse em 1957 (sobre 1949), lê-se: "Nem mesmo liberdade de encontrar líderes. 70º aniversário — Não ousei, embora lá".

d Em março de 1950, quando uma notícia mencionou companhias conjuntas, Liu Shao-chi observou que ela "provocou ondas tremendas entre os estudantes de Pequim, que suspeitaram que [...] poderiam ser danosas para a soberania chinesa. Muitos membros da Liga da Juventude exigiram uma [...] explicação; alguns até acusaram em voz alta [...] que o governo popular havia vendido o país". E isso sem saber a metade da coisa.

34. Por que Mao e Stálin começaram a Guerra da Coreia (1949-50; 55-56 anos)

Stálin reconheceu que Mao tinha o vigor e os recursos, especialmente os recursos humanos, para expandir as fronteiras do comunismo na Ásia de forma significativa. A fim de não diminuir seu poder, decidiu não criar um Cominform asiático, que daria ao líder chinês uma estrutura formal abrangendo todo o continente, mas aquinhoar-lhe países em separado, de tal modo que ele continuasse a ser o chefe supremo. Na segunda reunião que tiveram em Moscou, Stálin atribuiu-lhe a supervisão do Vietnã.

Até então, o líder russo mostrara pouco interesse por essa região. Em 1945, quando o líder comunista vietnamita Ho Chi Minh comandou um levante contra o domínio colonial francês e declarou um governo provisório independente, Moscou nem se preocupou em responder aos seus telegramas. Mas, embora não confiasse de todo em Ho, Stálin mudou de atitude radicalmente depois que Mao tomou o poder e tropas chinesas chegaram à fronteira do Vietnã, no final de 1949. Em 30 de janeiro do ano seguinte, enquanto Mao estava em Moscou, Stálin reconheceu o regime de Ho, alguns dias depois de Mao tomar essa medida. A falta de uma fronteira comum com o Vietnã tornava difícil para Stálin exercer o comando de longe, ao passo que a China poderia fornecer armas, mercadorias e treinamento através de sua fronteira com o Vietnã (e o Laos). Ao dar a Mao a custódia do Vietnã, Stálin deu a si mesmo uma maneira de atingir aquele país *e* gratificou Mao, ao mesmo tempo que transferia para a China a enorme despesa de sustentar as insurgências na Indochina.

Mao já havia tentado colocar os vietnamitas sob sua tutela. Ho vivera na China por mais de uma década, passara um tempo em Yenan e falava chinês com fluência. Mao vinha treinando, financiando e armando os vietnamitas, mas, quando criou um plano para enviar tropas chinesas, após ter controlado

a fronteira com o Vietnã, no final de 1949, Stálin o deteve. O líder russo queria primeiro ter todos os fios em suas mãos.

Ho Chi Minh foi levado a Moscou, via Pequim, e chegou a tempo de fazer uma aparição teatral no jantar de despedida que Stálin ofereceu a Mao no Kremlin, em 16 de fevereiro de 1950. Stálin disse a Ho que a ajuda ao Vietnã era de responsabilidade da China, assim como seu custo. Ho foi o único líder comunista estrangeiro com quem Mao teve permissão para conversar adequadamente nessa viagem e os dois voltaram para a China no mesmo trem, no meio de um comboio que levava aviadores soviéticos que iam proteger Xangai e as cidades costeiras da China e aviões MiG-15s.

Mao passou então a encarregar-se pessoalmente da ação no Vietnã, cuidando tanto da grande estratégia como das minúcias das operações militares. O primeiro objetivo era conectar a base dos comunistas vietnamitas com a China, tal como o PCC fizera com a Rússia em 1945-46. Na China, a construção rápida de uma estrada até a fronteira terminou em agosto de 1950. Em dois meses, ela permitiu que os vietnamitas vencessem uma série crucial de batalhas conhecida como a Campanha da Fronteira, em consequência da qual o Exército francês perdeu o controle da fronteira com a China. A partir de então, choveu ajuda chinesa. Em 19 de agosto, Mao contou a Pável Iúdin, emissário de Stálin, que planejava treinar entre 60 mil e 70 mil soldados vietnamitas. Foi por ter a China como uma retaguarda segura e depósito de suprimentos que os vietnamitas puderam lutar durante 25 anos e derrotar os franceses e, depois, os americanos.

Na maior parte desse tempo, o enorme fardo logístico da luta na Indochina recaiu quase inteiramente sobre as costas da China. Para Mao, o custo era irrelevante. Quando o primeiro emissário enviado pelo partido francês a Ho mencionou as formas como os comunistas franceses poderiam ajudar os vietnamitas, ouviu de Liu Shao-chi: "Não perca tempo com isso. Não se intrometa em coisas como ajuda médica. Nós podemos fazer isso. Afinal, existem 600 milhões de chineses...".

Não demorou para que Mao começasse a tentar "maoizar" seu cliente, impondo uma muito odiada reforma agrária ao Vietnã nos anos 1950, na qual assessores chineses chegaram a presidir tribunais ilegais que sentenciaram vietnamitas à morte em seu próprio país. To Huu, "poeta laureado" do Vietnã, saudou o papel de Mao em uma versalhada

surpreendentemente franca:

Matem, *matem mais* [...]
Para a fazenda, *bom arroz*, *rápida coleta de impostos* [...]
Adorem o presidente Mao, *adorem Stálin* [...]

Embora alguns líderes vietnamitas tenham levantado objeções enérgicas à reforma agrária de estilo maoísta, Ho Chi Minh apresentou apenas uma resistência fraca e atrasada à tentativa de Mao de transformar a revolução vietnamita num clone da revolução chinesa.

De setembro a outubro de 1950, Mao diminuiu as operações no Vietnã a fim de se concentrar em uma guerra muito maior em outro território que Stálin decidira lhe atribuir. Tratava-se da Coreia.

No final da Segunda Guerra Mundial, esse país, que tinha sido anexado pelo Japão no início do século XX, foi dividido pela metade, ao longo do paralelo 38, entre a Rússia, que ficou com o norte, e os americanos, que ficaram com o sul. Após a independência formal, em 1948, o governo do norte ficou com o ditador comunista Kim Il Sung. Em março de 1949, enquanto os exércitos de Mao se aproximavam da vitória, Kim foi a Moscou para tentar persuadir Stálin a ajudá-lo a tomar a Coreia do Sul. O líder russo disse "não", pois isso poderia acarretar um confronto com os Estados Unidos. Kim voltou-se então para Mao e um mês depois mandou seu vice-ministro da Defesa à China. Mao fez uma promessa firme a Kim, dizendo que ficaria feliz de ajudá-lo a atacar o sul, mas pedia que ele esperasse até que tivesse tomado toda a China. "Seria muito melhor se o governo norte-coreano lançasse um ataque total contra o sul na primeira metade de 1950", disse Mao, acrescentando enfaticamente: "Se necessário, podemos pôr em segredo soldados chineses a seu serviço". Coreanos e chineses, disse ele, tinham cabelos pretos e os americanos não conseguiriam diferenciá-los: "Eles não vão notar".

Mao estimulara Pyongyang a invadir o sul e enfrentar os americanos — e oferecera mão de obra chinesa — já em maio de 1949. Naquele momento, falava em enviar soldados chineses clandestinamente, fingindo-se de coreanos, e não numa colisão aberta entre China e Estados Unidos. Mas, durante sua visita a Moscou, ele mudou. Decidiu enfrentar abertamente os

americanos, porque somente uma tal guerra lhe possibilitaria arrancar de Stálin o que precisava para montar sua máquina de guerra de classe mundial. O que Mao tinha em mente resumia-se a um trato: soldados chineses lutariam contra os americanos para Stálin em troca de tecnologia e equipamentos soviéticos.

Stálin recebeu relatórios tanto de seu embaixador na Coreia como de seu contato com Mao sobre a ânsia do líder chinês por travar uma guerra na Coreia. Em consequência desse novo fator, Stálin começou a reconsiderar sua recusa anterior de deixar Kim invadir a Coreia do Sul.

Stálin ganhou um empurrão de Kim. Em 19 de janeiro de 1950, Terentii Chtíkov, embaixador soviético em Pyongyang, relatou que Kim lhe dissera "excitado" que "agora que a China está completando sua liberação", a Coreia do Sul seria "a próxima da fila". Kim "acha que precisa visitar o camarada Stálin de novo, a fim de receber instruções e autorização para lançar uma ofensiva". Kim acrescentou que "se não for possível se encontrar com o camarada Stálin agora, ele tentará se encontrar com Mao". E enfatizou que este havia "prometido lhe dar assistência depois da conclusão da guerra na China". Jogando com a "carta Mao", Kim disse a Chtíkov que "ele também tem outras questões para Mao Tse-tung, em particular a questão da possibilidade de montar um birô oriental do Cominform" (sem menção de falar com *Stálin* sobre isso). Mao, disse ele, "teria instruções sobre todas as questões". Kim mandava desse modo o recado a Stálin de que Mao estava disposto a lhe dar apoio militar e que, se o líder russo ainda assim não endossasse uma invasão, ele iria diretamente a Mao e se colocaria sob seu comando.

Onze dias depois, em 30 de janeiro, Stálin telegrafou a Chtíkov para que dissesse a Kim que estava "preparado para ajudá-lo nisso". Trata-se da primeira prova documentada de que Stálin concordou em começar uma guerra na Coreia e que ele mudou de posição por causa de Mao, que possuía o recurso essencial — um suprimento inexaurível de homens. Quando Kim foi a Moscou, dois meses depois, Stálin disse que o ambiente internacional havia "mudado o suficiente para permitir uma postura mais ativa em relação à unificação da Coreia". E deixou explícito que o motivo disso era que "os chineses estavam agora em condição de devotar mais atenção à questão coreana". Havia "uma condição vital — o apoio de Pequim" à guerra. Kim "deve confiar em Mao, que compreende perfeitamente os assuntos

asiáticos".[a]

Uma guerra na Coreia travada por coreanos e chineses daria à União Soviética vantagens incalculáveis: podia testar em campo tanto seu novo equipamento, em especial os jatos MiG, como a tecnologia americana, bem como obter um pouco dessa tecnologia, junto com informações valiosas sobre os Estados Unidos. China e Coreia estariam na dependência completa das armas russas, de tal modo que Stálin poderia controlar o grau de envolvimento da União Soviética. Além disso, poderia testar até onde os Estados Unidos iriam numa guerra com o campo comunista.

Mas, para Stálin, a maior atração da guerra na Coreia era que os chineses, com sua massa de soldados que Mao estava ansioso para usar, poderiam eliminar, ou pelo menos reter, tantas tropas americanas que o equilíbrio do poder mundial poderia pender para o seu lado e lhe permitir transformar seus projetos em realidade. Esses projetos incluíam a tomada de vários países europeus, entre eles Alemanha, Espanha e Itália. Uma possibilidade que Stálin discutiu durante a Guerra da Coreia foi um ataque aéreo à frota americana em alto-mar, entre o Japão e a Coreia (a caminho de Inchon, em setembro de 1950). Com efeito, Stálin disse a Mao em 5 de outubro de 1950 que o período proporcionava uma chance única — e efêmera —, porque dois dos maiores países capitalistas, Alemanha e Japão, estavam fora de ação militarmente. Ao discutir a possibilidade do que equivalia a uma *Terceira Guerra Mundial*, Stálin disse: "Deveríamos temer isso? Em minha opinião, não deveríamos [...] Se uma guerra é inevitável, então que seja travada agora, e não daqui a alguns anos".[b]

Mao falou várias vezes desse potencial para Stálin, como forma de enfatizar sua utilidade. Em 1º de julho de 1950, menos de uma semana depois que a Coreia do Norte invadira o sul, e muito antes de que tropas chinesas entrassem na luta, ele fez Chou dizer ao embaixador russo: "Agora precisamos montar com energia nossa aviação e nossa frota", acrescentando propositadamente para os ouvidos de Stálin: "de tal modo que possamos nocautear [...] as Forças Armadas dos Estados Unidos". Em 19 de agosto, o próprio Mao disse a Iúdin, o emissário de Stálin, que os Estados Unidos poderiam mandar trinta a quarenta divisões, mas que as tropas chinesas poderiam "triturá-las". Ele reiterou essa mensagem a Iúdin uma semana depois. A seguir, em 1º de março de 1951, resumiu para Stálin seu plano geral para a guerra na Coreia em termos de causar calafrios: "passar vários

anos consumindo várias centenas de milhares de vidas americanas".

Com as tropas sacrificáveis de Mao em oferta, Stálin estava determinado a travar uma guerra com o Ocidente na Coreia. Quando Kim invadiu o sul, em 25 de junho de 1950, o Conselho de Segurança da ONU logo aprovou uma resolução para enviar tropas de apoio à Coreia do Sul. Iákov Malik, embaixador soviético na ONU, vinha boicotando as reuniões desde janeiro, aparentemente porque Taiwan continuava a ocupar o assento da China. Todos esperavam que Malik, que continuava em Nova York, retornasse ao Conselho e vetasse a resolução, mas ele não apareceu. Na verdade, ele pedira permissão para retornar ao Conselho de Segurança, mas Stálin lhe disse para ficar de fora. O fato de os soviéticos não exercerem seu poder de veto deixou os observadores perplexos desde então, pois eles pareciam estar jogando fora uma oportunidade de ouro de bloquear o envolvimento do Ocidente na Coreia. Mas, se Stálin decidiu não usar o veto, só pode ter sido por uma razão: ele não queria deixar as forças ocidentais de fora. Queria que elas fossem para onde o puro peso dos números de Mao pudesse esmagá-las.

Era então do interesse de Stálin fazer de Mao um subchefe acima de Kim, mas tratava-se de um caso diferente em relação ao do Vietnã. Devido às enormes ramificações envolvidas no enfrentamento dos Estados Unidos, Stálin decidiu manter um grau extra de controle. Ele precisava ter absoluta certeza de que Kim compreendia que ele, Stálin, era o chefe supremo, antes de colocá-lo nas mãos de Mao. Assim, embora este estivesse em Moscou no dia 30 de janeiro, quando Stálin deu a Kim seu consentimento para ir à guerra, ele não deixou passar uma palavra a Mao e instruiu o norte-coreano a não informar o líder chinês. Stálin levou Kim a Moscou somente no final de março, depois que Mao havia partido, e repassou com ele os planos de batalha em detalhes. Em sua última reunião, em abril de 1950, deixou claro para Kim sua linha: "Se chutarem seus dentes, eu não levantarei um dedo. Você tem de pedir toda a ajuda a Mao". Com esse remate camarada, Kim foi enviado aos cuidados de Mao.

Em 13 de maio, um avião russo levou Kim a Pequim. Ele foi direto a Mao para anunciar que Stálin dera a luz verde. Às onze e meia daquela noite, Chou foi despachado para pedir ao embaixador soviético Róshchin a

confirmação de Moscou. A mensagem afetada de Stálin chegou na manhã seguinte: "A Coreia do Norte pode mover-se no sentido da ação; porém, essa questão deveria ser discutida [...] pessoalmente com o camarada Mao". No dia seguinte (15 de maio), Mao prometeu a Kim seu comprometimento total e sobre a questão mais vital: "se os americanos tomarem parte [...] [a China] ajudará a Coreia com suas tropas". E foi mais longe ao excluir a participação das tropas russas, dizendo que: "uma vez que a União Soviética está presa a um acordo de demarcação no paralelo 38 com os Estados Unidos, seria 'inconveniente' para ela tomar parte em ações militares, [mas como] a China não está comprometida com tais obrigações, ela pode, portanto, dar plena assistência aos norte-coreanos". E ofereceu-se para posicionar de imediato tropas na fronteira com a Coreia.

Mao endossou o plano de Kim e Stálin e o líder russo telegrafou seu consentimento no dia 16. Em 25 de junho, o Exército norte-coreano atravessou o paralelo 38. Parece que Mao não ficou sabendo o dia exato da invasão. Kim queria que as tropas chinesas ficassem de fora até que fossem absolutamente necessárias. Stálin também queria que elas entrassem em ação somente depois que os Estados Unidos tivessem enviado um grande número de soldados para que os chineses os "consumissem".

Truman reagiu com rapidez à invasão. Em dois dias, anunciou que estava mandando tropas para a Coreia, bem como aumentando a ajuda aos franceses na Indochina. Além disso, alterou totalmente a política de "não intervenção" em relação a Taiwan. Graças a isso, nem Mao nem seus sucessores conseguiram tomar a ilha nacionalista.

No começo de agosto, os norte-coreanos já haviam ocupado 90% da Coreia do Sul, mas os Estados Unidos despejaram reforços bem armados no país e, em 15 de setembro, desembarcaram tropas em Inchon, logo abaixo do paralelo 38, isolando boa parte do Exército norte-coreano no sul e se posicionando para invadir o norte. No dia 29, Kim mandou um SOS a Stálin, em que pedia "unidades voluntárias" da China.

Em 1º de outubro, Stálin assinalou para Mao que chegara o momento de ele agir, dissociando-se vergonhosamente de qualquer responsabilidade em caso de derrota: "Estou longe de Moscou, em férias, e um tanto desligado

dos eventos na Coreia". Depois dessa mentira deslavada, vinha o que realmente importava: "Penso que se [...] você considerar possível mandar tropas para ajudar os coreanos, então deveria mobilizar pelo menos de cinco a seis divisões na direção do paralelo 38 [...] [Essas tropas] poderiam ser chamadas de voluntárias".

Mao entrou imediatamente em ação. Às duas da manhã de 2 de outubro, emitiu uma ordem às tropas que já posicionara na fronteira coreana: "Fiquem alertas à ordem de entrar [na Coreia] a qualquer momento".

A pobre e exausta China estava prestes a ser jogada numa guerra contra os Estados Unidos. Aparentemente foi só então, no início de outubro, que Mao reuniu o órgão maior do regime, o Politburo, para discutir essa questão momentosa. O Politburo não era uma equipe para tomar decisões importantes, mas para servir de caixa de ressonância para Mao. Nessa ocasião, ele convidou especificamente visões diferentes, devido às colossais implicações de uma guerra contra os americanos. Quase todos os seus colegas eram fortemente contrários a entrar na Coreia, inclusive Liu Shao-chi e o chefe nominal do Exército, Zhu De. Lin Biao foi o adversário mais insistente. Chou En-lai assumiu uma posição cautelosa e equívoca. Mao disse depois que a entrada na Coreia havia sido "decidida por um homem e meio", sendo ele o "inteiro" e Chou o "meio". Entre os enormes problemas levantados estavam: que os Estados Unidos tinham supremacia aérea total e superioridade de artilharia de cerca de quarenta para um; que, se a China se envolvesse, os americanos poderiam bombardear as grandes cidades chinesas e destruir sua base industrial; e que poderiam jogar bombas atômicas na China.

O próprio Mao vinha perdendo o sono diante dessas questões. Ele precisava de uma China em funcionamento como base para suas ambições mais amplas. Mas apostava que os Estados Unidos não expandiriam a guerra para a China. As cidades chinesas e as bases industriais poderiam ser protegidas dos bombardeios americanos pela Força Aérea russa. E, quanto às bombas atômicas, sentia no fundo que os Estados Unidos seriam detidos pela opinião pública internacional, especialmente depois que Truman já havia lançado duas — ambas num país asiático. Não obstante, Mao tomou precauções pessoais. Durante boa parte da Guerra da Coreia, enfiou-se numa propriedade militar altamente secreta nos arredores de Pequim, nas colinas da Fonte de Jade, bem equipada com abrigos antiaéreos.

Mao estava convencido de que os americanos não poderiam derrotá-lo, graças ao seu recurso fundamental: milhões de soldados sacrificáveis, inclusive um bom número de soldados de que ele estava bastante interessado em se ver livre. Com efeito, a guerra propiciava uma oportunidade perfeita para enviar ex-soldados nacionalistas para a morte. Eram homens que se haviam rendido em massa nos últimos estágios da guerra civil e foi uma decisão deliberada de Mao enviá-los para a Coreia, onde formaram o grosso das forças chinesas. Caso as tropas da ONU não levassem a cabo a tarefa, havia esquadrões especiais de execução na retaguarda para cuidar de quem recuasse.

Mao sabia que os Estados Unidos não seriam capazes de competir no sacrifício de homens. Estava pronto para apostar tudo porque fazer as tropas chinesas lutar contra os americanos era sua única chance de arrancar de Stálin o que ele precisava para fazer da China uma potência militar de classe mundial.

Em 2 de outubro, Mao rabiscou um telegrama a Stálin comprometendo-se a "mandar Exército chinês à Coreia". Então, parece que pensou melhor. Em sua avidez para entrar na guerra, não informara Stálin sobre nenhum de seus problemas. Jogar com eles poderia elevar seu preço. Então segurou o telegrama e enviou outro bem diferente, dizendo que a entrada dos chineses "pode acarretar consequências extremamente graves [...] Muitos camaradas [...] julgam que é necessário mostrar cautela [...] Portanto, é melhor [...] abster-se de avançar tropas". Porém, deixou em aberto a opção de entrar na guerra: "Uma decisão final não foi tomada", terminava; "desejamos consultá-lo".

Ao mesmo tempo, Mao preparava o terreno para entrar na Coreia fingindo dar aos Estados Unidos uma "clara advertência". Com esse objetivo, Chou En-lai encenou uma complicada charada, acordando o embaixador indiano na madrugada de 3 de outubro para lhe dizer que "vamos intervir" se tropas americanas cruzassem o paralelo 38. A escolha desse canal, usando um embaixador cujo crédito no Ocidente era mínimo, quando teria sido perfeitamente simples fazer uma declaração oficial, indica que Mao queria que sua "advertência" fosse ignorada: assim, ele poderia entrar na Coreia

alegando que estava agindo em legítima defesa.

No dia 5 de outubro, com as forças da ONU já entrando no norte, Stálin demonstrou impaciência. Naquele dia, respondeu ao telegrama de Mao do dia 2 que havia sugerido que ele poderia recuar. Stálin relembrou a Mao que ele assumira um compromisso:

> Considerei possível voltar-me para você com a questão das cinco-seis divisões chinesas voluntárias porque estava bem consciente de várias declarações feitas por importantes camaradas chineses [isto é, *você*] a respeito de sua disposição de mobilizar vários exércitos para apoiar os camaradas coreanos [...]

Stálin referia-se ameaçadoramente ao que chamou de "política do esperar para ver", que, disse ele, custaria Taiwan a Mao. O líder chinês vinha usando Taiwan como um argumento para persuadir Stálin a ajudá-lo a montar uma Força Aérea e uma Marinha. Stálin dizia agora a Mao que ele não ganharia nenhuma delas se não levasse adiante sua missão na Coreia.

Mas Mao não estava realmente tentando cair fora: estava aumentando seu preço. Quando recebeu a resposta de Stálin, já havia designado um comandante em chefe para as forças chinesas destinadas à Coreia: Peng Dehuai. Mao avançou em ritmo próprio. Em 8 de outubro, depois de ordenar que suas tropas passassem a se chamar "Voluntários do Povo Chinês", telegrafou a Kim para dizer que "decidimos despachar os voluntários para a Coreia a fim de ajudá-lo". Também mandou Chou En-lai e Lin Biao a Moscou para obter armas. A caminho, Lin enviou-lhe um longo telegrama instando-o a abandonar a ideia de entrar na guerra. Mao mandou Lin Biao falar com Stálin justamente porque ele era um forte adversário da intervenção e impressionaria Stálin com as dificuldades militares que os chineses enfrentariam, extraindo assim o máximo do Chefe.

Chou e Lin chegaram à datcha de Stálin junto ao mar Negro no dia 10 e conversaram até as cinco da manhã. O líder russo prometeu-lhes "aviões, artilharia, tanques e outros equipamentos". Chou nem mesmo negociou um preço. Mas, inesperadamente, Stálin descumpriu uma promessa e recusou o pedido fundamental: cobertura aérea para as tropas chinesas. Ele havia prometido isso ("uma divisão de jatos de combate — 124 aviões para cobrir as tropas [chinesas]") em 13 de julho. Agora, alegava que os aviões não estariam prontos antes de dois meses. Sem cobertura aérea, as tropas chinesas seriam alvo fácil. Chou e Lin Biao argumentaram que a cobertura

aérea russa era essencial. Chegaram a um impasse. Stálin telegrafou então a Mao para dizer-lhe que a China não tinha de entrar na guerra.

Stálin estava duvidando de Mao ao dizer, como este comentou mais tarde, "esqueça tudo!". O líder chinês reagiu de imediato: "Com ou sem cobertura aérea da União Soviética, vamos entrar na guerra". Mao precisava dela. Telegrafou a Chou em 13 de outubro: "Devemos entrar na guerra. Precisamos entrar na guerra". Ao receber o telegrama, Chou enfiou o rosto entre as mãos. No mesmo dia, Mao disse ao embaixador russo que a China ia entrar, e só manifestava "esperança" de que a cobertura aérea russa chegasse "assim que possível, mas não depois de dois meses", que era, de fato, o prazo estabelecido por Stálin.

Foi assim que, graças às ambições globais dos dois tiranos comunistas, bem como à ambição mais local de Kim, a China foi jogada no inferno da Guerra da Coreia em 19 de outubro de 1950.

a Kim Il contou depois ao líder do Partido Comunista Espanhol Santiago Carrillo (que nos contou) que ele havia começado a guerra — e que Mao fora muito mais favorável a iniciá-la do que Stálin.

b No final de 1950, um alto conselheiro do governo francês na Indochina (Jean Sainteny) resumiu o pensamento do general francês em comando naquela região, Jean de Lattre de Tassigny, com estas palavras: "que os russos estão atrás de 1 bilhão de seres humanos, seres humanos da Ásia, uma espécie de rebanho humano, para fazê-los lutar no Ocidente". O mesmo pensamento ocorrera antes ao senador americano Henry Cabot Lodge. Ao questionar o chefe do Grupo de Aconselhamento Militar aos nacionalistas chineses, general de divisão Barr, em março de 1949, Lodge perguntou: "Você acha que os russos podem arregimentar aqueles chineses [...] e torná-los um recurso militar fora das fronteiras da China, e usá-los na Europa, ou [...] em algum outro lugar?". Depois de uma exclamação do senador Alexander Wiley ("Gêngis Khan era chinês, não era?"), Barr respondeu: "os russos poderiam organizar uma divisão chinesa e levá-la para a Alemanha, ou para aquela área [...] Temo que essa ideia atrairia alguns dos comunistas chineses".

35. Mao explora a Guerra da Coreia (1950-53; 56-59 anos)

Em outubro de 1950, quando as tropas chinesas entraram na Coreia, os norte-coreanos estavam em fuga. Dois meses depois, o Exército de Mao havia empurrado a ONU para fora da Coreia do Norte e restaurado a ditadura de Kim Il Sung. Mas Kim estava militarmente impotente, e seu exército exaurido de 75 mil homens empalidecia diante dos 450 mil soldados que Mao tinha na Coreia. Em 7 de dezembro, um dia depois que os chineses recuperaram Pyongyang, Kim cedeu-lhes o comando. Peng De-huai informou a Mao que Kim havia "concordado [...] em não intervir no futuro em questões de comando militar". Peng tornou-se chefe de um QG conjunto chinês-coreano. Mao assumira a guerra de Kim.

Peng queria parar ao norte do paralelo 38, a fronteira original entre as duas Coreias, mas Mao não concordou. Peng explicou que suas linhas de suprimento eram longas demais, o que as deixava seriamente expostas aos bombardeios americanos: "Nossas tropas não conseguem receber suprimentos de alimentos, munição, sapatos, óleo ou sal [...] O principal problema é a ausência de cobertura aérea e nenhuma garantia de transporte ferroviário; assim que consertamos os trilhos, eles são bombardeados de novo". Mao insistiu. Ele estava decidido a não parar a luta até ter arrancado o máximo de Stálin. "Precisa cruzar o paralelo 38", ordenou a Peng em 13 de dezembro. No início de janeiro de 1951, os chineses tomaram Seul, a capital da Coreia do Sul, e acabaram avançando cerca de cem quilômetros ao sul do paralelo.

Os sucessos militares chineses realçaram muito a posição de Mao perante Stálin, que mandou congratulações extraordinariamente entusiásticas, o que não fizera quando Mao conquistara a China. O Chefe observou, em particular, que as vitórias haviam sido "contra tropas americanas".

Mao acertara um enorme golpe psicológico nos Estados Unidos. Em 15 de

dezembro de 1950, Truman foi ao rádio para declarar estado de emergência nacional, algo que não acontecera na Segunda Guerra Mundial nem aconteceria na Guerra do Vietnã. Com linguagem quase apocalíptica, ele disse ao povo americano: "Nossos lares, nossa nação [...] estão em grande perigo". Àquela altura, os chineses já haviam obrigado os americanos a recuar cerca de duzentos quilômetros numa questão de semanas, em condições estarrecedoras, sob temperaturas abaixo de zero, pioradas por ventos gelados. O secretário de Estado Dean Acheson descreveu o revés como sendo a "pior derrota" das forças americanas em um século.

Os chineses conquistaram suas vitórias a um custo horrendo para as próprias forças. Peng contou a Mao, em 19 de dezembro:

> A temperatura caiu para menos trinta graus centígrados. Os soldados estão muito esgotados, seus pés estão incapacitados pelo congelamento e eles têm de dormir ao relento [...] A maioria das tropas não recebeu sobretudos e sapatos forrados. Suas jaquetas forradas e cobertores foram queimados por napalm. Muitos soldados ainda usam sapatos finos de algodão e alguns estão até descalços.

"Perdas inimagináveis podem acontecer", advertiu Peng. Em 2 de janeiro de 1951, o chefe de logística de Mao disse aos russos que unidades inteiras haviam morrido de frio. Muitos "voluntários" ficaram com cegueira noturna por falta de nutrição. A resposta do QG foi: catem folhas de pinheiro para fazer sopa. Comam girinos para ingerir algumas vitaminas e proteínas.

Os chineses lutavam com a "tática das ondas humanas" (*ren hai zhan-shu*), usando a única vantagem que tinham: superioridade numérica. O ator inglês Michael Caine, convocado para a guerra, contou-nos que foi para o campo de batalha sentindo simpatia pelo comunismo, pois vinha de uma família pobre. Mas a experiência o deixou com aversão permanente aos comunistas. Os soldados chineses atacavam em ondas, para esgotar as balas ocidentais. Ele não pôde deixar de pensar: se eles não se importam com a vida do próprio povo, como posso esperar que se preocupem comigo?

O avanço chinês logo foi detido. Em 25 de janeiro de 1951, a ONU lançou uma contraofensiva e a maré começou a mudar. As baixas chinesas foram extremamente pesadas. Peng voltou a Pequim em 21 de fevereiro para falar na cara de Mao sobre as "graves dificuldades" e as "baixas desnecessárias em massa". Do aeroporto, correu para Zhongnanhai, mas descobriu que o líder estava em seu bunker da Fonte de Jade. Ao chegar lá, disseram-lhe que Mao estava tirando uma sesta, mas ele abriu caminho entre os guarda-costas e

irrompeu no seu quarto (num crime praticamente de lesa-majestade). Mao deixou-o falar, mas repeliu suas preocupações e lhe disse para esperar que a guerra fosse longa: "Não tente obter uma vitória rápida".

Mao delineou sua "estratégia total" para Stálin em um telegrama de 1º de março, que começava com esta frase: "O inimigo não sairá da Coreia sem ser eliminado em grandes massas". Depois contava a Stálin que seu plano era usar suas infindáveis reservas de mão de obra para exaurir os americanos. O Exército chinês, relatou ele (o que era verdade), já havia tido "mais de 100 mil baixas [...] e espera outras 300 mil neste ano e no próximo". Mas ele estava substituindo as perdas com mais 120 mil soldados e mandaria mais 300 mil para preencher as perdas futuras. "Em resumo", concluía, estava "pronto para persistir numa guerra de longo prazo, para passar vários anos consumindo várias centenas de milhares de vidas americanas, de tal modo que eles recuem". Mao lembrava Stálin de que poderia enfraquecer seriamente os Estados Unidos,[a] mas o líder russo precisava ajudá-lo a montar um exército e uma indústria bélica de primeira classe.

Mao batalhou por esse objetivo fundamental a partir do momento em que a China entrou na guerra, em outubro de 1950. Nesse mesmo mês, o comandante da Marinha chinesa foi enviado à Rússia a fim de pedir ajuda para a montagem de uma força naval. Em dezembro, foi a vez de uma missão de alto nível da força aérea, que teve considerável sucesso. Em 19 de fevereiro de 1951, Moscou endossou um projeto de acordo para começar a construir fábricas na China para consertar e prestar serviços a aviões, pois um grande número deles estava sofrendo danos e exigia instalações avançadas de reparo no teatro das operações. O plano chinês era converter essas instalações de conserto em fábricas de aviões. No final da guerra, a China, país muito pobre, já tinha a terceira maior Força Aérea do mundo, com mais de 3 mil aviões, inclusive MiGs avançados. E estavam em construção fábricas para produzir 3600 caças por ano que, conforme o projetado (com excesso de otimismo, ficou claro mais tarde), estariam em pleno funcionamento de três a cinco anos depois. E já haviam começado as discussões para fabricar bombardeiros.

Imediatamente após o acordo sobre aeronaves do início de 1951 — e depois que Stálin endossou o plano do líder chinês de "passar vários anos

consumindo várias centenas de milhares de vidas americanas" —, Mao aumentou a parada, pedindo os projetos de todas as armas que os chineses estavam usando na Coreia e que os russos ajudassem a construir fábricas para produzi-las, bem como armas para equipar não menos de sessenta divisões. Em maio, enviou seu chefe do estado-maior à Rússia para negociar esses pedidos.

Embora quisesse que a China lutasse por ele e estivesse feliz de vender a Mao as armas para as sessenta divisões, Stálin não tinha intenção de dotá-lo com uma indústria bélica desenvolvida, e a delegação chinesa ficou detida na Rússia durante meses. Mao disse ao seu chefe do estado-maior que continuasse a pressionar e, em outubro, os russos concordaram, com relutância, em transferir a tecnologia para a produção de sete tipos de armas pequenas, entre elas metralhadoras, mas se recusaram a fornecer mais do que isso.

A guerra já durava um ano, durante o qual a Coreia do Norte havia sido pulverizada pelos bombardeios americanos. Kim percebeu que poderia acabar senhor de um deserto, e, ainda por cima, menor. Ele queria um fim para a guerra. Em 3 de junho de 1951, foi secretamente à China para discutir a abertura de negociações com os Estados Unidos. Como Mao estava longe de atingir seus objetivos, a última coisa em que estava interessado era terminar a guerra. Com efeito, acabara de ordenar que as tropas chinesas atraíssem as forças da ONU para bem dentro da Coreia do Norte: "Quanto mais ao norte, melhor", disse ele, desde que não fosse perto demais da fronteira chinesa. Mao havia sequestrado a guerra e estava usando a Coreia sem levar em conta os interesses de Kim.

Mas, como suas tropas vinham sofrendo derrotas pesadas, um espaço para respirar lhe seria taticamente útil, então mandou seu chefe da Manchúria com Kim para consultar Stálin — e para pressionar por mais fábricas bélicas. Posteriormente, Stálin telegrafou a Mao, tratando Kim como sátrapa do líder chinês, para aplacá-lo, pois lhe estava negando as fábricas de armas. Depois de falar "com seus representantes da Manchúria e da Coreia" (*sic*), concluía Stálin, "uma trégua é vantajosa agora". Isso não significava que quisesse parar a guerra. Ele queria que os soldados de Mao infligissem mais danos aos americanos, mas percebia que entrar em conversações poderia ser conveniente e mostrar um aparente interesse pela paz ajudaria a imagem dos

comunistas. Em 10 de julho, abriram-se conversações provisórias sobre um cessar-fogo na Coreia entre delegações militares da ONU e sino-coreanas.

A maioria dos quesitos foi resolvida com bastante rapidez, mas Mao e Stálin bateram pé em uma questão: a repatriação de prisioneiros de guerra. Os americanos queriam que ela fosse voluntária, "não compulsória"; Mao insistiu que fosse em bloco. A ONU detinha mais de 20 mil chineses, principalmente antigos soldados nacionalistas, a maior parte dos quais não queria voltar para a China comunista. Lembrando-se de que muitos prisioneiros devolvidos a Stálin no final da Segunda Guerra haviam encontrado a morte, os Estados Unidos rejeitavam a repatriação não voluntária, por motivos humanitários e políticos. Mas a linha definida por Mao para seus negociadores era: "Ninguém deve escapar!". O terrível mantra de Mao prolongou a guerra por mais um ano e meio, período em que centenas de milhares de chineses e muito mais coreanos morreram. Kim estava muito disposto a conceder e argumentou que "não havia sentido em brigar" para recuperar ex-nacionalistas "politicamente instáveis". Mas isso não surtiu efeito com Mao, pois não era esse o seu problema. Pouco lhe importavam os prisioneiros de guerra. Ele precisava de uma questão para prolongar a guerra e, assim, conseguir extrair mais de Stálin.

No início de 1952, Kim estava absolutamente desesperado para acabar com a guerra. Em 14 de julho de 1952, telegrafou a Mao para implorar que aceitasse um acordo. Os bombardeios americanos estavam reduzindo seu país a ruínas. "Não sobrava mais nada para bombardear", observou o subsecretário de Estado americano Dean Rusk. A população declinava para níveis quase críticos de sobrevivência, com talvez um terço dos homens adultos mortos.

Mao não atendeu ao pedido de Kim e lhe respondeu com o argumento cruel de que "rejeitar a proposta do inimigo terá apenas uma consequência danosa — mais perdas para o povo coreano e para os voluntários do povo chinês. Porém [...]". Mao listava então as "vantagens" dessas perdas humanas, tais como os sofredores sendo "temperados e adquirindo experiência na luta contra o imperialismo americano". Seu telegrama terminava ameaçador, dizendo que faria um relatório para Stálin e, "depois de receber uma

resposta", voltaria a entrar em contato com Kim.

Sem esperar que Mao lhe dissesse o que Stálin pensava, Kim respondeu de imediato para dizer que Mao estava, é claro, "correto" e que ele se achava determinado a continuar a luta. Ao mesmo tempo, telegrafou a Stálin, tentando pateticamente explicar sua indecisão.

Stálin enviou seu veredicto para Mao no dia 17: "Consideramos sua posição nas negociações sobre um armistício completamente correta. Hoje recebemos um relatório de Pyongyang em que o camarada Kim Il Sung também concorda com sua posição".

Kim estava alucinado, mas sem poder para deter a guerra no próprio país. Ademais, seu próprio destino estava em perigo. Uma conversa ameaçadora entre Stálin e Chou um mês depois mostra que ele tinha razão em se sentir inseguro. Após Chou dizer que a China estava se preparando para "a possibilidade de mais dois ou três anos de guerra", Stálin perguntou sobre a atitude dos líderes coreanos. O registro da reunião é o seguinte (com nossos comentários entre colchetes):

> *Stálin* diz que os americano[s] não assustaram a China. Poder-se-ia dizer que eles também não conseguiram assustar a Coreia?
>
> *Chou En-lai* afirma que se pode dizer essencialmente isso.
>
> *Stálin*: [obviamente cético] Se isso é verdade, então não é tão ruim.
>
> *Chou En-lai* [aproveitando o ceticismo de Stálin] acrescenta que a Coreia está vacilando um pouco [...] Entre certos elementos da liderança coreana pode-se detectar um estado de pânico até.
>
> *Stálin* lembra que já foi informado desses sentimentos pelo telegrama de Kim Il Sung a Mao Tse-tung.
>
> *Chou En-lai* confirma isso.

O pânico de Kim em relação aos Estados Unidos empalidecia ao lado de seu medo de Mao e Stálin. As bombas americanas podiam matar uma grande parte de sua população, mas Stálin e Mao poderiam depô-lo (algo que Mao de fato tramou fazer mais tarde) — ou pior.

E, assim, a guerra continuou.

Em agosto de 1952, Mao decidiu pressionar ainda mais Stálin e obter uma decisão definitiva sobre suas duas exigências centrais: território e indústrias bélicas. Mandou Chou a Moscou com esses pedidos. O enviado deixou claro inicialmente que Mao prestara um serviço valioso a Stálin. Na primeira

reunião, em 20 de agosto, disse ao líder russo que Mao "acredita que a continuação da guerra é vantajosa para nós". "Mao Tse-tung tem razão", respondeu Stálin. "Esta guerra está pegando nos nervos dos americanos." Ecoando os comentários que faziam pouco das baixas do lado comunista, Stálin fez uma observação de causar calafrios: "Os norte-coreanos não perderam nada, exceto as baixas humanas". "A guerra na Coreia mostrou a fraqueza dos Estados Unidos", comentou com Chou, e depois disse "em tom de brincadeira": "As principais armas dos americanos são meias femininas, cigarros e outras mercadorias. Eles querem subjugar o mundo, mas não são capazes de dominar a pequena Coreia. Não, os americanos não sabem lutar". "Os americanos não são capazes de travar uma guerra em larga escala, especialmente depois da guerra na Coreia."

Foi Mao que possibilitou a Stálin tirar essa conclusão. Os Estados Unidos estavam perdendo mais aviões do que podiam se dar ao luxo militarmente, e mais homens do que a opinião pública aceitaria. No total, os americanos perderam bem mais de 3 mil aeronaves na Coreia e não podiam substituir essas perdas com velocidade suficiente para se sentirem seguros de que poderiam travar uma guerra em duas frentes, ao mesmo tempo na Ásia e na Europa. Igualmente importante, os Estados Unidos acumularam 37 mil mortos.

Embora o número de mortos americanos fosse apenas uma pequena porcentagem das perdas chinesas, a América democrática não podia competir com a China totalitária nesse quesito. Enquanto os Estados Unidos caminhavam para uma eleição presidencial em 1952, o apoio no país à continuação da guerra era de somente 33%, e um dos slogans de campanha do candidato republicano, o ex-general Dwight D. Eisenhower, era "Eu irei à Coreia", que para a ampla maioria significava que ele acabaria com a guerra.

O papel da China no enfrentamento dos Estados Unidos deu a Chou as cartas para jogar alto e ele pediu ao Chefe nada menos que 147 grandes empresas militares, entre elas fábricas para produzir aviões e navios, mil tanques leves por ano, e uma indústria de tanques médios que estaria em funcionamento dentro de cinco anos.

Stálin tergiversou, respondendo com lugares-comuns ("A China deve ser bem armada, especialmente com forças aéreas e navais"; "A China deve se tornar a nau capitânia da Ásia"). Mas jamais assinou a lista de Chou.

E havia também a questão dos territórios de influência. Stálin vinha repartindo partes da Ásia a Mao desde que começara a pensar sobre a guerra na Coreia. Mao lançara tentáculos para meia dúzia de países asiáticos que iam do Japão (os comunistas japoneses haviam estado em Pequim na primavera de 1950 para preparar ações armadas em coordenação com a guerra na Coreia) às Filipinas (onde os Estados Unidos tinham bases estratégicas) e à Malásia, onde uma insurreição considerável e, em larga medida, promovida por gente de origem chinesa lutava contra o domínio britânico. No Sudeste Asiático, as forças comunistas rebeldes na Birmânia avançavam na direção da fronteira da China para estabelecer uma conexão e receber suprimentos e treinamento, exatamente como o Exército de Ho Chi Minh havia feito no Vietnã. Um arauto do mal que logo chegaria à China para treinamento seria Pol Pot, o futuro líder do Khmer Vermelho cambojano.

Em setembro de 1952, Chou conversou com Stálin sobre o Sudeste Asiático como se seu destino fosse inteiramente decidido por Pequim e o Exército chinês pudesse entrar onde quisesse caso Pequim assim desejasse. As minutas da reunião de 3 de setembro registram que Chou "diz que, nas relações com os países do Sudeste Asiático, eles estão mantendo uma estratégia de exercer influência pacífica sem mandar forças armadas. Ele oferece o exemplo da Birmânia [...] O mesmo no Tibete. Pergunta se é uma boa estratégia". Chou tratava a Birmânia do mesmo modo que o Tibete. Stálin respondeu obliquamente: "O Tibete faz parte da China. É preciso ter tropas chinesas estacionadas no Tibete. Quanto à Birmânia, vocês devem agir com cautela". Mas acrescentou de imediato, confirmando que a Birmânia era de Mao: "Seria bom se houvesse um governo pró-China na Birmânia". (Stálin monitorava de perto a Birmânia por meio de seu embaixador Vladímirov, o antigo contato em Yenan.)

Mao planejava agora formar seu conglomerado regional usando um "Congresso da Paz" da região da Ásia e do Pacífico, marcado para Pequim. Essa reunião estava na agenda das conversas com Stálin. O líder russo foi obrigado a reconhecer que a China deveria desempenhar "o papel principal". Que ele não estava de forma alguma contente pode ser deduzido da continuação da conversa. Chou perguntou "que medidas específicas" a delegação russa tomaria, o que era um convite sutil para Stálin confirmar que os russos não agarrariam a liderança. Stálin respondeu com sarcasmo e

apenas uma palavra: “Paz”.

Sem se deter, Chou foi adiante e disse que, durante o iminente congresso do partido soviético, Liu Shao-chi gostaria de se encontrar com os líderes comunistas asiáticos. Era uma maneira de tentar garantir a bênção de Stálin para que Mao tomasse conta dos partidos da Ásia, mas arrancar endossos do Chefe era como tirar água da pedra. Os primeiros mencionados foram os indonésios. As minutas registram:

> *Chou En-lai* [...] pergunta se seria oportuno discutir questões partidárias em Moscou com eles.
>
> *Stálin* diz que é difícil dizer ainda [...]
>
> *Chou En-lai* conta que os japoneses deverão vir e é provável que também queiram discutir questões partidárias.
>
> *Stálin* responde que irmãos mais velhos não podem recusar seus irmãos mais jovens nessa questão. Ele diz que isso deveria ser discutido com Liu Shao-chi [...]
>
> *Chou En-lai* afirma que Liu Shao-chi pretende trazer com ele material apropriado, a fim de discutir várias questões.
>
> *Stálin* observa que, se os camaradas chineses querem discutir essas questões, então evidentemente ele não fará objeção, mas, se eles não quiserem, então não teremos de discutir nada.
>
> *Chou En-lai* responde que os camaradas chineses irão definitivamente querer conversar.

Quão vigoroso era Chou En-lai, perseguindo incansavelmente o Chefe, enquanto ele tentava se esquivar! Dois anos e meio e uma guerra devastadora antes, quando Mao estava na gélida Moscou, Stálin o impedira de ter qualquer reunião. Agora, era forçado a conceder: “Nesse caso, encontraremos tempo”. Então, outro pequeno sarcasmo quando o adulador Chou, “terminando a conversação, diz que eles gostariam de receber instruções relativas a todas essas questões”.

> *Stálin* pergunta: instruções ou sugestões?
>
> *Chou En-lai* responde que, do ponto de vista do camarada Stálin, seriam conselhos, mas na percepção deles seriam instruções.

O tato de Chou mascarava um novo grau de surpreendente assertividade da parte de Mao. Na verdade, ele já havia até iniciado operações conspiratórias na própria União Soviética.

A missão de Chou em agosto e setembro de 1952, destinada claramente a possibilitar que Mao se tornasse uma autoridade maior e um rival para Stálin,

aumentou muito o sentimento de ameaça que este tinha em relação ao líder chinês. Stálin então decidiu enfraquecer Mao exibindo uma intimidade especial com outros líderes chineses. Primeiro, aproximou-se do chefe do Exército, Peng De-huai, que foi a Moscou no início de setembro, com Kim, para a única reunião tripartite de cúpula da guerra. No final de uma das reuniões, num gesto pouco comum, Stálin chamou Peng para um *tête-à-tête*, sem a presença de Chou, o qual relatou o fato a um Mao furioso. Peng explicou a Mao que Stálin só falara sobre o modo como os norte-coreanos haviam maltratado os prisioneiros de guerra (o que vinha causando problemas diplomáticos para os comunistas). Mao continuou suspeitoso, mas parece ter concluído que se tratava apenas de uma manobra de Stálin para perturbá-lo.

Então veio outra tentativa de Stálin de enfiar uma cunha — dessa vez entre Mao e Liu Shao-chi, que foi a Moscou em outubro, para o congresso do partido. Stálin dedicou uma atenção extraordinária a Liu, demonstrando um grau de intimidade que espantou o séquito do chinês. "Stálin chegou até a mencionar seus assuntos e humores pessoais", observou Shi Zhe, o intérprete de Liu. Shi também fora o intérprete de Mao e percebeu o forte contraste entre os dois tratamentos. Chou En-lai comentaria para um pequeno círculo que Stálin fora muito mais caloroso com Liu do que com Mao.

Stálin então atingiu Mao com um golpe sem precedentes nos anais do comunismo mundial. Em 9 de outubro, o *Pravda* publicou as congratulações de Pequim ao congresso, que Liu apresentara no dia anterior. Em letras grandes, este era chamado de "secretário-geral" do PCC (o posto mais alto em outros partidos comunistas). Mas Moscou sabia muito bem que o PCC não tinha secretário-geral. É inconcebível que isso tenha sido um acidente. "Naquela época, o *Pravda* não cometia erros", comentou conosco um embaixador russo na Inglaterra. Stálin estava dizendo a Mao: eu *poderia* fazer de seu segundo em comando o chefe do partido!

Liu teve de consertar a situação e tratou de escrever de imediato uma nota a Gueorgi Malenkov, o segundo em comando de Stálin, para dizer que não era secretário-geral e que o PCC estava "todo sob a liderança do camarada Mao Tse-tung [que] é o presidente". Ao mesmo tempo, concluindo que a coisa mais sábia a fazer era não entrar em pânico, não mandou desculpas frenéticas a Mao. Depois do congresso, ficou em Moscou conforme o

planejado para conversar com outros líderes comunistas asiáticos, inclusive Ho Chi Minh, e juntos eles discutiram não apenas o Vietnã, mas também Japão e Indonésia com Stálin. O líder russo então deteve Liu durante meses, até janeiro de 1953, para que se encontrasse com pessoas que estavam no topo da lista de Mao: os indonésios. Na noite de 6 para 7 de janeiro de 1953, Liu reuniu-se enfim com Stálin e o principal agente russo na Indonésia para um encontro insolitamente longo com os líderes comunistas indonésios Aidit e Njoto, para discutir a "assunção do controle" do partido indonésio por Pequim. Após a reunião, Aidit comemorou saindo na noite gelada para jogar bolas de neve, sem saber que pouco mais de uma década depois, em 1965, a tutelagem de Mao o condenaria, junto com Njoto e centenas de milhares de seus seguidores, à morte prematura e medonha.

Assim que terminou a reunião com os indonésios, Liu partiu para a China no mesmo dia. No total, havia ficado três meses na Rússia. Mao não podia fazer nada a respeito das maquinações de Stálin para alfinetá-lo e levantar suspeitas, nem podia descontar em Liu, que cairia nas mãos do líder russo. Mas lançou um sinal de alerta para Liu no momento em que ele retornou a Pequim que equivalia a um "Não ponha ideias na cabeça!".[b]

Enquanto isso, Mao continuava bombardeando Stálin com pedidos relacionados à indústria bélica. Em um enorme telegrama de oito páginas de 17 de dezembro de 1952, reclamava claramente de Stálin: "Por favor, será que o governo soviético pode atender nossa encomenda de armas para a guerra na Coreia em 1953, e nossos pedidos de indústrias de armas?". O pedido era prefaciado pela visão de Mao da guerra: "Na próxima fase (suponha um ano), ela se tornará mais intensa". Como um estímulo extra para Stálin ceder, Mao se oferecia para sustentar o Estado falido de Kim, informando que Pequim subsidiaria Pyongyang durante três anos, ao ritmo de 60 milhões de dólares por ano, que era exatamente a quantia que Stálin havia "emprestado" a Mao em fevereiro de 1950; porém, em termos per capita, equivalia a cinquenta vezes a soma que Stálin estivera disposto a adiantar — e de um país muito mais pobre. Além disso, ao contrário do empréstimo russo, o de Mao para Kim não incluía juros. Algumas semanas depois, em janeiro de 1953, Mao fez outro grande pedido para sua Marinha. Stálin disse que mandaria os armamentos requisitados e aprovou que a frota de Mao participasse de operações navais em alto-mar pela primeira vez, mas recusou com firmeza o pedido de indústrias bélicas.

Àquela altura, as conversações sobre armistício estavam em recesso havia tempo, enquanto a guerra pesada continuava. Em 2 de fevereiro de 1953, Eisenhower, que fora eleito presidente, sugeriu em seu discurso sobre o Estado da União que poderia usar a bomba atômica na China. Essa ameaça foi, na verdade, música para os ouvidos de Mao, pois agora tinha uma desculpa para pedir a Stálin o que mais desejava: armas nucleares.

Desde o lançamento da primeira bomba sobre Hiroxima, em 1945, Mao sonhara em possuir uma. Bo Yi-bo, um de seus administradores econômicos, relembrou que, nos primeiros anos da década de 1950, "em todas as reuniões e em todas as ocasiões, o presidente Mao mencionava o fato de não ter bombas atômicas. Ele falava e falava. O presidente Mao estava realmente ansioso!". Mao conseguiu esconder essa aspiração do público, passando, ao contrário, uma imagem de desprezo indiferente por armas atômicas e fingindo que preferia confiar no "povo", posição que ficou famosa com sua observação de 1946 de que a bomba atômica era "um tigre de papel".

Assim que Eisenhower fez suas observações sobre a possibilidade de usar a bomba, Mao despachou Qian San-qiang, seu principal cientista nuclear, para Moscou. Em resumo, a mensagem de Mao era a seguinte: dê-me a bomba e assim você não será levado a uma guerra nuclear com os Estados Unidos. Isso colocou um dilema sério para Stálin, pois a Rússia tinha um pacto de defesa mútua com a China.

O líder russo não queria dar a bomba a Mao, mas estava preocupado com Eisenhower. Foi sob essa pressão constante — tanto de Mao como do Ocidente — que Stálin, ao que parece, decidiu acabar com a Guerra da Coreia. De acordo com Dimitri Volkogónov, o general russo que teve acesso aos arquivos soviéticos mais secretos, Stálin tomou a decisão de terminar a guerra em 28 de fevereiro e disse a seus colegas de poder que planejava agir no dia seguinte. Naquela noite, ele sofreu um derrame, que viria a matá-lo em 5 de março. Mao pode ter sido um dos fatores que causaram o derrame. Em seu último jantar, Stálin havia falado sobre a guerra, e fez uma ligação entre o fracasso em manter a Iugoslávia de Tito no campo comunista e a perda da chance de vencer na Coreia. Também falou do Comintern no Extremo Oriente e como ele fracassara no Japão. Depois do jantar, leu alguns documentos e o último era sobre o fracasso de sua tentativa de

assassinar Tito. No passado, Stálin havia suspeitado de que Mao era um espião japonês e via nele um Tito em potencial. Sua mente obsessiva talvez estivesse ruminando pensamentos em torno de Mao, refletindo que se livrar dele seria uma tarefa tão assustadora quanto tentar eliminar Tito.[c] Mao pode ter ajudado a provocar o derrame de Stálin.

Mao foi à embaixada soviética para assinalar a morte de Stálin. Um funcionário da embaixada sustenta que ele tinha lágrimas nos olhos e dificuldade para ficar em pé, e que Chou chorava. Na verdade, a morte de Stálin foi o momento de libertação de Mao.

Em 9 de março, realizou-se um ato gigantesco em memória do líder russo na praça Tiananmen, com uma multidão organizada de centenas de milhares. Foram dadas ordens rígidas ao populacho, inclusive a exigência de "não rir!". Um enorme retrato de Stálin foi pendurado acima do arco central e a cerimônia se iniciou com Mao inclinando-se diante do retrato e depositando uma coroa. Muitos discursaram, exceto Mao. Ele também não foi ao funeral na Rússia, mas madame Mao, que estava então em Moscou, visitou o esquife de Stálin. Chou foi ao funeral na praça Vermelha e foi o único estrangeiro a marchar com as altas autoridades soviéticas, caminhando ao lado do chefe da segurança Béria, sob frio intenso (entre os dons de Chou estava a imunidade à temperatura).[d]

A morte de Stálin provocou mudanças instantâneas. Em 21 de março, durante uma reunião de noite inteira, os novos líderes russos, chefiados por Malenkov, disseram a Chou que haviam decidido acabar com a guerra na Coreia. Os sucessores de Stálin estavam dispostos a diminuir a tensão com o Ocidente e deixaram claro que, se cooperasse com o término da guerra, Mao seria recompensado com um grande número de empresas bélicas — 91 — que Stálin vinha protelando. Ao contrário do Chefe, que via em Mao um rival pessoal, os novos líderes soviéticos julgavam que uma China militarmente poderosa era bom para o campo comunista.

Mas Mao insistiu em manter a guerra. Ele queria uma coisa a mais: a bomba atômica. Com efeito, esse era o principal objetivo da viagem de Chou, ao lado das indústrias bélicas. Chou tentou com veemência colocar o grupo do físico nuclear Qian San-qiang dentro dos institutos de pesquisa nuclear da Rússia, mas seus repetidos pedidos de transferência de tecnologia nuclear foram negados. Qian continuou pressionado durante três meses, período que coincidiu exatamente com as delongas de Mao para acabar com

a guerra. Então, em maio, Moscou bateu pé.

Durante algum tempo, o campo comunista vinha desenvolvendo uma enorme campanha em que acusava os Estados Unidos de usar guerra bacteriológica na Coreia e na China e havia vagamente anunciado um grande número de mortes causadas por ataques de germes. Aviadores americanos capturados foram forçados a confessar o lançamento de bombas bacteriológicas, às vezes diante de câmeras.

Mao usou essa questão para insuflar o ódio aos Estados Unidos dentro da China. Mas as acusações eram fabricadas.[e] Quando Stálin morreu, o Kremlin decidiu imediatamente retirar as acusações, que, conforme Béria escreveu a Malenkov em 21 de abril de 1953, haviam feito a Rússia "sofrer reais danos políticos na arena internacional".

A denúncia de fabricar as acusações foi então usada para pressionar Mao a acabar com a guerra. O ministro do Exterior soviético Mólotov escreveu a seus colegas de poder que os chineses haviam dado aos norte-coreanos "uma declaração intencionalmente falsa [...] sobre o uso de armas bacteriológicas pelos americanos". Os coreanos, disse ele, foram "presenteados com um *fait accompli*". Os russos preparavam o terreno para pôr toda a culpa em Mao.

Em 2 de maio, o Kremlin mandou seu novo embaixador em Pequim, V. V. Kuznietsov, entregar a Mao uma mensagem de uma aspereza sem precedentes que dizia:

> O governo soviético e o Comitê Central do PCUS foram induzidos em erro. A disseminação na imprensa de informação sobre o uso pelos americanos de armas bacteriológicas na Coreia foi baseada em informações falsas. As acusações contra os americanos eram fictícias.

A mensagem "recomendava" que Pequim retirasse as acusações e informava Mao ameaçadoramente que os russos "responsáveis pela participação na fabricação [...] receberão punição severa". Com efeito, o embaixador soviético em Pyongyang, V. N. Razuváiev, já fora chamado de volta, como Mao certamente sabia, e torturado pelos homens de Béria.

Kuznietsov encontrou-se com Mao e Chou à meia-noite de 11 para 12 de maio. Depois, relatou para Moscou que Mao recuara. De acordo com o embaixador, o líder chinês disse "que a campanha foi iniciada com base em informações do comando [chinês] [...] É difícil estabelecer agora a autenticidade dessas informações [...] Se for descoberta falsificação, então esses relatórios de baixo não devem receber crédito". Kuznietsov tinha

obviamente ordens de relatar em detalhes as reações de Mao. No que talvez fosse um excesso de projeção, contou que: "algum nervosismo foi notado da parte de Mao Tse-tung; ele [...] esmagou cigarros [...] Perto do final da conversa, riu e fez piadas e se acalmou. Chou en-lai comportou-se com seriedade estudada e alguma apreensão".

Mao tinha todos os motivos para sentir-se apreensivo. A linguagem de Moscou era excepcionalmente severa. Ela mostrava quão decidido o Kremlin estava a acabar a guerra e indicava uma disposição de aplicar pressão extrema e desautorizar algo que Stálin deveria ter aprovado. Vindo logo depois que o Kremlin negou a veracidade da última conspiração falsa de Stálin, o "Complô dos Médicos" (a primeira vez que qualquer ato de Stálin era publicamente repudiado, o que caiu como uma bomba no mundo comunista), o novo Kremlin indicava a Mao que estava decidido a impor sua linha. Mao ficou claramente surpreso e deu ordens para acabar com a guerra naquela mesma noite.[f]

Mao podia perceber que obter a bomba da Rússia estava fora de questão por enquanto, pois o novo Kremlin estava inclinado a diminuir a tensão com os Estados Unidos. Então chamou de volta sua delegação nuclear e contentou-se com os projetos bélicos que os novos líderes soviéticos haviam oferecido. Ordenou que seus negociadores na Coreia aceitassem a repatriação voluntária de prisioneiros de guerra, que estava na mesa de negociação havia mais de dezoito meses.

Dois terços dos 21 374 prisioneiros de guerra chineses recusaram-se a voltar para a China comunista e a maioria deles foi para Taiwan.[g] Os componentes da terça parte que voltou para a China continental viram-se rotulados de traidores por terem se rendido e sofreram terrivelmente pelo resto do reinado de Mao. Outra contribuição medonha e pouco conhecida que Mao deu ao sofrimento da nação coreana foi ajudar a condenar mais de 60 mil prisioneiros sul-coreanos, ilegalmente retidos pelo norte na época do armistício, a um destino terrível. Mao disse a Kim para não devolvê-los. Esses infelizes foram espalhados pelos cantos mais remotos da Coreia do Norte para escondê-los de olhos perscrutadores e minimizar suas chances de fugir, e é lá que os ainda sobreviventes são provavelmente mantidos até hoje.

O armistício foi finalmente assinado em 27 de julho de 1953. A Guerra da

Coreia, que durara três anos e provocara milhões de mortos e numerosos feridos, estava terminada.

Mais de 3 milhões de chineses foram enviados à Coreia, dos quais pelo menos 400 mil morreram.[h] Um documento oficial russo afirma que 1 milhão de chineses foram mortos.

Entre os que lá pereceram estava o filho mais velho de Mao, An-ying, morto em um ataque aéreo americano ao QG de Peng De-huai, onde trabalhava como tradutor de russo. Isso aconteceu em 25 de novembro de 1950, pouco mais de um mês depois que ele havia entrado na Coreia. Estava com 28 anos.

Havia se casado um ano antes, em 15 de outubro de 1949. Sua esposa Si-qi era uma espécie de filha adotiva de Mao e ela e An-ying se conheciam havia vários anos. No final de 1948, quando ele disse ao pai que queria se casar com ela, este teve um ataque de fúria e gritou com tanta ferocidade que An-ying desmaiou e suas mãos ficaram tão geladas que não reagiram nem com água fervente, o que provocou duas bolhas. A reação furiosa de Mao sugere ciúme sexual (a bela e elegante Si-qi andara ao redor dele durante boa parte de sua adolescência). Mao negou o consentimento por vários meses e depois disse ao casal para adiar o casamento até que seu regime fosse formalmente proclamado, em 1º de outubro de 1949. Quando chegou o momento de comemorar seu primeiro aniversário de casamento, An-ying já havia partido. Como era de praxe, ele não contou à esposa para onde ia, nem ela perguntou.

Quando Mao recebeu a notícia da morte do filho, ficou em silêncio por um tempo e depois murmurou: "Numa guerra, como pode não haver mortes?". Seu secretário observou: "Ele realmente não mostrou nenhuma expressão de grande dor". Até madame Mao derramou algumas lágrimas, embora não se desse muito bem com o enteado.

Por mais de dois anos e meio, ninguém informou o fato à jovem viúva de An-ying. Enquanto a guerra estava em andamento, ela aceitou o silêncio do esposo, pois estava acostumada com o sigilo do partido. Mas, no verão de 1953, depois da assinatura do armistício, achou estranho o silêncio e perguntou a Mao, que lhe disse que An-ying morrera. Durante aqueles anos, ela se encontrara com Mao constantemente, passara com ele fins de semana e férias, e ele não demonstrara nenhuma tristeza, nem mesmo uma vacilação

que sugerisse que algo estava errado. Chegara mesmo a fazer piadas sobre An-ying, como se ele estivesse vivo.

a No total, a China enviou pelo menos 3 milhões de soldados para a Coreia. Os Estados Unidos empenharam em torno de 1 milhão de homens.

b Mao fez isso denunciando o líder sindicalista Li Li-san, por defender uma independência maior para os sindicatos. Quem estava bem informado sabia que se tratava de uma linha fortemente defendida por Liu.

c A Guerra da Coreia também se voltou, de forma espetacular, contra seu terceiro instigador, Kim Il Sung. Em 1994, 44 anos depois que a deflagrara, Kim foi encontrado morto sentado, segurando cópias do dossiê que o governo pós-comunista da Rússia estava prestes a divulgar, revelando a história secreta da guerra e o papel dele nela.

d Mais atrás estava o chefe do partido tcheco Klement Gottwald, que caiu morto dias depois — supostamente em consequência de um resfriado, mas, na verdade, de alcoolismo. Chou foi a Praga para o enterro de Gottwald, onde levou uma "facada" do líder comunista britânico Pollitt, que lhe pediu uma contribuição de 5500 dólares para renovar o túmulo de Marx em Londres.

e Pequim ainda mantém a acusação, embora sua alegação oficial agora seja de 81 mortes de 804 ataques bacteriológicos americanos — 41 coreanos, de cólera e peste, e 36 chineses de peste, meningite e "outras doenças". Dois generais russos que estavam na Coreia — Valentin Sózinov, principal assessor do chefe do estado-maior da Coreia do Norte, Nam Il, e o principal assessor médico do Exército norte-coreano, Igor Selivánov — nos disseram que nunca viram provas de guerra bacteriológica; Selivánov destacou que, em sua posição, teria ficado sabendo, caso tivesse acontecido. Outros oficiais e diplomatas russos envolvidos na guerra concordam com isso.

f O regime de Kim estava ansioso para dar um pontapé em Mao. S. P. Suzdalev, encarregado soviético em Pyongyang, relatou a Moscou em 1º de junho que, ao saber das novas "recomendações" do Kremlin, a autoridade coreana a quem ele transmitiu a mensagem, Pak Chang-ok, aproveitou a chance para repudiar os chineses, chegando a sugerir "a possibilidade de que as bombas e recipientes foram jogados de aviões chineses".

g Optaram por ir para a China 21 americanos e um escocês, mas logo a maioria deles se desiludiu e partiu, muitas vezes com grandes dificuldades. A deserção deles alimentou temores no Ocidente de "lavagem cerebral", como havia acontecido com as "confissões" dos aviadores capturados sobre lançamento de bombas bacteriológicas. Enquanto as altas patentes se preocupavam com que alguns daqueles que "confessaram" pudessem vazar conhecimentos de alta tecnologia para o inimigo, o diretor do FBI J. Edgar Hoover montava uma vasta campanha de vigilância sobre os prisioneiros de guerra que haviam retornado, com medo de espiões, contou-nos o então secretário de Justiça, general Herbert Brownell.

h A alegação oficial é de 152 mil mortes, mas em privado Deng Xiao-ping disse aos líderes comunistas japoneses que o número de chineses mortos foi de 400 mil. O mesmo número foi fornecido por Kang Sheng ao líder albanês Enver Hoxha. Tais sacrifícios não valeram à China muita gratidão por parte da Coreia do Norte. Quando tentamos obter acesso ao memorial de guerra chinês em Pyongyang, oficiais coreanos negaram a permissão. À pergunta "Quantos chineses morreram na Guerra da Coreia?", a resposta veio, com grande relutância, após duas recusas em respondê-la: "Talvez 10 mil".

36. O início do programa secreto de superpotência (1953-54; 59-60 anos)

Em maio de 1953, depois que Mao aceitou pôr um fim à guerra na Coreia, os sucessores de Stálin concordaram em vender à China 91 grandes empresas industriais. Com isso garantido, além dos cinquenta projetos aprovados por Stálin, Mao conseguiu lançar seu plano de industrialização em 15 de junho. Seu foco exclusivo era a criação de indústrias bélicas para fazer da China uma superpotência. Era, com efeito, o Programa de Superpotência de Mao. Sua natureza totalmente militar foi escondida e é pouco conhecida na China de hoje.

Mao queria canalizar todos os recursos da nação para esse programa. Todo o processo de "industrialização" tinha de estar completo "em dez a quinze anos", ou não muito mais do que isso. A velocidade, ele repetia sem cessar, era tudo — "a essência". O que não revelava era seu verdadeiro objetivo: tornar-se uma potência militar enquanto ele ainda estava vivo e fazer o mundo escutá-lo quando falasse.

Mao aproximava-se dos sessenta anos e se referia com frequência à sua idade e mortalidade quando discutia essa industrialização. Em certa ocasião, conversando com um grupo de seus guardas, enfatizou: "Faremos isso em quinze anos". Depois, do nada, vieram as palavras: "Confúcio morreu com 73 anos". O subtexto era: certamente posso viver mais do que Confúcio e assim ver os resultados dentro de quinze anos.

Em outra ocasião, disse que "podemos superar a Grã-Bretanha [...] em quinze anos ou pouco mais", e depois acrescentou: "Eu também tenho um Plano Quinquenal: viver [...] mais quinze anos, então estarei satisfeito; claro, um excesso de satisfação será ainda melhor" — ou seja, viver ainda mais.

Mao não estava interessado na posteridade. Já em 1918, escrevera: "Alguns dizem que temos responsabilidade perante a História. Não acredito nisso [...]

Pessoas como eu não estão construindo coisas para deixar para as futuras gerações" (grifo nosso). Ele manteve essa visão pelo resto de sua vida. Em 1950, depois de visitar o mausoléu de Lênin, disse à sua comitiva que a excelente conservação do cadáver era importante apenas para os outros e irrelevante para Lênin. Depois de morto, Lênin não sentia nada e não importava para ele se seu cadáver fosse conservado.

Quando morreu, Mao não deixou testamento nem herdeiro — e, de fato, ao contrário da maioria dos pais chineses, em especial imperadores, era-lhe indiferente ter um, algo extremamente incomum (em total contraste com Chiang Kai-shek, que fez de tudo para proteger o seu). O filho mais velho de Mao, que morreu na Guerra da Coreia, tampouco deixou herdeiros, pois sua esposa não queria ter filhos enquanto ainda estava estudando. Mao não o pressionou para ter um herdeiro, ainda que fosse seu único filho mentalmente sadio, pois o mais moço era retardado.

Nas décadas seguintes, a determinação de Mao de presidir uma superpotência militar enquanto estivesse vivo foi o fator isolado mais importante a afetar o destino da população chinesa.

Mao estava com pressa para obter seu arsenal. Em setembro de 1952, quando Chou En-lai deu a Stálin a lista de compras para o I Plano Quinquenal (1953-57), a reação do líder russo foi: "Isso está muito desequilibrado. Mesmo em tempo de guerra, não temos despesas militares assim tão altas. [...] A questão aqui é [...] se teremos condições de produzir todo esse equipamento". De acordo com estatísticas oficiais, os gastos desse período com as Forças Armadas, mais as indústrias relacionadas com armamentos, consumiam 61% do orçamento; na realidade, a porcentagem era maior e aumentaria no decorrer dos anos.

Em contraste, os gastos com educação, cultura e saúde combinados constituíam miseráveis 8,2% e não havia setor privado em que se apoiar quando o Estado não cumpria seu papel. Educação e assistência à saúde nunca foram gratuitas, exceto em casos de epidemia, e muitas vezes inexistiam para os camponeses ou para as classes baixas urbanas. Com o objetivo de economizar dinheiro na saúde, o regime recorria a esquemas como campanhas de higiene que exigiam a morte não somente de moscas e

ratos, mas também, em algumas regiões, de gatos e cães, embora, curiosamente, jamais tenham estendido a limpeza aos toaletes fedorentos e pestilentos, que sobreviveram imundos durante todo o reinado de Mao.

Foi dito ao povo chinês, de forma vaga mas deliberada, que o equipamento da União Soviética usado na industrialização do país era "ajuda soviética", ou seja, que se tratava de um presente. Mas não era. Tudo tinha de ser pago — e isso significava sobretudo pagar com alimentos, fato que foi rigorosamente escondido do povo chinês, e ainda o é, em larga medida. Naquela época, a China tinha pouca coisa para vender. O comércio com a Rússia, disse Chou a um pequeno círculo, "se resume a vendermos produtos agrícolas para comprar máquinas".[a] Durante toda a década de 1950, "as principais exportações eram arroz, soja, óleo vegetal, cerdas de porco, peles de linguiças, seda crua, carne de porco, caxemira, chá e ovos", de acordo com as estatísticas oficiais de hoje. Naquele período, Mao contou ao presidente indonésio Sukarno, em tom quase irreverente: "Falando com franqueza, não temos muita coisa [para exportar], afora algumas maçãs, amendoins, cerdas de porco, soja".

As mercadorias que a China exportava para a Rússia e seus satélites eram, em sua avassaladora maioria, artigos essenciais para seu próprio povo; entre elas, estavam todos os principais produtos de que a população chinesa dependia para ingerir proteínas: soja, óleo vegetal, ovos e carne de porco, que estavam sempre em extrema escassez. Com apenas 7% das terras cultiváveis do mundo e 22% da população mundial, na maior parte do país a terra era preciosa demais para ser usada na criação de animais e, assim, a maioria dos chineses não consumia laticínios e consumia muito pouca carne. Até os grãos, item básico da alimentação nacional, estavam na lista de exportação de Mao, enquanto a produção de cereais da China era lamentavelmente inadequada e o país era um grande importador de grãos.

Mao estava disposto a privar seu povo de comida para que pudesse exportar alimentos. Uma instrução ao Ministério do Comércio Exterior de outubro de 1953 dizia:

> Com relação aos produtos que são cruciais para a sobrevivência da nação (isto é, grãos, soja e óleo vegetal), é verdade que precisamos suprir a população chinesa, mas não podemos enfatizar somente isso [...] *Precisamos pensar em todas as formas de arrancá-los para exportação* [grifo nosso] [...] Quanto aos produtos (como carnes, amendoim) que são menos essenciais à sobrevivência da população, temos mais razão ainda em diminuir o consumo dentro da China para satisfazer a necessidade de

exportar.

Outra ordem de julho de 1954 enfatizava:

> Para produtos como carnes, o mercado interno deve ser reduzido e encolhido para garantir as exportações. Outros produtos como frutas, chás [...] devem ser exportados o máximo possível, e *só devem suprir o mercado interno se sobrar alguma coisa* [...] [grifo nosso]

O principal impacto foi sentido pelos camponeses. A política era garantir alimentação básica para a população urbana, com racionamento rigoroso, e deixar os camponeses morrerem de fome quando a inevitável escassez de comida atacasse. Quando Mao tomou o poder, todos que estavam registrados como camponeses foram proibidos de se mudar para áreas urbanas ou de mudar de status. Não podiam nem mudar para outra aldeia, exceto com permissão especial (por exemplo, se casassem). Afora isso, estavam presos às suas aldeias pelo resto da vida. E o mesmo acontecia com seus filhos e netos. Essa imobilidade total era algo novo na China. Tradicionalmente, os camponeses sempre puderam mudar, tanto geográfica como socialmente. Eles podiam aspirar à fama e à fortuna — como Mao fizera. Se havia uma epidemia de fome, podiam fugir para as cidades ou outras regiões e, pelo menos, tentar a sorte. Agora, mesmo no melhor dos tempos, jamais poderiam ter esperança de melhorar sua fortuna, exceto quando o governo os alistava no Exército, ou numa fábrica. E, quando a desgraça atacasse, passariam fome ou morreriam em seus povoados.[b]

Certa vez, ao prometer enviar mais soja à Alemanha Oriental, Chou En-lai disse aos seus interlocutores alemães: "Se pessoas passarem fome aqui, será no campo e não nas cidades, como acontece com vocês". Em outras palavras: nossa fome não será vista.

Os camponeses tinham de produzir alimentos para exportação quase sem nenhuma ajuda estatal, fato confirmado ao Conselho Supremo de fachada em 27 de fevereiro de 1957 pelo premiê Chou, quando ele disse claramente: "Nada para a agricultura". Para aumentar a produção, explicou o chefe da agricultura de Mao à sua equipe, "dependemos dos dois ombros e do traseiro dos camponeses" — isto é, do trabalho braçal e do excremento para usar como adubo.

Além de ter de produzir alimentos para pagar pelas importações militares da Rússia e da Europa oriental, os camponeses tinham de entregar produtos

preciosos para compor as doações imensas que Mao fazia a fim de promover suas aspirações de território. A China não somente fornecia alimentos para países pobres como Coreia do Norte e Vietnã do Norte, como os dava com liberalidade para regimes comunistas europeus muito mais ricos, especialmente depois da morte de Stálin, quando Pequim fez circular a ideia de Mao se tornar o líder do campo comunista mundial. Quando a Romênia realizou um congresso mundial da juventude, Mao doou 3 mil toneladas de óleo vegetal, enquanto os camponeses que o produziam ficavam com cerca de um quilo por ano, quantidade que tinha de dar conta de cozimento e iluminação, pois não havia eletricidade na maior parte do campo. Após o levante de 1956 na Hungria, país imensuravelmente mais rico, Pequim mandou ao regime 30 milhões de rublos em mercadorias e cedeu um "empréstimo" de 3,5 milhões de libras esterlinas; e empréstimos, como Mao não cansava de repetir, não precisavam ser pagos.

Em junho de 1953, quando a primeira grande revolta explodiu na Alemanha Oriental, logo após a morte de Stálin, Mao saiu imediatamente em defesa da ditadura comunista e ofereceu 50 milhões de rublos em alimentos. Mas os alemães queriam mais, oferecendo em troca máquinas que não tinham utilidade na China. Os responsáveis pelo comércio externo de Pequim haviam decidido recusar a oferta, mas Mao interveio e ordenou que a aceitassem, com um argumento ridículo: "*Eles estão com muito mais dificuldades do que nós. É nosso mister cuidar deles*" (ênfase de Mao). Foi graças aos alimentos chineses que a Alemanha Oriental conseguiu suspender o racionamento de comida em maio de 1958.

O chinês comum, além de não opinar sobre essa generosidade, não tinha ideia de que havia feito doações tão generosas. O prazer era todo de Mao. Quando Walter Ulbricht, o brutal líder da Alemanha Oriental, foi à China em 1956 e prestou uma homenagem ritual a Mao, este respondeu com grandiosidade: "Vocês não devem nos copiar em tudo". Mao falava como um mentor. E também queria ter certeza de que Ulbricht era suficientemente opressor e perguntou: "Depois de 17 de junho [de 1953, dia da revolta em Berlim Oriental], você prendeu um grande número deles?". Ele sugeriu um "modelo" chinês que os alemães orientais poderiam pensar em copiar: a Grande Muralha. Um muro, disse ele, ajudaria muito a manter fora gente como os "fascistas". Alguns anos depois, foi erguido o Muro de Berlim.

A maior proporção do PIB que os países mais ricos davam em ajuda externa mal excedia 0,5%, e nos Estados Unidos, na virada do milênio, estava muito abaixo de 0,01%. A China de Mao alcançou incríveis 6,92% (em 1973) — a maior ajuda externa que o mundo já testemunhou.

Os camponeses chineses estavam entre os mais pobres do mundo, como Mao sabia muito bem. Ele também estava ciente de que eles estavam morrendo de fome. Em 21 de abril de 1953, às vésperas de lançar o Programa de Superpotência, anotou em um relatório: "Cerca de 10% dos lares agrícolas vão sofrer escassez de alimentos na primavera e no verão [...] até mesmo falta completa de comida". Isso estava acontecendo "todos os anos", escreveu ele. Como poderia o limitado estoque de alimentos do país pagar pelas vastas ambições de Mao? A simples aritmética elementar sugeriria que haveria mortes de fome em massa se ele continuasse mandando aquela quantidade de alimentos para o exterior.

Mao não se importou. Fazia observações indiferentes como: "Têm só folhas de árvores para comer? Que assim seja". Todas as estatísticas e informações econômicas eram altamente secretas, e as pessoas comuns, mantidas na ignorância completa. Estas também eram impotentes para influenciar as decisões políticas. Mas os homens do topo do poder estavam bem informados e um deles, Liu Shao-chi, recuou diante das consequências colossais do programa de Mao. Ele era a favor da industrialização e do status de superpotência, mas queria atingir essas metas em ritmo mais gradual, construindo alicerces econômicos mais fortes e elevando primeiro o padrão de vida.

"Não podemos desenvolver a indústria pesada primeiro", disse a uma plateia pequena em 5 de julho de 1951, porque ela "consome uma tremenda quantidade de dinheiro sem retorno [...] e a única maneira disponível para nós de levantar o dinheiro é causando privações ao nosso povo [...] A vida do povo agora é muito miserável. Precisamos elevar primeiro o padrão de vida do povo", processo que, ele sugeria, levaria dez anos. Essa deveria ser a prioridade do partido. "O povo é muito pobre", escreveu. "Ele precisa desesperadamente de uma vida melhor, uma vida próspera e cultivada." "A tarefa mais básica [do partido] deve ser satisfazer esse desejo." Em outra

ocasião, disse que os camponeses "querem ter roupas novas, comprar meias, usar sapatos, usar [...] espelhos, sabonete e lenços [...] seus filhos querem ir à escola". Era o tipo de linguagem que Mao jamais usava.

Cinco anos mais moço do que Mao, Liu também vinha de uma aldeia de Hunan, distante poucos quilômetros da de Mao. Fora para Moscou em 1921 e entrara para o partido lá, aos 23 anos de idade. Bastante atraente para as mulheres, era um jovem muito sério, cuja única distração era a leitura e que não gostava de conversa fiada. Encontrou-se pela primeira vez com Mao ao retornar a Hunan, em 1922, mas os dois não travaram uma relação especial até o final da década de 1930, quando Liu se tornou seu aliado por compartilhar sua visão fria de que era preciso usar a guerra contra o Japão para destruir Chiang Kai-shek. Mao promoveu-o ao segundo posto mais importante em 1943. Em 1945, quando teve de ir para Chingqing, e de novo em 1949-50, quando foi a Moscou, o líder chinês designou Liu para substituí-lo interinamente. Mao confiava nele como seu principal executivo.

Liu era o lugar-tenente mais capaz que Mao havia encontrado. Também combinava discrição total com uma disposição para estar às ordens do chefe dia e noite. Mao dormia durante o dia e trabalhava à noite e Liu mudou sua rotina para tentar sincronizá-la com a de Mao. Mas o chefe era errático e muitas vezes chamava Liu quando ele estava muito drogado com os comprimidos que, tal como quase todos os auxiliares de Mao, tomava para conseguir dormir. Um dos secretários de Liu relembrou: "Quando o secretário do presidente Mao telefonava, a mensagem era sempre a mesma: Venha neste minuto. [...] Como os comprimidos para dormir funcionavam, [Liu] estava com aparência de muito cansado, em agonia. Com frequência, nem tinha tempo de tomar um gole do chá forte que seu criado lhe fazia e partia para a casa de Mao de imediato". E, o que era mais importante para Mao, Liu não alimentava esperanças de superá-lo.

Mas, quando os comunistas tomaram o poder, surgiram discordâncias sérias entre os dois sobre priorizar a marcha forçada para a criação de uma superpotência militar ou as medidas para melhorar a vida da população. Mao zombava constantemente da defesa que Liu fazia dessa segunda opção, replicando: "Ah, a vida dos camponeses é tão dura — o fim do mundo! Eu nunca havia pensado nisso".

Enquanto Stálin estava vivo, Mao se conteve a fim de não dar ao Chefe qualquer pretexto para interferir e o sabotar. O líder russo tentara

enfraquecê-lo dando atenção a Liu e, ainda por cima, fizera o *Pravda* chamá-lo de "secretário-geral" do PCC.

No início de março de 1953, assim que soube que Stálin estava morrendo, Mao entrou em ação. Primeiro emitiu sinais de que Liu poderia ser substituído. Na época, Liu estava no hospital, depois de retirar o apêndice no final de fevereiro. Mao tratou de mantê-lo internado, chegando ao ponto de impedir que recebesse a notícia da morte de Stálin. Mao foi duas vezes à embaixada soviética, devido à doença e à morte de Stálin, mas Liu não, embora estivesse em condições de se movimentar. Quando o *Diário do Povo* publicou um telegrama com votos de recuperação enviados a Stálin pela Associação da Amizade Sino-Soviética, a mensagem não estava assinada por Liu, que era o presidente da associação, mas por um subordinado, algo extraordinário em termos de protocolo. E Liu foi excluído da cerimônia em memória de Stálin na praça Tiananmen.

Em maio, Mao mandou a Liu uma carta dura e mesmo ameaçadora, que dizia: "Todos os documentos e telegramas emitidos em nome do centro só podem ser enviados depois que eu os ver. *Não sendo assim*, *eles são inválidos* [grifo de Mao]. Tome cuidado". Outra carta ordenava a Liu (além de Chou e o chefe do Exército Peng) "examinar todos os telegramas e documentos emitidos em nome do centro ou do Conselho Militar [...] para ver se há algum [...] que não foi visto por mim [...] No passado, várias decisões [...] foram tomadas sem autorização, sem que eu as tivesse visto. Isso é intoleravelmente errado, e é uma sabotagem das regras". Com efeito, eram palavras muito fortes e se destinavam a fazer Liu suar ainda mais.

Em seguida, veio um ataque aberto e direto a Liu, diante de uma plateia pequena, mas crucial. Em 15 de junho, quando o Politburo se reuniu para ouvir o anúncio do programa de industrialização, Mao condenou Liu com veemência, chamando-o de "direitista". Embora não tenha mencionado seu nome, todos os ouvintes sabiam quem estava sendo atacado. Mao tomara precauções quanto à eventualidade totalmente improvável de Liu usar contra ele a guarda pretoriana, que cuidava da segurança dos dois. Mandou fazer de antemão uma investigação secreta para avaliar as relações de cada membro da guarda com Liu. No dia da reunião, alguns guardas foram arrebanhados e transferidos para fora de Pequim.

Nos meses seguintes, Mao denunciou Liu por tabela diante de plateias

cada vez maiores, criticando protegidos dele como o ministro das Finanças Bo Yi-bo, que criara um sistema tributário que não produziria a receita exigida pelo programa de Mao. Então, em setembro, numa conferência do partido, Mao escolheu um funcionário de escalão menor para insinuar que Liu e seus protegidos tinham passados suspeitos e poderiam ser agentes do inimigo. Tratava-se de uma acusação assustadora. Liu corria o perigo de perder mais do que o emprego.

Mao deixou-o em banho-maria durante meses e então, em 24 de dezembro de 1953, anunciou subitamente ao Politburo que sairia de férias e designava Liu para ficar em seu lugar, o que significava que ele ainda era o segundo em comando. O efeito psicológico de ser assim salvo do precipício foi considerável: Liu cedeu à exigência de Mao de que se retratasse perante seus colegas de poder, o que ele fez, humilhando-se durante três dias e três noites sem parar. Mao conseguiu o que queria: um Liu absolutamente intimidado.

Mao ameaçara substituir Liu por uma pessoa chamada Gao Gang, o líder da Manchúria. Gao era um linha-dura que apoiava totalmente o Programa de Superpotência de Mao. Na alta esfera do poder, fora o crítico mais atuante das ideias de Liu. Mao mostrou que gostava dele e que não gostava de Liu, dando a entender que estava pensando em lhe dar o posto deste. Gao falou com outros membros do alto escalão sobre o que Mao lhe dissera e desempenhou o papel principal no ataque a Liu. Muita gente do círculo interno do governo supôs que ele estava prestes a tomar o lugar do outro.

Então, sem mais nem menos, Mao reintegrou Liu — e expurgou Gao, que foi acusado de "tramar a divisão do partido, a fim de usurpar o poder do partido e do Estado". Tratava-se do primeiro expurgo no alto escalão desde que os comunistas haviam assumido o poder e isso disseminou uma atmosfera de inquietação e temor. Quando o Dalai-Lama chegou a Pequim, logo depois da condenação de Gao, sua comitiva logo o alertou de que o expurgo significava um mau presságio. Foi o primeiro tópico que o Dalai-Lama quis discutir conosco quando o entrevistamos, 45 anos depois.

A verdadeira razão do expurgo envolvia a Rússia soviética. Como chefe da Manchúria, Gao tivera muito a ver com os russos e falara demais, chegando a revelar a Kovaliov, o contato de Stálin, desacordos no Politburo, onde, dizia, Liu chefiava uma "facção pró-americana". Mao ficou sabendo disso quando

esteve em Moscou, em 1949, e Stálin lhe deu um relatório de Kovaliov baseado em conversas com Gao. Este contou a outros russos que Liu era muito leniente com a burguesia. Queixou-se de Chou também, dizendo aos russos que tivera um "choque sério" com ele no Politburo no que se referia à guerra na Coreia.[c]

O fato de Gao ser um tagarela havia sido notado por um casal britânico em Yenan, uma década antes. Segundo eles, Gao era "talvez o mais indiscreto de todos os comunistas que entrevistamos". Eles devem ter ficado bastante surpresos, pois Gao era então um completo desconhecido.

Para Mao, era um tabu absoluto que subordinados falassem sobre os acontecimentos internos de seu regime para alguém de fora. Ao expurgar Gao, queria mandar uma mensagem: a boca nunca está fechada demais, mesmo — e em especial — com os russos. Uma vez que o Programa de Superpotência dependia imensamente da União Soviética, haveria muitos contatos com os russos. Mao temia que a confraternização levasse a um afrouxamento de seu controle e pudesse ameaçar seu poder. Quanto a isso, jamais assumiu qualquer risco. Sua vigilância em antecipar ameaças potenciais foi a principal razão de ele ter morrido na cama. Mao não podia proibir todos os contatos com os russos, então tratou de pôr uma barreira invisível entre seus homens e "os irmãos". Gao propiciou um veículo perfeito para advertir os subordinados. Não sejam muito fraternais com os russos!

Em breve, Mao usaria o caso de Gao explicitamente para ordenar ao alto escalão que revelasse qualquer relação com qualquer russo, o que ele chamou de "contatos ilícitos com países estrangeiros":

> Será que temos gente assim na China, que dá informações a estrangeiros pelas costas do centro [isto é, *eu*]? Penso que existem — Gao Gang, por exemplo [...] Espero que esses camaradas desembuchem totalmente [...] Tudo deve passar pelo centro [*eu* de novo]. Quanto a informações, não as passem [...] Aqueles que passaram informações, confessem francamente e não serão perseguidos. Se não o fizerem, vamos verificar e descobriremos. Vocês estarão em apuros.

Mao não definia o que contava como informação, então a regra básica era simplesmente não falar com estrangeiros sobre *nada*.

Mao designou Chou En-lai para ser o principal "promotor público" contra Gao, enquanto se ausentava. Na reunião de fevereiro de 1954, quando Chou fez seu ataque furioso a Gao (que estava presente), numa medida incomum as canecas de chá foram servidas de antemão, para evitar que os criados

entreouvissem alguma coisa. Mas, como os líderes precisaram de mais água quente, o rapaz do chá entrou na sala. Ele ficou espantado ao ver o usualmente suave Chou transformado e contorcido pela ferocidade, um lado que o mundo externo jamais viu. Chou, o velho assassino, tomara a precaução de levar dois subordinados de confiança armados com revólveres, algo totalmente impensável em reuniões do alto escalão.

Gao ficou deveras chocado com a armação de Mao contra ele e tentou se eletrocutar, sem sucesso, em 17 de fevereiro. Por essa atitude, foi obrigado a pedir desculpas, mas seu pedido foi rejeitado pela costumeira impiedade do partido; seu ato de desespero foi classificado como uma "rematada ação de traidor contra o partido". Ele foi mantido em prisão domiciliar e finalmente conseguiu acabar com a própria vida seis meses depois, após acumular comprimidos para dormir suficientes para resolver o problema.

No mundo comunista, preferia-se sempre uma conspiração a um maquinador solitário. Para compor uma "conspiração", Mao escolheu o chefe do Departamento de Organização, Rao Shu-shi, que foi acusado de formar uma "aliança antipartido" com Gao, embora os dois não fossem particularmente próximos. Entre outras coisas, Rao fora o chefe da rede de espionagem do PCC nos Estados Unidos, e isso foi possivelmente o motivo de Mao querê-lo atrás das grades, pois estava preparando um expurgo no seu sistema de inteligência. Rao foi preso e morreu na prisão vinte anos depois, em março de 1975.

Em 26 de dezembro de 1953, depois de acender o pavio da morte de Gao, Mao celebrou alegremente seu sexagésimo aniversário com seu staff, quando bebeu mais do que o usual e até comeu pêssegos, um símbolo da longevidade, embora não gostasse de frutas. Durante o jantar, cantarolou junto com discos da ópera de Pequim e marcou o ritmo batendo na coxa. Stálin morrera e ele conseguira completar com sucesso duas manobras que eram fundamentais para seu Programa de Superpotência: pusera na linha Liu, seu principal executivo, e vacinara seus altos subordinados contra qualquer possível contágio russo que pudesse pôr em perigo seu poder.

No dia seguinte, ao chegar na pitoresca Hangzhou, à beira de um lago perto de Xangai, estava de tão bom humor que mal podia esperar para jogar

mah-jong. Ele estivera em Hangzhou 32 anos antes, no verão de 1921, depois do I Congresso do Partido Comunista. Naquela ocasião, era um professor sem vintém que viajava graças aos russos. Agora era o senhor da China. Sua visita fora devidamente preparada. Uma famosa herdade da virada do século chamada Água e Bambu fora separada para ele. Era adornada por pequenos lagos artificiais e bambuzais, videiras e palmeiras, e oferecia uma vista panorâmica para o lago Ocidental. As casas de campo vizinhas e os morros dos fundos foram incorporados a uma única herdade enorme que cobria 36 hectares. O morro de trás foi escavado para conter um abrigo nuclear. Mao ficou numa residência requintada, que combinava o estilo clássico chinês com estilos estrangeiros, com colunas, portas e decorações que haviam sido trazidas de navio peça por peça pelo proprietário original. Mas, pouco depois, Mao mandou derrubá-la e substituí-la por sua usual estrutura indefinível e anódina. Os estalos da madeira velha haviam afetado seus nervos com pensamentos sobre assassinos. Ele só se sentia seguro em um bunker de concreto reforçado.

Mao apaixonou-se pela vista. Todos os dias, mesmo quando garoava, escalava os picos próximos, que eram especialmente isolados para ele. Demorava-se junto à flor da ameixeira, cheirando suas pétalas. Conversava e brincava com seu staff. Esse humor foi capturado por seu fotógrafo, em um retrato no qual Mao aparece com bochechas sorridentes, banhado pela luz do sol.

Não demorou para que caísse a maior nevada em décadas. Mao levantou-se às sete horas, um horário bizarro para seus hábitos, e ficou petrificado pela imagem do jardim branco. Depois caminhou por uma trilha coberta de neve que mandou não limpar, para se maravilhar com o lago branco. Compôs então um poema.

A primavera veio, alternando entre dias de garoa e de sol resplandecente, cada dia se abrindo em massas de flores. Durante uma excursão, sua fotógrafa Hou Bo catou um punhado de flores silvestres e deu a Mao. Parece que ninguém sabia o nome da flor, então ele disse: vamos chamá-la de Hou Bo.

Ele inventou uma visita ao local de origem de seu chá favorito, o povoado de Poço do Dragão, que ficava perto. Os camponeses foram devidamente removidos “para uma reunião de massa” — na verdade, para a segurança dele. Mas visitas de surpresa eram consideradas seguras e assim, em outra

ocasião, Mao visitou a casa de um camponês. O casal não entendia uma palavra de seu dialeto de Hunan, nem ele entendia o dialeto deles. Moradores curiosos começaram a aparecer e os guardas de Mao sumiram com ele da vista.

Em uma excursão ao alto do morro, Mao viu uma choupana de sapé em chamas, ao longe. Os moradores estavam do lado de fora, impotentes, enquanto o fogo engolia sua casa. De acordo com a fotógrafa de Mao, ele "se virou para mim com um olhar de relance e disse com frieza: 'Fogo bom. É bom queimar, bom queimar!'".

A fotógrafa ficou pasma. Ao perceber a reação dela, Mao acrescentou: "Sem o fogo, eles continuariam a morar naquela choça".

"'Mas agora que foi destruída pelo fogo, onde eles vão viver?' Ele não respondeu à minha pergunta, como se não tivesse escutado."

Mao não tinha resposta para essa pergunta. Durante todo o seu reinado, os camponeses tiveram de se virar sozinhos no que tangia à moradia. O Estado não oferecia financiamento. Até nas áreas urbanas, afora apartamentos para a elite e blocos residenciais em complexos industriais, praticamente nenhuma habitação foi construída.

Observando a cabana de sapé se transformar em cinzas, Mao acabou dizendo para si mesmo: "Hum, realmente limpo se a terra caiu para completar o vazio e o nada!".

Tratava-se de um verso do clássico *O sonho do pavilhão vermelho*. Mas Mao estava fazendo mais do que recitar poesia. Tratava-se de um eco da atração pela destruição que expressara de modo alarmante na juventude. Ele continuou: "Isso se chama 'Nenhuma destruição, nenhuma construção'".

Para Mao, construção relacionava-se tão somente com tornar-se uma superpotência. Em Hangzhou, começou a revisar o rascunho da primeira "Constituição", algo em que enfim pensava, depois de mais de quatro anos no poder. Entre as coisas que queria revisar estava a promessa de que seu regime protegeria a segurança e os direitos legais de "todos os cidadãos". Mao sublinhou as palavras "todos os cidadãos" e escreveu na margem: "O que é exatamente um cidadão?".

Os bajuladores haviam sugerido que o documento se chamasse "Código de Mao Tse-tung", numa clara referência ao código napoleônico. Mao rejeitou a ideia. Era avesso à lei e não queria nada que o prendesse. Com efeito, por mais débil que fosse, a Constituição logo seria descartada totalmente.

Um dia, Mao visitou um templo que fora, como de costume, esvaziado por motivos de segurança, exceto por um monge cego. Sobre o altar havia um recipiente de madeira com tiras de bambu para adivinhação e Mao pediu que sua fotógrafa pegasse uma tira para ele. Ela sacudiu o recipiente, tirou uma tira e foi até uma estante de livros que continha velhos livros de poesias para encontrar o verso referido na tira. Ele dizia: "*Sem paz, dentro ou fora de casa*". Não havia como apresentar esse verso infausto, então ela pegou rapidamente outro, que continha uma mensagem alegre e provocou risos.

A adivinhação era misteriosamente correta. Madame Mao viera com a filha, Li Na, para passar o ano-novo chinês, época tradicional de reunião familiar. Mas a visita acabou com ela em lágrimas, pedindo um avião para ir embora. Hangzhou, famosa não somente por seu cenário, mas também por suas mulheres, havia despertado o desejo sexual de Mao. Ele retornaria 41 vezes, em parte por esse motivo. Gostava de mulheres jovens e de aparência inocente, que seus subordinados buscavam para que fossem parceiras nos bailes semanais e na subsequente fornicação.

Mao não sentia mais interesse sexual pela esposa. Mesmo antes de 1949, seu médico russo Orlov já tratava "de problemas sexuais" dele com ela (Orlov referiu-se acidamente a ela como "a Rainha" em telegrama a Stálin). Depois, madame Mao sofreu graves problemas ginecológicos, dos quais se tratou na Rússia, sob o pseudônimo de "Iussúpova", pois ficou em um palácio em Ialta que pertencera ao príncipe Iussúpov, o homem que matara Raspútin (palácio no qual Stálin havia ficado durante a conferência de Ialta). Sua doença quase com certeza afastou Mao ainda mais. Ele se tornou cada vez mais descarado em suas infidelidades. Certa vez, madame Mao foi encontrada chorando junto ao lago de Zhongnanhai. "Não conte a ninguém", disse ao homem que a viu, o médico de Mao. "O presidente é alguém que ninguém, nem mesmo Stálin, pode vencer na luta política, e também não pode ser vencido na conquista de mulheres." Ela tornou-se cada vez mais difícil e histérica e descarregava sua fúria e frustração nos criados: acusava suas enfermeiras de "atormentá-la deliberadamente", batia nelas e exigia que fossem punidas.

Enquanto isso, como a adivinhação da tira de bambu estranhamente descrevia, um bom número de colegas de Mao passava por perturbação e pavor. Para a nação como um todo, a política econômica estava prestes a se tornar drasticamente mais dura à medida que o Programa de Superpotência

passou a ser implementado.

a Em setembro de 1952, Chou disse a Stálin que a China também poderia “coletar” até 1,6 bilhão de libras esterlinas e mais 200 milhões de dólares em um prazo de cinco anos, graças “principalmente” ao que chamou de “contrabando”.

b A ameaça de expulsão para o campo funcionava como um poderoso freio para que os moradores das zonas urbanas não saíssem da linha. Todos sabiam que ser jogado no campesinato significava não somente uma labuta insana para eles e suas famílias, como a perda de qualquer certeza de poder ganhar a vida, e que a infelicidade cairia também sobre as gerações futuras.

c Que Gao falara demais foi confirmado pelo alto assessor soviético na China Arkhípov. Quando o pressionamos sobre o tema, ele nos lançou um olhar gelado e perguntou, num tom de voz diferente: “Por que vocês querem saber tanto sobre Gao Gang?”.

37. Guerra aos camponeses (1953-56; 59-62 anos)

A partir do outono de 1953, foi imposto o confisco em todo o país, a fim de extrair mais alimentos para pagar pelo Programa de Superpotência. Seguiu-se o sistema de um campo de trabalhos forçados: deixar para a população apenas o suficiente para mantê-la viva e tomar todo o resto. O regime decidiu que a subsistência consistia de uma quantidade de comida equivalente a duzentos quilos de grãos processados por ano, e isso foi chamado de "alimentação básica".

Mas essa quantidade raramente foi atingida durante o governo de Mao. Em 1976, quando ele morreu, após 27 anos no poder, a média nacional era de apenas 190 quilos. Enquanto os habitantes urbanos ganhavam mais, o consumo médio dos camponeses era consideravelmente menor que 190 quilos.

Mao queria que os camponeses tivessem muito menos do que isso. Eles "precisam somente de 140 quilos de grãos, e alguns precisam de apenas 110", declarou. Essa última quantidade era a metade do necessário para a mera subsistência. Embora o mínimo escolhido por Mao não tenha sido aplicado nesse estágio, os resultados desse método de "espremer tudo" foram dolorosamente descritos por alguns camponeses a um funcionário solidário, após um ano da aplicação do confisco. "Nenhuma família tem o suficiente para comer." "Trabalhei durante um ano e, no fim, tenho de passar fome por alguns meses [...] Meus vizinhos estão na mesma situação." "A colheita não é ruim, mas de que serve? Por mais que a gente colha, de qualquer jeito não sobra o suficiente para comer [...]." Quanto à "alimentação básica", "ninguém teve isso". Em teoria, quem estivesse com fome deveria poder comprar de volta algum alimento, mas as quantidades nunca eram adequadas e Mao costumava repreender os funcionários — "Estão vendendo de volta grãos demais!" — e os incitar a cortar as quantidades "drasticamente".

A resposta de Mao à situação difícil dos camponeses foi impiedosa. Eles deveriam comer folhas de batata-doce, que eram usadas tradicionalmente apenas para alimentar os porcos. "Eduquem os camponeses para comer menos e usar mingau mais ralo", instruiu. "O Estado deveria tentar ao máximo [...] evitar que os camponeses comam demais."

Bo Yi-bo, um dos administradores econômicos de Mao, reconheceu depois que, dentro da política de confisco, "a maior parte dos alimentos que os camponeses produziam foi levada embora". E o uso da "força", disse ele, era comum; as pessoas eram "conduzidas à morte". Essa violência foi endossada especificamente por Mao, que discutiu as consequências do confisco com seu arquiteto Chen Yun, em 1º de outubro de 1953. No dia seguinte, ele disse ao Politburo que eles estavam "em guerra" com toda a população: "Essa é uma guerra aos produtores de alimentos — bem como aos consumidores de alimentos", referindo-se à população urbana, que foi então sujeita a um racionamento sem precedentes. Para justificar o tratamento dos camponeses como inimigos, a justificativa tola de Mao era de que "Marx e Engels nunca disseram que todos os camponeses eram bons". Dias depois, quando transmitiu as instruções de Mao aos líderes provinciais encarregados de confiscar os alimentos, Chen Yun disse que eles deveriam estar preparados para mortes e tumultos em 100 mil aldeias — um décimo de todas as aldeias da China. Mas assegurou-lhes que isso não poria em risco o regime comunista, fazendo uma comparação com Manchukuo, onde os japoneses haviam confiscado grandes quantidades de grãos: "Manchukuo não teria caído se o Exército Vermelho soviético não tivesse vindo". Em outras palavras, a força bruta ao estilo japonês garantiria que os camponeses não pusessem em perigo o regime, por mais que este os espremesse.

No início de 1955, o confisco já causava desgraça total. Mao recebeu numerosos relatórios sobre camponeses que eram obrigados a comer cascas de árvores e que abandonavam seus bebês porque não tinham comida. Mao havia instalado muitos canais para recolher informações na base, pois precisava manter os ouvidos abertos para permanecer no controle. Um canal era constituído por seus guardas. Naquele ano, quando foram para casa visitar suas famílias, ele lhes pediu que contassem o que se passava em suas aldeias. O retrato que pintaram era triste. Um deles escreveu que metade das

famílias de sua aldeia estava sem comida e tivera de comer folhas das árvores naquela primavera. Outro relatou que as pessoas dependiam de ervas daninhas para se alimentar e estavam morrendo de inanição.

De outros canais, Mao ficou sabendo que as pessoas estavam dizendo coisas como "o que é que tem de bom o socialismo? Mesmo agora, quando acabamos de começar, não temos direito a óleo de cozinha", e "o Partido Comunista está levando as pessoas à morte!". Um funcionário então desconhecido da província de Guangdong chamado Zhao Zi-yang (que se tornou premiê na era pós-Mao) relatou que os quadros revistavam as casas, amarravam camponeses e os espancavam para forçá-los a entregar alimentos, e trancavam as casas daqueles que diziam não terem mais nada. Ele citava o caso de uma velha que se enforcou depois de ser aprisionada dentro de casa. Em um condado não atípico, Gaoyao, 110 pessoas foram levadas ao suicídio. Se esse número for extrapolado para os mais de 2 mil condados do país, a quantidade de suicídios nas áreas rurais nesse curto período chegaria perto de um quarto de milhão.

Alguns indivíduos corajosos enviaram petições a Mao. Um proeminente simpatizante escreveu-lhe para contar que recebera muitas cartas dizendo que os camponeses não tinham energia suficiente para trabalhar porque lhes sobrava muito pouca comida. Mao resumiu: "Dez mil relatórios [10 mil significa grande número] sobre mortes de seres humanos, mortes de animais, sobre gente atacando celeiros: 10 mil relatórios de escuridão". Mas permaneceu totalmente insensível. Iria punir o simpatizante com o que chamou com desdém de "uma boa dose de perseguição". Mao era dado a dizer airosamente que as pessoas "não estavam sem comida o ano todo — apenas seis [...] ou quatro meses" (*sic*). Funcionários superiores que invocavam o conceito tradicional de consciência (*liang-xin*) para implorar-lhe moderação viram-se repelidos com comentários do tipo: "É melhor você ter menos consciência. Alguns de nossos camaradas têm misericórdia demais e não suficiente brutalidade, o que significa que não são tão marxistas". "Em relação a essa questão, nós, de fato, não temos consciência! O marxismo é brutal assim."

Mao tornou-se ainda mais exigente a partir de meados de 1955, ao forçar a coletivização de todo o campo chinês, com o objetivo de facilitar o confisco. Antes, os camponeses podiam ter colheitas próprias e levá-las para casa antes de entregar a "parte" do Estado. Para Mao, isso abria uma brecha: os

camponeses podiam registrar uma colheita menor e esconder uma parte dela, e fiscalizar quase 100 milhões de residências não era fácil. Com a coletivização, no entanto, toda colheita ia diretamente dos campos para as mãos do Estado, dando ao regime controle completo sobre sua alocação. Como disse um camponês: "Depois que você entra para o coletivo, só ganha a comida que o governo distribui para você".

Para Mao, a outra imensa vantagem da coletivização era que tornava muito mais fácil manter os camponeses sob vigilância quando estavam no trabalho. Com ela, veio a escravização. A partir de então, o Estado ditou a que horas os camponeses deveriam trabalhar, e quanto. Um editorial do *Diário do Povo* do ano-novo de 1956 deixava claro que o objetivo era fazer os camponeses dobrarem suas horas de trabalho. Um alvo especial de Mao eram as mulheres: aquelas que não costumavam trabalhar no campo teriam de fazê-lo agora.

Para reprimir a resistência ao confisco e à coletivização, Mao atacou com sua velha panaceia: terror. Em maio de 1955, ele falou sobre outro "Plano Quinquenal", dessa vez de repressão: "Precisamos prender 1,5 milhão de contrarrevolucionários em cinco anos [...] Sou totalmente a favor de mais prisões [...] Nossa ênfase é: prender muito, muitíssimo". Usando a linguagem escatológica que adorava, acrescentou: "Meus peidos [isto é, ordens] são peidos socialistas, eles têm de ser perfumados", isto é, obedecidos. Aqueles que resistissem ao confisco de alimentos ou à coletivização, bem como os funcionários que lhes fossem simpáticos, eram chamados de criminosos e notícias que anunciavam suas sentenças eram coladas nos muros de todo o país.

A coletivização da agricultura marcou um grande passo no sentido de tornar a China ainda mais totalitária. Ao mesmo tempo, Mao ordenou a estatização da indústria e do comércio em áreas urbanas, para canalizar todos os recursos para o Programa de Superpotência. Porém, os homens de negócios não foram perseguidos como os proprietários rurais, por motivos pragmáticos. Nas palavras de Mao, "Os burgueses são muito mais úteis do que os terratenentes. Eles têm know-how técnico e capacidade gerencial". Não obstante, tratou então de desperdiçar esses talentos administrativos e técnicos de forma espetacular. Além disso, o glorioso artesanato chinês definhou nos anos seguintes. O número de lojas de conserto e manutenção diminuiria, aumentando muito a miséria da vida cotidiana. "Nós começamos

o socialismo e tudo desaparece", observou Liu Shao-chi com veemência.

Para pôr os servidores do Estado na linha, Mao lançou uma campanha em que não menos de 14,3 milhões de homens e mulheres passaram por um escrutínio aterrorizador que envolvia "confissões e informações", frequentes reuniões de denúncia pública e abuso físico. Escritórios e prédios residenciais foram transformados em centros de detenção, assim como estádios esportivos e dormitórios universitários. Mao decretou que "os contrarrevolucionários [...] compõem [...] cerca de 5%" dos investigados, o que significaria que 715 mil pessoas seriam condenadas e receberiam punições variadas, inclusive execução. Na verdade, Mao indicou que mais gente do que isso poderia ser incluída, como diz uma de suas instruções: "Sempre que esse número for superado [5%], é preciso obter uma autorização".

Essa campanha foi acompanhada por um aperto na literatura e nas artes. Com sua característica meticulosidade, Mao começou a estrangular a cultura a partir do momento em que tomou o poder. A indústria cinematográfica foi praticamente fechada. Em 1950, foram produzidos 39 filmes de ficção; em 1952, apenas cinco. Em 1954, ele começara um movimento para erradicar a influência dos grandes escritores, historiadores e eruditos não comunistas, alguns dos quais haviam fugido para o exterior, ou para Taiwan. Agora, voltava-se contra aqueles que tinham ficado e que mostravam alguma independência. Mao escolheu um escritor bem conhecido chamado Hu Feng, que havia pedido um ambiente artístico mais liberal e tinha seguidores. Em maio de 1955, Hu foi denunciado publicamente e jogado na prisão, da qual só saiu, com a mente destruída, após a morte de Mao, mais de duas décadas depois.

O caso de Hu Feng ganhou manchetes na imprensa. E serviu a outro propósito: assustar as pessoas para que não escrevessem umas às outras sobre suas opiniões. A correspondência entre Hu e seus seguidores foi publicada, revelando ideias críticas ao regime, e foi apresentada como prova contra eles. Em consequência, as pessoas passaram a ter medo de colocar ideias no papel. A impossibilidade de escrever seus pensamentos, além de não poder expressá-los de viva voz, ou tê-los de censurar todo o tempo, acabou por minar a capacidade das pessoas de formar juízos independentes.

O terror funcionou. No início de 1956, Mao contou ao alto escalão:

> A primeira metade de 1955 foi simplesmente abominável [...] com nuvens negras em todo o céu [...] Havia maldições contra nós em toda parte. As pessoas diziam que não éramos bons. Tudo porque [tomamos] um pouco de grãos. Na segunda metade do ano, as maldições desapareceram. A boa colheita e a coletivização foram dois grandes eventos felizes, e depois houve o expurgo dos contrarrevolucionários, outro evento feliz.

Outro evento "feliz" sobre o qual Mao ficou calado foi, sob vários aspectos, o mais significativo de todos. Ele obtivera aquilo que mais desejava: a tecnologia inicial para fazer a bomba atômica.

Em 1953, não conseguira a bomba de Moscou por meio do expediente de tentar prolongar a guerra na Coreia. Mas logo encontrou uma nova maneira, começando *outra* guerra, dessa vez relacionada com Taiwan. Em julho de 1954, Pequim deu sinais de estar preparando seriamente uma guerra contra a ilha nacionalista. Chou En-lai foi a Moscou e passou a mensagem de Mao ao Kremlin: precisava de uma guerra para "libertar Taiwan".

Na verdade, os chefes militares chineses lhe tinham dito que havia poucas chances de sucesso na travessia do mar, e ele decidira não atacar Taiwan enquanto não estivesse pronto. O objetivo desse alarido sobre atacar Taiwan era na realidade empurrar a situação para a beira de um conflito nuclear com os Estados Unidos, o que confrontaria a Rússia com a possibilidade de ter de retaliar em nome da China, exceto se Mao tivesse a bomba.

Em 3 de setembro, a artilharia da China continental abriu fogo sobre a ilha nacionalista de Quemoy, que fica a poucos quilômetros da costa e era considerada um trampolim para qualquer ação contra Taiwan. Isso detonou o que se tornou conhecido como a "primeira crise do estreito de Taiwan". As autoridades americanas consideraram que a crise era entre Washington e Pequim, mas, na verdade, era um estratagema para Mao exercer pressão sobre Moscou.

Pouco depois, Nikita Khruchióv, que acabara de assumir o comando no Kremlin, chegou a Pequim para a comemoração do quinto aniversário do regime comunista chinês, em 1º de outubro de 1954, acompanhado por várias altas autoridades soviéticas, algo inimaginável na época de Stálin. Khruchióv chegou decidido a estabelecer as melhores relações possíveis. Procurou apagar boa parte dos erros de Stálin, oferecendo-se para eliminar os anexos secretos do tratado de 1950 que prejudicavam os interesses da China. Concordou também em fornecer mais equipamentos para as 141 fábricas bélicas já em funcionamento e vender a Mao outras quinze

empresas, além de oferecer um novo empréstimo de 520 milhões de rublos.

Mao aproveitou imediatamente a iniciativa e solicitou ajuda para construir a própria bomba atômica a fim de dissuadir os americanos. Khruchióv perguntou o que poderia provocar um ataque dos Estados Unidos e ele citou a crise de Taiwan. Khruchióv tentou dissuadi-lo de construir sua bomba prometendo abrigo sob o guarda-chuva nuclear da União Soviética e garantindo que retaliaria caso a China fosse atacada. O líder russo também mencionou o argumento econômico de que fazer a bomba seria caro demais para a China. Mao comportou-se como se seu orgulho nacional tivesse sido ofendido. Embora isso tenha irritado Khruchióv, o líder soviético prometeu com relutância pensar em ajudar a China a construir um reator nuclear.

Pouco depois que Khruchióv partiu, Mao aumentou a crise ao bombardear e metralhar outras ilhas nacionalistas. O presidente Eisenhower reagiu concordando em assinar um tratado de defesa mútua com Taiwan. Mao foi em frente, aparentemente decidido a tomar as ilhas de Quemoy e Matsu — e mais. Sua intenção era cutucar os americanos para que ameaçassem usar armas nucleares. Em março de 1955, os Estados Unidos disseram que usariam armas nucleares em certas circunstâncias. No dia 16, Eisenhower disse deliberadamente numa entrevista coletiva que não via motivo para que não fossem usadas "exatamente como se usa uma bala ou outra coisa". Mao conseguira o que pretendia — uma situação em que a China parecia correr um perigo real de ataque nuclear americano.

Como não queria entrar num confronto nuclear com os Estados Unidos, Khruchióv tomou a momentosa decisão de dar à China a assistência técnica para fazer a bomba.

Naquela ocasião, a existência de depósitos substanciais de urânio na província de Guangxi havia sido confirmada. Mao ficou extremamente excitado e pediu de imediato uma demonstração, em 14 de janeiro. O chefe da geologia Liu Jie relembrou:

> Pus o minério de urânio sobre a mesa e [...] passei o contador Geiger por cima. O contador Geiger começou a fazer "ga-ga-ga [...]" O presidente Mao ficou muito intrigado. Ele riu como uma criança e pegou o contador Geiger, passou-o por cima do minério, escutando o som "ga-ga" de novo [...] quando me despedi [...] Mao segurou minha mão e disse: "Liu Jie, ah! Quero que você saiba que está fazendo a coisa que decide nosso destino!".

Depois, houve um banquete. O brinde de Mao foi direto ao ponto:

“Bebamos [...] por ter nossas bombas atômicas o mais rápido possível!”.

Em abril, os russos concordaram em construir na China os dois requisitos essenciais para fazer a bomba: um ciclotron e um reator nuclear. Mao estava a caminho de se tornar uma potência nuclear. Grandes grupos de cientistas chineses partiram para receber treinamento na Rússia. Em dezembro, chegou a notícia de que os russos haviam prometido ajudar a construir uma indústria nuclear abrangente na China. Mao estava extasiado. Com a assessoria de cientistas russos, foi traçado um plano nuclear de doze anos. No final de 1956, Mao disse a seus auxiliares que estava mais animado do que quando conquistara a China, seis anos antes. Sentia-se no topo do mundo e anunciou em tom grandioso para seu círculo íntimo: “Precisamos controlar a Terra!”.

* * *

Para corresponder ao plano nuclear de doze anos, em janeiro de 1956 Mao e um grupo de seus camaradas traçaram um plano de doze anos para a agricultura. Tratava-se, na verdade, de um esquema para extrair muito mais alimentos a fim de financiar seu Programa de Superpotência atualizado e expandido. Os camponeses teriam de produzir o equivalente a 500 bilhões de quilos de grãos por ano ao final de doze anos, mais do que o triplo da maior produção anual até então registrada no país (em 1936). E o plano teria de ser cumprido praticamente sem investimentos, nem mesmo em fertilizantes.

A essa altura, Mao encontrou novas resistências — dessa vez de quase todo o Politburo, liderado pelo usualmente sempre fiel Chou En-lai, que estava encarregado do planejamento, com o apoio de Liu. Todos sabiam que a produção astronômica de Mao era inatingível. Ele estabelecera a quantidade por um processo de “cálculo retroativo”, em que não partira da realidade, mas da quantidade de alimentos que precisaria para financiar suas compras. A conclusão óbvia era que seu plano implicaria extrair dos camponeses uma porcentagem muito maior da colheita do que antes. Como o campesinato já estava vivendo no fio da navalha, milhões de pessoas, no mínimo, cairiam na fome e na morte.

Ao perceber as implicações, em fevereiro de 1956 Chou cortou em um quarto os gastos com projetos industriais. Ele queria tanto quanto Mao que a China fosse uma superpotência, mas estava disposto a encarar o fato de que o

país não tinha recursos suficientes para pagar por tudo que Mao queria, muito menos simultaneamente. Então optou por se concentrar no programa nuclear e projetos essenciais e cortar outros projetos, o que de todo modo era necessário, devido à escassez de materiais básicos como aço, cimento e madeira.

Porém, Mao queria todos os projetos, e todos ao mesmo tempo. Além de sua atitude irresponsável em relação ao bem-estar de seus súditos, não tinha noção alguma de economia. Segundo Bo Yi-bo, naquela época ele pedia para ler e ouvir os relatórios dos ministérios, mas "achava extremamente cansativo" e se queixava que os relatórios continham "apenas listas e números chatos, e nenhuma história". Certa vez, enquanto ouvia um ministro, franziu as sobrancelhas e disse que aquilo era "pior do que estar na prisão" (onde jamais estivera). Chou En-lai viu-se admoestado por "inundar o presidente Mao com materiais e números entediantes". Mao tinha dificuldades até com números básicos. Uma vez, numa conversa sobre comércio com o Japão, suas anotações preparadas continham uma quantia de 280 milhões de dólares, mas uma linha depois ele escreveu 380 milhões, errando o cálculo em 100 milhões. "Estatísticas e números não eram de forma alguma sagrados para ele", observou Edvard Kardelj, o segundo em comando da Iugoslávia, após encontrar Mao, em 1957. "Ele disse, por exemplo, 'em duzentos anos, ou talvez quarenta'." Ivan Arkhípov, principal assessor econômico soviético na China, contou-nos, com um suspiro de exasperação, que Mao "não tinha nenhuma compreensão, absolutamente nenhuma compreensão" de economia.

Em abril de 1956, ele disse a seus colegas que os cortes deveriam ser restaurados, mas por uma vez eles bateram o pé. Mao dispensou a reunião, furioso. Depois, Chou foi vê-lo e implorou que aceitasse os cortes, dizendo, numa atitude extraordinária, que sua "*consciência* não permitiria" que obedecesse às ordens dele. Isso deixou Mao louco de raiva, mas não conseguiu impedir os cortes.

Os colegas de Mao bateram pé porque, embora fossem durões, as consequências — milhões de mortes por inanição — seriam medonhas. Além disso, se sentiram encorajados por um evento que acabara de acontecer em Moscou. Em 24 de fevereiro de 1956, no XX Congresso do Partido Comunista, Khruchióv havia denunciado Stálin por suas matanças e

comportamento tirânico — e pelos custos de sua industrialização em ritmo de marcha forçada, um processo que, na verdade, era muito menos extremo do que o de Mao viria a ser. Os colegas de Mao começaram a criticar Stálin em relação a essas mesmas questões (sempre dentro do círculo interno do poder). Liu disse que a política camponesa de Stálin era um de seus "maiores erros". Lo Fu observou que Stálin "punha demasiada ênfase na [...] indústria pesada" e disse: "Quando eu era embaixador na Rússia, ia às lojas e não achava quase nada para comprar. Eles também estão sempre com escassez de alimentos [...] Deveríamos tirar uma grande lição disso". "Cometeremos grandes erros se ignorarmos a agricultura", disse Chou ao Conselho de Estado em 20 de abril. "Todas as lições na União Soviética e nos países do Leste Europeu provam isso." Não era preciso mencionar os paralelos com as práticas do líder chinês.

Mao não se importava com as denúncias contra Stálin, mas não pelos mesmos motivos, que estavam no cerne de seu regime. Ele tentou manter a linha com a tosca formulação de que Stálin estava 70% certo e somente 30% errado. Os 30% não tinham a ver com assassinato, tortura e má gestão econômica, mas principalmente com o modo como Stálin havia tratado Mao Tse-tung.

Mas Mao não podia se posicionar abertamente contra Khruchióv, que tinha consigo a autoridade da União Soviética, a cabeça do campo comunista — e estava lhe dando tantas fábricas de armas, além da bomba. Mais do que isso, a súbita e drástica denúncia de Stálin havia surpreendido Mao, que teve de prestar atenção ao novo líder. Como ele mesmo observou, a atitude de Khruchióv havia desestabilizado todo o campo comunista e "sacudido o mundo inteiro". Ela provocou-lhe estupefação e fez com que sentisse que estava tratando com alguém extraordinariamente corajoso, imprevisível e com quem era melhor não brincar. Ele comentou várias vezes, em tom pensativo: "Khruchióv tem mesmo peito, ele ousa tocar em Stálin". "Para isso, é preciso realmente coragem."

Mao percebeu que tinha de tomar cuidado. Nessa situação, não podia refutar seus colegas quando eles citavam Khruchióv para se oporem a suas políticas. Frustrado e irado, saiu de Pequim para pensar numa solução nas províncias. Os chefes provinciais (conhecidos como primeiros-secretários) constituíam um grupo especial selecionado por sua devoção cega. Tinham de ser totalmente servis, pois a eles cabia impor a vontade de Mao a todos os

cantos do vasto país.

Partidas súbitas e imprevistas eram rotina para Mao, mas dessa vez ele deixou Pequim de uma maneira sem precedentes. No meio de uma noite do final de abril, telefonou pessoalmente para Liu Ya-lou, chefe da Força Aérea e seu fiel seguidor, e lhe disse para ter aviões preparados para partir. Mao jamais andara de avião, exceto em 1945, na ida para Chongqing, por pressão de Stálin. Agora, não podia esperar para estar entre seus comparsas.

Era o primeiro voo de Mao em sua própria frota aérea e foram tomadas medidas extraordinárias para seu conforto e sua segurança. Uma grande cama de madeira foi instalada no avião e a tripulação só ficou sabendo quem era o passageiro no último minuto. A eles, Mao pareceu um tanto distraído; sentado em silêncio, deixou o cigarro queimar numa longa coluna de cinza, até que, de repente, pareceu acordar e ordenou a decolagem do avião. Desceu primeiro em Wuhan, onde foi recebido pelo chefe local, um arquidevoto, que havia instalado uma grande estátua de seu líder na sala de espera do aeroporto — talvez uma das primeiras da China. Mao demonstrou aborrecimento, pois isso estava acontecendo logo após Khruchióv ter denunciado o culto à personalidade, e disse ao devoto para se livrar da estátua; mas o homem não conseguiu saber se Mao estava falando realmente a sério, e a estátua ficou.

Mao foi então à capital da província meridional de Cantão, para se encontrar com outro acólito, além de madame Mao. Sua vasta herdade nessa região, a "Ilhota", ficava no rio Pérola, e o tráfego fluvial foi interrompido para isolar aquele trecho do rio. O séquito de Mao foi proibido de receber visitas ou cartas e de dar telefonemas, e sobretudo de sair. O tempo estava quente e mesmo cinco barris gigantescos de gelo no quarto de Mao não faziam grande diferença. A propriedade, cheia de arbustos tropicais, estava infestada de pernilongos e maruins. Trouxeram DDT de Hong Kong para matá-los, sem sucesso total. Mao perdeu a paciência com os criados, a quem acusou de matar poucos insetos com tapas.

O que estava realmente irritando Mao eram os eventos em Pequim, onde seus colegas, em especial Liu e Chou, continuavam a desafiar seus desejos e até pressionavam mais para cortar projetos industriais-militares. Com fúria frustrada, Mao decidiu mandar-lhes um sinal de advertência peculiar. No fim de maio, trocou Cantão por Wuhan para nadar no Yangtze, o maior rio da

China. Queria demonstrar sua resolução de enfrentar seus oponentes e sua resistência para levar a cabo a batalha.

Em Wuhan, o Yangtze alarga-se muito e várias pessoas de sua comitiva tentaram dissuadi-lo da façanha. Mas Mao sentia-se seguro. Como observou um de seus guardas, ele "não faria nada [...] que fosse arriscado". Mais tarde, Mao quis nadar nas gargantas do Yangtze, mas desistiu da ideia no minuto em que ficou sabendo que a água era muito traiçoeira. Em Wuhan, uma grande quantidade de funcionários, do chefe da província para baixo, juntou-se aos homens da segurança para testar os redemoinhos e contracorrentes. Quando Mao finalmente entrou na água, dezenas de guardas especialmente treinados formaram um cordão ao seu redor, seguidos por três barcos.

Mao atravessou o rio a nado em três ocasiões. Havia ventos fortes e grandes ondas, mas ele não se perturbou, ostentando sua força. Antes da primeira vez, posou para fotografias na proa do barco, olhando para sua comitiva "como uma montanha inabalável". No último dia em que nadou, sob garoa, dezenas de milhares de pessoas foram organizadas para observá-lo à distância, gritando "Viva o presidente Mao!". Essa rara aparição pública foi a maneira de ele mandar sua mensagem aos colegas. Ele mostrou ainda mais sua determinação em um poema sobre as travessias a nado. Em um trecho, dizia:

Não me importo — se os ventos me açoitam ou as ondas me batem,
Enfrento todos, com mais pachorra do que passeando no jardim do pátio.

Em Pequim, seus companheiros não arredaram pé. Em 4 de junho, o Politburo endossou mais cortes de despesas e cancelou mais projetos industriais. Mao retornou à capital naquela tarde, mas sua presença não fez nenhuma diferença.

No dia 12, Liu mandou-lhe um rascunho de um editorial que havia encomendado ao *Diário do Povo*. Seu alvo, como declarava o título, era "a mentalidade da impaciência". O texto criticava as pessoas que "planejam ações acima de seus meios, e tentam forçar coisas que não podem ser alcançadas", "querem fazer tudo em uma manhã" e "assim criam desperdício". E continuava: "Essa mentalidade da impaciência existe em primeiro lugar e sobretudo entre os quadros da liderança", que estavam "forçando" o país a adotá-la. Como Mao diria depois, essas críticas dirigiam-

se obviamente a ele. Em fúria, rabiscou três caracteres no papel: "Não vou ler". Mas o editorial foi publicado mesmo assim.

O problema de Mao era que ele estava vivendo um momento de grande incerteza — de certo modo, mais incerto do que na época de Stálin, que tinha um compromisso fundamental com ele, porque Mao era um stalinista. Mas Khruchióv rejeitara o stalinismo e não havia como saber se aquele *bulldozer* não ia se voltar contra os líderes stalinistas — talvez até contra o próprio Mao. Com efeito, ele acabara de derrubar o líder húngaro Rákosi, o único comunista europeu em que Stálin confiara para deixar falar com Mao durante a visita à Rússia. Além disso, em agosto, encorajada pela denúncia de Stálin feita por Khruchióv, houvera, na Coreia do Norte, uma tentativa de tirar o aparentemente bem entrincheirado ditador Kim Il Sung do poder pelo voto em uma plenária do partido.

Mao também estava diante de um conclave: o primeiro congresso do PCC desde a tomada do poder, que estava marcado para setembro. Ele não podia postergá-lo, pois o evento fora amplamente divulgado e o novo clima, após as denúncias de Khruchióv, era o de obedecer às regras. A preocupação de Mao era que, caso se sentissem encurralados, seus colegas de poder poderiam tentar alguma coisa no congresso, tal como chutá-lo escada abaixo, ou até votar sua exclusão, denunciando todas as implicações do Programa de Superpotência. Havia poucas semanas, Anastas Mikoian, o delegado de Khruchióv ao congresso de Mao, supervisionara o destronamento de Rákosi na Hungria.

Mao tomou uma série de medidas para evitar que o congresso representasse uma ameaça. Primeiro, disparou tiros de advertência aos seus colegas. Alguns dias antes do evento, em 10 de setembro, lembrou-os de toda a oposição que havia enfrentado no passado e de como sempre triunfara. Numa atitude incomum, confessou que cometera "erros" no passado, mencionando o expurgo do início dos anos 1930 e os dois maiores desastres da Longa Marcha, Tucheng e Maotai, que ele chamou de "os verdadeiros erros". Ao contrário do que se poderia pensar, não se tratava de um pedido de desculpas, mas de uma forma de mandar a seguinte mensagem: nada pode me derrubar; nenhum desses erros, por mais desastrosos, fez a menor diferença. Então, nem tentem.

Mas a principal tática de Mao foi parecer conciliador e disposto a um

acordo. Permitiu que seu culto fosse menosprezado, autorizando que a expressão "Pensamento de Mao Tse-tung" fosse retirada do estatuto do partido — embora tenha compensado isso com outras formas de autopromoção, como ser retratado como o líder sábio que sempre rejeitara o culto. No fim, conseguiu virar a onda contra o culto da personalidade a seu favor, fazendo com que os retratos de seus colegas fossem retirados e livrando-se de slogans como "Viva o comandante em chefe Zhu De!" e se tornando o único foco de devoção.

Mao deu a impressão de que estava fazendo outras concessões importantes, como deixar seus colegas falar sobre o império da lei. Liu Shao-chi prometeu acabar com as mortes em massa e a violência e montar um sistema legal: "Precisamos [...] convencer cada um [...] de que, enquanto não violar a lei, seus direitos de cidadão estão garantidos e ele não será violado". Outro relatório criticava as "campanhas", que eram a essência do regime de Mao. No entanto, ele riu por último. Deixou que redigissem um código criminal, mas assegurou-se de que nunca fosse votado enquanto esteve vivo.

Sua concessão mais importante foi relaxar o cronograma do Programa de Superpotência. No principal relatório apresentado ao congresso, ele apagou seu slogan de estimação "Mais e mais rápido", permitindo que o prazo de quinze anos fosse substituído por "em um tempo um pouco longo". O relatório repetia as críticas de Liu à industrialização muito apressada que "sobrecarrega demais o povo [...] e causa desperdício". Mao endossou níveis mais baixos de confisco de alimentos. O resultado foi que, em 1956, a ração média de alimentos foi equivalente a 205 quilos de grãos, a maior de todo o regime de Mao. Ele aceitou mais um corte de 21% no investimento em indústrias bélicas para 1957. Em consequência, 1957, assim como 1956, foi um ano relativamente melhor para as pessoas comuns.

Para Mao, no entanto, essas concessões eram intoleráveis; elas atrasavam seu programa. Dentro de um ano, ele encontraria maneiras de acabar com elas e reafirmar seu velho plano mestre.

38. Debilitando Khruchióv (1956-59; 62-65 anos)

Meses depois de denunciar Stálin, Khruchióv enfrentou problemas. Em junho de 1956, irromperam protestos na Polônia, numa fábrica chamada apropriadamente Usina Stálin, na cidade de Poznan, e mais de cinquenta operários foram mortos. Wladyslaw Gomulka, um ex-líder do partido que estivera preso na época stalinista, retornou ao poder defendendo uma relação mais independente com Moscou. Em 19 de outubro, os russos disseram a Mao que os sentimentos antissoviéticos eram fortes na Polônia e que estavam pensando em usar a força para manter o controle.

Mao considerou a ocasião ideal para debilitar Khruchióv, apresentando-se como o defensor dos poloneses e o oponente da "intervenção militar soviética". Como isso poderia acarretar um choque com o líder russo, Mao pesou os prós e os contras com muito cuidado, deitado na cama. Na tarde do dia 20, convocou o Politburo. Ninguém aconselhou cautela. Então, vestido com um robe atoalhado, chamou o embaixador Iúdin e lhe disse: se o Exército soviético usar a força na Polônia, condenaremos vocês publicamente. E pediu que Iúdin telefonasse de imediato a Khruchióv. Àquela altura, ele havia concluído que o novo líder soviético era um tanto "estúpido" e "propenso ao desastre". A admiração que sentira por Khruchióv na época em que denunciara Stálin apagava-se rapidamente, substituída pela confiança de que poderia se aproveitar da vulnerabilidade dele.

Antes que a mensagem de Iúdin chegasse ao Kremlin, Khruchióv já decidira não usar as tropas. No dia 21, convidou o PCC e quatro outros partidos governantes para ir a Moscou discutir a crise. Mao mandou Liu Shao-chi, com instruções para criticar a Rússia por seu "chauvinismo de grande potência" e por pensar em "intervenção militar". Em Moscou, Liu propôs que a liderança soviética fizesse "autocrítica". Mao pretendia diminuir o poder de Khruchióv como líder do bloco comunista e candidatar-

se à liderança, seu sonho desde a morte de Stálin. Agora, surgia a oportunidade.

Nesse momento crítico, outro satélite explodiu: a Hungria. O levante húngaro viria a ser a maior crise até então do mundo comunista — uma tentativa não somente de obter maior independência de Moscou (que era o objetivo na Polônia), mas de derrubar o regime comunista e se afastar completamente do bloco. Em 29 de outubro, os russos decidiram retirar suas tropas da Hungria e informaram Pequim sobre essa decisão. Até então, Mao vinha insistindo na retirada das forças soviéticas da Europa oriental, mas agora percebia que o regime comunista húngaro cairia se os russos partissem. Assim, no dia seguinte recomendou fortemente que o Exército soviético ficasse e esmagasse o levante. A manutenção da Europa oriental sob o comunismo era mais importante do que enfraquecer Khruchióv. Tornar-se líder do campo comunista seria inútil se o campo deixasse de existir.

Em 1º de novembro, Moscou voltou atrás. Seu Exército permaneceu na Hungria e debelou o levante, com muito derramamento de sangue. A percepção de que as tropas russas eram essenciais para manter os satélites europeus dentro do regime comunista foi um golpe para as pretensões de Mao de tirar as muletas soviéticas desses países. Mas ele não desistiu. Em 4 de novembro, enquanto os tanques russos entravam em Budapeste, disse ao seu Politburo: os húngaros precisam encontrar um novo modo de controlar seu país — e devemos ajudá-los. Ele queria dizer que os regimes do Leste Europeu deveriam adotar seu método de governo e fazer a própria repressão brutal: desse modo, não precisariam apelar para os tanques russos. Em 1954, Mao receitara suas ideias sobre a arte de governar para András Hegedüs, o homem que viria a ser o primeiro-ministro da Hungria quando o levante começou. Hegedüs contou-nos que Mao o instara a manter o controle total do Exército e só faltou dizer que o regime húngaro deveria tornar seu poder inquestionável por meio de matanças. Quando soube que Tito havia detido seu oponente liberal Milovan Djilas, Mao demonstrou "tanto prazer", observou o comandante do Exército Peng, "que seu rosto se iluminou". Ele continuaria a defender seus métodos stalinistas para os países do Leste Europeu, na esperança de que eles imitassem seu modelo de repressão e abraçassem sua liderança.

Em janeiro de 1957, Mao enviou Chou En-lai à Polônia para tentar puxar Gomulka para seu lado. "A chave para todas as questões", disse Chou a Gomulka, era "atacar as forças da direita e os contrarrevolucionários escondidos [...] mirando um grupo de cada vez". Esse conselho não apresentava nenhum atrativo para Gomulka, que passara anos nas prisões de Stálin. O resumo que Chou fez depois para Mao revelava tanto os desígnios paternalistas de Pequim como seu fracasso: "A liderança polonesa está correta [...] mas ainda não compreendeu a questão fundamental". Mais para o final daquele ano, em Moscou, Mao tentou de novo: ofereceu repetidamente a Gomulka conselhos sobre como se manter no poder e se referiu ao governo dele como "a sua *corte*" (grifo nosso). Mas não foi longe, pois Gomulka não aspirava a ser um tirano.

Mao esperava incitar os poloneses a propô-lo como chefe do campo comunista. Seu modo tortuoso de fazer isso foi repetir várias vezes a Gomulka que o campo comunista tinha de ser "encabeçado pela União Soviética". Ao dizer que o campo precisava de uma cabeça, ele tentava levantar a questão de quem deveria ser a cabeça, esperando que os poloneses olhassem para o seu lado. Gomulka simplesmente fechava a cara a cada vez que Chou usava a fórmula.

O que os poloneses queriam era mais liberdade, não mais stalinismo, ou mais pobreza. Uma ilustração vívida do abismo entre a visão de Mao e a realidade da Polônia aconteceu quando um grupo de visitantes poloneses disse a Mao que os compatriotas deles estavam infelizes com seus baixos padrões de vida e que o partido achava que tinha de fazer alguma coisa para satisfazer os desejos do povo. Mao retrucou: "Não creio que o padrão de vida na Polônia seja tão baixo. Ao contrário, acho que é relativamente muito alto: os poloneses comem mais de 2 mil ou 3 mil calorias todos os dias, enquanto [cerca de 1500] poderiam ser suficientes. Se o povo acha que há poucos bens de consumo à disposição, o [regime] deveria aumentar seus esforços de propaganda". Depois do "monólogo" de Mao, escreveu um diplomata polonês, eles "se deram conta de que a ajuda chinesa não poderia ser substancial ou duradoura, porque o programa deles era ainda mais 'antipopular' do que o soviético".[a]

Quando Chou En-lai viu que era improvável conseguir que os poloneses propusessem Mao para cabeça do campo comunista, este voltou-se de imediato para o outro país comunista mais antissoviético, a Iugoslávia. Um

enviado que já estava lá em janeiro de 1957 recebeu instruções instantâneas para solicitar uma reunião ultraprivada com Tito, na qual ele pediu ao presidente iugoslavo para copatrocinar com Pequim uma cúpula mundial comunista, com o argumento de que o partido soviético estava tão desacreditado que ninguém daria ouvidos a ele. Naquele exato momento, Mao acusava Tito de inimigo para seu círculo íntimo — do mesmo modo que falava mal de Gomulka. Seu cultivo desses dois países comunistas era totalmente oportunista, baseado somente no fato de que eram os mais antissoviéticos. Depois de escutar a conversa mole de Mao, Tito não somente se recusou a copatrocinar a conferência como não prometeu comparecer.

Ao mesmo tempo, Mao tentava de novo enfraquecer o Kremlin, fazendo os russos se humilharem. Em Moscou, em janeiro de 1957, Chou exigiu que os líderes soviéticos fizessem "autocríticas abertas" e reavaliassem Stálin segundo a orientação de Mao. Os russos encresparam-se e o repeliram com desprezo. A reação de Mao foi censurar Chou para seus chefes provinciais: "Eu disse ao camarada Chou En-lai ao telefone que essa gente se transformou em cretinos graças aos seus ganhos materiais e que a melhor maneira de tratar com eles é lhes dar uma boa rodada de imprecações fedorentas. O que eles têm de verdade? Não mais que 50 milhões de toneladas de aço, 400 milhões de toneladas de carvão e 80 milhões de toneladas de petróleo [...] Grande coisa!". Ele estava pondo a culpa do seu fracasso em suplantar Khruchióv na falta de força econômica da China.

* * *

Mao tinha outras fontes de frustração. Uma era o Oriente Médio, onde uma grande crise irrompeu, na mesma época do levante da Hungria, em relação ao canal de Suez, que o Egito nacionalizara em julho de 1956. Em 29 de outubro, Israel atacou o Egito, como ponta de lança de uma invasão israelense-anglo-francesa secretamente coordenada.

Mao estava louco para agir como protetor e mestre do Egito. Encenou manifestações gigantescas contra os ingleses e franceses, de quase 100 milhões de pessoas. Um visitante da Espanha franquista que estava em Pequim concluiu: "Pior que um comício fascista. Líderes em todos os palanques começam a saudar e todos gritam quando eles gritam. Não são

verdadeiros manifestantes [...] muito chato". Mao deu conselhos ao embaixador egípcio, general Hassan Ragab, sobre tudo, desde como tratar o rei exilado Farouk até como o presidente Gamal Abdel Nasser poderia evitar ser assassinado, instando o embaixador a "estudar a experiência da China", que "valia muito a pena estudar". Expressando uma rivalidade mal disfarçada com a Rússia, Mao pressionou para ajudar Ragab: "A União Soviética fará tudo ao seu alcance para ajudar o Egito. A China também gostaria de fazer o melhor para ajudar o Egito, e nossa ajuda é sem compromisso. O que você precisar, basta falar [...] Nossa ajuda não precisa ser reembolsada [...] Se vocês insistirem em pagar [...] então reembolsem em cem anos". A China deu a Nasser 20 milhões de francos suíços em dinheiro e inclinou a balança do comércio bilateral pesadamente a favor do Egito.

Mao estava tão interessado em desempenhar um papel que, em 3 de novembro, mandou a Nasser um plano de guerra. Como era de esperar, ofereceu bucha de canhão: 250 mil voluntários chineses. Uma oferta que Nasser não aceitou — felizmente para os "voluntários", mas também para Mao, pois a China não tinha como transportar essa quantidade de gente para o Oriente Médio.

Nasser deu-lhe pouca atenção. Seu principal assessor, Mohamed Heikal, contou-nos que o presidente deixou o plano de guerra de Mao embaixo de sua pilha de correspondência. O que ele realmente queria eram armas. Ele decidira reconhecer Pequim naquela primavera para que a China, que estava fora das Nações Unidas, pudesse servir de canal para as armas russas, caso houvesse um embargo de armas da ONU.

Em dezembro, quando o Cairo pediu armas, a China se ofereceu de imediato para doar o que produzia, gratuitamente. Mas ela só podia fazer armas pequenas, como rifles, e a oferta não foi aceita. Mao viu-se jogado à margem dos acontecimentos. Tudo isso o deixava mais impaciente para acelerar seu Programa de Superpotência e possuir a bomba atômica; de outro modo, como ele disse, "as pessoas simplesmente não o escutam".

Para isso, Mao precisava de Khruchióv. Felizmente para ele, Khruchióv também precisava dele. Mal havia se acalmado o tumulto na Polônia e na Hungria quando o líder russo se viu diante de uma crise interna. Em junho

de 1957, Mólotov, Malenkov e um grupo de velhos stalinistas tentaram derrubá-lo. Ele conseguiu frustrar a tentativa, mas sentiu que precisava obter apoio explícito de partidos comunistas estrangeiros. Outros líderes comunistas mandaram prontamente seu apoio, mas Mao não. Então Khruchióv enviou Mikoian para encontrar Mao, que estava na cidade meridional de Hangzhou. "Acho que eles queriam que alguém do alto escalão fosse até eles", contou-nos o intérprete de Mikoian. Mao deixou o enviado russo falar durante boa parte da noite antes de fazer um gesto lânguido por sobre o ombro para seu ex-embaixador em Moscou: "Velho Wang [Jia-xiang], onde está nosso telegrama?". O telegrama de apoio estivera pronto durante todo o tempo. Mao obviamente apoiaria Khruchióv, que era, afinal, o poder no Kremlin. Apenas queria que Khruchióv pedisse, e subir seu preço. A China solicitou de imediato uma renegociação do acordo de transferência de tecnologia.

Moscou reagiu de forma extremamente positiva, dizendo que ficava feliz em ajudar a China a fabricar bombas atômicas e mísseis, bem como aviões de combate mais avançados. O fato era que Khruchióv precisava de mais apoio ainda de Mao. A maior reunião de cúpula já realizada do mundo comunista estava marcada para 7 de novembro, quadragésimo aniversário da Revolução Russa. Para que o evento não tivesse problemas, Moscou precisava ter Mao a bordo.

O líder chinês explorou ao máximo essa situação. Disse que compareceria à cúpula somente se os russos assinassem um acordo prévio que garantisse a entrega dos "materiais e dos modelos para a produção de uma arma atômica e os meios de lançá-la". Em 15 de outubro, três semanas antes da reunião de cúpula, Moscou assinou um acordo fatal concordando em fornecer a Mao uma amostra de bomba atômica. Os ministros russos receberam ordens de "suprir os chineses com tudo que precisam para construir sua própria bomba". Desse modo, foram tantos os especialistas em mísseis subitamente transferidos para a China que isso causou um "estrago" no programa da própria Rússia, de acordo com um expert russo.[b] Os especialistas russos também ajudaram a China a escolher locais para testes nucleares e para mísseis no interior do país.

Embora o "pai da bomba russa" Igor Kurtchátov se opusesse fortemente, Khruchióv enviou um alto cientista nuclear, Ievguênii Vorobiov, para supervisionar a construção da bomba de Mao, e durante sua estada na China

o número de especialistas nucleares chineses aumentou de sessenta para 6 mil. A Rússia "está disposta a deixar que tenhamos todos os projetos", contou Chou a um pequeno círculo. "Tudo o que fez, inclusive bombas atômicas e mísseis, ela está disposta a nos dar. Isso é a máxima confiança, a máxima ajuda." Quando Khruchióv disse mais tarde que "eles receberam muita coisa de nós", Mikoian acrescentou: "Construímos instalações industriais [de armas nucleares] para os chineses".

O know-how soviético possibilitou que os chineses copiassem todos os atalhos que os russos haviam feito e tivessem a garantia de que esses atalhos funcionavam, acelerando assim a construção da bomba de Mao. A China era o único país do mundo que tinha esse grau de ajuda para fabricar armas nucleares. Pouco antes de assinar o acordo, a delegação chinesa dissera a Mao que, com aquele nível de assistência russa, ele poderia ter todos os atributos de uma superpotência militar no final de 1962. O empreendimento custou uma fortuna. Uma fonte autorizada ocidental estimou o custo da bomba chinesa em 4,1 bilhões de dólares (em preços de 1957). Uma grande parte disso foi paga em produtos agrícolas.

E Mao queria mais do que a bomba atômica e mísseis. Em 4 de outubro de 1957, a Rússia lançou o satélite Sputnik, o primeiro objeto espacial feito pelo homem — pela primeira vez o mundo comunista "superava" o Ocidente em uma esfera técnica. Mao queria entrar logo na corrida espacial. "O que quer que aconteça, precisamos ter Sputniks", anunciou ao seu alto escalão em maio de 1958. "Não do tipo de um quilo, dois quilos [...] tem de ser de dezenas de milhares de quilos [...] Não faremos do tamanho de ovos de galinha, como os dos Estados Unidos." O primeiro satélite americano, lançado em janeiro de 1958, pesava 8,22 quilos, enquanto o Sputnik pesava 83,6 quilos. Mao queria que o seu fosse maior que o americano e o russo, e queria lançá-lo em 1960.

Em 2 de novembro de 1957, Mao foi de avião para a cúpula comunista em Moscou; decidira ser cooperativo, a fim de obter o que queria de Khruchióv, ao mesmo tempo que tentava se colocar no mapa do campo comunista como um igual a Khruchióv, ou mesmo superior. À reunião de cúpula, a maior de seu tipo até então realizada, compareceram líderes de 64 partidos comunistas e amistosos, dos quais doze estavam no poder. Logo antes de partir de

Pequim, Mao lançou no ar a ideia de que a declaração final fosse assinada só por ele e os russos.

Foi quase bem-sucedido, pois a China foi o único país a participar, junto com os russos, da redação desse documento e Mao recebeu tratamento especial em Moscou, sendo o único líder estrangeiro a ficar hospedado no Kremlin, onde tudo foi arranjado conforme seu gosto, com uma grande cama de madeira e o vaso sanitário adaptado, com uma plataforma sobre o assento, onde ele poderia se agachar. Na cerimônia da véspera do aniversário da Revolução, Mao e Khruchióv apareceram de mãos dadas. Nos desfiles da rua Gorki e da praça Vermelha, as pessoas sacudiam bandeiras chinesas e gritavam "Viva Mao e a China!".

O grande trunfo de Mao em sua busca de status igual ao da Rússia era o potencial humano. Um moscovita disse a um alto líder comunista finlandês na época: "Não precisamos mais ter medo dos Estados Unidos. O Exército chinês e nossa amizade com a China alteraram toda a situação mundial, e os Estados Unidos não podem fazer nada em relação a isso". E foi esse trunfo que o próprio Mao promoveu enquanto estava em Moscou, contando para Khruchióv quantas divisões de exército cada país podia reunir, com base em sua população. A China superava a Rússia e todos os seus aliados juntos na proporção de dois para um. Imediatamente depois de voltar de Moscou, Mao rejeitou definitivamente o controle de natalidade na China, política sobre a qual o regime mantivera até então a mente bastante aberta.

Para mostrar que era igual ao seu anfitrião russo e estava acima do resto dos participantes, Mao desconsiderou a ordem de que todos os oradores fornecessem um texto com antecedência, dizendo: "Não tenho texto. Quero poder falar livremente". Com efeito, ele não tinha um texto escrito, mas havia preparado seu discurso aparentemente improvisado com muito cuidado. Antes de entrar no salão da conferência, encontrava-se em um estado de superconcentração tão intenso que, quando seu intérprete chinês tratou de abotoar seu colarinho enquanto esperavam o elevador, ele parecia totalmente desatento ao que o auxiliar estava fazendo.

Mao foi também a única pessoa a falar sentado. Ele disse que estivera "doente da cabeça". Isso, como comentou o embaixador iugoslavo com ironia, "foi uma surpresa para a maioria dos presentes".

Mao falou sobre guerra e morte com uma indiferença grosseira, até irreverente, ao sofrimento humano:

> Vamos considerar quantas pessoas morreriam se irrompesse uma guerra. Há 2,7 bilhões de pessoas no mundo. Um terço poderia se perder; ou um pouco mais, poderia ser a metade [...] Eu digo que, levando em conta a situação extrema, metade morre, metade fica viva, mas o imperialismo seria arrasado e o mundo inteiro se tornaria socialista.

O participante italiano Pietro Ingrao contou-nos que a plateia ficou "chocada" e "perturbada". Mao deu a impressão de que não somente não se importava com uma guerra nuclear como, na verdade, a acolhia com prazer. O chefe da delegação iugoslava Kardelj não teve dúvidas: "Estava perfeitamente claro que Mao Tse-tung queria uma guerra". Até os stalinistas franceses ficaram estarrecidos.

Mao desconsiderou as preocupações com a melhoria dos padrões de vida:

> Dizem que a pobreza é ruim, mas, na verdade, a pobreza é boa. Quanto mais pobres as pessoas, mais revolucionárias elas são. É assustador imaginar uma época em que todos serão ricos [...] Com um excesso de calorias, as pessoas terão duas cabeças e quatro pernas.

As opiniões de Mao iam frontalmente contra o clima dos regimes comunistas pós-stalinistas, que queriam evitar a guerra e elevar os padrões de vida. Ele não foi bem-sucedido. Embora tenha se encontrado com muitos líderes comunistas dessa vez, ao contrário da visita anterior, e embora não tenha perdido a oportunidade para dar conselhos, poucos levaram suas palavras a sério. Nas anotações de John Gollan sobre os seus conselhos para o minúsculo Partido Comunista britânico lemos: "esperar pelo momento oportuno — um dia a Inglaterra será vossa — quando obtiverem a vitória, não os matem, deem-lhes uma casa". Ao búlgaro de terceiro escalão Todor Jivkov, um dos mais jovens presentes, Mao observou: "Você é jovem e inteligente [...] Quando o socialismo for vitorioso em todo o mundo, proporemos você para presidente da comunidade mundial". Ninguém, exceto Jivkov, achou que Mao falava sério. Ele fascinou alguns, mas não obteve o tipo de respeito que se traduz em fidelidade ou confiança.

Mao atribuiu esse fracasso à falta de força econômica e militar da China. "Somos uma árvore pequena e a União Soviética é uma árvore alta", disse a Gomulka, citando a produção de aço como medida de comparação. Ele estava decidido a remediar isso. Em seu discurso final, anunciou: "O camarada Khruchióv me contou que em quinze anos a União Soviética pode superar os Estados Unidos. Eu também posso dizer que em quinze anos

poderemos alcançar ou superar a Grã-Bretanha". O subtexto era que ele estava na corrida, tanto quando Khruchióv.

Para humilhar o líder soviético, Mao adotou um estilo grandioso, falando com ele com tom professoral: "Você tem um gênio irritadiço, que tende a fazer inimigos [...] deixe as pessoas expressarem suas diferentes opiniões e fale com elas devagar". Na presença de uma grande plateia, Mao assumiu ar ainda mais superior:

> Todos precisam de apoio. Um sujeito capaz precisa da ajuda de outras três pessoas, uma cerca precisa de três estacas para sustentá-la. São provérbios chineses. Um outro provérbio chinês diz que, com toda a sua beleza, o lótus precisa do verde de suas folhas para resplandecer. Você, camarada Khruchióv, embora seja um lindo lótus, também precisa das folhas para resplandecer.

Nesse ponto, segundo um participante, Khruchióv "pendeu a cabeça e ficou muito vermelho".[c]

Pior do que isso, diante dos delegados de 64 países, Mao levantou a questão da tentativa de derrubar Khruchióv ocorrida meses antes e descreveu Mólotov, o principal conspirador, como "um velho camarada com uma longa história de luta", dizendo que a linha de Khruchióv era apenas "relativamente correta"; nesse ponto, um silêncio mortal caiu sobre o salão. Mao costumava dizer para altas autoridades soviéticas coisas como "Gostamos muito de Mólotov". (Em 1955, o detestável Mólotov chamara a China de "colíder" do campo comunista.)

Em suas memórias, Khruchióv escreveu sobre a "megalomania" de Mao: "[Ele] se julga um homem enviado por Deus para cumprir suas ordens. Na verdade, Mao provavelmente pensava que Deus cumpria as ordens *dele*". Mas ele não estava sendo apenas megalomaníaco, estava deliberadamente procurando diminuir a estatura de Khruchióv e elevar a própria. O líder russo aguentou tudo isso em nome de preservar a unidade do campo comunista. Essa preocupação amarrava suas mãos em relação a Mao e este explorou esse ponto fraco ao máximo.

Após retornar de Moscou, Mao acrescentou a sua lista de compras outro artigo muito querido: submarinos nucleares, que Pequim considerava "o ás do arsenal moderno". Em junho de 1958, Chou escreveu para pedir a Khruchióv a tecnologia e os equipamentos para fabricar esses submarinos,

bem como porta-aviões e outras grandes belonaves.

Dessa vez Khruchióv não se limitou a dar o que Mao pedia, tentou obter uma compensação: o uso da longa costa chinesa, que dava acesso fácil a alto-mar, ao contrário da Rússia. Khruchióv sugeriu que a China (e o Vietnã) poderia cotripular navios com os russos em troca do uso de portos chineses (e vietnamitas). O embaixador apresentou essa proposta para Mao em 21 de julho.

Mao queria uma frota própria e construir os próprios navios. Com o objetivo de arranjar uma desculpa para recusar a proposta russa de cooperação, encenou um acesso de raiva. No dia seguinte, convocou Iúdin e lhe disse: "Você me perturbou tanto que não dormi a noite inteira". Depois distorceu a proposta de Moscou, transformou-a numa questão de soberania e acusou os russos de "querer nos controlar" por meio de "uma frota conjunta". "Em resumo, vocês não confiam nos chineses." No meio do escarcéu, ele inseriu sua verdadeira exigência: "Vocês devem ajudar-nos a construir uma Marinha! [...] Queremos ter *duzentos ou trezentos* submarinos [nucleares]" (grifo nosso).

Khruchióv ficou alarmado com o ataque de Mao, como este esperava, e correu para Pequim em segredo, em 31 de julho. Mao recebeu-o de forma ostensivamente gelada. Quando começaram a primeira conversa, Khruchióv declarou de imediato: "Ninguém pensou numa frota conjunta". Depois de muita linguagem bombástica, Mao recuou e concedeu que sua interpretação da proposta russa fora infundada, que ele havia "perdido o sono" por nada, embora continuasse a agir como se seu orgulho nacional tivesse sido mortalmente ferido. Mas a encenação de Mao fizera Khruchióv avançar mais da metade do caminho e o líder soviético se ofereceu para montar na China "uma grande planta industrial [...] para fabricar um grande número de submarinos nucleares". Para manter a pressão, Mao deu fortes indicações de que, se assim não fosse, os russos poderiam ser obrigados a entrar numa guerra: "Agora que não temos uma frota de submarinos nucleares, podemos muito bem entregar toda a nossa costa para vocês, para que lutem por nós". Depois, para deixar bem claro o que dizia, assim que Khruchióv foi embora, fabricou uma situação de guerra, usando novamente Taiwan.

A segunda crise do estreito de Taiwan foi muito parecida com a primeira, de 1954-55, que Mao encenara para obter a tecnologia da bomba atômica. Dessa vez, seu objetivo eram submarinos nucleares e outros conhecimentos

de alta tecnologia militar. Em 23 de agosto, abriu uma barragem de artilharia contra a ilha de Quemoy, o trampolim para Taiwan, cobrindo a minúscula ilha com mais de 30 mil bombas (principalmente de fabricação russa). Washington pensou que Mao estava realmente disposto a atacar Taiwan. No Ocidente, ninguém suspeitava de seu verdadeiro objetivo: forçar os Estados Unidos a ameaçar a China com uma guerra nuclear, a fim de assustar seus aliados russos, num estratagema único nos anais da arte de governar.

Os americanos deslocaram uma grande frota para a região e, em 4 de setembro, o secretário de Estado John Foster Dulles anunciou que os Estados Unidos se comprometiam em defender não somente Taiwan, mas também Quemoy, e ameaçavam bombardear a China continental. O Kremlin ficou muito nervoso com a possibilidade de um confronto armado com os Estados Unidos e mandou o ministro do Exterior Andrei Gromyko em segredo a Pequim no dia seguinte. Gromyko levou o rascunho de uma carta de Khruchióv a Eisenhower, que dizia que um ataque à China "é um ataque à União Soviética". O líder russo pedia os comentários de Mao; esperava que fossem uma tranquilização de que as coisas não chegariam a tal ponto. Mao cedeu, dizendo a Gromyko que "dessa vez não vamos atacar Taiwan, nem vamos lutar com os americanos, então não haverá uma guerra mundial". Mas deixou claro que uma guerra em relação a Taiwan estava definitivamente nos planos "para o futuro", e que seria provavelmente uma guerra nuclear.

Khruchióv achava que Mao poderia muito bem desencadear uma tal guerra, mas escreveu em suas memórias: "Não tomamos nenhuma medida para conter nossos camaradas chineses porque julgávamos que estavam absolutamente certos em tentar unificar todos os territórios da China". Essa era a beleza de Taiwan como questão para Mao: mesmo que ele ameaçasse causar uma terceira guerra mundial, Moscou não poderia lhe faltar.

Depois de criar esse cenário de uma futura guerra nuclear com os Estados Unidos por causa de Taiwan, Mao mexeu fortemente com os nervos russos. Disse a Gromyko que gostaria de discutir em algum momento com Khruchióv sobre como coordenar as coisas na eventualidade de tal guerra e depois levantou o espectro da destruição da Rússia. Quando a guerra terminar, perguntou ele, "Onde deveremos construir a capital do mundo socialista?", o que implicava o desaparecimento de Moscou. E continuava propondo que a nova capital se localizasse numa ilha feita pelo homem no

Pacífico. Esse comentário deixou Gromyko tão espantado que ele quis excluí-lo do telegrama que mandou para Moscou; lá, o Kremlin "deu particular atenção" ao gracejo de Mao, de acordo com o auxiliar que redigiu o telegrama.

Depois de abalar Gromyko, Mao tratou de apaziguá-lo, dizendo que a China se responsabilizaria pela guerra nuclear vindoura. "Nossa política é de que assumiremos todas as consequências dessa guerra. Enfrentaremos os Estados Unidos, e [...] não arrastaremos a União Soviética para essa guerra." O problema, prosseguiu Mao, é que "temos de fazer preparativos para travar a guerra com os Estados Unidos", e isso incluía "preparativos materiais". Chou En-lai explicou ao encarregado russo: "Fizemos planos para produzir armas modernas com a ajuda da União Soviética". Mao deixara clara sua posição: vocês podem ficar de fora se me derem condições de travar a guerra sozinho.

Khruchióv entendeu. Em 27 de setembro, escreveu a Mao: "Obrigado por sua disposição em assumir sozinho um ataque, sem envolver a União Soviética", e deu seguimento em 5 de outubro, anunciando que a crise de Taiwan era uma questão "interna" e que a Rússia não se envolveria no que ele chamava de "guerra civil". Para Khruchióv, dizer que ele deixaria Mao travar uma guerra nuclear com os Estados Unidos por conta própria indicava sua aceitação de armar os chineses. No dia seguinte, Mao escreveu uma declaração em nome de seu ministro da Defesa, em que suspendia o bombardeio de Quemoy. Assim acabou a segunda crise do estreito de Taiwan.

Mao escreveu então a Khruchióv para confirmar que ficaria muitíssimo contente caso a China travasse sozinha uma guerra nuclear com os Estados Unidos. "Por nossa vitória definitiva, pela erradicação total dos imperialistas, nós [isto é, o povo chinês, que não fora consultado] estamos dispostos a suportar o primeiro ataque [nuclear americano]. *Tudo não passa de uma grande pilha de gente morrendo* [grifo nosso]".[d]

Para manter viva a questão de Taiwan, mandou retomar o bombardeio de Quemoy, mas em dias alternados. Essa extravagância característica de Mao pressionou tremendamente a economia. O chefe do estado-maior do Exército, que não sabia das intenções dele, protestou: "Não faz sentido bombardear. Custa muito dinheiro [...] Por que fazer isso?". Mao não achou nada para dizer, exceto acusar o general de ser "direitista", e ele foi logo

expurgado. O disparo de bombas caras sobre a ilha rochosa continuou por vinte anos e só parou depois da morte de Mao, no ano-novo de 1979, dia em que Pequim e Washington estabeleceram relações diplomáticas.

Entrementes, Khruchióv endossava várias transferências de alta tecnologia, o que levou a um espantoso acordo em 4 de fevereiro de 1959, pelo qual a Rússia se comprometia a ajudar a China a construir toda uma gama de navios e armamentos avançados, inclusive submarinos lança-mísseis balísticos de propulsão convencional e mísseis submarino-superfície. O pânico da primeira crise do estreito de Taiwan havia tirado os segredos da bomba atômica de Moscou; quatro anos depois, com a segunda crise, Mao arrancou de Khruchióv um acordo para transferir não menos do que toda a gama de equipamentos necessários para lançar a bomba.

A partir de 1953, quando Mao traçou pela primeira vez o Programa de Superpotência, sua escala cresceu prodigiosamente ao longo dos anos, mas cada expansão apenas agravara seu problema fundamental: como arrancar alimentos suficientes para pagar pelas compras. Em 1956, quando o alcance do programa era muito menor, as mortes por inanição se tornaram tão chocantes que seu Politburo costumeiramente dócil havia rejeitado o plano e forçado a diminuir seu ritmo. Agora, uma mortandade muito pior era iminente. Mas, dessa vez, Mao não precisou fazer concessões para seus colegas de governo. No decorrer de 1957, ele havia alterado uma coisa fundamental. Khruchióv não tinha mais autoridade em Pequim e Mao não se sentia mais constrangido por ele.

a Em Budapeste contava-se a seguinte piada sobre um homem que pedia chá. Quando lhe perguntavam "Que chá você quer, russo ou chinês?", ele respondia: "Me dá café!".

b Khruchióv entregou dois mísseis R-2 terra a terra de curto alcance que a China copiou, mas negou-se a transferir foguetes com um alcance de mais de 2900 quilômetros. Os russos também estacionaram um regimento de mísseis nos arredores de Pequim, com 63 mísseis R-1 e R-2, sobre o uso dos quais treinaram os chineses.

c Mao decidiu se passar por filósofo superior e usou uma linguagem cheia de metáforas chinesas, evasiva e quase impossível de traduzir para uma plateia não chinesa. Um dos intérpretes italianos relembrou: "A partir da tradução russa que ouvi, ninguém poderia entender o que Mao disse. Lembro que nossos tradutores puseram as mãos na cabeça". Na verdade, até as plateias chinesas tinham de adivinhar o que Mao queria dizer quando empregava esse estilo.

d Mao dissera coisas parecidas antes, em linguagem menos abertamente desumana. Em 1955, contou ao embaixador finlandês que "as bombas atômicas americanas são poucas demais para acabar com os chineses. Mesmo que as bombas atômicas dos Estados Unidos fossem jogadas na China, abrissem um buraco na Terra ou a deixassem em pedaços, isso poderia ser uma boa coisa para o

sistema solar, mas ainda seria questão insignificante em termos do universo como um todo".

39. A morte das "Cem Flores" (1957-58; 63-64 anos)

A aterrorização sempre foi o método usado por Mao quando ele queria obter alguma coisa. Mas em 1956, depois que Khruchióv condenou o uso do terror por Stálin, Mao teve de diminuir a taxa de prisões e mortes. Em 29 de fevereiro, assim que soube do discurso secreto de Khruchióv, mandou seu chefe de polícia revisar os planos estabelecidos: "Neste ano, o número de prisões deve ser muito reduzido em relação ao ano passado [...] A quantidade de execuções, em especial, deve ser menor".

Ainda no mesmo ano, porém, quando os tanques de Khruchióv invadiram a Hungria, Mao viu sua chance de reavivar as perseguições. Seus colegas ainda diziam que os problemas da Europa oriental eram consequência do excesso de concentração na indústria pesada e do esquecimento do padrão de vida. Liu Shao-chi argumentava que a China deveria andar "mais devagar" com a industrialização, de modo que "o povo não vá para a rua se manifestar [...] e, além disso, ficará bastante contente". Chou também queria deixar de lado algumas fábricas de armamentos. Embora totalmente de acordo com Mao a respeito da prioridade das armas nucleares, observou a propósito: "Não podemos comer canhões, ou armas de fogo".

A visão de Mao das "lições da Europa oriental" era completamente diferente. Em 15 de novembro, disse ao seu alto escalão: "Na Hungria, é verdade que o padrão de vida não melhorou muito, mas não era ruim demais. Porém [...] houve grandes perturbações lá". "O problema básico de alguns países do Leste Europeu é que eles não eliminaram todos aqueles contrarrevolucionários [...] Agora estão provando de seu próprio fruto amargo." "A Europa oriental simplesmente não mata em grande escala." "Precisamos matar", declarou Mao. "E dizemos que é bom matar."

Mas, com os ventos no mundo comunista soprando no sentido da desestalinização, Mao decidiu que não era inteligente fazer muito barulho

para iniciar um expurgo. A fim de criar uma justificativa, maquinou um plano tortuoso. Fez isso principalmente enquanto estava deitado na cama, onde passou boa parte de seu tempo no inverno de 1956-57. Comia na cama, sentado na beira, e só se levantava para ir ao banheiro.

* * *

Em 27 de fevereiro de 1957, Mao fez um discurso de quatro horas no dócil Conselho Supremo para anunciar um convite a críticas ao Partido Comunista. Disse que o partido precisava responder por seus atos e ficar "sob supervisão". Suas palavras pareciam razoáveis, com críticas a Stálin por seus expurgos "excessivos", e davam a impressão de que não haveria mais esse tipo de repressão na China. Nesse contexto, citou o ditado: "Deixai que cem flores desabrochem".

Poucos imaginaram que Mao estava montando uma armadilha e que convidava as pessoas a falar a fim de ter uma desculpa para persegui-las. Seu alvo eram os intelectuais e os mais instruídos, as pessoas que com maior probabilidade se manifestariam. Após tomar o poder, a política de Mao fora dar-lhes um padrão de vida, em geral, melhor do que a média. Aqueles que eram bem conhecidos ou "úteis" ganhavam privilégios especiais. Mas várias vezes Mao os havia pressionado, sobretudo com a "reforma do pensamento", que ele mesmo descrevia como lavagem cerebral: "Alguns estrangeiros dizem que nossa reforma do pensamento é lavagem cerebral. Penso que isso está correto, é exatamente lavagem cerebral". Na verdade, até a temível expressão "lavagem cerebral" não expressa a angústia mental do processo que dobrava e entortava as mentes das pessoas. Agora Mao planejava perseguir os mais instruídos em massa.

Ele contou seu plano apenas para alguns asseclas especiais, como o mandachuva de Xangai Ke Qing-shi, e o escondeu até da maioria do Politburo. No início de abril, disse a esses poucos camaradas que, em consequência de sua solicitação de críticas, "os intelectuais estão começando a [...] mudar seu comportamento de cauteloso para mais aberto [...] Um dia, a punição cairá sobre a cabeça deles [...] Queremos que eles se manifestem. Vocês devem retesar os músculos e deixá-los atacar! [...] Vamos deixar todos aqueles demônios e serpentes [...] praguejar durante alguns meses". Aos mesmos asseclas, Mao revelou que estava "jogando uma linha longa para

pegar peixes grandes". Mais tarde, descreveu sua armadilha nestes termos: "Como poderemos capturar as serpentes se não as atrairmos para fora de suas tocas? Queríamos que aqueles filhos da puta saíssem, cantassem e peidassem [...] assim poderíamos pegá-los".

A armadilha de Mao foi um grande sucesso. Uma vez aberta uma pequena fresta na tampa, irrompeu um dilúvio de dissensão, principalmente em murais e reuniões de pequena escala chamadas de "seminários", que eram os únicos fóruns permitidos.

Uma das primeiras coisas contestadas foi o monopólio do poder pelos comunistas, que um crítico descreveu como "a fonte de todos os males". Um cartaz tinha por título "Poder totalitário é perigo!". O exercício do poder pelos comunistas foi comparado ao de Hitler. Em um seminário, um homem disse que "ao não proteger os direitos dos cidadãos, o governo de hoje é pior do que as dinastias feudais ou Chiang Kai-shek". Um professor chamou a Constituição de "papel higiênico". Outro, um economista, foi direto ao cerne dos métodos maoístas e propôs a proibição das denúncias públicas, "que são muito pior do que a prisão — só de pensar nelas, trememos dos pés à cabeça". Democracia era uma demanda popular.

Assim como o império da lei. Um vice-ministro pediu a independência do poder judiciário. Outro administrador disse que queria ser capaz "de simplesmente seguir a lei, não as ordens do partido". Referindo-se aos métodos asfixiantes do PCC de controlar tudo, um dramaturgo bem conhecido perguntou: "Por que é necessário haver 'liderança' nas artes? Quem liderou Shakespeare, Tolstói, Beethoven, Molière?".

A política externa também foi questionada por alguns membros da elite que tinham acesso a informações parciais. O ex-governador nacionalista da província de Yunnan, que se passara para os comunistas, protestou que era "injusto que a China tivesse de pagar por todos os custos da guerra na Coreia" e pediu uma redução do nível de ajuda esbanjado com países estrangeiros.

O sigilo do regime também foi atacado. "Todas as estatísticas econômicas absolutas são segredos de Estado", protestou um crítico, "até a produção de álcalis [...] Que é isso senão uma tentativa de manter o povo num estado de estupidez?" Ele exigia informações sobre o programa de industrialização. Outro escreveu: "Com efeito, ouvi falar de camponeses [...] morrendo por

ter apenas raízes de capim para comer, em áreas tão ricas em produção que são conhecidas como as terras do peixe e do arroz. Mas os jornais não dizem nada sobre isso".

Muitos contrastavam a vida dura dos camponeses com a dos líderes (da qual tinham apenas vislumbres). O *Diário do Povo* noticiara um banquete oferecido ao presidente russo Kliment Vorochílov, ao qual compareceram mil pessoas. "Para que tanta grandiosidade?", perguntava um cartaz, "quando 'os imperadores locais do partido' estão usando métodos como espancamento, tortura e detenção para arrancar alimentos dos camponeses?" "Devemos saber que camponeses descontentes poderiam jogar o retrato do presidente Mao no toalete", advertia esse ousado autor.

A maioria das críticas jamais chegou ao público em geral, pois Mao só permitia que aparecessem na imprensa trechos cuidadosamente selecionados. O resto ficava confinado a dois canais — seminários e cartazes de parede —, que eram transitórios e fáceis de apagar. E Mao assegurou-se de que essas válvulas de escape ficassem restritas a campi universitários e instituições isoladas, aos quais o público em geral não tinha acesso. Essas instituições também não tinham permissão para estabelecer contato entre si e as pessoas que lá estavam foram proibidas de sair para difundir suas opiniões. Quando alguns estudantes tentaram distribuir jornais feitos à mão, seus *samizdats* foram imediatamente confiscados e eles foram punidos como "contrarrevolucionários". O dissenso foi mantido rigidamente fragmentado, de tal forma que um levante popular era impossível.

Em 6 de junho de 1957, Mao leu um panfleto mimeografado que especulava que a liderança estava dividida, sendo ele o defensor do dissenso, postado contra os "conservadores". No vazio de informação que Mao criara, alguém havia erroneamente pensado que ele era um liberal e ouviram-se apelos do tipo: "Unamo-nos em torno de Mao Tse-tung e Khruchióv!". Alguns até manifestavam preocupação com ele: "Parece que nosso querido camarada Mao Tse-tung está numa posição muito difícil". Essa sugestão de que era um liberal lhe era perigosa, pois poderia fortalecer a dissensão.

No dia seguinte, ordenou que o editorial do *Diário do Povo*, que seria transmitido pelo rádio naquela noite, informasse que estava proibido desafiar o partido. Uma vez apertado esse botão, a máquina de perseguição começou

a funcionar naquilo que foi chamado de "Campanha Antidireitista", que durou um ano. O curto e excitante momento das "cem flores" acabara.

Em 12 de junho, Mao mandou uma circular ao partido, para ser lida por todos os membros, "exceto os não confiáveis", em que deixava explícito que havia montado uma armadilha. Não queria que seu partido pensasse que ele era um liberal — caso eles mesmos se transformassem em liberais.

Nessa circular, Mao estabelecia uma cota para vítimas: entre 1% e 10% dos "intelectuais" (o que significava os mais instruídos), que somavam cerca de 5 milhões na época. Em consequência, pelo menos 550 mil pessoas foram rotuladas de "direitistas". Enquanto muitos se haviam manifestado, outros não haviam dito nada contra o regime e foram incluídos apenas para preencher a cota exigida por Mao.

Para ele, escritores, artistas e historiadores eram supérfluos. Mas cientistas e técnicos ficaram, em larga medida, isentos da perseguição — "especialmente aqueles que têm realizações importantes", decretava uma ordem de setembro de 1957; estes "deveriam ser absolutamente protegidos". Em particular, os cientistas que haviam retornado da Europa e dos Estados Unidos não deveriam ser "rotulados ou denunciados". Os físicos nucleares e os especialistas em foguetes receberam tratamento excepcional (durante todo o reinado de Mao, os melhores cientistas ganharam privilégios superiores aos gozados por altas autoridades).

Como o objetivo último desse castigo era criar a atmosfera para um confisco maior, a fim de financiar o Programa de Superpotência, Mao fez questão de reprimir qualquer contestação de sua política para o campesinato. Uma manchete do *Diário do Povo* proclamava: "Refutem a asneira de que a vida dos 'camponeses é dura'!". Para martelar sua mensagem, Mao montou pessoalmente uma encenação sádica. Uma figura bem conhecida vinha dizendo que os camponeses estavam "prestes a morrer de inanição", de modo que arranjaram-lhe uma excursão para "descobrir os fatos". O *Diário do Povo* noticiou que, aonde quer que ele fosse, era perseguido por multidões de até 50 mil pessoas, que "refutavam sua asneira", e foi forçado finalmente a fugir, escondido sob sacos de juta, no porta-malas de um carro.

Ao lado da encenação, vieram as execuções. Mao revelou mais tarde ao alto escalão que a província de Hunan "denunciou 100 mil, prendeu 10 mil e matou mil. As outras províncias fizeram o mesmo. Assim nossos problemas foram resolvidos".

Três professores de um condado da província de Hubei foram tomados para exemplo e executados por supostamente atiçar uma manifestação de escolares contra cortes na educação. O efeito dos cortes foi que somente uma em vinte crianças poderia dar continuidade a seus estudos no ginásio. A manifestação foi rotulada de "Pequena Hungria" e tratou-se de dar divulgação nacional à execução. É quase certo que Mao ordenou pessoalmente as execuções, pois chegara à província no dia anterior à promulgação da sentença e, até aquele momento, as autoridades estavam indecisas quanto à pena de morte. A enorme publicidade destinava-se a instilar o medo nas escolas rurais, que suportaram o impacto dos cortes na educação que Mao introduzira a fim de arrancar mais fundos para o Programa de Superpotência.

Os fundos para a educação já eram minúsculos. Agora, seriam cortados ainda mais. A ideia de Mao não era elevar o padrão geral de educação da sociedade como um todo, mas concentrar-se numa pequena elite, predominantemente nas ciências e outros temas "úteis", e manter o resto da população na condição de trabalhadores escravos analfabetos ou semianalfabetos. Os fundos destinados à educação iam principalmente para as cidades; as escolas de aldeia não recebiam financiamento, e as escolas de cidades pequenas, muito pouco. Em consequência, somente uma quantidade mínima da juventude rural conseguia continuar os estudos.

Mesmo nas cidades, as chances dos jovens de obter educação foram cortadas drasticamente em 1957, quando 80% dos 5 milhões que saíam das escolas primárias (isto é, 4 milhões de pessoas) e 800 mil do 1 milhão que se formava nas escolas secundárias ficaram sabendo que não poderiam continuar seus estudos. O descontentamento espalhou-se pelas cidades, e a execução dos professores do caso da "Pequena Hungria" servia também de advertência para os habitantes urbanos.

A execução não foi a única causa de mortes nessa campanha: o suicídio foi corrente entre aqueles acusados de "direitistas". No Palácio de Verão, em Pequim, os praticantes de exercícios matinais encontravam com frequência cadáveres pendurados nas árvores e pés que emergiam das águas do lago.

A maioria dos que foram rotulados de "direitistas" teve de enfrentar reuniões de denúncia infernais, embora, em larga medida, não violentas. Suas famílias tornaram-se párias, seus cônjuges foram jogados em empregos indesejáveis e seus filhos perderam toda a esperança de uma educação

decente. Para proteger os filhos — e a si mesmas —, muitas pessoas se divorciaram quando foram rotuladas de direitistas. Numerosas famílias se romperam, causando tragédias infindáveis para filhos e pais.

Depois de denunciada, a maioria dos direitistas foi deportada para campos de trabalho forçado em regiões remotas. Mao precisava de mão de obra, especialmente para abrir terras virgens. Um jornalista chamado Dai Huang descreveu como os deportados eram jogados em lugares como o extremo norte da Manchúria, conhecido como o Grande Deserto do Norte, e tinham de erguer um abrigo "depressa, usando talos de trigos para fazer um telhado" numa temperatura de 38 graus negativos. Mesmo com fogo, ela "ainda ficava uma dezena de graus abaixo de zero".

> A relva e as cabanas de terra batida em que vivíamos eram açoitadas por vento que vinha de todos os lados [...] mal havia vegetais ou carne [...] Levantávamos [...] logo depois das quatro da manhã e não parávamos até sete ou oito da noite [...] Nessas quinze ou dezesseis horas [...] nós basicamente trabalhávamos sem parar [...] no verão [...] Tínhamos de levantar às duas da manhã [...] Tínhamos no máximo três horas de sono.

Enquanto eram submetidos a arengas incessantes e implacáveis — "Você está aqui para se redimir de seu crime! Não ouse criar problemas ou procurar maneiras de ser preguiçoso!" —, os deportados tinham de trabalhar com rações inferiores ao nível de subsistência. Muitos morriam de desnutrição, doenças, frio, excesso de trabalho e em acidentes executando tarefas que desconheciam, como derrubar árvores.

Esse jornalista, Dai, havia de fato se manifestado depois de saber que Mao montara uma armadilha. Ele lhe escreveu uma petição, fazendo objeções ao fato de que "a nova classe dominante" oferecia suntuosas "recepções e banquetes", enquanto "dezenas de milhares de pessoas [...] mascam raízes de capim ou cascas de árvores". E até bateu forte no culto à personalidade de Mao. "Quando um *chef* prepara uma boa refeição, dizem que é 'graças à liderança do presidente Mao'." "Não pense que você é um deus sábio", advertiu o jornalista.

A esposa de Dai Huang divorciou-se dele e seus parentes sofreram discriminação. O sobrinho de um professor primário teve negado seu pedido de fundos para uma operação que lhe salvaria a vida devido às conexões familiares. O próprio Dai mal sobreviveu ao deserto setentrional, de onde muita gente jamais retornou.

Depois de reprimir a dissensão entre os mais instruídos em geral, em 1958, logo após retornar da cúpula de Moscou, Mao tratou de causar temor em seu alto escalão, ameaçando rotular de direitista quem se opusesse ao relançamento do Programa de Superpotência. Sua principal preocupação era com o segundo e o terceiro da hierarquia, Liu Shao-chi e Chou En-lai, que haviam defendido os cortes no programa em 1956.

A tática que Mao escolheu dessa vez era nova — humilhar seus colegas de poder mais importantes diante de dezenas de chefes provinciais. Foi a primeira vez que Mao envolveu esses funcionários de segundo escalão no ataque direto aos superiores deles. Era uma maneira de humilhar e pressionar Chou e Liu, especialmente quando o próprio Mao os atacava diante de seus subordinados. Fazer esses chefes provinciais testemunhar o funcionamento do poder em sua expressão máxima — e a humilhação do segundo e do terceiro em comando do regime — era também um modo de Mao dar poder aos homens responsáveis pela supervisão direta do confisco de alimentos.

Ele concentrou o ataque em Chou, que estava encarregado de planejar e administrar o programa. Mao o descreveu como estando a "apenas cinquenta metros de ser um direitista"; as tentativas de Chou de cortar investimentos na indústria bélica em 1956, disse Mao, equivaliam ao levante húngaro e haviam "influenciado consideravelmente os direitistas". Eram acusações sinistras que traziam consigo as consequências potencialmente mais medonhas. Para tornar as coisas ainda mais ameaçadoras, Mao tirou Chou do cargo de ministro do Exterior em fevereiro de 1958, e diplomatas antigos próximos a ele foram estimulados a atacá-lo.

A atmosfera em torno de Mao estava insuportável, mesmo para os padrões enervantes do seu regime. Um ministro que estivera na linha de tiro teve um colapso fatal. Quando o médico de Mao foi fazer-lhe um checkup, encontrou-o na cama, "murmurando sem parar: 'Poupe-me! Por favor, me poupe!'". O ministro foi levado de avião para um hospital em Cantão. Durante o voo, caiu de joelhos subitamente e bateu com a cabeça no chão, implorando: "Por favor, me poupe". Ele morreu em Cantão poucas semanas depois, aos 46 anos.[a]

No auge desse processo de intimidação e degradação, Mao mandou Chou

fazer uma autocrítica que implicaria que ele era um quase direitista diante dos 1360 delegados de um congresso especial do partido, em maio de 1958. Chou pediu desculpas por seus esforços anteriores para dificultar a taxa de "industrialização" desejada por Mao, cuja natureza militar não foi revelada nem mesmo nessa reunião de alto nível, assim como suas implicações catastróficas. Essa autocrítica causou muita dor a Chou. Ele demorou dez dias para escrever seu discurso. O normalmente garboso premiê passou dias a fio fechado em seu quarto, sem fazer a barba e despenteado, sem nem mesmo vestir-se. A secretária que anotava seus ditados relembrou que Chou falava extremamente devagar,

> às vezes incapaz de dizer uma palavra durante cinco ou seis minutos [...] Então sugeri sair do escritório e deixá-lo criar o texto com tranquilidade [...] Era meia-noite e retornei ao meu quarto, deitei-me na cama vestida e esperei ser chamada.
>
> Por volta das duas da manhã [a sra. Chou] me chamou. Ela disse: "En-lai está sentado no escritório olhando para o vazio. Como você foi para a cama?". Então [a] segui até o escritório, onde ela e o camarada Chou En-lai discutiram por muito tempo [...]

Chou ditou então, à beira das lágrimas. Ele não escolhera a esposa por amor, mas pela devoção mútua à causa comunista, e ela estava à altura daquela especificação.

Chou fez devidamente seu discurso, para satisfação de Mao. O clima no congresso estava mais assustador do que o usual, como se refletiu na linguagem da notícia para a imprensa, que dizia que a reunião havia "denunciado direitistas que se haviam insinuado no partido" — no jargão comunista, distante apenas um passo de condenar essas pessoas como agentes do inimigo. Orquestradas por Mao, várias províncias anunciaram que haviam descoberto direitistas entre seus próprios líderes provinciais. O mandachuva de Henan foi condenado e demitido por dizer que os camponeses não podiam suportar dar tanto para o Estado, pois estavam "morrendo de inanição". Henan, disse ele, havia suportado "enchentes sem fim, secas e outros desastres naturais", e seus habitantes tinham de "puxar arados, pois muitos animais de tração haviam morrido devido à escassez de comida".

Liu Shao-chi também foi ferozmente atacado pelos asseclas de Mao no congresso por seu papel nos cortes de 1956. Tal como Chou, ele também capitulou totalmente, assim como todos os que tinham um papel gerencial no Programa de Superpotência. As anotações de Mao mostram que ele

estava pronto para acusar quem se recusasse a seguir sua linha de coisas que equivaliam à traição ("usar métodos ilegais [...] empreender atividades de oposição"). No fim, não precisou ir tão longe, pois todos se renderam.

Liu permaneceu o segundo em comando. Chou estava tão abatido que perguntou a Mao "se é apropriado eu continuar a ser primeiro-ministro". Recebeu ordens para prosseguir e continuou a ser o chefe das relações exteriores, embora não tenha sido reintegrado no cargo. Mao sabia muito bem que ninguém mais poderia apresentar uma face tão sedutora do regime. O homem que assumiu o lugar de ministro do Exterior, Chen Yi, observou com pesar que se sentiu como "não mais que alguém que entretém e é louvado".

Mao fez uma das mais importantes mudanças de pessoal no congresso: promoveu seu velho companheiro Lin Biao para uma das vice-presidências do partido (ao lado de Liu, Chou, Zhu De e Chen Yun). Isso lhe deu um aliado no núcleo do poder, alguém que também tinha a alta patente de marechal do Exército. Os postos militares formais haviam sido criados em 1955, quando Liu e outros nove generais foram promovidos a marechal.

Ao lado dessas medidas, Mao intensificou o culto a sua personalidade, que começara a promover na época do terror de Yenan, em 1942-43. Em março de 1958, disse ao alto escalão (colegas, chefes provinciais e ministros): "É preciso um culto da personalidade [...] É absolutamente necessário". Seus asseclas competiram para declarar "fé cega" em Mao, e Ke, o chefão de Xangai, chegou a defender o instinto de rebanho: "Devemos seguir o presidente como um rebanho cego".

Para atiçar seu culto, Mao tomou a medida inusitada de visitar lugares como fábricas e cooperativas agrícolas, e essas visitas foram noticiadas com estardalhaço. Mao foi filmado para cinejornais exibidos em todo o país e retratado em um quadro apropriadamente intitulado *O presidente Mao caminha por toda a China*, que se tornou uma imagem doméstica. Depois que visitou uma aldeia próxima de Chengdu, em Sichuan, deu-se enorme publicidade à história de que os entusiasmados habitantes do povoado mudaram seu nome para "Cooperativa da Felicidade". Quando ergueu alguns torrões de terra numa pá, na represa do Túmulo Ming, nos arredores de Pequim, o *Diário do Povo* noticiou: "Assim que o presidente Mao largou a

pá, um soldado chamado Yu Bing-sen a enrolou em suas roupas. Ele disse com emoção transbordante: 'Sempre que virmos essa pá, pensaremos no presidente Mao e teremos mais energia'. Um membro de cooperativa agrícola chorou e contou ao repórter".[b] Essas exaltações de Mao na imprensa eram então enfiadas goela abaixo de toda a população, tanto alfabetizada quando analfabeta, em sessões de estudo dos jornais, que eram um aspecto permanente da vida sob o regime de Mao.

Em 13 de agosto, pela única vez em 27 anos de reinado, Mao comeu em um restaurante, em Tianjin. Ali ele foi visto, sem dúvida intencionalmente, não só quando desceu do carro, como quando apareceu na janela do andar superior. "Presidente Mao! Presidente Mao!", as pessoas começaram a gritar. A notícia espalhou-se depressa e logo uma multidão histérica de dezenas de milhares de pessoas ocupava várias quadras ao redor do restaurante, saltando e gritando "Viva o presidente Mao!". Um dos seus secretários ficou preocupado com a segurança e sugeriu que Mao deveria sair enquanto um guarda-costas de compleição semelhante à dele atraía a atenção para longe. Mas Mao não aceitou o dublê. Ele viera àquele lugar para ser visto e não corria nenhum perigo, pois aquela era uma visita de surpresa e ele estava suficientemente longe da multidão (e, de qualquer modo, ninguém teria uma arma, pois um dos primeiros atos de seu regime fora confiscar todas as armas de fogo). Ademais, as pessoas em torno do restaurante haviam sido certamente pré-selecionadas, como acontecia em outros lugares onde Mao aparecia. Ele acenou para a multidão, que respondeu com mais frenesi e choro. Tudo isso foi noticiado em minúcias pelos jornais.

Quando finalmente foi embora, depois de várias horas, ele descreveu sua partida para o círculo íntimo em linguagem quase divina: "Dei um aceno e a multidão recuou". Mao deleitava-se com o florescimento de seu culto e disse ao grupo íntimo que estava "profundamente impressionado". Anos de martelação do culto de sua personalidade lhe haviam dotado de um poder apavorante.

a Esse ministro, chamado Huang Jing, fora o segundo marido de madame Mao. Eles tinham casado em 1932, quando ele era um belo estudante radical de vinte anos, e ela, uma bibliotecária de dezoito, e ela entrou para o partido por influência dele. Depois que casou com Mao, ela convidava ocasionalmente o ex-marido "para um papo", mas ele sempre declinava do convite. A pressão sobre ele não foi nada pessoal da parte de Mao, que jamais foi ciumento. Com efeito, em Chongqing, em 1945, Mao fizera questão de convidar outro dos ex-maridos de sua esposa, Tang Na, para uma recepção e

saudou-o com uma piscadela e um chiste, pois Tang Na tentara suicidar-se certa vez, por causa da futura madame Mao. Ele se estabeleceu em Paris depois que Mao tomou o poder e lá morreu mais tarde.

b Cavar a terra na represa do Túmulo Ming por alguns minutos foi o único trabalho físico que Mao executou em todo o seu governo, embora tenha tornado o trabalho duro compulsório e rotineiro para quase todos os chineses, inclusive crianças, sob o pretexto de que o trabalho ajudava a manter a pureza ideológica.

40. O Grande Salto: "Metade da China talvez tenha de morrer" (1958-61; 64-67 anos)

Com seu culto alimentado e irrigado entre a população, seus colegas acovardados e submetidos e as vozes potenciais de dissenso silenciadas por meio da campanha "antidireitista", Mao tratou de acelerar o Programa de Superpotência, embora continuasse a esconder sua natureza militar. O cronograma original de 1953, que previa completar a "industrialização" em "dez a quinze anos", foi encurtado para oito, sete ou mesmo cinco — *ou possivelmente três* — anos. Mao fora informado de que aquisições da Rússia poderiam possibilitar sua entrada no clube das superpotências em cinco anos. Ele imaginava que poderia satisfazer sua ambição em um "*big bang*", declarando que "nossa nação é como um átomo". Chamou o processo de o "Grande Salto Para a Frente", e o lançou em maio de 1958.

Enquanto dizia à nação, de forma vaga, que o objetivo do Salto era fazer a China "alcançar todos os países capitalistas num tempo bastante curto, e se tornar um dos países mais ricos, avançados e poderosos do mundo", Mao explicava para plateias pequenas, e de modo estritamente confidencial, o que pretendia fazer quando o Salto estivesse completo. Em 28 de junho, disse a um grupo de elite do Exército: "Agora, o oceano Pacífico não é pacífico. Só poderá sê-lo quando o tomarmos". Nesse momento, Lin Biao aparteou: "Precisamos construir grandes navios e estar preparados para descer [militarmente] no Japão, nas Filipinas e em San Francisco". Mao continuou: "Quantos anos para poder construir esses navios? Em 1962, quando tivermos xx-xx toneladas de aço [números omitidos no original]". Em 19 de agosto, Mao disse a um grupo seleto de chefes provinciais: "No futuro, montaremos o Comitê de Controle da Terra e faremos um plano uniforme para a Terra". Ele dominava a China e pretendia dominar o mundo.

Para o povo chinês, o Grande Salto foi, com efeito, um enorme pulo —

mas na quantidade de alimento arrancado. O confisco não foi calculado com base no que os camponeses poderiam produzir, mas no que era necessário para o programa de Mao. Ele simplesmente afirmou que haveria um aumento enorme na colheita e fez os chefes provinciais proclamarem que suas áreas teriam uma produção astronômica. Quando chegou a época da colheita, os chefes selecionaram lacaios nas bases para declarar que suas regiões haviam, de fato, tido produções fantásticas. A máquina de propaganda de Mao divulgou então essas notícias, com grande estardalhaço. As colheitas estratosféricas e outras alegações foram chamadas de "sputniks", refletindo a obsessão de Mao com o satélite russo. Em 12 de junho, o *Diário do Povo* noticiou que em Henan, a principal província-modelo de Mao, uma "cooperativa sputnik" havia produzido 1,8 tonelada de trigo em um *mu* (1/6 de acre) — mais de dez vezes a norma. As alegações desse tipo não eram, como a história oficial chinesa quer nos fazer crer, resultado de fanfarronice espontânea de quadros locais e camponeses. A imprensa era a voz de Mao, não da opinião pública.

Os "campos sputniks" proliferaram. Em geral, eram criados com o transplante de plantas maduras de vários campos para um único lote artificial. Eram o equivalente maoísta dos campos Potiómkin — com a diferença fundamental de que não eram feitos para enganar o governo, mas produzidos *pelo* governo para os olhos de subalternos distantes, quadros de base de outras fazendas coletivas. Esses quadros eram muito importantes para Mao, pois eram as pessoas que estavam imediatamente encarregadas de entregar as colheitas ao Estado. Mao queria que eles vissem esses campos sputniks e depois voltassem para fazer reivindicações similares, a fim de que o Estado pudesse dizer: uma vez que vocês produziram mais, podemos tomar mais. Os quadros que se negavam a seguir essa linha eram condenados e substituídos por outros mais dóceis. Notícias sobre colheitas imensas enchiam a imprensa, enquanto Pequim parava em silêncio com a encenação dos transplantes, pois causava grandes perdas.

No final de julho, o *Diário do Povo* já declarava que "podemos produzir o quanto quisermos de alimentos", montando o palco para Mao afirmar publicamente, em 4 de agosto: "Devemos pensar no que fazer com todo esse excedente de comida". Essa alegação de excesso de produção era algo em que o próprio Mao não podia acreditar. Seis meses antes, em 28 de janeiro, ele reconhecera perante o Conselho Supremo que havia escassez de comida: "O

que vamos fazer, se não há alimento suficiente para comer?", havia perguntado. Sua solução era a seguinte: "Não é pior do que comer menos [...] Estilo oriental [...] É bom para a saúde. Os ocidentais têm muita gordura na comida deles; quanto mais se avança para o Ocidente, mais gordura eles comem. Eu digo que os comedores de carne ocidentais são desprezíveis". "Acho que é bom comer menos. Para que serve comer um monte e ficar com uma barriga grande, como os capitalistas estrangeiros das caricaturas?" Essas observações poderiam se aplicar ao próprio Mao, que tinha uma pança, mas eram irrelevantes para camponeses famintos. Em janeiro, Mao dissera: não há alimento suficiente, mas as pessoas podem comer menos. Seis meses depois, dizia: há alimento demais. Essas observações contraditórias tinham o mesmo propósito: arrancar mais alimentos dos camponeses.

Em setembro, o *Diário do Povo* noticiou que "o maior sputnik de arroz" havia produzido mais de setenta toneladas em menos de 1/5 de acre, o que era centenas de vezes mais do que a norma. Esse campo sputnik foi forjado por um ambicioso chefe novo de um condado em Guangxi. No final do ano, seu condado relatou uma produção de grãos que era mais de três vezes a quantidade verdadeira. O Estado exigiu então 4,8 vezes mais do que tomara no ano anterior, o que era impossível de cumprir.

Os quadros de base recorriam frequentemente à força bruta. E, se fossem julgados ineficazes, policiais armados eram enviados. Em 19 de agosto de 1958, Mao instruiu seus chefes provinciais: "Quando vocês ordenarem que entreguem coisas e elas não forem entregues, reforcem suas ordens com a força". Sob tal pressão, a violência estatal grassou em todo o campo chinês.

Para produzir uma "justificação", Mao acusou várias vezes os quadros camponeses das aldeias de esconder grãos. Em 27 de fevereiro de 1959, disse ao alto escalão: "Todas as equipes de produção escondem alimentos para dividir entre eles. Escondem até em porões profundos e secretos e colocam guardas e sentinelas". No dia seguinte, afirmou de novo que os camponeses estavam "comendo folhas de cenoura durante o dia, e arroz à noite". Com isso, queria dizer que fingiam não ter a comida adequada, mas, na verdade, tinham alimento bom que consumiam em segredo. Mao revelou seu desprezo pelo campesinato para seu círculo íntimo: "Os camponeses estão escondendo comida [...] e são muito ruins. Não há espírito comunista neles! Camponeses são, afinal, camponeses. Essa é a única maneira como eles conseguem se comportar".

Mao sabia muito bem que os camponeses não tinham alimentos para esconder. Ele contava com um sistema eficiente de informação e sabia de tudo o que acontecia diariamente no país. Em um lote de relatórios de abril de 1959, ele anotou que havia grave crise de fome na metade do país: "um grande problema: quinze províncias — 25,17 milhões de pessoas sem alimento"; sua reação foi pedir para que as províncias "tratassem do assunto", mas não disse como. Um relatório da província de Yunnan que chegou à sua mesa, datado de 18 de novembro de 1958, descrevia uma onda de mortes por edema — inchaço causado por severa desnutrição. De novo, sua reação foi passar o problema adiante: "Esse erro é principalmente culpa dos quadros do condado". Mao sabia que em muitos lugares as pessoas estavam reduzidas a comer misturas de terra. Em alguns casos, aldeias inteiras morreram quando os intestinos das pessoas ficaram bloqueados.

Esse aperto nacional possibilitou que Mao exportasse 4,74 milhões de toneladas de grãos, no valor de 935 milhões de dólares, em 1959. As exportações de outros alimentos também dispararam, em particular de carne de porco.

A alegação de que a China "tem alimentos demais" foi passada para Khruchióv. Quando ele foi a Pequim, no verão de 1958, Mao pressionou-o para que ajudasse a China a construir submarinos nucleares, que seriam extremamente caros. Khruchióv perguntou como ela iria pagar. A resposta de Mao foi que o país tinha suprimentos infindáveis de alimentos.

A comida também foi usada como matéria-prima no programa nuclear, que exigia combustível de alta qualidade. Os grãos foram transformados no álcool mais puro. Em 8 de setembro, depois de afirmar que havia alimentos para poupar, Mao disse ao Conselho Supremo que "precisamos encontrar escoadouros para os cereais nas indústrias, por exemplo, para produzir álcool etílico para combustível". Assim, os cereais foram usados para testes de mísseis, cada um dos quais consumia 10 milhões de quilos de grãos, o suficiente para exaurir radicalmente o consumo de comida de 1 a 2 milhões de pessoas durante um ano inteiro.

Os camponeses tinham agora de trabalhar com muito mais esforço e durante mais horas do que antes. Como queria aumentar a produção sem gastar nada, Mao agarrou-se a métodos que dependiam de mão de obra, não

de investimento. Por esse motivo, ordenou enormes esforços para construir sistemas de irrigação: diques, represas, canais. Nos quatro anos seguintes a 1958, cerca de 100 milhões de camponeses foram coagidos a trabalhar nesses projetos, removendo uma quantidade de terra e pedra equivalente a escavar 950 canais de Suez, usando principalmente martelos, pás e enxadas e, às vezes, até portas e estrados de camas de suas casas para improvisar carretas. Os camponeses convocados para esses projetos tinham amiúde de trazer não somente sua comida, mas também as ferramentas e, em muitos casos, materiais para construir seus abrigos.

Na ausência de medidas de segurança e cuidados médicos, os acidentes eram frequentes, assim como as mortes, circunstâncias de que Mao estava bem consciente. Suas conversas com os chefes provinciais sobre essas obras estão cheias de menções ao número de mortos. Em abril de 1958, observou que, como Henan (seu modelo) havia prometido remover 30 bilhões de metros cúbicos no inverno seguinte, "acho que 30 mil pessoas morrerão". Anhui, outra das províncias favoritas de Mao, "disse 20 bilhões de metros cúbicos e penso que 20 mil pessoas morrerão". Quando altos funcionários da província de Gansu apelaram contra "a destruição de vidas humanas" nesses projetos, Mao fez com que fossem condenados e punidos como uma "camarilha direitista antipartido".

Mao queria resultados instantâneos, então promoveu um slogan típico: "Levantamento, Projeto e Execução Simultâneos", conhecidos como os "Três Simultâneos". Desse modo, o levantamento geológico era escasso, ou inexistente, e um quarto "Simultâneo" logo se fazia necessário: Revisão.

Um projeto bem conhecido foi um canal de 1400 quilômetros de extensão através do platô da Terra Amarela, região assolada por secas, no noroeste da China. A obra teve de atravessar oitocentas montanhas e vales e os 170 mil trabalhadores tiveram de escavar cavernas para dormir e procurar ervas para comer. Depois de meses de andamento do projeto, túneis que eles já haviam começado a cavar, com as mãos, foram abandonados em favor de aquedutos. Depois de mais alguns meses, esse método também foi abandonado e alguns dos túneis foram reiniciados. O projeto continuou assim por três anos, durante os quais pelo menos 2 mil operários morreram, e depois foi abandonado. O relato oficial admitiu que nenhum lote de terra fora beneficiado.

A maioria dos projetos revelou-se um desperdício assombroso. Muitos

tiveram de ser abandonados pela metade: dos mais de quinhentos açudes grandes (com capacidade para 100 milhões de metros cúbicos ou mais), duzentos já haviam sido abandonados no final de 1959. Muitos outros ruíram enquanto Mao ainda estava vivo. O pior desastre de represa da história aconteceu em 1975, em Henan, a província modelar de Mao, quando muitos açudes construídos na época do Salto desabaram durante uma tempestade, e estima-se que afogaram entre 230 e 240 mil pessoas (número oficial de mortos: 85 600). Outros projetos malucos da era de Mao continuaram matando gente muito tempo depois de sua morte e, em 1999, não menos de 33 mil deles foram considerados riscos para a vida humana. As represas também tiraram milhões de seus lares e, mais de duas décadas depois, ainda havia 10,2 milhões de "pessoas deslocadas por represas".

Mao impôs muitos outros projetos mal planejados aos camponeses, como forçá-los a cavar o solo manualmente até uma profundidade de meio metro. "Usem a tática da onda humana e revirem todos os campos", ordenou. A semeadura muito próxima foi outro erro. Ela precisava de fertilizantes, mas Mao recusava-se a fazer os investimentos necessários e, no final de 1958, chegou a ordenar: "Reduzam as importações de fertilizantes químicos". Em outra ocasião, disse: "Transformar a China em um país de porcos [...] para que haja muito esterco [...] e mais do que suficiente carne, que pode ser exportada em troca de ferro e aço". Mas não disse de onde viria a comida para os porcos. Na verdade, sob a direção de Mao, o número de porcos do país caiu 48% entre 1957 e 1961.

Ao longo dos séculos, os camponeses chineses haviam aplicado sua engenhosidade para encontrar todas as substâncias possíveis que pudessem ser usadas como fertilizante. Nas áreas urbanas, cada lugar onde se despejavam dejetos humanos era alocado para uma determinada aldeia e os camponeses vinham antes do amanhecer para recolhê-los com seus barris oblongos sobre carroças. Os dejetos humanos eram tão preciosos que irrompiam brigas frequentes entre pessoas de aldeias diferentes devido a invasões de território com suas conchas de cabos longos. Desesperadas para encontrar novas fontes de fertilizantes, as pessoas começaram a misturar esterco animal e humano com os tetos de sapê e paredes de barro das casas velhas, nas quais a fumaça e a gordura haviam penetrado. Milhões de casas de

camponeses foram derrubadas para alimentar fossos de esterco, conhecidos como “lagos de merda e mares de mijo”.

Um dia, Mao teve a brilhante ideia de que uma boa maneira de manter os alimentos seguros era se livrar dos pardais, pois eles comiam grãos. Então designou esses passarinhos como uma das “Quatro Pragas” que deveriam ser eliminadas, junto com ratos, mosquitos e moscas, e mobilizou toda a população para sacudir paus e vassouras e fazer uma algazarra gigantesca, a fim de assustar os pardais e impedi-los de pousar, de tal modo que eles cairiam de fadiga, seriam capturados e mortos pelas multidões. Havia muito a dizer sobre a erradicação das outras três, que eram pragas genuínas, embora um efeito colateral tenha sido o desaparecimento da pouca privacidade que as pessoas tinham para desempenhar suas funções corporais, porque ávidos caçadores de moscas invadiam os lavatórios públicos aos magotes. Mas o argumento a favor da eliminação dos pardais não era tão incontroverso, pois esses pássaros, além de comer grãos, eliminavam muitas pragas — e não é preciso dizer que muitas outras aves morreram na farra da matança. Pragas que eram mantidas sob controle pelos pardais e outros pássaros floresceram, com resultados catastróficos. Os argumentos dos cientistas de que o equilíbrio ecológico seria afetado foram ignorados.

Não demorou para que um pedido do governo chinês marcado “Ultrassecreto” chegasse à embaixada soviética em Pequim. Em nome do internacionalismo socialista, pedia que enviassem 200 mil pardais do leste da União Soviética assim que possível. Mao teve de admitir que seu movimento antipardal foi contraprodutivo e ele sumiu aos poucos.[a]

A campanha das “Quatro Pragas” foi uma espécie de substituto maoísta do tipo “faça você mesmo” de um serviço de higiene, pois era de trabalho intensivo e livre de investimento. Mao também quis se livrar dos cães, que consumiam comida, mas desistiu quando lhe disseram que os camponeses precisavam deles para guardar suas casas enquanto estavam fora, no trabalho.

Outro fiasco que gastou energia dos camponeses e provocou desastre foi a ordem de Mao de que todo o país tinha de “fazer aço”. O Programa de Superpotência precisava de muito aço, metal que era a medida de Mao para o status de superpotência. Em 1957, quando se jactou para os líderes comunistas em Moscou que a China iria “alcançar a Grã-Bretanha em quinze

anos" (que depois encurtou para três) e quando disse aos chineses que tinha plena confiança de que o país poderia "alcançar os Estados Unidos" em dez anos, o que tinha em mente era a produção de aço. Ele estabeleceu a meta para 1958 de 10,7 milhões de toneladas. Como isso aconteceu é uma história que ilustra sua visão grosseira da economia. Sentado ao lado de sua piscina em Zhongnanhai, em 19 de junho, disse ao ministro da metalurgia: "No ano passado, a produção de aço foi de 5,3 milhões de toneladas. Você pode dobrá-la neste ano?". O servil ministro disse: "Tudo bem". E assim foi.

Usinas de aço e indústrias relacionadas, como minas de carvão, receberam ordens para se empenhar ao máximo a fim de acelerar a produção. As regras e o bom senso foram deixados de lado. Em poucos meses, os equipamentos foram usados em excesso até quebrar e mais de 30 mil trabalhadores morreram em acidentes graves. Os especialistas que criticaram a operação foram perseguidos. Mao estabeleceu o tom de descrédito da racionalidade ao dizer que "o conhecimento dos professores burgueses deve ser tratado como peido de cachorro, sem nenhum valor, que merece apenas desprezo, escárnio, desdém".

Mesmo empenhando-se ao máximo, as usinas existentes não podiam satisfazer a meta de Mao. Sua reação foi mandar a população em geral construir "fornalhas de quintal". Pelo menos 90 milhões de pessoas foram "forçadas", como disse Mao com franqueza, a construir tais fornos, que Khruchióv, com justeza, apelidou de "fornalhas samovares" e que não produziam aço, mas ferro-gusa, quando muito.

Para alimentar esses fornos, a população foi coagida a doar praticamente todas as peças de metal que possuía, mesmo aquelas que eram usadas em objetos produtivos e até essenciais. Ferramentas agrícolas, até carros-pipa, foram levados e derretidos, assim como utensílios de cozinha, maçanetas de ferro e grampos de cabelo femininos. O slogan do regime era: "Entregar uma picareta é destruir um imperialista e esconder um prego é esconder um contrarrevolucionário".

Em toda a China, mais casas de camponeses foram derrubadas e seus ocupantes transformados em sem-teto, para que a madeira e a palha pudessem ser queimadas como combustível. A maioria das montanhas e encostas de morros acessíveis ficou nua de árvores. O desmatamento resultante ainda causava inundações décadas depois.

As fornalhas exigiam atenção constante, consumindo uma enorme

quantidade de tempo de trabalho. Dezenas de milhões de camponeses, mais uma grande proporção de animais de tração, foram tirados da agricultura, deixando-a nas mãos de mulheres e crianças em muitos lugares. No final do ano, cerca de 10 bilhões de dias de trabalho haviam sido perdidos pela agricultura, em torno de um terço do tempo que teria sido usado normalmente para a produção de grãos. Embora a produção da safra de 1958 tenha sido levemente maior que a do ano anterior, não houve aumento na quantidade colhida.

À medida que se aproximava o prazo para alcançar sua meta de produção anual de aço, cada vez que Mao via seus administradores, contava nos dedos os dias que faltavam e os advertia: "Precisamos conseguir!". Em 31 de dezembro, as 10,7 milhões de toneladas foram atingidas, mas, como ele reconheceu para o alto escalão, "apenas 40% é aço bom"; e mais de 3 milhões de toneladas eram totalmente inúteis. O aço "bom" fora produzido por usinas adequadas; o inútil vinha das fornalhas de quintal e quase todas foram logo abandonadas. A aventura toda, um gigantesco desperdício de recursos e mão de obra, desencadeou outras perdas: em determinado lugar, os chefões locais sequestraram carregamentos de ligas metálicas russas de alta qualidade e as derreteram para que pudessem alegar uma produção abundante, chamada de "Sputnik de Ferro e Aço". "Não sou bom para construir, mas superbom para destruir": nunca a autoavaliação de Mao foi tão correta.

Mao desperdiçou boa parte da tecnologia e do equipamento comprados da Rússia, junto com as habilidades dos especialistas que os acompanharam. As máquinas ficavam amiúde ociosas, pois faltava a infraestrutura industrial gigantesca exigida por elas. O equipamento que estava funcionando era exigido em excesso, trabalhando às vezes 24 horas por dia, enquanto a manutenção era negligenciada ou considerada irrelevante. Mao estimulava a desobediência aos regulamentos e dizia aos chineses que trabalhavam com os assessores russos que não deviam ser "escravos" da expertise soviética. Os apelos ao bom senso dos russos não davam em nada. Até o principal assessor Arkhípov, que era muito pró-chinês, foi repelido com desprezo. Ele nos contou que, em 1958, "pedi a Chou e Chen Yun para tentar persuadir Mao a manter suas ideias para si mesmo, mas ele não dava ouvidos [...] Eles me

disseram: desculpe, Mao não concordou com o lado soviético". Em junho de 1959, o vice-premiê soviético Aleksandr Zassiádko, especialista em metalurgia e silos de mísseis, visitou a China e depois relatou a Khruchióv que "eles deixaram a coisa toda ir para o vinagre".

No final de 1958, os *grandes* projetos industriais centrados em armas que estavam em construção haviam alcançado a quantidade assombrosa de 1639 — mas somente 28 haviam sido completados e produziam alguma coisa. Muitos jamais foram terminados, devido à falta de materiais básicos como aço, cimento, carvão e eletricidade. O próprio regime os chamou de "projetos velhos". Mao foi o único governante da História a produzir um cilindro de ferrugem no começo da industrialização, em vez de no final dela.

Tudo isso foi destrutivo para os sonhos dele. A velocidade vertiginosa que impôs sabotou a qualidade e criou um problema de longo prazo que iria afligir a produção de armas durante todo o seu reinado. A China acabou com aviões incapazes de voar, tanques que não andavam em linha reta (em certa ocasião, um deles deu uma guinada e atacou os VIPs que observavam) e navios que eram um perigo para a tripulação quase tão grande quanto para os inimigos da China. Quando Mao decidiu dar um helicóptero a Ho Chi Minh, os fabricantes ficaram tão receosos de que ele pudesse cair que o detiveram na fronteira.

O Salto de quatro anos foi um desperdício monumental de recursos naturais e esforço humano, único em sua escala na história mundial. Uma grande diferença entre outros regimes ineficientes e destrutivos e o de Mao é que a maioria dos regimes predadores roubou suas populações depois de trabalho relativamente pouco intenso e de forma menos sistemática, ao passo que Mao espremeu primeiro todos até o osso, depois tomou tudo — e depois desperdiçou tudo.

Mao exigia um grau febril de trabalho, usando sem parar campanhas de "emulação" para fazer as pessoas competirem umas com as outras. Homens, mulheres e crianças subnutridos e exaustos eram levados a cavar em dobro, tendo muitas vezes de correr carregando cargas extremamente pesadas, e em qualquer tempo, do sol abrasador ao frio enregelante. Tinham de trotar quilômetros por trilhas montanhosas carregando água para os campos, da alvorada ao anoitecer. Tinham de ficar acordados a noite inteira para manter em funcionamento as inúteis "fornalhas de quintal". Mao chamava essa

maneira de trabalhar de “espírito comunista”. Em uma de suas muitas cenas teatrais, em 6 de novembro de 1958, ele afirmou que os camponeses se recusavam a fazer pausas (“mesmo que você queira que eles descansem, eles não querem”) e depois fez o papel de magnânimo e codificou seu dia ótimo: “Mudança a partir de 1º de janeiro do próximo ano: garantir oito horas de sono, quatro horas para comida e descansos, duas horas de estudo [isto é, doutrinação] [...] 8-4-2-10”, em que “10” se referia às horas de trabalho. No mesmo tom generoso, ele concedeu alguns dias de folga: dois por mês e cinco para as mulheres (mais do que os três em que ele havia originalmente pensado).

Na verdade, essas minúsculas concessões foram, em parte, consequência de notícias de epidemias, que Mao levou a sério, quando mais não fosse porque afetavam a força de trabalho. Um relato que o espantou envolvia uma epidemia de tifo perto de Pequim. Ele conclamou a “reduzir muito as doenças”, para que as pessoas “possam continuar a trabalhar todos os dias”.

No verão de 1958, Mao empurrou toda a população rural para dentro de unidades novas e maiores chamadas “Comunas Populares”. O objetivo era tornar mais eficiente o trabalho forçado. Ele mesmo disse que, ao concentrar os camponeses em um número menor de unidades — pouco mais de 26 mil em todo o país —, era “mais fácil controlar”. A primeira comuna, a Chayashan Sputnik, foi montada em Henan, a província-modelo. Seu estatuto, que Mao editou e classificou como “um grande tesouro”, estabelecia que todos os aspectos da vida de seus membros deveriam ser controlados pela comuna. Todas as 9369 famílias tinham de “entregar totalmente seus lotes privados [...] suas casas, animais e árvores”. Deveriam dormir em dormitórios, “de acordo com os princípios de beneficiar a produção e o controle”; e o estatuto estipulava que suas casas deveriam ser “desmanteladas [...] se a comuna precisar de tijolos, telhas ou madeira”. A vida de todos os camponeses deveria girar em torno do “trabalho”. Todos os membros deveriam ser tratados como se estivessem no Exército, com um sistema de três níveis de arregimentação: comuna, brigada e equipe de produção (em geral, uma aldeia). Os camponeses tinham direito a quantidades insignificantes de dinheiro. As comunas eram, de fato, campos para trabalhadores escravos.

Mao chegou mesmo a brincar com a ideia de eliminar os nomes das pessoas e substituí-los por números. Em Henan e outras áreas modelares, as pessoas trabalhavam nos campos com um número costurado nas costas. O objetivo de Mao era desumanizar os 550 milhões de camponeses da China e transformá-los no equivalente humano de animais de carga.

Como convinha à cultura de campo de trabalho forçado, os internos tinham de comer em cantinas. Os camponeses não foram somente proibidos de comer em casa como tiveram seus fogões e panelas destruídos. O controle total sobre a alimentação deu ao Estado uma arma aterrorizante e negar comida tornou-se uma forma comum de punição "leve", que os funcionários subalternos podiam usar contra quem quisessem.

Como as cantinas ficavam, às vezes, a horas de caminhada de onde as pessoas moravam ou trabalhavam, muitos tendiam a mudar-se para próximo delas. Ali, homens, mulheres, crianças e velhos viviam como animais, apinhados em qualquer espaço disponível, sem privacidade ou vida familiar. Isso também aumentou enormemente a incidência de doenças. Enquanto isso, suas casas, muitas feitas de barro e bambu, caíam em ruínas, sem falar daquelas derrubadas para produzir fertilizante, ou para alimentar as fornalhas do quintal. Na primavera de 1961, quando Liu Shao-chi inspecionou uma região próxima de sua aldeia natal, das 1415 habitações anteriores, restavam apenas 621 cabanas decrépitas.

A alegação feita por Mao de que havia "comida demais" contribuiu de outra forma para aumentar a miséria dos camponeses. Quando as cantinas foram montadas, muitos quadros permitiam que os camponeses famintos se fartassem. Essa farra durou apenas alguns meses, mas apressou o início da fome — e das mortes em massa — em muitas áreas antes do final de 1958. Três anos depois, Mao concordou, com relutância, em abandonar as cantinas. No entanto, seu fechamento, embora muito popular, foi quase tão doloroso quando sua abertura, pois muitos camponeses que se haviam instalado perto delas não tinham mais para onde ir. Mesmo onde suas habitações haviam sobrevivido, não havia mais fogões e panelas.

A subnutrição e o excesso de trabalho logo reduziram dezenas de milhões de camponeses a um estado de fraqueza que os impossibilitava de trabalhar. Quando descobriu que um condado estava distribuindo alimentos aos que

estavam doentes demais para trabalhar, a reação de Mao foi: "Isso não vai dar certo. Deem-lhes essa quantidade e eles não trabalham. É melhor cortar pela metade a ração básica, assim, se ficarem com fome, terão de dar duro".

As pessoas que dirigiam os camponeses eram os quadros das comunas, que pertenciam ao partido e se transformaram em feitores. Sabedores de que as falhas na execução de suas tarefas poderiam fazer suas famílias entrar para as fileiras dos famintos, muitos adotavam a atitude assim expressa por um deles: as pessoas eram "escravos que precisam ser espancados, maltratados ou ter a comida suspensa para obrigá-los a trabalhar".

Esses quadros faziam também o papel de carcereiros, mantendo os camponeses encerrados em suas aldeias. Em 19 de agosto de 1958, Mao apertou ainda mais o cerco àqueles que se mudavam sem autorização, o que ele chamou de "gente perambulando sem controle". A possibilidade tradicional de escapar da fome fugindo para um lugar onde houvesse comida, que havia muito tempo era ilegal, foi então bloqueada. Um camponês descreveu a situação como pior do que na época da ocupação japonesa: "Mesmo quando os japoneses vieram, podíamos fugir. Neste ano [1960] [...] estamos simplesmente confinados para morrer em casa. Minha família tinha seis membros e quatro morreram".

A outra tarefa dos quadros era impedir que os camponeses "roubassem" a própria colheita. Punições horríveis eram comuns: algumas pessoas eram enterradas vivas, outras estranguladas com cordas, de outras ainda cortavam-lhes o nariz. Em uma aldeia, quatro crianças apavoradas foram salvas de serem enterradas vivas por terem tomado um pouco de comida somente quando a terra já estava na cintura delas, depois de apelos desesperados de seus pais. Em outra aldeia, cortaram quatro dedos de uma criança por tentar roubar um pouco de comida; em outra ainda, enfiaram arames nas orelhas de duas crianças que tentaram roubar comida e as penduraram pelo arame numa parede. Brutalidades desse tipo aparecem em quase todos os relatos desse período, em todo o país.

Em 1958, como parte do Salto, Mao tentou também transformar as cidades em campos de trabalho escravo, organizando comunas urbanas. Seu plano era abolir os salários e pôr toda a sociedade em um sistema de casernas sem dinheiro. Isso não funcionou, pois esse sistema não era adequado às

cidades modernas, onde a vida tinha dimensões mais complexas.

Mas o fracasso não significou que Mao não tenha destroçado as cidades. Sua orientação para elas era: "Produção primeiro. A vida vem em segundo lugar". Sua cidade ideal era um centro puramente industrial. Diante do portão de Tiananmen e olhando para os palácios, templos e pagodes esplendorosos que naquela época compunham a silhueta de Pequim, ele disse ao prefeito: "No futuro, quero olhar em volta e ver chaminés por toda parte!".

Pior do que isso: Mao queria destruir as cidades existentes em escala maciça e construir centros industriais sobre as ruínas. Em 1958, foi feito um levantamento dos monumentos históricos de Pequim. A lista continha 8 mil — e o regime decidiu conservar *78*. Todos que souberam do plano, do prefeito para baixo, manifestaram-se contra esse grau de destruição. Por fim, a ordem não foi executada de forma tão drástica — durante algum tempo. Mas, por insistência de Mao, as muralhas e portões seculares de Pequim foram, em grande parte, derrubados e o entulho serviu para aterrar um lindo lago que havia na cidade. "Estou encantado que os muros em Nanquim, Jinan e outras cidades [também] foram derrubados", disse ele. Mao gostava de zombar dos intelectuais que derramavam lágrimas de angústia diante dessa destruição insensata e os fez trabalhar nas equipes de demolição. Muitos dos sinais visíveis da civilização chinesa desapareceram para sempre da face da Terra.

Mao manifestou várias vezes sua aversão pela arquitetura chinesa, ao mesmo tempo que elogiava as construções europeias e japonesas, que via como representativas das realizações de Estados militaristas. "Não suporto as casas de Pequim e Kaifeng [velha capital]. Prefiro muito mais as de Qingdao e Changchun", observou ele ao seu círculo íntimo em janeiro de 1958. Qingdao era uma antiga colônia alemã e Changchun fora construída pelos japoneses para ser a capital do Estado títere de Manchukuo. Mao chamava repetidamente essas duas cidades de "as melhores".

Ele permitiu que algumas coisas com caráter chinês fossem construídas. Nos primeiros anos de seu regime, algumas edificações em estilo chinês antigo foram erguidas, mas logo depois denunciadas por seu design tradicional. Em 1959, quando se construíram novos edifícios para marcar o décimo aniversário do regime, eles tinham estilo soviético. Na verdade, foram as únicas construções da era maoísta com alguma preocupação

estética. O resto eram fábricas e blocos de concreto cinza utilitários.

O mais conhecido dos novos edifícios era o Grande Salão do Povo, no centro de Pequim. Era onde Mao pretendia realizar grandes reuniões de prestígio e ele ordenou especificamente que o auditório fosse projetado para 10 mil pessoas. O Grande Salão, com 171 800 metros quadrados de área, foi erguido em um lado da praça Tiananmen, diante do antigo palácio imperial, a Cidade Proibida. Decidido a superar outros governantes totalitários em gigantismo, Mao deu ordens para que Tiananmen se tornasse "a maior praça do mundo, capaz de abrigar um comício de 1 milhão de pessoas". O que era um quadrado de onze hectares, com características próprias, teve o tamanho quadruplicado, destruindo vários trechos da cidade antiga. O resultado foi um espaço de concreto desprovido de calor humano, o coração desumanizado do regime de Mao.

As pessoas passavam fome nas cidades também, embora o número de mortes fosse muito menor do que no campo. Não obstante, a maioria dos habitantes urbanos mal conseguia sobreviver com as rações que obtinha. "A vida parecia avançar em câmera lenta", observou uma testemunha polonesa em Pequim. "Condutores de riquixá mal conseguem pedalar [...] dezenas de milhares de ciclistas comatosos [...] o abatimento está estampado nos olhos dos transeuntes." A ração de carne urbana declinou anualmente de 5,1 quilos por pessoa em 1957 para pouco mais de 1,5 quilo em 1960. As pessoas eram instruídas a comer "substitutos de comida". Um deles era uma substância parecida com ova de peixe chamada clorela, que crescia na urina e continha um pouco de proteína. Depois que Chou En-lai provou e aprovou essa coisa nojenta, ela logo passou a prover uma alta proporção da proteína da população urbana.

Essa epidemia de fome, que era nacional, começou em 1958 e durou até 1961, com o auge em 1960. Nesse ano, as estatísticas do próprio regime registraram que a ingestão diária de calorias caíra para 1534,8. De acordo com Han Suyin, um grande defensor do regime, as donas de casa urbanas estavam consumindo um máximo de 1200 calorias por dia em 1960. Em Auschwitz, os trabalhadores escravos recebiam entre 1300 e 1700 calorias por dia. Eles trabalhavam onze horas diárias e a maioria que não conseguia comida extra morria em poucos meses.

Durante a fome, alguns apelaram para o canibalismo. Um estudo pós-Mao (logo proibido) do condado de Fengyang, na província de Anhui, registrou 63 casos de canibalismo só na primavera de 1960, inclusive o de um casal que estrangulou e comeu o filho de oito anos. E o caso de Fengyang não era provavelmente o pior. Em um condado de Gansu em que um terço da população morreu, o canibalismo era corrente. Um quadro de aldeia que perdeu esposa, irmã e filhos contou depois a jornalistas: "Muita gente na aldeia comeu carne humana [...] Veem aquelas pessoas acocoradas tomando sol do lado de fora do escritório da comuna? Algumas delas comeram carne humana [...] As pessoas simplesmente ficavam loucas de fome".

Enquanto tudo isso acontecia, havia abundância de alimentos nos celeiros do Estado, que eram guardados pelo Exército. Uma parte disso simplesmente apodreceu. Um estudante polonês viu frutas "apodrecendo às toneladas" no sudeste da China no verão-outono de 1959. Mas a ordem de cima era: "Não abrir absolutamente a porta do celeiro, mesmo que as pessoas estejam morrendo de inanição" (*e-si bu-kai-cang*).

Perto de 38 milhões de pessoas morreram de fome e excesso de trabalho no Grande Salto Para a Frente, na epidemia de fome que durou quatro anos.[b] O número foi confirmado pelo próprio Liu Shao-chi. Mesmo antes do fim da fome, ele contou ao embaixador soviético Stepan Tchervonenko que 30 milhões de pessoas já haviam morrido.

Foi a maior epidemia de fome do século XX — e de toda a história registrada da humanidade. Mao matou conscientemente de inanição e excesso de trabalho esses milhões de pessoas. Durante os dois anos críticos de 1958-59, as exportações de grãos sozinhas, quase 7 milhões de toneladas, teriam proporcionado o equivalente a mais de 840 calorias por dia para 38 milhões de pessoas — a diferença entre vida e morte. E isso falando-se apenas de grãos, sem incluir carne, óleo de cozinha, ovos e outros alimentos que foram exportados em grandes quantidades. Se essa comida não tivesse sido exportada (e fosse distribuída conforme critérios humanos), é muito provável que nenhum chinês tivesse morrido de fome.

Na verdade, Mao havia levado em conta uma quantidade muito maior de mortes. Embora um massacre não fosse o objetivo do Grande Salto, ele

estava mais do que pronto para uma miríade de mortes e sugerira ao alto escalão que eles não deveriam ficar chocados com isso. No congresso de maio de 1958 que deflagrou o Salto, ele disse à plateia que, ao contrário de temer, eles deveriam saudar a morte das pessoas em consequência da política do partido. "Não seria desastroso se Confúcio ainda estivesse vivo hoje?", argumentou. O filósofo taoísta Chuang Tzu "estava certo ao espreguiçar-se e cantar quando sua esposa morreu. Deveria haver comícios de comemoração quando as pessoas morrem". A morte, disse Mao, "deve ser motivo de júbilo [...] Acreditamos na dialética, então não podemos deixar de ser a favor da morte".

Essa filosofia superficial e, contudo, brutal foi repassada para os funcionários subalternos. No condado de Fengyang, quando mostraram a um deles os cadáveres das pessoas que haviam morrido de inanição e excesso de trabalho, ele repetiu quase palavra por palavra o que Mao dissera: "Se as pessoas não morrerem, a terra não poderá sustentá-las! As pessoas vivem e morrem. Quem não morre?". Usar luto foi proibido; até mesmo derramar lágrimas — pois Mao dissera que a morte deveria ser celebrada.

Mao via vantagens práticas nas mortes em massa. "As mortes trazem benefícios", disse ao alto escalão em 9 de dezembro de 1958. "Elas podem fertilizar o solo." Desse modo, os camponeses receberam ordens para plantar sobre túmulos, o que causou intensa angústia.

Podemos dizer agora com segurança de quantas pessoas Mao estava pronto para se desfazer. Em 1957, quando se encontrava em Moscou, ele disse: "Estamos preparados para sacrificar 300 milhões de chineses pela vitória da revolução mundial". Isso equivalia a cerca de metade da população da China de então. Em 17 de maio de 1958, ele disse ao congresso do partido: "Não se preocupem tanto com uma guerra mundial. No máximo, morrem pessoas [...] Metade da população aniquilada — isso aconteceu algumas vezes na história chinesa [...] É melhor que sobre metade da população, melhor ainda, um terço".

Mao não estava pensando somente numa situação de guerra. Em 21 de novembro de 1958, ao conversar com seu círculo íntimo sobre os projetos de trabalho intensivo como sistemas hidráulicos e fabricação de "aço", ele supôs tacitamente e de modo quase casual um contexto em que os camponeses teriam pouco para comer e trabalhariam até a exaustão, e disse: "Trabalhando assim, com todos esses projetos, metade da China talvez tenha

de morrer. Se não a metade, um terço, ou um décimo — 50 milhões morrem". Consciente de que essas observações poderiam chocar, tentou diminuir sua responsabilidade. "Cinquenta milhões de mortos", continuou ele, "eu poderia ser despedido e poderia até perder minha cabeça [...] mas, se vocês insistirem, eu terei de deixar vocês fazerem isso, e vocês não poderão me culpar quando as pessoas morrerem."

a Kim Il Sung, da Coreia do Norte, revelou-se menos estúpido do que Mao nessa questão. O líder chinês pressionou-o para imitar a campanha contra os pardais. Para satisfazer Mao, Kim redigiu um "Plano Trienal para Punir Pardais", mas depois não fez nada enquanto aguardava os resultados da campanha chinesa.

b Esse número baseia-se no seguinte cálculo. Os demógrafos chineses concluíram que as taxas de mortalidade de 1958 a 1961 foram de 1,20%, 1,45%, 4,34% e 2,83% respectivamente. A taxa média de mortalidade nos três anos imediatamente anteriores e posteriores à fome foi de 1,03%; em 1957, 1,08%; em 1962, 1%; e em 1963, 1%. As taxas de mortalidade acima dessa média só podem ter sido causadas pela inanição e pelo trabalho em excesso durante a epidemia de fome. O número "extra" de mortes chega a 37,67 milhões, baseados nos dados populacionais de 646,53, 659,94, 666,71 e 651,71 milhões para 1957, 1958, 1959 e 1960. As estatísticas oficiais publicadas em 1983 são consideradas parcialmente equivocadas porque os policiais locais subestimaram o número de mortes nos anos de 1959-61, depois que alguns foram expurgados por "relatar mortes em excesso".

41. A batalha solitária do ministro da Defesa Peng (1958-59; 64-65 anos)

Nos primeiros dois anos do Grande Salto Para a Frente, a maioria dos companheiros de poder de Mao o apoiou. Somente um membro do Politburo, o marechal Peng De-huai, ministro da Defesa, teve coragem para discordar.

Peng havia permanecido próximo de suas raízes camponesas pobres. Em um relato de sua vida escrito mais tarde, quando estava preso por ordem de Mao, ele recordou que costumava lembrar-se de sua infância esfaimada para não se "tornar corrupto ou insensível em relação à vida dos pobres". Nos anos 1950, comentou com o alto escalão o estilo de vida corrupto do líder chinês: as mansões em todo o país e a busca de garotas bonitas, que Peng descreveu como "seleção de concubinas imperiais".

Peng havia cruzado armas com Mao ao longo dos anos. Na década de 1930, criticara-lhe o tratamento perverso de outros comandantes militares. Na Longa Marcha, desafiara a liderança militar de Mao quando este, para alcançar seus objetivos pessoais, quase levou o Exército Vermelho à ruína. Na década seguinte, quando começou o culto da personalidade do líder, durante o terror em Yenan, Peng levantou objeções a rituais como gritar "Viva o presidente Mao!" e cantar o hino de Mao, "O Oriente é vermelho". Depois que Khruchióv denunciou Stálin em 1956, Peng manifestou-se com mais vigor contra o culto da personalidade e até defendeu a mudança do juramento dos soldados: em vez de jurar lealdade a Mao, propunha que prometessem fidelidade à nação, com o argumento de que "nosso Exército pertence à nação".

Isso certamente irritava Mao. Além disso, ele odiava o fato de que Peng não somente expressara estima por Khruchióv graças à desestalinização, como exortara que os gastos com indústrias de defesa em tempos de paz

“deveriam ser compatíveis com o padrão de vida do povo”.

Com frequência, Peng expressava opiniões independentes e heterodoxas. Admirava abertamente os conceitos de “liberdade, igualdade e fraternidade” que Mao considerava “antimarxistas”. Peng defendia também a observância dos códigos de ética tradicionais da China, como “um príncipe e o homem da rua são iguais perante a lei” e “não faça aos outros o que não quer que façam a você”. Meu “princípio”, disse Mao, “é exatamente o oposto: faço aos outros exatamente o que não quero que façam comigo”.

Havia três décadas que Peng era um espinho na vida de Mao, embora tivesse colaborado com ele em momentos decisivos, como entrar na Coreia em 1950. Graças a isso, em 1954 foi elevado a ministro da Defesa — com relutância, revelou Mao depois. Durante a gestão de Peng, Mao procurou enfraquecê-lo criando cadeias de comando paralelas. Ainda assim, Peng mantinha um destemor diante dele que era único entre os altos líderes.

Quando lançou o Salto, em maio de 1958, Mao mergulhou Peng e cerca de 1500 oficiais graduados do Exército em reuniões diárias de “crítica e autocrítica”, nas quais eram obrigados a se atacarem mutuamente durante semanas seguidas. Tais sessões, que haviam se tornado um costume maoísta desde o terror de Yenan, eram cheias de destruição maldosa de reputações e constituíam um imenso desgaste emocional.[a] Peng sentia-se tão desmoralizado que se propôs a renunciar, oferta que Mao rejeitou porque queria expurgá-lo. Enquanto isso, ele promovia seu assecla, o marechal Lin Biao, a vice-presidente do partido, o que o colocava acima de Peng, tanto no partido como no Exército.

Essas convulsões consumiram tempo e energia de Peng até o final de julho, quando as reuniões de crítica acabaram. Somente então ele pôde começar a tomar pé no panorama terrível ao seu redor. Percebeu que Mao estava com a ideia fixa de montar uma força de ataque absolutamente gigantesca — não menos que duzentos a trezentos submarinos nucleares e todas as armas mais modernas que a Rússia possuía — e que ele faria qualquer coisa para atingir tal meta. Um passo nessa direção foi o bombardeio da ilha de Quemoy em agosto, com o objetivo de provocar ameaças nucleares dos Estados Unidos e assim pressionar Khruchióv (Peng foi deliberadamente excluído desse processo, embora fosse o chefe do Exército). Depois houve a inundação de

dados falsos das colheitas, que só podiam significar uma coisa: que Mao pretendia arrancar uma quantidade muito maior de alimentos para pagar pela quantidade enorme de equipamentos militares que estava comprando da Rússia.

Na noite de 3 de setembro, pouco depois do início do bombardeio de Quemoy, Peng desapareceu quando estava no balneário de Beidaihe para uma rodada de reuniões. Por fim, depois de longa procura, a guarda pretoriana o encontrou caminhando ao luar, num trecho remoto da praia, sozinho. Com o rosto sombrio, ele retornou para casa e ficou acordado toda a noite.

Depois, partiu para uma excursão de inspeção do norte da China, durante a qual ficou sabendo que os números da colheita estavam, de fato, inflacionados e que os camponeses estavam morrendo de inanição. Viu pela primeira vez o impacto desastroso da obsessão de Mao, as fornalhas de quintal. Ao passar por Henan, viu as fornalhas se tornando mais densas, com muita gente, carretas, pás, escadas e cestos, e chamas que se estendiam como um mar em fogo até o horizonte. Depois de olhar pela janela do trem, virou-se para seu ajudante de ordens e sacudiu a cabeça: "Esses fogos vão queimar tudo o que temos".

No início de dezembro, numa conferência em Wuhan, Peng ouviu Mao anunciar que a colheita para 1958 era mais do que o dobro da de 1957, que havia sido um ano muito bom. Peng disse que isso era impossível, mas os chefes da agricultura de Mao o calaram com um "nós sabemos mais do que você".

Peng decidiu voltar à sua região natal em Hunan, que ficava no mesmo condado da aldeia em que nascera Mao, para descobrir o que estava realmente acontecendo. Ali, obteve a confirmação de que os números da colheita eram falsos. Os camponeses haviam derrubado suas casas para alimentar as fornalhas de quintal; o excesso de trabalho os punha à beira do colapso; e quadros da base partidária estavam usando violência para forçá-los a trabalhar. "Em algumas áreas, tornou-se prática comum espancar as pessoas", escreveu Peng. "As pessoas são espancadas quando não conseguem cumprir suas cotas de trabalho, espancadas quando se atrasam para o trabalho, espancadas até mesmo por dizer coisas que alguns não gostam." Peng registrou também a miséria especial que o trabalho forçado estava causando às mulheres: o excesso de trabalho fazia com que "muitas mulheres

sofram prolapsos do útero, ou parada prematura da menstruação".

Os amigos de infância de Peng tinham rostos famintos e pálidos. Mostraram-lhe a panela da cantina, que continha apenas folhas de legumes e alguns grãos de arroz, sem óleo. Suas camas eram frias esteiras de bambu com colchas finas, em pleno frio de dezembro. Como tinham mais de sessenta anos, seus coetâneos moravam nos alojamentos da comuna para os idosos, chamados de "Pátio da Felicidade". "Que espécie de felicidade é essa?", explodiu Peng. As camas do jardim de infância tinham apenas trapos ralos. Muitas crianças estavam doentes. Peng deu ao jardim de infância duzentos yuans de seu próprio bolso e deixou outros duzentos para comprar roupa de cama para os idosos. Um veterano do Exército Vermelho que ficara incapacitado nos anos 1930 enfiou um pedaço de papel em sua mão. Era uma súplica a Peng para "gritar por nós".

Em 18 de dezembro, Peng encontrou-se com Bo Yi-bo, um dos principais administradores econômicos do regime, e lhe disse que os dados de Mao sobre a colheita de grãos eram irreais e que não se deveriam confiscar alimentos com base naquele exagero. Bo concordou com ele. Na verdade, todos os economistas de Mao, bem como membros do Politburo, sabiam a verdade. Mas, quando Peng sugeriu que ele e Bo mandassem um telegrama conjunto para Mao, Bo recuou. Então Peng telegrafou por sua própria conta para Mao, insistindo para que a coleta de alimentos fosse reduzida. Não houve resposta.

Peng sabia que seu relato não era novidade para Mao, que havia repetido sua opinião precipitada sobre a morte no início daquele mês, em Wuhan: "Algumas crianças morrem no jardim de infância, alguns velhos morrem no Pátio da Felicidade [...] Se não houver morte, os seres humanos não podem existir. De Confúcio até agora, seria desastroso se as pessoas não morressem".

Como seria possível deter Mao? Embora fosse ministro da Defesa, Peng tinha pouco poder — nada como o poder que tais ministros tinham em outros países. O Exército era totalmente controlado por Mao e Peng não podia movimentar tropas sem a permissão explícita dele. Peng começou a pensar em procurar ajuda da única fonte possível: o exterior.

Sem acesso ao Ocidente, sua única esperança era a Europa oriental e Khruchióv. Tratava-se de uma tentativa com pouca probabilidade de sucesso. Ele decidiu, ao que parece, tentar e fazer uma sondagem sobre essa

possibilidade remota.

Havia tempo que Peng recebia convites para visitar a Europa oriental. Chegar até lá significava passar por Moscou e Mao indicara que não gostaria que ele aceitasse os convites. Mas, em 28 de fevereiro de 1959, ele concordou, depois que Peng, numa atitude pouco característica, o pressionou para obter seu consentimento.

O esperto Mao adivinhou que Peng estava armando alguma coisa. Em 5 de abril, pouco antes da partida dele, Mao explodiu numa reunião da cúpula do partido: "O camarada Peng De-huai está aqui? [...] você tem realmente ódio mortal de mim". E então demonstrou uma cólera que os mais próximos disseram nunca ter visto. "Sempre estivemos combatendo um ao outro [...] Meu princípio é: você não se mete comigo e eu não me meto com você, mas meta-se comigo e pode ter certeza de que me meterei com você!"

Naquela noite, Peng foi visto andando para lá e para cá em seu gabinete. Quando um secretário veio consultá-lo sobre os planos para o dia seguinte, Peng, que jamais mencionava assuntos pessoais, o espantou ao falar subitamente com melancolia sobre como sentia falta da ex-mulher. Sua esposa atual era uma pessoa do partido assustada e "correta", da qual não podia esperar compreensão ou apoio para o rumo que estava prestes a tomar.

Em 20 de abril, logo antes de partir para a Europa, Peng compareceu a uma recepção oferecida pelos embaixadores dos países que iria visitar. Ali fez uma coisa sem precedentes. Levou o embaixador soviético Iúdin para uma sala separada e, na presença somente do intérprete da embaixada russa, o que era uma grande violação das regras, iniciou uma conversa sobre o Grande Salto Para a Frente. De acordo com o intérprete, a sondagem de Peng foi cautelosa: "Apenas pelo caráter de suas perguntas e pelo tom em que foram formuladas era possível entender sua atitude negativa em relação ao 'Salto'". O intérprete contou-nos: "Parecia que Peng queria ver o que o embaixador diria sobre o Grande Salto — obter a opinião dele". Iúdin enrolou falando dos aspectos "positivos" do Salto. Relembrou o intérprete: "O que ficou gravado na minha memória foram os olhos melancólicos do marechal, que refletiam uma gama de sentimentos, de alarme pelo destino de seu país à determinação firme de lutar por seu futuro".

Peng não encontrou mais simpatia quando chegou à Europa. Walter

Ulbricht, líder da Alemanha Oriental, disse saber que a China estava tendo um crescimento fantástico na agricultura — e, quem sabe, poderia mandar mais carne para que pudessem igualar o consumo anual da Alemanha Ocidental de oitenta quilos per capita? Na China, mesmo nas cidades, a ração de carne para todo o ano era de uns poucos quilos.

Depois que Ulbricht falou, Peng ficou em silêncio por um longo tempo, antes de dizer ao seu anfitrião que havia, na verdade, uma tremenda escassez de alimentos. O chefe do partido alemão, um velho stalinista que também manipulara dados, não se comoveu. Para ele, se as afirmações de Mao eram verdadeiras ou falsas era indiferente. Na verdade, as importações de alimentos da China haviam permitido que a Alemanha Oriental, com um padrão de vida incomparavelmente mais elevado que o chinês, suspendesse o racionamento, em maio de 1958. (Mais tarde, em 11 de janeiro de 1961, quando dezenas de milhões de chineses já haviam morrido de inanição, Ulbricht pediu a Mao mais comida. Chou disse aos embaixadores do Leste Europeu que a China não poderia entregar todos os alimentos previstos nos contratos e a Polônia demonstrou compreensão, mas a Alemanha Oriental não quis saber nem de um adiamento e pressionou pela entrega sem atrasos. "A Grande Alemanha acima de tudo", observou Chou, mas mesmo assim mandou 23 mil toneladas de soja.)

Depois da conversa com Ulbricht, Peng desabafou com seu staff: "Como nosso povo se sentiria se soubesse que nos pedem para ajudar outros a ter oitenta quilos de carne por ano?". Sua próxima parada foi na Tchecoslováquia. Quando contou aos tchecos sobre o que estava realmente acontecendo na China e disse que qualquer um, exceto os chineses, estaria indo para as ruas, obteve pouca reação. Peng percebeu que os regimes do Leste Europeu eram uma causa perdida. Eles "todos dão grande atenção às armas", observou. "Todos eles têm uma classe privilegiada treinada pela União Soviética." A verdade é que esses regimes não se importavam com o quanto custava para o povo chinês fornecer-lhes alimentos, mesmo que isso significasse a morte; as importações de alimentos da China pela Europa oriental atingiram seus níveis mais altos em 1958.[b] Durante toda a viagem, Peng ficou abatido.

Sua última parada na Europa era na Albânia. Quando chegou lá, em 28 de maio, descobriu que Khruchióv acabara de chegar, inesperadamente, para sua primeira visita ao país. Qualquer esperança que Peng tivesse de que o

líder soviético talvez tivesse vindo para encontrá-lo foi varrida de imediato: ele não trazia um intérprete de chinês na comitiva.

Khruchióv estava na Albânia por uma razão muito diferente. Esse país propiciava à Rússia sua única base de submarinos no coração do Mediterrâneo, na ilha de Sazan. A missão de Peng, ditada por Mao, também estava voltada para essa base. Em seu primeiro dia na Albânia, Peng levantou-se às cinco e meia da manhã e foi direto para lá. O objetivo da visita de Khruchióv era tentar evitar que a Albânia fizesse um acordo com a China em relação à base. Peng percebeu que não poderia contar com a ajuda do líder russo, ou de qualquer país comunista.[c]

Parece que Peng então, em desespero, pensou em algo semelhante a um golpe militar. Ao retornar a Pequim, em 13 de junho, a primeira coisa que fez foi tentar mobilizar algumas forças militares "para transportar grãos para as áreas atacadas pela epidemia de fome", disse ao chefe do estado-maior do Exército, Huang Ke-cheng, que era seu amigo íntimo e tinha mentalidade semelhante. Huang entendeu obviamente o que Peng pretendia com as tropas, pois manifestou um grau de relutância que não teria mostrado se achasse que o objetivo da proposta era realmente transportar alimentos. Mao parece ter sabido dessa conversa e, mais tarde, submeteu Peng a intenso interrogatório sobre ela. Como todas as movimentações de tropas precisavam da autorização de Mao, Peng não conseguiu o que queria. Tudo o que pôde foi tentar exercer pressão sobre Mao, enviando-lhe relatórios exagerados sobre a fome, e persuadir outros a fazer o mesmo. Ao ver camponeses famélicos do trem, ele diria a seus companheiros: "Se os operários e camponeses da China não fossem tão bonzinhos, teríamos de convidar o Exército Vermelho soviético [para sustentar o regime comunista]!".

Mao seguira todos os passos de Peng na Europa por meio de espiões na delegação e sabia que ele não conseguira nada. Pouco depois, observaria complacentemente que Peng fora ao exterior para "dar uma farejada", mas não conseguira fazer mais do que isso. Mao decidiu atacar. Parte de seu cálculo era usar o expurgo de Peng para deflagrar uma campanha de terror mais ampla. Ele precisava como nunca manter o grande aperto, pois a China estava atrasando os pagamentos à Rússia. O problema era que os funcionários das bases, por piedade, estavam muitas vezes evitando tomar a comida que os camponeses necessitavam para sobreviver. Ele sabia que boa

parte de sua máquina, bem como toda a nação, resistia a suas políticas. Em fevereiro e março de 1959, repetira algumas vezes: "Várias centenas de milhões de camponeses e líderes de equipes de produção estão unidos contra o partido". Até mesmo a maioria de seus chefes provinciais mantinha agora um silêncio constrangido quando ele os pressionava para cuspir mais alimentos. Mao precisava de seu recurso habitual, o terror, para robustecer sua máquina.

Em 20 de junho de 1959, uma semana depois do retorno de Peng da Europa, Mao saiu de Pequim de trem. Estava insuportavelmente quente e o ventilador elétrico foi desligado para que ele não pegasse um resfriado. Uma grande tigela de gelo foi colocada no seu vagão, com pouco resultado. Todos os homens, inclusive Mao, ficaram só de roupa de baixo (logo depois, um trem com ar-condicionado foi encomendado para Mao da Alemanha Oriental). Para se refrescar, Mao foi nadar no Yangtze e no rio Xiang — o que fazia as vezes de banho para ele. Ele não havia tomado um banho ou chuveiro, ou lavado os cabelos, desde 1949, quase uma década antes, quando descobrira o prazer de ser esfregado com uma toalha quente por um criado e ter os cabelos penteados por seu barbeiro.

Entrementes, preparava-se para o confronto final. No dia 24, mandou seu secretário telefonar para Pequim e convocar uma conferência em Lushan, o balneário montanhoso acima do Yangtze. Mao ditou uma lista de participantes, mas não explicou que se tratava de um fórum para condenar Peng.

Tendo decidido pelo expurgo de mais alto nível desde que havia tomado o poder, parecia que precisava da confirmação pessoal de que ainda detinha status divino e era invencível. Na ocasião, estava hospedado em local próximo de sua aldeia natal, Shaoshan. Impulsivamente, decidiu ir até lá para farejar o ar.

Era sua primeira visita em 32 anos, embora tivesse passado pela região com frequência. As autoridades locais haviam construído uma casa de campo para ele, por sua vontade expressa. Colina dos Pinheiros nº 1, situada num bosque de pinheiros, estava pronta para recebê-lo havia anos. Eles também tinham expulsado as famílias "indesejáveis" anos antes, para evitar que chegassem perto de Mao — ou cruzassem com visitantes estrangeiros.

Mao ficou duas noites em Shaoshan. Tendo solicitado reclamações, obteve-as em abundância. Os moradores do local contaram-lhe que as colheitas haviam sido infladas. Aqueles que tinham feito objeções foram submetidos a reuniões de denúncia e espancados. Um homem idoso perguntou se era ideia de Mao que homens e mulheres deveriam levar vidas segregadas em condições de caserna (o que acontecera em muitas comunas do país). Sobretudo, estavam famintos, pois recebiam apenas *entre um terço e um quarto* do que era tradicionalmente considerado suficiente naquela região. Quando Mao deu uma refeição a várias dezenas de aldeões, eles devoraram tudo sem cerimônia.

Não houve uma palavra de apoio às políticas de Mao, mesmo em sua aldeia natal, que era extremamente privilegiada e recebia grandes subsídios estatais. Mas ele pôde ver também que, embora o descontentamento fosse maciço, ninguém ousava fazer mais do que resmungar e algumas queixas eram travestidas de adulação. "Presidente", disse um deles, "se não tivesse vindo a Shaoshan, logo morreríamos de fome." Quando um jovem reclamou com mais veemência do que os outros, Mao aparentou desapontamento e retrucou: "Afinal, está melhor que nos velhos tempos". Embora isso fosse uma mentira patética (ele mesmo dissera nos "velhos tempos" que em Shaoshan "é fácil ficar rico"), ninguém o desmascarou. Nem contestaram sua instrução posterior, que era claramente irrelevante: "Comer mais em estações de muito trabalho e comer menos em estações sem atividade. E ser econômico com a comida". Quando ele se virou para os líderes provinciais e disse descaradamente que as queixas eram "apelos contra vocês; é responsabilidade de vocês, anotem tudo", os bodes expiatórios engoliram em seco.

O culto da personalidade de Mao garantia sua intocabilidade. Uma jovem criada da hospedaria passara três dias e três noites sem dormir limpando o lugar. Décadas depois, ela relembrou como o gerente a chamara. "'Posso lhe confiar a melhor e mais gloriosa tarefa?' Eu disse: 'Com certeza'." A missão era lavar a roupa de baixo suja de Mao.

> Puxa, eram as roupas do presidente Mao. Isso é realmente, realmente fantástico [...] elas estavam ensopadas de suor. Desta cor, amarelo. Uma camisa, um par de ceroulas longas [...] Pensei sobre o presidente Mao: ele era o líder dos povos do mundo e, no entanto, levava uma vida tão dura. [!] A roupa de baixo era tão frágil que não ousei esfregar com força, mas só de maneira suave. Que faria eu se as estragasse? [...] Tive medo que alguém as visse [penduradas para secar] e pudesse fazer

alguma coisa [...] então eu saía a todo instante e as pegava para ver se já estavam secas [...] Não havia eletricidade, nem ferro elétrico.[d] Mas consegui deixar as roupas com boa aparência. Assim, antes que ficassem totalmente secas, as dobrei e coloquei sob o tampo de vidro da mesa para pressioná-las [...] Quando as entreguei para o diretor, ele disse: "Muito bom, muito bom". Mas eu estava pensando: não vai adiantar se o presidente Mao não gostar do meu trabalho [...]

Mao partiu de Shaoshan sem nutrir dúvidas de que acabaria vencendo Peng.

Elevando-se a quase 1500 metros acima da planície vaporosa do Yangtze, Lushan tinha a aparência de uma montanha mágica divorciada da vida lá embaixo. Estava sempre envolta por nuvens que se condensavam e evaporavam rapidamente. O grande poeta Su Shi deixou um poema imortal sobre seu mistério:

Incapaz de ver a verdadeira face de Lushan
Não surpreende, pois estás dentro dela.

Nuvens com as formas mais fabulosas, sopradas das gargantas do alto dos penhascos, flutuavam diante dos pedestres. Às vezes, enquanto as pessoas conversavam, as nuvens envolviam imperceptivelmente alguns interlocutores, para revelá-los um instante depois. Era até possível captar o momento surreal em que uma nuvem entrava por uma janela aberta e depois saía por outra.

No final do século XIX os europeus transformaram Lushan numa estação de veraneio. Bambus e pinheiros, cascatas e rochas musgosas ofereciam alívio para o calor abrasador da planície. Em seu centro, Kuling, havia mais de oitocentas casas de campo em diferentes estilos europeus. Foi a capital de verão de Chiang Kai-shek durante treze anos. Uma mansão construída originalmente para um inglês fora sua residência e, agora, pertencia a Mao. Durante a última estadia de Chiang, em agosto de 1948, ele a batizara de "Vila da Beleza" — "Mei-lu" (o caractere "beleza" fazia parte do prenome de madame Chiang, Mei-ling). Sabendo que seus dias no continente estavam contados, Chiang gravou o nome e mandou esculpi-lo numa rocha na entrada da mansão. Quando viu alguns pedreiros que tentavam apagá-lo, Mao os deteve.

Chiang e os antigos residentes subiam para Lushan em liteiras, se não

quisessem fazer a caminhada íngreme de sete ou oito quilômetros montanha acima. Os comunistas construíram uma estrada. Quando os carros da comitiva de Mao estavam nessa estrada, nenhum outro carro podia passar por ela. Toda a montanha era isolada durante sua estada; até os residentes fora da área da vila eram despachados para outro lugar. A segurança de Mao era imensamente mais rigorosa que a de Chiang. Na verdade, depois dessa visita, Mao ficou insatisfeito com a vila, assim como acontecia com todas as residências antigas selecionadas para ele em toda a China. Em Lushan, ele também mandou construir um de seus enormes bunkers ao estilo armazém de cimento, aço e pedra, à prova de balas e bombas. Essa nova propriedade, Bosque de Juncos nº 1, que ficou pronta dois anos depois, ficava ao lado de uma represa, para que Mao pudesse nadar quando quisesse. Essa, como muitas outras vilas de Mao, foi construída durante os piores anos da epidemia de fome.

Diante da inanição em massa que grassava, Mao fez questão de criar uma atmosfera de férias em Lushan. Os participantes foram instruídos a levar esposas e filhos (para muitas das crianças, seria a primeira experiência dentro de vilas europeias, cujos vasos sanitários com descarga e paredes de pedra as deixaram fascinadas). A comida era excelente; até a cantina dos funcionários servia mais de meia dúzia de pratos em cada refeição. À noite, havia óperas locais escolhidas por Mao e danças na antiga igreja católica, com dançarinas trazidas de ônibus. Pelo menos uma das dançarinas e uma das enfermeiras do balneário foram convocadas "para um papo" com Mao.

A libertinagem de Mao estava mais descarada do que nunca. Em Zhongnanhai, uma nova sala foi acrescentada ao salão de danças, com uma cama. Mao levava uma ou várias garotas para lá a fim de se entregar a jogos sexuais e orgias. A sala tinha isolamento acústico e as grossas cortinas de veludo que iam do teto ao chão ficavam fechadas. Era óbvio o que Mao fazia lá dentro, e ele não tratava de esconder.

Quando Peng chegou a Lushan para a conferência, foi detido na entrada da área da vila por guardas que portavam pequenas bandeiras: "Grupo Um" — codinome de Mao — estava descansando. Peng teve de sair e caminhar. Sua vila, a de número 176, ficava a cerca de cem metros da de Mao, de tal modo que os homens da segurança do presidente podiam controlá-lo.

A conferência de mais de cem altos funcionários começou em 2 de julho de 1959. A primeira tática de Mao foi dividir os participantes em seis grupos, cada um presidido e controlado por um chefe provincial de confiança, que respondia diretamente a ele. As discussões foram confinadas a esses grupos, de modo que qualquer opinião indesejável teria apenas uma plateia restrita. Os demais participantes só podiam saber o que Mao queria que eles lessem no boletim da conferência, impresso em seu gabinete.

Quando falou para o grupo do noroeste, Peng expressou suas opiniões sobre o Salto e levantou a questão das alegações de colheitas fantasmas, basicamente chamando Mao de mentiroso: "O crescimento alegado pelo [...] lugar de origem do presidente Mao no ano passado foi muito mais alto do que o número real. Estive lá e perguntei para as pessoas e fiquei sabendo que o aumento foi de apenas 16% [...] e mesmo isso foi porque o Estado concedeu grandes subsídios e empréstimos". "O presidente também esteve nessa comuna. Perguntei ao presidente: 'Qual foi sua informação mediante sua investigação?'. Ele disse que não falou sobre isso. Acho que ele falou."

Peng explicou de novo a responsabilidade de Mao no dia seguinte: "Os 10,7 milhões [de toneladas de aço, meta de 1958] foram decididos pelo presidente Mao. Não se pode dizer que ele não teve responsabilidade". Ao longo dos dias posteriores, Peng colocou em questão o papel de Mao na farra da construção de vilas e advertiu que ele "não deveria abusar de seu prestígio". Peng atacou também a política maoísta de confiscar alimentos para exportar "às custas do consumo interno".

Mas, como Mao tratara de se assegurar, as palavras de Peng não circularam fora de seu grupo. Frustrado, em 14 de julho ele escreveu uma carta a Mao em que criticava o Grande Salto Para a Frente em termos cuidadosamente escolhidos. Sua esperança era de que isso desencadeasse um verdadeiro debate sobre o Salto. Mao fez a carta circular entre os outros participantes, apenas para transformá-la num pretexto para expurgá-lo.

Mao vinha observando Peng como uma cobra, para ver se ele estava envolvido em alguma conspiração, única maneira em que estaria realmente ameaçado. Após três semanas, convenceu-se de que não havia conspiração.

Na verdade, Peng soltara alguns balões de ensaio. Ele sabia que Lo Fu, o ex-líder do partido, se opunha às políticas de Mao e lhe pedira para ler a carta. Mas o colega se recusou e, quando Peng tentou lê-la em voz alta para ele, Lo deu o fora. Mao instilara tal pavor em relação a "complôs" que as

pessoas ficavam simplesmente paralisadas quando havia um leve cheiro disso no ar. No regime de Mao, tal como no de Stálin, somente uma pessoa tinha permissão para conspirar, conforme a observação de Mólotov: o chefe.

Depois de ficar satisfeito com o fato de não haver complô contra ele, Mao reuniu todos os participantes pela primeira vez, em 23 de julho. Ele abriu a reunião de um modo caracteristicamente mafioso e queixoso: "Vocês falaram tanto. Agora permitam-me falar por uma hora e pouco, certo? Tomei comprimidos para dormir três vezes e mesmo assim não consegui dormir". Ele fazia parecer que alguém o havia impedido de falar e até de dormir. Para criar uma atmosfera em que o debate racional seria sufocado e ele poderia fugir das verdadeiras questões, Mao fingiu estar colérico e subestimou a catástrofe que sua política causara com observações do tipo: "Tudo que significa é um pouco menos de carne de porco, menos grampos e nada de sabão durante algum tempo". Depois brandiu a intimidação máxima. Se houver oposição a mim, declarou ele, "partirei [...] para liderar os camponeses [!] para derrubar o governo [...] Se o Exército seguir vocês, irei para as montanhas e começarei uma guerra de guerrilhas [...] mas acho que o Exército me seguirá". Um general relembrou: "Sentimos que a atmosfera no salão congelou". Mao havia polarizado a questão em: Peng ou eu. E, se vocês apoiarem Peng, lutarei contra vocês até a morte.

Todos sabiam que Mao era imbatível. Ele provou que estava certo sobre o apoio do Exército arranjando para que o marechal Lin Biao, cujo prestígio nas Forças Armadas era tão alto quanto o de Peng, aparecesse na conferência no dia seguinte. Até então, Lin não estivera na própria Lushan, mas à espreita, no sopé da montanha.

Lin atacou Peng venenosamente e deu a seu chefe seu apoio total. Não havia nada que Peng ou qualquer outro pudesse fazer para desafiar Mao ou discutir racionalmente com ele. Mao também atraiu a concordância das pessoas fingindo fazer algumas concessões — nos níveis de confisco de alimentos, nas metas de produção de aço e nos gatos com fábricas bélicas — e expressando uma disposição de investir algum dinheiro na agricultura. Não tinha nenhuma intenção de honrar essas promessas e logo as renegaria.

Mao rotulou Peng e outros críticos, inclusive o chefe do estado-maior Huang Ke-cheng e Lo Fu, de "camarilha antipartido". Então ampliou a conferência para uma plenária do Comitê Central, para que seus críticos pudessem ser condenados de modo mais formal. Mao leu a resolução

pessoalmente e apenas anunciou que havia sido aprovada, sem nem pedir aos participantes que erguessem as mãos. Depois das reuniões obrigatórias de denúncia degradante, Peng foi posto em prisão domiciliar e os outros sofreram punições variadas. Suas famílias também se tornaram párias. A esposa de Huang enlouqueceu. O mais jovem e novato do grupo, o secretário ocasional de Mao Li Rui, passou por quase cem reuniões de denúncia e depois foi mandado para o trabalho forçado no Grande Deserto do Norte. Sua esposa divorciou-se dele e, sob influência dela, seus filhos o repudiaram, recusando seu pedido de uma fotografia deles. Ele passou praticamente duas décadas inteiras saindo e entrando em campos de trabalho forçado e confinamento solitário nas prisões, escapando por pouco da sentença de morte. Esse exemplo de coragem emergiu com sua sanidade, seu intelecto e sua coragem moral intactos e continuou a se manifestar contra a injustiça nos anos pós-Mao.

Depois de Lushan, Peng foi substituído no Ministério da Defesa por Lin Biao, que começou imediatamente a expurgar os simpatizantes de Peng no Exército. Tratou também de promover o culto a Mao em escala ainda mais grandiosa. A partir de janeiro de 1960, ordenou que as Forças Armadas memorizassem citações do presidente — medida que resultaria no compêndio conhecido como o "Pequeno Livro Vermelho". Mao ficou enlevado. Mais tarde, disse ao maoísta australiano Edward Hill que Lin "inventou um novo método, isto é, compilar citações [...] Os *Analectos* de Confúcio são uma coletânea de citações. O budismo também tem coleções de citações". Mao mencionou ainda a Bíblia. Essa era a classe à qual ele pensava que seus aforismos pertenciam.

Em todo o país, quem resistisse ao confisco e ao excesso de trabalho era caçado. Nos dois anos seguintes, de acordo com o líder posterior a Mao, Deng Xiao-ping, "estima-se que 10 milhões" de pessoas foram vítimas dessa campanha que, ademais, pôs em risco a vida de "várias dezenas de milhões" de suas relações. Muitos dos 10 milhões de vítimas eram quadros de base. Seus substitutos eram pessoas dispostas a exercer rigorosamente o papel de feitor.

Um outro grupo particularmente perseguido nesse ciclo de expurgos foi o dos médicos, porque haviam identificado com muita frequência a inanição

como verdadeira causa da onda de doenças e mortes. Mao queria garantir que a tragédia gigantesca que havia criado se constituísse em um não evento. Até o nome das doenças que sugeriam inanição se tornaram tabu, como edema, que passou a ser chamado de "doença nº 2". Anos depois, Mao ainda flagelava os médicos por fazerem seu trabalho de forma profissional: "Por que havia tantos casos de hepatite [naquela época]? Não era obra de vocês, médicos? Vocês procuravam por eles, não é?".

No ano seguinte, 1960, 22 milhões de pessoas morreram de fome. Foi o maior número em um único ano em qualquer país do mundo na história da humanidade.

Lushan também selou o destino de Gui-yuan, a ex-mulher de Mao. Havia 22 anos que ela, incapaz de suportar as infidelidades e a insensibilidade dele, o deixara e fora para Moscou. Na Rússia, teve um colapso mental e passou dois anos em um hospital psiquiátrico provincial, onde foi submetida a um regime de pesadelo. Saiu de lá no outono de 1946, estável, embora com o raciocínio um pouco lento, e teve permissão para voltar à China. Ela foi banida de Pequim e, em 1959, na época da reunião estava vivendo nas proximidades de Lushan, em Nanchang. Recuperara-se bem, mas levava uma vida solitária e ganhava o próprio sustento. Havia 22 anos que não punha os olhos em Mao.

Em 7 de julho de 1959, enquanto observava Peng antes de atacar, Mao foi tomado pelo capricho de ver Gui-yuan. Mandou a mulher de um chefe local buscá-la, mas pediu especificamente que não lhe contasse quem ela iria encontrar, e dizer apenas que estava convidada a ir a Lushan de férias — porque, disse Mao à intermediária, Gui-yuan "podia ter um colapso mental se ficasse excitada demais". Mao tinha plena consciência de que a ex-mulher estava num estado emocional frágil e que o choque poderia ser maior do que ela teria condições de suportar. A filha deles lhe dissera que a mãe tivera uma recaída ao escutar inesperadamente a voz de Mao numa transmissão de rádio em 1954 (uma das raras ocasiões em que sua voz foi transmitida — fato que causou uma reprimenda à rádio). Ele estava disposto a provocar um colapso apenas para satisfazer um capricho.

O egoísmo de Mao custou caro a Gui-yuan. Quando o viu de repente a sua frente, seus nervos não aguentaram. O dano foi piorado pelo fato de Mao, ao

se despedir, prometer vê-la de novo "amanhã". Na manhã seguinte, porém, ela foi levada de volta para Nanchang, por ordens dele. Dessa vez, seu colapso foi pior do que nunca. Ela nem reconhecia a própria filha e não se lavava nem trocava de roupas. De vez em quando, escapava até o portão do QG provincial do partido, descabelada, enrolando a língua, e exigia saber quem havia maquinado para evitar que ela visse Mao de novo. Gui-yuan nunca se recuperou plenamente.

a No final dessas sessões, Mao atacava generais importantes para deixar claro que o alto-comando deveria ficar distante dos russos. Sua mensagem era: a única coisa que vocês têm a aprender com eles é como usar armas modernas.

b A Europa oriental também permitiu que Peng previsse o horrível mausoléu de Mao: "Vimos os cadáveres dos líderes: Lênin, Stálin, Gottwald, Dimítrov. Cada país tem um. Os países asiáticos provavelmente também os terão no futuro".

c Quando a Albânia rompeu com a União Soviética, o controle dos submarinos nessa base esteve no cerne do conflito. Em janeiro de 1961, Pequim deu ao líder albanês Enver Hoxha a quantia gigantesca de 500 milhões de rublos, e quando os líderes russos tentaram tirar seus submarinos, no início de junho daquele ano, Hoxha usou a força para segurar quatro deles e é quase certo que tenha dado a Mao acesso a eles.

d A eletricidade foi instalada para Mao na vez seguinte em que esteve nas redondezas, em 18 de maio de 1960. Foram necessários 470 operários, que tiveram de enfrentar um poderoso vendaval. Mesmo assim, Mao não apareceu de novo.

42. Os rebeldes tibetanos (1950-61; 56-67 anos)

Desde o momento em que conquistou a China, Mao estava decidido a tomar o Tibete pela força. No encontro com Stálin, em 22 de janeiro de 1950, perguntou se a Força Aérea soviética poderia transportar suprimentos para tropas chinesas "que se preparam atualmente para atacar o Tibete". A resposta de Stálin foi: "É bom que esteja preparando um ataque. Os tibetanos precisam ser subjugados". O líder soviético também aconselhou inundar o Tibete com chineses han: "Uma vez que as pessoas de etnia chinesa não somam mais do que 5% da população de Xinjian, a porcentagem deles deveria ser elevada para 30% [...] Na verdade, todos os territórios fronteiriços deveriam ser povoados por chineses". Foi exatamente isso que o regime comunista chinês tratou de fazer.

Durante 1950-51, 20 mil soldados comunistas chineses entraram à força no Tibete. Mas Mao percebeu que não teria condições de mandar mais gente para ocupar toda a região. Não havia estradas adequadas para suprir um grande exército e os soldados de Mao não estavam acostumados com a altitude, ao passo que o Exército tibetano era uma força não desprezível. Então Mao optou pelo jogo da negociação, fingindo que tornaria a região praticamente autônoma. Fazendo o papel de moderado benigno, reconheceu o Dalai-Lama, o líder espiritual e governamental, como chefe do Tibete, mandou-lhe presentes como um projetor de cinema de 16 milímetros e disse coisas tranquilizadoras às delegações tibetanas. Enquanto isso, apressava a construção de duas estradas para o Tibete.

Em setembro de 1954, o Dalai-Lama, de dezenove anos de idade, foi a Pequim a fim de comparecer à Assembleia Nacional de fachada, da qual fora designado membro. Mao encontrou-se com ele pelo menos uma dúzia de vezes durante essa estada, que durou meio ano, e decidiu encantá-lo — e desarmá-lo. Ele sabia do interesse do líder tibetano pelas ciências: "Sei que

você é um homem de mentalidade reformista, como eu", disse Mao. "Temos muitas coisas em comum", citando a reforma educacional. "Esse era o perigo com Mao", contou-nos o Dalai-Lama, "tudo o que ele dizia era *meia* verdade! *Meia* verdade!" Mas, junto com a sedução, Mao também o tratava com condescendência e intimidava, censurando-o por não aceitar que "a religião é veneno".

Em um esforço para fazer o melhor que podia por seu povo, o Dalai-Lama candidatou-se a entrar no PCC. Sua inscrição foi negada. Ele tentou manter Mao de bom humor e, após retornar a Lhassa, escreveu-lhe no verão de 1955, anexando no envelope uma flor tibetana. Mao respondeu em linguagem quase sentimental:

> Querido Dalai-Lama, fiquei muito feliz de receber sua carta [...] Sinto com frequência saudades suas, saudades dos tempos felizes, quando você estava em Pequim. Quando o verei de novo? [...] Fiquei muito feliz ao ver a flor tibetana que anexou [...] Também estou mandando uma flor para você [...]

No início de 1956, quando as duas estradas para o Tibete ficaram prontas, Mao partiu para a requisição de alimentos, o ataque à religião e o confisco de armas numa região chamada Kham, adjacente ao Tibete e habitada por meio milhão de tibetanos. O povo rebelou-se e, no final de março, já havia reunido uma força armada de mais de 60 mil homens, com mais de 50 mil armas de fogo. A rebelião espalhou-se como rastilho de pólvora em outras regiões em que os tibetanos eram maioria. Mao defrontou-se com grandes guerras que cobriam áreas enormes do interior e recorreu ao uso de artilharia pesada e bombardeios aéreos.

A participação em massa e a combatividade dos rebeldes mostraram a Mao que tipo de resistência ele enfrentaria no próprio Tibete. Em setembro, suspendeu seus planos de "maoizar" o Tibete.

Porém, dois anos depois, com o Grande Salto em andamento, aumentou-se drasticamente a requisição de alimentos em todo o país. Isso encontrou resistência tenaz no Tibete e nas quatro grandes províncias da China ocidental com população tibetana considerável — Gansu, Qinghai, Yunnan e Sichuan. Muitos tibetanos haviam conseguido conservar suas armas de fogo, que para os pastores eram essenciais ao sustento. Também tinham cavalos, que lhes davam mobilidade. Mas, sobretudo, tinham identidade, língua e religião próprias, que possibilitavam a organização em segredo.

Em Qinghai, que é maior do que a França, a rebelião espalhou-se por toda a província. Em 24 de junho, Mao deu ordens imediatas para sufocá-la. Ao mesmo tempo, ordenou que seus chefes de exército estivessem "prontos para enfrentar uma rebelião total no Tibete". Deixou explícito que queria uma solução violenta e esmagadora. Em 22 de janeiro do ano seguinte, escreveu que "no Tibete, é preciso haver uma guerra geral e decisiva antes que possamos resolver o problema completamente. Os dirigentes tibetanos [...] têm agora uma força armada rebelde de 10 mil homens com moral alto e eles são nossos sérios inimigos. Mas isso é [...] uma coisa boa. Porque torna possível resolver nosso problema por meio da guerra". Mao estava dizendo: eles me deram um pretexto para começar uma guerra. Um mês depois, escreveu: "Quanto maior o levante, melhor".

Em 10 de março de 1959 estourou um levante em Lhassa, depois que se espalhou a notícia de que os chineses planejavam sequestrar o Dalai Lama. Milhares desfilaram diante do seu palácio e pelo resto da cidade, gritando "Fora chineses!". No dia seguinte, Mao telegrafou uma ordem para deixar o Dalai-Lama escapar. Seu cálculo era que a morte do líder tibetano inflamaria a opinião mundial, em particular nos países budistas e na Índia, que Mao estava cortejando. Na noite do dia 17 o Dalai-Lama escapou de Lhassa e partiu para a Índia. Depois que a fuga foi confirmada, Mao disse aos seus homens: "Façam tudo o que puderem para segurar os inimigos em Lhassa [...] para que, quando nossa força principal chegar, possamos cercá-los e aniquilá-los".

A guerra física foi acompanhada pela propaganda. Em 7 de abril, Mao fez inquirições sobre práticas tibetanas. Uma das coisas que estava muito interessado em saber era se a classe dirigente usava a tortura e se os lamas desobedientes eram esfolados vivos e tinham os tendões cortados. No dia 29, por ordem de Mao, começou uma vigorosa campanha pelos meios de comunicação que pintava o Tibete como um lugar terrível, onde torturas horripilantes do tipo que Mao mencionara, além do arrancar de olhos, eram ocorrências cotidianas. Ajudada por velhos preconceitos, essa campanha de propaganda foi eficaz e Mao conseguiu incutir na cabeça das pessoas que o Tibete era uma terra bárbara.

A velha teocracia tibetana tivera um lado muito sombrio, mas, em termos

de brutalidade e sofrimento total, o regime de Mao era muito pior. Isso aparece numa carta de 70 mil palavras escrita em 1962 a Chou En-lai pelo segundo maior líder espiritual do Tibete, o Panchen Lama, que descreve o que aconteceu nos anos 1959-61. O que dá a essa carta um peso particular é que seu autor havia inicialmente saudado a entrada das tropas de Mao no Tibete e até aceitara a repressão da rebelião de Lhassa em 1959. Além disso, o próprio Chou reconheceu que a carta era exata.

Mao havia imposto um grau de requisição sobre a economia tibetana muito mais alto do que ela podia suportar. Nos velhos tempos, escreveu o Panchen Lama, "a comida não era assim escassa [...] não havia morte por inanição". Mas, em 1959 e 1960, "grãos demais foram coletados, até comida e tsampa [farinha de cevada, alimento básico tibetano] nos sacos de oferenda das pessoas foram confiscados". A requisição foi brutal: "Quase toda a comida de reserva, carne e manteiga foram confiscadas [...] Não havia óleo para acender as lamparinas, nem mesmo lenha para o fogo". "Para sobreviver, os pastores tiveram de comer muitos de seus animais." A população foi arrebanhada em cantinas, onde era alimentada com "ervas, cascas de árvores incomíveis, folhas, raízes e sementes de capim". Alimentos destinados tradicionalmente aos animais tornaram-se "comidas raras, nutritivas e deliciosas". A saúde do povo declinou de maneira dramática: "Uma infecção mínima como um resfriado provocava [...] mortes em massa. Muita gente [...] também morreu diretamente de inanição. [...] A taxa de mortalidade foi de fato terrível [...] Jamais houvera na história do Tibete tanta dor provocada pela fome".

Enquanto escrevia a carta, o Panchen Lama visitou as regiões tibetanas. Ele descobriu que em Qinghai as pessoas não tinham nem tigelas de comer. "Na sociedade antiga, até os mendigos possuíam tigelas", observou. No regime de Chiang Kai-shek e do senhor da guerra muçulmano Ma Pu-fang, os tibetanos de Qinghai "nunca foram pobres a ponto de não poder ter tigelas!". Mais tarde, houve até gente que tentou invadir campos de trabalho forçado em busca de comida.

Um grande número de tibetanos foi submetido a reuniões de denúncia, inclusive o pai e a família do Panchen Lama, que escreveu: "As pessoas eram espancadas até sangrar pelos olhos, ouvidos, boca, nariz, elas desmaiavam, com os braços ou as pernas quebrados [...] outras morriam ali mesmo". Pela primeira vez no Tibete, o suicídio tornou-se prática comum.

Com tantos tibetanos participando de rebeliões contra o regime de Mao,

as tropas chinesas passaram a tratar a maioria deles como inimigos e detinham os homens adultos em muitos lugares, deixando apenas "mulheres, velhos, crianças e pouquíssimos homens jovens e de meia-idade". Após a morte de Mao, o Panchen Lama revelou o que não ousara pôr em sua carta original: que cerca de 15% a 20% de todos os tibetanos — talvez a metade dos homens adultos — foram jogados na prisão, onde obrigaram-nos basicamente a trabalhar até a morte. Eram tratados como sub-humanos. O lama Palden Gyatso, um corajoso prisioneiro por longo tempo, contou-nos que ele e outros presos eram açoitados com chicotes de arame enquanto puxavam arados pesados.

O esmagamento das rebeliões produziu comportamentos atrozes de parte dos soldados chineses. Em um lugar, escreveu o Panchen Lama (após a morte de Mao), "cadáveres eram arrastados montanha abaixo e enterrados numa grande cova, e os parentes eram chamados e recebiam a ordem: 'Nós aniquilamos os bandidos rebeldes e hoje é um dia de festa. Vocês todos dançarão sobre a cova deles'.".

As atrocidades acompanharam a aniquilação cultural. Nesse período houve uma campanha chamada oficialmente de "Grande Destruição", na qual todo o modo de vida tibetano sofreu violento ataque físico por ser "atrasado, sujo e inútil". Mao estava disposto a destruir a religião, essência da vida da maioria dos tibetanos. Quando se encontrou com o Dalai-Lama, em 1954-55, disse-lhe que havia monges demais no Tibete e isso era ruim para a reprodução da força de trabalho. Agora, lamas e monjas foram forçados a romper seus votos de celibato e se casar. "Escrituras sagradas foram usadas como esterco e imagens do Buda e sutras foram deliberadamente usados para fazer sapatos", escreveu o Panchen Lama. A destruição foi de um tipo que "até lunáticos dificilmente realizariam". A maioria dos mosteiros foi destruída e "os locais ficaram com a aparência de ter sido bombardeados numa guerra". De acordo com o Panchen Lama, o número de mosteiros no Tibete caiu de mais de 2500, antes de 1959, para "pouco mais de setenta" em 1961, e a quantidade de monges e monjas, de mais de 110 mil para 7 mil (cerca de 10 mil fugiram para o exterior).

Uma ordem particularmente dolorosa para os tibetanos foi a proibição das cerimônias budistas para os mortos. "Quando uma pessoa morre", escreveu o Panchen Lama,

> se não houver cerimônia para expiar seus pecados a fim de que sua alma seja libertada do purgatório, é tratar os mortos com a máxima [...] crueldade [...] As pessoas diziam: "Morremos tarde demais [...] Agora quando morremos, seremos como um cão sendo jogado porta afora!".

Durante as viagens que fez no início da década de 1960, o Panchen Lama viu tibetanos correndo grande risco para encontrá-lo; eles gritavam e choravam: "Não nos deixe morrer de fome! Não deixe o budismo ser exterminado! Não deixe o povo da Terra das Neves ser extinto!". Mao ficou "bastante descontente" com a carta do Panchen Lama e lhe infligiu muito sofrimento, inclusive dez anos na prisão.

Para o Tibete, como para toda a China, o regime de Mao trouxe uma miséria sem precedentes.

43. O maoísmo torna-se global (1959-64; 65-70 anos)

Em fevereiro de 1959, a Rússia assinou um acordo para fornecer à China meios de produzir submarinos nucleares. Isso marcou o ponto alto da cooperação do Kremlin em transferência de tecnologia. Mas, no momento mesmo em que o acordo estava sendo assinado, Khruchióv reconsiderava o fato de dotar Mao com tamanho poder militar.

Um incidente em particular levara o líder soviético a repensar a questão. Em setembro de 1958, um míssil americano Sidewinder havia caído de um avião de Taiwan na China sem explodir. Os pedidos urgentes de Khruchióv para deixar os russos examinarem esse artefato de última geração não receberam resposta. Os chineses alegaram depois que não conseguiam encontrá-lo. Serguei, o filho de Khruchióv especialista em mísseis, relembrou:

> Pela primeira vez, papai percebeu as fissuras profundas que haviam surgido em nossa "amizade fraternal". Pela primeira vez, ele se perguntou se fazia sentido transferir a tecnologia militar mais nova e ensinar os chineses a construir mísseis e ogivas nucleares.
>
> [...] em fevereiro [1959], ele decidiu exercer pressão pela primeira vez [...] segurou a transferência de instruções para o [míssil] R-12. Funcionou. O míssil [Sidewinder] foi imediatamente encontrado.

Os chineses haviam desmontado o míssil e o sistema essencial de orientação estava ausente. "Isso foi uma ofensa e um insulto a nós", escreveu Khruchióv em suas memórias. "Qualquer um em nosso lugar teria sentido dor. Não tínhamos segredos com a China. Demos a eles tudo [...] No entanto, quando conquistaram um troféu, recusaram-se a compartilhá-lo conosco." O líder soviético chegou à conclusão de que Mao estava apenas usando a Rússia para seus propósitos e não se importava com os interesses do campo comunista como um todo. Mao, achou ele, "explodia com um desejo impaciente de mandar no mundo". Khruchióv deu ordens para andar devagar na transferência de know-how nuclear e, em 20 de junho de 1959,

suspendeu a ajuda relacionada com a bomba atômica.

Não foi um golpe fatal, pois então a China já possuía o know-how básico e o equipamento essencial para a bomba. Mas Mao pôde perceber que a partir de então seria difícil obter mais dos russos.

Em setembro, Khruchióv foi aos Estados Unidos, na primeira visita de um líder soviético àquele país. Ele acreditava que havia uma possibilidade real de coexistência pacífica com o Ocidente. Depois, foi a Pequim, para o décimo aniversário do regime comunista, e instou Mao a ser conciliador em relação ao Ocidente, "para evitar qualquer coisa que possa ser explorada [...] para levar o mundo de volta à 'rotina' da Guerra Fria", nas palavras do principal ideólogo soviético.

Mao viu na reaproximação de Khruchióv do Ocidente uma oportunidade histórica de se apresentar como o defensor de todos aqueles que consideravam a coexistência pacífica um favorecimento — e possível congelamento — do status quo. O momento parecia particularmente bom, com o processo de descolonização em plena força. Havia numerosos movimentos anticolonialistas na África inclinados à guerra de guerrilhas, da qual Mao era visto como o defensor e o especialista que Khruchióv não era. Os partidos comunistas também pareciam um alvo fácil, pois tinham poucas esperanças de chegar ao poder, exceto pela violência. Mao imaginou uma situação em que "os partidos comunistas de todo o mundo não acreditarão [na Rússia], mas acreditarão em nós". Ele viu uma chance de criar seu próprio "centro para a revolução mundial".

Ter o próprio campo e não ter de desempenhar um papel de coadjuvante ao lado de Khruchióv era um sonho antigo de Mao. Quando a fonte de equipamento militar russa começou a secar, ele sentiu-se menos preocupado em perturbar Khruchióv. Mas também não queria um rompimento, pois a Rússia ainda fornecia uma riqueza de tecnologia militar, com não menos de 1010 planos transferidos apenas em 1960 — mais ainda do que em 1958. Então, Mao formulou uma política de "não denunciar" os russos "por enquanto", e tratou de arrancar deles tudo o que podia, o mais rápido possível. "A China se tornará poderosa em oito anos", disse ao alto escalão, e "Khruchióv estará completamente falido."

No início de 1960, comunicou ao seu círculo íntimo que, naquele momento, o objetivo era "propagar o Pensamento de Mao Tse-tung" em todo o mundo. De início, o esforço não deveria ser demasiado agressivo, para

não ser visto como uma tentativa de — em suas palavras — "exportar nossos aromáticos intestinos" (aos quais Mao comparava seu "pensamento"). A campanha de propaganda resultante levou ao mundo o "maoísmo".

A ideia de promover a experiência da China como modelo quando milhões de chineses morriam de fome poderia parecer absurda, mas Mao não se perturbou, pois tinha filtros rigorosos sobre o que os estrangeiros podiam ver e escutar. Em fevereiro de 1959, a "avaliação preliminar" da CIA sobre a produção chinesa de alimentos era que havia "aumentos notáveis na produção". Mao poderia facilmente enganar a maioria dos visitantes. Quando a escritora francesa Simone de Beauvoir visitou o país, em 1955, até a chinesa que falava francês designada para acompanhá-la tinha de obter permissão especial para falar com ela sem passar pelo intérprete. Após sua curta visita, De Beauvoir pontificou que "o poder que ele [Mao] exerce não é mais ditatorial do que o de, por exemplo, Roosevelt. A nova Constituição da China torna impossível a concentração da autoridade nas mãos de um único homem". Ela escreveu um alentado livro sobre a viagem, intitulado *A Longa Marcha*; no índice dessa obra encontra-se a palavra "violência" com a seguinte indicação: "[Mao] sobre violência, evitação da".

Mao impedia que os chineses saíssem do país, exceto uma elite muito bem escrutinada. Entre os poucos privilegiados estavam os diplomatas, que ficaram famosos por seus desempenhos morosos. Eles trabalhavam sob regras rígidas que determinavam exatamente o que podiam dizer, ordens rigorosas de relatar todas as conversas e vigilância permanente de uns sobre os outros. Os primeiros embaixadores da China comunista eram, em sua maioria, generais do Exército. Antes de enviá-los ao exterior, Mao lhes dizia, em tom de brincadeira séria: "Vocês não conhecem nenhuma língua estrangeira e não são diplomatas [profissionais]; mas quero que sejam meus diplomatas — porque, na minha opinião, não serão capazes de fugir". E mais da metade desses homens ia para outros países comunistas.

As únicas pessoas que saíam do país e abriam a boca eram os poucos cidadãos comuns que arriscavam a vida e nadavam para Hong Kong. Eles rompiam o muro de silêncio sobre a fome no regime de Mao e as terríveis realidades da China comunista em geral. Mas suas vozes obtinham pouca

credibilidade no Ocidente.

Ao contrário, quando Mao contou mentiras deslavadas ao líder socialista francês (e futuro presidente) François Mitterrand, durante a fome de 1961 ("Repito, a fim de ser ouvido: não há fome na China"), recebeu amplo crédito. O futuro primeiro-ministro canadense Pierre Trudeau visitou o país em 1960 e coescreveu um livro deslumbrado, *Dois inocentes na China vermelha*, que rejeitava informações sobre a fome. Até o ex-diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação, lorde Boyd-Orr, foi enganado. Em maio de 1959, após uma viagem à China, ele opinou que a produção de alimentos aumentara de 50% a 100% no período 1955-58 e que a China "parece capaz de alimentar bem [sua população]". O marechal de campo britânico Montgomery, uma figura muito mais crédula, afirmou após suas visitas em 1960 e 1961 que não houvera "fome em larga escala, apenas escassez em certas áreas", e ele certamente não considerava Mao culpado pela "escassez", pois instou-o a permanecer no poder: "A China [...] precisa do presidente. Você não deve abandonar este navio".

Mao não tinha problemas para esconder a fome e confiava que poderia se promover como um líder internacional digno de crédito. Para essa tarefa, convocou três escritores-jornalistas confiáveis: Edgar Snow, o meio chinês Han Suyin e Felix Greene, que fez uma entrevista com Chou na TV da BBC, durante a qual este simplesmente leu suas respostas.

* * *

A autopromoção de Mao no exterior foi estimulada pela vasta distribuição de seu trio usual: armas, dinheiro e alimentos. Em 21 de janeiro de 1960, criou-se um novo órgão, chamado Escritório de Ligação Econômica Externa, no mesmo nível do Ministério do Comércio Exterior e do Ministério do Exterior, para cuidar do aumento da ajuda externa. Os números da ajuda explodiram imediatamente. Essa orgia de presentes de Mao coincidiu com os piores anos da maior epidemia de fome da história universal. Somente em 1960, mais de 22 milhões de pessoas morreram de inanição.

A China não era apenas o país mais pobre do mundo a fornecer ajuda externa, mas essa ajuda era a maior jamais dada, enquanto porcentagem da renda per capita do país doador — e, ademais, ia com frequência para países

com padrão de vida muito mais alto, como a Hungria. E essas doações não custavam apenas o padrão de vida, mas *vidas* chinesas. Além disso, eram literalmente doações, pois Pequim dizia sempre que os empréstimos deviam ser tratados como presentes, ou que seu pagamento deveria ser postergado sem prazo definido. Quanto às armas, o regime gostava de dizer que "não somos mercadores de armas"; mas isso não significava que não as exportassem, apenas que não era preciso pagar por elas.

Mao percebeu que tinha sua melhor chance quando havia guerra, de modo que o maior beneficiário das doações foi a Indochina, com a qual ele esbanjou mais de 20 bilhões de dólares durante seu reinado. Na África, tentou agarrar-se ao movimento de descolonização: fez chover dinheiro, mercadorias e armas sobre os argelinos, que travavam a maior guerra anticolonial do continente contra os franceses.[a]

Na América Latina, Pequim foi direto a Cuba depois que Fidel Castro tomou o poder, em janeiro de 1959. Quando Che Guevara esteve na China, em novembro de 1960, Mao concedeu um "empréstimo" de 60 milhões de dólares que, segundo Chou disse ao visitante, não precisaria ser pago.

No próprio bloco comunista, Mao tentou conquistar influência em todos os países, mas só conseguiu tirar um cliente da esfera de influência da Rússia: a minúscula e miserável Albânia. Já no início de 1958, seu ditador Enver Hoxha havia filado 50 milhões de rublos de Mao — uma quantia considerável para um país com menos de 3 milhões de habitantes. Depois, em janeiro de 1961, quando o racha Pequim-Moscou se aguçou e Hoxha mostrou que poderia servir para cuspir veneno sobre Khruchióv, Pequim decuplicou essa quantia e emprestou 500 milhões de rublos a Tirana, além de enviar 60 mil toneladas de trigo que a China havia comprado à vista do Canadá. Graças à comida doada pela China, os albaneses não souberam nem o que era racionamento, enquanto os chineses morriam como moscas. Pupo Shyti, principal negociador da Albânia com Pequim, contou-nos que, na China, "se podia ver a fome". Mas "os chineses nos deram tudo". "Quando precisávamos de alguma coisa, simplesmente pedíamos aos chineses [...] Eu me sentia envergonhado." Quando os colegas de poder de Mao vacilaram, ele os repreendeu.

Mao gastava dinheiro tentando dividir os partidos comunistas e montar partidos maoístas em todo o mundo — tarefa que confiou ao seu velho chefe da inteligência, Kang Sheng. Ao perceber os critérios grosseiros de

fidelidade de Pequim, os parasitas aproveitaram para tirar uma casquinha. Os arquivos albaneses revelam um mal-humorado Kang em Tirana reclamando de esquerdistas venezuelanos que obtiveram 300 mil dólares da China através da Albânia. O serviço secreto holandês montou um partido maoísta falso, que foi financiado e festejado pelos chineses. James Lilley, o principal especialista em China da CIA, contou-nos que eles ficaram deliciados ao descobrir como era fácil infiltrar-se no país: bastava que algumas pessoas cantassem louvores a Mao e criassem um partido maoísta para que Pequim enviasse fundos e fizesse convites para visitas à China. (Esses espiões, porém, foram inúteis, pois todos os estrangeiros eram rigidamente segregados dos chineses.)[b]

Para promover o "maoísmo" no mundo, Mao escolheu o aniversário de noventa anos do nascimento de Lênin, em abril de 1960, e lançou um manifesto intitulado "Viva o leninismo!", em que sustentava que defender uma via pacífica para o socialismo era inaceitável — "revisionismo", no jargão de Pequim — e que, se os comunistas quisessem tomar o poder, teriam de recorrer à violência. Não mencionava o nome de Khruchióv, mas o atacava indiretamente, usando Tito como bode expiatório. O cálculo de Mao era que, desse modo, o líder russo teria menos desculpas para puni-lo com a recusa de ceder know-how militar.

Ao mesmo tempo, Mao tentou ocupar o centro do palco ao convidar mais de setecentos simpatizantes do Terceiro Mundo para a comemoração do Dia Internacional do Trabalho. A intenção era transformar a cerimônia no momento fundador do campo maoísta. Recebeu vários grupos pessoalmente e foi noticiado que os estrangeiros "o adularam" e cantaram o hino maoísta "O Oriente é vermelho". Ele ordenou que dessem a máxima publicidade a essas audiências e revisou o texto do noticiário pessoalmente, frase por frase.

Esses encontros foram planejados para acontecer logo antes de um importante evento mundial do qual Mao estava excluído — uma reunião de cúpula dos Quatro Grandes (Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética), que estava marcada para o dia 16 de maio em Paris, na qual Khruchióv esperava consagrar a coexistência pacífica. Mao pretendia montar um show rival para que o mundo o visse como o defensor dos desvalidos.

Mas sua iniciativa passou quase despercebida, em parte porque seus seguidores no exterior eram figuras marginais. Mao também não inspirava fé apaixonada e conquistou poucos discípulos fervorosos. Era percebido como um protetor com ares condescendentes. Um grupo de africanos escutou-o dizer que, para os ocidentais, "nossa raça não parece melhor que vocês, africanos".

Sua esperança de que Khruchióv fosse considerado um apaziguador e ele, a antítese disso, também recebeu um golpe de um lado inesperado. Duas semanas antes da cúpula de Paris, um avião americano U-2 de espionagem foi derrubado quando sobrevoava a União Soviética. Quando o presidente Eisenhower se recusou a pedir desculpas, Khruchióv abandonou a reunião, que fracassou. Pequim teve de elogiar o líder soviético por assumir uma posição firme.

A belicosidade do líder soviético em relação aos Estados Unidos poderia prejudicar o projeto de Mao, mas ele continuou em frente, e havia uma ocasião conveniente à mão: uma reunião da Federação Mundial de Sindicatos, que foi aberta em Pequim, em 5 de junho de 1960. Era o encontro internacional mais importante a ser realizado na China desde que Mao tomara o poder, reunindo representantes de cerca de sessenta países, com delegados de partidos comunistas no poder e sindicalistas militantes dos cinco continentes, alguns não subservientes a Moscou. Mao mobilizou todos os altos dirigentes chineses para fazer um lobby pesado contra a União Soviética, com o argumento de que a coexistência pacífica era um engano e que "enquanto o capitalismo existir, não se pode evitar a guerra". Os franceses e italianos, que tinham posições próximas da de Khruchióv, foram acusados de lacaios do imperialismo. O delegado italiano Vittorio Foa contou-nos que a hostilidade dos chineses era tão exasperante que eles temeram pela própria segurança física e procuraram não ficar desacompanhados. A agressividade dos chineses chocou até mesmo o delegado da Albânia Gogo Nushi, que os descreveu, em segredo, como "bandidos".[c]

Os chineses estavam "cuspindo na nossa cara", observou Khruchióv. Moscou viu nesse evento o começo da cisão sino-soviética. O mesmo fez a CIA. Duas semanas depois, seu diretor interino Charles Cabell disse ao Conselho de Segurança Nacional que o comportamento dos chineses na

reunião fora "um desafio de tal magnitude à liderança da União Soviética que Khruchióv fora obrigado a enfrentá-lo cara a cara". Até então, as diferenças entre Moscou e Pequim haviam sido totalmente escondidas e muitos duvidavam de que existisse realmente um conflito.

Em 21 de junho, Khruchióv discursou para líderes comunistas de 51 países reunidos em Bucareste. Ele refutou a alegação de Mao de que a guerra era necessária para chegar ao socialismo. "Não é preciso uma guerra mundial para o triunfo das ideias socialistas em todo o mundo", declarou. "Somente loucos e maníacos podem agora conclamar para uma nova guerra mundial", na qual, disse ele, usando linguagem apocalíptica, "milhões de pessoas podem ser queimadas na conflagração". Em contraste, "pessoas de mente sadia" eram "maioria, mesmo entre os inimigos mais mortais do comunismo". Isso equivalia a dizer que Mao era louco e sugeria que a coexistência com o Ocidente era melhor do que continuar uma aliança com ele. "Vocês querem dominar todo mundo, vocês querem dominar o mundo", disse ele em particular ao delegado chinês Peng Zhen. Khruchióv também disse aos chineses: "Já que vocês adoram tanto Stálin, por que não levam o cadáver dele para Pequim?". E aos seus colegas de poder: "Quando olho para Mao vejo Stálin, uma cópia perfeita".

Quando Peng Zhen persistiu na linha de Mao, viu-se sozinho. "Estávamos isolados em Bucareste", observou Mao. "Não houve um único partido que tenha apoiado a China. Nem mesmo [...] a Albânia." Esse isolamento e a intensidade do ataque de Khruchióv pegaram Mao de surpresa. Nessas circunstâncias, uma cisão era contraproducente, pois ele ainda precisava da tecnologia militar soviética. Quando Khruchióv recusou-se a aceitar qualquer palavra das opiniões de Mao no comunicado final da reunião, ele recuou e mandou Peng Zhen assiná-lo.

Mas a essa altura Khruchióv já estava de olhos bem abertos. Ao retornar de Bucareste, ordenou imediatamente a retirada de todos os mais de mil assessores soviéticos da China e suspendeu a assistência aos 155 projetos industriais que estavam mais distantes do final.

Mao havia errado nos cálculos. A retaliação russa aconteceu num momento altamente desvantajoso. Embora seus cientistas já tivessem a tecnologia para fazer a bomba atômica, os russos ainda não haviam transmitido todo o conhecimento sobre a construção do sistema de lançamento: os mísseis. Os chineses bracejaram, dizendo a seus cientistas para aproveitar cada minuto a

fim de arrancar coisas dos russos antes que fossem embora, por bem ou por mal. Dançarinas e cantoras foram convocadas para embriagar os seguranças soviéticos e detê-los no salão de danças, enquanto as anotações dos cientistas russos eram fotografadas. Mesmo assim, o programa de mísseis e, na verdade, todo o Programa de Superpotência caíram em desordem. A impaciência de Mao para se promover como líder mundial e rivalizar com Khruchióv o levara a dar um tiro no próprio pé.

Mao teve de recuar. Quando 81 partidos comunistas se reuniram em Moscou, em novembro, os chineses pareceram conciliadores. Ele próprio foi à embaixada soviética em Pequim para a comemoração do aniversário da Revolução Russa e mandou saudações pessoais a Khruchióv no ano-novo de 1961. Houve uma espécie de reconciliação. No fim, os russos continuaram a oferecer assistência na construção de 66 dos 155 projetos industriais inacabados. Mas Mao não obteve o que mais cobiçava: renovação da colaboração em transferências de tecnologia militar de ponta.

Muitos projetos de grande escala foram cancelados. Mais tarde, Mao pôs na epidemia de fome que ele mesmo criara a culpa do cancelamento, que, alegou, havia prejudicado a economia chinesa — e acredita-se nisso até hoje. Na verdade, os cancelamentos deveriam ter aliviado a fome: a China podia então exportar menos alimentos.

Mas, em vez de permitir que a população chinesa se beneficiasse com isso, Mao encontrou uma nova maneira de gastar os alimentos. Ele insistiu em continuar a exportação para pagar *adiantado* os empréstimos russos — no período de cinco anos, em vez dos dezesseis que os acordos permitiam. Fez isso porque sabia que a Rússia precisava de alimentos e os produtos chineses equivaliam a dois terços das importações de alimentos da União Soviética. Ao continuar a fornecer as mesmas quantidades enormes de antes, ele estimulava a dependência russa dos alimentos chineses, na esperança de que Khruchióv lhe venderia mais das coisas que desejava. Mais tarde, Mao fabricou o mito de que Khruchióv havia pressionado a China a pagar suas dívidas durante a epidemia de fome, e que isso era a principal razão da inanição dos chineses. Na verdade, como declarou categoricamente um informe aos líderes chineses pós-Mao, a Rússia "não pediu o pagamento da dívida" naquela época, muito menos "forçou" a China a fazê-lo. Foi Mao que insistiu em pagar muito adiantado.

Tchervonenko, embaixador russo em Pequim na época, contou-nos que

recebeu instruções de Moscou para tentar recusar as exportações de alimentos chineses e que seu país havia, às vezes, se recusado a aceitar cargas de grãos. Os russos estavam bem a par da epidemia de fome. "Não era preciso fazer nenhuma investigação", disse Tchervonenko. "Bastava ir do aeroporto para a cidade. Era possível ver que não havia folhas nas árvores." Em certa ocasião, quando os chineses disseram que iam aumentar as remessas de carne, os russos perguntaram como. A resposta foi: "Vocês não têm nada a ver com isso!".

Longe de exigir pagamento acelerado, Khruchióv foi extraordinariamente condescendente, chegando mesmo a revalorizar a taxa de câmbio yuan-rublo a favor da China. De acordo com uma fonte russa, isso reduziu a dívida chinesa para com a Rússia em 77,5%. Em fevereiro de 1961, o líder soviético ofereceu a Mao 1 milhão de toneladas de grãos e meio milhão de toneladas de açúcar cubano. Mao comprou o açúcar, mas rejeitou os cereais. Essa atitude não foi motivada por orgulho. Ele acabara de se agarrar a uma oferta de Khruchióv de tecnologia e especialistas para fabricar aviões de combate MiG-21.

Nos dois anos seguintes, a tática de Mao foi manter um pé na porta do Kremlin, na esperança de conservar o acesso à tecnologia militar, ao mesmo tempo que batia forte em Khruchióv em todas as ocasiões possíveis — até mesmo em relação ao Muro de Berlim, o símbolo máximo da Guerra Fria. Um diplomata da Alemanha Oriental que estava então em Pequim contou-nos que, quando o muro foi erguido, em 13 de agosto de 1961, Chou En-lai deixou claro aos alemães orientais que Mao via naquilo um sinal da "capitulação" de Khruchióv "aos imperialistas americanos".

Como Mao era um cliente muito complicado, Khruchióv teve de cobrir sua retaguarda quando tomou uma iniciativa importante. Em outubro de 1962, ele estava instalando mísseis nucleares em Cuba, o ato mais ousado de sua década no poder e o auge de seu "anti-imperialismo". Tendo em vista o perigo de um confronto com os Estados Unidos, ele queria ter certeza de que Mao não o apunhalaria pelas costas. Decidiu então jogar-lhe um osso bem grande: a bênção do Kremlin para a China atacar a Índia, mesmo que isso significasse uma traição russa aos interesses daquele país, um importante Estado amigo que Khruchióv havia muito cortejava.

Mao vinha planejando uma guerra contra os indianos havia algum tempo. A China recusara-se a reconhecer a fronteira que fora delineada pelos ingleses nos tempos coloniais e insistia em que ela fosse renegociada, ou pelo menos formalizada pelos dois Estados agora soberanos. A Índia considerava que a fronteira estava estabelecida e não era negociável, e os dois lados estavam num impasse. Enquanto os choques fronteiriços pioravam, Pequim preparava-se em silêncio para uma guerra em maio-junho de 1962. Depois, Chou disse aos americanos que "Nehru estava ficando muito petulante [...] e nós tentamos diminuir sua petulância". Mas Mao relutava em começar uma guerra, pois se preocupava com a segurança do local de testes nucleares em Lop Nor, no noroeste da China, que estava fora do alcance dos aviões de espionagem U-2 dos americanos com base em Taiwan, mas ao alcance da Índia. Uma das consequências da guerra foi que a Índia permitiu que os U-2 partissem de uma base em Charbatia, de onde puderam fotografar o primeiro teste atômico da China, em 1964.

Mao também estava preocupado com a possibilidade de ter de lutar em duas frentes. Chiang Kai-shek fazia seus preparativos mais intensos desde 1949 para invadir a China continental, inflamado pela esperança de que a população se sublevaria e o apoiaria, devido à epidemia de fome. Mao levou a sério a perspectiva de uma invasão nacionalista e deslocou grandes forças militares para a costa sudeste, diante de Taiwan, enquanto ele mesmo se enfurnava em seu abrigo secreto nas Colinas Ocidentais, nos arredores de Pequim.

Os chineses vinham realizando conversações regulares entre embaixadores com os americanos em Varsóvia desde 1955. Mao utilizou então esse canal para sondar se Washington apoiaria uma invasão de Chiang. E obteve uma resposta muito direta e tranquilizadora: os americanos disseram que não apoiariam Chiang se ele deflagrasse uma guerra contra a China continental e que o líder nacionalista prometera não atacar sem o consentimento de Washington.

Mas, mesmo assim, Mao hesitava. O fator decisivo era a Rússia, de cujo petróleo a China dependia muito. Nos conflitos de fronteira anteriores com a Índia, Khruchióv havia claramente se recusado a apoiar Pequim. Ele concordara então em vender aviões à Índia que podiam voar em altas altitudes e, no verão de 1962, assinou um acordo não somente para vender MiGs aos indianos, mas para que a Índia fabricasse os aviões MiG-21.

No início de outubro, aproximava-se o inverno no Himalaia e estreitavam-se as oportunidades de ataque. Mao sondou o embaixador soviético sobre qual seria a reação de Moscou se a China atacasse a Índia. Khruchióv aproveitou a chance para uma *démarche* surpreendente. No dia 14, ofereceu um banquete de despedida ao embaixador chinês, no qual prometeu que Moscou ficaria ao lado de Pequim se a China entrasse numa guerra de fronteira com a Índia, e postergaria a venda dos MiG-21 à Índia. Ele revelou que estava instalando secretamente mísseis em Cuba e disse que esperava que os chineses o apoiassem.

Foi um troca-troca pesado e muito bem escondido do resto do mundo.[d] Na manhã de 20 de outubro, no momento em que a crise cubana estava prestes a explodir, Mao deu o sinal verde para que tropas de elite atacassem posições indianas em dois setores bem separados da fronteira. Cinco dias depois, no auge da crise cubana, Khruchióv manifestou seu apoio a Mao com uma declaração no *Pravda* que deixou Nehru mortificado.

As forças chinesas penetraram rapidamente mais de 150 quilômetros no nordeste indiano. Então, tendo demonstrado sua superioridade militar, Mao retirou suas forças, deixando cada país de posse de algum território em disputa, situação que prevalece até hoje. Mao alcançara seu objetivo: estabilidade de longo prazo nessa fronteira, deixando-o livre para se concentrar em suas ambições mais amplas. A guerra também desferiu um golpe letal em Nehru, rival de Mao na disputa pela liderança do mundo em desenvolvimento. O líder indiano morreu dezoito meses depois, de um derrame.

Enquanto isso, a crise dos mísseis em Cuba se resolvia basicamente em 28 de outubro, após Khruchióv concordar em retirá-los em troca da promessa do presidente John F. Kennedy de não invadir Cuba (e uma promessa não divulgada de retirar os mísseis americanos da Turquia). Mao livrou-se de imediato do acordo de não criar problemas para Khruchióv durante a crise e tentou aproveitar o ressentimento de Havana contra Khruchióv por não ter sido consultada sobre o acordo com os Estados Unidos. Encenaram-se gigantescas manifestações "pró-Cuba" na China, acompanhadas por declarações belicosas que continham acusações mal disfarçadas contra Moscou por "traição". Mao bombardeou os cubanos com mensagens em que

dizia que Moscou era um "aliado indigno de confiança" e os instava a não ceder ao acordo de Khruchióv para remover os mísseis e aviões russos. Mao tentou capitalizar as diferenças entre Castro e Guevara, que era contra o acordo: "Somente um homem entendeu o que está acontecendo: Che Guevara".

Mao intrometeu-se e atazanou, mas não conseguiu que Havana adotasse sua posição antissoviética. Porém, beneficiou-se dos sentimentos amargos de Cuba em relação aos russos. Quando um foguete americano avançado — um Thor-Able-Star — caiu por acidente em Cuba, em vez de entregá-lo à União Soviética, como faria normalmente, Fidel Castro jogou os russos contra os chineses, fazendo um leilão do foguete. Como resultado, Pequim obteve alguns componentes cruciais, que desempenharam um grande papel na modernização de seus mísseis.

Por seu turno, Khruchióv recuou de seu apoio anterior à China, ainda quando a luta se desenrolava dentro da Índia. Em 5 de novembro, um editorial do *Pravda* não continha uma palavra de endosso à posição de Pequim. Para ele, assim como para Mao, a colaboração fora completamente oportunista, embora ainda quisesse manter o campo comunista unido.

O mesmo queria Mao, na esperança de que ainda pudesse arrancar mais alguns segredos nucleares de Khruchióv. Essas esperanças foram enterradas definitivamente em julho de 1963, quando o líder soviético assinou um Tratado de Proibição de Testes Nucleares com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, que impedia os signatários de ajudar outros países a obter a bomba.[e] Isso significava que Khruchióv era agora praticamente inútil para Mao.

Foi nesse ponto que, mais de três anos depois que começara a promover o maoísmo no cenário mundial, Mao deu a ordem para denunciar Khruchióv como "revisionista". Houve uma escalada rápida na troca pública de insultos. Para Mao, a polêmica funcionou como uma espécie de campanha de propaganda internacional a favor do maoísmo, cuja essência estava resumida em uma das principais acusações contra Khruchióv: "Aos olhos dos revisionistas modernos, sobreviver é tudo. A filosofia da sobrevivência substituiu o marxismo-leninismo". Hoje, é difícil nos colocarmos numa época em que alguém podia pensar que essa ideia seria atraente. Mas negar o desejo — e o direito — das pessoas de viver era um aspecto central do maoísmo.

a A Argélia mostrou como Mao dependia da existência de um conflito armado. Depois que o país obteve sua independência, em 1962, a influência dele evaporou.

b Pelo menos um chinês notou a facilidade com que enormes quantias de dinheiro iam para projetos que tinham a ver com a promoção no exterior e tentou tirar vantagem disso. Em março de 1960, um funcionário do Ministério de Comércio Exterior roubou a quantia astronômica de 200 mil yuans, na maior fraude conhecida até hoje, que ele realizou forjando apenas uma carta e falsificando uma única assinatura: a de Chou En-lai. A carta, de uma página, dizia que um telefonema do staff de Mao para o gabinete de Chou havia pedido dinheiro para consertar um templo no Tibete, a fim de que alguns jornalistas estrangeiros pudessem fotografá-lo. O funcionário tinha quatro filhos famintos e queria comprar-lhes um pouco de comida extra, que lojas estatais especiais vendiam fora da rede de racionamento a preços exorbitantes para aqueles que tinham dinheiro, sobretudo pessoas com parentes no exterior. Não é preciso dizer que o burocrata empreendedor foi facilmente descoberto.

c Liri Belishova, membro do Politburo albanês, estava na China nessa época e contou aos russos o que estava acontecendo, motivo pelo qual sofreu trinta anos no gulag de Hoxha. Ela não foi "estrangulada" ou "eliminada", como Khruchióv escreveu em suas memórias, e ressurgiu com notável vitalidade, como testemunhamos em 1996.

d Em 22 de outubro, quando um dos participantes (Thomas Kuchel) das discussões no Salão Oval perguntou se havia alguma indicação de que a jogada da Rússia em Cuba estivesse "associada à operação da China contra a Índia", o chefe da CIA John McCone respondeu: "Não, não temos nenhuma informação quanto a isso".

e Na verdade, Kennedy vinha tentando usar esse tratado para ampliar o conflito entre Moscou e Pequim.

44. Uma cilada para Mao (1961-62; 67-68 anos)

Em 1958, quando Mao lançou o Grande Salto Para a Frente, seu segundo em comando, Liu Shao-chi, o acompanhou, embora discordasse de sua posição. E quando o ministro da Defesa Peng De-huai manifestou-se contra as políticas de Mao em Lushan, em 1959, no momento em que uma epidemia de fome estava em pleno andamento, Liu, que era então presidente do Estado, além de segundo homem mais forte do partido, não o apoiou.

Mas Liu estava profundamente perturbado pela epidemia de fome, que, ele sabia, até o começo de 1961 já havia consumido cerca de 30 milhões de vidas. E ficou particularmente afetado quando visitou sua região natal em Hunan, entre abril e maio daquele ano, e viu com os próprios olhos o sofrimento horrível que ajudara a criar. Decidiu então descobrir uma maneira de deter Mao.

Durante a viagem, Liu visitou sua irmã, que se casara com um membro da família de um "proprietário de terras", classificado como "inimigo de classe". Ela escrevera a Liu no início do regime de Mao sobre suas dificuldades durante a reforma agrária e ele respondera dando-lhe todos os conselhos "corretos" e sem consolo. Agora ele levava comida: dois quilos e meio de arroz, um quilo de biscoitos, um quilo de doces, nove ovos salgados e uma jarra de banha. Sua irmã jazia na cama, faminta e extremamente doente. Ela chorou enquanto falava sobre o marido, que morrera não fazia muito tempo em grande agonia, depois de comer um pãozinho feito com cereal não descascado, que a filha deles havia guardado especialmente para ele. Seu estômago enfraquecido não suportara a comida grosseira. Não havia médicos que pudessem chamar, nenhum hospital para procurar socorro.

Esse cunhado havia escrito uma carta a Liu em 1959, depois que ele se tornou presidente, em que contava sobre a fome na aldeia. A carta foi interceptada e ele foi punido: foi amarrado numa árvore e abandonado aos

ventos enregelantes até chegar à beira do desmaio.

Aonde quer que fosse, Liu encontrava visões de partir o coração e histórias trágicas. Podia perceber o quanto as pessoas odiavam os comunistas — e ele. Em sua aldeia natal, um menino de doze anos escrevera "Abaixo Liu Shao-chi" do lado de fora da antiga casa de sua família. Esse menino vira, no período de um ano, seis familiares sucumbirem a doenças provocadas pela inanição; o último fora seu irmão mais moço, que morrera em seus braços, enquanto ele procurava alguém para amamentá-lo, pois sua mãe acabara de morrer. Liu disse à polícia para não punir o garoto como "contrarrevolucionário", uma acusação normal para tal ato.

Ele também impediu as autoridades locais de punir camponeses por "roubar" comida e, de forma surpreendente, admitiu perante os habitantes da aldeia que era o regime que estava roubando deles. "Os membros da comuna pensam desse modo", disse Liu. "Se você toma de nós, por que não podemos tomar de você? Se você toma muito, por que não podemos tomar um pouco?"

Liu teve outra atitude sem precedentes. Pediu desculpas aos camponeses pela desordem que os comunistas haviam causado. Depois de quase quarenta anos longe, disse, "estou chocado de ver que meus companheiros de aldeia levam uma vida tão dura [...] Sinto-me responsável por causar tanto sofrimento a vocês, e devo pedir desculpas". Ele começou a soluçar e curvou-se para eles.

A viagem marcou Liu profundamente. Ao retornar a Pequim, disse aos altos dirigentes: "Não podemos continuar assim".

Em agosto de 1961, quando a colheita de outono se aproximava, Mao reuniu mais uma vez seus administradores sob as nuvens do monte Lushan para determinar os números do confisco de alimentos. Liu pressionou-o para estabelecer limites mais baixos. Os dois tiveram muitas discussões e a tensão entre eles ficou transparente no comportamento de ambos, tal como o filho adolescente de um chefe provincial observou. Ele estava nadando na represa com outros filhos de altas autoridades quando Mao chegou. As crianças, excitadas, subiram na plataforma de madeira onde Mao estava sentado com seus guarda-costas e dançarinas. O garoto contou a Mao que havia engolido um pouco de água enquanto nadava. Ele disse: "Não é nada se engasgar com

milhares de goles de água quando se nada, você precisa se engasgar com 10 mil goles antes de dominar a natação". Engasgar enquanto aprendia a nadar era uma metáfora para "aprender tem seu preço", frase que Mao usava com frequência para explicar seus repetidos desastres econômicos. Pouco depois, Liu Shao-chi chegou nadando com seus guarda-costas e subiu na plataforma. Ele e Mao não trocaram nem um cumprimento de cabeça. Sentaram-se separados, num espaço de cerca de trinta metros quadrados, fumando, sem falar uma palavra. O garoto se perguntou: "Como é que eles não se cumprimentam?".

Os outros colegas de poder de Mao também vinham tentando debater com ele. Depois de visitar uma antiga base comunista em Hebei, Chou En-lai disse a Mao que as pessoas tinham "apenas folhas de árvores, vegetais salgados e ervas silvestres, e absolutamente nada mais. Não sobra de fato nenhum grão". Mao ficou muito irritado e, certa vez, quando Chou estava descrevendo o que vira, retrucou: "Por que todo esse barulho?".

Não obstante, em Lushan, sob intensa pressão, ele aceitou um corte nas requisições de alimentos de mais de 34% sobre a quantidade que havia estabelecido no início do ano. Em consequência, em 1961, as mortes causadas pela inanição caíram quase pela metade em relação ao ano anterior — embora ainda chegassem perto dos 12 milhões.

Em parte, Mao fez essa concessão porque muitos projetos industriais grandes estavam sendo fechados devido à falta de insumos essenciais, como aço, carvão e eletricidade. Fechá-los era uma boa ideia, pois haviam causado um desperdício enorme, mas o resultado foi uma convulsão social imensa, pois mais de 26 milhões de pessoas perderam o emprego. A maioria delas fora atraída para as cidades nos três anos anteriores; agora, eram mandadas de volta para suas aldeias, no maior movimento populacional de ida e volta da história da humanidade. "Como são maravilhosos o povo chinês e nossos quadros!", exclamou Mao. "Vinte milhões de pessoas: nós chamamos e elas vêm; nos demitimos e elas vão." E continuou: "Que partido pode administrar isso, exceto o Partido Comunista?". De volta a suas aldeias, essas pessoas perderam o pouco de sustento e bem-estar social que tinham como operários fabris. Além disso, famílias eram rompidas se um cônjuge ganhava um emprego urbano e não desejava ir embora e viver como camponês, encarando a fome. Esses casais viram-se diante da perspectiva de viver permanentemente separados, com apenas doze dias por ano para ficar juntos.

Mas, depois de conceder uma exação menor de alimentos, Mao advertiu sua plateia em Lushan: "Recuamos para o fundo do vale", ou seja, o confisco só poderia aumentar no futuro. Os administradores receberam a mensagem: no ano seguinte, a arrecadação em espécie teria de subir.

Para aqueles de sua corte que pudessem pensar em medidas drásticas contra ele, Mao mandou um sinal de advertência através de um canal um tanto incomum, o marechal de campo Montgomery, que estava em visita à China. De forma bastante imprevista, disse ao militar reformado inglês: "Estou preparado para a destruição a qualquer momento". E fez uma lista das cinco possíveis maneiras como poderia ser assassinado: "baleado por inimigos, uma queda de avião, uma colisão de trens, afogamento e morte por germes. Fiz preparativos para todas essas cinco maneiras". Como era procedimento-padrão que suas conversas com estrangeiros circulassem entre os altos líderes, ele estava dando um recado aos seus colegas: não tentem nada, tomei precauções.

Mao tinha razão em se preocupar. Até mesmo sua guarda pretoriana, as pessoas às quais confiava sua vida, expressava sentimentos amargos contra ele. "Onde está todo o grão que foi colhido?", disse um soldado. "É ordem do presidente Mao que o povo coma apenas capim?", perguntou outro. "Ele não pode simplesmente ignorar se as pessoas ficam vivas ou morrem." E ainda outro: "Agora a gente das aldeias não tem nem a comida que os cães costumavam comer. Antes, os cães tinham farelo e grãos [...] E os membros da comuna estão dizendo: será que o presidente Mao quer nos matar de fome?". Os guardas foram de imediato expurgados.

* * *

Em setembro de 1961, uma inquietude mais urgente de Mao era a possibilidade de perder poder num congresso do partido. A "maior preocupação" de Mao, escreveu Lin Biao em seu diário, "é se pode obter a maioria em uma votação". E haveria um congresso exatamente naquele mês. O anterior ocorrera em setembro de 1956 e o estatuto do partido estipulava um congresso a cada cinco anos. Mao tinha de evitar a ameaça de ser deposto.

Já em 1959, havia percebido um profundo descontentamento do alto escalão em relação a ele. "Se vocês não votarem em mim, que assim seja",

dissera à plenária do partido. Desde então, as autoridades haviam sido atingidas pelo impacto da epidemia de fome. Nas reuniões do partido realizadas nas províncias, os quadros derramavam lágrimas ao relatar o que haviam visto nas aldeias. Ademais, as políticas de Mao haviam causado inanição neles e em suas famílias. Suas rações mensais eram de cerca de dez quilos de arroz, algumas onças de óleo de cozinha e uma pequena quantidade de carne. Em Zhongnanhai, funcionários do staff de Liu plantavam trigo e verduras do lado de fora de suas repartições para complementar suas rações inadequadas. A fome fazia com que quase todos os funcionários de Mao almejassem uma mudança de política.

Mao tentou desviar a insatisfação com seu método usual de apontar bodes expiatórios. As pessoas que escolheu foram, em primeiro lugar, quadros das aldeias, que ele acusou de "bater nas pessoas e espancá-las até a morte", e de "fazer com que as colheitas diminuíssem e as pessoas não tivessem o suficiente para comer". Depois culpou os russos, e seu terceiro bode expiatório foram "calamidades naturais extraordinariamente grandes". Na verdade, os registros meteorológicos mostram que, além de não ter havido calamidades naturais durante os anos de fome, o tempo foi melhor do que a média. Mas, mesmo que os quadros não tivessem uma visão geral do país e metade deles acreditasse em Mao, os funcionários famintos sentiam que algo devia estar terrivelmente errado no modo como o partido governava a China se a população inteira, inclusive eles mesmos, estava em tal estado de miséria.

Mao tentou também conquistar a simpatia dos quadros ao anunciar aos membros do partido que ele "compartilharia a boa e a má sorte com a nação", e deixaria de comer carne. Na verdade, tudo o que ele fez, durante algum tempo, foi comer peixe, que de qualquer forma adorava. E seu regime sem carne não durou muito. Com efeito, foi exatamente no meio da epidemia de fome que ele desenvolveu um pendor pela cozinha europeia, rica em carne. Em 26 de abril de 1961, um conjunto abrangente de menus europeus foi-lhe apresentado, dividido em sete partes: frutos do mar, frango, pato, porco, carneiro, carne bovina e sopas, cada uma delas com vários pratos.

Mao fazia grandes esforços para manter sua vida cotidiana completamente secreta. Sua filha Li Na morava na universidade; assim, durante a semana comia as rações normais e morria de fome. Quando foi passar um fim de semana em casa, surrupiou alguns dos luxos culinários usuais do pai. Mao

disse-lhe para nunca mais fazer isso. Nada podia destruir a ilusão de que ele estava apertando o cinto junto com o resto do país. Em consequência, Li Na contraiu edema em 1960 e parou de menstruar. No ano seguinte, abandonou totalmente a universidade e ficou em casa.

Para os membros de seu staff, que podiam ver o que Mao comia e que também estavam semifamintos como suas famílias, Mao alegava que sua comida era uma recompensa "do povo" para ele e que os outros "não tinham direito" a ela. Seu zelador levou alguns restos para casa e foi exilado no Grande Deserto do Norte; nunca mais se soube dele.

A tentativa de Mao de conquistar simpatia não funcionou: a privação era simplesmente grande demais. Uma das coisas que havia desaparecido por completo era sabão, pois o país exportava a gordura necessária para fabricá-lo. Mao queria que o povo aceitasse viver sem sabão, então disse ao partido que ele mesmo estava evitando usá-lo para lavar as mãos. "Claro que ele não usa sabão", disparou um dirigente, em particular. "Ele não faz nada limpo!" As autoridades mais antigas diziam coisas impensáveis uns para os outros, tais como: "Por que ele simplesmente não cai fora?". Mao sabia desses comentários ácidos. Uma observação que chegou aos seus ouvidos foi: "Se o que está acontecendo tivesse acontecido no passado, o governante teria sido obrigado a renunciar há muito tempo".

Ao varrer o túmulo de sua falecida esposa Kai-hui, sua filha Chiao-chiao escutou pessoas que maldiziam Mao e contou isso a ele. Quando obteve permissão para visitar sua região natal, em outubro de 1961, o ex-ministro da Defesa expurgado Peng De-huai, que estava em prisão domiciliar desde 1959, teve uma recepção muito calorosa das autoridades locais, bem como dos habitantes em geral, pois haviam escutado que ele fora expurgado por se opor às políticas de Mao. Dois mil "peregrinos", alguns dos quais caminharam até cem quilômetros com estômagos semivazios, invadiram a antiga casa da família de Peng para agradecer-lhe por ter falado abertamente. Peng falou até perder a voz.

Se o congresso previsto se reunisse e realizasse uma votação, haveria uma forte possibilidade de que Mao fosse derrubado. Seus temores foram expressos depois por um de seus capangas mais próximos (Zhang Chun-qiao, um dos membros da famosa "Gangue dos Quatro"): "Se o velho estatuto do partido tivesse sido obedecido e se houvesse realizado o IX Congresso então

[...] Liu Shao-chi teria se tornado presidente".

Muitas autoridades do governo pediam um congresso para tratar da situação catastrófica. Mao vetou a ideia e inventou o estratagema de fazer uma conferência que não teria poderes de voto, evitando assim a ameaça de ser destituído. A conferência reuniria apenas poucas pessoas da direção de ministérios, províncias, cidades, regiões, condados e das principais indústrias estatais.

Em janeiro de 1962, esses altos funcionários — 7 mil no total — chegaram a Pequim vindos de toda a China para a maior reunião da história do partido, conhecida como a Conferência dos Sete Mil. Ela se tornou um marco, pois depois dessa conferência a epidemia de fome foi estancada. Mas poucos sabem que essa vitória só foi possível porque Liu Shao-chi montou uma cilada para Mao.

Quando convocou a conferência, Mao não tinha intenção de parar com suas políticas letais. Ao contrário, seu objetivo era usar a ocasião para atiçar seus dirigentes, de tal modo que eles voltassem para casa e agissem com mais rigor. Ele havia dito para seu círculo íntimo: "Não é o caso de não termos coisas [alimentos]. É verdade, não há porcos suficientes, mas há bastante de muitos outros alimentos. Mas parece que não conseguimos pôr a mão neles. Precisamos de um aguilhão".

O método que usou para estabelecer sua linha foi dar aos delegados o texto do discurso que continha as diretrizes antes de pronunciá-lo. O texto atenuava os desastres passados, referidos vaga e brevemente como "erros", e depois anunciava que "os tempos mais difíceis estão superados". O mais sinistro era que não somente sustentava que "nossa situação interna é no conjunto boa", como declarava também que haveria outro Grande Salto nos anos seguintes.

Disseram aos delegados para manifestar suas opiniões e que suas emendas seriam levadas em conta na versão final do discurso. Mas Mao tratou de dificultar a manifestação deles, organizando grupos de discussão, cada um deles presidido por um capanga intimidador. Quem se arriscasse a levantar questões mais agudas era logo silenciado com ameaças pesadas. Como um delegado corajoso escreveu numa carta anônima à liderança, as sessões eram simplesmente "para todos sentarem e matarem o tempo".

Isso durou duas semanas. Mao mantinha vigilância sobre os delegados e lia presunçosamente boletins de discussão enquanto jazia nos braços de suas

namoradas. Seu plano era que Liu Shao-chi lesse o discurso final na única sessão plenária, em 27 de janeiro, e a conferência se encerraria. Seu programa estaria então gravado em pedra e Liu e todos os participantes seriam corresponsáveis.

Mas o plano engenhoso de Mao ruiu. No dia 27, Liu fez algo que o surpreendeu totalmente. Com Mao na presidência da mesa, Liu apresentou um discurso diferente do texto que havia circulado e que ele supostamente deveria ler.

Diante da enorme plateia de 7 mil altos dirigentes do país, Liu desancou as políticas de Mao. "O povo não tem suficiente comida, roupas e outros artigos essenciais; a produção agrícola, longe de crescer em 1959, 1960 e 1961, caiu, não pouco, mas tremendamente [...] não somente não há um Grande Salto Para a Frente, mas uma grande quantidade de atraso." Liu desconsiderou a explicação oficial para as calamidades, dizendo que não havia "mau tempo grave" nas áreas que havia visitado, nem, sugeriu com veemência, em qualquer lugar. Convocou os delegados a questionar o novo Salto que o líder havia defendido e levantou a possibilidade de desfazer-se das comunas e até do programa de industrialização ao estilo Mao.

Liu deixou bem claro que as políticas passadas haviam sido desastrosas e precisavam ser descartadas. Rejeitou abertamente a fórmula-padrão de Mao de que "erros são apenas um dedo, enquanto os sucessos são nove dedos". Isso, disse sem rodeios, não era verdade. Quando Mao aparteou e insistiu que era verdade em muitos lugares, Liu o contradisse.

O discurso de Liu provocou uma reação torrencial da plateia, que mal podia esperar para erguer a voz. As discussões daquele dia assumiram um tom e um clima totalmente diverso. Ao saber que o presidente lhes dava suporte, os delegados falaram o que pensavam, condenaram as velhas políticas com veemência e insistiram em que não deveriam de forma alguma se repetir.

Mao não esperava que o sempre ultraprudente Liu lhe passasse a perna. No íntimo, estava explodindo de raiva, mas decidiu que era melhor conter-se, pois era evidente que Liu tinha o apoio dos 7 mil participantes e ele não podia se dar ao luxo de bater de frente com aquele enorme grupo de autoridades que incluía quase todos os que dirigiam o país. Então teve de

fingir que não havia diferença entre eles. Sua primeira medida foi prorrogar a conferência, numa suposta reação simpática de sua parte aos sentimentos dos delegados, dizendo-lhes que fazia isso para que eles pudessem "tirar a cólera de seus peitos" (*chu-qi*). Em particular, estava furibundo e chamou aquilo de "soltar seus peidos" (*fang-pi*).

Mao tratou de controlar os danos, para matar qualquer ideia de que ele fosse responsável pela epidemia de fome. Designou alguns chefões provinciais e planejadores da agricultura para fazer discursos em que se responsabilizavam pelos desastres e, assim, o isentavam de culpa. Mas sua manobra mais importante foi chamar seu assecla, o ministro da Defesa Lin Biao, a primeira pessoa a falar depois da prorrogação da conferência, em 29 de janeiro. O marechal estava em conluio com Mao desde 1929 e era alguém com quem este podia contar, mesmo na defesa das causas mais terríveis.

Aos 7 mil delegados, Lin Biao apresentou o tipo de clichê impiedoso que Mao adorava ouvir: os desastres eram "custos" inevitáveis; as ideias do presidente Mao estavam "sempre corretas"; "em tempos de dificuldades, [...] devemos todos seguir ainda mais o presidente Mao". Quando terminou, Mao foi o primeiro a bater palmas e elogiou Lin profusamente para a plateia. Somente então se sentiu seguro o suficiente para dar a entender seu ódio ao que Liu fizera, usando uma expressão sinistra que equivalia a dizer "pego você mais tarde". Lin Biao salvara a pele de Mao.

Ao ver Lin Biao aparecer, Liu Shao-chi esmoreceu. Sua viúva contou-nos que ele murmurou: "Lin Biao vem e fala desse jeito. Problemas". A solidariedade total a Mao do chefe do Exército, expressa no tipo de linguagem peremptória que deixava claro que não poderia haver debate racional, lançou imediatamente uma sombra assustadora sobre os participantes. Nos dias seguintes, eles baixaram o tom da linguagem e da forma como expressavam sua ira, embora continuassem a criticar as desastrosas políticas econômicas. Como resultado, as políticas de Mao não passaram pelo escrutínio nem foram condenadas com o vigor que Liu havia esperado. E ninguém ousou criticar diretamente Mao, muito menos citando seu nome.

Não obstante, Mao pôde sentir a força do sentimento dos 7 mil e viu-se compelido a fazer "autocrítica" diante deles, em 30 de janeiro — a primeira vez que fazia isso desde a subida ao poder em 1949. Embora, como era de seu feitio, tenha feito parecer que os desastres eram de responsabilidade de

outras pessoas e que estava aceitando a culpa de modo um tanto altruísta, usando fórmulas cautelosas como "Sou responsável [...] porque sou o presidente", ele teve de admitir que havia muita coisa que era preciso reprovar. Depois dessa autocrítica, Mao teve de engolir uma mudança de política. Foi forçado a abandonar a escala letal dos confiscos de alimentos planejada para 1962 e depois. Em consequência, dezenas de milhões de pessoas foram poupadas da morte por inanição.

Assim que a conferência terminou, em 7 de fevereiro, Mao chispou para Xangai a fim de ficar entre seus asseclas, sob o comando do chefão local Ke Qing-shi. Ele teve de ficar no fundo da cena enquanto seus outros companheiros, principalmente Chou En-lai, Chen Yun e o astro em ascensão Deng Xiao-ping, faziam grandes mudanças em suas políticas. Diminuiu muito a requisição de alimentos. Projetos caros e irrealistas, como submarinos nucleares, foram suspensos, embora o programa nuclear básico não fosse afetado. Cortaram-se enormemente os gastos com indústrias de armamentos, enquanto indústrias de bens de consumo receberam financiamentos sem precedentes. Num golpe contra a promoção do maoísmo, fizeram-se cortes drásticos também na ajuda externa — para praticamente zero naquele ano. As extravagâncias de Mao eram muitíssimo impopulares entre as autoridades que as conheciam. A pessoa que dirigia a ajuda militar escreveu mais tarde: "Cada vez que eu via os rostos sorridentes dos estrangeiros depois de assinar mais um acordo de ajuda, meu coração enchia-se de culpa em relação ao meu povo".

Os investimentos em agricultura aumentaram fortemente. Em muitos lugares, os camponeses tiveram permissão para arrendar terras da comuna e puderam, de fato, voltar a ser agricultores individuais. Isso aliviou a fome e motivou a produtividade. Foi na defesa dessa prática que Deng Xiao-ping citou um velho provérbio, que se tornou sua mais famosa observação: "Não importa se o gato é amarelo ou preto, desde que pegue ratos". Nas cidades, as horas de trabalho foram reduzidas para que a população desnutrida pudesse recuperar alguma energia, e isso também abriu espaço para um pouco mais de tempo privado e vida familiar. Em menos de um ano, a vida das pessoas melhorou perceptivelmente. De modo geral, acabaram as mortes causadas pela fome.

O regime chegou mesmo a permitir que várias pessoas deixassem o país. Normalmente, os que tentavam fugir para o exterior eram mandados para campos de trabalho forçado, mas naquela ocasião as autoridades abriram a porta para Hong Kong durante alguns dias, para deixar cerca de 50 mil pessoas saírem. Os guardas de fronteira até ajudaram a erguer crianças por sobre o arame farpado.

O ano de 1962 seria um dos períodos mais liberais desde o início do reinado de Mao. Naquela primavera, Liu e seus colegas reabilitaram em bloco os que haviam sido condenados após o expurgo de Peng De-huai em 1959, num total espantoso de 10 milhões de pessoas. Alguns "direitistas" (vitimados em 1957-58) também foram reabilitados. Nas artes e na literatura, explodiram novas criações. Foram necessárias dezenas de milhões de mortes para haver esse grau de alívio aos sobreviventes. Foi também em 1962 que o Panchen Lama teve condições de escrever a Chou En-lai para relatar a brutalidade que os tibetanos haviam sofrido. Houve algum relaxamento no Tibete, alguns mosteiros foram restaurados, e as práticas religiosas, toleradas.

Ser forçado a mudar as diretrizes políticas por seu próprio partido — sem o suporte de Moscou — foi a maior derrota sofrida por Mao desde a tomada do poder. Primeiro, fora vencido pela esperteza do supercauteloso Liu. Depois, fora efetivamente reprovado por quase todo o estrato que dirigia o país. A partir de então, nutriu um ódio vulcânico por Liu e os dirigentes que haviam comparecido à conferência — bem como pelo partido, que aquelas pessoas obviamente representavam. Ele estava a fim de vingança. O presidente da China e a espinha dorsal de seu partido eram o alvo. Foi por isso que, alguns anos depois, lançou seu Grande Expurgo, a Revolução Cultural, na qual Liu e a maioria dos 7 mil dirigentes, além de muitos outros, foram submetidos ao inferno. Como explicitou madame Mao, ele havia "engolido aquela afronta na Conferência dos Sete Mil e só pôde se vingar dela na Revolução Cultural". É óbvio que Mao não estava em busca apenas de vingança, por mais selvagem e devastadora que tenha sido. Estava claro para ele que aquele conjunto de dirigentes não estava preparado para governar o país da forma como ele queria. Ele os expurgaria e instalaria no poder novos executores.

Muitos deixaram a conferência com um sentimento de agouro em relação a Liu. Ele mesmo sabia que se tratava do maior ponto de inflexão de sua vida, mas havia decidido que sua prioridade era impedir mais dezenas de milhões de mortes. Durante esse período, o normalmente reservado Liu manifestou-se de modo vibrante sobre o fardo do povo chinês, que havia sofrido tão terrivelmente nas mãos do regime do qual era um dos dirigentes máximos.

Ao longo dos anos seguintes, Liu e seus colegas de pensamento trabalharam para pôr a economia de volta nos trilhos, enquanto Mao planejava sua vingança.

45. A bomba (1962-64; 68-70 anos)

No final de 1962, a epidemia de fome já amainara. Nos anos seguintes, ao mesmo tempo que tolerava confiscos de alimentos numa escala que permitia que seus súditos subsistissem, Mao começou a ressuscitar seus projetos de estimação engavetados em consequência da fome, tais como satélites e submarinos nucleares. E surgiram novos projetos. Quando lhe falaram de raio laser, visto na época apenas como arma letal e traduzido para o chinês como "a Luz da Morte", *si-guang*, ele decidiu no mesmo instante fazer enormes investimentos em pesquisas sobre laser, dando uma ordem característica: "A Luz da Morte: ponham algumas pessoas inteiramente devotadas a isso. Alimentem-nas e não as deixem fazer outra coisa".

No momento, o foco da atenção de Mao era a bomba atômica. Em novembro de 1962, criou-se um comitê especial, presidido por Chou En-lai, para coordenar as várias centenas de milhares de pessoas envolvidas e reunir todos os recursos do país para produzir a bomba em dois anos. A concentração de recursos se deu numa escala que espantou até um membro do alto escalão acostumado à organização totalitária. Cada um dos numerosos testes preparatórios consumiria quase metade das linhas de telecomunicação da China, e boa parte do país, inclusive fábricas, ficaria recorrentemente sem eletricidade ou transporte, porque a energia fora desviada para esses testes.

Uma preocupação constante de Mao era como proteger a bomba e todo o seu complexo nuclear, e não sem motivo. Nas conversações tripartites (Estados Unidos-União Soviética-Reino Unido) sobre proibição de testes nucleares realizadas em Moscou em julho de 1963, o presidente Kennedy pediu ao seu negociador Averell Harriman que sondasse Khruchióv sobre a destruição das instalações nucleares de Mao: "Tente extrair a opinião de K[hruchióv] sobre os meios de limitar ou evitar o desenvolvimento nuclear

chinês e sua disposição de tomar medidas soviéticas ou aceitar a ação americana nessa direção". Khruchióv rejeitou a abordagem. Mas Kennedy disse numa entrevista coletiva de 1º de agosto que uma China nuclear — que, enfatizou ele, era "stalinista", "com um governo decidido à guerra como meio de alcançar seu sucesso final" — representava "potencialmente uma situação mais perigosa do que qualquer outra que enfrentamos desde o final da Segunda Guerra [...] e gostaríamos de tomar algumas medidas agora que diminuiriam essa perspectiva".

Kennedy pensou seriamente em ataques aéreos às instalações nucleares da China. Seus assessores disseram-lhe que a usina de difusão gasosa de Lanzhou poderia ser destruída de tal forma a parecer um acidente, mas que talvez fossem necessários ataques nucleares para destruir a usina de plutônio, em Baotou.

Após o assassinato de Kennedy, em novembro de 1963 (por um "rei do petróleo", disse Mao ao ministro da Defesa da Albânia), seu sucessor Lyndon Johnson logo se entreteve com a ideia de lançar sabotadores de Taiwan para explodir as instalações de Lop Nor, local de testes atômicos da China. Este e outros sítios nucleares ficavam no interior do deserto de Gobi e não tinham acesso por terra: todos que ali trabalhavam, dos cientistas aos trabalhadores braçais, ficavam completamente isolados de suas famílias e da sociedade durante anos, até mesmo décadas. Mas os sítios estavam expostos aos aviões americanos de espionagem — e a ataques aéreos, o que Mao mais temia.

Em abril de 1964, Mao ficou sabendo que a bomba poderia ser testada naquele outono e tratou de tomar medidas em todas as frentes para minimizar o perigo de um ataque às instalações nucleares. Em relação aos russos, fez uma declaração pública para lembrar Khruchióv de que a China ainda fazia parte do campo comunista. Em 12 de abril, um dia depois que os detalhes do teste foram decididos, tratou de reescrever um telegrama para Khruchióv pelos seus setenta anos. O texto original refletia a relação pública amarga entre os dois Estados. Mao mudou-o para torná-lo extremamente amistoso, acrescentando um incomum "Querido camarada". Enfatizava agora que a discordância entre eles era "apenas temporária" e que, "na eventualidade de uma grande crise mundial", eles "indubitavelmente estariam juntos contra nosso inimigo comum". Para concluir, acrescentou uma frase que evocava a relação passada: "Que os imperialistas e reacionários tremam diante de nossa unidade". O telegrama ganhou ampla divulgação na

mídia chinesa e espantou todos, pois isso acontecia depois de meses de ataques públicos a Khruchióv. Na véspera do Dia Nacional daquele ano, em 1º de outubro, Mao deixou os russos estupefatos ao saudar calorosamente o delegado soviético, segurando sua mão e repetindo: "Tudo ficará bem; nossos povos estarão juntos".

A principal preocupação de Mao eram os Estados Unidos. A fim de detê-los, fez de tudo para ter alguns trunfos na mão. Suas opções para provocar problemas com os próprios americanos ou em sua vizinhança imediata eram limitadas. Em 8 de agosto de 1963, pouco depois do Tratado de Proibição de Testes, ele dera uma declaração de apoio aos negros dos Estados Unidos. Porém, ela equivalia ao que ele mesmo chamou depois de "canhão vazio". Robert Williams, o negro radical americano a quem Mao atribuiu o pedido de fazer uma declaração, contou-nos que Mao "não compreendia um monte de coisas sobre os negros nos Estados Unidos". Em relação a essa questão, Williams comparou Mao desfavoravelmente a Ho Chi Minh. Ele também deu declarações de apoio aos movimentos antiamericanos em países próximos aos Estados Unidos, como no Panamá e na República Dominicana. Mas eram apenas palavras.

Porém, havia um lugar perto da China em que havia americanos: o Vietnã. No final de 1963, já havia cerca de 15 mil assessores militares americanos no Vietnã do Sul. O plano de Mao era criar uma situação pela qual os Estados Unidos enviariam mais tropas ao Vietnã do Sul e até invadiriam o Vietnã do Norte, que fazia fronteira com a China. Desse modo, se Washington atacasse suas instalações nucleares, o Exército chinês invadiria o Vietnã e engolfaria as tropas americanas, como havia feito na Coreia. Para tentar fazer com que isso acontecesse, em 1964 Mao começou a pressionar os vietnamitas para intensificar a guerra na Indochina. Disse-lhes então que a luta deles "não causara grande impacto e estava apenas arranhando a superfície [...] É melhor transformá-la numa guerra maior". "Temo que vocês tenham de mandar mais tropas para o Sul." "Não tenham medo da intervenção dos americanos", instigou; "no máximo, não é pior do que ter outra Guerra da Coreia. O Exército chinês está preparado e, se os Estados Unidos assumirem o risco de atacar o Vietnã do Norte, o Exército chinês marchará de imediato. Nossas tropas querem uma guerra agora."

Mao pediu aos norte-vietnamitas que intensificassem a luta em outros países que eram vizinhos da China: "É melhor mandar também vários

milhares de soldados ao Laos", disse. O Laos "vem lutando há vários anos; mas não deu em nada. Vocês devem pensar numa maneira: peguem 3 mil ou 4 mil homens e [...] os treinem para que parem de acreditar no budismo e se tornem soldados de combate rijos". Em particular, instou os vietnamitas a ajudar a montar um exército guerrilheiro na Tailândia, onde os Estados Unidos tinham bases militares.

Na verdade, a política de Hanói era conseguir que os Estados Unidos diminuíssem a escala da guerra e os vietnamitas disseram a Mao que não queriam "provocar" os americanos. Não obstante, Mao mandou que 300 mil a 500 mil soldados chineses fossem posicionados ao longo da fronteira do Vietnã, prontos para invadir. Chou En-lai fez uma visita à frota do mar da China Meridional e instruiu seu comandante para estar pronto a atacar o Vietnã *do Sul*. Fundos foram alocados para levar a frota para o porto de Zhanjiang, bem mais perto do Vietnã.

A estratégia de Mao, como Chou En-lai explicou depois ao presidente Nasser do Egito, era atrair o máximo de tropas americanas para o Vietnã, como "uma política de segurança" da China contra um possível ataque nuclear dos Estados Unidos,

> porque teremos muita carne deles ao alcance de nossas unhas.
>
> Então, quanto mais tropas eles mandarem ao Vietnã, mais felizes ficaremos, pois achamos que os teremos em nosso poder, podemos ter o sangue deles [...]
>
> [...] Eles estarão perto da China [...] ao nosso alcance. Eles [...] serão nossos reféns.

Chou também informou ao presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, que, para proteger suas instalações nucleares, Pequim agiria no Vietnã independentemente do que os próprios vietnamitas quisessem. "Diga aos Estados Unidos", disse Chou, que, se eles atacarem essas instalações, Pequim "não respeitará fronteiras" e entrará no Vietnã do Norte "com ou sem o consentimento dos vietnamitas".

Além de preocupar-se com ataques aéreos a suas instalações nucleares, Mao temia que todas as suas indústrias bélicas pudessem transformar-se em alvos. Como muitas delas estavam situadas em planícies costeiras, decidiu transferi-las para o interior montanhoso do país.

Em junho de 1964, ordenou essa realocação em massa, que descreveu para

seu círculo íntimo como uma "mudança de casa" nacional de indústrias para enfrentar "a era da bomba". O empreendimento ganhou o nome geral de "Terceiro Front" (as áreas costeiras e fronteiriças eram o "Primeiro Front"; o "Segundo Front" era o resto da China). Não menos que 1100 grandes empresas foram desmontadas e removidas para regiões remotas, onde foi necessário construir instalações importantes, como usinas de aço e eletricidade. Algumas instalações nucleares foram até duplicadas. Cavaram-se enormes cavernas nas montanhas para abrigá-las. A convulsão e o custo foram colossais. Durante a década em que o Terceiro Front foi construído, seu custo foi de mais de 200 bilhões de yuans e, no seu auge, sugou pelo menos dois terços de todo o investimento da nação. O desperdício criado foi maior do que as perdas materiais totais causadas pelo Grande Salto Para a Frente.

Do ponto de vista estratégico, o projeto todo era absurdo. A vasta maioria das usinas do Terceiro Front dependia totalmente de transporte rodoviário — às vezes, até para o abastecimento de água —, enquanto as refinarias de petróleo continuaram expostas. O principal campo petrolífero da China, que acabara de entrar em funcionamento, ficava na planície da Manchúria. A mudança de lugar não deu ao país nenhuma segurança maior contra ataques.

Bem ao seu modo, Mao insistiu para que tudo fosse construído em velocidade vertiginosa, geralmente sem qualquer levantamento de terreno apropriado. Só a localização irracional dobrou os custos normais de construção e deixou as novas fábricas, que eram muitas vezes de material inferior, à mercê de inundações, avalanches e quedas de pedras e lama. Muitas indústrias caras, entre elas fábricas de tanques e estaleiros, jamais foram terminadas, ou ficaram ultrapassadas. Um estudo concluiu que "talvez o fracasso mais colossal" tenha sido a usina de aço de Gansu, que demorou 27 anos para produzir algum aço.

Os custos humanos foram imensuráveis. Mais de 4 milhões de pessoas foram jogadas nas montanhas para construir fábricas, colocar trilhos e abrir minas, trabalhando e vivendo em condições aterradoras, em cavernas sem ventilação. Havia uma constante escassez de água, frequentemente poluída. Muitos morreram. Incontáveis famílias foram dispersadas por até duas décadas. Somente em 1984, muito depois da morte de Mao, os casais separados puderam se reunir — e, assim mesmo, apenas se o cônjuge que estava no Terceiro Front tivesse mais de quarenta anos e houvesse

trabalhado por vinte.

Liu Shao-chi e os outros colegas de poder de Mao não ofereceram resistência a essa loucura. Mao disse-lhes que estava decidido. Para tornar a ideia mais palatável para eles, ofereceu a coisa mais próxima em seu léxico de uma promessa de que as pessoas não teriam de morrer de fome, dizendo aos seus planejadores: "Tomem cuidado: Não façam um 1958, 1959 e 1960". Além disso, embora o Terceiro Front fosse uma insensatez econômica, não envolveu perseguições. Que Mao evitasse mortes e perseguições políticas parece ter sido o melhor que seus colegas achavam que poderiam esperar — e o suficiente para fazê-los sentir que poderiam apoiá-lo. Para eles, as coisas estariam boas se o chefe abrisse mão de alguns milhões de mortes.

A primeira bomba atômica da China foi detonada em 16 de outubro de 1964, em Lop Nor, no deserto de Gobi. A Rota da Seda passara por ali, ligando o centro da China às margens do Mediterrâneo, depois de atravessar os vastos continentes da Europa e da Ásia. Através daquele deserto árido e inabitável haviam fluído seda, especiarias, pedras preciosas, arte e cultura, com toda a sua riqueza e esplendor, intercâmbios que tinham excitado civilizações antigas e lhes insuflado nova vida. Assim, Lop Nor testemunhara numerosos impactos que realçavam a vida. Agora, quase dois milênios depois, era o berço de outro "*big bang*", o da destruição e morte.

O sítio do teste nuclear fora escolhido originalmente pelos russos. Ali, engenheiros militares, cientistas e operários viveram durante anos em choças de barro e barracas, em total isolamento, trabalhando sob tempestades de areia, calor abrasador e ventos enregelantes.

No dia marcado, Mao esperou o grande momento em sua suíte no Grande Salão — batizado de "do povo", embora fora dos limites de quem não fosse convidado. Situado na praça Tiananmen, perto de Zhongnanhai, fora projetado para suportar qualquer tipo de ataque militar e possuía abrigo nuclear próprio. A suíte, feita sob medida para Mao, tinha o codinome de Suíte 118, de acordo com seu costumeiro estilo clandestino. Mao podia entrar de carro nela. Dentro, havia um elevador que descia para um túnel de fuga, largo o suficiente para dois caminhões lado a lado, que levava aos centros militares subterrâneos dos limites de Pequim. A suíte ficava ao lado do palco de um auditório gigantesco, de tal modo que Mao podia entrar e

sair sem qualquer contato com a plateia.

Naquele dia, esperando ao lado da suíte de Mao, havia 3 mil intérpretes envolvidos numa peça musical que promovia seu culto, *O Oriente é vermelho*, que Chou En-lai havia levado ao palco. O título vinha do "hino" de Mao:

O Oriente é vermelho,
O sol se levanta,
A China produziu Mao Tse-tung.
Ele busca a felicidade para o povo.
Ele é o grande salvador do povo.

Quando o sucesso do teste foi confirmado, prorrompeu a música do hino, luzes brilhantes se acenderam e um Mao sorridente emergiu, flanqueado por toda a alta direção do partido. Ele acenou para os 3 mil intérpretes e fez um sinal para Chou En-lai falar. Chou foi para a frente dos microfones: "O presidente Mao pediu-me para lhes dar uma boa notícia". E anunciou a detonação da bomba atômica. De início, a multidão ficou em silêncio, sem saber como reagir, pois não recebera instruções prévias. Chou forneceu então a dica: "Vocês podem se regozijar à vontade, só não furem o chão com os pulos!". Então a plateia começou a gritar e saltar num aparente arrebatamento. Mao foi o único líder de uma nação que saudou o nascimento desse monstro da destruição de massa com festividade. Em particular, ele compôs duas linhas de versos de pé quebrado:

A bomba atômica explode quando mandada.
Ah, que alegria sem fim!

Organizaram-se celebrações em todo o país. Entre a população, que ficou sabendo pela primeira vez naquela noite que a China vinha construindo a bomba, houve uma exultação genuína. Possuir armas nucleares era visto como um sinal do êxito nacional e muitos sentiram um tremendo orgulho, especialmente porque lhes disseram que a China havia produzido a bomba atômica sozinha, sem ajuda externa. O papel decisivo desempenhado pela Rússia foi rigorosamente omitido e é pouco conhecido até hoje.

A epidemia de fome acontecera havia apenas dois anos, as lembranças dolorosas ainda estavam vivas e alguns membros da elite se perguntavam quanto custara a bomba. O regime registrou a importância da pergunta e Chou fez questão de contar para uma pequena plateia que o país fizera uma

bomba muito barata e gastara apenas poucos bilhões de yuans na sua confecção. Na verdade, o custo da bomba atômica chinesa foi estimado em 4,1 bilhões de dólares (em preços de 1957). Essa quantia em moeda viva poderia ter comprado trigo suficiente para fornecer trezentas calorias a mais por dia durante dois anos para toda a população — o suficiente para salvar a vida de todos os quase 38 milhões que morreram na epidemia de fome. A bomba de Mao causou cem vezes mais mortes do que as duas bombas que os americanos jogaram no Japão.

46. Um período de incertezas e reveses (1962-65; 68-71 anos)

Nos anos posteriores a 1962, enquanto a economia da China se recuperava, Mao acalentava sua vingança. Liu Shao-chi, seu segundo em comando, em geral circunspecto e aparentemente servil, havia armado uma cilada e sido mais esperto do que ele na Conferência dos Sete Mil, em janeiro de 1962. Sob a pressão coletiva de quase todo o establishment chinês, Mao fora forçado a abandonar suas políticas letais. Mas ele não deixaria Liu ou quem quer que simpatizasse com Liu escapar impune dessa afronta.

Começou por abrir terreno para um grande expurgo a partir do momento em que a epidemia de fome abrandou. Impôs freios a medidas liberais, como deixar os camponeses arrendar um pouco de terra e a reabilitação de vítimas políticas, enquanto alimentava o culto de sua personalidade. Panegíricos de Mao dominaram cada vez mais os textos escolares, publicações, a mídia e todas as esferas que afetavam a mente das pessoas, de tal modo que, para onde quer que se olhasse, havia slogans em seu louvor, e sempre que se escutava uma canção era na linha daquela intitulada "Papai está perto, mamãe está perto, mas nenhum deles tão perto quanto o presidente Mao". Ele tornava tudo mais politizado do que nunca, em um contexto no qual somente sua adulação tinha permissão para existir.

Começou com os romances, dizendo com sarcasmo para uma plateia do partido, em setembro de 1962: "Não há um monte de romances e publicações no momento? Usar romances para realizar atividades antipartidárias é uma grande invenção". Depois, atacou todos os livros: "Quanto mais livros lemos, mais estúpidos ficamos". E acrescentava: "Você pode ler um pouco, mas ler demais realmente o arruína". Era uma declaração descaradamente cínica, pois ele mesmo lera muito e adorava a leitura. Suas camas eram feitas sob medida, de tamanho extragrande, com espaço suficiente para pilhas de livros (inclinadas de tal modo que não caíssem sobre

ele), e seu hobby preferido era ler na cama. Mas ele queria que o povo chinês fosse ignorante. Ao seu círculo íntimo, disse que "precisamos da política de 'manter o povo estúpido'".

Na primavera de 1963, Mao voltou sua atenção para a ópera chinesa tradicional. Ao contrário do que acontecia no Ocidente, a ópera chinesa era um divertimento popular. Durante séculos, diferentes regiões haviam desenvolvido seus estilos próprios, apresentados em mercados de aldeias, bem como em teatros de cidades, dançados nas montanhas do norte em meio ao vento e ao pó e cantados sob a luz do luar e lamparinas de querosene nas ilhotas do sul, para plateias de pescadores em casas flutuantes. O próprio Mao era um fã e, de fato, um grande conhecedor de óperas regionais. Tinha uma coleção de mais de 2 mil cassetes e discos e era capaz de discutir com competência a interpretação de árias com cantores. O único momento em que deixava as pessoas o verem usando óculos era nas óperas. Também era um espectador que se envolvia muito e, certa vez, ficou tão emocionado que, além de soluçar e assoar o nariz ruidosamente, levantou-se de repente da cadeira e sua calça caiu, pois seu criado havia afrouxado o cinto para deixá-lo mais confortável. Tinha uma preferência particular por aquelas óperas que seu regime considerava "pornográficas".

Sua paixão por essa forma de arte não o impediu de proibir um grande número de óperas assim que seu reinado começou. Mas, quando iniciou o novo expurgo, decidiu banir o antigo repertório *in totto*, a começar pelo gênero conhecido como "dramas de fantasmas", nos quais os espíritos de vítimas mortas se vingavam daqueles que haviam causado suas mortes. Mao baniu o gênero em março de 1963: tendo sido o agente de dezenas de milhões de mortes, considerava esses vingadores do palco incomodamente próximos da realidade.

No final de 1963, acusou "todas as formas de arte — óperas, teatro, artes folclóricas [inclusive cantar baladas, contos tradicionais e histórias em quadrinhos], música, artes visuais, dança, cinema, poesia e literatura" de serem "feudais ou capitalistas" e "muito obscuras". Até obras produzidas durante seu regime para louvar os comunistas foram condenadas como "ervas venenosas". Mao ordenou que todos os artistas fossem mandados às aldeias para serem "seriamente reformados". "Joguem cantores, poetas, dramaturgos e escritores fora das cidades", disse em seu estilo tipicamente grosso, em fevereiro de 1964. "Levem todo o montão deles para as aldeias.

Nada de comida para os que não forem."

Monumentos antigos, sinais visíveis da longa civilização chinesa, também tombaram. Logo após tomar o poder, ele mandara derrubar indiscriminadamente muralhas de cidades e arcos comemorativos; no final da década da 1950, a vasta maioria desses monumentos já estava destruída. Agora, acrescentava à sua lista templos e túmulos antigos; em dezembro de 1964, queixou-se a um de seus secretários sobre a lentidão em cumprir sua ordem: "Somente umas poucas pilhas de ossos podres [ou seja, túmulos] foram abertos [...] Você trata os inimigos [isto é, os que resistiam] com muita leniência. Quanto aos templos, nenhum deles foi tocado".

Mao propôs até a eliminação da horticultura: "Cultivar flores é uma ressaca da velha sociedade, um passatempo para a classe intelectual feudal, a classe burguesa e outros vagabundos". "Precisamos mudar isso agora", ordenou em julho de 1964. "Livrem-se da maioria dos jardineiros."

O que Mao tinha em mente era uma sociedade totalmente árida, destituída de civilização, privada de representações dos sentimentos humanos, habitada por um rebanho sem sensibilidade, que obedeceria de forma automática às suas ordens. Queria a morte cerebral da nação a fim de empreender seu grande expurgo — e viver nesse estado para sempre. Nisso, ele foi mais longe do que Hitler ou Stálin, pois o primeiro permitia o divertimento apolítico e o segundo preservou os clássicos. Com efeito, Mao criticou o russo nessa questão; em fevereiro de 1966, disse: "Stálin aceitou os assim chamados clássicos da Rússia e da Europa de forma acrítica e isso teve consequências graves".

No período 1962-65, Mao fez alguns progressos em sua tentativa de transformar todas as facetas da vida em algo "político" e de matar a cultura, mas o resultado estava longe de lhe ser satisfatório. Ele dependia da máquina do partido para executar suas ordens e praticamente todos tinham reservas em relação a suas políticas, do Politburo para baixo. Poucos viam com bons olhos uma vida sem entretenimento ou cor. Mao descobriu que quase todos obedeciam lentamente e que recreações claramente inofensivas ao regime, como os clássicos e as flores, continuavam a existir. Ele estava com raiva e frustrado, mas não conseguia obter o que queria.

Teve mais sucesso em uma área, a doutrinação da população, para a qual

criou um modelo: um soldado devidamente morto chamado Lei Feng, que mantivera um diário muito conveniente em que supostamente registrava como se inspirara em Mao para fazer boas ações e jurava que, por Mao, estava pronto para "subir montanhas de facas e descer a mares de chamas". A obediência total a Mao, ser o que o regime louvava como "pequenos dentes de engrenagem" perfeitos da máquina de Mao, era elevada à virtude máxima. Esse culto da impessoalidade, o reverso necessário do culto da personalidade do líder, foi envolto num apelo enganador ao altruísmo — por "nosso país" ou pelo "povo".

Além de simbolizar a lealdade total a Mao, o soldado Lei Feng exemplificava outro ponto vital: a ideia de que o ódio era bom, que foi incutida na população, sobretudo nos jovens. Lei Feng havia supostamente escrito: "Tal como a primavera, trato meus camaradas com afeto [...] E com os inimigos de classe sou cruel e implacável como o inverno rigoroso". O ódio era apresentado como algo necessário para alguém que amasse o povo.

Como uma figura a ser particularmente odiada, Mao construiu Khruchióv, dizendo que ele praticava o "revisionismo". A imprensa chinesa foi inundada com polêmicas que demonizavam o líder soviético, as quais a população tinha de engolir em sessões semanais de doutrinação. Assim, foi incutido na cabeça das pessoas que Khruchióv e outros "revisionistas" eram vilões (como assassinos numa sociedade normal). Posteriormente, se revelaria a intenção oculta: Mao acusaria Liu Shao-chi de "Khruchióv da China" e os dirigentes desobedientes do partido de "revisionistas".

A primeira vez que ele ergueu o espectro de um Khruchióv chinês foi para seu alto escalão, em 8 de junho de 1964. Liu sabia que era o alvo de Mao e que o furacão estava prestes a desabar. Suas opções eram limitadas. Tudo o que podia fazer era se entrincheirar em sua posição para dificultar o ataque de Mao. Então, em outubro, aconteceu algo em Moscou que deu uma abertura para Liu.

Em 14 de outubro de 1964, Khruchióv foi derrubado por um golpe palaciano. Mao viu uma oportunidade para ressuscitar a ajuda soviética para seu programa de mísseis, que se encontrava muito atrasado. Ele estava na posição de possuir a bomba atômica, mas não tinha meios de lançá-la. Para tanto, precisava de know-how estrangeiro e pensou em melhorar as relações

com a nova liderança no Kremlin, encabeçada agora por Leonid Bréjnev. Dentro de poucos dias, Chou já dizia ao embaixador Tchervonenko que era o "desejo máximo" de Mao ter uma relação melhor. Chou solicitou um convite para as comemorações do aniversário da Revolução Russa em Moscou, no dia 7 de novembro.

A nova liderança soviética também estava interessada em descobrir se uma reaproximação seria possível e fez questão de avisar Mao sobre a queda de Khruchióv, antes que se tornasse pública. Mas o Kremlin logo percebeu que a perspectiva seria muito sombria enquanto Mao continuasse no poder. O embaixador Tchervonenko relembrou o que aconteceu quando foi lhe contar os eventos. Após ouvir a notícia, Mao

> pensou por um ou dois segundos e depois disse: "Bela providência vocês tomaram, mas não é suficiente" [...] Depois do encontro, Mao acompanhou-me até a saída. O carro não dava a partida, então o motorista pegou um balde e foi com o guarda-costas de Mao até a cozinha. A lua brilhava sobre o lago. Mao estava de pé, ao lado de meu carro afogado: "Há ainda algumas coisas que precisam de conserto", disse ele, "e a plenária de vocês não fez todas".

Mao insistiu em que Moscou deveria revogar o programa de seu partido e, na verdade, renegar a desestalinização. Isso estava fora de questão para os novos líderes soviéticos e parece que eles usaram a visita de Chou para testar se havia alguma possibilidade de o PCC derrubar Mao.

Na recepção realizada no Kremlin em 7 de novembro, Chou e sua delegação percorriam o salão saudando velhos conhecidos quando o ministro da Defesa soviético Rodion Malinovski se aproximou de Chou, junto com o principal intérprete de chinês da Rússia, e lhe disse inesperadamente: "Não queremos nenhum Mao, ou nenhum Khruchióv no caminho de nossa relação". "Não sei do que você está falando", retrucou Chou, e se afastou de imediato. Malinovski voltou-se então para o marechal Ho Lung, chefe interino do Exército chinês: "Nós nos livramos de nosso idiota Khruchióv, agora vocês se livram do de vocês, Mao. E então poderemos ter relações amistosas de novo". Malinovski usou linguagem de caserna: "O uniforme de marechal que estou vestindo era merda de Stálin e o uniforme de marechal que você está usando é merda de Mao Tse-tung". Ho Lung discutiu com ele e depois a delegação chinesa abandonou a recepção.

Chou passou a noite compondo um telegrama para Mao. Na manhã seguinte, Bréjnev foi com quatro membros do governo (mas não Malinovski)

até a residência da delegação chinesa, quando Chou fez um protesto formal. Os russos pediram desculpas, dizendo que as palavras de Malinovski não refletiam suas opiniões e que ele estava bêbado. Mas, afora o fato de que o marechal russo era um homem capaz de controlar a bebida, tais palavras jamais poderiam ser ditas de forma leviana pelo comandante do Exército de um país ao primeiro-ministro e ao chefe do Exército de outra nação, em particular quando os países envolvidos eram a Rússia e a China totalitárias. Ademais, a liderança soviética não censurou Malinovski, o que certamente faria caso se tratasse de uma verdadeira gafe. Todos os indícios sugerem que Malinovski agiu deliberadamente, de uma forma que poderia ser renegada. Um alto especialista em China do serviço secreto russo usou uma formulação reveladora para nós: "Ficamos sabendo que não poderíamos separar Chou e Mao".

Esse episódio alimentou muitíssimo as suspeitas de Mao de que poderia haver um vasto complô contra ele que envolveria antigos colegas de poder em conluio com os russos. Nada poderia ser mais perigoso para ele do que o Kremlin expressar um desejo sério de derrubá-lo. Nem a contestação de Peng De-huai, em 1959, nem a de Liu, em 1962, haviam abalado sua posição. Mas, se o Kremlin realmente quisesse se ver livre dele, seria uma história diferente. O interesse russo poderia encorajar alguns de seus companheiros a tomar medidas drásticas. A distância entre a fronteira da Mongólia Exterior, um satélite russo, e Pequim era de apenas quinhentos quilômetros, sobre terreno plano e aberto, em grande parte, que tanques russos poderiam superar com facilidade, e a China não possuía defesas antitanque eficazes. No mês seguinte, dezembro de 1964, por determinação de Mao, o Exército traçou um plano para construir montanhas artificiais, cada uma com o aspecto de uma gigantesca fortaleza militar, na planície do norte da China, que seriam obstáculos aos tanques russos — um projeto enorme que foi abandonado por ser inútil, após vários anos e custo imenso.

Chou conseguiu manter-se nas boas graças do chefe, pois Mao calculou que ele era astuto demais para tentar alguma coisa temerária. Mas Chou sabia que uma sombra de suspeição pairava sobre sua cabeça. Antes de deixar Moscou, membros de sua comitiva o escutaram dizer que ele havia visitado a capital soviética dez vezes desde a fundação da China comunista, mas que era muito improvável que voltasse no futuro. Com efeito, foi sua última visita — e depois nenhum dos colegas de poder de Mao visitou Moscou enquanto ele

esteve vivo.[a]

Mao estava pouco disposto a deixar que membros do alto escalão chinês fossem à Rússia, temeroso de que pudessem tramar com os russos sua derrubada. Era preciso evitar até o encontro com altas autoridades soviéticas em outros países — isto é, fora do controle de Mao. Em setembro de 1969, Chou viu-se diante da possibilidade de topar com algum líder soviético no funeral de Ho Chi Minh, de modo que foi a Hanói antes do enterro, ignorando os protestos vietnamitas de que não estavam prontos para receber visitas. E Chou foi embora bem antes da cerimônia, à qual a China enviou uma delegação de segundo nível.

No expurgo que viria a seguir, qualquer conexão com a Rússia se tornaria uma questão fundamental, especialmente para o alto escalão. O marechal Ho Lung e um grande número de seus antigos subordinados foram presos e interrogados. O próprio Ho Lung morreu no cárcere, em condições estarrecedoras, em 1969.

O mesmo aconteceu com o vice-ministro da Defesa, general Xu Guang-da, que foi brutalmente torturado por um período de dezoito meses, tendo sido interrogado 416 vezes. Ele teve a infelicidade de ser a única alta patente militar a visitar a Rússia depois das observações de Malinovski e, portanto, era suspeito de ser um contato entre os inimigos internos de Mao e Moscou. Xu fora à Rússia em maio de 1965 porque, na época, ainda havia alguma cooperação nuclear entre os dois países. Imediatamente após sua viagem, Mao retirou todos os chineses do centro nuclear russo de Dubna, encerrando em definitivo a colaboração nuclear.

Graças ao episódio de Malinovski, Mao não teve nenhuma relação com Bréjnev. As relações da China com a União Soviética deterioraram ainda mais durante sua permanência no poder, que durou pelo resto da vida de Mao.

Mas, em novembro de 1964, Mao não mandou Chou partir de Moscou. Ele ficou e teve reuniões com vários delegados estrangeiros, com quem Mao queria que ele conversasse. Chou retornou a Pequim em 14 de novembro, conforme o cronograma previsto. Mao foi recebê-lo no aeroporto com toda a sua equipe. A mensagem para os russos era que a liderança chinesa estava unida. Mas os russos fizeram inferências mistas. Os diplomatas soviéticos presentes ao aeroporto observaram que Mao não parecia de forma alguma bem — "perto da prostração", acharam eles.

Foi uma época excepcionalmente insegura para Mao, e Liu Shao-chi a explorou: tentou fortalecer sua posição, fazendo com que o confirmassem no posto de presidente do Estado. Isso proporcionaria uma oportunidade para uma grande explosão de seu perfil, uma espécie de culto de personalidade para ele mesmo. A confirmação de seu posto estava muito atrasada. Mao não permitira que o organismo que "elegia" o presidente, a Assembleia Nacional, se reunisse como deveria, em 1963, porque só queria que a reunião acontecesse quando estivesse pronto para expurgar Liu. Mas, algumas semanas após as observações de Malinovski sobre Mao, Liu convocou a assembleia em cima da hora, calculando que Mao se sentiria inseguro demais para vetar sua iniciativa ou expurgá-lo. Mao percebeu o que Liu pretendia e explodiu. "Vamos fazer a transmissão de posse agora", disse com sarcasmo a Liu, em 26 de novembro. "Você toma o poder e será o presidente. Você será Qinshihuang [o primeiro imperador] [...]."

Mao não podia evitar a reunião da assembleia. Tudo o que podia fazer era negar sua bênção não convocando previamente uma plenária do partido para estabelecer a agenda — a única vez em que essa omissão ocorreu durante seu reinado. No Politburo, no dia anterior à abertura da assembleia, ele falou em tom ríspido com Liu várias vezes: "Eu simplesmente não vou endossá-lo". A certa altura, disse a Liu: "Você não presta".

Fora da sala de reuniões, explodiu para dois de seus devotos: "Alguém está cagando na minha cabeça!". Depois, ao completar 71 anos, em 26 de dezembro, tomou a iniciativa inesperada de convidar Liu para jantar. Mao quase nunca tinha convívio social com Liu ou seus outros colegas de poder, exceto quando estavam no salão de baile ao mesmo tempo. Mas antes disse a sua filha Li Na: "Você não vai hoje porque seu pai vai amaldiçoar o filho da puta". Mao sentou-se a uma mesa com alguns favoritos, enquanto Liu era colocado numa mesa separada. Não havia nada de uma atmosfera de aniversário. Enquanto todos ficavam em silêncio gélido, Mao arengava com acusações sobre "revisionismo" e "dirigir um reino independente", endereçadas obviamente a Liu.

Ninguém disse nada em apoio a Mao, nem mesmo o equivalente de "você tem razão, chefe", exceto seu secretário Chen Bo-da. Mao apreciou tanto essa atitude que depois chamou Chen, sonolento sob o efeito de

comprimidos para dormir, e confidenciou-lhe que pretendia pegar Liu; o secretário foi, assim, um dos primeiros a saber disso explicitamente (Mao logo elevaria Chen ao quarto posto mais importante da hierarquia do partido).

Em 3 de janeiro de 1965, Liu foi designado novamente presidente, com muita publicidade, de forma muito diferente de sua primeira nomeação para o posto, em 1959, quando houvera pouca fanfarra. Dessa vez, houve comícios e desfiles, com seu retrato sendo carregado ao lado do de Mao, e fogos de artifício, tambores e gongos. Os jornais publicaram manchetes como "Presidente Mao e presidente Liu são ambos nossos mais amados líderes". Estava claro que Liu tinha muitos partidários torcendo a seu favor. Ele conquistara muita consideração junto às altas autoridades do partido por ter tirado a China da fome. Até seguidores devotos de Mao dentro do círculo íntimo davam sinais de troca de lealdade. E, o que é mais incrível, veio à baila a ideia de pendurar o retrato de Liu no portão de Tiananmen — sozinho, *sem o de Mao!* —, a qual Liu teve de vetar imediatamente.

No dia em que Liu foi reeleito, sua esposa foi chamada, pela primeira vez, a uma reunião na suíte 118 de Mao, no Grande Salão. Os Liu eram apaixonados um pelo outro e Mao sabia disso. Ele escolheu aquele dia para sinalizar sua intenção de fazer os dois sofrerem. Quando Liu entrou após a votação, ficou espantado ao ver que sua esposa estava presente. Mao berrou uma longa diatribe. Madame Liu sentiu o imenso ódio que irradiava dele. Ela e Liu olharam-se em silêncio. Mao queria que ela testemunhasse os insultos a seu marido e que Liu registrasse: farei sua mulher pagar também.

Contudo, mesmo depois dessa exibição aberta de hostilidade, ninguém do alto escalão tomou o lado de Mao e denunciou Liu. A maioria simplesmente manifestou preocupação com a discórdia entre "os dois presidentes" e instou Liu a adotar uma postura mais obsequiosa em relação a Mao. Liu acabou lhe pedindo desculpas por não ser suficientemente respeitoso. A reação de Mao foi tão ameaçadora quanto arbitrária: "Não se trata de uma questão de respeito ou desrespeito. Trata-se de uma questão de marxismo versus revisionismo".

Repetindo a observação de Stálin sobre Tito ("Eu abano o dedo mínimo e não haverá mais Tito"), Mao disse a Liu: "Quem você pensa que é? Posso abanar meu dedo mínimo e não haverá mais você!". Mas, na verdade, no momento havia um empate. Mao não poderia obter a condenação de Liu

apenas dizendo que a queria.

Naquela ocasião, Mao recorreu a um potente gesto simbólico — uma viagem às montanhas de Jinggang, onde havia montado sua primeira base, em 1927. Ao contrário de suas outras viagens, que eram resultado do impulso do momento, esta foi divulgada com bastante antecedência para o alto escalão, e todos sabiam então para onde ele ia. Seis anos antes, diante da rebeldia de Peng De-huai, ele ameaçara "subir para as montanhas e começar uma guerra de guerrilhas". Agora, ia de fato para as montanhas, o que tornava a mensagem mais estridente, mais real e mais poderosa.

Providenciou-se uma latrina portátil. Uma equipe de vanguarda inspecionou o local de destino. "Inimigos de classe" foram detidos e guardados longe da rota de Mao. Prepararam-se duplicatas dos carros e metralhadoras pesadas foram postadas em lugares estratégicos. A guarda pretoriana observava à paisana, com as armas escondidas, como se fossem gângsteres de Hollywood, em estojos de instrumentos musicais.

Mao partiu de Pequim no final de fevereiro de 1965, movendo-se com lentidão e cautela. No caminho, em 9 de abril, soube da morte aos 63 anos de um acólito favorito, o chefe de Xangai Ke Qing-shi, de uma pancreatite mal diagnosticada. Naquela conjuntura, era alarmante que um assecla valioso morresse de erro humano e Mao ficou parado em Wuhan. Ali, convocou seu cúmplice de longa data Lin Biao para uma reunião *tête-à-tête* em 22 de abril. O marechal e ministro da Defesa, que salvara Mao na Conferência dos Sete Mil, estava nos seus planos para expurgar o presidente Liu. Mao disse-lhe para manter um controle rígido do Exército e forte vigilância, caso o presidente, que estava supervisionando as coisas na capital, tentasse obter apoio entre os militares.

Em 19 de maio, Lin Biao tomou uma atitude espetacular, conforme o pedido de Mao. Naquele dia, na qualidade de presidente da nação, Liu recebia os participantes de uma reunião de alto nível do Exército quando o marechal apareceu inesperadamente, pois havia declinado do convite, alegando motivos de saúde. No final da reunião, quando o presidente anunciou que haviam chegado a uma conclusão satisfatória, Lin Biao levantou-se de súbito e iniciou uma arenga que basicamente contradizia o que Liu havia dito. Desse modo, deixou bem claro para o alto escalão que

ele, não o presidente, era o chefe deles, solapando a autoridade de Liu.

Enquanto o marechal ficava de olho em Liu em Pequim, Mao seguia para seu antigo refúgio de proscrito, onde chegou a 21 de maio. Ali ficou sete noites, sem ir a lugar algum, exceto por curtas caminhadas na vizinhança imediata da casa onde estava hospedado. Estava programada uma parada em sua antiga residência, o Pavilhão Octogonal, mas, ao descer do carro, Mao escutou alguns ruídos fracos. Tratava-se do barulho dos martelos e talhadeiras de pedreiros que trabalhavam numa encosta distante, mas nas montanhas o ruído era escutado a longa distância. No momento em que punha o pé no chão, Mao recuou para dentro do carro e ordenou que partissem de imediato.

Não viu nenhum morador do lugar até minutos antes de ir embora, quando uma multidão organizada foi levada para a frente da hospedaria, e ele acenou para ela, enquanto se tiravam fotos. Sua presença foi mantida em segredo até o último minuto. Durante sua estadia, e por algum tempo depois que ele partiu, todas as comunicações dos habitantes locais com o mundo externo estiveram cortadas.

A hospedaria em que ficou, que fora construída durante a epidemia de fome, não estava à altura de seus padrões e logo começou a construção de outra, conforme as especificações usuais: térrea e totalmente à prova de bombas. Mas Mao jamais retornou. Ele viera com um único propósito: fazer uma ameaça.

Enquanto Mao estava nas montanhas, Liu ocupava-se em construir sua própria imagem. Em 27 de maio, o *Diário do Povo* publicou um artigo repleto da melhor linguagem de culto: "As colinas estavam extraordinariamente verdes e a água, excepcionalmente azul [...] o cenário da represa do Túmulo Ming exibia esplendor sem precedentes". Mas, em vez de ser apenas sobre Mao, o artigo era sobre Mao e Liu, e ambos estavam engajados na atividade de nadar, a quintessência do culto de Mao:

> Depois das três da tarde, dois carros pararam [...] Dois homens eminentes e de aparência gentil desceram dos carros e com passos firmes caminharam na direção da água.
>
> [...] eram nossos líderes mais reverenciados e amados, presidente Mao e presidente Liu. A multidão prorrompeu imediatamente em saudações sonoras:
>
> "O presidente Mao veio nadar!"

"O presidente Liu veio nadar!"

Os jovens viram que o presidente Mao e o presidente Liu irradiavam tremenda saúde e vigor e sentiram uma onda de felicidade percorrer seus corpos [...]

O presidente Mao e o presidente Liu [...] nadaram ombro a ombro [...]

Mas não se tratava de nenhuma notícia nova. O episódio de natação ocorrera no ano anterior, em 16 de junho de 1964. O fato de ter sido ressuscitado sugere que a história foi inserida para promover a imagem de Liu, num momento em que a ausência de Mao significava que o *Diário do Povo* não tinha de submeter-lhe as matérias. Por esse e outros atos de desobediência, Mao infligiu punições horríveis aos seus chefes dos meios de comunicação.

Após a viagem às montanhas de Jinggang para fazer sua ameaça, Mao não agiu de imediato. Parece que o motivo de ter adiado o ataque foi que esperava a realização de um determinado evento internacional: a segunda cúpula afro-asiática, programada para junho de 1965 na Argélia. Na qualidade de presidente, Liu havia tratado com muitos chefes de Estado que estariam lá e expurgá-lo logo antes da reunião causaria uma má impressão. A cúpula era fundamental para Mao, que queria usá-la para conquistar um papel dominante no Terceiro Mundo. Como não estava preparado para sair de seu território, por motivos de segurança, teria de manipular os cordões de longe. Seu homem para essa tarefa era Chou En-lai.

A primeira reunião de cúpula afro-asiática ocorrera dez anos antes, em Bandung, na Indonésia, onde Chou tivera considerável sucesso em seduzir países do Terceiro Mundo de independência recente. Desde então, a influência de Pequim crescera substancialmente, graças, sobretudo, a sua ajuda extravagante. Nehru, o astro de Bandung, estava morto e, no meio-tempo, a China obtivera a bomba atômica. Mao cultivava a ideia de que nessa segunda cúpula ele poderia ser visto como o patrono — se a União Soviética não participasse. Nos preparativos para a cúpula de Argel, o objetivo de Mao fora deixar os russos de fora.

Com esse propósito, Pequim cortejou o presidente Sukarno da Indonésia, pois era quem estava examinando os convites, por ter sido o anfitrião da primeira reunião. A China ofereceu-lhe generosos presentes, que

possivelmente incluíam soldados para a guerra que ele travava com a Malásia. No topo da lista de ofertas estava treinar cientistas nucleares indonésios, o que permitiu que Sukarno anunciasse que a Indonésia explodiria em breve uma bomba atômica. A China lançou a mesma isca dos segredos nucleares para o Egito, outro país-chave do Terceiro Mundo, quando, na verdade, Mao não tinha a menor intenção de partilhar seu conhecimento nuclear; mais tarde, quando Nasser pediu a Chou que cumprisse sua promessa, o chinês lhe disse para "confiar em si mesmo".

A fim de comprar votos para a cúpula de Argel, Mao comprometeu a China em seu maior projeto no exterior até então — uma ferrovia de quase 2 mil quilômetros que iria de Zâmbia, no centro da África, até o oceano Índico, atravessando a Tanzânia. Informado de que o presidente Julius Nyerere, da Tanzânia, estava interessado em tal projeto, mas não conseguia dinheiro do Ocidente, Chou declarou: "O presidente Mao disse que tudo a que os imperialistas se opõem, nós apoiamos; os imperialistas se opõem à ferrovia, nós a patrocinamos". Mao não estava preocupado com a viabilidade da ferrovia. Quando Nyerere manifestou hesitação quanto a aceitar a oferta, Chou pressionou mais, afirmando que os materiais de construção ferroviária e o pessoal chinês seriam desperdiçados se não fossem usados na Tanzânia. O projeto custava cerca de 1 bilhão de dólares, quantia que Mao desprezou, dizendo não ser "grande coisa".

Dez dias antes do início marcado da reunião de cúpula, o presidente Ahmed Ben Bella, da Argélia, foi deposto por um golpe militar. Pouco antes, Mao o havia chamado de "meu querido irmão". Agora, largava Ben Bella como uma batata quente e mandava Chou apoiar o novo governo militar e assegurar-se de que a cúpula se realizasse na data marcada.

Os diplomatas de Pequim se entregaram a uma atividade frenética, embora estivesse claro que a vasta maioria dos governos que deveriam comparecer à reunião fosse a favor de um adiamento. Até o pró-chinês Nyerere deixou claro o que pensava para o lobista de Pequim: "Chou En-lai é o meu estadista mais respeitado. Mas não compreendo por que ele insiste em manter o cronograma da conferência". Disse ainda que Ben Bella era um "herói anticolonialista reconhecido em toda a África" e acrescentou: "Devo lhe dizer [que o lobby da China] danificou a reputação da China e do próprio premiê Chou".

A reunião de cúpula foi adiada. O atropelo dos chineses voltou-se contra

eles mesmos. Dentro de poucas semanas, Nasser, sob vários pontos de vista a voz decisiva, apoiava a participação soviética. Se os russos comparecessem, Mao não poderia desempenhar o papel principal. Então os chineses anunciaram que não participariam. A cúpula jamais se reuniu.

Como seu sonho de fazer papel de líder dos países africanos e asiáticos desmoronou, Mao, em fúria, desembestou. Ansioso por uma vitória em algum lugar, chegou à beira da guerra com a Índia.

Três anos antes, fizera um armistício satisfatório com aquele país. Mas agora, no outono de 1965, não podia ter certeza do sucesso, pois a Índia estava muito mais bem preparada. Então recorreu ao parasitismo do conflito de outro país, um empreendimento sempre arriscado. Em 6 de setembro, o Paquistão entrou em guerra com a Índia. Nos anos anteriores, esse país se aproximara muito da China e se tornara um dos dois maiores recipientes não comunistas de ajuda chinesa.[b]

Mao achou que a guerra do Paquistão contra a Índia oferecia a chance de obter outra vitória sobre os indianos, que seriam forçados a lutar em duas frentes se a China interviesse. Ele deslocou tropas para a fronteira e lançou dois ultimatos, exigindo que a Índia desmontasse em três dias, até 22 de setembro, supostos postos avançados em territórios que Pequim reivindicava. O governo indiano respondeu em tom conciliador: negou que tivesse postos avançados na região, mas pediu uma "investigação conjunta" e prometeu que, se tais postos fossem encontrados, "não se oporia a desmantelá-los". Pequim reagiu com agressividade, dizendo que "não há necessidade de investigação" e que simplesmente havia postos avançados. Mao estava empenhado na guerra.

Mas o esquema ruiu quando o Paquistão aceitou de súbito um pedido da ONU de cessar-fogo, antes que o prazo da China expirasse. Os paquistaneses disseram a Mao que o custo de continuar a luta seria alto demais, tanto diplomática quanto economicamente, mas Mao pressionou-os a continuar a guerra e consta que teria enviado ao presidente Ayub Khan esta mensagem: "Se houver uma guerra nuclear, é Pequim e não Rawalpindi que será um alvo". Mas os paquistaneses não aceitaram a pressão, Mao ficou no limbo e Pequim teve de se rebaixar em público, alegando que a Índia havia

desmontado os postos em segredo — quando, na verdade, a Índia não mexera uma palha. Mao acabou em profunda frustração.

Impaciente por obter um sucesso, Mao tentou inflamar insurreições violentas onde pudesse. Na Tailândia, o Partido Comunista fomentado por Mao (e composto avassaladoramente por chineses de origem) iniciou uma insurgência armada e entrou em conflito pela primeira vez com as forças do governo em 7 de agosto de 1965, conhecido desde então como o "Dia do Tiroteio". Não deu em nada.

O maior — e mais trágico — fiasco aconteceu na Indonésia. O Partido Comunista desse país (PKI) era o maior do mundo não comunista, com cerca de 3,5 milhões de membros, e tinha o tipo de relação secreta com Pequim que os comunistas chineses haviam tido com Stálin, antes que conquistassem a China.[c] Kenji Miyamoto, líder do Partido Comunista japonês na época, contou-nos que Pequim costumava dizer ao PKI e ao seu partido: "Sempre que houver uma chance de tomar o poder, vocês devem recorrer à luta armada". Em 1964, Miyamoto discutiu isso com Aidit. Enquanto os comunistas japoneses eram cautelosos, Aidit, que tinha grande fé em Mao, estava muito ansioso para entrar em ação. Após a suspensão da cúpula de Argel, com disposição belicista, Mao pôs o PKI em movimento para tomar o poder.

O plano era decapitar o alto-comando anticomunista do Exército, sobre o qual o presidente Sukarno, pró-Pequim, tinha poder muito limitado. Pequim vinha pressionando o presidente para retificar o Exército radicalmente e, com seu apoio, o PKI vinha se infiltrando nas Forças Armadas com algum sucesso. O PKI acreditava, num excesso louco de otimismo, que poderia controlar secretamente mais da metade do Exército, dois terços da Aeronáutica e um terço da Marinha. De acordo com o plano, depois que se livrasse dos generais, Sukarno assumiria o comando das Forças Armadas, enquanto os comunistas manteriam os soldados sob controle.

Em 30 de setembro, um grupo de oficiais prendeu e matou o chefe do Exército indonésio e cinco outros generais. Ao falar logo depois com Miyamoto, Mao referiu-se a esse golpe como sendo "o levante [...] do Partido Comunista da Indonésia". Mas o PKI foi atropelado por um

imprevisto que pôs todo o complô a perder. Um informante havia avisado um general então pouco conhecido chamado Suharto, que não estava na lista dos que deviam ser mortos. Assim preparado, Suharto esperou as prisões e mortes dos outros generais para assumir imediatamente o controle do Exército e desencadear um massacre de centenas de milhares de comunistas e simpatizantes, bem como de inocentes. Quase toda a liderança do PKI foi capturada e executada. Somente um membro de seu Politburo sobreviveu, Jusuf Adjitorop, que estava na China na ocasião e com quem nos encontramos três décadas depois, completamente desiludido.

O presidente Sukarno foi deposto e o general Suharto instalou uma ditadura militar que era ferozmente anti-Pequim e hostil à grande comunidade chinesa da Indonésia.

Mao culpou o PKI pelo fracasso. "O partido indonésio cometeu dois erros", disse aos comunistas japoneses. Primeiro, "eles acreditaram cegamente em Suharto e superestimaram o poder do partido no Exército". O segundo erro foi que o PKI "vacilou sem lutar até o fim".[d] Na verdade, Suharto desencadeou um massacre tão feroz e tão instantâneo que foi impossível para o partido indonésio reagir. Mao e seus homens jamais experimentaram algo assim nas mãos de Chiang Kai-shek, que era um gatinho comparado com as garras de Suharto. De qualquer modo, a culpa era de Mao, pois fora ele que iniciara a ação por seus motivos pessoais. Ele simplesmente não podia esperar para obter uma vitória depois que seu sonho irreal de liderança afro-asiática havia ruído.

Ao chegar o final de 1965, os projetos globais de Mao haviam sofrido um revés após o outro. Num estado mental soturno e violento, ele voltou-se contra seus adversários dentro da China.

a Exceto por uma escala de Deng Xiao-ping a caminho de um congresso partidário na Romênia, em julho de 1965, o que mostra que Mao confiava nele.

b Em 1965, a China começou a falar sobre transferência de know-how nuclear para o Paquistão — ou, mais precisamente, começou a acenar com a possibilidade disso. O Paquistão tornara-se cada vez mais útil a Mao como um posto de entrada para o Oriente Médio e Pequim apoiou agressivamente as pretensões desse país sobre a Caxemira, treinando guerrilheiros da região para o que chamava de guerra de "libertação nacional".

c Em setembro de 1963, Chou En-lai trouxe Aidit, líder do PKI, para uma reunião secreta em Conghua, no sul da China, com Ho Chi Minh e o cabeça dos comunistas do Laos para coordenar a estratégia militar na Indonésia com a guerra na Indochina. Essa reunião colocou a Indonésia no mesmo nível estratégico da Indochina e ligou os eventos na Indonésia com o conflito militar muito

mais avançado na Indochina.

d Esses trechos das conversas de Mao foram eliminados da versão publicada e postos à nossa disposição pelo Comitê Central do Partido Comunista japonês.

PARTE VI
Vingança amarga

47. Um toma lá dá cá garante a Revolução Cultural (1965-66; 71-72 anos)

Em novembro de 1965, Mao estava finalmente pronto para lançar o Grande Expurgo que vinha planejando havia muito tempo, para "punir este nosso partido", como explicou.

Ele avançou por etapas. Decidiu dar seu primeiro tiro na cultura, e por isso o Grande Expurgo foi chamado de Revolução Cultural. Madame Mao encabeçou o ataque. Ela era uma ex-atriz que realmente amava a cultura, mas não dava a menor importância para o fato de que outros chineses não tivessem acesso a ela. E tinha a oportunidade de destilar seu veneno, que possuía em abundância. "Jiang Qing é tão venenosa quanto um escorpião", observou certa vez Mao para um membro da família, fazendo um movimento com o dedo mínimo para imitar o ferrão do animal. Mao sabia exatamente como explorar o potencial dela de fanática perseguidora. Em 1963, nomeara-a sua supervisora privada no Ministério da Cultura, para tentar condenar óperas e filmes. A direção do ministério a ignorara em larga medida. Ela já estava paranoica e vinha acusando suas amas de tentar envenená-la com comprimidos para dormir e escaldá-la quando tomava banho. Agora, alegava que as autoridades com quem tratava "a reprimiam e maltratavam" — e começou sua vingança pessoal de forma impiedosa. Mao fez dela sua chefe de polícia para reprimir a cultura em todo o país.

Uma de suas tarefas foi redigir um manifesto que denunciasse todas as formas de cultura, sob o pretexto de que todas eram dirigidas por gente que seguia uma "linha negra oposta ao Pensamento de Mao Tse-tung". Mao ordenou que ela fizesse isso em colaboração com Lin Biao, o chefe do Exército. Na noite de 26 de novembro, madame Mao telefonou para a esposa de Lin, que atendia geralmente os telefonemas para o marido e funcionava como sua principal assistente. Lin Biao prometeu ajudá-la na

tarefa.

Na verdade, Mao e Lin Biao se encontravam raramente em situações sociais, mas sua colaboração remontava a quase quatro décadas — a 1929, quando os dois fizeram uma aliança para sabotar Zhu De, que Lin Biao detestava e Mao queria dominar. Mao tolerava um extraordinário grau de independência de Lin. Por exemplo, quando esteve na Rússia durante a guerra sino-japonesa, Lin foi franco com os russos sobre a relutância de Mao em combater os japoneses e o quanto ele estava ansioso para atacar Chiang Kai-shek — um ato que Mao jamais engoliria vindo de outra pessoa. Durante o terror em Yenan, Lin fez de novo o que ninguém mais tinha permissão para fazer: simplesmente retirou sua esposa da detenção e impediu que ela fosse interrogada. No regime de Mao, todos tiveram de fazer "autocríticas" humilhantes em público, exceto Lin. Em troca desse grau de liberdade, Mao esperava que Lin o acudisse em tempos de necessidade, o que ele sempre fez.

Quando lançou o Grande Salto Para a Frente, em 1958, Mao promoveu Lin a uma das vice-presidências do partido, para contrabalançar os outros dirigentes. Quando o ex-ministro da Defesa Peng De-huai contestou Mao sobre a epidemia de fome, em 1959, o apoio firme de Lin impediu que outros ousassem tomar o lado de Peng. Mao então colocou Lin no lugar de Peng. Durante toda a epidemia de fome, Lin promoveu o culto da personalidade de Mao, especialmente no Exército. Ele inventou o Pequeno Livro Vermelho, uma coleção de citações muito curtas do líder, para servir de mecanismo de doutrinação. Na Conferência dos Sete Mil, em 1962, Lin salvou a pele do chefe ao defender o equivalente da infalibilidade papal para ele. Depois disso, quando este estava preparando o terreno para o Grande Expurgo, Lin continuou a fazer do Exército o bastião do culto a Mao.

Lin louvava Mao em público, embora não sentisse devoção verdadeira por ele e, em casa, fazia frequentemente comentários depreciativos e até desdenhosos sobre seu líder, alguns dos quais anotou em seu diário. Era por pura ambição que Lin defendia e promovia Mao — a ambição de ser seu segundo em comando e sucessor. Ele disse à esposa que queria ser como "Engels para Marx, Stálin para Lênin e Chiang Kai-shek para Sun Yat-sen". Com o Grande Expurgo, que tinha o presidente Liu como alvo principal, Lin Biao poderia esperar sua promoção.

O homem que estava prestes a subir ao topo sofria de muitas fobias e tinha

a aparência de um viciado em drogas. Suas fobias mais radicais eram relativas à água e ao ar. Sua hidrofobia era tão grave que ele não tomava banho havia anos e só se limpava com uma toalha seca. Não suportava a visão do mar, o que fazia com que seu contato com a Marinha fosse nulo. Tinha uma casa de campo no litoral, mas estava localizada entre colinas, de tal modo que não via o mar. Suas residências tinham numerosos dispositivos sensíveis ao vento pendurados no teto. Sua esposa pediu a um visitante que caminhasse devagar na presença dele, para que a agitação do ar enquanto ele se movia não desencadeasse a fobia do marido à brisa.

Como observou a própria esposa em seu diário, Lin era um homem "que se especializa em ódio, em desprezo (amizade, filhos, pai e irmão, tudo isso não significa nada para ele), em pensar o pior e o mais torpe das pessoas, em cálculo egoísta [...] e em tramar e fazer as outras pessoas caírem".

Em 1965, o homem que Lin odiava em particular era o chefe do estado-maior do Exército, Luo Rui-qing, um dos mais antigos favoritos de Mao, a quem chamava carinhosamente de Luo, o Alto. Com frequência, Mao enviava suas ordens ao Exército via Luo, até mesmo ordens para o próprio Lin, consequência, em parte, do fato de este estar muitas vezes fora de ação, cuidando de suas fobias. Luo, o Alto, era muito enérgico e capaz, e tinha acesso incomparável a Mao. Fora o chefe da segurança do líder durante anos e Mao tinha enorme confiança nele. "Assim que Luo, o Alto, se aproxima, sinto-me muito seguro", disse ele. Não eram palavras para serem tomadas com ligeireza. Lin ressentia-se da sombra de Luo e vinha tramando para se livrar dele havia algum tempo. Em novembro de 1965, quando recebeu o telefonema de madame Mao, Lin Biao aproveitou sua chance. Quatro dias depois, mandou a esposa ir até Mao em Hangzhou (eles estavam nas proximidades, em Suzhou), com uma carta manuscrita na qual fazia acusações extremamente frágeis contra Luo, o Alto. Lin pedia a Mao que sacrificasse um criado muito valioso.

Mao fez com que Lin Biao fosse pessoalmente a Hangzhou e, na noite de 1º de dezembro, os dois tiveram uma conversa ultrassecreta. Mao contou a Lin sobre seus planos para o Grande Expurgo e prometeu fazer dele seu segundo em comando e sucessor. Disse que precisava ter certeza de que o Exército estava sob controle total e pronto para assumir um papel completamente novo: ocupar os cargos do enorme número de dirigentes do partido que Mao pretendia expurgar.

Lin insistiu no expurgo de Luo, o Alto. O fato de ter feito proposta tão dura mostra que ele e Mao compreendiam seu valor sem igual. Sem Lin, Mao não poderia efetuar seu expurgo.

Mao vinha tentando, sem sucesso, condenar uma determinada ópera, chamada *Hai Rui demitido do cargo*, baseada na história tradicional de um mandarim que foi punido pelo imperador por ter defendido os camponeses. Mao a acusava de ser um ataque velado ao que ele (o "imperador") fizera com Peng De-huai e ordenou que fosse denunciada, junto com o próprio marechal Peng. Com esse propósito, um artigo foi escrito, com o patrocínio de Mao, e publicado em Xangai, em 10 de novembro de 1965.

Ele ficou furioso ao ver que o artigo não foi reproduzido em nenhum outro lugar do país. Todas as províncias, e até a capital, o ignoraram. Puderam fazer isso porque o mandachuva da cultura na época, Peng Zhen (sem parentesco com Peng De-huai), bloqueou sua reprodução. Peng Zhen era um antigo e fiel seguidor, gozava de suficiente confiança para ter o posto estratégico de prefeito da capital e poucos homens eram tão próximos de Mao quanto ele. Mas, embora sua fidelidade não parecesse estar em questão, o prefeito Peng, que se tornara supervisor nacional da cultura em 1964, era grande opositor das exigências de aniquilar a cultura. E, estando no centro dos acontecimentos, percebeu que, dessa vez, Mao pretendia usar o campo da cultura para começar um expurgo que engolfaria todo o partido.

O prefeito Peng preocupava-se com o partido. Era também corajoso e decidido. Chegava mesmo a se queixar de Mao para estrangeiros, algo espantoso para a liderança do PCC. Quando um comunista japonês lhe perguntou sobre a ópera *Hai Rui*, ele respondeu: "Não é uma questão política, mas uma peça histórica. O presidente Mao diz que é uma questão política. Que impertinente!". Era uma linguagem incrivelmente franca para alguém do círculo interno do poder usar ao falar com alguém de fora.

Com o prefeito Peng assumindo a responsabilidade de bloquear o artigo patrocinado por Mao, até o *Diário do Povo* se recusou a reproduzi-lo. O editor, um certo Wu Leng-xi, sabia que estava contrariando Mao, como uma testemunha ocular de uma pequena reunião com ele e Mao percebeu. Mao pediu que os fumantes segurassem cigarros e depois disse: "Parece que nessa

questão também estou em minoria". Relembrou a testemunha: "Diante dessa observação, vi Wu Leng-xi [...] ficar pálido como papel, parar de fazer anotações e ficar rígido. Algo no que Mao acabara de dizer [o] havia assustado".

Mesmo assim, o editor segurou o artigo por mais uma semana, até que Chou En-lai entrou em cena e mandou publicá-lo, citando instruções de Mao. Mas o editor ainda conseguiu relegar o artigo para a página cinco, numa seção chamada "Discussões Acadêmicas", o que significava que não era ordem do partido começar uma campanha de perseguição. O editor acabou na prisão. Ao seu sucessor, Mao disse em tom ameaçador: "Wu Leng-xi me desobedeceu. E me pergunto como você vai se comportar". O sucessor ficou tão apavorado que mal conseguiu gaguejar o que queria dizer: "Obedecerei definitivamente ao presidente Mao".

O fato de um artigo tão abertamente patrocinado por Mao ser tratado desse modo mostra o grau de resistência que encontrava de forças muito poderosas dentro do partido. Ele precisava de um sistema para levar a cabo sua vontade e isso tornava essencial a ajuda imediata de Lin Biao. O chefe do Exército sabia disso e sabia também o que desejava em troca: a cabeça do chefe do estado-maior Luo. Então Mao cedeu, ainda que Luo, o Alto, fosse extremamente leal e que ele precisasse de gente assim mais do que nunca. Mas Lin era o homem sem o qual ele não podia ficar: não havia ninguém com influência comparável que obedecesse às suas ordens. Luo, o Alto, era capaz e fiel, mas não era marechal e não tinha prestígio antigo no Exército, então foi sacrificado.

Em 8 de dezembro, a sra. Lin Biao manifestou-se numa reunião do Politburo presidida por Mao e falou por dez horas seguidas sobre os supostos crimes de Luo, o Alto, acusando-o de ter ambições "sem fim", a começar por cobiçar o posto de ministro da Defesa de Lin. Que a esposa de Lin desempenhasse tal papel numa reunião do Politburo era algo inédito, pois não era membro desse órgão e nem mesmo uma alta autoridade, e as esposas dos líderes tinham até então se mantido em segundo plano.

Luo, o Alto, não estava presente à reunião. Quando soube de sua queda, suas pernas tremeram. Esse homem de compleição poderosa não conseguiu subir as escadas. Foi posto em prisão domiciliar.

Para sua família, começou um pesadelo. Poucos dias depois disso, sua filha, que frequentava um internato e não sabia das notícias sobre o pai, atravessou

de bicicleta a ponte Beihai, diante de Zhongnanhai, a caminho de casa. O arco era flanqueado por balaustradas de mármore branco elegantemente talhadas. Apesar da densa poeira trazida pelo vento frio da Sibéria, ela notou três meninos que vinham atrás dela, amigos cujos pais também eram amigos dos seus. Ao passarem por ela, eles se viraram e lhe lançaram um olhar de tal frieza e desdém que quase a derrubou da bicicleta. Eles sabiam de alguma coisa que ela desconhecia: seu pai era agora um inimigo. Aquele olhar frio, cruel, destinado a ferir e abater, de gente que apenas no dia anterior era supostamente amiga, se tornaria uma marca dos anos seguintes.

Mas Lin Biao ainda não estava satisfeito com o grau de dor infligida em Luo, o Alto. Pediu a Mao que ele fosse condenado por um crime equivalente à alta traição: "querer usurpar o partido e o Estado". Mao relutou em permitir, pois significaria se desfazer irrevogavelmente de seu velho esteio. Assim, durante alguns meses, Luo, o Alto, não foi acusado de traição.

Em consequência, Lin absteve-se de ajudar Mao. Quando madame Mao foi conversar com ele, em 21 de janeiro de 1966, sobre a redação do planejado "manifesto" contra as artes em nome do Exército, ele fez uma exibição de boa vontade e designou alguns escritores das Forças Armadas, mas pelas costas dela lhes disse: "Jiang Qing está doente [...] e paranoica [...] Apenas escutem o que diz e falem o menos que puderem [...] Não façam qualquer crítica sobre como as artes são dirigidas". Em consequência, em fevereiro, quando o rascunho deles foi submetido a madame Mao, ela o considerou "totalmente inútil".

Enquanto isso, Mao estava ficando desesperado. Naquele mesmo mês de fevereiro, com o apoio de Liu Shao-chi, o prefeito Peng divulgou uma "diretriz" nacional proibindo o uso de acusações políticas para pisar na cultura e em seus guardiões. E foi mais adiante, suprimindo as instruções de Mao destinadas a começar a campanha de perseguição. A obstrução do partido estava sendo altamente eficaz.

E não era tudo. Assim que emitiu sua diretriz, o prefeito Peng voou até Sichuan, aparentemente para inspecionar indústrias bélicas transferidas para essa província montanhosa. Lá, fez algo realmente espantoso: teve um encontro secreto com o marechal Peng, que havia sido banido para lá em novembro do ano anterior, quando Mao começou a preparar o Grande

Expurgo. O que os dois Peng conversaram jamais foi revelado, mas, a julgar pelo momento e pelo risco colossal que o prefeito Peng assumiu ao visitar um grande adversário de Mao, sem permissão e *em segredo*, é muitíssimo provável que eles tenham discutido a exequibilidade de usar o Exército para deter Mao.

Embora estivesse praticamente sob prisão domiciliar e sem poder, o marechal Peng ainda inspirava muito respeito e lealdade no Exército, em especial entre seus antigos subordinados. Enquanto esteve em prisão domiciliar em Pequim, alguns deles, inclusive um membro da alta hierarquia do aparato de segurança de Mao, haviam se arriscado muito para visitá-lo.

A notícia do encontro clandestino entre o prefeito e o marechal talvez não tenha chegado aos ouvidos de Mao, mas ele certamente suspeitava que o prefeito estava tramando alguma coisa em Sichuan. Suas suspeitas aumentaram quando o marechal Ho Lung, o homem a quem Malinovski, o ministro da Defesa soviético, dissera para "livrar-se de Mao", também foi a Sichuan, sob o mesmo pretexto de inspecionar as indústrias de armas. Mao suspeitava que uma conspiração estava sendo planejada e logo acusou seus oponentes de tramar um complô, apelidado de "golpe militar de fevereiro".[a] O estado mental de Mao transparecia na dose de comprimidos para dormir que estava tomando, dez vezes acima do normal, uma quantidade que poderia matar um homem médio.

E havia outras coisas que consumiam os pensamentos de Mao. Aparentemente o prefeito Peng estava pensando em entrar em contato com os russos e talvez tenha cogitado pedir ajuda deles para evitar o expurgo pretendido por Mao. O Kremlin havia convidado o PCC para o congresso seguinte do partido soviético (o XXIII), em abril de 1966. Os colegas de poder de Mao sabiam, desde as observações de Malinovski em novembro de 1964, que Mao não queria que nenhum deles fosse à Rússia, pois poderiam entrar em conluio com o Kremlin contra ele, e então recomendaram que o convite não fosse aceito.

Mas no início de março de 1966, depois de seu encontro secreto com o marechal Peng em Sichuan, o prefeito Peng mudou sua posição, com a concordância do presidente Liu Shao-chi, e sugeriu a Mao que o PCC deveria pensar em aceitar o convite. Tratava-se de uma alteração extraordinária e, sem dúvida, aumentou as suspeitas de Mao. O prefeito Peng

logo seria acusado de tentar "um conluio com um país estrangeiro" e de "tentativa de golpe". A ansiedade de Mao dificilmente poderia diminuir quando o novo embaixador soviético Serguei Lapin, com quem o presidente Liu tivera antes uma conversa de franqueza incomum, conseguiu um encontro não previsto com Liu na pista do aeroporto de Pequim, em 24 de fevereiro de 1966, enquanto esperavam a chegada do presidente de Gana Kwame Nkrumah (que fora derrubado por um golpe naquele mesmo dia). Lapin disse que tinha um convite para os chineses irem ao congresso soviético. "Dê-me o documento", respondeu Liu. Lapin disse que estava na embaixada; mas todos os esforços subsequentes para que ele chegasse a Liu fracassaram.

Mao já suspeitava de que houvesse uma vasta conspiração entre seus colegas e Moscou contra ele. Em novembro do ano anterior, na abertura do expurgo, uma de suas primeiras medidas fora despedir Yang Shang-kun, diretor do Gabinete das Secretarias Centrais, que falava russo e cuidava das comunicações da liderança com Moscou, e exilá-lo em Cantão, no extremo sul do país. Mais tarde, Yang sofreu cerrado interrogatório na prisão sobre contatos com Moscou, o mesmo acontecendo com os intérpretes de língua russa da liderança.

Havia uma coisa no passado de Yang que provocou especialmente a suspeita de Mao: o órgão que dirigia havia gravado declarações suas. Ele não queria qualquer registro do que havia dito ou feito, exceto se fosse cuidadosamente editado. Nos velhos tempos, queimava os telegramas após seu envio. Depois que chegou ao poder, pedia constantemente aos ouvintes que não tomassem notas. Mas isso causava problemas insolúveis, pois suas palavras eram ordens e a ausência de registros escritos dificultava que os subordinados soubessem o que ele havia realmente dito e, assim, cumprissem suas ordens. Então, teve de permitir que alguma coisa do que dizia fosse anotado ou gravado. Com a aprovação de Mao, o órgão de Yang começou a instalar sistemas de gravação no final dos anos 1950. Mas, poucos anos depois, o operador do gravador brincou com uma namorada de Mao sobre uma viagem de trem dos dois. "Escutei tudo", disse, embora isso não fosse verdade. A garota contou para Mao, que mandou imediatamente desmantelar os sistemas e destruir as fitas.[b] Todas as casas e todos os carros de Mao foram varridos em busca de grampos. Embora nada fosse encontrado, Mao não ficou convencido. Ele suspeitava de que as gravações

faziam parte de um complô ligado ao presidente Liu e aos russos. A seu tempo, todos os envolvidos seriam interrogados e um bom número deles teria morte horrível.

Em março de 1966, todos os fios das suspeitas de Mao se encadearam. Em janeiro, Bréjnev havia visitado a Mongólia — o primeiro líder soviético a fazê-lo — e fora acompanhado por ninguém menos que Malinovski, o ministro da Defesa que sugerira a derrubada de Mao. Bréjnev jamais tratara com Mao, mas conhecia Liu Shao-chi, tendo sido seu anfitrião quando este havia ido à Rússia em 1960, para uma reunião de cúpula dos partidos comunistas de todo o mundo. Ele era então o segundo em comando do país e passou mais de uma semana viajando com Liu pela Rússia; os dois foram pela ferrovia Transiberiana até o extremo leste da União Soviética e se deram muito bem. Agora, Bréjnev estava assinando um tratado militar com o líder mongol Yumjaagiyn Tsedenbal. Unidades russas foram levadas para a Mongólia e estacionadas a cerca de quinhentos quilômetros de Pequim, em terreno aberto, acompanhadas de mísseis terra a terra, aparentemente armados com ogivas nucleares. Tsedenbal, que fora alvo de complôs de Mao para derrubá-lo no início da década de 1960, dispôs-se a levar a luta contra "a camarilha de Mao" para dentro da própria China.

Era uma verdadeira crise para Mao e ele precisava de forte apoio de Lin Biao, imediatamente. Consentiu a condenação de Luo, o Alto, por "traição". Em 18 de março, Luo jogou-se do teto de sua casa, numa tentativa fracassada de suicídio. Como de costume, isso foi considerado uma "traição" ao partido e o qualificou para a pior punição. Mais tarde, ele foi submetido a assembleias de denúncia em massa e, como havia quebrado os dois tornozelos quando saltara do telhado, foi arrastado para o palco numa cesta grande de onde pendiam seus pés aleijados que gotejavam sangue.

No dia seguinte à tentativa de suicídio, madame Mao escreveu a Lin Biao para pedir-lhe que endossasse seu manifesto "matem a cultura", que o próprio Mao havia revisado e no qual acrescentara o nome de Lin ao cabeçalho ("O camarada Lin Biao autorizou a camarada Jiang Qing a [...]"), para destacar seu apoio. Lin o endossou por escrito e, antes do final do mês, apresentou um pedido formal ao partido, em nome do Exército, de um expurgo abrangente.

Esse lance de Lin levou outro homem fundamental a tomar uma posição firme: Chou En-lai, que até então conseguira ficar numa posição ambivalente. Chou disse ao prefeito Peng que estava com Mao. Com isso, compunha o trio imbatível com Mao e Lin Biao e decretava o fim de qualquer esperança de resistência.

Em 14 de abril de 1966, o manifesto de madame Mao foi divulgado. Um mês depois, o Politburo reuniu-se para chancelar a primeira lista de vítimas do Grande Expurgo, com quatro grandes nomes descritos como uma "camarilha antipartido": o prefeito Peng, o chefe do estado-maior Luo, Yang Shang-kun, o contato com os russos e suspeito das gravações, e o velho chefe dos meios de comunicação Lu Ding-yi. Mao não se deu ao trabalho de comparecer e apenas ordenou que aprovassem um documento que havia preparado no qual condenava os quatro. Uma atmosfera fatalista dominou a reunião, da qual participaram dois dos quatro membros da "camarilha" e que foi presidida por Liu Shao-chi, que sabia estar dirigindo um evento que acabaria por causar sua ruína, embora seu nome não tivesse sido mencionado até então. Por uma vez, seu treinamento comunista férreo não o ajudou. Com raiva inusitadamente visível, fez um protesto voltado contra Mao: "Recebemos ordens para discutir este documento, mas não podemos fazer nenhuma revisão [...] Isso não é ditatorial?". Perguntou então ao prefeito Peng, condenado nominalmente no documento, se tinha "alguma queixa". O prefeito, que se comportara com tanta coragem até então, respondeu: "Nenhuma queixa". Liu deu-lhe mais uma chance de dizer alguma coisa ao perguntar: "Você é a favor ou contra o documento?". O prefeito baixou a cabeça e ficou em silêncio. Liu pediu então que os que estivessem a favor erguessem as mãos. Todos o fizeram, inclusive o prefeito Peng e o próprio Liu.

Os membros da "camarilha" logo foram levados para fora e encarcerados. O cinismo de Mao em relação a esse caso revela-se numa conversa que teve no mês seguinte com Ho Chi Minh. Mao afirmou que os quatro homens "estão com os nacionalistas". Quando Ho questionou essa afirmação absurda, Mao retrucou, sem pestanejar: "Ainda não temos provas firmes, apenas algumas suspeitas".

Nessa reunião do Politburo de maio, foi Lin Biao que agiu como intimidador a serviço de Mao. Erguendo o punho fechado, examinou a plateia com ar ameaçador e anunciou que quem se opusesse a Mao deveria

ser "morto [...] o país inteiro deveria pedir o sangue deles". Seu discurso estava recheado de ofensas pessoais, em que os adversários eram chamados simplesmente de "filhos da puta".

Numa manifestação excepcional, em seu discurso Lin falou explicitamente da possibilidade de um golpe de Estado, tema em geral tabu. Mao pedira que ele falasse desse modo a fim de desfazer qualquer sonho de golpe palaciano. Ele fazia preparações contra um golpe havia anos, revelou Lin, e em especial, "em meses recentes", quando havia "dado especial atenção à adoção de muitas medidas para evitar um [...] golpe". Mao havia "posicionado tropas e pessoal-chave [...] e tomado medidas em departamentos essenciais, como estações de rádio, o Exército e a polícia. Isso é o que o presidente Mao vem fazendo nos últimos meses". Ele também divulgou que Mao havia levado a possibilidade de um golpe tão a sério que tinha "perdido o sono durante muitos dias".

Com efeito, Mao vinha tomando medidas para prevenir um golpe. Unidades do Exército comandadas por homens de Lin haviam sido trazidas para a capital. "Transferimos mais duas divisões de guarnição [para Pequim]", contou Mao ao ministro da Defesa da Albânia. "Agora temos em Pequim três divisões de infantaria e uma divisão mecanizada, somando quatro divisões. É só por causa disso que você pode ir aonde quiser e que podemos ir aonde quisermos." A guarda pretoriana foi drasticamente expurgada, inclusive três subchefes; um deles teve uma morte terrível, os outros mal sobreviveram. A única pessoa que saiu ilesa foi seu comandante, o camareiro de confiança de Mao Wang Dong-xing. Do mesmo modo, na única outra organização com acesso a armas, a polícia, os chefes tanto do ministério como do escritório de Pequim foram presos, porque tinham tido ligações com o presidente Liu no passado. Outra vítima das precauções de Mao foi o chefe da Mongólia Interior, Ulanhu. Essa província ocupava uma posição vital, na fronteira com a Mongólia, um satélite da Rússia. Ulanhu foi detido naquele maio fatídico.

Ao mesmo tempo que sustentava Mao, Lin Biao cuidava de alguns assuntos pessoais. Além do chefe do estado-maior Luo, havia outro membro da "camarilha" dos quatro que ele odiava: o chefe dos meios de comunicação Lu Ding-yi, e por uma razão um tanto incomum. A esposa de Lu era uma

esquizofrênica que tinha uma fixação na esposa de Lin e havia escrito ao casal mais de cinquenta cartas anônimas escabrosas, em que dizia que a sra. Lin tivera uma série de casos amorosos, inclusive com Wang Shi-wei, o líder dissidente dos jovens voluntários de Yenan, e que Lin poderia não ser o pai de seus filhos. Algumas das cartas foram enviadas aos filhos do casal, com descrições lascivas da suposta vida sexual de sua mãe, algumas assinadas com o nome do vingador de Alexandre Dumas, "Montecristo". Em vez de receber tratamento mental — que era obviamente o que ela precisava — a sra. Lu foi presa em 28 de abril de 1966 e passou o diabo nos doze anos seguintes.

Em uma sessão da reunião de maio do Politburo, Lin colocou um documento diante dos participantes, que dizia:

> Declaro solenemente que:
> 1. Ye Qun [sua esposa] era uma virgem pura quando se casou comigo. Desde então, sempre se comportou com correção;
> 2. Ye Qun não teve nenhuma relação amorosa com Wang Shi-wei;
> 3. Tigre e Dodo são filho e filha do meu sangue com Ye Qun;
> 4. Tudo o que está escrito nas cartas contrarrevolucionárias da [sra. Lu] é um disparate.
>
> Lin Biao
> 14 de maio de 1966

Foi a primeira vez que um texto tão pitoresco chegou ao Politburo.

Embora pareça ridículo, esse comportamento tinha um objetivo prático: Lin estava limpando o nome de sua esposa, pois ela seria a partir de então uma presença constante na cena política, agindo como sua representante. Lin não gostava de comparecer a reuniões ou se encontrar com pessoas.

A sra. Lin era uma mulher um tanto biruta, um feixe de energia que recebia pouco amor do marechal e vivia num estado de constante frustração sexual. Ela tornou-se errática e conseguiu levar sua única filha a tentar o suicídio mais de uma vez, a partir de 1964. Tal como madame Mao, que também era histérica de frustração, a sra. Lin procurou compensação e realização nas maquinações e perseguições políticas, embora fosse menos terrível do que a esposa de Mao. Ela agia como assistente do marido e emitia ordens em seu nome.

O Grande Expurgo de Mao estava em andamento graças a um toma lá dá cá com seu assecla Lin Biao.

a Essa suspeita selou o destino de Li Jing-quan, chefe de Sichuan e um dos favoritos de Mao, que

deveria guardar Peng De-huai. Li sofreria muito nos anos seguintes e sua esposa se suicidaria.

b Mas a maioria foi conservada, e a pessoa encarregada da missão nos contou que cuidou para que as fitas destruídas fossem primeiro transcritas. Isso foi feito com a aprovação de seu superior que, por coincidência, era o prefeito Peng Zhen, que disse: "Vou dizer simplesmente ao presidente que elas foram todas destruídas".

48. O Grande Expurgo (1966-67; 72-73 anos)

No final de maio de 1966, Mao montou um novo órgão, o Pequeno Grupo da Revolução Cultural, para ajudar a comandar o Grande Expurgo. Madame Mao o chefiava para ele, enquanto seu ex-secretário Chen Bo-da era o diretor nominal, e o especialista em expurgos Kang Sheng, seu "assessor". Esse órgão, ao lado de Lin Biao e Chou En-lai, constituiu o último círculo íntimo de Mao.

Nessa nova cabala, o culto de Mao atingiu níveis febris. Seu rosto dominava a primeira página do *Diário do Povo*, que também publicava uma coluna de suas citações todos os dias. Logo surgiram distintivos com sua cabeça, dos quais foram fabricados cerca de 4,8 bilhões no total. Imprimiram-se mais exemplares de suas *Obras selecionadas* — e mais retratos dele (1,2 bilhão) — do que o número de habitantes da China. Foi nesse verão que o Pequeno Livro Vermelho foi distribuído para todo mundo. Era preciso carregá-lo e empunhá-lo em todas as ocasiões públicas, e suas receitas eram recitadas diariamente.

Em junho, Mao intensificou a aterrorização da sociedade. Escolheu como seu primeiro instrumento de terror jovens das escolas e universidades, os viveiros naturais de ativistas. Aos estudantes foi dito para condenar seus professores e aqueles encarregados da educação por envenenar suas cabeças com "ideias burguesas" — e por persegui-los com exames, que a partir de então foram abolidos. A mensagem foi posta em letras garrafais na primeira página do *Diário do Povo* e repetida com voz estridente no rádio, transmitida por alto-falantes pendurados em todos os lugares, criando uma atmosfera que fazia ferver e gelar o sangue ao mesmo tempo. Os professores e administradores da educação foram as primeiras vítimas porque eram as pessoas que transmitiam cultura e porque constituíam o grupo mais convenientemente situado para ser oferecido às turbas juvenis, pois estavam à

mão.

Disseram aos jovens que seu papel era "salvaguardar" Mao, embora não se revelasse como seus professores poderiam causar dano ao "Grande Timoneiro", ou que perigos poderiam assediá-lo. Não obstante, muitos responderam com entusiasmo. Participar da política era algo que ninguém tivera permissão para fazer no regime de Mao e o país fervilhava de ativistas frustrados aos quais haviam sido negados os canais normais disponíveis em muitas sociedades, até mesmo sentar-se para discutir questões. Mas, de repente, parecia haver uma chance de se engajar. Aos que se interessavam por política, a perspectiva era tremendamente excitante. Os jovens começaram a formar grupos.

Em 2 de junho, um grupo de uma escola secundária de Pequim montou um cartaz de parede que assinou com o nome vigoroso de "Guardas Vermelhos", para mostrar que queriam defender Mao. Seus escritos estavam cheios de observações do tipo: "Enfiem os 'sentimentos humanos'!", "Seremos brutais!", "Vamos derrubá-los [os inimigos de Mao] e pisoteá-los!". As sementes do ódio que Mao plantara estavam prontas para a colheita. Agora, ele poderia desencadear a bandidagem desses adolescentes infectados, os elementos mais maleáveis e violentos da sociedade.

A fim de garantir a total disponibilidade dos estudantes para levar adiante seus desejos, Mao mandou encerrar as aulas a partir de 13 de junho. "Agora as aulas estão interrompidas", disse ele, e os jovens "ganham alimento. Com a comida, eles têm energia e querem fazer tumulto. O que podemos esperar deles senão bagunça?" A violência irrompeu dentro de poucos dias. Em 18 de junho, muitos professores e funcionários da Universidade de Pequim foram arrastados diante da multidão e maltratados; seus rostos foram pintados de preto e puseram chapéus de burros em suas cabeças. Forçaram-nos a ajoelhar-se, alguns foram espancados e as mulheres foram sexualmente molestadas. Episódios semelhantes se repetiram em toda a China, provocando uma cascata de suicídios.

Mao orquestrou esses eventos das províncias. Saíra da capital em novembro do ano anterior, assim que pusera o expurgo em movimento. Pequim não era mais segura: estava cheia de adversários que ele queria expurgar e incomodamente perto das tropas russas, na fronteira da Mongólia

Exterior. Ele ficou bem mais para o sul, viajando sem parar.

Estava também relaxando e acumulando energia para a tempestade vindoura. Fez caminhadas nas colinas enevoadas em torno do lago em Hangzhou e flertou nas duas festas dançantes que promovia por semana. Naquele mês de junho, enquanto a violência crescia, passou algum tempo numa residência particularmente serena que jamais visitara, nas cercanias de sua aldeia natal de Shaoshan. Mandara construí-la em sua visita anterior, sete anos antes. Ao nadar numa represa, ficara encantado com a beleza isolada dos arredores e dissera ao chefe da província: "Mm, este lugar é bem tranquilo. Você construiria uma cabana de palha aqui para minha aposentadoria?". Como o sujeito foi logo expurgado, nada foi feito até que Mao falou no assunto de novo, um ano depois, em plena epidemia de fome. Assim começou o "Projeto 203", a construção de um gigantesco edifício de aço e cimento chamado Gruta Gotejante. Toda a cadeia de montanhas foi isolada e os camponeses foram removidos do local. Planejaram-se um heliporto e uma linha férrea especial; mais tarde, foi incorporado um edifício à prova de terremotos e bomba atômica, com absorventes de choque. No total, Mao ficou nesse lugar durante onze dias daquele junho violento, e nunca mais voltou para lá.

Essa monstruosidade cinzenta estava cercada, incongruentemente, por colinas verdejantes cheias de flores silvestres e os fundos confinavam com o cemitério ancestral da família de Mao. A porta da frente dava para um pico chamado Cabeça do Dragão, auspicioso, na visão da geomancia. Isso encantava Mao, que em tom jovial falava a seu séquito sobre as vantagens *feng shui* do lugar.

Embora estivesse ao lado de sua aldeia natal, não se encontrou com nenhum morador do lugar. Quando estava a caminho, uma menina o viu de relance no carro e contou para a família. A polícia baixou de imediato e advertiu a família: "Vocês não viram o presidente Mao! Não ousem dizer isso de novo!". Foram convocadas reuniões para dizer aos habitantes do lugar que não pensassem que Mao estava lá. Ele passou a maior parte do tempo lendo e pensando. Nem foi nadar, embora a represa estivesse na soleira de sua porta.

No final de junho, estava pronto para voltar a Pequim e começar o próximo estágio de seu expurgo. A caminho, parou em Wuhan, onde, no dia 16 de julho, nadou por mais de uma hora no Yangtze, sob os olhares de dezenas de milhares de pessoas. Tal como fizera uma década antes, seu

esforço de natação visava mostrar aos seus adversários que, aos 72 anos, tinha saúde, força e vontade para uma luta gigantesca. E, dessa vez, o gesto simbólico destinava-se também à população em geral, especialmente aos jovens. A mensagem foi resumida em um único slogan: "Sigam o presidente Mao através de ventos e ondas fortes!". Repetida pelos alto-falantes agora ubíquos, essas palavras atiçaram as chamas em muitas cabeças inquietas. Depois de fazer seus meios de comunicação trombetearem essa façanha ao máximo, tornando-a famosa até no exterior, Mao retornou a Pequim em 18 de julho. Pôs imediatamente mãos à obra, presidindo reuniões com o Pequeno Grupo que comandava o expurgo e encontrando-se todos os dias com Chou En-lai, que estava encarregado dos assuntos cotidianos.

Mao não voltou para sua antiga casa, alegando que não gostava da forma como fora redecorada. Mudou-se então para um lugar inesperado, em outra parte de Zhongnanhai — os vestiários das piscinas, que transformou em sua principal residência dos dez anos seguintes. Não se mudou para lá a fim de nadar. Estava tomando precauções contra a possibilidade de que grampos — ou coisa pior — houvessem sido instalados durante sua ausência.

Foi nesses vestiários indescritíveis que Mao criou o terror do "Agosto Vermelho", com o objetivo de, por meio do pavor, obter um grau ainda maior de conformidade de toda a nação. Em 1º de agosto, escreveu ao primeiro grupo de Guardas Vermelhos, que havia prometido "ser brutal" e "pisotear" os inimigos de Mao em seus cartazes, para anunciar seu "apoio ardente". Fez circular essa carta, junto com os cartazes belicosos dos Guardas Vermelhos, no Comitê Central, dizendo a esses dirigentes que deveriam promover aqueles jovens. Muitos desses dirigentes constavam na lista de alvos de Mao, mas por enquanto ele os estava usando para disseminar o terror — algo que logo os engolfaria. Seguindo as instruções de Mao, eles encorajaram seus filhos a formar grupos de Guardas Vermelhos e os filhos transmitiram a instrução aos seus amigos. Em consequência, esses grupos se multiplicaram, encabeçados invariavelmente pelos filhos dos altos dirigentes.

Ao saber por seus pais que Mao estava estimulando a violência, os Guardas Vermelhos começaram imediatamente a cometer atrocidades. Em 5 de agosto, numa escola feminina de Pequim cheia de filhos de altas autoridades (frequentada pelas duas filhas de Mao), ocorreu a primeira morte conhecida

por tortura. A diretora da escola, uma senhora de cinquenta anos e mãe de quatro filhos, foi chutada e pisoteada pelas meninas, que jogaram água fervente nela. Mandaram que carregasse tijolos pesados para lá e para cá; enquanto andava, foi espancada com cinturões do Exército com fivelas de metal e paus de madeira crivados de pregos. Ela logo desmaiou e morreu. Mais tarde, líderes ativistas se apresentaram à nova autoridade. Não receberam ordens de parar — o que significava dizer que prosseguissem.

Uma incitação mais explícita à violência veio em seguida do próprio Mao. Em 18 de agosto, vestido com uniforme do Exército pela primeira vez desde 1949, ele foi ao portão de Tiananmen para passar em revista centenas de milhares de Guardas Vermelhos. Foi quando esses grupos receberam cobertura da imprensa nacional e foram apresentados à nação e ao mundo. Uma líder das atrocidades na escola feminina ganhou a honraria de pôr uma braçadeira dos Guardas Vermelhos em Mao. O diálogo que se seguiu tornou-se público: "O presidente Mao perguntou-lhe: 'Qual é o seu nome?'. Ela respondeu: 'Song Bin-bin'. O presidente Mao perguntou: 'É Bin como em 'educada e gentil'?'. Ela disse: 'Sim'. O presidente Mao disse: 'Seja violenta!'.".

Song Bin-bin mudou seu nome para "Seja Violenta" e sua escola mudou de nome para "A Escola Violenta Vermelha". As atrocidades multiplicaram-se nas escolas e universidades. Elas começaram em Pequim e depois se difundiram pelo país, pois Guardas Vermelhos da capital foram enviados para toda a China, a fim de demonstrar como fazer coisas do tipo espancar pessoas e fazê-las lamber o próprio sangue no chão. Jovens provincianos foram estimulados a visitar Pequim e ficar sabendo que Mao lhes havia dado uma enorme licença para destruir. A fim de facilitar esse processo, Mao ordenou que as viagens fossem gratuitas, junto com alimentação e acomodações. Nos quatro meses seguintes, 11 milhões de jovens foram a Pequim e Mao fez mais sete aparições na praça Tiananmen, onde eles se reuniam em multidões frenéticas, mas bem adestradas.

Não houve escola em toda a China em que não tenham ocorrido atrocidades. E os professores não foram as únicas vítimas. Em sua carta aos Guardas Vermelhos de 1º de agosto de 1966, Mao elogiou especialmente alguns militantes adolescentes que haviam dividido os alunos por histórico familiar e maltratado aqueles que vinham de famílias indesejáveis, que rotularam de "negros". Mao anunciou especificamente que esses militantes

tinham seu "apoio ardente", o que significava um endosso inequívoco ao que estavam fazendo. Na escola feminina em que a diretora foi torturada até a morte, amarraram cordas no pescoço das "negras", espancaram-nas e forçaram-nas a dizer: "Eu sou uma filha da puta. Eu mereço morrer".

Com os modelos definidos por Mao, essa prática disseminou-se para todas as escolas, acompanhada de uma "teoria da linhagem de sangue", resumida em um dístico tão ridículo quanto brutal: "O filho de um herói é sempre um grande homem; um pai reacionário só produz um canalha!". Isso foi cantado por muitos filhos das famílias dos dirigentes, que dominavam as primeiras Guardas Vermelhas, mal sabendo que seus "pais heróis" eram os verdadeiros alvos de Mao. Nesse estágio inicial, Mao simplesmente usou essas crianças, jogando-as contra outras crianças. Quando retornou de Pequim, o chefe de Sichuan disse ao seu filho, que estava organizando um grupo de Guardas Vermelhos: "A Revolução Cultural é a continuação dos comunistas contra os nacionalistas [...] Agora nossos filhos e filhas devem lutar contra os filhos e filhas deles [nacionalistas]". Esse homem dificilmente poderia dar essa ordem se ela não tivesse vindo de Mao.

Depois do terror nas escolas, Mao orientou seus Guardas Vermelhos contra a sociedade em geral. Nesse estágio, os alvos eram os guardiões da cultura e a própria cultura. Em 18 de agosto, ele ficou ao lado de Lin Biao na praça Tiananmen, enquanto o marechal convocava os Guardas Vermelhos de todo o país para "esmagar [...] a velha cultura". Os jovens primeiramente atacaram com martelos objetos como placas de lojas tradicionais e nomes de ruas, e as rebatizaram. Como em muitas revoluções, os puritanos voltaram-se contra os mais vistosos e delicados. Cabelos longos, saias e sapatos com algum indício de salto foram agarrados nas ruas e cortados pelas tesouras de adolescentes. A partir de então, haveria apenas sapatos baixos e jaquetas e calças uniformes e mal-ajambradas.

Mas Mao queria algo muito mais perverso. Em 23 de agosto, disse às novas autoridades: "Pequim não é suficientemente caótica [...] Pequim é civilizada demais". Por ser a capital o modelo para todas as províncias, essa era uma maneira de promover o terror em todo o país. Naquela tarde, grupos de Guardas Vermelhos adolescentes, entre eles muitas garotas, invadiram o pátio da Associação dos Escritores de Pequim. Já estava então firmada a

moda das roupas verdes de estilo militar, muitas vezes roupas comuns tingidas de verde-oliva, ou às vezes uniformes verdadeiros entregues pelos pais, com braçadeira vermelha no braço esquerdo, Pequeno Livro Vermelho na mão — e um cinto de couro com fivela de metal. Assim trajados, os Guardas Vermelhos desferiram golpes com seus cintos pesados em mais de vinte dos mais conhecidos escritores da China. Grandes placas com dizeres insultuosos foram penduradas nos pescoços dos escritores, enquanto eram agredidos sob o sol escaldante.

As vítimas foram então levadas para um antigo templo confuciano, que abrigava a principal biblioteca de Pequim. Ali, trajes e adereços da ópera haviam sido reunidos para fazer uma fogueira. Cerca de trinta dos principais escritores, cantores de óperas e outros artistas do país foram obrigados a se ajoelhar diante da fogueira e espancados de novo com chutes e socos, paus e cintos. Uma das vítimas foi o escritor de 69 anos Lao She, anteriormente louvado pelo regime como "o artista do povo". No dia seguinte, ele se afogou num lago.

O local, os adereços e as vítimas haviam sido escolhidos para simbolizar a "cultura velha". A seleção das vítimas, todas muito conhecidas, foi indiscutivelmente feita no mais alto escalão, pois até então eram estrelas oficiais. Não há dúvida de que todo o evento foi encenado pelas autoridades; os adolescentes frouxamente unidos dos Guardas Vermelhos não poderiam ter organizado tudo isso por conta própria.

Mao também havia aberto o caminho para a escalada das atrocidades ao emitir ordens explícitas ao Exército e à polícia nos dias 21 e 22, dizendo que não deveriam "absolutamente intervir" contra os jovens, usando uma linguagem específica incomum, como "até atirar cartuchos de festim [...] está absolutamente proibido".

A fim de difundir mais o terror dentro do partido, Mao fez os jovens sicários atacarem vítimas selecionadas pelo Estado, que dava seus nomes e endereços aos Guardas Vermelhos. O chefe de Sichuan, por exemplo, ordenou que o departamento de sua província que cuidava de figuras culturais proeminentes entregasse uma lista à organização de Guardas Vermelhos de seu filho — algo que ele só poderia ter feito por ordem de Mao.

Em 24 de agosto, o chefe da polícia nacional Xie Fu-zhi ordenou que seus subordinados passassem esse tipo de informação. Respondendo com clareza a

perguntas como "E se os Guardas Vermelhos matarem essas pessoas?", Xie disse: "Se as pessoas forem espancadas até a morte [...] não temos nada a ver com isso". "Não fiquem presos a regras estabelecidas no passado." "Se detiverem aqueles que espancam pessoas até a morte [...] estarão cometendo um grande erro." Xie tranquilizou seus relutantes subordinados: "O premiê Chou apoia isso".

Foi com a bênção das autoridades que os Guardas Vermelhos invadiram casas onde queimaram livros, cortaram pinturas, pisotearam discos e instrumentos musicais — destruindo tudo em geral que tivesse a ver com "cultura". Eles "confiscaram" objetos valiosos e espancaram seus donos. Ataques sangrentos a residências varreram a China, fato que o *Diário do Povo* saudou como "simplesmente esplêndido". Muitos dos que sofreram os ataques foram torturados até a morte em seus lares. Alguns foram levados para câmaras de tortura improvisadas em antigos cinemas, teatros e estádios. Guardas Vermelhos vagando pelas ruas, fogueiras de destruição e gritos das vítimas: esses eram os sons e as cenas das noites do verão de 1966.

Houve uma pequena lista de notáveis que deveriam ser poupados, feita por Chou En-lai. Tal lista propiciou depois aplausos imerecidos a Chou, por ter supostamente "salvado" pessoas. Na verdade, foi Mao quem fez Chou escrever a lista, em 30 de agosto, e o objetivo era tão somente utilitário. A única razão da participação de Chou nesse episódio foi que ele estava dirigindo todo o espetáculo, não porque tenha interferido para salvar pessoas. A lista compreendia algumas dezenas de nomes. Em contraste, estatísticas oficiais posteriores mostram que em agosto e setembro, somente em Pequim, 33 695 casas foram atacadas (o que incluía invariavelmente violência física) e 1772 pessoas foram torturadas ou espancadas até a morte.

Para se proteger, Mao fez Chou En-lai anunciar em um comício dos Guardas Vermelhos realizado na praça Tiananmen, em 31 de agosto: "Denunciem com palavras e não com violência". Essa declaração permitiu que a maioria dos Guardas desistisse da violência, dizendo que Mao era contra. Algumas vítimas também puderam se proteger citando a frase para seus perseguidores. Mas, como os perpetradores das atrocidades ficaram impunes, a violência continuou a campear.

Um dos objetivos de Mao com os ataques às residências era usar os Guardas Vermelhos como bandidos substitutos. Eles confiscaram toneladas de ouro, prata, platina, joias e milhões de dólares em dinheiro, e tudo foi

para os cofres do Estado, bem como muitas antiguidades, pinturas preciosas e livros antigos. O saque e a destruição irracional tiraram praticamente todas as posses valiosas das mãos particulares. Um pouco do fruto da pilhagem foi exportado para obter moeda estrangeira.

Os líderes do alto escalão tiveram permissão para pegar sua parte do butim. Madame Mao escolheu um relógio pingente francês de ouro dezoito quilates, cravejado de pérolas e diamantes, pelo qual pagou a fantástica quantia de sete yuans. Isso estava de acordo com a prática "incorrupta" da liderança maoísta de insistir em pagar por coisas sem valor, como folhas de chás nas reuniões, mas não pagar nada por seus montes de mansões e criados, e ter uso privado *de facto* de aviões, trens e outras mordomias caras. Kang Sheng, que adorava antiguidades, privatizou alguns ataques a residências mandando seus saqueadores pessoais disfarçados de Guardas Vermelhos. O próprio Mao surrupiou milhares de livros antigos. Esterilizados por raios ultravioletas, eles enchiam as estantes de sua enorme sala de estar, compondo o pano de fundo das fotografias em que aparecia recebendo líderes mundiais e impressionando visitantes estrangeiros. Nas palavras de Kissinger, a sala se parecia com "o refúgio de um intelectual". Mal sabiam os visitantes americanos que ela tinha mais em comum com uma das mansões de Goering, adornadas com obras de arte confiscadas das vítimas do nazismo.

O regime obteve algo mais com esses ataques: espaço de moradia. A escassez de habitação era aguda, pois os comunistas não haviam construído praticamente nada para os moradores comuns das cidades. Agora, as famílias atacadas foram espremidas em um ou dois quartos e os vizinhos ocuparam o resto das casas atacadas; não surpreende que isso tenha resultado, com frequência, em relações terrivelmente amargas.

Algumas famílias atacadas foram exiladas em aldeias, aumentando a escala de um processo que Mao já iniciara, a fim de transformar as cidades em "puros" centros industriais. Em Pequim, quase 100 mil pessoas foram expulsas em menos de um mês, a partir do final de agosto. Uma testemunha ocular viu a enorme sala de espera da estação ferroviária de Pequim lotada de crianças que seriam exiladas com seus pais. Os Guardas Vermelhos mandavam as crianças se ajoelharem e depois andavam em volta dando golpes em suas cabeças com a fivela do cinto. Alguns chegavam a derramar água fervente sobre elas, como lembrança de despedida, enquanto outros passageiros procuravam um lugar para se esconder.

No verão de 1966, os Guardas Vermelhos devastaram as cidades e vilas e algumas zonas do campo. Um "lar" com livros e qualquer coisa associada à cultura tornou-se um lugar perigoso. Temerosos de que os Guardas Vermelhos pudessem invadir suas casas e torturá-los se encontrassem "cultura", cidadãos assustados queimaram seus livros ou os venderam como papel, e destruíram seus objetos de arte. Mao conseguiu assim varrer a cultura da casa dos chineses. Do lado de fora, também realizava seu antigo objetivo de apagar o passado da China das mentes de seus súditos. Demoliu-se um grande número de monumentos históricos, as manifestações mais visíveis da civilização do país, que até então haviam sobrevivido ao ódio de Mao. Em Pequim, dos 6843 monumentos ainda de pé em 1958, 4922 foram destruídos.

Tal como a lista de pessoas que deveriam ser poupadas, a lista de monumentos que deveriam ser preservados foi curta. Mao quis conservar alguns monumentos, como o portão de Tiananmen, onde podia subir para ser saudado pelas "massas". A Cidade Proibida e vários outros sítios históricos foram postos sob proteção e fechados, privando assim a população de acesso, mesmo à fração de sua herança cultural que sobreviveu. Não pouparam nem mesmo o principal arquiteto da China, Liang Si-cheng, que descrevera o desejo de Mao de ver "chaminés por toda parte" em Pequim como "uma imagem horrível demais para ser pensada". Ele foi submetido a humilhação e agressão pública e fizeram ataques brutais à sua casa. Sua coleção de livros foi destruída, e sua família, expulsa para um quarto pequeno, com janelas quebradas e piso e paredes cobertos de gelo. Com doença crônica, Liang morreu em 1972.

Ao contrário do que é amplamente aceito, a vasta maioria dos atos de destruição não foi espontânea, mas patrocinada pelo Estado. Antes de Mao censurar os Guardas Vermelhos por serem "civilizados demais", em 23 de agosto, não houvera vandalismo contra os monumentos históricos. Foi justo naquele dia, depois que Mao falou, que a primeira estátua foi quebrada — um Buda do Palácio de Verão, em Pequim. A partir de então, quando sítios importantes eram devastados, especialistas oficiais estavam presentes para pegar os objetos mais valiosos para o Estado, enquanto o resto era levado embora e derretido, ou reduzido a pasta.

Foi o Pequeno Grupo de Mao que ordenou a violação da casa do homem cujo nome era sinônimo de cultura chinesa, Confúcio. A casa, em Shandong, era um rico museu, pois imperadores e artistas a haviam visitado para prestar suas homenagens, encomendando monumentos e doando peças de arte. Os habitantes do lugar receberam ordens para destruí-la, mas reagiram com lentidão. Então Guardas Vermelhos foram despachados de Pequim. Em seu juramento antes de partir, eles disseram que o sábio era "o rival inimigo de morte do Pensamento de Mao Tse-tung". Com efeito, Mao odiava Confúcio, porque segundo o confucianismo o governante deve cuidar de seus súditos e, como o próprio Mao dissera, "Confúcio é humanismo [...] ou seja, um ismo centrado nas pessoas".

Na aniquilação da cultura, madame Mao desempenhou um papel central, na qualidade de chefe da polícia de seu marido para esse campo. E ela garantiu que não houvesse mais ressurreição da cultura pelo resto da vida de Mao. Graças em parte a ela, durante uma década, até a morte de Mao em 1976, os livros antigos ficaram banidos e todos os livros novos de interesse geral publicados traziam citações de Mao, em negrito, página sim, página não. Houve algumas pinturas e algumas canções, mas todas tinham objetivos propagandísticos e louvavam Mao. Praticamente os únicos exemplares de artes da representação permitidos foram oito "espetáculos modelos revolucionários" e alguns filmes em cuja produção madame Mao interferiu. A China tornou-se um deserto cultural.

Em meados de setembro, o país já estava totalmente aterrorizado e Mao sentiu confiança suficiente para começar a atacar seu verdadeiro alvo: dirigentes do partido. Em 15 de setembro, numa manifestação dos Guardas Vermelhos na praça Tiananmen, Lin Biao disse que eles deveriam mudar de alvo e "concentrar-se em denunciar os detentores de poder dentro do partido que seguem um caminho capitalista", conhecidos como "defensores do capitalismo". Lin — e Mao — referia-se, na realidade, aos velhos colegas que haviam demonstrado aversão às políticas extremistas do líder chinês. Ele agora pretendia livrar-se deles em massa e foi lançado o apelo para atacá-los em toda a China.

Para essa missão, formaram-se novos grupos, que às vezes se chamavam Guardas Vermelhos, mas que ficaram conhecidos como "Rebeldes", porque

atacavam seus chefes. E esses rebeldes eram, em geral, adultos. Os grupos originais de Guardas Vermelhos, compostos em sua maioria por adolescentes, desintegraram-se então, pois haviam sido organizados em torno dos filhos dos dirigentes que se tornaram alvos. Mao usara os jovens Guardas para aterrorizar a sociedade em geral. Agora, atacava seus verdadeiros inimigos, dirigentes do partido, e para isso usou uma força mais ampla, principalmente mais velha.

Com seu apoio explícito, os Rebeldes denunciaram seus chefes nos muros da cidade e em manifestações violentas. Mas quem pensou que a ditadura do partido poderia se enfraquecer logo perdeu as esperanças. As pessoas que tentaram obter acesso a suas fichas (que o regime mantinha sobre todo mundo), ou reabilitar aqueles que o partido havia perseguido, foram bloqueadas no mesmo instante. Pequim emitiu ordens que deixavam claro que, embora dirigentes do partido estivessem sob ataque, a regra partidária não deveria ser afrouxada em nada. As vítimas de perseguições do passado foram proibidas de entrar nas organizações rebeldes.

Após alguns meses para gerar ímpeto, em janeiro de 1967 Mao conclamou os Rebeldes a "tomar o poder" dos dirigentes do partido. Ele não diferenciou entre os descontentes e aqueles que lhe eram totalmente fiéis e não haviam vacilado, nem mesmo durante a epidemia de fome. Na verdade, ele não tinha como saber quem era quem. Então resolveu primeiramente derrubar todos e depois submetê-los à investigação. Disseram à população que o partido estivera nas mãos de vilões ("a linha negra") desde a fundação do regime comunista. Um indício de como o medo estava implantado nas pessoas foi que ninguém ousou fazer a pergunta óbvia: "Nesse caso, por que o partido deve continuar no poder?", ou "Onde estava Mao em todos esses dezessete anos?".

A missão básica dos Rebeldes era punir os quadros do partido, algo que Mao desejava havia anos. Alguns Rebeldes odiavam seus chefes partidários e aproveitaram a oportunidade para se vingar. Outros tinham fome de poder e sabiam que a única maneira de subir na hierarquia era ser implacável com os "defensores do capitalismo". Havia também muitos sicários e sádicos.

Stálin realizara seus expurgos usando uma força de elite, a KGB, que sumia rapidamente com suas vítimas, levando-as para a prisão, o gulag ou a morte. Mao fez questão que a violência e a humilhação acontecessem em público e

aumentou enormemente o número de perseguidores ao fazer suas vítimas serem atormentadas e torturadas por seus subordinados diretos.

Um engenheiro britânico que estava trabalhando em Lanzhou, em 1967, teve um vislumbre do que acontecia num canto remoto do noroeste. Duas noites depois de ser recebido num jantar oficial, viu um cadáver pendurado num poste. Era o anfitrião do jantar. Mais tarde, viu dois homens sendo deliberadamente ensurdecidos até a inconsciência com gritos — "para que não entrem mais observações reacionárias em seus ouvidos", explicou a pessoa que os guardava.

A primeira alta autoridade a ser torturada até a morte foi o ministro do carvão, em 21 de janeiro de 1967. Mao odiava-o porque se queixara do Grande Salto Para a Frente — e do próprio Mao. Ele foi exibido diante da multidão organizada e teve o braço torcido ferozmente para trás, na forma de tormento conhecida como "jato". Um dia, ele foi jogado num banco, sangrando, sem camisa numa temperatura abaixo de zero, enquanto sicários o cortavam com canivetes. Por fim, uma enorme estufa de ferro foi amarrada em seu pescoço, empurrando sua cabeça para o chão de cimento, onde seu crânio foi golpeado com as fivelas de metal dos cintos. Tudo isso foi fotografado e as fotos foram mostradas depois a Chou — e, sem dúvida, a Mao.

Até então, era raro fotografar torturas no regime maoísta, mas isso foi feito amplamente na Revolução Cultural, em especial no que dizia respeito aos inimigos de Mao. Como sua prática usual era não guardar registros para a posteridade, muito menos provas de tortura, a explicação mais provável para esse desvio da norma é que ele sentia prazer em ver as fotos de seus adversários atormentados. Câmeras cinematográficas também registraram terríveis comícios de denúncias e Mao viu essas imagens em suas vilas. Filmes selecionados desse tipo eram mostrados na tevê, acompanhados pela trilha sonora dos "espetáculos-modelos" de madame Mao, e as pessoas eram organizadas para assistir (poucas tinham televisão naquela época).

Mao estava bastante familiarizado com os tipos de tortura aplicados em seus antigos colegas e subordinados. O vice-premiê Ji Deng-kui relembrou mais tarde que Mao imitava para seu círculo íntimo a postura dolorosa de "jato", que era rotineira nas assembleias de denúncia, e riu desbragadamente quando Ji descreveu o que havia sofrido.

Por fim, depois de dois ou três anos de sofrimentos desse tipo, milhões de

funcionários foram exilados para campos de trabalho forçado que tinham o nome anódino de "Escolas de Quadros 7 de Maio". Esses campos também receberam os guardiões da cultura — artistas, escritores, intelectuais, atores e jornalistas —, que se haviam tornado supérfluos na nova ordem de Mao.

Os substitutos dos quadros expulsos vieram principalmente do Exército, que Mao ordenou que entrasse em todas as instituições em janeiro de 1967. No total, nos anos que se seguiram, 2,8 milhões de homens do Exército se tornaram os novos controladores, e desses, 50 mil assumiram os cargos dos antigos funcionários de médio e alto escalão do partido. Esses militares eram auxiliados em suas novas funções pelos Rebeldes e por alguns quadros veteranos que foram mantidos em nome da continuidade e da expertise. Mas o Exército forneceu o núcleo dos novos executores de ordens — à custa de cumprir sua missão de defender o país. Quando uma unidade do Exército foi transferida da costa fronteira a Taiwan para uma província do interior, seu comandante perguntou a Chou En-lai o que aconteceria se houvesse uma guerra. A resposta de Chou foi: "Não haverá guerra nos próximos dez anos". Mao não acreditava que Chiang tentasse invadir o continente.

Em março, com os novos executores de ordens no poder, alunos e estudantes receberam ordens de retornar para suas escolas — embora, uma vez de volta, só pudessem ficar na espera, pois os antigos livros de texto, métodos de ensino e professores haviam sido todos condenados e ninguém sabia o que fazer. A instrução normal não existiu para a maioria dos jovens até a morte de Mao, uma década depois.

Na sociedade em geral, a economia manteve seu ritmo, exceto por interrupções relativamente pequenas causadas por mudanças de pessoal. As lojas estavam abertas, assim como os bancos. Hospitais, fábricas, minas, correios e, com algumas interrupções, os transportes, tudo funcionava de modo bastante normal. O Programa de Superpotência, longe de ficar paralisado, como se pensa com frequência, ganhou uma prioridade sem precedentes na Revolução Cultural e aumentou-se o investimento nele. A agricultura não piorou.

O que mudou, além dos chefes, foi a vida fora do trabalho. O lazer desapareceu e deu lugar a reuniões infindáveis para ler e reler as obras de Mao e o *Diário do Povo*, que entorpeciam a mente e eram, ao mesmo tempo,

enervantes. As pessoas eram levadas para numerosos e violentos comícios de denúncia contra os "defensores do capitalismo" e outros inimigos designados. A brutalidade pública tornou-se parte inevitável da vida cotidiana. Cada instituição tinha sua prisão *de facto*, em que as vítimas eram torturadas, algumas até a morte. Além disso, não havia como se distrair, pois praticamente não existiam livros, revistas, filmes, peças de teatro e ópera; nada de música ligeira no rádio. Para entretenimento, contava-se apenas com as Equipes de Propaganda do Pensamento de Mao, que cantavam suas citações mal musicadas e dançavam militantemente acenando o Pequeno Livro Vermelho. Nem mesmo os oito "espetáculos-modelos" de madame Mao foram apresentados ao público, pois sua encenação tinha de ser feita sob controle central draconiano.

Uma das tarefas dos novos executores de ordens era examinar minuciosamente os velhos quadros para descobrir se haviam alguma vez resistido às ordens de Mao, mesmo que de forma passiva. Cada um dos milhões de funcionários expulsos tinha uma "equipe de caso" que escrutinava seu passado. No topo da hierarquia estava uma Equipe Central de Casos Especiais, um grupo altamente secreto presidido por Chou En-lai, com Kang Sheng e seu adjunto, e com auxiliares dos escalões médios do Exército. Esse era o órgão que investigava as pessoas apontadas por Mao. Uma vez que ele estava especialmente interessado em descobrir se alguém do alto escalão andara tramando com os russos contra ele, o caso-chave entre os militares foi o do marechal Ho Lung, o infeliz que havia escutado as observações do ministro da Defesa soviético Malinovski sobre livrar-se de Mao. Todos os antigos subordinados de Ho foram implicados nesse caso e o próprio Ho morreu em consequência disso.

A Equipe Central tinha poder para prender, interrogar — e torturar. Eles também recomendavam o tipo de punição que deveria ser aplicada. A assinatura de Chou aparecia em muitos mandatos de prisão e recomendações de punição, inclusive sentenças de morte.

Enquanto os suspeitos eram interrogados sob tortura, e sua velha base de poder passava por sofrimentos sem precedentes, Mao se divertia. O baile continuava em Zhongnanhai, com a convocação de garotas, algumas para compartilhar sua grande cama. Ao som de "O dragão em busca de prazer

flerta com a fênix", considerada "pornográfica" por seu regime e proibida havia tempo, Mao continuava a dançar. Um por um, à medida que o tempo passava, seus colegas desapareciam da pista de dança, ou expurgados, ou porque haviam simplesmente perdido qualquer apetite pela diversão. No final, apenas Mao ainda dançava.

Do que restava de seu alto escalão, veio somente uma irrupção de desafio. Em fevereiro de 1967, alguns dos membros do Politburo que não haviam caído manifestaram raiva diante do que estava acontecendo com seus companheiros de partido. Tan Zhen-lin, um velho seguidor de Mao que estivera no comando da agricultura durante a epidemia de fome (mostrando até que ponto estava preparado para apoiá-lo), explodiu para o Pequeno Grupo: "O objetivo de vocês é se livrar de todos os quadros antigos [...] Eles fizeram a revolução durante décadas e acabam com suas famílias arruinadas e eles mesmo morrendo. É a luta mais cruel da história do partido, pior do que qualquer momento anterior". No dia seguinte, ele escreveu a Lin Biao: "Cheguei ao limite absoluto de minhas forças [...] Estou pronto para morrer [...] a fim de detê-los". O ministro do Exterior Chen Yi chamou a Revolução Cultural de "uma grande câmara de tortura".

Mas esses sobreviventes da elite eram veteranos seguidores devotados de Mao ou homens já dobrados por ele. Diante de sua ira, eles se curvaram. Com o apoio crucial de Lin Biao e Chou En-lai, Mao fustigou os dissidentes; depois, quando estavam bastante intimidados, estendeu-lhes um ramo de oliveira. A minirrevolta foi facilmente controlada.

Quem não se intimidou com tanta facilidade foi um brigadeiro chamado Cai Tie-gen, que até cogitou organizar uma força guerrilheira, fazendo dele o único do quadro antigo a pensar em tentar "fazer um Mao" com Mao. Ele foi fuzilado, sendo o oficial de mais alto escalão executado no expurgo. Ao dizer adeus a um amigo que quase foi fuzilado também, ele estimulou-o a continuar a luta, e depois foi calmamente para o local da execução.

Houve outros episódios de resistência realmente heroica de pessoas comuns. Um deles foi protagonizado por uma notável mulher de dezenove anos, uma estudante de alemão chamada Wang Rong-fen, que comparecera ao comício na praça Tiananmen de 18 de agosto de 1966 e cuja reação mostrou um espantoso frescor e independência de espírito, bom como coragem. Ela pensou que aquilo era "exatamente como Hitler" e escreveu a Mao fazendo várias perguntas afiadas: "O que você está fazendo? Para onde

você está levando a China?". "A Revolução Cultural não é um movimento de massa. É um homem com uma arma manipulando as massas. Declaro que me desligo da Liga da Juventude Comunista."

Ela escreveu uma carta em alemão e, com ela no bolso, pegou quatro garrafas de inseticida e as bebeu do lado de fora da embaixada soviética, na esperança de que os russos descobrissem seu cadáver e divulgassem seu protesto ao mundo. Mas acordou no hospital da polícia. Foi condenada à prisão perpétua. Durante meses, suas mãos ficaram algemadas às costas e ela tinha de rolar pelo chão para pegar com a boca a comida que era jogada na cela. Quando decidiram finalmente remover as algemas, tiveram de serrá-las, pois a fechadura estava emperrada pela ferrugem. Essa jovem extraordinária sobreviveu à prisão — e a Mao — com seu espírito incólume.

49. Vingança amarga (1966-74; 72-80 anos)

Em agosto de 1966, Mao derrubou Liu Shao-chi. No dia 5, depois que Liu se encontrou com uma delegação de Zâmbia, na condição de presidente, Mao fez Chou En-lai telefonar-lhe e dizer-lhe que parasse de se reunir com estrangeiros, ou aparecer em público, exceto quando recebesse ordens nesse sentido. Naquele dia, Mao escreveu uma diatribe contra Liu que leu pessoalmente para o Comitê Central dois dias depois, na presença do atacado, em que anunciava sua queda (a população em geral não foi informada). Pouco antes disso, no dia 6, Mao trouxera Lin Biao especialmente para Pequim, a fim de lhe dar suporte, caso houvesse alguma oposição firme. Lin Biao tornou-se formalmente o segundo em comando, no lugar de Liu.

A perseguição do homem que ele mais odiava podia então começar. Mao começou pela esposa de Liu, Wang Guang-mei. Ele sabia que o casal era devotado um ao outro e que fazer a mulher sofrer causaria grande dor em Liu.

Guang-mei vinha de uma distinta família cosmopolita: seu pai fora ministro de governo e diplomata, e sua mãe, uma figura bem conhecida na área da educação. Ela formara-se em física numa universidade de missionários americanos e, em 1946, quase aceitara uma oferta da Universidade de Michigan para estudar nos Estados Unidos, mas decidira entrar para o PCC, influenciada por sua mãe radical. As pessoas lembravam como, na época da guerra civil, nas festas dançantes da base comunista, Liu atravessava a eira que servia de pista de dança com seus passos firmes e, inclinando-se, a convidava para dançar, num gesto incomum para um líder do partido. Guang-mei tinha elegância e estilo, e Liu se apaixonou. Casaram-se em 1948 e a união foi excepcionalmente feliz, em particular para Liu, que tivera uma série de relações fracassadas (e uma esposa executada

pelos nacionalistas).

A partir do momento em que ficou claro que Mao viria atrás de Liu, depois da Conferência dos Sete Mil, em janeiro de 1962, Guang-mei encorajou o marido a enfrentá-lo. Isso contrastava muito com o comportamento de muitas esposas de líderes, que instavam seus maridos a ceder. Nos anos seguintes, ela ajudou Liu a reforçar sua posição. Em junho de 1966, enquanto Mao fomentava a violência nas escolas e universidades, Liu fez uma última tentativa de acabar com a desordem, enviando "equipes de trabalho", e Guang-mei fez parte da que foi enviada à Universidade Qinghua, em Pequim. Ali, ela entrou em choque com um militante de vinte anos chamado Kuai Da-fu. O interesse inicial de Kuai pela política fora deflagrado por um sentimento de justiça: quando era uma criança de treze anos que vivia numa aldeia, durante a epidemia de fome, enviara reclamação a Pequim sobre os maus-tratos que funcionários subalternos infligiam aos camponeses. Mas quando, no verão de 1966, a Revolução Cultural foi apresentada pelos meios de comunicação como uma "luta pelo poder", Kuai desenvolveu um apetite pelo poder e liderou ações violentas para "tomar o poder da equipe de trabalho". Sofreu detenção no dormitório por dezoito dias, autorizada por Liu.

Na madrugada de 1º de agosto, Kuai foi acordado pelo barulho de freios de carros e viu-se na frente de ninguém menos que Chou En-lai. Kuai ficou totalmente assombrado. Não conseguiu sentar direito no sofá e ficou empoleirado na sua beira. Chou o acalmou com suavidade, disse-lhe que viera em nome de Mao e o interrogou sobre a equipe de trabalho — e o papel da esposa de Liu. Embora tivesse uma estenógrafa com ele, Chou fez ele mesmo anotações. A sessão durou três horas, até depois das cinco, quando Chou convidou Kuai a ir ao Grande Salão do Povo naquela noite. Lá, eles conversaram por mais três horas. Mao usou as queixas de Kuai como munição e a partir de então o jovem estudante foi a ponta de lança de Mao contra o casal Liu.

Em 25 de dezembro, véspera do aniversário de 73 anos de Mao, por ordem do Pequeno Grupo, Kuai liderou 5 mil estudantes numa passeata por Pequim com caminhões equipados de alto-falantes que berravam "Abaixo Liu Shao-chi!". Essa manifestação incomum foi mais uma medida para preparar o povo para o fato de que o presidente da China estava prestes e se tornar um inimigo e, embora não tenha sido noticiada pela imprensa, ela deu

a conhecer à nação sua queda. Kuai e sua "manifestação" também possibilitaram que a queda de Liu tivesse a aparência de uma demanda popular.

A partir de então, o casal Liu foi atormentado sem parar. No amanhecer do ano-novo de 1967, Mao mandou saudações ao seu velho colega na forma de insultos besuntados nas paredes de sua casa por gente do staff de Zhongnanhai. Seguiram-se ameaças semelhantes, todas coreografadas, exceto uma delas, que aconteceu em 6 de janeiro, quando o grupo de Kuai pegou a filha adolescente do casal, Ping-ping, e depois telefonou a Guang-mei para contar-lhe que a menina fora atropelada por um carro e estava num hospital, que precisava de autorização para realizar uma amputação. Os pais correram para o hospital, o que desconcertou os Rebeldes. Kuai relembra:

> Os estudantes nunca pensaram que Liu Shao-chi viria e ficaram todos assustados. Eles sabiam que não podiam tocar nele [...] o centro não havia dado instruções [sobre tratar de Liu em pessoa]. Não ousamos ser precipitados [...] Sabíamos que esse tipo de "abaixo fulano" em política podia muito bem virar "viva fulano" [...] Sem instruções claras e específicas do centro, quando chegasse a hora da culpa, nós a levaríamos. Então meus colegas pediram a Liu para ir embora, e ficaram com Wang Guang-mei.

Esta é uma boa confissão de como os Rebeldes funcionavam de fato: eram instrumentos, e covardes, e sabiam disso.

Como essa proeza não fora planejada centralmente, os soldados chegaram ao hospital dentro de minutos. Os estudantes fizeram nervosamente a denúncia de Guang-mei em apenas meia hora. Enquanto isso estava em andamento, Kuai foi chamado ao telefone, o que, lembrou ele,

> me deu um grande susto quando a voz ao telefone disse "Aqui é Chou En-lai". Chou me mandou libertar Wang Guang-mei: "Sem espancamento, sem humilhação. Entendeu?". Eu disse: "Entendi". [...] Ele desligou. Menos de um minuto depois, recebi outro telefonema. Era de Jiang Qing — a única vez em que falei com ela. Quando peguei o telefone, escutei sua risadinha. Ela disse: "Você pegou Wang Guang-mei. O que é isso? Você está brincando? Não bata nela, não a humilhe". Ela repetiu as palavras de Chou En-lai e disse: "O premiê está nervoso e me pediu para lhe telefonar. Assim que terminar de denunciar Wang Guang-mei, devolva-a".

Assim acabou o único lance espontâneo dos Rebeldes contra o casal Liu. A ordem de Chou para poupar Guang-mei não foi dada por bondade de seu coração. O ato de Kuai não fora autorizado e não se enquadrava no cronograma de Mao.

O passo seguinte de Mao foi trazer Liu até a suíte 118 do Grande Salão para um *tête-à-tête* no meio da noite de 13 de janeiro. Mao mostrou que sabia da peça pregada no casal Liu ao perguntar: "Como estão as pernas de Ping-ping?". Ele então aconselhou Liu a "ler alguns livros", mencionando dois títulos que continham a palavra "mecânico", que Mao alegou serem de autoria de Heidegger e Diderot. Era uma maneira de advertir Liu para ser menos rígido e que deveria fazer alguma reverência. Liu não se humilhou, mas repetiu a oferta que fizera várias vezes: renunciar e ir trabalhar como camponês. Pediu a Mao para acabar com a Revolução Cultural e punir somente a ele, sem causar dano a ninguém mais. Mao fez-se de desentendido e apenas pediu a Liu que cuidasse de sua saúde. Com isso, levou Liu, seu companheiro mais próximo durante quase três décadas, até a porta pela última vez — e para uma morte lenta e dolorosa.

Dias depois, os telefones de Liu foram cortados. A prisão domiciliar tornou-se total, com as paredes cobertas com cartazes e slogans insultuosos. Em 1º de abril, Mao tornou o expurgo de Liu oficial para o público em geral, quando o *Diário do Povo* o condenou como "o maior defensor do capitalismo". Logo depois disso, Kuai organizou uma manifestação de 300 mil para humilhar e agredir Guang-mei. Chou discutiu de antemão os detalhes com Kuai e no próprio dia seu gabinete ficou em constante contato por telefone com o grupo do estudante. Madame Mao acrescentou seu toque pessoal ao contar a Kuai: "Quando Wang Guang-mei esteve na Indonésia, perdeu todo o respeito pelos chineses. Ela até usou um colar!". Madame Mao também acusou Guang-mei de usar vestidos tradicionais chineses "para se fazer de prostituta para Sukarno na Indonésia" e disse a Kuai: "Você precisa encontrar essas coisas e obrigá-la a usá-las". A mulher de Mao sentia ciúmes rancorosos de Guang-mei porque ela conseguia usar roupas glamourosas quando ia ao exterior como esposa do presidente, enquanto ela ficava confinada na China, onde essas coisas não eram permitidas.

Kuai relembrou que madame Mao "me disse explicitamente para humilhar Wang Guang-mei [...] Poderíamos insultá-la do jeito que quiséssemos". Então, ela foi forçada a usar um vestido justo tradicional, sobre suas roupas acolchoadas, fazendo seu corpo parecer volumoso e feio. Uma fieira de bolas de pingue-pongue foi pendurada em seu pescoço para significar um colar de

pérolas. O comício inteiro foi filmado, sem dúvida para Mao, pois isso não poderia ser feito sem sua autorização.

Mas o casal Mao não conseguiu dobrar Guang-mei. Durante o interrogatório anterior ao comício, ela demonstrou destemor extraordinário — e uma inteligência rápida — para defender o marido com eloquência. Quando foi arrastada ao palco para enfrentar os gritos horripilantes e os punhos cerrados da multidão, seus interrogadores perguntaram: "Você está com medo?". Sua resposta calma os impressionou: "Não, não estou".

Décadas depois, Kuai falou com admiração de Guang-mei: "Ela era muito forte [...] Ela ficou ereta e se recusou a obedecer à ordem de baixar a cabeça. Os estudantes a atacaram com força, com muita força. Ela foi forçada a se ajoelhar [...] mas logo se ergueu de novo. Wang Guang-mei não se intimidava. Ela estava cheia de raiva contra Mao Tse-tung, só não podia dizer isso em público". Posteriormente, ela escreveu a Mao para protestar.

Liu fez a mesma coisa, várias vezes. A resposta de Mao foi preparar a punição, deixando instruções detalhadas com o Pequeno Grupo antes de partir de Pequim, em 13 de julho. No momento em que partiu, centenas de milhares de Rebeldes foram convocados a acampar diante de Zhongnanhai, gritando insultos como "pilha de cocô de cachorro" para o casal Liu através de vários alto-falantes. Os subordinados de Liu foram arrastados para fora dos muros de Zhongnanhai para serem denunciados numa espécie de espetáculo ambulante grotesco.

No auge disso, apresentaram a Liu a exigência de "inclinar sua cabeça em sinal de obediência e admitir seus crimes ao presidente Mao". Isso foi feito simuladamente em nome de alguns Rebeldes, para fingir que a exigência viera das "massas". Mas foi apresentada a Liu por Wang Dong-xing, o camareiro e chefe da guarda pretoriana de Mao, o que não deixava dúvida quanto a quem estava manipulando os fios. Liu não cedeu. Prevendo o pior depois desse desafio, Guang-mei segurou um frasco de comprimidos para dormir diante do marido, oferecendo-se para se matar junto com ele. Nenhum dos dois disse palavra, com medo dos grampos, o que certamente teria levado ao confisco dos comprimidos. Liu fez um sinal negativo com a cabeça.

Sabendo o quanto a força de Liu vinha de sua esposa, Mao mandou separar o casal. Em 18 de julho, disseram-lhes que seriam denunciados em reuniões separadas naquela noite. Mais de três décadas depois, Guang-mei escreveu

sobre aquele momento:

> Eu disse: "Parece que é realmente adeus dessa vez!". Eu simplesmente não conseguia deter as lágrimas [...]
>
> [...] Pela única vez em nossas vidas, Shao-chi fez a mala para mim e dobrou minhas roupas com cuidado. Nos últimos minutos, ficamos sentados olhando um para o outro [...] Então ele, que raramente fazia piada, disse: "Isto é como esperar pela cadeirinha chegar e levar você [para casar]!". [...] Caímos na risada.

Depois das brutais assembleias de denúncia, o casal Liu foi posto praticamente em confinamento solitário. Eles se encontraram de novo apenas uma vez, quando foram arrastados diante de um tribunal fajuto, em 5 de agosto, primeiro aniversário da diatribe escrita de Mao contra Liu. Kuai, o ponta de lança de Mao, havia preparado um grande evento na praça Tiananmen, onde um palco foi construído especialmente para que o casal Liu fosse exibido diante de uma multidão organizada de centenas de milhares de pessoas. No final, Mao vetou a ideia. Não podia arriscar que isso fosse visto por estrangeiros. Se testemunhassem a selvageria contra seu ex-companheiro mais próximo, ali no coração de Pequim, isto é, com seu claro apoio, toda a charada poderia facilmente voltar-se contra ele. Quando mais não fosse, poderia afetar os maoístas estrangeiros, muitos dos quais já se haviam indisposto com o Expurgo de Mao.[a] Também não podia correr o risco de que Liu falasse. Podia ter certeza de que eles fariam refutações afiadas, como o haviam feito em cartas a ele e em suas réplicas aos Rebeldes. Mao não ousou fazer um julgamento-espetáculo do tipo stalinista. Então, o casal Liu acabou recebendo sua salva de agressões apenas dentro de Zhongnanhai, de guardas pretorianos vestidos à paisana e do staff do governo.

Naquele dia, 5 de agosto, os "defensores do capitalismo" números dois e três, Deng Xiao-ping e Tao Zhu (Liu era o "número um"), também foram denunciados diante de suas casas. Ambos haviam caído em desgraça, como muitos antigos favoritos de Mao, porque não concordaram em cooperar com o Grande Expurgo. Mas, como Mao não os odiava tanto quanto a Liu, foram tratados com menos ferocidade. Zeng Zhi, a esposa de Tao Zhu, era uma velha amiga de Mao e foi poupada. Ela relembrou um episódio que revela quão detalhado era o controle dele. Enquanto seu marido era espancado, deixaram que ela sentasse. Uma militante estava prestes a bater nela quando

Zeng Zhi notou um homem na plateia que sacudia a cabeça para a mulher, que logo recuou.

Zeng Zhi sabia que a "amizade" e proteção de Mao poderiam sumir assim que ela fizesse alguma coisa que desagradasse o Grande Timoneiro. Mais tarde, quando seu marido, já doente terminal, foi mandado para o exílio interno, deram-lhe a opção de acompanhá-lo. Os dois sabiam que, se ela o fizesse, perderia a boa vontade de Mao, o que a arruinaria, bem como a vida de sua filha única. Então o casal decidiu que ela não o acompanharia e ele morreu sozinho no exílio.

No tribunal fajuto de 5 de agosto de 1967, montado dentro de Zhongnanhai, Liu não recuou e deu respostas sucintas; mas, assim que tentou falar mais, Pequenos Livros Vermelhos choveram sobre sua cabeça e ele foi calado pelos slogans estúpidos gritados pela multidão. O casal Liu foi socado, chutado e teve os cabelos puxados ferozmente para trás, a fim de expor seus rostos para os fotógrafos e cinegrafistas. Em certo momento, a reunião foi suspensa e um ponta de lança de Mao deu ordem para que ficasse mais violenta para as câmeras. O filme mostra então Liu sendo pisoteado no chão. Num supremo ato de sadismo, a filha de seis anos do casal e seus outros filhos foram trazidos para assistir à agressão aos seus pais. Todo o vil episódio foi assistido também por uma observadora especial de Mao — sua filha Li Na.

Mao pode ter sentido satisfação com o tormento do casal Liu, mas dificilmente deixou de registrar que eles não foram esmagados. A certa altura, Guang-mei libertou-se e se agarrou a uma ponta da roupa de seu marido. Durante alguns minutos, sob uma chuva de socos e chutes, o casal se deu as mãos com firmeza, lutando para ficar de pé.

Guang-mei pagaria caro por sua coragem. Pouco mais de um mês depois, foi acusada de espionar para os Estados Unidos — e, para completar, para o Japão e Chiang Kai-shek. Durante doze anos, até depois da morte de Mao, ela ficou trancafiada em Qincheng, uma prisão de alta segurança, onde, por longos períodos, não teve permissão nem para caminhar; anos depois, ela ainda não conseguia ficar de pé. Mas continuou indômita. A equipe de seu caso pediu sua execução. Mao disse "não". Não queria acabar com seu sofrimento tão cedo.

Os parentes dela foram encarcerados, assim como sua mãe septuagenária, que morreu na prisão alguns anos depois. Os filhos do casal ficaram sem lar e

foram submetidos a espancamentos e prisão. Um dos filhos de um casamento anterior de Liu suicidou-se. Enquanto isso, a casa de Liu, que ficava a curta distância da de Mao, foi transformada numa singular cela maoísta de morte lenta.

Liu estava com quase setenta anos e sua saúde deteriorou-se depressa. Uma perna ficou paralisada e ele vivia num estado de permanente privação do sono, pois lhe tiraram os comprimidos para dormir dos quais era dependente. Foi mantido vivo, mas precariamente. Em 20 de dezembro de 1967, seus carcereiros registraram que estavam "apenas mantendo-o vivo, a um passo da inanição". "O chá foi suspenso [...]" Os males que ameaçavam sua vida — pneumonia e diabetes — foram tratados, embora, em mais um aperto maoísta do parafuso, os médicos o amaldiçoassem enquanto cuidavam dele. Mas deixaram deliberadamente que sua saúde mental se arruinasse. Em 19 de maio de 1968, seus carcereiros relataram que ele "escovou os dentes com um pente e sabão, pôs as meias sobre os sapatos e a cueca por fora das calças". E, no estilo cruel que estava na ordem do dia, escreveram que Liu "banca o idiota e faz um nojento papel de bobo".

Naquele verão, Mao ordenou duas vezes, por meio de Wang Dong-xing, que os médicos e os guardas deveriam "mantê-lo vivo até depois do IX Congresso", quando pretendia expulsar Liu do partido. Se ele morresse, essa história sem nexo não daria a mesma satisfação a Mao. Depois do fim do congresso, estava claramente implícito que podiam deixar Liu morrer.

Em outubro de 1968, já era preciso alimentá-lo pelo nariz e parecia que poderia morrer a qualquer instante. Mao não estava pronto para o congresso, então o Comitê Central — na verdade, uma minoria remanescente que compreendia apenas 47% dos membros originais, pois o resto havia sido expurgado — foi convocado às pressas para expulsar Liu do partido. O comitê também o removeu da presidência do país, ato que nem fingiu seguir um procedimento constitucional.

A equipe do caso de Liu havia notoriamente fracassado na tentativa de montar um processo. Mao dissera que queria uma acusação de espionagem — uma maneira de evitar qualquer questão sobre políticas públicas e de afastar os investigadores das ligações de Liu com ele. Na verdade, Mao

estava tão nervoso com a possibilidade de Liu falar com alguém que a equipe que o investigava foi proibida até mesmo de pôr os olhos nele, quanto mais de fazer-lhe alguma pergunta. Em vez disso, um grande número de pessoas foi detido e interrogado, para tentar levantar provas contra Liu. Qincheng, a prisão para a "elite", construída com a ajuda de assessores russos na década de 1950, foi aumentada em 50%, em parte para acomodar os detidos relacionados com o caso de Liu. Seu primeiro recluso na Revolução Cultural foi Shi Zhe, que havia sido intérprete entre Liu e Stálin e que foi pressionado a dizer que Liu era um espião russo. Ali também esteve preso o americano Sidney Rittenberg, que conhecera Guang-mei nos anos 1940. Ele sofreu pressão para dizer que havia recrutado o casal Liu para a espionagem dos Estados Unidos (Rittenberg observou que os interrogadores, enquanto faziam os devidos movimentos exaltados, não pareciam acreditar no que faziam). Também tentaram fazer com que ex-chefes do serviço secreto nacionalista dissessem que Guang-mei havia espionado para eles.

A maioria dos detidos e convocados a dizer mentiras gritantes tentou ao máximo não obedecer. Entre aqueles que pagaram por não ceder estavam dois ex-chefes partidários, Li Li-san e Lo Fu. Suas famílias foram jogadas na prisão e os dois encontrariam a morte. A esposa russa de Li-san, que havia ficado ao seu lado durante os expurgos da década de 1930 na União Soviética, quando ele ficara preso durante dois anos, passou oito anos nos cárceres de Mao.

Até mesmo alguns membros da equipe do caso de Liu se negaram a fabricar provas. Em consequência, a própria equipe teve de ser expurgada três vezes e dois de seus três chefes acabaram na prisão. Ela se viu numa situação complicada, pois inventar provas podia ser tão perigoso quanto deixar de descobri-las. Em uma ocasião, a equipe alegou que, em 1946, Liu havia querido que tropas americanas invadissem a China e que ele desejara ver o presidente Truman para falar sobre isso. "Fazer tal afirmação", disse Mao, "é [...] nos tratar como idiotas. Os Estados Unidos mandando tropas em massa: nem os nacionalistas queriam isso." No fim, a equipe apenas acumulou uma lista de asseverações; uma delas dizia que Liu "casou-se com a espiã americana Wang Guang-mei, que havia sido enviada a Yenan pela Inteligência Estratégica Americana". Seu relatório, entregue ao Comitê Central pelo fiel escravo de Mao, Chou En-lai, chamava Liu de "traidor, agente inimigo e fura-greve", e recomendava a sentença de morte. Mao a

rejeitou, como fizera em relação à esposa de Liu.

Mao manteve-se plenamente informado sobre os últimos sofrimentos de Liu. Tiraram fotografias que o mostravam numa tal agonia que ele havia apertado duas garrafas de plástico rígido até deformá-las. Em abril de 1969, quando o IX Congresso finalmente se reuniu, Mao anunciou, com voz desprovida de qualquer laivo de piedade, que Liu estava às portas da morte.

Em seus momentos de lucidez, Liu manteve a dignidade. Em 11 de fevereiro de 1968, havia escrito uma última defesa de si mesmo, na qual chegava a se queixar do estilo ditatorial de Mao desde o início da década de 1920. Depois disso, calou-se. Todo o *modus operandi* de Mao dependia de dobrar as pessoas, mas ele fracassara na tentativa de fazer Liu ficar de quatro.

Numa noite fria de outubro, seminu sob uma colcha, Liu foi posto num avião e levado para a cidade de Kaifeng. Ali, os pedidos dos médicos locais de raio X e hospitalização foram negados. A morte chegou dentro de poucas semanas, em 12 de novembro de 1969. No total, Liu suportou três anos de sofrimento físico e angústia mental. Foi cremado sob pseudônimo, com o rosto envolvido num pano branco. Mandaram os funcionários do crematório esvaziar o local, sob o pretexto de que o cadáver tinha uma doença infecciosa letal.

O final extraordinário da história de Liu é que sua morte nunca foi tornada pública enquanto Mao esteve vivo. Esse comportamento aparentemente anômalo (a maioria dos ditadores gosta de dançar sobre a cova dos inimigos) era uma indicação de como Mao se sentia inseguro. Ele temia que, se fosse divulgada, a notícia provocaria simpatia pelo morto. Com efeito, a difamação de Liu continuou pelo resto da vida de Mao, sem nenhuma indicação para o público de que ele morrera. Mao obteve sua vingança submetendo Liu a uma morte dolorosa e demorada. Mas ela não teve um gosto muito doce.

Mao também não emergiu vitorioso em relação ao seu segundo maior ódio, pelo marechal Peng De-huai. O primeiro líder dos Rebeldes enviado a Sichuan em dezembro de 1966 para trazer Peng de volta à detenção em Pequim ficou tão emocionado depois de conversar com ele que começou a apelar em favor de Peng. O Rebelde acabou na prisão, mas disse que não se arrependia de ter se manifestado. Outro líder dos Rebeldes que maltratara

Peng expressou mais tarde remorso profundo pelo que fizera. Não há dúvida sobre os sentimentos das pessoas depois que conheciam as posições de Peng, ou o conheciam.

Em Pequim, Peng foi arrastado para muitas assembleias de denúncia, por ordem de Mao, e em todas foi chutado por Rebeldes que usavam botas pesadas e espancado ferozmente com paus. Suas costelas foram quebradas e ele desmaiou várias vezes.

Ao contrário de Liu, Peng foi interrogado cerca de 260 vezes, pois Mao realmente temia que ele pudesse ter alguma conexão com Khruchióv. Na solitária, a cabeça de Peng começou a falhar, mas seu formidável cerne manteve-se incólume. Ele escreveu um relato lúcido de sua vida, refutando as acusações de Mao. No final, escrito em setembro de 1970, ele proclamava: "Ainda erguerei minha cabeça e gritarei cem vezes: minha consciência está limpa!".

Peng era um homem de constituição vigorosa e seu calvário durou ainda mais que o de Liu: oito anos, até 29 de novembro de 1974, quando foi finalmente vencido por um câncer no reto. Tal como Liu, foi cremado sob pseudônimo e também sua morte nunca foi divulgada enquanto Mao esteve vivo.

a O comunista belga Jacques Grippa, o mais antigo maoísta na Europa ocidental e alguém que fora torturado nos campos de concentração nazista, escreveu então a Liu, como presidente, em Zhongnanhai. A carta foi devolvida com o carimbo "Não mora neste endereço".

50. O novo aparelhamento do presidente (1967-70; 73-76 anos)

No início de 1967, Mao já cortara milhões de funcionários do partido e os substituíra principalmente por homens do Exército. Mas ele logo se viu diante de problemas com os substitutos. A maioria carecia de suficiente brutalidade e, com frequência, protegia e até readmitia quadros expurgados, proeza que conseguiam citando a observação hipócrita de Mao de que "está tudo bem com a maior parte dos antigos quadros". Isso já era ruim, mas havia uma causa adicional de preocupação para Mao. Ele teve de confiar em oficiais do Exército para a escolha de Rebeldes que ocupariam os cargos. O problema era que em cada região e instituição havia grupos rivais diferentes, todos se dizendo Rebeldes, e os militares tendiam a incorporar os mais moderados, embora Mao lhes dissesse para promover a "Esquerda", isto é, aqueles mais violentos na perseguição dos "defensores do capitalismo".

Se prevalecesse a vontade do pessoal do Exército, sua vingança ficaria incompleta. E, o mais importante, se esses novos executores de ordens do Exército se revelassem semelhantes aos funcionários anteriores, Mao estaria de volta ao ponto inicial. Ele pretendia que o Grande Expurgo instalasse nos cargos de direção gente muito mais implacável.

Um lugar que lhe estava dando dor de cabeça era a cidade de Wuhan, seu local preferido para as nadadas simbólicas no Yangtze. O comandante da cidade, Chen Zai-dao, entrara para o Exército Vermelho em 1927, quando era um camponês miserável de dezoito anos, e fizera carreira na hierarquia militar. O general Chen tinha profunda aversão à Revolução Cultural e até demonstrara simpatia pelo principal alvo de Mao, o presidente Liu Shao-chi. Na província sob seu controle, ele reintegrou uma grande número de funcionários antigos, dispersou os grupos Rebeldes mais militantes e

prendeu seus líderes. Em maio de 1967, quando os moderados se uniram numa organização provincial chamada o "Milhão de Soldados Incomparáveis", que alardeava ter 1,2 milhão de membros, ele os apoiou.

Em meados de julho, Mao foi a Wuhan em pessoa para mandar Chen mudar de posição. Supondo que o general ia simplesmente se submeter, planejou usar Wuhan como exemplo para as unidades do Exército do resto do país.

Mas Mao teve um grande choque. Quando disse ao general Chen que os Incomparáveis eram uma organização "conservadora" e que os militares haviam cometido grave erro ao apoiá-la, Chen respondeu na cara dele: "Não admitimos isso".

Em seguida, aconteceu algo igualmente inédito: membros da base dos Incomparáveis, junto com simpatizantes de dentro do Exército, reagiram ao veredicto de Mao com rebeldia. Na noite de 19 para 20 de julho, quando recebeu a mensagem de autoridades militares e civis que Mao trouxera de Pequim, uma multidão ultrajada tomou as ruas, com centenas de caminhões carregando quase mil soldados com metralhadoras, bem como dezenas de milhares de trabalhadores armados com barras de ferro. Os manifestantes protestaram pelos alto-falantes diante do recinto da vila de Mao. Muitos sabiam que aquela propriedade supermisteriosa e de alta segurança junto ao lago era de Mao e, vendo as luzes acesas, deduziram que ele estava lá. Embora ninguém tenha ousado atacá-lo abertamente, cartazes gigantescos nas ruas exibiam slogans que atacavam o Pequeno Grupo e sua líder madame Mao, atingindo indiretamente o próprio Mao: "Jiang Qing, fique longe do poder!", "Presidente Mao está sendo enganado!". O general Chen recebeu cartas extraordinárias; uma delas chegava a pedir-lhe para "usar seu poder [...] para varrer da face da Terra aqueles piores ditadores do mundo que não querem história nem cultura".

O mais assustador para Mao foi que centenas de manifestantes e soldados armados invadiram o recinto da vila e chegaram a pouca distância dele, levando consigo um membro importante de seu séquito, o participante do Pequeno Grupo Wang Li, que levou uma surra terrível.

Em dezoito anos de medidas de proteção compulsivas e abrangentes, Mao jamais se vira diante de uma ameaça tão concreta, tanto para sua segurança pessoal como ao seu sentimento de poder total.

Chou En-lai, que chegara em Wuhan antes de Mao para providenciar sua

segurança, acabara de retornar a Pequim, mas teve de voltar imediatamente, com duzentos guardas pretorianos armados até os dentes. Ele retomou seu velho estilo da clandestinidade, mas dessa vez agindo em nome do Estado do qual era primeiro-ministro: esperou até a noite para ir à casa de Mao, trocando de roupa e usando óculos escuros. Às duas da manhã do dia 21 de julho, Mao foi levado embora pela porta dos fundos da vila. Três formas de transporte estavam de prontidão — seu trem especial, seu avião e navios de guerra. Ele preferiu partir de trem, porém, após embarcar, mudou para um avião, mas não o seu. O piloto só soube para onde ia — Xangai — depois de decolar.

Foi o último voo de Mao — e que voo! Soldados invadindo sua propriedade era uma coisa inconcebível, bem como uma manifestação abertamente hostil a suas ordens — e, o que era pior, envolvendo tropas armadas.

O regime agiu de pronto para mostrar que não toleraria Wuhan. Chou libertou Wang Li e o abraçou ostensivamente, encostando o rosto barbudo do membro do Pequeno Grupo no seu. Wang Li voltou a Pequim, onde foi recebido por uma manifestação encenada do tipo que o país jamais vira. Uma multidão de dezenas de milhares recebeu-o no aeroporto da capital, encabeçada por Chou, com lágrimas nos olhos. Depois, houve um comício de 1 milhão de pessoas na praça Tiananmen, presidido por Lin Biao.

O general Chen foi expurgado e substituído por um homem de lealdade inquestionável a Lin Biao. As unidades do Exército envolvidas na rebeldia foram dispersadas e enviadas para campos de trabalho forçado. Os Incomparáveis desintegraram-se e aqueles que tentaram continuar foram espancados até desmaiar. Nos meses seguintes, cerca de 184 mil cidadãos comuns e quadros do partido foram feridos, aleijados ou mortos na província. O general Chen e seus adjuntos foram enviados para Pequim, onde aconteceu algo extraordinário, provavelmente inédito no mundo. Os generais de Wuhan foram espancados — e não num calabouço sórdido, mas numa reunião do Politburo presidida por Chou En-lai. Os agressores eram oficiais antigos, liderados pelo comandante em chefe da Aeronáutica Wu Fa-xian. A cena na sala do Politburo foi semelhante à de uma assembleia de denúncia nas ruas: as vítimas tiveram de ficar inclinadas, com os braços virados para trás na posição de "jato", enquanto eram socadas e chutadas. O general Chen foi derrubado e pisoteado. Até no gangsterismo do mundo de

Mao, a violência física no Politburo não tinha precedentes.

O levante de Wuhan levou Mao a concluir que mais de 75% dos oficiais do Exército não eram confiáveis. Fez uma tentativa de iniciar um imenso expurgo nas forças militares e começou a denunciar "os defensores do capitalismo dentro do Exército", mas teve de recuar quase de imediato. Depois de sacar a maioria dos funcionários civis, não podia se dar ao luxo de criar mais inimigos naquilo que era agora sua única base de poder.

Mao teve de aplacar os militares e jogou-lhes alguns engodos, fingindo não ser o responsável pela tentativa de expurgos. Um desses engodos foi Wang Li, o membro do Pequeno Grupo do episódio de Wuhan. Mao fez dele um bode expiatório. Em 30 de agosto, Wang Li foi preso. Mal se passara um mês de sua recepção na praça Tiananmen, quando fora saudado por 1 milhão de pessoas como o herói de Wuhan, na única ocasião em que os líderes apareceram ali sem Mao. Na verdade, sua fama foi sua ruína. A visão dele em Tiananmen, território reservado de Mao, aborreceu o Grande Timoneiro, que disse que Wang Li "ficou grande demais para suas botas e deve ser reduzido ao seu verdadeiro tamanho".

Expurgar Wang Li, no entanto, não resolvia seus problemas. Ele ainda precisava encontrar uma maneira de garantir que os novos executores de ordens do Exército seriam homens que as cumpririam incondicionalmente. Para selecionar esses homens, dependia de Lin Biao, que teve de fuçar no segundo escalão para encontrá-los. Mao viu então que não tinha alternativa senão permitir que Lin transformasse a liderança do Exército num feudo pessoal, dirigido por seus asseclas e trabalhando com base no que equivalia à lealdade de gangue. Em 17 de agosto de 1967, Mao autorizou Lin a criar um novo organismo chamado "Gabinete Administrativo" para dirigir o exército, composto pela esposa de Liu e de alguns generais que deviam suas carreiras e, às vezes, suas vidas a Lin.

Um representante típico desses generais era Qiu Hui-zuo, o chefe do setor de logística. No início da Revolução Cultural, ele foi denunciado e espancado. Teve uma costela quebrada e ruptura grave dos ligamentos e músculos do ombro. Desmaiou no palco e foi acordado com água fria para sofrer mais espancamento. No momento em que achou que ia morrer, chegou uma ordem de Lin Biao para soltá-lo. Ele escreveu depois ao casal

Lin: "0h40 do dia 25 de janeiro de 1967 foi o momento da minha segunda vida, o momento que eu, minha esposa e meus filhos jamais esqueceremos".

Qiu promoveu uma panelinha pessoal e entregou-se à vingança contra aqueles que o haviam feito sofrer. Somente em seu antigo departamento, 462 subordinados foram presos e torturados; seus menores tormentos incluíam ser forçado a comer pão embebido em excrementos e ser chutado nos genitais. Oito morreram.

Qiu era um exemplo das pessoas que se tornaram totalmente cínicas, por motivos que remontavam a uma época muito anterior à Revolução Cultural e estavam relacionadas com a natureza inescrupulosa do partido desde seus primeiros dias. Na véspera da Longa Marcha, ele e vários outros jovens do Exército Vermelho, inclusive um menino de onze anos, receberam ordens para esconder alguns documentos partidários, que selaram e afundaram em um rio, amarrados a pedras. Quando subiam de volta a margem do rio, viram-se diante do cano das armas de seus camaradas, que haviam sido enviados para eliminá-los, para que não restasse pista. Qiu só sobreviveu graças a uma intervenção do acaso.

Lin permitiu que Qiu e seus outros asseclas levassem a cabo suas vinganças e montassem suas gangues próprias, desde que lhe obedecessem. Mao fez o mesmo com Lin. Durante algum tempo, Mao tentou manter seus homens no Exército e designou um de seus acólitos, o general Yang Cheng-wu, para chefe interino do estado-maior. Mas Lin não queria Yang nas suas costas e acabou conseguindo que Mao o trancafiasse na prisão, em março de 1968. Mao chegou até a suspender o Conselho Militar, a velha autoridade suprema que ele mesmo presidia. Só manteve um veto vital: para deslocar qualquer força acima de batalhão era preciso sua autorização direta.

Lin colocou um acólito chamado Huang Yong-sheng na chefia do estado-maior. Era tão jovem que Mao nem sabia que cara tinha. Conhecido conquistador, logo se tornou amante de Ye Qun, a mulher de Lin. Ela tinha um apetite sexual voraz que encontrava pouca satisfação com o visivelmente impotente marechal, a quem descreveu como "um cadáver congelado". A relação entre ela e o amante fica clara numa conversa telefônica de três horas que foi grampeada.

> *Ye Qun* [*YQ*] Estou muito preocupada que você possa ter problemas por buscar satisfação física. Posso lhe dizer, essa minha vida está ligada a você, vida política e vida pessoal [...] Você não sabe como 101 [codinome de Lin Biao] é em casa? Vivo com seus maus-tratos [...] Posso perceber que

você valoriza os sentimentos [...] O país é grande. Cada um de nossos filhos pode assumir uma posição-chave! Não tenho razão?

Huang Sim, você está absolutamente certa.

YQ [...] Nossos filhos juntos, deve haver cinco deles. Eles serão como cinco generais e irão em frente. Cada um assumirá uma posição-chave e eles podem ser todos seus assistentes.

Huang Ah? Sou tão grato a você!

YQ Tomei aquela medida [sugerindo contraceptivos]. Para evitar de ter e ter de se livrar [sugerindo bebê]. Espero que você venha e me visite logo [som de soluço].

Huang Eu irei! Eu irei! Não fique assim. Isso me deixa muito triste.

YQ Outra coisa: você não deve se restringir a mim. Você pode se divertir. Não tenho mentalidade estreita. Pode ter outras mulheres, e ser quente com elas. Não se preocupe comigo [...]

Huang [...] Sou fiel somente a você.

YQ Se você gosta de outras mulheres, tudo bem. Mas não esqueça de uma coisa. Elas devem ter a boca absolutamente fechada. Se falarem, e se eu for implicada, haverá uma tragédia [...]

Huang [mudo]

YQ Acho que, se a gente cuidar bem da coisa, será bom para você, bom para mim [...] Você acredita nisso?

Huang Claro! Claro! Claro!

Com essa mistura de sentimento pessoal genuíno e cálculo político descarado, o destino do novo chefe do estado-maior estava amarrado ao do casal Lin.

Lin transformou a Aeronáutica na sua principal base. Seu lacaio nessa força fez de "Tigre", o filho de 24 anos de Lin, subchefe de seu departamento de guerra e disse aos subordinados que deveriam "relatar tudo a [Tigre] e receber ordens de [Tigre]". Dodo, a filha de Lin, ocupou o cargo de subeditora do jornal da Aeronáutica.

No verão de 1967, insatisfeito com o Exército, Mao pensou em criar uma espécie de "tropa de assalto", composta por aqueles Rebeldes que chamava de "a Esquerda". Depois do episódio de Wuhan, Mao incitou a Esquerda a atacar outros grupos que chamava de "os Conservadores". Quando fugiu para Xangai, fez a Esquerda de lá atacar o grupo rival. O resultado foi a maior batalha entre facções de Xangai durante a Revolução Cultural, que ocorreu duas semanas depois da chegada de Mao. Naquele 4 de agosto, mais de 100 mil militantes da Esquerda, armados com lanças e barras de ferro, cercaram cerca de 25 mil rivais numa fábrica junto ao mar, com a saída fechada pela Marinha — uma medida militar inconcebível sem uma ordem

de Mao. No final do dia, mais de novecentas pessoas estavam feridas, muitas delas aleijadas e outras agonizantes. Dois helicópteros filmaram a cena — outra coisa impossível sem ordens de Mao — e uma equipe de filmagem se instalara num ponto ideal dois dias antes. Um documentário de duas horas e meia do evento foi mostrado a multidões organizadas. Mao assistiu-o em sua vila. O homem que liderou o ataque, Wang Hong-wen, foi depois promovido ao terceiro posto na ordem do comando nacional. "Vi seu filme", disse-lhe Mao, congratulando-o por "conquistar uma vitória".

No dia da batalha, Mao deu ordens para formar suas "tropas de assalto". "Armar a Esquerda", escreveu para sua esposa, líder do Pequeno Grupo. "Por que não podemos armar a Esquerda? Eles [os Conservadores] batem em nós, podemos bater neles também."

Mas essa ordem para distribuir armas aos civis causou enorme confusão. Enquanto em alguns lugares, como Wuhan, a distinção entre moderados e Esquerda estava bastante clara, em muitos outros até o mais devoto dos seguidores de Mao era incapaz de dizer qual grupo era mais militante, pois todos os grupos competiam para parecer o mais agressivo. Uma situação típica acontecia na província de Anhui, onde os dois blocos opostos rejubilavam-se com os nomes políticos de "Maravilhoso" e "Peido". Como os primeiros chegaram antes aos gabinetes do antigo governo, declararam que haviam tomado o poder dos defensores do capitalismo e proclamaram: "Nossa tomada do poder é maravilhosa". Os outros zombaram: "Maravilhosa? Que monte de peidos!".

Na verdade, nenhum era mais militante do que o outro; ambos competiam para se incorporar na nova estrutura do poder. Sem qualquer critério mais exato do que a mal definida "militância" contra os defensores do capitalismo, as unidades do Exército entregavam armas para a facção que decidissem ser a Esquerda. Outras facções atacavam então os arsenais para obter armas, muitas vezes com a cumplicidade de seus simpatizantes dentro do Exército. Em consequência, as armas tornaram-se amplamente disponíveis. As lutas entre facções transformaram-se em pequenas guerras civis em todo o país, envolvendo quase todas as áreas urbanas. O regime começou a escorregar para algo próximo da anarquia pela primeira vez desde que os comunistas haviam tomado o poder, duas décadas antes.

Mao logo percebeu que sua ideia de "tropas de assalto" não funcionaria em todos os lugares. Assim, enquanto continuou a montar uma força dessas, com

1 milhão de membros, em Xangai, onde tinha controle rígido, em outros lugares teve de revogar seu decreto para "armar a Esquerda" e, em 5 de setembro, ordenou que todas as armas fossem devolvidas. Porém, houve muita relutância em cumprir essa ordem. Mais de um ano depois, Mao disse ao ministro da Defesa da Albânia que 360 mil armas haviam sido coletadas somente em Sichuan (uma província de 70 milhões de habitantes) e muitas mais ainda não haviam sido devolvidas. Com armas em mãos não oficiais, apareceram "bandidos" em regiões remotas.

Mao havia desencadeado uma dinâmica que estava solapando seu poder. Teve de abandonar a tentativa de identificar facções esquerdistas ou conservadoras e deu ordens para que todos os grupos se unissem. Mas elas foram ignoradas. Com a alegação de que estavam esmagando "conservadores", os jovens, principalmente, continuaram a lutar, pois se divertiam mais assim do que em trabalhos entediantes.

As pessoas deixaram de ir trabalhar. A economia foi gravemente afetada. As indústrias bélicas e até o programa nuclear foram perturbados pela primeira vez desde o início da Revolução Cultural. Um elemento de anarquia atacou até mesmo a guarda pretoriana. Um de seus membros deu o cronograma de viagem de Mao a um estudante que se imaginava um detetive e que pôde segui-lo às escondidas. Embora ambos tenham sido presos, um tal lapso na segurança jamais acontecera.

Um ano depois, os choques entre facções com armas de fogo davam poucos sinais de redução, apesar da enxurrada de comandos de Pequim. Um homem que claramente lhes desobedecia era Kuai Da-fu, o estudante da Universidade Qinghua que Mao usara para atormentar Liu Shao-chi e sua esposa. Kuai tornara-se o mais famoso "esquerdista" do país e estava decidido a dobrar seus oponentes na universidade. Ele ignorou repetidas ordens de parar, pois alegava que seus rivais eram "conservadores" e, portanto, alvos legítimos de espancamentos, de acordo com a diretiva inicial de Mao. O Grande Timoneiro teve de intervir pessoalmente para enquadrá-lo e, ao mesmo tempo, fazer dele um exemplo, a fim de mandar uma advertência a todo o país de que as guerras entre facções tinham de acabar.

Em 27 de julho de 1968, 40 mil trabalhadores desarmados foram enviados para a universidade de Kuai com a missão de desarmar seu grupo. Sem saber

que a ordem partia de Mao, Kuai resistiu e seu grupo matou cinco operários e feriu mais de setecentos. No dia seguinte, Kuai foi convocado ao Grande Salão do Povo. Ali, ficou atônito ao ver Mao, tendo ao lado todos os altos líderes. Kuai jogou-se nos braços dele — provavelmente a única vez que alguém de fora fez isso — e caiu em choro incontido. Parece que Mao também chorou, provavelmente de frustração diante de sua incapacidade de harmonizar seus impulsos com suas necessidades práticas. O lado impulsivo queria que os muitos "conservadores" que conhecia fossem espancados até virar suco, mas o lado prático reconhecia que, em nome de seu interesse, tinha de restaurar a ordem. Disse a Kuai e aos outros líderes Rebeldes presentes que a ordem para desarmar a facção de Kuai partira dele e que se eles, ou quem quer que fosse, continuassem a briga, o Exército iria "eliminá-los". Kuai e seus colegas assinaram uma cópia dessa mensagem, que foi divulgada para o público.

Kuai foi mandado para uma fábrica na distante província de Ningxia. Todas as organizações universitárias foram desmanteladas, e os estudantes, postos a trabalhar em empregos comuns, muitos dispersos pelo interior. Essa diáspora foi seguida por outra de mais de 10 milhões de alunos da escola média, que foram distribuídos por aldeias e fazendas estatais de toda a China. Nos anos seguintes, mais de 16 milhões de jovens urbanos foram mandados para o campo — o que era também uma maneira de tratar do desemprego. Isso acabou com a era dos estudantes Guardas Vermelhos.

Mas, entre os grupos de Rebeldes que não eram estudantes, pequenas guerras civis esporádicas ainda aconteciam em muitos lugares. Para acabar com elas, uma conspiração fantasma chamada "os Corpos de 16 de Maio" foi inventada para condenar todos os que desobedecessem às ordens. Kuai, que era nacionalmente famoso, foi transformado em seu "chefe" e detido. No total, um número estarrecedor de 10 milhões de Rebeldes foi colocado sob essa rubrica, dos quais 3,5 milhões foram presos.

O terror de Estado não somente aumentou enormemente o nível da violência, como foi muito mais horrendo do que a luta entre facções. A ilustração mais clara disso aconteceu na província meridional de Guangxi, no verão de 1968. Ali, uma facção recusou-se a reconhecer a autoridade do homem de Mao, o general Wei Guo-qing (que ajudara a comandar a batalha

decisiva contra os franceses em Dien Bien Phu, no Vietnã, em 1954). Wei estava decidido a usar qualquer grau de força para esmagar seus oponentes.

Isso envolvia não apenas o uso de metralhadoras, morteiros e artilharia, mas também a incitação de assassinatos medonhos de grande número de pessoas apontadas pelo regime como "inimigos de classe". Como disse o oficial que chefiava o condado de Binyang aos seus subordinados: "Vou agora revelar o limite mínimo para vocês: nessa campanha, devemos matar cerca de um terço ou um quarto dos inimigos de classe, com cacetes ou apedrejamento". A morte por execução direta não era considerada suficientemente assustadora: "Está bem executar alguns para começar, mas devemos orientar as pessoas a usar punhos, pedras e paus. Somente dessa maneira podemos educar as massas". Depois que a ordem foi dada, no período de onze dias entre 26 de julho e 6 de agosto de 1968, 3681 pessoas desse condado foram espancadas até a morte, muitas delas de forma horripilante; em comparação, o número de mortes nos dois anos anteriores da Revolução Cultural fora de "apenas" 68. Essa rodada de matanças custou cerca de 100 mil vidas na província.

As autoridades encenaram "demonstrações-modelo de assassinar" para mostrar às pessoas como aplicar o máximo de crueldade e, em alguns casos, a polícia supervisionava a matança. Na atmosfera geral de fomento da crueldade, surgiram ataques de canibalismo em muitas regiões da província; o mais conhecido ocorreu no condado de Wuxuan, onde uma investigação oficial após a morte de Mao (em 1983, logo interrompida e com seus resultados suprimidos) revelou uma lista de 76 nomes de vítimas. A prática do canibalismo começava em geral com os "comícios de denúncia" típicos do maoísmo. Logo depois as vítimas eram mortas e escolhiam-se as partes de seus corpos — coração, fígado e, às vezes, pênis — a serem arrancadas, muitas vezes antes de a vítima estar morta. Essas partes eram cozidas ali mesmo, e comidas naquilo que, na época, chamou-se de "banquetes de carne humana".

Guangxi é a região que talvez tenha a paisagem mais pitoresca da China: lindas colinas que sobem e descem, cujos picos, refletidos em águas cristalinas, parecem tão reais como os próprios. Foi nesse cenário de duplas silhuetas celestiais e dos rios mais puros que se realizaram os "banquetes de carne humana".

Um camponês de 86 anos, que, em plena luz do dia, havia aberto o peito

de um menino cujo único crime fora ser filho de um ex-dono de terras, nos mostrou como as pessoas não tinham problemas para encontrar justificativas para suas ações nas palavras de Mao. “Sim, eu o matei”, contou ele depois a um repórter investigativo. “A pessoa que matei é um inimigo [...] Ha, ha! Eu faço revolução e meu coração é vermelho! O presidente Mao não disse: ou os matamos, ou eles nos matam? Você morre e eu vivo, isso é luta de classes!”

As mortes patrocinadas pelo Estado atingiram seu extremo em todas as províncias em 1968. Esse ano foi dominado por uma campanha gigantesca chamada “Separar as Classes”. O objetivo dessa campanha era fazer um inventário de todos os “inimigos de classe” da população inteira e impor-lhes punições variadas, inclusive a execução. Assim, todas as vítimas de antes e durante a Revolução Cultural foram arrastadas e perseguidas de novo. Além disso, o regime decidiu descobrir novos inimigos examinando a história e a conduta de cada adulto da nação e investigando cada suspeita não resolvida. A quantidade de classificações para os párias oficiais chegou a 23 e o número de pessoas perseguidas alcançou muitas dezenas de milhões — mais do que no passado.

Uma testemunha ocular descreveu como o novo chefe da província de Anhui, um general do Exército, tomava decisões sobre execuções. Folheando languidamente uma lista de “contrarrevolucionários” que lhe fora apresentada pela polícia, ele fazia pausas de vez em quando e elevava sua voz numa inflexão oficial típica (arrastando o final de uma frase num tom nasal apertado, como se estivesse entediado): “Vocês ainda estão com este? Podem matá-lo. E esta aqui? Hum — acabem com ela”. Depois perguntou quantas pessoas as províncias vizinhas planejavam executar: “Como está a matança em Jiangsu este mês? E quantos em Zhejiang?”. Ao ser informado, disse: “Vamos tirar a média entre as duas”. As pessoas foram executadas segundo esse critério.

Uma das províncias mais devastadas foi a Mongólia Interior, onde Mao alimentava suspeitas sobre um complô para separá-la e uni-la à Mongólia Exterior e à União Soviética. O general Teng Hai-qing, novo chefe da província, investigou com vigor essa suspeita de Mao, usando a tortura em larga escala. Entre os casos revelados após a morte de Mao, encontrava-se o de uma mulher muçulmana que teve os dentes arrancados com alicate,

depois torceram-lhe o nariz e as orelhas, antes de ser retalhada até a morte. Outra mulher foi estuprada com uma vara (depois suicidou-se). Um homem teve pregos enfiados no crânio. De outro, cortaram a língua e arrancaram os olhos. Outro ainda foi espancado com paus nos órgãos genitais e depois lhe enfiaram pólvora nas narinas e tocaram fogo. Os dados oficiais pós-Mao revelaram que mais de 346 mil pessoas foram condenadas e 16 222 morreram em consequência dessa perseguição. O número de pessoas da província que "sofreram" de alguma forma foi depois oficialmente elevado para mais de 1 milhão — dos quais 75% eram mongóis.

Outra província que sofreu grande trauma foi Yunnan, no sudoeste, onde (de acordo com dados oficiais), somente em um caso fabricado, quase 1,4 milhão de pessoas foram perseguidas pelo novo chefe provincial, o general Tan Fu-ren. Dezessete mil delas foram executadas ou linchadas, ou levadas ao suicídio. Num raro exemplo dramático de como aqueles que governam com a espada podem ser derrubados pela espada, o general Tan foi assassinado a tiros em dezembro de 1970, o que fez dele o oficial de mais alto escalão a morrer dessa forma na China de Mao, onde homicídios desse tipo eram extremamente raros. O assassino foi um oficial do staff do QG chamado Wang Zi-zheng, que, na verdade, não tinha ressentimento pessoal contra o general Tan: era o regime de Mao que ele odiava. Em 1947, ele se envolvera com uma força anticomunista que havia matado um chefe de milícia comunista. Na época, conseguira escapar. Mais de duas décadas depois, sua aldeia natal havia começado a procurá-lo. Embora estivesse a quase 2 mil quilômetros de distância e houvesse mudado seu nome, foi encontrado e detido em abril de 1970. Sabendo qual seria seu provável destino, decidiu que tentaria matar o general Tan, que não somente era a pessoa mais importante na região, como estava fazendo coisas terríveis a Yunnan. Uma noite, escapou da detenção, foi em casa para se despedir da esposa e do filho, roubou duas pistolas e vinte balas do QG, onde estavam trancadas num cofre (como sempre), escalou a casa do general Tan e o matou a tiros. Quando seus perseguidores chegaram, esse raro vingador atirou e feriu dois deles antes de virar a arma contra si mesmo.

No início de 1969, o novo aparato de poder de Mao estava montado. Em

abril, reuniu o IX Congresso do PCC para formalizar seu regime reconstruído. O congresso anterior se realizara em 1956. Embora o estatuto do partido estipulasse que deveria haver um a cada cinco anos, Mao segurou a realização deste por treze anos, até sentir que toda a oposição fora completamente expurgada.

Os novos delegados foram selecionados exclusivamente por sua lealdade a Mao e a medida de fidelidade era o quão cruéis e duros haviam sido com os inimigos dele. Dentro do salão do congresso, onde não havia inimigos, tentaram demonstrar sua lealdade saltando sem parar e gritando slogans como "Viva o presidente Mao!", enquanto este falava. Ele precisou de vinte minutos para ler duas páginas de seu discurso de abertura. Essa farsa era algo que ele não queria de seu alto escalão, que deveria ser uma máquina prática. Aparentemente ficou irritado e encurtou seu discurso. Depois da sessão, mandou a secretaria do congresso baixar regras que proibiam a repetição não prevista de slogans.

O núcleo central da liderança era composto agora por Lin Biao, Chou En-lai e dois chefes do Pequeno Grupo: Chen Bo-da e Kang Sheng. Esse órgão, criado para cuidar da Revolução Cultural, deixou de existir. Madame Mao foi promovida ao Politburo. O mesmo aconteceu com a esposa de Lin Biao e com os muitos asseclas dele, como o chefe do estado-maior (e amante da sra. Lin) Huang Yong-sheng. No Comitê Central, 81% dos membros eram novos e quase a metade deles vinha do Exército, inclusive os generais que haviam comandado as atrocidades em Guangxi, Yunnan e na Mongólia Interior. Lin Biao ganhou o prêmio máximo de ser designado oficialmente segundo em comando e sucessor de Mao na direção do partido, uma insígnia de poder e glória sem precedentes.

Mao havia completado seu Grande Expurgo, embora isso não tenha significado o fim da matança. Nos dez anos que decorreram entre o início do expurgo e a morte de Mao em 1976, pelo menos 3 milhões de pessoas sofreram mortes violentas, e os líderes pós-Mao reconheceram que 100 milhões de pessoas, um nono de toda a população, sofreram de uma forma ou outra. As mortes foram patrocinadas pelo Estado. Somente uma pequena porcentagem aconteceu nas mãos dos Guardas Vermelhos. A maioria foi obra direta do regime reconstruído de Mao.

51. Medo da guerra (1969-71; 75-77 anos)

Mao havia apresentado a Revolução Cultural como uma medida para livrar a China dos "revisionistas" de estilo soviético. Então, quando se preparava para declarar vitória e inaugurar seu regime pós-expurgo no IX Congresso, em abril de 1969, ele procurou um símbolo de triunfo sobre a União Soviética. Pensou então num confronto armado pequeno e controlado com a Rússia, um choque de fronteira.

Muitos conflitos haviam acontecido ao longo dos 7 mil quilômetros de fronteira sino-soviética. Para o local de sua batalha, Mao escolheu uma pequena e desabitada ilha chamada Zhenbao (Damanski, em russo), no rio Ussuri, na fronteira nordeste. Era uma escolha esperta, pois o direito da Rússia à ilha estava longe de estabelecido.

Em 2 de março, usando uma unidade de elite especialmente treinada e equipada, os chineses montaram uma emboscada que deixou 32 russos mortos e entre cinquenta e cem chineses feridos ou mortos. Os soviéticos levaram para o local artilharia pesada e tanques e, na noite de 14 para 15 de março, ocorreu um confronto muito maior, em que eles dispararam mísseis que penetraram vinte quilômetros no território chinês. Cerca de sessenta russos e pelo menos oitocentos chineses foram mortos. Um especialista em fotografia da CIA disse que o lado chinês do Ussuri foi "tão bombardeado pela artilharia soviética que parecia uma 'paisagem lunar'". Os russos estavam obviamente levando a sério o choque.

A ferocidade da retaliação surpreendeu Mao e ele, preocupado, disse ao seu círculo íntimo que havia uma possibilidade de invasão russa. Ordenou então que seu exército parasse imediatamente com a luta e não fizesse nada, mesmo que os russos continuassem a bombardear.

Uma semana depois, a velha linha telefônica direta entre Moscou e Pequim tocou inesperadamente. Era o premiê soviético Alexei Kosíguin, que

pedia para falar com Mao ou Chou En-lai. Na ocasião, China e Rússia quase não tinham contatos diplomáticos havia três anos. O operador recusou-se a completar a ligação, dizendo na quarta tentativa que não podia aceitar uma chamada para o presidente Mao "daquele canalha revisionista Kosíguin". No dia seguinte, os chineses detectaram movimentos de tropas russas perto da ilha em disputa. Mao mandou o Ministério do Exterior informar Moscou que estava "pronto para realizar negociações diplomáticas" — ou seja, que não queria uma guerra. Ele estava especialmente assustado com a possibilidade de um ataque aéreo de surpresa ao IX Congresso, que deveria se iniciar em Pequim dentro de dez dias e ao qual não tinha alternativa senão comparecer.

Assim, o congresso se reuniu em condições de sigilo extraordinárias, mesmo para os padrões ultrassecretos do regime. O evento só foi anunciado depois que havia terminado e os 2 mil delegados e auxiliares ficaram presos nos hotéis com as cortinas fechadas e proibidos de abrir as janelas que davam para as ruas. Em vez de serem levados direto do hotel para o Grande Salão do Povo, os delegados tiveram de dar voltas de ônibus pela cidade, antes de serem entregues ao local do congresso sub-repticiamente, aos poucos. No dia da abertura, 1º de abril, quando Mao deveria comparecer, tomaram providências para que o salão tivesse a aparência de que nada estava acontecendo. Cortinas espessas escondiam o fato de que as luzes estavam acesas (a sessão só começou às cinco da tarde) e que o prédio estava cheio de gente.

Mao tinha motivos para estar alarmado. Alguns meses antes, em 13 de agosto de 1969, os russos haviam atacado milhares de quilômetros a oeste, na fronteira entre o Casaquistão e Xinjiang, onde tinham vantagens logísticas avassaladoras. Dezenas de tanques e veículos blindados russos entraram na China, cercando e destruindo tropas chinesas.

Mao não tinha defesas eficazes contra os tanques russos, caso decidissem atacar Pequim. Sempre confiara no tamanho da China e de sua população como garantia contra quem quisesse invadir. Mas desde que Malinovski sondara seus companheiros sobre livrar-se dele, no final de 1964, a ideia de uma investida rápida dos russos contra sua capital, em coordenação com seus oponentes internos, não saíra da sua cabeça. Ele havia emitido uma ordem: "Elevem montanhas, caso elas não existam", e havia gastado uma fortuna em

dinheiro e trabalho construindo "montanhas" para bloquear os tanques russos. Cada uma delas deveria ter entre vinte e quarenta metros de altura, entre 250 e quatrocentos metros de comprimento e entre 120 e 220 metros de largura. Terra e pedra vieram de longe e elaboradas obras de defesa foram feitas no seu interior, antes que o projeto fosse abandonado, alguns anos depois. Todos os que viram essas "montanhas" (entre eles, o ex-secretário de Defesa americano e ex-diretor da CIA James Schlesinger) concluíram que eram totalmente inúteis.

Mao preocupava-se também com um ataque nuclear contra suas instalações atômicas. Na verdade, Moscou pensou nessa operação e chegou até a sondar Washington. Mao ficou tão nervoso que rompeu sua regra de evitar todo contato com o Kremlin e concordou que Kosíguin fizesse uma escala em Pequim, em setembro de 1969, na sua viagem de volta do funeral de Ho Chi Minh, em Hanói. O primeiro-ministro soviético ficou confinado ao aeroporto, onde Chou En-lai o encontrou no saguão. A primeira questão que Chou levantou foi sobre um ataque russo, mas não conseguiu extrair um compromisso de Kosíguin de que a União Soviética não atacaria a China. Uma semana depois, quando Chou escreveu para pedir a Kosíguin que confirmasse que os dois países haviam concordado em não lançar um ataque nuclear um sobre o outro, Moscou recusou-se a confirmar o "entendimento" de Chou.

Entrementes, um jornal de Londres publicou um artigo de um jornalista russo ligado à KGB chamado Victor Louis (que fora recentemente o primeiro emissário de Moscou a Taiwan). Louis dizia que o Kremlin estava discutindo o bombardeio do sítio de testes nucleares da China, *e* planejando estabelecer uma "liderança alternativa" para o PCC.

Mao estava realmente amedrontado. Ele concordara que uma delegação russa fosse a Pequim para negociações sobre a disputa de fronteira. Isso tornou-se também uma fonte de ansiedade. A delegação deveria chegar em 18 de outubro. Mao e seus asseclas temiam que o avião russo pudesse carregar bombas atômicas, em vez de negociadores. Então, ele e Lin Biao saíram da capital para o sul: Mao para Wuhan, no dia 15, e Lin para Suzhou, no dia 17. No dia seguinte, o marechal deixou de fazer sua sagrada sesta para acompanhar o trajeto do avião russo e só foi descansar depois que os russos pousaram.

Pouco antes da chegada deles, Chou En-lai saiu de súbito de sua residência em Zhongnanhai e foi para os abrigos nucleares nas Colinas Ocidentais, onde ficou até fevereiro de 1970. Madame Mao também se escondeu lá, muito provavelmente para ficar de olho em Chou.

Esse medo da guerra durou quase quatro meses. Todo o Exército foi posto em alerta vermelho, o que envolvia 4100 aviões, seiscentos navios e 940 mil soldados. Retomou-se o treinamento militar sério, que estava, em larga medida, suspenso desde o início da Revolução Cultural.

Zhongnanhai foi escavada para fazer um abrigo gigantesco, ligado por túneis largos o suficiente para a passagem de quatro carros lado a lado, que conectavam Tiananmen, o Grande Salão do Povo, o Hospital 305 (construído especialmente para Mao e os líderes mais graduados, com todos os requisitos de segurança, embora ele jamais tenha posto os pés ali), a residência de Lin Biao e o QG militar subterrâneo secreto, nas Colinas Ocidentais. Dezenas de milhões de civis foram convocados para construir abrigos subterrâneos e túneis em todas as cidades, a um custo devastador. Todo esse pavor, deflagrado por um erro de cálculo de Mao, custou caríssimo à China.

No final, o temor não passou de temor, o que restaurou a confiança de Mao em sua velha crença de que nenhum país, inclusive a Rússia, desejaria realmente invadir a China. Para reforçar essa certeza, decidiu apaziguar os russos. Na comemoração do Dia do Trabalho de 1970, fez questão de cumprimentar o principal delegado soviético às conversações sobre fronteira, que estava presente na praça Tiananmen, e lhe disse que queria ser um "vizinho amistoso" da União Soviética, e que não queria guerra. As relações foram restauradas em nível de embaixada e um novo embaixador soviético chegou a Pequim em outubro, o que tornava um ataque russo ainda menos provável.

* * *

Embora confiante em que não haveria guerra, Mao continuou com a propaganda do medo na China, pois achava que a atmosfera de guerra era vantajosa para o Programa de Superpotência.

Tornar-se uma superpotência continuava a ser o sonho mais caro de Mao. Em parte, foi por isso que realizou o expurgo: para instalar novos executores

de ordens que estivessem mais afinados com suas exigências. Depois que o processo se completou, ele começou a acelerar o programa. Para tanto, em agosto de 1970, abriu uma plenária em Lushan, a montanha das nuvens voláteis, onde o Comitê Central se reunira duas vezes antes, em 1959 e 1961, ambas as ocasiões com o mesmo objetivo de fazer avançar o programa, resultando em quase 38 milhões de mortes de fome e excesso de trabalho.

Nas duas ocasiões, Mao encontrara considerável resistência. Dessa vez, seus novos dirigentes mostraram poucos escrúpulos para obedecer a ele, embora seus últimos planos implicassem em investir no programa nuclear para o quinquênio 1971-75 tanto quanto fora gasto nos quinze anos anteriores. Estávamos numa época em que a renda per capita da China era menor do que a da miserável Somália, e a ingestão de calorias, menor do que no regime nacionalista, em 1930. Mas Mao não encontrou oposição. Na verdade, Lin Biao e seus acólitos defenderam que a questão de se o país podia ou não suportar aquele nível de gasto não tinha importância. O novo chefão de Jiangxi, general Cheng Shi-qing, ofereceu-se para entregar anualmente sete vezes mais alimentos do que a província vinha contribuindo, quando o povo de Jiangxi já estava na margem da sobrevivência. Os novos feitores estavam dispostos a coagir a população de uma forma ainda mais violenta.

Mao estava satisfeito. Ao subir a montanha depois de atravessar a planície quente, ansiava por uma nadada. Assim que chegou, tirou a roupa e mergulhou na represa, ignorando a advertência dos guarda-costas de que a água estava muito fria e que ele suara muito. Rindo e fazendo graça, ele nadou por quase uma hora numa água que fez os jovens ao redor dele tiritar. Aos 76 anos, estava em excelente forma. Seu apetite impressionou seu *chef* e sua governanta. Ainda tinha energia ilimitada.

Mas, naquele momento, os eventos tomaram um rumo inesperado. Mao e Lin divergiram. A estrutura pós-expurgo começou a se desfazer.

52. A desavença com Lin Biao (1970-71; 76-77 anos)

Até agosto de 1970, a parceria Mao-Lin funcionou extremamente bem. Nos quatro anos anteriores, Lin havia fornecido o suporte do Exército que Mao precisava para expurgar o partido e reconstruir seu regime. E Mao fizera o máximo para satisfazer a sede de poder de Lin Biao: entregara o Exército nas mãos dele e o nomeara oficialmente seu sucessor na direção do partido. Sua esposa fora posta para dentro do Politburo (onde só havia um outro membro do sexo feminino, madame Mao), rompendo assim um antigo tabu contra a promoção de esposas. Mao até tolerou um miniculto de Lin. Todos os dias, quando vinha a cantilena: "Que o Grande Timoneiro [etc.] presidente Mao viva para sempre!", acompanhada de acenos com o Pequeno Livro Vermelho, a homenagem continuava com: "Que o vice-presidente Lin tenha muita saúde, e saúde para sempre!".

Em Lushan, no entanto, Mao percebeu que deixara Lin ficar muito poderoso e que isso representava agora uma ameaça para ele. Tudo começou com uma disputa aparentemente inócua sobre a presidência do país, posto que havia sido ocupado por Liu Shao-chi. Mao queria abolir o cargo. Lin insistiu em que deveria continuar a existir e que Mao deveria ser o presidente. O motivo da teimosia de Lin era que ele queria ser vice-presidente, o que o poria formalmente na segunda posição mais importante da hierarquia do Estado. Entre os cinco que ocupavam o topo do escalão do partido (Mao, Lin, Chou, Kang Sheng e Chen Bo-da), quatro apoiaram Lin e Mao ficou sozinho. Tratava-se de um notável sinal do poder de Lin, pois mostrava que, para os colegas de poder de Mao, os interesses do marechal estavam acima dos desejos do presidente.

Mao ficou ainda mais furioso quando Lin anunciou sua proposta ao conclave, em 23 de agosto, sem antes resolver a questão com ele. Logo depois do discurso de Lin, Wang Dong-xing, comandante da guarda

pretoriana, o apoiou, exigindo com palavras entusiasmadas que Mao se tornasse presidente *e Lin vice-presidente* — embora ele também soubesse que isso contrariava frontalmente a vontade de Mao. O homem a quem Mao confiava sua vida também punha o desejo de Lin acima do seu.

Wang agiu assim porque percebia que a proteção de Lin era essencial. Ele vira o destino de seu predecessor, Luo, o Alto, que havia sido o mais íntimo possível de Mao, mas que fora sacrificado quando Lin o exigira. E agora ele via que Mao estava fazendo outro sacrifício semelhante: acabara de endossar o pedido de Lin de condenar Zhang Chun-qiao, sétimo na hierarquia do partido e homem de confiança de Mao.

Zhang, de 53 anos, era um funcionário de escalão médio em Xangai quando chamou a atenção de Mao por sua capacidade de fabricar artigos que revestiam as façanhas de Mao com trajes marxistas. No início da Revolução Cultural, Mao o havia içado para o topo a fim de executar a tarefa crucial de embrulhar o Grande Expurgo com fraseologia ideológica. Em larga medida, Zhang foi a pessoa responsável pelos textos que fizeram muitas pessoas na China e no exterior cultivar ilusões a respeito da verdadeira natureza da Revolução Cultural.

Era um homem reticente e reservado, cujo rosto seus colegas julgavam difícil de decifrar. Fora apelidado de "Cobra" por Lin e seus asseclas, em parte porque usava óculos e também devido às suas qualidades serpentinas. Lin Biao odiava-o porque não fazia parte de sua panelinha e porque Mao, sempre disposto a semear a discórdia entre seus subalternos, lhe dissera que o Cobra poderia sucedê-lo um dia, quando ele estivesse velho. Durante algum tempo, Lin tentou minar a posição de Zhang, difamando-o para Mao. Pouco antes de fazer seu discurso em Lushan, Lin disse a Mao que pretendia condenar o Cobra e recebeu luz verde com um aceno de cabeça. Após o discurso, que foi violento, outros participantes se manifestaram e exigiram, com a linguagem brutal da época, que o Cobra fosse "submetido à morte dos mil cortes".

A lição estava clara: por mais importante e próxima que uma pessoa fosse de Mao, ela precisava ter a bênção de Lin para sobreviver. Apenas a proteção de Mao não era suficiente. Tratava-se de uma enorme alteração no poder. Mao ficou abalado com a ideia de que a proteção de Lin era agora mais fundamental do que a sua.

Decidiu de imediato demonstrar que Lin não era onipotente. Vetou

qualquer possibilidade de haver uma presidência e mandou parar os ataques ao Cobra e qualquer outra discussão do discurso de Lin. Tratou de mostrar enorme desagrado em relação a Lin e depois condenou seu velho secretário Chen Bo-da, o quinto na hierarquia do partido, que se tornara íntimo demais de Lin. Como era costume nesses casos, Chen foi posto em prisão domiciliar e depois jogado no calabouço — uma experiência que descreveu como ser "atingido na cabeça por uma bomba atômica".

Mao pediu que Lin fizesse autocrítica diante do alto escalão e dissesse que havia sido "enganado" por Chen. Lin recusou-se. Até então, graças a sua relação especial com Mao, sempre havia evitado se submeter a esse ritual humilhante. Embora Mao tenha insistido, ele não arredou pé. Estava armado o impasse. Após quatro décadas, a relação Mao-Lin começou a se desfazer.

Após a plenária de Lushan, que terminou de forma inconcludente em 6 de setembro, Mao tomou medidas para reduzir o poder de Lin — e também para garantir sua segurança pessoal. Convocou generais de confiança que não faziam parte da panelinha de Lin para assumir o comando militar de Pequim e inseri-los na liderança do Exército. Também fez uma limpeza em casa, dispensando algumas de suas namoradas favoritas que vinham da trupe de canto e dança da Aeronáutica, um serviço de alcovitagem para Mao, que tinham ligações com Lin.

Teve de avançar com cautela para não fazer com que Lin se sentisse pessoalmente ameaçado. Não podia se dar ao luxo de romper com ele em definitivo. O regime inteiro estava praticamente nas mãos de gente selecionada por Lin e sua rede pessoal. Mao queria neutralizá-lo o máximo possível, sem expurgá-lo. As maquinações intermináveis necessárias para isso esgotaram suas energias e naquele inverno ele teve pneumonia. Foi então, aos 77 anos, que a velhice o atacou de súbito e ele, que gozava de saúde extraordinária, começou a ser assediado pelas doenças.

Enquanto isso, Lin Biao continuava a se recusar a fazer a auto-humilhação que Mao exigia. Sempre solitário, tornou-se ainda mais recluso e passava a maior parte do tempo caminhando em sua sala e, às vezes, via filmes de guerra. Ditou uma carta para Mao em que deixava claro que, caso fosse expurgado, ele teria de mudar todo o pessoal da máquina partidária que Lin havia instalado; os únicos substitutos possíveis seriam os velhos quadros do

partido e isso significaria repudiar a Revolução Cultural. Mas, a pedido de sua mulher, não mandou a carta. Mao não toleraria ser ameaçado dessa maneira.

Uma opção mais realista para Lin seria fugir, como adversários anteriores de Mao haviam feito: Chang Kuo-tao para os nacionalistas, na década de 1930, e Wang Ming para Moscou, nos anos 1950. Com seu controle sobre a Força Aérea, Lin poderia fugir para o exterior. A escolha óbvia era a Rússia. Ele passara mais de quatro anos naquele país e sua mulher falava um russo razoável, pois fora amante de um oficial russo. Mas um sinal da desconfiança de Lin Biao nos regimes comunistas era que sua primeira opção para a fuga apontava para a colônia britânica de Hong Kong.

O plano de Lin era voar primeiro para Cantão, que fica próxima de Hong Kong e onde os militares lhe eram excepcionalmente devotados. Para garantir essa rota de fuga, confiou em seu filho único Li-guo, que chamava de "Tigre" e que estava com vinte e tantos anos. Em novembro de 1970, logo depois do rompimento de Lushan, Tigre começou a encontrar pessoas das Forças Armadas de Cantão. Seus amigos íntimos fizeram frequentes visitas secretas a Cantão, obtiveram armas pequenas, rádios e carros e aprenderam a pilotar helicópteros. Durante todas essas amplas atividades, ninguém traiu o filho de Lin, que inspirava fidelidade.

Tigre estudava física na Universidade de Pequim quando começou a Revolução Cultural. Numa atitude incomum para um jovem de sua formação, só entrou para os Guardas Vermelhos com muita relutância e logo saiu, por não ter inclinação para a violência e para perseguir pessoas. Parecia um sujeito decente. Era uma espécie de playboy e teve muitas namoradas. Seus pais o adoravam e sua mãe mandara agentes percorrer toda a China em busca da jovem mais bonita para ser sua esposa. Tigre escolheu uma noiva sexy, ao mesmo tempo inteligente e excêntrica. Com ela, escutava rock ocidental, que adorava, e lhe declarou: "Haverá um dia em que deixarei os chineses saberem que existe uma música tão maravilhosa no mundo!".

Desfrutar música ocidental era apenas um dos muitos privilégios de Tigre por ser filho de Lin Biao. Outro era ter acesso a revistas científicas estrangeiras, que ele devorava, muitas vezes expressando admiração pelos avanços que ocorriam no Ocidente (era um ávido inventor de equipamentos militares, com algumas ideias eficazes próprias). Mas, sobretudo, tinha acesso a alguns documentos altamente secretos e, por isso, estava muitíssimo bem

informado.

Tigre passou a ser um crítico agudo da tirania de Mao. Em março de 1971, ele e três amigos puseram suas ideias no papel:

- Altos dirigentes sentem raiva, mas não ousam falar;
- Os camponeses carecem de comida e roupas;
- Jovens instruídos mandados para o interior: campos de trabalho forçado disfarçados;
- Os Guardas Vermelhos foram enganados e usados no início [...] como bucha de canhão [e depois] bodes expiatórios [...];
- Os salários [...] dos trabalhadores foram congelados: exploração disfarçada.

Essas palavras faziam parte de um documento intitulado "Esboço de Projeto 571". Tigre escolheu esse nome porque "571" — *wu-qi-yi* — tem a mesma pronúncia em chinês de "levante armado", e um golpe era o que seus amigos tinham em mente. O Esboço era uma acusação cortante a Mao e descrevia a China de seu regime como "Estado rico, povo pobre", que eles queriam mudar para "povo rico e Estado poderoso". Seu objetivo era "dar ao povo comida e roupa suficiente e uma vida pacífica" — a antítese dos objetivos de Mao.

Descreviam Mao como "o maior promotor da violência", que "joga [...] pessoas contra pessoas", "um paranoico e sádico" e "o maior tirano feudal da história chinesa". Acusavam-no de "transformar a máquina estatal chinesa num moedor de carne, massacrando e esmagando pessoas". Essas observações eram realmente notáveis para a época. Tigre apelidou Mao de "B-52", em referência ao bombardeiro americano, pois Mao, nas suas palavras, tinha um grande estômago cheio de pensamentos maus, e cada um deles parecia uma bomba poderosa que mataria pilhas de gente. A atitude de Tigre em relação a Mao era completamente diferente daquela dos seus oponentes da velha guarda. Ele compreendia bem Mao, que considerava malévolo e inadequado para dirigir o país. Também percebia que, com ele, nenhum diálogo ou compromisso era possível. Nesse sentido, foi a coisa mais parecida com Claus von Stauffenberg, o oficial alemão que tentou matar Hitler em 1944, que a China produziu.

Tigre e seus amigos começaram a falar sobre assassinar Mao quando ele viu que o Timoneiro estava atrás de seus pais. Os amigos discutiram muitas ideias, mas todas em termos muito gerais, como "usar gás venenoso, armas bacteriológicas, bombas", e não há indício de que tenham chegado a

preparar alguma coisa semelhante. Mao mantinha as regras mais rígidas sobre armas e movimentos de tropas, e uma segurança fenomenal. Além disso, como o próprio grupo de Tigre observou, "a fé cega das massas em B-52 é muito profunda" (graças, em parte e ironicamente, ao pai dele) e, assim, eles não ousaram revelar seu projeto à maioria de seus amigos, ou aos principais acólitos de Lin, no topo da hierarquia militar. Tigre deixou uma cópia com seus pais, mas Lin foi evasivo.

Em março de 1971, cerca de sete meses depois da rixa com Lin em Lushan, Mao decidiu convocar uma conferência de uns cem membros da elite para ouvir a autocrítica da esposa de Lin e de seus asseclas no alto-comando do Exército. Mao mandou Chou En-lai em pessoa pedir a Lin, em termos extraordinariamente fortes, para aparecer e "dizer algumas palavras". Lin recusou-se. Isso foi uma grande afronta à autoridade de Mao e ele ficou furioso. Instruiu Chou a fazer uma denúncia violenta de Lin em 29 de abril (embora sem mencionar seu nome), dizendo que a liderança do Exército vinha "seguindo uma linha política errada".

Furioso, Lin retaliou. Dois dias depois era o Dia do Trabalho, quando a liderança se reunia tradicionalmente no portão de Tiananmen. O protocolo era muito importante no mundo comunista e qualquer ausência podia ser interpretada como discórdia no alto escalão. À noite, porém, não havia sinal de Lin. Chou olhava com ansiedade para o assento vazio diante de Mao e do príncipe Norodom Sihanouk, do Camboja, ao lado da esposa do ilustre visitante, enquanto telefonemas frenéticos eram dados para a casa de Lin. Finalmente, Lin surgiu, com aparência abatida, muito depois que a exibição de fogos de artifício havia começado.

O fotógrafo oficial Du descreveu a cena para nós:

> Quando vi Lin Biao sentando-se, bati uma foto. Não pretendia de forma alguma que ela fosse publicada. Queria esperar que [Mao e Lin] começassem a falar [...] Mas eles nem se olharam [...] Então, Lin Biao levantou-se e saiu. Achei que ele havia ido ao toalete, mas passou-se meia hora e ele ainda não havia voltado. Eu me perguntei como o vice-presidente Lin demorava tanto no toalete. Na verdade, ele fora embora. Ficamos todos estupefatos. Assim que terminou o espetáculo, o premiê Chou me perguntou: "Você tirou uma foto do vice-presidente Lin?" [...] Eu disse: "Uma". Ele disse: "E filme e televisão?". Respondi que não sabia. O premiê mandou chamar as equipes e passou-lhes uma descompostura que aqueles caras lembram até hoje como se tivesse sido ontem.

Lin havia ficado menos de um minuto e não cumprimentara ninguém, nem mesmo o casal visitante nem Mao.

Ele sabia que Mao não o perdoaria por isso. Após esse episódio, Tigre foi a Cantão a fim de verificar a rota de fuga para Hong Kong. Foi até Lowu, a principal travessia para a colônia inglesa, chegando tão perto da fronteira que seus acompanhantes ficaram preocupados, achando que a polícia de Hong Kong poderia abrir fogo.

Lin voltaria a desafiar Mao em junho, quando Nicolae Ceausescu e esposa, o casal de tiranos da Romênia, visitaram Pequim. Lin recusou-se a comparecer a uma reunião com eles, alegando que estava "suando", e sua mulher teve de implorar de joelhos para que ele fosse ao encontro. Lin apareceu finalmente, mas deixou a sala depois que Mao lhe deu algumas alfinetadas e sentou-se do lado de fora, encurvado e com a cabeça baixa. Pouco depois, Tigre fez outro reconhecimento da fronteira com Hong Kong, de helicóptero.

Em meados de agosto, um ano após Lushan, Mao estava pronto para expurgar Lin. No dia 14, partiu de Pequim para preparar os líderes provinciais. Precisava ter certeza de que esses homens, em sua maioria designados por Lin, não ficariam do lado dele num confronto final. Durante essa excursão, Mao fez repetidas observações negativas sobre Lin, como: "Ele quer dividir o partido e mal pode esperar para tomar o poder". Embora dissesse aos interlocutores que não contassem a Lin o que ele falara, alguns dos seguidores de Lin lhe desobedeceram. Suas palavras chegaram aos ouvidos do casal Lin no balneário marinho de Beidaihe, a leste de Pequim, em 6 de setembro. A vila de Lin ocupava uma colina inteira, bem protegida do mar por uma vegetação luxuriante, pois ele não suportava a visão da água, embora gostasse do ar marinho. Por vários quilômetros em volta, não havia uma única alma, exceto guardas e assessores.

Lin, sua esposa e Tigre decidiram fugir logo. Planejaram partir do aeroporto vizinho de Shanhaiguan, onde a Grande Muralha encontra o mar. Tigre foi a Pequim no dia 8 para conseguir aviões para a fuga. Levou com ele um bilhete manuscrito do pai: "Por favor, sigam as ordens transmitidas pelos camaradas Li-guo [Tigre] e Yu-chi [o amigo mais íntimo de Tigre]. [Assinado] Lin Biao 8 de setembro". O homem encarregado de despachar aviões no aeroporto militar de Pequim concordou em contornar os canais regulares para ceder os aviões a Tigre.

Mas Tigre não queria fugir sem primeiro fazer uma tentativa de assassinar Mao. Naquele momento, ele estava na região de Xangai, onde oficiais leais a Lin detinham postos-chave e tinham até um papel na segurança externa de Mao. Parece que, na última hora, Lin Biao havia concordado com a tentativa de Tigre. Sua esposa era totalmente a favor. Quando deu um beijo de despedida em sua noiva, em Beidaihe, Tigre disse: "Caso aconteça alguma coisa comigo, você não sabe de nada; não vou incriminá-la".

Em Pequim, Tigre pediu ao subchefe do estado-maior da Aeronáutica, Wang Fei, que montasse um ataque ao recinto onde madame Mao e seu séquito estavam morando, a Vila de Pesca Imperial. Tigre contou-lhe que uma ação simultânea ocorreria "no sul", onde Mao estava. Wang Fei era um bom amigo, mas sua resposta foi desapontadora. Ele não achava que pudesse persuadir qualquer soldado a fazer o que Tigre lhe pedia. De qualquer modo, suas tropas não tinham permissão para andar armadas em Pequim.

Em seguida, Tigre encontrou-se com um oficial graduado da Força Aérea chamado Jiang Teng-jiao, o mais jovem general da China e que, por várias razões, odiava Mao. Tigre pediu-lhe para tentar matar Mao enquanto ele ainda estava perto de Xangai. Jiang concordou e os dois discutiram várias ideias. Uma delas era atacar o trem de Mao com lança-chamas e bazucas; outra era jogar-lhe granadas; uma terceira era que o chefe militar de Xangai, homem de confiança de Lin, atirasse em Mao dentro do trem. A quarta era um bombardeio aéreo do trem. Mas o homem que contataram para jogar as bombas, um ás da Guerra da Coreia, respondeu que não havia bombardeiro disponível. Ele ficou com medo e pediu à esposa, que era médica, para esfregar água salgada e aureomicina velha em seus olhos a fim de que ficassem inchados, e assim foi hospitalizado. As outras ideias também se revelaram inviáveis, pois era impossível chegar com poder de fogo letal perto do trem blindado e fortemente guardado de Mao.

Nos dias seguintes, continuaram as discussões tensas. "Eu simplesmente não consigo mais tolerá-lo!", gritava Tigre, de punhos cerrados. "O.k., o peixe morre, mas rompe a rede!", disse, indicando que estava disposto a um ataque suicida, se isso fosse necessário para derrubar o regime de Mao.

Com as ideias se esgotando, no dia 10 Tigre mandou que um amigo fosse a Beidaihe e instasse seu pai a escrever uma carta ao chefe do estado-maior Huang Yong-sheng, pedindo que cooperasse com Tigre. Lin escreveu a carta, mas ela não foi entregue. Os conspiradores não podiam confiar em que

Huang não os trairia.

Também era tarde demais. No dia seguinte, chegou a notícia de que Mao havia partido de Xangai de trem. Vários amigos de Tigre se ofereceram para pilotar helicópteros e fazer um ataque suicida a Mao no portão de Tiananmen, no dia da Pátria, 1º de outubro. Tigre vetou a ideia, com lágrimas nos olhos. Ele não havia previsto qualquer ação daquela magnitude.

Todos os planos de assassinato foram abortados e Tigre decidiu voltar à ideia de fugir para Cantão e depois para Hong Kong. Na noite de 12 de setembro, voltou a Beidaihe no avião de Lin, um Trident, e pretendia partir com a família na manhã seguinte.

Mao havia retornado a Pequim no final daquela tarde, sem ter a menor ideia de que uma trama para assassiná-lo estivera em marcha. Seu trem parou nos arredores da capital, numa estação chamada Fengtai, onde recebeu informações de rotina de seus novos comandantes de Pequim. A reunião começou com um relatório sobre a visita de uma delegação do Exército à Albânia. De volta a Zhongnanhai, tudo se parecia com o final de qualquer outra viagem. Os chefes da segurança de Mao e o chefe de seus guardas, que viviam nas cercanias do recinto, foram para casa. Alguns deles tomaram comprimidos para dormir. Mao também foi dormir.

No momento em que Mao foi para a cama, os Lin preparavam-se para levantar acampamento. Tigre chegara em Beidaihe por volta das nove da noite e repassou os planos com seus pais. Disseram ao staff que partiriam às seis da manhã para Dalian, um porto próximo, que era um antigo retiro da família e, portanto, não despertava suspeitas. Então, num gesto fatal, Tigre disse a sua irmã Dodo que estivesse pronta para partir pela manhã.

Dois anos mais velha que Tigre, Dodo era uma jovem que sofrera lavagem cerebral. Seus pais não queriam que ela participasse dos planos de fuga, pois poderia denunciá-los. Mas Tigre estava preocupado com o que poderia acontecer a ela depois que fugissem e lhe revelara parte do plano dias antes. Como os pais haviam previsto, ela ficou apavorada. Ao contrário do irmão, Dodo era um produto do medo e da lógica torta da China de Mao. Para ela, tentar fugir para o exterior era deserção e, portanto, traição, ainda que soubesse que seu pai doente, que ela amava, provavelmente não sobreviveria muito tempo na prisão de Mao. Quando Tigre lhe disse que partiriam na

manhã seguinte, ela contou o plano para os guardas pretorianos que estavam estacionados num prédio separado, na entrada do recinto. Essa denúncia condenou sua família.

Os guardas telefonaram a Chou En-lai, que começou a verificar os movimentos dos aviões, em particular do Trident de Lin. Os amigos de Tigre avisaram-no de imediato que Chou estava fazendo perguntas e Lin Biao decidiu partir na mesma hora, em vez de esperar até a manhã seguinte. Decidiu também não ir para Cantão, mas para a Rússia, via a Mongólia Exterior, pois essa rota significaria muito menos tempo no espaço aéreo chinês: pouco mais de uma hora.

Tigre avisou seus amigos sobre a mudança de rota e telefonou ao capitão do Trident para que aprontasse o avião. Sem saber que a investigação de Chou fora deflagrada pela traição da irmã, Tigre disse a Dodo que iam partir imediatamente. Ela voltou para os guardas pretorianos e ficou no posto deles.

Por volta de 11h50 da noite, Lin Biao, madame Lin, Tigre e um amigo seu partiram para o aeroporto, acompanhados pelo mordomo de Lin. Na saída da propriedade, os guardas pretorianos tentaram detê-los. Nesse ponto, o mordomo desconfiou que eles iam fugir do país. Pensando no que aconteceria com sua família se passasse a ser um desertor, gritou "pare o carro!" e saltou fora. Seguiram-se tiros e um deles atingiu seu braço. O tiro veio de Tigre, disse o mordomo; alguns sugerem que ele mesmo se feriu, para se proteger.

Os guardas pretorianos começaram uma perseguição em vários veículos. Cerca de meia hora depois, o carro da família Lin freou ao lado do Trident, no aeroporto de Shanhaiguan, com um jipe perseguidor a apenas duzentos metros de distância. A sra. Lin disse que ele estava em perigo e gritou: "Estamos partindo!". Tigre estava com uma pistola na mão. O grupo subiu freneticamente pela pequena escada até a cabine do piloto.

O Trident decolou às pressas às 0h32, levando os três membros da família Lin, o amigo de Tigre e o motorista de Lin. Da tripulação de nove homens, somente quatro — o capitão e três mecânicos — tiveram tempo de embarcar. Os mecânicos haviam acabado de aprontar o avião para a decolagem e estavam começando a reabastecê-lo quando a esposa de Lin gritou para que afastassem o caminhão-tanque. Em consequência, o avião tinha apenas 12,5 toneladas de gasolina, o suficiente para duas a três horas de voo, dependendo

da altitude e da velocidade.

Eles tiveram de voar baixo na maior parte do tempo para evitar os radares, e isso gastou mais combustível. Duas horas depois, sobrevoando as pastagens da Mongólia, eles teriam apenas cerca de 2,5 toneladas de combustível — e o indicador de gasolina já estaria piscando havia algum tempo. Às 2h30 do dia 13 de setembro de 1971, o avião caiu numa bacia plana e explodiu ao bater no chão, matando todas as nove pessoas a bordo.

Mao, que estava fortemente sedado, foi acordado por Chou logo depois que o avião de Lin decolou. Ele ficou em seu quarto, um dos antigos vestiários da piscina de Zhongnanhai. O telefone mais próximo ficava na outra extremidade da piscina de cinquenta metros. Quando as pessoas que estavam monitorando o avião de Lin ligaram, o chefe da guarda, Wang Dong-xing (que Mao havia perdoado por apoiar Lin um ano antes em Lushan), correu ao telefone, depois até Mao, depois de volta ao aparelho. O avião só atravessou a fronteira da Mongólia à 1h50: Mao teve uma hora para agir.

Parece que só lhe apresentaram uma opção, se quisesse atacar: interceptação por aviões de caça. Aparentemente, a China não tinha mísseis terra-ar em condições de uso. Mao vetou a interceptação.[a] A razão não dita era que ele não podia confiar na Força Aérea, que estava cheia de homens de Lin. Mao mandou que todos os aviões da China ficassem no solo, enquanto o Exército ocupava todos os aeroportos e bloqueava as pistas, para evitar que outros aviões decolassem. Os únicos que tiveram permissão para voar foram oito caças muito monitorados, enviados para forçar a aterrissar um helicóptero que levava três amigos de Tigre. Quando foram trazidos para os arredores de Pequim, os três concordaram em se matar a tiros. Dois o fizeram. O terceiro, que havia dito que sua última bala estava "reservada para B-52", vacilou no último momento e atirou para o alto.

Mao foi removido para a Suíte 118, no Grande Salão, onde havia um elevador que conduzia ao abrigo antinuclear e ao túnel para as Colinas Ocidentais. Disseram a seus criados que ficassem prontos para a guerra; seus guardas entraram em alerta máximo e começaram a cavar trincheiras em torno das residências de Mao. O chefe dos guardas de Mao por 27 anos disse que nunca havia visto Mao tão tenso, tão exausto e tão furioso.

Ele ficou sem dormir e derrubado até a tarde de 14 de setembro, quando chegou a notícia de que o avião de Lin havia caído na Mongólia. Do seu ponto de vista, era a solução ideal, e ele tomou um trago de *mao-tai*, a bebida forte em que normalmente não tocava, em comemoração.[b]

Mas o alívio de Mao com a morte de Lin foi logo ensombrecido pela notícia de que houvera um complô para assassiná-lo, que veio à luz logo depois de saber do acidente. Era a primeira conspiração do alto escalão para matá-lo e isso lhe causou um profundo choque. Igualmente alarmante era o fato de que várias pessoas tivessem sabido desses planos e nenhuma o houvesse delatado. Durante dias, ele mal dormiu, apesar de engolir punhados de soníferos. Teve febre e tossia sem parar. Problemas respiratórios impossibilitaram que deitasse, então ficou sentado no sofá dia e noite durante três semanas e desenvolveu escaras no traseiro. Depois, descobriram que estava com problemas cardíacos. Em 8 de outubro, quando recebeu o imperador da Etiópia Hailé Selassié, mal pronunciou uma palavra. Uma autoridade presente, que vira Mao pela última vez no dia anterior à fuga de Lin, menos de um mês antes, não pôde acreditar em como ele estava debilitado. Chou acabou a reunião mais cedo.

Mao teve de batalhar com detalhes infindáveis a fim de apertar a sua já incrivelmente rigorosa segurança. Todos ao seu redor tiveram de contar em detalhes suas relações com a família Lin. O subchefe da guarda pretoriana Zhang Yao-ci confessou ter recebido alguns brotos de bambu "e dois faisões mortos" da sra. Lin no ano-novo e ter-lhe retribuído com algumas tangerinas. A advertência que recebeu de Mao diz muito sobre o mundo desolado que cercava o Chefão:

1. Não cultive ligações;
2. Não visite pessoas;
3. Não dê jantares ou presentes;
4. Não convide pessoas para óperas [isto é, os espetáculos-modelos de madame Mao] ou filmes;
5. Não tire fotografias com pessoas.

Uma tarefa muito mais monumental foi o escrutínio das Forças Armadas, que estavam cheias de homens de Lin, especialmente no alto-comando. Mao não tinha como saber quem estava envolvido no plano de assassiná-lo, ou com quem estava a lealdade de cada um deles. Um incidente pequeno, mas alarmante, aconteceu dias depois, quando oficiais graduados da Aeronáutica

foram reunidos para receber informações sobre a família Lin. Um dos homens correu para o topo do edifício, gritou slogans contra Mao e se jogou para a morte.

O único marechal em quem Mao podia confiar para assumir o comando do Exército era Yeh Jian-ying. Ele fora um seguidor fiel no passado, mas se manifestara contra a Revolução Cultural e, em consequência, caíra em semidesgraça e, durante algum tempo, viveu praticamente sob prisão domiciliar. Na época em que Mao o trouxe de volta aos altos cargos, vários de seus filhos e outros parentes próximos ainda mofavam na prisão.

Mas Mao não tinha ninguém mais. Foi forçado a reintegrar também funcionários expurgados do partido, porque eram a única alternativa às pessoas que pertenciam à rede de Lin. Esses dirigentes estavam, em sua maioria, em campos de trabalho forçado. Muitos foram então reabilitados e reempregados. Mao detestou ter de fazer isso e tentou limitar a escala da reabilitação. Sabia que essas pessoas tinham-lhe muito rancor depois dos sofrimentos a que haviam sido submetidas. Um ex-subchefe da guarda pretoriana falou por muitas pessoas quando nos contou como se sentiu na época: "Que presidente Mao, que partido? Deixei de me importar com eles".

Nessa conjuntura, o marechal Chen Yi, um dos mais francos oponentes do Grande Expurgo, que sofrera muito com ele, morreu de câncer, em 6 de janeiro de 1972. O culto em sua memória foi marcado para o dia 10 e deveria ser discreto, com limitações no tamanho de seu retrato, no número de coroas, na quantidade de pessoas que poderiam comparecer — e no número de estufas permitidas para aquecer uma grande sala: apenas duas. Mao não pretendia comparecer.

Mas, nos dias posteriores à morte de Chen Yi, embora a notícia não fosse divulgada, ela se espalhou e um grande número de quadros partidários antigos se reuniu do lado de fora do hospital, exigindo permissão para se despedir de seu corpo. O clima da multidão era de raiva, além de pesar. E não havia dúvida de que a raiva se dirigia contra a Revolução Cultural — e contra o próprio Mao. Ele sentiu uma tremenda pressão para fazer um gesto que aplacasse a velha base de poder que tratara de forma tão abominável e na qual tinha de confiar novamente.

No dia do culto, pouco antes de seu início, Mao declarou subitamente que compareceria. Seu staff observou que "sua face estava coberta de nuvens negras" e ele parecia "irritado e frustrado", permanecendo em total silêncio.

Mas foi capaz de perceber que seria prudente ir e usar a ocasião para passar aos quadros antigos a mensagem de que "ele se preocupa conosco". Aproveitou também para arranjar um bode expiatório, dizendo à família de Chen Yi que fora Lin Biao quem havia "tramado [...] para se livrar de todos nós, veteranos". Difundiu-se a notícia de que as perseguições da Revolução Cultural tinham acontecido por culpa de Lin Biao e que Mao estava caindo em si. Mais tarde, publicou-se uma foto de Mao no culto, com aparência adequadamente triste (embora com a barba por fazer retocada), com a viúva de Chen Yi agarrada ao seu braço, e isso fez muito para diminuir o rancor dos "defensores do capitalismo".

O dia do funeral de Chen Yi foi extremamente frio, mas Mao estava de tanto mau humor que se recusou a vestir um sobretudo quente. Seus auxiliares tentaram fazer com que se vestisse de maneira apropriada, mas ele afastou as roupas. Acabou vestindo apenas um casaco fino sobre o pijama e foi tudo o que usou durante toda a cerimônia no salão mal aquecido. Em consequência, caiu doente. Estava com 78 anos e ficou cada vez pior. Em 12 de fevereiro, desmaiou e esteve à beira da morte.

A vulnerabilidade física e política o forçou a permitir a aceleração da reabilitação de quadros e o regime tornou-se marcantemente mais moderado pela primeira vez desde o início da Revolução Cultural, quase seis anos antes. As práticas abusivas na prisão diminuíram muito. As assembleias de denúncia foram suspensas, até mesmo para os homens de Lin Biao que, embora detidos,[c] sofreram fisicamente pouco, em comparação com a rotina anterior de Mao. Por incrível que pareça, tendo em vista que as acusações envolviam uma tentativa de assassinato de ninguém menos que Mao, ninguém foi executado.

Após anos de vida cercada por brutalidade diária e com quase nada de construtivo para ver ou fazer em termos de entretenimento, a tensão na sociedade havia chegado a um grau quase insuportável. Um psicanalista italiano que esteve na China pouco antes dessa época nos disse que jamais vira algo semelhante à quantidade de tiques faciais e tensão extrema no rosto das pessoas. Uns poucos livros e canções antigos e algumas atividades de lazer foram liberados. Alguns parques reabriram. Embora a descontração tenha ficado dentro de limites muito estreitos, ainda havia uma leveza no ar quando chegou a primavera de 1972.

a Uma carta de Chou a Mao na noite de 13 de setembro mostra inequivocamente que o avião não foi derrubado pelos chineses.

b Os russos mandaram seu principal investigador, o general da KGB Aleksandr Zagvózdin, à Mongólia para certificar-se de que se tratava realmente de Lin. O general desenterrou os cadáveres. Mas ele nos contou que seu relatório não satisfez seus chefes e ele foi mandado de volta para exumar os corpos do terreno agora congelado. Os cadáveres de Lin e sua esposa foram fervidos num grande caldeirão e os esqueletos foram levados para Moscou, onde o de Lin foi comparado com antigos registros médicos e raios X de suas visitas anteriores; os meticulosos Iúri Andrópov e Leonid Bréjnev ficaram finalmente convencidos de que se tratava realmente de Lin Biao.

c Entre os detidos estava Dodo, a filha de Lin Biao.

53. O maoísmo cai estatelado no palco mundial (1966-70; 72-76 anos)

A ambição máxima de Mao era dominar o mundo. Em novembro de 1968, ele disse ao líder maoísta australiano Hill:

> Em minha opinião, o mundo precisa ser unificado. [...] No passado, muitos, inclusive os mongóis, os romanos [...] Alexandre, o Grande, Napoleão e o Império Britânico, quiseram unificar o mundo. Hoje, tanto os Estados Unidos como a União Soviética querem unificar o mundo. Hitler queria unificar o mundo [...] Mas todos eles fracassaram. Parece-me que a possibilidade de unificar o mundo não desapareceu [...] Em minha opinião, o mundo pode ser unificado.

Mao achava claramente que ele era o homem certo para essa tarefa, pois desconsiderava Estados Unidos ou União Soviética como possíveis unificadores, usando argumentos que se baseavam apenas na imensa população da China. "Mas esses dois países (Estados Unidos e União Soviética)", continuou, "têm populações demasiado pequenas e não terão mão de obra suficiente se for dispersada. Além disso, também têm medo de travar uma guerra nuclear. Não têm medo de eliminar populações em outros países, mas temem que suas populações sejam eliminadas." Não era preciso ler nas entrelinhas para ver que o governante com a maior população — e o que tinha menos medo de vê-la arrasada — era o próprio Mao. Ele via o papel da China da seguinte maneira: "Dentro de cinco anos, nosso país [...] estará em uma posição melhor [...] Dentro de cinco anos [...]".

Foi em nome dessa ambição mundial que Mao iniciou seu Programa de Superpotência em 1953, insistindo na velocidade vertiginosa e em assumir riscos terríveis no campo nuclear. O mais assustador desses riscos ocorreu em 27 de outubro de 1966, quando um míssil armado com uma ogiva nuclear foi disparado por oitocentos quilômetros no noroeste da China, por sobre cidades de bom tamanho — o único teste desse tipo jamais feito por alguma nação, e com um míssil conhecido por estar longe de ser preciso,

pondo em risco a vida dos que estavam na rota do voo. Três dias antes, Mao dissera à pessoa encarregada do projeto para ir em frente, informando que estava preparado para um fracasso do teste.

Quase todos os envolvidos no teste achavam que era provável uma catástrofe. As pessoas que estavam na sala de controle do lançamento esperavam morrer. O comandante da zona de alvo estava tão nervoso que mudou seu QG para o topo de uma montanha, confortando-se e a seus colegas com o argumento de que, caso o míssil saísse da rota, eles talvez conseguissem se proteger da explosão atômica se descessem correndo pelo outro lado da montanha.

Acontece que o teste foi um sucesso, resultado que foi atribuído ao "Pensamento" de Mao, resumido no slogan "A bomba atômica espiritual detonando a bomba atômica material". Na verdade, o êxito foi um acaso feliz. Testes posteriores do mesmo míssil fracassaram, pois ele começou a girar sem controle após o lançamento.[a]

Todo o programa de mísseis sofria com problemas insuperáveis. O regime culpava a sabotagem e os cientistas sofreram perseguições horríveis, inclusive encenações de execuções, para extrair "confissões". Muitos tiveram morte violenta. Nesse clima, não surpreende que Mao jamais tenha possuído um míssil intercontinental enquanto esteve vivo. O primeiro lançamento chinês bem-sucedido desse tipo de arma aconteceu apenas em 1980, anos após sua morte.

Em outubro de 1966, graças ao êxito isolado do teste, Mao supôs que poderia em breve soltar uma bomba atômica onde quisesse. Em 11 de dezembro, tomou-se a decisão de que a China deveria possuir todo o arsenal de mísseis, inclusive intercontinentais, dentro de quatro anos.

O otimismo de Mao ganhou um grande impulso quando a China detonou sua primeira bomba de hidrogênio, em 17 de junho de 1967. Mao disse aos seus construtores, em 7 de julho: "Nossas novas armas, mísseis e bombas atômicas andaram realmente depressa. Fizemos nossa bomba de hidrogênio em apenas dois anos e oito meses [desde a primeira bomba atômica]. Nossa velocidade superou Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética. Somos o número quatro no mundo". Na verdade, boa parte disso se devia à assistência que a Rússia fornecera antes (e que só acabara completamente em 1965); sem a ajuda soviética, teria sido impossível

desenvolver tanto a bomba A como a bomba H tão cedo. Mas Mao não estava disposto a se deter nesse detalhe. Sua ênfase era no que poderia fazer com a tecnologia. Usando o plural majestático, declarou aos construtores da bomba: "Nós não somos somente o centro político da revolução mundial, devemos nos tornar o centro da revolução mundial militar e tecnologicamente. Devemos dar-lhes armas. As armas chinesas gravadas com nossas etiquetas [...] Devemos apoiá-los abertamente. Devemos nos tornar o arsenal da revolução mundial".

Foi então, entre outubro de 1966 e o verão de 1967, quando o programa nuclear parecia seguir de vento em popa, que Mao expandiu imensamente a promoção mundial de seu culto. No ano anterior, ele sofrera alguns reveses importantes. Agora, "propagar o Pensamento de Mao Tse-tung" tornou-se a "tarefa central" da política externa. Pequim proclamou que "o mundo entrou na nova era de Mao" e suou sangue para fazer com que o Pequeno Livro Vermelho chegasse a mais de cem países. Supostamente, isso era "um evento de imensa alegria para os povos do mundo" que "amam os livros do presidente Mao mais do que quaisquer outros" e para os quais o Pequeno Livro Vermelho "é como a chuva doce para plantações que fenecem numa longa seca, e o farol brilhante para navios que navegam em densa neblina". Toda a máquina diplomática e clandestina da China foi mobilizada em tentativas de induzir a adulação de Mao em outros países.

A Birmânia era um caso típico de países onde Pequim tinha uma cabeça de ponte. Uma campanha forte pressionou a minoria chinesa do país a acenar o Pequeno Livro Vermelho, usar distintivos de Mao, cantar canções com suas citações e saudar seu retrato. O governo birmanês considerou essas práticas uma contestação à sua autoridade e as proibiu em meados de 1967. Pequim então estimulou os chineses a desafiar a proibição e enfrentar o governo. O resultado foi muito derramamento de sangue e muitas mortes, e represálias severas contra os de origem chinesa.

Mao então jogou o Partido Comunista da Birmânia, cuja sobrevivência dependia totalmente da China, numa nova onda de insurgência. Em 7 de julho de 1967, ainda sob a luz do teste da bomba H, ele instruiu em segredo: "É melhor que o governo birmanês seja contra nós. Espero que eles rompam as relações diplomáticas conosco, para que possamos apoiar abertamente o Partido Comunista da Birmânia". Chou convocou os quadros comunistas birmaneses que estavam em treinamento na China ao Grande Salão do Povo

para informar-lhes que seriam enviados de volta ao seu país para começar uma guerra. Eles foram acompanhados por suas esposas chinesas, que haviam sido selecionadas sem nenhuma cerimônia. Cada homem birmanês saiu às ruas com um oficial chinês e escolheu a mulher que chamou sua atenção. Se a mulher e sua família passassem no exame de segurança, as autoridades fariam com que ela se casasse com o birmanês. Algumas se casaram de bom grado, outras foram coagidas.

A insurgência foi montada para promover Mao. Quando obtinham uma vitória, era celebrada por uma equipe de propaganda do Pensamento de Mao que dançava acenando o Pequeno Livro Vermelho e cantando "Viva o grande líder dos povos do mundo, presidente Mao!".

Para disseminar o maoísmo em todo o mundo, foram montados campos secretos de treinamento na China. Um deles ficava nas Colinas Ocidentais, nos arredores de Pequim, onde muitos jovens do Terceiro Mundo e um bom número de ocidentais foram instruídos no uso de armas e explosivos. O Pensamento de Mao era a base invariável e inelutável da vida no campo de treinamento.

Porém, na soleira da sua porta, o Grande Líder da Revolução Mundial tinha de encarar uma realidade incômoda. Duas partes do território chinês continuavam sob domínio colonial: Macau, sob controle português, e Hong Kong, controlada pelos ingleses. E tomá-las de volta teria sido fácil, pois ambas dependiam da China para ter água e comida. Khruchióv o havia censurado por viver ao lado "da latrina dos colonialistas". Depois que Mao o acusou de fraco na crise dos mísseis cubanos, em 1962, o líder russo comparou a inação de Mao em relação às duas colônias com a recente tomada por Nehru das colônias portuguesas na Índia: "O cheiro que vem de [Hong Kong e Macau] não é de forma alguma mais doce do que aquele exalado pelo colonialismo em Goa". Mao percebeu que tinha de se explicar para aqueles que alegava defender, então fez questão de dizer ao primeiro-ministro da Somália que Hong Kong "é um caso especial e não planejamos tocá-la. Vocês talvez não entendam isso".

Ele decidiu não recuperar Hong Kong e Macau por motivos puramente pragmáticos. A primeira era a maior fonte de moeda forte da China e um canal vital para adquirir tecnologia e equipamentos do Ocidente, que

estavam sob um rigoroso embargo da ONU. Mao sabia que Hong Kong não seria mais útil para seu Programa de Superpotência se fosse reintegrada à China.

A fim de fazer bons negócios em Hong Kong, Pequim tinha de destruir a rede de espionagem de Taiwan, que ajudava os americanos a identificar empresas ocidentais que furavam o embargo. Os métodos de Pequim eram, às vezes, drásticos. Em abril de 1955, Chou En-lai deveria ir à Indonésia para a primeira conferência afro-asiática e os chineses contrataram o avião indiano *Kashmir Princess* para voar de Hong Kong a Bandung. Parece que agentes de Taiwan pensaram que o avião levaria Chou e tramaram um plano para colocar uma bomba a bordo no aeroporto de Hong Kong. Pequim sabia de todos os detalhes de antemão, mas deixou a operação ir adiante, sem contar para a Air India, ou para a missão britânica em Pequim, ou ao governo de Hong Kong — ou para os passageiros, que eram onze funcionários de nível relativamente baixo e jornalistas (em um avião com capacidade para mais de cem). O avião explodiu no ar, matando todos os passageiros e cinco dos oito tripulantes indianos.

Pequim declarou imediatamente que agentes de Taiwan haviam colocado uma bomba e Chou En-lai deu aos britânicos nomes de pessoas que desejava que fossem expulsas de Hong Kong. Os britânicos concordaram e no ano seguinte deportaram mais de quarenta importantes agentes nacionalistas da lista de Chou, embora não houvesse provas suficientes para levá-los aos tribunais. Isso pôs fora de combate uma parte substancial da rede de Chiang em Hong Kong, e foi depois disso que Pequim fez uma série de negócios clandestinos para seu programa nuclear através da colônia; só uma compra da Europa ocidental custou 150 toneladas de ouro.

Quando a Revolução Cultural começou e Mao intensificou sua campanha para ser o líder da revolução mundial, ele queria mostrar ao mundo que era o verdadeiro senhor da colônia, fazendo os britânicos "ficar de joelhos" e oferecer publicamente "rendição incondicional", nas palavras dos diplomatas chineses em reuniões internas. A única maneira de obter isso era provar que os ingleses estavam errados; isso exigia um massacre de chineses.

Assim, em maio de 1967, Pequim aproveitou uma disputa trabalhista e instou os radicais de Hong Kong a aumentar a violência, em especial violar a lei de maneira beligerante. Para estimulá-los, Pequim deu a entender

publicamente que poderia tomar a colônia de volta antes que o contrato de aluguel expirasse, em 1997, e aos ativistas de lá foi insinuado que essa era a intenção de Pequim.

Mas o que Mao realmente queria foi o que comunicou a Chou En-lai em segredo: "Hong Kong continua a mesma" — isto é, fica sob domínio britânico. A missão de Chou era instar violência suficiente para provocar represálias e, depois, a submissão dos ingleses, mas não tanta violência que "pudesse nos levar a ter de tomar Hong Kong de volta antes do tempo", medida que Chou secretamente declarou ser desastrosa.

Nos tumultos que se seguiram, a polícia de Hong Kong matou alguns manifestantes, mas o número de mortes não chegou ao massacre e as autoridades coloniais se recusaram a pedir desculpas. Pequim então incitou os radicais de Hong Kong a matar policiais. "Façam com eles [a polícia] o que eles fizeram conosco", exortou o *Diário do Povo*. "Aqueles que matam devem pagar com suas vidas." Como os agitadores não conseguiram matar policiais, Chou teve de infiltrar soldados na colônia. Esses homens atravessaram a fronteira em 8 de julho, vestidos à paisana, e mataram cinco policiais a tiros. Chou expressou sua satisfação com o resultado, mas vetou quaisquer outras operações desse tipo, para que a situação não evoluísse a ponto de desmascará-los. Em vez disso, Pequim promoveu uma campanha indiscriminada de atentados a bomba e nos dois meses seguintes houve cerca de 160 incidentes desse tipo, alguns fatais.

Mas os britânicos se recusaram a apelar para o massacre e se concentraram em prender metodicamente os ativistas, em silêncio, à noite. A esperança de Mao de ver a Grã-Bretanha se ajoelhar caiu por terra. Frustrado, apelou para o vandalismo em seu território. Em 22 de agosto, uma multidão de mais de 10 mil tocou fogo na missão britânica em Pequim, quase queimou vivos os funcionários e submeteu as mulheres a um grosseiro assédio sexual.

As missões de vários outros países também foram alvo da fúria de Mao. Em 1967, ataques violentos foram feitos à embaixada soviética, seguida das embaixadas da Indonésia, Índia, Birmânia e Mongólia. Esses ataques tinham sanção oficial: o Ministério do Exterior dizia às turbas quais missões deveriam atacar e com que intensidade. As "punições" iam de manifestações de 1 milhão de pessoas que cercavam as embaixadas, ostentando retratos

gigantescos de Mao e gritando insultos pelos alto-falantes, até invasão, incêndio de carros, espancamento de diplomatas e suas esposas e aterrorização de seus filhos, enquanto gritavam slogans como "batam para matar, batam para matar".

Esse tratamento foi dado até à Coreia do Norte, pois Kim Il Sung negara-se a se submeter à tutelagem de Mao. Ao longo dos anos, ele havia tentado derrubar Kim e, por esse motivo, fora obrigado certa vez a pedir desculpas. Na cúpula comunista de Moscou, em novembro de 1957, abordou Kim de surpresa para se reabilitar de erros passados, a fim de impedir que este desse com a língua nos dentes para outros líderes comunistas. De acordo com um relatório oficial coreano que foi apresentado em uma grande reunião em Pyongyang, Mao "expressou repetidamente suas desculpas [a Kim] pela interferência injustificada do Partido Comunista Chinês nos assuntos do [partido] coreano". Kim aproveitou a chance para reduzir a influência de Mao na Coreia, exigindo a retirada de todas as tropas chinesas que ainda estavam no país, com o que Mao teve de concordar.

Mao não desistiu. Em janeiro de 1967, seu homem encarregado das missões clandestinas no exterior, Kang Sheng, disse aos albaneses: "Kim Il Sung deveria ser derrubado, para que a situação na Coreia possa ser mudada". Incapaz de satisfazer seu desejo, Mao direcionou multidões para atacar a embaixada da Coreia, denunciando o "gordo Kim". O líder coreano não demorou a retaliar: trocou o nome da praça Mao Tse-tung em Pyongyang, fechou as salas que comemoravam o papel da China no Museu da Guerra da Coreia, mudou o tamanho dos memoriais de guerra chinês e russo em Pyongyang e aproximou-se ainda mais da União Soviética.

No final de setembro de 1967, a China já estava envolvida em rixas com a maioria dos 48 países com que tinha relações diplomáticas e semidiplomáticas. Muitos desses países rebaixaram o nível da sua representação em Pequim e alguns fecharam suas embaixadas. Naquele ano, a comemoração do Dia Nacional chinês teve apenas uns poucos delegados de governos estrangeiros na praça Tiananmen.[b] Mais tarde, Mao pôs a culpa de seus desastres na "extrema esquerda". A verdade é que a política externa da China nunca esteve fora de suas mãos.

No final da década de 1960, a autopromoção de Mao já tinha uma década e

elevara sua imagem às alturas no mundo exterior. No Ocidente, muitos sentiam fascínio por ele. O Pequeno Livro Vermelho era lido por intelectuais e estudantes. Mao foi chamado de filósofo. O influente escritor francês Jean-Paul Sartre elogiou a "violência revolucionária" de Mao, dizendo que era "profundamente moral".

Porém, estava claro que esse fascínio geral não se traduzia em substância. Nenhum partido maoísta no Ocidente — nem mesmo o maior deles, em Portugal — nunca teve mais do que uma minúscula adesão. A maioria dos "maoístas" ocidentais era composta por fantasistas, ou aproveitadores, e não tinha apetite para a ação sustentada, muito menos se fosse fisicamente incômoda ou perigosa. Em 1968, quando explodiram grandes manifestações estudantis na Europa ocidental, Mao saudou o fato como "um novo fenômeno na história europeia" e mandou maoístas europeus que haviam sido treinados em sabotagem de volta para seus países, a fim de explorar a situação. Mas eles não geraram nenhuma ação significativa.

O mesmo aconteceu com os grupos maoístas que faziam progressos no Terceiro Mundo. A África, outrora cheia de promessas, revelara-se uma decepção completa, como os versinhos de um diplomata chinês resumiram:

Grande, *grande tribalismo*,
Pequeno, *pequeno nacionalismo*,
Muito, *muito imperialismo*,
Pouco, *pouco Pensamento de Mao Tse-tung*.

Os radicais africanos pegaram astutamente o dinheiro de Mao, como disse um diplomata chinês, com um grande sorriso, mas as instruções dele foram recebidas com ouvidos moucos. Alguns anos depois, ao se encontrar com um dos chefes de Estado que ele mais tentara derrubar, o presidente Mobutu do Zaire, Mao admitiu o fracasso, com um gracejo lastimável. Começou dizendo: "É você mesmo, Mobutu? Gastei um monte de dinheiro tentando derrubá-lo — até matá-lo. Mas eis você aqui". "Demos a eles dinheiro e armas, mas eles simplesmente não conseguiam lutar. Simplesmente não conseguiam vencer. O que posso fazer então?"

Mao teve ainda menos sucesso no Oriente Médio. Em junho de 1967, quando irrompeu a Guerra dos Seis Dias entre Israel e os países árabes, Mao ofereceu a Nasser 10 milhões de dólares e 150 mil toneladas de trigo, bem como "voluntários" militares, se Nasser aceitasse seu conselho de "lutar até o

fim". Mandou ao líder egípcio um plano de batalha para uma "guerra popular" de estilo maoísta, no qual dizia para "atrair o inimigo em profundidade" retirando-se para o interior da península de Sinai, ou até mesmo para Cartum, a capital do *Sudão*. Nasser recusou o caminho maoísta, explicando ao seu distante assessor que o Sinai era "um deserto e não podemos travar uma guerra de libertação popular no Sinai porque não há povo lá". Pequim retirou suas ofertas de ajuda e tentou promover uma oposição contra Nasser. Mas Mao não conseguiu montar grupos de discípulos no Oriente Médio. Quando ele e Chou morreram, entre os 104 partidos de 51 países — muitos deles agrupamentos minúsculos — que mandaram condolências, não havia nenhum do mundo árabe.

Um fator fundamental desse fracasso foi a insistência de Mao para que os radicais de outros países ficassem ao seu lado contra a União Soviética. Isso fez com que perdesse muitos simpatizantes em potencial, sobretudo na América Latina. Nessa região, Mao desembolsou dinheiro e alimentos para tentar jogar Cuba contra Moscou. Essa prodigalidade rendeu pouco. Em 1964, uma delegação de nove partidos comunistas latino-americanos, liderada pelo dirigente cubano Carlos Rafael Rodríguez, foi à China pedir a Mao que parasse com a polêmica pública com a União Soviética e com "atividades faccionais", isto é, tentar dividir os partidos comunistas. Furioso, Mao lhes disse que sua luta com a União Soviética "continuará por 10 mil anos" e ofendeu Fidel Castro. Quando o delegado do Uruguai (população: 3 milhões) tentou falar, Mao caiu sobre ele dizendo que falava "em nome de 650 milhões de pessoas", e quantas pessoas *ele* representava?

Castro, que jamais visitou a China enquanto Mao esteve vivo, descreveu-o como "um merda"; em 2 de janeiro de 1966, diante de uma grande plateia internacional, acusou Pequim de aplicar pressão econômica para afastá-lo de Moscou. Um mês depois, acusou Pequim de recorrer a "represálias brutais" e tentar subverter o Exército cubano. Mao chamou Castro de "sabujo e lobo".

Mao tinha muitas esperanças no companheiro de Castro, Che Guevara. Na primeira visita dele à China, em 1960, demonstrou intimidade incomum com Che: segurou sua mão enquanto conversavam e elogiou muito um panfleto de sua autoria. Guevara havia retribuído, recomendando copiar os métodos maoístas em Cuba. Foi também o líder de Havana mais próximo da posição de Mao na crise dos mísseis de 1962. Mas, no final, Mao não conseguiu que ele ficasse ao seu lado contra os soviéticos. Quando Guevara voltou à China,

em 1965, pouco antes de tentar iniciar a luta guerrilheira na África e, depois, na Bolívia, Mao não o recebeu, e um pedido enviado da Bolívia para que a China ajudasse a construir uma estação de rádio com alcance mundial foi recusado. Em 1967, quando Guevara foi morto, Pequim confidencialmente manifestou satisfação. Kang Sheng disse ao ministro da Defesa da Albânia, em outubro de 1968: "A revolução na América Latina vai muito bem, *especialmente depois da derrota de Guevara*; o revisionismo está sendo desmascarado" (grifo nosso).

Durante a vida de Mao, não existiram partidos maoístas influentes na América Latina. O único que se destacou — o Sendero Luminoso, do Peru — foi fundado em 1980, quatro anos depois da sua morte.[c]

Na própria Ásia, Mao não conseguiu disseminar sua influência, mesmo contra regimes esgotados, como o de Ne Win na Birmânia. Mas seu maior revés foi a "perda" do Vietnã. Na década de 1950 e no começo dos anos 1960, a China havia sido quase que o único apoio a Hanói em suas guerras contra os franceses e, depois, americanos, desde que Stálin alocara o Vietnã para Mao, em 1950. Mas os vietnamitas suspeitavam de Mao desde 1954. Naquele ano, após lançar seu Programa de Superpotência, ao mesmo tempo que fazia de tudo para atrair a ajuda soviética, Mao começou a tentar ganhar acesso a tecnologias e equipamentos ocidentais sob embargo. Uma forte candidata a romper o embargo era a França.

Na época, a França estava atolada na Indochina. O plano de Mao era fazer os vietnamitas intensificarem a guerra "para aumentar os problemas internos da França" (nas palavras de Chou) e depois, quando os franceses estivessem nas cordas, entrar em cena e mediar um acordo. A ideia era que a França retribuiria então, cedendo aos pedidos chineses de levantamento do embargo.

Mao vinha codirigindo a guerra na Indochina. Durante a Guerra da Coreia, ele suspendeu ofensivas de larga escala na região para concentrar os recursos da China naquele país. Em maio de 1953, quando decidiu acabar com a Guerra da Coreia, mandou oficiais chineses diretamente da Coreia para a Indochina. Em outubro daquele ano, os chineses obtiveram uma cópia do Plano Navarre, plano estratégico francês que levava o nome do seu comandante, general Henri Navarre. O general Wei Guo-qing, principal

assessor militar chinês no Vietnã, entregou o documento pessoalmente a Ho Chi Minh. Foi esse golpe decisivo de espionagem que levou à decisão do lado comunista de travar batalha em Dien Bien Phu, uma base francesa no noroeste do Vietnã, onde os vietnamitas, com maciça ajuda e assessoria chinesa, obtiveram uma vitória decisiva em maio de 1954.

A batalha de Dien Bien Phu foi travada durante os preparativos e a realização da conferência de Genebra sobre a Indochina (e a Coreia), que se abriu em 26 de abril e teve Chou En-lai na chefia da delegação chinesa. Havia mais de um mês que Mao já decidira que "definitivamente devemos fazer um acordo", mas não informou os vietnamitas disso. O papel que tinha em mente para eles era lutar e aumentar a escalada da guerra a qualquer custo, para criar uma grande crise em Paris. Ele escreveu ao assessor militar Wei em 4 de abril sobre um aparente próximo estágio: "Tentem completar a campanha de Dien Bien Phu no [...] início de maio [...] Comecem a atacar Luang Prabang e Vientiane em agosto ou setembro e as liberem". Tratava-se das capitais gêmeas do Laos. E continuava: depois "preparem-se ativamente para atacar Hanói e Haiphong no próximo inverno e, no máximo, no início da primavera do próximo ano, com o objetivo de liberar o Delta [do rio Vermelho] em 1955". Mao especificamente instruiu Wei a discutir esse plano com o ministro da Defesa do Vietnã, general Vo Nguyen Giap, para dar aos vietnamitas a impressão de que ele patrocinaria a expansão da guerra até 1955 — quando, na verdade, havia decidido secretamente por um cessar-fogo nos meses seguintes.

Os vietnamitas tomaram Dien Bien Phu em 7 de maio e o governo francês caiu em 17 de junho. Era o momento para a China entrar em cena. No dia 23, Chou encontrou-se com o novo primeiro-ministro francês, Pierre Mendès-France, na Suíça, sem a presença dos vietnamitas, e elaborou um acordo.

Chou pressionou então os comunistas do Vietnã para que aceitassem os termos que havia negociado com os franceses, muito inferiores ao que os vietnamitas esperavam. Le Duan, que depois foi secretário-geral do Partido Comunista do Vietnã, disse que Chou ameaçou "que, se os vietnamitas continuassem a lutar, teriam de se virar sozinhos. Ele não ajudaria mais e nos pressionou para parar de lutar" (essas observações revelam também quão dependentes os vietnamitas eram dos chineses). Ho Chi Minh mandou seu negociador Pham Van Dong ceder, o que fez com lágrimas nos olhos. Le

Duan foi encarregado de dar a notícia às forças comunistas no sul. "Viajei de carroça para o sul", relembrou ele. "Ao longo do caminho, compatriotas vinham me saudar, pois achavam que havíamos conquistado uma vitória. Foi muito doloroso." As sementes da raiva e da suspeita em relação a Pequim se enraizaram entre os vietnamitas.

No início de 1965, a nova equipe soviética Bréjnev-Kosíguin começou a aumentar a ajuda militar aos vietnamitas, fornecendo o equipamento pesado de que precisavam: canhões antiaéreos e mísseis terra-ar, alguns operados por russos. Mao não podia competir. Então tentou convencer os russos a não ajudar os vietnamitas. Naquele mês de fevereiro, disse ao premiê soviético Kosíguin: "O povo do Vietnã do Norte está lutando bem sem a ajuda da União Soviética [...] e eles mesmos expulsarão os americanos". "Os vietnamitas podem cuidar de si mesmos", e acrescentou (falsamente) que "somente um pequeno número de pessoas foi morto nos ataques aéreos e não é tão terrível que algumas pessoas sejam mortas." Pequim sugeriu que os russos deveriam atacar os americanos em outros lugares. Ao embaixador soviético Tchervonenko, disseram que a melhor coisa que a União Soviética poderia fazer era "exercer pressão sobre as forças imperialistas numa direção ocidental" — isto é, na Europa.

Ao mesmo tempo, Mao tentava compelir Hanói a romper com Moscou. Cortejou Ho Chi Minh, que tinha laços íntimos com a China, onde havia passado muito tempo. O PCC arranjou-lhe uma esposa chinesa, mas o casamento foi vetado pela liderança vietnamita, sob o pretexto de que seria melhor para a causa deles se seu líder continuasse se sacrificando ao celibato.

Ho e seus camaradas foram instados a rejeitar a assistência soviética. "Será melhor sem a ajuda soviética", disse Chou ao premiê Pham Van Dong. "Não apoio a ideia de voluntários soviéticos irem ao Vietnã, nem a ajuda soviética ao Vietnã." Chou chegou a dizer a Ho que "o objetivo da ajuda soviética ao Vietnã [é] [...] melhorar as relações União Soviética-Estados Unidos". Tais argumentos constrangiam até a eloquência de Chou. A única maneira de Mao tentar exercer influência era mandar mais dinheiro, bens e soldados,[d] mas não conseguiu evitar que Hanói se aproximasse de Moscou.

Mao foi igualmente impotente para dissuadir os vietnamitas de abrir conversações com os americanos, medida que Hanói anunciou em 3 de abril de 1968. Argumentando contra essa iniciativa, Chou chegou a culpar os

vietnamitas pela morte do líder negro Martin Luther King, em 4 de abril. O assassinato, disse ele, aconteceu "um dia depois da divulgação da declaração de vocês. Se essa declaração fosse feita um ou dois dias depois, o assassinato talvez não tivesse ocorrido". Alegando representar "os povos do mundo", Chou continuou: "Muita gente não entende por que [vocês] estavam com tanta pressa para fazer essa declaração [...] É o julgamento dos povos do mundo. Aos olhos do mundo, vocês se comprometeram duas vezes".

Hanói simplesmente ignorou Pequim e começou a negociar com Washington em maio. Mao tentou então se intrometer e Chou disse aos vietnamitas que os chineses tinham mais experiência em negociações do que eles. Não adiantou nada. Mao ficou enlouquecido. No início de outubro, Chou disse aos vietnamitas que uma delegação que visitaria a China para obter mais ajuda não deveria fazê-lo, pois os líderes chineses estariam muito ocupados para recebê-la. Mas Mao logo teve de recuar e continuar a ajudar. O Grande Mestre dos Povos Revolucionários do Mundo não podia se dar ao luxo de não desempenhar um papel na principal guerra revolucionária do planeta.

Mais mortificante para ele foi ter de observar impotente enquanto os vietnamitas expandiam a esfera de influência deles às suas custas. Apesar do maciço patrocínio chinês, os guerrilheiros comunistas do Laos escolheram o Vietnã para seus protetores e, em setembro de 1968, pediram que seus assessores chineses fossem "de licença para casa" permanentemente, um pedido que os chineses tiveram de aceitar. Os laocianos, assim como os vietnamitas, se alinharam com Moscou.

Após uma década de incessantes maquinações e gastos para promover o maoísmo como uma alternativa internacional séria ao comunismo soviético, Mao havia fracassado. Ainda era Moscou, e não Pequim, que o mundo via como a principal força antiamericana. As tiradas de Mao contra os líderes soviéticos por "ajudar os imperialistas" eram amplamente percebidas como falsas e os ouvintes ficavam amiúde irritados, entediados ou mesmo constrangidos. Em pelo menos uma ocasião, alguns comunistas do Terceiro Mundo simplesmente pediram que os chineses se calassem.

No final da década de 1960, as autoridades americanas já consideravam que o modelo maoísta não era mais uma ameaça no Terceiro Mundo, fato que o

próprio Mao podia perceber. Ele disse ao seu círculo íntimo em 1969: "Agora estamos isolados, ninguém quer ter nada a ver conosco". Os maoístas estrangeiros eram inúteis, concluiu, e ordenou que os fundos a eles destinados fossem cortados.

Mao precisava de uma solução. Uma chance surgiu quando o príncipe Sihanouk, líder neutralista do Camboja, foi deposto em 18 de março de 1970, num golpe que foi amplamente percebido como obra da CIA. Mao decidiu apoiar Sihanouk, se o príncipe estivesse disposto a lutar contra os americanos. Seu cálculo era que a Guerra do Vietnã poderia se transformar agora numa guerra em toda a Indochina e, ao patrocinar o príncipe, poderia desempenhar um papel principal em toda a região.

Não muito antes, no verão de 1967, Mao andara conspirando *contra* Sihanouk. Pequim, de acordo com o príncipe, estava "implicitamente defendendo minha derrubada" — algo que depois Chou En-lai admitiu ser verdade, embora se exonerasse da responsabilidade, de forma não muito convincente. Em março de 1968, Sihanouk manifestara-se sobre o patrocínio de Pequim a um grupo rebelde então pouco conhecido, o Khmer Vermelho. "Sob a superfície", anunciou ele, as nações comunistas estavam "fazendo um jogo sujo porque o Khmer Vermelho é filho delas [...] Outro dia, apreendemos uma grande quantidade de armas de todos os tipos que vêm da China, em particular".

Mas, em março de 1970, Mao agarrou-se a Sihanouk. Acontece que o príncipe tinha uma visita marcada à China para o dia posterior ao golpe. No momento em que Sihanouk desceu do avião, Chou certificou-se de que ele estava disposto a lutar contra os Estados Unidos e então declarou-lhe apoio total. Chou contatou os vietnamitas de imediato e propôs uma cúpula pan-indochinesa em nome de Sihanouk. Essa reunião, realizada na China no mês seguinte, resumia-se a formar um comando conjunto na Indochina.

Uma vez que Sihanouk era tão vital para Mao, os chineses trataram de agradar seus gostos principescos: providenciaram-lhe sete cozinheiros e sete chefes confeiteiros e trouxeram-lhe *foie gras* de Paris. Ofereceram-lhe trens especiais e dois aviões para suas viagens ao exterior, um dos quais era apenas para transportar seus presentes e sua bagagem. Mao disse a Sihanouk: "Diga-nos do que precisa. Simplesmente peça. Podemos fazer mais por você. Não é nada". E descartou qualquer pagamento: "Não somos mercadores de armas".

Quando o príncipe protestou sobre o peso para a China, Mao retrucou: "Peço que nos sobrecarregue ainda mais". Pol Pot, a criatura cambojana de Mao e líder do Khmer Vermelho, que estava secretamente na China nessa época, foi persuadido a dar apoio formal a Sihanouk.

Mas os vietnamitas não deixaram Mao assumir o comando e o mundo continuou a ver no Vietnã o principal ator no teatro da Indochina. O "retorno ao poder" de Sihanouk, disse o *Times* de Londres, "depende da boa vontade de Hanói". Henry Kissinger, o assessor para a Segurança Nacional dos Estados Unidos, falou sobre as "intenções de Hanói quanto ao Camboja".

Mao tentara impressionar os vietnamitas lançando o primeiro satélite chinês no dia em que começou a reunião de cúpula da Indochina, o qual Chou apresentou como um "presente" à reunião e "uma vitória para todos nós". Mas isso não fez diferença para os vietnamitas, ou para o mundo.

O satélite era uma *ego-trip* de Mao, pois descreveu uma órbita ao redor do globo gorjeando o hino maoísta "O Oriente é vermelho". Mao ficou emocionadíssimo por ser saudado do espaço. No Dia do Trabalho, na praça Tiananmen, apertou a mão de cada uma das pessoas que haviam trabalhado no satélite, com um grande sorriso no rosto, exclamando "Fantástico! Fantástico!", enquanto eles gritavam slogans dizendo que tudo era produto do Pensamento de Mao.

Impulsionado pelo satélite, ele fez mais uma tentativa de se apresentar ao mundo como o líder da guerra na Indochina. Em 20 de maio, divulgou uma declaração intitulada "Povos do mundo, uni-vos e derrotai os agressores americanos e todos os seus lacaios!". No dia seguinte, subiu ao portão de Tiananmen e mandou declamar o texto para uma multidão de meio milhão de pessoas, com Sihanouk ao seu lado. Como o título deixava claro, Mao estava emitindo um comando. Mas a apresentação foi tão ridícula quanto as pretensões do documento. Ela foi lida por Lin Biao, então o segundo em comando do PCC, que teve de receber uma injeção prévia de um estimulante. Sihanouk notou que antes do comício Lin "parecia [...] um tanto drogado. Ele interrompia periodicamente Mao, gesticulando e lançando em voz alta invectivas contra os americanos". Quando começou a ler a declaração, as primeiras palavras que disse foram: "Vou fazer um discurso! Vou falar sobre o Vietnã — dois Vietnãs — meio Vietnã". Quando

começou a ler o texto escrito, cometeu vários erros, dizendo “Paquistão” em vez de “Palestina”.

A declaração condenava o presidente americano Richard Nixon nominalmente. Nixon ficou enfurecido e, embriagado de raiva, queria deslocar navios para posições de ataque. Kissinger acalmou-o ao mostrar que Mao havia “oferecido pouco a Hanói, exceto encorajamento verbal”. Mao foi ignorado. Ofendido, atacou Kissinger por não o reconhecer como ator importante nos eventos e chamou-o de “intelectual fedorento”, “professor universitário que não sabe nada de diplomacia”. Exasperado e perturbado, teve a seguinte conversa com o premiê Dong, do Vietnã:

> *Mao* Por que os americanos não fizeram barulho sobre o fato de que mais de 100 mil soldados chineses ajudaram vocês a construir ferrovias, estradas e aeroportos, embora saibam disso?[e]
>
> *Dong* Claro, eles têm medo.
>
> *Mao* Eles deveriam ter criado um caso sobre isso. E também a estimativa deles sobre o número de soldados chineses no Vietnã está abaixo do número real.

A promoção do maoísmo havia chegado ao fim do caminho, tanto na Indochina como no mundo em geral. Sempre engenhoso, Mao propôs uma nova maquinação que o poria em evidência: fazer o presidente dos Estados Unidos ir à China.

a O sucesso de outubro de 1966 coincidiu com a presença na China de Wolfgang Pilz, um dos maiores especialistas em foguetes de Hitler, que foi visto em Pequim por um diplomata indiano naquele mês, junto com três colegas alemães. Pilz havia supervisionado anteriormente o programa de mísseis do Egito e fora atraído com promessas de grandes quantias de dinheiro e condições técnicas mais excitantes. Quando a China tentou chamar outros cientistas alemães, os Estados Unidos ofereceram-lhes mais dinheiro para atraí-los para a América.

b O que não surpreende quando até amigos dedicados se veem diante de riscos. Quando o premiê da Albânia Mehmet Shehu e seu colega Ramiz Alia retornaram a Pequim depois de viajar pelo país, Mao os saudou com a pergunta: “Alguém atingiu vocês?”.

c Abimael Guzmán, seu líder fracassado, proclamava-se “Presidente da Revolução Mundial”. No ano em que foi fundado, o Sendero Luminoso comemorou o aniversário de nascimento de Mao pendurando cães nos postes de Lima, enrolados em slogans que xingavam Deng Xiao-ping, considerado um traidor do legado de Mao, de “filho da puta”.

d A China teve mais de 320 mil homens no Vietnã no período 1965-68, inclusive mais de 150 mil soldados de artilharia antiaérea, alguns dos quais permaneceram até o final de 1973. A presença dessas tropas no Vietnã do Norte permitiu que Hanói mandasse muito mais de suas próprias forças para o sul, para onde alguns chineses as acompanharam. Em 1965, um general chinês estava presente e observou os americanos descerem em Danang, na costa do Vietnã do Sul.

e As tropas chinesas usavam uniformes chineses e, portanto, os americanos deveriam saber que elas estavam lá.

54. Nixon: o caçador de comunistas caçado (1970-73; 76-79 anos)

Quando fundou seu regime, em 1949, Mao tornou deliberadamente impossível seu reconhecimento pelos Estados Unidos, sobretudo para tranquilizar Stálin, na esperança de que o líder soviético ajudasse a montar a máquina militar chinesa. Após a morte de Stálin, em 1953, começou a buscar relações com os americanos, com o propósito de ganhar acesso à tecnologia ocidental para seu Programa de Superpotência. Mas as lembranças da luta contra os chineses na Guerra da Coreia eram recentes demais e Washington desconsiderou Pequim. Embora os dois países tenham estabelecido um canal diplomático para discutir questões específicas, no geral, as relações permaneceram congeladas. Mao adotou uma postura antiamericana agressiva e, em 1960, quando estava promovendo o maoísmo, fez dessa belicosidade sua marca registrada, afastando-se do Kremlin, que acusava de ser indulgente com os Estados Unidos.

Em 1969, o novo presidente americano Richard Nixon manifestou publicamente interesse em melhorar as relações com a China. Mao não respondeu. Estabelecer uma relação com Washington prejudicaria sua identidade e imagem de líder revolucionário. Foi somente em junho de 1970, depois que seu manifesto antiamericano de 20 de maio fracassou e quando estava absolutamente claro que o maoísmo não avançava no mundo, que Mao decidiu convidar Nixon a visitar a China. O motivo não era reconciliar-se com os Estados Unidos, mas relançar-se no palco internacional.

Mao não queria ser visto cortejando o presidente americano e esforçou-se muito para tornar o convite negável. Em novembro, Chou mandou uma mensagem por meio dos romenos, que tinham boas relações tanto com a China como com os Estados Unidos, em que dizia que Nixon seria bem recebido em Pequim. O convite chegou à Casa Branca em 11 de janeiro de

1971. Como Mao temia que acontecesse, Nixon "observou que não devemos parecer muito ansiosos para responder", de acordo com Kissinger. Quando este respondeu a Pequim, em 29 de janeiro, "não fez referência a uma visita presidencial", considerando a ideia "prematura e potencialmente constrangedora".

Mao não se deu por achado e logo encontrou outra maneira de seduzir Nixon a visitar a China.

Em 21 de março, uma equipe chinesa de tênis de mesa chegou ao Japão para a disputa do campeonato mundial — uma das primeiras equipes esportivas a viajar ao exterior desde o início da Revolução Cultural, cinco anos antes. A China era boa nesse esporte e Mao autorizou pessoalmente a viagem. Para não parecerem esquisitos demais, os jogadores ficaram desobrigados de acenar o Pequeno Livro Vermelho.

Eles receberam instruções precisas de como se comportar com os americanos: nada de apertos de mãos, nada de conversas. Mas, em 4 de abril, o jogador americano Glenn Cowan embarcou no ônibus dos chineses e o campeão masculino Zhuang Ze-dong decidiu falar com ele. A fotografia dos dois apertando as mãos foi parar na primeira página dos jornais japoneses. Quando Mao foi informado, seus olhos se iluminaram e ele chamou Zhuang de "um bom diplomata". Não obstante, quando a equipe americana manifestou desejo de visitar a China, após outras equipes estrangeiras terem sido convidadas, Mao endossou uma recomendação do Ministério do Exterior de negar o pedido.

Mas ele estava claramente incomodado com essa decisão e seus auxiliares notaram que ficou com ar preocupado durante o resto do dia. Naquela noite, às onze horas, ele tomou uma grande dose de comprimidos para dormir e depois jantou com sua enfermeira e assistente Wu Xu-jun. Às vezes, convidava um ou dois membros de seu staff para jantar. Nessa época, raramente jantava com sua esposa e quase nunca com seus colegas de poder. Sua rotina era tomar comprimidos para dormir antes do jantar para cair no sono logo após a refeição, que comia na beira da cama. Os comprimidos eram tão fortes que às vezes faziam efeito enquanto ele estava mastigando e os auxiliares tinham de tirar a comida de sua boca; por isso, jamais comia peixe no jantar, por causa das espinhas. Dessa vez, relembrou Wu,

> depois de terminar de comer, ele caiu sobre a mesa [...] Mas de repente, falou em voz baixa e

demorei para entender que queria que eu telefonasse para o Ministério do Exterior [...] "Convidem a equipe americana para vir à China" [...]

Fiquei pasma. Pensei: isso é exatamente o oposto do que ele autorizou durante o dia!

Havia uma ordem estabelecida de Mao de que

suas "palavras depois de tomar comprimidos para dormir não contam". Contariam agora? Eu estava realmente num dilema [...] Devia fazê-lo repetir.

[...] Fingi que nada acontecera e continuei comendo [...] Depois de alguns instantes, Mao ergueu a cabeça e tentou com dificuldade abrir os olhos e disse para mim:

"Pequena Wu [...] Por que não vai fazer o que lhe pedi para fazer?"

Mao [...] só me chamava de "pequena Wu" quando estava muito sério.

Perguntei deliberadamente em voz alta: "Presidente, o que disse para mim? Eu estava comendo e não escutei com clareza. Por favor, repita".

Então Mao repetiu, palavra por palavra, o que havia dito.

Wu tratou então de verificar com Mao a respeito da regra dos comprimidos:

"Você tomou comprimidos para dormir. Suas palavras devem ser levadas em conta?"

Mao acenou para mim: "Sim, são para valer! Faça isso rapidamente. Senão não haverá tempo".

Mao ficou acordado até Wu voltar com a notícia de que havia feito o que ele pedira.

A mudança de ideia de Mao mudou sua sorte. O convite, o primeiro feito pela China comunista a um grupo americano, provocou sensação. O fato de se tratar de uma equipe esportiva ajudou a conquistar a imaginação mundial. Chou En-lai pôs seu charme para funcionar e seu regime totalitário orquestrou meticulosamente a cena, para produzir o que Kissinger chamou de "uma recepção deslumbrante" para a equipe de tênis de mesa. Relatos excitados e fascinados encheram a imprensa americana e ocidental dia após dia. Um comentarista escreveu que "Nixon ficou realmente espantado com o modo como a notícia saltou das páginas de esporte para a primeira página". Com um único lance, Mao havia criado o clima no qual uma visita à China seria um ativo político para Nixon na corrida para a eleição presidencial de 1972.

"Nixon ficou excitado ao ponto da euforia", escreveu Kissinger, e "agora queria saltar a fase dos emissários para que não tirasse o brilho de sua viagem." No final de maio, estava resolvido, em segredo, que Nixon iria à China.

Mao conseguiu não apenas a visita de Nixon, como esconder que era esse seu objetivo. O presidente americano iria à China pensando ser o mais interessado dos dois. Assim, quando fez sua primeira e secreta visita, em julho de 1971, a fim de preparar o caminho para o presidente, Kissinger levou muitos e significativos presentes e não pediu nada em troca. A oferta mais surpreendente dizia respeito a Taiwan, à qual os Estados Unidos estavam ligados por um tratado de defesa mútua. Nixon ofereceu-se para abandonar o antigo aliado, prometendo conceder pleno reconhecimento diplomático a Pequim em janeiro de 1975, desde que se reelegesse em 1972.

No final da viagem, Chou falava como se a apropriação de Taiwan fosse uma coisa decidida. Só então Kissinger fez um gesto débil: "Esperamos muito que a questão de Taiwan seja resolvida pacificamente". Mas não pressionou para que Chou prometesse não usar a força.[a]

Como parte do pacote de reconhecimento, Nixon se ofereceu para pôr Pequim na ONU de imediato: "Vocês podem ficar com o assento da China agora", disse Kissinger a Chou quando propôs o acordo por baixo do pano, e acrescentou que "o presidente quis que eu discutisse essa questão com vocês antes de adotarmos uma posição".

E havia mais, inclusive uma oferta de contar aos chineses tudo sobre as negociações dos Estados Unidos com a União Soviética. Kissinger: "Especialmente, estou preparado para lhes dar qualquer informação que queiram saber sobre quaisquer negociações bilaterais que mantemos com a União Soviética relacionadas a questões como SALT [Conversações sobre Limitação de Armas Estratégicas]". Alguns meses depois, Kissinger disse aos chineses: "Contamos a vocês sobre nossas conversas com os soviéticos; não contamos aos soviéticos sobre nossas conversas com vocês".

Junto com isso, vieram informações secretas de alto nível. Consta que o vice-presidente Nelson Rockefeller ficou "quase mesmerizado ao saber [...] da quantidade de informações delicadas que disponibilizamos aos chineses". Entre elas, estavam detalhes sobre o deslocamento de tropas soviéticas na fronteira com a China.

Kissinger também assumiu dois compromissos em relação à Indochina: retirar todas as forças americanas, mencionando um prazo de doze meses; e

abandonar o regime sul-vietnamita, prometendo se retirar "unilateralmente", mesmo que não houvesse negociações — e que as tropas americanas não retornariam. "Depois que se fizer a paz, estaremos a 10 mil milhas de distância e [Hanói] ainda estará lá", disse o assessor de Nixon. E chegou mesmo a prometer que "a maioria das tropas americanas, senão todas" estaria fora da *Coreia* antes do final do segundo mandato de Nixon, sem nem tentar extrair uma garantia de que Mao não apoiaria outra invasão comunista da Coreia do Sul.

Mao estava ganhando muito, e numa bandeja. Kissinger disse especificamente que não pedia à China para parar de ajudar o Vietnã e nem mesmo solicitou a Mao que baixasse o tom belicoso antiamericano, no mundo em geral e durante as reuniões. As minutas mostram que Chou agiu com prepotência ("vocês deveriam responder a essa questão [...] vocês devem responder a essa questão") e se referia constantemente à "sua opressão, sua subversão e sua intervenção". Com efeito, ele sugeriu que Nixon deveria fazer mais e mais concessões pelo privilégio de ir à China e ter permissão para reconhecer o regime de Pequim. A bizarra alegação de Chou de que a China não era "agressiva" — "devido ao nosso sistema [comunista]", não menos que isso — não foi contestada. E sua referência às "crueldades" americanas no Vietnã não foi contraposta às crueldades de Mao na China. Numa ocasião diferente, quando o negociador do Vietnã do Norte criticara obliquamente o governo de Nixon, Kissinger havia reagido: "Você é o representante de um dos governos mais tirânicos deste planeta". Mas, agora, Kissinger descrevia a apresentação de Chou como "muito emocionante".

Quando Mao ouviu o relatório do primeiro dia de conversações, seu ego foi às alturas e ele observou aos seus diplomatas que os Estados Unidos estavam "mudando de macaco para homem, ainda não completamente homem, que a cauda ainda está lá [...] mas não é mais um macaco, é um chimpanzé, e sua cauda não é muito comprida". "Os Estados Unidos deveriam recomeçar sua vida", proclamou, expandindo sua abordagem darwiniana, em que os Estados Unidos eram um primata em lenta evolução. "Isso é evolução!" Por sua vez, Chou comparou Nixon a uma mulher promíscua, "que se empeteca e se oferece à porta". Foi durante a primeira visita de Kissinger que Mao chegou à conclusão de que Nixon podia ser manipulado e que Pequim poderia obter muito de Washington sem ter de modificar sua tirania, ou seu palavrório antiamericano.

Imediatamente após a visita secreta de Kissinger, foi anunciado que Nixon havia sido convidado a ir à China e aceitara. Kissinger retornou a Pequim em outubro de 1971 a fim de preparar a visita do presidente americano. Sua segunda viagem coincidiu com a votação anual da ONU sobre o assento da China, que Taiwan ocupava, e a presença pública em Pequim do mais alto assessor de Nixon para assuntos estrangeiros inverteu a maré. Em 25 de outubro, Pequim substituiu Taipé na ONU, dando a Mao um assento — e o poder de veto — no Conselho de Segurança.

Isso aconteceu pouco mais de um mês depois do voo para a morte de Lin Biao. A notícia de que houvera um complô para matá-lo deixara Mao num estado de profunda depressão. A derrota de Taiwan na ONU e a iminente visita de Nixon melhoraram bastante seu ânimo. Rindo muito e fazendo piadas, ele conversou durante quase três horas com seus altos diplomatas. Diante do voto na ONU, declarou que "Grã-Bretanha, França, Holanda, Bélgica, Canadá, Itália — todos se tornaram Guardas Vermelhos".

Antes que os delegados da China partissem para a ONU, Mao fez questão de lembrá-los que deviam continuar tratando os Estados Unidos como inimigo público nº 1 e denunciá-los violentamente "pelo nome, uma necessidade absoluta". Ele queria fazer sua estreia no palco mundial como o campeão do antiamericanismo, usando a ONU como seu novo palanque.

Nove dias antes de 21 de fevereiro de 1972, data marcada para o início da visita de Nixon à China, Mao desmaiou e chegou muito perto da morte. A perspectiva da iminente chegada de Nixon ajudou-o a se recuperar. Fizeram-lhe roupas e sapatos novos, pois seu corpo ficara inchado. A sala de estar onde receberia Nixon fora transformada numa enfermaria improvisada, com uma cama grande e instalações médicas. Os auxiliares removeram uma parte disso e esconderam a cama e outros equipamentos médicos. A imensa sala foi decorada com livros antigos, o que impressionou os americanos, que não sabiam que muitos eram produto de pilhagem brutal em um passado não muito distante.

Na manhã em que Nixon chegou, Mao estava tremendamente excitado e perguntava sobre todos os detalhes. Assim que soube que ele havia chegado à residência de hóspedes, a Vila de Pesca Imperial, disse que queria vê-lo de

imediato. Nixon preparava-se para entrar no chuveiro quando Chou, comportando-se "com leve impaciência", observou Kissinger, pediu que se apressassem.

Durante o encontro relativamente curto de 65 minutos (o único entre Nixon e Mao nessa viagem), Mao evitou todas as tentativas de falar sobre questões sérias. Não porque estivesse doente, mas porque não queria deixar um registro de suas posições nas mãos dos americanos. Nada deveria prejudicar sua alegação de ser o líder antiamericano global.[b] Havia convidado Nixon a Pequim para promover essa alegação, não para desistir dela. Assim, quando Nixon propôs discutir "questões atuais como Taiwan, Vietnã e Coreia", Mao agiu como se estivesse acima dessas coisas comezinhas. "Essas questões não são questões para serem discutidas em minha casa", disse, transmitindo uma impressão de elevado desprendimento. "Elas devem ser discutidas com o premiê", acrescentando que "não quero me envolver muito com todos esses problemas aborrecidos." Depois, interrompeu os americanos para dizer: "Como uma sugestão, posso sugerir que vocês façam um pouco menos de *briefing*?". Quando Nixon persistiu em falar sobre encontrar "um terreno comum" e construir uma "estrutura mundial", Mao o ignorou, virou-se para Chou para perguntar as horas e disse: "Já não falamos demais agora?".

Mao tomou cuidado especial para não elogiar Nixon, enquanto os americanos o lisonjeavam plenamente. Nixon disse a ele: "Os escritos do presidente moveram uma nação e mudaram o mundo". Mao não agradeceu e fez apenas um comentário condescendente sobre Nixon: "Seu livro, *Seis crises*, não é mau".

Ao contrário, usou brincadeiras para humilhar Nixon e Kissinger, tentando ver o quanto eles eram capazes de engolir. Quando Nixon disse: "Li os poemas e discursos do presidente e percebi que ele é um filósofo profissional", Mao olhou para Kissinger e começou este diálogo:

Mao Ele é doutor em filosofia?
Nixon Ele é um doutor de cérebros.
Mao Que tal pedir a ele que seja o principal orador hoje?

Mao interrompia Nixon para fazer observações como: "Nós dois não devemos monopolizar todo o show. Não estará certo se não deixarmos o dr. Kissinger ter uma palavra". Isso transgredia tanto o protocolo como as regras

da polidez e significava definitivamente um desrespeito a Nixon. Mao jamais teria ousado falar desse jeito com Stálin. Mas, apesar de valorizar Kissinger às custas de Nixon, não solicitou a opinião do assessor americano. Apenas ocupou-se com uma resposta pronta, dizendo que Kissinger usava "lindas garotas como camuflagem".

Ele achava claramente que podia levar Nixon longe. No final da visita haveria um comunicado conjunto. Mao ditou um em que poderia denunciar os Estados Unidos. "Eles não estão falando de paz, segurança [...] e não sei o que mais?", disse a Chou. "Faremos o oposto e falaremos de revolução, liberar as nações e os povos oprimidos de todo o mundo." Assim, no comunicado, cada lado declarou sua posição. Os chineses usaram seu espaço para um ataque aos Estados Unidos (embora sem nomeá-los). O lado americano não disse uma palavra crítica ao regime de Mao, não indo além de um vago e muito moderado lugar-comum sobre apoiar "a liberdade individual".[c]

Apesar de todos os seus esforços para parecer o campeão do antiamericanismo, Mao recebeu muitas críticas de seus antigos aliados. A mais violenta veio da Albânia, o que importava para ele, pois era o único regime do Leste Europeu que se afastara da órbita soviética. Enver Hoxha escreveu uma carta de dezenove páginas em que manifestava sua fúria em relação ao que chamava de "este negócio asqueroso". Na verdade, o líder albanês usou com astúcia a retórica para extrair quantidades colossais de ajuda extra, dizendo basicamente: você está de relações com o inimigo, mas pode comprar meu silêncio com mais dinheiro. Mao pagou.

O maior problema era o Vietnã, que contava muito mais do que a Albânia internacionalmente. Os vietnamitas estavam preocupados com que Mao tentasse usá-los como moeda de troca com os Estados Unidos. Quando Chou foi a Hanói, logo após a primeira visita de Kissinger, para explicar a iniciativa de Pequim, ouviu o suficiente do líder norte-vietnamita. "O Vietnã é o nosso país", protestou Le Duan, "vocês não têm o direito de discutir a questão do Vietnã com os Estados Unidos." Após a visita de Nixon, Chou retornou a Hanói e teve uma recepção ainda pior. O príncipe Sihanouk estava lá na ocasião, depois de sair de Pequim indignado com a visita de Nixon. Ele deixou um raro retrato de um Chou aturdido que "parecia esgotado e ainda acalorado pela discussão que acabara de ter com os 'camaradas' norte-vietnamitas. Ele parecia irritado" e "fora de si". Mao

tentou salvar um pouco de sua influência enviando ainda mais ajuda, que chegou a níveis inéditos a partir de 1971, atingindo o auge em 1974.

Todos esses subornos para manter velhos aliados em silêncio significavam um aperto maior para a população chinesa. Mas os fardos extras não pararam por aí. À medida que mais países reconheciam Pequim, na esteira da visita de Nixon, o número de Estados aos quais a China enviava ajuda saltou de 31, antes de 1970, para 66. Para a minúscula e imensamente mais próspera Malta (cerca de 300 mil habitantes), Mao mandou 25 milhões de dólares em abril de 1972. Seu primeiro-ministro Dom Mintoff voltou de Pequim exibindo um distintivo de Mao.

Com frequência, ele tinha de pagar acima do preço para voltar a contar com a simpatia de países que antes tentara subverter. Um antigo alvo, o presidente Mobutu, do Zaire, contou-nos com que generosidade foi financiado por Mao, que — ao contrário do FMI e do Banco Mundial — o deixava adiar indefinidamente o pagamento de empréstimos, ou pagá-los em moeda zairiana sem valor. Nos anos 1971-75, a ajuda externa chegou à média assombrosa de 5,88% de todos os gastos da China, com um pico de 6,92% em 1973 — de longe, a maior porcentagem do mundo e, pelo menos, setenta vezes maior que a média dos Estados Unidos.

Enquanto Mao prodigalizava dinheiro e alimentos e construía caros sistemas de metrô, estaleiros e infraestrutura para países muito mais ricos do que a China, a maioria dos 900 milhões de chineses vivia pouco acima do nível de subsistência. Em muitas regiões, os camponeses lembram que os anos de maior fome após a Grande Fome de 1958-61 foram de 1973 até a morte de Mao, em 1976 — os anos imediatamente posteriores à visita de Nixon.

Ao presidente Nixon atribui-se com frequência o mérito de ter aberto as portas para a China. Na medida em que vários estadistas e empresários ocidentais, mais alguns jornalistas e turistas, puderam entrar na China, ele de fato aumentou a presença ocidental na China. Mas não abriu as portas *da* — muito menos *a partir da* — China, e o aumento da presença ocidental não teve nenhum impacto apreciável sobre a sociedade chinesa enquanto Mao esteve vivo. Ele tomou providências para que a China continuasse a ser uma prisão bem fechada para a vasta maioria de sua população. As únicas pessoas que se beneficiaram com a aproximação pertenciam a uma pequena elite.

Algumas delas tiveram permissão para ver parentes do exterior — sob forte supervisão. E um grupo minúsculo pôde pôr as mãos na meia dúzia de livros ocidentais contemporâneos traduzidos em edições secretas, um dos quais era *Seis crises*, de Nixon. A partir de 1973, alguns estudantes de línguas estrangeiras foram enviados ao exterior, mas os poucos que tiveram essa sorte tinham de ser politicamente ultraconfiáveis, e viviam e trabalhavam sob a mais rigorosa vigilância, proibidos até de sair de casa desacompanhados.

A população como um todo permaneceu rigidamente separada dos poucos estrangeiros que tiveram permissão para entrar no país, os quais eram submetidos a controle rigoroso. Qualquer conversa não autorizada com eles podia provocar uma catástrofe aos moradores do lugar envolvidos. As minúcias a que o regime podia chegar eram extraordinárias. Para a visita de um dia de Nixon a Xangai, que coincidiu com o ano-novo chinês, ocasião tradicional para as reuniões familiares (como o Natal), milhares de jovens que haviam sido enviados para o campo e que estavam visitando suas famílias foram expulsos de volta para suas aldeias de exílio, como precaução contra a possibilidade extremamente remota de que algum deles tentasse se queixar ao presidente americano.

Os verdadeiros beneficiários da visita de Nixon foram o próprio Mao e seu regime. Para atender a seus fins eleitorais, Nixon desdemonizou Mao para a opinião pública do Ocidente. Ao dar um informe ao staff da Casa Branca depois de sua volta, Nixon falou da "dedicação" da panelinha cínica de Mao, a qual foi chamada por Kissinger de "um grupo de monges [...] que têm [...] mantido sua pureza revolucionária". Os homens de Nixon afirmaram, falsamente, que "no regime de Mao, a vida das massas chinesas melhorou muito". Billy Graham, o evangelista preferido de Nixon, louvou as virtudes de Mao aos homens de negócios britânicos. Kissinger sugeriu que a turma desumana de Mao "nos desafiaria em termos morais". O resultado foi uma imagem de Mao muito mais distante da verdade do que aquela que o próprio Nixon havia ajudado a fornecer quando era um feroz anticomunista, nos anos 1950.

Mao tornou-se uma figura internacional não apenas com credibilidade, mas com incomparável fascínio. Estadistas do mundo inteiro bateram à sua porta. Uma audiência com ele era — e às vezes ainda é — considerada o auge de muitas carreiras, e vidas. Quando chegou a vez do presidente Luis Echeverría, do México, sua comitiva literalmente brigou para fazer parte do

grupo que compareceria à audiência. O embaixador australiano contou-nos que não ousou ir ao banheiro, ainda que sua bexiga estivesse a ponto de estourar, pois os poucos privilegiados poderiam partir subitamente sem ele. O primeiro-ministro do Japão Kakuei Tanaka, por outro lado, urinou na casa de Mao. O próprio Mao o acompanhou até o banheiro e esperou por ele do lado de fora da porta.

Os estadistas suportaram desconsiderações que jamais aguentariam de outros líderes. Não apenas não lhes diziam com antecedência se veriam Mao, como eram chamados de forma peremptória no momento mais conveniente para o presidente, independentemente do que estivessem fazendo, até mesmo no meio de uma refeição. O primeiro-ministro do Canadá Pierre Trudeau, que sequer pedira audiência com Mao, viu-se de repente recebendo ordens de Chou — "Bem, temos de suspender agora. Tenho outros assuntos e você também" —, sem lhe dizer para quê.

Quando se encontrava com estrangeiros, Mao alardeava suas ideias cínicas e ditatoriais. "Os métodos de Napoleão eram os melhores", disse ao presidente francês Georges Pompidou: "Ele dissolveu todas as assembleias e simplesmente nomeou aqueles que governariam com ele". Quando o ex-primeiro-ministro britânico Edward Heath manifestou surpresa diante do fato de que o retrato de Stálin ainda estava na praça Tiananmen e lembrou que o líder russo havia massacrado milhões de pessoas, Mao fez um sinal de desprezo com a mão e respondeu: "Mas ele está lá porque era um marxista". Ele conseguiu até infectar líderes ocidentais com seu jargão. Depois que o premiê australiano Gough Whitlam mostrou alguma incerteza a respeito da resposta correta a uma questão sobre Darwin, ele escreveu para Mao o que chamou em suas memórias de "autocrítica". Ainda em 1997, quando já se sabia muito mais sobre Mao, Kissinger o descreveu como um "filósofo" e afirmou que o objetivo dele era "uma busca pela virtude igualitária".

Mao gostava de dar audiências a visitantes fascinados por estrelas e continuou a fazê-lo até seus últimos dias, quando um tubo de oxigênio ficava em seu criado-mudo, escondido por um livro ou um jornal. Para ele, essas audiências representavam a glória mundial.

A visita de Nixon também abriu-lhe a possibilidade de pôr as mãos em tecnologia e equipamentos militares ocidentais avançados. Ao ditador

coreano Kim, disse que "o único objetivo dessas relações é obter tecnologia desenvolvida". Ele sabia que só poderia alcançá-lo se os Estados Unidos o considerassem um aliado. Para dar uma explicação plausível para a mudança de sua velha postura antiamericana, Mao alegou que vivia com medo de um ataque russo e precisava desesperadamente de proteção. Depois de estabelecer a base a partir da primeira visita de Kissinger, em fevereiro de 1973, Mao falou explicitamente sobre uma aliança militar. "A União Soviética dominou nossas conversações", relatou Kissinger a Nixon; como ele diz em suas memórias, deram-lhe a entender que "o conflito da China com a União Soviética era inerradicável e estava além da sua capacidade de cuidar dele sozinha". Mao disse então ao conselheiro americano: "Devemos traçar uma linha horizontal [uma aliança] — Estados Unidos, Japão, China, Paquistão, Irã, Turquia e Europa".[d] Todos os lugares que Mao citou, exceto a China, eram aliados americanos.

Para tornar a ideia mais atraente, Mao e Chou disseram que a China gostaria que a aliança fosse *liderada pelos Estados Unidos*. Kissinger registrou que Chou "apelou para que assumíssemos a iniciativa na organização de uma coalizão antissoviética".

Mao não estava *tão* assustado com um ataque soviético. Embora o temesse realmente, como mostrara no medo de 1969, desde então ficara claro para ele que as chances de tal evento eram muitíssimo remotas. O modo como tentava obter ardilosamente segredos militares americanos obedecia a um padrão semelhante à sua aproximação no passado com Moscou. Duas vezes, em 1954 e 1958, ele havia explorado o medo de que os americanos usassem bombas atômicas em suas encenações de confronto com Taiwan para obter ajuda de Khruchióv; no primeiro caso, para construir sua própria bomba e, no segundo, para extrair um acordo que quase lhe deu um arsenal moderno inteiro. Agora, usava o espectro da guerra de novo para obter uma vantagem similar dos Estados Unidos.

Em certo momento de fevereiro de 1973, Mao revelou de relance o que pensava realmente sobre a "ameaça soviética". Quando Kissinger prometeu que os Estados Unidos viriam em auxílio "se a União Soviética invadir a China", Mao, que havia antes trazido à baila essa hipótese, respondeu rindo: "Como isso vai acontecer? Como poderia ser? [...] você acha que eles se sentiriam bem se ficassem atolados na China?". Vendo que Kissinger estava

um pouco perplexo, ele mudou rapidamente essa linha de raciocínio e voltou a simular preocupação.

Para persuadir os americanos a pensar que os queria realmente como aliados, Mao deu a entender que Pequim e Washington tinham um inimigo em comum: Hanói. Kissinger foi embora achando que, "na Indochina, os interesses americanos e chineses eram quase paralelos. Um Vietnã unido comunista dominante na Indochina era um pesadelo estratégico para a China". A posição de Mao não era uma traição apenas aos vietnamitas, mas também ao povo chinês, que se privara de artigos essenciais durante décadas para ajudar os vizinhos contra o "imperialismo" americano.

Mao acrescentou um toque pessoal para amolecer Kissinger ao aludir ao sucesso do conselheiro de Nixon com as mulheres. "Correram rumores de que você estava prestes a desmaiar (risos)", diz o registro do encontro. "E as mulheres sentadas aqui ficaram todas insatisfeitas com isso (risos, especialmente entre as mulheres). Elas dizem que o dr. [Kissinger] vai desmaiar, nós estaremos sem trabalho. Você quer mulheres chinesas? Podemos dar-lhe 10 milhões (risos, particularmente entre as mulheres)."

Algumas semanas depois, em 16 de março, Nixon escreveu uma carta secreta para Mao em que declarava que a integridade territorial da China era um "elemento fundamental" da política externa dos Estados Unidos, em linguagem que sugeria um compromisso de defender militarmente a China, caso fosse atacada. Os chineses queriam saber o que isso significava de fato.

Em 6 de julho, Kissinger disse a eles que havia montado "um grupo muito secreto de quatro ou cinco dos melhores oficiais que pude encontrar" para estudar o que os Estados Unidos poderiam fazer. Entre as hipóteses consideradas estava uma ponte aérea americana para fornecer projéteis de artilharia nuclear e mísseis nucleares de batalha às forças chinesas em caso de guerra. A única opção prática, recomendava o grupo, era levar para a China por via marítima bombardeiros táticos americanos carregados de armas nucleares e lançar ataques nucleares sobre as forças soviéticas a partir de campos de aviação chineses. Isso abria a perspectiva de armas nucleares americanas ficarem estacionadas em território chinês.

Em 19 de julho, Kissinger explicou para seu círculo íntimo o pensamento da Casa Branca: "Toda essa conversa sobre 25 anos de desavença mútua era asneira. O que os chineses queriam era apoio em uma contingência militar".[e] O memorando revela que o conselheiro americano tinha plena consciência

de que ele e Nixon estavam pensando em fazer algo quase inimaginável: "Talvez não consigamos levar isso a cabo, mas pelo menos [Kissinger] e o presidente compreenderam isso. Alex Eckstein e outros liberais estúpidos adoravam a China, mas, se lhes pedissem ações militares em uma contingência, teriam seiscentos ataques do coração".

Nixon e Kissinger sabiam que Mao estava de olho em know-how militar e concordaram em lhe arranjar aquisições substanciais. Em 6 de julho, Kissinger disse ao enviado de Mao:

> Conversei com o ministro do Exterior francês sobre nosso interesse em fortalecer a RPC [China comunista]. Faremos o que pudermos para encorajar nossos aliados a acelerar os pedidos que recebem de vocês sobre itens para a defesa chinesa.
>
> Em particular, vocês pediram alguma tecnologia Rolls-Royce [motores]. De acordo com os regulamento existentes, temos de nos opor a isso, mas elaboramos um procedimento com os britânicos em que eles irão em frente de qualquer modo. Assumiremos uma posição formal de oposição, mas somente isso. Não se confundam com o que fazemos publicamente [...]

Essa decisão foi vital para a indústria aeronáutica chinesa, totalmente orientada para fins militares — e decrépita. Em abril de 1972, Chou advertira os albaneses para não usar os MiG-19 de fabricação chinesa. Seis meses depois, um avião fornecido para outro país explodiu no ar; após esse incidente, foram suspensas todas as remessas de armas para o exterior. Chou disse aos chefes de Estado do Terceiro Mundo que não podia atender a seus pedidos urgentes de helicópteros chineses, pois não eram seguros.

O acesso à tecnologia ocidental revolucionou a indústria aeronáutica chinesa e talvez tenha também impulsionado seu programa de mísseis, pois especialistas em foguetes estiveram a fundo envolvidos nas negociações com a Rolls-Royce. Além disso, em sigilo Kissinger estimulou a Inglaterra e a França a vender tecnologia de reator nuclear estritamente proibida à China. Desse modo, Mao fez muitos progressos no sentido de obter o que sempre havia sido seu principal objetivo.

Os russos ficaram alarmados com as negociações de Mao com os americanos. Em junho de 1973, Bréjnev advertiu Nixon e Kissinger de que (nos termos usados por Kissinger para o contato chinês): "Se fossem feitos acordos militares entre os Estados Unidos e a RPC, isso teria as consequências mais sérias e levaria os soviéticos a tomar medidas drásticas". Essa conversação com Bréjnev, que dizia respeito à segurança nacional

americana, foi prontamente relatada ao enviado de Mao, que estava presente na ala oeste da Casa Branca durante as conversas de Nixon com o líder russo, mas não aos aliados dos Estados Unidos — ou ao próprio governo americano. "Não contamos para ninguém de nosso governo sobre essa conversação", confidenciou Kissinger ao enviado de Mao. "Ela deve ser mantida em segredo total."

Um objetivo aparente da jornada de Nixon a Pequim fora diminuir o perigo de uma guerra com a União Soviética. Graças a Mao, esse perigo havia aumentado.

a Os registros das visitas de Kissinger em 1971 foram mantidos em segredo até 2002. Em suas memórias, ele alegou que Taiwan fora "mencionada apenas de passagem". Em 2002, quando confrontado com os documentos, disse: "O modo como me expressei foi infeliz e me arrependo disso".

b Para que não houvesse possibilidade de registro, Mao tomou também a providência de não permitir a presença de um intérprete americano. Nixon sujeitou-se a isso sem objeções.

c Isso não se deu porque a repressão asfixiante não estivesse visível. O comentarista político William Buckley notou como não havia gente em todos os lugares que visitaram. "Onde está o povo?'", perguntou a um dirigente chinês. "Que povo?", respondeu ele. E Buckley replicou: "O Povo, aquele que está na República Popular da China".

d Nas minutas publicadas em inglês, que foram fornecidas pelos chineses, não há menção à "China", mas a palavra está no registro em chinês.

e Kissinger havia feito uma sondagem sobre o quanto os chineses realmente queriam uma aliança sugerindo "ajuda militar chinesa" contra a Índia durante a crise de Bangladesh, em dezembro de 1971.

55. O chefe nega tratamento de câncer a Chou (1972-74; 78-80 anos)

Em meados de maio de 1972, pouco depois da visita de Nixon, descobriu-se que Chou En-lai estava com câncer na bexiga. No regime de Mao, até uma doença que punha em risco a vida não era uma simples questão médica. Mao controlava quando e como os membros do seu Politburo poderiam receber tratamento. Os médicos tinham de informar primeiro Mao. Eles pediram cirurgia imediata para Chou, enfatizando que o câncer estava em um estágio inicial e que medidas imediatas poderiam curá-lo.

Em 31 de maio, Mao decretou: "Primeiro: mantenham a notícia em segredo e não contem ao premiê ou [sua esposa]. Segundo: nada de exames. Terceiro: nada de cirurgia".

Seus pretextos para vetar o tratamento eram que Chou estava "velho" (tinha 74 anos), tinha "problema de coração" e que a cirurgia era "inútil". Mas o próprio Mao estava com 78 anos e tinha problemas piores de coração, e nem por isso deixava de ter cirurgiões e anestesistas de plantão para ele.

Mao não queria que Chou se internasse no hospital e fosse tratado porque precisava que ele estivesse disponível para trabalhar 24 horas, a fim de cuidar dos estadistas estrangeiros que faziam fila à sua porta depois da visita de Nixon. Desde o início da década de 1940, Chou era seu diplomata fundamental. Durante a guerra contra o Japão, tinha ficado anos em Chongqing, a capital de Chiang Kai-shek, e com sua combinação de charme, habilidade e atenção aos detalhes, conquistara muitos simpatizantes estrangeiros para os comunistas. Quando começou a guerra civil, depois da rendição dos japoneses, ele envolveu com sua esperteza o enviado do presidente Truman, George Marshall, cujas decisões contribuíram significativamente para a conquista da China por Mao. Após a fundação da China comunista, Chou foi o executor da política externa de Mao e seu

maior trunfo diplomático. Em 1971, após os três primeiros dias de conversações, Kissinger foi efusivo sobre a "estatura heroica" de Chou em seu relatório para Nixon:

> minhas extensas discussões com Chou, em particular, tiveram todas o sabor, a textura, a variedade e a delicadeza de um banquete chinês. Preparado a partir do longo alcance da tradição e da cultura, cozido com meticulosidade pelas mãos da experiência e servido em ambientes esplendidamente simples, nosso banquete consistiu em muitos pratos, alguns doces e outros amargos [etc. etc.] [...] e vai-se embora, depois de todas as boas refeições chinesas, muito satisfeito, mas não de todo saciado.

Não obstante, embora fosse uma estrela, Chou submetia-se servilmente a Mao diante dos estrangeiros. Na presença de Mao, comentou Kissinger, Chou "parecia uma figura secundária". O premiê do Japão Tanaka foi mais longe: "Chou não é ninguém diante de Mao", disse ao retornar da China em setembro de 1972, quando se restabeleceram as relações diplomáticas entre os dois países (e Mao, num gesto de magnanimidade, abriu mão de todas as reclamações de compensações de guerra). O lema de Chou ao tratar com Mao era: "Sempre se comporte como se andasse sobre gelo fino".

Mas entreter estadistas visitantes não era o único e nem mesmo o principal motivo de Mao vetar a cirurgia de Chou. Ele queria o premiê ao seu redor no curto prazo, mas não o desejava curado, pois não queria que Chou, quatro anos mais moço, sobrevivesse a ele. Essa era a miserável recompensa por décadas de serviços, que haviam compreendido um cuidado pela saúde de seu senhor que ia além do simples dever. Chou chegara mesmo a testar em si mesmo alguns dos remédios de Mao e havia experimentado o colírio dele — "para ver se isso arde", em suas palavras.

Embora os médicos tivessem ordens para não lhe dizer que estava com câncer, Chou percebeu o que estava acontecendo a partir dos frequentes exames de urina que lhe pediam para fazer e do modo evasivo como se comportavam. Recorreu então à leitura de livros de medicina. Mao sabia que Chou estava extremamente ansioso para se tratar e aproveitou a chance para exercer um pouco de chantagem. Desde a fuga e morte de Lin Biao, em setembro do ano anterior, Mao estava preocupado com a quantidade de poder nas mãos de Chou, pois ele estava dirigindo tudo: partido, governo e Exército. Mao decidiu explorar a ansiedade do premiê e obrigá-lo a fazer

algo que o enfraqueceria ao máximo: exigiu que Chou fizesse uma autocrítica detalhada de seus "erros" passados diante de trezentos altos funcionários.

Além disso, mandou que Chou fizesse circular entre esses dirigentes um documento altamente incriminador dele mesmo. Em 1932, logo depois que Chou havia substituído Mao na direção do partido no estado comunista de Ruijin, uma "nota de retratação" aparecera misteriosamente na imprensa de Xangai, assinada pelo pseudônimo de Chou na época, em que seu autor condenava o Partido Comunista e renunciava a ele. Chou ficara com pavor dessa tentativa de difamação, em especial porque temia que ela tivesse sido plantada por Mao, e se grudara nele. A partir de então, Mao soube que tinha uma arma de chantagem eficaz. Quando começou a Revolução Cultural, mais de três décadas depois, ameaçou Chou com a nota. Agora, trazia-a à baila de novo.

Chou passou muitos dias escrevendo o discurso humilhante, tão longo que ele demorou três noites para lê-lo. Era tão duro consigo mesmo e tão patético que alguns dos ouvintes se encolheram de dor e constrangimento. No final, anunciou: "Sempre pensei e sempre pensarei que não posso estar no leme e só posso ser um auxiliar". Tratava-se de uma tentativa desesperada de jurar que não tinha ambições de superar Mao e não representava uma ameaça.

Nesse período, Chou levou uma vida dupla extraordinária, única nos anais da política moderna. Escondido dos olhos da China e do exterior, era um escravo chantageado que vivia com medo de um câncer não tratado e de um expurgo; para o mundo em geral, era um virtuoso que encantava os estadistas visitantes, muitos dos quais o consideravam a figura política mais impressionante e o homem mais cativante que haviam conhecido.

Mas, mesmo depois de cumprir a exigência de Mao, este continuou a negar-lhe tratamento. No início de 1973, a urina de Chou continha muito sangue, sinal de que o tumor piorara muito. Só então foi informado oficialmente do câncer. Mas quando os médicos pediram permissão para realizar um exame completo e lhe dar tratamento, Mao os repreendeu por meio de seu camareiro em 7 de fevereiro, com palavras que davam a entender que Chou estava velho o bastante para morrer e acrescentando: "Para que diabo vocês querem um exame?".

Uma semana depois, Chou realizou um excelente serviço que deixou o chefe de bom humor. Naquele mês de fevereiro, quando Kissinger esteve em

Pequim e Mao fingiu que desejava uma aliança, Chou conseguiu tornar plausível seu fingimento. Então Mao concordou por fim em deixá-lo receber tratamento, depois de humilde solicitação de Chou. Mas estabeleceu condições: ordenou que fosse feito "em dois estágios", autorizando apenas um exame e especificando que os cirurgiões deveriam deixar a remoção de qualquer tumor para um "segundo estágio". Quando se tratava de evitar a cura de Chou, a engenhosidade de Mao era infinita.

O cirurgião-chefe percebeu que "não [haveria] um segundo estágio" e decidiu correr o risco de desagradar Mao e remover o câncer durante o exame, o que aconteceu em 10 de março.

Logo antes do exame, a sra. Chou lembrou aos cirurgiões: "Vocês sabem que devem fazer isso em dois estágios, não é?". O cirurgião-chefe perguntou: "Mas e se eu vir um pequeno caroço durante o exame [...] devo deixá-lo lá [...]?". Ela concordou que ele poderia removê-lo. Quando recobrou a consciência e soube que o tumor havia sido removido, Chou fez devidamente um pouco de teatro maoísta e censurou os médicos: "Não disseram para vocês que era para fazer em dois estágios?". Mas estava visivelmente satisfeito e convidou a equipe médica para jantar um pato à Pequim.

Os médicos estavam nervosos quanto à reação de Mao e ficaram aliviados ao receber uma mensagem telefônica que dizia: "Que bom que os médicos combinaram dois estágios em um". Embora o elogio fosse hipócrita, demonstrava que Mao havia aceitado o fato consumado. Mas não foi uma operação completa.

O humor afável de Mao não durou muito. Em 22 de junho de 1973, Bréjnev e Nixon assinaram um acordo sobre prevenção de guerra nuclear. Ao ler uma análise do Ministério do Exterior segundo a qual o acordo mostrava que "o mundo está mais do que nunca dominado pelas duas potências, os Estados Unidos e a União Soviética", sentiu uma raiva monumental. A visita de Nixon a Pequim aumentara sua esperança de que (nas palavras de Kissinger) "a bipolaridade do período do pós-guerra havia acabado". Mas Mao viu que isso não era verdade e que ele mudara a balança do poder mundial. E, no meio-tempo, seu flerte com os Estados Unidos lhe havia custado sua imagem internacional: "Minha reputação foi para o vinagre nos dois últimos anos", disse a seus acólitos. "O único Marx no mundo, o único

farol está agora na Europa. Lá [referia-se à Albânia, que o criticara por causa da visita de Nixon], até seus peidos são considerados perfumados e são tratados como éditos imperiais [...] E passei a ser considerado um direitista oportunista."

Mao descarregou em cima de Chou. Havia armazenado muito ressentimento graças a todas as negociações com os Estados Unidos. Embora tivesse arquitetado a visita de Nixon e o fim do isolamento diplomático de Pequim, era principalmente Chou que parecia receber o mérito (há alguns paralelos com o ciúme de Nixon em relação a Kissinger). Em 4 de julho, mandou dizer ao Politburo que Chou era um "revisionista" e o premiê foi condenado a mais uma rodada de autocrítica.

Mal havia acabado essa crise quando outra, muito pior, caiu sobre a cabeça de Chou. Kissinger retornou à China em novembro (agora no posto de secretário de Estado), com um golpe terminal nas ambições de Mao. Nove meses antes, ele havia prometido que Washington estabeleceria relações diplomáticas plenas "após as eleições [parlamentares] de 1974". Agora, dizia que a "situação interna" dos Estados Unidos impedia o corte de relações com Taiwan "imediatamente" — pré-requisito de Pequim para estabelecer relações diplomáticas. Mao jamais mandaria em Taiwan, nem obteria reconhecimento diplomático americano.

O pior ainda para Mao era que seus sonhos de obter poderio militar por cortesia dos Estados Unidos não deram em nada. Tudo o que Kissinger podia oferecer era um sistema de "alarme precoce" para detectar lançamentos de mísseis soviéticos. "Terei de estudar isso", respondeu Chou, mas Kissinger não recebeu mais resposta. A proposta não tinha interesse para Mao, pois não acreditava realmente em um ataque russo. Os chineses pararam de falar sobre aliança militar com os Estados Unidos.[a]

Mao pôs a culpa desses reveses no escândalo de Watergate, que ameaçava então a presidência e tornava impossível para Nixon assumir grandes riscos. Ele passou algum tempo conversando com Kissinger sobre o escândalo, dizendo que não estava "feliz com aquilo" e não conseguia entender toda aquela "peidorrada". Para outros homens de Estado estrangeiros, não cansou de vituperar contra Watergate. Ao presidente francês Pompidou, disse que não conseguia entender todo aquele "fuzuê". "O que há de errado em ter um gravador?", perguntou ao primeiro-ministro da Tailândia. "Os governantes não têm o direito de mandar?", perguntava. Em maio de 1974, quando

Nixon estava nas cordas, Mao perguntou ao ex-primeiro-ministro britânico Heath: "Você não pode dar uma mão para ajudá-lo?".

Por causa de Watergate, Nixon foi forçado a renunciar em 9 de agosto de 1974. Menos conhecido é o fato de que Watergate também ajudou a acabar com os sonhos de Mao de tornar a China uma superpotência.

Naquela época, o Programa de Superpotência estava em péssimo estado, apesar das duas décadas em que consumira uma enorme proporção do investimento da nação. O arsenal de alta tecnologia estava produzindo equipamentos defeituosos e precisava desesperadamente de input estrangeiro. Sem poder contar com a Rússia, Mao nutrira esperanças de que os Estados Unidos lhe dariam vida nova. Mas a viagem de novembro de 1973 de Kissinger, realizada sob a sombra de Watergate, fechou-lhe essa porta. Mao não conseguiu inventar uma nova estratégia. Por mais que fosse um ás das maquinações, até ele havia chegado ao fundo do poço.

Mao estava com oitenta anos, e muito doente. Finalmente resignou-se à realidade de que a China não se tornaria uma superpotência no tempo que lhe restava de vida. Não poderia dominar o mundo, ou qualquer outra parte fora da China.[b]

Seu desencanto tornou-se de imediato aparente aos americanos. Reuniões foram canceladas pelo lado chinês e a cooperação fraquejou. As relações sino-americanas tornaram-se "substancialmente congeladas", observou Kissinger, e suas viagens seguintes à China "ou foram francamente frias, ou foram atos de manutenção". Ele não viu Mao durante dois anos; assim ignorado, Mao falava mal de Kissinger para seu círculo íntimo e até para o ex-premiê britânico Heath, a quem disse em 1974: "Acho que Henry Kissinger é apenas um homenzinho engraçado. Está sempre com os nervos tremendo quando vem me ver". Em 21 de outubro de 1975, quando se encontraram novamente para negociar uma visita de Gerald Ford, o sucessor de Nixon, Kissinger ofereceu assistência militar americana, esperando que Mao ainda estivesse interessado. Mas ele pôs a oferta de lado: "Quanto aos aspectos militares, não devemos discutir isso agora". Mais tarde, quando Ford visitou a China, Mao foi amistoso, mas distante.

A fúria e a decepção de Mao foram descarregadas principalmente em Chou. Durante a visita de Kissinger de novembro de 1973, que representou um divisor de águas, o secretário de Estado notou que Chou, ao contrário de seu comportamento usual, "parecia hesitante"; "faltavam-lhe as velhas argúcia e centelha". Assim que Kissinger partiu, os subordinados de Chou no Ministério do Exterior, inclusive companheiros íntimos que trabalhavam com ele havia décadas, foram forçados a atacá-lo durante semanas seguidas, por supostas falhas nas conversações com os americanos. Seu câncer havia retornado e ele urinava grandes quantidades de sangue em meio a essas sessões. Mao mantinha-se informado sobre seu estado miserável por meio de duas jovens que faziam carreira no Ministério do Exterior e que gozavam de uma relação próxima com ele: uma era sua sobrinha, outra era sua intérprete de inglês, Nancy Tang.

Mao também açulou sua mulher, que acusou Chou de "capitular" para os americanos. Quando Chou tentou se defender, ela o interrompeu: "Você é realmente um tagarela!".

Durante essas semanas de tormento, Chou continuou trabalhando. Em 9 de dezembro, estava presente ao encontro de Mao com o rei e a rainha do Nepal. Depois que o casal real saiu, Mao lhe disse com um sorriso afetado: "Premiê, você não anda esgotado?". "O premiê está em estado realmente lamentável. Esgotado dessa maneira por essas assanhadas." Quando Chou foi embora, as "assanhadas" — a sobrinha de Mao e Nancy Tang — censuraram Mao: "Como você pode dizer uma coisa dessas sobre nós?". Mao reagiu de modo coquete: "Mas é verdade, é tudo obra de vocês!". Estava se divertindo às custas de Chou.

Na fotografia oficial publicada da reunião com os nepaleses, Chou está sentado numa cadeira dura, reservada normalmente para um intérprete, na extremidade de um arco de poltronas reservadas às personagens importantes. Tratava-se mais do que uma humilhação sem importância. No mundo comunista, a localização do assento era o sinal mais forte da ascensão ou queda de um líder. As pessoas começaram a evitar sua equipe.

Por fim, Mao passou a informação de que Chou não deveria mais ser assediado. Depois de jogar com a dignidade e energia de seu premiê, ele ainda queria ter seus serviços à disposição. A última contribuição importante de Chou para a política externa de Mao foi supervisionar a captura das ilhas Paracel (também conhecidas como Xisha) no mar da China Meridional, de

propriedade do Vietnã do Sul, em janeiro de 1974, antes que caíssem nas mãos dos vietnamitas "camaradas" de Pequim.

Nessa época, Chou estava perdendo tanto sangue que precisava de duas transfusões por semana. Com frequência, o sangue entupia a uretra e ele não conseguia urinar; seus médicos o viam saltar e rolar de um lado para o outro, tentando soltar o coágulo. Mesmo nesse estado, ainda era perseguido. Durante uma transfusão, chegou uma mensagem que o convocava para ir de imediato a uma reunião do Politburo. Seu médico pediu vinte minutos para terminar a transfusão. Minutos depois, apareceu outro bilhete embaixo da porta, dessa vez da esposa de Chou, que dizia: Por favor, diga ao premiê para ir. Chou demonstrou apenas um átimo de raiva ao dizer: tire a agulha! Os médicos souberam depois que não havia nada de urgente.

A súplica dos médicos para realizar uma cirurgia adequada recebeu uma resposta brutal em 9 de maio de 1974: "As operações estão fora de cogitação por enquanto. Absolutamente nenhum espaço para discussão". Mao pretendia deixar que o tumor acabasse com Chou sem ser interrompido. Então, Chou quase implorou, por meio dos quatro líderes designados por Mao para supervisionar seus "cuidados" médicos. A essa altura, Mao deu seu consentimento, com relutância: "Que ele veja Tun Razak e depois falaremos sobre isso". Razak, o primeiro-ministro da Malásia, deveria chegar no final do mês e Chou entrou no hospital em 1º de junho, depois de assinar o comunicado que estabelecia relações diplomáticas com aquele país. Só então pôde ter sua primeira operação apropriada, dois anos depois que seu câncer fora diagnosticado. Esse atraso garantiu que ele morresse dezenove meses depois, e antes de Mao.

Mao só concedeu por fim a cirurgia a Chou porque se sentia altamente vulnerável, em consequência da deterioração de suas condições físicas. Estava quase cego e, o mais preocupante, começava a perder o controle sobre partes do corpo. Nesse estado, não queria empurrar Chou para um canto e fazê-lo sentir que não tinha nada a perder, e que poderia até tomar medidas extremas.

Pouco mais de um mês após a operação, Chou recebeu uma notícia surpreendente: Mao sofria de uma doença rara e incurável e tinha apenas dois anos de vida. Chou decidiu não passar essa informação para o chefe.

Esse conhecimento transformou a relação entre os dois. Chou tornou-se um homem muito mais ousado.

a Mais tarde, Kissinger disse (ao embaixador russo em Washington) que “estivera errado ao basear seus conceitos na inevitabilidade de um ataque soviético contra a China”.

b Mao percebeu que todo o processo de transferência de tecnologia do Ocidente era lento demais para ele. O acordo do motor Rolls-Royce estimulado por Kissinger só seria assinado dois anos depois e os primeiros motores só foram produzidos na China muito depois da morte de Mao. O primeiro acordo significativo de alta tecnologia com os Estados Unidos, para computadores potentes, foi assinado somente em outubro de 1976, após sua morte. Ele não conseguiu impor seu cronograma aos países democráticos, nem à indústria moderna.

56. Madame Mao na Revolução Cultural (1966-75; 72-81 anos)

Com frequência, considera-se que Jiang Qing, a última esposa de Mao, era a mulher maldosa que o manipulava. Maldosa ela era, mas nunca esteve na origem de medidas políticas e sempre foi uma serva obediente dele, desde o momento em que casaram, em 1938. A relação de ambos foi descrita adequadamente por ela depois da morte do marido: "Eu era o cão do presidente Mao. Quem quer que ele me pedisse para morder, eu mordia". Nos primeiros anos do Grande Expurgo, ela encabeçou o Pequeno Grupo que cuidava dos expurgos e depois foi membro do Politburo. Nesses cargos, desempenhou um grande papel na destruição da vida de dezenas de milhões de pessoas. Ela também ajudou Mao a destruir a cultura chinesa e fazer do país um deserto cultural.

A única iniciativa individual que teve no expurgo foi usar sua posição para executar vinganças pessoais. Uma delas foi contra uma atriz chamada Wang Ying, que décadas antes ganhara um papel teatral que madame Mao havia ambicionado e que depois passou anos glamourosos nos Estado Unidos, chegando mesmo a se apresentar na Casa Branca para o presidente Roosevelt e família. Wang Ying morreu na prisão.

Madame Mao tinha um ponto vulnerável: seu passado em Xangai. Ela vivia constantemente temerosa de que seus escândalos e seu comportamento na prisão dos nacionalistas fossem revelados. Assim, ex-colegas, amigos, um amante, amigos dos amantes e até uma criada que lhe fora devotada foram jogados na prisão, e muitos deles não sobreviveram.

Outra obsessão sua era recuperar uma carta que escrevera certa vez após uma briga com Mao, em 1958. Num ataque de raiva, havia escrito para um velho amigo, um diretor de cinema, pedindo o endereço de um ex-marido,

Tang Na, que vivia em Paris. As consequências potencialmente fatais desse gesto impensado a importunavam desde então. Oito anos depois, assim que teve o poder nas mãos, mandou prender o diretor e vários outros ex-amigos mútuos e revistar a casa deles. O diretor morreu em consequência das torturas, jurando em vão que havia destruído a carta.

Com tanto sangue nas mãos, madame Mao era assombrada pelo espectro de assassinos. No auge de seu poder, desenvolveu um intenso medo de que estranhos chegassem perto dela, assim como de sons inesperados, tal como Mao às vésperas de conquistar a China. Quando um novo secretário entrou para sua equipe, em 1967, seu predecessor o recebeu dizendo: "A camarada Jiang Qing não está muito bem [...] Ela tem particularmente medo de sons e de estranhos. Assim que escuta um barulho ou vê um estranho [...] começa a suar e fica irritada. Qualquer coisa que façamos neste prédio — conversar, caminhar, abrir e fechar janelas e portas —, precisamos tomar cuidado para fazer em silêncio. Por favor, seja muito, muito cauteloso. Não a veja por enquanto e tente da melhor maneira sair fora do caminho dela. Se o pior acontecer e você não conseguir se esconder, não tente correr".

Sua enfermeira também advertiu o novo secretário de que ela tinha "particularmente medo de ver estranhos. Se ela puser os olhos em você agora, haverá grande confusão". Durante mais de três meses, o secretário ocultou-se em seu escritório. Então seu antecessor partiu — na verdade, para a prisão. No dia seguinte, o novo auxiliar foi chamado: "Fui ao gabinete dela tremendo de medo. Encontrei-a reclinada no sofá, com os pés sobre um banquinho, lendo alguns documentos de maneira lânguida". Após algumas palavras, "ela ergueu a cabeça, abriu os olhos e lançou-me um olhar mal-humorado, insatisfeito. Disse então: 'Você não pode falar comigo de pé. Quando falar comigo, sua cabeça não pode estar mais alta do que a minha. Estou sentada, então você deve se agachar para falar comigo. Não lhe explicaram essa regra?' [...] Então, me agachei".

Depois que o secretário respondeu a uma ou duas perguntas, ela falou com rispidez: "'Você fala alto demais, depressa demais, é como uma metralhadora. Isso me dá dor de cabeça e me faz transpirar. Se eu ficar doente por causa de seu descuido com o volume e o ritmo de sua fala, sua responsabilidade será gigantesca demais'. Ela apontou para a testa e disse em voz alta: 'Veja, veja você, estou suando!'".

"Eu baixei minha voz e disse: 'Por favor, me perdoe. Tomarei cuidado com

minha voz e a velocidade'."

"Jiang Qing franziu as sobrancelhas [...] e gritou com voz aguda e impaciência: 'O que você está dizendo? Não consigo escutá-lo. Agora sua voz está baixa demais. Se não puder escutá-lo com clareza, também ficarei tensa, e também suarei'." O secretário foi mandado embora com um aceno.

A vida perto de madame Mao era um pesadelo, como todos que entrevistamos testemunharam. Ela mandava sem hesitação criadas para a prisão por crimes fantasmas. Quando Chou En-lai ia visitá-la, os acompanhantes preferiam ficar nos carros e congelar de frio a entrar na casa, pois poderiam cruzar com ela, com consequências funestas. Em 1968, Cheng Yuan-gong, chefe dos guarda-costas de Chou, estava encarregado da segurança de uma reunião à qual ela compareceria. O staff dela pediu-lhe que tivesse alguma comida pronta, então ele a convidou para comer antes. Eis o que aconteceu, nas palavras dele: "Ela irrompeu na sala do premiê e disse: 'Cheng Yuan-gong quis me impedir de entrar. O que está acontecendo aqui? Que espécie de reunião é esta?'. Ela gritou e berrou com o premiê". Chou teve de gastar horas para endireitar as coisas. Dois dias depois, ela disse a ele: "Cheng Yuan-gong é um patife. Ele tem um passado sombrio. E está sempre tentando evitar que eu veja o premiê". O guarda-costas estava com Chou havia 23 anos, mas o premiê teve de se livrar dele, que foi mandado para a detenção e depois para um campo de trabalho.

Mao sabia que ela era uma chata monumental que tomava o tempo das pessoas, pois algumas delas se queixavam de vez em quando para ele. Sabia também que seu comportamento interferia no funcionamento de seu regime. Mas, para ele, valia a pena manter todos desequilibrados, conservar um clima de insegurança e paranoia. Evidentemente, com Mao, ela era mansa e silenciosa como um camundongo. Somente ele poderia lhe fazer mal.

Em 1969, quando o regime reconstruído de Mao foi montado, ele criou o Pequeno Grupo e fez de madame Mao seu cão de ataque. Ela não tinha uma função administrativa. Enquanto esperava por ele, passava muito tempo jogando cartas, divertindo-se com seus animais de estimação, inclusive um macaco (quando animais de estimação estavam proibidos para toda a população), e cavalgando no parque Beihai, no centro de Pequim, outrora um parque público, agora fechado. Assistia a filmes estrangeiros quase todas

as noites — todos, naturalmente, proibidos para os chineses comuns.

Seu estilo de vida era o cúmulo da extravagância. Um de seus hobbies era a fotografia. Para isso, ela fazia vasos de guerra navegar para lá e para cá e a artilharia antiaérea disparar salvas de tiros. Suas piscinas eram mantidas sempre aquecidas e uma em particular, construída exclusivamente para ela em Cantão, recebia água mineral canalizada de dezenas de quilômetros de distância. Estradas foram construídas especialmente para que visitasse locais montanhosos com belas vistas, muitas vezes com meios extraordinários. Em um caso, como sua residência ficava perto, os engenheiros do Exército não puderam usar dinamite para que as explosões não a alarmassem e as rochas tiveram de ser quebradas à mão. Aviões eram mantidos de prontidão a fim de satisfazer seus caprichos, até para levar de Pequim para Cantão uma jaqueta que sentisse súbita vontade de usar, ou uma espreguiçadeira preferida. Seu trem especial, tal como o de Mao, tinha de parar onde ela bem quisesse, perturbando o sistema de transportes. Longe de sentir vergonha, dizia: "Para que eu tenha um bom descanso e passe horas agradáveis, vale a pena sacrificar os interesses de algumas outras pessoas".

Um desses sacrifícios era de sangue. Sempre em busca de métodos para melhorar a saúde e a aparência, ela ficou sabendo de uma técnica incomum: transfusões de sangue de homens jovens e saudáveis. Desse modo, muitos guardas pretorianos foram submetidos a um rigoroso exame de saúde e, de uma pequena lista de quatro, tirou-se sangue de dois deles para ela. Depois, ela ofereceu um jantar a eles, dizendo-lhes que haviam realizado uma façanha "gloriosa" ao "doar-lhe" sangue. "Ao saber que o sangue de vocês está circulando em minhas veias, [...] devem se sentir muito orgulhosos", acrescentou, antes de adverti-los para manter a boca fechada. As transfusões não se tornaram rotina, pois ela ficou tão excitada que contou para Mao e ele a aconselhou a não repeti-las, por motivos de saúde.

Apesar de suas queixas constantes, madame Mao gozava de boa saúde. Mas seus nervos viviam em frangalhos. Tinha de engolir três porções de comprimidos para dormir antes de cair no sono, o que acontecia geralmente por volta de quatro da manhã, e também tomava tranquilizantes duas vezes por dia. Quando estava dentro de casa durante o dia, impedia a entrada de luz natural, tal como Mao, com três camadas de cortinas e lia à luz de um abajur, com um pano preto em cima, produzindo uma atmosfera que seu secretário descreveu como fantasmagórica.

Os ruídos perturbavam-na num grau absurdo. Em sua residência principal de Pequim, a Vila de Pesca Imperial, o staff tinha ordens para espantar passarinhos e cigarras e, às vezes, de não usar sapatos e caminhar com os braços e pernas separados, para evitar que suas roupas farfalhassem. Embora sua vila ficasse num jardim de 420 mil metros quadrados, ela mandou fechar o parque de Yuyuantan, que ficava ao lado e era um dos únicos parques públicos que ainda restavam na capital. Coisa semelhante aconteceu em Cantão, onde sua vila ficava às margens do rio Pérola: o tráfego dessa importante via comercial era suspenso durante suas estadas e até um estaleiro distante teve de parar o trabalho.

Calor e correntes de ar também a obcecavam. Seus quartos tinham de ser mantidos exatamente a 21,5 graus centígrados no inverno e 26 graus no verão. Mas, mesmo quando o termostato indicava essa temperatura, ela acusava seus auxiliares: "Vocês falsificam a temperatura! Vocês conspiram para me fazer mal!". Certa vez, jogou uma tesoura numa enfermeira e quase acertou porque ela não conseguia localizar a fonte de uma corrente de ar.

"Servir a mim é servir ao povo" era o constante refrão para seu staff.

Depois da morte de Lin Biao e da descoberta de uma conspiração para assassinar Mao — e ela —, madame Mao foi atormentada por pesadelos em que os fantasmas da família Lin a perseguiam. Ela confidenciou ao seu secretário: "Tenho me sentido como se fosse morrer a qualquer minuto [...] como se alguma catástrofe fosse acontecer amanhã. Sinto-me cheia de terror todo o tempo".

Sua paranoia aumentara de grau graças a um incidente que ocorreu pouco antes da fuga da família Lin. Ela havia ido a Qingdao para fotografar navios de guerra (mandara que seis deles vagassem pelo mar para pegar o melhor ângulo) e o banheiro da residência local estava com defeito. Ela então usou uma escarradeira que, reclamou, era dura demais para seu traseiro. Então seus auxiliares improvisaram um assento, usando um anel de borracha da piscina. Ela precisava ser amparada por duas criadas enquanto urinava, mas estava acostumada a isso. Uma noite, porém, usou a escarradeira-toalete sem ajuda, depois de tomar três porções de comprimidos para dormir, caiu e quebrou a clavícula. Depois da fuga de Lin, passou a dizer que o acidente fazia parte do complô de assassinato e que seus comprimidos para dormir

haviam sido envenenados. Isso causou uma enorme comoção: todos os seus remédios foram interditados e levados para teste, e toda a sua equipe médica foi detida e interrogada diante de Chou e do Politburo. Chou teve de conversar com ela durante uma noite inteira, das nove da noite às sete da manhã, para tentar acalmá-la.

A visita dos Nixon em fevereiro de 1972 foi um enorme fortificante. Com eles e com os visitantes estrangeiros subsequentes, ela podia se entregar ao seu desejo de bancar a primeira-dama. Havia também a chance de divulgá-la para o mundo por meio de uma biografia. Em agosto daquele ano, a professora americana Roxane Witke foi convidada a escrever sobre ela, na esperança de que a transformasse numa celebridade mundial, como Edgar Snow fizera com Mao.

Madame Mao conversou com Witke durante sessenta horas. Mas seu desempenho aborreceu Mao, que havia originalmente apoiado o projeto. Fiel ao seu feitio, ela desandou a falar. Para horror de seu séquito, confessou ter um profundo "amor" e saudade da Xangai pré-comunista e até cantarolou uma canção de amor popular nos anos 1930. "Minha vida era tão romântica [...] Eu tinha tantos namorados, pretendentes que andavam atrás de mim." Isso já era suficientemente ruim, mas ela quase causou um ataque do coração nos chineses presentes ao descrever como certa vez um fuzileiro americano tentara pegá-la. "Talvez estivesse bêbado. Ele vinha se arrastando na minha direção na Bund, em Xangai, e parou na minha frente. Ele barrou meu caminho, bateu os calcanhares e me fez continência [...] Estendeu os braços [...] Eu ergui a mão e dei-lhe um tapa no rosto. Ele foi embora sorrindo e me fez outra continência, batendo os calcanhares. Até disse 'desculpe'. Vocês americanos são tão polidos..."

Madame Mao confessou num arroubo que "adorava" Greta Garbo e *...E o vento levou*, que disse ter visto umas dez vezes: "A cada vez, fiquei muito emocionada". "Será que a China consegue produzir um filme como esse?", perguntou, como se ela e seu marido não tivessem nada a ver com a supressão do cinema chinês. Seus elogios a *...E o vento levou* parecem ter deixado apreensivo Yao Wen-yuan, o controlador da imprensa de Mao, pois ele começou a repetir clichês comunistas: "o filme tem defeitos. Ela [a escritora] simpatizava com os donos de escravos". Madame Mao o calou com uma observação desconcertante: "Mas eu não vi no fime qualquer elogio à Ku Klux Klan".

No fim, por ordem de Mao, somente algumas transcrições foram enviadas a Witke, que publicou uma biografia de corpo inteiro. Jiang Qing continuou a desempenhar o papel de primeira-dama com estrangeiros, embora suas chances de fazê-lo fossem muito menores do que gostaria. Em consequência, tentava constantemente se infiltrar. Quando o primeiro-ministro dinamarquês Poul Hartling e sua esposa visitaram a China em 1974, ela os acompanhou ao teatro, mas não foi incluída no banquete oficial; então, apareceu sem avisar e os deteve por meia hora, enquanto quatrocentas pessoas esperavam. Os dinamarqueses disseram que ela falava de um jeito "arrogante" e "exibido", e era constrangedora. Na visita de uma equipe de natação americana, ela espiou pelo canto de uma parede de vidro para vê-los treinar. "Ah, eles eram tão lindos! [...] que movimentos lindos", falou com entusiasmo depois. (Antes, havia se negado a entrar na água com Witke, alegando que "as massas ficariam excitadas demais" se vissem sua "primeira-dama" nadando.)

A sede de contato com estrangeiros de madame Mao só competia com sua paixão por roupas femininas. Na China de seu marido, as mulheres só podiam usar jaquetas e calças deselegantes. Ela só conseguia usar um vestido ou uma blusa em ocasiões bastante raras. Em 1972, ansiava por usar um vestido para acompanhar o presidente Nixon (que a descreveu como "desagradavelmente abrasiva e agressiva") e sua esposa ao balé *O destacamento vermelho de mulheres*, um de seus oito "espetáculos-modelos". Mas, depois de muito sofrimento, abandonou a ideia, pois pareceria muito incongruente diante do grande número de chineses da plateia que, embora convidados especiais, estariam todos em trajes maoístas. Quando Imelda Marcos, esposa do ditador das Filipinas, visitou a China, em setembro de 1974, usando seu glorioso traje nacional, madame Mao teve de aparecer com seu deselegante uniforme e boné, que a expunha de forma totalmente desfavorável ao lado da ex-miss. Tanto o fotógrafo chinês como a sra. Marcos notaram que ela olhava com inveja para a visitante com o canto do olho.

Madame Mao decidiu criar um "traje nacional" para as mulheres chinesas. Seu desenho era uma blusa sem colarinho e uma saia três-quartos franzida. O conjunto era tão desagradável que, quando foram publicadas fotografias de atletas chinesas usando essa roupa no exterior, as mulheres chinesas, embora

famintas de moda, a receberam com zombaria universal. Ainda assim, embora seu desenho fosse um fracasso enquanto moda, o amor pelas roupas de madame Mao ajudou a levantar o tabu que havia sobre saias e vestidos, que voltaram a ser usados cautelosamente após quase uma década, em 1975.

Madame Mao queria que seu projeto de roupa se tornasse o "traje nacional" oficial. Para tanto, era necessária uma decisão do Politburo, que foi contra, por motivos orçamentários. Uma saia longa pregueada empregaria muito tecido e, se entrasse em produção como vestuário "nacional", demandaria imensas quantidades. Ela tentou persuadir Mao a anular a decisão, fazendo com que as namoradas preferidas dele usassem a roupa. Mas, quando ele soube a origem do traje, rejeitou-o contrariado e até com desgosto.

Madame Mao ficou reduzida a adular as namoradas de Mao para obter acesso ao marido. Desde o início da Revolução Cultural, o casal vivia em casas separadas, mesmo quando ambos estavam em Pequim: ela na Vila de Pesca Imperial, ele em Zhongnanhai. Nos primeiros anos da Revolução Cultural, quando estava ativamente envolvida na direção das coisas, ela podia visitá-lo à vontade. Mas, à medida que diminuiu o papel político dela, Mao restringiu seu acesso e, com frequência, impedia sua entrada na casa dele. O fato era que Mao não suportava a mulher. Mas, quanto mais era rejeitada, mais ela tentava desesperadamente se aproximar. Não podia permitir ser descartada. Implorava às namoradas de Mao que falassem em seu favor, dando-lhes presentes como materiais bonitos para fazerem roupas, até mesmo um relógio suíço. Em certa ocasião, conseguiu entrar na casa dele dizendo aos guardas que estava lá para verificar a "higiene". Mao mandou-a embora aos gritos e depois disse aos guardas, irado: "Prendam-na se tentar se infiltrar de novo!".

No aniversário de 82 anos de Mao (o último), em 26 de dezembro de 1975, madame Mao foi admitida e levou dois dos pratos preferidos dele. Mao agiu como se ela não existisse: não lhe deu mais do que um olhar vago e não lhe dirigiu uma palavra sequer. Ela foi embora logo, em estado lastimável, enquanto cinco mulheres jovens, em sua maioria ex-namoradas, ficavam com Mao para o jantar de aniversário.

Essas namoradas não eram tratadas como concubinas reais e banhadas de

presentes e favores. Mao as usava, tal como fazia com a esposa. Elas lhe forneciam sexo e o serviam como criadas e enfermeiras. No último ano de sua vida, ele estava com medo de ser assassinado e só duas pessoas podiam entrar em seu quarto sem permissão expressa; ambas eram namoradas que se haviam transformado em enfermeiras: Zhang Yu-feng, ex-camareira de bordo de seu trem, e Meng Jin-yun, ex-atriz da companhia de canto e dança da Força Aérea. Elas se revezavam para fazer todo o serviço em torno de Mao, ficavam de pé até 24 horas por dia, sempre de plantão, e em geral precisavam dormir vestidas. Tinham pouca vida familiar, nenhum feriado, nenhum fim de semana. Mao se recusava a aumentar a equipe, pois elas eram as únicas pessoas em quem ele confiava para estar constantemente ao seu lado.

Meng, a ex-atriz, ansiava por ir embora e pediu à colega que rogasse por ela, dizendo que estava perto dos trinta anos e queria passar algum tempo com o marido e ter um filho. "Espere até eu morrer e então poderá ter um filho", foi a resposta de Mao. Por sua vez, Yu-feng tinha uma bebê que precisava de leite materno (não havia comida para bebê na China naquela época). Como não podia ir para casa todos os dias, extraía seu leite e o guardava numa garrafa no refrigerador de Mao, até poder dar um pulo em casa. Mas a bebê ficou doente por causa do leite, deixando-a ansiosa em relação à sobrevivência da filha. Às vezes, quando estava lendo para Mao, em um estado de completa exaustão, começava a murmurar o nome da menina. Nada disso comoveu Mao o suficiente para diminuir a carga de trabalho dela.

Poucas das muitas mulheres que chamaram a atenção dele o recusaram, mas uma delas parece ter feito isso: sua elegante professora de inglês e intérprete, Zhang Han-zhi. Um dia do final de 1972, depois que ela servira de intérprete para Mao, ele a levou para uma sala no fim do corredor e explodiu numa agitação tremenda: "Você não me tem em seu coração! Você simplesmente não me tem em seu coração!". Surpresa, ela falou sem pensar: "Presidente, como posso não o ter em meu coração? Todos os chineses o têm em seu coração". Ele deixou-a ir embora. Ela continuou a ser sua intérprete e Mao chegou mesmo a promover o homem que ela amava (e com quem veio a se casar) a ministro do Exterior. Mas infligiu-lhe punição, submetendo-o a rodadas de denúncias nas mãos do staff do Ministério do Exterior.

Uma pessoa que realmente amava Mao era sua filha mais moça Li Na, o único descendente que tivera com Jiang Qing. Nascida em 1940, ela cresceu ao seu lado e, quando criança, sua tagarelice ajudava-o a relaxar. Ela adorava o pai, como deixa claro uma carta que lhe escreveu quando tinha catorze anos, em 8 de fevereiro de 1955:

> Querido papai,
>
> Você está dormindo? Você deve estar tendo um sono delicioso, delicioso.
>
> Você deve estar surpreso de eu lhe escrever assim de repente. O que aconteceu foi: quando você estava de aniversário, eu queria lhe dar um presente, mas antes de eu terminar de bordar um lenço, seu aniversário acabou. Também meu bordado era tão ruim que eu não o dei para você. Porque eu sei que você não ficaria bravo comigo, e você é meu bom papai, certo? Desta vez, está chegando o aniversário de mamãe, então eu quis aproveitar a oportunidade para compensar. Você pode não gostar da coisa que estou lhe dando, mas fui eu que fiz. É pequeno, mas mostra meus sentimentos: eu desejo que meu paizinho querido seja sempre jovem, gentil e otimista [...]

E terminava: "Beijos de sua filha, que o ama apaixonadamente".

Mao queria que sua filha, ao crescer, se tornasse politicamente útil e a orientou nessa direção. Já em 1947, quando os comunistas estavam saindo de Yenan, ele insistiu em que ela ficasse próxima dos tiros e das bombas, embora tivesse apenas seis anos. Madame Mao implorou às lágrimas que ela fosse evacuada, mas Mao gritou para a esposa: "Caia fora daqui! A menina não vai. Quero que ela ouça o tiroteio!".

Mao começou a prepará-la para ser sua assistente quando começou a Revolução Cultural, em 1966. Aos 26 anos, ela acabara de se formar em história chinesa moderna na Universidade de Pequim, matéria de que, segundo ela, não gostava em particular, mas que aceitara porque o PCC queria que mais filhos da elite se tornassem historiadores do partido. Seu pai a designou para o principal jornal do Exército, onde começou a trabalhar como repórter especial, coletando informações para ele. O objetivo de Mao era que ela assumisse o controle do jornal, o que ela alcançou em agosto de 1967, enquanto os membros dos conselhos editorial e administrativo eram levados para a prisão. Promoveu-se então um culto em torno dela. Os escritórios do jornal — e até as casas dos seus funcionários — foram cobertos de cartazes que "saudavam" Li Na e slogans gritados em comícios proclamavam que quem se opunha a ela era contrarrevolucionário. Uma sala de exposição foi inaugurada no jornal para exibir seu "grande mérito"; lá

estavam sua caneca de chá e sua bicicleta, para mostrar sua atitude santa de não usar porcelana fina ou limusine.

Seu comportamento mudou nessa época. Se no início parecera despretensiosa, agora ela exigia atenção aos gritos do pessoal mais antigo e ameaçava: "Eu realmente gostaria de ver você fuzilado!". Declarou que ia impor a "lei dos bandidos", usando uma expressão arcana decerto aprendida com o pai. Mais de 60% da equipe antiga do jornal sofreu uma perseguição estarrecedora por supostamente se opor a ela. Entre os muitos funcionários que foram torturados estava uma ex-amiga pessoal que discordara dela em uma questão sem importância.

No início de 1968, quando Mao estava fechando seus canais pessoais no Exército para agradar Lin Biao, Li Na foi tirada do jornal. Seu próximo cargo não foi menos importante: diretora do escritório privado do Pequeno Grupo. O posto ficou vago para ela graças a um simples expediente, típico do *modus operandi* de madame Mao. Ela acusou o diretor existente de ser um espião e o trancafiou na prisão. Li Na assumiu então o cargo, até a dissolução do Pequeno Grupo, em 1969.

Mao pretendia vê-la em uma função ainda mais elevada: superintendente de Pequim. Mas, em 1972, ela teve um colapso nervoso e entrou e saiu da insanidade durante anos, até depois da morte dele. Parece que, ao contrário dos pais, ela não gostava de perseguir, e que, depois do ardor inicial em fazer cumprir as ordens do pai, perdeu o juízo devido à constante perseguição que devia levar a cabo. Em certa ocasião, pegou uma pilha de documentos sobre o expurgo e suicídio de um homem que conhecia e os jogou pela janela, gritando: "Não me deem mais desse lixo! Estou farta disso para o resto da vida!".

Ela ansiava por afeição. Sua mãe, que a amara quando era criança, agora, tal como seu pai, reduzia a relação exclusivamente à política, sem lhe dar afeto e conforto. Quando estava a caminho do colapso nervoso, tomando cada vez mais comprimidos para dormir, Li Na não tinha ninguém a quem recorrer. Jovem, desejava uma relação amorosa, mas tendo Mao por pai e, em especial, Jiang Qing por mãe, nenhum homem ousava cortejá-la e nenhum arranjador de casamentos estava disposto a se meter em encrenca. Foi somente quando já estava com 31 anos, em 1971, que ela mesma se aproximou de um jovem criado. Quando escreveu ao pai a fim de pedir permissão para o casamento, ele apenas fez ao mensageiro algumas perguntas

básicas e depois escreveu na própria carta: “Concordo”. O presente de casamento de Mao foi uma coleção de livros pesados que ele mesmo jamais lera: as obras de Marx e Engels.

Seus pais não compareceram ao casamento simples, aceito com relutância por madame Mao, pois considerava o noivo abaixo de sua filha, uma vez que fora um criado. Durante algum tempo, Li Na aparentemente apresentou uma propensão a resfriados e febres, e madame Mao pôs a culpa disso nas relações sexuais da filha com o marido; de modo insultuoso, mandou que ele fizesse um checkup físico. Não demorou para que ela conseguisse banir o genro para outra cidade, alegando que ele “parece um espião”. O casamento ruiu e Li Na mergulhou numa depressão profunda.

Em maio de 1972, ela deu à luz um filho, que iluminou brevemente sua vida. Mas Jiang Qing não gostava do bebê porque desprezava seu pai e jamais o segurou nos braços. Mao não demonstrou nenhum interesse pelo filho de Li Na, assim como por nenhum de seus outros três netos.

Sem amor ou alegria em sua vida, Li Na deslizou para a insanidade. No que dizia respeito a Mao, ela se tornara inútil. Ele a viu cada vez menos e não manifestou nenhuma preocupação com a condição física ou mental dela.[a]

Mao também perdera o interesse por sua outra filha, Chiao-chiao, que não tinha jeito para a política. Anos antes, quando ela voltou da União Soviética com doze anos de idade e aparência exótica, de saia de lã e sapatos de couro, com hábitos russos e falando russo, Mao a enchera de afeição e a exibira, chamando-a de “minha pequena estrangeira”. E ela se sentira delirantemente feliz. Mas, ao perder o valor de entretenimento que tivera quando pequena e se transformar numa mulher politicamente inútil, descobriu que tinha pouco acesso ao pai. Nos últimos anos da vida de Mao, ela conseguiu vê-lo raras vezes. Foi ao portão de Zhongnanhai em várias ocasiões, mas ele negou-lhe a entrada. Ela teve um colapso nervoso e entrou e saiu da depressão durante muitos anos.

O filho mais velho de Mao foi morto na Guerra da Coreia, em 1950. O único filho sobrevivente, An-ching, era doente mental. Mao proporcionava-lhe uma vida confortável, mas raramente o via e não o considerava um membro da família. Tinha o costume de dizer que sua família tinha cinco membros: ele e madame Mao, as duas filhas e seu único sobrinho, Yuan-xin.

O sobrinho passara boa parte de sua juventude na família de Mao. Durante a Revolução Cultural, quando tinha trinta e poucos anos, foi elevado ao posto de comissário político da Região Militar de Shenyang, e nessa condição ajudou Mao a controlar a Manchúria, a área crítica do nordeste do país que fazia fronteira com a União Soviética. Um de seus últimos atos conhecidos foi ordenar a execução de uma corajosa mulher filiada ao partido chamada Zhang Zhi-xin, que havia contestado abertamente madame Mao e o Grande Expurgo. Logo antes de ser fuzilada, ela foi imobilizada no chão da cela e cortaram-lhe a traqueia, para evitar que falasse no local do fuzilamento, embora a execução fosse secreta. Essa crueldade era gratuita, pois as vítimas de execução costumavam ter uma corda ao redor do pescoço que podia ser puxada para sufocá-las, caso tentassem falar.

Além de ser cruel, Yuan-xin pertencia à família. Mao fez dele seu contato com o Politburo no último ano de sua vida. Na verdade, Tse-min, o irmão de Mao e pai de Yuan-xin, havia morrido em parte porque Mao dera instruções para que não tentassem salvá-lo quando estava na prisão em Xinjiang no começo dos anos 1940, fato cuidadosamente escondido do filho, bem como de todo mundo.

Mao também fora a causa da morte de sua segunda esposa. Depois de ser abandonada por ele, Kai-hui foi executada em 1930, em consequência direta de seu ataque a Changsha, onde ela morava, por motivos que só tinham a ver com sua busca de poder pessoal. E ele era também, em larga medida, responsável pelos inúmeros e finalmente irreversíveis colapsos mentais de sua terceira esposa, Gui-yuan (que morreu aos 75 anos, em 1984).

Ao longo de décadas, Mao causou o infortúnio de quase todos os membros de sua família. Sua última traição foi contra a quarta e última esposa, Jiang Qing. Depois de induzi-la a fazer boa parte de seu trabalho sujo, e sabendo quanto ela era detestada, não tomou providências para protegê-la após sua morte. Ao contrário, ofereceu a cabeça dela à "oposição" que surgiu perto do fim de sua vida. Em troca da garantia de sua segurança enquanto estava vivo, eles poderiam fazer o que quisessem com madame Mao e seu grupo, que incluía o sobrinho Yuan-xin. Menos de um mês depois da sua morte, o grupo inteiro acabou na prisão. Em 1991 madame Mao suicidou-se.

a Hoje, Li Na está recuperada e leva uma vida normal. Parece ter se "esquecido" de seu papel na Revolução Cultural.

57. Enfraquecido, Mao garante-se contra riscos (1973-76; 79-82 anos)

Nos últimos dois anos de sua vida, surgiu uma tremenda "oposição" às suas políticas, na forma de uma aliança centrada em Deng Xiao-ping, o homem que depois desmantelou boa parte do legado maoísta. Mao o havia expurgado em 1966, no início da Revolução Cultural, mas o trouxe de volta ao topo do poder em 1973.

Nascido em Sichuan em 1904 — portanto, onze anos mais moço do que Mao —, Deng foi para a França em 1920 num programa de estudo e trabalho e lá se tornou comunista, sob a liderança de Chou En-lai. Os cinco anos que passou em Paris o deixaram com um gosto por muitas coisas francesas: vinhos, queijos, croissants e cafés — tudo, ao que parece, relacionado com comida. No final da vida, costumava comparar nostalgicamente os cafés franceses com as casas de chá de sua província natal, lembrando-se do pequeno café que frequentara na Place d'Italie, em Paris.

Seus companheiros chineses na França lembravam de Deng, que tinha pouco mais de metro e meio de altura, como uma bola rechonchuda de energia, cheio de piadas. Desde então, décadas de vida no partido o transformaram em um homem muitíssimo reservado e de poucas palavras. Uma vantagem dessa reticência era a brevidade de suas reuniões. A primeira sessão do comitê encarregado do sudoeste da China depois da conquista comunista durou apenas nove minutos, em contraste com aqueles dirigidas pelo prolixo Chou En-lai, que certa vez falou durante nove horas. Deng era decidido, com capacidade de resumir e resolver questões complicadas, o que às vezes fazia enquanto jogava bridge, passatempo que adorava.

Ele havia aderido ao comunismo na França, mas sua formação foi feita na Rússia, onde passou um ano depois de ser expulso pelo governo francês e recebeu treinamento do partido. Quando a Longa Marcha começou, em

1934, ele já era secretário-chefe da liderança do PCC e foi alto comandante do Exército durante a guerra sino-japonesa de 1937-45. Na guerra civil posterior, tornou-se chefe de metade do Exército comunista que venceu a decisiva campanha de Huai-Hai, que firmou a vitória comunista, e depois tomou boa parte da China ao sul do Yangtze. Posteriormente, esteve na direção de várias províncias, inclusive de sua Sichuan natal, antes de Mao o promover ao centro da liderança em Pequim, no início dos anos 1950.

Era profundamente leal a Mao e durante a repressão aos intelectuais, na campanha antidireitista de 1957-58, foi seu principal lugar-tenente. Mas teve um ponto de ruptura, quando apoiou os esforços de Liu Shao-chi para deter a epidemia de fome, no início dos anos 1960. Tentou manter-se à distância de Mao — fato que o líder notou, observando que Deng estava "mantendo uma distância respeitosa de mim como se eu fosse um demônio ou uma divindade".

Em 1966, quando deflagrou a Revolução Cultural, Mao tentou todos os tipos de incentivo para mantê-lo ao seu lado, mas fracassou. Deng foi então rotulado de "segundo maior defensor do capitalismo", depois de Liu, e posto em prisão domiciliar em 1967; seus filhos e sua madrasta foram expulsos de sua casa. Ele foi submetido a assembleias de denúncia, embora com muito menos agressão física do que Liu. Mao calibrava meticulosamente a punição de seus adversários. Não odiava Deng do modo como odiava Liu, então disse que Deng "deve ser denunciado [...] mas diferenciado de Liu". Assim, ele não foi separado de sua esposa, o que lhe deu a companhia que muitas vezes fazia a diferença entre vida e morte.

Mas mesmo o "melhor" tratamento de Mao era infernal. Em maio de 1968, o filho mais velho de Deng e uma filha sua foram levados, de olhos vendados, à Universidade de Pequim e receberam ordens para "desmascarar" o pai. Mais de sessenta pessoas que haviam sido aprisionadas lá haviam se suicidado ou sido torturadas até a morte. Pu-fang, o filho de 24 anos de Deng, jogou-se de uma janela do andar superior e ficou paralisado para sempre do tórax para baixo. Deng e sua esposa só ficaram sabendo disso um ano depois, quando tiveram permissão para ver rapidamente seus outros filhos, pouco antes de serem exilados de Pequim, em outubro de 1969. No exílio, Deng trabalhou no chão da fábrica de uma indústria de tratores, na província de Jiangxi, e viveu sob prisão domiciliar, vigiado por guardas

armados.

Sua esposa chorou durante dias quando soube o que acontecera com Pu-fang. Mais tarde, ela contou à madrasta de Deng que quase perdeu a vontade de viver. Deng foi proibido de ver seu filho paralítico e foi profundamente afetado pelo que acontecera com sua família. Certa vez, depois que o filho mais moço, que aparecera faminto e vestido com trapos, teve de partir para outro local de exílio, Deng desmaiou no chão da fábrica. Em junho de 1971, quando Pu-fang chegou, Deng ficou visivelmente abalado. Seu filho havia sido um jovem alegre e esperançoso. Deng cuidou dele com devoção, ajudando-o a se virar a cada duas horas, para evitar escaras, o que não era fácil (Pu-fang era grande), e limpava seu corpo várias vezes por dia, pois o clima em Jiangxi era quente e úmido.

Os anos da Revolução Cultural, diria Deng depois, foram os mais dolorosos de sua vida. A pressão penetrou em seu sono. Uma noite, acordou todo o prédio com os gritos de seu pesadelo. Mas aqueles anos também o ajudaram a repensar o sistema que o PCC havia imposto à China. Em consequência, deu as costas à essência do maoísmo e do stalinismo e, depois da morte de Mao, mudou o curso do país. No exílio, Deng manteve a boca fechada, tentou manter-se saudável e esperou por uma chance para retornar ao centro político.

Após dois anos, em setembro de 1971, surgiu um raio de esperança. Pu-fang era um mago da eletrônica e havia montado um rádio capaz de captar emissões em ondas curtas. Fez isso com a aquiescência dos pais, embora escutar rádios estrangeiras fosse crime passível de prisão (ademais, punição que seu pai ajudara a impor). Foi a partir dessas emissões estrangeiras que eles presumiram que Lin Biao estava morto.

O regime controlou minuciosamente o modo como divulgou aos poucos as informações sobre a morte de Lin. Deng soube da notícia oficial dois meses depois, quando foi lido um documento aos operários de sua fábrica de tratores. O documento mencionava que Lin Biao cometera "crimes de perseguição a camaradas veteranos". O funcionário que presidia a reunião disse: "O presidente Mao jamais teria levado antigos quadros à morte" (ou seja, como Lin havia feito), e virou-se para Deng: "O velho Deng está

sentado aqui, ele pode dar testemunho disso. Velho Deng, você diria isso?". Deng recusou teimosamente o convite para propagar a inocência de Mao e permaneceu em silêncio, sem mudar em nada sua expressão.

Naquele dia, quando chegou em casa, Deng permitiu-se mostrar excitação e condenou Lin explicitamente, o que era de fato notável, pois ele jamais falava sobre política com a família. Dois dias depois, escreveu a Mao pela primeira vez desde sua queda cinco anos antes, pedindo um emprego. Ele pressentiu que, sem seu maior sustentáculo, Mao talvez tivesse de cancelar a Revolução Cultural.

Não obteve resposta. Para Mao, trazer de volta o homem que ele havia condenado publicamente como "o segundo maior defensor do capitalismo" seria uma admissão de fracasso. Mesmo quando o câncer de Chou En-lai foi diagnosticado, em maio de 1972, e Mao não tinha ninguém, exceto Deng, com calibre para dirigir seu vasto reino, ele não mandou buscá-lo.

Em vez disso, promoveu Wang Hong-wen, o ex-líder rebelde de Xangai, um dos produtos da Revolução Cultural. Wang era um homem de 37 anos, de boa aparência, mas sem feições marcantes, que fora segurança numa indústria têxtil antes do Grande Expurgo. Era inteligente e, tal como muitos líderes dos Rebeldes, tinha um certo talento para inspirar fidelidade de gangue. Mao trouxe-o para Pequim e começou a treiná-lo; um ano depois, em agosto de 1973, fez dele o terceiro em comando no partido, abaixo de Chou.

Mas o protegido não estava à altura de Chou, em especial quando se tratava de lidar com estrangeiros. O embaixador australiano Stephen FitzGerald, que o encontrou com Mao em novembro de 1973, notou que ele era extremamente nervoso e não falou uma palavra durante toda a reunião, exceto no fim. O primeiro-ministro australiano Whitlam havia mencionado a "Revolta de Nanchang" de 1927 e observado que o homem mais jovem não poderia ter nascido naquela época. Ao final do encontro, o protegido falou com voz esganiçada e nervosa: "Primeiro-ministro, o senhor disse que na época da Revolta de Nanchang eu não era nascido. Mas venho fazendo revolução há muito tempo". Foi sua única contribuição.

Mao percebeu que teria de ter um sobressalente à mão. Assim, quando o câncer de Chou piorou, ele mandou buscar Deng em fevereiro de 1973 e fez dele vice-premiê, sobretudo para entreter estadistas estrangeiros em visita à China. Embora não tivesse o verniz de Chou e cuspisse constantemente

durante as reuniões, o que perturbava muitos de seus interlocutores, Deng tinha estatura.

No final desse ano, a saúde de Chou se deteriorou drasticamente. Mao tomou a momentosa decisão de pôr Deng à frente do Exército (para isso, ele foi readmitido no Politburo). Era a única pessoa que podia garantir estabilidade nas Forças Armadas, onde o protegido de Mao tinha influência zero. O marechal Yeh, que fora nomeado chefe do Exército depois da morte de Lin Biao, carecia do necessário peso.

Dar tanto poder a Deng era uma aposta arriscada, mas revelou-se correta. Ele jamais fez alguma coisa contra a pessoa de Mao enquanto o presidente esteve vivo, e até depois da sua morte insistiu em que Mao não deveria ser denunciado pessoalmente, embora tenha revogado boa parte de seu legado principal.

Assim que assumiu o poder, Deng começou a executar seu próprio programa. No centro disso estava reverter a Revolução Cultural. Tentou reabilitar e reempregar mais quadros expurgados em massa, ressuscitar um pouco da cultura e elevar os padrões de vida, preocupação que havia sido acusada de "revisionista". Mao considerava a Revolução Cultural sua maior realização desde que tomara o poder em 1949 e manteve quatro rottweilers remanescentes daquele período para contrabalançar Deng: madame Mao, Zhang (o Cobra), o chefe dos meios de comunicação Yao e o protegido Wang — grupo que Mao apelidou de "Gangue dos Quatro" (Kang Sheng estava fora de ação, com câncer terminal, e morreria em 1975). Essa era a gangue do próprio Mao, que representava sua verdadeira política.

Por sua vez, Deng formou sua contra-aliança com o chefe do Exército, marechal Yeh, e com o premiê Chou En-lai logo depois que retornou a Pequim, na primavera de 1973. Desse trio, Deng e Yeh haviam sido vítimas do expurgo, enquanto Chou havia colaborado com Mao. Até havia mudado o nome de sua casa para "Pátio Atraído pelo Sol" (isto é, por Mao). Bastava uma palavra de Mao para Chou mandar qualquer um para a morte. Sua única filha adotiva, Sun Wei-shi, estivera na prisão porque era uma excelente intérprete do russo e conhecera muitos líderes soviéticos, inclusive Stálin; por isso, Mao suspeitava dela, como de muitos outros que tinham tais conexões. Madame Mao também a odiava porque era muito bonita e porque

Mao tivera uma queda por ela. Chou, que todo mundo pensava estar apaixonado por ela, não ergueu um dedo para salvá-la. Ela morreu na prisão e ele manteve uma distância ignóbil até na morte.

Deng não gostava muito de Chou e depois da morte de Mao disse publicamente que ele havia "feito muitas coisas contra a própria vontade" durante a Revolução Cultural, mas afirmou também que "o povo o perdoava". Porém, Deng decidiu deixar de lado os sentimentos pessoais e fazer uma aliança com Chou. Em 9 de abril, pouco depois de sua volta a Pequim, foi visitá-lo — era o primeiro encontro entre eles após quase sete anos. De início, ficaram sentados um diante do outro em silêncio. Por fim, Chou falou e a primeira coisa que disse foi: "Zhang Chun-qiao traiu o partido, mas o presidente nos proíbe de investigá-lo". Zhang, o Cobra, era uma grande estrela da Revolução Cultural. Ao dizer isso, Chou não estava apenas condenando o Cobra, mas se queixando de Mao. Não se tratava de uma indiscrição do superprudente Chou; era sua maneira de dizer que estava do lado de Deng, contra a Revolução Cultural. Isso, mais o fato de que era um doente terminal graças a Mao, derreteu o gelo entre ambos. A partir de então, os dois se tornaram aliados.

Foi um marco decisivo. Os dois companheiros mais importantes de Mao formavam uma espécie de liga, que incorporou também o marechal Yeh. A velha capacidade de Mao de impedir que seus colegas formassem alianças estava rompida. E, com isso, seu apavorante domínio sobre eles.

Mao perdeu força porque sua saúde se deteriorou depressa depois dos oitenta anos. Foi quando teve de abandonar o vício de uma vida inteira de fumar. No início de 1974, estava quase cego. Isso, tal como suas outras enfermidades, foi mantido em rigoroso sigilo. A perda da visão o deixou extremamente ansioso em relação à segurança e seus auxiliares receberam instruções especiais para "caminhar fazendo barulho para que ele soubesse que alguém estava vindo e não ficasse assustado".

Estava também deprimido porque não conseguia ler. Havia mandado imprimir algumas obras proibidas de literatura clássica. Duas gráficas, uma em Pequim e outra em Xangai, foram montadas especialmente para isso; cada edição tinha cinco exemplares, todas para Mao, mais algumas que eram trancadas a cadeado; até as pessoas envolvidas na anotação dos textos para ele

foram proibidas de ficar com um exemplar. À medida que sua visão piorava, os caracteres ficavam maiores, chegando até a altura de doze milímetros. Quando percebeu que não conseguia mais ler, mesmo com uma lente de aumento, desesperou-se e chorou. A partir de então, teve de pedir que lessem para ele e, às vezes, que assinassem documentos por ele.

Devido ao seu estado, Mao não queria comparecer a reuniões e parecer vulnerável, então deixou a capital em 17 de julho de 1974 e foi para o sul. Logo lhe disseram que estava com cataratas e que poderiam ser removidas depois que amadurecessem. A notícia foi um grande alívio, embora significasse que passaria um ano quase sem poder enxergar. Entrementes, ficou longe de Pequim por nove meses, naquela que viria a ser sua última viagem.

Uma outra descoberta foi feita na mesma época: ele sofria de uma doença neuronal motora rara e incurável, chamada esclerose lateral amiotrófica, também conhecida como doença de Lou Gehrig. Essa moléstia paralisa gradualmente os músculos dos braços, pernas, garganta e língua, e dificulta a fala, impede a deglutição correta e, por fim, causa a morte por falência respiratória. O prognóstico dava-lhe cerca de dois anos de vida.

Os médicos não contaram para Mao. Falaram apenas para o camareiro e chefe da guarda pretoriana Wang Dong-xing, que contou apenas para Chou En-lai. Foi então que Chou se tornou muito mais ousado.

Seus aliados, Deng e o marechal Yeh, foram postos a par do estado de saúde de Mao. Eles decidiram não contar para a Gangue dos Quatro, nem mesmo para a mulher de Mao, por motivos mais que pertinentes: dois anos antes, depois que Mao havia desmaiado, ela acusara os membros da equipe médica de serem "espiões" e "contrarrevolucionários". Quando Chou discutira a doença de Mao com ela, Jiang Qing o acusara de tentar forçar Mao a entregar o poder. Mas a decisão de excluí-la foi determinada por algo mais do que o simples fato de que ela causava problemas. Seus motivos eram políticos.

O próprio Mao não foi informado. Se ele soubesse que estava com os dias contados, seria impossível saber o que poderia fazer. Assim, asseguraram-lhe que estava com boa saúde e ainda tinha muito tempo de vida. Para garantir que não ficasse sabendo de nada, nenhuma informação foi passada ao seu staff regular. Um médico que deixou escapar a frase "temo que a doença do presidente seja difícil de tratar" foi imediatamente afastado. Os sintomas de

Mao eram tratados como inofensivos. Isso não o satisfazia, mas não havia nada que pudesse fazer.

Com o conhecimento do tempo de vida de Mao e com Chou em declínio inexorável, a aliança Deng-Chou-Yeh tratou de pressionar Mao para institucionalizar Deng no papel de substituto e sucessor de Chou e trazer de volta para altos cargos um grande número de velhos quadros do partido que haviam sido expulsos no Grande Expurgo. Em dezembro de 1974, Chou deixou seu leito de hospital e foi a Changsha a fim de levar a Mao uma lista de novas nomeações. Este sabia das atividades da aliança por informações passadas pela Gangue dos Quatro, que mantinham vigilância sobre Pequim em seu nome. Madame Mao escrevera para dizer que estava "chocada e estupefata" com o que estava acontecendo. Mas Mao não estava em condições de vetar a lista de Chou-Deng. Não podia entregar o país à Gangue dos Quatro, nem podia tentar se livrar da aliança, se quisesse morrer em sua cama. A Gangue dos Quatro não tinha poder no Exército e Mao não tinha ninguém nas Forças Armadas que conseguisse enfrentar a aliança em seu nome. E estava debilitado demais fisicamente para criar uma força nova que pudesse vencê-la.

A doença de Lou Gehrig estava corroendo seu corpo. No início de sua viagem para o sul, no verão de 1974, ainda dava caminhadas no jardim, mas depois de alguns meses só conseguia arrastar uma perna atrás da outra por distâncias curtas. Em 5 de dezembro, descobriu que tinha de dizer adeus à natação, sua paixão de sempre. Tinha dado alguns mergulhos na piscina interna de Changsha, mas naquele dia quase se afogou: foi a última vez que nadou. O guarda-costas de 27 anos escutou-o soltar um longo suspiro de melancolia e resignação, algo que jamais ouvira e não podia imaginar que sairia de Mao.

À medida que a coordenação muscular se deteriorava, sua fala se tornou progressivamente ininteligível, e a comida que ingeria ia para os pulmões, causando sufocação e infecções. Ele precisava deitar de lado para ser alimentado. A vida de Mao ficou excruciantemente desconfortável.

Nessas condições, teve de endossar a lista de Chou, em especial a promoção de Deng a vice-primeiro-ministro e substituto de Chou. Mas ele promoveu um dos membros da Gangue dos Quatro, o Cobra, colocando-o logo abaixo de Deng nas Forças Armadas e no governo. Insistiu também para que os meios de comunicação continuassem nas mãos da gangue, para que

somente a mensagem dela chegasse ao país em geral.

A estratégia da aliança era desalojar o Cobra e madame Mao, explorando seus passados longe de imaculados. Em 26 de dezembro, quando Mao completou 81 anos, Chou lhe disse que aqueles dois haviam tido conexões com a espionagem nacionalista nos anos 1930. A resposta de Mao foi que ele sempre soubera do passado deles e que não dava a mínima para isso.

Dizer na cara de Mao que sua esposa e um de seus maiores acólitos eram suspeitos de serem agentes do inimigo foi uma atitude espantosa da parte de Chou. Mao podia perceber que a batalha estava travada entre ele e a Gangue dos Quatro contra a aliança Deng-Chou-Yeh e os velhos quadros que estavam voltando ao poder em massa.

Mao tentou recuperar algum terreno fazendo com que a Gangue dos Quatro começasse uma campanha pela imprensa em março de 1975 para manchar a autoridade dos quadros reinstalados no poder. Em abril, depois que Mao retornou a Pequim, Deng o repreendeu e lhe pediu para acabar com a campanha. Mao foi forçado a ceder e culpou a Gangue dos Quatro. Em 3 de maio, diante do Politburo, Mao mandou parar a campanha e disse que havia "cometido um erro". Tratava-se de um recuo sem precedentes, provocado pelo fato de que estava claramente vulnerável. Como todos os presentes à reunião puderam notar, ele estava extremamente frágil, completamente cego, e mal se conseguia entender seu discurso. Foi sua última aparição numa reunião do Politburo.

Nessa ocasião, pela primeira vez desde que conquistara o poder, Mao quase pediu misericórdia a seus colegas, suplicando-lhes que não pensassem num golpe. Repetidamente implorou-lhes: "Não pratiquem o revisionismo; não dividam; não conspirem". A primeira frase significava: mantenham a Revolução Cultural. O resto queria dizer: não conspirem contra mim. Nesse período, repetiu várias vezes uma narrativa histórica para Deng e seus aliados, cuja mensagem implícita, mas inequívoca, era: se vocês estão pensando em um golpe, façam isso com minha mulher e a gangue, *depois que eu morrer*.

Mao teve de implorar dessa maneira porque havia praticamente perdido o controle do Exército. A aliança reabilitara muitos generais que haviam sido vítimas de Mao e os colocara em altos postos. Se houvesse um confronto

decisivo, Mao não teria gente sua no alto-comando das Forças Armadas. Havia tentado enfiar dois membros da Gangue dos Quatro em postos de comando, mas eles foram barrados.

Em junho de 1975, o Exército fez um gesto de forte desafio a Mao. A ocasião foi o sexto aniversário da morte do marechal Ho Lung, o homem a quem o ministro de Defesa da União Soviética dissera para "livrar-se de Mao" uma década antes. Em consequência das suspeitas de Mao, o marechal Ho havia morrido no cárcere em circunstâncias horrorosas, em 1969. O Exército decidiu realizar uma homenagem póstuma a ele, o que era um sinal da mudança dos tempos e, ao mesmo tempo, uma enorme afronta a Mao. Ele não pôde evitar a cerimônia, mas ordenou que fosse extremamente discreta, sem discursos e nem mesmo coroas. Com o apoio do alto-comando, a família de Ho escreveu a Mao ameaçando boicotar a homenagem se essas restrições não fossem levantadas, e ao mesmo tempo fez questão de frisar que Ho tinha muitos camaradas leais vivos. Mao teve de ceder. O máximo que poderia conseguir era evitar que a notícia da cerimônia saísse na imprensa.

O culto fúnebre foi dominado por emoções pungentes e a atmosfera foi realçada pelo exagerado pesar efusivo exibido por Chou En-lai, que se levantou do que era claramente seu leito de morte para comparecer e fazer o panegírico do morto. Ele entrou no salão gritando o nome da viúva do marechal, soluçou enquanto a abraçava e lhe pediu "muitas desculpas" por "não ter sido capaz de proteger" seu marido.

Chou fora o encarregado da investigação sobre Ho durante a Revolução Cultural, que resultara na morte do marechal e na prisão de muitos de seus subordinados, alguns torturados até a morte. Havia um forte sentimento contra Chou, do qual tinha consciência, e seu pedido de desculpas à viúva era, em parte, uma tentativa de se eximir e pôr a culpa em Mao. Isso, e o fato de ter aparecido quando ele mesmo estava morrendo, fez com que se dissipasse a raiva que as pessoas sentiam dele e a redirecionassem para Mao.

Mao, que estava acostumado a passar a responsabilidade adiante, não gostou de ser o alvo desse tipo de atitude e contra-atacou Chou, assim que recuperou a visão. Em 23 de julho, retiraram a catarata de seu olho esquerdo. Para acompanhar a operação de sete minutos, ele escolheu uma peça de música ruidosa, para lhe dar um apoio. Ficou encantado com a facilidade da cirurgia e pediu que a fizessem em seu olho direito no ano seguinte. Entrementes, consentiu que lhe confeccionassem óculos especiais. Eram dois

pares, um apenas com a haste esquerda, outro somente com a haste direita, que eram trocados por uma assistente quando ele se virava na cama, de tal forma que o lado de seu rosto jamais descansava sobre a haste.

A possibilidade de enxergar de novo deu a Mao um sentimento renovado de confiança. Dentro de duas semanas, ele começava uma nova campanha pela imprensa contra Chou. Anunciou que um dos romances clássicos mais famosos da China, *A margem da água*, era, na verdade, todo sobre "capitulacionistas" que mereciam ser condenados. "Capitulacionistas" era uma alusão à falsa "nota de retratação" que trazia o nome de Chou. Este ficou tão preocupado que Mao pudesse denegrir seu nome, particularmente depois de sua morte, que no último minuto antes de uma grande operação de seu câncer, quando já havia recebido a medicação pré-operatória e estava prestes a ser levado para a sala de cirurgia, insistiu em dedicar uma hora à revisão de sua autodefesa em relação àquela nota. Só subiu na maca depois de ter assinado o documento, com mão trêmula, e o deixar nas mãos da esposa. Deng criticou Mao pela campanha na vez seguinte que o encontrou e, de novo, Mao teve de recuar. Tentou pôr a culpa em sua mulher, usando sua linguagem característica para se referir a ela: "Merda! Latindo para a árvore errada!". A campanha sumiu aos poucos.

Enquanto isso, Deng tentava desfazer as práticas da Revolução Cultural e melhorar o padrão de vida do povo. Nesse aspecto, no 25º ano do reinado de Mao, a maioria da população vivia em terrível pobreza e miséria. Nas áreas urbanas, que eram privilegiadas, ainda estava em vigor um severo racionamento de gêneros alimentícios, roupas e quase todos os artigos essenciais da vida cotidiana. Três gerações de famílias viviam amontoadas em um quarto pequeno, pois a população urbana aumentara em 100 milhões durante o regime de Mao e, no entanto, poucas moradias tinham sido construídas e não havia conservação. As prioridades de Mao — e a qualidade de vida — podem ser avaliadas a partir do fato de que o investimento total em manutenção urbana (incluindo água, eletricidade, transporte, esgoto etc.) no período de onze anos de 1965-75 foi menos de 4% do investido em indústrias bélicas. A saúde e a educação recebiam bem menos da metade da porcentagem já minúscula de investimento que ganhavam no início do regime de Mao. No campo, a maioria das pessoas ainda vivia à beira da

inanição. Em certos lugares, a falta de roupas fazia com que mulheres adultas andassem nuas. Em Yenan, antiga capital de Mao, as pessoas estavam mais pobres do que quando os comunistas chegaram pela primeira vez, décadas antes. A cidade fervilhava de mendigos famintos, que eram amarrados e enfiados no cárcere quando visitantes estrangeiros vinham admirar a antiga base de Mao, e depois deportados de volta para suas aldeias.

Sem dúvida, Mao sabia o quanto as coisas iam mal. Mantinha-se muito bem informado lendo (ou fazendo alguém ler para ele) relatórios diários de uma rede de canais de informação que havia instalado. Em setembro de 1975, disse a Le Duan, líder do Partido Comunista do Vietnã, que acabara de sair de trinta anos de guerra incessante, inclusive com bombardeios devastadores dos americanos: "Agora, a nação mais pobre do mundo não é a sua, mas a nossa". Não obstante, orientou a imprensa a atacar os esforços de Deng para elevar o padrão de vida com slogans absurdos do tipo: "As ervas daninhas do socialismo são melhores do que as colheitas do capitalismo".

Deng também tentou levantar a proibição praticamente geral dos livros, artes e entretenimento que durava quase uma década. De imediato, tentou liberar alguns filmes de ficção para dar à população alguma diversão. Embora todos os filmes estivessem dentro dos limites do realismo socialista, madame Mao, agindo em nome do marido, tentou retirá-los de exibição, acusando-os de "crimes" como usar atrizes bonitas.

De sua parte, Mao tinha muita diversão à disposição. Uma delas era assistir a suas óperas de Pequim prediletas no conforto de casa. Para tanto, estrelas da ópera foram chamadas de volta dos campos de trabalho para serem filmadas no agora vazio estúdio da tevê de Pequim por equipes que também haviam sido convocadas do exílio. Após anos em regiões remotas, estavam enferrujadas e, de início, ficaram isoladas durante meses para recuperar a arte perdida, sem fazer perguntas. Como ninguém explicou por que deveriam representar aquelas "ervas venenosas" ainda proibidas — e, portanto, extremamente perigosas —, a maioria passou esse tempo em estado de grande apreensão. Os filmes foram então transmitidos para Mao de uma unidade móvel de televisão estacionada perto de sua casa. Ele também assistia a filmes do período pré-comunista, de Hong Kong e do Ocidente.

Mas Mao recusava-se a deixar a população saborear alguma gota do que ele usufruía. Deng brigava amiúde com a mulher de Mao, às vezes gritando e batendo na mesa, um tratamento que ela não estava acostumada a receber,

exceto do marido. Deng também denunciou Jiang Qing na presença de Mao e estimulou pessoas como diretores de cinema a escrever cartas a ele queixando-se dela. Mao queria deter as iniciativas de Deng, fazendo com que ele pusesse no papel uma promessa de se manter fiel às práticas da Revolução Cultural. Em novembro de 1975, exigiu que Deng redigisse uma resolução do partido que gravaria em pedra a Revolução Cultural.

Deng não só se recusou como o fez sem rodeios diante de cerca de 130 quadros elevados do partido, desafiando Mao em termos muito claros. Mao teve de desistir da resolução. Para ele, foi a gota d'água. Estava decidido a descartar-se de Deng.

Chou e Yeh vinham instando Deng a não entrar em conflito com Mao: bastava concordar da boca para fora e esperar que ele morresse. Mas Deng não queria esperar. Ele calculava que poderia forçar Mao a engolir o que estava fazendo, desde que não o atingisse pessoalmente.

O enfraquecimento de Mao era rápido. A paralisia muscular havia invadido órgãos vitais, inclusive a garganta, afetando severamente sua capacidade de comer. Mas, sob aquela casca que caía aos pedaços, ele preservava sua fenomenal determinação de não ser batido.

* * *

O momento de Mao chegou em 8 de janeiro de 1976, quando, aos 78 anos, morreu Chou En-lai, o principal aliado de Deng. Mao agiu de imediato. Demitiu Deng, colocou-o sob prisão domiciliar e o denunciou publicamente pelo nome. Ao mesmo tempo, suspendeu o marechal Yeh, alegando que ele estava doente. Para o lugar de Chou, nomeou um até então desconhecido discípulo de nível intermediário chamado Hua Guo-feng. Um igualmente desconhecido general de baixo escalão chamado Chen Xi-lian foi designado para comandar o Exército. Mao escolheu esses nomes relativamente neutros, em vez de membros da Gangue dos Quatro, a fim de minimizar as reações adversas do partido e do Exército, que, em sua maioria, detestavam a gangue.

Porém, a morte de Chou detonou uma coisa que até então não havia existido na China de Mao: a opinião pública. No ano anterior, sob a direção de Deng, as informações sobre quem defendia o que no governo se tornaram disponíveis pela primeira vez por meio de redes de quadros comunistas readmitidos e seus filhos, e haviam circulado pelo país. O público passou a

ter uma ideia de que Chou fora perseguido (embora sem saber nada sobre seu papel sujo na Revolução Cultural). A notícia da sua morte deflagrou uma manifestação sem precedentes de pesar público, em especial porque os meios de comunicação lhe deram pouca importância. No dia em que seu corpo foi levado do hospital para o crematório, mais de 1 milhão de pessoas encheram as ruas de Pequim. Foi a primeira vez durante o regime de Mao que algo remotamente parecido com essa quantidade de gente se reuniu sem ser organizada. No dia da cerimônia em memória de Chou, até a extremamente prudente enfermeira-secretária de Mao sugeriu que talvez ele devesse comparecer, ideia que Mao rejeitou. As pessoas consideraram sua ausência uma afronta a Chou e alguns dias depois, quando soltaram fogos de artifício na residência de Zhongnanhai, em comemoração do ano-novo chinês, pessoas de seu staff murmuraram que ele estava celebrando a morte de Chou.

Protestos populares irromperam em toda a China, usando a brecha aberta pela morte de Chou, para expressar o ódio pelas políticas de Mao. No início de abril, o vulcão entrou em erupção durante o Festival da Varrição do Túmulo, quando os chineses prestam tradicionalmente homenagem aos seus mortos. Multidões espontâneas encheram a praça de Tiananmen para lembrar Chou com coroas e poemas, e para denunciar a Revolução Cultural. E, o mais espantoso, no coração da capital a multidão destruiu veículos da polícia que davam ordens para que esvaziassem a praça e pôs fogo no quartel-general da milícia, que fora organizada pela Gangue dos Quatro e tentava dispersar os manifestantes com violência. Esse desafio ao regime de Mao aconteceu a um passo de sua casa.

O regime reprimiu os protestos com muito derramamento de sangue. Madame Mao saudou isso como uma vitória e Mao escreveu: "Grande fomentador do moral. Bom. Bom. Bom". Medidas violentas foram tomadas em todo o país, mas Mao não conseguiu desencadear um grande terror como antes.

Embora Deng não tivesse nada a ver com a organização das manifestações, um único detalhe deixava clara sua popularidade: o arranjo de pequenas garrafas penduradas nos pinheiros em torno da praça Tiananmen. O prenome de Deng, Xiao-ping, tem a mesma pronúncia de "pequenas garrafas". Mao sentiu-se extremamente ameaçado por esse sinal. Que o público se unisse aos seus oponentes dentro do partido era um ato sem precedentes. Mandou que Deng fosse levado da prisão domiciliar para a

detenção em outro lugar de Pequim.

Mas, em vez de punir Deng com os mesmos métodos cruéis que aplicara em outros adversários, Mao o deixou incólume. Fez isso não porque gostasse dele: simplesmente não podia assumir o risco de criar uma situação em que os muitos partidários de Deng no Exército pudessem se sentir forçados a agir. Embora o marechal Yeh tivesse sido suspenso, esse aliado de Deng continuava a exercer o controle virtual das Forças Armadas. Em sua casa, no exclusivo recinto militar nas Colinas Ocidentais, ele recebeu uma torrente de generais e altos oficiais e lhes disse que não estava doente, como alegava Mao. Entre os amigos, Yeh referia-se agora a Mao não como "o presidente", que era norma de respeito *de rigueur*, mas como *na-mo-wen*, a transliteração para o chinês do inglês "number one", o que era irreverente. Os comandantes do Exército discutiam semiabertamente o que fazer. Um deles, apelidado de "General Barbudo", instou Yeh a agir de imediato e "simplesmente agarrar" a Gangue dos Quatro. Sem falar alto, com medo de grampos, Yeh ergueu o polegar, sacudiu-o algumas vezes e depois o baixou, o que significava: esperem a morte de Mao. O General Barbudo conversou então com Wang Dong-xing, o chefe da guarda pretoriana, que fora seu subordinado, para dizer que Deng deveria ser bem protegido.

Mao sabia o que estava acontecendo nas Colinas Ocidentais, mas seus novos paus-mandados no Exército não estavam em condições de atacar os veteranos e ele mesmo estava doente demais para agir. Tinha de aturar aquilo. Foi nesse estado de frustração mental que sofreu um forte ataque do coração no início de junho de 1976, que o deixou às portas da morte.

O Politburo e os principais médicos de Mao foram informados. Outra pessoa informada no mesmo instante, por um médico amigo, foi a esposa de Deng, que estava no Hospital 301, especial para os altos líderes, mesmo aqueles em desgraça. O vazamento dessa informação altamente secreta para seus inimigos políticos era um sinal do afrouxamento do controle exercido por Mao. Quando Deng soube da notícia, escreveu para Mao em 10 de junho, pedindo permissão para ir para casa; na verdade, exigia ser libertado.

Mao teve de dizer "sim", o que fez depois que seu estado de saúde se estabilizou, no final do mês; mas a libertação de Deng foi postergada por alguns dias devido a outro evento que deixou Mao inseguro. Em 6 de julho,

o marechal Zhu De, o mais antigo líder do Exército e que gozava de considerável respeito, morreu aos noventa anos. Mao temia que sua morte pudesse provocar protestos de massa semelhantes aos que ocorreram após a morte de Chou — e que Deng pudesse se envolver nisso. Zhu fora seu primeiro oponente, no final dos anos 1920. Mao o fizera sofrer na Revolução Cultural, mas não o expurgara. Mas, como não houve agitação depois de sua morte, Deng teve permissão para ir para casa em 19 de julho — levado de carro por ruas desertas no meio da noite.

A detenção de Deng havia durado apenas três meses. Embora ainda estivesse em prisão domiciliar, encontrava-se entre familiares. Mao não conseguira destruí-lo e Deng estava pronto para um novo round.

58. Os últimos dias (1974-76; 80-82 anos)

Ódio, frustração e autocomiseração dominaram os últimos dias de Mao. Ele expressava esses sentimentos, proeminentes em seu caráter, de maneira muito peculiar. Gostava muito de um poema do século VI chamado "As árvores fanadas", uma lamentação e elegia sobre um bosque de árvores sublimes que acabam murchas e sem vida. O poeta Yu Xin atribuía a má fortuna das árvores ao fato de terem sido arrancadas e transplantadas, o que espelhava sua vida de exilado. Mas, em 29 de maio de 1975, Mao disse aos estudiosos que comentavam poemas especialmente para ele que o destino das árvores não tinha "nada a ver com ser transplantado". Tratava-se do "resultado de as árvores serem castigadas por ondas malévolas e cortadas por mãos humanas". Mao pensava em si mesmo como alguém que estava sendo (nas palavras de sua esposa) "maltratado" por Deng Xiao-ping e seus aliados. Dias antes, haviam-no forçado a um recuo sem precedentes ao fazê-lo cancelar sua campanha de imprensa contra eles e conceder que havia "cometido um erro".

Depois que teve de libertar Deng da detenção, em julho de 1976, o que o deixou furioso, pediu que lessem "As árvores fanadas" em voz alta para ele duas vezes. Então, começou a recitá-lo muito devagar, com sua voz estrangulada, transbordante de amargura. Depois disso, nunca mais pediu para ouvir ou ler outro poema.

Deng era apenas um dos muitos adversários antigos do partido que Mao passou a castigar dentro de sua cabeça em seus últimos anos. Outro foi Chou En-lai. Em junho de 1974, ele finalmente se submeteu à operação que Mao vinha bloqueando havia dois anos. Este deu por fim seu consentimento porque sua própria condição física debilitada o deixava também inseguro. Enquanto Chou estava no hospital, desencavou algumas velhas diatribes que escrevera contra ele e outros oponentes, em 1941. Estavam cheias de insultos

e Mao nunca julgara prudente publicá-las. Agora, 33 anos depois, passava muito tempo relendo-as e maldizendo Chou em pensamento.

Recordá-las era também uma maneira de desabafar seu ódio por outro adversário, Liu Shao-chi, que havia morrido cinco anos antes, em suas mãos, mas cuja morte ainda não ousara anunciar publicamente. Quando havia escrito os artigos, Liu era seu aliado e ele o havia elogiado neles. Agora, fez questão de riscar todas as referências a Liu.

Havia uma outra pessoa que Mao açoitava em pensamento: Wang Ming, seu principal rival na época em que os artigos foram escritos e que havia falecido na Rússia em 27 de março de 1974, dois meses antes de Mao reler suas velhas invectivas. Ele tentara envenenar Wang Ming nos anos 1940, mas depois tivera de permitir seu exílio na União Soviética, onde Wang constituía uma espécie de bomba-relógio. Khruchióv e o filho de Wang Ming confirmaram que Mao tentou envenená-lo na Rússia. A tentativa fracassou somente porque o vigilante exilado testou a comida em seu cão, que morreu. Em Moscou, Wang Ming produziu materiais contra Mao que foram transmitidos por rádio para a China e, durante a Revolução Cultural, começou a planejar seu retorno para montar uma base em Xinjiang, perto da fronteira russa, e depois tentar um golpe contra ele (proposta que não contou com a simpatia do Kremlin).

A morte de Wang Ming veio depois de décadas de saúde arruinada, consequência das tentativas de assassinato perpetradas por Mao. Estava preso à cama nos últimos anos e demorava três horas para engolir os minúsculos bocados de comida que constituíam suas refeições. Mas sua morte dolorosa não aplacou o ressentimento de Mao, assim como as mortes também torturantes de Liu e Chou lhe deram pouco alívio. Um mês antes de morrer, pediu que lessem de novo para ele as velhas diatribes, para sentir o prazer temporário de castigar seus adversários mais uma vez.

Ao final de sua vida, quase todos os seus antigos colegas íntimos estavam mortos, a maioria graças a ele. Contudo, de algum modo suas mortes não o haviam deixado satisfeito. As de Liu e Peng De-huai, suas duas principais vítimas na Revolução Cultural, tinham de ser mantidas em segredo por medo da simpatia pública. A morte de Chou fora divulgada, mas o resultado disso abalaria seu regime. Wang Ming morrera na Rússia, fora do seu alcance. Zhu De, ele não conseguira expurgar. Lin Biao, seu principal colaborador na montagem do Grande Expurgo, conseguira fugir do país, embora seu avião

tivesse caído; além disso, Lin deixara um legado que assombrava Mao: uma conspiração para assassiná-lo. Deng estava vivo, e mais do que simplesmente vivo: Mao tivera de ceder e permitir que ele vivesse no conforto de seu lar, junto com a família. Em seu leito de morte, a sede de vingança de Mao não estava saciada.

A insatisfação consumia Mao. Não conseguira o status de superpotência, apesar de décadas de anseio. Embora tivesse a bomba atômica, não podia usá-la, quando mais não fosse porque o sistema de lançamento mal conseguia transpor as fronteiras da China. As bases industriais do país andavam trôpegas, entregando pilhas de equipamentos defeituosos, inclusive esquadrilhas de aviões que não conseguiam voar, embora a construção de uma indústria aeronáutica estivesse desde o início de seu governo no topo das prioridades e a Guerra da Coreia tivesse sido travada, em parte, para obtê-la. A Marinha não estava em muito melhor estado. As últimas palavras de Mao para seu comandante, um ano antes de sua morte, foram: "Nossa Marinha é só isto!", esticando o dedo mínimo, com ar de profundo desconsolo. Naquele mês de outubro, ele observou com pesar para Kissinger que não pertencia à primeira divisão. "Há somente duas superpotências no mundo [...] Somos atrasados [...]." Contando nos dedos, disse: "Estamos em último lugar. Estados Unidos, União Soviética, Europa, Japão, China — veja!". Algumas semanas depois, quando o presidente americano Gerald Ford foi à China, Mao lhe disse: "Só podemos disparar [...] canhões vazios" e "praguejar".

Mao fez uma última tentativa de se promover como líder mundial em 1974, ao tentar capitalizar em cima de algo que não exigia poderio militar e que era um quesito no qual ele podia alegar que liderava o mundo: pobreza. Proclamou uma nova maneira de definir os "três mundos", e anunciou que "Terceiro Mundo" significava países que eram pobres, com exclusão da União Soviética, e insinuou que poderia ser considerado o líder desse Terceiro Mundo. Mas embora fosse visto, de modo muito geral, como um líder do Terceiro Mundo, ninguém recebia ordens dele e ele não oferecia uma liderança tangível. Ademais, como um diplomata americano intransigente disse, "isso faria realmente alguma diferença?".

Até mesmo suas criaturas se recusavam a reconhecer sua autoridade. Mao

desempenhara um papel vital na instalação do regime do Khmer Vermelho no Camboja em 1975. Pol Pot, seu líder, que liquidou com um quarto da população cambojana em poucos anos, era alma gêmea de Mao. Logo após ter tomado o poder, Mao o cumprimentou pessoalmente por seu Estado campo-de-trabalho-escravo: "Você obteve uma vitória esplêndida. Um único golpe e não há mais classes". O que Mao queria dizer era que todos haviam sido transformados em escravos. E despachou o príncipe Sihanouk, que vivia em luxuoso exílio na China, de volta para o Camboja, onde foi posto em prisão domiciliar e seu nome foi explorado por Pol Pot. Mas, embora fosse patrocinador e mentor de Pol Pot, Mao não recebeu gratidão. Um colega de Pol Pot chamado Keo Meas, que se referira a Mao em termos elogiosos, foi torturado até a morte. Escritas no dossiê do homem morto estavam estas palavras: "Este desprezível Mao que teve a morte horrível que merecia era um inútil. Você não deveria pensar, seu canalha obsoleto, que o partido campucheano foi influenciado por Mao".

No palco do mundo, Mao teve de se contentar com um vago halo. Quando Julie, a filha de Nixon, apareceu usando um distintivo de Mao, "ele reagiu com felicidade infantil e impulsivamente pegou minha mão", escreveu ela. Para sustentar sua imagem, continuou a "receber" estadistas estrangeiros até três meses antes de morrer. Mas estragou muitas vezes os efeitos dessas visitas. Os líderes da Tailândia o encontraram "roncando" ao entrar na sala. O premiê de Cingapura Lee Kuan Yew, seu penúltimo visitante estrangeiro, descreveu um Mao quase inarticulado que grunhia, com a cabeça caída no encosto da poltrona. De fato, como suas últimas fotos confirmam, ele parecia qualquer coisa menos um líder mundial. Babando saliva, rosto lívido e boca mole, projetava uma imagem de senilidade e desgraça. Quando viu sua má aparência nas fotos tiradas com o primeiro-ministro paquistanês Bhutto, no final de maio de 1976, parou completamente de receber estrangeiros.

Apesar de profundamente descontente por ter fracassado na realização de sua ambição mundial, Mao não mostrava ter nenhum sentimento em relação às gigantescas perdas humanas e materiais que essa busca destrutiva havia custado ao seu povo. Bem mais de 70 milhões de pessoas haviam perecido — em tempos de paz — em consequência de seu desgoverno, mas ele sentia pena somente de si mesmo. Chorava quando falava de qualquer coisa que

tivesse alguma conexão com sua glória passada e seu fracasso atual, até mesmo assistindo aos filmes de propaganda de seu regime. Seus auxiliares viam com frequência lágrimas que escorriam por seu rosto, "como uma fonte", nas palavras de um deles. A autopiedade, sentimento ao qual sempre fora propenso, era a emoção dominante do totalmente impiedoso Mao em seus últimos dias.

Ele ficou muito ligado a alguns poemas clássicos que transmitem um clima de grandes homens derrubados, reis caídos e perspectivas brilhantes de heróis em ruínas. Sentia empatia pelos heróis e reis que não se realizavam.

Esse estado mental levou-o a um sentimento extraordinário de fraternidade para com aqueles que considerava "reis caídos" de todo o mundo. No topo da lista estava o ex-presidente americano Richard Nixon, que renunciara ao cargo em agosto de 1974, na esteira do escândalo de Watergate. Mao deu-se várias vezes ao trabalho de proclamar seu afeto por ele. Algumas semanas depois da saída de Nixon da Casa Branca, pediu a Imelda Marcos, das Filipinas, que transmitisse seus cumprimentos e um convite a Nixon para revisitar a China. Julie Nixon e seu marido David Eisenhower tiveram uma recepção espantosa em dezembro do ano seguinte. Mao disse a ela: "Escreva ao seu pai, diga-lhe que tenho saudade dele". Quando ela voltou aos Estados Unidos, o enviado de Pequim lhe disse que Mao "a considera parte de sua família" — uma observação absolutamente extraordinária.

Em fevereiro de 1976, Mao mandou um Boeing 707 a Los Angeles para buscar Nixon, junto com o chefe de protocolo do Ministério do Exterior, outro gesto sem precedentes. O fato de o avião correr o risco de ser apreendido como garantia contra os bens americanos expropriados na China era irrelevante para ele. Ao encontrar Nixon de novo, Mao saudou-o com taças de chá e quando o ex-presidente foi embora ele esforçou-se para acompanhá-lo até a porta, sem ajuda, com ar melancólico. O convite para Nixon ir à China foi, na verdade, uma despedida privada. Ele selecionou pessoalmente um entretenimento noturno para o ex-presidente, que incluía poemas clássicos musicados que transmitiam o sentimento do fim trágico de grandes homens. O programa não significava nada para Nixon, que demonstrou estar cansado e entediado. Mas Mao estava expressando os seus próprios sentimentos, para ele mesmo, ainda que não estivesse presente na performance.

Outro alvo ainda mais improvável da afinidade sentimental de Mao foi Chiang Kai-shek, o homem que ele havia deposto — e massacrado milhões de chineses para manter deposto. Chiang morreu em Taiwan em 5 de abril de 1975, aos 89 anos, e deixou um testamento em que decretava que seu caixão não seria enterrado em Taiwan, mas mantido num santuário até o dia em que pudesse voltar à China continental, depois do colapso do comunismo. Na época do funeral de Chiang, Mao pranteou o Generalíssimo durante um dia inteiro, em particular. Naquele dia, não comeu nem falou. Escutou sem parar uma fita de oito minutos de música comovente, para criar uma atmosfera de funeral, enquanto marcava o compasso em sua cama, com uma expressão solene no rosto. A música havia sido feita especialmente para um poema do século XII, no qual o autor dizia adeus a um amigo que se parecia muito com Chiang: um alto mandarim patriota, cuja carreira se interrompia tragicamente e que era exilado para um lugar remoto da China. O autor dizia ao amigo:

Você e eu somos homens da história
Não homenzinhos tagarelando sobre coisas menores!

Era exatamente como Mao se sentia em relação a Chiang.

Dias depois, ele reescreveu os dois últimos versos do poema, que ficaram assim:

Vá, deixe-se ir, meu honrado amigo,
Não olhe para trás.

Essa mudança transformava o poema numa inequívoca despedida. Mao estava escrevendo sua oferenda a um gigante frustrado como ele. Ele foi musicado e estava entre os poemas cantados para Nixon quando Mao o trouxe para lhe dar seu adeus pessoal.

Para o círculo íntimo, Mao mostrou simpatia incomum por outros governantes depostos. Quando o imperador da Etiópia Hailé Selassié, com quem se encontrara apenas uma vez, e muito rapidamente, morreu na prisão, em 1975, depois de ser destronado por um golpe militar, ele mergulhou na melancolia. “O imperador estava indo bem”, repetia. “Por que teve de

chegar a isso? Por que teve de acabar assim?"

Essa nova simpatia para com governantes depostos era uma extensão de seu velho medo de ser também derrubado. Na fase final de sua vida, estava mais obcecado do que nunca com um golpe. Foi para evitar essa possibilidade que insinuou a Deng Xiao-ping e seus aliados em 1975 que poderiam esmagar madame Mao e sua gangue depois de sua morte.

Foi, em parte, por esse mesmo motivo — medo de um golpe — que Mao não designou um sucessor. Ele nunca outorgou esse título a Hua Guo-feng, o chefe de sua última roda seleta, como fizera antes com Lin Biao. Temia que um herdeiro oficial poderia ter pressa em sucedê-lo e tentasse se precipitar. Assim, embora Hua mostrasse clara lealdade (na primeira vez em que Mao foi alimentado pelo nariz, Hua assumiu o papel de cobaia antes exercido por Chou e testou o tubo nele mesmo), e embora Mao confiasse obviamente em Hua o suficiente para colocá-lo na direção, ele não quis confirmar que ele assumiria o poder depois de sua morte.

Mao não dava a mínima para o que aconteceria depois de morto. Na verdade, pouco confiava que suas "realizações" ficariam no poder. Na única ocasião em que falou alguma coisa sobre o futuro para seu círculo íntimo, quando sabia que estava morrendo, disse que haveria "convulsão", com efeito, "chuvas de sangue e ventos com cheiro de sangue". E depois acrescentou: "O que vai acontecer com vocês, só os céus sabem".

Desse modo, Mao não deixou um testamento, embora esperasse a morte havia pelo menos um ano e tivesse muito tempo para prepará-lo.

Mao passou as últimas semanas de vida num prédio indefinível que fora construído especialmente para ele em Zhongnanhai, com todas as especificações usuais de segurança, à prova de terremoto. Como de costume, tinha apenas um codinome, "202". Ele foi levado para lá no final de julho de 1976, depois que Pequim foi abalada por um tremendo terremoto que atingiu 7,8 pontos na escala Richter e que destruiu Tangshan, uma cidade industrial 160 quilômetros a leste da capital, onde matou algo entre 240 mil (cifra oficial) e 600 mil pessoas (estimativa não oficial). Em Pequim e em muitas outras cidades, dezenas de milhões de pessoas tiveram de dormir na rua. No melhor estilo maoísta, o regime recusou a ajuda externa, que poderia ter diminuído muito o número de mortos. Foi lançada uma campanha pelos

meios de comunicação que exortava os resgatadores a "denunciar Deng sobre as ruínas".

Mao ainda dava ordens. Em 2 de setembro, quando quis sair de Pequim, madame Mao foi pedir a permissão do marido. Ele ficou irritado por ser incomodado e recusou a permissão na primeira vez, mas a concedeu quando ela insistiu. Três dias depois, ele perdeu subitamente a consciência e ela foi chamada de volta pela nova equipe encabeçada por Hua. Nas semanas anteriores, tinham-se revezado na cabeceira de Mao, e quando madame Mao voltou, participou da vigília, mas ficou atrás da cama, pois ele demonstrara aborrecimento antes, ao acordar e vê-la. Nenhum dos filhos estava presente.

Em 8 de setembro, um grasnido ininteligível saiu de sua garganta. Seu barbeiro e um criado de dezessete anos enfiaram um lápis em sua mão trêmula e ele desenhou com dificuldade três linhas e depois bateu fracamente na beira de madeira da cama por três vezes. O barbeiro imaginou que Mao queria saber sobre o que estava acontecendo com o primeiro-ministro japonês Takeo Miki (cujo nome em chinês significa "Três Madeiras"). Ele jamais o encontrara e não demonstrara nenhum interesse especial até então, quando Miki estava lutando para não ser derrubado por um golpe dentro do próprio partido.

Meng, uma das namoradas transformadas em enfermeiras, segurou o boletim de notícias e Mao leu por alguns minutos. Esse relatório sobre outro líder que estava nas cordas foi sua última leitura.

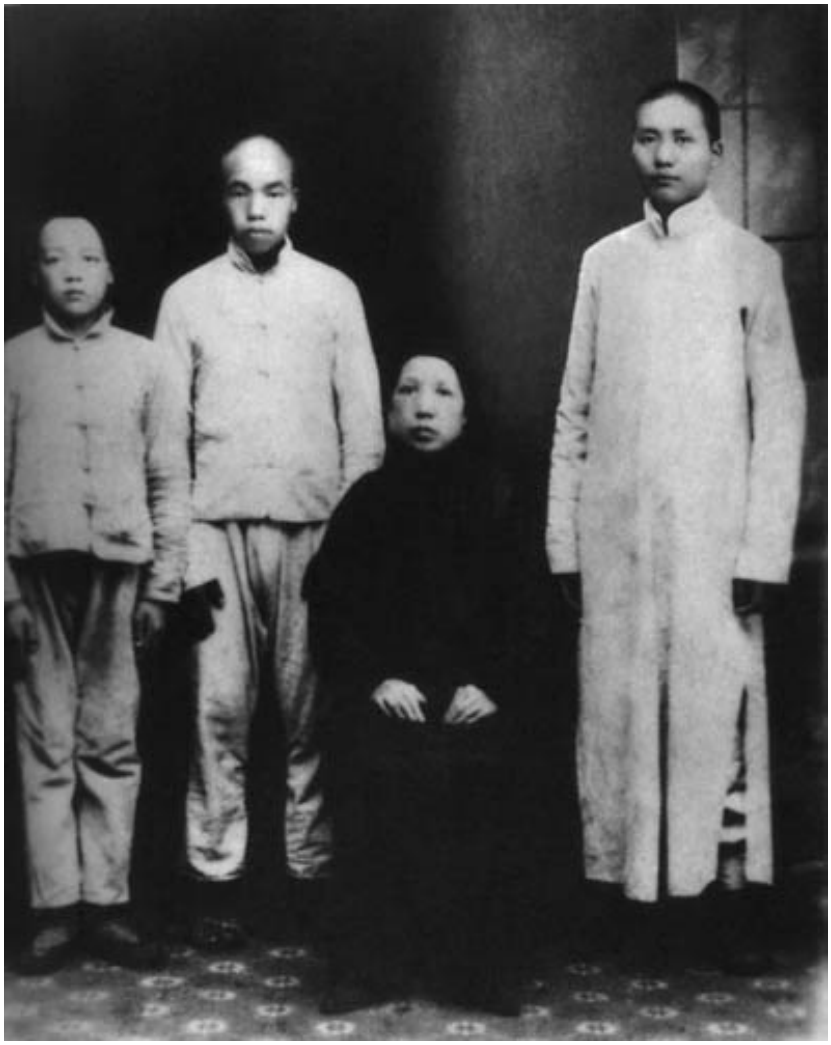
Logo depois disso, Meng escutou Mao dizer: "Sinto-me muito doente. Chame os médicos". Foram suas últimas palavras. Pouco depois, caiu na inconsciência. Em 9 de setembro de 1976, dez minutos depois da meia-noite, Mao Tse-tung morreu. Permaneceu lúcido até o fim e em sua mente havia apenas um pensamento: ele e seu poder.

Epílogo

Hoje, o retrato de Mao e seu cadáver ainda dominam a praça Tiananmen, no coração da capital chinesa. O atual regime declara-se herdeiro de Mao e perpetua ferozmente o seu mito.



O quarto em que Mao nasceu, em 26 de dezembro de 1893, na aldeia de Shaoshan, província de Hunan.



Mao Tse-tung (à direita), *aos 25 anos*, *na única fotografia com a mãe*, *tirada em Changsha*, *em 1919*, *pouco antes da morte dela*. *Ele usa trajes de pessoa instruída*, *enquanto os dois irmãos mais jovens*, *Tse-tan* (extrema esquerda) *e Tse-min*, *ainda usam roupas camponesas*.



Mao Tse-tung (com tarja preta no braço) *pouco depois da morte da mãe*, *o pai* (segundo a partir da esquerda), *um tio* (segundo a partir da direita) *e o irmão Tse-tan*. *Changsha*, *13 de novembro de 1919*.



Yang Kai-hui, segunda esposa de Mao, e seus dois filhos mais velhos, An-ying, com dois anos, e An-ching, com um ano, em Xangai, 1924. Kai-hui logo seria abandonada por Mao e executada pelos nacionalistas por causa dele. Ela deixou manuscritos comoventes que descrevem sua desilusão com o comunismo e com Mao.





Os principais agentes de Moscou na China. Grigori Voitinski (acima, à esquerda) *fundou o Partido Comunista Chinês em 1920. Maring* (acima, à direita), *o agitador holandês, copresidiu o primeiro congresso do* PCC, *em Xangai, em 1921. Mais tarde, ele rompeu com Moscou e foi executado pelos nazistas. Mikhail Borodin* (abaixo, extrema direita) *manejou comunistas e nacionalistas em 1923-27. Ele estava em Cantão, em 1925, com Chiang Kai-shek* (ao seu lado), *que em breve se tornaria o líder nacionalista, e Wang Ching-wei* (em primeiro plano), *patrocinador de Mao no Partido Nacionalista e depois chefe do governo títere japonês.*





Ruijin, 7 de novembro de 1931, dia em que foi fundado o primeiro Estado (soviete) comunista, quando Mao (segundo a partir da direita) *tornou-se o "presidente". À esquerda dele está Wang Jia-xiang; à direita, Xiang Ying, Deng Fa, o comandante militar Zhu De, Ren Bi-shi e Gu Zuo-lin.*



A liderança do Estado comunista realizou sua primeira reunião formal em 1º de dezembro de 1931. Mao está de pé, de costas. Zhu De está à direita de Mao. O Estado comunista ruiu em outubro de 1934, quando começou a Longa Marcha.



A ponte sobre o rio Dadu, em Luding, local do mito central da Longa Marcha. A feroz luta que teria sido travada aqui em 1935 foi uma invenção dos comunistas.



Mao (de pé, terceiro a partir da esquerda, com ar de Oscar Wilde) *em seu QG pós-Longa Marcha*, *Yenan*, *em setembro de 1937*, *com alguns dos participantes do "Levante da Colheita de Outono" de 1927*, *momento fundador do mito de Mao como líder camponês. Gui-yuan*, *sua terceira esposa*, *está de pé na extrema direita*.



Mao (sentado, segundo a partir da esquerda) *com oficiais do Exército Vermelho*, *entre eles Zhu De* (sentado, terceiro a partir da esquerda) *e Lin Biao* (sentado, quarto a partir da esquerda), *o comparsa mais próximo de Mao; Yenan*, *1937*.





Os quatro mandachuvas que, acreditamos, eram comunistas infiltrados que ajudaram a liquidar com os nacionalistas. Shao Li-tzu (acima, à direita) *entregou a Moscou, em 1925, o filho de Chiang Kai-shek, o qual se tornou refém de Stálin por uma década. Para trazer o filho de volta, Chiang permitiu que os comunistas sobrevivessem durante a Longa Marcha. O general Zhang Zhi-zhong* (acima, à esquerda) *desencadeou a guerra total com o Japão em 1937, desviando os japoneses para o centro da China e para longe da Rússia. O general Hu Tsung-nan* (abaixo, à esquerda) *levou à ruína forças nacionalistas em massa, em 1947-48. O general das "Cem Vitórias" Wei Li-huang* (abaixo, à direita, no centro), *fotografado para a revista Life, entregou a Mao meio milhão dos melhores soldados de Chiang na Manchúria, em 1948.*





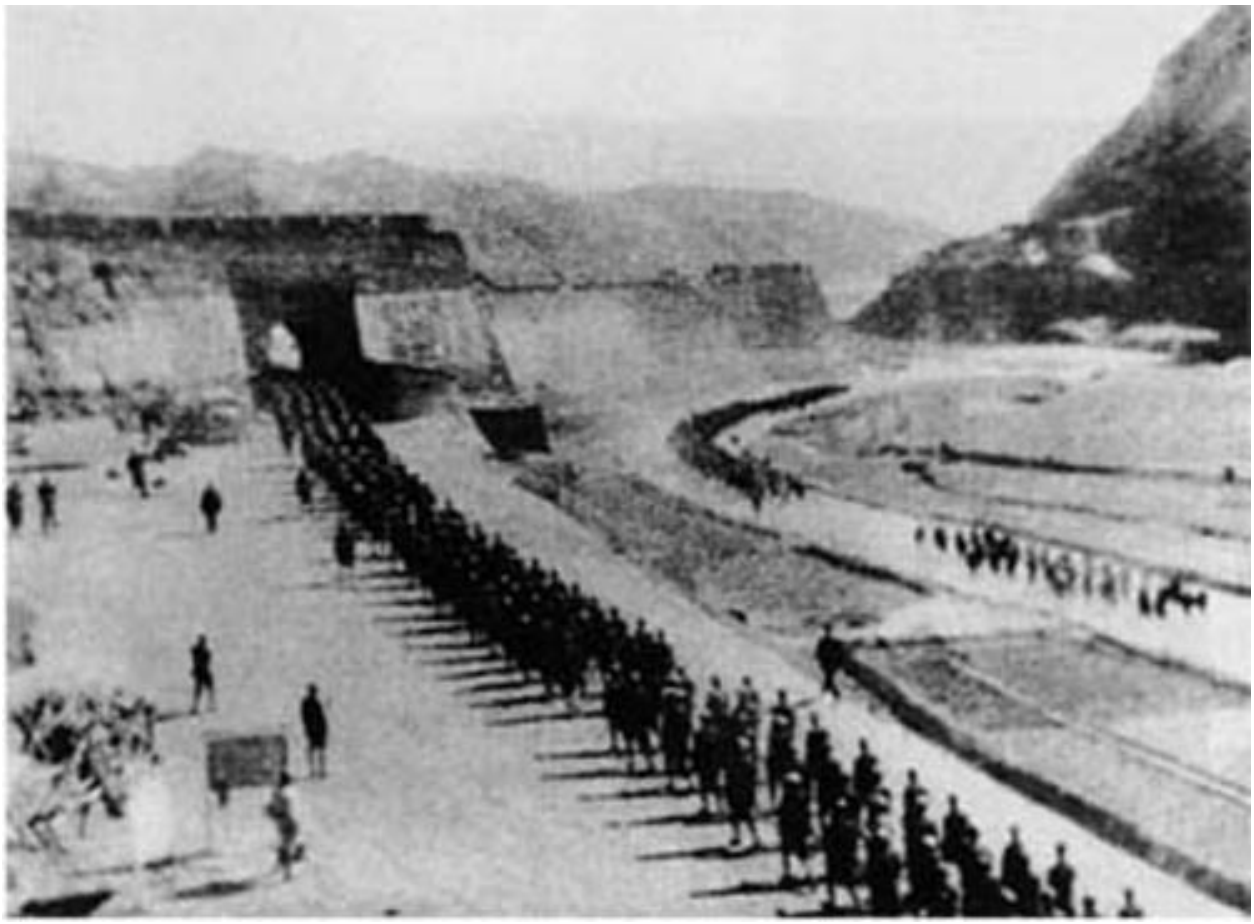


O Generalíssimo Chiang Kai-shek (à direita) *com Chang Hsueh-liang (o "Jovem Marechal"), antigo senhor da guerra da Manchúria, que sequestrou Chiang em Xian, em dezembro de 1936. O sequestro, coordenado com Mao, colocou os comunistas marginalizados de volta no jogo. Atrás deles está H. H. Kung, cunhado e confidente de Chiang.*




Os principais rivais de Mao no PCC. *Chang Kuo-tao* (acima, à esquerda) *com Mao em Yenan, 1937. Mao sabotou o exército dele, muito maior, na Longa Marcha; depois mandou metade dos remanescentes para a morte no deserto do noroeste e, por fim, enterrou vivos os sobreviventes. Chang abandonou os comunistas em 1938. Wang Ming* (acima, à direita) *com Mao pouco depois de chegar em Yenan vindo de Moscou, no final de 1937, trazendo ordens de Stálin para o* PCC *lutar contra o Japão. Mao, que via na invasão japonesa um meio de destruir Chiang Kai-shek, sentiu-se ameaçado por Wang Ming e mandou envenená-lo. Mao estava em minoria no Politburo quanto a sua política de não lutar contra o Japão, mas inverteu sua sorte política ao tramar no outono de 1938, quando o Politburo se reuniu em Yenan, aqui visto diante da catedral franciscana espanhola. A partir da esquerda: Mao, Peng De-huai, Wang Jia-xiang, Lo Fu, Zhu De, Po Ku* (que tentou deixar Mao para trás na Longa Marcha), *Wang Ming, Kang Sheng, Xiang Ying, Liu Shao-chi, Chen Yun e Chou En-lai.*





Janeiro de 1937: tropas do Exército Vermelho entram em Yenan, que se tornou o lar de Mao por uma década.



Yenan: o edifício construído especialmente para o congresso do partido que entronou Mao em 1945. No fundo, veem-se as cavernas que serviam de moradia, cavadas no loess macio dos morros.



A catedral franciscana espanhola de Nossa Senhora de Begoña, em Yenan. Terminada em 1935, foi tomada pelo líder comunista local, Liu Chih-tan, pouco depois eliminado por Mao. Local de muitas reuniões importantes do PCC, *inclusive a que inverteu a sorte de Mao.*



Diante da residência oficial de Mao, Jung Chang entrevista um agricultor local cuja mãe costumava lavar as roupas do líder chinês.



Jon Halliday nas ruínas de um edifício semelhante a uma igreja, construído num vale remoto da região de Yenan especialmente para as reuniões do partido; jamais foi usado, pois Mao tinha uma residência secreta ao lado e queria manter o lugar somente para si. Este recinto secreto (abaixo) *é desconhecido até hoje. Mao vivia na "caverna" à direita, com túneis que atravessavam o morro. A entrada era encoberta e tinha até um toldo para proteger do sol. Os únicos vizinhos eram vários milhares de prisioneiros bem guardados.*

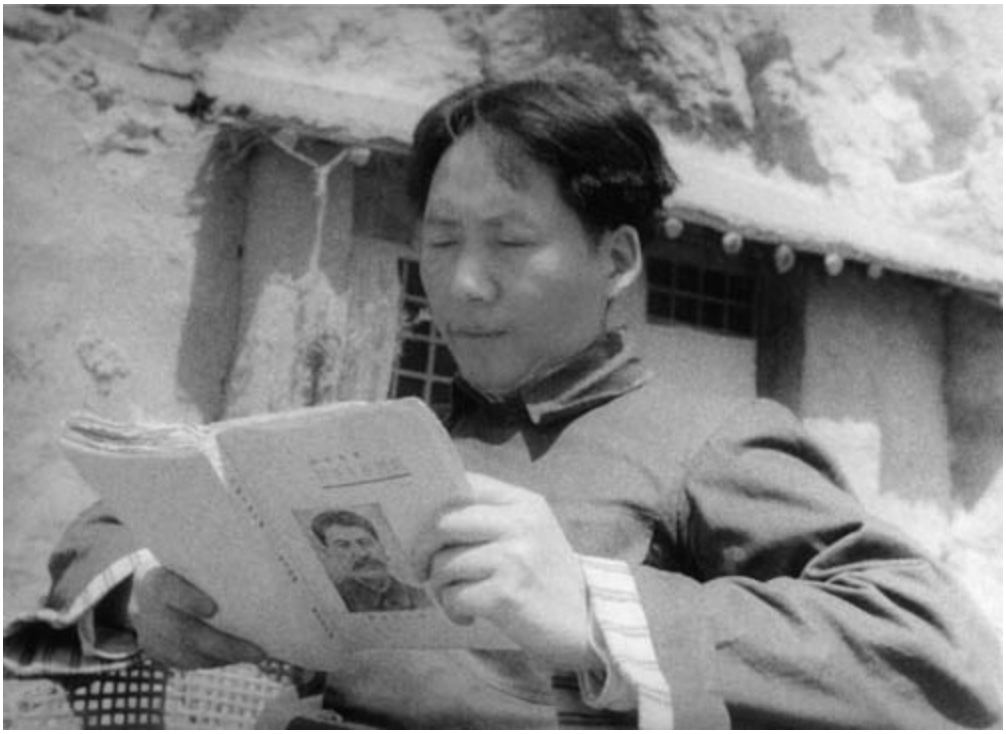




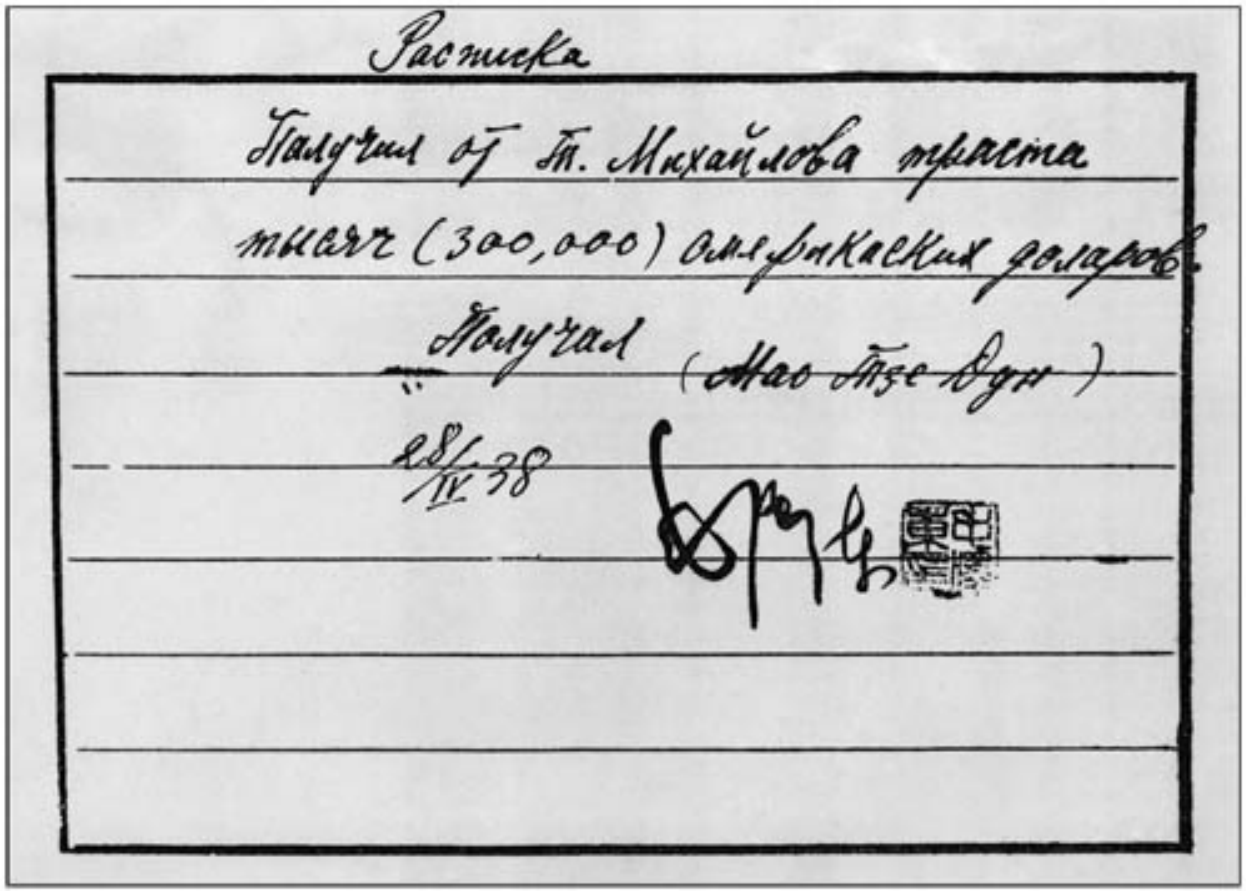
Mao com Gui-yuan, sua terceira esposa, em Yenan, 1937. Pouco depois, ela o abandonou e foi para a Rússia; teve crises nervosas pelo resto da vida.



Os dois filhos de Mao que sobreviveram, na escola especial para filhos de líderes comunistas estrangeiros em Ivanovo, nas cercanias de Moscou. An-ying, o mais velho, é o menino alto no centro da fileira do meio. A faixa acima do retrato de Mao diz: "Viva a Internacional Comunista — a Organizadora da Luta pela Vitória dos Trabalhadores!".



Mao posa diante de uma de suas residências, em 1939, lendo Stálin para um documentário dirigido por Roman Karmen, o cineasta preferido do dirigente soviético, que documentou devidamente a "devoção" do líder chinês.



Recibo assinado por Mao de 300 mil dólares (equivalentes a cerca de 5 milhões de dólares em 2012), recebidos de um russo chamado Mikhailov, datado de 28 de abril de 1938.



Em agosto de 1945, quando o Japão se rendeu, Stálin mandou Mao ir a Chongqing para fazer o jogo das negociações com Chiang Kai-shek. Acima, Mao na chegada a Chongqing, com o embaixador americano Patrick Hurley (centro). *Chou En-lai está à direita de Hurley. Quando a guerra civil se acirrou e Mao estava à beira da derrota, ele foi salvo inadvertidamente pelo mediador americano, o general George C. Marshall.*



Em sua partida de Yenan, em 5 de março de 1946, Marshall foi acompanhado por Jiang Qing, a quarta esposa de Mao (que viria a ser a famigerada "madame Mao"), em sua primeira missão de futura "primeira-dama".



Abatido, Chiang Kai-shek visita seu templo ancestral pela última vez antes de deixar a China continental em 1949, com seu filho e herdeiro Ching-kuo (à esquerda, de chapéu).



Tropas comunistas entram em Nanquim e têm uma recepção claramente fria. Mais tarde, os comunistas filmaram reencenações da tomada de cidades e as mostraram como se fossem acontecimentos verídicos.



Acima: Mao proclama a fundação da República Popular da China do alto do portão de Tiananmen, em 1o de outubro de 1949. Sua primeira campanha política centrou-se nas execuções em massa, diante de multidões organizadas (abaixo). "*Somente quando isso for feito de forma adequada nosso poder estará seguro*", *pronunciou Mao. As pessoas exibidas carregam placas dizendo que são "proprietários de terras" e "espiões".*







Mao, aparentando contrariedade, ao lado de seu patrono e rival, na cerimônia de aniversário de setenta anos de Stálin, em Moscou, dezembro de 1949. À direita de Stálin está Walter Ulbricht, o líder da Alemanha Oriental a quem Mao sugeriu a construção de um muro; Tsedenbal, da Mongólia, está na extrema direita; o marechal Bulganin está atrás, no centro. Atrás do ombro direito de Mao está seu intérprete Shi Zhe, que nos deu informações valiosas sobre a relação do líder chinês com Stálin.



Desanimado, Mao conhece as glórias da pecuária soviética num curral gelado em Krasnogorsk, em janeiro de 1950. O intérprete Shi Zhe está à esquerda.



O portão de Tiananmen adornado com um retrato do falecido Stálin, em 9 de março de 1953 (é possível ver os líderes chineses abaixo do retrato). Uma das ordens recebidas pelas centenas de milhares de pessoas levadas à cerimônia gigantesca era "não riam".



Mao coloca uma coroa no retrato de Stálin. A morte do líder soviético foi seu momento de libertação.



Nikita Khruchióv, o supremo comandante soviético após a morte de Stálin, estava disposto a ajudar a transformar a China numa superpotência militar, sonho acalentado havia muito tempo por Mao. Os dois líderes se abraçam no aeroporto de Pequim, em agosto de 1958. O intérprete Li Yue-ran está ao fundo.



Mao com a atenção voltada ao caça a jato (o comandante da segurança pessoal Luo Rui-qing está à direita).



"*O poder vem do cano de uma arma de fogo*": *Mao em um exercício militar*, *com* (a partir da esquerda) *Luo Rui-qing e o presidente Liu Shao-chi*.



Manequim loiro chama a atenção de Mao numa exposição japonesa em Pequim, em 1956. Mao não estava ali para se informar sobre moda para as mulheres chinesas, quase todas obrigadas a usar os "trajes maoístas", mas para cortejar os japoneses, a fim de obter materiais estratégicos para seu Programa de Superpotência.



Mao gostava de governar da cama e muitas vezes tirava seus colaboradores das próprias camas para reuniões no meio da noite. As cadeiras para os membros do Politburo eram colocadas aos pés de sua enorme cama cheia de livros, na qual ele também se divertia com suas numerosas namoradas.



No Grande Salto Para a Frente (1958-61), Mao brincou com a ideia de abolir nomes e identificar as pessoas por números. Aqui vemos camponeses na província modelo de Henan, trabalhando com números nas camisas.



Falsas colheitas gigantescas foram inventadas para extrair o máximo de quantidade de alimentos para exportação.



Menina puxa um carrinho: as pessoas trabalhavam duro.



O presidente Liu Shao-chi em visita à sua aldeia natal em Hunan, na primavera de 1961. Consternado, ouve o relato de um camponês idoso (acima) *e observa um utensílio de cozinha vazio, com sua esposa Wang Guang-mei* (abaixo). *Essa viagem levou-o a armar uma cilada para Mao e deter o Salto — e a epidemia de fome.*





Decidido a contra-atacar, Mao usou seu hobby favorito, a natação, como gesto político para demonstrar vigor e força de vontade.



Mao contempla um mapa do mundo durante a epidemia de fome, em 1961. Ao círculo íntimo, disse: "Precisamos controlar a Terra!".



Quem se manifestava era perseguido. O Panchen Lama do Tibete é denunciado diante de um retrato de Mao.



O ex-ministro da Defesa Peng Dehuai (foto menor) é exibido durante a Revolução Cultural; ele sofreu uma morte lenta.



Durante a Revolução Cultural, Mao vingou-se de Liu Shao-chi, visto aqui sendo espancado por funcionários que brandem o Pequeno Livro Vermelho dentro de Zhongnanhai, o recinto da liderança. Em seguida, ele foi derrubado e pisoteado (abaixo); *e teve uma morte dolorosa no cativeiro.*





Wang Guang-mei, sua corajosa esposa, foi maltratada e teve de usar um colar de bolas de pingue-pongue e um letreiro que a chamava de "ladra política".



Cenas cotidianas da Revolução Cultural. A posição de "jato" (à esquerda) *e cortes brutais de cabelos, sempre sob um retrato de Mao.*



Uma imagem rara mostra a aparência real da população durante aqueles anos.



Nos arredores de Harbin, dissidentes desafiadores são fuzilados aos olhos de uma multidão, durante a Revolução Cultural.



A Revolução Cultural foi possível graças a uma troca entre Mao e o marechal Lin Biao. Acima, Lin e Mao, com a braçadeira da Guarda Vermelha, no portão de Tiananmen, em 1966. (É possível notar os dentes pretos de Mao, que ele raramente escovava. Ele não tomou banho durante os 27 anos de seu reinado.) No final, os dois se desentenderam.



No Dia do Trabalho de 1971, *Lin*, *amuado* (de boné, à direita), *desafiou o protocolo e apareceu na praça apenas por um minuto*, *recusando-se a falar com Mao e com o príncipe Sihanouk* (ao lado de Mao) *e a princesa Monique* (ao lado de Lin), *do Camboja*.



Ao que se sabe, "Tigre", o filho de Lin Biao (à direita), *é a única pessoa que planejou assassinar Mao. Em setembro de 1971, Lin, sua esposa* (no centro) *e "Tigre" fugiram da China e morreram na queda do avião na Mongólia, depois que Dodo (à esquerda), a filha de Lin, que sofrera lavagem cerebral, os denunciou.*



Cortejando Che Guevara, em 1960; Guevara foi deixado de lado quando passou a ser visto como um competidor.



Flertando com a primeira-dama das Filipinas Imelda Marcos, em 1974



Parabenizando o Khmer Vermelho em 1975, por criar uma sociedade escrava com um único golpe cruel: Pol Pot (no centro) *e o ministro do Exterior Ieng Sary* (à direita).





O premiê Chou En-lai era a face charmosa da tirania de Mao. Mao usou os serviços do premiê ao mesmo tempo que o chantageava, por quase meio século. Em fevereiro de 1972, Chou ganhou uma poltrona confortável (no alto) *para a visita do presidente americano Nixon. A partir da esquerda: Chou, Nancy Tang, Mao, Nixon, Kissinger e Winston Lord. Mas, em dezembro de 1973, Mao já banira Chou para uma cadeira dura e humilhante, durante o encontro com o rei do Nepal. Naquela época, Mao não lhe deu permissão para se tratar de um câncer, assegurando-se assim de que o premiê morresse antes dele.*



Em 1974, *Deng Xiao-ping*, *recém-reabilitado* (o mais baixo, no centro), *fez uma aliança com o marechal Yeh Jian-ying* (segundo a partir da esquerda) *e Chou En-lai* (extrema direita) *contra a Gangue dos Quatro*, *da qual três membros estão na mesma foto: madame Mao* (de lenço na cabeça), *Wang Hong-wen* (atrás de Deng) *e Yao Wen-yuan* (extrema esquerda).



Madame Mao é controlada durante seu julgamento, após a morte de Mao. Aos promotores, ela disse: "Eu era o cão do presidente Mao. Quem quer que ele me pedisse para morder, eu mordia". Ela se suicidou em 1991.



Em seus últimos anos, Mao identificou-se cada vez mais com líderes decadentes, em especial o ex-presidente Nixon, que ele levou à China para uma despedida particular, em fevereiro de 1976.



A última fotografia de Mao, com o premiê do Paquistão Zulfikar Ali Bhutto, em 27 de maio de 1976. Mao morreu em 9 de setembro daquele ano. Seus 27 anos de governo causaram a morte de mais de 70 milhões de chineses.

Notas

Os asteriscos indicam fonte em língua chinesa, usando o sistema *pinyin* de transliteração (com algumas exceções). Referências a traduções para o inglês são dadas entre parênteses, denotadas por "I". As abreviações usadas nas Notas estão no início das bibliografias.

1. ENTRE O ANTIGO E O MODERNO

Descobre morte do imperador: Snow 1973, p. 138.

Pais: Snow 1973, pp. 130-4; **Crônica do Clã de Mao*; Diário do sogro de Mao Yang Chang-chi, 5 abril 1915, em *Mao 1990, p. 636 (I: *MRTP* vol. 2, p. 60); *Li Xiangwen, pp. 25-51; *Zhao Zhichao, pp. 273-4; visita a Shaoshan e conversas com moradores do lugar.

Nome predeterminado no século XVIII: **Crônica do Clã de Mao.*

"*Menino de pedra*": *Li Xiangwen, p. 51. *Mao sobre sua mãe*: Snow 1973, p. 132; *Shi Zhe 1992, p. 180; *Yan Changlin, p. 321. *Infância despreocupada*: Carta de Mao a um primo, 27 nov. 1937, em *Mao 1984, pp. 114-15; *Zhao Zhichao, pp. 271-81; *Yan Changlin, pp. 320-1. *Saiu-se bem em clássicos confucianos*: *Li Rui 1992, pp. 1-3.

Choques com tutores: Snow 1973, pp. 131 ss.; *Zhao Zhichao, pp. 103-2, 122-3. "*jato*" *do pai*: Mao aos líderes dos Guardas Vermelhos, 28 jul. 1968, em *IRI, p. 546 (I: *Mao Miscellany* vol. 2, p. 496). *Brigas com o pai*: Snow 1973, pp. 132-3; *Shi Zhe 1992, p. 182.

Primeiro casamento: **Crônica do Clã de Mao*; *Li Xiangwen, p. 66; Snow 1973, p. 147; Cheng 1973, p. 68.

"*Nas famílias Ocidentais*": "A questão da personalidade da senhorita Zhao", 18 nov. 1919, *Mao 1990, pp. 416-17 (I: *MRTP* vol. 1, p. 423). *Na escola moderna*: Snow 1973, pp. 136-7; *Zhao Zhichao, pp. 282-4.

"*Extremamente excitado*": Snow 1973, p. 139. *Alega preocupação antiga com os camponeses*: ib., pp. 135-6, 139. *Nenhum traço do Fazedor de Mós*: entrevista com historiadores do Partido local, 21 out. 1994. *Yang Chang-chi, 5 abr. 1915*: *Mao 1990, p. 636 (I: *MRTP* vol. 1, p. 60). "*Surpreso*" *com Tseng Kuo-fan*: carta a Li Jinxi, 23 ago. 1917, *Mao 1990, p. 85 (I: *MRTP* vol. 1, p. 131).

"*Mar de amargura*": "A grande união das massas populares", 21 jul. 1919, *Mao 1990, pp. 373-5 (I: *MRTP* vol. 1, p. 382). *71 items*: "Estatutos da Sociedade de Estudos de Problemas", 1º set. 1919, *Mao 1990, p. 397 (I: *MRTP* vol. 1, p. 409). "*Operários e camponeses*": "Esclarecendo a dúvida", 27 set. 1920, *Mao 1990, p. 519 (I: *MRTP* vol. 1, pp. 558-9). "*Proletariado*": "Carta a Xiao Xudong [Siao-yu], Cai Linbin [Cai He-sen] e os outros membros na França", 1º dez. 1920, **XXZ*, pp. 149-50 (I: *MRTP* vol. 2, p. 10). *Diário de um amigo*: *Xie Juezai, pp. 49-50.

2. TORNANDO-SE COMUNISTA

Russell: Russell a *The Nation*, 28 out. 1920, em id. 1968, p. 139; cf. ib.: pp. 126-7; nossa visita a Changsha. *Viciado em jornal*: Snow 1973, p. 139. *Primeiro ensaio político*: ib., p. 140.

"*Estar preparado para a guerra*": *Mao 1990, p. 647. *Grande variedade de escolhas*: Snow 1973, p. 143. *Como um búfalo*: Siao 1953, p. 36. *Escola normal*: visita à escola, Changsha, e conversas com moradores do local, out. 1994. *Verdadeiro* "*cem flores*": *INT. *Poema sobre natação*: *Mao 1920-27, p. 303 (I: *MRTP* vol. 1, p. 159).

Viagem pelo campo no verão de 1917: Siao 1953. *Observações extremistas de Mao*: diário de Zhang Kundi, 23 set. 1917, em *Mao 1990, p. 639 (I: *MRTP* vol. 1, p. 139).

Notas sobre Paulsen: "Notas à margem de *Um sistema de ética* de Friedrich Paulsen", 1917-18, *Mao 1990, pp. 116-275 (I: *MRTP* vol. 1, pp. 175-313).

"Estão todos lá somente para mim": ib. *pp. 147-8 (p. 205). "Não temos dever para com outras pessoas": ib. *p. 235 (p. 277). "Responsável perante ninguém": ib.*pp. 204-5 (pp. 252-3). "Não à minha própria realidade": ib. *p. 205 (p. 252). "Não … para as gerações futuras": ib. *p. 206 (p. 253). Consciência "para melhor completar o impulso": ib. *pp. 210-11 (pp. 255-7). Não matar "por interesse próprio": ib. *p. 120 (p. 179). "Puro cálculo para si mesmo": ib. *p. 219 (p. 263). "Grandes heróis": ib. *pp. 218-9 (pp. 263-4). "Paz duradoura … insuportável": ib. *pp. 184-6 (pp. 237-8). Morte "fantástica": ib. *pp. 197-8 (p. 247).

Como mudar a China: ib. *pp. 201-2 (p. 250).

Yang Chang-chi escreveu: "Diário", 5 abr. 1915, em *Mao 1990, p. 636 (I: *MRTP* vol. 1, p. 60). *Outro professor*: Xu Teli, em Band & Band, p. 250. *Não eleito líder*: Boletim da Sociedade de Estudos do Novo Povo, nº 1, inverno 1920, em **XXZ*, p. 4. "*Minha mente está cheia*": Carta a Tao Yi [Tao Siyong], *Mao 1990, p. 467 (I: *MRTP* vol. 1, p. 494). *Não consegue aprender russo*: Leonid Polevoi (filho de Serguei) entrevista por telefone, 24 maio 1998, e carta aos autores; *papel de S. Polevoi*: *VKP* vol 1, pp. 28, 48, 744. *Vida em Pequim*: Boletim da Sociedade de Estudos do Novo Povo, nº 1, inverno 1920, em **XXZ*, p. 6; Snow 1973, pp. 151 ss.; *Luo Zhanglong, pp. 8-9.

"*Não me tratava como um ser humano*": Snow 1973, p. 151. *Desleixado*: *INT; Cadart & Cheng, p. 159.

"*Devemos duvidar*": "Manifesto sobre a fundação da *Revista do Rio Xiang*", 14 jul. 1919, *Mao 1990, p. 292 (I: *MRTP* vol. 1, p. 318). *Mao e mãe*: "Carta aos sétimo e oitavo tios maternos", ag. 1918, *Mao 1990, p. 288 (I: *MRTP* vol. 1, p. 174). "*Quando minha mãe estava morrendo*": Wu Xujun, em **Lembrando Mao Zedong* vol. 2, p. 663. *Desejo do pai de ver Mao*: visita ao templo do clã de Mao, Shaoshan.

"*Sobre a Independência das mulheres*": 21 nov. 1919, *Mao 1990, pp. 422-3 (I: "Concerning the Incident of Miss Zhao's Suicide", *MRTP* vol. 1, pp. 432-3).

"*Tomar parte na produção*": Kau & Leung, p. 175. *Segunda viagem a Pequim*: Snow 1973, pp. 153 ss.; relação com Hu, *Mao 1990, p. 494; com Li, ib., p. 467; *Zhou Zuoren, p. 115. *Mao sobre Chen*: "A prisão e o resgate de Chen Duxiu [Chen Tu-hsiu]", 14 jul. 1919, *Mao 1990, pp. 302-6 (I: *MRTP* vol. 1, p. 329). *Ideia do pcc de Moscou*: Shevelyov 1981, p. 128; **YD*, pp. 22-3; *Chen Duxiu, p. 119. *Voitinski na China*: Shevelyov 1981, pp. 128, 130; Glunin em Astafiev et al. 1970, pp. 66-87; *VKP* vol. 1, pp. 28, 38, 48.

Partido fundado em ago. 1920: Maring a Zinoviev et al., 20 jun. 1923, em Saich 1991, p. 611; Yu-Ang-Li, p. 422. Nova Juventude *subsidiado pelo Comintern*: Shevelyov 1981, p. 131. *Livraria*: Mao, "A fundação da Sociedade do Livro Cultural", 31 jul. 1920, *Mao 1990, pp. 498-500 (I: *MRTP* vol. 1, pp. 534-5); relatório sobre o negócio da livraria, nov. 1920, em **XXZ*, pp. 255-9 (I: *MRTP* vol. 1, pp. 584-5); *Mao 1993b, vol. 1, p. 61. "*Homem especial de ligação*": **XXZ*, pp. 530-1.

Computado como "*um dos nossos*": diário de Zhang Wenliang, 17 nov. 1920, *Mao 1990, pp. 703-4 (I: Li Rui 1977, p. 164). *Primeira manifestação de crença comunista*: Carta a Xiao Xudong, Cai Linbin et al., 1º dez. 1920, *Mao 1920-27, pp. 4-7 (I: *MRTP* vol. 2, pp. 7-8). "*Estilo russo errado*": ib., p. 4 (I: *MRTP* vol. 2, p. 7). *Argumento de Mao contra*: ib., pp. 4-6 (I: *MRTP* vol. 2, pp. 8-10).

3. CRENTE SEM ENTUSIASMO

Todas as citações de Kai-hui: *Yang Kai-hui, nº 7 (exceto outras referências explicitadas).

Casa de Kai-hui: visita a Bancang; entrevista com um membro do grupo de Mao, Luo Zhanglong, 6 out. 1993; Snow 1973, pp. 91, 152, 153. *Recomendação para Mao*: *Zhang Suhua et al., p. 290.

Relação com Kai-hui: entrevistas com seus velhos amigos, Yi Li-rong, 20 set. 1993, 1 & 8 out. 1995, e Luo Zhang-long, 6 out. 1993.

Aliança de Resistência ao Casamento": Carta a Luo Xuezan, 26 nov. 1920, *Mao 1990, p. 567 (I: *MRTP* vol. 1, p. 609). *Poema de Mao*: entrevistas com Yi, 20 set. 1993, 1 & 8 out. 1995; *Bai Yang, p. 60.

Mao muda a regra: *INT; visita ao local, Changsha. *Namorada Si-yung*: *INT ;*Mao 1990, p. 566; **XXZ*, pp. 26, 28, 35, 40.

Ensaio feminista de Kai-hui: *Yang Kai-hui, nº 4. *Operações russas de subversão*: documentos em *VKP* vol. 1, e Malyisheva & Poznansky; cf. Usov 2002; Persits 1996, pp. 122 ss.; Persits 1997, pp. 79 ss.; Maring 1971, p. 102; biografias em Kolpakidi & Prokhorov 2000b, pp. 278-440 (cf. ids., 2000a, pp. 178-83); ids., 2001, pp. 94 ss.; Lurye & Kochik, pp. 98-534. *Nikolski e Maring*: Maring, 11 jul. 1922 em Saich 1991, pp. 307, 310. *Dados biográficos sobre Nikolski*: Piatnitski, p. 457; Usov 2002, pp. 172-3, 348-9n; Kolpakidi & Prokhorov 2001, pp. 305-6; ids., 2000b, p. 385. *Mao ao I Congresso*: **YD*, pp. 25, 67, 247; *Xie Juezai, p. 49; visita ao local, Xangai.

Duração dos discursos: **YD*, pp. 149, 166, 175, 191, etc. "*Eu o interpelei*": **YD*, p. 351. *Investigar o bolchevismo*: Chang Kuo-tao, vol. 1, pp. 137-8. *Pouco impacto de Mao*: **YD*, pp. 26, 173, 227. *Reunião junto ao lago*: entrevista com a mulher que alugou o barco e ficou cuidando, Wang Hui-wu, 29 mar. 1993; visita a Jiaxing; Chou Fo-hai (participante), em Hsüeh, pp. 428-31.

Mao passeia: **YD*, p. 242; *Mao 1993b, vol. 1, p. 85. *Chen contra o dinheiro de Moscou*: **YD*, pp. 28, 61, 150, 178, 229, 245-6, 250-1, 321; *Luo Zhanglong, p. 291. *Moscou financia o essencial*: Relatório de Chen ao III Congresso, jun. 1923, Saich 1991, p. 573; Maring a Moscou, 11 jul. 1922, Saich 1991, p. 310; cf. *Yang Kuisong 1992, pp. 24-. *Fundos russos para Mao*: Yi Li-rong, em **YD*, p. 112; entrevista com Yi, 17 mar. 1996. "*Minha vida é realmente muito dura*": a Luo Xuezan, 26 nov. 1920, *Mao 1990, pp. 562, 565 (I: *MRTP* vol. 1, pp. 605, 607).

"*Assar pão*": em "Relatório sobre as atividades da Sociedade de Estudos do Novo Povo", nº 2, verão 1921, **XXZ*, p. 39 (I: *MRTP* vol. 2, pp. 84-5).

"*Uau, que divertido*": 28 set. 1921, em *Mao 1993b, vol. 1, p. 87. *Monta casa com Kai-hui*: visita a Lagoa da Água Clara, Changsha; entrevistas com Yi Li-rong, 30 set. 1993, 1º & 8 out. 1995; *INT. *De férias*: Mao a Ouyang Ze, 25 nov. 1920, *Mao 1990, p. 551; *Mao 1993b, vol. 1, pp. 70-1; entrevista com Yi, 5 nov. 1995. "*Pesquisar educação*": *Mao 1990, p. 703.

Recrutamento de amigos e família: Yi Li-rong em **YD*, pp. 111-12; entrevista com Yi, 8 out. 1995; **ZR* vol. 14, p. 250; *Shu Long, pp. 284-5; *INT.

Ho Min-fan: Cadart & Sheng, pp. 151-62; *Jin & Huang, pp. 24-5; carta de Liu, 11 fev. 1968, em ib., p. 41. *Fora cortês*: Siao-yu, pp. 38-9. *Só Mao dava ordens*: entrevista com Yi Li-rong, 1º & 8 out.

1995; Yi em *_YD_, p. 112.

"*Somente os intelectuais sofrem*": Carta a Luo Xuezan, 26 nov. 1920, *Mao 1990, p. 565 (I: *MRTP* vol. 1, p. 607). *Primeira viagem de Mao a Anyuan*: Artigo de Liu Shaoqi & Zhu Shaolian sobre a história do movimento operário em Anyuan, 10 ago. 1923, em *Comitê do PCC de Pingxiang, p. 117. "*Completamente desnorteado*": carta de Maring, 20 jun. 1923 a Zinoviev et al., em Saich 1991, pp. 608-9, 617; van de Ven 1991, p. 123 para explicação do original. *Mao não é ameaça*: entrevista de Schram com o governador Chao (nota de Schram a Li Rui 1977, p. 266); e-mail de Schram aos autores, 21 dez. 2000. *Mao ausente no II Congresso*: Snow 1973, p. 158; Titov, vol. 1, p. 82; Nikiforov, p. 123. *Levado a tomar providências*: *Mao 1993b, vol. 1, pp. 93-107. *Comitê do Partido em Hunan*: ib., p. 95.

Como o Comitê funcionava: carta de Liu, 11 fev. 1968, em *Huang Zheng, p. 86.

Sun e a Mongólia Exterior: Elleman, pp. 58 ss, 63-4; Róshchin, pp. 102-7. "*Um exército com armas*": *VKP* vol. 1, pp. 126-9 (Sun a Gekker, 26 set. 1922). *Oferece Xinjiang*: telegrama de Joffe a Chicherin, 7-8 nov. 1922, em *VKP* vol. 1, p. 139; Barmin. *Sugere invasão de Sichuan*: Relatório de Sokolov-Strakhov, 21 abr. 1921, em *VKP* vol. 1, p. 60; Kriukov, p. 57. "*Dar total apoio*": 4 jan. 1923, em *VKP* vol. 1, p. 170. *Joffe contou a Lênin*: 26 jan. 1923, em *VKP* vol. 1, pp. 194, 198.

Stálin deixou claro: Stálin 2001a, p. 157; o texto autêntico desse discurso foi suprimido até 2001 (Stálin 2001b, p. 79, n. 23, referente à edição de Stálin). *Opinião do PCC sobre Sun*: Relatório de Chen ao III Congresso em Saich 1991, p. 574; minutas da reunião do CEIC, 6 jan. 1923, em *VKP* vol. 1, pp. 172-5; carta de Chen a Voitinski em Saich 1991, p. 257; carta do CC do PCC a Borodin (não depois de 10 out. 1924), *VKP* vol. 1, pp. 483-5. *Mao* "*único que apoiou*": Titov, vol. 1, p. 93 (Cai a CEIC, 10 fev. 1926). *Esperança de Mao numa invasão russa*: relatório de Maring, jun. 1923, Saich 1991, p. 590; carta de Maring a Zinoviev et al., 20 jun. 1923 em Saich 1991, p. 616; Titov, vol. 1, pp. 90, 92, 93. *Vilde distribuidor do dinheiro*: Usov 2002, p. 176. *Vilde aponta Mao*: Vilde a Voitinski, 26 jul. 1923 em *VKP* vol. 1, p. 238. *Mao escreveu a Moscou*: 2 jul. 1923, *Mao 1993c, p. 27; assinatura em *_ZZWX_ vol. 1, p. 284.

Mao raramente comparece às reuniões do PCC: *Mao 1993b, vol. 1, pp. 118, 121-6; entrevista com Zheng Chao-lin, um comunista em cuja casa se realizou a maioria das reuniões, 16 abr. 1996. "*Nossa organização perdeu*": Titov, vol. 1, p. 93 (Cai He-sen a CEIC, 10 fev. 1926). "*Mao naquela época*": Deng Zhong-xia, citado em Titov, vol. 1, p. 92.

Dalin a Voitinski: Dalin 1975, p. 149; cf. Dalin 1982, p. 182. *Mao criticado, fora do Comitê Central*: cf. documentos do IV Congresso, *_ZZWX_ vol. 1, pp. 328, 335-6; cf. Sladkovsky, p. 459. *Problemas de saúde*: entrevista com Luo Zhang-long, 6 out. 1993; *_YD_, p. 173. "*Convalescente*": *Li Weihan, p. 62.

4. ASCENSÃO E QUEDA NO PARTIDO NACIONALISTA

Mao em Shaoshan: *INT. *Wang Ching-wei se dá bem com Mao*: registros de reuniões do Comitê Executivo Nacionalista de Xangai, 25 fev. 1925 ss. (nas quais Mao costumava ser a pessoa que tomava notas), Arquivo Histórico do Partido Nacionalista, Taipé; entrevista com Zheng Chao-lin, 16 abr. 1996. *Irmãos para Cantão*: *Li Xiangwen, pp. 162, 201. *Ativo a partir de junho*: *_HNYZ_, p. 388; *Comitê da *Crônica de Shaoshan*, p. 409; *INT; *Mao 1993b, vol. 1, pp. 133-5.

Colaborador registrou em diário: He Erkang, em *_HNYZ_, pp. 389-94. *Para Borodin, 18 jan. 1924*: *VKP* vol. 1, pp. 425-6. *Wang Hsien-tsung*: *_HNYZ_, pp. 388, 395-8.

Mao suspeito de agitação: ib., p. 388.

Presidente de Yale-na-China: NARA, RG 84.800. Changsha, 1925, vol. 26, nº 1240. *Mao levanta acampamento*: *_HNYZ_, p. 388; *Mao 1993b, vol. 1, pp. 135-6. *Poema junto ao rio Xiang*: *MRTP* vol. 2,

pp. 225-6. *Um punhado de tarefas importantes*: *Mao 1993b, vol. 1, pp. 137-40; *Mao 1920-27, pp. 249-50; cf. escritos de Mao entre 20 out. 1925 e 19 maio 1926, em *Mao 1920-27 (I: *MRTP* vol. 2, pp. 227-385). *Descoberta dos comprimidos para dormir*: MacFarquhar et al., 1989, p. 167 (27 fev. 1957); cf. Mao, 22 mar. 1958 em Schram 1974, pp. 118, 119 (comparado a Marx).

Formulário de nov. de 1925: 21 nov. 1925, *Mao 1993b, vol. 1, p. 141 (I: *MRTP* vol. 2, p. 238). *Artigos sobre campesinato*: "Analysis of All the Classes in Chinese Society", *MRTP* vol. 2, pp. 249 ss, na revista *Revolution*, 1 dez. 1925, *Mao 1920-27, pp. 219-31; "An Analysis of Classes in Chinese Peasants and Their Attitudes Towards the Revolution", *Chinese Peasants*, 1º jan. 1926, em *Mao 1993b, vol. 1, pp. 149-50 (I: *MRTP* vol. 2, pp. 303-9). *Ordem de Moscou sobre campesinato, out. 1925*: *VKP* vol. 1, pp. 633-6 (Vasiliev a Voitinski, 2 out. 1925). Primeira "Carta aos camponeses" do PCC, 10 out. 1925, em **ZZWX* vol. 1, pp. 509-17; PCC manda Hunan começar movimento camponês também em outubro, ib., p. 500; Relatório do Comitê Nacionalista de Hunan de ago. 1926 (feito por Yi Li-rong) diz que movimento camponês de Hunan começou em nov. 1925, **HNYZ*, p. 201, Relatório do Comitê Central do Partido Nacionalista de 1926 diz o mesmo, ib., p. 28. *Já em maio de 1923*: instrução do Comintern ao III Congresso do PCC, maio 1923, em **ZZWX* vol. 1, p. 586; Eudin & North, p. 344. *Posição de Mao em 1924*: Dalin 1985, p. 182; id., 1975, p. 149 (carta a Voitinski, 30 mar. 1924). *Russos criticam Mao*: "V-n" (S. N. Belenkii), *Kanton*, nºs 8-9 (1926), pp. 149-61; reimpresso, com introdução de L. P. Delyusin, pp. 128-9, em *Voprosi Filosofii*, nº 6, 1969, pp. 130-6; AVPRF, 0100/11/141/81, p. 146. *Wang Ching-wei designou Mao*: **GNYJ*, p. 25; *Mao 1993b, vol. 1, pp. 133-6.

Russos em Changsha: Mitarevsky, p. 79 (número corrigido); cf. Leonard 1999, pp. 63, 67, 81, n. 53; NA, FO 405/256, pp. 271 ss. W(alsworth) Tyng para sua mãe, dez. 1926 (Mary Tyng Higgins Papers, Carton I, Folder 6, Schlesinger Library). *Movimento camponês se desenvolve no regime nacionalista*: Mao, "Relatório sobre o movimento português em Hunan", mar. 1927, *Mao 1920-27, p. 419 (I: *MRTP* vol. 2, pp. 429-64); **HNYZ*, pp. 793 ss. *Discurso de Mao de 20 de dezembro de 1926*: **HNYZ*, pp. 445-7 (I: *MRTP* vol. 2, p. 422).

Freyer diz que Mao é moderado: RGASPI, 495/154/294, p. 3 (relato de Freyer, ao Birô do Extremo Oriente, 18 jan. 1927). "*Mudei completamente minha atitude*": 7 ago. 1927, **ZDJC* vol. 14, p. 5 (I: *MRTP* vol. 3, p. 30). *Citações do relatório sobre Hunan de Mao*: "Relatório sobre o movimento camponês em Hunan", *Mao 1920-27, pp. 418-55: "Aterrorizante em suas mãos": ib., *pp. 424-5 (I: *MRTP* vol. 2, p. 44). Terror no campo: ib., *pp. 422-3 (I: pp. 433-5). "Para sempre destruídas" e sem "um momento de paz": ib., *pp. 436-7 (I: p. 446). Faca afiada de dois gumes: ib., *p. 441 (I: p. 450).

"Uma espécie de êxtase", "maravilhoso": ib., *p. 422 (I: p. 432). "*Um ou dois espancados até a morte*": *INT. *Admoestou os chefes locais*: Relatório do Comitê do PCC de Hunan, jan. 1927, em **HNYZ*, p. 456; *Mao 1920-27, p. 424 (I: *MRTP* vol. 2, pp. 434-5). *Propostas de redistribuição da terra*: por ex. de Chen Tu-hsiu, em **HNYZ*, pp. 710-11. *Opinião de Mao*: *Mao 1993b, vol. l, p. 193; cf. Schram 1966, p. 99. *Publicado no periódico do Comintern*: 15 jun. 1927; cf. Glunin 1975, p. 301, n. 2; *Mao 1993b, vol. 1, p. 185.

Um texto selecionado por Mao: **HNYZ*, pp. 333-5. *Relatório de Chen*: 15 jun. 1927, **ZDJC* vol. 13, p. 583.

Documentos russos apreendidos: NA, FO 405/256, FO 371/12500; Mitarevsky; Wilbur & How, pp. 442-835; Oudendyk, pp. 348 ss.

Mao na lista dos procurados: *Chang Yu-fa, p. 351; *Chiang, p. 167. *Chiang considerado esquerdista*: *VKP* vol. 1 p. 261 (memorando referente à delegação nacionalista, não depois de 10 set. 1923); em 13 dez. 1925 Mao colocou Chiang ao lado de Wang Ching-wei (*MRTP* vol. 2, p. 291). *Impressão de Borodin*: *VKP* vol. 1, p. 347 (conversa com Chu Chiu-pai, 16 dez. 1923). "*Liquidação de Chiang*": *VKP* vol. 2, p. 153 (Solovyov a Karakhan, 24 mar. 1926); cf. Glunin 1975, pp. 61-3; Trampedach, pp. 128

ss. *Ordem secreta para prender Chiang*: Smith, p. 156; *Zhang Guotao, vol. 2, pp. 192-5 (I: id., vol. 1, p. 582).

Nota de Chiang: *Chiang, p. 153. *Chiang destrói comunistas em Xangai*: descrição baseada em documentos em **ZDJC* vol. 13, pp. 463-522; *Arquivo de Xangai. *Mais de 300 mortes*: várias contagens contemporâneas, em *Comitê do PCC de Xangai, pp. 358-9; Smith, p. 204. "*Senti-me desolado*": *Mao 1993b, vol. 1, p. 198. "*Com as ondas poderosas*": ib., p. 198 (I: *MRTP* vol. 2, p. 484). "*Somente depois do relatório do camarada Mao*": Apêndice 10, em um testemunho escrito por Li Weihan, em **DYZ*, 1982, nº 4, pp. 377-8.

5. O SEQUESTRO DE UMA FORÇA COMUNISTA E A TOMADA DA TERRA DOS BANDIDOS

Stálin: *opção militar pelo PCC*: telegrama a Borodin, 30 maio 1927 (assinado "Instantsiya" (Stálin)), *VKP* vol. 2, p. 764; *opção prevista desde 1919-20*: relatório Vilensky, 1º set. 1920, *VKP* vol. 1, p. 37; cf. Malyisheva & Poznansky. Os arquivos do Consulado Soviético em Changsha mostram-no examinando unidades militares comunistas separadas em 1926, AVPRF, 0100/10/129/78, pp. 5-6, 28-30, 43, 47 (Relatório que cobre o período 13 mar. a 28 dez. 1926). Relatório Khmelyev ("Appen"), 6 maio 1927, *VKP* vol. 2, pp. 715-17; Piatnitski, p. 219 (plano Berzin). *Lominadze*, *Berzin*: Grigoriev 1976, p. 15; Leonard 1999, pp. 170-1; Mirovitskaya 1993, p. 308. *Operações da GRU*: Vinarov (subchefe da GRU, China, 1926-29), pp. 294, 323-9, 342-3, 369, 373-7; Mirovitskaya 1975, pp. 61-2. *Ordens para revoltas camponesas*: minutas da reunião de emergência de 7 ago. 1927 com Lominadze, **ZDJC* vol. 14, p. 10; cf. Saich 1996, pp. 296 ss.; Mao, 20 ago. 1927, em *Arquivo Central 1982a, p. 16; *Mao 1993b, vol. 1, pp. 211-2.

"*Cano da arma*": **ZDJC* vol. 14, p. 5 (I: *MRTP* vol. 3, p. 31).

Kumánin ("*Zigon*"): seu relatório em RGASPI, 514/1/254, pp. 70-100; GRU post-mortem, 14 set. 1927, *VKP* vol. 3, pp. 84-110; Relatório de Freyer sobre Nanchang, 25 ago. 1927, RGASPI, 495/154/247; Mirovitskaya 1975, pp. 37-41. *Mao propõe revolta no sul de Hunan*: *Mao 1993b, vol. 1, p. 207. *Xangai aprova*: 8 ago. 1927, *Arquivo Central 1982a, p. 10. *Reuniões no consulado russo*: localização, *INT, e memórias inéditas de Luo Zhanglong sobre o "Levante da Colheita de Outono"; reuniões descritas no relatório do secretário do Partido de Hunan Peng Gongda, 8 out. 1927, *Arquivo Central 1982a, p. 111 (I: Saich 1996, pp. 322-31). *Mao nos arredores*: *Mao 1993b, vol. 1, pp. 209-10. *Mudou-se para o consulado*: *INT.

Stálin ao Comintern, 27 set. 1927, *VKP* vol. 3, p. 129 (texto publicado falsificado: ib., p. 130); cf. ib., p. 61. *Mikoian*: *VKP* vol. 3, pp. 72, 74, 76-7 (minutas do Politburo soviético).

Desculpa: relatório de Mao, 20 ago. 1927, *Arquivo Central 1982a, p. 17; *Mao 1993b, vol. 1, pp. 209-10. *Mao pede cancelamento do levante no sul de Hunan*: relatório de Peng Gongda, 8 out. 1927, *Arquivo Central 1982a, p. 117 (I: Saich 1996, pp. 90n, 327, 504). "*Trezentas vezes*": *Arquivo Central 1982a, p. 16. *Mao não foi com as tropas*, *mas ficou em Wenjiashi*: He Changgong, que era muito próximo de Mao nessa época, foi categórico quanto a esse ponto, em uma entrevista em 22 mar. 1977 com historiadores do Partido, em *Comitê do PCC de Ninggang, pp. 26-7; cf. outras memórias, **JGG* vol. 2, pp. 129, 140, 153, 171; *Chen Shiju, pp. 10-11; cf. Lo Jung-huan, p. 10.

Ação abortada: *Arquivo Central 1982a, pp. 43-4, 53, 133. "*A mais desprezível*": relatório de Maier, 16 set. 1927 em Pak, p. 173. "*Uma brincadeira de revolta*": resolução da reunião de emergência sobre Hunan, final de out. 1927, em *Arquivo Central 1982a, p. 139. *Ligação com bandidos*: *Comitê do PCC

de Ninggang, p. 81; entrevista com um historiador do Partido local, 4 abr. 1996. *Reunião de Wenjiashi*: He Changgong, um dos homens que Mao procurou, *Comitê do PCC de Ninggang, pp. 20-2.

Lo Jung-huan, p. 10.

Mao e soldados: **JGG* vol. 2, pp. 176-7; *Chen Shiju, pp. 13-23; *Comitê do PCC de Ninggang, pp. 28-31; *Arquivo Central 1982a, pp. 133, 161. "*Única fagulha*": carta de Mao a Lin Biao, 5 jan. 1930, *MRTP* vol. 3, p. 237. *Acordo com bandidos*: **JGG* vol. 2, pp. 90-1. *Final da tomada, descrição de testemunha ocular*: ib., pp. 93-4. *Comício no Ano-Novo chinês de 1928*: **JGG* vol. 2, pp. 278-9.

Contato estabelecido com QG do Partido: *He Changgong, pp. 109-14. *Mao expulso de cargos*: "Resolução Política e Disciplinar", 14 nov. 1927, **ZZWX* vol. 3, pp. 483-4; *Li Weihan, pp. 182, 196-9. *Ordem de Xangai, 31 dez. 1927*: **JGG* vol. 1, pp. 64-5.

Comitê de Hunan preso: *Comitê do PCC de Hunan, pp. 375-6. *Terra dos bandoleiros*: visita às montanhas Jinggang e conversas com moradores do local. *Mao disse aos soldados*: **JGG* vol. 2, p. 458.

Um soldado vermelho relembrou: ib., p. 156. *Outro descreveu*: ib., p. 489. *Mao quase perde exército*: ib., pp. 56-8, 168-9, 293. *Medidas de segurança*: ib., p. 462; entrevista com historiador do Partido local, 4 abr. 1996, e visitas às casas de Mao. *Casas da Longa Marcha*: entrevista com um historiador do Partido que visitou todas as moradias, 31 ago. 1997. *Casas de Mao*: visitas e entrevistas com historiadores locais.

Considerável staff: **JGG* vol. 2, pp. 461-2, 550.

Gui-yuan: *Wang Xingjuan 1987, pp. 1-47; entrevistas com um historiador do Partido e com parentes de Yuan, abr. 1996.

Casamento com Mao: ib. entrevistas; visita ao local do banquete de casamento. *Mao "velho demais"*: entrevista com o amigo íntimo Zeng Zhi, 24 set. 1994. *Gui-yuan escolheu Mao porque*: entrevista com sua confidente, 14 set. 1997. *Evitava aparecer junto*: entrevista com o veterano Xiao Ke, 30 set. 1993; *Wang Xingjuan 1987, p. 104. *Tentou deixar Mao*: entrevista com Zeng Zhi; cf. *Wang Xingjuan 1987, pp. 105-6.

Política: "*matar todos*": "Relatório sobre o levante do sul de Hunan", junho 1928, **ZDJC* vol. 14, p. 206; entrevista com Zeng Zhi; *Kuo Hua-lun, vol. 1, p. 290 (I: Kuo, W., vol. 1, p. 383). *Cidades arrasadas, revolta contra os comunistas*: **ZDJC* vol. 14, p. 206; *Huang Kecheng, pp. 36-7; *Zeng Zhi, pp. 52-8; *Le Missioni Francescane* vol. 6 (1928), p. 150 (carta do frade Prandi, testemunha ocular em Leiyang).

Relatório Mamaev, 15 abr. 1930, *VKP* vol. 3, p. 846.

"*Usar terror vermelho*": **ZDJC* vol. 14, p. 206. "*Eu havia suprimido*": **JGG* vol. 2, p. 454. *Irmã Crisântemo*: *Li Xiangwen, pp. 239-40; fotografia de duas páginas de seu testamento, em *Yang Liuqing. *Dez mil massacrados*: Kuo, W., vol. 1, p. 384; *Kuo Hua-lun, vol. 1, p. 290.

**GS* vol. 4, pp. 793, 772, 761 (em ordem de citações); *Zhong Yimou, p. 92; Maestrini, p. 146.

Moscou detém "pogroms sem sentido": Titov, vol. 1, p. 198; **ZZWX* vol. 4, p. 174; **JGG* vol. 1, p. 105. *Carta de Mao, 2 maio 1928*: em *Arquivo Jiangxi, pp. 29-30. "*Mais de mil*": inspetor de Xangai, 15 jun. 1928, em **JGG* vol. 1, p. 130.

Começou a redistribuir terra: ib., pp. 130-1. *Carta de Mao chega a Stálin*: *VKP* vol. 3, n. 1, p. 413. "*Caráter bandido*": VI Congresso, *Stenograficheskii otchet*, Livro 5, pp. 12-3. *Mao como "líder fundamental*": ib. (Relatório Militar de Chou) e Livro 3, p. 70 (Chu Chiu-pai); Titov, vol. 1, pp. 153, 145. *Criar Exército Vermelho*: notas de Chou de reunião com Stálin, *VKP* vol. 3, pp. 426-31. *Treinamento militar, planos*: Mirovitskaya 1975, pp. 57 ss.; ib. 1993, pp. 313-15; Krivitsky, pp. 127-36 (falsificação). *Stálin aos iugoslavos*: Dimítrov, 10 fev. 1948. *Pedidos plenamente satisfeitos*: carta de Xangai a Mao e Zhu, **ZZWX* vol. 4, pp. 256-7; *Mao 1993b, vol. 1, pp. 256-7.

6. SUBJUGANDO O SUPREMO DO EXÉRCITO VERMELHO

"*Entrou em colapso*": 25 fev. 1929, em **JGG* vol. 1, p. 249. *Centenas de mortos*: **JGG* vol. 2, p. 99-101, 564-5; visita ao local.

Relatório do comitê local: **JGG* vol. 1, p. 309.

"*Aliança com bandidos*": **ZZWX* vol. 4, p. 399; relatório de 14 jan. 1929 do Comitê Especial do Partido ao Comitê Provincial de Hunan, descrevendo plano para "aniquilar" os seguidores de Yuan (RGASPI, 495/25/668, p. 30). *Relato da unidade de busca vermelha*: **JGG* vol. 2, p. 643. *Mao alegre*: Zeng Zhi, em *"Mao e eu", Coleção do Comitê 1993a, p. 81. *Ajuda de Moscou a Mao*: *VKP* vol. 3, p. 518 (minutas das reuniões do Comintern, 29 jan. 1929). *Esposa de Zhu De*: Smedley 1956, pp. 223-4; **JGG* vol. 2, pp. 520, 552; **HDT*, 1984, nº 1, p. 22. *Mao abole posto de Zhu*: relatório posterior de Mao, 1º jun. 1929. **ZDJC* vol. 14, p. 222 (I: *MRTP* vol. 3, p. 171).

Bajula Xangai: Mao, 20 mar. & 5 abr. 1929. **JGG* vol. 1, pp. 289, 292, 302 (I: *MRTP* vol. 3, pp. 148, 161).

Havia "*subitamente dado as costas*": Mao, 20 mar. 1929, **JGG* vol. 1, p. 291 (I: *MRTP* vol. 3, p. 150). "*Suprimento não é problema*": Mao, 5 abr. 1929, **JGG* vol. 1, p. 301 (I: *MRTP* vol. 3, p. 159). *Camisa fascista*: Le Missioni Francescane vol. 6 (1928), p. 151. *Mao em Tingzhou*: Mao, 20 mar. 1929, **JGG* vol. 1, p. 289 (I: *MRTP* vol. 3, p. 147); *Comitê do PCC de Changting, pp. 43-4; entrevista com um historiador do Partido local, 9 abr. 1996.

An-gong acusou Mao: **DDWX*, 1989, nº 5, pp. 37-8; 1994, nº 4, p. 87; *Jin Chongji et al. 1993, p. 178. *Relatório de Mao 1º junho 1929*: **ZDJC* vol. 14, pp. 221-4 (I: *MRTP* vol. 3, pp. 171-4). *Mao impopular*: Chin I-sun (Chen Yi), "Relatório [...] sobre a Questão do Exército Vermelho [e] Zhu De e Mao Tse-tung", 9 jan. 1930, RGASPI, 514/1/1009, p. 5; cf. *VKP* vol. 3, p. 1263. **DDWX*, 1989, nº 5, pp. 38-9. *Críticas a Zhu De*: *Xin Ziling 1995, vol. 1, p. 385. *Mao demitido pelo voto*: *Xiao Ke 1993, 101; **DDWX*, 1994, nº 4, p. 88; Zeng Zhi, em *"Mao e eu" Coleção do Comitê 1993a, p. 85. "*Trabalho junto aos civis locais*": carta de Mao, 14 jun. 1929, *Mao 1993-9, vol. 1, p. 75 (I: *MRTP* vol. 3, p. 188). "*Realmente desanimada*": Jiang Hua, em **DDWX*, 1989, nº 5, p. 41.

Companheiro convoca congresso: *Comitê da *Biografia de Deng Zihui*, p. 88.

Mao não estava doente: Jiang Hua, **DDWX*, 1989, nº 5, p. 41. *Congresso de Jiaoyang*: descrição e citações do relatório "Sobre o Primeiro Congresso do PCC de Fujian", jul. 1929, em *Arquivo de Jiangxi & Comitê do PCC de Jiangxi, vol. 2, pp. 102-5. *Lin Biao*: *Xiao Ke 1993, pp. 19, 28; *Xin Ziling 2002, p. 56.

Mao faz amizade com Lin: Titov, vol. 1, pp. 189-91; *Xin Ziling 2002, pp. 42-4. *Lin desobedece Zhu*: *Jin Chongji et al 1993, p. 180; entrevista com Xiao Ke, 30 set. 1993; cf. *Xiao Ke 1993, p. 26. *Agentes europeus*: Grigoriev 2002a, pp. 156-7; Adibekov et al., p. 134, n. 89 (ordem de Stálin para usar não russos, 23 abr. 1928); arquivo russo com detalhes sobre muitos agentes na China em Kolpakidi & Prokhorov 2000a, 2000b, 2001; Lurye & Kochik; *Yang Kuisong 1997, pp. 255-70; Cai He-sen, em *Arquivo Central 1982b, p. 135.

"*Que lindas garotas*": *Han Suyin, pp. 66-7 (I: Han Suyin 1994, p. 59). *Namorada*: *Jin Chongji et al. 1990, p. 78. "*Escolhi sua tia*": ib. *Chou para criar o Exército Vermelho chinês*: *Zhou 1991, pp. 68, 114, 125; Mirovitskaya 1993; Grigoriev 2002b, p. 312. "*Atacar! Atacar!*": Nie, pp. 59-60. *Gênio no trabalho clandestino*: entrevista com Wang Fan-xi, 20 jun. 1995.

Monta KGB *chinesa*: Krymov, pp. 344-64; Usov 2002, pp. 194-206; *Zhou 1991, p. 115.*Autocrítica de Chou*: 3 jan. 1931, em **ZZWX* vol. 6, p. 359. "*Bater em seu traseiro*": Conclusão do representante do

Comintern na 4ª Plenária, 1931, *ZZWX vol. 7, p. 39. "*Depois que começava a falar*": *Wang Fanxi, pp. 136-7. *Falar por oito horas*: uma vez em Tingzhou, entrevista com um curador do museu de Tingzhou, 9 abr. 1996. *Carta de Chou, 21 ago. 1929*: *DDWX, 1991, nº 2, pp. 39-42.

Stálin preparado para invadir a Manchúria: *VKP* vol. 3, p. 583 (Politburo, 6 ago. 1929); Lih et al., p. 182 (Stálin a Mólotov, 7 out. 1929); Kolpakidi & Prokhorov 2000a, p. 183. "*Defender a União Soviética com armas*": ordem repetida do Politburo do PCC à delegação do PCC ao Comintern, 21 ago. 1929, *ZZWX vol. 5, pp. 412-3. *Politburo soviético indica Mao*: *VKP* vol. 3, p. 616 (15 out. 1929); cf. ib., pp. 483-4. "*Ao som de rublos*": carta de Chen à liderança do PCC, 28 jul. 1929, *ZZWX vol. 5, p. 395. *Mao no* Pravda: 28 jul. 1929, 2 & 6 dez. 1929; 2 fev. 1930; "*vojd*" em 13 dez. 1935.

Citado em Lih et al., p. 118 n. 5.

"*Posso comer um monte*": Zeng Zhi, em *"Mao e eu" Coleção do Comitê 1993a, p. 86, e em **Reminiscências de Deng Zihui*, p. 76. *Permaneceu na aldeia*: entrevista com Zeng Zhi, que estava com Mao então, 24 set. 1994; *"Mao e eu" Coleção do Comitê 1993a, pp. 86-7. "*Escreveram várias vezes*": *Chen Yi, p. 140. *Demonstração de submissão*: *Mao 1993b, vol. 1, p. 290. "*Muito positivo*": "carta de instrução" de Chou, 1º fev. 1930, *ZDJC vol. 14, p. 238. *Deferência a Moscou*: Mao, 28 nov. 1929, *Mao 1984, p. 28 (I: *MRTP* vol. 3, p. 193); Mao para Xangai, 6 jan. 1930, *ZDJC vol. 14, pp. 236, 245; *DDWX, 1995, nº 3, p. 89. "*Joguete*": *VKP* vol. 3, p. 1274 (minutas de Bespalov da reunião com Po Ku, 11 fev. 1931); cf. ib., p. 1263 (Gailis a Berzin, 12 fev. 1931).

"*Desertores executados*": *ZDJC vol. 14, p. 253. *Mao propõe abolição de execuções*: ib. *Item desapareceu depois*: Resoluções de Gutian, *ZZWX vol. 5, pp. 800-34. *Resoluções de Gutian*: ib. (I: *MRTP* vol. 3, pp. 195-230, xlvii); cf. Titov vol. 1, pp. 228-32. "*Para onde vou agora?*": *MRTP* vol. 3, p. 233.

7. TOMADA DE PODER LEVA À MORTE DA SEGUNDA MULHER

Chou para Moscou: *VKP* vol. 3, pp. 1047-51 (carta do PCC a Stálin et al. referente à reunião Chou-Stálin de 21 jul. 1930 e fundos para o PCC); relatórios de Chou ao Comintern, 30 abr., 4 maio, em RGASPI, 495/154/416. *Zhou 1991, p. 180. *Plano ambicioso de Li-san*: Maio-Junho 1930, em *ZDJC vol. 14, pp. 452-9. *Relutância inicial de Mao*: discurso de Li-san, 9 jun. 1930, *Mao 1993b, pp. 308-9; carta a Mao, 15 jun. 1930, *ZDJC vol. 14, p. 451. *Mudou para entusiasmo*: ordem de Mao, 22 jun. 1930, *Mao 1993b, vol. 1, p. 311; Mao a Xangai, 19 & 24 ago. 1930, *ZDJC vol. 14, pp. 496-7; cf. Titov, vol. 1, pp. 233-61.

Infância e juventude de Peng: *Peng 1981, pp. 1-5, 15 (I: pp. 19-27); *Wang Yan et al., pp. 8-16.

Encontro com Mao, defesa de Jinggang: relatório de Peng para Xangai, out. 1929, *JGG vol. 1, pp. 401-18. *Tratado como subordinado*: Mao a Xangai, 20 mar. 1929, *JGG vol. 1, p. 289 (I: *MRTP* vol. 3, pp. 148-9); Peng a Xangai, 4 abr. 1929, ib., p. 295. *Xangai declara Peng independente de Mao*: *ZDJC vol. 14, p. 455; *Peng 1981, pp. 149-51, 157. *Relatório do inspetor do Partido*: 22 jul. 1930, *Arquivo de Jiangxi & Comitê do PCC de Jiangxi, vol. 1, p. 239. *Mao designado para Nanchang*: *ZDJC vol. 14, p. 455; *Peng 1981, p. 149. *Vai na direção de Peng*: *Mao 1993b, vol. 1, pp. 311-3. *Alarme no Ocidente*: Hoyt, pp. 240 ss. *Elkin, Palos*: NARA, RG 80 (1926-1940), Caixa 200, Arquivo EF 16/P9-2 (300101-301030); *FRUS* 1930, vol. 2, p. 142; NARA, RG 84, Registros do Escritório de Pessoal Naval, Diário de Bordo da canhoneira *Palos*, 1º jan.-31 dez., 1930, LL. livro nº 15; cf. Peng, pp. 291, 297.

Mao para Xangai, 19 ago. 1930: em *ZDJC vol. 14, p. 496 (I: *MRTP* vol. 3, p. 482).

Mao toma o comando de Peng: *Mao 1993b, vol. 1, pp. 313-14; *He Changgong, p. 283; *Peng 1981, p. 157; Zhu De fala, em *JDZ, nº 7, p. 225. *Mao insistiu em atacar Changsha*: Mao a Iúdin, 22 jul. 1958,

CWB, nos 6-7 (1995-1996), p. 159. *Peng e Zhu contra*: *Peng 1981, pp. 157-8 (I: pp. 300-1); *Jin Chongji et al. 1993, p. 212. *Mao alimentou ilusões de Xangai*: Mao a Xangai, 19 & 24 ago. 1930, **ZDJC* vol. 14, pp. 496-7. *GRU contou a Moscou*: Gailis, 7 maio 1931, *VKP* vol. 3, pp. 1431-2. *Resistência dos oficiais de Peng*: *Peng 1981, pp. 160-1; *Dai & Luo, p. 91.

Proclamou um Comitê Revolucionário [...] *desafiando Xangai*: *Mao 1993b, vol. 1, p. 314; *Fang Xiao, p. 351; *Liou Di, carta a Xangai, 11 jan. 1931, RGASPI, 514/1/1008.

Volta a ser membro do Politburo: *Jin Chongji et al. 1990, p. 221. *Li-san condenado*: *VKP* vol. 3, pp. 1018-19 (minutas do Politburo soviético, 25 ag. 1930), 1031-2 (carta do Comintern a Chou e Chu Chiu-pai, 16 set. 1930); Titov, vol. 1, pp. 249-61, 371; *Tang Chunliang 1999, pp. 175 ss.; **ZDJC* vol. 14, pp. 581-5.

Entrevista com a filha do homem, 1o-2 ago. 1995; "Relatório sobre as atividades de Li [Lisan]" de Moscou, enviado 30 abr. 1945, NA, HW 17/66 (ISCOT 1358).

Kai-hui sem atividades comunistas: claro em seus escritos; visita a sua casa e entrevista com um historiador do Partido local, 1o abr. 1996; entrevista com Yi Li-rong, 30 set. 1993.

Prisão e execução de Kai-hui: registros de interrogatórios de executores nos anos 1960, não publicado; reportagens de jornais da época; entrevista com um historiador do Partido local, 1o abr. 1996.

Mao sobre Kai-hui: *Li Xiangwen, pp. 86-8; todos os parentes e auxiliares de Mao entrevistados testemunham que ele falava dela com carinho. *Escritos descobertos*: visita a sua aldeia natal, Bancang, e entrevista com historiador do Partido local, abr. 1996. *Primeiro Primo a Mao*: trata-se de Yang Kai-ming, ver seu relatório a Xangai, 25 fev. 1929, **JGG* vol. 1, p. 269; visita a Bancang.

"*Pensamentos*": *Yang Kai-hui, no 1, em **HDT*, 1984, no 1, p. 21. *Ao Primeiro Primo*: *Yang Kai-hui, no 2, inédito.

"*Sentimentos de tristeza após ler sobre o deleite de uma cabeça humana*": *Yang Kai-hui, no 3, em **HDT*, 1984, no 1, pp. 21-2. *Abolição da pena de morte*: **ZZWX* vol. 1, p. 142.

Matanças de Mao nos jornais: uma seleção em **JGG* vol. 1, pp. 446-67. *Oito versos angustiados*: *Yang Kai-hui, no 5, inédito. *Partido manda Mao para Xangai*: **JGG* vol. 1, p. 241. "*Se a situação financeira permitir*": *Yang Kai-hui, no 6, inédito.

"Father Young's Own Story" (manuscrito datilografado, 1929); id., 1929, pp. 890-8; "Mandato contra o rev. Edward Young", assinado por Zhu De, "Delegado soviético de Mao [Tse] Tung", Arquivo Vicentino, Roma.

História de sua vida: *Yang Kai-hui, no 7, inédito.

Seu último escrito: *Yang Kai-hui, no 8, inédito.

Morte do Primeiro Primo: visita a Bancang, e entrevista com historiadores do Partido local, abr. 1996

8. EXPURGO SANGRENTO ABRE CAMINHO PARA O "PRESIDENTE MAO"

Lee Wen-lin: *Comitê da *Crônica do Condado de Jishui*, p. 576; *Xiao Ke 1993, p. 133. *Mao declara-se chefe*: Mao, 20 mar. 1929, em **JGG* vol. 1, p. 289; 1o jun. 1929, **ZDJC* vol. 14, p. 222. *Tse-tan*: **ZR* vol. 3, p. 307; inspetor, 22 jul. 1930, em *Arquivo de Jiangxi & Comitê do PCC de Jiangxi, vol. 1, p. 254; **JDZ*, no 7, p. 105.

Lieu Shi-qi: *Comitê da *Crônica do Condado de Yongxin*, p. 804; Lieu, 28 fev. & 7 out. 1930, em **ZDJC* vol. 14, pp. 271-3, 280-3; cf. Titov, vol. 1, pp. 232, 269; entrevista com um historiador do Partido local, 5 abr. 1996. *Mao alterou cronograma*: Lieu, 7 out. 1930, **ZDJC* vol. 14, p. 283; *Mao

1993b, vol. 1, pp. 297-8; outros relatórios, *_ZDJC_ vol. 14, pp. 244, 350; *Arquivo de Jiangxi & Comitê do PCC de Jiangxi, vol. 1, p. 200. *Pitou*: anúncio da conferência, 16 fev. 1930, ib., pp. 172-4; *Mao 1993b, vol. 1, pp. 297-8; Lieu, 7 out. 1930, *_ZDJC_ vol. 14, p. 284; cf. Titov, vol. 1, pp. 231-2, 267-8 sobre Pitou. *Execução de quatro*: Lieu, ib.; outros relatórios, 5 abr. & 22 jul. 1930, *Arquivo de Jiangxi & Comitê do PCC de Jiangxi, vol. 1, pp. 192, 200, 256. "*Vou mandar executá-lo!*": relatório, 22 jul. 1930, ib., p. 256. "*Kulaks*": 16 fev. 1930, ib., vol. 2, p. 173 (I: *MRTP* vol. 3, p. 269).

Cai Shen-xi: *_ZDJC_ vol. 14, p. 409; *Comitê de Ação Provincial, Anúncio de Emergência nº 9, 15 dez. 1930, RGASPI, 514/1/1008.

*_JGG_ vol. 1, p. 496; *Dai & Luo, pp. 161-3.

Jiang Han-bo: Jiang vinha-se opondo às tomadas de poder de Mao e seu cunhado, *_ZDJC_ vol. 14, pp. 272-4; contudo, um relatório para Xangai em nome de Jiang datado de 5 abr. 1930 assumia totalmente a linha de Mao e condenava suas próprias posições, Arquivo de Jiangxi & Comitê do PCC de Jiangxi, vol. 1, pp. 180-212. No dia anterior ao relatório, Mao emitira uma nota dizendo que Jiang estava expulso do Partido (a expulsão era comumente um prelúdio para a execução) e, de forma um tanto gratuita, dizia que Jiang estava fora (o que poderia ser uma manobra para encobrir o desaparecimento dele), *_ZDJC_ vol. 14, pp. 273-4. *Obituário de Mao*: *International Press Correspondence* (edição em inglês) 20 mar. 1930. *Xangai descobre golpe de Mao*: *_ZDJC_ vol. 14, pp. 424-5. *Circular de 3 de abril*: ib., p. 426. *Revoltas contra o regime*: Lieu a Mao, 22 maio 1930, *_JDZ_, nº 7, pp. 103-4; relatório de Lieu, 7 out. 1930, *_ZDJC_ vol. 14, pp. 281-8; *_JDZ_, nº 10, pp. 12-15; *Mao 1983, p. 266; Departamento de Agitprop do PCC, "Materiais para trabalho de Agitprop [...]", 25 mar. 1930, RGASPI, 495/154/430, p. 155 ("vida tranquila"). "*Detidos e punidos*": 25 jun. 1930, *_ZDJC_ vol. 14, pp. 624-6. "*Elementos* AB": 18 maio 1930, *Arquivo de Jiangxi & Comitê do PCC de Jiangxi, vol. 1, pp. 599-600. *Significado de* AB: de acordo com o fundador e chefe Duan Xipeng, 15 abr. 1931, em *Dai & Luo, p. 10. *Milhares mortos*: inspetor de Xangai, 22 jul. 1930, *Arquivo de Jiangxi & Comitê do PCC de Jiangxi, vol. 1, p. 248; 5 out. 1930, *_ZDZ_, nº 7, p. 169.

Comunistas de Jiangxi demitiram Lieu: Uma descrição da reunião (Segunda Plenária do Comitê Especial do Sudoeste) encontra-se no relatório de Lieu a Xangai de 7 out. 1930. Este trecho em particular foi retirado até do confidencial *ZDJC* vol. 14. Resolução da reunião, 27 ago. 1930, em *_ZDJC_ vol. 14, pp. 649-50; Inspetor de Xangai, 5 out. 1930, *_ZDZ_, nº 7, pp. 170-1; cf. Titov, vol. 1, pp. 278 ss. *Lieu morto*: *Sheng Ping et al., pp. 677-8. *Mao denuncia comunistas de Jiangxi*: *Mao 1993b, vol. 1, p. 319 (I: *MRTP* vol. 3, pp. 552-6). *Mao soube da promoção de Moscou*: carta do Birô do Comintern do Extremo Oriente para o PCC, 10 nov. 1930, ordenando que Mao se tornasse chefe do Conselho Militar Revolucionário e ganhasse posto de comando no governo (*VKP* vol. 3, p. 1109). RGASPI "*Escamas de peixe*": *Dai & Luo, p. 91; *Chen, Xiao et al., p. 162.

"*Nunca confiei em Mao*": *Liou Di, carta a Xangai, 11 jan. 1931, RGASPI, 514/1/1008 (trechos em Vladimirov, 10 nov. 1943, com Lie Shau-joe escrito "Liu Shao-chi" e Yongyang escrito "Yenan" em edições em inglês). "*Intrigante perverso*": *_ZDJC_ vol. 14, pp. 634-5 (I: *MRTP* vol. 3, p. 707). *Lie Shau-joe*: *Liou Di, carta, 11 jan. 1931, RGASPI, *cit.*; inspetor de Xangai, 22 jul. 1930, *Arquivo de Jiangxi & Comitê do PCC de Jiangxi, vol. 1, p. 238. *De acordo com um oficial*: Xiao Ke, em *Dai & Luo, pp. 92-3. "*Mais de 4400*": *_ZDJC_ vol. 14, p. 634; cf. explicações astutas de Chou a Mordvinov (KGB), 4 mar. 1940, RGASPI 514/1/1006, pp. 48-9; Mao Tse-min, "Luta com contrarrevolucionários", 22 ago. 1939, RGASPI, 514/1/1044, pp. 1a-12. *Ordem de Mao, 3 dez. 1930*: em *Dai & Luo, pp. 94-6; ver uma carta de acompanhamento em 5 dez., em Vladimirov, 10 nov. 1943 (datada erroneamente de 15). "*Reunião de ABs*": Mao a Xangai, 20 dez. 1930, *_ZDJC_ vol. 14, p. 636 (I: *MRTP* vol. 3, pp. 704-5); *Liou Di, carta a Xangai, 11 jan. 1931, RGASPI, *cit.*; *Comitê de Ação Provincial, Anúncio de Emergência nº 9, 15 dez. 1930, RGASPI, 514/1/1008.

Tortura de Lie: ib.

Motim em Futian: *Liou Di, carta a Xangai, 11 jan. 1931, RGASPI, *cit.*; *Comitê do Partido de Jiangxi, relatório a Xangai, 12 jan. 1931, RGASPI, 514/1/1008; *Chen, Xiao et al., pp. 20-2, 218-22; inspetor de Xangai, 20 fev. 1931, em *Dai & Luo, pp. 114-5.

"*Extremamente trapaceiro*": *Comitê de Ação Provincial, Anúncio de Emergência nº 9, 15 dez. 1930, RGASPI, *cit.*

Confiaram destino a Xangai: ib.; cf. *VKP* vol. 3, p. 1272 (relatório Bespalov, 11 fev. 1931, *cit.*); *Comitê do Partido de Jiangxi. *Mostraram cicatrizes de tortura*: *VKP* vol. 3, p. 1272 (relatório Bespalov, 11 fev. 1931, *cit.*). "*Ignorou as cartas*": *Comitê de Ação Provincial. *Chou contou ao polonês*: *VKP* vol. 3, pp. 1279-80 (relatório de Rylsky da conversa com Chou e Hsiang Chung-fa, 19 fev. 1931). *Moscou apoiou Mao*: Resolução do Comintern sobre Futian, 18 mar. 1931 (RGASPI, 514/1/1006, p. 90); cf. *VKP* vol. 3, p. 1348; "Resolução do Politburo sobre o incidente de Futian", 28 mar. 1931, **ZZWX* vol. 7, pp. 203-9. *Mão de Kang Sheng*: RGASPI, 514/1/1008.

Citado em Titov, vol. 1, p. 340.

Execução de Liou Di: Titov, vol. 1, p. 312; cf. Smedley 1934, p. 279; *Chen, Xiao et al., pp. 22-3. *Relatório Secreto revelado*: maio 1932, *Arquivo de Jiangxi & Comitê do PCC de Jiangxi, vol. 1, pp. 478-80; entrevista com um historiador do Partido local, 4-5 abr. 1996. *Dezenas de milhares morreram*: ib. fonte escrita, p. 436. *Expurgo em Fujian*: *Comitê da *Biografia de Deng Zihui*, pp. 112-13; "Comitê Especial de Fujian Ocidental, Circular nº 10", em *Departamento de Organização do Partido Nacionalista, p. 137; *Gong Chu, pp. 247-8; *Wen Yu, pp. 68-75; Kuo Chien, *FBIS-CHI-91-016* (24 jan. 1991), p. 31. *Líder do Fujian Vermelho fugiu*: *Gong Chu, pp. 246-50.

"*Perverso e sombrio*": 20 dez. 1930; *Hsiao Tso-liang, vol. 2, pp. 262-3; *Comitê do Partido de Jiangxi, relatório a Xangai, 12 jan. 1931, RGASPI, *cit*.

"*Muitos camaradas antigos*": *Gong Chu, pp. 266-7. *Expurgo do staff de Zhu*: *Chen, Xiao et al., p. 184. *Peng pode ser AB*: Gailis ao chefe da GRU Berzin, 10 fev. 1931 (*VKP* vol. 3, p. 1260). *Zhu no júri*: *Fan Hao, p. 109. *Nunca parou o expurgo*: relatório, maio 1932, **Arquivo de Jiangxi & Comitê do PCC de Jiangxi, vol. 1, pp. 477-80. *Poucos concordavam com a estratégia de Mao*: *Comitê de Ação Provincial, Anúncio de Emergência nº 9, 15 dez. 1930, RGASPI, *cit.*; *Comitê do Partido de Jiangxi, relatório a Xangai, 12 jan. 1931, RGASPI, *cit.*; *Fan Hao, pp. 40-1.

"*Não vimos gente*": **WZX*, nº 45, pp. 85-6.

Chiang refletiu: 12 ago. 1931, *Chiang, p. 376. *Ajuda russa*: Mirovitskaya 1975, pp. 47-52, 61-2; id. 1993, pp. 307-15; Vinarov, pp. 328, 373-6; Mader, pp. 94-6. *Emboscada, 30 dez. 1930*: *Mao 1993b, vol. 1, pp. 329-30; *Fan Hao, pp. 50-2. "*Cortem a cabeça dele!*": *Chen, Xiao et al., pp. 94, 186-7; *Huang Kecheng, p. 83.

Papel de Sorge na China: Vinarov, pp. 373-6; Mader, pp. 64-117, 233-4; entrevista de Werner, 20 nov. 1999; Werner, pp. 38 ss. *Zhang Wen-qiu*: entrevista com ela, 29 out. 1995; *Zhang Wenqiu, pp. 231-8.

Mao pediu gás venenoso: 14 out. 1930 (*MRTP* vol. 3, p. 555). *Rádios*: *VKP* vol. 3, pp. 1282 (Chou, 19 fev. 1931: "grande" rádio enviado a Mao); ib., p. 1371 (Birô do Extremo Oriente, 28 mar. 1931); ib., p. 1466 (Rylsky, 10 jun. 1931); cf. Snow, H. 1979, pp. 251, 255; *Chen, Xiao et al., pp. 189-92; *Fan Hao, pp. 57-8. *À beira de um colapso*: Relatório dos comunistas sobre a guerra, **ZDJC* vol. 15, pp. 44-5; Chen, Xiao et al., pp. 125-6. *Estabilidade Interna Primeiro*: 23 jul. 1931, *Chiang, p. 372. "*Não resistência, única política factível*": entrevista com o Jovem Marechal, 17 fev. 1993.

"*Essa infelicidade*": 20 set. 1931, *Chiang, pp. 386-7. "*Suspender o plano*": 21 Set. 1931, ib., p. 387. *PCC rejeitou Frente Unida*: declaração do PCC, 30 set. 1930, **ZZWX* vol. 7, pp. 426-30. "*Defender a*

União Soviética": declaração do PCC, 22 set. 1930, ib., pp. 416-21. *Tamanho do Estado comunista*: *Ma Qibin et al., pp. 448-9; *Xia & Chen, pp. 235-6; *Ma Juxian et el., p. 55.

*Departamento de Organização do PCC, pp. 25, 89.

Primeira pessoa a usar "*presidente Mao*" : *Fan Hao, pp. 98, 109.

9. MAO E O PRIMEIRO ESTADO COMUNISTA

Locais do governo comunista: visita a Ruijin e conversas com moradores dos locais, abr. 1996.

Grande comemoração: *Chen, Xiao et al., pp. 457-8; Smedley 1934, p. 307.

Moscou havia pensado em Mao para chefiar as forças militares: Birô do Extremo Oriente para PCC, 10 nov. 1930, in *VKP* vol. 3, pp. 1008-09; *Mao 1993b, vol. 1, p. 360. *Comitês de aldeia*: *Mao 1983, pp. 297-300. *Rede de controle*: *Mao 1983, pp. 300, 326.

*Hsu En-tseng, et al., pp. 171-4 (I: Hsu, U. T., pp. 70-1); **DSYJ*, 1980, nº 4, pp. 76-8; **ZDY*, 1989, nº 3, pp. 1-2; entrevista com um velho trabalhador clandestino, 3 set. 1998.

"*Confiado inteiramente em*": resolução de Chou, 7 jan. 1932, **ZZWX* vol. 8, p. 19. "*Queimadas na mesma hora*": *Chen, Xiao et al., p. 225. "*Relaxamento em relação aos expurgos*": relatório, maio 1932, *Arquivo de Jiangxi & Comitê do PCC de Jiangxi, vol. 1, pp. 480-8.

Tungstênio, comércio: *Shu Long, pp. 72-7; *Chen, Xiao et al., pp. 380-95.

Entregar grampos de cabelo de prata: Mao, "Investigação em Changgang", nov. 1933, *Mao 1983, p. 324; *Comitê da *Crônica do Condado de Ruijin*, p. 783; "*Bônus dos comunistas são piores*": Relatório dos próprios comunistas, 18 maio 1934, **GS* vol. 5, p. 345; Hsu, K., pp. 285-93, 291; ordens de Mao referentes a bônus, *Mao 1993c, pp. 59-65 (I: *MRTP* vol. 4, pp. 357-60); bônus, **HZ*, *passim*, um resumo em *Wen & Xie, pp. 189-91. "*Emprestem grãos*": Mao, 1º mar. 1933, *Mao 1993c, p. 62; (I: *MRTP* vol. 4, pp. 402 ss, 408 ss). *Maioria dos homens em idade de trabalhar*: *Gong Chu, p. 414. *Mulheres como principal força de trabalho*: *Mao 1983, pp. 280, 302, 311-12, 325, 343.

Reuniões como "*tempo de descanso*": ib., p. 308 (I: *MRTP* vol. 4, p. 603*). Hospital levado para Ruijin*: *Mao 1993b, vol. 1, p. 394. *Sua própria caneca*: *Chen, Xiao et al., p. 450. *Ilhota de Areia*: o poço transformou-se num santuário de culto a Mao, que o apresenta como uma fonte (associada a "poço") de benevolência ao povo. Visita ao poço e conversas com moradores do local, abr. 1996; *Zeng & Yan, pp. 239-40. *Educação em Ruijin*: *Mao 1983, pp. 317-18, 326; *Gong Chu, pp. 419-21; visita a Ruijin e entrevistas com curadores do museu do lugar, abr. 1996; Snow 1973, p. 186. *Descobrir* "*proprietários escondidos*": chamou-se "Campanha de Investigação da Terra [*chatian yundong*]". Ordens de Mao de junho 1933, **GS* vol. 5, pp. 284-306. "*Trabalho forçado ilimitado*": 10 out. 1933, ib., p. 333. "*Confiscar até a última coisa*": ib., p. 298. *Currais de búfalos*: entrevista com um historiador do Partido local, 8 abr. 1996.

Relatos das autoridades: set. 1933, **GS* vol. 5, pp. 321-5. *História de Gong Chu*: *Gong Chu, pp. 421-5.

"*Achar contrarrevolucionários*": *Liu Ying, pp. 48-9. *Cai Dun-song*: *Chen, Xiao et al., pp. 487-91. *Gerente tentou fugir*: **HZ*, 18 fev. 1934. *Gente que viveu aquela época*: *Chen, Xiao et al., pp. 495-6. "*Suicidas mais vergonhosos*": **Qingnian shihua* (Palavras honestas para a juventude), periódico de Ruijin, vol. 2, nº 13.

Presidente reconheceu: entrevista com um funcionário presente, 1º abr. 1996. *De volta à China continental*: *Comitê de História do Exército do Primeiro Front, p. 631.

Yang Yue-bin: visita a Ruijin e conversas com curadores do museu local, abr. 1996; *Comitê de

História do Exército do Primeiro Front, pp. 248-9.

Fugas, rebeliões: relatório, set. 1933, **GS* vol. 5, p. 323; *Wang Qisen et al., pp. 223-5, 238, 244-5; **ZDZ*, nº 21, p. 142; *Chen, Xiao et al., pp. 504-6. "*Morta com o visitante*": *Chen, Xiao et al., p. 496. *Número de mortos*: *Ma Juxian et al., pp. 54-6; *Fu & Chen, p. 40. "*Um único membro do* PCC": "Relatório sobre Missão [...] por S. Tikhvinsky", 26 jan. 1950, AVPRF, 0100/43/302/4, p. 79 (entrevista com chefe do PCC de Jiangxi, Shao Shi-ping, 3 jan. 1950); o Arquivo do Ministério do Exterior russo não permitiu que essa página fosse fotocopiada; cf. Kulik 1994, p. 117.

*Ma Juxian et al., p. 54.

10. DE CRIADOR DE CASO A CHEFE NOMINAL

Mao acusado de adotar "*linha kulak*": Resolução Política, Primeiro Congresso do Partido da Área Soviética Central, 1-5 nov. 1931, **ZZWX* vol. 7, pp. 448-63; *Fan Hao, pp. 97-100, 106. *Mao pede* "*licença para tratamento de saúde*": *Mao 1993b, vol. 1, pp. 365-6. *Em templo budista*: *Wang Xingjuan 1987, pp. 167-8; *Fan Hao, pp. 116-17.

"*Nota de retratação*": **Shun Pao*, jornal de Xangai, 20 fev. 1932; *Jin Chongji et al. 1990, pp. 248-9.

Mao à reunião de crise: *Wang Xingjuan 1987, p. 169; *Mao 1993b, vol. 1, p. 367; ordem do Dept. Político do Exército Vermelho, 17 mar. 1932, **ZDJC* vol. 15, pp. 164-6; *Fan Hao, pp. 103-4; telegrama de Chou, Wang Jia-xiang, Ren Bi-shi e Zhu De para Xangai (encaminhado para Moscou, data de chegada em 3 maio 1932), RGASPI, 495/19/217a, p. 82. *Chou deu a Mao dois terços de exército*: *Mao 1993b, vol. 1, p. 368; *Zhou 1991, p. 218; telegrama de Chou et al. (data de chegada 3 maio 1932), RGASPI, 495/19/217a, p. 82.

Mao mudou rota para a costa: ordem de rotas do Conselho Militar, 18 mar. 1932, em Jin Chongji et al. 1993, p. 284; mas Mao: *Mao 1993b, vol. 1, pp. 368-9; *Fan Hao, p. 104; *Mao 1993a, vol. 1, pp. 263-8; boletim da reunião de Ningdu, 21 out. 1932, **ZZWX* vol. 8, p. 528; telegrama de Chou et al. (data de chegada 3 maio 1932), *cit.* cf. Titov, vol. 1, pp. 376-7 e relatório posterior de Mao Tse-min ao Comintern defendendo os atos de Mao Tse-tung, citado ib.

Mandou recortes de jornal a colegas: *Mao 1993b, vol. 1, p. 374. *Ewert enfatizou a Ruijin*: Ewert a Moscou, out. 1932, citado em Titov, vol. 1, pp. 381-2; cf. Ewert a Piatnitski, 8 out. 1932, *VKP* vol. 4, pp. 193-4. *Fortuna privada em caverna*: entrevista de Salisbury com Wu Jiping, Salisbury Papers, Box F 31-2, Folder 10, p. 7, Columbia University; Salisbury, pp. 49-50; entrevista com um historiador do Partido local, 23 maio 1997; *Shu Long, pp. 234-5.

Liderança do Partido "*totalmente errada*": Mao, 3 maio 1932, *Mao 1993a, vol. 1, pp. 271-2 (I: *MRTP* vol. 4, p. 217). *Teve de retornar a Jiangxi*: *Mao 1993b, vol. 1, pp. 375-8; *Gong Chu, pp. 324-5; *Chen, Xiao et al., pp. 332, 346.

MRTP vol. 4, p. 207; comunicações internas do PCC, por ex. Mao a Chou, 22 abr. 1932, *Mao 1993a, vol. 1, pp. 269-70. (I: *MRTP* vol. 4, pp. 215-16).

*Zhang Xuexin et al., p. 227; *Xiao Jingguang, pp. 112-16; *Chen, Xiao et al., pp. 334-8.

"*Oportunismo de direita*": telegrama de Chou et al. (data de chegada a Moscou 3 maio 1932), original em inglês, RGASPI, 495/19/217a, p. 82. *Manter Mao na direção*: telegrama do PCC ao Comintern, 27 maio 1932 ("quanto à relação com Mao [...] perfeitamente de acordo"), RGASPI, 495/19/217a, p. 97; e Ruijin a Xangai, 9 jun. 1932 referente a "diretiva do Comintern" de 15 maio 1932, RGASPI, 495/19/217a, p. 109. *25 julho*: **DDWX*, 1990, nº 2, pp. 31-3. *Mao comissário político chefe*: **ZDJC* vol. 15, p. 168. *Mao parado durante um mês*: telegramas e ordens de Mao, set. 1932, *Mao 1993a, vol. 1, pp.

284-307; *Mao 1993b, vol. 1, pp. 382-8. *Estratégia de Moscou*: **DDWX*, 1990, nº 2, p. 39. *Esperar para ver*: Mao, 26 set. 1932, *Mao 1993a, vol. 1, pp. 298-304.

"*Extremamente perigosa*": **DDWX*, 1990, nº 2, p. 38. "*Às vezes as discussões*": em *Zhang Xuexin et al., p. 245. *Reunião de Ningdu*: Xangai a Ruijin, 30 set. 1932, RGASPI, 495/19/217a, p. 248; Xangai a Ruijin, 7 out. 1932, RGASPI, 495/19/217a, p. 253; Ewert a Piatnitski, 8 out. 1932, *VKP* vol. 4, pp. 193-4; cf. Xangai a Comintern, 16 out. (ib., p. 197); Wang Ming ao Partido Soviético no Comintern, 2 nov., ib., p. 199; Xangai ao Comintern, 11 nov., RGASPI, 495/19/217a, p. 276; Titov vol. 1, pp. 377-85; boletim, 21 out. 1932, **ZZWX* vol. 8, pp. 528-31; relatório, 12 nov. 1932, *Zhang Xuexin et al., pp. 244-5.

Po Ku enfurecido: *Mao 1993b, vol. 1, p. 389. *Sugestão de expulsar Mao*: Mao mencionou isso, 1º ago. 1959, em *Li Rui 1989, p. 231; e 24 out. 1966, *CLG* vol. 1, nº 4 (1968-69), p. 97. "*Retornando temporariamente*": 12 out. 1932, **DDWX*, 1990, nº 2, p. 39. *Disseram a Moscou*: Xangai a Moscou, 11 nov. 1932, RGASPI, 495/19/217a, p. 276. *Mao telegrafou duas vezes*: Po Ku contou a Ewert (Titov, vol. 1, p. 385). *Ewert*: carta de Ewert citada em Titov, vol. 1, pp. 381-2, cf. Ewert a Piatnitski, 8 out. 1932, *VKP* vol. 4, pp. 192-6. "*Com relação a suas diferenças*": Xangai a Ruijin, 16 out. 1932, RGASPI, 495/19/217a, p. 233; linguagem similar na diretiva do Comintern ao PCC, 19-22 mar. 1933, *VKP* vol. 4, p. 295 (I: Web/Dimítrov); **DDWX*, 1990, nº 2, pp. 40-1, 55. *Pediram opinião de Stálin*: Wang Ming ao Partido Soviético no Comintern, 2 nov. 1932, *VKP* vol. 4, p. 200. *Elogio à atitude tolerante de Chou*: *Zhou 1991, pp. 233-4.

Hospital do Evangelho: visita, abr. 1996. *Mao dirigiu QG concorrente*: Lo Fu, 18 fev. 1933, em *Hsiao Tso-liang, pp. 666-7 (I: resumo em id., 1961, pp. 236-7); *Mao 1993b, vol. 1, p. 391; artigo, 6 maio 1933, **ZZWX* vol. 8, pp. 491-502. "*Rápido e sutil*": Snow 1968, p. 15.

"*Mau-caráter*" *etc.*: Titov, vol. 1, pp. 385, 386. *Tinha de trabalhar com Mao*: Titov, vol. 1, p. 386. Tse-min, o irmão de Mao, disse mais tarde ao Comintern que Po era como "trotskistas", o que equivalia a pedir uma sentença de morte (Relatório de Mao Tse-min, 6 dez. 1939, RGASPI, 514/1/1044, p. 102); cf. Titov, vol. 1, p. 389. *Seguidores de Mao mantiveram postos*: **ZR* vol. 48, pp. 381-3; **Reminiscências sobre Tan Zhenlin*, pp. 72-4; *Mao Mao 1993, p. 320. *Lepin*: Mirovitskaya 1975, pp. 94-9-.

"*Ímpeto veio de mim*": Braun 1982, p. 35. "*Tolerância e conciliação*": Titov, vol. 1, pp. 392-5; cf. diretiva do Comintern ao PCC, 19-22 mar. 1933, *VKP* vol. 4, p. 295; Birô do Extremo Oriente a Ruijin, 28 mar. 1933, ib., p. 298. "*Eu realmente fedia*": *Wang Dongxing 1997a, p. 116; *Wang Xingjuan 1987, p. 172. *Ausente da lista de Moscou*: Herbert (Comintern Xangai) a Piatnitski, 27 dez. 1932, *VKP* vol. 4, p. 243; troca de telegramas, Po Ku e Moscou, **ZDC*, 1987, nº 5, p. 15. "*Doença diplomática*": Braun 1982, p. 49. "*O velho Mao vai ser*": *Li Weihan, p. 353.

11. COMO MAO ENTROU NA LONGA MARCHA

"*Encolher gradualmente*": *Peng 1981, p. 188. *Stern*: Krymov, pp. 308-19, 339; Brun-Zechowoj, pp. 62-4, 156-7 (carta de Stern a Stálin do gulag, out. 1952).

Braun: Litten 1997. "*Ficar dentro de casa*": Braun 1982, pp. 34-5.

"*Devia ser grande*": *Kang Keqing, p. 104; *Zhu Zhongli 1989, p. 56. *De acordo com a sra. Zhu De*: *Kang Keqing, p. 104. *Mao fez uma piada*: *Zhu Zhongli 1989, p. 56. *Braun e líderes do PCC*: Braun 1982, pp. 54-5; *Wu Xiuquan 1992, pp. 97-100. *Em 25 de março*: Comintern a Ewert e PCC CC, NA, HW 17/3, telegrama 063; essa é uma de várias transmissões entre Moscou e a China interceptadas pela espionagem britânica em 1934; as transmissões eram em francês; alguns dos mesmos documentos

desde então liberados dos arquivos russos estão em *VKP* vol. 4 (em russo); este na pp. 583-4; cf. Comintern a Vorochílov, mar. 1934, Mirovitskaya 1975, p. 97. *27 de março*: Xangai a Piatnitski, *VKP* vol. 4, p. 585.

9 de abril: Comintern a Ewert, *VKP* vol. 4, p. 586; resultado da reunião do Comintern, 3 abr., ib., pp. 585-6; cf. Moscou para China, 7 maio 1934, NA, HW 17/3, telegrama 123, que foi o primeiro telegrama decodificado pelos ingleses (em 6 jun.; e o único redecodificado, em 2 ago.). "*Minha saúde está boa*": *Chen, Xiao et al., p. 486. *Deixar Mao na retaguarda*: *Wu Xiuquan 1992, p. 105. *Ninguém queria ficar para trás*: Chen Yi, em *Chen, Xiao et al., pp. 543-4; *Li Weihan, pp. 346-7; *Zhang Wentian 1943, p. 78. *Mao para a frente meridional*: *He Changgong, pp. 313-23; *Mao 1993b, vol. 1, pp. 426-32; *Chen, Xiao et al., pp. 507, 510-16, 524-7.

Ponto de fuga mudado em julho: Braun 1982, p. 74; *Xiao Ke 1997, pp. 189-92; *Mao 1993b, vol. 1, pp. 432-3. *Mao instalado em Yudu*: visita ao local, abr. 1996; *Chen, Xiao et al., pp. 530-1. *Tesouro dado a Po Ku*: *Shu Long, pp. 234-5; Salisbury, p. 50. *Implora que Moscou mande dinheiro*: Mirovitskaya 1975, pp. 96-7; cf. Moscou a Xangai, 26 maio 1934, NA, HW 17/3, telegrama 156; *VKP* vol. 4, pp. 598-9. *Xiang Ying*: *Wang Fuyi, pp. 98-101; *Dai & Luo, pp. 138-41.

Comintern a Xangai, 1º jul. 1934, *VKP* vol. 4, p. 619.

Ódio a Xiang: Pániushkin, p. 122 ("tentou se livrar dele"); Titov, vol. 1, p. 370; Chou tenta desconsiderar acusações em conversa em Moscou com Mordvinov, da KGB, 4 mar. 1940, RGASPI, 514/1/1006, p. 48. *Xiang contra levar Mao junto*, *Po Ku otimista*: Braun 1982, pp. 87-8. *Criou problemas até julho*: *Chen, Xiao et al., pp. 490-4, 511-6, 524-5; Hu Chi-hsi 1982, pp. 102-5. "*Muito disciplinado*": *Nie 1991, pp. 188-9 (I: pp. 180-1).

Pequeno Mao, *outros filhos*: *Wang Xingjuan 1987, pp. 135-7; 163-7; 186-7, 269; *Wang Xingjuan 1993, pp. 108-9, 237-40.

Entrevista com Zeng Zhi, 24 set. 1994.

Últimas semanas antes da partida: *Gong Chu, pp. 395-9.

Nelson Fu: *Fu Lianzhang, pp. 3-12; *Li Yong et al., pp. 158-60. "*Fazer a conexão com a União Soviética*": Moscou à China, 3 maio 1934, NA, HW 17/3, telegramas 106-115; Vinarov, pp. 373-4; cf. Mirovitskaya 1975, pp. 44-5: plano Borodin de meados de 1927. *Engodo de 6 mil*: declaração de Mao, 15 jul. 1934, *Arquivo de Jiangxi & Comitê do PCC de Jiangxi, vol. 2, pp. 726-9 (I: *MRTP* vol. 4, pp. 768-9); conversa de Mao, 31 jul. 1934, *Mao 1993a, vol. 1, pp. 351-5 (I: *MRTP* vol. 4, p. 776); *Su Yu, pp. 110-33; Xiang, L., pp. 24-5; Yang, B. 1990, pp. 82-5.

Braun 1982, p. 77; *Jin Chongji et al. 1990, p. 277.

Execuções antes da evacuação: *Gong Chu, pp. 430-2. *Atirador de elite*: *Kang Keqing, pp. 121-4. "*Atendentes de loja ativos*": entrevista com um historiador do Partido local, 8 abr. 1996. *Deixou absolutamente claro*: conversa, 7 abr. 1996. *Partida de Mao*: *Wu Jiqing, pp. 168-9; *Kang Keqing, p. 131.

12. A LONGA MARCHA I: CHIANG DEIXA OS COMUNISTAS ESCAPAREM

Números da Longa Marcha: Braun 1982, pp. 81, 84; *Zhou 1972, p. 66; *Li Weihan, pp. 343-8. *Tesouro de Mao*: *Li Weihan, p. 345; "*A chuva de outono*": *Liu Ying, pp. 58-9; *Guo Chen, p. 27.

Tropas cantonesas: *Chen, Xiao et al., p. 526; *Mao 1993b, vol. 1, pp. 436-7; cf. Sladkovsky, p. 139. *Chiang disse ao primeiro-ministro*: *Chiang, pp. 751-2. *Um auxiliar próximo*: *Yan Daogang, p. 9. *Exército*

Vermelho atravessa linhas fortificadas: Trocas de telegrama entre nacionalistas em *Segundo Arquivo & Arquivo de Hunan; *Li Weihan, p. 348; *Nie 1991, pp. 191-5 (I: Nie, pp. 180 ss.); *Peng 1981, pp. 193-4 (I: Peng, pp. 359-60); *Jin Chongji et al., 1993, pp. 329-31; *Yan Daogang, pp. 9-10; *Xue Yue, notas de seção sob o título "Xiangsheng zhuijiao". *Chiang designa Ho Chien*: *Segundo Arquivo & Arquivo de Hunan, pp. 220-1. *Travessia do rio Xiang*: *Yan Daogang, p. 13; ordens do exército nacionalista, em *Segundo Arquivo, pp. 186-91; *Comitê do PCC de Guilin, pp. 25-8; *Museu da Revolução Chinesa, pp. 20-1; telegrama de Zhu De, 1º dez. 1934, em *Arquivo Central 1996, p. 46; Tong & Li, pp. 295 ss., *Li Zongren, pp. 638-41; *Pai Chung-hsi, p. 90; Braun 1982, pp. 91-2. *Chiang monitorando*: *Yan Daogang, p. 12. *Telegrama de Ho Chien*: *Birô de História Militar MND, p. 861.

*Birô de História Militar MND, p. 861; Braun 1982, pp. 91-2.

Plano de Chiang para conquistar sudoeste: *Sichuan como "a base"*: *Chiang, p. 825. *Ao seu secretário*: *Yan Daogang, p. 15. *Projeto de construção da nação*: *Chiang, pp. 776-80. *Senhores da guerra culpados e elogiados*: *Chiang, pp. 762-3; *Birô de História Militar MND, pp. 971-2; *Jin Chongji et al. 1993, pp. 329-30.

Ching-kuo único herdeiro de Chiang: Taylor 2000, pp. 7-8; *Wang Shichun, p. 20. *Ching-kuo levado para a Rússia*: Chiang Ching-kuo 1937, em Cline, pp. 154-7, e *Chiang Ching-kuo, pp. 66 ss.; Tikhvinsky 2000, pp. 341-8 (Dossiê sobre Chiang Ching-kuo para Bréjnev, 1969); TsDA, 146/6/1607, p. 5 (carta de Ching-kuo a Dimítrov, dez. 1936); s.a. "Jiang Jingguo na Rússia", p. 179; Yu Miin-ling, pp. 112, 121.

Shao Li-tzu era espião: Entrevista com Shao, jul. 1956, in **YD*, pp. 81-3; *CCPPC 1985a, p. 241.

Telegrama de Shao a Moscou, 23 abr. 1927, *VKP* vol. 2, p. 696. *Ching-kuo mantido na Rússia*: Chiang Ching-kuo, pp. 179 ss. *Peggy*: Dennis, p. 86. Em 2003 Tim Dennis ainda estava na Rússia, onde era um conhecido sinologista, com o nome de "Timur Timofeiev". *Madame Sun era agente soviética*: *VKP* vol. 4, p. 1100 (telegrama de Wang Ming ao PCC, 13 mar. 1937); cf. NA, HW 17/3 (telegramas de Moscou em 1934 para o PCC interceptados pelos ingleses). *Proposta de troca de reféns*: diário de Chiang, 16 dez. 1931, em *Yang Tianshi, p. 370. *Diários de Chiang*: ib., pp. 370-4.

RGASPI, 495/74/281, pp. 34-5 (ao "Camarada Wang Ming" para "conselho" [*sic*], 26 jan. 1937, em inglês); *VKP* vol. 4, pp. 1092-3.

Morte de Shao júnior: *CCPPC 1985a, pp. 37, 240; "O trágico fim de um chinês que havia ferido sua amante", *Corriere della Sera*, 22 dez. 1931, p. 8.

Construção da base comunista de Shaanxi: *CCPPC 1985a, pp. 34, 114, 240-1; *Chiang, pp. 755, 759; *Wang Zicheng, p. 25. *Chiang ao emissário americano*: Currie, "Notes on Interviews with Chiang Kai-shek" (manuscrito datilografado, 17 mar. 1941), p. 30. *Comunistas conduzidos por rádio*: *Comitê de História do Corpo de Rádio, p. 95; Song Kaifu, em *Equipe da Coleção de memórias do Exército da Quarta Frente, pp. 274-5; *Yan Daogang, pp. 12-13. *Estação de rádio de Xangai fechada*: *Hsu En-tseng et al., pp. 189-90 (I: Hsu, U. T., pp. 97-9); *Comitê de História do Corpo de Rádio, p. 98; *Yue Xia, p. 137; NA, HW 17/3, telegramas de Moscou para Xangai, 5 jul. 1934 (nº 225), 7 jul. 1934 (nºs 226, 227); cf. Titov, vol. 2, p. 135.

*Wu Changyi, pp. 92-103.

Diário de 2 set.: em *Yang Tianshi, p. 375. *Chiang ausenta-se*: *Chiang, pp. 752-65. *Ching-kuo mantido refém*: Chiang Ching-kuo, pp. 178 ss. "*Calamidade familiar*": *Yang Tianshi, p. 375.

13. A LONGA MARCHA II: O PODER POR TRÁS DO TRONO

O senhor da guerra de Guizhou relembra: *Wang Jialie, pp. 85-6, 88. *Chiang empurra comunistas para Sichuan*: Braun 1982, p. 91; *Chiang, p. 783; *Wang Jialie, pp. 87-8. *Mao tomou medidas concretas*: *Zhou 1972, p. 67; *Zhang Wentian 1943, pp. 78-80; discurso de Mao, 13 nov. 1943, em *Hu Qiaomu, p. 294; cf. Kampen 2000, pp. 66-77; Braun 1974, pp. 94 ss.

Lo indignado: *Zhang Wentian 1943, p. 78; cf. Titov, vol. 2, pp. 122 ss.

Desenho de liteira: *Liu Ying, p. 56. "*Deitado numa liteira*": Mao contou ao staff, 25 dez. 1960, em *Ye Zilong, p. 38. *Carregadores de liteiras*: *Guo Chen, p. 72-3. *Tramando golpe na liteira*: *Zhu Zhongli 1995, pp. 54, 60; *Cheng Zhongyuan 1993, p. 197; cf. Kampen 1989, p. 708. *Apontar a pistola*: *Nie 1991, p. 206 (I: Nie, p. 198). *Reunião em Zunyi*: *Chen Yun 1935, pp. 36-41 (I: Chen Yun 1935, pp. 643-8); Braun 1982, pp. 102-4; cf. Kampen 2000, pp. 69-76; Titov, vol. 2, pp. 101-29; Titov 1976; Sladkovsky, pp. 139-43.

Mao não obtém a chefia do Partido ou do exército, mas entra no Secretariado: *Chen Yun 1935, p. 42 (I: Chen Yun 1935, p. 648); Braun 1982, p. 104; *Xu Zehao, p. 223. *Resolução*: *Chen Yun 1935, p. 42. *Esboço*: Titov 1976, pp. 100, 103 e 103, n. 15. *Versão final*: **ZHW*, pp. 3, 21-2; Yang, B. 1986, pp. 262-5.

Observação de Braun: Braun 1982, p. 98.

"*Ajudante*": *Chen Yun 1935, p. 42 (I: Chen Yun 1935, p. 648). *Posto do Professor Vermelho*: *Xu Zehao, p. 223. *Lo Fu torna-se líder do Partido*: *Chen Yun 1935, p. 43 (I: Chen Yun 1935, p. 648); *Zhou 1972, pp. 68-9. *Pressão sobre Po*: Titov, vol. 2, p. 123. *Mantido em segredo*: *Mao 1993b, vol. 1, p. 450. *Proposta de Stern*: 16 set. 1934, em *VKP* vol. 4, p. 688. *Decisão de entrar em Sichuan*: *Mao 1993b, vol. 1, p. 444.

Papel de Lepin: Mirovitskaya 1975, pp. 94 ss. *Li Li-san*: relatório de Li Li-san, 3 ago. 1935, *VKP* vol. 4, pp. 897-903. *Relatório de Ringwalt*: NARA, RG 59, LM 83, rolo 9 (U.S. Department of State, arquivo 893.00/12966, 11 jan. 1935). *Kim Philby*: Philby, pp. 518-9.

Bases de Chang Kuo-tao: *Xu Xiangqian, pp. 121-2, 137, 221. *Expurgo*: ib., p. 103; relatório de Chang Kuo-tao, 25 nov. 1931, em **ZDJC* vol. 15, pp. 330-4, cf. 345-9; Chen Chang-hao, nov. 1931, em **ZZ4*, período de Eyuwan, vol. 2, pp. 433-4.

Mao insiste na emboscada: *Mao 1993b, vol. 1, p. 445; palestra de Mao, 10 set. 1956, em **DDWX*, 1991, nº 3, p. 7; *CWB*, nº 6-7 (1995-1996), p. 159 (Mao ao embaixador soviético Iúdin, 22 jul. 1958). *Plano original*: 20 jan. 1935, em **ZZWX* vol. 10, p. 479. *Tucheng*: *Jin Chongji et al. 1996, p. 346; *Guo Chen, pp. 198-202. *Baixas*: *Ye Xinyu, pp. 207-8; *Song Renqiong, pp. 63-5; Xiao Hua, citado em Salisbury 1985, p. 372, n. 11.

Mao a Mikoyan, emissário de Stálin: 3 fev. 1949, Tikhvinsky 2005, p. 65

Lin Biao: Braun 1982, p. 110. *Plano original substituído*: **ZZWX* vol. 10, p. 483. *Retomar Zunyi*: *Wang Jialie, pp. 90-2.

Entrevista com um dos historiadores, ago. 1997.

Designação de Mao: *Mao 1993b, vol. 1, p. 450. *Vitória de Pirro*: *Wang Yan et al., p. 132-3; *Huang Kecheng, p. 134. *5 & 10 mar.*: **ZDJC* vol. 15, p. 434. *Mao perdeu posto*: *Cheng Zhongyuan, pp. 218-9.

Triunvirato: ib.; *Zhou 1972, p. 69. *Derrota de Maotai*: palestra de Mao, 10 set. 1956, em **DDWX*, 1991, nº 3, p. 7; *Peng 1998, p. 118; *Chen Jiren, p. 90; *Birô de História Militar, MND, pp. 883-4; telegramas dos nacionalistas (e relatório de Lin Biao), em *Arquivo de Guizhou, pp. 123-5; também em **Guizhou Ciências Sociais* & Museu Guizhou, pp. 612-13. "*Travessia para o leste*": **ZDJC* vol. 15, pp. 436-7. "*Em círculos*": Braun 1982, p. 110. *Exército de Kuo-tao*: *Xu Xiangqian, pp. 263, 268. "*Tour de force*": Nie, p. 218. *Chiang perplexo*: *Yan Daogang, pp. 18-20.

Retirou unidades do exército da fronteira de Sichuan: *Sun Du, p. 136. "*Marchas forçadas*": Braun 1982,

pp. 113-14; *Guo Chen, pp. 213-4. *9º Corpo*: *Zhao Rong, pp. 167-88.

Nascimento de menina: Entrevistas com companheiros de marcha de Gui-yuan, 23 set. & 15 out. 1993, 14 set. 1994; *Wang Xingjuan 1987, pp. 199-200; *Zhang Xinshi, pp. 12-3. *Indiferença de Mao*: ib. entrevistas; *Wang Xingjuan 1987, p. 200. "*Como pôr ovos para uma galinha*": Entrevista com Zeng Zhi, 24 set. 1994; *Wang Xingjuan 1993, p. 8.

Atingida por uma bomba, *reação de Mao*: Entrevistas com companheiros de marcha, ib., e 12 set. 1997; *Wang Xingjuan 1987, pp. 204-8.

"*Para onde vamos?*": *Cai Xiaoqian, p. 296. *Lin Biao exclamou*: *Cheng Zhongyuan, pp. 220-1. *Lo Fu*: Braun 1982, pp. 114-5. *Mao lívido*: Braun 1982, p. 115. *Uma jovem*: *Liu Ying, pp. 66-9. "*Expandir para o sul*": ordem *Chen Jiren, p. 90.

Telegrama de 25 abr.: em *Chen Jiren, p. 90. *Avança para Sichuan*: *Mao 1993b, vol. 1, pp. 453-4; *Academia de Ciências Militares do ELP, p. 68. *Travessia do rio Areia Dourada*: Braun 1982, p. 113; *Song Renqiong, pp. 71-2; *Academia de Ciências Militares do ELP, pp. 69-70; telegramas dos nacionalistas, em *Arquivo de Yunnan, pp. 226-9; *Li Yimang, pp. 199-200; Salisbury, pp. 309-10.

Huili, *Peng*: *Comitê de História do Partido de Sichuan, pp. 60-2; Peng, pp. 368-71; *Liu Ying, pp. 71-3; *Nie 1991, p. 231 (I: Nie, pp. 222-3); Braun 1982, pp. 115-16; *Li Rui 1989, p. 259.

"*Fui denunciado em seu lugar*": *Huang Kecheng, pp. 135-6. "*Ir para o norte*": *Mao 1993b, vol. 1, p. 455 *Mensagem de Chen Yun em Moscou*: RGASPI, 495/18/1011, pp. 13-14 (relatório de Chen ao Comintern, 15 out. 1935, como emitido) & RGASPI, 495/18/1013, p. 73 (com mudanças e supressões manuscritas, aparentemente de Manuilsky); *VKP* vol. 4, pp. 915-17 (notas às minutas do Secretariado do CEIC, 15 out. 1935) e ib., p. 877; *Zhang Wentian 2000, p. 249.

Mito de Dadu: Snow 1973, pp. 194-9, esp. p. 199. *Ausência de tropas nacionalistas em Dadu*: telegramas nacionalistas, em *Arquivo de Sichuan, pp. 142, 150-3, 160.

Mulher de 93 anos: Entrevista junto à ponte de Dadu, 1º set. 1997. *A ponte não queimou*: ib. entrevista; China *Daily*, 1º & 2 ago. 1983, citado em Hanson 1986, p. 281. *Nenhuma baixa de batalha*: **Zhanshi* (Soldado), panfleto do Departamento Político do Exército Vermelho, nº 186, 3 jun. 1935; *Academia de Ciências Militares do ELP, p. 95. *Descrição do guarda-costas de Chou*: Wei Kouo-lou, p. 50.

Peng sobre Dadu: Payne 1947, p. 323 (entrevista de Peng, 12 jun. 1946). "*Caíram*": *Kang Keqing, p. 153; entrevista com a mulher de 93 anos, 1º set. 1997. *Mito da travessia de balsa*: visita ao local e entrevistas com moradores do lugar, set. 1997. *Dificuldades*: Braun 1982, p. 120; *Guo Chen, p. 231.

"*Torná-lo mais dramático*": Brzezinski, "America and the New Asia", discurso no Stanford Institute for International Studies, 9 mar. 2005, p. 3. *Mao escalou a montanha*: *Wu Jiqing, pp. 245-9.

Kung-Bogomólov: *DVP* vol. 18 (1935), p. 438. "*Assistência material*": Braun 1982, p. 121; telegrama de Mao, 16 jun. 1935, *Mao 1993a, vol. 1, p. 358; (I: *MRTP* vol. 5, p. 16).

14. A LONGA MARCHA III: O MONOPÓLIO DA CONEXÃO COM MOSCOU

Zhu De lamentou: *Zhang Guotao, vol. 3, pp. 221-2 (I: Chang Kuo-tao, vol. 2, p. 379)"*Tão ambicioso quanto Mao*": Braun 1982, p. 123

Queria ser "*senhor da guerra*": *Xu Xiangqian, pp. 285-6. "*Como podem*": *Kuo Hua-lun, vol. 3, p. 60 (I: Kuo, W., vol. 3, p. 82). *Enchente de reclamações*: *Zhang Guotao, vol. 3, pp. 245-6 (I: Chang Kuo-tao, vol. 2, p. 402). "*Sentados em cadeirinhas*": ib., p. 223; entrevista com um participante da Longa

Marcha, 3 set. 1997.

Diferença entre a vida e a morte: *Guo Chen, pp. 71-3; *Liu Ying, p. 74; *Su Ping, pp. 94-5; *Xu Xiangqian, p. 288. "*Lutar por comida*": *Li Yimang, p. 168; *Xu Xiangqian, pp. 262-3. "*Dívida externa*": Snow 1973, pp. 203-4. "*Cavalaria bárbara*": *Museu da Revolução Chinesa, pp. 205-7. *18 de julho*: *Mao 1993b, vol. 1, p. 463. "*Perto da União Soviética*": Mao, 6 ago. 1935, em *Ding Zhi, p. 19; Sheng, p. 24.

Operação para ir para o norte: chamada "Operação Xiao-Tao", em **ZZ4*, Período da Longa Marcha, pp. 95-101. *Telegrama de Mao, 15 ago.*: ib., p. 123. *Resposta de Kuo-tao*: ib., pp. 124-5. *Resolução*: **ZZ4* Período da Longa Marcha, pp. 126-8. *Mao descobrira*: *Yang Chengwu, pp. 214-17. *No pântano carregado na liteira*: entrevistas com historiadores que fizeram ampla pesquisa, ago. & set. 1997.

"*Amontoadas sob a chuva*": relatório de Lin Biao, 21 ag. 1935, *Arquivo Central 1996, p. 297.

Descrição vívida: Braun 1982, pp. 136-7. *Outro participante da Longa Marcha*: *Li Weihan, pp. 362-3. *Sra. Lo Fu*: *Liu Ying, pp. 82-3. *Quatrocentos morreram*: *Zhou 1991, p. 290.

Mao pressiona Kuo-tao: telegramas em 24 ago. & 1º set. 1935, **ZZ4*, Período da Longa Marcha, pp. 132-3, 138. *Em 2 de setembro*: *Arquivo Central 1996, p. 309. *Um dia depois*: *Arquivo Central 1996, p. 310. *Estacionar*: telegramas de Chang, 3 & 9 set. 1935, em **ZZ4*, Período da Longa Marcha, pp. 139, 144. *8 de setembro*: ib., p. 141.

Levantar acampamento naquela noite: *Li Weihan, p. 364. "*Levantem*": *Liu Ying, p. 83. *Mapas*: *Peng 1981, p. 203 (I: Peng, p. 377); *Xu Xiangqian, p. 302. *Peng ao lado de Mao*: *Peng 1981, p. 202 (I: Peng, p. 376). "*Exército Vermelho não deve*": *Xu Xiangqian, p. 302.

Telegrama, 10 set. 1935, *Arquivo Central 1996, p. 320; Saich 1996, pp. 685-6 (Resolução, 12 set. 1935); **ZZ4*, Período da Longa Marcha, pp. 153-4; Dallin & Firsov, p. 97 (telegrama do PCC a Wang Ming, 26 jun. 1936); RGASPI, 495/2/267, pp. 19-27 (telegrama do PCC a Dimítrov, 27 maio 1938, com relatório de 19 abr. 1938 sobre expulsão de Chang Kuo-tao).

"*Nariz Grande*": *Cai Xiaoqian, pp. 376-7; Braun 1982, pp. 137-8.

Única vez perto de Mao: *Cai Xiaoqian, p. 377. *Chiang disse ao governador*: telegrama, 13 set., em *Arquivo de Shaanxi, pp. 251-2. "*Na manhã seguinte*": **ZZ4*, Período da Longa Marcha, p. 148. *Moscou ao PCC referente à base do norte de Shaanxi*: NA, HW 17/3 (telegrama de Moscou, 3 maio 1934 nºs 106-15).

"*Não havia inimigos*": Braun 1982, p. 141; telegrama de Mao, 18 set. 1935, *Mao 1993a, vol. 1, p. 369; *Hsu Chen 1990, p. 117; *Song Renqiong, p. 92.

Hospitalidade: Braun 1982, p. 141; *Cai Xiaoqian, p. 382. *Mil se entregaram*: *Birô de História Militar MND vol. 5, p. 964. "*Recolher*": *Mao 1993b, vol. 1, p. 478. "*Durante a marcha*": *Huang Kecheng, pp. 144-5.

Cheng, J., pp. 593-8.

"*Estávamos famintos*": *Li Yimang, pp. 213-14. "*O momento mais negro*": Snow 1973, p. 432. *Mensagem de Chen Yun, endosso de Moscou*: RGASPI, 495/18/1011, pp. 13-14; RGASPI, 495/18/1013, p. 73 (Relatório de Chen Yun ao Comintern, 15 out. 1935); *VKP* vol. 4, pp. 915-17 (notas às minutas do Secretariado do CEIC, 15 out. 1935); cf. ib., p. 877; *Pravda*, 13 dez. 1935 (assinado por A.M. Khamadan). *Mensageiro, contato por rádio com Moscou refeito*: *Xiong & Li, p. 92; Dallin & Firsov, p. 99 (PCC a Wang Ming, 26 jun. 1936). Liao Hui, em *Comitê de Documentos Históricos do ELP, pp. 282-3. *A palavra de Stálin*: telegrama de Zhang Hao, 14 fev. 1936, em **ZDJC* vol. 15, p. 478.

Chiang se encontrou com Bogomólov: *DVP* vol. 18 (1935), pp. 537-9 (telegrama de Bogomólov, 19 out. 1935); *Huang Xiurong, pp. 64-5.

Chen Li-fu: Entrevista, 15 fev. 1993; AVPRF, 0100/20/184/11, pp. 11, 14-5. *Refém fica*: Chiang

Ching-kuo, pp. 178 ss.

15. A CONVENIENTE MORTE DO ANFITRIÃO DE MAO

"*Um conspirador*": Ybañez, p. 4; cf. Aguado, p. 258. *Mao observou oportunamente*: 12 set. 1935, **ZZ4*, Período da Longa Marcha, p. 151. *Enviados do Partido*: **ZZ25*, pp. 436-7; Nie Hong-jun, em **GZ*, nº 1, 1981. *Expurgo*: **ZR* vol. 3, pp. 218-9; *Sima Lu 1985, pp. 227-33; Xi Zhongxun, em **RR*, 16 out. 1979; Vladimirov 27 abr. 1945.

Árbitro benigno: *Mao 1993b, vol. 1, p. 484. *Um posto menor*: **ZR* vol. 3, p. 221; Ma Wenrui, em **Lembrando Mao Zedong* vol. 1, p. 109; *Mao 1993b, vol. 1, pp. 499, 501.

Expedição: estratégia, resolução do Partido, 23 dez. 1935, *Mao 1993a, vol. 1, pp. 413-21; *MRTP* vol. 5, pp. 77-83; *Peng 1981, pp. 210, 213-4 (I: Peng, pp. 391 ss.). *Morte de Chih-tan*: *Pei Zhouyu, pp. 70-1; cf. Apter & Saich, pp. 53-4; mais sobre Pei, em *Song Renqiong, p. 106; *Shu Long, p. 238. *Sequência de eventos*: *Mao 1993b, vol. 1, pp. 532-5.

Viúva mantida longe: entrevista com a viúva Tong Guirong, em *Comitê de Compilação "Mao e eu" 1993, p. 109. "*Uma surpresa*": **ZR* vol. 3, p. 226. *Morte dos dois principais comandantes*: **ZR* vol. 39, pp. 152-3; *Song Renqiong, p. 101; cf. *Wang Jianying 1986, pp. 271, 275.

16. O SEQUESTRO DE CHIANG KAI-SHEK

"*Minha primeira impressão*": Leonard 1942, p. 21. "*Como um pai*": *Chiang, p. 1020.

Kolpakidi & Prokhorov 2000, vol. 1, pp. 182-3 (de fontes da GRU); papel-chave desempenhado também pelo predecessor de Sorge, Salnin. Confirmação indireta disso é uma foto do trem bombardeado do Velho Marechal no livro de Vinarov (ao lado da p. 337) com a legenda: "Fotografia do autor".

Tenta visitar a Rússia: *Zhang Xueliang, pp. 651-2; Bertram, p. 98. "*Escória*": declaração de 1º ago., **ZZWX* vol. 10, p. 519 (I: Saich 1996, p. 693). *Mergulhados em conversações*: AVPRF, 0100/20/184/11 (relatório de Bogomólov, 28 nov. 1935); Mirovitskaya 1975, pp. 170-2; cf. AVPRF, 09/25/98/22, pp. 60-59 [*sic*] (relatório de Uritsky (GRU)); *Zhang Xueliang, pp. 924, 938. "*Voar o aeroplano inclinado*": Leonard 1942, p. 21. *Risadinha de satisfação*: entrevista com o Jovem Marechal, 17 fev. 1993. *Ele queria o apoio de Moscou*: AVPRF, 0100/20/184/11, p. 109 (relatório de Bogomólov sobre suas reuniões com o Jovem Marechal, 24 & 25 jul. 1936).

Russos trataram de engodá-lo: AVPRF, 0100/20/184/11, p. 109. *Mao instruiu seu negociador*: telegrama de Mao, 20 jan. 1936, em *Yang Kuisong 1995, p. 38.

Os filhos de Mao: *Ren & Yu, pp. 4-8; *Liu Yitao, pp. 52-5; entrevista com um membro da família de Mao, 23 out. 1995.

Stálin pessoalmente envolvido: de acordo com Boris Ponomaryov, alto funcionário soviético envolvido no tratamento dos filhos de Mao (entrevista na Rússia, jun. 1995); "Moskvin" (Trilisser) a Stálin, 29 maio 1936, em *Yang Kuisong 1995, p. 162. "*Como a Mongólia Exterior*": em *Yang Kuisong 1995, pp. 89. *Primeiro telegrama*: Dallin & Firsov, p. 99; *Yang Kuisong 1995, pp. 101-3; para a data, cf. *Shi Jixin, pp. 48-9; Mirovitskaya 1975, p. 104. *Enviado a Stálin*: Dallin & Firsov, p. 96 (Dimítrov a Stálin, início de jul. 1936).

Ordem marcante de 15 de agosto: Dallin & Firsov, pp. 102, 104-5. *Conversas sobre Frente Unida*: *Huang Xiurong, pp. 79-82, 130. *Chiang iniciou a aproximação*: *DVP* vol. 18 (1935), pp. 599, 602. *Continuaram a enganá-lo*: AVPRF, 0100/20/184/11, pp. 108-9 (relatório Bogomólov); *Fan & Ding, pp. 220-5. *Stálin endossou um plano*: Davies et al., pp. 351-2. *Lista dos desejos de Mao*; *resposta do Comintern*: em *Yang Kuisong 1995, pp. 218-19; cf. Sheng, pp. 28-9; Dimítrov, 11 & 20 set., 6 nov., 2 dez. 1936; Mirovitskaya 1975, p. 104; *MRTP* vol. 5, pp. 360-1. (telegrama de Mao, 19 set. 1936); Cherepanov 1982, p. 307.

"*Irei para a prisão*": *Xu Xiangqian, p. 334. *550 mil dólares*: *Yang Kuisong 1995, p. 236; cf. Dimítrov, 2 dez. 1936; Mirovitskaya 1975, p. 104 (enviados 300 mil por mês).

Palestra de Ho Lung, 2 fev. 1961, **ZZ2*, pp. 657-8; *Wen Yu, p. 102.

Plano para sequestrar Chiang: Li Youwen, em *Yang Kuisong 1995, pp. 336-7. *Aposta*: a Sun Mingjiu e outros, em *Wu Zuzhang, p. 216. *Contou a Yeh*, *Yeh a Mao*: Titov 1981, p. 143. *Zhang Kuitang, p. 191; *Yang Kuisong 1995, pp. 264-5. *Titov*: Titov 1981, p. 143. "*Elabore um plano*": Dimítrov, 26 nov. 1936.

"*Venha imediatamente*": *Yang Kuisong 1995, p. 283. *Mentira ao Jovem Marechal*: telegrama de Mao, 10 dez. 1936, em *Arquivo Central 1997, p. 174. "*Boas notícias pela manhã*": *Ye Zilong, p. 39.

17. UM ATOR NACIONAL

"*Ria como louco*": *Zhang Guotao, vol. 3, p. 330 (I: Chang Kuo-tao, vol. 2, p. 480). *Primeiros telegramas a Moscou*: *Zhang Xueliang, pp. 1124-5, 1133, 1149. "*A melhor opção*": em *Zhang Xueliang, p. 1124. "*Levar a cabo a medida final*": telegrama a Mao, 17 dez. 1936, em *Arquivo Central 1997, p. 213. *Pediu um avião para Chou*: dois telegramas de Mao em 13 dez. 1936, em *Arquivo Central 1997, pp. 181, 182 (I: um em *MRTP* vol. 5, p. 540).

"*Fizemos arranjos com o Comintern*": *MRTP* vol. 5, p. 540 (telegrama de 13 dez. 1936).

Pravda *e* Izvestia: em *Zhang Xueliang, pp. 1138-9. *Não havia avião para Chou*: telegramas de Mao, 15, 16, 17 dez. 1936, em *Arquivo Central 1997, pp. 204, 211, 212 (I: telegrama de 17 dez. em *MRTP* vol. 5, p. 551). *Mandou seu Boeing*: Leonard 1942, p. 99. *Fingiu que faria isso*: telegrama de Chou a Mao, 17 dez. 1936, em *Arquivo Central 1997, p. 213. "*Atacar a cabeça do inimigo*": em *Arquivo Central 1997, p. 202, cf. 189 (I: *MRTP* vol. 5, p. 550).

"*As jugulares do inimigo*": em *Arquivo Central 1997, p. 212 (I: *MRTP* vol. 5, p. 551).

H.H. Kung: *Kung Hsiang-hsi, p. 83. *Stálin estava na linha*: Dimítrov, 14 dez. 1936; cf. Avreyski, p. 244. *Assistente chinês de Dimítrov*: Krymov, p. 289. *Artúzov*: Damaskin, pp. 153-4 (foto de carta); Piatnitski, p. 422; entrevista com Wang Dan-zhi, 21 jun. 1999. *Dimítrov escreveu a Stálin*: *VKP* vol. 4, pp. 1084-5 (carta, 14 dez. 1936); cf. Dimítrov, 14 dez. 1936; Dallin & Firsov, p. 106.

Mao em conluio com o Japão?: Vaksberg, pp. 220 ss.; Piatnitski, p. 134.

Dura mensagem de Dimítrov: *VKP* vol. 4, pp. 1085-6; Dimítrov, 16 dez. 1936; Dallin & Firsov, pp. 107-8. "*Ficou enfurecido*" (*Mme Sun Yat-sen*): Snow 1968, p. 2. *Primeira declaração oficial do* PCC: *Arquivo Central 1997, pp. 200-1 (I: *MRTP* vol. 5, pp. 547-9).

Alegação de Mao em *Yang Kuisong 1995, pp. 327, 329; *procedimento normal*: nossa entrevista com Kang Yi-min, 9 set. 1997; nenhum telegrama "reenviado" foi encontrado nos arquivos do Comintern (*VKP* vol. 4, p. 886).

"*Considerável remorso*": *Chiang, pp. 1022-3; Chiang 1985, p. 17. *Chiang mandou mensagem*: em

*Zhang Xueliang, p. 1166. *Telegrama repetido de Moscou*, *Mao*: "*restaurar a liberdade*": *Arquivo Central 1997, pp. 240, 244-5; *Yang Kuisong 1995, pp. 329, 333-4; telegrama de 21 set. em Saich 1996, p. 770. *PCC reivindica*: Mao a Chou, 21 dez. 1936, *Arquivo Central 1997, pp. 244-5. *Chiang recusou-se a ver Chou*: Snow 1968, p. 12. *O embaixador de Chiang em Moscou*: *Li Yizhen, p. 409; *Jiang Tingfu, p. 184. *Promessa de libertar Ching-kuo*: Wang Bingnan estava junto à porta e escutou isso, memórias inéditas, citado em Han 1994, p. 154.

18. NOVA IMAGEM, VIDA NOVA E ESPOSA NOVA

O próximo estágio: *VKP* vol. 4, pp. 1091-2, 1097 (telegramas do Comintern ao PCC, 20 jan. & 5 fev. 1937; I: Web/Dimítrov); *Huang Xiurong, pp. 190, 202; **ZDY*, nº 3, 1988, p. 80. *Compromisso público do PCC*: 10 fev. 1937, *MRTP* vol. 5, pp. 606-7. *Em troca*: *Huang Xiurong, pp. 204 ss.; *Wang Zicheng, p. 27. *Refém libertado*: Tikhvinsky 2000, p. 40 (minutas do Politburo soviético); cf. Mirovitskaya 1999, pp. 43, 245; *Chiang, p. 1079.

Tikhvinsky 2000, p. 44 (Bogomólov a Poskryobyshev, chefe do Secretariado de Stálin); Larin, pp. 35-8; Chiang Ching-kuo, pp. 182 ss.; Dimítrov, 28 mar. 1937; Taylor 2000, p. 77 (de Vladivostok).

Papel de Kang Sheng: Taylor 2000, p. 76; *Wang Guangyuan, pp. 202-3.

Designou o espião Shao: *CCPPC 1985a, p. 242. *Autobiografia de Mao*: *Mao 1937. *Dedicatória de Mao*: em *Xun Yuanhu et al., p. 1 (I: *MRTP* vol. 5, p. 697). *Visita de Snow*: *Fang & Dan, pp. 138-49.

George Hatem: entrevista com sua viúva, 17 mar. 1998; *Yuan & Liang, pp. 210-5; *Sima Lu 1952.

Snow engoliu in toto: Snow 1973, p. 355; cf. p. 95; *Mao 1993, pp. 67-8; *Mao 1937, p. 91. *Mao checa tudo*: Snow 1968, p. viii; id., 1973, p. 106. "*Não me mande mais*": Snow, H. 1961, p. 166. *Sem* "*censura*": Snow 1973, p. 96. "*Honestas e verdadeiras*": em *Mao 1937, p. 91. Jornada ao oeste: *Hu Yuzhi, pp. 184-5. "*O Grande Yu*": tradutor Wu Liangping, em *Zhang Suhua et al., p. 129.

Residências de Mao: visita a Yenan e entrevistas com moradores do lugar, out. 1994; *Cheng Zhongyuan, p. 480; *Shi Zhe 1992, p. 206.

"*Quarenta dias*": Mao a Gao Gang, entrevista com uma pessoa íntima, 3 out. 1994. *Lily Wu*: Snow, H. 1972, pp. 252, 250. *Smedley e Mao*: Smedley 1944, pp. 23, 121, 122; Marcuse, p. 286; *MRTP* vol. 5, pp. 611-23 (entrevista de Mao, 1º mar. 1937); ib., p. 629 (carta de Mao a E. Snow, 10 mar. 1937). "*Caminhava no salão*": entrevistas com várias mulheres que dançavam habitualmente com Mao; *Quan Yanchi 1991, p. 217. "*Abraço apertado*": Snow 1956, p. 6. "*Porco, filho da puta*": Snow 1956, pp. 10 ss.

Mao e Ding Ling: *Mao 1993b, vol. 1, p. 660; *Yang Guixin, p. 43; *MRTP* vol. 5, p. 573 (poema de Mao, dez. 1936).

Artigo de Karmen: "U Mao Tsze-duna" (Na casa de Mao Zedong), *Izvestia*, 8 jul. 1939; Karmen 1941, p. 108. *Gui-yuan e filha em Moscou*: *Wang Xingjuan 1993, esp. pp. 2-13, 27-59; *Liu Ying, pp. 113-15, *Wang Guiyi, p. 54; entrevista com pessoas que conviveram com ela em Moscou, 6 out. 1993 & 7 set. 1998; Lee & Wiles, pp. 111 ss. *Gui-yuan recebe ordem para não voltar*: *Liu Ying, p. 113.

Jiang Qing: Witke 1977, pp. 143 ss.; Terrill 1986, pp. 20 ss.; *Ye Zilong, pp. 64-5; *Wang Suping; *Ye Yonglie 1996; *Zhu Zhongli 1989, pp. 72-3, 176-7.

"*Reputação bem ruim*": entrevistas com Xie Fei, então esposa de Liu Shao-chi, 14 set. 1994; Li Qiong, esposa de Yang Fan, mencionou a carta de seu marido contra o casamento, 17 abr. 1996; Kuo, W., vol. 3, pp. 520-1. *Divertiu seus carcereiros*: *Shi Zhe 1992, p. 219; *Zhong Kan, p. 76. "*Vou me casar amanhã*": *Liu Ying, pp. 117-8. *Kang de preto*: entrevistas com veteranos de Yenan, 15 & 17 out. 1993;

*Sima Lu 2004, p. 83. "*Seu passado não é problema*": *Zhu Zhongli 1989, p. 174; *Shi Zhe 1992, pp. 218-21.

19. INFILTRADO COMUNISTA DEFLAGRA A GUERRA ENTRE CHINA E JAPÃO

Chiang não declarou guerra: diário de Chiang, 8 ago. 1937, *Chiang, p. 1144. *O Japão não queria guerra total*: *Ma Zhendu 1986, pp. 214-16, 220-1; *CCPPC (Tianjin) vol. 1, pp. 334-6, 360-1. "*Foi lugar-comum*": Abend, p. 245. *Perigo muito direto para Stálin*: cf. *CCPPC (Tianjin), vol. 1, pp. 334-6, 360-1; Mirovitskaya 1999, pp. 41 ss.; Haslam, pp. 88 ss.

"*No verão de 1925*": *Zhang Zhizhong, pp. 664-5. *ZZZ defende "primeiro ataque" em Xangai*: telegrama de ZZZ a Nanjing, 30 jul. 1937, e resposta de Nanjing, em *Zhang Zhizhong, p. 117; *Shi Shuo, p. 90. *ZZZ encenou incidente, japoneses quiseram esfriar*: *Zhang Zhizhong, p. 117; *Liu Jinchi, pp. 41-2; *Shi Shuo, p. 91; *Dong Kunwu, pp. 131-2.

ZZZ quer guerra, Chiang reluta: telegramas, em *Zhang Zhizhong, pp. 121-5; em *Segundo Arquivo 1987a, pp. 264-5, 287-8; em **ZS* vol. 2, nº 2, pp. 169-70.

ZZZ expande ofensivas, guerra total inevitável em 22 ago.: *Zhang Zhizhong, pp. 125-6; *Chiang, p. 1150. *Ajuda russa*: *DVP* vol. 22 (1939), livro 2, pp. 507-8, n. 27; Mirovitskaya 1999, pp. 41 ss.; Vartanov. "*Perfeitamente encantados*": *FRUS* 1937, vol. 3, p. 636 (Bullitt a Washington, 23 out. 1937); cf. Haslam, pp. 92, 94. *Os russos que trataram com ZZZ executados*: Slavinsky 1999, pp. 123-6; cf. Dimítrov, 7 nov. 1937 (Stálin a Dimítrov); Tikhvinsky 2000, pp. 136, 154-5 (Stálin a Yang Jie).

Stálin mandou PCC: Avreyski, pp. 282-4; Grigoriev 1982, p. 42. "*Três Reinos*": em *Li Rui 1989, p. 223.

"*Agradeceria aos senhores da guerra japoneses*": Mao a visitante japonês, 24 jan. 1961, *Mao 1994, pp. 460-1 (I: Mao 1998, p. 353); também a comunistas japoneses, 28 mar. 1966, Kojima, p. 207. *Rússia "não pode ignorar os eventos no Extremo Oriente*": Mao a Snow, 16 jul. 1936, *MRTP* vol. 5, p. 262. *Conseguiu a aprovação de Chiang*: *Huang Xiurong, p. 264; *Zhou 1991, p. 377. *Ordenou aos comandantes comunistas*: muitos telegramas de Mao, especialmente os três de 25 set. 1937, em *Mao 1993a, vol. 2, pp. 57-61 (I: um em Saich 1996, pp. 793-4), também nos dias 12, 21 e 29, em *Mao 1993a, vol. 2, pp. 44, 53, 66 (telegrama de 21 em Saich 1996, pp. 792-3). "*Quanto mais terras o Japão tomar*": em *Li Rui 1989, p. 223; cf. Snow 1974, p. 169 (Mao a Snow, 9 jan. 1965).

Maioria dos japoneses dormindo: Hanson 1939, p. 104 (Lin a Hanson). *Relatório de Lin na Rússia*: RGASPI 495/74/97, pp. 1304-5 (Lin a Dimítrov, 5 fev. 1941, encaminhado a Stálin). "*Ajudando Chiang*": em *Li Rui 1989, p. 223; *Zhang Xuexin et al., p. 410. *Mao instava a parar de combater os japoneses*: telegramas, por ex., em 13 nov. 1937, em *Mao 1993a, vol. 2, pp. 116-17; cf. p. 66. "*Criaram as condições para nossa vitória*": Mao a visitante japonês, 24 jan. 1961, em *Mao 1994, pp. 460-1 (I: Mao 1998, p. 353). *Stálin definiu a linha*: Dimítrov, 11 nov. 1937; Tikhvinsky 2000, p. 151 (Stálin disse que teve outra reunião com Wang Ming em 18 nov. 1937). *Congresso do Partido, discurso de Wang Ming*: resolução do Politburo, 13 dez. 1937, **ZZWX* vol. 11, pp. 405-7; *Hu Qiaomu, p. 367.

Relatório de Lin Biao, 5 fev. 1941, *cit.*, p. 1304.

"*Cuidar da casa*": em *Li Rui 1989, p. 329; *Xiao Jingguang, pp. 200-8. *Tentou fazer o exército voltar*: troca de telegramas entre Mao-Zhu, em *Jin Chongji et al. 1993, pp. 437-42. *Resumo da reunião do Politburo*: 11 mar. 1938, em **ZZWX* vol. 11, pp. 430-65 (I: Saich 1996, pp. 802-12). *Prometeu não "interferir*": telegrama de Mao, 8 mar. 1938, em *Mao 1993a vol. 2, p. 190 (I: *MRTP* vol. 5, p. 254). *Anotações dos participantes confiscadas*: carta de Wang a Mao, 17 ag. 1950, em *Cao & Dai, p. 381. *Ren*

disse aos russos: Titov, vol. 3, pp. 234 ss, 249-50 (relatório de Ren ao Comintern, 14 abr. 1938); cf. Avreyski 1987, pp. 322, 333-4; **ZDJC* vol. 16, pp. 45-55.

Andriánov em Yenan: Titov, vol. 3, pp. 124, 197-200, 229-33; cf. Lurye & Kochik, p. 334 (carreira de Andrianov). "*Trinta divisões*": Dimítrov, 11 nov. 1937 (Stálin a Wang Ming, 11 nov. 1937). *Moscou critica o PCC*: Mif, p. 100; Nikiforov, pp. 115, 116. *Expurgo de Piatnitski*, *Miélnikov*: Piatnitski, esp. pp. 78-9, 92, 108, 117, 120-4; Vaksberg, pp. 218 ss. *Dossiê de Mao*: Vaksberg, pp. 220-1, 235, cf. 212 ss.; cf. Piatnitski, pp. 133-4.

Mao pediu dinheiro: Pan Hannian a Wang Ming em Wang a "Moskvin" (Trilisser), set. 1937, em Ovchinnikov, p. 10.

20. COMBATER OS RIVAIS E CHIANG — NÃO O JAPÃO

Xinjiang como local para pegar as armas russas: telegrama do Comintern, 3 nov. 1936, em *Yang Kuisong 1995, p. 224. *Mao designou o Contingente Ocidental*: PCC ao Comintern, 13 nov. 1936, em *Yang Kuisong 1995, p. 227; Titov, vol. 2, pp. 326-7. *Ordens contraditórias*: *Xu Xiangqian, p. 373.

"*Última gota de sangue*": 22 fev. 1937, em *Zhu Yu, pp. 272-3; cf. *Xu Xiangqian, pp. 365-6. *Fotos de partir o coração*: em *Arquivo de Gansu. *Sobreviventes*: RGASPI, 495/74/294, p. 19 (PCC, 9 abr. 1937, em Dimítrov a Stálin, 13 abr. 1937); *VKP* vol. 4, pp. 1117-18 (Dimítrov a Stálin, 17 jun. 1937); cf. Dallin & Firsov, pp. 109-10, n. 14; Dimítrov, 26 nov., 2 dez. 1936, 13 abr. 1937. Titov, vol. 2, pp. 325-30. *Kuo-tao denunciado*: resolução do Politburo, 31 mar. 1937, **ZZWX* vol. 11, pp. 164-8 (I: Saich 1996, pp. 755-8). *Ordem de Moscou para mantê-lo no Politburo*: 22 mar. 1937, Titov, vol. 2, pp. 333-4; Avreyski, pp. 267-9. *Enterrando sobreviventes vivos*: *Sima Lu 1952, pp. 78-9. *Tormentos arquitetados por Mao*": *Zhang Guotao, vol. 3, pp. 414-17 (I: Chang Kuo-tao, pp. 501 ss, 563); *Ye Zilong, p. 48.

Kuo-tao em Wuhan: carta do PCC a Dimítrov, 19 abr. 1938, RGASPI, 495/2/267, pp. 19-27; ordem de expulsão do PCC (18) e anúncio aos membros do Partido (19), **ZZWX* vol. 11, pp. 492-5. Declaração de Wang Ming et al., 28 abr. 1938, em *Jiang Xinli, pp. 381-6.

Após a deserção: *Yang Zilie, pp. 352-4; *Tong Xiaopeng, vol. 1, pp. 165-7; *Cai Mengjian, pp. 20-5; *Jiang Xinli, p. 421; Titov vol. 2, pp. 344 ss. "*Duzentos enterrados vivos*": Relatório a Chiang, 10 jul. 1938, em **ZS* vol. 5, nº 4, p. 475. *Moscou endossa expulsão*: 11 jun. 1938, em Titarenko, p. 283 (I: Kuo, W., vol. 3, p. 410); **ZDJC* vol. 16, pp. 56-8. *Acaba expurgo no Comintern*, *Mao fora de perigo*: Piatnitski, p. 454; Vaksberg, pp. 252-8. "*Sob a liderança chefiada por Mao*": rascunho do discurso de Wang Jia-xiang para a reunião do Politburo de 14 set. 1938 e para a subsequente 6ª plenária, em **WHY*, 1986, pp. 68-71; cf. Kampen 1987, pp. 712-6; Kampen 2000, pp. 93-6; Avreyski 1987, pp. 334-5; Titov, vol. 3, pp. 245-6. *Xu Zehao, pp. 296-305. *Wang Ming convocado de Wuhan*: *Xiao Jingguang, p. 233; *Zhu Zhongli 1995, pp. 99-100; *Zhou Guoquan et al., p. 351; Huang, J., p. 116.

Mao restabelece sua posição de líder: *Hu Qiaomu, p. 367; *Mao 1993b, vol. 2, pp. 90-1; *Xu Zehao, pp. 305-8. *Esticou a plenária*: *Mao 1993b, vol. 2, pp. 90-5; nota de rodapé ao discurso de Wang Jia-xiang, **WHY*, 1986, p. 68; *Zhou 1991, pp. 419-20; *Wang Xiuxin, pp. 230-6; *Peng 1998, pp. 205-6; *Xu Zehao, p. 308. *Oponentes foram embora*: *Zhou 1991, p. 420; *Wang Fuyi, p. 332; *Zhou Guoquan et al., p. 361.

Mao: "*a nação chinesa ergue-se*" *sob a liderança de Chiang*: relatório de Mao, 12-14 out. 1938, em *ZZWX vol. 11, p. 561, também pp. 560, 596, 606, 612-13, 642 (I: *MRTP* vol. 6, pp. 487, 461); cf. Titov, vol. 2, pp. 267 ss. *Palavras idênticas em 1949*: 21 set. 1949, em *Mao 1993-9, vol. 5, p. 342 (I: Kau & Leung, p. 5). *Liu apoiou estratégia de Mao*: *Liu 1996, vol. 1, pp. 241 ss.; *Xie Youtian, p. 222; cf.

Wang Ming, pp. 72-6; Titov, vol. 3, pp. 260-1; Huang, J., pp. 128 ss. *Mao impõe nova política e a mantém em segredo*: artigo de Luo Rui-qing, em *Luo Diandian 1987, p. 102; *Mao 1991, vol. 2, pp. 537-40 (I: *MRTP* vol. 6, pp. 545-7); *Wang Shoudao, pp. 200, 213; ordens em **ZZWX* vol. 11, pp. 760-9 (I: Saich 1996, pp. 841-4). *Kang trocou de lado*: *Shi Zhe 1992, pp. 209-13, 220; *Sima Lu 1952, p. 73; Huang, J., pp. 125 ss.; Byron & Pack, pp. 145-50.

Wang Ming retorna a Yenan: *Zhou Guoquan et al., p. 357; **ZR* vol. 16, pp. 325-8; *Sima Lu 1952, p. 123. *Peng*: *Mao* "*líder sábio*": *Wang Yan et al., p. 202. *Conversão de Chou para Mao*: Chou datou de maio de 1939 em um discurso de nov. 1943, *Jin Chongji et al. 1990, p. 563.

Mao só contou a Moscou em junho de 1939: Anderson & Chubaryan, pp. 21-2 (trecho do relatório do PCC ao Comintern, junho); cf. Titov, vol. 3, pp. 297 ss. *Karmen filma Mao*: Karmen 1941, pp. 109-15. *Lin Biao na Rússia*: Titov, vol. 3, pp. 358-63, 369. *Irmão de Mao vai para a Rússia*: Titov, vol. 3, pp. 363 ss. *Tse-min sobre Wang*: RGASPI, 514/1/1044, pp. 95-101 (relatório de Zhou Den [Mao Tse-min], "Depois de conhecer alguns documentos importantes do Partido", 6 dez. 1939); Titov, vol. 3, p. 375 (relatório de Tse-min, 22 jan. 1940); cf. *Hu Qiaomu, p. 367.

Entrevista com Wang Dan-zhi, jun. 1995.

Sobre Po e outros: RGASPI, 514/1/1044, pp. 13-29; *VKP* vol. 4, pp. 1129-39 (relatório de Tse-min, 26 ago. 1939, "Sobre os erros dos quadros Po-Ku, Li-De [Braun] e outros na liderança do Partido e do Exército Vermelho"); Titov, vol. 3, p. 375 (22 jan. 1940).

Chou na Rússia: Titov, vol. 3, pp. 386 ss.; Tikhvinsky 1996, pp. 341 ss., 523-5; Dallin & Firsov pp. 111-25 (Chou em Moscou, início de 1940); RGASPI 514/1/1006, pp. 48-9 (Chou interrogado por Mordvinov da KGB, 4 mar. 1940). *Tse-min sobre Chou*: Titov, vol. 3, pp. 376-7; cf. 368 ss. *Braun acusado*: relatório de Tse-min, 26 ago. 1939, *cit.*; Braun 1982, p. 263; *VKP* vol. 4, pp. 1144-51 (relatório de Braun, "Sobre meus erros no trabalho na China", 22 set. 1939); Titov, vol. 3, pp. 386-7 (relatório de Chou ao Comintern, início de jan. 1940).

21. O CENÁRIO MAIS DESEJADO: STÁLIN DIVIDE A CHINA COM O JAPÃO

Poema de Chen Tu-hsiu: em **YHCQ*, 1995, nº 6, p. 81. *Preocupação de Chiang*: *DVP* vol. 22, livro 1 (1939), p. 649 (a Pániushkin, 25 ago. 1939); cf. *DVP* vol. 22, livro 2 (1939), pp. 57-8, 64; Mirovitskaya 1999, pp. 63-4. *Mao entusiasmado*: *China Weekly Review*, 20 jan. 1940, pp. 277-8 (Mao a Snow, 26 set. 1939); Snow em (Londres) *Daily Herald*, 21 out. 1939; Snow 1973, pp. 446-8; *Mao 1993, pp. 146-51.

Saudou a tomada pela Rússia do leste da Finlândia: Titov, vol. 3, p. 411 (diretriz secreta de Mao, 25 jun. 1940). *Compara a China com a França dividida*: circular restrita em **ZZWX* vol. 12, p. 542. *Linha de demarcação*: Yangtze: instrução de Mao sobre a estratégia de desenvolvimento para N4E, 19 jan. 1940, em **ZZWX* vol. 12, p. 238 (I: Benton 1999, p. 741); Mao ao Politburo, 11 set. 1940, em *Mao 1993b, vol. 2, p. 205. *Relatório de Mao, 22 fev. 1940*: Titov, vol. 3, pp. 412-4.

Dimítrov a Mao, out. 1939, em Titarenko 1986, pp. 284-5 (I: Web/Dimítrov); cf. RGASPI, 514/1/1042, p. 8; Nikiforov, pp. 124-5; Titov, vol. 3, pp. 346-8; RGASPI, 514/1/1042, p. 7 (Mordvinov to Dimítrov, 13 nov. 1939).

Dinheiro para Mao: Dimítrov, 23 fev. 1940; Dallin & Firsov, p. 122; Anderson & Chubaryan, pp. 258-9 (Dimítrov a Vorochílov, 1º fev. 1940). *Rádio para Mao*: *Shi Zhe 1991, pp. 201-3. *Colaboração com a inteligência japonesa*: *Yin Qi 1996a, pp. 91 ss.; *Yin Qi 1996b, pp. 198 ss.; Iwai, pp. 80 ss.; entrevista com Seiichi Koizumi, 8 abr. 1999; Yick.

Takahashi, p. 213.

"*A tática do nosso Partido*": *Sima Lu 1952, pp. 210-11.

Porque o Japão deixou os comunistas em paz: entrevista com príncipe Mikasa, 2 mar. 1998. *Plano de Zhu e Peng para atacar japoneses, veto de Mao*: *Wang Yan et al., pp. 208-9; *Peng 1998, pp. 227-8. *Zhu detido*: *Jin Chongji et al. 1993, pp. 484-92.

Ovchinnikov, p. 95 (Vladímirov em Ilyitchev a Dimítrov, 6 maio 1944).

Mao espera que japoneses cheguem a Chongqing: Snow 1974, p. 169 (a Snow, 9 jan. 1965). *Peng lança Operação sem a permissão de Mao*: **ZDJC* vol. 16, pp. 368-70; também p. 320; *Peng 1981, p. 236 (I: Peng, p. 438); *Peng 1998, p. 232; *Li Rui 1989, p. 223; Van Slyke. *Japoneses sobre a Operação*: *CCPPC (Tianjin) vol. 1, pp. 574-5; *Agência de Defesa do Japão, pp. 309-10. *Chou telegrafa a Mao*: *Zhou 1991, p. 465; *Museu Militar Revolucionário, pp. 488-91.

Mao faria Peng pagar caro: *Peng 1981, pp. 239-40 (I: Peng, pp. 442-5); *Wang Yan et al., p. 287. *Chiang oferece troca*: *Chiang, pp. 1605-8. (Muitos documentos sobre o Incidente do N4E em Benton 1999, pp. 754-818). *Mao recusa oferta*: *Huang Xiurong, p. 437. *Pániushkin*: Pániushkin, p. 101. *Mao telegrafa a Moscou*: Titov, vol. 3, pp. 418-22.

Segundo prazo: *Comitê do *Incidente no Sul de Anhui*, pp. 81-2. "*Intimidá-lo*": Mao a Chou, 3 nov. 1940, em *Arquivo Central 1982, pp. 38-9; também p. 75. *Telegrama de 7 de novembro*: em Dallin & Firsov, pp. 128-30; cf. ib. pp. 126-8 (Dimítrov a Stálin, 23 nov. 1940 referente a Mao); cf. Pániushkin, p. 115, Titov, vol. 3, pp. 441 ss. *Agenda de Mólotov para Berlim*: *DVP* vol. 23, livro 2, parte 1 (1940-1941), p. 32. *Mólotov disse a Hider*: *DVP* vol. 23, livro 2, parte 1 (1940-1941), p. 71; Sontag & Beddie, pp. 246-7. "*Esfera de influência russa*": *Documents on German Foreign Policy*, Series D, vol. 2, pp. 512-13 (Ott a Ribbentrop, 11 nov. 1940); cf. Slavinsky 1995, pp. 67 ss. "*Reconhecer e aceitar*": "Draft Outline for the Adjustment of Japanese-Soviet Diplomatic Relations", Ministério do Exterior do Japão, Arquivos do Gaiko Shiryokan, Tóquio, Arquivo B100-JR/1, 2.100-23 (I: citado em Hosoya, em Morley 1980, p. 52; cf. ib., pp. 23-4).

Stálin a Tchuikov: Tchuikov 1981, pp. 56, 58. *Ordem a Mao, 25 de novembro*: Dallin & Firsov, pp. 127-8 (datação: ib., p. 126); cf. Titov, vol. 3, pp. 443-5. *Mao chegou à conclusão*: circular de Mao, 25 dez. 1940, em *Arquivo Central 1982, p. 117.

Outro papel de Tchuikov: Tchuikov 1971, p. 278.

22. ARMADILHA MORTAL PARA SEUS PRÓPRIOS HOMENS

Xiang Ying zombando de Mao: *Kuo Hua-lun, vol. 3, p. 276 (I: Kuo, W., vol. 3, p. 520, cf. p. 526). *Grupo de Xiang único N4E ao sul do Yangtze*: *Comitê *de História do N4E*, pp. 534 ss.; *Li Liangzhi, pp. 54-9; cf. Benton 1999, pp. 511 ss. *Mao mandou Xiang levantar acampamento* em 24 dez. 1940, em *Arquivo Central 1982, p. 116. *Chiang designou a Rota do Norte*: ordem de Chiang, 10 dez., em *Comitê do *Incidente do Sul de Anhui*, p. 94, cf. p. 84. *Mao confirmou*: Mao a Xiang, 29 dez., em *Arquivo Central 1982, p. 124. *Mao muda a rota*: Mao a Xiang, 30 dez., em *Arquivo Central 1982, p. 125. *Chiang não foi informado*: telegrama, 3 jan. 1941, em *Comitê do *Incidente do Sul de Anhui*, p. 102.

Resposta de Xiang a Chiang que nunca chegou: *Li Liangzhi, p. 211. *Todos os contatos com Chiang via Mao*: a partir de meados da década de 1940, *Huang Xiurong, p. 436; *Jin Chongji et al. 1993, p. 487. *Nacionalistas começaram a "exterminar" comunistas em 6 de janeiro*: **ZDZ* vol. 37, p. 33. *Mao fingiu que não tivera notícias de Xiang entre 6 e 9 de janeiro*: Mao a Liu, 9 jan. 1941, em *Arquivo Central 1982, p. 130. *QG do N4E apela a Mao*: telegramas, em *Arquivo Central 1982, pp. 131 ss.

Mao a Chou, 13 jan. 1941, em *Li Liangzhi, p. 211.

Telegrama de Xiang do dia 10 a Chiang suprimido de novo: em *Li Liangzhi, p. 211. *Mao informou Chou somente no dia 11*: telegrama de Mao em *Arquivo Central 1982, p. 135; Chou falou pela primeira vez com o general nacionalista Ku, em um tom mais de pesar do que de ira, entre 9-11 horas da noite do dia 11, telegrama em **ZS* vol. 5, nº 2, p. 541; também *Tong Xiaopeng, vol. 1, p. 224. *Mao moderou grau da crise no dia 12*: comparar Mao a Chou naquele dia com QG do N4E a Mao no dia 10, em *Arquivo Central 1982, pp. 137, 132. *13 de janeiro*: *protesto sério de Chou*; *Chiang já suspendera a matança*: dois telegramas de Chou a Mao no dia 13, ib., pp. 140, 142-3. *Mao iniciou campanhas de RP*: ordens, ib., pp. 138 ss. "*Derrubar Chiang*": Mao a Peng, 23 jan. 1941, em *Li Liangzhi, p. 295, e muitos outros telegramas, ib., pp. 294-7. *Chou encontrou-se com embaixador russo, que suspeitava de Mao*: Pániushkin, pp. 113 ss.; cf. Mirovitskaya 1999, pp. 64-6; Tikhvinsky 2000, p. 628 (Chou-Pániushkin, 15 jan. 1941). *Mao apela a Moscou por uma guerra civil total*: Titov, vol. 3, pp. 461-2; Dimítrov, 16 jan. 1941; Pániushkin, pp. 129-30; cf. RGASPI, 495/74/317, p. 75.

Tikhvinsky 2000, p. 628 (Chou-Pániushkin, 15 jan. 1941).

Reação de Dimítrov: Dimítrov, 18 jan. 1941; cf. Avreyski, pp. 384-5. *Stálin aborrecido*: Dimítrov, 21 jan. 1941. *Ye Ting*: RGASPI, 495/1/942; cf. ib., 495/154/353, p. 3. *Dimítrov culpou Mao*: Dallin & Firsov, p. 135 (Dimítrov a Mao, 4 fev. 1941, e a Stálin, 6 fev. 1941); cf. Dimítrov, 4, 5 & 6 fev. 1941. *Ordem, 13 de fevereiro*: Dimítrov, 12 fev. 1941. *Telegrama de Mao naquele dia*: a Dimítrov, em Dallin & Firsov, pp. 137-41; contraste com Mao a Dimítrov, 1º fev. 1941, ib., p. 136. *Carta incomum de Mao aos filhos*: 31 jan. 1941, *Mao 1984, pp. 166-7. Esta e algumas outras cartas de Mao aos filhos em Usov 1997, pp. 109 ss.; três cartas de An-ying a Mao interceptadas em NA, HW 17/55 (ISCOT 297, enviada 29 jul. 1944), HW 17/66 (ISCOT 1359, enviado 2 maio 1945), HW 17/67 (ISCOT 1475, enviada 28 nov. 1945); cartas de An-ying (a outros) em Romanov & Kharitonov, pp. 159 ss. *Morte de Xiang*: relato do assassino Liu Houzong, em **LD*, 1981, nº 2, pp. 81, 96; *Xu & Tang, pp. 613-9.

Mao condena Xiang: Resolução, jan. 1941, em **ZZWX* vol. 13, pp. 31-4 (I: Saich 1996, pp. 956-8); cf. Pániushkin, pp. 123-4. *Russos pressionam Chiang*: Tchuikov 1981, pp. 76, 78-9; Pániushkin, p. 127: Titov, vol. 3, p. 466; *DVP* vol. 23, livro 2, parte 1 (1940-1941), pp. 350 ss. *Chiang, p. 1667. *Pressão dos EUA*: Currie, "Notes...", *cit. Relatório de Currie a Roosevelt*: *FRUS* 1941, vol. 4, pp. 81-5; cf. Snow 1972, pp. 236-7. *Carlson*: Ickes, vol. 2, pp. 327-8; Wang, A., p. 328.

Embaixador britânico: Pániushkin, pp. 117, 129; Hayter 1974, p. 51. Gillies, pp. 114 ss. *Baixas*: telegrama de Mao, 1º fev. 1941, em *Mao 1993a, vol. 2, p. 622; carta de Ye Ting, fev. 1941, em *Comitê do *Incidente do Sul de Anhui*, p. 211. *Chiang não montara uma armadilha*: ib., pp. 388-419; *Li Liangzhi, pp. 232-45. *Chiang e comunistas não mencionam choques anteriores*: editorial do *Ta Kung Pao*, 10 mar. 1941, em **GS* vol. 3, pp. 257-60; *Wang Yan et al., p. 205. *Hemingway sobre Chou*: *Morgenthau Diary* vol. 1, p. 458 (carta a Morgenthau, 30 jul. 1941). *Artigo de Snow*: "Reds Fought off Chiang's Troops 9 Days in China", *NY-HT*, 22 jan. 1941; cf. Thomas, pp. 239, 373, n. 39; Farnsworth, pp. 375-8.

Hemingway sobre comunistas: *Morgenthau Diary* vol. 1, p. 460 (a Morgenthau, 30 jul. 1941).

Dissuadido de publicar por Currie: ib., p. 461 (Hemingway a Morgenthau, 30 jul. 1941). *Currie*: Sandilands, pp. 107 ss.; Persico, p. 378 ("amigo", não "espião"); **ZS* vol. 3, nº 1, pp. 533 ss. *Mensagem verbal*: Currie, "Notes" *cit.*, p. 2. *Relatório a Roosevelt*: *FRUS* 1941, vol. 4, pp. 81 ss, 83. *Chiang pediu intervenção do Kremlin*: Tikhvinsky 2000, pp. 629-32 (embaixador Shao Li-tzu a Lozovsky, 29 jan. 1941). *Mao referiu-se a Chiang como rebelde*: 1º fev. 1941, *Mao 1993a, vol. 2, p. 623.

Minutas da reunião de 22 fev. 1941 Currie-Chiang, p. 12; **ZS* vol. 3, nº 1, pp. 579-80, 586, 591-5, 622-3, 725-37.

Cenário de Mao, 25 de outubro de 1940: em *Arquivo Central 1982, p. 34 (I: Benton 1999, pp. 763-4). *Mudança espetacular, 6 de novembro*: em **ZZWX* vol. 12, p. 551.

23. A MONTAGEM DE UMA BASE DE PODER MEDIANTE TERROR

Mao sem dormir: *Yin Qi 1996a, p. 136. "*Parem os ataques aos nacionalistas*": 9 set. 1941, *Mao 1993a, vol. 2, p. 665. *Moscou queria que o PCC segurasse os japoneses*: Titov, vol. 3, pp. 470 ss.; Dallin & Firsov, pp. 141-6 (telegramas Mao-Dimítrov, jul. 1941); Sidikhmenov 1993, p. 30; Dimítrov, 9 jul. 1941 e ss.

Dimítrov, 21 jun. 1941; Andrew & Mitrokhin, p. 124; *OIRVR*, vol. 4, p. 214; cf. Peshchersky; carta não publicada de Yan Baohang, em *Wang Lianjie, p. 337; *Yin Qi 1996a, pp. 134-5.

Mao decidido a não lutar contra os japoneses: telegramas em *Mao 1993a, vol. 2, pp. 650-5; em **ZDJC* vol. 17, p. 119; cf. Titov, vol. 3, pp. 472-4.

Mao a Moscou: *não esperem muito*: Titov, vol. 3, pp. 470 ss.; Dimítrov, 18, 20 & 21 jul. 1941: Dallin & Firsov, p. 142. *Stálin telegrafou pessoalmente*: Pániushkin, p. 170; Titov, vol. 3, p. 472; *Shi Zhe 1991, pp. 213-7. *Mao enfureceu Moscou*: Pániushkin, pp. 169-70; Titov, vol. 3, pp. 470, 477-8; Tchuikov 1981, pp. 201-2; Vereshchagin, p. 42. *Mólotov*: Chuev 1999, pp. 141-2.

PCC "*sempre foi bonito*": discurso de Mao, 1º abr. 1938, em **DSYJ*, 1981, nº 4; (I: *MRTP* vol. 6, pp. 278-9).

Jovem voluntário descreveu: *Sima Lu 1952, pp. 45, 80.

Desigualdade: *Escola Central do Partido, vol. 2, pp. 26, 216-8; *Wen Jize et al. 1984, p. 50; *Mo Wenhua, p. 404; *Wang Enmao, vol. 3, p. 373; *Sima Lu 1952, pp. 50-1, 63-4; entrevistas com veteranos de Yenan na China. *Cruz Vermelha*: *Sima Lu 1952, pp. 88-9; **ZDC*, 1986, nº 3, pp. 71, 79.

Carro de Mao: *Zhu Zhongli 1995, p. 125; Snow 1941, p. 281; Karmen, p. 114; *Sima Lu 1952, p. 123. "*O sorriso do presidente congelou*": Zeng Zhi, em *Comitê de Compilação "Mao e eu", 1993a, p. 93. "*Um frango por dia*": *Sima Lu 1952, p. 64. "*Somente três coisas são iguais*": *Escola Central do Partido, vol. 1, p. 67. *Prisioneiros de guerra japoneses*: entrevista com Mitsushige Maeda, 8 mar. 1998. *Não podiam sair*: o escritor Xiao Jun pediu várias vezes a Mao um passe para ir embora; Mao o obstruiu pessoalmente, em *Wang Defen, pp. 105-10. *Cena em hospital*: *Sima Lu 1952, pp. 64-6.

Capturar mil desertores: *Wang Enmao; vol. 3, p. 385.

"*Lírios silvestres*": *Wang Shiwei, pp. 125-32; (I: em Dai Qing 1994, pp. 2-9, 17-20).

Mao perguntou irado: *Hu Qiaomu, p. 449. *Cartaz de Shi-wei*: *Wang Shiwei, pp. 139-40; *Wen Jize et al. 1984, p. 17.

Mao sobre Shi-wei: diário de Yang Guoyu, em **YQD*, p. 292; *Huang Changyong, p. 183; cf. Saich 1996, p. 1240 (Mao 24 abr. 1945). *Shi-wei sobre Trótski e Stálin*: *Wen Jize et al. 1993, pp. 83-5, 188, 191-3 (I: cf. Wen em Saich 1996, pp. 1115-16 e Dai Qing 1994, pp. 47-8). *Confissão robótica*: Wei Jingmeng em Dai Qing, p. 65. *Zhao Chaogou et al., p. 49. *Interrogador revelou*: *Wen Jize et al. 1993, p. 78. *Retalhado até a morte*: *Huang Changyong, p. 191. *Jovens voluntários transformados em suspeitos*: *Shi Zhe 1992, pp. 195-7; Li Yimin, pp. 29-43; Ling Yun, em *Wen Jize et al. 1993, p. 74; entrevistas com muitos veteranos de Yenan na China, 1993 ss.

Ordens de Mao: 15 nov. 1943, em **ZDJC* vol. 17, p. 385; 15 ag. 1943, em **WHY*, 1984, nº 9, pp. 10-14. *Dos verdadeiros suspeitos* "*cuidava-se sem fazer alarde*": entrevistas com Shi Zhe, 7 set. 1994, 11 set. 1997. *Instruções de Mao sobre tortura*: em **WHY*, 1984, nº 9, p. 12.

Comício de massa era "*guerra de nervos extremamente grave*": Ren Bi-shi, 13 maio 1944, em **ZDJC* vol. 17, p. 390; cf. Mao, 15 nov. 1943, em **ZDJC* vol. 17, p. 385; *Li Weihan, pp. 512-3; **YQD*, p. 262; *Unity Publishing, pp. 3ss.; *Chen Yung-fa, p. 112 (I: cf. Chen Yung-fa 1996); todos os nossos

entrevistados de Yunan corroboraram isso. "*Façam todos escreverem seus exames de consciência*": 6 jun. 1943, em **WHY*, 1984, nº 8, pp. 6-7; também p. 10. "*Conversa na cama*": *Unity Publishing, pp. 66-9, cf. *Chen Yung-fa, pp. 215, 219. *Anúncio de Mao em 8 de agosto*: em *Yang Kuisong 1997, p. 510. *Oitocentos temas*: *Escola Central do Partido, vol. 2, p. 140.

*Shi Zhe 1992, p. 215

Observação de jornalista de Chongqing: *Zhao Chaogou, pp. 15-19. *Helen Snow*: entrevista, 24 out. 1992.

Menos de 1%: *Kang Sheng 1944; cf. *Chen Yung-fa, pp. 130-1; *Li Yimin, p. 40. *Mao inflou estimativa*: 24 jan. 1944, em **ZDJC* vol. 17, p. 387. *Reabilitação na primavera de 1945*: entrevistas com vítimas; *Shi Zhe 1991, pp. 258-9; *Li Weihan, p. 514; *Wang Suyuan, p. 228. "*Muitas haviam enlouquecido*": *Bo Yibo 1996, p. 362. *Suicídios*: *Li Yimin, p. 38; *Wang Enmao, vol. 3, p. 386; *Cheng Min, pp. 151-99. "*Pesado golpe*": *Jiang Nanxiang, pp. 64-71.

"*Desculpas de Mao*": *Shi Zhe 1991, p. 259; *Li Weihan, p. 514; *Cheng Min, p. 26; *Hu Qiaomu, p. 281; *Wang Suyuan, p. 229; *Escola Central do Partido, vol. 1, p. 65; *Wen Jize et al. 1993, p. 109; entrevistas com veteranos, 25 out. 1994 & 17 mar. 1998. *Marca em "100%"*: *Li Rui 1989, pp. 349-50.

"*Pôr no papel todas as relações sociais*": ordem de Mao, 6 jun. 1943, em **WHY*, 1984, nº 8, pp. 6-7. "*Algumas pessoas acham*": *Mao 1995, p. 115; cf. *Mao 1993b, vol. 2, pp. 462-3. "*Ilusões sobre Chiang*": *Wang Enmao, vol. 3, p. 388. "*Quem é o construtor da nação chinesa*": *Wang Enmao, vol. 3, pp. 376-7. *Espionar para Chiang era a questão central*: *Kang Sheng, 15 jul. 1943, e vários documentos comunistas produzidos na campanha, no arquivo do Birô de Investigação, Taipé.

Tse-min recebe ordens para ficar e é aprisionado: *Zhu & Yi, pp. 368-89; *Shu Long, pp. 275-7; cf. Whiting & Sheng, pp. 238-9. *Russos instaram Chou a pedir a libertação deles*: AVPRF, 0100/31/220/13, p. 257 (Pániushkin-Chou, 10 abr. 1943). *Telegramas do PCC e de Mao, 10 & 12 fev.*; *Chou não levantou a questão*: *Huang Xiurong, pp. 557-8; *Zhou 1991, pp. 549-57. *Lin contou a Pániushkin*: AVPRF, 0100/31/220/13, pp. 240, 257; cf. Ovchinnikov, p. 62 (Godunov a Dimítrov, 14 ago. 1943).

24. O ENVENENAMENTO DE WANG MING

Reuniões do Politburo do outono de 1941: *Hu Qiaomu, pp. 193-9. *Quinze perguntas de Dimítrov*: Avreyski, pp. 409-11; Wang Ming, p. 38; em *Yang Kuisong 1999, pp. 130-1. *Wang exigiu debate*: *Hu Qiaomu, pp. 199-200.

Mao engaveta congresso: *Hu Qiaomu, pp. 194, 222-32. *Nove artigos bombásticos*: *Hu Qiaomu, p. 214; *Yang Kuisong 1997, pp. 507-8. *Obsessivamente ligado a eles até o fim da vida*: *Hu Qiaomu, pp. 214-5. *Escritos desafiadores de Wang*: fev. 1942, em *Zhou Guoquan et al., p. 404. *Dr Jin*: **ZDC*, 1986, nº 3, pp. 71, 79.

Descobertas do inquérito: Esse documento recebeu o título de "Duiyu Wang Ming tongzhi bing guoqu zhenduan yu zhiliao de zongjie" (Resumo do passado diagnóstico e tratamento das doenças do camarada Wang Ming), e foi assinado em 20 jul. 1943 por onze médicos de Yenan. *Wang descreveu o envenenamento em seu livro*: Wang Ming, pp. 38-46. *Vladímirov chegou*: *ORK*, 11 maio 1942. *Wang "às portas da morte"*: Dimítrov, 16 jul. 1942. *Wang: não contem com o PCC*: *ORK*, 18 jul. 1942. "*Espiões vigiam*", *moça linda, despede cozinheiro*: *ORK*, 20 & 22 jul. 1942.

Mao recusou-se a deixar Wang partir: *ORK*, 8 & 14 jan. 1943; Dimítrov, 15 jan. 1943. *Wang a Stálin*: Dimítrov, 1º fev. 1943; Wang Ming, p. 40; cf. Avreyski, pp. 430-5; Pantsov, p. 5, n. 5 ("maior trotskista na China"); Waack, p. 360, n. 16. *Mao a Dimítrov*: Dimítrov, 1 fev. 1943; cf. Avreyski, p. 433.

Dimítrov promete levar Wang: Dimítrov, 1º fev. 1943; Wang Ming, pp. 40. *12 de fevereiro*: receita na nota explicativa da esposa de Wang Ming ao "Resumo" do inquérito médico. *Ácido tânico*: "Resumo" do inquérito médico. *Resolução do Politburo de 20 de março*: em **ZDJC* vol. 17, pp. 344-6; cf. Kampen 2000, pp. 104-7; Saich 1996, p. 986. *Jogada sub-reptícia*: até alguém com posto tão elevado como o general Xiao Ke não sabia: entrevista com o general, 30 set. 1993; outros veteranos de Yenan também não sabiam: entrevista, 11 mar. 1998. *Receita do dr. Jin*: *ORK*, 23, 25 mar. 1943. *Mme Mao acusa Jin de agente nacionalista*: *ORK*, 28 mar. 1943.

Jin protegido: entrevista com Shi Zhe, assistente de segurança de Mao, 11 mar. 1998, e outros residentes do Jardim das Tâmaras. "*Wang envenenado*": *ORK*, 24 jul. 1943. *Chou cúmplice*: AVPRF, 0100/31/220/13, pp. 173-4 (Pániushkin-Chou, 10 abr. 1943), ib., p. 240 (Pániushkin-Lin Biao, 9 jun. 1943). *Zhou 1991, pp. 551-7.

Entrevistas com pacientes da elite e colegas de Jin, 23 out. 1995, 17 mar. & 6 set. 1998.

Chiang libera retorno de An-ying: a Chou e Lin, 7 jun., AVPRF, 0100/31/220/13, p. 240 (Lin-Pániushkin, 9 jun. 1943). *An-ying na Rússia*: Usov 1997, pp. 111-12; Dimítrov, 19 ago. 1943. *Mao segurou Wang*: *ORK*, 30 ago. 1943. *Segundo avião soviético*: *ORK*, 19 & 24 out. 1943; Siao, Eva, p. 131. "*Wang prorrompeu em lágrimas*": *ORK*, 28 out. 1943.

Muitos suspeitavam da verdade: entrevistas com veteranos, 11 mar. 1998 & 18 abr. 1999. *Reunião de 1º de novembro, caso fechado*: carta da esposa de Wang a Mao, 15 nov. 1943, em **ZDC*, 1986, nº 3, pp. 78-80; carta de Wang a Mao e ao Politburo, 1º dez. 1943, em *Zhou Guoquan et al., pp. 413-14; cf. *Hu Qiaomu, p. 298. *Estranhas coisas aconteceram*: *ORK*, 29 set. & 3 out. 1943. *Armas russas para Mao*: Tikhvinsky 2000, p. 802 (Pániushkin a Mólotov, 11 fev. 1944). *Dimítrov, 17 de novembro*: NA, HW 17/54 (telegrama de Moscou, 17 nov. 1943, ISCOT 168). *13 de dezembro*: TsDA, 146/6/1206; cf. Dimítrov, 23 nov. & 13 dez. 1943.

22 de dezembro: Dimítrov, 22 dez. 1943. *Mao, 2 de janeiro de 1944*: Ovchinnikov, pp. 84-5 (Vladímirov a Dimítrov); Dimítrov, 10 jan. 1944. "*Calma imperturbável*": *Shi Zhe 1991, pp. 238-9.

"*Havia pensado muito*": Ovchinnikov, p. 82. *Mao corteja Vladímirov*: *ORK*, 8 jan. 1944. "*Agradeço-lhe sinceramente*": Dimítrov, 10 jan. 1944; Ovchinnikov, p. 83; cf. *ORK*, 6 & 8 jan. 1944. *Visitou Wang*: *ORK*, 23 & 25 jan. 1944. *Dimítrov, 25 de fevereiro*: Dimítrov, 25 fev. 1944. *28 de março, para An-ying*: *ORK*, 28 mar. 1944; NA, HW 17/55 (An-ying a Mao, telegrafado 29 jul. 1944). *Dimítrov-Wang*: Dimítrov, 19 & 23 jan., 7 mar. 1944; *ORK*, 23 jan. 1944.

Comício denunciando Wang: Liu Ying, em **YQD*, p. 21; *Escola Central do Partido, vol. 1, p. 68. *Ameaçou condenar Chou*: Dimítrov, 22 dez. 1943 (a Mao); Yang Shangkun, em *Cheng Min, p. 25; *Yang Kuisong 1999, p. 153; *Li Weihan, p. 513; cf. AVPRF, 0100/29/205/11, pp. 276-8 (Chou-Pániushkin, 21 set. 1942) e RGASPI, 514/1/957, pp. 16-26 (relatório de Kogan & Shibanov a Dimítrov, 12 mar. 1943), em que ambos sugerem que Chou obteve garantias com os russos.

cf. Wang Ming, pp. 46-7.

"*Não se demore*": *Mao 1993b, vol. 2, p. 446. "*Não deixe seu coração*": *Gao Wenqian, p. 76. *Festa de* "*boas-vindas*": discurso de Chou, 2 ago. 1943, em *Zhou 1981, p. 138. *Chou penitenciou-se*: rascunho para discurso de Chou no Politburo em 15 nov. 1943, em *Gao Wenqian, pp. 78-9; cf. *Li Rui 1989, p. 287. "*Democracia, liberdade*": 6 jun. 1943, em *Mao 1993b, vol. 2, pp. 444-5; (I: JPRS, vol. 9, parte 1, pp. 130-1). *Simplesmente de* "*errado*": *Li Rui 1989, pp. 253, 287. "*Difícil suportar sozinho*": ib., p. 304. "*Fodido durante quarenta dias*": ib., pp. 248, 279-80, 287; cf. *Bo Yibo 1996, pp. 367-73; *Peng 1998, pp. 294-9; Schram 1974, p. 194: Mao, 24 set. 1962.

25. POR FIM, SUPREMO LÍDER DO PARTIDO

Criação da Guarda Pretoriana: relato do guarda Di Fucai, em **ZHEN*, 1994, nº 6, p. 26. *Jardim das Tâmaras*: entrevista com Li Hsiao-li, 22 out. 1995; *ORK*, 14 jul. 1942. *Shi Zhe 1992, p. 220; nossa visita a Yenan, out. 1994. *Ravina Posterior*: nossa visita a Yenan, out. 1994; entrevistas com Shi Zhe, 10 out. 1995 & 11 mar. 1998, e com um residente do Jardim das Tâmaras, 13 mar. 1998.

"*Eu controlava a entrada*": entrevista, 10 out. 1995. *Kang Sheng aterrorizado*: *Shi Zhe 1991, pp. 260-1; *Shi Zhe 1992, pp. 208-9; *Cheng Min, p. 305. *Moscou condenou Kang*: Dimítrov a Mao, 22 dez. 1943, *cit.*; Titov, vol. 3, pp. 401-2. *Defendeu-se junto a Mao*: *Zhong Kan, p. 437; *Cheng Min, p. 307. *Um sádico*: discurso de Kang, ago. 1943, em *Wen Jize et al. 1993, pp. 104-8. *Pênis de burro*: *manuscrito inédito de uma pessoa presente. *Voyeur*: *Shi Zhe 1992, p. 198; entrevistas com veteranos de Yenan. *Mao limitou poder de Kang*: as assim chamadas "Nove Diretrizes", 15 ago. 1943, em **WHY*, 1984, nº 9, pp. 10-1; *ORK*, 20 ago. 1944. "*Mudou de opinião rapidamente*": *ORK*, 4 abr. 1943; entrevista com um historiador com acesso aos arquivos de Liu, 16 mar. 1998.

"*Fodam-se*": *Quan Yanchi 1997, pp. 176-9.

*Jiang Nanxiang; AVPRF, 0100/43/302/10, pp. 158-63 (Liu a Róshchin, 26 ago. 1950).

Mao mandou esposa voltar para unidade: entrevista com Xie Fei, 14 set. 1994; *Zhu Zhongli 1989, pp. 221-4. *Sua primeira vítima, a babá*: entrevista com a babá, 13 mar. 1998; cf. *Zhu Zhongli 1988, pp. 55-67.

"*Único líder sábio*": *Deng Liqun, pp. 18-20; **YQD*, p. 213; *Escola Central do Partido, vol. 1, pp. 42, 45. "*A mesma coisa de sempre*" *etc.*: em *Wen Jize et al. 1984, pp. 234, 252, 259-60. *Relutantes em cantar* "*Viva*": ib., p. 208; entrevista com veteranos de Yenan, 5 out. 1993. *Manchetes gigantescas*: **JR*, 17 jul. 1943. *Emblemas com sua cabeça*: primeiro para os membros da Escola Central do Partido, *Escola Central do Partido, vol. 2, pp. 74, 79; **YQD*, p. 196; cf. *Wang Enmao, vol. 3, p. 267; *Hu Qiaomu, p. 277. *Mandou esculpir sua cabeça*: *Escola Central do Partido, vol. 2, pp. 208-9. *Retratos impressos*: entrevista com veteranos de Yenan, 11 mar. 1998. "*O Oriente é Vermelho*": **Enciclopédia RPC*, vol. 3, pp. 2889-90. *Esposa do Prof. Vermelho descreveu*: *Zhu Zhongli 1995, pp. 120-3; O guarda-costas Zhang Zhiyou também lembrou desse episódio, em *Xu Zehao, pp. 374-5. *História reescrita*: *Escola Central do Partido, vol. 2, pp. 40-1.

Mao instruiu: 28 dez. 1943, **ZZWX* vol. 14, p. 143. *Delegados ao VII Congresso*: **YQD*, pp. 43, 134, 154, 172, 201; *Shi Zhe 1992, pp. 3-4; *Escola Central do Partido, vol. 1, p. 24. *À beira das lágrimas*: **YQD*, p. 61; *Lu Zhengchao, p. 513.

Original de 1930, *Deng Zhongxia, p. 88; inserção de 1943, **ZR* vol. 35, p. 47; *Museu do Comitê do PCC de Xiangqu & Museu de Changsha, pp. 122-3.

26. "A GUERRA DO ÓPIO REVOLUCIONÁRIA"

Financiamento dos nacionalistas: relatório do governo da Região da Fronteira de Shaanganning, abr. 1941, *ACCS vol. 2, p. 76; cf. Schran, pp. 171-2. *De Moscou*: Dimítrov, 25 fev. 1940; Dallin & Firsov, pp. 122 ss. (Chou pede a Moscou para cobrir déficit mensal de US$ 358 280). *Números do imposto sobre grãos*: relatório do governo da Região da Fronteira de Shaanganning, abr. 1941, em *ACCS vol. 2, p. 74; *Academia de Ciências Sociais de Gansu, vol. 2, p. 280. "*Empurrados para a morte*": *Xie Juezai, p. 309. *Queda de 20-30% na colheita*: *Xie Juezai, p. 319.

"*Por que não matou Mao?*": discurso de Mao no VII Congresso, 31 maio 1945, em *Mao 1995, p.

211; também *Mao 1993b, vol. 2, p. 303; **JR*, 5 jun. 1941. *Dobrou e acrescentou impostos*: *Academia de Ciências Sociais de Gansu, vol. 2, pp. 270-2, 280, 287-8. "*Fingindo loucura*": discurso de Mao, 12 abr. 1945, em diário de Yang Guoyu, **YQD*, p. 202. "*Mao não tem olhos*": entrevistas com veteranos de Yenan, 12 set. 1994 & 11 mar. 1998. *Maquiar números*: número de Mao: 160 mil *shi*, em Museu de Yenan, visita, out. 1994, e em **RR*, 26 dez. 1981; mas número real 200mil *shi*, **JR*, 21 set. 1943; *Chen Yung-fa, p. 290; *Xie Juezai, p. 579. *Xie anotou no diário*: 24 fev. 1944, *Xie Juezai, pp. 579-80. *Mil famílias fugiram*: *Chen Yung-fa, p. 299. *Muito comércio*: relatório do governo da Região da Fronteira de Shaanganning, abr. 1941, *ACCS vol. 2, pp. 72, 76. *Teng Pao-shan*: Jin Cheng, em *Pub. de Literatura Biográfica, vol. 2, pp. 217-45; *Xiao Jingguang, pp. 258-63.

Relatório de 1941 sobre sal: *ACCS vol. 2, pp. 71-2. "*Segunda maior fonte*": 19 jul. 1941, *Xie Juezai, p. 329. "*Transportar sal*": *Xie Juezai, pp. 322-3. "*Hoje*": 19 jul. 1941, *Xie Juezai, p. 328. *Mao respondeu categoricamente*: Mao a Xie, 6 e 22 ago. 1941, em *Mao 1984, pp. 176-8, 186-8; cf. *Xie Juezai, p. 332. *Lindsay*: Lindsay Hsiao-li, memórias inéditas, pp. 372-3; id., entrevista, 22 out. 1995; cf. NA, WO 208/318 (M. Lindsay a M. Hall). *Em novembro de 1941*: *"Região da Fronteira de Shaanganning", pp. 7-9. *Exibição pública de Mao*: ib., pp. 1-6.

O que o regime fez: ib., pp. 11-5, 119, 128-37. *A resposta foi o ópio*: publicações da época, relatos de jornais, telegramas de generais nacionalistas a Chiang e fotografias de carteiras de identidade que o PCC emitiu para negociantes de ópio, em **ZS* vol. 5, nº 3, pp. 217-71. "*Guerra do Ópio Revolucionária*": entrevistas com veteranos de Yenan, out. 1995. "*Produto especial*": *Xie Juezai, pp. 587, 589, 600; cf. Chen Yung-fa 1995; *Wang Enmao, vol. 3, p. 422; entrevistas com veteranos de Yenan, 12 set. 1994; out. 1995. "*Aconteceu de fato*": entrevista com Shi Zhe, 28 out. 1995. *Russos perguntaram a Mao*: *ORK* 2 ago. 1943. *Doze mil hectares*: relatório de investigação da época, em **ZS* vol. 5, nº 3, p. 257. "*Peça a Chiang para parar*": *Mao 1993b, vol. 2, pp. 335, 355. *Citado ao lado de Marx*": *ORK*, 27 abr. 1945.

9 de fevereiro de 1943: *Mao 1993b, vol. 2, p. 426; cf. *Mao 1993c, p. 156. *Russos estimaram*: Pániushkin, p. 278; Ovchinnikov, pp. 69-70 (Fitin a Dimítrov, 29 set. 1943). "*Muito ricos*": *Xie Juezai, pp. 584-5 (6 mar. 1944), p. 600 (9 abr. 1944). "*Várias dezenas de pratos*": *Wang Enmao, vol. 3, p. 299; **YQD*, p. 197, *Escola Central do Partido, vol. 1, pp. 120-1, 236. "*Mao ficou mais gordo*": Jin Cheng, em *Pub. de Literatura Biográfica, vol. 2, p. 232. *Medidas para melhorar as relações*: por ex., 16 jun. 1943 no Politburo, *Mao 1993b, vol. 2, p. 446; cf. *Mo Wenhua, pp. 392-8. *Mao admitiu mais tarde*: 24 abr. 1945, **YQD*, p. 3.

Ração de carne: *Xie Juezai, p. 581 (26 fev. 1944).

Diário de Xie: 9-16 out. 1944, ib., pp. 694-7. *31% de mortalidade*: Esherick, p. 1056, n. 22. *60%*: *Li Weihan, p. 589. "*Jamais ganhou a devida atenção*": *Li Weihan, p. 584. *Discutir no inverno*: ib. *Saúde pública*: ib., pp. 583, 587.

Lippa, p. 265; *ORK*, 29 set. 1943, 10 maio 1944.

6 de março: *Xie Juezai, p. 584. *Mao escreveu*: cartas de Mao, 13 & 15 jun. 1941, em *Mao 1984, pp. 170-1. *Preço em 1944*: *Xie Juezai, pp. 591-2 (19 mar. 1944), cf. p. 452. *Embaixador russo*: Pániushkin, p. 278. *Funcionário de hospital*: Lippa, p. 179. *Preço de noiva*: **JR*, 2 jun. 1942; Hua 1981, pp. 56-7. *Taxas de juros*: *Xie Juezai, pp. 696-7. *Tudo o que disse foi*: "Decisão do PCC sobre política agrária nas áreas das bases antijaponesas", 28 jan. 1942, Apêndice I, **GS* vol. 6, p. 5. *Praticamente sem empréstimos*: conversa de Mao com quadros graduados, dez. 1942, em **GS* vol. 6, p. 94. *Algumas áreas comunistas*: por ex. Shangdong, **GS* vol. 6, pp. 107, 117.

Março de 1944: *Xie Juezai, p. 586. *22 de abril*: ib., pp. 608-9. *Mao vetou descarregar ópio*: ib., p. 734; *Wang Enmao, vol. 3, p. 422. "*Ajudar os viciados*": *Xie Juezai, pp. 485-6. "*Dois erros*": ib., p. 734; cf. Chen Yung-fa 1995, p. 277. "*Indescritivelmente esquálidas*": Aczél, p. 93. *Entusiasta sueco*: Myrdal, p. 29.

27. OS RUSSOS ESTÃO CHEGANDO!

Churchill: Kimball, p. 287.

Izvestia: "Alguns Fatos Relacionados com a Situação na China"; cf. *ORK*, 13 & 15 mar. 1945. "*Você não gostou*": *ORK*, 26 fev. 1945. "*Cortar minha cabeça*": 31 maio de 1945, em *Yang Kuisong 1997, pp. 519-20. "*Stálin é o líder*": trechos não publicados de discursos de Mao no VII Congresso, 1945, em *Yang Kuisong 1999, pp. 206-7. *Em abril*: ordem do dia 13, Comitê da *Base de Jinchaji* & Arquivo Central, vol. 3, p. 276; ordem do dia 18, em *Niu Jun, p. 164.

Despachando soldados: Xiao Ke, em **YQD*, p. 126; *Shi Zhe 1991, p. 305. *Com ajuda russa*, *PCC ocupou*: Borisov 1982, p. 166; Zakharov, mapa ao lado da p. 68; Tsedenbal, p. 169, n. 3; Westad 1993, pp. 77ss.; Comitê da *Base de Jinchaji* & Arquivo Central, vol. 3, pp. 285-90; Xiao Ke, em **YQD*, p. 126; *Duan Suquan, p. 278.

Atwood, em Kotkin & Elleman, pp. 141 ss.; Luzianin, pp. 41-2; *Hao Weimin, pp. 437-8.

"*Se tivermos a Manchúria*": 31 maio 1945, *Mao 1995, pp. 218-9. *Circular secreta do PCC*: *Zeng Kelin, pp. 112-13. *Mina de soldados*: Borisov 1977, pp. 76, 168; *Liu Tong, pp. 42-3. *Política americana para a China*: Roosevelt citado em Wallace, p. 333, & Snow 1968, pp. 126-9; *FRUS* 1945, vol. 7, p. 177 (Hurley a Roosevelt, 14 jan. 1945).

Stálin telegrafou para Mao ir a Chongqing: entrevista com Kapitsa, que viu os telegramas, 21 jun. 1995; id. 1995, pp. 13-4; id. 1996, pp. 21-4; Borisov 1982, p. 85; Liu 2000, p. 105; entrevista com Shi Zhe, 10 out. 1995; troca de telegramas Chiang-Mao, em *Chiang, pp. 2639, 2647, 2651, *Mao 1993b, vol. 3, pp. 7, 9, 12. *Chen Li-fu*: entrevista, 15 fev. 1993. *Chang Chen*: entrevista com Kapitsa. *Hurley acompanha*: telegrama de Mao a Wedemeyer, 25 ago. 1945, *Mao 1993b, vol. 3, p. 13; Morwood, p. 7. *Ordena ofensiva*: *Mao 1993b, vol. 3, p. 13; *Hu Qiaomu, p. 421; *Liu Bocheng, p. 300; cf. Tikhvinsky 2000, livro 2, pp. 220-4 (minutas da conversa Mao-Petrov, 10 out. 1945; conversa Mao-Petrov de 6 set., ib., pp. 230-3). *Momento de pânico*: Kapitsa 1996, pp. 23-4; cf. *FRUS* 1945, vol. 7, p. 466 (Hurley a Mao, 19 set. 1945). *Um observador*: Morwood, p. 11.

Carton de Wiart: Carton de Wiart a Ismay, 6 set. 1945, Attlee Papers, Caixa 23, folio 48-9, Bodleian Library; cf. Carton de Wiart 1950, pp. 269-70.

Wedemeyer: Milton Miles Papers, NARA, RG 38, Naval Group China, Caixa 40, Pasta: Comunistas Chineses, pp. 3, 6 (Minutas da conversa Mao-Wedemeyer, 30 ago. 1945). "*Pior do que bestas*": *Chiang, p. 2688. *Manter Chiang fora da Manchúria*: ordem de Mao, 19 out. 1945, **ZZWX* vol. 15, p. 364. *Russos levam PCC em segredo para a Manchúria*: Sidikhmenov MS, pp. 15-8; entrevista com Sidikhmenov (no avião), 24 jun. 1996. *Pediu que russos cuidassem de portos e aeroportos*: telegrama, 28 out. 1945, em *Yang Kuisong 1997, p. 543. *PCC atira em navios dos EUA*: Wedemeyer, p. 345; Westad 1993, p. 106; *Liu Tong, p. 62.

"*Batalha decisiva*": telegramas de Mao, 14 & 15 nov. 1945, *Mao 1993a, vol. 3, pp. 141-4. *Lamentou com orgulho*: **WZX*, nº 42, p. 23. "*Estilo americano*": telegrama de Huang Kecheng, em *Zhang Zhenglong, pp. 105-6. *Estímulos materiais*: Chen Yi em *Zhang Zhenglong, p. 35; também *Liu Tong, p. 34.

Moral baixíssimo, *deserção*: citações de *Zhang Zhenglong, pp. 34-8.

Mais de 40 mil: ib., p. 103. *Liu instruíra*: *Liu 1996, vol. 1, p. 507; também em 24 set., *Liu Tong, p. 41. *Mao revogou ordens de Liu*: **ZZWX* vol. 15, p. 364. *Outra ordem*: 23 out., *Liu Tong, p. 46.

"*Uma súbita mudança*": *Chiang, p. 2727. *Eles disseram ao PCC*: no dia 19, *Liu 1996, vol. 1, pp. 530-

1. *Stálin devolve filho de Mao*: NA, HW 17/63 (18 nov. 1945, ISCOT 1475). *Súplicas aos russos*: telegrama de Mao a Peng Zhen, 20 nov. 1945, citado em Borisov 1975, p. 107. *Ordens inúteis*: 22 nov., *Zhang Zhenglong, p. 111. *Colapso nervoso*: telegrama de Liu, *Liu 1996, vol. 1, p. 531; *Shi Zhe 1991, pp. 313-4; entrevista com Shi Zhe, 29 set. 1993. *Dr. Orlov*: *CWH* vol. 1, nº 1 (2000), p. 132 (telegrama de Stálin a Mólotov et al., 10 nov. 1945); *ORK*, p. 544; Vlássov, p. 202; Ledovsky 1999, p. 79, n. 2; *Shi Zhe 1991, pp. 316-7. *An-ying*: Usov 1997, p. 114; Usov 1992, p. 56; *Shi Zhe 1991, pp. 315-6.

*Yan Changlin, p. 136; *Mao 1993b, vol. 3, p. 227.

Afetuoso com seu filho, recuperação: entrevista com a esposa de George Hatem, 17 mar. 1998; *Shi Zhe 1991, pp. 316-7. *Russos coordenaram partida com o PCC*: Westad 1993, pp. 148, 156 ss.; Sheng, pp. 132 ss.; o intercâmbio entre russos e PCC pode ser visto a partir do telegrama de Mao de 24 mar. 1946, **ZZWX* vol. 16, p. 100; *Yang Kuisong 1997, pp. 560-4; *Chiang, p. 2822. *Manter cidades fundamentais*: telegramas de Mao a partir de 24 mar. 1946, em *Mao 1993a, vol. 3, pp. 153, 177-8, 190, 198, etc., esp. em 20 abr., em *Liu Tong, p. 170; 27 abr., em *Zhang Zhenglong, p. 154. *Liu advertiu*: e.g., 13 mar. 1946, *Liu 1996, vol. 2, p. 26. *Lin Biao advertiu*: 11 abr. 1946, em *Zhang Zhenglong, p. 154, também pp. 186-7.

Exército desintegrado: ib., pp. 170-2; *Liu Tong, pp. 194-5. *Lin Biao relatou*: *Zhang Zhenglong, p. 104. "*Estávamos com fome*": ib., pp. 166-9.

"*Grandes Peludos*": ib., p. 179. *1º de junho, Lin*: ib., p. 184, *Liu Tong, p. 203. *Dia seguinte*: *Zhang Zhenglong, p. 184. *Mao-Stálin*: Liu 2000, pp. 106-7; Kozlov & Mironenko, p. 173. *3 de junho*: *Mao 1993a, vol. 3, p. 250.

28. SALVO POR WASHINGTON

Mudar nome do partido: *ORK*, 12 ago. 1944. *Mólotov a Hurley*: *FRUS* 1944, vol. 6, p. 255 (31 ago. 1944); cf. *FRUS* 1945, vol. 7, p. 448 (Kennan, 18 ago. 1945, informando Stálin). *Adulou Marshall*: *FRUS* 1945, vol. 7, p. 804 (reunião Marshall-Chou em 23 dez. 1945).

"*Tática de conveniência*": 28 nov. 1945, **ZZWX* vol. 15, p. 455.

"*Preferiria ir aos Estados Unidos*": *FRUS* 1946, vol. 9, p. 152; *Hu Qiaomu, pp. 428-9. *Marshall disse a Chiang*: *FRUS* 1945, vol. 7, p. 814. *Expôs ao Congresso*: Tsou, p. 368. *Americanos haviam interceptado*: "COMINT", pp. 4, 6; textos de interceptações de 1945-47: NA, HW 17/67. *Alarme de três palavras*: *FRUS* 1946, vol. 9, p. 777 (Yeaton, 15 abr. 1946). *An-ying para aldeia*: *Shi Zhe 1991, p. 316; entrevistas com Shi Zhe, out. 1995. *Entrevista de An-ying*: **RR*, 20 fev. 1990; Roderick, e-mail aos autores, 12 out. 2000; cf. Roderick, p. 40.

Ilusões de Marshall: *FRUS* 1946, vol. 9, pp. 510 (Marshall a Truman, 6 mar.), 501-2 (minutas da conversa com Mao, 4 mar.), 541, 542 (Memorando de Marshall a Truman, 13 mar.).

Mao informa Orlov: *Shi Zhe 1991, pp. 318-9. *31 de maio, Marshall*: *FRUS* 1946, vol. 9, p. 926. "*Aguentem*": 5 jun. 1946, *Mao 1993a, vol. 3, p. 251. *Concordaram confidencialmente*: *Zhang Zhenglong, p. 189; cf. *Liu Tong, p. 516. *Chiang observou*: 29 jun. 1946, *Chiang, p. 2950.

Truman escreveu a Chiang: *White Paper*, Departamento de Estado, p. 652. "*Seja como Franco*": entrevista com Chen Li-fu, 15 fev. 1993. *Poltrona confortável*: **YQD*, pp. 166, 270. *Números secretos*: *Zhang Zhenglong, pp. 420-1. "*Agora um idiota*": *Zhang Zhenglong, p. 318.

Ajuda russa: Lyudnikov, p. 308; Vereshchagin, p. 18; Zimonin, p. 47 (novos números de armas japonesas capturadas); Borisov 1977, pp. 229-30, 233, 248, 256, 264; APRF, 39/1/39, pp. 64-73 (Mao a Mikoian, 5 fev. 1949); cf. *FEA* nº 3, 1995, p. 78; entrevistas de Ledovsky, jun. 1995 ss.; documentos

em *ZS* vol. 7, nº 1, pp. 596-615; *Liu Tong, pp. 304-5; *Zhang Zhenglong, p. 216. *Prisioneiros de guerra japoneses*: Gillin e Etter, pp. 511-5; Zimonin, p. 47; *FRUS* 1946, vol. 9, p. 813; Sang Ye, p. 91; *Zeng Kelin, pp. 126-33; *Zhang Zhenglong, pp. 221-2. *Coreia do Norte*: resumo dos escritórios do PCC na Coreia do Norte durante a guerra civil, baseado em documentos de arquivos e memórias, **ZDZ*, nº 17, pp. 197-210; detalhes das tropas coreanas na China, *ZS* vol. 7, nº 1, p. 616; Chen Jian 1994, pp. 107-9; NA, WO 208/281.

Restauração das ferrovias: Tikhomirov & Tsukanov em Akimov; Silin, ib., pp. 215-8; Borisov 1977, pp. 242 ss.; Kovaliov 2004, p. 132; id. 1992a, p. 102. *Mao mandou Lin Biao*: 11 jul. 1946, *Mao 1993a, vol. 3, p. 334. *Desmentido de Moscou*: TASS, "Refutação", *Pravda*, 19 out. 1946, p. 6. *Alegação de Mao*: *SW* vol. 4, p. 101 (6 ago. 1946). *Mao pagou com alimentos*: carta de Liu Shao-chi a Stálin, 6 jul. 1949 (*FEA*, nº 5, 1996, pp. 87-8); cf. Vereshchagin, p. 19; Borisov 1977, p. 232 (as importações russas das áreas do PCC superaram as exportações para essas áreas, 1948, 1949); conversas de Wang Shoudao e Liu Yalou, em *Liu Tong, pp. 517-9. *O resultado foi fome*: **YQD*, pp. 49, 59; *Zhao Guilai, pp. 207, 223; *Zhang Zhenglong, pp. 237, 433-6.

Mao instou tomar grandes cidades: *Xiao Ke 1997, pp. 340-50; *Mao 1993a, vol. 3, pp. 277, 283-4, 290. "*Impiedoso e tortuoso*": entrevista com uma pessoa íntima, 6 set. 1998. *Até 100 mil*: *Zhang Zhenglong, pp. 234-8.

29. COMUNISTAS INFILTRADOS, TRAIÇÕES E MÁ LIDERANÇA CONDENAM CHIANG

1º de março: *Chiang, p. 3149. *Fortes supeitas de que Hu era comunista*: *Hsu Chen 1990, pp. 39-40. *Amizade de Hu com Tai Li*: Meng Bingnan, em **WZX* vol. 18, p. 133; Zhang Yanfo, em **WZX* vol. 64, pp. 105-7. *Na mesa de Mao*: *Zhou 1991, p. 723.

*Hsu Chen 1990, p. 39; *Mao 1993-9, vol. 5, p. 322; *Shi Zhe 1991, p. 249.

Mao parte com calma: *Yan Changlin, pp. 53-6. *20 mil homens*: *Peng 1981, pp. 44-5 (I: Peng 453 ss. e referência abaixo); cf. Quan, pp. 13 ss.; **Documentos do Partido*, pp. 229-30. *Emboscada de Qinghuabian*: *Yan Changlin, pp. 58-64; *Wang Enmao, vol. 5, pp. 95-8; relatos de generais nacionalistas, *CCPPC 1992, pp. 115-6, 154-5. *Emboscada de Yangmahe*: relatos de generais nacionalistas, *CCPPC 1992, pp. 118-20, 156-8; telegrama de Peng a Mao, 16 abr. 1947, *Peng 1998, pp. 340-1; **Documentos do Partido*, p. 233. *Panlong*: relatos de generais nacionalistas, em *CCPPC 1992, pp. 120-4, 159-61; *Hsu Chen 1990, p. 321; *Peng 1981, p. 248; **Documentos do Partido*, p. 233; *Wang Enmao, vol. 5, pp. 119-20.

"*Fedor horrível*": *Hsu Chen 1987, p. 254. *Mao na região de Yenan durante um ano*: *Yan Changlin, pp. 64 ss.; *Zhao Guilai, pp. 99 ss.; *Wang Dongxing 1993, pp. 8 ss.; *Ren Bishi, pp. 538 ss.; *Shi Zhe 1991, pp. 337-52; entrevistas com pessoas do grupo de Mao, 4 set. 1998 & 19 abr. 1999; cf. Quan, pp. 29-34, 37-8. *Batalhão de artilharia*: entrevista com antigo membro do batalhão, 29 out. 2000. *Uma outra emboscada*: *Hsu Chen 1987, pp. 251-3.

Escapou por um triz: *Yan Changlin, pp. 94-117; *Hu Qiaomu, pp. 490-3; *Zhao Guilai, pp. 124-6; membro do séquito Liao Zhigao, em *Comitê de Compilação "Mao e eu" 1993a, p. 46; entrevistas com pessoas do grupo de Mao, 13 mar. & 4 set. 1998, 19 abr. 1999, 12 maio 2001. *Hu mandou tropas para longe*: *Zhao Guilai, pp. 134-5; *Yan Changlin, p. 117; *Hsu Chen 1990, p. 318. *Stálin oferece avião*: APRF, 39/1/31, p. 23 (Kuznietsov a Orlov 15 jun. 1947); cf. Ledovsky 1995a, p. 74; *Shi Zhe 1991, pp. 345-6.

"*De 9 a 11*": 14 jun. 1947, *Mao 1993a, vol. 4, pp. 101-2.

Mandou construir pista de pouso: 27 jun. 1947, *Shi Zhe 1991, p. 345. *Morte de Liou*: *Wang Yan et al., pp. 348-54; relato de Wang Ying-tsun, em *CCPPC 1992, pp. 243-9. *Diário de Chiang de 2 de março*: *Chiang, p. 3400. *Recusou demissão de Hu*: *Chiang, pp. 3407-9.

Barr: *White Paper*, Departamento de Estado, p. 326; cf. Senado dos EUA, p. 67 (Barr: os nacionalistas "sempre permitiram ser cercados". "*Então esperei*": Shi Zhe 1991, p. 365. *Afastamento de Hu fracassou*: **Central Daily*, Taipé, 19-22 maio 1950; *Hsu Chen 1990, pp. 385-93. *Hau Po-tsun*: entrevista, 2 out. 1996. *Wei Li-huang*: Titov, vol. 3, p. 453 (mensagem de Mao ao Comintern, dez. 1940); Zhao Rongsheng, secretário comunista de Wei, em *Pub. de Literatura Biográfica, vol. 2, pp. 68-85; Daoran, filho de Wei, em *CCPPC (Beijing), p. 442; fax de Stokes aos autores, 4 jun. 1998.

Wei combinou com PCC: por meio de seu sobrinho, o cientista nuclear com formação francesa Wang Dezhao, *Wu Jiangxiong, pp. 1, 4, 10-13.

A estratégia de Mao: 7 fev. 1948, *Mao 1993a, vol. 4, p. 391; Lin Biao concordou no dia 10, *Liu Tong, pp. 559-60. *Wei ignorou*: relatos de comandantes nacionalistas, *CCPPC 1985b, pp. 9-13, 52, 60-1; *Zheng Dongguo, pp. 472-80. "*Sábia orientação*": *CCPPC (Beijing), pp. 443-4. *Contato com a CIA*: Singlaub, pp. 151-5, 534, n. 1.

Mao falou em termos devastadores: mar. 1964, *IRI, p. 503.

A filha de Fu: Titov 1995, pp. 82 ss.; Tikhvinsky 2002, pp. 7-11; *OIRVR* vol. 5, pp. 398-401; seu operador no PCC, em *Pub. de Literatura Biográfica, vol. 1, pp. 415-24. *Novembro de 1948*, *Fu decidiu render-se*: telegrama de Mao, 18 nov. 1948, em *Arquivo de Beijing, p. 43; *CCPPC 1993, pp. 280-2,

309. "*Terror e tirania*": *China Magazine*, jan. 1949, pp. 17, 18 (Fu, "Mensagem ao Povo do Norte da China", 12 nov. 1948). *Descontrole*: *Pub. de Literatura Biográfica, vol. 1, p. 423; entrevista com General I Fu-en, 1º jun. 1998. *Chiang, 12 de dezembro*: *Chiang, p. 3549. *Segurou enviados*: *CCPPC 1993, pp. 282 ss., cronologia pp. 460-2; telegramas de Mao, 27 dez. 1948-9 jan. 1949, *Arquivo de Beijing, pp. 52-9.

"*Toquem de ouvido*": *CCPPC 1989, p. 95. *Abriram a porta*: *Chang Shun et al., p. 656. *Liu Fei*: entrevista com Chen Li-fu, 15 fev. 1993; *Liu Chi, p. 171. *Kuo Ju-kui*: relato dele mesmo, em *Pub. de Literatura Biográfica, vol. 1, pp. 249-57; *CCPPC 1996, pp. 15-35; entrevista com Chiang Weigo, 4 out. 1996.

"*Pai Chung-hsi*": APRF, 39/1/31, pp. 54-8 (Orlov a Kuznietsov 10 jan. 1949); cf. Malukhin 1977, p. 123.

"*Criado no verão*": APFR, 39/1/31, p. 60 (Mao a Stálin 10 jan. 1949). *Exigia que cada novo membro*: *Hu Qiaomu, pp. 523-6; por ex., ordem de Mao, 7 jan. 1948, *Mao 1991, pp. 1264-6 (I: Mao, *SW* vol. 4, pp. 177-9). *No governo de T. V.*: artigos em jornais da época; *Hsu Yung-chang, vol. 8; entrevista com I Fu-en, 6 out. 1996; e com Mao Chia-hua, 6 out. 1996. *Chiang reconheceu*: 25 out. 1945, *Chiang, p. 2698.

Diário Central: *Lu Keng, pp. 159-80.

30. A CHINA CONQUISTADA

"*Façam de Changchun*": *Zhang Zhenglong, p. 441. *Evacuar civis*: *Zheng Dongguo, pp. 500-4; prefeito Shang Chuandao, em *CCPPC 1985b, pp. 396, 403. "*Proibir rigorosamente*": *Zhang Zhenglong, p. 441. "*Sujeito legal*": *Chang Shun et al., p. 134.

Lin Biao para Mao: 9 set. 1948, em *Liu Tong, pp. 635-6; *Zhang Zhenglong, p. 469.

Ordem de Lin, 11 de setembro: em *Liu Tong, p. 639. *Uma sobrevivente relembrou*: *Zhang Zhenglong, p. 479. *Prefeito de Changchun registrou*: *CCPPC 1985b, p. 403. *Número de mortos*: *Zhang Zhenglong, p. 467; *Zheng Dongguo, p. 500; *Liu Tong, p. 638. *Um veterano comunista*: *Zhang Zhenglong, p. 482.

*CCPPC 1985b, p. 403.

"*Regras de refugiados*": ib., p. 486. *Su Yu*: *Su Yu, p. 622.

225 milhões de quilos: *Su Yu; p. 642. *Veterano nacionalista relembrou*: Sang Ye, pp. 90-1.

"*Sem ficar cansado*": 8 maio 1946, *Arquivo Central 1981, p. 7.

Kang Sheng em Haojiapo: *Cheng Min, pp. 221-31, *Zeng Yanxiu, pp. 115-8.

Uma funcionária descreveu-nos: entrevista, 16 out. 1993. *Arame atravessado no nariz*: *Zhong Kan, p. 101. "*Famílias inteiras*": Sang Ye, pp. 13, 14-15. *Relatórios para Mao*: *Arquivo Central 1981, pp. 101, 129.

Mao viu: *Zhao Guilai, pp. 237-9. "*Todos estão aterrorizados*": *Arquivo Central 1981, p. 129. *10%*: ib., pp. 121, 124. *Responsabilidade logística de Shandong*: Su Yu sobre a campanha de Huai-Hai, **DDWX*, 1989, nº 6, p. 10. *Segunda reforma agrária*: *Zhong Kan, pp. 103-5; Gao 2001, p. 242.

Melby, p. 243 (17 out. 1947).

An-ying sob tutela de Kang Sheng: *Shi Zhe 1992, p. 224; *Jin Zhenlin, pp. 199, 225.*Diários de An-ying*: 14 abr., 5 & 6 nov. 1947, *manuscrito, inédito. *Escreveu ao pai*: *Jin Zhenlin, p. 210. *Anotações de An-ying sobre comícios*: 16 dez. 1947, *manuscrito, inédito. *Circulou relatórios*: 9 & 20 jan. 1948, *Arquivo

Central 1981, pp. 98-102, 128-31.

Mao escreveu a Liu: ib., pp. 261-2.*Liu cedeu*: discurso de Liu e observações de Mao no Politburo, 13 set. 1948, **DDWX*, 1989, nº 5, pp. 8-9; Liu, 12 mar. 1949, *Liu 1981, p. 419 (I: Liu, *SW* vol. 1, p. 417). *Capitão nacionalista*: *Hsu Chen 1987, pp. 341-3.

Estudante nacionalista escreveu: **Zhuanji wenxue* (Literatura Biográfica), Taipé, nº 245, pp. 28-30. *Mao disse a Mikoian*: APRF, 31/1/31, 31 jan. 1949. *Cônsul russo observou*: Malukhin 1989, pp. 30-1; cf. AVPRF, 0100/43/302/4, p. 118 (relatório de Tikhvinsky, 26 jan. 1950). *Lin Biao disse aos russos*: AVPRF, 0100/43/302/4, p. 130 (relatório de Tikhvinsky, 26 jan. 1950); cf. Kulik 1994, p. 117. *Chiang vai para sua terra ancestral*: nossa visita a Xikou, nov. 2000; *Chiang, pp. 3632-3; memórias do séquito, em **WZX*, nº 66, pp. 84-90. *Mao emitiu ordem*: 6 maio 1949, *Mao 1993-9, vol. 5, p. 290. *Correspondência Mao-Stálin sobre Taiwan*: Kovaliov 1992a, p. 108; Ledovsky 1996a, p. 71 (relatório de Liu a Stálin, 4 jul. 1949); cf. Goncharov et al., p. 70.

"*Velho sr. Chiang*": *Lu Keng, p. 180. "*Universidade do Trabalho*": *Zhang Suizhi, p. 71; *Comitê do PCC de Beijing Haidian, p. 248.

Ledovsky 1996a, p. 69 (Stálin a Liu, 27 jun. 1949); id., 1996b, pp. 89-91 (telegrama de Mao de 25 jul. 1949); cf. Goncharov et al., pp. 69-70. *Sem terra arrasada*: *Song Honggang, pp. 302ss., **China Today* 1993, p. 24.

Sistema tão matreiro: Berezhkov, pp. 365-6. *A esposa de Lo Fu descreveu*: *Liu Ying, p. 154. *O único discurso*: *Mao 1993-9, vol. 6, pp. 1-2; divulgado em disco.

de Segonzac, p. 115.

31. ESTADO TOTALITÁRIO, ESTILO DE VIDA EXTRAVAGANTE

"*Homem sem lei*": *New China* (EUA), verão 1975, p. 27 (Chou, entrevista em 1971 com W. Hinton); Snow 1974, p. 149 (Mao, 10 dez. 1970). "*Demanda por mais punição*": Bao & Chelminski, pp. 78-9, 100. "*Campanha para esmagar*": ordens de Mao, *Seção de Estudos do Arquivo do PCC & Arquivo Central, 1949-52, pp. 235-49. *Seu chefe de polícia*: *Huang & Zhang, p. 263. "*Chiang Kai-sheks pequenos*": *Mao 1977, p. 317 (I: Kau & Leung, p. 163). "*Prisões em massa*": 24 mar. 1951, *Mao 1987-98, vol. 2, p. 192. *Criticou uma província*: *ib., pp. 62-3. *30 de março*: *ib., p. 202.

700 mil: Mao, 27 fev. 1957, *Mao CCRM, vol. 1, p. 198 (I: MacFarquhar et al., p. 142).

Somente em Pequim: *Han Yanlong, p. 95.

Jovem da Inglaterra: Cheo Ying, pp. 56-61. *Caminhões pingando sangue*: Loh, p. 66. "*Força de trabalho*": 8 maio 1951, *Mao 1987-98, vol. 2, p. 281 (I: Kau & Leung, p. 189). *Lao-gai*: Domenach 1992; Bao & Chelminski; Rummel, pp. 228-33 (estimativas).

Diplomata soviético: Ledovsky 1990, p. 128; cf. ib., pp. 96-7, 99; Kulik 1994, esp. pp. 120-2.

Relatório para Mao: *Mao 1987-98, vol. 2, p. 115.

Alerta bizarro: *Huang & Zhang, p. 261. *Um pequeno proprietário*: *Yuan Maogeng, pp. 13-80. *Mao disse várias vezes*: abr. 1956, *Mao CCRM, vol. 1, p. 138; 24 mar. 1951, *Mao 1987-98, vol. 2, p. 192.

Execução de dois estrangeiros: Lum, pp. 83 ss.; Domenach 1992, pp. 74, 654, n. 37. "*Desculpas*" *de Chou*: Kahn, p. 239; carta de Service aos autores, 8 ago. 1994 e entrevista, 23 abr. 1995. *Interesse de Mao no Vaticano*: Nenni, pp. 697-9; Malaparte, pp. 136 ss.; entrevista com Barca, 2 jun. 1994; entrevista com Pesce, 28 maio 1994.

"*Três Antis*": muitas ordens de Mao em *Mao 1987-98, vol. 3. "*Devemos provavelmente executar*": 8

dez. 1951, *Mao 1987-98, vol. 2, p. 549. "*Quem desobedecer*": 4 jan. 1952, *Mao 1987-98, vol. 3, p. 12. *Mao recomendava*: 8 dez. 1951, *Mao 1987-98, vol. 2, p. 549. *Mao mantinha-se informado*: *Mao 1987-98, vol. 3, pp. 134, 167, 177, 195-7. *Alicates de bambu*: Ledovsky 1990, p. 93, confirmado por entrevista com Ledovsky, 19 jun. 1996. *Relatório de Tianjin*: *Mao 1987-98, vol. 3, p. 214. *Na Manchúria*: entrevista com Ledovsky, 19 jun. 1996.

Padre belga: van Coillie, p. 258. "*Cinco Antis*": ordens de Mao em *Mao 1987-98, vol. 3. *Número de suicídios*: *Zhou Jingwen, pp. 224-5; cf. Chow, p. 133. "*Paraquedas*": *Ding Shu 1993, p. 128; Yue Qian, em **Kaifang* (Revista Aberta), Hong Kong, 1999, nº 3, p. 29.

Vilas de Mao: visitas a mais de duas dúzias delas e entrevistas com staff pessoal de Mao. *Começou em 1949*: *Zhang Suizhi, pp. 72-5; *Li & Yang, p. 264. *Mandou avisar Hunan*: secretário do Partido de Hunan Jin Ming, em *Gong Guzhong et al., pp. 301-2; visitas a vilas de Hunan, out. 1994.

"*Mas vocês não têm um lugar*": entrevistas com pessoas que ouviram isso, out. 1994 & set. 2000.

Viagens de Mao: entrevistas com staff pessoal de Mao e autoridades provinciais; *Li & Peng, pp. 10, 87, 104. *Piscinas*: entrevistas com staff pessoal de Mao, criados das vilas e pessoas próximas a ele; *Lin Ke et al., p. 128. *Custo da piscina*: dado do próprio Mao, 25 abr. 1954, *Mao 1987-98, vol. 4, p. 483.

Um gourmet: entrevistas staff pessoal de Mao. *Nada de banho*, *massagem*: ib.; *Li & Yang, pp. 69-71. *Hospital foi até ele*: *Li Zhisui, pp. 168-71; *Lin Ke et al. *Roupas*: *MMMS, pp. 131-3, 154, 188-90, 217-18.

Um chinês patriota: Aarons, p. 92. *Caprichos sexuais*: *Peng 1998, pp. 561-2; *Mao 1987-98, vol. 4, p. 389; *Li Zhisui, pp. 137-9, 283; entrevistas com namoradas de Mao. *Dinheiro*: entrevista com staff pessoal de Mao; *MMMS, pp. 511-12, 532-3. *Bem mais de 2 milhões*: entrevista com um membro do staff que sabia da conta de Mao, 19 abr. 1999; cf. *MMMS, p. 511.

32. A RIVALIDADE COM STÁLIN

Mao mandou Strong: Strong & Keyssar, pp. 228 ss.; Nikiforov, pp. 124-5, 131, n. 56. *Escritos de Strong*: Strong 1947, pp. 168 ss.; cf. id., 1948, pp. v-vi.

Rede de inteligência do PCC nos EUA: AVPRF, 0100/43/302/4; cf. Kulik 1995. *Mao e Browder*: Schram 1965, p. 292 (telegrama de Mao a Foster, 29 jul. 1945); Browder, p. 251; RGASPI, 485/184/15 (Mao a Dimítrov, 19 ag. 1940).

"*Unidade Ásia*": *Hu Qiaomu, p. 510. *Correspondência Mao-Stálin 1947-49*: APRF, 39/1/31, pp. 23-75; trechos em Ledovsky 1995a, pp. 74 ss.; textos completos de Mao a Stálin 30 nov. 1947 em *PDV*, 2001, nº 5, pp. 119-22; e Stálin a Mao, 20 abr. 1948, em *PDV*, 2000, nº 6, p. 121.

Outro "acidente" para Wang Ming: documentos médicos que estabeleceram o envenenamento, inclusive uma "circular" oficial, em 7 jul. 1948; Wang Ming, pp. 46-7.

15 de agosto, *Mao vetou*: *Mao 1993b, vol. 3, pp. 335-6, 397; *Hu Qiaomu, p. 329.

Stálin "duramente censurado" por Mao: entrevista com Kapitsa, 21 jun. 1995. *Stálin aos iugoslavos*: *CWB* nº 10, p. 131; Dimítrov, 10 fev. 1948; nossa conversa com Djilas, 30 mar. 1986. *Troca de telegramas Stálin-Mao em 10-15 jan. 1949*: *CWB* nos 6-7, pp. 27-9; cf. Ledovsky 1995a, pp. 81-4; id., 1995b, pp. 74-6.

"*Que assim seja*": *Ye Zilong, p. 136.

Resposta de Mao de 17 de janeiro: APRF, 39/1/31, p. 75. *Mikoian em Xibaipo*: Ledovsky 1995a, pp. 78-92 (relato de Mikoian em 1966), 1995b; Mikoyan, S. 2002, pp. 154-9; Shi 1992, pp. 35-46; Heinzig,

pp. 135-56. "*Bastante natural*": 1 fev. 1949 (APRF 39/1/39); Ledovsky 1995b, pp. 76-7. *Reunir informações*: Malukhin 1977, p. 127; *Shi Zhe 1991, p. 418 (I: Shi 1993, p. 88). *Mao* "*zombaria e indiferença*": Malukhin 1977, pp. 149-50.

Relatório de Mikoian de Xibaipo: APRF, 39/1/39, pp. 1-95. *Strong*, *Rittenberg*: Strong & Keyssar, p. 250; Mikoyan, S., p. 158 (telegrama de Stálin de 4 fev. 1949 referente a Rittenberg; Mikoian sobre "mania de espião" de Stálin); *CWB*, nºs 12-13 (2001), p. 257 (Khruchióv a Mao, 31 jul. 1958); Rittenberg & Bennett, pp. 134 ss.

Borodin: Vaksberg, pp. 251 ss.; Strong & Keyssar, pp. 243-4. *13 de março de 1949*: *Mao 1993-9, vol. 5, pp. 259-60. *Stálin-Liu referente ao Cominform*: Heinzig, pp. 206-7; Kovaliov 1992b, pp. 95-7; Shi 1993, pp. 83-6.

Orlov: Vlássov, pp. 202-3, 205; Vaksberg, pp. 251 ss.; Li Haiwen, p. 60. *Liu insistiu*: *Liu 1996, vol. 2, p. 223. *Discurso de Liu*: URI, *Liu*, vol. 2, pp. 178-9. *Delegado russo*: Heinzig, pp. 258-60.

"*Estabelecer seus laços*": URI, *Liu*, vol. 2, pp. 183-5 (23 nov. 1949); cf. Aarons, p. 87; Kovaliov 1992b, p. 98.

33. O CORPO A CORPO DE DOIS TIRANOS

Mao "*levantou-se*": Kovaliov 1992b, p. 108. "*Embaixadas capitalistas*": Tikhvinsky 1994, p. 52 (Kovaliov a Stálin, 23 maio 1949); cf. id., 1996, pp. 467-8. *Mao a Mikoian*: APRF 39/1/39 (31 jan., 5 fev. 1949); trechos das conversas em Ledovsky 1995a, 1995b.

Liu escreveu a Stálin: Ledovsky 1996a, p. 80 (relatório de Liu, 4 jul. 1949). *Importância das cidades*: *Mao 1993b, vol. 3, p. 464. "*Carabinas americanas*": *Yan Changlin, pp. 335-7. *Ford 1946*: *Li Yimang, pp. 383-4.

"*Forçá-los a sair*": *Yang Kuisong 1997, pp. 177-81. "*Condições intoleráveis*": APRF 39/1/39 (1º fev. 1949). "*Todos os navios de guerra*": 21 abr. 1949, *Mao 1993b, vol. 3, p. 485; *Ministério do Exterior 1990 ss, vol. 1, p. 35. *Churchill*: U.K. *Hansard* (*Commons*) vol. 464, col. 34, citado em Murfett, p. 120. *Stálin em alerta*, *telegrafa a Mao*: Kapitsa 1996, p. 44; Malukhin 1977, pp. 135-6; Kovaliov 1992a, p. 106; Tikhvinsky 1994a, p. 52. "*Evitar choques*": 27-9 abr. 1949, *Mao 1993b, vol. 3, pp. 489-91.

APRF 39/1/39 (a Mikoian, 1 fev. 1949).

Intenções de Mao: Cohen 1987, p. 288 (parafraseando Huang Hua).

Mensagem verbal de Chou: *FRUS* 1949, vol. 8, pp. 357-60 (Clubb, 1º jun. 1949). *Embuste*: Tikhvinsky 1994, p. 53. "*Atacá-lo duramente*": *Ministério do Exterior 1990 ss., vol. 1, pp. 44-5. "*Esperar*", *Stálin*: "*Sim!*": Ledovsky 1996a, pp. 81-2; cf. Heinzig, pp. 174-231 sobre visita de Liu.

Chou ao embaixador russo: Westad 2003, p. 311; cf. Wingrove 1995, pp. 314-15. *Sem* "*testemunhas chinesas*": Kovaliov 1992b, p. 108. *Primeira conversa Mao-Stálin*: 16 dez. 1949, *CWB* nºs 6-7, pp. 5-7.

"*Descobrir que espécie de sujeito*": Chuev, p. 163. *Kovaliov*: Kovalev 1992b, p. 109. *Togliatti*: entrevista com Nilde Jotti (companheira de Togliatti), 3 jun. 1994; Lajolo, p. 29. *Ovação*: Rákosi, p. 128; *Shi Zhe 1991, p. 441. *Mao em Moscou*: Heinzig, pp. 263-367, 403 ss.; Wingrove 1995; Kapitsa 1996, pp. 48-55; entrevista com Kapitsa; Fedorenko 1989, 1994, 1995, 1996; Shi 1989. *Li & Yang, pp. 108-9, 151; *Ye Zilong, pp. 178-9; entrevista com Shi Zhe, 14 out. 1993. *Explodiu para Kovaliov*: Kovalev 1992b, p. 109; *Pei Jianzhang, p. 19; *Shi Zhe 1991, pp. 437-8. *Mao-Stálin*, *24 de dezembro*: *Pei Jianzhang, p. 18; cf. Westad 2003, p. 317.

Gollan, Notas de conversa com Mao, 10 nov. 1957, p. 4 (Gollan Papers, Manchester University);

entrevista com Kapitsa.

"*Tentativa de telefonar a Stálin*": *CWB* nºs 6-7, p. 165 (Mao a Iúdin, 31 mar. 1956) "*Negociar com Inglaterra*": *Mao 1987-98, vol. 1, p. 197; *Wang Dongxing 1993, p. 163. "*Logo depois disso*": *CWB* nºs 6-7, p. 165 (Mao a Iúdin, 31 mar. 1956). "*Redigido para mim*": *Yang Kuisong 1999, p. 297. *Não de avião*: telegrama, 2 jan. 1950, *Mao 1987-98, vol. 1, p. 212.

Acheson e refutar: MacFarquhar 1972, p. 74; Heinzig, pp. 301-5; Wingrove 1995, p. 121; *Mao 1987-98, vol. 1, pp. 245-8.

Descompostura de Stálin: Kulik 2000, p. 31. *Viagem de carro*: *Shi Zhe 1991, pp. 457-8.

Empréstimo: Zazerskaya 1997, p. 175, n. 40; *Yang Kuisong 1997, p. 621. *Esferas de influência soviética*: **DDWX*, 1996, nº 2, pp. 54-5; *CWB* nºs 6-7, p. 165 (Mao a Iúdin, 31 mar. 1956); cf. Ganshin & Zazerskaya, pp. 63 ss. "*Colônias*": Schram 1974, p. 101 (Mao, 10 mar. 1958); *Sociedade de Estudos das Relações Sino-Russas, p. 249. "*Russos se apoderaram da metade*": Burr 1999a, p. 91 (Mao a Kissinger, 17-18 fev. 1973). *Dar monopólio à Rússia*: telegrama de Chou ao Politburo, 8 fev. 1950, em *Jin Chongji et al. 1998, pp. 37-8; Wingrove 1995, pp. 327 ss.; entrevista de Kapitsa. "*De todas as potências*": citado pelo ministro do Exterior Qian Qichen, *Ministério do Exterior 1990 ss, vol. 5, p. 11. *Apagou cuidadosamente*: 14 fev. 1950 telegrama de, *Mao 1987-98, vol. 1, pp. 262-3. *Por insistência de Stálin, introduziu secretamente*: entrevista de Arkhípov; cf. Wingrove 1995, p. 330; *Shi Zhe 1991, pp. 415, 446 (I: Shi 1993, p. 86).

*Liu 1996, vol. 2, p. 246.

"*Esperamos que possa*": *Shi Zhe 1991, p. 463; *Zhu Zhongli 1995, pp. 190-1. *Estupefatos convidados*: entrevista com Markus Wolf, que estava presente, 18 nov. 1999; Wolf, pp. 42-3. *Brinde de Stálin*: Fedorenko 1989, p. 148; id. 1995, p. 89; entrevista de Kapitsa; *Shi Zhe 1991, p. 465. *Mao sobre Stálin na foto*: *Ye Zilong, p. 183; *Shi Zhe 1991, p. 462.

34. POR QUE MAO E STÁLIN COMEÇARAM A GUERRA DA COREIA

Supervisão do Vietnã: cf. *Pei Jianzhang, p. 18. *Plano para enviar tropas chinesas*: Zhai, pp. 13-25. *Ho em Moscou*: *Luo Guibo, pp. 233-6; *Liu 1996, vol. 2, p. 241; Zhang Guanghua, em **BNC*, 2000, nº 4, p. 12; Westad 2003, pp. 316-8; Heinzig, pp. 302-6.

Mao disse a Iúdin: Ministério de Relações Exteriores da Rússia, "Cronologia", p. 45. *Liu aos franceses*: entrevista com Figuères, 13 out. 1998; carta de Figuères aos autores, 11 maio 1999. "*Reforma agrária*" *de estilo maoísta*: Tin, pp. 14 ss, 28 ss.; Boudarel. *Versalhada*: To Huu, "Canção de Outubro", *Daily Telegraph*, 19 dez. 2002.

Kim em Moscou, 1949: Torkunov, pp. 12-13; *CWB*, nº 5, pp. 4-6 (Stálin-Kim, 5 mar.); Weathersby, p. 4 (Stálin-Kim, 7 mar.); Mansourov 1997, pp. 97-102. *Promessa de Mao*: APRF, 3/65/9, pp. 51-5 (Chtíkov a Vichinski, 15 maio 1949), APRF, 45/1/331, pp. 59-61 (Kovaliov a Stálin, 18 maio 1949); trechos em Torkunov, pp. 61-5; *Shen Zhihua, p. 211. *Empurrão de Kim*: *CWB*, nº 5, p. 8; Torkunov, pp. 51-3.

Stálin, 30 de janeiro: *CWB*, nº 5, p. 9. "*Deve confiar em Mao*": *DPRK Relatório*, nº 23 (2000); Torkunov, pp. 58-9; Weathersby, pp. 8-15. *Maquinações de Stálin*: *CWB*, nºs 6-7, p. 116 (Stálin a Mao em Stálin a Kim, 7[8] out. 1950); cf. Beria 2001, pp. 230-2.

entrevista, 27 dez. 1995.

Raphaël-Leygues, p. 118 (Sainteny); US Senate, p. 70 (Barr).

1º de julho de 1950: Ministério de Relações Exteriores da Rússia, "Cronologia", p. 35. *19 ago.*: ib., pp. 45, 47 (28 ago.). *1º de março de 1951*: *Mao 1987-98, vol. 2, p. 153. *Stálin-Malik*: Rusk, p. 141; Schoenbaum, pp. 208 ss.; entrevista por telefone com Rusk, 17 fev. 1992. *Mandou Kim*: Torkunov, p. 56 (Stálin a Chtíkov, 2 fev. 1950).

"*Não levantarei um dedo*": Goncharov et al., p. 145 (citando Kapitsa); cf. Kapitsa 1996, pp. 215 ss.; Weathersby, pp. 9-11 (resume a mudança de Stálin para Kim, primavera de 1950).

13 de maio: *Shen Zhihua, pp. 218-19. *Manhã seguinte*: *CWB*, nº 4, p. 61. *15 de maio*: Ministério de Relações Exteriores da Rússia, "Cronologia", pp. 30-1. *16 de maio*: Mansourov, pp. 322-3 (Stálin a Róshchin, 16 maio 1950); cf. Torkunov, p. 70. *SOS*: *CWB* nºs 6-7, p. 112. "*Estou longe*": *CWB* nºs 6-7, p. 114.

"*Fiquem alertas*": *Mao 1987-98, vol. 1, p. 538 (I: Zhang & Chen, p. 161). *Somente então o Politburo*: *Shen Zhihua, p. 251. *Discussão no Politburo*: Mao a Stálin, 2 out. 1950, *Mao 1987-98, vol. 1, pp. 539-40; *Lei Yingfu, pp. 156-8; Zhang 1993, pp. 6-15.

Dois telegramas diferentes, 2 de outubro: *Mao 1987-98, vol. 1, pp. 539-41; Mansourov 1995-6, pp. 100, 106-7, 114-15; Shen 1996-7, pp. 237-8. *Chou-embaixador indiano*: Zhang & Chen, pp. 163-4 (minutas chinesas); Panikkar, p. 110. "*Considerei*": *CWB* nºs 6-7, p. 116. *Mao, 8 de outubro*: *Mao 1987-98, vol. 1, pp. 543-5; (I: Mao 1998, pp. 109-10). *Lin mandou longo telegrama a Mao*: entrevista com Kang Yi-min, 2 set. 1998.

Conversações Chou-Lin-Stálin: *Zhou 1997, vol. 1, 85; *Shi Zhe 1991, pp. 495-8, 502; Kapitsa 1996, pp. 221-2; Zhang, X., pp. 70-4; *CWB* nºs 6-7, p. 119 (Róshchin a Stálin, 13 out. 1950). "*Esqueça tudo*": conversa Mao-Chou-Kim, 10 out. 1970, **ZQZS* vol. 6, p. 70. "*Vamos entrar na guerra*": *Mao 1987-98, vol. 1, p. 556 (I: Zhang & Chen, p. 169; cf. Chen 1994, p. 202); *Shi Zhe 1991, p. 500. *Mao ao embaixador russo*: *CWB* nºs 6-7, pp. 118-9 (Róshchin a Stálin, 13 out. 1950; Torkunov, pp. 117-8).

35. MAO EXPLORA A GUERRA DA COREIA

Kim havia "*concordado*": *Peng 1998, p. 453; cf. Chen 2001, p. 320; Shen 2003-4 pp. 13-14. *Discussão Peng-Mao*: *Peng 1998, p. 454; (I: Zhang & Chen, p. 215); cf. Chen 2001, pp. 92-4. "*Contra tropas americanas*": *CWB* nºs 6-7, p. 51 (1 dez. 1950). "*Nossos lares*": *Public Papers*: *Truman* 1950, p. 741 (discurso no rádio, 15 dez. 1950; "Declaration", 16 dez.).

"*A temperatura*": *Peng 1998, p. 456. *Chefe de logística*: Ledovsky 1990, pp. 73-4 (Li Fuchun, 2 jan. 1951). *Resposta do QG*: *Hong Xuezhi, pp. 240-1. *Peng correu até Mao*: *Peng 1998, p. 480. "*Estratégia total*": *Mao 1987-98, vol. 2, pp. 151-3; Torkunov, p. 144.

19 de fevereiro de 1951: *Zhou 1997, vol. 1, p. 132. *Plano chinês para fabricar aviões*: *Seção de Estudos do Arquivo do PCC 1991, pp. 204-7. *Equipe da *Biografia* de He Changgong, pp. 487-8. *3 mil aviões*: Zhang, X., p. 210. *Pediu os projetos*: telegrama de Mao a Stálin, 28 abr. 1951. *Zhou 1997, vol. 1, p. 151; *delegação*: *Xu Xiangqian, pp. 542-6 (I: Xu, pp. 140 ss).

3 de junho de 1951: *Cai & Zhao, p. 125; **BNC*, 2000, nº 10, p. 13. "*Quanto mais ao norte*": 26 maio 1951, *Mao 1987-98, vol. 2, p. 332. *Trégua* "*é vantajosa agora*": *CWB* nºs 6-7, p. 60 (13 jun. 1951). "*Ninguém deve escapar*": de alguém que ouviu essa ordem, entrevista, 11 abr. 1999. *Kim sobre prisioneiros de guerra*: Volokohova, pp. 83-4 (telegrama sem data do embaixador soviético Razuvayev, Pyongyang, fev-mar. 1952). *14 de julho de 1952*: *CWB* nºs 6-7, p. 78. *Rusk*: entrevista para a TV Thames; 1986.

"*Rejeitar a proposta*": *CWB* nºs 6-7, p. 78. *Kim*: ib., pp. 77-9. "*Consideramos*": ib., pp. 77-8. *Chou-Stálin*: ib., p. 14. *Mao tramou derrubar Kim*: AQSh, f. 14, 1967, d. 1, p. 2 (Kang Sheng a Hysni Kapo, da

Albânia, 22 jan. 1967); cf. Schäfer 2003-4, p. 60; id. 2004, pp. 7-10.

Chou-Stálin, 20 de agosto & 3 de setembro de 1952: *CWB* nos 6-7, pp. 11-13, 16. *Perdas aéreas dos EUA*: Stewart, p. 286; Jackson, p. 105. *Stálin jamais assinou*: *Bo Yibo 1993, p. 297; *Zhou 1997, vol. 1, pp. 261, 274, 288-9. *Territórios de influência*: Wada, pp. 18-19; Fuwa, p. 477.

Pol Pot: *Quan & Du, pp. 2-9.

Chou-Stálin: 3, 19 set., *CWB* nos 6-7, pp. 16-19.

Operações conspiratórias na URSS: Drozdov, p. 60. *Stálin e Peng*: provavelmente em 12 set. 1952, *Zhou 1997, vol. 1, pp. 238-9; entrevista com uma pessoa bem informada, 11 & 16 abr. 1999; cf. *CWB* nos 14-15, pp. 378-81 (minutas da reunião de 4 set. 1952). "*Stálin até mencionou*": *Shi Zhe 1991, p. 529 (I: Shi 1993, p. 88). *Comentário de Chou*: **DDWX*, 1996, no 2, p. 53.

Liu escreveu a Malenkov: RGASPI, 17/137/944, p. 181; *Liu 1996, vol. 2, p. 304; *Istoritcheskii Arkhiv* no 1, 1997, p. 34 (diário de nomeações de Stálin). *Indonésios*: entrevista com russo bem informado, 1997; entrevista com Adjitorop (Politburo do PKI), 5 out. 1994. "*Por favor*": Torkunov, pp. 264-9.

**ZDJC* vol. 19, p. 416; *Tang Chunliang 1999, pp. 263-71.

Janeiro de 1953, Mao: a "Semyonov" (Stálin), 7 jan. 1953. Shifrtelegramma 17203. *Reação de Stálin*: 27 jan. 1953, Shifrtelegramma 372 a Mao. *Eisenhower*: *Public Papers* 1953, pp. 16-7. "*Realmente ansioso*": *Chen Xiaodong, p. 32. *Cientista nuclear para Stálin*: *Zhou 1997, vol. 1, p. 290; Hinton, pp. 222 ss.; Friedman, p. 82. *Volkogónov*: id., 1991, p. 570; id., 1998, pp. 172-3.

Funcionário da embaixada: Rakhmanin, p. 80. *Os sucessores de Stálin*: *Zhou 1997, vol. 1, pp. 288-90; Torkunov, pp. 272 ss.; AVPRF, 06/12a/59/395, pp. 4 ss.; Zazerskaya 1997, p. 173. *Objetivo da viagem de Chou*: *Zhou 1997, vol. 1, p. 290; Lewis & Xue 1988, p. 43; Hinton, p. 227; Gobarev, pp. 16-20.

Morte de Kim: entrevista com russo bem informado, 21 jun. 1995.

Béria a Malenkov: *CWB* no 11, p. 182; entrevista com coronel Karpov (FSB), confirmando autenticidade, Moscou, jun. 1999. *Mólotov escreveu*: *CWB* no 11, p. 182. *Mensagem dura*: ib., p. 183. *Embaixador Razuváiev*: entrevista com Sózinov.

Alegação de Pequim: *Academia de Ciências Militares, p. 150. *Generais russos*: entrevistas com Sózinov (29 abr. 1992) e Selivánov (24 abr. 1992).

Relatório de Kuznietsov: *CWB* no 11, p. 183; cf. AVPRF 06/12a/59/395, p. 11 (Kuznietsov a Moscou, 11 maio 1953).

Acabar a guerra: 12 maio 1953, *Zhou 1997, vol. 1, p. 299; *medidas posteriores*: pp. 301-4. *60 mil prisioneiros*: Volokhova, pp. 86, 89.

CWB no 11, p. 184. *Brownell*: conversa, 17 nov. 1988.

1 milhão: Beria 1994, p. 402. *An-ying desmaiou*: entrevista com membro da família, 23 out. 1995. *Secretário observou*: Ye Zilong, em **ZQZS* vol. 2, pp. 233-4.

400 mil mortos: Kojima, pp. 78-9 (Liu e Deng aos japoneses, 3 mar. 1966); AQSh, f. 14, 1966, d. 31, p. 14 (Kang Sheng a Hoxha, 28 out. 1966).

Como se ele estivesse vivo: entrevista com membro da família, 14 & 15 abr. 1999.

36. O INÍCIO DO PROGRAMA SECRETO DE SUPERPOTÊNCIA

15 de junho: *Zhou 1997, vol. 1, p. 309. "*A essência*": **ZDJC* vol. 22, pp. 457-8. "*Faremos isso*": 14 maio 1955, em *Wang Dongxing 1997, p. 21. "*Podemos superar*": 17 nov. 1957, *Mao CCRM, vol. 11A,

p. 212. "*Futuras gerações*": *Mao 1990, pp. 204-6. *À sua comitiva*: *Li & Yang, pp. 123-4.

Indiferente quanto a herdeiro: entrevista com membro da família, 23 out. 1995. *Stálin*: "*desequilibrado*": *CWB*, nos 6-7, pp. 15-6. *Estatísticas oficiais*: *Ministério das Finanças, vol. 2, p. 436. "*Se resume a vendermos*": 17 fev. 1955, *Zhou 1997, vol. 1, pp. 449-50.

CWB nos 6-7, pp. 15, 16.

"*As principais exportações*": **China Hoje* 1992, vol. 2, pp. 8-9.

"*Falando com franqueza*": 30 set. 1956, *Mao 1994, p. 273. *Instrução de outubro de 1953*: **China Hoje* 1992, vol. 1, pp. 15-16. *Ordem de julho de 1954*: ib., p. 16.

Chou disse aos alemães: entrevista com ex-funcionário da Alemanha Oriental, nov. 1999. "*Nada para*": *Mao CCRM, vol. 1, p. 229. "*Do traseiro*": **Reminiscências de Deng Zihui*, p. 337. *Mao líder do campo comunista*: Kapitsa 1996, p. 58; entrevista de Kapitsa; Tálas, p. 45; *Pravda*, 15 fev. 1955 (Mólotov). *Romênia*: *Pei Jianzhang, p. 51. *Hungria*: ib., p. 54. *Alemanha Oriental*: ib., p. 70; carta de Mao, 16 out. 1953, *Mao 1987-98, vol. 4, p. 362.

Suspender o racionamento: *Wang Taiping 1998, p. 292; entrevista com Horst Brie, 22 nov. 1999. *Respondeu com grandiosidade*: *Pei Jianzhang, p. 69. *Grande Muralha*: Meissner, pp. 85, 87 (Mao-Ulbricht, 16 out. 1956). *6,92%*: **China Hoje* 1989, p. 68. "*Cerca de 10%*": *Mao 1987-98, vol. 4, pp. 197-8. "*Que assim seja*": 12 ago. 1953, *Mao 1977, p. 97.

Citações de Liu: *Liu 1993, pp. 169, 181-2, 204-5.

Secretário relembrou: *Liu Zhende, pp. 23-4. "*Nunca havia pensado nisso*": 4 nov. 1953, *Mao 1977, p. 122. *Liu no hospital*: respostas a perguntas por escrito feitas a sua viúva Wang Guangmei (via secretária por telefone), 16 abr. 1999; AVPRF, 06/12-a/59/395, p. 2 (Mao-Pániushkin, 4 mar. 1953).

Nenhuma aparição pública: **RR*, 5-10 mar. 1953. *Carta ameaçadora*: *Mao 1987-98, vol. 4, pp. 229-30 (I: Kau & Leung, p. 346). *Condenou fortemente Liu*: *Mao 1977, p. 81. *Guarda Pretoriana*: *Zhang Suizhi, pp. 85-6. *Bo Yi-bo*: *Bo Yibo 1993, pp. 231 ss. *Para insinuar*: O funcionário era Zhang Xiushan, ver discurso de Deng Xiaoping, 21 mar. 1955, **ZDJC* vol. 20, p. 515; entrevistas com pessoas próximas de Zhang, 18 abr. 1999 & 20 out. 2000. *24 de dezembro de 1953*: *Liu 1996, vol. 2, p. 315. *Três dias e noites*: entrevista com uma secretária de Liu, 19 abr. 1999; *Liu 1996, vol. 2, pp. 317-21.

Mao-Gao: discurso de Chou, 25 fev. 1954, **ZDJC* vol. 20, pp. 267-9; revisão de Mao do discurso de Chou, *Mao 1987-98, vol. 4, pp. 451-2; *Bo Yibo 1993, pp. 308 ss.; Lin Yunhui, em *Han Taihua, pp. 448 ss.; entrevistas com pessoas próximas do caso Gao, 18 & 20 abr. 1999, 20 out. 2000; Wingrove 2000. *Dalai-Lama*: entrevista, 11 fev. 1999. *Relatório de Kovaliov*: *NiNI* nº 1, 2004, pp. 132-9; Ledovsky, "prefácio", ib., pp. 128-31; *Wang Dongxing 1993, p. 168. *Gao disse aos russos*: entrevista com Ledovsky, 21 jun. 1999; Tálas, p. 52 (Kapitsa); Ministério de Relações Exteriores da Rússia, "Cronologia", p. 61; Loboda, pp. 214, 228; Kulik 2000, pp. 41-2; entrevista com intérprete Li Yueran, 11 out. 1995. *Casal britânico*: Band & Band, p. 248.

Entrevista com Arkhípov, 27 jun. 1995.

"*Será que temos gente assim*": 15 nov. 1956, *Mao 1977, p. 321. *Rapaz do chá*: Li Weixin, em *Li Jian, pp. 23-4. *Armados com revólveres*: **ZQZS* vol. 6, p. 40; *suicídios de Gao*: carta de Mao a Moscou, 1º set. 1954, *Mao 1987-98, vol. 4, pp. 537-8; discurso de Chou, **ZDJC* vol. 20, p. 269; **ZQZS* val. 6, p. 42; **BNC*, 1999, nº 11, pp. 48-9. *Rao Shu-shi*: em seu papel de espião nos EUA em meados da década de 1930, conhecido como "Liang Pu", cf. documento de 8 de maio de 1936 do RGASPI em Klehr et al., p. 65; **BNC*, 1999, nº 11, p. 50. *Vila em Hangzhou*: nossa visita, e entrevistas com staff de Mao, nov. 2000; *Luo Yimin. *Mao em Hangzhou*: lembranças em *Comitê do PCC de Zhejiang, e *Li Linda; *Li & Yang, pp. 295-6.

Choupana de sapé em chamas: *Comitê do PCC de Zhejiang, pp. 132-3, 221-2. "*Todos os cidadãos*":

*Mao 1987-98, vol. 4, p. 457. *Código Mao*: *Li Linda, p. 9. *Visita a um templo*: *Comitê do PCC de Zhejiang, pp. 133-4.

Madame Mao: *Comitê do PCC de Zhejiang, p. 134; entrevista de Kapitsa; cf. Vlássov, p. 202; APRF, 39/1/31, pp. 61-2 (Orlov a Stálin, 10 jan. 1949); cf. Kartunova 1992, pp. 1-2; Kudashev, p. 193; *Li Zhisui, pp. 137-8 (I: Li, pp. 144, 227 ss); entrevista com Zeng Zhi, 24 set. 1994.

37. GUERRA AOS CAMPONESES

Duzentos quilos: **Enciclopédia da RPC* vol, 4, p. 5095; cf. Fei & Chang, p. 158. *Equivalente em grãos*: Yu & Buckwell, p. 225. *190 quilos*: **Enciclopédia da RPC* vol. 4, p. 5095. "*Precisam somente de 140*": *Wang Dongxing, 1997, p. 23. "*Nenhuma família*": *Zhou Jingwen, pp. 341-3. *Repreendia funcionários*: *Wang Dongxing 1997, pp. 22-3; *Mao 1987-98, vol. 5: p. 267; *Mao CCRM, vol. 1, p. 365. *Comer folhas de batata*: *Wang Dongxing, 1997, pp. 22-3. "*Eduquem os camponeses*": *Mao 1987-98, vol. 5, p. 267.

Bo Yi-bo reconheceu: *Bo Yibo 1993, pp. 271, 282. *1º de outubro de 1953*: *Chen Yun 2000, p. 178. "*Em guerra*": *Bo Yibo 1993, pp. 263-4. *Chen Yun transmitiu*: *Sun & Xiong, pp. 90-1. *Relatórios dos Guardas*: *Mao 1987-98, vol. 5, pp. 210-1. *Dizendo coisas como*: *Wang Gengjin et al., p. 108; *Xin Ziling 1995, vol. 3, p. 529. *Zhao Zi-yang*: *Xin Ziling 1995, vol. 3, p. 529.

Simpatizante: Huang Yanpei, em *Mao 1987-98, vol. 5, p. 52; *Mao CCRM, vol. 1, p. 176; vol. 13, p. 20. "*10 mil relatórios*": *Mao CCRM, vol. 13, p. 18. *Dado a dizer*: *Wang Dongxing, 1997, p. 22. "*Menos consciência*": *Bo Yibo 1993, pp. 350-1. "*Depois que você entra*": *Wang Gengjin et al., p. 98. "*Precisamos prender*": *Mao CCRM, vol. 13, p. 13. "*Meus peidos*": ib., p. 17.

"*Os burgueses*": *Mao 1993c, pp. 377, 379-80. "*Nós começamos*": *Liu 1996, vol. 2, p. 350. "*5%*": *Mao 1987-98, vol. 5, p. 149. "*Sempre que esse número*": ib., p. 472. *Hu Feng*: *Hu Feng, pp. 257 ss.; *Mei Zhi; *Xiao Feng, pp. 98-109; *Li Hui.

"*A primeira metade*": *Mao CCRM, vol. 11A, p. 88. "*Libertar Taiwan*": *Zhou 1997, vol. 1, p. 405. *Travessia do mar*: *Peng 1998, p. 565; *Xu Yan 1992, p. 174. *Crise do estreito de Taiwan*: Lewis & Xue 1988, pp. 22 ss.; Chang, G. 1990, pp. 116 ss. *Ofertas de Khruchióv*: Zazerskaya, 1997, pp. 173 ss.; id. 2000, pp. 33 ss.; *Pei Jianzhang, p. 39; *Zhou 1997, vol. 1, p. 416. *Ajudar a construir a bomba*: Gobarev, pp. 17 ss.; Negin & Smirnov 2002 (Web/ PHP); Shepilov 2001, pp. 373-86; Ministério de Relações Exteriores da Rússia, *SSSR-KNR*, parte 1, pp. 144-7 (acordo de 27 abr. 1955); Arkhípov, entrevistas de Kapitsa; Lewis & Xue 1988, pp. 39 ss., 61-2; *Chen Xiaodong, pp. 36-8; *Peng 1998, p. 578.

"*Nosso destino*": *Chen Xiaodong, pp. 33-5. "*Bebamos*": ib., p. 43. *Russos concordaram*: **China Hoje* 1987, pp. 20-1; Gobarev, p. 21. *Disse a seus ajudantes*: *Dong Bian et al., p. 50. "*Controlar a Terra*": Li Shenzhi, em **YHCQ*, 1999, nº 1, p. 7.

Chou cortou gastos: *Jin Chongji et al. 1998, pp. 264-7. "*Achava cansativo*": *Bo Yibo 1993, p. 470. "*Inundar o Presidente Mao*": ib., p. 651. *Dólares*: *Mao 1987-98, vol. 7, pp. 119, 125. *Kardelj*: Kardelj, p. 141.

Abril de 1956: Hu Qiaomu, em *Jin Chongji et al. 1998, p. 269. *Liu, Lo Fu*: *Wu Lengxi 1999, pp. 16, 9. *Chou disse ao Conselho de Estado*: *Zhou 1997, vol. 1, p. 567. "*Sacudido o mundo*": *Wu Lengxi 1999, p. 6. "*Tem mesmo peito*": *Li Yueran, p. 147.

Primeiro voo: *Li & Peng, pp. 88-94. *Estátua de Mao*: *Wang Renzhong, p. 9. *Em Cantão*: *Li Zhisui, pp. 126-7, 148 (I: id., pp. 132 ss); entrevista com Zeng Zhi, 24 set. 1994. "*Não faria nada*": *Gong Guzhong et al., p. 356.

Mao atravessou a nado: *Wang Renzhong, pp. 6-9; *Zhang Yaoci, pp. 75-84. *4 de junho*, *Politburo*: *Zhou 1997, vol. 1, pp. 270-1. *Editorial de Liu*: *Jin & Huang, pp. 791-2; *Bo Yibo 1993, pp. 637-8. *Coreia do Norte*: Fursenko, pp. 960-1 (baseado em arquivos do Presidium soviético); Lankov 1995, pp. 149-50; id. 2002, pp. 106-7; Mukhitdinov 1995, pp. 341 ss.; id. 1994, pp. 200 ss.; Kapitsa 1996, pp. 236-7; *Il Ponte* vol. 37, 1981, nos 11-2, p. 1170 (Liu a Gomulka, nov. 1960); confirmado por Werblan (presente), entrevista por telefone, 8 set. 2003; Szalontai 2003-4, pp. 91-2.

Em 10 setembro lembrou-os: **DDWX*, 1991, nº 3, pp. 5-8. *Conciliador*: observações de Mao nos relatórios do VIII Congresso, *Mao 1987-98, vol. 6, pp. 136-69. *Culto*: *JYZW* vol. 9, pp. 143, 314 ss, *Mao 1994, p. 255; *Dai Huang, pp. 11-12. *Sistema legal*: *JYZW* vol. 9, pp. 92-4, 268-9. *Mais importante concessão*: *Shi Zhongquan et al., p. 157; *JYZW* vol. 9, pp. 42-3, 65; **Enciclopédia da RPC* vol. 4, p. 5095; *Bo Yibo 1993, p. 560. *Jin Chongji et al. 1998, p. 296.

38. DEBILITANDO KHRUCHIÓV

19 de outubro: *Pei Jianzhang, p. 61; *Wu Lengxi 1999, p. 38; Chen 2001, pp. 146-55. *No dia 20*: *Wu Lengxi 1999, pp. 34-9. *Ameaça de Mao a Iúdin*: *Wu Lengxi 1999, pp. 39-40. "*Estúpido*": *Li Yueran, p. 147. *Papel chinês na crise polonesa*: Fursenko, pp. 174-9, 187-91, 967 ss. (minutas do Presidium soviético); Kuo, M., p. 95; entrevista com Werblan, 8 set. 2003; Chen 2001, pp. 149-50. *Critica a Rússia*: *Wu Lengxi 1999, p. 45.

China e crise húngara: Fursenko, pp. 176 ss, 970 ss.; Kramer 1995-6, pp. 173, 181 n. 28; Rákosi, p. 130; Kuo, M., pp. 95-101; Luthi, pp. 109 ss. *Mao a favor de esmagar o levante*: *Wu Lengxi 1999, pp. 51-3. *4 de novembro*: ib., p. 59. *Hegedüs*: entrevista, 15 dez. 1994. *Mao referente a Djilas*: *Peng 1962. *Chou a Gomulka*: minutas das conversações Chou-Gomulka, 11 & 12 jan. 1957, *CWB* nº 5, pp. 43-5; *Jin Chongji et al., 1998, p. 323. "*Liderança polonesa*": em *Jin Chongji et al. 1998, p. 324. "*Sua corte*": *Wu Lengxi 1999, pp. 102-6, 145. "*Encabeçado pela*": *Wang Taiping 1998, p. 285.

Visitantes poloneses: Maneli, pp. 81-2. *Voltou-se para Tito*: *Wang Taiping 1998, p. 349; *Wu Xiuquan 1992, pp. 251-2 (I: Wu, p. 118); Micunovic, p. 197. *Falava mal de Tito e Gomulka*: 18 jan. 1957, *Mao 1977, pp. 333-4. *Janeiro de 1957*: relatório de Chou do dia 24, em *Jin Chongji et al. 1998, pp. 326-8; *CWB* nos 6-7, pp. 153-4; cf. Vereshchagin, pp. 79-81, 87. *Mao censurou*: 27 jan. 1957, *Mao 1977, p. 344 (I: Leung & Kau, p. 252).

Conversa com Stephen Vizinczey.

Espanhol: Croft, p. 168. *Mao ao embaixador egípcio*: 17 set. 1956, *Mao 1994, pp. 247-9 (I: Mao 1998, pp. 191-3). *Presente, comércio com o Egito*: *Pei Jianzhang, p. 283; Shichor, pp. 41-5, 49-50. *Plano de guerra*: *Pei Jianzhang, p. 283. "*Voluntários*": Croft, p. 172; Harris, p. 91; Shichor, pp. 65 n. 225; **RR*, 14 nov. 1956. *Heikal*: entrevista, 18 jan. 1997. *Oferece armas*: *Mao 1987-98, vol. 6, pp. 280-1; Trevelyan 1970, p. 34; Heikal 1972, pp. 65-6; Shichor, pp. 45-6. "*As pessoas não o escutam*": *Chen Xiaodong, pp. 109-10.

Visita de Mikoian em julho de 1957: entrevista com Kudashev (intérprete de Mikoian), 28 jun. 1995; Xinhua, 5 jul. 1957 (telegrama do PCC); Luthi, p. 120. *Istotchnik*, nº 4, 1996, pp. 109-14 (Mao a Iúdin, 29 out. 1957). *Renegociar*: *Nie 1999, pp. 612-4. *Condições para comparecer à cúpula*: Usov 2003, p. 4. *Khruchióv dá a bomba*: Gobarev pp. 18-31; Negin & Smirnov; Lewis & Xue 1988, pp. 62 ss.; *Nie 1999, p. 623; *Wu Lengxi 1999, pp. 94-5. *Mísseis*: Goncharenko, pp. 153 ss.; Baturov, pp. 38-9; Khrushchev, S., pp. 266-72.

Baturov, p. 39; Khrushchev, S., pp. 266-72; Gobarev, p. 30; Goncharenko, pp. 156-9; Dolinin.

"*Máxima ajuda*": em *Yang Kuisong 1999, p. 425. "*Eles receberam muita coisa*": Gobarev, pp. 22-3, citando documento do arquivo presidencial. *Superpotência no final de 1962*: *Nie 1999, p. 620. *Custo da bomba*: Lewis & Xue 1988, p. 108. "*Precisamos ter Sputniks*": *Mao CCRM, vol. 8, pp. 38-9; *Chen Xiaodong, pp. 96-7; *Dong Sheng, p. 341. *Mao lançou a ideia*: *Istotchnik*, nº 4, 1996, p. 113 (a Iúdin, 29 out. 1957); cf. Micunovic, p. 198; Fursenko, pp. 279-81, 1022, n. 3. *Mao em Moscou*: Schoenhals 1986; entrevistas com oito participantes (Alia, Carrillo, Heikal, Ingrao, Jotti, Li Yueran, Longo, Sidikhmenov); notas de Gollan, *cit.*; Relatório de Togliatti, "Verbali della Direzione", 26 nov. 1957, p. 4 (Arquivos do Instituto Gramsci, Roma); Sidikhmenov MS, pp. 213-5. *Tratamento especial*: *Li Yueran, pp. 131-2; entrevista com Li Yueran, 24 out. 2000.

Moscovita a finlandês: Kuusinen, p. 221.

Contou a Khruchióv: Khrushchev 1977, vol. 2, p. 309; id. 1990, p. 198. *Rejeitou controle de natalidade*: **China Hoje* 1988, pp. 416-18; cf. *Mao 1987-98, vol. 6, p. 635. "*Não tenho texto*": entrevista com Sidikhmenov, 24 jun. 1996; *Li Yueran, p. 144. "*Doente da cabeça*": *Mao 1987-98, vol. 6, p. 630; Micunovic, p. 322; Kapitsa 1996, p. 60. "*Vamos considerar*": 18 nov. 1957, *Mao 1987-98, vol. 6, p. 636. *Plateia* "*chocada*": entrevista com Ingrao, 17 jul. 1994. "*Quatro pernas*": Borisov 1982, p. 72 (a partir dos registros); Kapitsa 1996, p. 60.

Gollan: notas de Gollan, *cit.*, p. 3. *Jivkov*: id., p. 518; *CWB* nºs 14-15, p. 435 (a Deng, 7 maio 1987). "*Árvore alta*": *Yang Kuisong 1999, p. 411. "*Superar a Grã-Bretanha*": *Mao 1987-98, vol. 6, p. 635 (I: Schoenhals 1986, p. 118). *Tom professoral*: *Li Yueran, p. 137. "*Todos precisam*": *Mao 1987-98, vol. 6, p. 640 (I: Schoenhals 1986, pp. 121-2). "*Muito vermelho*": Kardelj, p. 140. *Mao sobre Mólotov*: *Mao 1987-98, vol. 6, p. 643 (I: Schoenhals 1986, p. 123); Micunovic, p. 322; cr. Vereshchagin, p. 93; *Istotchnik*, nº 4, 1996, p. 112 (a Iúdin, 29 out. 1957).

Intérprete italiano: entrevista com Longo, 29 maio 1996.

"*Megalomania*" *de Mao*: Khrushchev 1977, vol. 2, pp. 300, 321; cf. id. 1990, p. 154. *Chou pediu submarinos nucleares*: Fursenko, pp. 316, 1038-9; *Zhou 1997, vol. 2, p. 149. *Mao-Iúdin, 21 de julho de 1958*: Vereshchagin (presente), pp. 119-21. *Mao-Iúdin, 22 de julho*: minutas em *CWB* nºs 6-7, pp. 155-9; **DDWX*, 1994, nº 1, pp. 16-20; *Wu Lengxi 1999, pp. 158-66; *Wang Taiping 1998, pp. 226-7. *Conversações Khruchióv-Mao na China*: *CWB* nºs 12-13, pp. 250-62; Fedorenko 1990; entrevistas com Troyanovsky, 20 jun. & 18 ago. 1995; Khrushchev 1977, vol. 2, pp. 306 ss.; entrevista com Kudashev, 28 jun. 1995.

Segunda crise de Taiwan: *Wang Taiping 1998, p. 218; *Ye Fei, pp. 649 ss.; cf. Eliades, p. 355; Tucker, pp. 128-32.

Mao-Gromyko: Kapitsa 1996, pp. 61-3 (presente); entrevista com Kapitsa; Gobarev, pp. 25-7; Ford; Lewis & Xue 1994, p. 17; Khrushchev 1977, vol. 2, pp. 310-12; *Wang Taiping 1998, pp. 218-19; *Wu Lengxi 1999, p. 180.

Chou ao encarregado russo: *Dai Chaowu, p. 66. *Carta de Khruchióv, 27 de setembro de 1958*: em Ministério de Relações Exteriores da Rússia, *SSSR-KNR* vol. 1, p. 232; cf. ib., p. 233. "*Pilha de gente morrendo*": *Yang Kuisong 1999, p. 434. "*Por que fazer isso?*": *Huang Kecheng, p. 255. *Acordo de 4 de fevereiro de 1959*: **China Hoje* 1989a, vol. 2, p. 157; Zazerskaya 1997, pp. 173-4; Lewis & Xue 1994, p. 17.

*Mao 1977, pp. 136-7 (I: Kau & Leung, p. 516).

39. A MORTE DAS "CEM FLORES"

"*Número de prisões*": *Mao 1987-98, vol. 6, pp. 45-6. *Colegas na Europa oriental*: *Liu 1991, p. 647; *Zhou 1993, pp. 336, 344. *Visão de Mao*: *Mao CCRM, vol. 11A, p. 114; *Mao 1977, pp. 317-23 (I: Leung & Kau, pp. 163, 167); *Yang Kuisong 1999, p. 388.

27 de fevereiro de 1957: *Mao CCRM, vol. 1, pp. 190-232 (I: MacFarquhar et al., pp. 131-89). "*Lavagem cerebral*": 17 nov. 1957, *Mao CCRM, vol. 11A, p. 211 (I: Leung & Kau, p. 775). *Contou a alguns asseclas*: *Mao CCRM, vol. 11A, pp. 168-72. "*Capturar as serpentes*": 6 abr. 1958, *Mao CCRM, vol. 13, p. 115.

Dissenção: *Niu & Deng, pp. 122-3, 200, 204, 208-10, 269; *Ding Shu 1993, pp. 124, 132; *Zhu Zheng, pp. 384, 447, 470-2; **XB*, 1957, nº 14, pp. 61-6.

Levante impossível: cf. instrução, 6 jun. 1957, *Mao 1987-98, vol. 6, pp. 491-2; *Niu & Deng, pp. 215-9.

Panfleto, apelos: em *Mao 1987-98, vol. 6, p. 493; *Niu & Deng, pp. 34, 143-7, 262. *Ordenou que o editorial*: *Wu Lengxi 1995, 39-42 (I: Leung & Kau, pp. 564-7). *Circular, 12 de junho*: *Mao 1987-98, vol. 6, pp. 469-76. *Cientistas*: *Jin Chongji et al. 1998, p. 396; *Zhu Zheng, p. 405. *Encenação sádica*: *Mao CCRM, vol. 1, 362; *Zhu Zheng, pp. 435-40.

"*Denunciou 100 mil*": *Mao CCRM, vol. 13, p. 201.

"*Pequena Hungria*": *Cai Gong; *Comitê do PCC de Hubei, p. 330. *Orçamento da educação*: *Ministério das Finanças, vol. 2, p. 436; cf. Pan, p. 367.

Dai Huang: *Dai Huang.

Chou atacado: *Bo Yibo 1993, pp. 636-9; *Jin Chongji et al. 1998, p. 409; *Mao 1977, pp. 225-6; Ke Hua, em **BNC*, 1999, nº 3, p. 45. *Colapso fatal*: **ZR* vol. 10, pp. 187-9; *Li Zhisui, p. 219 (I: p. 230); *Bo Yibo 1993, p. 639. *Secretária relembrou*: Fan Ruoyu, em *Jin Chongji et al. 1998, pp. 434-5; discurso de Chou em Teiwes com Sun 1999, pp. 253-7.

Mandachuva de Henan: Pan Fusheng, denunciado por Mao, em *Mao 1987-98, vol. 7, pp. 201, 205, 209-10; em **Henan Ribao* (Diário de Henan), 4 jul. 1958; seu sucessor Wu Zhipu, em **XB*, 1957, nº 15, pp. 19-20, **Zhongzhou pinglun* (Zhongzhou Comenta), periódico, Henan, 1958, nº 1. *Liu sob ataque*: *Bo Yibo 1993, p. 642. *Anotações de Mao*: *Mao 1987-98, vol. 7, p. 205; *Bo Yibo 1993, pp. 642-3. *Chou abatido*: *Jin Chongji et al. 1998, p. 438. "*Alguém que entretém*": entrevista com o filho de Chen Yi, 2 out. 1994. "*É preciso um culto*": Schram 1974, pp. 99-100 (10 mar. 1958, Chengdu); *Cong Jin, p. 116; cf. Mao 1998, pp. 424-5; Snow 1974, p. 174 (conversa com Mao, 9 jan. 1965). "*Rebanho cego*": *Cong Jin, p. 117.

Diário do Povo *noticiou*: 26 maio 1958. *Mao no restaurante*: Quan, pp. 87-9. *Mao não aceitou dublê*: entrevista com a pessoa que fez a sugestão, 14 out. 1994. *Linguagem quase divina*: *Mao CCRM, vol. 13, p. 133 (I: MacFarquhar et al., p. 412).

40. O GRANDE SALTO: "METADE DA CHINA TALVEZ TENHA DE MORRER"

Encurtado para: 28 jan. 1958. *Mao 1987-98, vol. 7, p. 42; *Mao CCRM, vol. 13, p. 90. "*Como um átomo*": ib. (I: Schram 1974, p. 92). *Lançamento do* "*Grande Salto*": Teiwes com Sun 1999, pp. 71 ss.; Schoenhals 1987; MacFarquhar 1983, pp. 51 ss.; Yang, D, pp. 33 ss.; Becker, pp. 58 ss. "*Alcançar todos*": **RR* editorial, 29 maio 1958. "*Oceano Pacífico*": *Mao CCRM, vol. 11B, p. 80. "*Comitê de Controle da Terra*": *Mao CCRM, vol. 13, p. 131. *Mao afirmou que haveria um aumento*: *Bo Yibo 1993, pp. 684-5. *Chefes provinciais proclamarem*: ib., p. 688.

Henan como modelo de Mao: *Mao 1987-98, vol. 7, p. 114; *Wu Lengxi 1995, pp. 63-4; Domenach 1995. *Campos Potiómkin*: *Chen Han, pp. 74-5; Wang Ding, em *Xiao Ke et al., pp. 205-19. *Fins dos transplantes*: *Chen Liming, p. 337. "*Excedente de comida*": *Qiu Shi, vol. 3, p. 235; **RR*, 11 ago. 1958. *28 de janeiro*: *Mao 1987-98, vol. 7, p. 44; *Mao CCRM, vol. 13, p. 92.

"*Sputnik de Guangxi*": Wang Ding, em *Xiao Ke et al., pp. 205-19.

"*Quando vocês ordenarem*": *Mao CCRM, vol. 13, p. 129. *Mao acusou várias vezes*: *Mao CCRM, vol. 13, pp. 240, 253, 254. "*Um grande problema*": *Mao 1987-98, vol. 8, p. 209. *Relatório de Yunnan*: *Mao 1987-98, vol. 7, pp. 584-5. *Misturas de terra*: Becker, pp. 206-7. *Exportações*: Yang. D., p. 66; Lardy, pp. 373, 381; Hussain & Feuchtwang, p. 51; Price, pp. 593, 601. *Mao-Khruchióv, 1958*: *CWB* nºs 12-13, pp. 250 ss. (minutas de conversações, 31 jul. & 3 ago. 1958); *Li Yueran, pp. 149-50.

Alimentos como combustível: *Mao CCRM, vol. 13, p. 168 (I: *CWB* nºs 6-7, p. 220); *Dong Sheng, p. 493.

950 canais de Suez: Chi 1965, p. 50; cf. Becker, p. 78. "*Acho que 30 mil*": *Jiang Weiqing, p. 421. *Gansu*: **RR*, 17 maio 1958; *Mao 1987-98, vol. 7, pp. 201, 205, 210. "*Três Simultâneos*": discurso de Lo Fu, 21 jul. 1959, em *Zhang Wentian 1990-5, vol. 4, 324; *Qiu Shi, vol. 3, p. 224. *Um projeto bem conhecido*: *Qiu Shi, vol. 3, pp. 222-32.

Desperdício assombroso: **Reminiscências sobre Tan Zhenlin*, p. 418; *Qian & Geng, pp. 771-8; Shapiro, pp. 63-4. "*Tática da onda humana*": *Bo Yibo 1993, p. 683. "*Reduzam as importações de fertilizantes*": *Mao CCRM, vol. 13, p. 230. "*País de porcos*": 31 out. 1959, *Mao 1993c, p. 498. *Número de porcos caiu*: Lardy, p. 373. "*Lagos de merda*": *Liu & Yi, pp. 144-5. *Pardais*: *Liu Zhende, pp. 80-1; *Mao 1987-98, vol. 9, p. 81; cf. Shapiro, pp. 86-9.

Pardais da Rússia: entrevista com um russo bem informado, jun. 1995. *Cães*: *MMMS, p. 271. "*No ano passado*": *Bo Yibo 1993, p. 700.

Entrevista com russo bem informado, jun. 1995.

"*Professores burgueses*": 22 mar. 1958, *Mao 1987-98, vol. 7, p. 118. "*Forçadas*": 23 nov. 1958, *Mao CCRM, vol. 13, p. 217 (I: MacFarquhar et al., p. 515); *Li Rui 1989, p. 236. "*Fornalhas samovares*": Khrushchev 1977, vol. 1, p. 504. "*Entregar uma picareta*": *Comitê do PCC de Zhenyuan, p. 53. *Dias de trabalho perdidos*: MacFarquhar 1983, p. 119. "*Precisamos conseguir!*": *Bo Yibo 1993, p. 706. "*Apenas 40%*": 21 nov. 1958, *Mao CCRM, vol. 13, p. 204 (I: MacFarquhar et al., p. 495); cf. MacFarquhar 1984, p. 128. *Ligas metálicas russas*: Doumkova, p. 133. "*Não sou bom para construir*": *Li Rui 1989, p. 88.

Mao desperdiçou: Brezhnev, pp. 59ss. "*Escravos*": 16 maio 1958, *Mao 1987-98, vol. 7, p. 231. *Zassiádko*: Khrushchev 1977, vol. 2, pp. 324-5, 81; Vereshchagin, p. 114. "*Projetos velhos*": *Bo Yibo 1993, p. 713. *Problemas de qualidade*: *Huang & Zhang, p. 401; *equipe de *Biografias Chinesas Contemporâneas*, pp. 546-65.

"*Espírito comunista*": 30 ago. 1958, *Mao CCRM, vol. 13, p. 147 (I: MacFarquhar et al., p. 434). "*Mudança a partir de 1º de janeiro*": *Mao CCRM, vol. 13, pp. 176-7. *Dias de folga*: *Mao CCRM, vol. 13, pp. 138, 180 (I: MacFarquhar et al., p. 418, 443 ss., 449, 455); Estatuto da Comuna de Chayashan, em **ZDJC* vol. 22, p. 500. *Tifo*: Li Rui, em *Han Taihua, p. 583. "*Trabalhar todos os dias*": 30 ago. 1958, *Mao CCRM, vol. 13, p. 151. "*Mais fácil de controlar*": 21 ago. 1958, *Mao CCRM, vol. 13, p. 133. *Primeira comuna*: 19 ago. 1958, *Mao CCRM, vol. 13, p. 130; *Mao 1987-98, vol. 7, pp. 345-7; *Chen Han, pp. 158-61; Estatuto da Comuna de Chayashan, **ZDJC* vol. 22, pp. 497-501. *Eliminar os nomes*: entrevista com Wang Guangmei, 27 set. 1994. Ver foto.

1415 habitações: *Liu & Yi, pp. 75-7. "*Isso não vai dar certo*": 26 set. 1961, *Mao 1993c, p. 552. "*Eram escravos*": *Wang Gengjin et al., p. 199; Becker, p. 144. "*Gente perambulando*": 19 ago. 1958, *Mao

CCRM, vol. 13, p. 130 (I: MacFarquhar et al., p. 407). Entre as ordens que proibiam os camponeses de sair de suas aldeias estavam as de 2 mar. & 18 dez. 1957, 9 jan. 1958, 25 fev. 1959, em *_Enciclopédia da RPC_ vol. 2; 31 mar. 1959, em *_ZDJC_ vol. 23, pp. 17-18.

"_Quatro morreram_": *Wang Gengjin et al., p. 195.

Brutalidades: *Wang Gengjin et al., pp. 202-3; Becker, pp. 144-6. "_Produção primeiro_": *Yun & Bai, p. 7. "_Chaminés_": sra. Liang Sicheng, *Li Yong et al., p. 271. _Conservar 78_: Terzani, pp. 27-8; Kordon, p. 11 (Mao a Kordon, dez. 1962). "_Estou encantado_": 28 jan. 1958, *Mao CCRM, vol. 13, p. 91; também pp. 80-1. "_Não suporto_": jan. 1958, Li Rui, em *Han Taihua, pp. 560-1.

Qingdao e Changchun, "_as melhores_": mar. 1958, *Mao CCRM, vol. 11B, p. 46. _Para dez mil pessoas_: entrevista com um dirigente da arquitetura, 16 out. 2002. "_Maior praça_": Ma Ju, secretária de Peng Zhen, *_ZDZ_, nº 76, p. 64. _Vida em_ "_câmara lenta_": Rowinski, p. 89. _Ração de carne_: *Cong Jin, p. 272. _Ingestão diária de calorias_: Ashton et al., pp. 622-3; Han 1982, p. 361; Banister, pp. 866-7. _Ração de Auschwitz_: museu em Auschwitz.

Canibalismo: *Wang Gengjin et al., p. 195; *Fu Shanglun et al., p. 26; Becker, pp. 212-3. _Estudante polonês_: Rowinski, p. 89. _Liu disse que 30 milhões haviam morrido_: entrevista com Tchervonenko, 28 out. 1998. _Exportações de grãos_: Yang, D., p. 66.

*Yang Zihui et al., pp. 1522, 1610-12; *Birô de Estatísticas da China, p. 103; *_China Hoje_ 1988, p. 9; *Dong Fu; cf. Yang, D., p. 38.

"_A favor da morte_": 20 maio 1958, *Mao 1987-98, vol. 7, p. 201; *Mao CCRM, vol. 11B, p. 68. _Condado de Fengyang_: *Wang Gengjin et al., pp. 194-5. "_Mortes trazem benefícios_": *Mao CCRM, vol. 11B, p. 148; *Wang Gengjin et al., p. 194. "_Estamos preparados para sacrificar_": Sidikhmenov MS, p. 215; cf. Kapitsa 1996, p. 60; Borisov 1982, p. 72. "_Não se preocupem tanto_": *Mao CCRM, vol. 11B, p. 64; *Mao CCRM, vol. 8, p. 44. "_Metade da China_": *Mao CCRM, vol. 13, pp. 203-4 (I: MacFarquhar et al., pp. 494-5).

41. A BATALHA SOLITÁRIA DO MINISTRO DA DEFESA PENG

Peng contra a corrupção: *Peng 1981, p. 5 (I: Peng, p. 27); *Li Rui 1989, p. 342; *Peng 1998, pp. 561-2, 739. _Contra o culto da personalidade_: *Li Rui 1989, pp. 253, 342; *Zheng Wenhan, p. 135. _Estima por Khruchióv_: *Li Rui 1989, p. 253. "_Deveriam ser compatíveis_": *Peng 1962. _Admirava_ "_Liberdade, igualdade_": *Mao CCRM, vol. 10, p. 347 (I: JPRS, vol. 9, parte 1, p. 13); *Li Rui 1989, pp. 235-6.

Ministro da Defesa, com relutância: *Wang Dongxing 1997a, pp. 93-4, 121. _Propôs sua renúncia_: Jin Chongji et al. 1998, p. 438. _Submarinos nucleares_: minutas da conversa de Mao com Iúdin, 22 jul. 1958, em *_DDWX_, 1994, nº 1, p. 19 (I: _CWB_ nºs 6-7, pp. 155-9). _Peng desapareceu_: *Zheng Wenhan, p. 338.

Excursão de inspeção: ib., p. 366; *Jing Xizhen, pp. 69-71.

Conferência de Wuhan: *Peng 1981, p. 265 (I: Peng, p. 487). _Peng visita região natal_: *Peng 1981, pp. 266, 274-5 (I: Peng, pp. 487, 501); *Zheng Wenhan, pp. 389-92; *Jing Xizhen, pp. 72-3; *Wang Yan et al., p. 580. _18 de dezembro, Peng-Bo_: *Peng 1981, p. 266 (I: Peng, p. 488); *Zheng Wenhan, p. 390; *Bo Yibo 1993, p. 857.

"_Algumas crianças morrem_": 9 dez. 1958, *Mao CCRM, vol. 11B, pp. 147-8.

Convite da Europa Oriental: *Peng 1998, pp. 691, 717-22; *Peng 1962. _Mao explodiu_: *Zheng Wenhan, pp. 413-4; cf. MacFarquhar 1984, pp. 172 ss. _Esposas_: *Zheng Wenhan, p. 414; entrevistas com pessoas próximas de Peng. _Peng-Iúdin_: Bréjnev, pp. 63-5; carta de Brezhnev aos autores, 6 abr.

2000 e entrevista por telefone, 22 abr. 2000.

Alemanha Oriental: *Zhu Kaiyin, p. 20; *Zheng Wenhan, pp. 427-8; entrevistas com Brie e Wolf, 18 & 22 nov. 1999. *Ulbricht quer mais alimentos*: Meissner, p. 272 (carta de Ulbricht a Mao, 11 jan. 1961); *Wang Taiping 1998, p. 309. *Peng sobre Europa Oriental*: *Peng 1998, p. 736; *Wang Taiping 1998, p. 292; *Zhu Kaiyin, pp. 19-20. *Visita à Albânia*: *Zheng Wenhan, pp. 441-3; entrevista com Maqo Çomo, 13 mar. 1996.

Mausoléu: *Peng 1998, p. 736. *Submarinos*: Hoxha 1980, pp. 435-61. *Empréstimos*: AQSh, f. 14, 1958, d. 1 (Hoxha a Mao, 7 out.; Hoxha ao embaixador chinês, 9 out.; Mao a Hoxha, 18 dez. 1961); AQSh, f. 14, 1961, d. 1 (conversas Chou-Koleka, 17 & 30 jan. 1961).

"*Transportar grãos*": *Peng 1981, p. 267 (I: Peng, p. 489). "*Convidar o Exército Vermelho soviético*": *Li Rui 1989, p. 126; cf. Vereshchagin, p. 115. "*Dar uma farejada*": 1º ago. 1959, em *Li Rui 1989, p. 239; *Zheng Wenhan, p. 444. *Pagamentos à Rússia*: relatório de Li Xiannian para Mao, 20 maio 1959, em **ZDJC* vol. 23, pp. 96-9. "*Camponeses unidos contra o Partido*": *Mao CCRM, vol. 13, pp. 253, 264-75. *Chefes provinciais*: *Tao Lujia, pp. 82-4.

Mao vai a Shaoshan: nossa visita a Shaoshan e entrevistas com séquito de Mao, parentes, autoridades locais, out. 1994; *Gong Guzhong et al.; *Zhao Zhichao, pp. 495-531; (Li, Z., pp. 301-4).

Mao em Lushan: nossa visita a Lushan, e entrevista com morador bem informado do local, abr. 1996; *Luo Shixu; *Li Rui 1989; *Li Zhisui, pp. 296-8 (I: pp. 309 ss).

Nova sala em Zhongnanhai: entrevistas com ex-namoradas de Mao, 29 set. 1994, 30 jul. 1999; *Li Zhisui, pp. 268-9, 342-5 (I: pp. 356-64). *Peng chegou*: visita a Lushan, abr. 1996; *Wang Chengxian, pp. 238-9. *Conferência de Lushan*: Teiwes com Sun 1999, pp. 202-12; Yang, D., pp. 51-6; Li Rui 1996, pp. 78-96.

Opiniões de Peng: *Peng 1998, pp. 738-40; discursos de Peng Dehuai em Lushan, 3-10 jul. 1959, URI, Peng, pp. 393-45; *Peng 1962. *Balões de ensaio*: *Peng 1998, pp. 740-1.

Mao, 23 de julho: *Li Rui 1989, pp. 165-76; *Deng Xiaoping, Jiang Zemin, et al., p. 504; Schram 1974, pp. 131-46; URI, Peng, pp. 405-12.

"*Sentimos que a atmosfera*": Wang Yi, em *Han Taihua, p. 667. *Falsas concessões*: *Liu 1993, p. 573; **ZDJC* vol. 23, pp. 117-18, 132; *Cong Jin, pp. 236-8. "*Camarilha antipartido*": entrevistas com Li Rui, 1993-8; com as viúvas de dois dos quatro homens da "camarilha antipartido", Lo Fu (7 set. 1998) e Zhou Xiaozhou (16 out. 1993); *Song Xiaomeng; *Huang Kecheng; *equipe da *Biografia de* Zhou Xiaozhou.

Lin "*inventou*": *CWB*, nº 11, p. 159 (28 nov. 1968). *Deng estimou 10 milhões*: *Cong Jin, pp. 393-4. "*Doença nº 2*": Becker, p. 200. *Flagelava os médicos*: entrevista com um médico dos líderes, 22 set. 1994. *Ex-mulher de Mao*: entrevistas com amigos dela (Zeng Zhi, 24 set. 1994; Liu Ying, 7 set. 1998) e com mensageiro de Mao, abr. 1996; *Shui Jing, pp. 211-28; *Wang Xingjuan 1993, pp. 67-85; 155-6; 209-13, 221.

42. OS REBELDES TIBETANOS

Mao-Stálin, 1950: *CWB*, nºs 6-7, p. 9. *Stálin*: "*etnia chinesa*": *FEA*, nº 4, 1996, p. 69 (a Liu, 28 jun. 1949). *Política no começo dos anos 1950*: telegramas de Mao, *Mao 1987-98, vol. 1, pp. 475-7 (23 ago. 1950), 488-9 (dois em 29 ago. 1950); vol. 2, pp. 451-2 (13 set. 1951); vol. 3, pp. 493 (11 jul. & 18 ago. 1952), 583-4 (8 out. 1952). Le Yuhong, em *Han Taihua, pp. 246-82; *Comitê do PCC do Tibete; Tsering Shakya, pp. 33 ss. *Conversações Mao-Dalai-Lama*: entrevista com o Dalai-Lama, 11 fev. 1999;

Dalai-Lama, pp. 88-9, 91, 97-100.

O Dalai-Lama candidata-se a entrar no PCC: Dalai-Lama, p. 90; entrevista com o Dalai-Lama. *Correspondência Mao-Dalai-Lama*: carta de Mao de 24 nov. 1955, *Mao 1987-98, vol. 5, pp. 451-2. *Kham*: *Mao 1987-98, vol. 6, pp. 113-4, 265-6; *Comitê do PCC do Tibete; *equipe da *Biografia de* Su Yu, pp. 923-8; entrevista com testemunha ocular, set. 1997. *24 de junho de 1958*: *Mao 1987-98, vol. 7, pp. 286-7, cf. p. 176. *22 de janeiro de 1959*: *Mao 1987-98, vol. 8, pp. 10-11. "*Quanto maior o levante*": *Mao 1987-98, vol. 8, pp. 46-7 (18 fev. 1959: I: em Wolff 2000, p. 59).

Deixar o Dalai-Lama escapar: *Comitê do PCC do Tibete, p. 87. "*Aniquilá-los*": *Comitê do PCC do Tibete, pp. 90-1. *Inquirições de Mao*: *Mao 1987-98, vol. 8, pp. 198-9. *Campanha nos meios de comunicação*: *Mao 1987-98, vol. 8, p. 234; **RR*, 30 abr. 1959. *Chou reconheceu*: *Cong Jin, p. 452.

Todas as citações e descrições: *Panchen Lama (números de páginas em ordem de citações), pp. 26, 96, III, 20-1, 93, 86, 109, 33, 107, 56, 87, 44, 45, 50, 97 (I: 29, 30, 112, 24, 102, 85, 189-90, 90, 102, 51, 52, 105, 113).

Palden Gyatso: entrevista, 10 fev. 1999; Palden Gyatso, p. 78.

Mao "*bastante descontente*": entrevista coletiva do Panchen Lama, **RR*, 5 abr. 1988; *Comitê do PCC do Tibete, pp. 141, 153, 167.

43. O MAOÍSMO TORNA-SE GLOBAL

Sidewinder: Khrushchev, S. 2000, pp. 269, 271-2; Khrushchev, N. 1990, p. 151; id. 1977, vol. 2, pp. 319-20. "*Mandar no mundo*": Khrushchev, N. 1977, vol. 1, p. 504. *Ajuda para a bomba suspensa*: Khrushchev, S., pp. 270-1; Kapitsa 1996, p. 63; entrevista com Kapitsa, que redigiu a carta de 20 jun.; Gobarev, pp. 25 ss.; Negin & Smirnov, pp. 3-13; Goncharenko, pp. 157-9; Zazerskaya 1997, pp. 177-8.

Não foi golpe fatal: Arkhípov, entrevistas com Kapitsa; Gobarev, pp. 30-1; *Song Renqiong, p. 355. "*Evitar a 'rotina'*": Wolff, p. 69 (Suslov, 24 dez. 1959); cf. Taubman 1996-7, pp. 244, 248. "*Mas acreditarão em nós*": dez. 1959, *Mao 1987-98, vol. 8, p. 601 (I: em Wolff, p. 74); *Qiu Shi, vol. 2, p. 551. *1010 planos*: Filatov, pp. 114-5. *Formulou uma política*: dez. 1959, *Mao 1987-98, vol. 8, pp. 600-1 (I: Wolff, p. 73); *Wu Lengxi 1999, pp. 234-5, 254-5. *CIA*: *FRUS* 1958-1960 vol. 19, p. 521 (National Intelligence Estimate de fev. 1959).

De Beauvoir: Chen Xuezhao, p. 43; De Beauvoir, pp. 427, 429, 518, 119. "*Não serão capazes de fugir*": *Zhu Lin, p. 10; *Ministério do Exterior 1990 ss., vol. 4, p. 5; *Geng Biao, vol. 2, p. 24; Li, X., p. 22. *Mitterrand*: Mitterrand 1961, p. 30; cf. id., "Entretien avec Mao", *L'Express*, 23 fev. 1961, pp. 13-14. *Trudeau*: Hébert & Trudeau. *Boyd-Orr*: *Facts on File*, 14-20 maio 1959, p. 162 (declaração, 13 maio 1959). *Montgomery*: Montgomery, p. 64. *TV da* BBC: Greene, p. 365.

Números da ajuda: Copper 1976, pp. 125, 3. *Empréstimos são presentes*: *Seção de Estudos do Arquivo do PCC 1991, p. 261; entrevista com Babu, 11 jul. 1994. *Indochina*: Hoan, p. 286. *Argélia*: *Wang Taiping 1998, p. 115. *Guevara*: ib., p. 492; *Zhou 1997, p. 373; Anderson, pp. 489-90; cf. Copper 1976, pp. 33-4.

Albânia: AQSh, f. 14, 1958, d. 1; f. 14, 1961, d. 1, p. 7; entrevista com Shyti, 14 mar. 1996.

Venezuelanos: AQSh, f. 14, 1966, d. 3 (9 nov.). *Serviço secreto holandês*: Andrew Higgins, "In From the Cold", *Wall Street Journal*, 3 dez. 2004. *Lilley*: entrevista, 1 maio 1995. *Momento fundador*: *Xiong Xianghui, pp. 361-80; **Enciclopédia da RPC* vol. 3, p. 2570.

*Liu Guangren et al., pp. 247-57.

"*Não melhor que africanos*": 7 maio 1960, Mao 1998, p. 311. *Encontro de sindicatos*: entrevista com Foa, 8 ago. 2000, o primeiro participante a falar em público sobre a divisão ("Dichiarazioni di Foa...", *l'Avanti!*, 14 jun. 1960); Prozumenshchikov 1999, pp. 80-2, 85, 95, n. 7 (dos arquivos russos); Grishin, pp. 179-82; Vereshchagin, pp. 159-60; Zubok, pp. 156-7. AQSh, f. 14, 1960, d. 1, 3, 4.

Entrevista com Belichova, 13 mar. 1996; AQSh, f. 14, 1960, d. 1, 3, 4; Yan Mingfu, em **Lembrando Peng Zhen*, p. 178.

Cabell: *FRUS* 1958-1960, vol. 19, pp. 690-1 (22 jun. 1960); cf. ib., p. 719 (Allen Dulles). *Bucareste*: entrevistas com três participantes, dois russos e um islandês.

"*Não é preciso uma guerra mundial*": *CQ* 3 (1960), p. 120; Floyd, pp. 278-80; Zagoria, pp. 325 ss. "*Estávamos isolados*": Kojima, p. 206 (Mao, 28 mar. 1966); *Mao recua*: *Wu Xiuquan 1995, pp. 337-42; *Wu Lengxi 1999, pp. 294-5. *Rússia retira especialistas*: Ministério de Relações Exteriores da Rússia, *SSSR-KNR* vol. 1, pp. 265 ss. (carta de 16 jul. 1960); entrevista com Tchervonenko, 28 out. 1998; Zazerskaya 2000, pp. 133-70; Prozumenshchikov 1999, p. 91; Vereshchagin, pp. 159-61; Brezhnev, pp. 59 ss.; Chen 1996-97, pp. 246, 249-50. *Arrancar coisas dos russos*: *Dong Sheng, pp. 401, 406-11. *Mísseis*: Baturov. *66 de 155*: *Wang Taiping 1998, p. 242; Zazerskaya 1997, p. 174.

Adiantado: *Wu Lengxi 1999, p. 337; *Wang Taiping 1998, p. 241. *Rússia*: "*não pediu o pagamento*": entrevista com pessoa bem informada, 8 set. 1998; entrevista com Tchervonenko. *Embaixador da Rússia*: entrevista com Tchervonenko. *Revalorizar*: Vladimirov, Y., pp. 22 ss. *Oferta de grãos, açúcar*: *Wang Taiping 1998, p. 242; *Seção de Estudos do Arquivo do PCC, pp. 211-2; Ministério de Relações Exteriores da Rússia, *SSSR-KNR* vol. 1, pp. 297-8 (carta de Khruchióv a Mao, 27 fev. 1961).

Muro de Berlim: entrevista com Brie, 22 nov. 1999. *Maio-junho de 1962*: **História da Guerra de Autodefesa da Fronteira Sino-indiana*, pp. 465-6; relatório de Lin Biao ao Politburo de 6 jun. 1962 sobre preparação para a guerra, *Liu 1996, p. 557. *Nehru* "*petulante*": Chou a Kissinger, 13 nov. 1973 (Burr 1999b), p. 11. *U-2, Charbatia*: Pocock, pp. 96-100; *Weng & Pocock, pp. 165-9; entrevista com I Fu-en, 6 out. 1996. *Preparação para a invasão de Chiang*: *Huang & Zhang, pp. 370-2. *Mao enfurnado nas colinas Ocidentais*: entrevista com seu séquito, set. 1994. *Sondar Washington*: *Wang Bingnan, pp. 86-90; *FRUS* 1961-1963, vol. 22, Doc. 131 (Cabot-Wang, 23 jun. 1962); Cabot, p. 128; Hilsman, p. 319; Fetzer, pp. 189-90.

Sondagem ao embaixador russo: *Wu Lengxi 1999, p. 497. *Khruchióv contou aos chineses sobre Cuba*: *Zhang Dequn, pp. 7-8; *Liu Xiao, pp. 146-9. *Crises Cuba/Índia*: Fursenko, pp. 596, 616, 1106-9; Childs Papers, Caixa 2, Pasta 3 (discurso de Khruchióv, 16 out. 1962), Hoover Institution; conversas com Galbraith, 22 fev. 1995 & 24 fev. 1997.

May & Zelikow, p. 254.

"*Aliado indigno de confiança*": May & Zelikow, pp. 637-8 (chefe da CIA McCone, 29 out. 1962); Radványi 1972, pp. 136, 173n: informações de Mikoian às embaixadas comunistas em Washington depois da visita a Cuba; Anderson, p. 545; cf. *CWB* nº 5, pp. 109, 159 (Mikoian a Guevara, 5 nov. 1962). "*Somente um homem*": ao presidente mexicano Echeverría, 20 abr. 1973 (entrevista com Anguiano, 23 nov. 1992). *Castro jogou-os contra*: Lewis & Xue 1994, p. 172; Prozumenshchikov 1996-7, pp. 254-6. *Denuncia Khruchióv pelo nome*: *Wu Lengxi 1999, pp. 633, 638-9. "*Filosofia da sobrevivência*": URI, *Liu*, vol. 3, p. 244 (discurso de Liu Shao-chi, em Pyongyang, 18 set. 1963).

FRUS 1961-1963, vol. 22, Doc. 180 (Kennedy a Harriman, 15 jul. 1963); Harriman Papers, Caixas 539, 540, 542, 518, NARA.

44. UMA CILADA PARA MAO

Liu na região natal em 1961: citações e descrições de *Liu & Yi; *Liu Zhende, p. 132; entrevista com viúva de Liu, Wang Guangmei, 27 set. 1994. Liu, *SW* vol. 2, pp. 306-12 (conversa com camponeses, 7 maio 1961).

"*Não podemos continuar assim*": *Liu 1993, p. 444 (I: Liu, *SW* vol. 2, p. 316). *Filho adolescente observou*: entrevista com o homem, 12 abr. 1996. *Chou*: "*não sobra grão*": *Jin Chongji et al. 1998, p. 633. "*Por que todo esse barulho?*": *Cong Jin, pp. 482-3.

34%: ib., p. 399. "*Como são maravilhosos*": 9 ago. 1962, *Mao Miscellany* vol. 2, pp. 22-7. "*Recuamos*": *Mao 1987-98, vol. 9, p. 555. *Administradores receberam a mensagem*: de Chou, final de 1961, *Jin Chongji et al. 1998, p. 656. *Mao disse a Montgomery*: *Xiong Xianghui, p. 388. *Sentimentos amargos*: relatório de Wang Dong-xing, jan. 1961, em *Ding Wang, vol. 3, pp. 457-9.

"*Maior preocupação*": **Enciclopédia da RPC* vol. 2, p. 2438. "*Que assim seja*": abr. 1959, *Mao 1987-98, vol. 8, pp. 196-7. *Apontar bodes expiatórios*: 15 nov. 1960, 23-24 jan. 1961, *Mao 1987-98, vol. 9, pp. 349-50, 425. *Registros meteorológicos*: Becker, p. 283. *Comer peixe*: entrevistas com staff pessoal de Mao, out. 2000. *Menus europeus*: *MMMS, pp. 95-7.

Filha Li Na: conversa com Li Na, 25 mar. 1993; *Li Xiangwen, pp. 556, 558-60; *Li Yinqiao, pp. 165-6. *Para seu staff*: entrevistas com staff pessoal de Mao, out. 1994, abr. 1999, out. & nov. 2000. *Evitando sabão*: *Gong Guzhong et al., p. 152; *MMMS, p. 161. *Dirigente disparou*: pai de JC para a mãe, e com colegas. "*Renunciar há muito tempo*": *Li Rui 1989, p. 60. *Maldiziam Mao*: *Quan Yanchi 1991, p. 144. *Peng visita região natal*: *Peng 1998, pp. 764-8; *Wang Yan et al., pp. 668-76. "*Se o estatuto*": *Ding Shu 1991, pp. 271-2. *Mao vetou congresso*: *Pang & Jin, pp. 1184-5.

"*Precisamos de um aguilhão*": ib., p. 1185. *Conferência dos Sete Mil*: MacFarquhar 1997, pp. 137-81. *Texto do discurso com diretrizes*: *Liu 1993, pp. 458-67 (I: Liu, *SW* vol. 2, pp. 328-96); "*Matarem o tempo*": *Dong Fu. *Discurso diferente*: entrevistas com viúva de Liu, Wang Guangmei, 27 set. 1994, 8 nov. 1995; entrevista com Wang Li, 16 out. 1995; *Liu 1993, pp. 482-96; (I: Liu, *SW* vol. 2, pp. 397-422).

Reação: *Qiu Shi, vol. 1, p. 492; *Li Jian et al., pp. 457-60. "*Tirar a cólera*": *Bo Yibo 1993, pp. 1017-19. "*Soltar seus peidos*": *Li Zhisui, p. 373 (I: p. 386). *Discurso de Lin Biao*: *JYZW* vol. 15, pp. 105-8. *Elogiou Lin*: *Pang & Jin, p. 1197. *Ódio por Liu*: ib.; *Liao Gailong 1993, pp. 402-3. *Liu murmurou*: entrevista com Wang Guangmei, 24 set. 1994. *Liu havia esperado*: *Jin & Huang, p. 898.

A "autocrítica" de Mao: *JYZW* vol. 15, p. 121 (I: Schram 1974, pp. 158-87). *Ajuda praticamente zero*: Copper 1976, p. 125; Kovner, p. 612. "*Cada vez*": Zhu Kaiyin, p. 17. "*Pegue ratos*": 7 jul. 1962, *Deng 1989, p. 305 (I: Deng, *SW* vol. 1, p. 293). *Para Hong Kong*: entrevista com um então funcionário do PCC em Hong Kong, 8 out. 2002; carta de um refugiado.

"*Engolido afronta*": *Liao Gailong 1983, p. 140. *Agouro em relação a Liu*: Chang, J., p. 235; *Li Jian et al., p. 459. *Liu sabia*: entrevista com Wang Guangmei, 24 set. 1994. *Modo vibrante*: *Wang Guangmei et al., p. 31; *Jin & Huang, pp. 896-8.

45. A BOMBA

"*Luz da Morte*": 16 dez. 1963, *Chen Xiaodong, pp. 202-3. *Metade das linhas*: Qian Xuesen, em *Seção de Estudos do Arquivo do PCC 1991, pp. 289-91.

Kennedy e a bomba de Mao: *FRUS* 1961-1963 vol. 22, doc. 180 (Kennedy a Harriman, 15 jul. 1963); Harriman Papers, Caixas 539, 540, 542, 518; entrevistas com Troyanovsky; Seaborg, p. 245; Burr, 1999b; entrevista coletiva de Kennedy, 1º ago. 1963 *Public Papers* (Web/ Kennedy Library, p. 4).

Lanzhou/Baotou: Alsop, S., p. 9. "*Rei do petróleo*": AQSh, f. 14, 1964, d. 38 (a Balluku). *Johnson*: *FRUS* 1964-1968 vol. 30, Doc. 2 (15 jan. 1964, ao sen. Russell); cf. Garson; Burr, 1999b. *Telegrama de 70 anos*: *Wu Lengxi 1999, pp. 745-53; texto em inglês em *SCMP*, nº 3203 (1964), pp. 29-30. *Russos estupefatos*: Grishin, pp. 240-1; Brezhnev, pp. 89-90. *Declaração sobre negros americanos*: Mao 1998, pp. 377-9. "*Não compreendia os negros*": entrevistas com Williams por telefone, 19 mar. & 9 abr. 1995.

Panamá, *República Dominicana*: Mao 1998, pp. 390-1, 432-3 (12 jan. 1964, 12 maio 1965). *Mao-vietnamitas*: Yang Kuisong, em *Li Danhui, pp. 42-3 (I: Yang K. 2002, pp. 13 ss); Le Duan, *CWB*, nos 12-13, p. 280; Westad et al. 1998, pp. 75-6 (Mao a Pham Van Dong, 5 out. 1964). *Laos*, *Tailândia*: Yang Kuisong 2002, pp. 17-18. *Frota do Mar do Sul*: *Wu Ruilin. *Tropas dos EUA* "*reféns*": Heikal, p. 277 (23 jun. 1965); Heikal confirmou em entrevista, 18 jan. 1997.

Chou a Nyerere: Babu, que estava presente, leu-nos anotações da reunião, 11 jul. 1994; *Jin Chongji et al. 1998, p. 839. "*Terceiro Front*": citações e descrição em *Conselho de Estado, volume numerado compilado para o círculo interno; *Bo Yibo 1993, pp. 1200-3; Naughton 1988; Lewis & Xue 1994, pp. 85-99; Shapiro, pp. 145-59.

"*Tomem cuidado*": *Mao 1993c, p. 622.

Mao comemora a bomba: *Chen Xiaodong, pp. 178-9; *Yang Mingwei, pp. 330-1. *Versalhada*: *Cong Jin, p. 459. *Muito barata*: *Seção de Estudos do Arquivo do PCC 1991, p. 351. *US$4,1 bilhões*: Lewis & Xue 1988, pp. 107-8. *Cálculo de vidas salvas*: baseado em *FRUS* 1961-1963 vol. 22, doc. 132 (Rusk ao primeiro-ministro britânico Macmillan, 24 jun. 1962).

46. UM PERÍODO DE INCERTEZAS E REVESES

"*Usar romances*": *Pang & Jin, p. 1254. "*Quanto mais livros*": 26 jun. 1965, *Mao CCRM & ARL, vol. VII, p. 3674 (I: Schram 1974, p. 232). *Leitura* "*arruína*": 27 jan. 1965, ib., p. 3670. "*Manter o povo estúpido*": **BNC*, 1999, nº 3, p. 18.

Mao fã de ópera: *MMMS, pp. 467-86; entrevistas com staff pessoal de Mao; Quan, pp. 44-7; Payne 1950, pp. 209-10. "*Todas as formas de arte*": *Mao 1987-98, vol. 10, pp. 436-7. "*Joguem cantores*": *Mao CCRM, vol. 4, pp. 3-4. *Destruição*: Terzani, pp. 26 ss. *Templos e túmulos*: *Mao 1987-98, vol. 11, pp. 232-6. "*Livrem-se da maioria dos jardineiros*": *Mao CCRM, vol. 4, p. 26.

Crítica a Stálin: **ZDZ* conselho editorial, p. 152. *Lei Feng*: Marcuse, pp. 237-46. *Ódio*: Chou, *SW* vol. 2, p. 432 ("Aprender com Lei Feng"). *8 de junho de 1964*: *Bo Yibo 1993, p. 1148.

"*Desejo máximo*": Chou a Tchervonenko (SAPMO, *DY* 30/3605, pp. 227-9: Podgorny a Ulbricht por telefone, 29 out. 1964; Brezhnev, p. 96). *Teste de reaproximação*: Aleksandrov-Agentov, pp. 113-18; Kapitsa 1996, pp. 75-6; entrevistas com Troyanovsky. *Tchervonenko relembrou*: entrevista.

Episódio Malinovski: Kudashev (intérprete), pp. 198-9 Aleksandrov-Agentov, pp. 168-9; Arbatov (citando Andrópov), p. 114; entrevistas com Kudashev, Kapitsa, Troyanovsky (presente); registro das conversas Chou-Bréjnev, 8 nov. 1964, em *Jin Chongji et al. 1998, pp. 827-8; *Yang Mingwei, pp. 389-90; lembrança do intérprete Yan Mingfu, em *Han Taihua, pp. 757-9. *Uniforme de marechal*: entrevista com Yan Mingfu, 14 mar. 1998.

Chou passou a noite: ib. *Carecia de defesa antitanque*: *Li & Hao, pp. 273-4, 324. *Montanhas artificiais*: ib., pp. 256-7. *Chou*: *última visita a Moscou*: *Yang Mingwei, pp. 397-8.

Funeral de Ho Chi Minh: *Ministério do Exterior 1990 ss, vol. 2, pp. 158-60. *Ho Lung*: *Qiu Shi, vol. 3, pp. 494-524. *General Xu*: *Qiu Shi, vol. 3, pp. 500-19; *Xin Ziling 2002, p. 568; Zhang Songshan, p. 29. *Retirou de Dubna*: Pashkovskaya & Zhdanovich, pp. 321, 323; Clemens, p. 255, n. 5. "*Perto da prostração*": Brezhnev, p. 98. *Convocou a Assembleia*: 29 nov. 1964, *Yang Shangkun, vol. 2, p. 427. *Mao explodiu*: *Cong Jin, p. 602; *Mao 1993c, p. 615.

Falou rispidamente: *Mao CCRM, vol. 4, pp. 66-72. "*Alguém está cagando*": *Zeng Zhi, p. 432. *Aniversário*: *Qi Li, p. 120; *Zeng Zhi, pp. 432-3; *Bo Yibo 1993, p. 1131; *Mao Miscellany* vol. 2, p. 427. *Chen Bo-da*: *Bo Yibo 1993, p. 1133; *Ye Yonglie 1990, pp. 211-13. *Retrato de Liu*: entrevista com Wang Guangmei, 27 set. 1994. *Na suíte 118*: ib.; *Wang Guangmei et al., p. 118; *Mao Miscellany* vol. 2, pp. 437 ss.

Colegas-Liu-Mao: *Wang Guangmei et al., p. 119; *Jin & Huang, p. 973.

"*Abanar dedo mínimo*": *Wang Guangmei et al., p. 118. *Preparativos para a visita a Jinggang*: *Wang Dongxing 1993, p. 214; *Gong Guzhong et al., p. 247; entrevista com staff pessoal de Mao, 19 abr. 1999, com uma autoridade local, 13 abr. 1996. *Atitude espetacular de Lin Biao*: *Xin Ziling 2002, pp. 497-8.

Mao em Jinggang: visita às montanhas de Jinggang e entrevistas com moradores do local, abr. 1996; *Wang Dongxing 1993, pp. 214-36; *Gong Guzhong et al., pp. 246-7.

Cortejou Sukarno: entrevista com Fujita (presente em uma reunião secreta de cinco horas entre Chou e Sukarno, 1965), 6 mar. 1998; Childs papers, Caixa 2, Pasta 3 (informações de Korianov, 28 fev. 1965); Taylor 1974, pp. 104-8; Copper 1983, p. 97. *Egito*: Heikal, pp. 276-7, 282-3. *Ferrovia Tan-Zam*: entrevista com Babu (primeiro negociador); Snow, P., pp. 151-5, 160-72, 175-6, 181-2; *Ministério do Exterior 1990 ss, vol. 3, pp. 31-40; **BNC*, 2000, nº 6, pp. 4-11.

Ben Bella: *Mao 1987-98, vol. 11, pp. 187-90; *Zhou 1997, p. 738; cf. Liu, X., pp. 83-8; Snow, P., pp. 119-20. *Nyerere sobre Chou*: *Xiong Xianghui, pp. 431-2.

Garver, pp. 327-8.

Mao-Paquistão-Índia: Garver, pp. 202-4; **RR*, 17, 20 & 22 set. 1965; *Wang Taiping 1998, pp. 87-8; *Ministério do Exterior 1990 ss. 1993, p. 478; conversa com secretário das Relações Exteriores indiano Krishna Rasgotra.

Tailândia: Marks, p. 23; cf. Stokes; entrevista com família Pridi, 1º maio 1996. *Miyamoto*: entrevista, 22 abr. 1996. *Plano do PKI*: entrevista com líder comunista indonésio, out. 1994; cf. *Wang Taiping 1998, pp. 57-61.

*Tong Xiaopeng, vol. 2, p. 219; Zhai, pp. 117-19; cf. Armstrong, pp. 127, 131-2.

Mao sobre golpe na Indonésia: à delegação do Partido Comunista do Japão, 28 mar. 1966, gravação da reunião, cortesia do Comitê Central do PCJ; entrevista com Miyamoto, 22 abr. 1996. *Informante*: testemunho do coronel Latief em *Shadowplay* (TV BBC 4, 15 ago. 2002).

47. UM TOMA LÁ DÁ CÁ GARANTE A REVOLUÇÃO CULTURAL

"*Punir este nosso Partido*": 20 dez. 1964, *Mao CCRM, vol. 4, p. 60. "*Quanto um escorpião*": entrevista com uma pessoa próxima de Mao, 14 abr. 1999. "*Reprimiam e maltratavam*": Lin Mohan, em **BNC*, 1994, nº 4, p. 26. *Madame Mao telefonou*: *Xin Ziling 2002, pp. 506-7.

Comentários desdenhosos: entrevistas com membros da família de Lin, 6 maio & 20 out. 1995, 11 set. 1997; *Xin Ziling 2002, pp. 444, 480. "*Engels para Marx*": *Xin Ziling 2002, p. 480. *Fobias de Lin*:

entrevistas com membros da família de Lin, 6 maio, 14, 20 out. & 7 nov. 1995, 11 & 12 set. 1997; *Deng Li, pp. 155-8; *Guan Weixun, p. 213; Li, Z., pp. 453-4; Jin, pp. 145-7; visita a vilas de Lin. "*Se especializa em ódio*": nov. 1961, em *Ming & Chi, p. 201. *Luo, o Alto*: *Huang & Zhang, pp. 352, 433-538.

Mao-Lin, 1º de dezembro: *Xin Ziling 2002, pp. 509-10.

Prefeito Peng queixa-se ao PCJ: Kojima, p. 51. *Wu Leng-xi*: Rittenberg & Bennett, p. 288; *Wu Lengxi 1995, pp. 150-4. "*Wu me desobedeceu*": *Qiu Shi, vol. 2, p. 729. *Ambições "sem fim"*: *Huang & Zhang, pp. 540-1.

A filha de Luo: *Luo Diandian 1999, pp. 200-1. *Mao relutante*: *Huang & Zhang, p. 540.

"*Jiang Qing está doente*": *Zhang Tianrong, p. 71. *Suprimiu instruções de Mao*: *Shi Dongbing, pp. 131-4, 139, 157. *Tête-à-tête Peng-Peng*: ib., pp. 208-22. *Visitantes de Peng*: *Peng Meikui, p. 231.

Mao suspeitava de conspiração: *He Long, p. 771; *Mao Mao 2000, p. 27. *Comprimidos para dormir*: *Li Zhisui, p. 425 (I: pp. 440, 443). *Convite dos russos*: *Wu Lengxi 1999, pp. 934-9; *Shi Dongbing, p. 237; *Wang Li 2001, p. 582; *Mao Miscellany* vol. 2, p. 375 (Mao disse "não" em 20 mar. 1966). *Acusação de "golpe"*: *Wang Nianyi, p. 18. *Lapin-Liu no aeroporto*: Galenovich 2000, pp. 130-1, e entrevista com Galenovich, 24 jun. 1996. *Diretor que falava russo*: *Yang Shangkun, vol. 2, pp. 682-6; *Wang Lianjie, p. 438; entrevistas com intérpretes da língua russa, Yan Mingfu, 14 mar. 1998, e Li Yueran, 24 out. 2000.

Mao gravado: entrevista com a namorada de Mao, 2 nov. 1995; entrevistas com funcionários envolvidos na gravação, 17 set. 1994, 7 nov. 1995, 9 set. 1997; Ye Zilong, em **ZQZS* vol. 2, pp. 242-3; *Li Zhisui, pp. 281-2, 352-5 (I: pp. 292-3, 433, 439, 451). *Tsedenbal*: Radványi 1978, pp. 183, 185. *Luo condenado*: *Huang & Zhang, pp. 567-8.

Entrevista com Kang Yi-min, 17 set. 1994.

Madame Mao escreve a Lin: *Cong Jin, pp. 621-2. *Chou diz ao prefeito*: *Shi Dongbing, pp. 239-43. *Reunião do Politburo de maio 1966*: **WDYZ* vol. 1, pp. 1-25; Jin & Huang, pp. 1009-10; Li Xuefeng, em **BNC*, 1998, nº 4, pp. 17-19. *Mao a Ho*: Schoenhals 1996a, p. 94.

Discurso de Lin: 18 maio 1966, **WDYZ* vol. 1, pp. 16-23 (I: Kau 1975, pp. 334, 328); *Xin Ziling 2002, p. 542. *Mao disse aos albaneses*: a Kapo e Balluku, 3 fev. 1967, AQSh, f. 14, 1967, d. 6. *Expurgo na Guarda Pretoriana*: entrevistas com vítimas, 17 & 25 set. 1994. *Expurgo na polícia*: *Tao Siju 1997, pp. 204 ss.; *Liu Guangren et al., pp. 327 ss. *Ulanhu*: *Ulanhu, pp. 9-11; Bulag, pp. 226-9.

Lin contra Lu, texto pitoresco: entrevistas com membros da família de Lin e amigos, 9 out. 1993, 20 & 31 out., 7 nov. 1995; **WDYZ* vol. 1, pp. 24-5; *Chen & Song, pp. 485 ss.; *Ma Zhigang, pp. 187-211. *Senhora Lin*: entrevistas ib.; *Zhang Yunsheng, pp. 256 ss.; *Guan Weixun; Jin Qiu, pp. 145, 147-52.

48. O GRANDE EXPURGO

Madame Mao chefia Pequeno Grupo: *Wang Li 1993, p. 26. *4,8 bilhões*: *Zhou Jihou, p. 71. *1,2 bilhão*: *Zhou 1997, vol. 3, p. 340.

Cartazes da Guarda Vermelha: 2 de junho parece ser o dia em que o cartaz assinado "Guardas Vermelhos" apareceu na escola secundária anexa à universidade de Qinghua, **WDYZ* vol. 1, pp. 63-7. *13 de junho*: **WDYZ* vol. 1, pp. 44-5. "*Aulas interrompidas*": *Mao CCRM & ARL, vol. VII, p. 3684. *18 de junho*: Yan & Gao, pp. 46-7. *Gruta Gotejante*: visita à vila e entrevistas com autoridades locais, out. 1994; entrevistas com staff pessoal de Mao; *Gong Guzhong et al., pp. 8-9, 13-4, 157-64; 167-8;

*Zhang Yaoci, pp. 34-42.

Mãos à obra: Mao ao Pequeno Grupo: "Venham à minha casa para ter uma reunião todas as semanas", em *Qiu Shi, vol. 3, p. 418; entrevistas múltiplas com staff pessoal de Mao e do círculo íntimo, e com membro do Pequeno Grupo Wang Li. *Chou encarregado*: Schoenhals 1996a, pp. 90 ss.; id. 1996b, p. 363; *Jin Chongji et al. 1998, p. 894; entrevistas ib. *Vestiários*: entrevistas ib.; *Chen & Zhao, pp. 7, 10; *Li Zhisui, p. 462 (I: pp. 478-9).

Filhos dos dirigentes formam os Guardas Vermelhos: entrevistas com muitos filhos de altos dirigentes. *Primeira morte conhecida*: *Wang Youqin 1995, 1996; entrevistas com dois alunos da escola de então, 24 set. 1993, 8 nov. 1998. *Mao elogiou especialmente*: equipe "Bandeira Vermelha" da escola secundária anexa à universidade de Pequim, que havia começado a agredir os "Negros" em 1º de julho de 1966, bem como espancar professores, antes do "ardente apoio" de Mao em 1º de agosto, ver *Wang Youqin 1995, p. 43.

Chefe de Sichuan: entrevista com pessoa bem informada, 23 mar. 1994. "*Pequim não é suficientemente caótica*": *Mao CCRM, vol. 4, p. 115.

Ordens ao exército e polícia: **WDYZ* vol. 1, pp. 90-1; Schoenhals 1996a, pp. 48-9 (21 ago.). *Deu nomes e endereços*: entrevista com pessoa bem informada, 23 mar. 1994. *Chefe da polícia*: *Wang Nianyi, pp. 69, 73; *Qiu Shi, vol. 2, pp. 763-4; *Zhao Wumian, p. 137.

Lista de Chou: *Mao 1987-98, vol. 12, pp. 116-17; Schoenhals 1996, pp. 110-11.

Estatísticas oficiais: *Qiu Shi, vol. 2, p. 764. *Parte do butim*: *Guan Weixun, pp. 130-3; Yang Yinlu, em **BNC*, 1999, vol. 2, p. 67; entrevista com um membro do staff pessoal de Mao, 19 abr. 1999; Byron & Pack, pp. 364-8. *Kissinger*: Kissinger 1979, p. 1058. *Espaço de moradia*: *Wang Nianyi, p. 71; Kirkby, pp. 164-73.

Testemunha viu: *Zheng Yi, p. 48 (I: Zheng Yi, p. 59); cf. Schoenhals 1994, p. 10; entrevista por telefone com Zheng Yi, 28 ago. 2000. *Monumentos destruídos*: *Wang Nianyi, p. 70; Terzani, pp. 26-7. *Principal arquiteto*: viúva de Liang, em *Li Yong et al., pp. 265-78. *Primeira estátua quebrada*: *Wang Nianyi, p. 70. *Especialistas presentes*: *Ya & Liang, pp. 116, 238-44.

Casa de Confúcio: ib., pp. 44-60. "*ismo centrado nas pessoas*": 4 jul. 1973, em *Qiu Shi, vol. 3, p. 644. *Discurso de Lin*: Kau 1975, pp. 363-6 (15 set. 1966).

Vítimas do passado proibidas: 13 jan. 1967, **WDYZ* vol. 1, p. 247. *Mao resolveu derrubar todos*: *Wang Li 1993, p. 33. *Engenheiro britânico*: Watt, pp. 81, 91-2. *Ministro do carvão*: *Li Yong et al., pp. 89-97. *Fotografando tortura*: ib., pp. 89-90; **Nosso Premiê Zhou*, pp. 32-3; *Tu & Kong, p. 73; *Zeng Zhi, p. 463; *Huang & Zhang, p. 575; *Yang Mu, p. 249; Wang Li 1994, p. 76 ("insuportável").

Vice-premiê Ji: *Si Ren, pp. 77-8; Wang Lingshu, p. 24. *Substituições*: *Li & Hao, p. 241. *Chou*: "*não haverá guerra*": *Li Desheng, p. 349.

Programa de Superpotência em alta: tabelas em **Enciclopédia da RPC* vol. 4, p. 5094; entrevista com um dirigente econômico, set. 2000. *Equipe Central de Casos Especiais*: *Qiu Shi, vol. 3, pp. 489-525; *Li & Hao, p. 248; múltiplas entrevistas com vítimas da equipe e com um interrogador, 17 abr. 1999; entrevista com Wang Li, 16 out. 1995; *Wang Li 1994, p. 68; Schoenhals 1996a, 1996b. *Mao continuava a dançar*: entrevista com uma namorada de Mao, 29 set. 1994; *Quan Yanchi 1991, pp. 224-6.

Fevereiro de 1967: *Qiu Shi, vol. 3, pp. 418 ss:; *Wang Li 1993, pp. 31-2 (I: id. 1994, pp. 40-2; cf. id. 1999, pp. 69-81); entrevistas com membros das famílias de quatro dissidentes do Politburo; Suo, pp. 76 ss.; Yan & Gao, pp. 125-33. *Brigadeiro*: *Han Shangyu pp. 1-7. *Estudante de alemão*: *Yu Xiguang, pp. 52-74; Schoenhals 1996, pp. 149-50 (texto); conversa com Dai Qing, que a entrevistou, 20 out. 2002.

49. VINGANÇA AMARGA

No dia 5: *Huang Zheng, p. 26 (I: id. 1999, pp. 31 ss); cf. Galenovich 2000, pp. 55 ss. *Liu em festas dançantes*: entrevista com testemunha ocular, 13 set. 1994.

História de Kuai Da-fu: entrevista com Kuai, 3 out. 1995.

Reunião Mao-Liu: *Wang Guang-mei et al., pp. 187-8; *Liu Zhende, pp. 282-4; Galenovich 2000, pp. 74-6. *Manifestação de 300 mil*: entrevista com Kuai, 3 out. 1995; interrogatório de Wang Guang-mei em *Wang Nianyi, pp. 240-56 (I: Elegant 1971, pp. 347-67; Schoenhals 1996b, pp. 101-16).

Protestos a Mao: *Huang Zheng, pp. 102, 121-5. *Mao deixou instruções detalhadas*: por intermédio de Qi Benyu, a quem nomeou diretor interino do Secretariado Central, *Zhang Zishen, pp. 320-3; *Chen & Zhao, p. 48. *Comprimidos para dormir*: resposta de Wang Guang-mei a perguntas escritas feitas por telefone via secretária, 11 abr. 2000; *Huang Zheng, p. 122.

"*Caímos na risada*": *Wang Guang-mei et al., p. 34.

Entrevista com Grippa, 25 jan. 1994.

Zeng Zhi: entrevista, 24 set. 1994; *Zeng Zhi, pp. 464-70.

Tribunal fajuto: respostas de Liu em *PCC *Estudos*, pp. 629-30 (I: *CLG* vol. 1, nº 1 (1968), p. 75); *Wang Guang-mei et al., pp. 202-3; Jia Lanxun, criado pessoal de Liu, em **BNC*, 2000, nº 2, pp. 22-4; *Tu & Kong, p. 73; Bonavia, p. 186; cf. Wang Li 1994, p. 76. *Guang-mei pagaria caro*: respostas dela (por telefone via secretária) às nossas questões, 11 abr. 2000. *Cela de morte lenta*: citações e descrições de *Huang Zheng, pp. 126-30; Jia Lanxun, em **BNC*, 2000, nº 2, pp. 26-9; *Tu & Kong, pp. 179-82.

Mao queria acusação de espionagem: *Tu & Kong, pp. 79-80. *Proibidos de perguntar a Liu*: *Huang Zheng, p. 65 (I: id. 1999, p. 65). *Primeiro recluso*: *Shi Zhe 1992, pp. 237-9. *Rittenberg*: id. & Bennett, pp. 406-7. *Inteligência nacionalista*: *Shen Zui, p. 214. *Li Li-san*: entrevista com a viúva de Li, Lisa, e filha Inna, 28 out. 1995; cf. Lescot, pp. 431-61. *Tang Chunliang 1989, pp. 204-10. *Lo Fu*: *Liu Ying, pp. 167-8.

Equipe expurgada: *Huang Zheng, p. 64. *Situação complicada*: ib., pp. 88-9. (I: id. 1999, p. 89). *Chou entregou relatório*: *CQ* nº 37 (1969), pp. 175-80 (texto). *Sentença de morte*: entrevista com Wang Guang-mei, 8 nov. 1995. *Mao ato IX Congresso*: entrevista com um membro da família de Lin Biao, 20 out. 1995. *Última defesa de si mesmo*: *Huang Zheng, pp. 86, 124-5 (I: id. 1999, pp. 84 ss:).

Líderes dos Rebeldes: *Peng 1998, p. 797; entrevista com Kuai Da-fu, 3 out. 1995.

Últimos dias de Peng: *Peng 1998, pp. 806 ss.

50. O NOVO APARELHAMENTO DO PRESIDENTE

General Chen: *Chen Zai-dao, pp. 295-311.

Choque de Mao em Wuhan: Chen Zai-dao, em **WDYZ* vol. 1, p. 513; *Wang Li 1993, p. 39; *Wang Li 1994, pp. 59-61 (I: id. 1994, pp. 66 ss). *Veredicto de Mao não aceito*: *Chen & Zhao, pp. 59-61; *Wang Li 2001, pp. 1006-8; cf. Wang Li 1994, pp. 72-3; entrevista com Wang Li, 16 out. 1995; *Wang Nianyi, p. 263; Zhu, pp. 155-6; Huang, J., pp. 309-11. *Mao levado embora*: *Zhang Zuoliang, pp. 153-5; *Chen & Zhao, pp. 62-5; *Zhang Zishen, pp. 344-6; cf. Yan & Gao, pp. 231-9. *Rosto barbudo*: *Wang Li 1994, p. 62.

184 mil: Chen Zai-dao, em **WDYZ* vol. 1, p. 524; cf. Schoenhals 1996b, p. 366; Zhu, pp. 157-61. *Acontecimento inédito*: Chen Zai-dao, em **WDYZ* vol. 1, pp. 521-2; *Zhang Zuoliang, p. 158; *Zhou 1997, vol. 3, p. 173; *Wang Li 1993, p. 41. *75%*: *Wang Li 1993, p. 53. *Bode expiatório*: entrevista com Wang Li, 16 out. 1995; *Wang Li 1994, p. 66 (I: id. 1994, pp. 79-86); *Chen Yangyong, p. 364.

"*Gabinete Administrativo*" *de Liu*: Huang, J., pp. 312-3. *General Qiu*: *Xiao Sike, pp. 93-4, 289-97; entrevistas com membros da família de Qiu, 5 & 8 set. 1998; entrevista com um membro da família de Lin, 20 out. 1995. *General Yang*: *Zhang Zishen, pp. 395-6, 413 ss.; cf. Huang, J., pp. 312-13. *Mao suspende Conselho Militar*: Zhu, pp. 31-2; Huang, J., p. 314. *Veto vital*: múltiplas entrevistas com membros do círculo de Lin; *Ji Xichen, pp. 364-5. *Acólito Huang*: *Zhang Zishen, p. 419; *Guan Weixun, p. 184; *Wang Nianyi, p. 376; Zhu, p. 163.

Conversa grampeada: *Xiao Sike, pp. 87-91.

Batalha de Xangai: entrevista com testemunha ocular Song Yong-yi, 8 abr. 2000; *Li Xun, pp. 381-3, 391; *Ye Yonglie 1993, pp. 256-61; Perry & Li, pp. 44 ss.

Mao: "*Vi seu filme*": *Li Xun, pp. 384, 391. "*Armar a Esquerda*": entrevista com pessoa bem informada, out. 1995, e com Wang Li, 16 out. 1995; *Wang Li 1993, p. 54; cf. id. 1994, p. 75. "*Maravilhoso*": *Li Desheng, p. 347. *Mao disse a albanês*: ao ministro da Defesa Balluku, 5 out. 1968, AQSh, f. 14, 1968, d. 6, p. 5.

Estudante segue Mao: entrevista com um amigo do estudante, out. 1995. *História de Kuai*: entrevista com Kuai, 3 out. 1995; *Yang Mu, pp. 71-3; gravação de reunião de Mao com ele, *IRI, pp. 524-47 (I: *Mao Miscellany*, pp. 469-97).

16 milhões mandados para o campo: Pan, p. 373; cf. Schoenhals 1996b, pp. 370-1. *10 millhões condenados*: Liu, X. p. 115. *3,5 milhões presos*: Schoenhals 1996b, p. 367. *Condado de Binyang*: *Zheng Yi, pp. 8-12 (I: id., pp. 9 ss.). *100 mil vidas*: *Song Yongyi, pp. 239, 254; cf. Sutton, p. 137. *76 nomes*: *Zheng Yi, p. 96 (I: id., p. 101).

"*Banquetes de carne humana*": ib., pp. 68-9 (I: id., p. 13). *Camponês de 86 anos*: ib., pp. 38-40 (I: id., pp. 48-9). *Execuções de Anhui*: entrevista com testemunha ocular, 15 out. 2002. *Mongólia Interior*: Woody, pp. 3, 30-1; Sneath, pp. 42-6; Jankowiak, pp. 274-6; Sun em Walder & Gong 1993, pp. 15-17; *Tu & Zhu.

Yunnan: *Ding & Ting, pp. 6, 339; cf. Schoenhals 1996b, pp. 368, 370. *Assassinato*: *Wang Kexue, pp. 4-13. *Delegados ao IX Congresso*: *memórias inéditas de um membro-chave do staff do congresso; Zhang, Y. 1993, pp. 66-9.

Estimativas de mortes: *Ding Shu 2001; cf. Walder & Su, pp. 86-99; Leitenberg, pp. 11-2; Margolin, p. 513. *100 milhões*: Ye Jianying, 13 dez. 1978, em *Wang Nianyi, p. 623.

51. MEDO DA GUERRA

Mao escolheu Zhenbao: *Li & Hao, pp. 319-20; *Yang Kuisong 1999, pp. 492-3 (I: id. 2000, p. 27); cf. Wishnick, p. 26. *Choques*: Burr 2001, pp. 80-6; Kulik 2000, pp. 450-4. *Baixas*: Drannikov, p. 5; Ryabushkin, p. 151. "*Paisagem lunar*": Gates, p. 36; cf. Kapitsa 1996, p. 80 e entrevista. *Mao manda parar a luta*: *Yang Kuisong 1999, p. 493 (I: id. 2000, p. 30). *Kosíguin telefona*: entrevista com Kudashev, intérprete de Kosíguin que fez as chamadas, 19 jun. 1996; Kudashev, pp. 199-200; *Wang Taiping 1998, p. 273.

Pronto para negociar: *Mao 1987-98, vol. 13, p. 21. *Segredo do IX Congresso*: *memórias inéditas de um membro-chave do staff do congresso; Antonkin, pp. 105-6; Galenovich 2001, p. 159. "*Elevar*

montanhas": *Li & Hao, pp. 256-7. "*Montanhas*" *de Mao*: entrevista com Schlesinger, 2 maio 1995; *Zhang Yunsheng, pp. 293-5 (I: id., pp. 55-7). *Sondagem de ataque nuclear*: Burr 2001, pp. 86-95; Bundy, pp. 102-6; entrevista com Helms, 7 abr. 1995; conversa com Kissinger, 1º jul. 1998. *Encontro Chou-Kosíguin*: entrevistas com três participantes russos, entre elas Kapitsa, nº 2 de Kosíguin na reunião; Kapitsa 1996, pp. 81-92; Elizavetin (anotador); Antonkin, p. 112.

Cartas Chou-Kosíguin: *CWB* nº 11, pp. 171-2 (carta de Chou, 18 set. 1969); Goncharov & Usov, p. 112 (resposta de Kosíguin, 26 set.). *Victor Louis*: *New York Times*, 18 set. 1969. *Medo de avião russo*: *Zhang Yunsheng, pp. 316-20 (I: id., pp. 57-9); *Pang & Jin, p. 1563. *Chou e Madame Mao nas Colinas Ocidentais*: *Yang Kuisong 1999, pp. 502-3, 508 (I: id. 2000, p. 41, 47); *Yang Yinlu, p. 163. *Alerta vermelho*: *Li & Hao, pp. 124-5; cf. Teiwes & Sun 1996, pp. 111-5. *Abrigo gigantesco*: múltiplas entrevistas com staff pessoal de Mao; *Deng Li, pp. 188-9; *Zhang Zuoliang, p. 331. *Cumprimenta delegado soviético*: Galenovich 2001, pp. 220-1 (minutas chinesas); *Wang Taiping 1999, pp. 208, 211; foi o último encontro de Mao com um russo.

Investimento em programa nuclear: **China Hoje* 1987, p. 77. *Renda per capita*: Marer et al. (Banco Mundial), p. 46; Li Rui 1996, p. 36. *Calorias*: Rummel, p. 215. *Lin Biao e acólitos*: proposta em junho de 1969, **ZDZ* vol. 41, p. 212; cf. Huang, J., pp. 317-8. *Chefão de Jiangxi*: *Chen Yun 1995, pp. 252-3. *Satisfeito, com energia*: entrevista com um membro do staff pessoal de Mao, 19 abr. 1999; *Chen & Zhao, pp. 126-30.

52. A DESAVENÇA COM LIN BIAO

Mao sozinho no topo do escalão: *Jin Chongji et al. 1998, pp. 1016-7. *Lin anunciou proposta*: ib., pp. 1017-18. *Comandante da Guarda Pretoriana*: *Wang Dongxing 1997a, p. 44; *Xin Ziling 2002, p. 622.

"*O Cobra*": entrevista com pessoa do grupo de Lin, 31 out. 2000; *Xin Ziling 2002, p. 621; *Ye Yonglie 1996a, pp. 81, 91-7; *Wang Nianyi, pp. 385, 388. *Mao deu luz verde a Lin*: Chen Boda, em *Ye Yonglie 1990, p. 441; *Xin Ziling 2002, p. 620; Jin, p. 123. "*Bomba atômica*": *Ye Yonglie 1990, pp. 454, 466. *Lin recusa-se a fazer autocrítica*: *Xin Ziling 2002, pp. 627-30; Jin p. 131.

Ataque da velhice: entrevista com um membro do staff pessoal de Mao, 24 out. 1995. *Carta de Lin a Mao*: *Xin Ziling 2002, p. 628; Li Wenpu, em *Chi & Ming, p. 12. *Plano de fugir para Hong Kong*: *Ming & Chi, pp. 351-66.

Tigre: ib., pp. 20-7; entrevistas com sua noiva, sua irmã, seu cunhado, e um amigo, 6 maio, 14 & 20 out. 1995, 7 set. 1997; *Zhang Ning, p. 157; cf. Jin, pp. 155-61.

"*Projeto 571*": texto em **WDYZ* vol. 2, pp. 650-7 (I: Kau 1975, pp. 81-90). *Tigre apelidou Mao de B-52*: entrevista com sua noiva, 6 maio 1995.

Deixou cópia com Lin: confissão de Li Weixin, em *Xin Ziling 2000, pp. 637-8. *Mao mandou Chou falar com Lin*: *Li Desheng, p. 409; *Jin Chongji et al. 1998, pp. 1033-4. *Noite de 1º de maio*: entrevista com Du, 17 out. 1995; *Zhang Zuoliang, p. 242.

Tigre checa rota de Hong Kong: *Ming & Chi, pp. 351-4. *Ceasescu*: ib., pp. 358-9; *Xiao Sike, p. 85; entrevista com Du. *Outro reconhecimento da fronteira de Hong Kong*: *Ming & Chi, pp. 361, 366. *Observações de Mao sobre Lin*: Kau 1975, p. 59 ("Summary of Mao's Talks"); cf. Jin, pp. 190-3. *Ceder aviões a Tigre*: entrevista com o encarregado dos aviões, 8 set. 1997. *Papel de Lin Biao*: *Ming & Chi, pp. 386, 407-9, 412-3, 422. "*Não vou incriminá-la*": entrevista com noiva, 6 maio 1995.

"*Rompe a rede*": Lu Min, em **YHCQ*, 1998, nº 1, p. 16. *Lin escreveu ao chefe do estado-maior*: *Ming & Chi, pp. 407-8. *Ataque suicida*: confissão de um voluntário, ib., pp. 422-3. *Mao não sabia do complô*:

entrevistas com membros do staff pessoal de Mao, 24 out. & 4 nov. 1995, 22 out. 2000; *Chen & Zhao, pp. 164-7; Wu De, em *An Jianshe, pp. 136-8; *Li Desheng, pp. 414-15.

Dodo: entrevista com Dodo e um amigo, 20 out. 1995; *Shao Yihai, p. 282; *Ming & Chi, pp. 386, 442, 448-52; cf. Jin, pp. 153-4.

Pouco combustível, queda do avião: *Guang Xin, pp. 27-8. *Mao fortemente sedado*: entrevista com a criada que acordou Mao, 22 out. 2000; *Qi Li, pp. 129-30; *Wang Dongxing 1997a, p. 208. *Uma única opção*: *Li Desheng, p. 421; *Shao Yihai, p. 298; Liu Yan, em *Chi & Ming, p. 367. *Na suíte 118*: entrevistas com staff pessoal de Mao, 21 set. 1994, 24 out. 1995, 22 out. 2000, 12 & 14 maio 2001; *Chen & Zhao, pp. 170-1.

Fica sabendo do complô: entrevista com um dos conspiradores, 7 set. 1997; *Xiao Sike, p. 528; *Li Desheng, p. 427. *Mao muito doente*: entrevista com membro do staff íntimo de Mao, 22 out. 1993; *MMMS, pp. 37-8; Li, Z., pp. 542-61. *Imperador da Etiópia*: Wu De, em *An Jianshe, p. 150. *Advertências ao chefe da Guarda*: *Zhang Yaoci, pp. 122-6. *Jogou-se para a morte*: *Ming & Chi, p. 481.

Carta de Chou a Mao, noite de 13 set.: texto em *Gao Wenqian, pp. 352-3; *Zagvozdin*: entrevista, 16 jun. 1995.

Mofavam na prisão: entrevista com genro de Yeh que estava na prisão, 2 nov. 1993. "*Que Presidente Mao?*": entrevista com o subchefe, 17 set. 1994. *Funeral de Chen Yi*: *Gao Wenqian, p. 366; *Chen & Zhao, pp. 175-83; *Zhang Yufeng 1989 (I: id., pp. 17-19); Xiang, L., pp. 202-3; *Jin Chongji et al. 1998, p. 1053.

Beira da morte: *Lin Ke et al., pp. 168-9.

53. O MAOÍSMO CAI ESTATELADO NO PALCO MUNDIAL

Mao para Hill: 28 nov. 1968, *CWB* nº 11, pp. 159-61. *27 de outubro de 1966*: **China Hoje* 1992a, vol. 1, 252.

Catástrofe provável: *Dong Sheng, p. 593; Zhang Yunyu, em **ZH*, conselho editorial, pp. 234-41; Lewis & Xue 1988, pp. 202-3. *Testes posteriores fracassaram*: Gu Xiqiang, em **ZH*, conselho editorial, pp. 229-32. *Todo o arsenal de mísseis*: *Zhou 1997, vol. 3, p. 101. *Discurso de Mao de 7 de julho*: *Mao CCRM, vol. 13, pp. 376-7. *Ajuda russa essencial*: Lewis & Xue 1988, p. 199.

Meissner, p. 162 (embaixador Bierbach da Alemanha Oriental para Berlim, 10 jan. 1967); entrevista com Heikal, 18 jan. 1997; entrevista com Dan Grove, então agente do FBI Hong Kong, 6 out. 2002.

"*Tarefa central*": *Wang Taiping 1998, p. 11. "*Farol brilhante*": **RR*, 2 jul. 1967. "*Apoiar abertamente o PC da Birmânia*": *Mao CCRM, vol. 13, pp. 376-7. *Chou convocou birmaneses*: *Yang Meihong, p. 69. *Esposas chinesas selecionadas*: ib., pp. 74-7. *Promover Mao*: ib., pp. 31-2, 230-40. *Campos secretos*: entrevista com belga que os frequentou, 12 nov. 1994.

"*Latrina dos colonialistas*": discurso de Khruchióv, 12 dez. 1962, em Floyd, p. 329. *Mao ao somali*: 9 ago. 1963, *Mao 1994, p. 502 (I: Mao 1998, pp. 383-4). Kashmir Princess: Chou "Inteligência nº 1 para Autoridades de Hong Kong", 15 maio 1955, diz que Pequim sabia do complô de assassinato em março, *Xiong Xianghui, p. 130; e Pequim sabia que envolvia uma bomba no *Kashmir Princess*, pois Mao disse a Chou para mudar de rota e não pegar o avião: *Tao Siju 1996, p. 153; em consequência, Chou decidiu-se pela rota da Birmânia em 28 de março: *Zhou 1997, vol. 1, p. 459. Chou recebeu detalhes em 7 de abril de como a bomba seria colocada no *Kashmir Princess*, quatro dias antes da explosão: *Cheng Yuangong, pp. 158-9. *Pequim reteve a informação*: entrevista por telefone com Peter Mahta, diretor do escritório da Air India em Hong Kong na época, 21 abr. 2000; NA, FO

371/115133-4, 115137-41; Tsang. *Hong Kong expulsa agentes de Taiwan*: *Ministério do Exterior 1990 ss, vol. 2, pp. 146-7; *Xiong Xianghui, pp. 151-2; NA, FO 371/115139; Trevelyan 1971, p. 159. *150 toneladas de ouro*: *Dong Sheng, pp. 322, 326.

"*Rendição incondicional*": *Ran & Ma, pp. 22, 26, 33-5, 42. *Instou radicais de Hong Kong*: *Zhou Yi, pp. 225-7, 251-5, 260. *O que Mao realmente queria*: *Ran & Ma, pp. 35, 46. "*Aqueles que matam*": **RR*, 5 jul. 1967. *Chou infiltrou soldados*: *Ran & Ma, pp. 45-6; *Zhou Yi, pp. 264-5. *Fogo na missão britânica*: entrevistas com quatro funcionários quase mortos; cf. Petri em Schoenhals 1996b, p. 172; Grey, pp. 60-75. *Sanção oficial*: *Ran & Ma, pp. 5, 10-13, 22; Petri, cit., pp. 169-72.

Desculpas de Mao a Kim: Lankov 2002, pp. 106-7; *Il Ponte* vol. 37 (1981), nos 11-12, p. 1170 (Liu a Gomulka, nov. 1960). "*Kim deveria ser derrubado*": AQSh, f. 14, 1967, d. 7, p. 15 (Kang a Kapo, 22 jan. 1967). *Sartre*: Sartre, p. 13.

AQSh, f. 14, 1967, d. 20, p. 15 (Mao, 12 out. 1967).

1968 "*novo fenômeno*": *CWB* nº 11, pp. 159 (a Hill, 28 nov. 1968), 156 (a Balluku, 1 out. 1968). *Mandou maoístas europeus de volta*: entrevista com um deles, 12 nov. 1994; cf. Horne, p. 233. "*Grande, grande*": *Yun Shui, p. 186. *Radicais africanos*: ib., p. 198. *Gracejo com Mobutu*: entrevista com Mobutu, 28 out. 1994; *Yun Shui, pp. 204-5. *Oferta a Nasser*: Heikal, p. 283; entrevista com Heikal; Harris, pp. 121-2; *CQ* nº 31 (1967), p. 217. *Recuo para Cartum*: Elizavetin 1993, p. 64 (de acordo com Chou a Kosíguin, 11 set. 1969). *Nenhuma condolência árabe*: Harris, p. 114.

Visita de PCs latino-americanos: Anderson, pp. 616, 620; Johnson, pp. 162-3; Balanta, p. 32; *Wang Taiping 1998, p. 497; *Wang Li 1993, p. 144.

Agressões Castro-Mao: Feltrinelli, p. 300; *Wang Taiping 1998, pp. 497-8; *Mao CCRM, vol. 7, p. 92. *Subverter exército cubano*: Dominguez, p. 161. *Mao-Guevara*: *Pang Bingan, pp. 169, 185-8; cf. Anderson, p. 620; Johnson, pp. 155-6. *China recusa rádio*: Burr 1999b (Chou a Kissinger, 13 nov. 1973). *Kang sobre Guevara*: AQSh, f. 14, 1968, d. 7 (a Balluku, 5 out. 1968).

Gorriti, pp. 131, 76.

Chou: *pressão sobre França*: proposta a Mao, fev.-mar. 1954, em *Jin Chongji et al. 1998, pp. 155-6; *Pei Jianzhang, pp. 317-18. *Mao suspende ofensiva no Vietnã pela Guerra da Coreia*: telegrama, 16 out. 1950, em Zhang 1995, p. 70; cf. id. 1992, pp. 176-8; *Qian Jiang, pp. 375-6. *Plano Navarre*: *Qian Jiang, p. 395; Zhai, p. 45. *Dien Bien Phu*: entrevistas com doi oficiais norte-vietnamitas presentes: general de divisão Uoc (então comissário político regimental, unidade de artilharia), 17 set. 1996; coronel Bui Tin, 28 set. 1996; cf. Zhai, pp. 45-9. "*Devemos fazer um acordo*": *Jin Chongji et al. 1998, p. 155. *Mao ao assessor militar*: Yang 2002, p. 4; *Qian Jiang, p. 578. *Acordo de Chou com franceses*: *Jin Chongji et al. 1998, pp. 171-2; Joyaux, pp. 239-44. *Pressão sobre vietnamitas*: Zhai, pp. 55-63; Vietnã, pp. 18-23. *Le Duan relembrou*: *CWB* nos 12-13, pp. 279-80, 286.

Moscou aumenta ajuda a Hanói: Gaiduk, pp. 27, 35 ss. *Mao-Kosíguin*: entrevistas com três participantes russos; Childs Papers, Caixa 2, Pasta 1, p. 4 (informe russo); Troyanovsky, pp. 351-3. *Numa direção ocidental*: Deng, em Brezhnev, p. 103. *Esposa chinesa para Ho*: entrevista com Zeng Zhi (ela e seu marido Zhu tiveram muitas negociações com Ho), 24 set. 1994. *Chou contra ajuda soviética*: em Westad et al., pp. 89-90 (9 out. 1964). *Culpa Hanói pelo assassinato de M. L. King*: em ids., pp. 124-5 (13 abr. 1968).

Chen Jian 2001, pp. 221-9; Zhai 2000, pp. 179-80; Tucker, p. 345.

Contra conversações Hanói-Washington: ids., pp. 140-54 (Mao-Dong, 17 nov. 1968). *Muito ocupados para receber*: *Zhou 1997, vol. 3, p. 262; *Li Danhui, pp. 144-5. *Continuou a ajudar*: *Li Danhui, pp. 146-7. *Comunistas do Laos*: **China Hoje* 1989a, p. 560; **BNC*, 2000, nº 7, pp. 16-24. *Comunistas do Terceiro Mundo*: entrevista com Nouri Abdulrazak, 1º set. 2000. *Modelo maoísta não mais ameaça*: Burr

2001, p. 77. "*Estamos isolados*": Yang 2000, p. 43 (22 mar. 1969).

Conspirando contra Sihanouk: Sihanouk 1974, pp. 68-9; *CQ* nº 32 (1967), p. 224; *CQ* nº 34 (1968), p. 191.

Cúpula da Indochina: *Tian & Wang, pp. 151-6; cf. Sihanouk 1974, pp. 201-2. *Gostos principescos*: Fallaci, p. 86 (entrevista com Sihanouk); Sihanouk 1990, pp. 52, 112. *Mao-Sihanouk*: *Chen Xiaodong, p. 194; *MMMS, p. 43; *Wang Taiping 1999, p. 74; Sihanouk 1974, pp. 207-10; id. 1990, p. 84. *Pol Pot*: *Tian & Wang, pp. 166-71. Times *de Londres*: 28 abr. 1970. "*Intenções de Hanói*": Kissinger 1979, p. 505. *Satélite*: *Tian & Wang, p. 156; *New York Times*, 26 abr. 1970; *Li Mingsheng, pp. 50-1.

Lin cometeu vários erros: *Zhang Yunsheng, pp. 332-3; Sihanouk 1990, p. 84; texto: Mao 1998, pp. 444-5. *Reação de Nixon-Kissinger*: Summers, pp. 371-2; Kissinger 1979, pp. 695-6, 509. "*Intelectual fedorento*": em Westad et al., p. 177 (23 set. 1970). *Diálogo Mao-Dong*: ib.

Tucker, p. 519, n. 25.

54. NIXON: O CAÇADOR DE COMUNISTAS CAÇADO

Somente em junho de 1970: Kissinger: "no final de junho, já havíamos recebido sinais inequívocos dos chineses de que estavam dispostos a reabrir contatos conosco" (Kissinger 1979, p. 509). Convite urgente a Snow também em junho: entrevista por telefone com Lois Snow, 25 abr. 2000; *Yin Jiamin, pp. 205-6. *Convite a Nixon*: Kissinger 1979, pp. 701-4.

Convite à equipe americana de tênis de mesa: Wu Xu-jun, em *Lin Ke et al., pp. 306-10; Zhuang & Sasaki, pp. 274-83.

"*Recepção deslumbrante*": Kissinger 1979, p. 710. *Um comentarista*: Tyler, p. 91. "*Nixon excitado*": Kissinger 1979, p. 711. *Oferta dos EUA referente a Taiwan*: Burr 2002, Doc. 34 (9 jul.), pp. 12, 13; Doc. 35 (10 jul., tarde), p. 16; Doc. 38 (11 jul., última conversa), p. 10; *Ministério do Exterior 1990 ss., vol. 2, p. 40; cf. conversa de Holdridge, 3 jun. 1998; Mann, pp. 32-5. *Pôr Pequim na ONU*: Burr 2002, Doc. 35 (10 jul.), p. 17.

Kissinger 1979, p. 749; *International Herald Tribune*, 1º mar. 2002, p. 4; conversa com Holdridge.

Negociações com a Rússia: Burr 2002, Doc. 35 (10 jul.), pp. 28-9; Burr 1999, p. 49. "*Quase mesmerisado*": Holdridge, p. 76; Mann, pp. 35-6. *Indochina*: Burr 2002, Doc. 34 (9 jul.), pp. 17, 18, 15, 33, 25-6, 30, 34. "*10 mil milhas*": Burr 2002, Doc. 34 (9 jul.), pp. 17, 27. *Sair da Coreia*: ib., p. 38. *Não pediu para China parar de ajudar o Vietnã*: Burr 2002, Doc. 35 (10 jul.), p. 26. *Chou prepotente*: Burr 2002, Doc. 34 (9 jul.), pp. 26, 27; Doc. 35 (10 jul.), p. 7; *China* "*não agressiva*", "*crueldades*" *americanas*: Burr 2002, Doc. 34 (9 jul.), pp. 42, 26. *Kissinger aos vietnamitas*: Walters 1978, pp. 518-19. "*Muito emocionante*": Burr 2002, Doc. 35 (10 jul.), p. 14.

EUA como "*macaco*": *Ministério do Exterior 1990 ss., vol. 2, p. 41.

Chou: *Nixon mulher promíscua*: Barnouin & Yu 1998, p. 108. "*Grã-Bretanha*, *França* [...] *todos Guardas Vermelhos*": *Xiong Xianghui, p. 347. *EUA ainda inimigo nº 1*: ib., p. 348. *Chegada de Nixon ajudou Mao a se recuperar*: entrevistas com membros do staff pessoal de Mao, 22 out. 1993, 24 out. 1995, 19 abr. 1999; *Zhang Yufeng 1989 (I: id., pp. 30-1). *Ver Nixon de imediato*: entrevistas ib.; *Lin Ke et al., p. 216; Kissinger 1979, p. 1057; Nixon, p. 560.

Conversa Mao-Nixon: Burr 1999a, pp. 59-65. *Comunicado conjunto*, *Mao ditou*: em 23 out. 1971, *Ministério do Exterior 1990 ss., vol. 3, p. 67 (I: Web/NSA, pp. 7-8).

Conversa, 2 mar. 1999.

Carta de Hoxha: AQSh, f. 14, 1971-1972, d. 3, pp. 48-66 (6 ago. 1971); Hoxha 1979, p. 578; *Wang Taiping 1999, pp. 259-61; conversa com Fagu. *Le Duan*: Vietnã, p. 43. *Sihanouk sobre Chou*: id. 1990, p. 58. *Ajuda ao Vietnã atinge pico*: *Wang Taiping 1999, p. 51; *Li Danhui, p. 147. *De 31 para 66*: **China Hoje* 1989, pp. 55-7. *Mintoff*: Carrington, p. 246. *Mobutu*: entrevista, 28 out. 1994.

Média assombrosa de ajuda: **China Hoje* 1989, p. 68.

Anos de maior fome: *Fu Shanglun et al., p. 9. *Nixon em Xangai*: *Ji Wei, p. 26. *Nixon desdemonizou Mao*: Nixon ao Gabinete, 29 fev. 1972; informe de Kissinger ao staff da Casa Branca, 19 jul. 1971 (Nixon Project, President's Office Files, Memoranda for the President, Caixa 88, Pasta iniciando em 27 fev. 1972, p. 10; Caixa 85, Pasta começando em 18 jul. 1971, p. 4); Judis, p. 338; Graham, p. 79.

Echeverría: entrevista com Anguiano, 23 nov. 1992. *Embaixador australiano*: entrevista com FitzGerald, 22 jan. 1993. *Tanaka*: entrevista com Nikaido, 23 fev. 1993. *Trudeau*: Trudeau, p. 209. "*Métodos de Napoleão*": *Nouvel Observateur*, 13 set. 1976, p. 24 (Mao, 12 set. 1973). *Heath*: Heath, p. 632; entrevista com Heath, 5 jan. 1993. *Premiê australiano*: Whitlam, p. 60. "*Filósofo*": Kissinger 1997, pp. 28, 31.

"*O único objetivo*": *CWB* nºs 14-15, p. 60 (Kim a Honecker, 31 maio 1984). *Mao sobre aliança militar*: Burr 1999a, pp. 112 (memo de Kissinger a Nixon, 2 mar. 1973), 94 (Mao, 18 fev. 1973); Kissinger 1982, p. 47; *Wang Taiping 1999, p. 367. *Liderada pelos Estados Unidos*: Kissinger 1982, p. 55. *O que pensava realmente sobre a "ameaça soviética"*: Burr 1999a, p. 99 (Mao, 18 fev. 1973). *Inimigo em comum*: *Hanói*: Kissinger 1982, p. 57.

Mao sobre mulheres: Burr 1999a, pp. 92-5. *Carta secreta de Nixon a Mao*: Tyler, p. 158. "*Grupo muito secreto" de Kissinger*: Burr 1999a, p. 144 (Kissinger ao enviado Huang Zhen, 6 jul. 1973). *Armas nucleares americanas para a China*: Tyler, p. 163 (memo de Odeen para Kissinger, 8 jun. 1973); Odeen aos autores por telefone, 16 fev. 2003. *Ao seu círculo íntimo*: Burr 1999a, p. 149.

Burr 1999a, pp. 48-57.

"*Conversei com o ministro*": Burr 1999a, p. 144.

Indústria aeronáutica decrépita: Hoxha 1979, p. 700; AQSh, f. 14, 1972-73, d. 11, p. 32 (Chou a Balluku, 1 dez. 1972); *Seção de Estudos do Arquivo do PCC 1991, pp. 209-20. *Especialistas em foguetes envolvidos*: *Zhou 1997, vol. 3, p. 543. *Vender tecnologia nuclear*: Tyler, p. 164. *Bréjnev advertiu Nixon*: Burr 1999a, p. 143. *Enviado de Mao na Casa Branca*: Tyler, p. 162; *Yin Jiamin, pp. 295-8. "*Não contamos para ninguém*": Burr 1999a, p. 143 (Kissinger a Huang Zhen, 6 jul. 1973).

55. O CHEFE NEGA TRATAMENTO DE CÂNCER A CHOU

"*Nada de cirurgia*": *Gao Wenqian, pp. 378, 512. *Pretextos de Mao*: entrevista com um médico de Chou, 22 set. 1994; *Deng Li, p. 170. *Cirurgiões de plantão para Mao*: *Lin Ke et al., p. 162.

Kissinger efusivo sobre Chou: Burr 2002, Doc. 40 (Memo para o Presidente, 14 jul. 1971), p. 26.

"*Figura secundária*": Kissinger 1979, p. 1059. "*Não é ninguém*": entrevista com Nikaido, 23 fev. 1993. *Lema de Chou*: *Shi Zhe 1991, p. 526. *Testava remédios de Mao*: entrevista com um médico de Chou, 2 nov. 1995; Yang Yinlu, em **BNC*, 1999, nº 8, p. 55. *Mao exigiu autocrítica de Chou*: *Zhou 1997, vol. 3, pp. 527-31; cf. Zhu 208 ss.

Discurso humilhante de Chou: *Gao Wenqian, pp. 375-7. *Câncer piora, Mao proíbe cirurgia*: ib., pp. 512-3. "*Em dois estágios*": *Deng Li, p. 173. *Remoção do câncer*: ib., pp. 173-4; entrevista com um médico de Chou, 22 set. 1994.

Mensagem hipócrita de Mao: *Deng Li, p. 174.

Análise do Ministério do Exterior: *Zhou 1997, vol. 3, pp. 603-5; *Mao 1987-98, vol. 13, pp. 356-7; entrevista com um intérprete de Mao, 21 out. 2000. "*Bipolaridade havia acabado*": Kissinger 1979, p. 1096. "*Minha reputação foi para o vinagre*": *Fan Daren, p. 123. *Kissinger muda posição sobre Taiwan*: Burr 1999a, pp. 114-15 (referente a fev. 1973), 186 (a Mao, 12 nov. 1973). "*Sistema de alarme precoce*": Burr 1999a, p. 204 (a Chou, 13 nov. 1973). *Kissinger não recebeu resposta*: ib., pp. 206, 212.

"*Estivera errado*": Dobrynin, p. 282.

Mao a Kissinger sobre Watergate: *Yin Jiamin, p. 299 (I: Burr 1999a, pp. 181-2). *Não cansou de vituperar*: *Chen & Zhao, p. 247; *Nouvel Observateur*, 13 set. 1976, p. 23. *Ao primeiro-ministro tailandês*: entrevista com Chatichai (presente), 5 mar. 1993 (a Kukrit, 1º jul. 1975). *A Heath*: 25 maio 1974, *Mao 1987-98, vol. 13, p. 388 (I: Mao 1998, p. 456). *Desencanto aparente*: Burr 1999a, p. 206; Tyler, pp. 175-6; Kissinger 1982, p. 698; nossas entrevistas com Kissinger, 4 maio 1995, e Lord, 27 abr. 1995. *Mao fala mal de Kissinger*: entrevista com secretário de Mao, 24 out. 1995. *A Heath*: Heath, p. 495 (suavizado em Mao 1998, p. 457); cf. a Pompidou, *Nouvel Observateur*, 13 set. 1976, p. 24 ("suas observações com frequência não são muito inteligentes").

Acordo com a Rolls-Royce: *Seção de Estudos do Arquivo do PCC 1991, p. 214; Mann, p. 76; Burr 1999a, pp. 175 n. 17, 423 n. 53.

21 de outubro: Burr 1999a, p. 400.

Chou sem "argúcia e centelha": Kissinger 1982, pp. 687-8; entrevista com Kissinger. *Subordinados atacam Chou*: entrevista com uma pessoa presente, 26 set. 1994, 21 out. 2000; *Zhou 1997, vol. 3, p. 634; *Zhang Hanzhi, pp. 64-5; *Zhang Zuoliang, pp. 310-11. *Depois da reunião com rei do Nepal*: entrevistas com duas pessoas presentes, 24 out. 1995, 21 out. 2000; *Gao Wenqian, pp. 475-6. *Evitar equipe de Chou*: *Zhang Zuoliang, pp. 312-13. *Chou supervisionou tomada das ilhas Paracels*: *Zhou 1997, vol. 3, p. 645; Zhai, pp. 209-10, 264 n. 84.

Perseguido durante transfusão de sangue: entrevista com um membro do staff de Chou, 22 set. 1994; *Zhang Zuoliang, pp. 322-9. "*Operações fora de cogitação*": *Gao Wenqian, p. 514. *Chou implorou*: *Deng Li, p. 178; *Zhou 1997, vol. 3, p. 668. "*Que ele veja Razak*": entrevista com um membro do staff de Chou, 22 set. 1994. *Mao tinha dois anos de vida*: Li, Z., p. 580.

56. MADAME MAO NA REVOLUÇÃO CULTURAL

"*Cão do Presidente Mao*": entrevista com o promotor público de Jiang Qing, 13 out. 1993. *Vinganças pessoais*: múltiplas entrevistas com vítimas, como Xie He-geng, marido de Wang Ying, e testemunhas; *Ye Yonglie 1996, pp. 1-18, 355-67.

Experiência do novo secretário: o secretário, Yang Yinlu, em **BNC*, 1998, nº 5, pp. 56-9.

Chefe dos guarda-costas de Chou: entrevista com o guarda-costas, 8 nov. 1995. *Com Mao ela era mansa*: entrevista com Wang Li, 16 out. 1995; *Ye Yonglie 1990, p. 343.

Estilo de vida: Yang Yinlu, em **BNC*, 1998, nº 5 - 1999, nº 9; *Fu Chongbi, p. 243; entrevista com o secretário de um membro da Gangue dos Quatro, 7 out. 1993. *Sangue de guardas jovens*: Li, Z., p. 593; *Yang Yinlu, pp. 32-5.

Pesadelos: ib., pp. 190-3. *Incidente em Qingdao*: Yang Yinlu, em **BNC*, 2000, nº 7, pp. 72-3; *Deng Li, pp. 164-8.

Madame Mao-Witke: *Zhang Ying, pp. 28-9, 56-7, 154-63; Witke 1977, pp. 17-26, 116-8; id. 1991,

p. 65. *Primeiro-ministro dinamarquês*: entrevista com o casal Hartling, 20 nov. 1993. *Nadadores americanos*: *Zhang Ying, pp. 133-4 (observações não foram para Witke).

"*Massas excitadas demais*": Witke 1977, p. 303n. *Nixon sobre Madame Mao*: Nixon, p. 570; cf. entrevistas com Ford, 15 abr. 1995, e Haig, 1º maio 1995. *Olhares invejosos para Marcos*: entrevista com Imelda Marcos, 17 mar. 1994; *Du & Gu, pp. 504, 521. "*Traje nacional*": entrevista com dois membros do staff pessoal de Mao, out. 2000; Yang Yinlu, em **BNC*, 1998, nº 6, p. 66. *Adular as namoradas*: *Guo Jinrong, pp. 119-20; *Chen & Zhao, pp. 196-201.

Aniversário de 82 anos: *Guo Jinrong, pp. 110-15. *Namoradas, não concubinas reais*: múltiplas entrevistas com namoradas; *Guo Jinrong, pp. 44-6, 122-3, 132-3. *Mao recusado*: entrevista com pessoa bem informada, 21 out. 2000.

Carta de Li Na: *Li Xiangwen, pp. 555-6. "*Ouça o tiroteio*": *Yan Changlin, p. 52. *Li Na na universidade*: conversa com Li Na, 25 mar. 1993. *Sobre jornal do exército*: entrevista com um colega dela, 23 set. 1994; **BNC*, 1999, nº 2, pp. 42-54; *Mu Xin, pp. 348-50; *Zhe Yongping et al., pp. 1-5. *Predecessores presos*: Mu Xin, em **ZDZ*, nº 69, pp. 83-9.

Superintendente de Pequim: *Yang Yinlu, p. 128. *Colapso nervoso*: ib., pp. 125-33; entrevista com uma amiga dela que a visitou, 4 set. 1994.

Casamento e filho: *Yang Yinlu, pp. 128-40; artigo do ex-marido Xu Zhiming, em *Comitê de Compilação "Mao e eu" 1993b, pp. 251-62; entrevistas com um parente e uma ex-criada, 25 set. 1993, 19 set. 1994.

"*Minha pequena estrangeira*": *Wang Xingjuan 1993, p. 120. *Mao negou-lhe a entrada*: ib., pp. 265-6; entrevistas com membros do staff pessoal de Mao, 19 out. 1993, 24 out. 1995, 19 abr. 1999. *Filho não considerado membro da família*: ib., entrevistas. *Yuan-xin*: *Li Xiangwen, pp. 600-2. *Zhang Zhi-xin*: Yan & Gao, p. 276; **Enciclopédia da RPC*, vol. 4, pp. 4822-47.

Ofereceu sua cabeça: *Yang Zhaolin, p. 292. Para detalhes, ver abaixo. *O fim de Madame Mao*: entrevistas com pessoas próximas da família de Mao; *Li Xiangwen, pp. 153-6; Witke 1991, pp. 52, 54-5; Rittenberg & Bennett, pp. 428-30 (na prisão de Qincheng).

57. ENFRAQUECIDO, MAO GARANTE-SE CONTRA RISCOS [pp. 599-611]

Reunião de nove minutos: *Mao Mao 1993, p. 643.

"*Mantendo uma distância respeitosa*": *Mao CCRM & ARL, pp. 3691, 3696; *Yu Shicheng, p. 239. *Mao tentou manter Deng ao seu lado*: a viúva de Wang Jiaxiang nos contou que, no outono de 1965, Chou foi informar seu marido sobre a Revolução Cultural vindoura e disse que o plano de Mao era substituir Liu Shao-chi por Lin Biao ou Deng: entrevista com Zhu Zhongli, 28 set. 1993. Cf. *Zhu Zhongli 1995, p. 224; *Mao CCRM & ARL, pp. 3691, 3696; *Mao Mao 2000, pp. 40, 49; Li Xuefeng, em *Seção de Estudos do Arquivo do PCC 1998, pp. 223-5; *Wang Li 1993, pp. 5, 63 (I: id. 1994, pp. 16, 49). "*Diferenciado de Liu*": *Mao Mao 2000, p. 69. *Esposa de Deng contou à madrasta*: entrevista com madrasta de Deng, Xia Bogen, 11 set. 1985. *Anos mais dolorosos de sua vida*: *Deng 1993, p. 54. *Gritos do pesadelo*: entrevista com madrasta de Deng.

Recusou-se a propagar a inocência de Mao: *Huang Wenhua et al., pp. 92-3.

Australiano notou: entrevista com FitzGerald, 22 jan. 1993.

Volta de Deng: Huang, J., pp. 328 ss.; Zhu, pp. 208 ss. *Mao apelidou de* "*Gangue dos Quatro*": Partido Comunista Chinês, p. 364. *Aliança de Deng com chefe do exército Yeh*: entrevista com membro da família

de Yeh, 2 nov. 1993.

Sun Wei-shi: entrevistas com um membro do staff de Chou, 20 set. 1994, e com Shi Zhe, 29 set. 1993, 7 set. 1994; *Li Yong et al., pp. 162-8; *Zhou 1997, vol. 3, p. 264.

"*O povo perdoava*" *Chou*: Deng 1984, pp. 329-30; cf. *Guardian Weekly*, 21 set. 1980, p. 18 (Deng a Fallaci, 21 & 23 ago. 1980). *Encontro Deng-Chou, 9 de abril*: *Mao Mao 2000, pp. 318-19. "*Caminhar fazendo barulho*": *Zhang Yufeng 1993, p. 635; cf. id., pp. 33-5. *Livros impressos para Mao*: *Wang Shoujia et al., pp. 5, 10, 15, 18. *Mao chorou quando não conseguiu ler*: *MMMS, p. 415.

Doença de Lou Gebrig: *Li Zhisui, pp. 556-8 (I: id., pp. 581-6). *Chou e aliados ficam sabendo, não a Gangue dos Quatro, nem Mao*: Li, Z., p. 582; *Li Zhisui, pp. 556-60; *Chen & Zhao, p. 237; entrevistas com três dos membros mais íntimos do staff de Mao, 18, 19 & 22 out. 2000; *Guo Jinrong, p. 113. "*Chocada e estupefata*": 19 nov. 1974, *Wang Nianyi, p. 510; *Geng Biao, vol. 2, pp. 270-1.

Adeus à natação: *Chen & Zhao, pp. 228-31. *Chou a Mao contra Cobra e Madame Mao*: *Mao Mao 2000, p. 384; *Gao Wenqian, pp. 540-1. *Mao*: "*cometido um erro*": *Mao Mao 2000, pp. 409, 413. "*Não conspirem*": *Zhou 1997, vol. 3, p. 704.

Narrativa histórica: Era uma história sobre como, no século II a.C., o chefe militar da China Zhou Bo se uniu ao primeiro-ministro Chen Ping e conseguiu subjugar a imperatriz Lü e sua gangue, depois da morte do imperador Liu Bang. Mao estava sugerindo que os chefes militares seguissem o exemplo de Zhou Bo. *Yang Zhaolin, p. 292. Madame Mao comparou-se com a imperatriz Lü: *Fan Shuo, pp. 92, 230 (I: id., p. 18).

Carta da família de Ho a Mao: *Jin Chongji et al. 1998, p. 1180. *Chou culpa Mao*: Xue Ming, viúva de Ho em *Seção de Estudos do Arquivo do PCC 1991, pp. 617-8. Ela também mencionou que Chou havia mandado sua esposa dizer para ela, antes da cerimônia, que a extrema discrição fora decisão de Mao. *Operação do olho*: Zhang, Y., 1989, pp. 34-5; Li, Z., pp. 604-5.

Campanha contra Chou: *Mao 1987-98, vol. 13, pp. 457-8; *Zhang Zuoliang, pp. 352-4; *Jin Chongji et al. 1998, p. 1187; cf. Yan & Gao, pp. 473-5; Zhu, pp. 210 ss. "*Latindo para a árvore errada*": 24 set. 1975, *Mao 1987-98, vol. 13, p. 399 (I: *PR*, 3 jun., 1977, p. 22). *Investimento em manutenção urbana*: **China Hoje* 1989b, vol. 1, pp. 193-4; Kirkby 1985, pp. 165 ss.; Walder, pp. 193-201. *Saúde e educação*: Perkins, p. 491. *Mulheres nuas*: Wei 1997, pp. 234-5. *Yenan*: *Fu Shanglun et al., pp. 4-17.

"*Nação mais pobre do mundo*": *Mao Mao 2000, p. 475 (I: Westad et al., p. 194). *Óperas filmadas para Mao*: *Yue Meiti, pp. 22-6; entrevista com um técnico do estúdio de TV, 3 maio 2000; *Qi Li, pp. 69-70. *Deng estimulou pessoas a escrever para Mao*: entrevista com um autor de carta, 2 nov. 1993; "Yang Zhaolin, p. 290. *Mao Mao 2000, pp. 436, 476. *Deng recusa-se a redigir* "*resolução*": Huang, J., pp. 347-8; Yan & Gao, pp. 480-1. *Chou e Yeh instam Deng a não entrar em conflito*: *Gao Wenqian, pp. 575-6, 580-1.

Secretária sugere que Mao compareça ao funeral: Zhang, Y. 1989, pp. 35-6. "*Grande fomentador do moral*": *Wang Nianyi, p. 583.

Yeh, comandantes do exército e "*General Barbudo*": *Fan Shuo, pp. 169-70 (I: id., pp. 16-17); *Geng Biao, vol. 2, p. 286.

Mao teve de libertar Deng: *Mao Mao 2000, pp. 571-4.

58. OS ÚLTIMOS DIAS

29 maio de 1975, Mao disse aos estudiosos: *Wang Shoujia et al., pp. 12-13. "*Maltratado*" *por Deng*:

*Fan Shuo, p. 91. *Recita* "*Árvores fanadas*": *Zhang Yufeng 1993, p. 639. *Diatribes contra Chou*: os assim chamados "Nove Artigos", *Hu Qiaomu, p. 214.

Riscar referências a Liu: ib. *Tentou envenenar Wang Ming na Rússia*: Khrushchev 1977, vol. 2, p. 300; entrevistas com Wang Dan-zhi, 24-5 jun. 1999. *Diatribes lidas um mês antes da morte*: *Hu Qiaomu, p. 215.

"*Nossa Marinha é só isto*": "Yang Zhaolin, p. 285. *Observou com pesar a Kissinger*: Burr 1999a, p. 391 (21 out. 1975). *Mao disse a Ford*: "Memorandum" da conversa Mao-Ford, 2 dez. 1975 (Burr 1999b), pp. 1, 2, 6; entrevistas com todos os cinco participantes americanos (Ford, Kissinger, Scowcroft, Bush, Lord). "*Terceiro Mundo*": Mao ao presidente de Zâmbia Kaunda, 22 fev. 1974, *Mao 1994, pp. 600-1 (I: Mao 1998, p. 454); **Enciclopédia da RPC* vol. 4, pp. 4712-3. *Sem liderança tangível*: Kim, S., p. 255. *Diplomata americano*: Roberts, p. 363 (citação é de Graham Martin, embaixador dos EUA no Vietnã, 15 nov. 1973). *Mao cumprimentou Pol Pot*: SPK News Agency, p. 15 (do arquivo de Pol Pot). *Keo Meas*: Kiernan, p. 33. "*Reagiu com felicidade infantil*": Eisenhower, J., p. 160. "*Roncando*": entrevista com Chatichai, 5 mar. 1993. *Premiê de Cingapura*: entrevistas com Lee Kuan Yew, 16 jan. 1993, e Rajaratnam, 15 jan. 1993; cf. Wood, pp. 182-3.

Auxiliares viam lágrimas: entrevistas com três das pessoas mais próximas a ele, 22 out. 1993, 29 set. 1994, & 21 out. 2000; *Zhang Yufeng 1993, pp. 638-9; *Guo Jinrong, p. 103. *Imelda Marcos mensageira para Nixon*: entrevista com Marcos, 17 mar. 1994; *Chen & Zhao, p. 247. *Enviado disse à filha de Nixon*: Eisenhower J., p. 165 (conversa em 31 dez. 1975-1 jan. 1976). *Visita de Nixon*: Anson, pp. 126-33; Ambrose, pp. 491-2; *Xiong Xianghui, pp. 276-95; *Chen & Zhao, pp. 247-8. *Mao selecionou entretenimento*: *Xiong Xianghui, pp. 287-90; cf. Anson, p. 130.

Pranteou durante um dia inteiro: *MMMS, pp. 460-2. *Poema de despedida*: *Wang Shoujia et al., pp. 17, 871-4; *Yue Meiti, pp. 25-6; *Xiong Xianghui, pp. 289-90. *Melancolia por Hailé Selassié*: entrevista com a pessoa que ouviu a observação de Mao, 21 out. 2000. *Não designou Hua sucessor, não deixou testamento*: conversa com Li Na, 25 mar. 1993; entrevistas com última secretária de Mao, Zhang Yufeng, 24 out. 1995, 14 maio 2001; Hua contou explicitamente a Geng Biao, em *Geng Biao, vol. 2, pp. 288-90; *Guo Jinrong, pp. 222-5; *Chen & Zhao, p. 261.

Hua cobaia: Li, Z. p. 624. "*Chuvas de sangue e ventos*": *Wang Nianyi, pp. 600-1; *Fan Shuo, p. 231. *Dá ordens à esposa dias antes da morte*: *Chen & Zhao, pp. 259-60; *Guo Jinrong, p. 224.

Última coisa que Mao leu: entrevistas com o barbeiro, 22 out. 2000, e com Meng, 29 set. 1994; *Guo Jinrong, pp. 73-4, 215; *Qi Li, p. 143. *Últimas palavras a Meng*: entrevistas com Meng, 19 out. 1993 & 29 set. 1994; *Guo Jinrong, pp. 224-5. *Lúcido até o fim*: declarado por todo o staff pessoal de Mao junto ao leito de morte, e mostrado no registro médico de seus últimos dois dias, páginas fotografadas na frente de *Lin Ke et al., e pp. 190-2.

Agradecimentos

Nossa gratidão vai primeiro para as centenas de entrevistados que nos deram informações vitais, bem como força para reviver Mao. Nenhum deles é responsável pelas opiniões deste livro.

As seguintes pessoas gentilmente nos mandaram material, responderam a perguntas, fizeram contatos, ou nos deram outras ajudas valiosas. A todas elas somos muito gratos. Lamentamos não ter podido diferenciar suas contribuições. Pedimos desculpas por omissões (inclusive títulos), que ficaremos felizes de corrigir em futuras edições. É uma pena não poder nomear as pessoas que vivem na China continental; e esperamos que essa situação mude um dia.

Eric Aarons, Aldo Agosti, Aziza Allard, Kirill Anderson, Eugenio Anguiano, Oscar Armstrong, Kazuko Aso, prof. Ivo Banac, Luciano Barca, sr. e sra. C. D. Barkman, Antony Beevor, Edward Behr, Csaba Békés, prof. Gregor Benton, prof. Barton Bernstein, prof. Charles Bettelheim, Praful Bidwai, prof. Herbert P. Bix, Dennis Bloodworth, Nenne Bodell, condessa Resy Bonacossa, Dominique e Christian Bourgois, Horst Brie, Marina Brodskaya, Aleksandr Bukh, Boriana Buzhashka, lorde (Peter) Carrington, profª Carolle Carter, padre John Carven, padre Santiago Cepeda, prof. Chang Yu-fa, prof. Chen Jian, prof. Chen Peng-jen, prof. Chiang Yung-ching, Chin Hsiaoi, Chou Wei-peng, Thomas B. Cochran, dr. Alex Colas, William Colby, Les Coleman, prof. Richard Crampton, Bernard R. Crystal, Cui Kuang-chung, David Cutler, prof. Alexander Dallin, John Paton Davies, padre Thomas Davitt, profª. Wolfgang Deckers, prof. Lev Delyusin, Jonathan Demme, Veselin Dimitrov, prof. John Dower, Harald e Elke Einsmann, Carlos Elbirt, Robert Elegant, Hans Magnus Enzensberger, prof. Grant Evans, Edmund Fawcett, prof. Roland Felber, prof. Stephan Feuchtwang, Léo Figuères, Fou Ts'ong, Guido Franzinotti, prof. Edward Friedman, Hiroaki Fujii, Tetsuzo Fuwa, Gao Anhua, Sam Gerovich, Patrick Gilkes, John Gittings, Antonio Giustozzi, sir Alastair Goodlad, Aleksandr Grigoriev, Tom Grunfeld, A. Guindi, Edward Gurvich, dr. Jürgen Haacke, lorde Hailsham, David Halliday, Eric Hanson, Harry Harding, dra. Hope M. Harrison, John Haynes, Dieter Heinzig, sir Nicholas Henderson, Jim Hershberg, padre Jeroom Heyndrickx, Stefan Hermlin, Andrew Higgins, lorde (Geoffrey) Howe, lorde (David) Howell, Jason Hu, Peter Huber, sir Christopher e lady Hum, Jean Hung, gen. e sra. I Fu-en, lorde (Peter) Inge, Ji Wei, Nelson Jobim, Monty Johnstone, Jong Fang-ling, prof. Harold Kahn, prof. Thomas Kampen, Hideaki e Toshikazu Kase, Maneesha Kaul, profª Pauline Keating, dr. Edward Keene, Michael Keon, Vladimir Khanjenkov, dr. Serguei Khruchióv, prof. Ben Kiernan, Takuji Kimura, gen. Yuri Kobaladze, Hanako Koyama, Ina Krymova, Rishat Kudashev, dr. Peter M. Kuhfus, Boris T. Kulik, Kuo Kuan-ying, Kisho Kurokawa, Andrei Lankov, Eugene K. Lawson, Boyka Leader, dr. Andrei Ledovsky, dr. Milton Leitenberg, Rob Lemkin, David Lie, Helmut e Marianne Liebermann, Georges Liébert, Maria Sofia Lilli, dr. Frederick Litten, Liu Shao-tang, Gary Lundell, Lorenz Luthi, Peter Lyon, padre Patrick McCloskey, sir Colin McColl, prof. Gavan McCormack, profª Ruth McVey, Ukeru Magosaki, John Maher, Sean Malloy, prof. Giorgio Mantici, Anto Marden, Aglika Markova, Barry Martin, padre Michel Masson, prof. James Mayall, Sonny Mehta, Werner Meissner, George Melly, dr. Jonathan Mirsky, Eileen Moffett, Simon Sebag Montefiore, Kimitoshi Morihara, Aziz Naim, Kazuko Nakajima, Kujtim Nako, premiê Fatos Nano, prof. Vitaly Naumkin, Richard Needham, Richard Neustadt, Ngo Manh Lan, Ngo Thi Minh-

Hoang, Nguyen Co Thach, Masaki Orita, prof. Alexander Pantsov, Gabriel Partos, padre James Perluzzi, Leonid S. Polevoy, prof. David Pollard, Brian Pollitt, John W. (Bill) Powell, lorde (Charles) Powell, Liz e Michael Powles, padre P. Pycke, Sergey Radchenko, prof. Kimmo Rentola, lorde (Gordon) e lady Richardson, Francisco Rodao, Peter Rodman, Helge Ronning, prof. Robert Ross, lorde (Jacob) Rothschild, Rosa Rust, lorde (John) Sainsbury, Akira Sakaguchi, Sang Ye, Bernd Schäfer, Fritz Schatten, prof. Michael Schoenhals, prof. Stuart Schram, Kathryn Seitz, prof. Mark Selden, Aldo Serafini, Rostislav Sergeyev, John Service, Hugh Seymour, prof. Shaw Yu-ming, prof. Michael Sheng, Sokol Shtylla, Zamir Shtylla, prof. Harry Shukman, Larry Shyu, Vasily Sidikhmenov, Boris Slavinsky, Daniel Southerland, Tilman Spengler, Sergei Stanichev, sir Nicholas Stern, William e Jadwiga Stokes, Richard Stolz, Judy Stowe, dr. Viktor Sumsky, Hideya Taida, Takashi Inoue, David Tang, prof. William Taubman, Tsering Tashi, Dick Taverne, padre P. Taveirne, Jay Taylor, prof. Frederick Teiwes, Anne Thurston, Victoria Tomkinson, conde Francesco Tonci, Tong Kraisak, prof. Tong Te-kong, Thomas Torrance, Tania Tourlakova, Nasir Tyabji, Oleg Troyanovsky, Achin Vanaik, Nicholas Villiers, Lyuba Vinogradova, Stephen Vizinczey, Peter von Bagh, William Waack, Bob Walther, Wang Dan-zhi, S. G. Wheatcroft, J. Williams, Paul Wingrove, Wu Wei-shi, Jim Yang, prof. Yu Maochun, gen. Yu Song Chol, Joe Zhang, prof. Zhang Shuguang, dra. Valentina Zhuravlyeva, James Zobel, Suzanna Zsohar.

Devemos um agradecimento especial a Aleksandr Borodin, William Burr, prof. Chen Yung-fa, prof. Fred Halliday, cor. James Jordan, Lida Kita, dr. Alexandre Mansourov, Connie Rudat, Roger Sandilands, Andrei Sidorov, Konstantin Shevelyov, Viktor Ussov, Michael Wall, Robert Wampler, Lisa e Stanley Weiss, prof. Arne Westad, cor. William J.Williams, Xue Yi-wei.

Temos uma imensa dívida para com nosso editor na Knopf, Dan Frank, que fez tanto para melhorar o texto e cujas perguntas provocadoras levaram à resolução de enigmas históricos importantes. E também a nosso editor na Cape, Dan Franklin, ao editor-assistente Alex Milner; a Steve Cox, que fez uma excelente edição na penúltima versão, e a todos que trabalharam no livro; a nosso agente, Gillon Aitken, seus sócios e equipe; e a nossa indispensável assistente, Alexandra Adamson.

É impossível exagerar o papel de Pu Zhang, que ao longo dos anos discutiu nossas ideias e hipóteses com vigor e insight.

Lista de entrevistados

Os asteriscos indicam entrevistas por telefone.

CHINA CONTINENTAL
(quinze entrevistas foram conversas informais)

I. Família e parentes de Mao

Cao Quan-fu: genro de Tse-min, irmão de Mao; secretário político de Zhu De
Cao Yun-shan: neto de Tse-min
Han Jin-xing: parente
Li Na: filha
Liu Si-qi: esposa de An-ying, filho mais velho de Mao; filha adotada
Mao Xin-yu: neto
Mao Ze-lian: primo
Zhang Wen-qiu: sogra dos dois filhos de Mao

II. Velhos amigos e colegas

Li Shu-yi: amigo de Mao e sua esposa, década de 1920
Liu Ying: amiga de Mao do início dos anos 1930; mulher de Lo Fu; participante da Longa Marcha
Luo Zhang-long: amigo íntimo e colega, 1915-27
Wang Hui-wu: testemunha do I Congresso do PCC; ela e seu marido Li Da eram amigos de Mao
Xiao Ke: subordinado de Mao por quatro décadas a partir de 1928; participante da Longa Marcha
Yi Li-rong: amigo mais próximo durante uma década, até 1927
Zeng Zhi: a partir de 1928, amiga por quatro décadas; esposa de Tao Zhu
Zhen Chao-lin: em Xangai com Mao, 1924; junto na reunião de 7 de agosto de 1927; último líder sobrevivente do levante de Xangai, 1927

III. Staff próximo (secretários, intérpretes, guarda-costas, criados, médicos, namoradas)

Chen Hui-min, Feng Yao-song, Gao Zhi, He Qing-hua, Hu Xiu-yun, Li Jin, Li Yue-ran, Meng Jin-yun, Shang Lai-bao, Shi Zhe, Tian Yun-yu, Wang He-bin, Wu Lian-deng, Xie Jing-yi, Yan Ming-fu, Zhang Han-zhi, Zhang Yu-feng, Zhou Fu-ming

IV. Familiares dos colegas de Mao

Chen Hao-su: filho de Chen Yi
He Ping-sheng: filha de He Chang-gong
Li Inna: filha de Li Li-san
Li Lisa: esposa de Li Li-san
Li Te-te: filha de Li Fu-chun e Cai Chang
Lin Li-heng (Dodo): filha de Lin Biao
Liu Shi-kun: genro de Yeh Jian-ying; famoso pianista
Liu Xiang-ping: ministra da Saúde; esposa de Xie Fu-zhi
Luo Dian-dian: filha de Luo Rui-qing
Luo Ping-hai: filho de Luo Zhang-long
Qin Ji-ma: filha de Po Ku
Shen Zai-wang: filho de Li Jing-quan
Tan Sheng-yuan: filha de Tan Zhen-lin
Tao Si-liang: filha de Tao Zhu e Zeng Zhi
Wang Dan-zhi: filho de Wang Ming
Wang Guang-mei: esposa de Liu Shao-chi
Wang Ning: esposa de Zhou Xiao-zhou
Xia Bo-gen: madrasta de Deng Xiao-ping
Xie Fei: ex-mulher de Liu Shao-chi; participante da Longa Marcha
Xue Ming: esposa de Ho Lung
Zhang Ning: noiva de Tigre, o filho de Lin Biao
Zhang Qing-lin: genro de Lin Biao
Zhu Zhong-li: esposa de Wang Jia-xiang; amiga de Mao dos anos 1930

V. Staff da liderança

Cheng Yuan-gong: chefe dos guarda-costas de Chou En-lai durante muito tempo
Du Xiu-xian: fotógrafa
Guan Wei-xun: secretário da sra. Lin Biao
Guo Wen: secretária de Yao Wen-yuan
Hou Bo: fotógrafa
Jin Shan-wang: oficial graduado da guarda pretoriana
Kang Yi-min: operador-chefe de rádio; participante da Longa Marcha
Liu Ji-chun: membro do staff de Lin Biao
Liu Yu-qin: companheiro temporário de Li Na
Lü Hou-min: fotógrafo
Qian Si-jie: fotógrafo
Wang Ru-qin: enfermeira de Lin Biao
Wang Sheng-rong: chefe da guarda pretoriana
Wu Ji-cheng: chefe da guarda pretoriana; encarregado de prender os guardas da Gangue dos Quatro, 1976
Xu Xiao-bing: fotógrafo
Yang Jun: secretário confidencial de Liu Shao-chi
Zhang Zuo-liang: médico de Chou En-lai

VI. Alto escalão, testemunhas-chaves de eventos históricos

Chen Ying-qian: médico importante
Gao Liang: diplomata sênior
Hou Zheng: principal companheiro da esposa de Mao Gui-yuan na Longa Marcha
Hu Min: esposa de Qiu Hui-zuo
Hu Ping: oficial da Força Aérea envolvido no caso Lin Biao
Hua Jun-wu: testemunha de Yenan; famoso cartunista
Huang Huo-qing: participante da Longa Marcha; sobrevivente do Contingente Ocidental
Jiang Wen: promotor público no julgamento de Jiang Qing
Jin Shu-wang: agente do setor de informações, anos 1920 e 1930; vítima do terror de Yenan
Kuai Da-fu: líder dos Guardas Vermelhos
Li Jian-tong: autor de romance escolhido para condenação por Mao, 1962
Li Pu: alto funcionário, próximo de Tao Zhu
Li Qiong: esposa de Yang Fan
Li Rui: ex-secretário de Mao; importante liberal do PCC
Li Yun: contato do PCC com madame Sun Yat-sen
Liao Gai-long: importante teórico do partido
Lin Xiao-xia: filho de Zhang Hao; funcionário graduado
Lu Min: oficial da Força Aérea envolvido no complô de Tigre para assassinar Mao
Luo Fu: agente graduado em Hong Kong
Mu Xin: membro do Pequeno Grupo da Revolução Cultural
Qian San-qiang: diretor, Instituto de Energia Atômica
Qin Chuan: editor-chefe do *Diário do Povo*
Shen Rong: funcionário graduado; ex-colega de Wang Guang-mei
Shui Jing: esposa de Yang Shang-kui, chefe da província de Jiangxi
Su Fei: esposa de George Hatem, o médico americano de Mao
Tu Men: principal promotor no julgamento do grupo de Lin Biao
Wang Fan-xi: em Xangai com Chou En-lai, anos 1920
Wang Li: membro do Pequeno Grupo da Revolução Cultural
Wang Shu: diplomata sênior
Wang Zun-ji: vítima do terror de Yenan
Wen Ji-ze: testemunha do terror de Yenan
Wu Zu-guang: importante dramaturgo
Xia Yan: importante figura cultural
Xie He-geng: agente de informações nos EUA; marido de Wang Ying
Yang Chao: testemunha do terror de Yenan; ex-secretário de Chou En-lai
Yang Fan: chefe da inteligência
Yang Yi: funcionário da Agência de Notícias Xinhua
Yu Zhan-bang: secretário do espião Zhang Zhi-zhong
Yuan Jing-shen: supervisor do partido para arquitetura
Zhao Di-sheng: funcionário antigo da Agência de Notícias Xinhua
Zheng Xing-he: oficial da Força Aérea envolvido no complô de Tigre para assassinar Mao
Zhu Tie-zheng: oficial da Força Aérea, subchefe da equipe do caso Ho Lung

VII. Testemunhas de eventos importantes

Chen Kai-ge: Guarda Vermelho; depois diretor de cinema importante
Li Hsiao-li: testemunha de Yenan
Li Xiu-zhen: mulher de 93 anos que mora junto à ponte Dadu
Li Da-zhong: filho de Li Zhi-sui, médico de Mao
Liu Dong-lin: filho de Liu Jun-xiu, chefe da província de Jiangxi
Lu Hong: amiga e vítima de Li Na
Liu Xiao-ang: filho de Li Shu-yi
Qiu Lu-guang: filho de Qiu Hui-zuo
Qu Lei-lei: filho do autor de uma das óperas-modelo de madame Mao; trabalhava no estúdio de televisão quando foram feitos vídeos especiais para Mao
Shi Da-zheng*: filho de diretor de cinema que foi a primeira figura cultural famosa a se suicidar depois da tomada do poder pelos comunistas
Sima Lu: testemunha de Yenan
Song Yong-yi*: testemunha ocular da violência da Revolução Cultural em Xangai; depois estudioso da Revolução Cultural
Wang Da-zhang: filho de Wang Wei-guo envolvido no complô de Tigre para assassinar Mao
Wei Jing-sheng: Guarda Vermelho; depois liderou campanha pela democracia
Weiss, Ruth: estrangeira residente há muito tempo na China
Wu Hong-da (Harry): sobrevivente de campo de trabalho forçado
Wu Peng-qing: participante da Longa Marcha
Wu Yi-man: filha de Wu Xiu-quan
Zhang Xiao-ji: filha de Zhang Ming-yuan (envolvida com a gangue de Gao)
Zhang Yan-sheng: filha de Zhang Xiu-shan (envolvida com a gangue de Gao)
Zhang Yi-jiu: organizou os livros de Mao após sua morte
Zhou Chun: intérprete de alemão
Zhu Luo-jun: cunhada do Jovem Marechal

VIII. Historiadores e escritores com acesso especial

Cao Chun-rong, Cao Zhong-bin*, Chen Dong-lin, Chen Jian, Cheng Zhong-yuan, Dai Qing, Ding Shu*, Dong Bao-cun, Dong Sheng, Gao Wen-qian, Gong Yu-zhi, Gu Bao-zi, He Di, He Ding, Huang Zheng, Jin Chong-ji, Jin Zhen-lin, Li Dan-hui, Li Hai-wen, Li Chun-lin, Liao Xin-wen, Lin Ying, Liu Bin-zhen, Liu Jia-ju, Liu Xiao-nong, Ma Zhen-du, Mao Bing-hua, Niu Jun, Quan Yan-chi, Shen Zhi-hua, Shi Dong-bing, Song Ke, Wang Nian-yi, Wang Xing-juan, Wang You-qin*, Wang Yu-xiang, Wen Rui, Wu Qi-quan, Xu Chun-hua, Yan Jia-qi, Yang Kui-song, Yang Bu-sheng*, Ye Yong-lie, Yin Qi, Yu Guo-lu, Zhang De-xiang, Zhang Guo-qi, Zhang Xi, Zhang Xue-xin, Zhang Zheng-long, Zheng Yi*, Zhu Bing-feng, Zhu Yu, Zhu Zheng

TAIWAN

Figuras históricas e testemunhas fundamentais
Chang Hsueh-liang: senhor da guerra da Manchúria; sequestrou Chiang Kai-shek em 1936
Chen Li-fu: colaborador íntimo de Chiang Kai-shek; fundou o FBI nacionalista
Chiang Weigo: filho adotivo de Chiang Kai-shek

Chien Fu: secretário para língua inglesa de Chiang; ministro do Exterior
Chin Hsiao-i: secretário de Chiang
Hau Po-tsun: chefe da guarda de Chiang; primeiro-ministro
Hu Chiu-yuan: importante figura política e cultural
I Fu-en: piloto de Chiang e próximo dos filhos dele
Kao Kui-yuan: esteve em Whampoa com Lin Biao; depois assistente militar de Chiang (entrevistado via Kuo Tian-you)
Li Huan: confidente de Chiang Ching-kuo
Lu Keng*: conhecido jornalista investigativo
Mao Chia-hua: membro nacionalista do parlamento
Tsai Meng-chien*: homem da inteligência nacionalista que apanhou Gu Shun-zhang
Wang Sheng: confidente de Chiang Ching-kuo
Yang Hsi-kun: importante diplomata
Yu Ta-wei: ministro da Defesa

OUTROS PAÍSES
(As pessoas cujos nomes estão em itálico tiveram encontros importantes com Mao)

ALBÂNIA

Alia, *Ramiz*: herdeiro de Hoxha; depois presidente
Belishova, *Liri*: membro do Politburo; testemunha-chave na cisão sino-soviética, 1960
Çomo, Maqo: ministro da Agricultura; presente ao jantar Khruchióv-Peng De-huai, Tirana, maio de 1959
Fagu, Agim: astro do basquete; muitas viagens à China
Hoxha, *Nexhmije*: esposa do líder do partido Enver Hoxha
Paçrami, *Adil*: ministro da Cultura; editor do jornal do partido
Pllumi, Zef: padre católico preso por 22 anos por causa da questão da China
Shehu, Bashkim: filho do premiê Mehmet Shehu
Shyti, *Pupo*: vice-presidente, Comissão de Planejamento; principal negociador comercial com a China

ALEMANHA

Brie, Horst: embaixada da Alemanha Oriental, Pequim
Felber, prof. Roland: estudante alemão-oriental, China, anos 1950; estudioso da China
Siao, *Eva*: esposa de velho amigo de Mao; residente em Yenan
Werner, Ruth: oficial do GRU no grupo de Sorge, China, anos 1930
Wolf, *Markus*: presente ao banquete de Mao para Stálin (encarregado dos negócios da Alemanha Oriental), Moscou, 1950; depois chefe do serviço secreto alemão-oriental

AUSTRÁLIA

Aarons, Eric*: chefe do grupo de estudos do Partido Comunista australiano, na China no início dos anos 1950

FitzGerald, *Stephen*: embaixador na China

BÉLGICA

Grippa, *Madeleine*: líder maoísta, década de 1960
Pairoux, Serge: militante maoísta
Tindemans, *Léo*: primeiro-ministro

BRASIL

Amazonas, *João*: líder maoísta
Prestes, Fernanda*: colega de escola dos filhos de Mao na Rússia
Prestes, Yuri: colega de escola dos filhos de Mao na Rússia

CAMBOJA

Hor Namhong: ministro do Exterior; com Sihanouk em Pequim 1970-75

CINGAPURA

Lee Khoon Choy: assessor de política para a China de Lee Kuan Yew
Lee Kuan Yew: primeiro-ministro
Rajaratnam, *S.*: ministro do Exterior

COREIA DO NORTE

Kang Sang Ho: vice-ministro do Interior durante a Guerra da Coreia

DINAMARCA

Hartling, *Poul* (e esposa): primeiro-ministro

EGITO

Farid, cel. Abdul Majid: secretário-geral da presidência de Nasser; depois assessor da Presidência da Argélia
Heikal, *Mohammed Hasanein*: assessor sênior e confidente de Nasser; ministro das Relações Exteriores; editor, *Al Ahram*

ESPANHA

Carrillo, *Santiago*: líder do Partido Comunista; no Comintern, anos 1930-40

ESTADOS UNIDOS

Bush, *George H.*: chefe do Escritório de Contato, Pequim 1974-75; diretor da CIA; presidente
Colby, William: diretor da CIA nos governos Nixon e Ford
Colling, *John*: missão dos EUA a Yenan (Missão "Dixie")
Davies, *John Paton*: Departamento de Estado; missão a Yenan
Ford, *Gerald*: presidente
Haig, gen. Alexander: chefe da equipe de preparação da visita de Nixon, 1972
Helms, Richard: diretor da CIA
Hitch, *Herbert*: missão dos EUA a Yenan (Missão "Dixie"); na Missão Marshall
Kissinger, *Henry*: assessor de Segurança Nacional, 1969-73; secretário de Estado, 1973-77
Lilley, James: alto especialista da CIA na China; chefe de base da CIA, Pequim
Lord, *Winston*: secretário assistente de Estado
Odeen, Philip*: funcionário do Conselho de Segurança Nacional
Polevoi, Leonid S.*: filho de um homem que tentou ensinar russo ao jovem Mao
Roderick, *John*: correspondente da AP, Yenan, 1945-47
Rusk, Dean*: secretário de Estado
Schlesinger, James: secretário de Defesa; diretor da CIA
Scowcroft, *gen. Brent*: assessor de Segurança Nacional
Service, *John*: Departamento de Estado; missão a Yenan (Missão "Dixie")
Solomon, Richard: secretário assistente de Estado
Snow, *Helen Foster* [*Nym Wales*]: Yenan, 1937; primeira esposa de Edgar Snow
Snow, *Lois Wheeler*: segunda esposa de Edgar Snow; na China com Snow, 1970
Stokes, William (e Jadwiga): vice-cônsul, Shenyang
Williams, *Robert**: militante negro; residente na China, anos 1960
*Yang Chen Ning**: físico ganhador do prêmio Nobel

FILIPINAS

Marcos, *Imelda*: primeira-dama

FRANÇA

Behr, *Edward*: jornalista; na China, 1964
Bettencourt, *André*: secretário de Estado para Assuntos Estrangeiros; ministro
Bloch, Alm. René: chefe da *force de frappe* de De Gaulle (programa nuclear)
Figuères, *Léo*: enviado do Partido Comunista a Ho Chi Minh, 1950
Meadmore, Jean: embaixada, Nanquim, anos 1940
Pasqualini, Jean: prisioneiro em um campo de trabalho chinês, anos 1950-60
Vergès, *Jacques*: advogado maoísta

GRÃ-BRETANHA

Bosshardt, Alfred: missionário suíço sequestrado na Longa Marcha
Condron, Andrew: prisioneiro da Guerra da Coreia que foi para a China
Croft, John: decodificador nas interceptações de transmissões russas para partidos comunistas estrangeiros, anos 1940
Gordievsky, Oleg: ex-oficial do serviço secreto soviético
Heath, *Edward*: primeiro-ministro
Morgan, *sir John*: diplomata, Pequim, 1970
Needham, *Joseph*: embriologista da equipe de investigação de guerra biológica, 1952

HONG KONG

Grove, Dan: diretor, escritório do FBI, Hong Kong
HUNGRIA

Hegedüs, *András*: primeiro-ministro
Szall, *Jozsef*: embaixada, Pequim
Tálas, *Barna*: embaixada, Pequim

ÍNDIA

Dalai-Lama: líder tibetano exilado
Kaul, T. K.: embaixada, Pequim, anos 1950; assessor de política externa de Nehru
Mahta, Peter*: diretor do escritório da Air India, Hong Kong, 1955
Mehta, Jagad Singh: principal negociador sobre fronteiras com a China, 1960
Palden Gyatso: lama tibetano; prisioneiro de campos de trabalho
Paranjpe, *Vasant V.*: intérprete nas conversações Nehru-Mao
Ranganathan, C. V.: embaixador na China
Tyabji, Nasir: especialista em Nehru, Nehru Memorial, Nova Delhi

INDONÉSIA

Adjitorop, *Jusuf*: único sobrevivente do Politburo do Partido Comunista, 1965; exilado na China

IRÃ

Alikhani, Alinaghi*: emissário à China, 1960

IRAQUE

Abdulrazak, Nouri: secretário-geral, Organização de Solidariedade dos Povos Afro-asiáticos

IRLANDA

O'Reilly, Luke: padre católico em Jiangxi durante a tomada comunista

ITÁLIA

Barca, *Luciano*: líder do Partido Comunista
Foa, Vittorio: líder sindical socialista; presente na reunião de Pequim, em 1960, no início da cisão sino-soviética
Graziosi, *prof. Franco*: microbiologista; equipe de investigação de guerra biológica, 1952
Ingrao, Pietro: líder do Partido Comunista; presente na cúpula de Moscou, 1957
Jotti, *Nilde*: companheira do líder do partido Togliatti; presente na cúpula de Moscou, 1957
Longo, Luigi Libero: intérprete na cúpula de Moscou, 1957; filho do nº 2 do partido
Pesce, *Osvaldo*: militante maoísta
IUGOSLÁVIA (ANTIGA)

Jojic, prof. Dimitri: ex-oficial do Exército (exílio na Albânia); trabalhou na Rádio Pequim nos anos 1960-70

JAPÃO

Arisue, gen. Seizo: chefe do serviço secreto militar na guerra e do programa de bomba atômica
Eto, prof. Shinkichi: especialista em China, historiador
Fuwa, *Tetsuzo*: líder do Partido Comunista
Fujita, Kimio: diplomata; presente no encontro secreto Chou-Sukarno, 1965
Fujiwara, prof. Akira: especialista em China, historiador
Hata, prof. Ikuhiko: especialista em China, historiador
Kanazawa, *Yukio*: proeminente jornalista maoísta
Koizumi, Seiichi: oficial do serviço secreto, China, anos 1940, tratava com o PCC
Maeda, Mitsushige: prisioneiro de guerra; Yenan
Mikasa, príncipe: irmão do imperador Hirohito; oficial do Exército, China, anos 1940
Miyamoto, *Kenji*: líder do Partido Comunista
Nakajima, prof. Mineo: especialista em China, historiador
Nikaido, *Susumu*: secretário-chefe do Gabinete
Nosaka, *Sanzo*: líder do Partido Comunista
Shimizu, *Masao*: diretor do balé Matsuyam
Tachiki, *Hiroshi*: funcionário do Partido Comunista; residente na China
Takeuchi, *prof. Minoru*: especialista em Mao; editor de suas obras

MALÁSIA

Chin Peng: chefe do partido; líder guerrilheiro, 1948-61; exílio na China

MÉXICO

Anguiano, *Eugenio*: embaixador em Pequim
Cárdenas, *Cuauhtémoc*: prefeito da Cidade do México; candidato presidencial
Echeverría, *Luis*: presidente

NIGÉRIA

Gowon, *gen. Yakubu*: presidente

NORUEGA

Steigan, *Pal*: líder maoísta

NOVA ZELÂNDIA

Corner, *Frank*: ministro do Exterior

POLÔNIA

Rowinski, *Jan* (e Hala): estudante, depois diplomata, Pequim, anos 1950-60
Walesa, Lech: líder sindical, depois presidente
Werblan, Andrzej*: assessor de política externa do líder do Partido, Gomulka

RÚSSIA

Arkhípov, *Ivan V.*: principal assessor econômico do governo chinês, 1950-51, 1953-58; depois primeiro vice-premiê
Berezhkov, Valentin: intérprete para Stálin
Blake, George: oficial do serviço secreto britânico, Coreia; espião para a Rússia
Brezhnev, Aleksandr A.: embaixada, Pequim
Tchervonenko, *Stepan V.*: embaixador na China, 1959-65, durante epidemia de fome e cisão sino-soviética
Delyusin, Prof. Lev: correspondente do *Pravda* na China; estudioso da China
Galenovich, *Yuri*: embaixada, Pequim; intérprete nas conversas com Mao
Glunin, Prof. V. I.: historiador; especialista no PCC e no Comintern
Kapitsa, *Mikhail S.*: especialista na China durante todo o período de Mao; vice-ministro do Exterior
Karpov, cel. Vladimir: porta-voz do Serviço Secreto (FSB)

Kartunova, Anastasia: acompanhante de madame Mao na Rússia, 1949, 1952-53
Kudashev, *Rishat S.*: intérprete para Khruchióv, Mikoian e Kosíguin nas conversas com Mao
Kukushkin, K. V.: especialista em relações PCC-Moscou
Kulik, Boris T.: chefe do Departamento da China, Departamento Internacional, PC soviético
Ledovsky, *Andrei M.*: cônsul-geral, Shenyang, 1950-52; embaixada, anos 1940; estudioso da China com acesso especial a arquivos
Lobov, gen. Georgi: comandante, Força Aérea soviética na Guerra da Coreia
Mirovitskaya, dra. Raisa A.: estudiosa da China com acesso especial aos arquivos do Ministério da Defesa
Plotnikov, cel. Georgi: especialista em Coreia do Norte, Instituto de História Militar
Rogachev, *Igor*: embaixador na China
Selivánov, gen. Igor V.: assessor do diretor do Departamento Médico do Exército da Coreia do Norte, 1950-52
Shevelyov, Konstantin: especialista em arquivos do Comintern e do PCC
Sidikhmenov,*Vasili*: intérprete na missão secreta russa a Yenan, 1945; chefe dos intérpretes, cúpula de Moscou, 1957
Sozinov, gen. Valentin: principal assessor soviético do chefe de estado-maior do Exército norte-coreano na Guerra da Coreia, 1950-52
Tikhvinsky, *Sergei L.*: oficial do serviço secreto; acesso especial a arquivos
Troyanovsky, *Oleg*: assessor de política externa de Khruchióv e Kosíguin; embaixador na China
Zagvózdin, gen. Aleksandr (KGB): supervisionou a exumação de Lin Biao na Mongólia, 1971

TANZÂNIA

Babu, *Abdul Rahman*: ministro do Comércio, 1965 (negociou a ferrovia Tan-Zam); antes, ministro do Exterior de Zanzibar

TAILÂNDIA

Chatichai Choonhavan: ministro do Exterior, depois premiê
Mme Pridi: esposa do ex-premiê tailandês; longo exílio na China

VIETNÃ

Bui Diem: embaixador sul-vietnamita nos EUA
Bui Tin, cor.: Exército norte-vietnamita, em Dien Bien Phu
Ngo Manh Lan: assessor do gen. Giap
Nguyen Dinh Uoc, gen.: Exército norte-vietnamita, em Dien Bien Phu; diretor do Instituto de História Militar, Hanói

ZAIRE (HOJE CONGO)

Mobutu Sese Seko: presidente

CONVERSAS INFORMAIS COM:

Michelangelo Antonioni, sir Leonard Appleyard, presidente argelino *Abdel Aziz Bouteflika* (via intermediário), Herbert Brownell, William Buckley, embaixador romeno na China Romulus Budura, Barbara Bush, *gen. Henry Byroade**, lorde (James) Callaghan, sir Michael Caine, lorde (Peter) Carrington, Henri Cartier-Bresson, Brian Crozier, Helen De Vries, Milovan Djilas, *Nikolai T. Fedorenko**, embaixador russo Yuri Fokine, *Betty Ford*, J. K. Galbraith, Sergei Goncharov, Anthony Grey, Marshall Green, prof. Aleksandr Grigoriev, Penny Gummer, Han Suyin, Hon. Alan Hare, *Ed Hauck**, lorde (Michael) Heseltine, John Holdridge, lorde (Douglas) Hurd, Giovanni Jervis, *Ismail Kadaré*, R. N. Kao, lady Clare Keswick, Henry Keswick, *Nancy Kissinger*, Ina Krymova, *Owen Lattimore*, Helmut e Marianne Liebermann*, Mieczyslaw Maneli*, prof. Arlen Meliksetov, Sergo Mikoian*, prof. Vladimir Myasnikov, embaixador norte-vietnamita na França Ho Nam, premiê albanês Fatos Nano, gen. Paek Sun-yop, prof. Moisei Persits, *Phoumi Vongvichit* (via prof. Grant Evans), Chris Pocock, *János Radványi**, Krishna Rasgotra, Norman Reddaway, Claude Roy, premiê egípcio Aziz Sidky*, prof. Nodari Simoniya, Boris Slavinsky, sir Nicholas Stern, Viktor Suvorov*, Viktor Usov, Arkady Vaksberg, Bianca Vidali*, lorde (William) Waldegrave, George Walden, sir John e lady Weston.

Arquivos consultados

Lamentamos não poder nomear os arquivos consultados na China.

ALBÂNIA

Arkivi Qëndror i Shtetit i Republikës së Shqipërisë (Arquivo Central do Estado da República da Albânia)

ALEMANHA

Stiftung Archiv der Parteien and Massenorganisationen der ehemaligen DDR im Bundesarchiv (Fundação para os Arquivos dos Partidos e Organizações de Massa da antiga RDA [Alemanha Oriental] nos Arquivos Federais)

BULGÁRIA

Tsentralen Durzhaven Arkhiv (Arquivo Central do Estado)

ESTADOS UNIDOS

Columbia University, Biblioteca de Livros Raros e Manuscritos, Nova York; Cornell University, Biblioteca Carl A. Kroch, Ithaca, NY; Emory University, Biblioteca Robert W. Woodruff, Atlanta; Biblioteca Harvard-Yenching, Harvard University, Cambridge, Mass.; Biblioteca da Hoover Institution, Stanford, Califórnia; Biblioteca do Congresso, Divisão de Manuscritos, Washington, D. C.; Arquivos Nacionais e Administração de Registros, Washington, D. C.; Biblioteca Schlesinger, Cambridge, Mass.; Syracuse University, Biblioteca de Pesquisa George Arents, Syracuse, NY; University of Washington, Coleções Especiais, Manuscritos e Arquivos da Universidade, Seattle; Documentos de Lauchlin Currie em posse de Roger Sandilands

GRÃ-BRETANHA

Arquivo do Partido Comunista da Grã-Bretanha; Arquivos Nacionais; Oxford University, Biblioteca Bodleian

ITÁLIA

Ordem Franciscana, Curia Generale; Istituto Gramsci; Ordem Vicentina

JAPÃO

Partido Comunista japonês, Comitê Central; Ministério do Exterior do Japão, Arquivos do Gaiko Shiryokan

RÚSSIA

Arkhiv Prezidenta Rossiiskoy Federatsii (Arquivo do Presidente da Federação Russa); Arkhiv Vneshney Politiki Rossiiskoy Federatsii (Arquivo de Política Externa da Federação Russa); Rossiiskii Gosudarstvennyi Arkhiv Sotsialno-polititcheskoi Istorii (Arquivos do Estado Russo de História Sociopolítica)

SUÍÇA

Arquivos da Liga das Nações, ONU

TAIWAN

Academia Histórica; Arquivo do Birô de Investigação; Arquivo de História do Partido Nacionalista

Bibliografia de fontes em chinês

ABREVIAÇÕES USADAS NAS NOTAS

ACCS (Academia Chinesa de Ciências Sociais), ed., *Geming genjudijingji shiliao xuanbian* (Arquivo de Documentos sobre a Economia das Bases Revolucionárias), 3 vols., Jiangxi renmin chubanshe, Nanchang, 1986.

BNC *Bainian chao* (Maré de Cem Anos), periódico, Pequim.

CCPPC (Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, Comitê Nacional), ed.: *Heping laoren Shao Lizi* (Shao Lizi, um velho homem de paz), Wenshi ziliao chubanshe, Pequim, 1985a.

Liaoshen zhanyi qinliji — yuan Guomindang jiangling de huiyi (Experiências pessoais da campanha de Liao-Shen — Memórias de ex-generais nacionalistas), Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 1985b.

Bayisan Songhu kangzhan (A guerra de 13 de agosto contra o Japão em Xangai), Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 1987.

Pingjin zhanyi qinliji — yuan Guomindang jiangling de huiyi (Experiências pessoais da campanha Pequim-Tianjin — Memórias de ex-generais nacionalistas), Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 1989.

Jiefang zhanzheng zhong de xibei zhanchang — yuan Guomindang jiangling de huiyi (O teatro noroeste da guerra de libertação — Memórias de ex-generais nacionalistas), Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 1992.

Fu Zuoyi jiangjun (gen. Fu Zuoyi) , uma coleção de memórias, Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 1993.

Huaihai zhanyi qinliji — yuan Guomindang jiangling de huiyi (Experiências pessoais da campanha de Huai-hai — Memórias de ex-generais nacionalistas), Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 1996.

CCPPC (Pequim), ed., *Zhou Enlai yu Beijing* (Chou En-lai e Pequim), Zhongyang wenxian chubanshe, 1998.

CCPPC (Tianjin), tr. e ed., *Riben junguozhuyi qinhua ziliao changbian* (Documentos sobre a invasão dos militaristas japoneses da China), 3 vols. de documentos japoneses compilados pela Agência de Autodefesa do Japão, Sichuan renmin chubanshe, Chengdu, 1987.

DDWX *Dang de wenxian* (Documentos do Partido), periódico, Pequim.

DSYJ *Dangshi yanjiu* (Estudos de História do Partido), periódico, Pequim.

DYZ *Dangshi yanjiu ziliao* (Documentos para Estudos de História do Partido), periódico, Pequim.

DZS *Dangdai Zhongguo shi yanjiu* (Estudos de História da China Contemporânea), periódico, Pequim.

GNYJ *Guangdong nongmin yundong jiangxisuo ziliao xuanbian* (Documentos sobre o Instituto do Movimento Camponês de Guangdong), Museu do Instituto de Treinamento do Movimento Camponês de Guangdong, ed., Renmin chubanshe, Pequim, 1987.

GS *Gongfei huoguo shiliao huibian* (Documentos sobre os bandidos comunistas que trouxeram calamidade para o país), 6 vols., Comitê de Edição de Documentos da República da China & Instituto de Relações Internacionais, comp., Taipé, 1976.

GZ *Gemingshi ziliao* (Documentos sobre a História da Revolução), periódico, Pequim.

HDT *Hunan dangshi tongxun* (Correspondência sobre a História do Partido em Hunan), periódico, Changsha.

HNYZ *Hunan nongmin yundong ziliao xuanbian* (Documentos sobre o movimento camponês de Hunan), Museu da Revolução Chinesa & Museu de Hunan, eds., Renmin chubanshe, Pequim, 1988.

HZ *Hongse Zhonghua* (China Vermelha), jornal, Ruijin.

IRI (Instituto de Relações Internacionais), comp., *Zhonggong jimi wenjian huibian* (Documentos comunistas chineses classificados: uma seleção), Taipé, 1978.

INT Entrevistas gravadas com parentes, amigos e conhecidos de Mao, feitas na década de 1960, sobre Mao em Hunan até 1927, inéditas.

JDZ *Jiangxi dangshi ziliao* (Documentos sobre a História do Partido em Jiangxi), periódico, Nanchang.

JGG *Jinggangshan geming genjudi* (Base Revolucionária de Jinggangshan), documentos e memórias, 2 vols., equipe de história do partido da Base de Jinggangshan & Museu Revolucionário de Jinggangshan, eds., Zhonggong dangshi ziliao chubanshe, Pequim, 1987.

JR *Jiefang Ribao* (Diário da Libertação), jornal, Yenan.

JY *Jindaishi yanjiu* (Estudos de História Moderna), periódico, Pequim.

JYZW *Jianguo yilai zhongyao wenxian xuanbian* (Documentos importantes da República Popular), 20 vols., Seção de Estudos do

	Arquivo do PCC, ed., Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1992-98.
LD	*Lishi dangan* (Arquivos Históricos), periódico, Pequim.
MMMS	(Museu Memorial de Mao de Shaoshan), ed., *Mao Zedong yiwu shidian* (Coleção de objetos deixados por Mao Tse-tung), Hongqi chubanshe, Pequim, 1996.
RR	*Renmin Ribao* (Diário do Povo), jornal, Pequim.
WDYZ	*Wenhua dageming yanjiu ziliao* (Documentos para a pesquisa da Revolução Cultural), 3 vols., Universidade da Defesa do Exército de Libertação Popular, ed., Pequim,1988, inédito.
WHY	*Wenxian he yanjiu* (Documentos e Estudos), periódico, Pequim.
WZX	*Wenshi ziliao xuanji* (Relatos Históricos Selecionados), periódico, Pequim.
WZX-S	*Wenshi ziliao xuanji — Xangai* (Relatos Históricos Selecionados: Xangai), periódico, Xangai.
XB	*Xinhua banyue kan* (Quinzenário de Xinhua), periódico, Pequim.
XWS	*Xin wenxue shiliao* (Novos Materiais de Literatura), periódico, Pequim.
XXZ	*Xinmin xuehui ziliao* (Documentos sobre a Sociedade de Estudos do Novo Povo), Museu da Revolução Chinesa & Museu de Hunan, eds., Renmin chubanshe, Pequim, 1980.
YD	*Gongchanzhuyi xiaozu he dangde yida ziliao huibian* (Coleção de documentos e entrevistas sobre os primeiros grupos comunistas e o I Congresso do partido), Universidade do Povo, ed., Pequim, 1979, inédito.
YHCQ	*Yanhuang chunqiu* (Anais do Povo Chinês), periódico, Pequim.
YQD	*Yi qida* (Reminiscências sobre o VII Congresso), coleção de memórias. Seção Central de Estudos de História do PCC, comp. Heilongjiang chubanshe, Harbin, 2000.
ZDC	*Zhongyang danganguan congkan* (Periódico do Arquivo Central), Pequim.
ZDJC	*Zhonggong dangshi jiaoxue cankao ziliao* (Documentos de referência para o ensino da história do PCC), 24 vols., Universidade da Defesa do Exército de Libertação Popular, Pequim, 1986, inédito.
ZDY	*Zhonggong dangshi yanjiu* (Estudos de História do PCC), periódico, Pequim.
ZDZ	*Zhonggong dangshi ziliao* (Documentos da História do PCC), periódico, Pequim.
ZH	*Zongheng* (Panorama), periódico, Pequim.
ZHEN	*Zhonghua emu* (Filhos e Filhas da China), periódico, Pequim.
ZHW	*Zunyi huiyi wenxian* (Documentos sobre a reunião de Zunyi), Comitê de Coleção de Documentos da História do PCC e Arquivo Central, eds., Renmin chubanshe, Pequim, 1985.
ZQZS	*Zhiqingzhe shuo* (Conversas com gente de dentro), série de entrevistas com testemunhas oculares e crônicas, Zhongguo qingnian chubanshe, Pequim, 1995-98.
ZR	*Zhonggong dangshi renwu zhuan* (Biografias curtas de figuras históricas importantes do PCC), 75 vols., Sociedade de Estudos de Figuras Históricas Importantes do PCC, ed., Shaanxi renmin chubanshe, Xian, 1980-.
ZS	*Zhonghua Minguo zhongyao shiliao chubian — dui Ri kangzhan shiqi* (Documentos Importantes da República da China — durante a guerra contra o Japão), Comitê Central Nacionalista, ed., Zhongguo Guomindang zhongyang weiyuanhui dangshi weiyuanhui, Taipé, 1981.
ZZ2	*Zhongguo gongnong hongjun dier fangmianjun zhanshi ziliao xuanbian* (Documentos sobre a história do Exército do 2º Front do Exército Vermelho chinês), comitê comp., Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1995.
ZZ4	*Zhongguo gongnong hongjun disi fangmianjun zhanshi ziliao xuanbian* (Documentos sobre a história do Exército do 4º Front do Exército Vermelho), comitê comp., Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1993.
ZZ25	*Zhongguo gongnong hongjun diershiwu jun zhanshi ziliao xuanbian* (Documentos sobre a história do 25º Exército do Exército Vermelho chinês), comitê comp., Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1991.
ZZWX	*Zhonggong zhongyang wenjian xuanji* (Seleção de documentos do PCC), Arquivo Central, ed., 18 vols., Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1989-92.

FONTES POR NOME DE AUTOR

Academia de Ciências Militares, ed., *Zhongguo renmin zhiyuanjun kangmei yuanchao zhanshi* (História dos voluntários do povo chinês na guerra de resistência aos Estados Unidos e ajuda à Coreia), Junshi kexue chubanshe, Pequim, 1992.

Academia de Ciências Militares do ELP, ed., *Zhongguo gongnong hongjun changzheng shi* (Uma história da Longa Marcha), Shanxi renmin chubanshe, Taiyuan, 1996.

Academia de Ciências Sociais de Gansu, ed., *Shanganning geming genjudi shiliao xuanji* (Seleções de documentos sobre a Base Revolucionária de Shaanganning), 4 vols., Gansu renmin chubanshe, Lanzhou, 1983.

Agência de Autodefesa do Japão, ed., *Huabei zhian zhan* (Guerra de policiamento no norte da China), CCPPC (Tianjin), tr., vol. 1, Tianjin renmin chubanshe, Tianjin, 1982.

Agência de Notícias Xinhua, ed., *Xinhuashe huiyilu* (Lembranças da Agência de Notícias Xinhua), Xinhua chubanshe, Pequim, 1986.

An Jianshe, ed., *Zhou Enlai de zuihou suiyue* (Os últimos anos de Chou En-lai), 1966-76, Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1996.

Arquivo Central, ed., *Jiefang zhanzheng shiqi tudi gaige wenjian xuanbian* (Documentos sobre a reforma agrária durante a guerra de libertação), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1981.

_____, ed., *Wannan shibian* (Incidente do sul de Anhui), coleção de documentos de arquivos, Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1982.

_____, ed., *Qiushou qiyi* (A Revolta da Colheita de Outono), coleção de documentos de arquivos, Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1982a.

_____, ed., *Zhonggong dangshi baogao xuanbian* (Seleção de relatórios sobre a história do PCC), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1982b.

_____, ed., *Hongjun changzheng dangan shiliao xuanbian* (Seleção de documentos de arquivo sobre a Longa Marcha do Exército Vermelho), Xuexi chubanshe, Pequim, 1996.

_____, ed., *Zhongguo Gongchandang guanyu Xian shibian dangan shiliao xuanbian* (Seleção de documentos de arquivo do PCC sobre o incidente de Xian), Zhongguo dangan chubanshe, Pequim, 1997.

Arquivo de Gansu, ed., *Guomindangjun zhuidu hongjun changzheng he xilujun xijin dangan shiliao huibian* (Documentos de arquivo sobre o Exército Nacionalista perseguindo e bloqueando o Exército Vermelho na Longa Marcha e o Contingente Ocidental), Zhongguo dangan chubanshe, Pequim, 1995.

Arquivo de Guizhou, ed., *Hongjun zhuanzhan Guizhou — jiu zhengquan shiliao xuanbian* (O Exército Vermelho lutando em Guizhou — Documentos de arquivo do antigo regime), Guizhou renmin chubanshe, Guiyang, 1984.

Arquivo de Guizhou, ed., *Jinggangshan geming genjudi shiliao xuanbian* (Documentos de arquivo sobre a Base Revolucionária de Jinggangshan), Jiangxi renmin chubanshe, Nanchang, 1986.

_____, & Comitê do PCC de Jiangxi, eds., *Zhongyang geming genjudi shiliao xuanbian* (Documentos de arquivo sobre a Base Revolucionária Central), 3 vols., Jiangxi renmin chubanshe, Nanchang, 1983.

Arquivo de Pequim, ed., *Beijing heping jiefang qianhou* (Antes e depois da libertação pacífica de Pequim), Beijing chubanshe, Pequim, 1988.

Arquivo de Shaanxi, ed., *Guomindangjun zhuidu hongjun changzheng dangan shiliao xuanbian*: *Shanxi bufen* (Documentos de arquivo sobre o Exército Nacionalista perseguindo e bloqueando o Exército Vermelho na Longa Marcha: parte de Shaanxi), Zhongguo dangan chubanshe, Pequim, 1994.

Arquivo de Sichuan, ed., *Guomindangjun zhuidu hongjun changzheng dangan shiliao xuanbian*: *Sichuan bufen* (Documentos de arquivo sobre o Exército Nacionalista perseguindo e bloqueando o Exército Vermelho na Longa Marcha: parte de Sichuan), Dangan chubanshe, Pequim, 1986.

Arquivo de Xangai, ed., *Shanghai dangan shiliao congbian*: *Shanghai gongren sanci wuzhuang qiyi* (Documentos reunidos de arquivos de Xangai: três levantes armados dos trabalhadores de Xangai), Shanghai renmin chubanshe, Xangai, 1983.

Arquivo de Yunnan, ed., *Guomindangjun zhuidu hongjun changzheng dangan shiliao xuanbian*: *Yunnan bufen* (Documentos de arquivo sobre o Exército Nacionalista perseguindo e bloqueando o Exército Vermelho na Longa Marcha: parte de Yunnan), Dangan chubanshe, Pequim, 1987.

Bai Yang, ed., *Mao Zedong shici quanji* (Coleção completa dos poemas de Mao Tse-tung), Chengdu chubanshe, Chengdu, 1995.

Birô de História Militar, MND, ed., *Jiaofei zhanshi* (História das ações militares contra as rebeliões comunistas durante 1930-1945), 6 vols., Guofangbu shizhengju & Zhonghua dadian bianyinhui, Taipé, 1967.
Bo Yibo, *Ruogan zhongda juece yu shijian de huigu* (Recordações de decisões e eventos importantes), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1993.
_____, *Qishi nianfendou yu sikao* (Luta de setenta anos e reflexões), Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1996.

Cai Chengwen & Zhao Yongtian, *Banmendian tanpan* (Negociações de Panmunjom), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1990.
Cai Dequan & Wang Sheng, *Wang Jingwei shengpingjishi* (Wang Jingwei: uma vida), Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 1993.
Cai Gong, "'Xiao Xiongyali shijian' zhenxiang" (A verdadeira história do "Incidente Pequena Hungria"), em *Nanfang zhoumo* (Fim de semana Meridional), Cantão, 15 de janeiro de 1999.
Cai Mengjian, "Daonian fangong qiangren Zhang Guotao" (Pranto pelo vigoroso anticomunista Chang Kuo-tao), em *Zhuanji wenxue* (Literatura Biográfica), Taipé, vol. 36, nº 1.
Cai Xiaoqian, *Jiangxi suqu hongjun xicuan huiyi* (Memórias da área do soviete de Jiangxi e da fuga para oeste do Exército Vermelho), Zhonggong yanjiu zazhishe, Taipé, 1978.
Cao Zhongbin & Dai Maolin, *Wang Ming zhuan* (Biografia de Wang Ming), Jilin wenshi chubanshe, Changchun, 1991.
Chang Hsueh-liang, *Zhang Xueliang nianpu* (Biografia cronológica de Chang Hsueh-liang), Zhang Youkun & Qian Jin, eds., Shehui kexue wenxian chubanshe, Pequim, 1996.
Chang Kuo-tao, *Wo de huiyi* (Minhas reminiscências), 3 vols., Dongfang chubanshe, Pequim, 1998.
Chang Shun et al., *Baiwan Guomindang jun qiyi toucheng jishi* (Crônica da rendição do Exército nacionalista de 1 milhão de homens), Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 1991.
Chang Yu-fa, *Zhongguo jindai xiandai shi* (História recente e moderna da China), Donghua shuju, Taipé, 2001.
Chen Changjiang & Zhao Guilai, *Mao Zedong zuihou shinian — jingwei duizhang de huiyi* (Os últimos dez anos de Mao Tse-tung — Memórias de um chefe da guarda), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1998.
Chen Han, *Bayue de zuji — Mao Zedong 1958 nian Henan nongcun shicha jishi* (Passos em agosto — A viagem de inspeção de Mao Tse-tung em Henan em 1958), Zhongyang wenxian hubanshe, Pequim, 2001.
Chen Jiren, "Sidu Chishui zhanlue mubiao zaitan" (Reconsideração dos objetivos estratégicos das quatro travessias do rio Chishui), em *DDWX*, nº 1, 1991.
Chen Liming, *Tan Zhenlin chuanqi* (A lenda de Tan Zhen-lin), Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 1994.
Chen Qingquan & Song Guangwei, *Lu Dingyi zhuan* (Biografia de Lu Ding-yi), Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1999.
Chen Shiju, *Cong Jinggangshan zoujin Zhongnanhai — Chen Shiju laojiangjun huiyi Mao Zedong* (De Jinggangshan a Zhongnanhai — O gen. Chen Shiju relembra Mao Tse-tung), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1993.
Chen Tu-hsiu, *Chen Duxiu nianpu* (Biografia cronológica de Chen Tu-hsiu), Tang Baolin & Lin Maosheng, eds., Shanghai renmin chubanshe, Xangai, 1988.
Chen Xiaodong, *Shenhuo zhiguang* (A luz do fogo mágico), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1995.
Chen Yangyong, *Kucheng weiju — Zhou Enlai zai 1967* (Administrando uma situação perigosa — Chou

En-lai em 1967), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 2000.
Chen Yi, *Chen Yi nianpu* (Biografia cronológica de Chen Yi), Liu Shufa et al., eds., Renmin chubanshe, Pequim, 1995.
Chen Yi, Xiao Hua et al., *Huiyi zhongyang suqu* (Recordações da área do soviete central), Jiangxi renmin chubanshe, Nanchang, 1981.
Chen Yun, "Zunyi zhengzhiju kuoda huiyi chuanda tigang" (Esquema para repor a reunião aumentada do Politburo em Zunyi), em *ZHW*, manuscrito, fevereiro-março de 1935.
_____, *Chen Yun wenxuan* (Obras seletas de Chen Yun), vol. 3, Renmin chubanshe, Pequim, 1995.
_____, *Chen Yun nianpu* (Biografia cronológica de Chen Yun), 3 vols., Seção de Estudos do Arquivo do PCC, ed., Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 2000.
Chen Yung-fa, *Yanan de yinying* (A sombra de Yanan), Instituto de História Moderna, Academia Sinica, Taipé, 1990.
Chen Zaidao, *Chen Zaidao huiyilu* (Memórias de Chen Zaidao), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1991.
Cheng Hua, *Zhou Enlai he ta de mishumen* (Chou En-lai e seus secretários), Zhongguo guangbo dianshi chubanshe, Pequim, 1993.
Cheng Min, ed., *Dangnei dajian* (O grande mal no partido), Tuanjie chubanshe, Pequim, 1993.
Cheng Tung-kuo, *Wo de rongma shengya — Zheng Dongguo huiyilu* (Minha vida militar — Memórias de Cheng Tung-kuo), Tuanjie chubanshe, Pequim, 1992.
Cheng Yuangong, ed., *Zhou Enlai yuxianjishi* (Registros verdadeiros das escapadas por um triz de Chou En-lai), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1994.
Cheng Zhongyuan, *Zhang Wentian zhuan* (Biografia de Zhang Wentian), Dangdai zhongguo chubanshe, Pequim, 1993.
Chi Nan & Ming Xiao, eds., *Lin Biao yuanshuai pantao shijian zuixin baogao* (Último relatório sobre a deserção do marechal Lin Biao), Zhonghua ernu chubanshe, Hong Kong, 2000.
Chiang (Chiang Kai-shek), *Zongtong Jianggong dashi changbian chugao* (Esboço de uma longa biografia cronológica do presidente Chiang Kai-shek), Chin Hsiao-i, ed., Taipé, 1978 (cortesia do editor).
Chiang Ching-kuo, *Jiang Jingguo xiansheng quanji* (Obras completas de Chiang Ching-kuo), vol. 1, Xingzhengyuan xinwenju, Taipé, 1991.
China Hoje, ed., *Dangdai Zhongguo de hegongye* (China Hoje: Indústria nuclear), Zhongguo shehui kexue chubanshe, Pequim, 1987.
_____, ed., *Dangdai Zhongguo de renkou* (China Hoje: População), Zhongguo shehui kexue chubanshe, Pequim, 1988.
_____, ed., *Dangdai Zhongguo de duiwai jingji hezuo* (China Hoje: Cooperação econômica com países estrangeiros), Zhongguo shehui kexue chubanshe, Pequim, 1989.
_____, ed., *Dangdai Zhongguo jundui de junshi gongzuo* (China Hoje: Os assuntos militares do Exército chinês), 2 vols., Zhongguo shehui kexue chubanshe, Pequim, 1989a.
_____, ed., *Dangdai Zhongguo de jiben jianshe* (China Hoje: Construção de capital), 2 vols., Zhongguo shehui kexue chubanshe, Pequim, 1989b.
_____, ed., *Dangdai Zhongguo duiwai maoyi* (China Hoje: Comércio exterior), 2 vols, Dangdai Zhongguo chubanshe, Pequim, 1992.
_____, ed., *Dangdai Zhongguo de guofang keji shiye* (China Hoje: Empreendimentos científicos e tecnológicos de defesa nacional), 2 vols., Dangdai Zhongguo chubanshe, Pequim, 1992a.
_____, ed., *Dangdai Zhongguo de bingqi gongye* (China Hoje: Indústria bélica), Dangdai Zhongguo chubanshe, Pequim, 1993.
Chou En-lai, "Dangde lishi jiaoxun" (Lições históricas do partido), em *ZWH*, discurso de 10 de junho de 1972.
_____, *Zhou Enlai xuanji* (Obras selecionadas de Chou En-lai), 2 vols., Renmin chubanshe, Pequim:

vol. 1, 1981; vol. 2, 1984.
Chou En-lai , *Zhou Enlai shuxin xuanji* (Cartas selecionadas de Chou En-lai), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1988.
_____, *Zhou Enlai nianpu* (Biografia cronológica de Chou En-lai), 1898-1949, Seção de Estudos do Arquivo do PCC, ed., Renmin chubanshe & Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1991.
_____, *Zhou Enlai jingji wenxuan* (Obras selecionadas de Chou En-lai sobre economia), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1993.
Chou En-lai, *Zhou Enlai nianpu* (Biografia cronológica de Chou En-lai), 1949-76, 3 vols., Seção de Estudos do Arquivo do PCC, ed., Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1997.
Ciências Sociais de Guizhou & Museu de Guizhou, eds., *Hongjun changzheng zai Guizhou shiliao xuanji* (Documentos de arquivo sobre Longa Marcha do Exército Vermelho em Guizhou), Guiyang, 1983.
Comitê da *Biografia de Deng Zihui*, *Deng Zihui zhuan* (Biografia de Deng Zihui), Renmin chubanshe, Pequim, 1996.
Comitê da *Crônica de Shaoshan*, ed., *Shaoshan zhi* (Crônica de Shaoshan), Zhongguo dabaike quanshu chubanshe, Pequim, 1993.
Comitê da *Crônica do condado de Jishui*, ed., *Jishui xianzhi* (Crônica do condado de Jishui), Xinhua chubanshe, Pequim, 1989.
Comitê da *Crônica do condado de Ruijin*, ed., *Ruijin xianzhi* (Crônica do condado de Ruijin), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1993.
Comitê da *Crônica do condado de Yongxin*, ed., *Yongxin xianzhi* (Crônica do condado de Yongxin), Xinhua chubanshe, Pequim, 1992.
Comitê de Ação Provincial, "Sheng xingwei jinji tonggao dijiu hao" (Anúncio de Emergência nº 9 do Comitê de Ação Provincial), 15 de dezembro de 1930, RGASPI, 514/1/1008, Moscou.
Comitê de Compilação "Mao e eu", ed., *Mao Zedong renji jiaowang ceji* (Informações subsidiárias sobre as relações pessoais de Mao Tse-tung), Shanxi renmin chubanshe, Taiyuan, 1993.
_____, ed., *Wo yu Mao Zedong de jiaowang* (Minha relação com Mao Tse-tung), Shanxi renmin chubanshe, Taiyuan, 1993a.
_____, ed., *Zai Mao Zedong shenbian* (Junto com Mao Tse-tung), Shanxi renmin chubanshe, Taiyuan, 1993b.
Comitê de Documentos Históricos do ELP (Exército de Libertação Popular), ed., *Tongxinbing huiyi shiliao* (Recordações da Unidade de Rádio), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1995.
Comitê de História da Unidade de Rádio, "Hongjun wuxiandian tongxin de chuangjian, fazhan jiqi lishi zuoyong" (Fundação, desenvolvimento e papel histórico da Unidade de Rádio do Exército Vermelho), em *ZDZ*, nº 30.
Comitê de História do Exército do 1º Front, *Zhongguo gongnong hongjun diyi fangmianjun renwuzhi* (Quem é quem no Exército do 1º Front do Exército Vermelho chinês), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1995.
Comitê de *História do N4E*, *Xinsijun zhanshi* (História do Novo 4º Exército), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 2000.
Comitê de História do Partido de Sichuan, *Hongjun changzheng zai Sichuan* (A Longa Marcha do Exército Vermelho em Sichuan), Sichuan sheng shehuikexue chubanshe, Chengdu, 1986.
Comitê do *Incidente do sul de Anhui*, ed., *Wannan shibian* (Incidente do sul de Anhui), Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1990.
Comitê do Partido de Jiangxi, "Jiangxi shengwei guanyu shieryue qiri shibian baogao" (Relatório do Comitê do Partido de Jiangxi à liderança central sobre o incidente de 7 de dezembro), 12 de janeiro de 1931, Yongyang, RGASPI, 514/1/1008, Moscou.
Comitê do PCC de Changting, ed., *Changting renmin geming shi* (História da revolução popular em

Changting), Xiamen daxue chubanshe, Xiamen, 1990.
Comitê do PCC de Guilin, ed., *Hongjun changzheng guo Guangxi* (Longa Marcha do Exército Vermelho passando por Guangxi), Guangxi renmin chubanshe, Nanning, 1986.
Comitê do PCC de Hubei, ed., *Mao Zedong zai Hubei* (Mao Tse-tung em Hubei), Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1993.
Comitê do PCC de Hunan, *Hunan renmin geming shi* (História da revolução popular em Hunan), Hunan chubanshe, Changsha, 1991.
Comitê do PCC de Ninggang, comp., *Ninggang — Jinggangshan geming genjudi de zhongxin* (Ninggang — Centro da Base Revolucionária de Jinggangshan), coleção de entrevistas de historiadores do partido com sobreviventes e discussões sobre a base.
Comitê do PCC de Pingxiang, ed., *Anyuan lukuang gongren yundong* (O movimento operário na ferrovia e nas minas de Anyuan), Zhonggong dangshi ziliao chubanshe, Pequim, 1991.
Comitê do PCC de Xangai, ed., *Shanghai gongren sanci wuzhuang qiyi yanjiu* (Estudos e documentos sobre os três levantes armados dos trabalhadores de Xangai), Zhishi chubanshe, Xangai, 1987.
Comitê do PCC de Zhejiang, ed., *Mao Zedong yu Zhejiang* (Mao Tse-tung e Zhejiang). Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1993.
Comitê do PCC de Zhenyuan, "Dayuejin qijian de Zhenyuan yuanan" (O injusto caso Zhenyuan durante o Grande Salto Para a Frente), em *BNC*, nº 4, 1999.
Comitê do PCC do Tibete, *Zhonggong Xizang dangshi dashiji* (Crônica de eventos importantes do PCC no Tibete), Xizang renmin chubanshe, Xizang, 1990.
Comitê do PCC Pequim Haidian, ed., *Zhonggong zhongyang zai Xiangshan* (A liderança do PCC nas Colinas Fragrantes), Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1993.
Cong Jin, *Quzhe fazhan de nianyue* (Anos de desenvolvimento tortuoso), Henan renmin chubanshe, Zhengzhou, 1991.
Conselho de Estado, ed., *Sanxian jianshe* (Terceiro Front), Pequim, 1991, inédito.
Conselho editorial de *ZDZ*, ed., *Qinli zhongda lishi shijian shilu* (Experiências pessoais de eventos históricos importantes), 5 vols., Dangjian duwu chubanshe & Zhongguo wenlian chubanshe, Pequim, 2000.
Conselho editorial de *ZH*, ed., *Gongheguo junshi miwenlu* (Histórias secretas nos assuntos militares da República Popular), Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 2001.
Crônica do Clã de Mao, *Shaoshan Mao shi zupu* (A crônica do clã de Mao, Shaoshan), quatro edições, 1737, 1881, 1911 e 1941, partes publicadas em Li Xiangwen, pp. 3-6, 621 ss.

Dai Chaowu, "Zhongguo hewuqi de fazhan yu Zhongsu guanxi de polie" (O desenvolvimento de armas nucleares da China e a cisão sino-soviética), em *DZS*, nº 5, 2001.
Dai Huang, *Jiusi yisheng* (Fuga por pouco da morte), Zhongyang bianyi chubanshe, Pequim, 1998.
Dai Xiangqing & Luo Huilan, *AB tuan yu Futian shibian shimo* (A liga AB e o incidente de Futian), Henan renmin chubanshe, Zhengzhou, 1994.
Deng Li, *Wu Jieping zhuan* (Biografia de Wu Jieping), Zhejiang renmin chubanshe., Hangzhou, 1999.
Deng Liqun, "Huiyi Yanan zhengfeng" (Memórias da campanha de retificação de Yanan), em *DDWX*, nº 2, 1992.
Deng Xiao-ping, *Deng Xiaoping wenxuan* (Obras selecionadas de Deng Xiao-ping), 1938-65. Renmin chubanshe, Pequim, 1989.
Deng Xiao-ping, *Deng Xiaoping wenxuan* (Obras selecionadas de Deng Xiao-ping), vol. 3, Renmin chubanshe, Pequim, 1993.
Deng Xiao-ping, Jiang Zemin et al., *Weiwei fengbei* (Um monumento imponente), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1996.

Deng Zhong-xia, *Zhongguo zhigong yundong jianshi* (Uma breve história do movimento operário chinês), Zhongyang chubanju, Rússia, 1930.
Departamento de Organização do PCC, ed., *Zhongguo Gongchandang zuzhi gongzuo dashiji* (Crônica de eventos importantes do trabalho de organização do PCC), Liaoning renmin chubanshe, Shenyang, 1992.
Departamento de Organização do Partido Nacionalista, ed., *Zhongguo Gongchandang zhi toushi* (Um ponto de vista sobre o PCC), 1935, do Arquivo do Birô de Investigação, Taipé.
Ding Longjia & Ting Yu, *Kang Sheng yu Zhao Jianmin yuanan* (Kang Sheng e o caso injusto de Zhao Jianmin), Renmin chubanshe, Pequim, 1999.
Ding Shu, *Renhuo* (Calamidade feita pelo homem), Jiushi niandai zazhishe, Hong Kong, 1991.
_____, *Yangmou* (Maquinação aberta), Jiushi niandai zazhishe, Hong Kong, 1993.
_____, "Mao Zedong zhizheng qijian Zhongguo dalu de fei zhengchang siwang", em *Zhongguo zhichun* (China Primavera), periódico, EUA, outubro de 2001.
Ding Wang, ed., *Zhonggong wenhua dageming ziliao huibian* (Coleção de documentos da Revolução Cultural do PCC), Mingbao yuekanshe, Hong Kong, 1969.
Ding Zhi, "Zhongyang hungjun beishang fangzhen de yanbian guocheng" (O desenvolvimento da estratégia voltada para o norte do Exército Vermelho Central), em *WHY*, nº 5, 1985.
Documentos do partido, ed., *Cong Yanan dao Beijing* (De Yanan a Pequim), coleção de documentos e estudos sobre a guerra civil, Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1993.
Dong Bian et al., eds., *Mao Zedong he ta de mishu Tian Jiaying* (Mao Tse-tung e seu secretário Tian Jiaying), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1996.
Dong Fu, "Um relato da epidemia de fome em Sichuan", manuscrito inédito.
Dong Kunwu, "Hongqiao shijian de jingguo" (O incidente de Hongqiao), em *WZX*, nº 2.
Dong Sheng, *Tiandi song* (Ode ao céu e à terra), Xinhua chubanshe, Pequim, 2000.
Du Xiuxian & Gu Baozi, *Hong jingtou — Zhongnanhai sheyingshi yanzhong de guoshi fengyun* (Lentes vermelhas — Os assuntos nacionais através dos olhos de um fotógrafo de Zhongnanhai), Liaoning renmin chubanshe, Shenyang, 1998.
Duan Suquan, *Guwen jicun* (Coleção de escritos antigos), Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 1998.

Editoras Unidas, ed., *Zhonggong zuijin dang de douzheng neimu* (Recente luta partidária interna no PCC), Tongyi chubanshe, Chongqing, 1944, do Arquivo do Birô de Investigação, Taipé.
Enciclopédia da RPC, ed., *Zhonghua Renmin Gongheguo guoshi quanjian* (Enciclopédia da República Popular da China), 6 vols., Tuanjie chubanshe, Pequim, 1996.
Equipe da *Biografia de Peng De-huai*, *Yige zhenzheng de ren — Peng Dehuai* (Um verdadeiro homem — Peng De-huai), Renmin chubanshe, Pequim, 1995.
Equipe da *Biografia de He Changgong*, *He Changgong zhuan* (Biografia de He Changgong), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 2000.
Equipe da *Biografia de Su Yu*, *Su Yu zhuan* (Biografia de Su Yu), Dangdai Zhongguo chubanshe, Pequim, 2000.
Equipe da *Biografia de Zhou Xiaozhou*, *Zhou Xiaozhou zhuan* (Biografia de Zhou Xiaozhou), Hunan renmin chubanshe, Changsha, 1985.
Equipe da Coleção de Memórias do Exército do 4º Front, ed., *Jianku de licheng* (A dura jornada), Renmin chubanshe, Pequim, 1984.
Equipe de *Biografias de Chineses Contemporâneos*, *He Long zhuan* (Biografia de Ho Lung), Dangdai Zhongguo chubanshe, Pequim, 1993.
Escola Central do Partido, ed., *Yanan zhongyang dangxiao de zhengfeng xuexi* (Campanha de Retificação na Escola Central do Partido de Yanan), 2 vols., Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe,

Pequim, 1989.
Escritório de Estatística da China, ed., *Zhongguo tongji nianjian* (Anuário Estatístico da China, 1983), Jingji daobaoshe, Hong Kong, 1983.
Estudos do pcc, comp., *Liu Shaoqi wenti ziliao zhuanji* (Coleção de documentos sobre Liu Shao-chi), Zhonggong yanjiu zazhishe, Taipé, 1970.

Fan Daren, *Wenge yubi chenfulu* (Ascensão e queda de um escriba da corte na Revolução Cultural), Mingbao chubanshe, Hong Kong, 1999.
Fan Hao, *Mao Zedong he ta de junshi jiaoyu guwen* (Mao Tse-tung e seu conselheiro de educação militar), Renmin chubanshe, Pequim, 1993.
Fan Shuo, *Ye Jianying zai 1976* (Yeh Jian-ying em 1976), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1995.
_____, & Ding Jiaqi, *Ye Jianying zhuan* (Biografia de Yeh Jian-ying), Dangdai Zhongguo chubanshe, Pequim, 1995.
Fang Ke & Dan Mu, *Zhonggong qingbao shounao Li Kenong* (O chefe do serviço secreto do PCC Li Ke-nong), Zhongguo shehui kexue chubanshe, Pequim, 1996.
Fang Xiao, ed., *Zhonggong dangshi bianyilu* (Indagações sobre a história do PCC), 2 vols., Shanxi jiaoyu chubanshe, Taiyuan, 1991.
Fang Zhou, *Qincheng chunqiu* (História de Qincheng), Guanhai chuban youxiangongsi, Hong Kong, 1997.
Fu Chongbi, *Fu Chongbi huiyilu* (Memórias de Fu Chongbi), Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1999.
Fu Lianzhang, "Mao zhuxi zai Yudu" (Presidente Mao em Yudu), em *Hongqi piaopiao* (Bandeiras vermelhas voam), vol. 10, Zhongguo qingnian chubanshe, Pequim, 1959.
Fu Shanglun et al., *Gaobie ji'e* (Adeus à fome), Renmin chubanshe, Pequim, 1999.
Fu Zude & Chen Jiayuan, eds., *Zhongguo renkou*: *Fujian fence* (População chinesa: Fujian), Zhongguo caizheng jingji chubanshe, Pequim, 1990.

Gao Hua, *Hongtaiyang shi zenyang shengqilai de* (Como se levantou o sol vermelho), Zhongwen daxue chubanshe, Hong Kong, 2000.
Gao Wenqian, *Wannian Zhou Enlai* (Os últimos anos de Chou En-lai), Mirror Books, EUA, 2003.
Geng Biao, *Geng Biao huiyilu* (Memórias de Geng Biao), 2 vols., Jiangsu renmin chubanshe, Nanquim, 1998.
Gong Chu, *Wo yu hongjun* (O Exército Vermelho e eu), Nanfeng chubanshe, Hong Kong, 1954.
Gong Guzhong et al., eds., *Mao Zedong hui Hunan jishi* (Registros das viagens de Mao Tse-tung a Hunan), Hunan chubanshe, Changsha, 1993.
Gu Hongzhang, ed., *Zhongguo zhishi qingnian shangshan xiaxiang dashiji* (Crônica de eventos importantes da ida da juventude instruída da China para o campo), Zhongguo jiancha chubanshe, Pequim, 1997.
Guan Weixun, *Wo suo zhidao de Ye Qun* (A Ye Qun que conheci), Zhongguo wenxue chubanshe, Pequim, 1993.
Guang Xin, "Lin Biao canghuang chutao mujiji" (Relato de uma testemunha ocular do voo de emergência de Lin Biao), em *Zhuanji wenxue* (Literatura Biográfica), nº 4, Pequim, 1997.
Guo Chen, *Teshu liandui* (Uma companhia especial), Nongcun duwu chubanshe, Pequim, 1985.
Guo Jinrong, *Mao Zedong de wannian shenghuo* (Os últimos anos de Mao Tse-tung), Jiaoyu kexue chubanshe, Pequim, 1993.

Han Shangyu, ed., *Wenge xiyuanlu* (Os casos injustos na Revolução Cultural), Tuanjie chubanshe, Pequim, 1993.
Han Suyin, *Zhou Enlai yu ta de shiji* (Chou En-lai e seu século), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1992.
Han Taihua, ed., *Zhongguo Gongchandang ruogan lishi wenti xiezhen* (Registros de várias questões históricas do PCC), Yanshi chubanshe, Pequim, 1998.
Han Yanlong, ed., *Zhonghua Renmin Gongheguo fazhi tongshi* (História do sistema jurídico na República Popular da China), 2 vols., Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1998.
Hao Weimin, ed., *Neimenggu gemingshi* (História revolucionária da Mongólia Interior), Neimenggu daxue chubanshe, Hohhot, 1997.
He Changgong, *He Changgong huiyilu* (Memórias de He Changgong), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1987.
História da guerra de autodefesa na fronteira sino-indiana, ed., *Zhongyin bianjing ziwei fanji zuozhanshi* (História da guerra de autodefesa na fronteira sino-indiana), Junshi kexue chubanshe, Pequim, 1994.
Ho Lung, *He Long nianpu* (Biografia cronológica de Ho Lung), Li Lie, ed., Renmin chubanshe, Pequim, 1996.
Hong Xuezhi, *Kangmei yuanchao zhanzheng huiyi* (Recordações da guerra de resistência aos EUA e de ajuda à Coreia), Jiefangjun wenyi chubanshe, Pequim, 1991.
Hsiao Tso-liang, *Relações de poder dentro do movimento comunista chinês*, 1930-34, vol. 2, Documentos Chineses, Washington, D. C., 1967.
Hsu Chen, *Amao congjun ji* (Amao no Exército), Fuji wenhua tushu youxian gongsi, Taipé, 1987.
_____, *Hu Zongnan xiansheng yu Guomin geming* (O sr. Hu Tsung-nan e a Revolução Nacionalista), Wangqu shiqiqi tongxuehui, Taipé, 1990.
Hsu En-tseng et al., *Xishuo zhongtong juntong* (Relatos detalhados do Birô Central de Investigação e do Birô Militar de Investigação), Zhuanji wenxue chubanshe, Taipé, 1992.
Hsu Yung-chang, *Xu Yongchang riji* (Os diários do gen. Hsu Yung-chang), 12 vols. de fotocópias encadernadas, Instituto de História Moderna, Academia Sinica, Taipé, 1991.
Hu Feng, *Hu Feng zizhuan* (Autobiografia de Hu Feng), Jiangsu wenyi chubanshe, Nanquim, 1996.
Hu Qiaomu, *Hu Qiaomu huiyi Mao Zedong* (Recordações de Hu Qiaomu sobre Mao Tse-tung), Renmin chubanshe, Pequim, 1994.
Hu Yuzhi, *Wo de huiyi* (Minhas reminiscências), Jiangsu renmin chubanshe, Nanquim, 1990.
Huang Changyong, "Shengming de guanghua yu anying — Wang Shiwei zhuan" (O brilho e a sombra de uma vida — Uma biografia de Wang Shi-wei), em *XWS*, nº 1, 1994.
Huang Ke-cheng, *Huang Kecheng zishu* (Huang Ke-cheng conta sua história), Renmin chubanshe, Pequim, 1994.
Huang Wenhua et al., *Deng Xiaoping Jiangxi mengnanji* (Os tempos difíceis de Deng Xiao-ping em Jiangxi), Mingxing chubanshe, Hong Kong, 1990.
Huang Xiurong, ed., *Kangri zhanzheng shiqi guogong guanxi jishi* (Biografia cronológica das relações nacionalistas-comunistas durante a guerra contra o Japão), Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1995.
Huang Yao & Zhang Mingzhe, *Luo Ruiqing zhuan* (Biografia de Luo Rui-qing), Dangdai Zhongguo chubanshe, Pequim, 1996.
Huang Zheng, *Liu Shaoqi yuanan shimo* (Toda a história do caso injusto de Liu Shao-chi), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1998.

I Fu-en, *Wo de huiyi* (Minhas memórias), Liqing wenjiao jijinhui, Taipé, 2000.

Ji Wei, "Wo de zhiqing meng" (Meu sonho de jovem instruído), em *Tianxia huaren* (Chinês Mundial), julho-agosto, 1996.
Ji Xichen, *Shiwuqianli de niandai* (Tempos sem precedentes), Renmin ribao chubanshe, Pequim, 2001.
Jiang Nanxiang, Carta à liderança, março de 1945, em *ZDY*, nº 4, 1988.
Jiang Tingfu, *Jiang Tingfu huiyilu* (Memórias de Jiang Tingfu), Zhuanji wenxue chubanshe, Taipé, 1984.
Jiang Weiqing, *Qishinian zhengcheng — Jiang Weiqing huiyilu* (Jornada de setenta anos — Memórias de Jiang Weiqing), Jiangsu renmin chubanshe, Nanquim, 1996.
Jiang Xinli, *Zhang Guotao de panghuang yu juexing* (Perambulações e despertar de Chang Kuo-tao), Youshi wenhua shiye gongsi, Taipé, 1981.
Jin Chongji et al., *Zhou Enlai zhuan* (Biografia de Chou En-lai), 1898-1949, Renmin chubanshe & Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1990.
_____, et al., *Zhu De zhuan* (Biografia de Zhu De), Renmin chubanshe & Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1993.
_____,et al., *Mao Zedong zhuan* (Biografia de Mao Tse-tung), 1893-1949, Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1996.
_____, et al., *Zhou Enlai zhuan* (Biografia de Chou En-lai), 1949-76, Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1998.
_____, & Huang Zheng, *Liu Shaoqi zhuan* (Biografia de Liu Shao-chi), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1998.
Jin Zhenlin, *Mao An-ying* (Mao An-ying), Renmin chubanshe, Pequim, 1993.
Comitê da Base de Jinchaji & Arquivo Central, eds., *Jinchaji kangri genjudi* (A base japonesa resistente de Jinchaji), documentos, memórias e uma biografia cronológica, 3 vols., Zhonggong dangshi chubanshe & Zhonggong dangshi ziliao chubanshe, Pequim, 1991.
Jing Xizhen, *Zai Pengzong shenbian — jingwei canmou de huiyi* (Ao lado do chefe Peng — Memórias de um ajudante de ordens), Sichuan renmin chubanshe, Chengdu, 1979.

Kang Keqing, *Kang Keqing huiyilu* (Memórias de Kang Keqing), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1993.
Kang Sheng, "Qiangjiu shizu zhe" (Resgatar os caídos), discurso, 15 de julho de 1943, Arquivo do Birô de Investigação, Taipé.
_____, "Sanshisan nian fanjian zhengfeng hou zhi zongjie chengjiji quedian" (Resumos das realizações e deficiências após a campanha antiespião e de retificação, 1944), 1944, Arquivo do Birô de Investigação, Taipé.
Kung Hsiang-hsi, "Xian shibian huiyilu" (Memórias do incidente de Xian), em Li Jinzhou, ed.
Kuo Hua-Iun, *Zhonggong shilun* (História analítica do PCC), 4 vols., Guoli zhengzhi daxue guoji guanxi yanjiu zhongxin, Taipé, 1989.

Lei Yingfu, *Zai zuigao tongshuaibu dang canmou* (Um membro da equipe no QG Supremo), Baihuazhou wenyi chubanshe, Nanchang, 1997.
Lembrando Liu Shaoqi, ed., *Mianhuai Liu Shaoqi* (Lembrando Liu Shao-chi), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1988.
Lembrando Mao Zedong, ed., *Mianhuai Mao Zedong* (Lembrando Mao Tse-tung), 2 vols., Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1993.
Lembrando Peng Zhen, ed., *Mianhuai Peng Zhen* (Lembrando Peng Zhen), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1998.
Li Danhui, ed., *Zhongguo yu Yinduzhina zhanzheng* (A China e a guerra da Indochina), Tiandi tushu,

Hong Kong, 2000.
Li Desheng, *Li Desheng huiyilu* (Memórias de Li Desheng), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1997.
Li Guangan et al., eds., *Jinian Li Fuchun* (Em memória de Li Fuchun), Zhongguo jihua chubanshe, Pequim, 1990.
Li Hui, *Hu Feng jituan yuanan shimo* (O caso injusto da camarilha de Hu Feng), Renmin ribao chubanshe, Pequim, 1989.
Li Jiaji & Yang Qingwang, *Gensui hongtaiyang — wo zuo Mao Zedong tieshen weishi shisan nian* (Seguindo o sol vermelho — Fui criado de Mao Tse-tung por treze anos), Heilongjiang renmin chubanshe, Harbin, 1994.
Li Jian, ed., *Deng Xiaoping sanjin sanchu Zhongnanhai* (Deng Xiao-ping dentro e fora de Zhongnanhai três vezes), Zhongguo dadi chubanshe, Pequim, 1993.
_____, et al., eds., *Guanjian huiyi qinli shilu* (Memórias de testemunhas oculares de reuniões fundamentais), vol. 2, Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, s.d.
Li Jinzhou, ed., *Xian shibian qinliji* (Experiências pessoais do incidente de Xian), Zhuanji wenxue chubanshe, Taipé, 1982.
Li Junshan, *Weizheng luexun — lun kangzhan chuqi Jinghu diqu zuozhan* (Sobre as batalhas em Nanquim e Xangai no início da guerra contra o Japão), Guoli Taiwan daxue chuban weiyuanhui, Taipé, 1992.
Li Ke & Hao Shengzhang, *Wenhua dageming zhong de renmin jiefangjun* (O Exército de Libertação nacional na Revolução Cultural), Zhonggong dangshi ziliao chubanshe, Pequim, 1989.
Li Kefei & Peng Donghai, *Mimi zhuanji shang de lingxiumen* (Líderes nos aviões especiais secretos), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1997.
Li Liangzhi, *Fenghuo Jiangnan hua qiyuan — xinsijun yu Wannan shibian* (Uma grande tragédia — O Novo 4º Exército e o incidente do sul de Anhui), Zhongguo dangan chubanshe, Pequim, 1995.
Li Linda, *Qingman Xihu* (Os sentimentos enchem o lago Ocidental), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1993.
Li Mingsheng, "Zouchu diqiu cun" (Fora da terra), em *Zhonghua wenxue xuankan* (Literatura Chinesa Selecionada), nº 5, Pequim, 1995.
Li Rui, *Lushan huiyi shilu* (Um relato verdadeiro da Conferência de Lushan), Chunqiu chubanshe & Hunan jiaoyu chubanshe, Pequim, 1989.
_____, *Mao Zedong zaonian dushu shenghuo* (A vida escolar do jovem Mao Tse-tung), Liaoning renmin chubanshe, Shenyang, 1992.
_____, *Zaonian Mao Zedong* (Infância e juventude de Mao Tse-tung), Liaoning renmin chubanshe, Shenyang, 1992a.
Li Wei-han, *Huiyi yu yanjiu* (Memórias e estudos), Zhonggong dangshi ziliao chubanshe, Pequim, 1986.
Li Xiangwen, ed. *Mao Zedong jiashi* (Família e parentes de Mao Tse-tung), Renmin chubanshe, Pequim, 1996.
Li Xun, *Da bengkui — Xangai gongren zaofanpai xingwangshi* (Grande colapso — Ascensão e queda dos rebeldes trabalhadores de Xangai), Shibao wenhua, Taipé, 1996.
Li Yimang, *Mohu de yingping* (Tela obscura), Renmin chubanshe, Pequim, 1992.
Li Yimin, "Canjia Yanan qiangjiu yundong de pianduan huiyi" (Fragmentos de recordações de minha participação na campanha de resgate em Yanan), em *GZ*, nº 3, 1981.
Li Yinqiao, *Zai Mao Zedong shenbian shiwunian* (Quinze anos ao lado de Mao Tse-tung), Hebei renmin chubanshe, Shijiazhuang, 1992.
Li Yizhen, *Jiang Jingguo lusu shenghuo miwen* (A história secreta da vida de Chiang Ching-kuo na União Soviética), Zhongguo youyi chubangongsi, Pequim, 1994.

Li Yong et al., eds., *Wenhua dageming zhong de mingren zhi si* (As mortes de figuras bem conhecidas na Revolução Cultural), Zhongyang minzu xueyuan chubanshe, Pequim, 1993.
Li Yueran, *Waijiao wutai shang de xinzhongguo lingxiu* (Os novos líderes da China no palco diplomático), Waiyu jiaoxue yu yanjiu chubanshe, Pequim, 1994.
Li Zhisui, *Mao Zedong siren yisheng huiyilu* (A vida privada do presidente Mao), Shibao wenhua, Taipé, 1994.
Li Zongren, com Tang Degang, *Li Zongren huiyilu* (Memórias de Li Zongren), Liao chubanshe, Taipé, 1995.
Liao Gailong, *Dangshi tansuo* (Uma exploração da história do partido), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1983.
Liao Gailong, *Mao Zedong sixiangshi* (História do pensamento de Mao Tse-tung), Zhonghua shuju, Hong Kong, 1993.
Lin Ke et al., *Lishi de zhenshi* (A verdadeira vida de Mao Tse-tung), Liwen chubanshe, Hong Kong, 1995.
Liou Di, "Liu Di gei zhongyang xin" (Carta de Liou Di à liderança central), 11 de janeiro de 1931, RGASPI, 514/1/1008, Moscou.
Liu Bocheng, *Liu Bocheng junshi wenxuan* (Escritos militares de Liu Bocheng), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1992.
Liu Chi, *Wa de huiyi* (Minhas reminiscências), Guanglong wenju yinshua gongsi, Taipé, 1966.
Liu Guangren et al., *Feng Jiping zhuan* (Uma biografia de Feng Jiping), Qunzhong chubanshe, Pequim, 1997.
Liu Hansheng & Yi Fengkui, *1961, kurizi — Liu Shaoqi mimi huixiangji* (1961, dias difíceis — A visita secreta de Liu Shao-chi), Zhongguo gongren chubanshe, Pequim, 1993.
Liu Jinchi, "Songhu jingbei silingbu jianwen" (O que eu vi e ouvi na guarnição de Xangai), em CCPPC, 1987.
Liu Shao-chi, *Liu Shaoqi xuanji* (Obras selecionadas de Liu Shao-chi), Renmin chubanshe, Pequim, vol. 1, 1981; vol. 2, 1985.
_____, *Liu Shaoqi lun dang de jianshe* (Liu Shao-chi sobre a construção do partido), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1991.
_____, *Liu Shaoqi lun xinzhongguo jingji jianshe* (Liu Shao-chi sobre a economia da nova China), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1993.
_____, *Liu Shaoqi nianpu* (Biografia cronológica de Liu Shao-chi), 2 vols., Seção de Estudos do Arquivo do PCC, ed., Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1996.
Liu Tong, *Dongbei jiefang zhanzheng jishi* (Relato da guerra de libertação no nordeste), Dongfang chubanshe, Pequim, 1997.
Liu Xiao, *Chushi Sulian banian* (Oito anos como embaixador na União Soviética), Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1998.
Liu Ying, *Zai lishi de jiliu zhong* (Na torrente irresistível da História), Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1992.
Liu Yitao, "Mao An-ying, Mao An-qing, Mao An-Iong de xinsuan tongnian" (A infância triste de Mao An-ying, Mao An-qing e Mao An-long), em *YHCQ*, nº 6, 1994.
Liu Zhende, *Wo wei Shaoqi dang mishu* (Fui secretário de Shao-chi), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim 1994.
Liu Zhijian, "'Budui wenyi gongzuo zuotanhui jiyao' chansheng qianhou" (Como foi produzido o "Resumo do Seminário de Artes do Exército"), em conselho editorial do *zdz*, vol. 5.
Lu Keng, *Lu Keng huiyi yu chanhuilu* (Recordação e arrependimento de Lu Keng), Shibao wenhua, Taipé, 1998.

Lu Zhengchao, *Lu Zhengchao huiyilu* (Memórias de Lu Zhengchao), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1987.
Luo Diandian, *Feifan de niandai* (Tempos extraordinários), Shanghai wenyi chubanshe, Xangai, 1987.
_____, *Hongse jiazu dangan* (Relatos de uma família vermelha), Nanhai chuban gongsi, Haikou, 1999.
Luo Guibo, "Shaoqi tongzhi pai wo chushi Yuenan" (O camarada Shao-chi mandou-me ao Vietnã), 1987, em *Relembrando Liu Shao-chi*, ed.
Luo Shixu, *Lushan bieshu daguan* (Vilas em Lushan), Jiangxi meishu chubanshe, Nanchang, 1995.
Luo Yimin, *Liuzhuang bainian* (Cem anos da mansão Liu), Shanxi renmin chubanshe, Taiyuan, 1998.
Luo Zhanglong, *Chunyuan zaiji* (Memórias), Sanlian shudian, Pequim, 1984.

Ma Juxian et al., eds., *Zhongguo renkou*: *Jiangxi fence* (População chinesa: Jiangxi), Zhongguo caizheng jingji chubanshe, Pequim, 1989.
Ma Qibin et al., *Zhongyang geming genjudi shi* (História da Base Revolucionária Central), Renmin chubanshe, Pequim, 1986.
Ma Zhendu, "Bayisan Songhu zhanyi qiyin bianzheng" (Sobre a causa da guerra de 13 de agosto em Xangai), em *JSY*, nº 6, 1986.
_____, *Can sheng — kangri zhanzheng zhengmian zhanchang daxieyi* (Vitória trágica — Um retrato panorâmico do campo de batalha frontal na guerra contra o Japão), Guangxi shifan daxue chubanshe, Guilin, 1993.
Ma Zhigang, ed., *Dayuanan yu dapingfan* (Grandes casos injustos e grande reabilitação), Tuanjie chubanshe, Pequim, 1993.
Mao CMPC (Centro de Materiais de Pesquisa Chineses), comp., *Maozhu weikangao*, "*Mao Zedong sixiang wansui*" *bieji ji qita* (Obras de Mao Tse-tung publicadas não oficialmente, volumes adicionais de "Viva o pensamento de Mao Tse-tung" e outros discursos secretos de Mao), 15 vols., Virgínia, EUA, s. d.
_____, & ABP (Centro de Materiais de Pesquisa Chineses & Associação de Bibliotecas de Pesquisa), comp., *Hongweibing ziliao xubian*, I (Publicações da Guarda Vermelha, Suplemento 1), Washington, DC, s. d.
[Deng] Mao Mao, *Wode fuqin Deng Xiaoping* (Meu pai Deng Xiao-ping), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1993.
_____, *Fuqin Deng Xiaoping wenge shinian ji* (Meu pai Deng Xiao-ping nos dez anos da Revolução Cultural), Xianggang zhonghua ernu chubanshe, Hong Kong, 2000.
Mao Tse-tung, *Jiandang he dageming shiqi Mao Zedong zhuzuoji* (Escritos de Mao Tse-tung durante o período da formação do partido e da grande revolução), dezembro de 1920-julho de 1927, Seção de Estudos do Arquivo do PCC & Comitê do PCC de Hunan, comp., inédito; em Notas de Mao 1920-27.
_____, *Mao Zedong zizhuan* (Autobiografia de Mao Tse-tung), 1937 (nova ed., Jiefangjun wenyi chubanshe, Pequim, 2002).
_____, *Mao Zedong xuanji* (Obras selecionadas de Mao Tse-tung), vol. 5, Renmin chubanshe, Pequim, 1977.
_____, *Mao Zedong nongcun diaocha wenji* (Escritos de Mao Tse-tung sobre investigação no país), Renmin chubanshe, Pequim, 1983.
_____, *Mao Zedong shuxin xuanji* (Cartas selecionadas de Mao Tse-tung), Renmin chubanshe, Pequim, 1984.
_____, *Jianguo yilai Mao Zedong wengao* (Manuscritos de Mao Tse-tung desde a fundação da República Popular), 13 vols., Seção de Estudos do Arquivo do PCC, ed., Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1987-98.

_____, *Mao Zedong zaoqi wengao* (Primeiros manuscritos de Mao Tse-tung), junho de 1912-novembro de 1920, Seção de Estudos do Arquivo do PCC & Comitê do PCC de Hunan, eds., Hunan chubanshe, Changsha, 1990.
_____, *Mao Zedong xuanji* (Obras selecionadas de Mao Tse-tung), vols. 1-4, Renmin chubanshe, Pequim, 1991.
_____, *Mao Zedong zishu* (Mao Tse-tung conta sua história), Renmin chubanshe, Pequim, 1993.
_____, *Mao Zedong junshi wenji* (Escritos militares de Mao Tse-tung), 6 vols., Seção de Estudos do Arquivo do PCC & Academia de Ciências Militares, eds., Junshi kexue chubanshe & Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1993a.
_____, *Mao Zedong nianpu* (Biografia cronológica de Mao Tse-tung), 1893-1949, 3 vols., Seção de Estudos do Arquivo do PCC, ed., Renmin chubanshe & Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1993b.
Mao Tse-tung , *Mao Zedong jingji nianpu* (Biografia cronológica de Mao Tse-tung sobre economia), Gu Longsheng, ed., Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1993c.
_____, *Mao Zedong wenji* (Escritos reunidos de Mao Tse-tung), 8 vols., Renmin chubanshe, Pequim, 1993-99.
_____, *Mao Zedong waijiao wenxuan* (Mao Tse-tung sobre diplomacia), Zhongyang wenxian chubanshe & Shijie zhishi chubanshe, Pequim, 1994.
_____, *Mao Zedong zai qida de baogao he jianghua ji* (Relatórios e discursos de Mao Tse-tung no VII Congresso), Zhongyang wenxian chubanshe, 1995.
Mei Zhi, *Wangshi ru yan — Hu Feng chenyuan lu* (O passado é como fumaça — um relato de como Hu Feng foi vítima de injustiça), Sanlian shudian, Hong Kong, 1989.
Meng Qingshu, *Wang Ming zhuanji yu huiyi* (Biografia e memórias de Wang Ming), manuscrito inédito, cortesia do filho do autor, Wang Dan-zhi.
Ming Xiao & Chi Nan, *Mousha Mao Zedong de heise taizi* (O príncipe negro que tentou assassinar Mao Tse-tung), Zhonghua ernu chubanshe, Hong Kong, 2000.
Ministério das Finanças, ed., *Zhonghua Renmin Gongheguo caizheng shiliao* (Documentos de arquivo sobre as finanças da República Popular da China), 5 vols., Zhongguo caizheng jingji chubanshe, Pequim, 1982-85.
Ministério do Exterior, ed., *Xin Zhongguo waijiao fengyun* (Ventos e nuvens da nova diplomacia da China), múltiplos vols., Shijie zhishi chubanshe, Pequim, 1990 ss.
_____, ed., *Zhou Enlai waijiao huodong dashiji* (Crônica de eventos importantes nas atividades diplomáticas de Chou En-lai), Shijie zhishi chubanshe, Pequim, 1993.
Mo Wenhua, *Mo Wenhua huiyilu* (Memórias de Mo Wenhua), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1996.
Mu Xin, *Ban* Guangming Ribao *shinian zishu* (Eu dirigi o *Diário de Guangming* por dez anos), Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1994.
Museu da Revolução Chinesa, ed., *Hongjun changzheng riji* (Diários da Longa Marcha do Exército Vermelho), Dangan chubanshe, Pequim, 1986.
Museu do Comitê do PCC de Xiangqu & Museu de Changsha, eds., *Zhongguo Gongchandang Xiangqu zhixing weiyuanhui shiliao huibian* (Coleção de documentos sobre o Comitê Executivo do PCC de Hunan), Hunan chubanshe, Changsha, 1993.
Museu Militar Revolucionário, ed., *Baituan dazhan lishi wenxian ziliao xuanbian* (Documentos de arquivo sobre a Operação 100 Regimentos), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1990.

Nie Rongzhen, *Nie Rongzhen huiyilu* (Memórias de Nie Rongzhen), Mingbao chubanshe, Hong Kong, 1991.
_____, *Nie Rongzhen nianpu* (Biografia cronológica de Nie Rongzhen), Zhou Junlun et al., eds.,

Renmin chubanshe, Pequim, 1999.
Niu Han & Deng Jiuping, eds., *Yuan shang cao*: *jiyi zhong de fanyoupai yundong* (Relva na pradaria: documentos e recordações da campanha antidireitista), Jingji ribao chubanshe, Pequim, 1998.
Niu Jun, *Cong Yanan zouxiang shijie* (De Yanan para o mundo), Fujian renmin chubanshe, Fuzhou, 1992.
Nosso Premiê Chou, ed., *Women de Zhou zongli* (Nosso premiê Chou), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1990.

Pai Chung-hsi, *Bai Chongxi huiyilu* (Memórias de Pai Chung-hsi), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1987.
Panchen Lama, *Qiwanyan shu* (Carta de 70 mil palavras), governo no exílio do Tibete, Dharamsala, 1998.
Pang Bingan, ed., *Lamei xiongying — Zhongguoren yanli de Qie Gewala* (Uma águia latina — Che Guevara aos olhos dos chineses), Shijie zhishi chubanshe, Pequim, 2000.
Pang Xianzhi & Jin Chongji, *Mao Zedong zhuan* (Biografia de Mao Tse-tung), 1949-76, Zhogyang wenxian chubanshe, Pequim, 2003.
Pei Jianzhang, ed., *Zhonghua Renmin Gongheguo waijiaoshi* (História da diplomacia da República Popular da China, 1949-56), Shijie zhishi chubanshe, Pequim, 1994.
Pei Zhouyu, "Liu Zhidan tongzhi he women zai yiqi" (O camarada Liu Chih-tan está sempre conosco), em *Xinghuo liaoyuan* (Uma única fagulha pode começar um incêndio na pradaria), vol. 4, Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1997.
Peng De-huai, Carta de 80 mil palavras de Peng a Mao e à liderança, 1962, inédito.
_____, *Peng Dehuai zishu* (Peng De-huai conta sua história), Renmin chubanshe, Pequim, 1981.
_____, *Peng Dehuai nianpu* (Biografia cronológica de Peng De-huai), Wang Yan, ed., Renmin chubanshe, Pequim, 1998.
Peng Meikui, *Wo de bofu Peng Dehuai* (Meu tio Peng De-huai), Liaoning renmin chubanshe, Shenyang, 1997.
Publicação de Literatura Biográfica, ed., *Zhonggong dixiadang xianxingji* (O PCC clandestino revelado), 2 vols., Zhuanji wenxue chubanshe, Taipé, 1993.

Qi Gaoru, *Jiang Jingguo de yisheng* (A vida de Chiang Ching-kuo), Zhuanji wenxue chubanshe, Taipé, 1991.
Qi Li, *Mao Zedong wannian shenghuo suoji* (Fragmentos de lembranças dos últimos anos de Mao Tse-tung), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1998.
Qian Gang & Geng Qingguo, eds., *Ershi shiji Zhongguo zhongzai bailu* (Desastres gigantescos da China no século XX), Shanghai renmin chubanshe, Xangai, 1999.
Qian Jiang, *Mimi zhengzhan — Zhongguo junshi guwentuan yuanyue kangfa jishi* (Uma guerra secreta — A verdadeira história dos assessores militares chineses no Vietnã contra os franceses), Sichuan renmin chubanshe, Chengdu, 1999.
Qiu Shi, ed., *Gongheguo zhongda juece chutai qianhou* (Como foram tomadas decisões importantes da República Popular), 4 vols., Jingji Ribao chubanshe, Pequim, 1997-98.
Quan Yanchi, *Hongqiang neiwai* (Dentro e fora das muralhas vermelhas), Tiandi tushu, Hong Kong, 1991.
_____, *Long kun — He Long yu Xue Ming* (Os apuros do dragão — Ho Lung e Xue Ming), Guangdong luyou chubanshe, Cantão, 1997.
_____, & Du Weidong, *Gongheguo mishi* (Enviados secretos da República Popular), Guangming Ribao chubanshe, Pequim, 1990.

Ran Longbo & Ma Jisen, *Zhou Enlai yu Xianggang liuqi baodong* (Chou En-lai e o tumulto de 1967 em Hong Kong), Mingbao chubanshe, Hong Kong, 2001.

Recordações de Deng Zihui, ed., *Huiyi Deng Zihui* (Recordações de Deng Zihui), Renmin chubanshe, Pequim, 1996.

Recordações de Tan Zhenlin, ed., *Huiyi Tan Zhenlin* (Recordações de Tan Zhen-lin), Zhejiang renmin chubanshe, Hangzhou, 1992.

"Região da fronteira de Shaanganning", ed., *Shanganning bianqu de jingbing jianzheng ziliao xuanji* (Documentos sobre o corte de tropas e a administração na região da fronteira de Shaanganning), Qiushi chubanshe, Pequim, 1982.

Ren Bi-shi, *Ren Bishi nianpu* (Biografia cronológica de Ren Bi-shi), Seção de Estudos do Arquivo do PCC, ed., Renmin chubanshe & Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1993.

Ren Wuxiong & Yu Weiping, "Mao An-ying, Mao An-qing tongzhi younian zai Xangai de yixie qingkuang " (Algumas informações sobre a infância dos camaradas Mao An-ying e Mao An-qing em Xangai), em *WZX-S*, nº 2, 1980.

Seção Central de Estudos de História do PCC, tr. e ed., *Gongchan guoji*, *liangong* (*bu*) *yu Zhongguo geming dangan ziliao congshu* (Série de documentos de arquivo sobre o Comintern, PCtR (b) e a revolução chinesa), 6 vols., Beijing tushuguan chubanshe, Pequim, 1997-98.

Seção de Estudo do Arquivo do PCC, ed., *Bujin de sinian* (Ausente sem fim), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1991.

_____, ed., *Huiyi Deng Xiaoping* (Reminiscências sobre Deng Xiao-ping), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1998.

_____, & Arquivo Central, eds., *Gongheguo zouguo de lu — jianguo yilai zhongyao wenxian zhuanti xuanji* (O caminho da República — Seleção temática de documentos importantes da República Popular), 1949-52 e 1953-56, Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1992.

Segundo Arquivo, ed., *Guomindangjun zhuidu hongjun changzheng dangan shiliao xuanbian*: *zhongyang bufen* (Documentos de arquivo sobre o Exército Nacionalista perseguindo e bloqueando o Exército Vermelho na Longa Marcha: parte do Exército Vermelho Central), Dangan chubanshe, Pequim, 1987.

_____, ed., *Kangri zhanzheng zhengmian zhanchang* (O campo de batalha frontal da guerra contra o Japão), Jiangsu guji chubanshe, Jiangsu, 1987a.

_____, & Arquivo de Hunan, eds., *Guomindangjun zhuidu hongjun changzheng dangan shiliao xuanbian*: *Hunan bufen* (Documentos de arquivo sobre o Exército Nacionalista perseguindo e bloqueando o Exército Vermelho na Longa Marcha: parte de Hunan), Dangan chubanshe, Pequim, 1988.

Shao Yihai, "Lin Biao jituan fumie neiqing" (A história secreta da extinção da camarilha de Lin Biao), em *Zhongnanhai renshi chenfu* (Ascensão e queda de figuras em Zhongnanhai), Wenhui chubanshe, Hong Kong, 1992.

Shen Zhihua, *Mao Zedong*, *Sidalin yu Hanzhan* (Mao Tse-tung, Stálin e a Guerra da Coreia), Tiandi tushu, Hong Kong, 1998.

Shen Zui, *Wo zhe sanshinian* (Trinta anos em minha vida), Beijing shiyue wenyi chubanshe, Pequim, 1994.

Sheng Ping et al., eds., *Zhongguo Gongchandang lishi dacidian* (Dicionário da história do PCC), Zhongguo guoji guangbo chubanshe, Pequim, 1991.

Shi Dongbing, *Zuichu de kangzheng — Peng Zhen zai wenhua dageming qianxi* (Resistência no começo — Peng Zhen às vésperas da Revolução Cultural), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1993.

Shi Jixin, "Hongjun changzheng hou Zhonggong zhongyang tong Gongchanguoji huifu dianxun lianxi

wenti de kaozheng" (Sobre a restauração das conexões por rádio com o Comintern depois da Longa Marcha), em *ZDC*, nº 1, 1987.
Shi Shuo, "Bayisan songhu kangzhan jilue" (Breve relato da guerra de 13 de agosto contra o Japão em Xangai), em CCPPC, 1987.
Shi Zhe, *Zai lishi juren shenbian* (Ao lado dos gigantes da história), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1991.
_____, *Feng yu gu* (Picos e vales), Hongqi chubanshe, Pequim, 1992.
Shi Zhongquan et al., *Zhonggong bada shi* (História do VIII Congresso do PCC), Renmin chubanshe, Pequim, 1998.
Shu Long, ed., *Mao Zemin* (Mao Tse-min), Junshi kexue chubanshe, Pequim, 1996.
Shui Jing, *Teshu de jiaowang* (Relações especiais), Jiangsu wenyi chubanshe, Nanquim, 1992.
Si Ren, ed., *Wenhua dageming fengyun renwu fangtanlu* (Entrevistas com celebridades da Revolução Cultural), Zhongyang minzu xueyuan chubanshe, Pequim, 1993.
Sima Lu, *Douzheng shibanian* (Dezoito anos de luta), Yazhou chubanshe, Hong Kong, 1952.
_____, *Hongjun changzheng yu zhonggong neizheng* (A Longa Marcha do Exército Vermelho e luta interna), Zilian chubanshe, Hong Kong, 1985.
Sima Lu , *Zhonggong lishi de jianzheng — Sima Lu huiyilu* (Testemunhando a história secreta do Partido Comunista Chinês: Memórias do ex-comunista Smarlo Ma), Mirror Books, EUA, 2004.
Sociedade de Estudos das Relações Sino-Russas, ed., *Zhanhou Zhongsu guanxi zouxiang* (O rumo das relações sino-soviéticas depois da guerra), Shehui kexue wenxian chubanshe, Pequim, 1997.
Song Honggang, *Sun Yueqi* (Sun Yueqi), Huashan wenyi chubanshe, Shijiazhuang, 1997.
Song Renqiong, *Song Renqiong huiyilu* (Memórias de Song Renqiong), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1994.
Song Xiaomeng, *Li Rui qiren* (A história de Li Rui), Henan renmin chubanshe, Zhengzhou, 1999.
Song Yongyi, ed., *Wenge datusha* (Massacres durante a Revolução Cultural), Kaifang zazhishe, Hong Kong, 2002.
Su Ping, *Cai Chang zhuan* (Biografia de Cai Chang), Zhongguo funu chubanshe, Pequim, 1990.
Su Yu, *Su Yu zhanzheng huiyilu* (Memórias de guerra de Su Yu), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1988.
Sun Du, "Dianjun ru Qian fangdu hongjun changzheng qinliji" (Experiência pessoal do Exército de Yunnan em Guizhou para enfrentar a Longa Marcha do Exército Vermelho), em *WZX*, nº 62.
Sun Yeli & Xiong Lianghua, *Gongheguo jingji fengyun zhongde Chen Yun* (Chen Yun e a economia da República Popular), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1996.

Tang Chunliang, *Li Lisan zhuan* (Biografia de Li Li-san), Heilongjiang renmin chubanshe, Harbin, 1989.
_____, Li *Lisan quanzhuan* (Biografia completa de Li Li-san), Anhui renmin chubanshe, Hefei, 1999.
Tao Lujia, *Yige shengwei shuji huiyi Mao zhuxi* (Um secretário provincial relembra o presidente Mao), Shanxi renmin chubanshe, Taiyuan, 1993.
Tao Siju, *Xinzhongguo diyi ren gongan buzhang Luo Ruiqing* (O primeiro ministro da Segurança Pública da nova China Luo Rui-qing), Qunzhong chubanshe, Pequim, 1996.
_____, *Xu Zirong zhuan* (Biografia de Xu Zirong), Qunzhong chubanshe, Pequim, 1997.
Tian Zengpei & Wang Taiping, eds., *Lao waijiaoguan huiyi Zhou Enlai* (Antigos diplomatas relembram Chou En-lai), Shijie zhishi chubanshe, Pequim, 1998.
Tong Xiaopeng, *Fengyu sishinian* (Quarenta anos de ventos e chuvas), 2 vols., Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1995.
Tu Men & Kong Di, *Gongheguo zuida yuanan* (O maior caso injusto da República Popular), Falu chubanshe, Pequim, 1993.

_____, & Zhu Dongli, *Kang Sheng yu* "*Neirendang*" *yuanan* (Kang Sheng e o caso injusto do "Partido do Povo da Mongólia Interior"), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1995.

Ulanhu, *Wu Lanfu nianpu* (Biografia cronológica de Ulanhu), vol. 2, Sociedade Ulanhu da Mongolia Interior, ed., Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1996.

Wang Bingnan, *Zhongmei huitan jiunian huigu* (Recordações de nove anos de conversações sino-americanas), Shijie zhishi chubanshe, Pequim, 1985.

Wang Chengxian, "'Yijianshu' shi zenyang xiechengde" (Como a carta de Peng De-huai foi escrita), em equipe da *Biografia de Peng De-huai*, pp. 237-53.

Wang Defen, "Xiao Jun zai Yanan" (Xiao Jun em Yanan), *XWS*, nº 4, 1987.

Wang Dong-xing, *Wang Dongxing riji* (Os diários de Wang Dong-xing), Zhongguo shehui kexue chubanshe, Pequim, 1993.

_____, "Zhongnanhai li de yitang ke" (Uma lição em Zhongnanhai), em *BNC*, nº 1, 1997.

Wang Dong-xing, *Wang Dongxing huiyi Mao Zedong yu Lin Biao fangeming jituan de douzheng* (Wang Dong-xing relembra a luta de Mao Tse-tung com a camarilha contrarrevolucionária de Lin Biao), Dangdai Zhongguo chubanshe, Pequim, 1997a.

Wang Enmao, *Wang Enmao riji* (Os diários de Wang Enmao), 5 vols., Zhongyang chubanshe, Pequim, 1995.

Wang Fanxi, *Shuangshan huiyilu* (Memórias), CHOW'S CO, Hong Kong, 1977.

Wang Fuyi, *Xiang Ying zhuan* (Biografia de Xiang Ying), Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1995.

Wang Gengjin et al., eds., *Xiangcun sanshinian* (Trinta anos no campo), Nongcun duwu chubanshe, Pequim, publicação proibida.

Wang Guang-mei et al., *Ni suo buzhidao de Liu Shaoqi* (O Liu Shao-chi que vocês não conhecem), Henan renmin chubanshe, Zhengzhou, 2000.

Wang Guangyuan, *Hongse mushi Dong Jianwu* (O pastor vermelho Dong Jianwu), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 2000.

Wang Guiyi, "Weiren zhi nu Li Min de jinqing wangshi" (O hoje e o ontem da filha de um grande homem Li Min), em *YHCQ*, nº 7, 1993.

Wang Hebin, *Ziyunxuan zhuren — wo suo jiechu de Mao Zedong* (O mestre do pavilhão da nuvem púrpura — O Mao Tse-tung que conheci), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1991.

Wang Jialie, "Zujie zhongyang hongjun changzheng guo Qian de huiyi" (Recordações da passagem do Exército Vermelho Central por Guizhou), em *WZX*, nº 62.

Wang Jianying, *Zhongguo Gongchandang zuzhishi ziliao huibian — lingdao jigou yange he chengyuan minglu* (História da organização do PCC — Desenvolvimento das principais organizações e seus membros), Hongqi chubanshe, Pequim, 1983.

_____, *Zhongguo gongnong hongjun fazhanshi jianbian* (Breve história do Exército Vermelho chinês), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1986.

Wang Kexue, "Tan Furen fufu beisha an jishi" (O relato verdadeiro do assassinato de Tan Fu-ren e sua esposa), em *ZH*, nº 8, 1996.

Wang Li, *Xianchang lishi — wenhua dageming jishi* (Testemunhando a Revolução Cultural), Oxford University Press, Hong Kong, 1993.

_____, "Wuhan qi erling shijian shimo" (Os vaivéns do incidente de 20 de julho em Wuhan), em *Zhuanji wenxue* (Literatura Biográfica), nº 2, Pequim, 1994.

_____, *Wang Li fansilu* (Reflexões de Wang Li), Beixing chubanshe, Hong Kong, 2001.

Wang Lianjie, *Yan Baohang* (Yan Baohang), Heilongjiang renmin chubanshe, Harbin, 2002.
Wang Nianyi, *Dadongluan de niandai* (Os anos de grande desordem), Henan renmin chubanshe, Zhengzhou, 1992.
Wang Qisen et al., eds., *Fujiansheng Suweiai zhengfu lishi wenxian ziliao huibian* (Documentos de arquivo reunidos sobre o governo do soviete de Fujian), Lujiang chubanshe, Xiamen, 1992.
Wang Renzhong, diários selecionados, em Comitê do PCC de Hubei, 1993.
Wang Shichun, *Jiang Weiguo de rensheng shilu* (A jornada da vida de Chiang Weigo), Tianxia wenhua, Taipé, 1996.
Wang Shi-wei, *Wang Shiwei wencun* (Escritos de Wang Shi-wei), com artigos sobre ele, reunidos por Zhu Hongzhao, Shanghai sanlian shudian, Xangai, 1998.
Wang Shoudao, *Wang Shoudao huiyilu* (Memórias de Wang Shoudao), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1987.
Wang Shoujia et al., eds., *Mao Zedong wannian guoyan shiwenlu* (Os poemas e a prosa que Mao Tse-tung leu nos seus últimos anos), Balong shuwu, Hong Kong, 1993.
Wang Suping, *Ta hai mei jiao Jiang Qing de shihou* (Antes que ela fosse chamada de Jiang Qing), Beijing shiyue wenyi chubanshe, Pequim, 1993
Wang Suyuan, "Shanganning bianqu qiangjiu yundong shimo" (A campanha de resgate na região de fronteira de Shaanganning), em *ZDZ*, nº 37.
Wang Taiping, ed., *Zhonghua Renmin Gongheguo waijiao shi* (História da diplomacia da República Popular da China), 1957-69, Shijie zhishi chubanshe, Pequim, 1998.
_____, ed., *Zhonghua Renmin Gongheguo waijiao shi* (História da diplomacia da República Popular da China), 1970-78, Shijie zhishi chubanshe, Pequim, 1999.
Wang Xingjuan, *He Zizhen de lu* (O caminho de Gui-yuan), Zuojia chubanshe, Pequim, 1987.
_____, *Li Min*, *He Zizhen yu Mao Zedong* (Li Min, Gui-yuan e Mao Tse-tung), Zhongguo wenlian chubangongsi, Pequim, 1993.
Wang Xiuxin, "Zhonggong liujie liuzhong quanhui" (A 6ª plenária do VI Congresso do PCC), em *ZDZ*, nº 46.
Wang Yan et al., *Peng Dehuai zhuan* (Biografia de Peng De-huai), Dangdai Zhongguo chubanshe, Pequim, 1993.
Wang Youqin, "1966: xuesheng da laoshi de geming" (1966: a revolução dos alunos que batiam nos professores), em *Ershiyi shiji* (Século XX), Hong Kong, edição de agosto de 1995.
_____, "Da laoshi he da tongxue zhi jian" (Entre bater nos professores e alunos), em *Ershiyi shiji* (Século XX), Hong Kong, edição de outubro de 1996.
Wang Zicheng, "Shanganning bianqu de xingcheng ji yanbian" (Formação e desenvolvimento da região da fronteira de Shaanganning), em *ZDC*, nº 5, 1987.
Wen Jize et al., *Yanan zhongyang yanjiuyuan huiyilu* (Recordações do Instituto Central de Pesquisas de Yanan), Zhongguo shehui kexue chubanshe & Hunan renmin chubanshe, Changsha, 1984.
_____, et al., *Wang Shiwei yuanan pingfan jishi* (Relato da reabilitação de Wang Shi-wei), Qunzhong chubanshe, Pequim, 1993.
Wen Rui & Xie Jianshe, *Zhongyang suqu tudi geming yanjiu* (Estudo da revolução agrária na área do soviete central), Nankai daxue chubanshe, Tianjin, 1991.
Wen Yu, *Zhongguo zuohuo* (Perigos esquerdistas na China), Zhaohua chubanshe, Pequim, 1993.
Weng Taisheng & Chris Pocock, *Heimao zhongdui — U2 gaokong zhenchaji de gushi* (Esquadrão Gato Negro — A história do U-2), Lianjing chuban shiyegongsi, Taipé, 1990.
Wu Changyi, *Qiangu gongchen Yang Hucheng* (Yang Hucheng, o homem que realizou um serviço eterno), Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 1993.
Wu Jiangxiong, ed., *Guomindang yaoyuan shenbian de Zhonggong dixiadang* (PCC clandestino ao lado de

VIPs nacionalistas), 2 vols., Haitian chubanshe, Shenzhen, 1995.
Wu Jiqing, *Zai Mao zhuxi shenbian de rizi li* (Dias ao lado do presidente Mao), Jiangxi renmin chubanshe, Nanchang, 1989.
Wu Leng-xi, *Yi Mao zhuxi* (Lembranças do presidente Mao), Xinhua chubanshe, Pequim, 1995.
_____, *Shinian lunzhan* (Dez anos de debates sobre a guerra), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1999.
Wu Ruilin, "Zhou zongli de yici juemi zhixing" (Uma viagem altamente secreta do premiê Chou), em *Zuojia wenzhai* (Digesto dos Escritores), 15 de outubro de 2002.
Wu Xiuquan, *Wangshi cangsang* (Meu passado), Shanghai wenyi chubanshe, Xangai, 1992.
_____, *Huiyi yu huainian* (Acalentar as memórias), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1995.
Wu Zuzhang, ed., *Xian shibian qinliji* (Experiências pessoais do incidente de Xian), Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 1996.

Xia Daohan & Chen Liming, *Jiangxi Suqu shi* (História da área do soviete de Jiangxi), Jiangxi renmin chubanshe, Nanchang, 1987
Xiao Feng, ed., *Wo yu Hu Feng* (Hu Feng e eu), Ningxia renmin chubanshe, Yinchuan, 1993.
Xiao Jingguang, *Xiao Jingguang huiyilu* (Memórias de Xiao Jingguang), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1987.
Xiao Ke, *Zhu-Mao hongjun ceji* (Subsídios sobre o Exército Vermelho Zhu-Mao), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1993.
_____, *Xiao Ke huiyilu* (Memórias de Xiao Ke), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1997.
_____, et al., *Wo qinli de zhengzhi yundong* (As campanhas políticas que vivi), Zhongyang bianyi chubanshe, Pequim, 1998.
Xiao San, *Mao Zedong tongzhi luezhuan* (Breve biografia do camarada Mao Tse-tung), Xinhua shudian, Pequim, 1949.
Xiao Sike, *Chaoji shenpan* (Superjulgamento), Jinan chubanshe, Jinan, 1993.
Xie Jue-zai, *Xie Juezai riji* (Diários de Xie Jue-zai), Renmin chubanshe, Pequim, 1984.
Xie Youtian, *Zhonggong zhuangda zhimi* (Os segredos do crescimento do PCC), Mirror Books, Hong Kong, 2002.
Xin Ziling, *Mao Zedong quanzhuan* (Biografia completa de Mao Tse-tung), 4 vols., Liwen chubanshe, Hong Kong, 1995.
_____, *Lin Biao zhengzhuan* (Biografia de Lin Biao), Liwen chubanshe, Hong Kong, 2002.
Xiong Jingyu & Li Haiwen, *Zhang Hao zhuanji* (Biografia de Zhang Hao), Huazhong shifan daxue chubanshe, Wuhan, 1991.
Xiong Xianghui, *Wo de qingbao yu waijiao shengya* (Minha carreira no serviço secreto e na diplomacia), Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 1999.
Xu Xiangqian, *Lishi de huigu* (Memórias), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1998.
Xu Yan, *Jinmen zhizhan* (A guerra de Quemoy), Zhongguo guangbo dianshi chubanshe, Pequim, 1992.
_____, *Zhongyin bianjie zhizhan lishi zhenxiang* (A verdadeira história da guerra da fronteira sino-indiana), Tiandi tushu, Hong Kong, 1993.
Xu Zehao, *Wang Jiaxiang zhuan* (Biografia de Wang Jia-xiang), Dangdai zhongguo chubanshe, Pequim, 1996.
_____, & Tang Xiqiang, "Xiang Ying, Zhou Zikun lieshi beihai jingguo jishi" (Como Xiang Ying e Zhou Zikun foram assassinados), em *DYZ*, nº 2, 1981.
Xue Yue, *Jiaofei jishi* (Um registro na campanha contra os bandidos comunistas), 1936, Arquivo do

Birô de Investigação, Taipé.
Xun Yuanhu et al., "Xian faxian 64 nian qian Mao Zedong zizhuan" (Autobiografia de Mao Tse-tung descoberta em Xian depois de 64 anos), em *Zuojia wenzhai* (Digesto dos Escritores), 29 de junho de 2001.

Ya Zi & Liang Zi, *Kongfu dajienan* (A calamidade cometida com a casa de Confúcio), Tiandi tushu, Hong Kong, 1992.
Yan Changlin, *Jingwei Mao Zedong jishi* (Minha experiência como guarda de Mao Tse-tung), Jilin renmin chubanshe, Changchun, 1992.
Yan Daogang, "Jiang Jieshi zhuidu changzheng hongjun de bushu jiqi shibai" (Os planos de Chiang Kai-shek referentes à Longa Marcha do Exército Vermelho e seu fracasso), em *WZX*, nº 62.
Yang Cheng-wu, *Yang Chengwu huiyilu* (Memórias de Yang Cheng-wu), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1987.
Yang Guixin, "Wo Ding Ling jiushi Ding Ling!" (Sou de fato Ding Ling!), em *YHCQ*, nº 7, 1993.
Yang Kai-hui, escritos (nºs 1, 3 e 4 publicados, em *HDT*, nº 1 (1984), pp. 21-3; o resto inédito):
nº 1, "Ou gan" (Pensamentos), outubro de 1928.
nº 2, "Gei yidi de xin" (Carta ao Primeiro Primo), março de 1929.
nº 3, "Jian xinshang rentou erqi de beigan" (Sentimento de tristeza ao ler sobre a fruição de uma cabeça humana), abril de 1929.
nº 4, "Nuquan gaoyu nanquan?" (Direitos das mulheres acima dos direitos dos homens?), 1929.
nº 5, "Ji yidi" (Ao Primeiro Primo), 8º dia do 4º mês lunar de 1929.
nº 6, "Ji yidi" (Ao Primeiro Primo), 1929.
nº 7, "Cong liu sui dao ershiba sui" (Dos seis aos 28 anos), 20 de junho de 1929.
nº 8, sem título, 28 de janeiro de 1930.
Yang Kuisong, *Zhongjian didai de geming* (Revolução na região média), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1992.
_____, *Xian shibian xintan* (Um novo estudo do incidente de Xian), Dongda tushu gongsi, Taipé, 1995.
_____, *Zhonggong yu Mosike de guanxi 1920-1960* (A relação entre o PCC e Moscou, 1920-60), Haixiao chuban shiye youxian gongsi, Taipé, 1997.
_____, *Mao Zedong yu Mosike de enen yuanyuan* (A relação de amor e ódio entre Mao Tse-tung e Moscou), Jiangxi renmin chubanshe, Nanchang, 1999.
Yang Liuqing, *Mao Zedong he ta de qinyoumen* (Mao Tse-tung e seus parentes e amigos), Hebei renmin chubanshe, Shijiazhuang, 1993.
Yang Meihong, *Yingsuhua hong — wo zai Miangong shiwu nian* (Papoulas vermelhas — Quinze anos no Partido Comunista birmanês), Tiandi tushu, Hong Kong, 2001.
Yang Mingwei, *Zouchu kunjing — Zhou Enlai zai 1960-1965* (Saindo de tempos difíceis — Chou En-lai em 1960-1965), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 2000.
Yang Mu, ed., *Wenge chuangjiang fengshenbang* (Militantes da Revolução Cultural), Tuanjie chubanshe, Pequim, 1993.
Yang Shang-kun, *Yang Shangkun riji* (Diários de Yang Shang-kun), 2 vols, Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 2001.
Yang Tianshi, *Jiangshi midang yu Jiang Jieshi zhenxiang* (Os arquivos secretos de Chiang Kai-shek e a verdade sobre ele), Shehui kexue wenxian chubanshe, Pequim, 2002.
Yang Yinlu, *Wo gei Jiang Qing dang mishu* (Fui secretário de Jiang Qing), Gonghe chuban youxian gongsi, Hong Kong, 2002.
Yang Zhaolin, *Baizhan jiangxing Su Zhenhua* (General estrela Su Zhenhua), Jiefangjun wenyi chubanshe, Pequim, 2000.

Yang Zihui et al., eds., *Zhongguo lidai renkou tongji ziliao yanjiu* (Estudos de estatística populacional ao longo dos séculos na China), Gaige chubanshe, Pequim, 1995.
Yang Zilie, *Zhang Guotao furen huiyilu* (Memórias da esposa de Chang Kuo-tao), Zilian chubanshe, Hong Kong, 1970.
Ye Fei, *Ye Fei huiyilu* (Memórias de Ye Fei), Jiefangjun chubanshe, Pequim, 1988.
Ye Xinyu, "Hongjun Tucheng zhandou yu sidu Chishui" (A batalha do Exército Vermelho em Tucheng e as quatro travessias do rio Chishui), em *zdz*, nº 34.
Ye Yonglie, *Chen Boda qiren* (Chen Bo-da), Shidai wenyi chubanshe, Changchun, 1990.
_____, *Wang Hongwen zhuan* (Biografia de Wang Hong-wen), Shidai wenyi chubanshe, Changchun, 1993.
_____, *Jiang Qing zhuan* (Biografia de Jiang Qing), Shidai wenyi chubanshe, Changchun, 1996.
_____, *Zhang Chunqiao zhuan* (Biografia de Zhang Chun-qiao), Shidai wenyi chubanshe, Changchun, 1996a.
Ye Zilong, *Ye Zilong huiyilu* (Memórias de Ye Zilong), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 2000.
Yin Jiamin, *Huang Zhen jiangjun de dashi shengya* (A carreira de embaixador do gen. Huang Zhen), Jiangsu renmin chubanshe, Nanquim, 1998.
Yin Qi, *Pan Hannian de qingbao shengya* (A vida de Pan Han-nian no serviço secreto), Renmin chubanshe, Pequim, 1996.
_____, *Pan Hannian zhuan* (Biografia de Pan Han-nian), Zhongguo renmin gongan daxue chubanshe, Pequim, 1996a.
Yu Jinan, *Zhang Guotao qiren* (Chang Kuo-tao), Sichuan renmin chubanshe, Chengdu, 1980.
Yu Shicheng, *Deng Xiaoping yu Mao Zedong* (Deng Xiao-ping e Mao Tse-tung), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1995.
Yu Xiguang, *Weibei weigan wang youguo — wenhua dageming shangshuji* (Um homem humilde não esquece seu país — Coleção de petições na Revolução Cultural), Hunan renmin chubanshe, Changsha, 1989.
Yuan Maogeng, *Wo jia haojie* (A calamidade de minha família), Baxi Meizhou Huabao, Brasil, 1994.
Yuan Wuzhen & Liang Yuelan, "Guoji youren zai Yanan" (Amigos estrangeiros em Yanan), em *ZDZ*, nº 46.
Yue Meiti, "1975: yanchang Tangshi Songci zhimi" (1975: o mistério de Tang Cantador e poemas de Song), em *Shanghai Tan*, nº10, 1991.
Yue Xia, "Yige tongxun zhanshi dui changzheng de huiyi" (Um membro da Unidade de Rádio relembra a Longa Marcha), em *WZX*, nº72.
Yun Shui, *Guoji fengyun zhong de Zhongguo waijiaoguan* (Diplomatas chineses em ventos e nuvens internacionais), Shijie zhishi chubanshe, Pequim, 1992.
Yun Zhiping & Bai Yihong, *Zhongguo zhufang zhidu gaige* (A reforma do sistema habitacional da China), Zhongguo jingji chubanshe, Pequim, 1990.

Zeng Kelin, *Zeng Kelin jiangjun zishu* (O gen. Zeng Kelin conta sua história), Liaoning renmin chubanshe, Shenyang, 1997.
Zeng Weidong & Yan Fan, *Mao Zedong de zuji* (Os passos de Mao Tse-tung), Qunzhong chubanshe, Pequim, 1993.
Zeng Yanxiu, "Kang Sheng diandi" (Algumas coisas sobre Kang Sheng), em *Renwu* (Povo), nº 2, 1994.
Zeng Zhi, *Yige geming de xingcunzhe* (Um sobrevivente da revolução), Guangdong renmin chubanshe, Cantão, 2000.
Zhang Dequn, "60 niandai zhongsu guanxi ehua de jijianshi" (Vários eventos durante a cisão sino-soviética nos anos 60), em Conselho editorial de *ZDZ*, vol. 5.

Zhang Hanzhi, *Wo yu Qiao Guanhua* (Qiao Guanhua e eu), Zhongguo qingnian chubanshe, Pequim, 1994.
Zhang Kuitang, *Zhang Xueliang zhuan* (Biografia de Zhang Xueliang), Dongfang chubanshe, Pequim, 1991.
Zhang Ning, *Chen jie* (Autobiografia), Mingbao chubanshe, Hong Kong, 1997.
Zhang Suhua et al., *Shuo bujin de Mao Zedong* (Conversas sem fim sobre Mao Tse-tung), 2 vols., Liaoning renmin chubanshe, Shenyang, 1993.
Zhang Suizhi, *Hongqiang nei de jingwei shengya* (A vida de um guarda dentro dos muros vermelhos), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1998.
Zhang Tianrong, "Budui wenyi gongzuo zuotanhui zhaokai ji 'jiyao' chansheng de lishi kaocha" (Um estudo sobre a convocação do Seminário de Artes do Exército e o nascimento do "Resumo"), em *DSYJ*, nº 6, 1987.
Zhang Wen-qiu, *Ta bian qingshan — Mao Zedong de qinjia Zhang Wenqiu huiyilu* (Todas aquelas montanhas verdes — As memórias de Zhang Wen-qiu, sogra dos filhos de Mao Tse-tung), Guangdong jiaoyu chubanshe, Cantão, 1993.
Zhang Wentian (vulgo Lo Fu, como no texto), "Cong Fujian shibian dao Zunyi huiyi" (Do incidente de Fujian à reunião de Zunyi), em *ZHW*, discurso de 16 de dezembro de 1943.
_____, *Zhang Wentian wenji* (Escritos reunidos de Zhang Wentian), 4 vols., Zhonggong dangshi ziliao chubanshe (vol. 1), Zhonggong dangshi chubanshe (vols. 2-4), Pequim, 1990-95.
_____, *Zhang Wentian nianpu* (Biografia cronológica de Zhang Wentian), Zhang Peisen et al., eds., Zhonggong dangshi chubanshe, Pequim, 2000.
Zhang Xinshi, "He Zizhen de disi ge haizi" (O quarto filho de Gui-yuan), em *Hunan dangshi yuekan* (História do Partido de Hunan Mensal), Changsha, nº 12, 1990.
Zhang Xuexin et al., *Ren Bishi zhuan* (Biografia de Ren Bi-shi), Zhongyang wenxian chubanshe & Renmin chubanshe, Pequim, 1995.
Zhang Yaoci, *Zhang Yaoci huiyi Mao Zedong* (Zhang Yaoci relembra Mao Tse-tung), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1996.
Zhang Ying, *Fengyu wangshi — Weiteke caifang Jiang Qing shilu* (O passado em ventos e chuvas — Um relato verdadeiro das entrevistas de Witke com Jiang Qing), Henan renmin chubanshe, Zhengzhou, 1997.
Zhang Yu-feng, "Mao Zedong Zhou Enlai wannian ersanshi" (Anedotas de Mao Tse-tung e Chou En-lai na velhice), em *Yanhuang Zisun*, nº 1, 1989.
_____, "Wo gei Mao zhuxi dang mishu" (Fui secretária do presidente Mao), 1993, em Qiu Shi, vol. 3.
Zhang Yunsheng, *Maojiawan jishi — Lin Biao mishu huiyilu* (O relato verdadeiro de Maojiawan — Memórias de um secretário de Lin Biao), Chunqiu chubanshe, Pequim, 1988.
Zhang Zhenglong, *Xuebai xuehong* (Branco de neve e vermelho de sangue), Dadi chubanshe, Hong Kong, 1991.
Zhang Zhi-zhong, *Zhang Zhizhong huiyilu* (Memórias de Zhang Zhi-zhong), Zhongguo wenshi chubanshe, Pequim, 1993.
Zhang Zishen, *Zhanjiang yu tongshuai — Yang Chengwu zai Mao Zedong huixia de sishiba nian* (Um general e seu comandante — Os 48 anos de serviço de Yang Cheng-wu sob o comando de Mao Tse-tung), Liaoning renmin chubanshe, Shenyang, 2000.
Zhang Zuoliang, *Zhou Enlai de zuihou shi nian — yiwei baojian yisheng de huiyi* (Os últimos dez anos de Chou En-lai — Memórias de seu médico), Xangai renmin chubanshe, Xangai, 1997.
Zhao Chaogou et al., *Mao Zedong fangwenji* (Entrevista com Mao Tse-tung), Changjiang wenyi chubanshe, Wuhan, 1992.
Zhao Guilai, *Cong Baotashan dao Zhongnanhai — Gao Fuyou jiyi zhong de yidai weiren* (Da Montanha do

Pagode para Zhongnanhai — Um grande homem na lembrança de Gao Fuyou), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1998.
Zhao Rong, "Changzheng tuzhong jiujuntuan zai Qiandianchuan de zhandou licheng" (A jornada do 9º Corpo durante a Longa Marcha em Guizhou, Yunnan e Sichuan), em *WZX*, nº 56.
Zhao Wumian, *Wenge danianbiao* (Crônica da Revolução Cultural), Mingjing chubanshe, EUA, 1996.
Zhao Zhichao, *Mao Zedong he ta defulao xiangqin* (Mao Tse-tung e seus companheiros de aldeia), Hunan wenyi chubanshe, Changsha, 1992.
Zhe Yongping et al., eds., *Nage niandai zhong de women* (Nós naquela época), Yuanfang chubanshe, Hohhot, 1998.
Zheng Wenhan, *Mishu riji li de Peng laozong* (Velho chefe Peng no diário de um secretário), diário anotado, Junshi kexue chubanshe, Pequim, 1998.
Zheng Yi, *Hongse jinianbei* (Monumento vermelho), Huashi wenhua gongsi, Taipé, 1993.
Zhong Kan, *Kang Sheng pingzhuan* (Biografia crítica de Kang Sheng), Hongqi chubanshe, Pequim, 1982.
Zhong Yimou, *Hailufeng nongmin yundong* (O movimento camponês em Hailufeng), Guangdong renmin chubanshe, Cantão, 1957.
Zhou Guoquan et al., *Wang Ming pingzhuan* (Biografia crítica de Wang Ming), Anhui renmin chubanshe, Hefei, 1990
Zhou Jihou, *Mao Zedong xiangzhang zhimi* (O mistério do distintivo de Mao Tse-tung), Beiyue wenyi chubanshe, Taiyuan, 1993.
Zhou Jingwen, *Fengbao shi nian* (Dez anos de tempestade), Shidai piping chubanshe, Hong Kong, 1959.
Zhou Ming, ed., *Lishi zai zheli chensi* (A história pondera aqui), 3 vols., Huaxia chubanshe, Pequim, 1987.
Zhou Yi, *Xianggang zuopai douzheng shi* (Uma história de luta da esquerda de Hong Kong), Liwen chubanshe, Hong Kong, 2002.
Zhou Zuoren, *Zhou Zuoren riji* (Diários de Zhou Zuoren), Dajia chubanshe, Zhengzhou, 1996.
Zhu De, *Zhu De nianpu* (Biografia cronológica de Zhu De), Seção de Estudos do Arquivo do PCC, ed., Renmin chubanshe, Pequim, 1986.
Zhu Kaiyin, "Wode junshi waijiaoguan shengya" (Minha carreira como diplomata militar), em *YHCQ*, nº 9, 1994.
Zhu Lin, *Dashi furen huiyilu* (As memórias da esposa de um embaixador), Shijie zhishi chubanshe, Pequim, 1993.
Zhu Tianhong & Yi Wan, *Mao Zemin zhuan* (Biografia de Mao Tse-min), Hualing chubanshe, Pequim, 1994.
Zhu Yu, ed., *Li Xiannian zhuan* (Biografia de Li Xiannian), Zhongyang wenxian chubanshe, Pequim, 1999.
Zhu Zheng, *1957 nian de xiaji* (Verão de 1957), Henan renmin chubanshe, Zhengzhou, 1998.
Zhu Zhongli, *Nuhuang meng* (O sonho de ser uma imperatriz), Dongfang chubanshe, Pequim, 1988.
_____, *Yanyang zhaowo* (Sob o brilho do sol), Beifang funu ertong chubanshe, Changchun, 1989.
_____,*Mao Zedong Wang Jiaxiang zai wode shenghuo zhong* (Mao Tse-tung e Wang Jiaxiang em minha vida), Zhonggong zhongyang dangxiao chubanshe, Pequim, 1995.
Zhuang Ze-dong & Sasaki Atsuko, *Zhuang Zedong yu Zuozuomu Dunzi* (Zhuang Ze-dong e Sasaki Atsuko), Zuojia chubanshe, Pequim, 1996.

Bibliografia de fontes em outras línguas

ABREVIAÇÕES USADAS NAS NOTAS

APRF	Arkhiv Prezidenta Rossiiskoy Federatsii (Arquivo do Presidente da Federação Russa), Moscou; os números de arquivos citados referem-se a, respectivamente, "fond" [acervo], "opis" [inventário] e "delo" [processo]: por. ex., "39/1/39" refere-se a fond 39, opis 1, delo 39.
AQSh	Arkivi Qëndror i Shtetit i Republikës së Shqipërisë (Arquivo Central do Estado da República da Albânia), Tirana; números citados referem-se a fondi 14, arquivo "PPSh-PKK" (PTA [Partido do Trabalho Albanês]-PCC); assim, "f. 14, 1958, d. 1" se refere a fondi 14, ano 58, dosje 1.
AVP RF	Arkhiv Vneshney Politiki Rossiiskoy Federatsii (Arquivo de Política Externa do Ministério de Relações Exteriores da Federação Russa), Moscou; números de arquivos citados referem-se a, respectivamente, "fond", "opis", "papka" [pasta] e "delo": por ex., "0100/29/205/11" se refere a fond 0100, opis 29, papka 205, delo 11.
BKP	Partido Comunista Búlgaro
BR	*Beijing Review* (antes *Peking Review)*
CEIC	Comitê Executivo da Internacional Comunista
CHOC	*The Cambridge History of China* (Cambridge, GB, et al., Cambridge University Press)
CHUS	Chinese Historians in the United States
CLG	*Chinese Law and Government*
CQ	*China Quarterly*
CWB	*Cold War International History Project Bulletin*
CWH	*Cold War History*
DVP	*Dokumentyi Vneshney Politiki* (Documentos de Política Externa, Ministério de Relações Exteriores russo)
FBIS	Foreign Broadcast Information Service (CIA)
FEA	*Far Eastern Affairs* (edição em inglês de *PDV)*
FRUS	*Foreign Relations of the United States* (Departamento de Estado — EUA)
IB	*Informatsyonnyi Byulleten* (Boletim de Informações), Instituto do Extremo Oriente, Moscou
JAS	*Journal of Asian Studies*
JPRS	Joint Publications Research Service (Departamento de Comércio — EUA, Springfield) *Mao Miscellany Miscellany of Mao Tse-tung Thought* (1949-1968), 2 vols. (JPRS, nºs 612691 e 612692); na Web/JPRS
MAS	*Modern Asian Studies*
MRTP	Schram, Stuart, ed., *Mao's Road to Power*: *Revolutionary Writings 1912-1949*
NA	National Archives, GB (antigo PRO)
NARA	National Archives and Records Administration, EUA
NiNL	*Novaya i Noveychayia Istoriya* (História Moderna e Contemporânea), Moscou
NSA	National Security Archive, Washington, D. C.
NT	*New Times* (edição em inglês de *Novoie Vremia)*
NV	*Novoye Vremya*, Moscou
OIRVR	*Ocherki Istorii Rossiiskoy Vnehnyey Razvedki*
ORK	*Osobyi Rayon Kitaya*; ver: Vladímirov, P. P.
PCC	Partido Comunista Chinês
PCtR(b)	Partido Comunista de toda a Rússia (bolchevique)
PCUS	Partido Comunista da União Soviética
PDV	*Problemyi Dalnego Vostoka* (Problemas do Extremo Oriente), Moscou
PHP	Projeto de História Paralela da OTAN e do Pacto de Varsóvia, Zurich
PR	*Peking Review* (depois *Beijing Review)*
RGASPI	Rossiiskii Gosudarstvennyi Arkhiv Sotsialno-politicheskoy Istorii (Arquivos do Estado Russo de História Sociopolítica, antigo RTSKHIDNI); números de arquivos citados referem-se, respectivamente, a "fond", "opis" e "delo": por ex.,

	"514/1/1008" se refere a fond 514, opis 1, delo 1008
SAPMO	Stiftung Archiv der Parteien und Massenorganisationen der ehemaligen DDR im Bundesarchiv (Fundação para os Arquivos dos Partidos e Organizações de Massa da antiga RDA [Alemanha Oriental] nos Arquivos Federais), Berlim
SCMP	*Survey of the China Mainland Press*
SW	*Selected Works*
Titov	Titov, A. S., *Materialyi k politicheskoy biografii Mao Tsze-duna*
TsDA	Tsentralen Durzhaven Arkhiv (Arquivo Central do Estado), Sófia
TsK	Comitê Central
URI	Union Research Institute, Hong Kong
VKP	*VKP(b), Komintern i Kitay*

FONTES POR NOME DE AUTOR

Alguns títulos estão abreviados. Foram traduzidos apenas os títulos em russo e búlgaro. Apenas os nomes russos que aparecem no texto principal foram transliterados para o português.

Aarons, Eric, *What's Left? Memoirs of an Australian Communist*, Penguin, Ringwood, Austrália, 1993.

Abend, Hallett, My *Years in China 1926-1941*, J. Lane/Bodley Head, Londres, 1944.

Aczél, Tamás, "Hungary: Glad Tidings from Nanking", *CQ*, nº 3, 1960.

Adibekov, G. M., et al., eds., *Organizatsionnaya Struktura Kominterna 1919-1943* (A estrutura organizacional do Comintern), Rosspen, Moscou, 1997.

Adyrkhaev, Nikolai, "Stalin's Meetings with Japanese Communists in the Summer of 1951", *FEA*, nº 3, 1990.

Aguado, fr. Angelus, Relatório ("Epístola") de Yenan, 7 de junho de 1935, *Acta Ordinis Fratrum Minorum*, vol. 54, fasc. 1, Florença, 1935.

Akimov, V. I., ed., *Iz Istorii Internatsionalnoy Pomoshchi Sovietskogo Soyuza Kitayu i Koreye* (Da história da ajuda internacional da União Soviética à China e Coreia), Instituto do Extremo Oriente, Moscou, 1985.

Aleksandrov-Agentov, A. M., *Ot Kollontai do Gorbacheva* (De Kollontai a Gorbatchov), Mezhdunarodnyie Otnosheniya, Moscou, 1994.

Alsop, Joseph, "On China's Descending Spiral", *CQ*, nº 2, 1962.

Alsop, Stewart, "A Conversation with President Kennedy", *Saturday Evening Post*, 1º de janeiro de 1966.

Ambrose, Stephen E., *Nixon*, vol. 3, Simon & Schuster, Nova York, 1991.

Anderson, Jon Lee, *Che Guevara*, Bantam, Londres, 1997.

Anderson, K. M., & Chubaryan, A. O., eds., *Komintern i Vtoraya Mirovaya Voyna* (O Comintern e a Segunda Guerra Mundial), Parte 1: até 22 de junho de 1941, Pamyatniki Istoricheskoy Myisli, Moscou, 1994.

Andrew, Christopher & Mitrokhin, Vasili, *The Mitrokhin Archive*: *The KGB in Europe and the West*, Allen Lane, Londres, 1999.

Anson, Robert Sam, *Exile*: *The Unquiet Oblivion of Richard M. Nixon*, Touchstone, Nova York, 1985.

Antonkin, Alexei, *Chiens de Faience*, Équinoxe, Paris, 1983.

Apter, David E. & Saich, Tony, *Revolutionary Discourse in Mao's Republic*, Harvard University Press, Cambridge et al., 1994.

Arbatov, Georgi, *The System*, Times Books, Nova York, 1992.

Armstrong, J. D., *Revolutionary Diplomacy*, University of California Press, Berkeley et al., 1977.

Ashton, Basil, et al., "Famine in China, 1958-1961", *Population and Development Review*, vol. 10, nº 4,

1984.
Atwood, Christopher P., "Sino-Soviet Diplomacy and the Second Partition of Mongolia, 1945-1946", em Kotkin, Stephen, & Elleman, Bruce A., eds., *Mongolia in the Twentieth Century*, Sharpe, Armonk et al., c. 1999.
Avreyski, Nikola, *Georgi Dimitrov i Revolyutsionnoto Dvizheniye v Kitaye* (Gueorgi Dimítrov e o Movimento Revolucionário na China), Instituto para a História do BKP no CC do BKP, Sófia, 1987.

Balanta, Martín, "Rupture Between Castro and Peiping", *Segunda Republica* (La Paz), 30 de janeiro de 1966, em JPRS, *Translations on International Communist Developments*, nº 810.
Band, Claire & William, *Dragon Fangs*: *Two Years with Chinese Guerrillas*, Allen & Unwin, Londres, 1947.
Banister, Judith, "Population Policy and Trends", *CQ*, nº 100, 1984.
Bao Ruo-Wang (Jean Pasqualini), & Chelminski, Rudolph, *Prisoner of Mao*, Deutsch, Londres, 1975.
Barmin, Valery "Xinjiang in the History of Soviet-Chinese Relations in 1918-1931", *FEA*, nº 4, 1999.
Barnouin, Barbara & Yu Changgen, *Chinese Foreign Policy during the Cultural Revolution*, Kegan Paul, Londres & Nova York, 1998.
Baturov, Vladimir, "Kosmicheskii Skachok Pekina" (O salto cósmico de Pequim), *NV*, nºs 2, 3, 1999.
Becker, Jasper, *Hungry Ghosts*: *China's Secret Famine*, J. Murray, Londres, 1996.
Benton, Gregor, *New Fourth Army*, University of California Press, Berkeley et al., 1999.
Berezhkov, Valentin M., *At Stalin's Side*, Birch Lane, Nova York, 1994.
Beria, Sergo, *Moy Otets — Lavrentii Beria* (Meu pai — Lavrenti Béria), Sovremmenik, Moscou, 1994.
_____, *Beria*: *My Father*, Duckworth, Londres, 2001.
Bertram, James M., *First Act in China*, Viking, Nova York, 1938.
Blum, John Morton, ed., *The Price of Vision*: *The Diary of Henry A. Walace*, *1942-1946*, Houghton Mifflin, Boston, 1973.
Bonavia, David, *Verdict in Peking*, Burnett Books, Londres, 1984.
Borisov, Oleg, *The Soviet Union and the Manchurian Revolutionary Base* (*1945-1949*), Progress, Moscou, 1977.
_____, *From the History of Soviet-Chinese Relations in the 1950s*, Progress, Moscou, 1982.
Boudarel, Georges, "L'idéocratie importée au Vietnam avec le maoisme", em Boudarel, Georges, et al., eds., *La bureaucratie au Vietnam*, L'Harmattan, Paris, 1983.
Braun, Otto, "Mao Tse-tung's Climb to Power", *FEA* nº 1, 1974.
_____, *A Comintern Agent in China 1932-1939*, Hurst, Londres, 1982.
Brezhnev, A. A., *Kitay*: *Ternistyi Put k Dobrososedstvu* (China: a estrada espinhosa para a boa vizinhança), Mezhdunarodnyie Otnosheniya, Moscou, 1998.
Browder, Earl, "The American Communist Party in the Thirties", em Simon, Rita James, ed., *As We Saw the Thirties*, University of Illinois Press, Urbana, 1967.
Brun-Zechowoj, Walerij, *Manfred Stern — General Kleber*, Trafo-Verl. Weist, Berlim, 2000.
Bulag, Uradyn E., *The Mongols at China's Edge*, Rowman & Littlefield, Lanham et al., 2002.
Bundy, William, *A Tangled Web*: *The Making of Foreign Policy in the Nixon Presidency*, Hill & Wang, Nova York, 1998.
Burr, William, ed., *The Kissinger Transcripts*: *The Top-secret Talks with Beijing and Moscow*, Free Press, Nova York, 1999 [Burr 1999a] [Web/NSA].
_____, ed., *China and the United States* [...] *1960-1998*, NSA Electronic Briefing Book nº 1, 1999 [Burr 1999b].
_____, "Sino-American Relations, 1969: The Sino-Soviet Border War", *CWH*, vol. 1, nºs 3, 2001.

_____, ed., The *Beijing-Washington Back Channel and Henry Kissinger's Secret Trip to China, September 1970-July 1971*, NSA Electronic Briefing Book nº 66, 2002 [Web/NSA].
Byron, John, & Pack, Robert, *The Claws of the Dragon: Kang Sheng*, Simon & Schuster, Nova York, 1992.

Cabot, John Moors, *First Line of Defense*, Georgetown University, Washington, D. C., s.d.
Cadart, Claude & Cheng Yingxiang, eds., *Mémoires de Peng Shuzhi: L'Envol du communisme en Chine*, Gallimard, Paris, 1983.
Carrington, Lord, *Reflect on Things Past*, Collins, Londres, 1988.
Carton de Wiart, Adrian, *Happy Odyssey*, Cape, Londres, 1950.
Chang, Gordon H., *Friends and Enemies: The United States, China, and the Soviet Union, 1948-1972*, Stanford University Press, Stanford, 1990.
Chang, Jung, *Wild Swans: Three Daughters of China*, Simon & Schuster, Nova York, 1991 [*Cisnes selvagens*, trad. Marcos Santarrita, Companhia das Letras, São Paulo, 1994].
Chang Kuo-t'ao, *The Rise of the Chinese Communist Party*, University of Kansas Press, Lawrence, 1971, 1972, 2 vols.
Chang, Sidney H. & Myers, Ramon H., eds., *The Storm Clouds Clear Over China: The Memoirs of Ch'en Li-fu*, Hoover Institution Press, Stanford, 1994.
Chen Jian, *China's Road to the Korean War*, Columbia University Press, Nova York, 1994.
_____, "A Crucial Step toward the Sino-Soviet Schism: The Withdrawal of Soviet Experts from China, July 1960", *CHW*, nºs 8, 9, 1996-97.
_____, *Mao's China and the Cold War*, University of North Carolina Press, Chapel Hill e Londres, 2001.
Chen Zuezhao, *Surviving the Storm*, Sharpe, Armonk et al., 1990.
Chen Yun, "Outline for Communicating the Zunyi Enlarged Politburo Meeting" (1935), em Saich, 1996.
Chen Yung-fa, "The Blooming Poppy under the Red Sun: The Yan'an Way and the Opium Trade", em Saich, Tony, & Van de Ven, Hans J., eds., *New Perspectives on the Chinese Communist Revolution*, Sharpe, Armonk et al., 1995.
Chen Yung-fa , "Suspect History", em Hershatter, Gail, et al., eds., *Remapping China*, Stanford University Press, Stanford, 1996.
Cheng Hsueh-chia, "Mao Tse-tung Before the Formation of the Chinese Communist Party", *Issues & Studies*, novembro de 1973.
Cheng, J. Chester, "The Mystery of the Battle of La-tzu-k'ou in the Long March", *JAS*, vol. 31, nº 3, 1972.
Cheo Ying, Esther, *Black Country to Red China*, Cresset, Londres et al., 1987.
Cherepanov, A. I., *As Military Adviser in China*, Progress, Moscou, 1982.
Chi, Wen-shun, "Water Conservancy in Communist China", *CQ*, nº 23, 1965.
Chiang Ching-kuo, "My Days in Soviet Russia" (1937), em Cline, Ray S., *Chiang Ching-kuo Remembered*, US Global Strategy Council, Washington, DC, 1989.
Chiang Kai-shek, *A Fortnight in Sian: Extracts from a Diary*, China Publishing Co., Taipé, 1985.
_____, *Soviet Russia in China*, Harrap, Londres, 1957.
Chin Peng, *My Side of History*, Media Masters, Cingapura, 2003.
Chinese Communist Party, Central Committee, Party History Research Centre, comp., *History of the Chinese Communist Party — A Chronology of Events*, Foreign Languages Publishing House, Pequim, 1991.
Chow Ching-wen, *Ten Years of Storm*, Holt, Rinehart & Winston, Nova York, 1960.

Chuev, F., *Molotov*, Terra, Moscou, 1999.
Chuikov, Vassíli, "Velik Internatsionalist" (Um grande internacionalista), em Institut po Istoriya na BKP pri TsK na BKP, *Spomeni za Georgi Dimitrov* (Lembranças de Gueorgi Dimítrov), vol. 2, Partizdat, Sófia, 1971.
Chuikov, V. I., *Missiya v Kitaye* (Missão na China), Nauka, Moscou, 1981.
Clemens, Walter C., *The Arms Race and Sino-Soviet Relations*, Hoover, Stanford, 1968.
Cohen, Warren, "Conversations with Chinese Friends: Zhou Enlai's Associates Reflect on Chinese-American Relations in the 1940s and the Korean War", *Diplomatic History*, vol. 11, nº 3, 1987.
"COMINT and the PRC intervention in the Korean War" [nome do autor apagado], *Cryptologic Quarterly*, verão de 1996.
Copper, John F., *China's Foreign Aid*, Heath, Lexington, 1976.
_____, "China's Military Assistance", em Copper, John F., & Papp, Daniel S., eds., *Communist Nations' Military Assistance*, Westview, Boulder, 1983.
Cressy-Marcks, Violet, *Journey into China*, Dutton, Nova York, 1942.
Croft, Michael, *Red Carpet to China*, The Travel Book Club, Londres, 1958.

Dai Qing, *Wang Shiwei and "Wild Lilies"*: *Rectification and Purges in the Chinese Communist Party 1942-1944*, Sharpe, Armonk et al., 1994.
Dalai-Lama, *Freedom in Exile*, HarperCollins, Nova York, 1990.
Dalin, S., "Chinese Memoirs", *FEA*, nº 2, 1975.
_____, *Kitayskiye memuaryi* (Memórias chinesas), Nauka, Moscou, 1982.
Dallin, Alexander & Firsov, F. I., eds., *Dimitrov and Stalin 1934-1943*: *Letters from the Soviet Archives*, Yale University Press, New Haven et al., 2000.
Damaskin, Igor, com Elliott, Geoffrey, *Kitty Harris*: *The Spy with Seventeen Names*, St Ermin's, Londres, 2001.
Davies, R. W., et al., eds., *The Stalin-Kaganovich Correspondence 1931-36*, Yale University Press, New Haven et al., 2003.
De Beauvoir, Simone, *The Long March*, World Publishing Co., Cleveland, 1958.
De Segonzac, A., *Visa for Peking*, Heinemann, Londres et al., 1956.
Deng Xiao-ping, *Selected Works*, Foreign Languages Press, Pequim, 1984.
Dennis, Peggy, *The Autobiography of an American Communist*, L. Hill, Westport, 1997.
Dimítrov, Gueorgi, *Dnevnik* (Diário), Sofia, Izd. "Sv. Kliment Okhridski", 1997 [versão resumida em inglês: Banac, Ivo, ed., *The Diary of Georgi Dimitrov*, Yale University Press, New Haven et al., 2003].
_____, telegramas referentes à China 1935-43, em inglês em *http://www.revolutionarydemocracy.org/rdv2n2 / dimitrov.htm* [Web/Dimítrov].
Dobrynin, Anatoly, *In Confidence*, Random House, Nova York, 1995.
Documents on German Foreign Policy, Series D, 1937-45, vol. 11, HMSO, Londres, 1961.
Dolinin, Aleksandr, "Kak nashi raketchiki kitaytsev obuchali" (Como nosso homem dos foguetes treinou os chineses), *Krasnaya Zvezda*, nos 105, 106, 1995.
Domenach, Jean-Luc, *Chine*: *l'archipel oublié*, Fayard, Paris, 1992.
_____, *The Origins of the Great Leap Forward*: *The Case of One Chinese Province*, Westview, Boulder, 1995.
Dominguez, Jorge L., *Cuba*: *Order* & *Revolution*, Harvard University Press, Cambridge, Mass., 1978.
Doumkova, Iskra, "China After the 'Great Leap Forward'", em Näth.
DPRK Report, nº 23 (março-abril de 2000), Center for Nonproliferation Studies, Monterey, CA, 2000.
Drannikov, Valerii, "Iz istorii velikoy druzhbyi" (Da história da Grande Amizade), *Vlast*, nº 8, 1999.

Drozdov, Yurii, *Vyimyisel Isklyuchen* (Fabricação Excluída), Almanakh Vyimpel, Moscou, 1996.
Duclos, Jacques, *Mémoires*: *Dans la mêlée 1952-1958*, Fayard, Paris, 1972.

Eisenhower, Dwight D., *Public Papers of the Presidents of the United States*, *Dwight D. Eisenhower*, *1953*, US Government Printing Office, Washington, D. C., 1953.
Eisenhower, Julie Nixon, *Special People*, Simon & Schuster, Nova York, 1977.
Elegant, Robert, *Mao's Great Revolution*, Weidenfeld & Nicolson, Londres, 1971.
Eliades, George C., "Once More Unto the Breach: Eisenhower, Dulles, and Public Opinion during the Offshore Islands Crisis of 1958", *Journal of American-East Asian Relations*, vol. 2, nº 4, 1993.
Elizavetin, A., "Kosygin-Zhou Talks at Beijing Airport", *fea*, nºs 4, 6, 1992, e nºs 1, 3, 1993.
Elleman, Bruce A., *Diplomacy and Deception*: *The Secret History of Sino-Soviet Diplomatic Relations*, *1917-1927*, Sharpe, Armonk et al., 1997.
Esherick, Joseph W., "Deconstructing the Construction of the Party-State: Gulin County in the Shaan-Gan-Ning Border Region", *CQ*, nº 140, 1994.
Eudin, Xenia Joukoff, & North, Robert C., *Soviet Russia and the East 1920-1927*, Stanford University Press, Stanford, 1957.

Fallaci, Oriana, *Intervista con la storia*, Rizzoli, Milão, 1990.
Fan Shuo, "Tempestuous October — A Chronicle of the Complete Collapse of the 'Gang of Four'", *FBIS-CHI-89-029*, 14 de fevereiro de 1989.
Farid, Abdel Magid, *Nasser*: *The Final Years*, Ithaca/Garnet Press, Reading, 1994.
Farnsworth, Robert M., *From Vagabond to Journalist*: *Edgar Snow in Asia 1928-1941*, University of Missouri Press, Colúmbia, 1996.
Fedorenko, Nikolai, "The Stalin-Mao Summit in Moscow", *FEA*, nº 2, 1989.
_____, "Khrushchev's Visit to Beijing", *FEA*, nº 2, 1990.
_____, "Mne slushali zhivyiye bogi" (Deuses vivos, escutem-me), *NV*, nº 6, 1999.
_____, "Stalin and Mao Zedong", *Russian Politics and Law*, vol. 32, nº 4, 1994, e vol. 33, nº 1, 1995.
Fei, Hsiao-Tung, & Chang Chih-I, *Earthbound China*, Chicago University Press, Chicago, 1945.
Felber, Roland, "China and the Claim for Democracy", em Näth.
Feltrinelli, Carlo, *Senior Service*, Feltrinelli, Milão, 1999.
Fetzer, James, "Clinging to Containment: China Policy", em Paterson, Thomas G., ed., *Kennedy's Quest for Victory*: *American Foreign Policy 1961-63*, Oxford University Press, Oxford et al., 1989.
Filatov, L. V., "Nauchno-Tekhnicheskoye Sotrudnichestvo mezhdu SSSR i KNR (1949-1966)" (Cooperação científico-técnica entre a URSS e a RPC), *IB*, nº 65, 1975.
Floyd, David, *Mao against Khrushchev*: *A Short History of the Sino-Soviet Conflict*, Pall Mall, Londres, 1964.
Ford, Harold P., "Modern Weapons and the Sino-Soviet Estrangement", *CQ*, nº 18, 1964.
Foreign Relations of the United States (vários anos, 1930-68).
Friedman, Edward, "Nuclear Blackmail and the End of the Korean War", *Modern China*, vol. 1, nº 1, 1975.
Fursenko, A. A., et al., eds., *Prezidium TSK KPSS 1954-1964* (O Presidium do CC do PCUS), vol. 1, Rosspen, Moscou, 2003.
Fuwa, Tetsuzo, *Interference & Betrayal*: *Japanese Communist Party Fights Back Against Soviet Hegemonism*, Japan Press Service, Tóquio, 1994.

Gaiduk, Ilya v., *The Soviet Union and the Vietnam War*, Dee, Chicago, 1996.
Galenovich, Y. M., *Gibel Liu Shaotsi* (A queda de Liu Shao-chi), Vostochnaya Literatura/Academia

Russa de Ciências, Moscou, 2000.
_____, *Rossiya i Kitay v XX veke*: *Granitsa* (Rússia e China no século XX: a fronteira), "Izograf", Moscou, 2001.
Ganshin, G., & Zazerskaya, T., "Pitfalls Along the Path of 'Brotherly Friendship'", *FEA*, nº 6, 1994.
Gao, James Z., "From Rural Revolution to Urban Revolutionization: a case study of Luzhongnan", *Journal of Contemporary China*, nº 10, 2001.
Garson, R., "Lyndon B. Johnson and the China Enigma", *Journal of Contemporary History*, vol. 32, nº 1, 1997.
Garver, John W, *Protracted Contest*: *Sino-Indian Rivalry in the Twentieth Century*, University of Washington Press, Seattle et al., 2001.
Gates, Robert M., *From the Shadows*, Simon & Schuster, Nova York, 1997.
Gillin, Donald G., com Etter, Charles, "Staying On: Japanese Soldiers and Civilians in China, 1945-1949", *JAS*, vol. 42, nº 1, 1983.
Glunin, V. I., *Kommunisticheskaya Partiya Kitaya nakanune i vo vremya natsionalnoy revolyutsii*, (O PCC na véspera e na época da revolução nacional), 1921-27, vol. 2: *KPK v period vyisshego podyema i porazheniya revolyutsii* (O PCC no período da ascensão e derrota da revolução), Academia de Ciências da URSS/Instituto do Extremo Oriente, Moscou, 1975.
_____, "Grigori Voitinsky (1893-1953)" em Astafiev, G. V., et al., eds., *Vidnyie Sovietskiye Kommunistyi — Uchastniki Kitayskoy Revolyutsii* (Eminentes comunistas soviéticos — participantes da Revolução Chinesa), Nauka, Moscou, 1970.
Gobarev, Viktor M., "Soviet Policy Toward China: Developing Nuclear Weapons 1949-69", *Journal of Slavic Military Studies*, vol. 12, nº 4, 1999.
Goncharenko, Sergei, "Sino-Soviet Military Cooperation", em Westad et al. 1998.
Goncharov, Sergei, & Usov, Victor, "Kosygin-Zhou Talks at Beijing Airport", *FEA*, nºs 4, 6, 1992.
Goncharov, Sergei N., et al., *Uncertain Partners*: *Stalin*, *Mao*, *and the Korean War*, Stanford University Press, Stanford, 1993.
Gorriti, Gustavo, *The Shining Path*, University of North Carolina Press, Chapel Hill, 1999.
Graham, Billy, discurso, 2 de novembro de 1971, no Institute of Directors, *Annual Conference of the Institute of Directors*, IoD, Londres, 1971.
Greene, Felix, *The Wall has Two Sides*, J. Cape, Londres, 1970.
Grey, Anthony, *Hostage in Peking*, Weidenfeld & Nicolson, Londres, 1988.
Grigoriev, A. M. *Kommunisticheskaya Partiya Kitaya v nachalnyi period sovietskogo dvizheniya* (O PCC no período inicial do movimento dos sovietes, julho de 1927-setembro de 1931), Academia de Ciências da URSS/Instituto do Extremo Oriente, Moscou, 1976.
Grigoriev, A. M. "Politika Kominterna v otnoshenii KPK" (Política do Comintern em relação ao PCC), *NiNL*, nº 2, 1982.
_____, "The Far Eastern Bureau of the ECCI in China, 1929-1931", em Leutner [Grigoriev 2002a].
_____, "Kitayskaya politika VKP(b) i Kominterna, 1920-1937" (A política para a China do PCTR(b) e o Comintern), em Chubarian, A. O., ed., *Istoriya Kommunisticheskogo Internatsionala 1919-1943* (História da Internacional Comunista), Nauka, Moscou, 2002 [Grigoriev 2002b].
Grishin, V. V., *Ot Khrushcheva do Gorbacheva* (De Khruchióv a Gorbatchov), ASPOL, Moscou, 1996.

Han Suyin, *My House Has Two Doors*, Triad/Granada, Londres, 1982.
_____, *Eldest Son*: *Zhou Enlai and the Making of Modern China*, *1898-1976*, Cape, Londres, 1994.
Hanson, Haldore, "*Humane Endeavor*": *The Story of the China War*, Farrar & Rinehart, Nova York, 1939.
_____,*Fifty Years Around the Third World*, Fraser, Burlington, 1986.

Harris, Lillian Craig, *China Considers the Middle East*, I. B. Tauris, Londres et al., 1993.
Haslam, Jonathan, *The Soviet Union and the Threat from the East, 1933-41: Moscow, Tokyo and the Prelude to the Pacific War*, Macmillan, Basingstoke, 1992.
Hayter, William, *A Double Life*, Hamish Hamilton, Londres, 1974.
Heath, Edward, *The Course of* My *Life*, Hodder & Stoughton, Londres, 1998.
Hébert, Jacques, & Trudeau, Pierre Elliott, *Two Innocents in Red China*, Oxford University Press, Toronto, 1968.
Heikal, Mohamed, *Nasser*, New English Library, Londres, 1972.
Heinzig, Dieter, *The Soviet Union and Communist China, 1945-1950*, Sharpe, Armonk et al., 2003.
Hermes, Walter G., *Truce Tent and Fighting Front*, Office of the Chief of Military History, US Army, Washington, D. C., 1966.
Hilsman, Roger, *To Move a Nation*, Doubleday, Garden City, 1967.
Hinton, Harold C., *Communist China in World Politics*, Macmillan, Londres, 1966.
Hoan, Hoang Van, *A Drop in the Ocean*, Foreign Languages Press, Pequim, 1988.
Holdridge, John H., *Crossing the Divide: An Insider's Account of the Normalization of U. S. China Relations*, Rowman & Littlefield, Lanham et al., 1997.
Horne, Gerald, *Race Woman: The Lives of Shirley Graham Du Bois*, New York University Press, Nova York et al., 2000.
Hosoya, Chihiro, "The Japanese-Soviet Neutrality Pact", em Morley, James W., ed., *The Fateful Choice: Japan's Advance into Southeast Asia, 1939-1941*, Columbia University Press, Nova York, 1980.
Hoxha, Enver, *Reflections on China*, vol. 1, 8 Nëntori, Tirana, 1979.
_____, *The Khrushchevites*, 8 Nëntori, Tirana, 1980.
Hoyt, Frederick B., "The Summer of '30: American Policy and Chinese Communism", *Pacific Historical Review*, vol. 46, nº 2, 1977.
Hsiao, Tso-liang, *Power Relations Within the Chinese Communist Movement, 1930-1934*, University of Washington Press, Seattle, 1961.
Hsu, King-yi, *Political Mobilization and Economic Extraction: Chinese Communist Agrarian Policies during the Kiangsi Period*, Garland, Nova York, 1980.
Hsu, U. T., *The Invisible Conflict*, China Viewpoints, Hong Kong, 1958.
Hsüeh, Chün-tu, "Chang Kuo-t'ao and the Chinese Communist Movement", em Hsüeh, Chün-tu, ed., *Revolutionary Leaders of Modern China*, Oxford University Press, Nova York, 1971.
Hua Chang-ming, *La condition féminine et les communistes chinois en action: Yan'an 1935-1946*, Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1981.
Huang, Jing, *Factionalism in Chinese Communist Politics*, Cambridge University Press, Cambridge et al., 2000.
Huang Zheng, "The Injustice Done to Liu Shaoqi" (Siao, Richard, ed.), *CLG*, vol. 32, nº 3, 1999.
Hussain, Athar, & Feuchtwang, Stephan, "The People's Livelihood and the Incidence of Poverty", em Feuchtwang, Stephan, et al., eds., *Transforming China's Economy in the Eighties*, Zed, Londres, 1988.

I Fu-En, *My Memoirs*, Li Ching Cultural & Educational Foundation, Taipé, 2003.
Ickes, Harold L., *The Secret Diary of Harold L. Ickes*, vol. 2, Simon & Schuster, Nova York, 1954.
Il Ponte, "Mosca Novembre 1960, Polacchi e Cinesi a Confronto" (minutas da conversa Liu-Gomulka, novembro de 1960), vol. 37, nºs 11, 12, 1981.
Isaacs, Harold R., "Notes on a Conversation with H. Sneevliet", *cq*, nº 45, 1971.
Iwai, Eiichi, *Memórias de Xangai* (Nagoya, Comitê de Publicações Memórias de Xangai, 1983) [em japonês].

Jackson, Robert, *Air War over Korea*, Ian Allan, Londres, 1973.
Jankowiak, William R., "The Last Hurrah? Political Protest in Inner Mongolia", *Australian Journal of Chinese Affairs*, nºs 19, 20, 1988.
"Jiang Jingguo in Russia", *FEA*, nº 2, 1992.
Jin Qiu, *The Culture of Power*: *The Lin Biao Incident in the Cultural Revolution*, Stanford University Press, Stanford, 1999.
Johnson, Cecil, *Communist China and Latin America*, *1959-1967*, Columbia University Press, Nova York et al., 1970.
Joyaux, François, *La Chine et le reglement du premier conflit d'Indochine* (*Genève 1954*), Sorbonne, Paris, 1979.
JPRS, *Collected Works of Mao Tse-tung* (*1917-1949*), vol. 9, [Web/JPRS].
Judis, John B., *William F. Buckley*, Simon & Schuster, Nova York et al., 1988.

Kahn, E. J., *China Hands*, Viking, Nova York, 1975.
Kampen, Thomas, "Wang Jiaxiang, Mao Zedong and the Triumph of Mao Zedong Thought (1935-1945)", *MAS*, vol. 23, nº 4, 1989.
_____, *Mao Zedong*, *Zhou Enlai and the Evolution of the Chinese Communist Leadership*, NIAS, Copenhague, 2000.
Kapitsa, M., "Na raznyikh parallelyakh" (Sobre diferentes paralelos), *Azia i Afrika*, nº 5, 1995.
Kapitsa, M. S., *Na raznyikh parallelyakh* (Sobre diferentes paralelos), Kniga i Biznes, Moscou, 1996.
Kaple, Deborah A., *Dream of a Red Factory*: *The Legacy of High Stalinism in China*, Oxford University Press, Nova York, 1994.
Kardelj, Edvard, *Reminiscences*, Blond & Briggs, Londres, 1982.
Karmen, R., *God v Kitaye* (Um ano na China), Sovietskii Pisatel, Moscou, 1941.
Kartunova, A. I., "Vstrechi v Moskve s Tszyan Tsin, Zhenoy Mao Tszeduna" (Encontros em Moscou com Jiang Qing, a esposa de Mao Tse-tung), *Kentavr*, nºs 1, 2, 1992.
Kase, Toshikazu, "A Failure of Diplomacy", em Cook, Haruko Taya & Cook, Theodore F., eds., *Japan at War*, New Press, Nova York, 1992.
Kau, Michael Y. M. & Leung, John K., *The Writings of Mao Zedong 1949-1976*, vol. 1: setembro 1949-dezembro 1955, Sharpe, Armonk et al., 1986; vol. 2: ver Leung & Kau.
Kau, Michael Y. M. ed., *The Lin Piao Affair*, IASP, White Plains, 1975.
Khruchióv, Nikita, *Khrushchev Remembers*, Penguin, Harmondsworth, 1977, 2 vols. [Khruchióv 1977].
_____, *Khrushchev Remembers*: *The Glasnost Tapes*, Little, Brown, Boston, 1990.
Khrushchev, Sergei N., *Nikita Khrushchev and the Creation of a Superpower*, Pennsylvania State University, University Park, 2000.
Kiernan, Ben, "Maoism and Cambodia", artigo inédito, 1991.
Kim, Samuel S., *China*, *the United Nations*, *and World Order*, Princeton University Press, Princeton, 1979.
Kimball, Warren F., *Forged in War*: *Roosevelt*, *Churchill*, *and the Second World War*, Morrow, Nova York, 1997.
Kirkby, R. J. R., *Urbanisation in China*, Croom Helm, Londres et al., 1985.
Kissinger, Henry, *White House Years*, Little, Brown, Boston, 1979.
_____, *Years of Upheaval*, Little, Brown, Boston, 1982.
_____, "The Philosopher and the Pragmatist", *Time*, 3 de março de 1997.
Klehr, Harvey, et al., eds., *The Secret World of American Communism*, Yale University Press, New Haven et al., 1995.
Kojima, Masaru, ed., *The Record of the Talks Between the Japanese Communist Party and the Communist*

Party of China: *How Mao Zedong Scrapped the Joint Communiqué*, Partido Comunista japonês, Tóquio, 1980.
Kolpakidi, Aleksandr & Prokhorov, Dimitrii, *Imperiya gru* (O império do GRU), Olma Press, Moscou, 2000, 2 vols. [2000a, 2000b].
_____, *Vneshnyaya Razvedka Rossii* (Serviço secreto da Rússia no exterior), Olma-Press, Moscou, 2001.
Kordon, Bernardo, "Mi entrevista con Mao Tse-Tung", em Bignozzi, Juana, ed., *Testigos de China*, Cados Pérez, Buenos Aires, 1962.
Kovaliov, Ivan, "The Stalin-Mao Dialogue", *FEA*, nos 1, 2, 1992 [Kovalev 1992a, 1992b].
Kovaliov, I. V., "Zapiska I. V. Kovaleva ot 24 dekabrya 1949" ("Relatório" de 24 de dezembro de 1949), *NiNL*, no 1, 2004.
Kovner, Milton, "Communist China's Foreign Aid to Less Developed Countries", em US Congress, Joint Economic Committee.
Kozlov, V. A., & Mironenko, S. V., eds., *Arkhiv Noveyshey Istorii Rossii*, vol. 1: *"Osobaya Papka" I. V. Stalina* (O "arquivo especial" de Stálin), Blagovest, Moscou, 1994.
Kramer, Mark, "The Soviet Foreign Ministry Appraisal of Sino-Soviet Relations on the Eve of the Split", *CWB*, nos 6, 7, 1995-96.
Kriukov, Mikhail, "The Tortuous Road to Alliance: Soviet Russia and Sun Yatsen (1918-1923)", parte 2, *FEA*, no 3, 1999.
Krivitsky, W. G., *I Was Stalin's Agent*, Faulkner, Cambridge, 1992.
Krymov, A. G. [Kuo Shao-tang], *Istoriko-memuarnyiye zapiski kitayskogo revolyutsionera*; (Notas histórico-memorialistas de um revolucionário chinês), Nauka, Moscou, 1990.
Kudashev, R., "My Meetings with Mao and Jiang", *International Affairs* (Moscou), vol. 44, no 3, 1998.
Kulik, B. T., "Kitayskaya Narodnaya Respublika v period stanovleniya (1949-1952)" [A RPC no período de seu estabelecimento), (parte 1) *PDV*, no 5, 1994.
_____, "SShA i Tayvan protiv KNR, 1949-1952" (Os EUA e Taiwan versus a RPC), *NiNI*, no 5, 1995.
_____, *Sovietsko-Kitayskii Raskol* (A cisão soviético-chinesa), Academia de Ciências da URSS/Instituto do Extremo Oriente, Moscou, 2000.
Kuo Chien, "The Novel *Battle of Xiang Jiang* is Banned", parte 1, *FBIS-CHI-91-016*, 24 de janeiro de 1991.
Kuo, Mercy A., *Contending with Contradictions*: *China's Policy toward Soviet Eastern Europe and the Origins of the Sino-Soviet Split*, *1953-1960*, Lexington Books, Lanham, 2001.
Kuo, Warren, *Analytical History of the Chinese Communist Party*, 4 vols., Instituto de Relações Internacionais, Taipé, 1968-71.
Kuusinen, Aino, *Before and After Stalin*, M. Joseph, Londres, 1974.

Lajolo, Davide, "Mao dalla parte di Krusciov", *L'Europeo*, 18 de agosto de 1963.
Lankov, A. N., *Severnaya Koreya* (Coreia do Norte), Vostochnaya Literatura, Academia Russa de Ciências, Moscou, 1995.
Lankov, A. N. , "Kim Takes Control: The 'Great Purge' in North Korea, 1956-1960", *Korean Studies*, vol. 26, no 1, 2002.
Lardy, Nicholas R., "The Chinese Economy under Stress, 1958-1965", em *CHOC*, vol. 14, parte 1, Cambridge University Press, Cambridge et al., 1987.
Larin, Aleksandr, *Dva Prezidenta* (Dois presidentes), Academia, Moscou, 2000.
Law Yu Fai, *Chinese Foreign Aid*, Breitenbach, Saarbrücken et al., 1984.
Lebedeva, N. S., & Narinsky, M. M., Introdução a Anderson & Chubaryan.
Ledovsky, A. M., *Delo Gao Gana-Zhao Shushi* (O caso Gao Gang-Rao Shu-shi), Academia de Ciências da URSS/Instituto do Extremo Oriente, Moscou, 1990.

Ledovsky, Andrei, "Mikoyan's Secret Mission to China in January and February 1949", *FEA*, nos 2, 3, 1995 [Ledovsky 1995a, Ledovsky 1995b].
_____, "The Moscow Visit of a Delegation of the Communist Party of China in June to August 1949", *FEA*, nos 4, 5, 1996 [Ledovsky 1996a, Ledovsky 1996b].
_____, *SSSR i Stalin v sudbakh Kitaya* (A URSS e Stálin nos destinos da China), Pamyatniki Istoricheskoy Myisli, Moscou, 1999.
_____, "12 sovetov I. V. Stalina rukovodstvu kompartii Kitaya" (12 recomendações de Stálin à liderança do PCC), *NiNL*, no 1, 2004.
Lee, Lily Xiao Hong & Wiles, Sue, *Women of the Long March*, Allen & Unwin, St. Leonard's, 1999.
Leitenberg, Milton, "Deaths in Wars and Conflicts Between 1945 and 2000", Cornell University, Peace Studies Program, Occasional Paper 29, Ithaca, 2003.
Leonard, Raymond W., *Secret Soldiers of the Revolution*: *Soviet Military Intelligence*, *1918-1933*, Greenwood, Westport et al., 1999.
Leonard, Royal, *I Flew for China*: *Chiang Kai-shek's Personal Pilot*, Doubleday, Doran, Garden City, 1942.
Lescot, Patrick, *L'Empire Rouge*: *Moscou-Pékin 1919-1989*, Belfond, Paris, 1999.
Leung, John K. & Kau, Michael Y. M., *The Writings of Mao Zedong 1949-1976*, vol. 2: janeiro de 1956-dezembro de 1957, Sharpe, Armonk et al., 1992.
Leutner, Mechthild, et al., eds., *The Chinese Revolution in the 1920s*, RoutledgeCurzon, Londres et al., 2002.
Lewis, John Wilson, & Xue Litai, *China Builds the Bomb*, Stanford University Press, Stanford, 1988.
_____,*China's Strategic Seapower*, Stanford University Press, Stanford, 1994
Li Haiwen, entrevista com Shi Zhe, *CHUS*, vol. 5, no 2, 1992.
Li Rui, *The Early Revolutionary Activities of Comrade Mao Tse-tung*, Sharpe, White Plains, 1977.
_____, "Lessons from the Lushan Plenum", *CLG*, vol. 29, no 5, 1996.
Li, Xiaobing, et al., eds., *Mao's Generals Remember Korea*, University Press of Kansas, Lawrence, Kansas, 2001.
Li, Zhisui, *The Private life of Chairman Mao*, Chatto & Windus, Londres, 1994.
Lih, Lars T., et al., eds., *Stalin's Letters to Molotov*, Vale University Press, New Haven et al., 1995.
Lindsay, Michael, *The Unknown War*: *North China 1937-1945*, Bergström & Boyle, Londres, 1975.
Lippa, Ernest M., *Captive Surgeon*, Morrow, Nova York, 1953.
Litten, Frederick S., "Otto Braun's Curriculum Vitae — Translation and Commentary", *Twentieth-Century China*, vol. 23, no 1, 1997.
Liu Jianping, "Mao Zedong's Perception of America and the Formation of New China's International Strategy of Leaning to One Side", *Social Sciences in China*, vol. 21, no3, 2000.
Liu Shao-chi, *Selected Works*, 2 vols., Foreign Languages Press, Pequim, 1991.
Liu Xiaohong, *Chinese Ambassadors*, University of Washington Press, Seattle, 2001.
Lo Jung-huan, "Early Days of the Chinese Red Army", *PR*, 3 de agosto de 1963.
Loboda, I. G., *Moskva-Pekin* (Moscou-Pequim), Infra-M, Moscou, 1995.
Loh, Robert, *Escape from Red China*, Coward-McCann, Nova York, 1962.
Lum, Peter, *Peking 1950-1953*, Hale, Londres, 1958.
Lurye, V. M. & Kochik, V. Y., *GRU*: *Dela i Lyudi* (O GRU: feitos e pessoas), Olma-Press, Moscou, 2002.
Luthi, Lorens, "Les relations sino-soviétiques et l'effondrement de 'l'unité socialiste'", *Communisme*, nos 74, 75, 2003.
Luzianin, Sergei, "The Yalta Conference and Mongolia in International Law", *FEA*, no 6, 1995.
Lyudnikov, I. I., "Internationalist Assistance", em Chudodeyev, Y. V., ed., *Soviet Volunteers in China*

1925-1945, Progress, Moscou, 1980.

MacFarquhar, Roderick, ed., *Sino-American Relations 1949-1971*, David & Charles/RIIA, Newton Abbot, 1972.

_____, *The Origins of the Cultural Revolution*, Oxford University Press, Londres, 3 vols., 1974, 1983, 1997.

_____, et al., eds., *The Secret Speeches of Chairman Mao*: *From the Hundred Flowers to the Great Leap Forward*, Harvard University Press, Cambridge, Mass. et al., 1989.

MacKinnon, Janice R. & MacKinnon, Stephen R., *Agnes Smedley*, Virago, Londres, 1988.

Mader, Julius, *Dr-Sorge-Report*, Militärverlag der DDR, Berlim, 1985.

Maestrini, Nicholas, *My Twenty Years with the Chinese*, Magnificat Press, Avon, NJ, 1990.

Malaparte, Curzio, *Io, in Russia e in Cina*, Mondadori, Milão, 1991.

Malukhin, A. M., "Kulminatsiya osvoboditelnoy borbyi v Kitaye nakanune obrazovaniya KNR" (A culminação da luta de libertação na China nas vésperas da formação da RPC), *ib*, nº 87, 1977.

Malukhin, A., "Reminiscences of Veterans: A View from Guangzhou", *FEA*, nº1, 1989.

Malyisheva, M. P., & Poznansky, V. S., eds., *Dalnevostochnaya Politika Sovietskoy Rossii* (*1920-1922*) (A política para o Extremo Oriente da Rússia soviética), Sibirskii Khronograf, Novosibirsk, 1996.

Maneli, Mieczyslaw, *War of the Vanquished*, Harper & Row, Nova York et al., 1971.

Mann, James, *About Face*: *A History of America's Curious Relationship with China*, *From Nixon to Clinton*, Knopf, Nova York, 1999.

Mansourov, Alexandre Y., "Stalin, Mao, Kim, and China's Decision to Enter the Korean War, Sept. 16-Oct. 15, 1950: New Archival Evidence from the Russian Archives", *CWB*, nºs 6, 7, 1995-96.

_____, "Communist War Coalition Formation and the Origins of the Korean War", Columbia University, tese de PhD, 1997.

Mao Miscellany: *Miscellany of Mao Tse-tung Thought* (*1949-1968*), 2 partes, JPRS, Arlington, 1974.

Mao Tse-tung, *Selected Works*, 5 vols., Foreign Languages Press, Pequim, 1965, 1977.

_____, *Mao Zedong on Diplomacy*, Foreign Languages Publishing House, Pequim, 1998.

Marcuse, Jacques, *The Peking Papers*, Dutton, Nova York, 1967.

Marer, Paul, et al., *Historically Planned Economies*, World Bank, Washington, D. C., 1992.

Margolin, Jean-Louis, "China: A Long March into Night", em Courtois, Stéphane, et al., eds., *The Black Book of Communism*, Harvard University Press, Cambridge et al., 1999.

Marks, Thomas A., *Maoist Insurgency Since Vietnam*, Cass, Londres, 1996.

May, Ernest R. & Zelikow, Philip D., *The Kennedy Tapes*, Harvard University Press, Cambridge, 1997.

Meissner, Werner, ed., *Die DDR und China 1949 bis 1990*, Akademie Verlag, Berlim, 1995.

Melanson, Richard A., & Mayers, David, *Reevaluating Eisenhower*: *American Foreign Policy in the 1950s*, University of Illinois Press, Urbana et al., 1989.

Melby, John F., *The Mandate of Heaven*: *Record of a Civil War*, *China 1945-49*, Chatto & Windus, Londres, 1969.

Micunovic, Veljko, *Moscow Diary*, Doubleday, Nova York, 1980.

Mif, P., "Velikaya Oktryabrskaya revolyutsiya i Kitay" ("A grande revolução de outubro e a China"), *Bolshevik*, nº 21, 1937.

Mikoian, Anastas, *Tak Byilo* (Assim foi), Vagrius, Moscou, 1999.

Mikoyan, Stepan Anastasovich, *Vospominaniya Voyennogo Letchik-Ispitatelya* (Memórias de um piloto de teste militar), Tekhnika — molodezhi, Moscou, 2002.

Mirovitskaya, R. A., *Sovietskii Soyuz i Kitay v period razryiva i vosstanovleniya otnoshenii* (*1928-1936*) (A União Soviética e a China no período da ruptura e restauração das relações), *IB*, nº 67, 1975.

_____, "Sovietsko-kitayskiye otnosheniya: Problemyi voyennoy pomoshchi kompartii Kitaya v 1927-

1929" (Ajuda militar à RPC em 1927-1929), em Tikhvinsky, S. L., ed., *I Nye Raspalas Svyaz Vremen*... (E os laços do tempo não se desintegraram...), Vostochnaya Literatura, Moscou, 1993.
_____, *Kitayskaya Gosudarstvennost i Sovietsakaya Politika v Kitaye* [...] *1941-1945* (O Estado chinês e a política soviética na China), Pamyatniki Istoricheskoy Myisli, Moscou, 2000.
Mitarevsky, N., *World Wide Soviet Plots*, Tientsin Press, Tientsin, 1927.
Mitterrand, François, *La Chine au défi*, Julliard, Paris, 1961.
Montgomery, Bernard, *Three Continents*, Collins, Londres, 1962.
Morgan, Kevin, *Harry Pollitt*, Manchester University Press, Manchester, 1993.
Morgenthau Diary (*China*), US Senate, Committee on the Judiciary, Washington, DC, 1965, 2 vols.
Morwood, William, *Duel for the Middle Kingdom*, Everest House, Nova York, 1980.
Mukhitdinov, Nuriddin, *Godyi Provedennyiye v Kremlye* (Anos no Kremlin), Izd. Kadyiri, Tashkent, 1994.
_____, *Reka Vremeni* (O rio do tempo), "Rusti-Rosti", Moscou, 1995.
Murfett, Malcolm H., *Hostage on the Yangtze*: *Britain*, *China and the* Amethyst *Crisis of 1949*, Naval Institute Press, Annapolis, 1991.
Myrdal, Jan, *Report from a Chinese Village*, Pelican, Harmondsworth, 1967.

Näth, Marie-Luise, ed., *Communist China in Retrospect*: *East European Sinologists Remember the First Fifteen Years of the PRC*, Lang, Frankfurt, 1995.
Naughton, Barry, "The Third Front", *CQ*, nº 115, 1988.
Negin, Evgeny A. & Smimov, Yuri N., "Did the USSR Share Atomic Secrets with China?", Parallel History Project, China and the Warsaw Pact, Web/PHP, 2002.
Nenni, Pietro, *Tempo di Guerra Fredda*, Sugar, Milão, 1981.
Nie Rongzhen, *Inside the Red Star*: *The Memoirs of Nie Rongzhen*, New World Press, Pequim, 1988.
Nikiforov, V. N., "Maoistskaya Legenda i Sovietskaya Istoriografiya (1935-1939)" (O mito de Mao e a historiografia soviética), *IB*, nº 60, 1974.
Nixon, Richard, *The Memoirs of Richard Nixon*, Arrow Books, Londres, 1979.

Ocherki Istorii Rossiiskoy Vneshnyey Razvedki (Ensaios de História do Serviço Secreto Russo), vols. 4 (1941-45) e 5 (1945-65), Mezhdunarodnyie Omosheniya, Moscou, 1999 e 2003.
O'Reilly, Luke, *The Laughter and the Weeping*, Columba Press, Blackrock, 1991.
Oudendyk, William J., *Ways and By-ways in Diplomacy*, P. Davies, Londres, 1939.
Ovchinnikov, Yuri, ed., "Comintern-CCP Relations" (Parte 2), *CLG*, vol. 30, nº 2, 1997.

Pak, Hyobom, ed., *Documents of the Chinese Communist Party 1927-1930*, URI, Hong Kong, 1971.
Palden Gyatso, *Fire under the Snow*: *Testimony of a Tibetan Prisoner*, Harvill, Londres, 1998.
Pan, Yihong, "An Examination of the Goals of the Rustication Program in the People's Republic of China", *Journal of Contemporary China*, nº 11, 2002.
Panchen Lama, *A Poisoned Arrow*: *The Secret Report of the 10th Panchen Lama*, Tibet Information Network, Londres, 1997.
Panikkar, K. M., *In Two Chinas*, Hyperion, Westport, 1981.
Pantsov, Alexander, "The Soviet Impact and the Origins of 'Chinese Style' Socialism in Communist China in the 1950s", *Tamkang Journal of International Affairs*, vol. 6, nº 3, 2002.
Pányushkin, A. S., *Zapiski Posla*: *Kitay 1939-1944* (Notas de um embaixador: China 1939-1944), Academia de Ciências da URSS/Instituto do Extremo Oriente, Moscou, 1981.
Pashkovskaya, E. A., & Zhdanovich, V. G., "Khronologiya sovietsko-kitayskikh otnoshenii (1949-1965)" (Cronologia das relações soviético-chinesas), *IB*, nº 25, 1969.

Paulsen, Friedrich (Frank Thilly, ed.), *A System of Ethics*, Scribner's, Nova York, 1899.
Payne, Robert, *China Awake*, Heinemann, Londres et al., 1947.
_____, *Mao Tse-tung*, H. Schuman, Nova York, 1950.
Peng De-huai, *Memoirs of a Chinese Marshal*, Foreign Languages Publishing House, Pequim, 1984.
Perkins, Dwight H., "Economic Policy", em *CHOC*, vol. 15, parte 2, 1991.
Perry, Elizabeth J., & Li Xun, *Proletarian Power*: *Shanghai in the Cultural Revolution*, Westview, Boulder, 1997.
Persico, Joseph E., *Roosevelt's Secret War*: *FDR and World War II Espionage*, Random House, Nova York, 2001.
Persits, M., "'Vostochnyi Front' Mirovoy Revolyutsii" ("'A frente oriental' da revolução mundial"), *Svobodnaya Mysl*, nº 5, 1996.
Persits, Moisei, "A New Collection of Documents on Soviet Policy in the Far East in 1920-1922", *FEA*, nº 5, 1997.
Peshchersky, V. L., "Vrag Moyego Vraga…" (O inimigo de meu inimigo…), *Voyenno istoricheskii Zhurnal*, nº 3, 1998.
Petri, Lennart, "Chinese Molestation of Diplomats", em Schoenhals, 1996b.
Phandara, Y., *Retour à Phnom Penh*, Éditions Métailié, Paris, 1982.
Philby, H. A. R., "Tibet: Bollwerk oder Durchzugsweg?" (parte 2), *Zeitschrift für Geopolitik*, vol. 13, nº 8, 1936.
Piatnitski, Vladimir, *Zagovor protiv Stalina* (O complô contra Stálin), Sovremennik, Moscou, 1998.
Pocock, Chris, *Dragon Lady*; *The History of the U-2 Spyplane*, Airlife, Shrewsbury, 1989.
Prandi, Rev. Padre Pietro, carta em "La Rivoluzione comunista nelle lettere dei nostri missionari", *Le Missioni Francescane*, vol. 6, 1928.
Price, Robert L., "International Trade of Communist China, 1950-65", em US Congress Joint Economic Committee.
Prozumenshchikov, M. Y., "The Sino-India Conflict, the Cuban Missile Crisis, and the Sino-Soviet Split, October 1962", *CWB*, nºs 8, 9, 1996-97.
Prozumenshchikov, Mikhail, "The Year 1960 as Seen by Soviet and Chinese Leaders", *FEA*, nº 3, 1999.

Quan Yanchi, *Mao Zedong*: *Man*, *not God*, Foreign Languages Publishing House, Pequim, 1992.

Radványi, János, *Hungary and the Superpowers*, Hoover Institution Press, Stanford, 1972.
_____, *Delusion* & *Reality*, Gateway, South Bend, 1978.
Rakhmanin, O. B., "Vzaimootnosheniya I. V. Stalina i Mao Tszeduna Glazami Ochevidna" (As relações entre Stálin e Mao vistas por uma testemunha ocular), *NiNL*, nº 1, 1998.
Rákosi, Mátyás, "'Vidyel, kak voznikayet kult Lichnosti': Matyas Rakosi o Staline i o sebeye" ("'Eu vi como o culto da personalidade surge': Mátyás Rákosi sobre Stálin e ele"), *Istochnik*, nº 1, 1997.
Raphaël-Leygues, Jacques, *Ponts de Lianes*: *Missions en Indochine 1945-1954*, Hachette, Paris, 1976.
Rittenberg, Sidney & Bennett, Amanda, *The Man Who Stayed Behind*, Simon & Schuster, Nova York, 1993.
Roberts, Priscilla, ed., *Window on the Forbidden City*: *The Beijing Diaries of David Bruce*, *1973-1974*, Centre of Asian Studies, University of Hong Kong, Hong Kong, 2001.
Roderick, John, *Covering China*, Imprint, Chicago, 1993.
Romanov A. I. & Kharitonov, G. V., *"Podari solntse" Povest-khronika ob internatsionalnom detskom dome v Ivanove* ("Dar o sol": uma crônica narrativa do Lar das Crianças Internacionais em Ivanovo), Yaroslavl, 1989.

Róshchin, Sergei, resenha de Baabar, B., *Mongolia in the 20th Century*, *FEA*, nº 1, 1999.
Rowinski, Jan, "China in the Crisis of Marxism-Leninism", em Näth.
Rummel, R. J., *China's Bloody Century*: *Genocide and Mass Murder since 1900*, Transaction, New Brunswick et al., 1991.
Rusk, Dean, *As I Saw It*, I. B. Tauris, Londres, 1991.
Russell, Bertrand, *The Autobiography of Bertrand Russell*, vol. 2, Allen & Unwin, Londres, 1968.
Ryabushkin, D. S., "Ostrov Damansky, 2 marta 1969 goda" (Ilha Damansky, 2 de março de 1969), *Voprosyi Istorii*, nº 5, 2004.

Saich, Tony, *The Origins of the First United Front in China*: *The Role of Sneevliet* (*alias Maring*), 2 vols., Brill, Leiden et al., 1991.
_____, ed., *The Rise to Power of the Chinese Communist Party*: *Documents and Analysis*. Sharpe, Armonk et al., 1996.
Salisbury, Harrison E., *The Long March*, Macmillan, Londres, 1985.
Sandilands, Roger J., *The Life and Political Economy of Lauchlin Currie*, Duke University Press, Durham, NC et al., 1990.
Sang Ye, *The Finish Line*, University of Queensland Press, St. Lucia, 1994.
Sartre, Jean-Paul, "Introdução" ("Avant-propos") a Manceaux, Michèle, *Les Maos en France*, Gallimard, Paris, 1972.
Schäfer, Bernd, "Weathering the Sino-Soviet Conflict: The GDR and North Korea. 1949-1989", *CWB*, nºs 14,15, 2003-04.
_____, *North Korean "Adventurism" and China's Long Shadow*, *1966-1972*, Washington, D. C., Cold War International History Project Bulletin, Working Paper nº 44, 2004.
Schoenbaum, Thomas J., *Waging Peace and War*: *Dean Rusk*, Simon & Schuster, Nova York, 1988.
Schoenhals, Michael, "Mao Zedong: Speeches at the 1957 'Moscow Conference'", *Journal of Communist Studies*, vol. 2, nº 2, 1986.
_____, *Saltationist Socialism*: *Mao Zedong and the Great Leap Forward 1958*, Skrifter utgivna av Föreningen för Orientaliska Studier, 19, Universidade de Estocolmo, Estocolmo, 1987.
_____, "'Non-People' in the People's Republic of China: A Chronicle of Terminological Ambiguity", Indiana East Asian Working Paper on Language and Politics in Modern China, nº 4, Indiana University, Bloomington, 1994.
Schoenhals, Michael, "The Central Case Examination Group", *CQ*, nº 145, 1996 [Schoenhals, 1996a].
_____, ed., *China's Cultural Revolution*, *1966-1969*, Sharpe, Armonk et al., 1996 [Schoenhals, 1996b].
Schram, Stuart, ed., *The Political Thought of Mao Tse-tung*, Praeger, Nova York, 1965.
_____, *Mao Tse-tung*, Penguin, Harmondsworth, 1966.
_____, ed., *Mao Tse-tung Unrehearsed*: *Talks and Letters*: *1956-71*, Penguin, Harmondsworth, 1974.
_____, ed., *Mao's Road to Power*, 6 vols., Sharpe, Armonk et al., 1992-2004 [*MRTP*].
Schran, Peter, *Guerrilla Economy*, State University of Nova York Press, Albany, 1976.
Seaborg, Glenn T., *Kennedy*, *Khrushchev and the Test Ban*, University of California Press, Berkeley et al., 1981.
Semyonov, G. G., *Tri Goda v Pekine* (Três anos em Pequim), Nauka, Moscou, 1978.
Shapiro, Judith, *Mao's War Against Nature*, Cambridge University Press, Cambridge, 2001.
Shen Zhihua, "The Discrepancy between the Russian and Chinese Versions of Mao's 2 October 1950 Message to Stalin on Chinese Entry into the Korean War", *CWB*, nºs 8, 9, 1996-97.
_____, "Sino-North Korean Conflict and its Resolution during the Korean War", *CWB*, nºs 14, 15, 2003-04.
Sheng, Michael M., *Battling Imperialism*: *Mao*, *Stalin*, *and the United States*, Princeton University Press,

Princeton, 1997.
Shepilov, Dmitrii, *Neprimknuvshii* (O homem que não se uniu), Vagrius, Moscou, 2001.
Shevelyov, K., "On the History of the Formation of the Communist Party of China", *FEA*, nº 1, 1981.
Shewmaker, Kenneth E., *Americans and Chinese Communists, 1927-1945: A Persuading Encounter*, Cornell University Press, Ithaca, 1971.
Shi Zhe, "I Accompanied Chairman Mao", *FEA*, nº 2, 1989.
_____, "With Mao and Stalin", *CHUS*, vol. 5, nº 1, 1992.
_____, "With Mao and Stalin (part 2): Liu Shaoqi in Moscow", *CHUS*, vol. 6, nº 1, 1993.
Shichor, Yitzhak, *The Middle East in China's Foreign Policy 1949-1977*, Cambridge University Press, Cambridge, 1979.
Siao, Emi, *Mao Tse-tung: His Childhood and Youth*, People's Publishing House, Bombaim, 1953.
Siao, Eva, *China — mein Traum, mein Leben*, ECON, Düsseldorf, 1994.
Siao-yu, *Mao Tse-tung and I Were Beggars*, Collier, Nova York, 1973.
Sidikhmenov, Vasili, "Stalin and Mao hearkened to us", *NT*, nº 5, 1993.
_____, autobiografia inédita, manuscrito.
Sihanouk, Norodom, *Charisma and Leadership*, Yohan, Tóquio, 1990.
_____, My *War with the CIA*, Penguin, Harmondsworth, 1974.
Silin, K. S., "S missiyey druzhbyi" (Com uma missão de amizade), em Akimov.
Singlaub, John K., *Hazardous Duty*, Summit Books, Nova York, 1991.
Sladkovsky, M. I., ed., *Ocherki Istorii Kommunisticheskoy Partii Kitaya 1921-1969* (Ensaios de história do PCC), Academia de Ciências da URSS/Instituto do Extremo Oriente, Moscou, 1971.
Slavinsky, Boris N., *Pakt o neutralitete mezhdu SSSR I Yaponiye* (O pacto de neutralidade entre a URSS e o Japão), TOO "Novina", Moscou, 1995.
_____, *SSSR i Yaponiya — na puti k voyne* (A URSS e o Japão — a caminho da guerra), ZAO Segodnya, Moscou, 1999.
Smedley, Agnes, *China's Red Army Marches*, Intemational Publishers, Nova York, 1934.
_____, *Battle Hymn of China*, Gollancz, Londres, 1944.
Slavinsky, Boris N., *The Great Road: The Life and Times of Chu Teh*, Monthly Review, Nova York, 1956.
Smith, S. A., *A Road is Made: Communism in Shanghai 1920-1927*, Curzon, Londres, 2000.
Sneath, David, "The Impact of the Cultural Revolution in China on the Mongolians of Inner Mongolia", *MAS*, vol. 28, nº 2, 1994.
Snow, Edgar, *Battle for Asia*, Random House, Nova York, 1941.
_____, "The Divorce of Mao Tse-tung" (manuscrito, *c.* 1956).
_____, *Random Notes on Red China, 1936-1945*, Harvard University Press, Cambridge, Mass., 1968.
_____, *Journey to the Beginning*, Vintage, Nova York, 1972.
_____, *Red Star Over China*, Gollancz, Londres, 1973; edição revista e aumentada.
_____, *China's Long Revolution*, Penguin, Harmondsworth, 1974.
Snow, Helen Foster [Nym Wales], *My Yenan Notebooks*, mimeografado, 1961.
_____, *The Chinese Communists*, Livro 2, Greenwood, Westport, 1972.
_____, *Inside Red China*, Da Capo, Nova York, 1979.
Snow, Philip, *The Star Raft: China's Encounter with Africa*, Cornell University Press, Ithaca, 1988.
Sontag, Raymond James, & Beddie, James Stuart, *Nazi-Soviet Relations 1939-1941: Documents from the Archives of the German Foreign Office*, US Department of State, Washington, D. C., 1948.
SPK (Agência de Notícias), *The People's Republic of Kampuchea*, SPK, Phnom Penh, 1979.
Stálin, Ióssif, "Joseph Stalin's Unpublished Speech on China" (5 de abril de 1927), *PDV*, nº1, 2001 [Stálin 2001a]; *FEA*, nº 1, 2001 [Stalin 2001b].

Stanchi, fr. Giacinto, Changsha, 1º de março de 1929, carta em *Le Missioni Francescane*, vol. 6, 1928.
Stenograficheskii otchet VI-go Syezda Kommunisticheskoy Partii Kitaya (Relatório estenográfico do VI Congresso do PCC), Nauchno Issledovatelskii Institut po Kitayu (Instituto de Pesquisas Científicas sobre a China), 6 vols., Moscou, 1930.
Stewart, James T., ed., *Airpower*: *The Decisive Force in Korea*, Van Nostrand, Princeton, 1957.
Stokes, William, "Maoist Insurgency in Thailand", em Green, Marshall, et al., eds., *War and Peace in China*, DACOR-Bacon House, Bethesda, 1994.
Strong, Anna Louise, *Dawn out of China*, People's Publishing House, Bombaim, 1948.
_____, "The Thought of Mao Tse-tung", *Amerasia*, junho de 1947.
Strong, Tracy B., & Keyssar, Helene, *Right in her Soul*: *The Life of Anna Louise Strong*, Random House, Nova York, 1983.
Summers, Anthony, *The Arrogance of Power*: *The Secret World of Richard Nixon*, Gollancz, Londres, 2000.
Sun Xiaolei, "Blood and Tears on the Balin Grasslands", em Walder, Andrew G. & Gong Xiaoxia, eds., "China's Great Terror", *Chinese Sociology and Anthropology*, vol. 26, nº 1, 1993.
Suo Guoxin, "78 Days in 1967: The True Story of the 'February Countercurrent'" (Forster, Keith, ed.), *CLG*, vol. 22, nº 1, 1989.
Sutton, Donald S., "Consuming Counterrevolution: The Ritual and Culture of Cannibalism in Wuxuan, Guangxi, China, May to July 1968", *Comparative Studies in Society and History*, vol. 37, nº 1, 1995.
Szalontai, Balázs, "'You Have No Political Line of Your Own': Kim Il Sung and the Soviets, 1953-1964", *CWB*, nºs 14, 15, 2003-04.

Takahashi, Hisashi, "Japanese Intelligence Estimates of China, 1931-1945", em Hitchcock, Walter T., ed., *The Intelligence Revolution*, US Air Force Academy et al., Washington, DC, 1991.
Tálas, Barna, "China in the Early 1950s", em Näth.
Taubman, William, "Khrushchev vs. Mao: A Preliminary Sketch of the Role of Personality in the Sino-Soviet Split", *CWB*, nºs 8, 9, 1996-97.
Taylor, Jay, *China and Southeast Asia*: *Peking's Relations with Revolutionary Movements*, Praeger, Nova York, 1974.
_____, *The Generalissimo's Son*: *Chiang Ching-kuo and the Revolutions in China and Taiwan*, Harvard University Press, Cambridge, Mass., 2000.
Teiwes, Frederick C., *Politics at Mao's Court*: *Gao Gang and Party Factionalism in the Early 1950s*, Sharpe, Armonk et al., 1990.
_____, *Politics and Purges in China*, Sharpe, Armonk et al., 2ª ed., 1993.
_____, & Sun, Warren, *The Tragedy of Lin Biao*, University of Hawaii Press, Honolulu, 1996.
Teiwes, Frederick C., com Sun, Warren, *China's Road to Disaster*: *Mao*, *Central Politicians*, *and Provincial Leaders in the Unfolding of the Great Leap Forward 1955-1959*, Sharpe, Armonk et al., 1999.
Terrill, Ross, *Madame Mao*, Bantam, Nova York, 1986.
Terzani, Tiziano, *The Forbidden Door*, Asia 2000, Hong Kong, 1985.
Thomas, S. Bernard, *Season of High Adventure*: *Edgar Snow in China*, University of California Press, Berkeley et al., 1996.
Tikhomirov, V. V. & Tsukanov, A. M., "Komandirovka v Manchzhuriyu" (Missão na Manchúria), em Akimov.
Tikhvinsky, S., "New Facts About Zhou Enlai's 'Secret Démarche' and the CPC's Informal Negotiations with the Americans in June 1949", *FEA*, nº 1, 1994.
Tikhvinsky, S. L., *Put Kitaya k Obyedineniyu i Nezavisimosti 1898-1949*: *Po materialam biografii Zhou*

Enlaya (A rota da China para a unidade e independência: Sobre dados de uma biografia de Chou En-lai, 1898-1949), Vostochnaya Literatura, Academia Russa de Ciências, Moscou, 1996.
_____, et al., eds., *Russko-kitayskiye otnosheniya v XX veke*: *sovietsko-kitayskiye otnosheniya*: *Materialyi i dokumentyi* (Relações russo-chinesas no século XX: materiais e documentos), vol. 4 (1937-1945); livro 1: 1937-1944; livro 2: 1945; vol.5 (1946-fevereiro de 1950); livro 2: 1949-fevereiro de 1950, Pamyatniki Istoricheskoy Myisli, Moscou, 2000/2005.
Tikhvinsky, S. L., *Vozvrashcheniye k Vorotam Nebesnogo Spokoystviya* (Retorno ao portão da Paz Celestial), Pamyatniki Istoricheskoy Myisli, Moscou, 2002.
Tin, Bui, *Following Ho Chi Minh*: *Memoirs of a North Vietnamese Colonel*, Hurst, Londres, 1995.
Titarenko, M. L., ed., *Kommunisticheskii Internatsional i kitayskaya revolyutsiya*: *Dokumentyi i materialyi* (A Internacional Comunista e a Revolução Chinesa: documentos e materiais), Nauka, Moscou, 2002 [muitos dos documentos desse volume relacionados com a China estão em inglês na Web/Dimítrov].
Titov, A. S., *Borba za Yedinyi Natsionalnyi Front v Kitaye 1935-1937* (A luta por uma frente unida nacional na China), Nauka, Moscou, 1979.
_____, *Materialyi k politicheskoy biografii Mao Tsze-duna* (Materiais para uma biografia política de Mao Tse-tung), 3 vols., Academia de Ciências da URSS/Instituto do Extremo Oriente, Moscou; vol. 1: até 1935 (1969); vol. 2: 1935-37 (1970); vol. 3 (intitulado *Borba Mao Tszeduna za Vlast*, 1936-1945) (A luta de Mao Tse-tung pelo poder), (1974) [Titov, vol. 1, 2, 3].
Titov, Alexander, "About the Tsunyi Conference", *FEA*, nº 1, 1976.
_____, "Looking Back on My Work in China in 1948-1950", *FEA*, nº 5, 1995.
Tong, Te-kong, & Li Tsung-jen, *The Memoirs of Li Tsung-jen*, Westview, Boulder, 1979.
Torkunov, A. V., *Zagadochnaya Voyna*: *Koreyskii Konflikt 1950-1953* (Uma guerra misteriosa: o conflito coreano), Rosspen, Moscou, 2000.
Trampedach, Tim, "Chiang Kaishek between revolution and militarism, 1926-27", em Leutner.
Trevelyan, Humphrey, *The Middle East in Revolution*, Macmillan, Londres, 1970.
_____, *Living with the Communists*, Gambit, Boston, 1971.
Troyanovsky, Oleg, *Cherez godyi i rasstoyaniya*… (Através dos anos e das distâncias...), Vagrius, Moscou, 1997.
Trudeau, Pierre Elliott, *Memoirs*, McLelland & Stewart, Toronto, 1993.
Tsang, Steve, "Target Zhou Enlai: The 'Kashmir Princess' Incident of 1955", *CQ*, nº 139, 1994.
Tsedenbal, Y., "Iz vospominanii Yumzhagiyna Tsedenbala" (Das memórias de Y. Tsedenbal), *Vostok*, nº 5, 1994.
Tsering Shakya, *The Dragon in the Land of the Snows*, Pimlico, Londres, 1999.
Tsou, Tang, *America's Failure in China*, *1941-1950*, University of Chicago Press, Chicago et al., 1963.
Tucker, Nancy Bernkopf, ed., *China Confidential*: *American Diplomats and Sino-American Relations*, *1945-1996*, Columbia University Press, Nova York, 2001.
Tyler, Patrick, *A Great Wall*: *Six Presidents and China*, Public Affairs, Nova York, 1999.

Union Research Institute, *The Case of Peng Teh-huai 1959-1968*, URI, Hong Kong, 1968.
_____, *Collected Works of Liu Shao Ch'i*, 3 vols., URI, Hong Kong, 1969.
URSS, Ministério de Relações Exteriores, *SSSR-KNR* (*1941-1983*): *Dokumentyi i materialyi* (URSS-RPC (1949-1983): Documentos e materiais), vol. 1: 1949-63; vol. 2: 1964-83, Moscou, 1985.
_____,, "Khronologiya Osnovnyikh Sobyitiya Kanuna i Nachalnogo Perioda Koreyskoy Voynyi (janeiro de 1949-outubro de 1950)" (Cronologia de eventos básicos às vésperas e no primeiro período da Guerra da Coreia), inédito, Moscou.
US Congress, Joint Economic Committee, *An Economic Profile of Mainland China*, Praeger, Nova York,

1968.
US Department of State, *United States Relations with China* ["*White Paper*"], US Department of State, Washington, D. C., 1949.
US Senate, Foreign Relations Committee, *Economic Assistance to China and Korea 1949-50*, Garland, Nova York et al., 1979.
Usov, Viktor, "Ubit v chuzhoy strane: Na chuzhoy voyne: Starshii syin 'velikogo kormchego'" ("Ser morto numa terra estrangeira, numa guerra estrangeira: o filho mais velho do 'Grande Timoneiro'"), *NV*, nº 38, 1992.
Usov, Viktor , "Kitayskiye vospitanniki interdomov Rossii" (Alunos chineses em lares internacionais na Rússia), *PDV*, nº 4, 1997.
_____, *Sovietskaya Razvedka v Kitaye*: *20-e godyi XX veka* (Inteligência soviética na China nos anos 20), Olma-Press, Moscou, 2002.
_____, "Ryichaniye 'bumazhnogo tigra': Kak atomnyi vopros isportil druzhbu SSSR i Kitaya" ("O rosnado do 'Tigre de Papel': como a questão atômica destruiu a amizade entre a URSS e a China"), *Stolichniye Novosti*, nº 31, 2003.

Vaksberg, Arkadi, *Hôtel Lux*: *Les partis frères au service de l'Internationale communiste*, Fayard, Paris, 1993.
Van Coillie, Dries, *I Was Brainwashed in Peking*, 's-Hertogenbosch, 1969.
Van de Ven, Hans J., *From Friend to Comrade*: *The Founding of the Chinese Communist Party*, *1920-1927*, University of California Press, Berkeley et al., 1991.
_____, *War and Nationalism in China 1925-1945*, RoutledgeCurzon, Londres, 2003.
Van Slyke, Lyman, "The Battle of the Hundred Regiments", *MAS*, vol. 30, nº 4, 1996.
Vartanov, V. N., *Operatsiya "Z"*: *Sovietskiye dobrovoltsyi v antiyaponskoy voyne kitayskogo naroda v 30-40 gg.* (Operação "Z": voluntários soviéticos na guerra antijaponesa do povo chinês nas décadas de 1930-1940), Instituto de História Militar, Moscou, 1992.
Vereshchagin, B. N., *V starom i novom Kitaye* (Na velha e na nova China), Instituto do Extremo Oriente, Moscou, 1999.
Vietnã, *The Truth about Vietnam-China Relations over the Last Thirty Years*, Ministério de Relações Exteriores, Hanói, 1979.
Vinarov, Ivan, *Boytsi na Tikhiya Front* (Lutadores no front secreto), Izd. na BKP, Sófia, 1969.
VKP(*b*), *Komintern i Kitay*: *Dokumentyi* (O PCTR(b), o Comintern e a China: Documentos), Titarenko, M. L., et al., eds., 4 vols. (1920-37) até agora, Moscou, 1994-2003.
Vladimirov, O. & Ryazantsev, V., *Mao Tse-tung*: *A Political Portrait*, Progress, Moscou, 1976.
Vladimirov, P. P., *Osobyi Rayon Kitaya* (A Região Especial da China), Novosti, Moscou, 1973 [ORK].
Vladimirov, Peter, The *Vladimirov Diaries*: *Yenan*, *China*: *1942-1945*, Hale, Londres, 1976.
Vladimirov, Y., "The Question of Soviet-Chinese Economic Relations in 1950-1966", *Chinese Economic Studies*, vol. 3, nº 1, 1969.
Vlássov, Iúri, "The Story of My Father", *FEA*, nºs 1, 2, 1991.
Volkogónov, Dmitri, *Stalin*, Grove Weidenfeld, Nova York, 1991.
_____, *The Rise and Fall of the Soviet Empire*, HarperCollins, Londres, 1998.
Volokhova, Alena, "Armistice Talks in Korea (1951-1953)", *FEA*, nº 2, 2000.

Waack, William, *Camaradas*, Companhia das Letras, São Paulo, 1993.
Wada, Haruki, "The Korean War, Stalin's Policy, and Japan", *Social Science Japan Journal*, vol. 1, nº 1, 1998.
Walder, Andrew G., *Communist Neo-traditionalism*: *Work and Authority in Chinese Industry*, University

of California Press, Berkeley et al., 1988.
Walder, Andrew G. & Su, Yang, "The Cultural Revolution in the Countryside: Scope, Timing and Human Impact", *CQ*, nº 173, 2003.
Walters, Vernon A., *Silent Missions*, Doubleday, Garden City, 1978.
Wang, Anna, *Ich kämpfte für Mao*, C. Wegner, Hamburgo, 1964.
Wang Fan-hsi, *Chinese Revolutionary* (tradução e introdução de Gregor Benton), Oxford University Press, Oxford, 1980.
Wang Li, "An Insider's Account of the Cultural Revolution" (Schoenhals, Michael, ed.), *CLG*, vol. 27, nº 6, 1994.
Wang Li , "The First Year of the 'Cultural Revolution' " (Schoenhals, Michael, ed.), *CLG*, vol. 32, nº 4, 1999.
Wang Ming, *Mao's Betrayal*, Progress, Moscou, 1979.
Watt, George, *China "Spy"*, Johnson, Londres, 1972.
Weathersby, Kathryn, *"Should We Fear This?" Stalin and the Danger of War with America*, Cold War International History Project, Working Paper nº 39, Washington, D. C., 2002.
Wedemeyer, Albert C., *Wedemeyer Reports!*, Henry Holt, Nova York, 1958.
Wei Jingsheng, *The Courage to Stand Alone*, Viking, Nova York, 1997.
Wei Kouo-lou, *Chou En-lai durant la Longue Marche*, Foreign Languages Press, Pequim, 1979.
Werner, Ruth, *Sonya's Report*, Chatto & Windus, Londres, 1991.
Westad, Odd Arne, *Cold War & Revolution: Soviet-American Rivalry and the Origins of the Chinese Civil War*, Columbia University Press, Nova York, 1993.
Westad, Odd Arne, ed., *Brothers in Arms: The Rise and Fall of the Sino-Soviet Alliance*, Stanford University Press, Stanford, 1998.
_____, et al., eds., *77 Conversations Between Chinese and Foreign Leaders on the Wars in Indochina, 1964-1977*, Cold War International History Project, Working Paper nº 22, Washington, D. C., 1998.
_____, *Decisive Encounters: The Chinese Civil War, 1946-1950*, Stanford University Press, Stanford, 2003.
White, Theodore H., *In Search of History*, Harper & Row, Nova York, 1978.
Whiting, Allen S. & Sheng Shih-ts'ai, *Sinkiang: Pawn or Pivot?*, Michigan State University Press, East Lansing, 1958.
Whitlam, Gough, *The Whitlam Government 1972-1975*, Viking, Ringwood, 1985.
Wilbur, C. Martin & How, Julie Lien-ying, *Missionaries of Revolution: Soviet Advisers and Nationalist China, 1920-1927*, Harvard University Press, Harvard, 1989.
Willeke, Bernward H., "Franciscan Mission Work in Northern Shensi: Mission of Yenanfu", manuscrito, Arquivos Franciscanos, Roma, 1984.
Wingrove, Paul, "Mao in Moscow, 1949-50: Some New Archival Evidence", *Journal of Communist Studies & Transition Politics*, vol. 11, nº 4, 1995.
_____,"Gao Gang and the Moscow Connection: Some Evidence from Russian *Sources*", *Journal of Communist Studies & Transition Politics*, vol. 16, nº 4, 2000.
Wishnick, Elizabeth, *Mending Fences: The Evolution of Moscow's China Policy from Brezhnev to Yeltsin*, University of Washington Press, Seattle et al., 2001.
Witke, Roxane, *Comrade Chiang Ching*, Weidenfeld & Nicolson, Londres, 1977.
_____, "The Last Days of Madame Mao", *Vanity Fair*, dezembro de 1991.
Wolf, Markus, *Memoirs of a Spymaster*, Pimlico, Londres, 1998.
Wolff, David, *"One Finger's Worth of Historical Events": New Russian and Chinese Evidence on the Sino-Soviet Alliance and Split, 1948-1959*, Cold War International History Project, Working Paper nº 30, Washington, D. C., 2000.

Wood, Frances, *Hand-Grenade Practice in Peking*, J. Murray, Londres, 2000.
Woody, W. (Schoenhals, Michael, ed.), *The Cultural Revolution in Inner Mongolia*, Centre for Pacific Asia Studies, Universidade de Estocolmo, Estocolmo, 1993.
Wu Xiuquan, *Eight Years in the Ministry of Foreign Affairs*, New World Press, Pequim, 1985.

Xiang, Lanxin, *Mao's Generals*: *Chen Yi and the New Fourth Army*, University of America Press, Lanham, 1998.
Xu Xiangqian, "The Purchase of Arms from Moscow", em Li, X., et al., 2001.
Yan Jiaqi & Gao Gao, *Turbulent Decade*: *A History of the Cultural Revolution*, University of Hawai'i Press, Honolulu, 1996.
Yang, Benjamin, "The Zunyi Conference as One Step in Mao's Rise to Power", *CQ*, nº 106, 1986.
Yang, Benjamin, *From Revolution to Politics*: *Chinese Communists on the Long March*, Westview, Boulder, 1990.
Yang, Dali L., *Calamity and Reform in China*, Stanford University Press, Stanford, 1996.
Yang Kuisong, "The Sino-Soviet Border Clash of 1969", *CWH*, vol. 1, nº 1, 2000.
_____, "Changes in Mao Zedong's Attitude toward the Indochina War, 1949-1973", Cold War International History Project, Working Paper nº 34, Washington, D. C., 2002.
Ybañez, Celestino, *Episodios Misioneros*, Procuradoria Franciscana, Xangai, 1949.
Yeh, K. C., "Soviet and Communist Chinese Industrialization Strategies", em Treadgold, Donald W., ed., *Soviet and Chinese Communism*: *Similarities and Differences*, University of Washington Press, Seattle, 1967.
Yick, Joseph K. S., "Communist Puppet Collaboration in Japanese-Occupied China", *Intelligence & National Security*, vol. 16, nº 4, 2001.
Young, Édouard, "La Mission de Nananfu du 18 au 27 janvier 1929", *Annales de la Congrégation de la Mission*, vol. 94, nº 4, 1929.
Yu, Chen Liang, & Buckwell, Allan, *Chinese Grain Economy and Policy*, CAB International, Oxford, 1991.
Yu, Maochun, *OSS in China*: *Prelude to Cold War*, Yale University Press, New Haven et al., 1996.
Yu Miin-ling, "A reassessment of Chiang Kaishek and the policy of alliance with the Soviet Union, 1923-1927", em Leutner.
Yu-Ang-Li, "The Communist International and the Foundation of the C. P. of China", *Communist International*, vol. 6. nºs 9, 10, 1929.

Zagoria, Donald S., *The Sino-Soviet Conflict* 1956-1961, Atheneum, Nova York, 1967.
Zakharov, M. V., ed., *Finale*, Progress, Moscou, 1972.
Zazerskaya, Tatiana, "URSS-Chine populaire, 'l'aide fraternelle' ", *Communisme*, nºs 49, 50, 1997.
Zazerskaya, T. G., *Sovietskiye Spetsialistyi i Formirovaniye Voyenno-Promyishlennogo Kompleksa Kitaya* (Especialistas soviéticos e a formação do complexo militar-industrial da China), Universidade Estadual de São Petersburgo, São Petersburgo, 2000.
Zhai, Qiang, *China and the Vietnam Wars*, *1950-1975*, University of North Carolina Press, Chapel Hill et al., 2000.
Zhang, Shu Guang, *Economic Cold War*: *America's Embargo against China and the Sino-Soviet Alliance*, *1949-1963*, Stanford University Press, Stanford, 2001.
_____, *Deterrence and Strategic Culture*: *Chinese-American Confrontations*, *1949-1958*, Cornell University Press, Ithaca, 1992.
_____, *Mao's Military Romanticism*: *China and the Korean War*, University Press of Kansas, Lawrence, Kansas, 1995.

_____, & Chen, Jian, eds., *Chinese Communist Foreign Policy and the Cold War in Asia*: *New Documentary Evidence*, *1944-1950*, Imprint, Chicago, 1996.
Zhang Songshan, "On the 'He Long Case Group'" (em Schoenhals, Michael, ed., "Mao's Great Inquisition"), *CLG*, vol. 29, nº 3, 1996.
Zhang, Xiaoming, *Red Wings Over the Yalu*: *China*, *the Soviet Union*, *and the Air War in Korea*, Texas A&M University Press, College Station, 2002.
Zhang Yufeng, "Anecdotes of Mao Zedong and Zhou Enlai in Their Later Years" (parte 1), *FBIS-CHI-89-017*, 27 de janeiro de 1989.
Zhang Yunsheng, "True Account of *Maojiawan*: Reminiscences of Lin Bao's Secretary" (Sullivan, Lawrence R., & Liu, Nancy, eds.), *CLG*, vol. 26, nº 2, 1993.
Zheng Chaolin, *An Oppositionist for Life*: *Memoirs of the Chinese Revolutionary Zheng Chaolin* (Gregor Benton, editor e tradutor), Humanities Press, Atlantic Highlands, 1997.
Zheng Yi, *Scarlet Memorial*: *Tales of Cannibalism in Modern China*, Boulder, Westview, 1996.
Zhivkov, Todor, *Memoari* (Memórias), "SIV" AD — "ABAGAR" EOOD, Sófia, 1997.
Zhou Enlai, *Selected Works*, vol. 2, Foreign Languages Press, Pequim, 1989.
Zhu, Fang, *Gun Barrel Politics*: *Party-Army Relations in Mao's China*, Westview, Boulder, 1998.
Zimonin, Viacheslav, "The Soviet-Japanese War of 1945", *FEA*, nº 4, 1995.
Zubok, Vladislav, "'Look What Chaos in the Beautiful Socialist Camp!': Deng Xiaoping and the Sino-Soviet Split, 1956-1963", *CWB*, nº 10, 1998.
Zubok, Vladislav, & Pleshakov, Constantine, *Inside the Kremlin's Cold War*, Harvard University Press, Cambridge, Mass., 1996.

REFERÊNCIAS NA INTERNET

Dimítrov
http://www.marxists.org/reference/archive/dimitrov/works/1937/china1.htm
http://www.revolutionarydemocracy.org/rdv2n2/dimitrov.htm
http://www.revolutionarydemocracy.org/rdv5n2/dimitrov.htm

JPRS
http://e-asia.uoregon.edu
http://www.marxists.org/reference/archive/mao/works/collected-works/index.htm

NSA
http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/NSAEBB/
http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/nsa/publications/china-us/index.html

PHP
http://www.isn.ethz.ch/php/

As referências aos diários (Dimítrov; P. P. Vladímirov) são apenas por data de entrada. As referências aos nomes "Dimítrov" e "Vladímirov" sozinhos são aos seus diários.

Lista de imagens

Mapas: ML Design, Londres

1. O quarto em que Mao nasceu.
2. Mao com sua mãe e irmãos mais moços, 1919.
3. Mao, seu pai, tio e irmão, Tse-tan, 1919.
4. Yang Kai-hui, segunda esposa de Mao, com os dois filhos mais velhos, 1924.
5. Grigori Voitinski.
6. Maring.
7. Mikhail Borodin com Chiang Kai-shek e Wang Ching-wei.
8. Mao no dia em que se tornou pela primeira vez "presidente Mao", 1931.
9. A primeira reunião formal do Estado comunista, 1931.
10. A ponte sobre o rio Dadu, em Luding. (Foto de Auguste François, reprodução autorizada por Réunion des Musées Nationaux)
11. Mao em Yenan em 1937, com participantes do "Levante da Colheita de Outono".
12. Mao com Zhu De, Lin Biao e outros oficiais do Exército Vermelho, 1937.
13. Shao Li-tzu.
14. General Zhang Zhi-zhong. (Foto de Cecil Beaton, reprodução autorizada pelo espólio de Beaton)
15. General Hu Tsung-nan.
16. General Wei Li-huang. (Reprodução autorizada por Getty Images)
17. Chiang Kai-shek com Chang Hsueh-liang, o "Jovem Marechal".
18. Mao com Chang Kuo-tao, 1937.
19. Mao com Wang Ming. (Reprodução autorizada por Wang Dan-zhi)
20. O Politburo em Yenan, 1938.
21. Tropas do Exército Vermelho entram em Yenan, 1937.
22. Yenan: O Salão do Congresso e moradias nas cavernas.
23. A catedral franciscana espanhola, Yenan.
24. Jung Chang diante da residência oficial de Mao em Yenan.
25. Jon Halliday em Yenan.
26. O esconderijo de Mao nos arredores de Yenan.
27. Mao com sua terceira esposa, Gui-yuan, 1937.
28. Os filhos de Mao na Rússia.
29. Mao em 1939, lendo Stálin. (Reprodução autorizada por Rossiiskii Gosudarstvennyi Arkhiv Kinofotodokumentov/ Arquivo do Estado Russo de Cinefoto-documentos)
30. Recibo assinado por Mao referente a dinheiro recebido dos russos.
31. Mao com o embaixador americano Patrick Hurley, 1945.
32. Jiang Qing, quarta esposa de Mao, com o general George C. Marshall, 1946.
33. Chiang Kai-shek visita seu templo ancestral pela última vez, 1949.

34. Tropas comunistas entram em Nanquim, 1949. (Foto de Henri Cartier-Bresson, reprodução autorizada por Magnum Photos)
35. Mao proclama a fundação da China comunista, 1º de outubro de 1949.
36. Execuções em massa diante de multidões organizadas.
37. Mao no aniversário de 70 anos de Stálin, 1949.
38. Mao em um estábulo russo. (Reprodução autorizada por Rossiiskii Gosudarstvennyi Arkhiv Kinofotodokumentov/ Arquivo do Estado Russo de Cinefoto-documentos)
39. O portão de Tiananmen adornado com um retrato de Stálin recém-morto, 1953.
40. Mao coloca uma coroa no retrato de Stálin.
41. Mao abraça Nikita Khruchióv, 1958.
42. Mao inspeciona um caça a jato.
43. Mao aponta arma em um exercício militar.
44. Mao em uma exposição japonesa em Pequim, 1956. (Foto de Du Xiu-xian)
45. O quarto de Mao.
46. Camponeses em Henan durante o Grande Salto Para a Frente.
47. Fotografia de propaganda.
48. Menina puxa um carrinho. (Foto de Henri Cartier-Bresson, reprodução autorizada por Magnum Photos)
49. Liu Shao-chi visita sua aldeia natal durante a fome de 1961.
50. Mao nadando.
51. Mao contempla um mapa do mundo. (Foto de Lu Hou-min)
52. O Panchen Lama sendo denunciado.
53. Peng De-huai.
54. Peng De-huai é exibido durante a Revolução Cultural.
55. Liu Shao-chi é espancado dentro do recinto dos líderes.
56. Liu sendo derrubado no chão.
57. Wang Guang-mei, esposa de Liu, é maltratada.
58. A posição de "jato".
59. Corte de cabelos brutal. (Foto de Li Zhen-sheng)
60. Rara foto da verdadeira aparência da população chinesa.
61. Dissidentes são fuzilados nos arredores de Harbin. (Fotos de Li Zhen-sheng)
62. Mao e Lin Biao no portão de Tiananmen, 1966.
63. Lin Biao, Mao, príncipe Sihanouk e princesa Monique, 1971. (Foto de Du Xiu-xian)
64. A filha, a esposa e o filho "Tigre" de Lin Biao.
65. Mao com Che Guevara, 1960.
66. Mao com Imelda Marcos, 1974.
67. Mao com Pol Pot e Ieng Sary, 1975.
68. Mao e Chou En-lai com Nixon e Kissinger, 1972. (Foto de Du Xiu-xian)
69. Chou banido para uma cadeira dura.
70. Deng Xiao-ping e a Gangue dos Quatro.
71. Madame Mao em seu julgamento.
72. Mao com Nixon, fevereiro de 1976. (Foto de Du Xiu-xian)
73. Mao com Zulfikar Ali Bhutto, 27 de maio de 1976. (Foto de Du Xiu-xian)

JUNG CHANG nasceu em 1952, na província de Sichuan, na China, filha de pais comunistas. Fez parte da Guarda Vermelha, trabalhou no campo, em uma metalúrgica e como eletricista em uma fábrica. Formou-se em inglês e, em 1978, obteve uma bolsa para estudar na Universidade de York, na Inglaterra. Atualmente, leciona na Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres. É autora de *Cisnes selvagens* (Companhia das Letras, 1994), em que narra a história de sua família. O livro, que recebeu o NCR Book Award de 1992, vendeu mais de 10 milhões de cópias em trinta idiomas.

JON HALLIDAY é historiador e autor/editor de oito livros. Foi pesquisador-visitante no King's College, na Universidade de Londres. Nessa cidade, vivem até hoje ele e Jung Chang, com quem é casado.

Copyright © 2005 by Globalflair Ltd.
Publicado originalmente na Grã-Bretanha pela editora Jonathan Cape, de Londres.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
MAO: THE UNKNOWN STORY

Capa
KIKO FARKAS / MÁQUINA ESTÚDIO
ADRIANO GUARNIERI / MÁQUINA ESTÚDIO

Preparação
CACILDA GUERRA

Assistência editorial
MIGUEL SAID VIEIRA

Revisão
JULIANE KAORI
RENATO POTENZA RODRIGUES

Atualização ortográfica
VERBA EDITORIAL

ISBN 978-85-8086-366-6

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br